ANEXOS

ANEXO I- Questionário aos Educadores Sociais

O presente inquérito insere-se na investigação para a dissertação de Mestrado em Educação Social: "Profissão do Educador Social no Algarve", sendo garantida a confidencialidade das informações recolhidas bem como o anonimato dos inquiridos. Pedimos a sua colaboração para refletirmos acerca da profissão do educador social atualmente, no Algarve, compreendendo o seu trabalho e o seu papel. As suas respostas são cruciais para a concretização desta investigação. Muito Obrigado pela sua colaboração!

I.DADOS PESSOAIS

1. Sexo (assinale com um x): Masculino___ Feminino___ **2. Idade:_____**

3. Concelho de Residência_____ **4. Naturalidade:_____**

5. Estado Civil: Solteira(o)___ Casado(a)___ União de Facto___ Divorciado(a)/Separado(a)___ Viúvo(a)___

II. PERCURSO ACADÉMICO

6. O curso de Educação e Intervenção Comunitária/Educação Social correspondeu à sua primeira opção de candidatura ao Ensino Superior? (assinale com um x): Sim___ Não___

7. Ano em que se matriculou no curso: _____ **8. Ano em que concluiu a licenciatura: _____**

9. Está satisfeito com a escolha do curso de Educação e Intervenção Comunitária/Educação Social? Sim ___ Não___

9.1. Atualmente tomaria a mesma decisão? Qual seria a sua opção? (assinale uma opção)

Faria a mesma opção___

Escolhia o mesmo curso, mas outro estabelecimento de ensino___

Escolhia outro curso, no mesmo estabelecimento de ensino___

Escolhia outro curso e outro estabelecimento de ensino___

Não ingressava no ensino superior___

9.2. No caso de não estar satisfeito com a sua opção, qual (ais) os motivos dessa insatisfação? (ordene os itens seguintes de acordo com a ordem de importância que lhes atribui, em que 1 é o mais importante.):

Item	1.Muito importante	2. Importante	3. Nada importante	4. Sem opinião
A formação recebida não foi suficiente				
A formação não está de acordo com a atividade profissional que desempenho				
O curso não correspondeu às expectativas				
A instituição académica não tem				

prestígio junto das entidades empregadoras				
O curso não se encontra adaptado às necessidades do mercado de trabalho				
Com este curso não é possível progredir na carreira				
O curso não é reconhecido pelas entidades empregadoras				
Outras? Qual?				

9.2.a) Outras. Quais?

_____

_____

_____

III. SITUAÇÃO PROFISSIONAL

10. Qual a sua situação perante o trabalho? (assinale a opção com um x)

Desempregado___

Desempregado a exercer voluntariado (tempo inteiro ou parcial)___

Empregado por Conta própria___

Empregado por Conta de outrem___

Outra.

10. a) Qual?_____

10.b) Se respondeu desempregado a exercer voluntariado, indique onde.

_____

_____

11. Desde que terminou a licenciatura quantas vezes mudou de emprego?

Nenhuma___ Uma vez___ Duas vezes___ Três vezes___ Mais de três___

11.1. Caso tenha mudado de emprego assinale o(s) motivo(s) que levou a essa mudança:

Fim de contrato___

Despedimento___

Insatisfação com o tipo de trabalho___

Procura de melhor remuneração___

Procura de melhores condições de trabalho___

Procura de um emprego mais compatível com a formação___

Outra. __

11.1.a) Qual?

_____

12. Quais os obstáculos que identifica, na tarefa de procura e obtenção de emprego? (assinale as opções que considera serem um obstáculo):

	Opções
Idade	
Género	
Poucas ofertas de trabalho	
Formação inadequada	
Falta de experiência profissional	
Emprego fora da área de residência	
Condições de trabalho precárias	
Falta de informação disponível	
Ofertas de trabalho inadequadas à formação	
Outras	

12.a) Outras. Quais?

(Se está desempregado o seu questionário está terminado. Vá diretamente para o final do questionário e submeta. Obrigado pela sua colaboração!)

13. Qual o regime do seu contrato de trabalho?

Contrato de trabalho sem termo___

Contrato de trabalho com termo (a prazo) ___

Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhantes) ___

Trabalho sazonal sem contrato escrito___

Situações de trabalho pontuais ou ocasionais___

Outro.

13.a) Outro. Qual?_____

14. Em que sector exerce a sua atividade profissional? Privado____ Público____ Público/Privado____

15. Onde se situa o seu rendimento mensal líquido?

Menos de 500€____

Entre 500 e 1000€____

Entre 1000 e 1500€____

Entre 1500 e 2000€____

Mais de 2000€____

16. Em que tipo de instituição trabalha? (assinale a opção com um x)

Agrupamento de escolas ___

Ensino Superior___

Biblioteca___

Centro de Novas Oportunidades___

IPSS___

Autarquia___

Associações locais/regionais___

Associações de desenvolvimento local___

ONG'S___

Fundação___

Outra ____

16.a) Qual?_____

16.1. Com que grupo(s) etários trabalha?

Crianças___ Jovens___ Adultos___ Idosos___

17. Em que tipo de instituição gostaria de trabalhar? (assinale por ordem de preferência as três opções em que 1 equivale a primeira opção e 3 à terceira)

	1	2	3
Agrupamento de escolas			
Ensino Superior			
Biblioteca			
Centro de Novas Oportunidades			
IPSS			
Autarquia			
Associações locais/regionais			
Associações de desenvolvimento local			
ONG'S			
Fundação			
Outra?			

17.a) Outra. Qual?

_____

17.1. Com que grupo(s) etários gostaria de trabalhar (numere de 1 a 4 por ordem de preferência em que 1 equivale à primeira opção):

Grupos etários	1	2	3	4
Crianças				
Jovens				
Adultos				
Idosos				

IV-PROFISSÃO

18. Quais as funções que desempenha na sua entidade, enquanto educador(a)?

Mediação (qualquer tipo de mediação) ____

Deteção, análise e resolução de problemas sociais___

Orientação psicossocial ou de outro tipo___

Animação Sociocultural___

Formação___

Docente___

Administrativa___

Gestão___

Coordenação de projetos___

Planificação e execução de projetos___

Educação (formal, não-formal ou informal) ___

Educação para o desenvolvimento___

Reconhecimento e Validação de competências____

Outras. ___

18.a) Outras funções. Quais?

_____

_____

19. Considera que todas as tarefas/atividades que desenvolve na entidade estão relacionadas com a sua profissão de educador social? Sim___ Não___

20. Na sua opinião a figura do educador social é importante na sua instituição? Sim___ Não___

20.1. Em caso afirmativo, refira porque é importante a presença deste profissional.

_____

_____

_____

21. Considera que o trabalho do educador social é reconhecido pela sua entidade empregadora? Sim___ Não___

22. Na sua opinião como deve ser um educador social? (considere cada uma das características pessoais abaixo assinalando a sua importância):

	1.Nada importante	2.Importante	3.Muito importante	4.Sem opinião
Criativo				
Autónomo				
Planeador				
Humilde				
Dinamizador				
Autoritário				
Manipulador				
Independente				
Flexível				
Compreensivo				
Outra				

22.1. Outras características. Quais?

_____

_____

23. Quais as principais características que o educador social deve ter? (considere cada uma das características profissionais abaixo assinalando a sua importância):

	1.Nada importante	**2.Pouco importante**	**3.Importante**	**4.Muito importante**	**5.Extremamente importante**	**6.Sem opinião**
Capacidade de Mediação						
Boa capacidade de Organização						
Pensamento crítico e reflexivo						
Boa capacidade de escrita						
Bons conhecimentos teóricos						
Boa capacidade de comunicação						
Capacidade de trabalhar em equipa						
Capacidade de liderança						
Capacidade de adaptação						
Capacidade de negociação						
Conhecimento das várias organizações						
Conhecimento de línguas						
Capacidade de aprendizagem						
Capacidade de resolução de problemas						
Vocação						
Outra						

23.1. Outras características. Quais?

_____

_____

24. Enquanto educador social qual a sua perceção relativamente à sua entidade empregadora?

_____

_____

_____

25. De acordo com a seguinte escala, para cada uma das opções, refira o grau de satisfação relativamente à sua profissão e ao atual emprego.

1= Totalmente insatisfeito; 2= Pouco satisfeito; 3= Satisfeito; 4= Muito satisfeito; 5= Totalmente satisfeito; 6= Sem opinião

Atual emprego	**Grau de satisfação**
Utilidade do trabalho que desenvolve	

Remuneração	
Interesse na área em que trabalha	
Relação com os colegas	
Utilidade social (para as comunidades e os indivíduos)	
Interesse na atividade desenvolvida	
Horário de trabalho	
Reconhecimento do trabalho que desenvolve por parte da entidade empregadora	
Progressão na carreira	
Realização pessoal	
Realização profissional	

V- COMENTÁRIOS/ SUGESTÕES

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

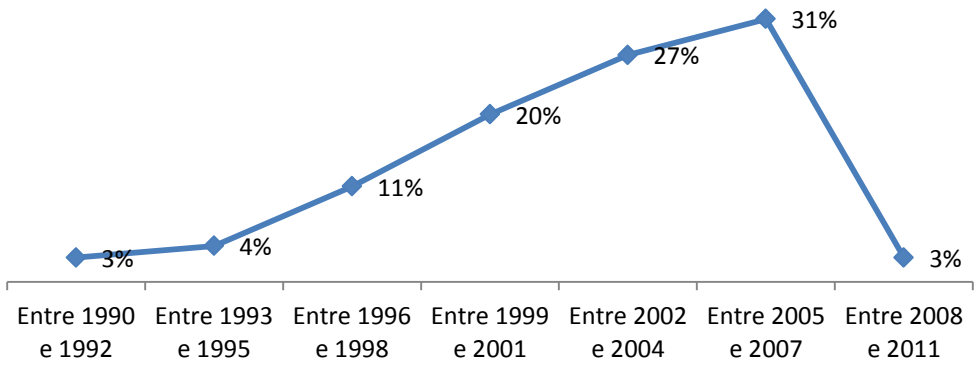
_____

ANEXO II- Interpretação dos dados dos questionários aos educadores sociais.

Com base nos resultados obtidos através das respostas ao questionário, elaborámos gráficos que nos permitissem uma análise descritiva, clara e objetiva. Pretendíamos também retirar alguns dados importantes e algumas conclusões para a continuação deste trabalho.

PERCURSO ACADÉMICO

Gráfico 18- Distribuição gráfica dos inquiridos, por ano de matrícula no curso de educação e intervenção comunitária/ educação social (em escalão)

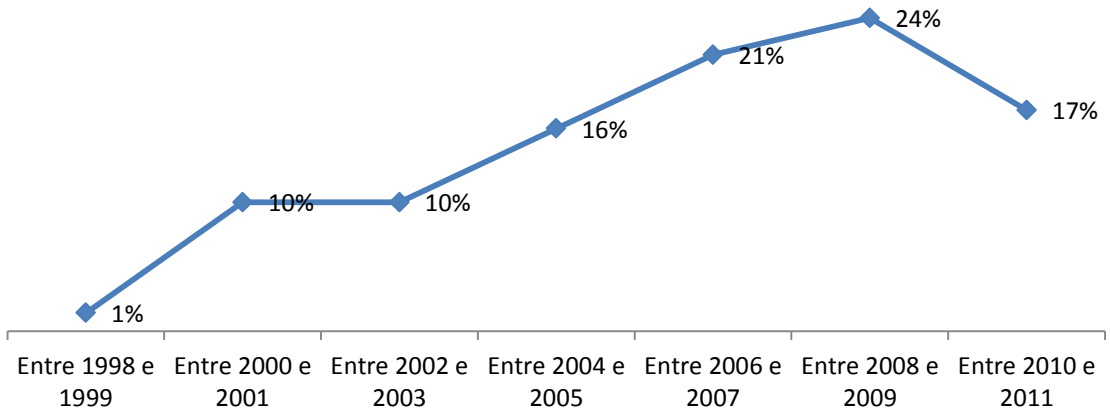


Elaboração própria.

De entre os vários educadores inquiridos podemos encontrar educadores que se matricularam no curso de educação e intervenção comunitária/ educação social desde o ano de 1990 até ao ano de 2008.

Através da observação do gráfico é possível afirmar que a grande maioria dos educadores inquiridos efetuou a sua matrícula "entre 2002 e 2004" (27%) e "entre 2005 e 2007" (31%). Por outro lado, os anos com menos matrícula por parte destes educadores são "entre 1990 e 1992" e "entre 2008 e 2011", que apresentam apenas 3% cada um.

Gráfico 19- Distribuição gráfica dos inquiridos, por ano de conclusão do curso de educação e intervenção comunitária/ educação social (em escalão)

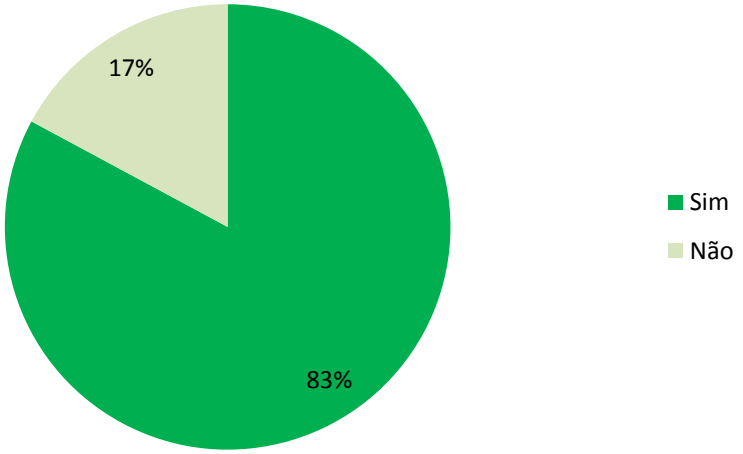


Elaboração própria.

A questão da conclusão do curso pode estar relacionado com a questão anterior onde foi possível verificar que muitos dos inquiridos se tinham matriculado no ano de 2003. Se tivermos em conta que o curso era de quatro anos, é possível que a grande maioria dos educadores que terminou o curso no ano de 2007 e 2008 seja do grupo que ingressou em 2003.

De acordo com o gráfico podemos observar que os anos em que concluíram mais educadores foram "entre 2006 e 2007" e "entre 2008 e 2009". Apenas uma pequena minoria (1%) terminou entre 1998 e 1999.

Gráfico 20- Distribuição gráfica dos inquiridos, por satisfação com a escolha do curso de educação e intervenção comunitária/ educação social



Elaboração própria.

A partir da análise do gráfico apresentado a maioria dos educadores inquiridos encontra-se satisfeita com a escolha do curso (83%). Apenas uma pequena percentagem de 17% afirma não estar satisfeita com a escolha do curso.

Tabela 10: Distribuição dos inquiridos, segundo a questão: "Atualmente qual seria a sua opção?"

Hipóteses	**Percentagem**
Faria a mesma opção	59%
Escolhia o mesmo curso, mas outro estabelecimento de ensino	9%
Escolhia outro curso, no mesmo estabelecimento de ensino	14%
Escolhia outro curso e outro estabelecimento de ensino	19%
Não ingressava no ensino superior	0%

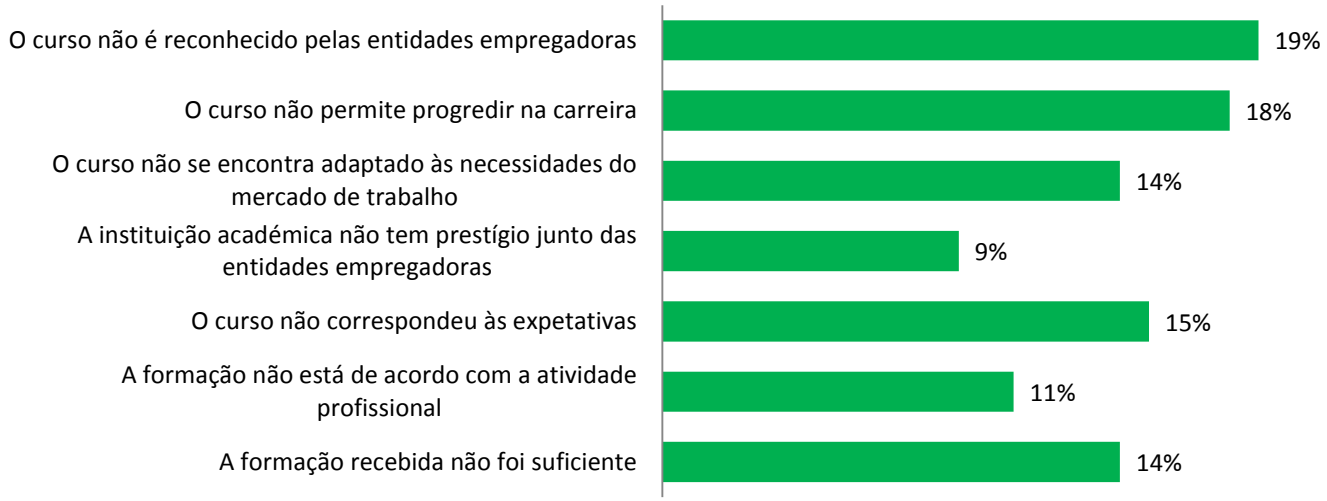
Elaboração própria.

Questionámos os educadores acerca da sua escolha. Tentámos saber se tomariam a mesma decisão na escolha do curso, ou no caso de isto não acontecer qual a sua opção. Face a esta questão uma maioria de 59% afirma que atualmente faria a mesma opção, por outro lado, 19% dos educadores inquiridos afirma que atualmente escolhia outro curso e outro

estabelecimento de ensino. É ainda possível afirmar que 9% dos educadores está satisfeito com o curso mas não com o estabelecimento de ensino e 14% dos inquiridos escolhia um outro curso no mesmo estabelecimento de ensino.

Segundo estes dados, é também possível verificar que de acordo com as respostas ao questionário, nenhum dos inquiridos optou pela hipótese de não ingressar no ensino superior, o que pode estar relacionado com o facto de estes serem da opinião que o ensino superior é de alguma forma importante para a sua carreira e para o seu futuro.

Gráfico 21- Distribuição gráfica dos inquiridos, por motivos da insatisfação com a opção de educação e intervenção comunitária/ educação social



Elaboração própria.

De acordo com a observação deste gráfico, é possível referir que os principais motivos da insatisfação dos inquiridos face à opção de educação e intervenção comunitária/ educação social são o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras (19%), o curso não permitir progredir na carreira (18%) e o curso não ter correspondido às expetativas (15%). Por outro lado, os motivos menos pronunciados foram a instituição académica não ter prestígio junto das entidades empregadoras (9%) e a formação recebida não estar de acordo com a atividade profissional (11%). Foram também apontados outros motivos para a sua insatisfação como o curso não se encontrar adaptado às necessidades do mercado de trabalho e a formação recebida não ser suficiente, ambas com 14%.

SITUAÇÃO PROFISSIONAL

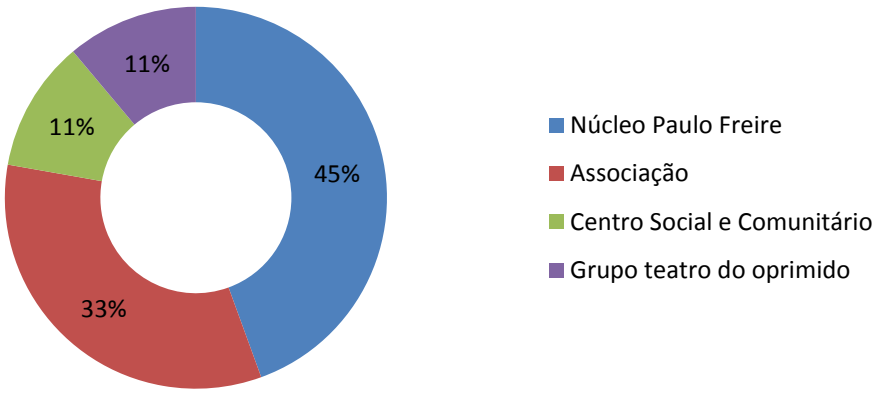
Tabela 11: Distribuição dos inquiridos, por situação perante o trabalho

Hipóteses	Percentagem
Desempregado	13%
Desempregado a exercer voluntariado (a tempo inteiro ou parcial)	9%
Empregado por conta própria	4%
Empregado por conta de outrem	**71%**
Estágio profissional	3%

Elaboração própria.

Relativamente à situação perante o trabalho é possível afirmar que a grande maioria dos inquiridos (71%) se encontra a trabalhar e que é empregado por contra de outrem. Podemos ainda considerar que 13% dos inquiridos se encontram desempregados e que 9% se encontra desempregado mas exerce voluntariado a tempo inteiro ou parcial, pelo que realiza algum tipo de funções. Por outro lado, 4% dos educadores são empregados por conta própria e 3% dos inquiridos encontra-se num estágio profissional.

Gráfico 22- Distribuição gráfica dos inquiridos, de acordo com o local onde exercem o voluntariado

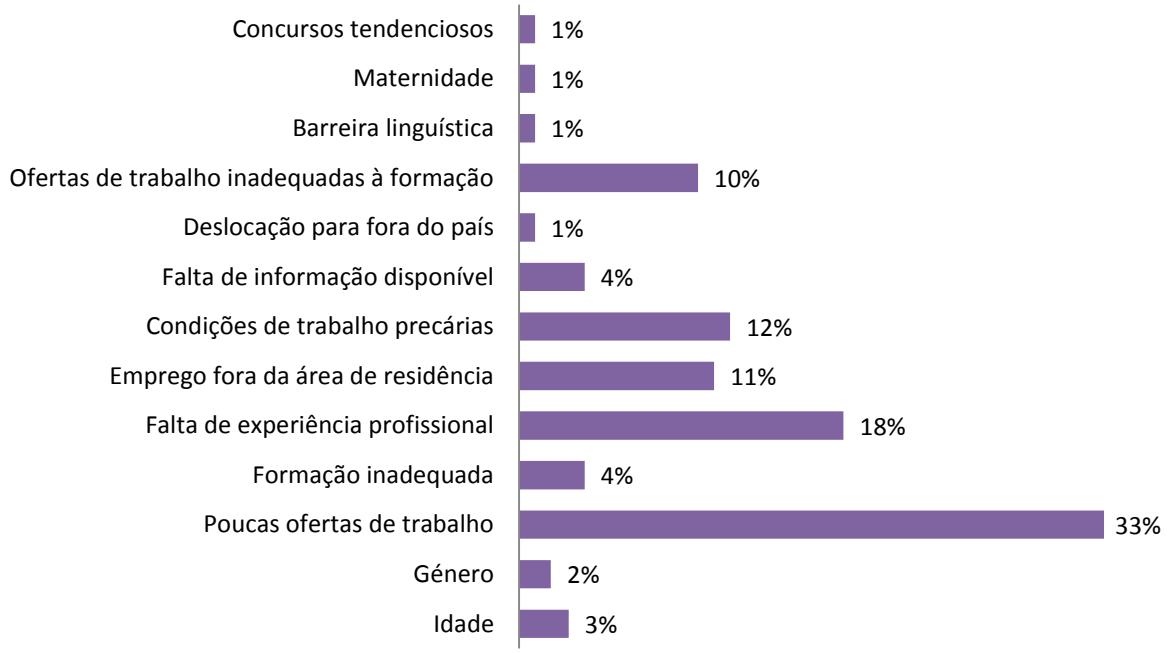


Elaboração própria.

Dos inquiridos que responderam estar desempregados mas a exercer voluntariado, 44% encontra-se como voluntário no Núcleo Paulo Freire, 33% encontra-se em associações

diversas e 11% dos educadores inquiridos exerce o seu voluntariado num centro social e comunitário e/ou no grupo teatro do oprimido.

Gráfico 23- Distribuição gráfica dos inquiridos, por obstáculos na tarefa de procura e obtenção de emprego



Elaboração própria.

Através desta questão procurámos aferir acerca dos obstáculos na tarefa de procura e obtenção de emprego na profissão do educador social. Segundo o gráfico apresentado é possível observar que o maior obstáculo apontado é as poucas ofertas de trabalho (33%), seguido da falta de experiência profissional (18%), condições de trabalho precárias (12%), emprego fora da área de residência (11%) e ofertas de trabalho inadequadas à formação (10%). Ainda houve quem referisse outros obstáculos como a falta de informação disponível (4%), a formação inadequada (4%), a idade (3%) e o género (2%).

Por último os obstáculos menos apontados foram a deslocação para fora do país, a barreira linguística, a maternidade e os concursos tendenciosos (cada um deles com 1%)

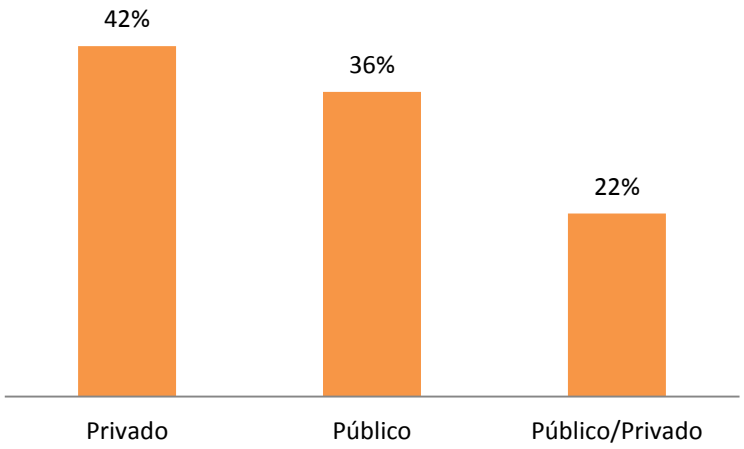
Tabela 12: Distribuição dos inquiridos, por regime de contrato de trabalho

Tipos de contrato	Percentagem
Contrato de trabalho sem termo	**60%**
Contrato de trabalho com termo (a prazo)	33%
Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhantes)	6%
Situações de trabalho pontuais ou ocasionais	**1%**

Elaboração própria.

Relativamente ao regime de contrato de trabalho, a maioria dos educadores inquiridos (60%) afirmaram que possuem um contrato de trabalho sem termo certo. Através deste gráfico também podemos observar que 33% afirma que possui um contrato de trabalho com termo (a prazo), 6% tem um contrato de prestações de serviços e apenas 1% dos inquiridos afirma ter situações de trabalho pontuais ou ocasionais.

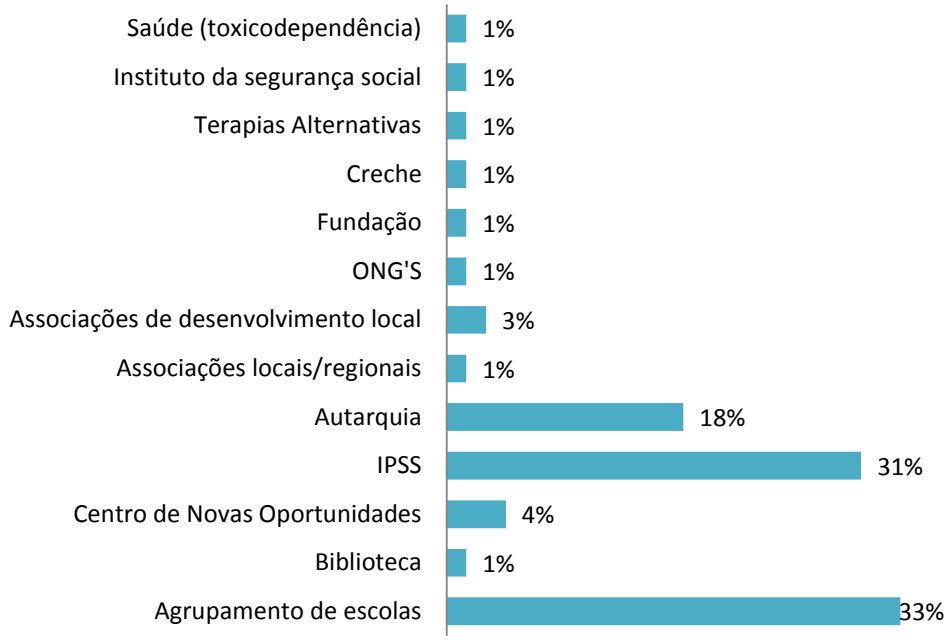
Gráfico 24- Distribuição dos inquiridos, por setor em que exerce a atividade profissional



Elaboração própria.

Através da observação deste gráfico é possível verificar que 42% dos educadores se encontra a trabalhar no setor privado, 36% no setor público e 22% no setor público/privado.

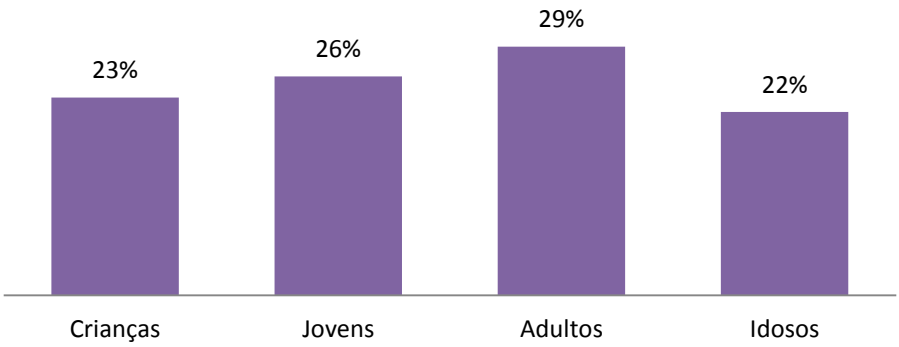
Gráfico 25- Distribuição gráfica dos inquiridos, pelo tipo de instituição em que trabalha



Elaboração própria.

A partir da análise deste gráfico é possível verificar que existem três grandes instituições/entidades onde os educadores inquiridos trabalham, sendo elas o agrupamento de escolas (33%), as IPSS (31%) e as autarquias (18%). Com percentagem significativa temos ainda os centros de novas oportunidades (4%) e as associações de desenvolvimento local com 3%. Além destes, foram ainda referidos trabalhos na saúde, instituto da segurança social, terapias alternativas, creche, fundação, ONG, associações locais/ regionais e biblioteca.

Gráfico 26- Distribuição gráfica dos inquiridos, por grupos etários com que trabalha



Elaboração própria.

Este gráfico faz referência aos grupos etários com que os educadores inquiridos trabalham. Através da observação do gráfico podemos verificar que os grupos com maior percentagem são o grupo etário dos adultos (29%) e o grupo dos jovens (26%). Por outro lado, os grupos etários com menor percentagem são o dos idosos com 22% e o das crianças com 23%.

Tabela 13- Distribuição dos inquiridos, por tipo de instituição em que gostaria de trabalhar (1ª opção)

Tipo de instituição	Percentagem
Agrupamento de escolas	15%
Ensino Superior	7%
Biblioteca	4%
Centro de novas oportunidades	6%
IPSS	**27%**
Autarquia	17%
Associações locais/regionais	6%
Associações de desenvolvimento local	9%
ONG	6%
Fundação	2%

Elaboração própria.

Quando questionados acerca do tipo de instituição/entidade em que gostariam de trabalhar, a primeira opção dos educadores inquiridos recai sobre as IPSS com uma percentagem de 27%, seguida da autarquia com 17% e do agrupamento de escolas com 15%. Por outro lado, as entidades/ instituições que apresentam menos escolha são a fundação com apenas 2% e a biblioteca com 4%.

Tabela 14- Distribuição dos inquiridos, por tipo de instituição em que gostaria de trabalhar (2ª opção)

Tipo de instituição	Percentagem
Agrupamento de escolas	13%
Ensino Superior	9%
Biblioteca	0%
Centro de novas oportunidades	**21%**
IPSS	19%
Autarquia	15%
Associações locais/regionais	4%
Associações de desenvolvimento local	15%
ONG	2%
Fundação	2%

Elaboração própria.

Segundo a tabela apresentada, educadores inquiridos afirmam que como segunda opção gostariam de trabalhar num centro de novas oportunidades (21%) ou numa IPSS (19%). As opções que mostram menor percentagem são novamente a fundação e a ONG com apenas 2%.

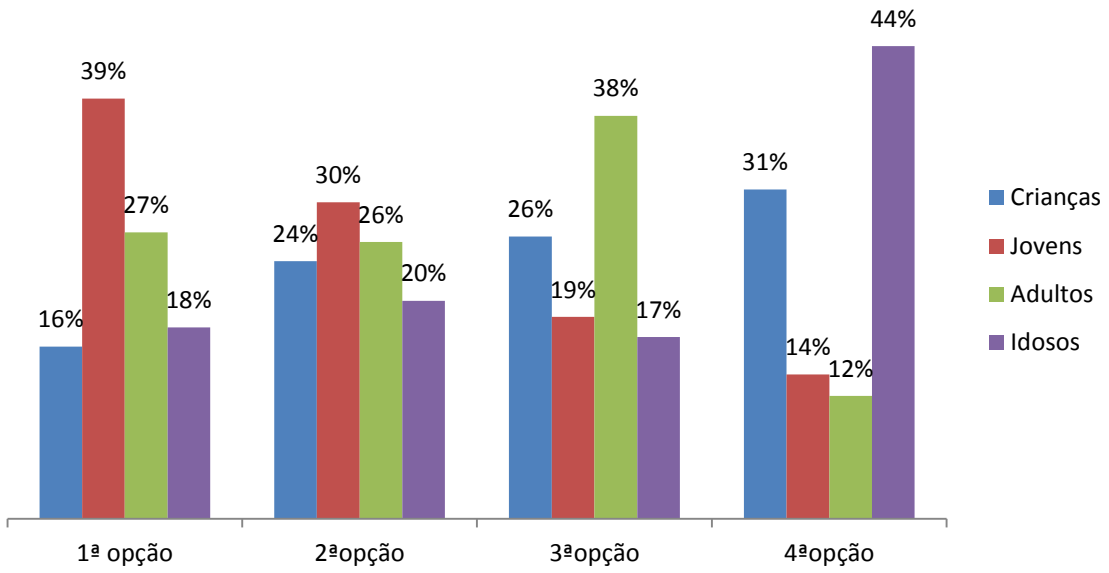
Tabela 15- Distribuição dos inquiridos, por tipo de instituição em que gostaria de trabalhar (3ª opção)

Tipo de instituição	Percentagem
Agrupamento de escolas	12%
Ensino Superior	8%
Biblioteca	4%
Centro de novas oportunidades	4%
IPSS	14%
Autarquia	12%
Associações locais/regionais	**19%**
Associações de desenvolvimento local	8%
ONG	14%
Fundação	8%

Elaboração própria.

Como terceira opção os educadores inquiridos referem as associações locais/regionais com uma percentagem de 19%.

Gráfico 27- Distribuição gráfica dos inquiridos, para a questão "Com que grupos etários gostaria de trabalhar?"



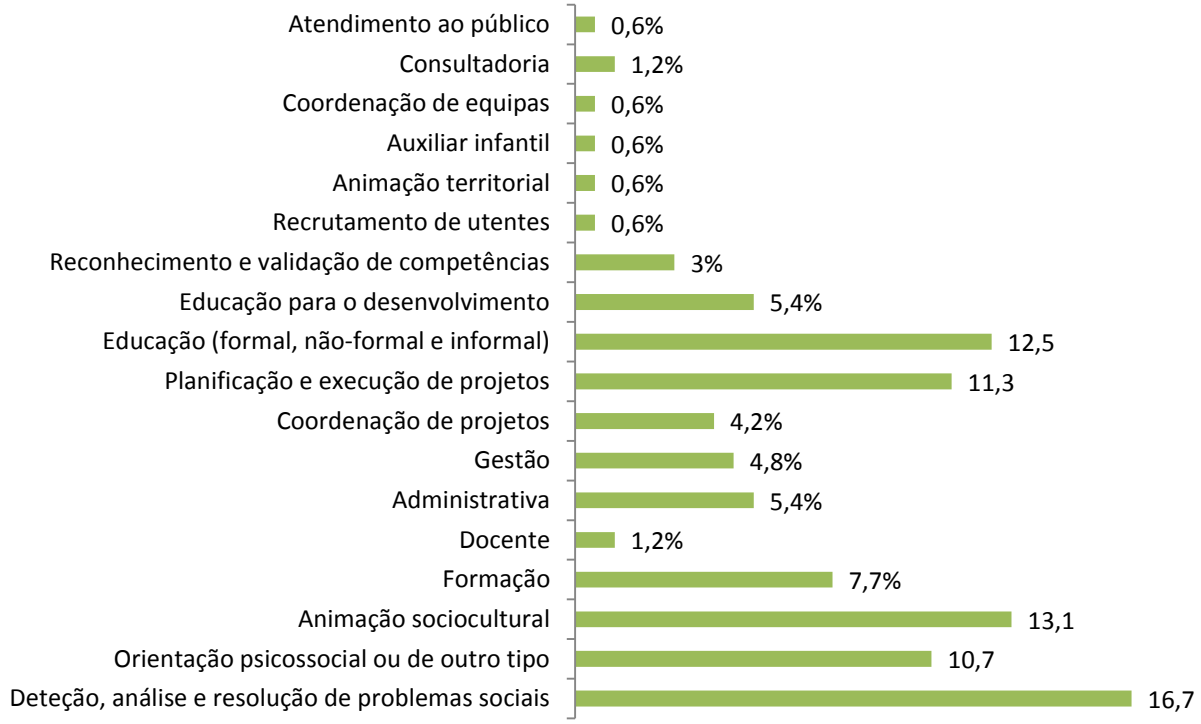
Elaboração própria.

Este gráfico faz referência aos grupos etários com que os educadores inquiridos gostariam de trabalhar. Neste sentido, através da observação do gráfico podemos verificar que como primeira opção os educadores escolhem os jovens (39%) e deixam com menor percentagem as crianças (16%), como segunda opção temos os jovens com 30% e logo a seguir os adultos com 26%. A terceira opção recai sobre os adultos (38%). Por último, o grupo etário que corresponde à quarta opção dos educadores inquiridos é o dos idosos com 44%.

Através deste gráfico é bem visível que a preferência dos educadores inquiridos recai principalmente sobre o grupo etário dos jovens e dos adultos.

PROFISSÃO

Gráfico 28- Distribuição gráfica dos inquiridos, por funções que desempenha enquanto educador



Elaboração própria.

Através da observação deste gráfico é possível verificar as funções que os inquiridos desempenham na sua profissão enquanto educadores. Assim, podemos constatar que as principais funções desempenhadas são a deteção, análise e resolução de problemas sociais (16,7%), a animação sociocultural (13,1%), a educação formal, não-formal e informal (12,5%), a planificação e execução de projetos (11,3%) e a orientação psicossocial ou de outro tipo (10,7%). Existem ainda outras funções desempenhadas pelos educadores como a formação (7,7%), a função administrativa (5,4%), a educação para o desenvolvimento (5,4%), a gestão (4,8%), a coordenação de projetos (4,2%), o reconhecimento e validação de competências (3%), a consultadoria (1,2%) e a função docente (1,2%). Foram ainda referidas como funções dos educadores o atendimento ao público, a coordenação de equipas, a função de auxiliar infantil, a animação territorial e o recrutamento de utentes, cada uma delas com 0,6%.

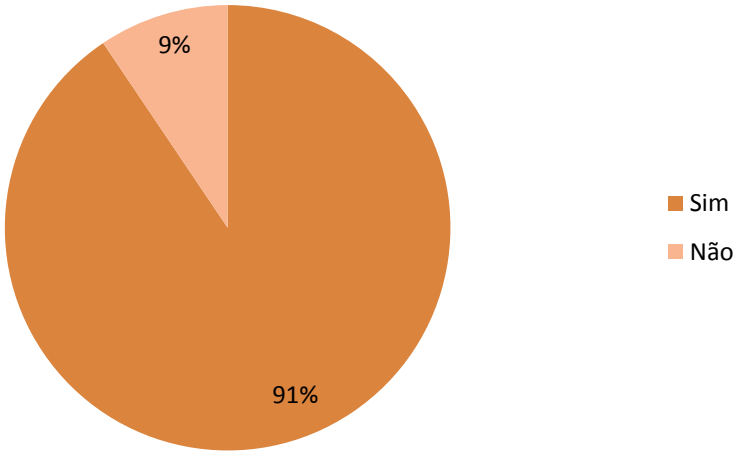
Tabela 16- Distribuição dos inquiridos, para a questão "As tarefas/atividades que desenvolve na entidade estão relacionadas com a profissão de educador social?"

	Percentagem
Sim	57%
Não	43%

Elaboração própria.

De acordo com os dados apresentados, 57% dos educadores inquiridos afirma que as suas tarefas/atividades estão relacionadas com a sua profissão e 43% dos educadores afirma que as funções que desempenha na sua entidade não estão relacionadas com a profissão do educador social.

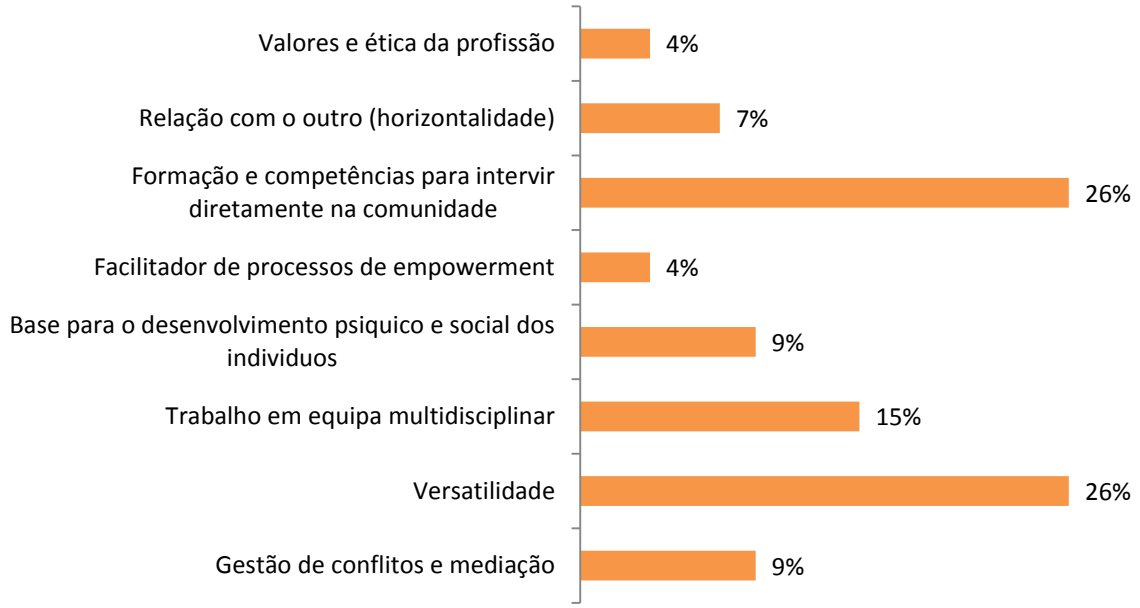
Gráfico 29- Distribuição gráfica dos inquiridos, por opinião relativamente à importância do educador na instituição



Elaboração própria.

No que diz respeito à opinião dos educadores relativamente à importância da figura do educador na sua instituição estes afirmam maioritariamente que esta é importante, sendo que apenas 9% dos educadores inquiridos responde negativamente a esta questão.

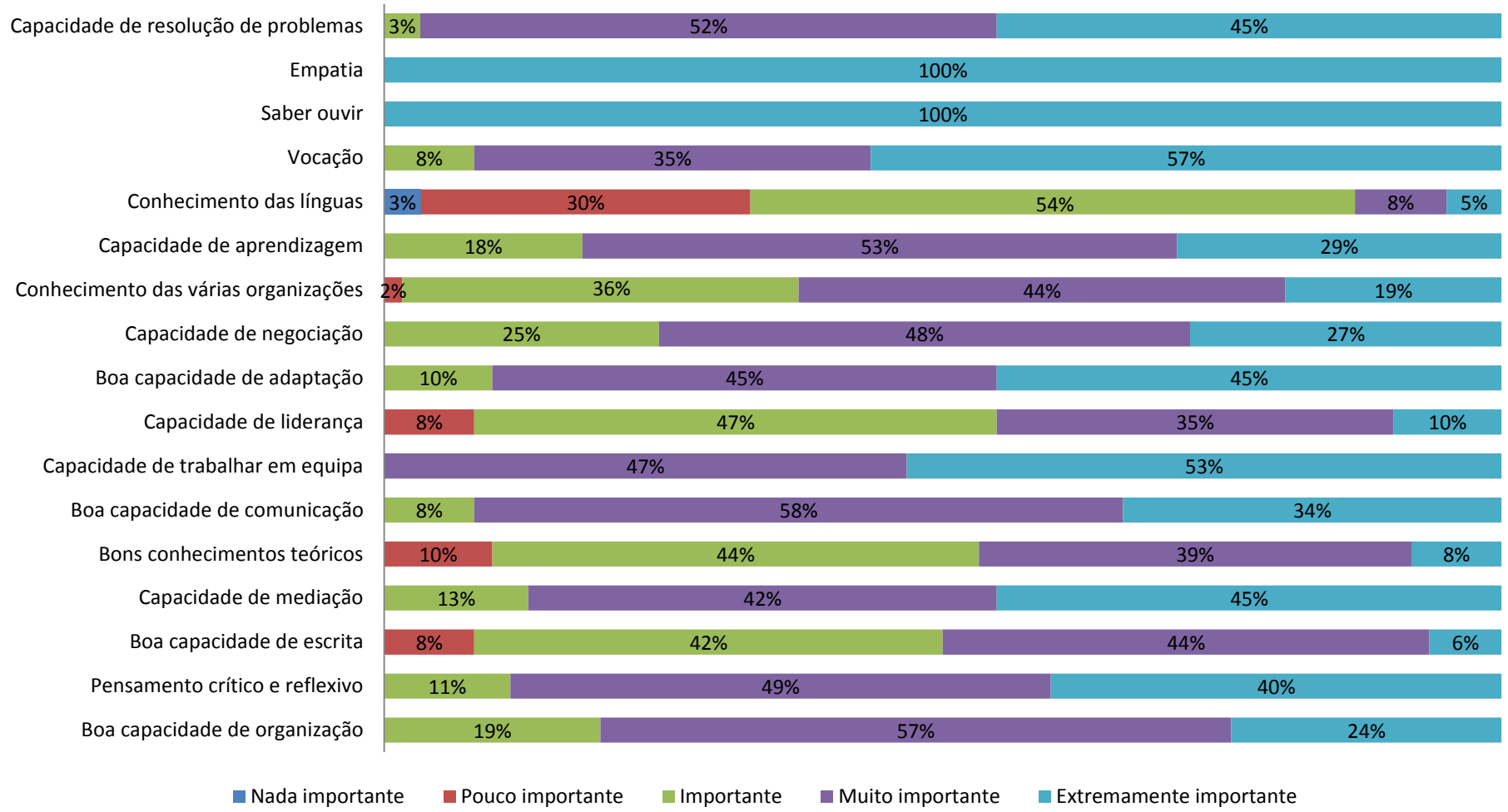
Gráfico 30- Distribuição gráfica dos inquiridos, razões da importância do educador social na instituição



Elaboração própria.

Através da observação deste gráfico é possível referir que a figura do educador social é importante na instituição, principalmente por este ser um profissional que possui uma formação e competências para intervir diretamente na comunidade (26%) e pela sua versatilidade (26%). Além destas razões foram referidas ainda outras como ser capaz de trabalhar numa equipa multidisciplinar (15%), o facto de consistir uma base para o desenvolvimento psíquico e social dos indivíduos (9%), ser um profissional capacitado para a gestão de conflitos e mediação (9%), pela sua relação com o outro baseada na horizontalidade (7%), por ser um profissional facilitador de processos de "empowerment" e por último pelos valores e ética próprios da profissão (7%).

Gráfico 31- Distribuição gráfica dos inquiridos, para a questão: "Quais as caraterísticas que o educador social deve ter?"



Elaboração própria.

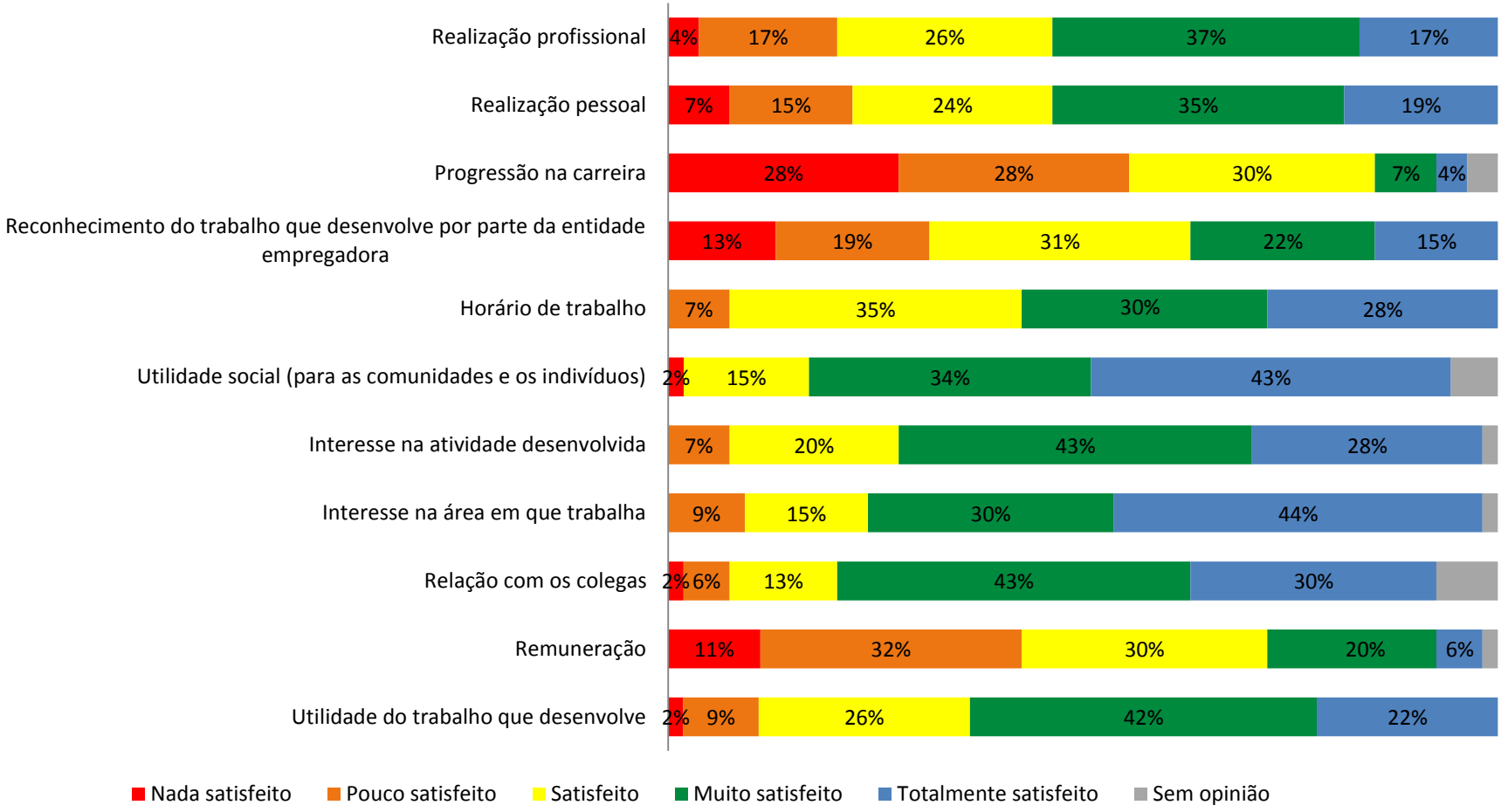
Através da questão: Quais as características que o educador social deve ter?", pretendemos aferir acerca das características profissionais necessárias ao educador, para que este seja capaz de desempenhar as suas funções da melhor forma.

A partir dos dados e através da distribuição gráfica apresentada é possível afirmar que alguns educadores inquiridos consideram "nada importante" ou "pouco importante" o conhecimento de línguas (3% e 30% respetivamente); como "pouco importante" ter bons conhecimentos teóricos (10%), capacidade de liderança (8%) e boa capacidade de escrita (8%). Por outro lado, como características mais importantes (equivalentes ao nível "extremamente importante"), os educadores inquiridos apontam a empatia (100%), o saber ouvir (100%), a vocação (57%), a capacidade de trabalhar em equipa (53%), boa capacidade de adaptação (45%), capacidade de resolução de problemas (45%) e capacidade de mediação (45%).

Por fim, os educadores apontam ainda muitas das características como "importante" e "muito importante", como conhecimento das línguas (30% e 54% respetivamente), capacidade de aprendizagem (18% e 53% respetivamente), conhecimento das várias organizações (36% r 44% respetivamente), capacidade de negociação (25% e 48% respetivamente), capacidade de liderança (47% e 35% respetivamente), boa capacidade de comunicação (8% e 58% respetivamente), bons conhecimentos teóricos (44% e 39% respetivamente), boa capacidade de escrita (42% e 44% respetivamente), pensamento crítico e reflexivo (11% e 49% respetivamente) e boa capacidade de organização (19% e 57% respetivamente).

No geral podemos concluir que a característica considerada pelos inquiridos como menos importante é o conhecimento de línguas e as mais importantes são o saber ouvir e a empatia.

Gráfico 32- Distribuição gráfica dos inquiridos, por grau de satisfação relativamente ao atual emprego



Elaboração própria .

Esta questão do questionário diz respeito ao grau de satisfação relativamente ao atual emprego. Foram apontados diversos tópicos e os inquiridos avaliaram-nos a partir de uma escala. Neste sentido, através do gráfico apresentado é possível afirmar que os principais motivos de insatisfação dos inquiridos relativamente ao atual emprego (nada satisfeito ou pouco satisfeito) são a progressão na carreira (28em ambos), o reconhecimento do trabalho que desenvolve por parte da entidade empregadora (13% e 19% respetivamente) e a remuneração (11% e 32% respetivamente). Por outro lado, muitos educadores encontram-se totalmente satisfeitos com a utilidade social do seu emprego (para a comunidade e os indivíduos) (43%), interesse na área em que trabalha (44%) e relação com os colegas (30%).

Por fim, não existe um consenso nas respostas dos inquiridos relativamente à realização pessoal e pessoas dos inquiridos, uma vez que as opinião são muito divergentes no que diz respeito a estes dois tópicos.

Dados cruzados

Tabela 17: Distribuição dos inquiridos, por Sexo * Estado Civil

		Estado Civil		
		Solteiro (a)	Casado (a)	União de facto
Sexo	Masculino	67%	17%	17%
	Feminino	58%	19%	23%

Elaboração própria

Através desta tabela é possível observar que do 67% dos inquiridos do sexo masculino e 58% do sexo feminino possuem como estado civil solteiro.

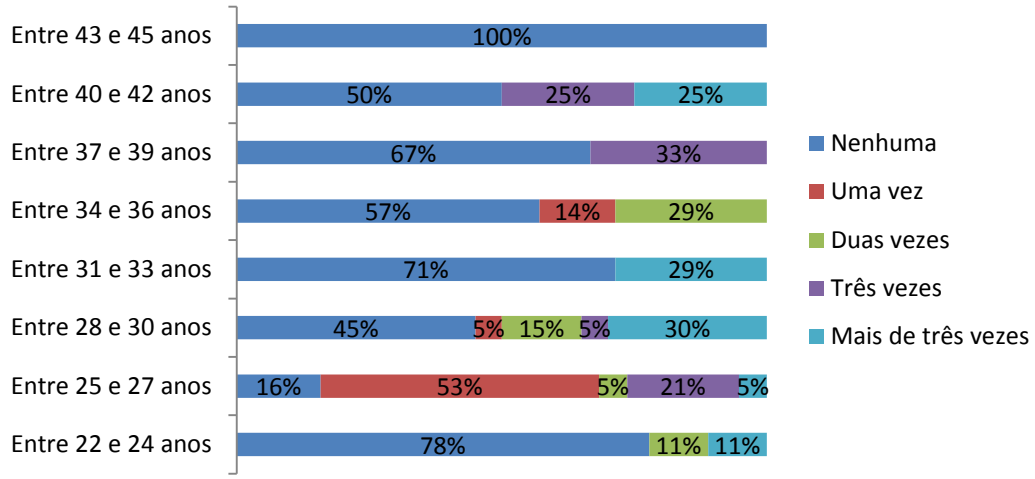
Tabela 18: Distribuição dos inquiridos, por Escalão etário * Número de vezes que mudou de emprego desde que terminou a licenciatura

		Número de vezes que mudou de emprego desde que terminou a licenciatura				
		Nenhuma	Uma vez	Duas vezes	Três vezes	Mais de três vezes
ão	Entre 22 e 24 anos	78%	0%	11%	0%	11%
	Entre 25 e 27 anos	16%	53%	5%	21%	5%

	Entre 28 e 30 anos	45%	5%	15%	5%	30%
	Entre 31 e 33 anos	**71%**	0%	0%	0%	29%
	Entre 34 e 36 anos	**57%**	14%	29%	0%	0%
	Entre 37 e 39 anos	**67%**	0%	0%	33%	0%
	Entre 40 e 42 anos	**50%**	0%	0%	25%	25%
	Entre 43 e 45 anos	**100%**	0%	0%	0%	0%

Elaboração própria

Gráfico 33- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Escalão etário * Número de vezes que mudou de emprego desde que terminou a licenciatura



Elaboração própria

Através da observação desta distribuição gráfica, é possível constatar que muitos dos educadores inquiridos nunca mudaram de trabalho, nomeadamente os que pertencem aos escalões etários maiores. Por outro lado, onde se verificam mais mudanças é "entre os 31 e os 33 anos" e "entre os 28 e os 39 anos".

Tabela 19- Distribuição dos inquiridos, por Sexo * O curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação correspondeu à primeira opção

		O curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação correspondeu à primeira opção	
		Sim	Não
Género	Masculino	67%	33%

	Feminino	56%	44%

Elaboração própria

Relativamente às variáveis género e se o curso correspondeu à primeira opção, através desta tabela é possível observar que 67% dos indivíduos do género masculino escolheram este curso como primeira opção, assim como 56% dos inquiridos do género feminino. Por outro lado, 33% dos inquiridos do género masculino e 44% do género feminino afirmam que este curso não correspondeu à primeira opção.

Tabela 20- Distribuição dos inquiridos, por O curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação correspondeu à primeira opção * Satisfação com a escolha do curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação Social

		Satisfação com a escolha do curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação Social	
		Sim	Não
O curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação correspondeu à primeira opção	Sim	88%	13%
	Não	77%	23%

Elaboração própria

Dos inquiridos que escolheram o curso de Educação e intervenção comunitária/educação social como primeira opção, 88% está satisfeito com a escolha do curso. Por outro lado, 13% dos inquiridos que escolheram o curso como primeira opção não estão satisfeitos com esta escolha. 77% dos inquiridos que não escolheram o curso como primeira opção encontram-se satisfeitos com a escolha e por último existem 23% de inquiridos que não tinham como primeira opção a educação social e não se encontram satisfeitos com a escolha.

Tabela 21- Distribuição dos inquiridos, por Situação perante o trabalho * Satisfação com a escolha do curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação Social

		Satisfação com a escolha do curso de Educação e Intervenção Comunitária/ Educação Social	
		Sim	Não
Situação perante o trabalho	Desempregado	89%	11%
	Desempregado a exercer voluntariado (tempo inteiro ou parcial)	100%	0%
	Empregado por conta própria	33%	67%
	Empregado por conta de outrem	82%	18%
	Estágio Profissional	100%	0%

Elaboração própria

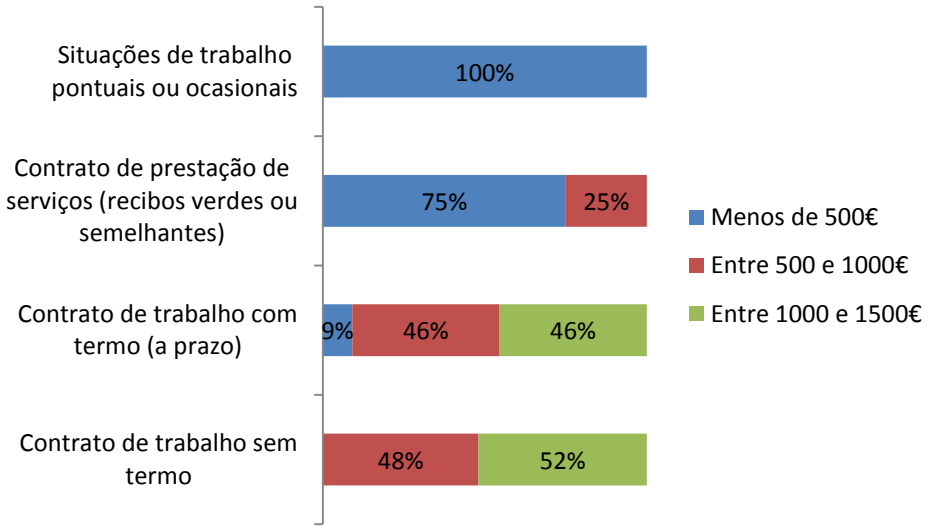
De acordo com a observação desta tabela é possível verificar que todos os inquiridos desempregados que se encontram a exercer voluntariado, estão satisfeitos com a escolha do curso, contrariamente aos desempregados que não desempenham qualquer função relacionada com a profissão, onde se observa alguma insatisfação com a escolha do curso (11%). Relativamente aos inquiridos que se encontram empregados por conta de outrem 82% encontram-se satisfeitos. Por último é ainda interessante observar que 67% dos empregados por conta própria estão insatisfeitos com a escolha do curso e um total de 100% dos inquiridos a fazer estágio profissional estão satisfeitos com a escolha do curso.

Tabela 22- Distribuição dos inquiridos por, Regime de contrato de trabalho * Rendimento mensal (líquido)

		Rendimento mensal (líquido)		
		Menos de 500€	Entre 500 e 1000€	Entre 1000 e 1500€
Regime de contrato de trabalho	Contrato de trabalho sem termo	0%	48%	52%
	Contrato de trabalho com termo (a prazo)	9%	46%	46%
	Contrato de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhantes)	75%	25%	0%
	Situações de trabalho pontuais ou ocasionais	**100%**	0%	0%

Elaboração própria

Gráfico 34- Distribuição gráfica dos inquiridos por, Regime de contrato de trabalho * Rendimento mensal (líquido)



Elaboração própria

Através destes dados referentes ao rendimento mensal por regime de contrato de trabalho, é possível observar que 48% dos inquiridos que possui um contrato de trabalho sem termo recebe "entre 500 e 1000€" e os restantes 52% "entre 1000 e

1500€". Os educadores que têm situações de trabalho pontuais (100%) apresentam rendimento mensal de "menos de 500€", assim como os que possuem contratos de prestação de serviços (recibos verdes ou semelhantes) (75%) e apenas 25€ "entre 500 e 1000€". Por último dos educadores com contrato de trabalho com termo (a prazo), 46% possuem um rendimento "entre 1000 e 1500€",possuem um rendimento "entre 500 e 1000€" e 9% recebem "menos de 500".

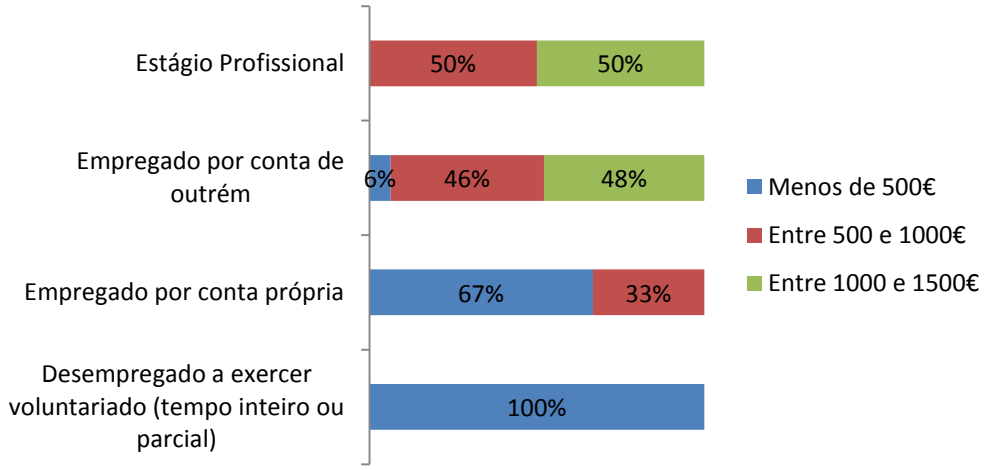
Assim os educadores que apresentam rendimentos mais baixos são os que têm um contrato de prestação de serviços e os que possuem trabalhos pontuais: por outro lado, os regimes de contrato que apresais rendimentos são o contrato de trabalho sem termos e o contrato de trabalho com termo (a prazo).

Tabela 23- Distribuição dos inquiridos, por Situação perante o trabalho * Rendimento mensal (líquido)

		Rendimento mensal (líquido)		
		Menos de 500€	Entre 500 e 1000€	Entre 1000 e 1500€
Situação perante o trabalho	Desempregado a exercer voluntariado (tempo inteiro ou parcial)	100%	0%	0%
	Empregado por conta própria	**67%**	33%	0%
	Empregado por conta de outrem	6%	46%	48%
	Estágio Profissional	0%	50%	**50%**

Elaboração própria

Gráfico 35- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Situação perante o trabalho * Rendimento mensal (líquido)



Elaboração própria

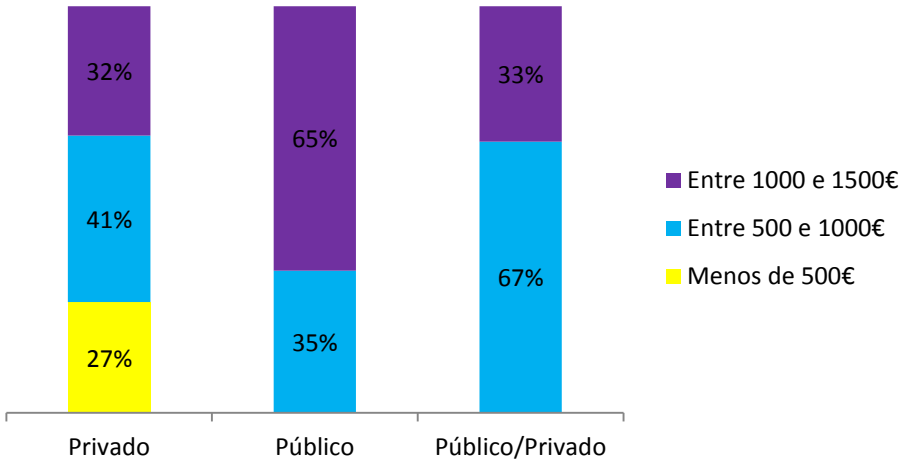
Através desta questão é possível verificar que os educadores inquiridos com menos de 500€ de rendimento mensal são principalmente os que estão desempregados a exercer voluntariado e os empregados por conta própria. Dos educadores que se encontram num estágio profissional 50% afirma receber "entre 500 e 1000€" e 50% recebem "entre 1000 e 1500€".

Tabela 24- Distribuição dos inquiridos, por Sector em que exerce a atividade profissional * Rendimento mensal (líquido).

		Rendimento mensal (líquido)		
		Menos de 500€	Entre 500 e 1000€	Entre 1000 e 1500€
Sector em que exerce a atividade profissional	Privado	**27%**	41%	32%
	Público	0%	35%	**65%**
	Público/Privado	0%	**67%**	33%

Elaboração própria.

Gráfico 36- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Sector em que exerce a atividade profissional * Rendimento mensal (líquido)



Elaboração própria.

No que diz respeito ao rendimento mensal por sector em que exerce a atividade profissional, através destes dados é possível verificar que todos os indivíduos que possuem um rendimento inferior a 500€ encontram-se no sector privado (27%). Por outro lado, a maior percentagem de educadores inquiridos que possuem um rendimento "entre 1000 e 1500€" (65%) pertencem ao sector público.

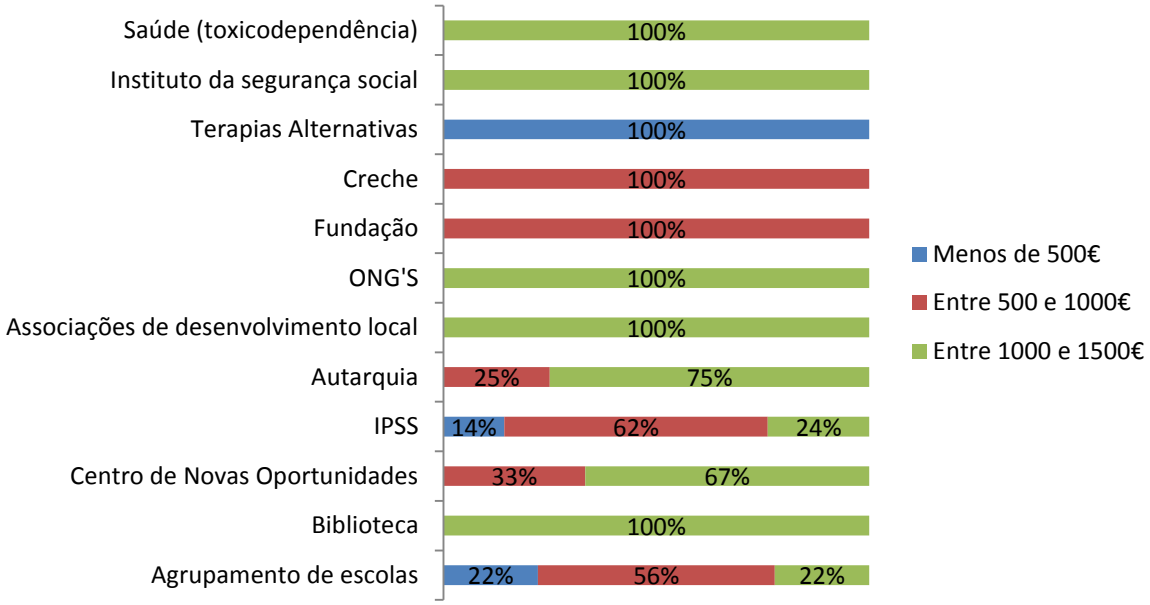
Tabela 25- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalha * Rendimento mensal (líquido)

		Rendimento mensal (líquido)		
		Menos de 500€	Entre 500 e 1000€	Entre 1000 e 1500€
Tipo de instituição em que trabalha	Agrupamento de escolas	22%	56%	22%
	Biblioteca	0%	0%	**100%**
	Centro de Novas Oportunidades	0%	33%	67%
	IPSS	14%	62%	24%
	Autarquia	0%	25%	75%
	Associações de desenvolvimento local	0%	0%	**100%**
	ONG'S	0%	0%	**100%**

	Fundação	0%	100%	0%
	Creche	0%	100%	0%
	Terapias Alternativas	**100%**	0%	0%
	Instituto da segurança social	0%	0%	**100%**
	Saúde (toxicodependência)	0%	0%	**100%**

Elaboração própria.

Gráfico 37- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalha * Rendimento mensal (líquido)



Elaboração própria

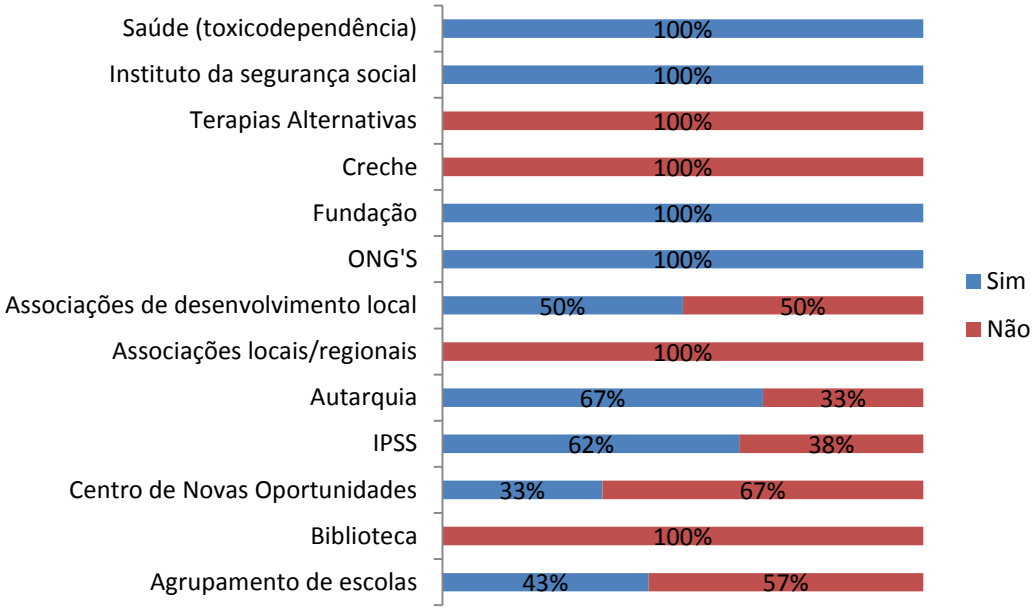
Através desta questão é possível verificar o rendimento mensal dos inquiridos de acordo com a instituição em que trabalham. Dos educadores inquiridos os que possuem menor rendimento "menos de 500€" trabalham nas terapias alternativas; as instituições que oferecem um rendimento "entre 500 e 1000€" são fundações, creche, IPSS (62%) e agrupamento de escolas (56%). Por outro lado, as instituições em que os educadores possuem mais rendimento ("entre 1000 e 1500€") são a saúde, o instituto da segurança social, ONG, associações desenvolvimento local, biblioteca, as autarquias (75%) e os centros de novas oportunidades (67%).

Tabela 26- Distribuição dos indivíduos, por Tipo de instituição em que trabalha * As tarefas/atividades que desenvolve na entidade estão de relacionadas com a profissão de educador social

		As tarefas/atividades que desenvolve na entidade estão de relacionadas com a profissão de educador social	
		Sim	Não
Tipo de instituição em que trabalha	Agrupamento de escolas	43%	57%
	Biblioteca	0%	**100%**
	Centro de Novas Oportunidades	33%	67%
	IPSS	62%	38%
	Autarquia	67%	33%
	Associações locais/regionais	0%	**100%**
	Associações de desenvolvimento local	50%	50%
	ONG'S	**100%**	0%
	Fundação	**100%**	0%
	Creche	0%	**100%**
	Terapias Alternativas	0%	**100%**
	Instituto da segurança social	**100%**	0%
	Saúde (toxicodependência)	**100%**	0%

Elaboração própria

Gráfico 38- Distribuição dos indivíduos, por Tipo de instituição em que trabalha * As tarefas/atividades que desenvolve na entidade estão de relacionadas com a profissão de educador social



Elaboração própria

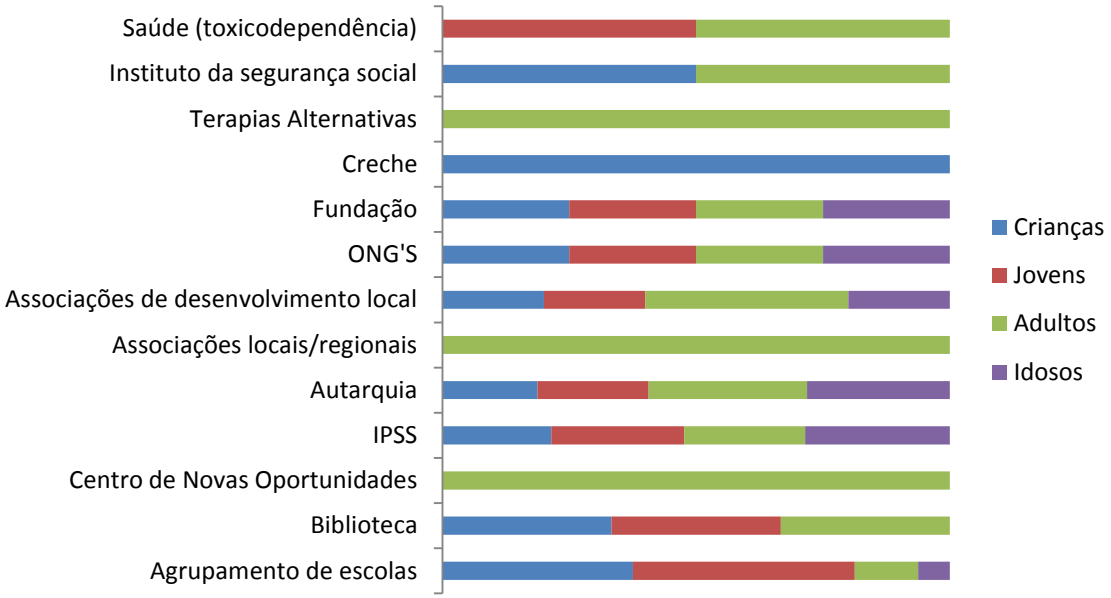
Através destes dados é possível verificar que dos inquiridos que afirmam que as tarefas desenvolvidas na sua entidade estão relacionadas com a profissão, temos a saúde (toxicodependência), o instituto da segurança social, a e as ONG'S em que todos os inquiridos se encontram de acordo com esta questão; relativamente às autarquias 67% dos inquiridos afirma que as tarefas estão relacionadas, assim como 62% dos indivíduos que trabalham nas IPSS e 50% dos inquiridos que trabalham no desenvolvimento local. Por outro lado, não existe qualquer resposta positiva no que diz respeito a biblioteca, associações locais/regionais, creche e terapias alternativas, ou seja os educadores presentes nestas instituições afirmam não desempenhar tarefas relacionadas com a profissão de educador.

Tabela 27- Distribuição dos indivíduos, por Tipo de instituição em que trabalha * Grupos etários com que trabalha

		Grupos etários com que trabalha			
		Crianças	Jovens	Adultos	Idosos
Tipo de instituição em que trabalha	Agrupamento de escolas	67%	78%	22%	11%
	Biblioteca	100%	100%	100%	0%
	Centro de Novas Oportunidades	0%	0%	100%	0%
	IPSS	43%	52%	48%	57%
	Autarquia	55%	64%	91%	82%
	Associações locais/regionais	0%	0%	100%	0%
	Associações de desenvolvimento local	50%	50%	100%	50%
	ONG'S	100%	100%	100%	100%
	Fundação	100%	100%	100%	100%
	Creche	100%	0%	0%	0%
	Terapias Alternativas	0%	0%	100%	0%
	Instituto da segurança social	100%	0%	100%	0%
	Saúde (toxicodependência)	0%	100%	100%	0%

Elaboração própria

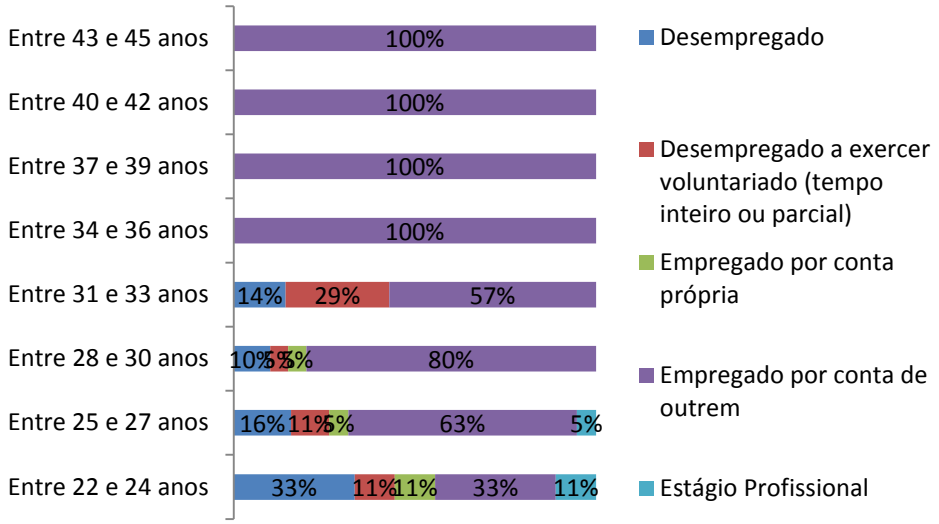
Gráfico 39- Distribuição gráfica dos indivíduos, por Tipo de instituição em que trabalha * Grupos etários com que trabalha



Elaboração própria

Através destes dados é possível verificar que na creche o grupo etário é o das crianças (100%), nas terapias alternativas, nas associações locais/regionais e no centro de novas oportunidades é o grupo etário dos adultos (100%). Nas autarquias, IPSS, fundação, ONG's, associações de desenvolvimento local e agrupamento de escolas os educadores trabalham com os diversos grupos etários.

Gráfico 40- Distribuição gráfica dos inquiridos, por Escalão etário * Situação perante o trabalho



Elaboração própria

Através da observação destes dados, é possível constatar que todos os educadores inquiridos com idade compreendida entre os 34 e os 45 anos se encontra empregado por contra de outrem. Por outro lado, a maior percentagem de desempregados (33%) e de desempregados a exercer voluntariado (11%), encontra-se "entre os 22 e os 24 anos".

Tabela 28- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Agrupamento de escolas* Funções que desempenha enquanto educador

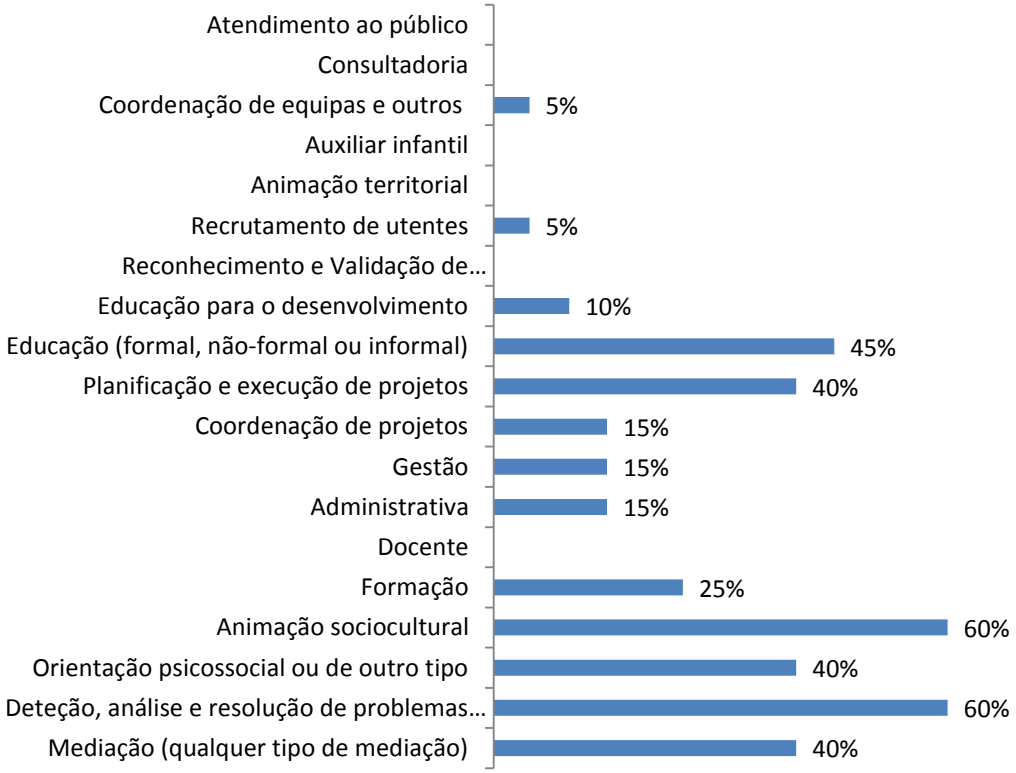
Agrupamento de escolas	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	33%
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	**50%**
Orientação psicossocial ou de outro tipo	**50%**
Animação sociocultural	0%
Formação	50%
Docente	17%
Administrativa	33%
Gestão	33%
Coordenação de projetos	0%
Planificação e execução de projetos	17%
Educação (formal, não-formal ou informal)	**50%**

Educação para o desenvolvimento	17%
Reconhecimento e Validação de Competências	17%
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	0%
Auxiliar infantil	0%
Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	0%
Atendimento ao público	0%

Elaboração própria

As principais funções dos educadores inquiridos que trabalham no agrupamento de escolas são deteção, análise e resolução de problemas sociais (50%), orientação psicossocial ou de outro tipo (50%) e formação (50%)

Gráfico 41- Distribuição gráfica dos inquiridos, por instituição em que trabalha- IPSS * Funções que desempenha enquanto educador



Elaboração própria

Nas IPSS é a deteção, análise e resolução de problemas sociais (60%) e a animação sociocultural (50%); na autarquia a principal função do educador é a análise, deteção e resolução de problemas sociais (75%)

Tabela 29- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Autarquia* Funções que desempenha enquanto educador

Autarquia	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	33%
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	**75%**
Orientação psicossocial ou de outro tipo	17%
Animação sociocultural	**50%**
Formação	0%
Docente	0%
Administrativa	8%
Gestão	17%
Coordenação de projetos	17%
Planificação e execução de projetos	33%
Educação (formal, não-formal ou informal)	17%
Educação para o desenvolvimento	8%
Reconhecimento e Validação de Competências	0%
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	0%
Auxiliar infantil	0%
Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	8%
Atendimento ao público	8%

Elaboração própria

Na autarquia a principal função do educador é a análise, deteção e resolução de problemas sociais (75%)

Tabela 30- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Associações de desenvolvimento local* Funções que desempenha enquanto educador

Associações de desenvolvimento local	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	**50%**
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	0%
Orientação psicossocial ou de outro tipo	0%
Animação sociocultural	0%
Formação	0%
Docente	0%
Administrativa	**50%**
Gestão	0%
Coordenação de projetos	**50%**
Planificação e execução de projetos	**50%**
Educação (formal, não-formal ou informal)	**50%**
Educação para o desenvolvimento	0%
Reconhecimento e Validação de Competências	**50%**
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	**50%**
Auxiliar infantil	0%
Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	0%
Atendimento ao público	0%

Elaboração própria

Nas associações de desenvolvimento local as principais funções dos inquiridos são a mediação (50%), administrativa (50%), coordenação de projetos (50%), educação forma, não formal e informal (50%) e animação territorial (50%)

Gráfico 42- Distribuição gráfica dos inquiridos, por instituição em que trabalham- ONG'S * Funções que desempenha enquanto educador

Elaboração própria

Nas ONG'S as principais funções dos educadores inquiridos são a mediação (100%), a deteção, análise e resolução de problemas sociais (100%), a orientação psicossocial ou de outro tipo (100%), a animação sociocultural (100%), a educação formal, não formal ou informal (100%) e a educação para o desenvolvimento (100%);

Tabela 31- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Fundação* Funções que desempenha enquanto educador

Fundação	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	**100%**
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	**100%**
Orientação psicossocial ou de outro tipo	0%
Animação sociocultural	**100%**
Formação	0%
Docente	0%

Administrativa	**100%**
Gestão	0%
Coordenação de projetos	0%
Planificação e execução de projetos	**100%**
Educação (formal, não-formal ou informal)	0%
Educação para o desenvolvimento	**100%**
Reconhecimento e Validação de Competências	0%
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	0%
Auxiliar infantil	0%
Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	0%
Atendimento ao público	0%

Nas fundações as funções são a mediação, a deteção, análise e resolução de problemas sociais (100%), a animação sociocultural (100%), a administrativa (100%), a planificação e execução de projetos (100%) e a educação para o desenvolvimento (100%)

Tabela 32- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Creche* Funções que desempenha enquanto educador

Creche	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	0%
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	0%
Orientação psicossocial ou de outro tipo	0%
Animação sociocultural	0%
Formação	0%
Docente	0%
Administrativa	0%
Gestão	0%
Coordenação de projetos	0%
Planificação e execução de projetos	0%
Educação (formal, não-formal ou informal)	0%
Educação para o desenvolvimento	0%
Reconhecimento e Validação de Competências	0%
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	0%
Auxiliar infantil	**100%**

Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	0%
Atendimento ao público	0%

Elaboração própria

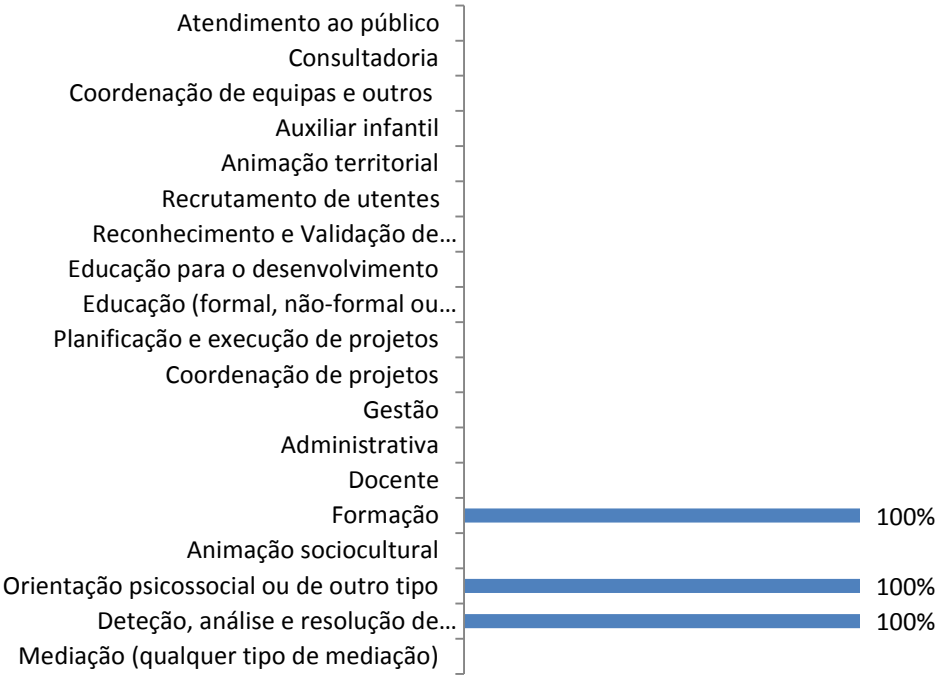
Tabela 33- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalham- Terapias alternativas* Funções que desempenha enquanto educador

Terapias Alternativas	
Mediação (qualquer tipo de mediação)	0%
Deteção, análise e resolução de problemas sociais	0%
Orientação psicossocial ou de outro tipo	0%
Animação sociocultural	0%
Formação	0%
Docente	0%
Administrativa	0%
Gestão	0%
Coordenação de projetos	0%
Planificação e execução de projetos	0%
Educação (formal, não-formal ou informal)	0%
Educação para o desenvolvimento	0%
Reconhecimento e Validação de Competências	0%
Recrutamento de utentes	0%
Animação territorial	0%
Auxiliar infantil	0%
Coordenação de equipas e outros	0%
Consultadoria	0%
Atendimento ao público	0%

Elaboração própria

Na creche os educadores possuem a função de auxiliar infantil

Gráfico 43- Distribuição gráfica dos inquiridos, por instituição em que trabalham- Instituto da segurança social * Funções que desempenha enquanto educador



Elaboração própria

Nas terapias alternativas não se verifica qualquer tipo de função ligada ao educador

Gráfico 44- Distribuição gráfica dos inquiridos, por instituição em que trabalham- Saúde * Funções que desempenha enquanto educador

Elaboração própria

Tabela 34- Distribuição dos inquiridos, por Tipo de instituição em que trabalha * Em que tipo de instituição gostaria de trabalhar: 1ªopção

		Em que tipo de instituição gostaria de trabalhar: 1ªopção									
		Agrupamento de escolas	Ensino Superior	Biblioteca	Centro de Novas Oportunidades	IPSS	Autarquia	Associações locais/regionais	Associações de desenvolvimento local	ONG'S	Fundação
Tipo de instituição em que trabalha	Agrupamento de escolas	8%	25%	0%	8%	8%	33%	0%	17%	0%	0%
	Biblioteca	**100%**	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Centro de Novas Oportunidades	33%	0%	0%	0%	0%	0%	33%	0%	33%	0%
	IPSS	10%	0%	5%	0%	**57%**	10%	5%	5%	5%	5%
	Autarquia	33%	11%	0%	0%	11%	33%	0%	11%	0%	0%
	Associações locais/regionais	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	**100%**	0%
	Associações de desenvolvimento local	0%	0%	**50%**	0%	**50%**	0%	0%	0%	0%	0%
	ONG'S	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	**100%**	0%	0%
	Fundação	0%	0%	0%	**100%**	0%	0%	0%	0%	0%	0%
	Creche	0%	0%	0%	0%	**100%**	0%	0%	0%	0%	0%
	Terapias Alternativas	0%	0%	0%	**100%**	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Elaboração própria.

Através desta tabela é possível observar as instituições em que educadores trabalham e onde gostariam de trabalhar. De acordo com estes dados é possível referir que os educadores que trabalham nas terapias alternativas e numa fundação gostariam de trabalhar num centro de novas oportunidades. Os educadores que trabalham na creche (100%) e alguns dos que trabalham numa IPSS (57%) e numa associação de desenvolvimento local (50%) afirmam que gostariam de trabalhar numa IPSS. Os educadores que trabalham nas ONG'S gostariam de trabalhar numa associação de desenvolvimento local e os educadores que trabalham nas associações locais/ regionais gostariam de trabalhar numa ONG. Por último os educadores que trabalham em bibliotecas se gostariam de trabalhar no agrupamento de escolas.

ANEXO III- Ficha de consentimento informado

Autorização para a gravação da entrevista e transcrição dos respetivos conteúdos abordados.

Faro,_____ de Abril de 2012

Eu,_____, concebo autorização para a gravação da entrevista e para a respetiva transcrição dos conteúdos abordados, dado que concordei participar nesta investigação de mestrado de Educação Social sobre a profissão do educador social no Algarve.

Assinatura do Entrevistado

_____

ANEXO IV- Guião de entrevista aos educadores sociais

Escolha do curso

- Quais foram as principais razões que o levaram a escolher este curso? (Razões pessoais ou sociais? Influências familiares?)
- Quais as suas expetativas iniciais relativas ao curso de EIC/ES e em que medida estas se tornaram realidade (e quais as que não se tornaram realidade?)
- Quais os principais motivos de satisfação relativamente ao curso?
- Quais os motivos de insatisfação relativamente ao curso de EIC/ES? (o curso não é reconhecido pelas entidades empregadoras; o curso não permite progredir na carreira; o curso não corresponde às expetativas) O que poderia ser feito para colmatar estas falhas?

Percurso académico

- Durante a licenciatura participou em atividades extracurriculares? (Quais?) De que forma estas atividades contribuíram para a sua inserção no mercado de trabalho?
- Sente necessidade de mais formação nesta área da educação social ou noutras áreas? (Outras cadeiras, licenciaturas, mestrado…)
- Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar:
  O funcionamento geral do curso
  As atividades que o curso organiza
  A qualidade dos docentes
  A qualidade da formação recebida
  O plano de estudos (OUTROS, se quiserem falar de outros assuntos)

Percurso profissional

- Qual tem sido o seu percurso profissional? (Onde trabalhou? Qual o tipo de funções que desempenhava? Duração? Salário? Porque motivos mudou de emprego?)
- Na sua opinião a formação que recebeu está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

    - Estágios curriculares bem estruturados e adequados para preparação para o mercado de trabalho?
    - Quando tempo demorou a arranjar o primeiro emprego? (principais dificuldades encontradas)
- Na sua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas várias instituições? Refira porquê.
    - Gostaria de trabalhar numa IPSS? Qual a importância das IPSS? (quer ao nível político quer ao nível social?)
    - Qual a importância do educador nos agrupamentos de escolas?

Situação Profissional atual

- A profissão foi de encontro às suas expetativas? (Se sim porquê? Se não o que falhou?)
- Descreva as tarefas/atividades que desenvolve na instituição (as funções são as próprias de um educador social?)
    - Identifique o contexto de trabalho (missão, projetos, público, equipa de trabalho)
- Qual é a sua perceção relativamente à sua figura profissional? (importância na instituição e efeitos que provoca nos colegas, pessoas/utentes) E qual a perceção que os outros têm do seu trabalho, especificamente? (superiores, colegas, pessoas em geral)
- Enquanto educador social qual a sua perceção relativamente à sua entidade empregadora (abertura, tipo de trabalho que desenvolve e como é desenvolvido)
- Dentro da atividade profissional, o que tem contribuído mais para a sua satisfação pessoal e profissional?
- Considera que a sua remuneração está de acordo com o trabalho que desenvolve e as funções que desempenha? Encontra-se satisfeito?
- Pontos fortes e limitações da profissão (??)
    - Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar esta profissão?
- Porque recomendaria esta profissão a alguém? (Que argumentos utilizaria?)

Competências do educador

- Na sua opinião que características específicas deve ter o educador social?

Pessoais

Profissionais

Sociais

- Em que medida as seguintes características são (ou não) importantes para o educador social e porquê? - criativo - dinamizador – manipulador – planeador – autoritário -
- Pertence a alguma associação cívica, cultural, desportiva, recreativa ou religiosa? (Qual?) De que forma contribui para o desenvolvimento das suas competências?

Perspetivas futuras

- Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise, o que acha que vai acontecer à sociedade e qual será o papel dos educadores sociais? (Mais precariedade? Mais trabalho? Reconhecimento do trabalho dos educadores?)
- Como se vê profissionalmente daqui a 5/10 anos (Igual? Melhor? Pior?/ Como? Onde? A fazer o quê?)
- Se fosse dada a opção de escolha como gostaria de se ver profissionalmente daqui a uns anos? (Em que gostaria de trabalhar e onde?)
- Coloca a hipótese de ir para o estrangeiro? Gostava de ir? Pensa que era uma boa alternativa em termos de profissão e de progressão na carreira profissional?

ANEXO V- Transcrições das entrevistas aos educadores sociais

Entrevista nº 1

Data de realização: 28 de Março de 2012

Local de realização da entrevista: Esplanada da ESEC – Campus de Penha

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Vamos começar. A entrevista está dividida em vários blocos e o primeiro é em relação à escolha do curso, portanto quais foram as principais razões que te levaram a escolher este curso? Ao nível pessoal, social, influências familiares?

Entrevistado 1: O que me levou a escolher este curso foi o facto de estar a estudar psicologia em Lisboa e de ter sido o curso que primeiro que tinha mais equivalências e segundo que tinha mais a ver com a minha área de escolha pessoal, tinha mais a ver comigo e como a área social sempre foi uma área em que gostei de trabalhar, embora tenha começado pela parte da psicologia depois quando interrompi essa licenciatura, quando vim para o Algarve foi aquela que tive mais possibilidades de continuar.

I: E quais eram as tuas expetativas iniciais? Eram algumas ou era só terminar a licenciatura?

E 1: Eram elevadas porque ao fim ao cabo tinha uma licenciatura quase terminada e estar a começar outra do princípio não foi assim muito fácil mas as expetativas obviamente foram elevadas.

I: E foram tornadas realidade ou não?

E1: Em certa parte sim, eu fiquei um ano sem estudar de propósito enquanto estava a entrar o Bolonha e então fiz uma paragem consciente de um ano enquanto o processo de Bolonha passasse e depois começasse com a licenciatura já com três anos para não tar a passar com o processo de Bolonha a meio e o curso correspondeu às expetativas, se calhar certas partes do curso esperava um bocadinho mais delas, quando tirei o curso

referi que achava que deveria haver mais abordagem jurídica, de leis e se calhar de um bocado de história europeia, como referi na altura mas tirando um ou dois pormenores, acho que sim, correspondeu às expetativas.

I: Quais são os principais motivos de satisfação que apontas relativamente ao curso? Ao nível da tua satisfação com o curso.

E1: Um dos principais motivos que eu aponto para a minha satisfação foi ter conhecido três ou quatro docentes que me permitiram abrir horizontes e foi fazendo com que o curso se tornasse mais aliciante e interessante e acho que poderia melhorar mais se houvesse se calhar mais três ou quatro docentes que fossem substituídos.

I: Ao nível dos motivos de insatisfação, segundo um questionário que fiz antes das entrevistas os três principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas, como é que vês? Em relação à última já disseste que tinha correspondido a algumas, em relação aos outros dois identificaste com algum deles?

E1: É assim, ao nível do mercado de trabalho eu não tive problemas porque praticamente dois meses depois de começar a procurar trabalho se calhar tive a sorte ou o privilégio de encontrar. O trabalho que realizo permite-me alguma ascensão, sendo que esta ascensão como em qualquer outro demora o seu tempo não é? E as pessoas também têm de ser um bocadinho pacientes, se tirarmos uma licenciatura o mercado de trabalho está de portas abertas, as coisas demoram algum tempo. Estou a trabalhar como técnico de intervenção local, posso subir com o tempo para equipa móvel multidisciplinar, é uma questão de dar tempo ao tempo, sendo que tive outras oportunidades de trabalho dentro da área e que poderia se calhar ter uma remuneração um bocadinho maior mas o facto de estar há pouco tempo num projecto fez com que eu pretendesse permanecer para aprender mais algumas coisas.

I: Não apontas mais falhas importantes que aches que deveriam ser alteradas no curso?

E1: É assim eu não notei grandes falhas, as expetativas corresponderam ao nível do mercado de trabalho e as coisas aconteceram com alguma naturalidade não é? Não tive assim grandes problemas, acho que o mercado de trabalho está assim um bocado

saturado para toda a gente e acho que a nossa licenciatura permite-nos alguma abrangência a nível do mercado de trabalho, ou seja, acho que é uma mais-valia porque não é uma licenciatura muito, digamos que não afunila muito as coisas mas que sim, que abre todo um mundo social, por isso também acho que é uma questão das pessoas procurarem e tentarem…eu quando fui à procura de trabalho bati a várias portas até que uma delas se abriu não é?

I: Durante a licenciatura participaste nalguma atividade extracurricular? Achas que é importante?

E1: Eu não participei em muitas devido ao facto de estar a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo mas acho que estas atividades são importantes e acho que devem se fomentadas para que isso permita alguma interação entre o mundo do trabalho e a licenciatura durante a sua duração e obviamente entre os colegas de turma e os docentes e tudo mais.

I: Já referiste que o curso necessitava de mais áreas como a jurídica. Queria perguntar-te se sentes necessidade de mais formação não só ao nível de cadeiras mas também de outras licenciaturas ou mestrados para complementar este curso ou se achas que o curso é suficiente.

E1: Eu acho que isso depende um bocadinho de nós próprios, eu neste momento estou a terminar a segunda licenciatura, não porque ache necessidade mas porque era a que deixei por concluir. Mas muito sinceramente acho que se tivesse ficado só com esta licenciatura acho que se calhar não me sentia preenchido, acho que iria procurar mais informação, mas acho que isso também depende muito de pessoa para pessoa e de caso para caso e das pessoas e também tem muito a ver com o que nós pretendemos fazer do nosso futuro. Agora acho que é uma licenciatura que poderia sim ter algumas cadeiras relacionadas com a parte jurídica porque acho que pode fazer falta.

I: Em relação a outros aspetos que aches que deviam ser melhorados, por exemplo a qualidade dos docentes…falaste que havia alguns docentes que se calhar deviam ser tidos em conta alguns aspetos ou que deviam mesmo ser alterados. Em que aspetos estás a falar? Onde achas que falharam mais?

E1: Não sei, se calhar houve um ou dois docentes que também pelas horas que estavam a lecionar, não senti que fosse assim muito necessário para o curso, não me recordo

agora do nome. Recordo-me da professora mas não foi por causa dela que as coisas não correram bem, foi sim por causa da área que ela esteve a lecionar, achei pouco interessante e se calhar depois também dois ou três professores, quer dizer as coisas eram assim um bocadinho no deixa andar e acho que as coisas podem melhorar se houverem pessoas um bocadinho mais dedicadas às áreas que representam mas acho que se calhar não puxo tanto a problemática para o docente em si, mas se calhar puxo mais a problemática para a área que era lecionada.

I: Mas em termos gerais pensas que tiveste uma boa formação?

E1: Sim! Abriu-me muitos horizontes e fez com que eu pudesse aprender novas áreas, acho que também… a minha opinião é que acho que isto depende também muito de nós próprios e acho que umas pessoas quiseram ir mais além e outras pessoas não quiseram ir mais além e depende também onde é que cada um de nós quer ir, agora acho que o curso permite que a gente vá mais além, agora também depende é um bocadinho de cada um de nós.

I: Em relação ao teu percurso profissional. Qual tem sido o teu percurso profissional desde que terminaste o curso? Portanto só tiveste um trabalho…

E1: Sim só tive um trabalho nesta área. Estou ligado ao PIEC que por sua vez tem turmas de PIEF e é com esses alunos que eu trabalho, digamos que é a última oportunidade a nível de ensino que os alunos podem ter para concluir o 9º e o 6º ano e prontos, acaba por ser a única realidade que eu conheço.

I: Qual é o tipo de função que desempenhas? É ao nível docente?

E1: Sim e não. Sim porque dou uma disciplina que é desenvolvimento pessoal e social, que é apenas um módulo por semana e não porque tudo o resto, aquilo que eu faço, e muitas das vezes puxa-me sempre para aquilo que aprendi durante o curso que é…por exemplo ainda agora estou a resolver um caso de um aluno que não tem cartão de cidadão e lembro-me perfeitamente que uma das primeiras coisas que nós aprendemos no curso era o conseguirmos fazer com que as pessoas pudessem ser mais participativas socialmente e pudessem ter melhores condições sociais para que pudessem interagir socialmente e este jovem não joga futebol porque não se pode inscrever porque não tem cartão de cidadão e é uma das lutas, além das outras que tenho tido, mas esta se calhar é uma das que me dá mais gozo, porque é fazer com que consiga chegar daqui a duas ou

três semanas…porque isto infelizmente está quase no fim e dizer que aquela pessoa conseguiu um cartão de cidadão que lhe permite ser nem que seja ser um cidadão mais participativo.

I: Em relação aos estágios curriculares, achas que são bem estruturados e adequados à preparação para o mercado de trabalho? Tiveste uma boa experiência?

E1: Eu tive uma boa experiência na altura, não pelas pessoas que me acompanharam da parte da universidade mas pelas pessoas que me acompanharam da parte da instituição em que eu fui fazer o estágio. As coisas correram bem, gostei muito. Uma das coisas que era para ter feito mas que não fiz era para ter continuado a fazer um estágio de voluntariado no centro de novas oportunidades da escola secundária de Loulé onde fiz o estágio, era para ter continuado lá como voluntário, só não continuei porque acabei por arranjar trabalho, porque as coisas correram muito bem, as pessoas recolheram-me bem no local de estágio. Havia lá curiosamente uma colega que tinha tirado intervenção comunitária, o nome antigo do nosso curso… as coisas correram bem e as pessoas que me guiaram no centro de novas oportunidades foram se calhar muito importante para que o estágio fosse também ele muito importante. Ao nível da parte da escola, senti que poderia haver maior ajuda, as coisas poderiam ter corrido melhor mas também percebi que foi uma altura de algumas mudanças para alguns docentes e eles tiveram de ser substituídos por outros para que pudesse haver esse acompanhamento, e se calhar a falta de experiência dessas pessoas, não o facto de serem maus profissionais, mas a falta de experiência fez com que eu próprio também sentisse alguma falta de corda para fazer isso de uma forma mais esclarecida, digamos.

I: Na tua opinião e na tua breve experiência enquanto educador social a trabalhar, achas que é importante a presença destes profissionais?

E1: O educador social? Eu acho que o educador social é um profissional que tem muita, muita, muita importância na área social, porque é um profissional que primeiro só por si, como nós ouvimos dizer várias vezes durante o curso, temos de tentar fazer várias coisas com poucas coisas, e esse é um pouco o papel que eu faço lá, é tentar com pouco ou nada, tentar fazer com que se possam proporcionar bons momentos, evolução e muitas outras situações que infelizmente aquelas crianças por uma razão ou por outra não têm acesso. Eu trabalho com jovens, se calhar com idosos isso também se poderia

refletir, acho que o educador social não é reconhecido porque a própria profissão ainda é um bocadinho recente porque se dermos um bocadinho de tempo e se o educador social sair bem preparado e se for começando a preparar o seu próprio rumo, eu acho que o educador social, tal como o educador de infância pode ter uma grande importância na área social.

I: Gostavas de trabalhar numa IPSS um dia?

E1: É assim embora eu esteja a desenvolver a função de técnico de intervenção local, quem me paga é uma IPSS portanto isto é um programa estatal mas tem um acordo com uma IPSS, ou seja, ao fim ao cabo eu já trabalho para uma IPSS porque são eles que me pagam, não trabalho com eles mas desenvolvo trabalho com eles. Mas gostava, porque não trabalhar com uma IPSS mais diretamente? Acho que seria um trabalho tão grato como é aquele que eu faço, acho que não é por ser uma IPSS ou por não ser que faz com que as coisas sejam mais, acho que depende do profissional e da ligação que temos à nossa instituição.

I: Relativamente à tua profissão, ao trabalho que desempenhas hoje em dia, foi ao encontro das tuas expetativas? Ficaste dececionado? É um desafio?

E1: O desafio é grande! Depois rotina não existe porque as coisas mudam todos os dias e todos os dias elas são diferentes, nunca há uma rotina. As expetativas acabam por ser muitas das vezes resolver muitas coisas que muitas das vezes nem estamos à espera, lembro-me por exemplo de uma vez que faltava-me meia hora para entrar para uma frequência e recebo um telefonema de um aluno completamente desesperado que estava um bocado atrapalhado com a vida, e isso fez com que as coisas não me corressem tão bem com a frequência…as coisas correram bem, passei, mas lembro-me que as coisas não foi aquilo que eu estava à espera, ou seja, as coisas podem acontecer e num segundo está tudo bem e no segundo a seguir está tudo mal e a expetativa é sempre grande porque tentamos fazer daquelas pessoas cidadãos um bocadinho mais preparados para a vida social, porque infelizmente muitos deles têm já tantas falhas sociais que é um bocado complicado, agora todo o bocadinho e se tiver também rodeado de docentes, que é o meu caso, que também têm vontade com aquilo que fazem, o que felizmente acontece as coisas podem correr bem, não é a minha função mas é a função de todos nós juntos que altera um bocadinho esta realidade.

I: Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional, ao trabalho que desenvolves e à importância que tens para a instituição e às pessoas com quem trabalhas e em relação à perceção dos outros em relação ao teu trabalho? Percebeste a questão? (sorri)

E1: Percebi, a minha perceção em relação ao meu trabalho é sempre uma perceção de ambição, ou seja, à pessoa que coordena o meu trabalho várias vezes por mês, eu faço uma pergunta que é "o que é que eu posso melhorar? No que é que eu errei? Como é que as coisas podem evoluir?" e então a minha perceção eu tento que acabe por ser sempre uma perceção evolutiva e que nunca estanque, por isso também estou sempre a fazer com que eu esteja sempre a aprender e que possa evoluir e que possa melhorar. Em relação aos outros muitas das vezes assusto-me. Assusto-me porque lembro-me de uma reunião em que estive presente em que quando fui apresentado, fui apresentado como técnico de intervenção local, coordenador do projeto daquela escola, e isso fez com que se calhar começasse a perceber que a confiança e a responsabilidade que os outros depositam em mim acaba por ser um bocadinho…comecei a ver que era mais elevada do que aquela que eu pensava que era e isto deixa-me contente obviamente e se calhar é o fruto também da dedicação que eu dou àquilo que faço, porque se calhar também se não me dedicasse tanto também se calhar as pessoas não reconheciam o valor e isto deixa-me contente, por um lado assusta-me mas por outro também só assim é que a gente consegue evoluir.

I: E qual é a tua perceção relativamente à tua entidade empregadora? Ao nível de abertura, achas que é aberta, dá-te liberdade para fazeres o teu trabalho ou achas que coloca muitas barreiras?

E1: Não, é uma entidade empregadora que me permite expor as minhas opiniões, expor os meus pontos de vista e penso que nunca foi uma entidade empregadora que me tentasse prender as mãos, pelo contrário. Agora, as pessoas que me coordenam obviamente têm objetivos e parâmetros pelos quais tenho de me guiar, agora a forma como os implemento, permite-me dar o meu próprio caminho às situações mas fico contente porque por um lado posso dar um bocadinho de mim mas por outro lado também tenho barreiras e tenho objetivos que tenho de seguir.

I: Então a tua atividade profissional tem contribuído para a tua satisfação profissional e pessoal?

E1: Sim sem dúvida! Para ser sincero acho que a única coisa que não corresponde neste momento à minha satisfação acaba por ser a remuneração que obtenho através do trabalho que desenvolvo porque, não é questão de ser muito nem pouco mas muitas das vezes olhamos para o lado e vemos pessoas que não têm formação e que se calhar conseguem ter um ordenado semelhante ao nosso, e depois também o facto de ter de fazer todos os dias cinquenta quilómetros para ir trabalhar, chego ao final do mês o ordenado já não é muito e depois é uma grande fatia que vai para despesas de combustível quando dou por mim às vezes penso que a vontade que eu tenho em ir trabalhar é tão grande, não é que eu esteja a pagar para trabalhar mas é uma das situações que eu acho que se a remuneração fosse um bocadinho mais alta se calhar poderia se um estimulo um bocadinho maior.

I: Porque é que recomendarias esta profissão a alguém? Quais eram os argumentos que utilizavas?

E1: É super motivante, é muito bom poder trabalhar com aquelas crianças e ver que ao final do ano e perceber que as coisas mudaram. Qualquer pessoa que goste de trabalhar na área social fica contente com os objetivos e se realmente gostar daquilo que faz, recomendo esta profissão a toda a gente, só mesmo a situação da remuneração é que eu acho que poderia ser melhor, tudo o resto… e pronto acaba mesmo por ser este prazer que faz com que a remuneração às vezes passe para um bocadinho para segundo plano e que as coisas continuem.

I: O que poderia ser feito na tua opinião para melhorar a profissão? Achas que há alguma falha importante que deva ser melhorada?

E1: Eu acho que esta profissão acaba por precisar um bocadinho é de tempo porque tínhamos mais espaço no mercado de trabalho se começássemos a desenvolver bons projetos e boas metodologias sociais, agora claro que para isso é importante que saiam bons profissionais e que se formem boas pessoas, porque se o trabalho que os profissionais fizerem não for muito bom isso faz também com que a profissão demore mais tempo a chegar onde todos nós desejamos. Agora se remarmos todos para o mesmo lado e se trabalharmos todos em conjunto e se não formos pessoas que manchemos, digamos assim, o nome do curso, acho que tem pernas para andar e as coisas vão correr bem, é uma questão de tempo, este curso tem se calhar quatro, cinco anos, não tem mais por isso também acho que há que deixar as coisas correrem.

I: Já falaste ai na questão da pessoa ter disponibilidade e na questão do tempo. Quais são as principais caraterísticas que o educador deve ter? Ao nível profissional, pessoal ou até social?

E1: Uma das situações que tenho tido alguma dificuldade em gerir, mas que tive de me obrigar a fazê-lo é a situação do tempo e teve de haver dias em que não atendia telefonemas porque achava que não tinha de atender telefonemas, teve de haver dias em que atendia os telefonemas porque achava que tinha de atender telefonemas, ou seja, parece que trabalhamos 24 horas por dia 7 dias por semana e isso por um lado é mau às vezes. Eu acho que nós também precisamos de tempo para nós e também precisamos que haja algum equilíbrio em todos os aspetos e acho que é uma das coisas más da área social, é que quem gosta, gosta de tal maneira que se esquece um bocado dele próprio e acho que a partir do momento em que nos esquecemos de nós próprios também não podemos ser bons para os outros nem trabalhar com ou outros e por isso uma das situações que eu tenho feito e tenho mesmo sido às vezes um bocadinho rígido comigo próprio, é tentar delinear bem os meus horários de trabalho, tudo bem uma urgência, uma emergência, como já me aconteceu como ir à GNR fora de horas ou ir a outros sítios fora de horas como já me aconteceu com as pessoas com quem eu trabalho, mas fui e nunca disse que não mas é o que eu lhes disse já muitas vezes "o meu telefone está ligado 24horas por dia, agradeço que só o usem quando estritamente necessário, quando o assunto pode ficar para o dia a seguir tudo muito bem, se for um assunto que tem de ser atendido às duas ou três da manhã telefonem-me que eu atendo o telefone" mas as coisas têm corrido bem até hoje, se calhar há dias que não atendi o telefone em que por acaso essa pessoa já me tinha telefonado três ou quarto vezes durante o dia e porque realmente percebi que não era algo muito muito importante, mas tirando isso as coisas têm corrido bem e felizmente até hoje nunca senti que o facto de não ter atendido um telefonema, que se calhar foi só um ou dois que isso fizesse a diferença para algo que tenha corrido mal, tem corrido tudo bem felizmente por isso, mas não tem sido fácil gerir essa barreira.

I: Na tua opinião em que medida é que as seguintes caraterísticas são ou não importantes para o educador social e porquê? Criativo?

E1: Sempre! Acho que é muito, muito, muito importante que o educador social seja criativo, muito importante porque temos de tentar sempre proporcionar situações

diferentes…eu vejo por aquilo que faço, se eu não for criativo se calhar o meu trabalho reduzia para 30% daquilo que faço…

I: Então dinamizador também está relacionado?

E1: Sim! Criativo e dinamizador sim, proativo, dinâmico, tudo!

I: Manipulador.

E1: (hesita) Sim mas posso dar um exemplo, por exemplo eu quando entrei na escola apontaram-me logo o dedo a dizer "aquela pessoa que está ali é que vai andar com os animais às costas" e eu a primeira coisa que fiz foi "bom antes de tentar falar com eles vou ter de conseguir controlar o grupo de pessoas com quem eu não trabalho", se pudermos considerar o facto de eu todos os dias chegar à escola e dizer bom dia a toda a toda gente, a todos os professores, todos os funcionários, a todas as pessoas do refeitório, e se calhar hoje perceber que sou a pessoa que fala com todos os elementos daquela escola, sim aí posso dizer que sim, que foi preciso alguma manipulação mas também é o facto de sermos um bocadinho simpáticos e de dar um bocadinho de tempo a toda a gente, quer dizer acaba por ser uma manipulação um bocadinho fácil de ser feita.

I: Portanto uma manipulação mais ao nível das pessoas com que tão a trabalhar do que com as pessoas que trabalhas diretamente?

E1: É assim no trabalho que eu desempenho, por norma as pessoas nunca…pensam sempre que aquele grupo de crianças vai trazer problemas para e claro que temos de manipular em parte as pessoas que os rodeiam não é? Não as pessoas que trabalham com eles porque essas já os conhecem, mas as próprias pessoas que toda a vida ouviram falar que roubou ou que partiu ou que sei lá fez qualquer coisa. Essas pessoas têm de ser, não digo manipuladas mas educadas a perceber que os outros têm tanto valor como eles próprios e que todos devem ter uma segunda e uma terceira oportunidade.

I: Planeador.

E1: Sim sem dúvida! Sempre! Se não planear as minhas atividades semanalmente, quer dizer não estou lá a fazer nada, não é?

I: E autoritário?

E1: Sim acho que sim, acho que devemos ser autoritários em q.b., ou seja, há certas coisas que eu faço com eles que não abdico do meu ponto de vista porque sei que aquele ponto de vista não pode ser abalado, mas há outras que não, que cedo perfeitamente à opinião deles, mas há pontos que acho que não têm discussão, têm de ser impostos, como regras não é? Que eles próprios acabam por criar, mas a partir do momento que eles próprios criam temos de ser nós a ser um bocadinho autoritários para que essas regras sejam cumpridas, mas acabamos por ser autoritários com a permissão deles porque deixamos que sejam eles a elaborar as regras para o jogo e depois a partir daí temos de funcionar quase como um árbitro não é?

I: Estás a falar especificamente do sítio em que estás a trabalhar não é? A escola… mas se fosse num outro sítio, num outro contexto de adultos ou se falássemos da figura do educador social no geral, achas que também teria de ser autoritário?

E1: Não, acho que o educador social nunca deve impor as coisas, deve sempre partilhar e discutir e dar azos a que as coisas sejam sempre dinâmicas não é? Agora puxando isso para o educador social e comparando com aquilo que faço nós acabamos por fazer isso não é? Porque primeiro existe uma partilha e uma elaboração de regras, porque eu não chego lá e não digo "olha isto vai ter de ser assim", não! Nós discutimos todos juntos, elaboramos e dialogamos uns com os outros, quando digo autoritário é depois no cumprimento dessas regras, mas não, eu acho que o educador social não deve ser autoritário. O educador social tem de conseguir receber, transformar para depois devolver e nunca chegar lá e impor nada.

I: Pertences a alguma associação?

E1: Tive também quando era para iniciar essa situação do estágio como voluntariado nas novas oportunidades, estive também ligado à APAV, só que depois por falta de tempo para as minhas funções e para a instituição em si acabei por ter de sair da APAV.

I: Quais são as tuas perspetivas futuras? Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise em que nos encontramos o que achas que vai acontecer à sociedade e qual será o papel do educador social?

E1: Eu acho que quanto pior estiver a sociedade mais importante é o papel do educador social, o problema é que quanto pior está se calhar menos as pessoas acreditam no trabalho que o educador social pode fazer. Agora acho que é muito importante que

hajam educadores sociais para que a sociedade seja um bocadinho mais equilibrada e não tão desigual e, não sei, também já pensei em tantas coisas não é? Também agora estando mesmo a terminar uma segunda licenciatura ainda no outro dia estava a pensar se entrava para o mestrado, inclusivamente cheguei a pensarem despedir-me do projeto para ir seis meses para África, quer dizer há assim tanta coisa que, ser educador social abre-nos tantas portas que às vezes acho que ficar parado é mesmo a pior opção porque podemos ir para tanto lado, para tanto sítio, se calhar como voluntário, se calhar como tantas outras coisas que acho que o futuro do educador social depende mesmo é da sua dinâmica e da sua pro atividade.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a 5 ou 10 anos?

E1: Não sei, eu tenho vários sonhos que ainda gostava de realizar que tem a ver com o ser educador social e trabalhar com pessoas, e que tem a ver com o educador social e crescer, eu próprio crescer! Além de gostar de ir três ou quatro meses para África ou para outro sítio qualquer do mundo para fazer voluntariado, gostava de agarrar em mim com uma mochila às costas e ir pela Europa sem estar preocupado com nada e limitar-me a observar os comportamentos das pessoas e ver como é que as coisas funcionam fora daqui, inclusivamente dormir na rua ou ter pouco dinheiro para viver, isso acho que não é o mais importante. Agora acho que não sei, as oportunidades de trabalho desaparecem e aparecem com uma rapidez que lembro-me que há dois meses atrás estávamos a falar que se calhar o projeto ia acabar e na semana passada já se disse que o projeto não acabava, que ia se calhar era mudar de nome, quer dizer há dois meses estava desempregado e agora estou empregado outra vez, isto é tão rápido! Quem diz que eu amanhã não recebo uma proposta de trabalho e eu saiu daqui e vou para outro lado? Acho que é aquele ponto principal, a partir do momento em que a gente queira acho que o trabalho aparece, nem que seja ser voluntario mas podemos sempre fazer alguma coisa por alguém.

I: Se te fosse dada a opção de escolha, o que é que escolhias para trabalhar? Qual era a tua primeira opção de escolha ao nível profissional?

E1: Epá não sei, eu acho que há duas coisas que eu valorizo muito, que é primeiro gosto de trabalhos emocionais, há aquelas pessoas que fazem trabalhos emocionais e eu acho que o trabalho emocional é super gratificante, já chorei várias vezes por causa do trabalho, não tenho problemas nenhuns com isso, acho que é bom demais…não sei,

deficientes, acho que trabalhar com deficientes é muito bom, acho que trabalhar com jovens é bom, acho que trabalhar com idosos é bom, felizmente como estou ligado ao ténis já tive a oportunidade de trabalhar com crianças, com deficientes, com adultos e se calhar os adultos acabam por ser aquela faixa mais complicada de trabalhar… a criança é mais fácil, o idoso e o deficiente são mais recetivos, o adulto se calhar é um bocado mais desconfiado e torna-se mais difícil, mas acho que com qualquer uma das opções daria bem, dava sempre preferência a trabalhar com deficientes.

I: Há bocado falaste na hipótese de fazeres um mestrado. Se isso fosse para a frente qual era o que fazias?

E1: Gerontologia social, tenho esse mestrado na cabeça já há muito tempo, primeiro porque gosto de trabalhar com idosos e depois muito relativo àquilo que passei com os meus avós e a toda a dedicação que tive ao meu avô durante muitos anos… mas garantidamente gerontologia por essa razão e porque acredito perfeitamente que seja uma área de futuro, a população está a envelhecer, não sei se devido à minha pouca pesquisa, mas acho que não haja muitas pessoas preparadas para trabalhar com idosos e acho que é um meio que ainda tem muito para se explorar e acabo por fazer aqui uma… acabo por juntar várias coisas que é a psicologia, a educação social, com a alegria de trabalhar com idosos, com o permitir que as pessoas idosas tenham aqui um papel mais valorizado socialmente porque acho que infelizmente perdeu-se muito e as novas gerações valorizam pouco os idosos. Eu acredito que seja também pelo pouco contacto que eles acabam por ter com os idosos, mas acho que seria fabuloso poder ver idosos com 70, 80 anos a fazerem trabalho de voluntariado e a sentirem-se úteis para a sociedade.

I: Um dos principais motivos preocupantes, para mim, na profissão do educador é que muitos educadores estão a trabalhar em IPSS, em instituições e fazem um trabalho assistencialista, não existe um projeto, não existe um trabalho de fundo em que se trabalhe realmente as pessoas, em que a vida das pessoas seja alterada… que não se dê mas que se ensine ou que se eduque para que as pessoas sejam capazes de fazer aquilo sozinhas. Na tua opinião queria saber se tinhas alguma ideia nesse sentido, o que é que podia ser feito para mudar? Por exemplo agora falaste nos idosos, falaste que podia ser feito voluntariado pelos idosos e isso se

calhar seria uma hipótese para eles, se eles fossem ativos ajudando outras pessoas…

E1: Sim, sim.

I: Existe mais algum projeto que gostasses de fazer ou que tenhas pensado?

E1: Esta ideia surgiu-me quando eu estava a tirar o curso aqui na ESE e não conclui mas foi uma ideia que guardei e que um dia espero conclui-la que é dar postos de trabalho a quem realmente os precisa, ou seja, faz-me confusão muitas vezes ir a determinados sítios e ver pessoas completamente capacitadas física e psicologicamente a desempenharem funções que se calhar uma pessoa com alguma falta de mobilidade poderia desempenhar e eu lembro-me de cidadãos que infelizmente tiveram acidentes ou que perderam uma perna ou que perderam um braço e que ficaram com as suas capacidades um bocado limitadas, e se calhar atribuir isso a pessoas que realmente precisam porque eu acho que ser assistencialista é uma coisa tão, sei lá tão anti! Porque não? Quer dizer isso é trabalho para os assistentes sociais e eu nunca me vi como assistente social porque, não sei, se calhar vou buscar um exemplo que tenho de uma miúda que tive no ano passado que se calhar foi até hoje uma das coisas que tive mais orgulho que foi tê-la como minha aluna, termos ido a uma feira, ela ter visto um *flyer* do Chapitô e depois ela trouxe o *flyer*, eu limitei-me a angariar mais informação, a falar com ela sobre isso e hoje em dia ela está a tirar um curso no Chapitô e eu tipo, quer dizer, o que é que eu fiz de assistencialista? Nada! O que é que eu fiz de educador social? Se calhar tudo! Mostrei-lhe que o mundo é maior do que ela imaginava, explorei com ela as suas próprias capacidades e acabei por lhe dar asas para que ela se fosse embora, neste momento ela está em Lisboa, há pouco tempo vi o telejornal em que estavam a fazer início do ano do Chapitô e começou com um passeio de barco e fiquei super contente quando a vi na televisão e passado três ou quarto dias telefonei-lhe e falei com ela e isso acho que é isso que nós levamos, porque não… ser assistencialista… Lembro-me de outro miúdo que o levei para Lisboa porque uma vez estava a falar com ele e disse-me que não via a mãe há 8 meses e ele disse-me "a minha mãe mora em Lisboa" e eu disse-lhe "então vou falar com o teu pai, agarro em ti, ponho-te em Lisboa, vou lá passar o fim de semana e trago-te" e fui ao futebol com ele, levei-o ao futebol, quer dizer foram momentos que se calhar ele nunca se vai esquecer e quer dizer, mostrei-lhe um mundo diferente! Não sei, o assistencialismo não, não vejo,

não, tudo aquilo que eu faço com os miúdos depende em parte de subsídios mas são subsídios escolares, qualquer pessoa tem acesso a esses subsídios, não vejo que isso… acho que o educador social pode-se diferenciar e dar uma longa, longa, longa diferença para um assistente social, basta querer! E não se querer refugiar atrás de coisas fáceis e querer ser um bocadinho mais autêntico e autónomo porque é fácil às vezes trabalharmos com papéis só que esses papéis às vezes simbolizam pessoas e as pessoas esquecem-se que esses papéis simbolizam pessoas e se calhar é mais fácil dizer que não a esse subsídio do que trabalhar com essa pessoa diariamente.

I: Bem da minha parte esta tudo, não sei se queres deixar mais algum comentário?

E1: Não, acho que está tudo, foi uma entrevista fixe.

I: Quantos anos é que tens?

E1: 30.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 2

Data de realização: 28 de Março de 2012

Local de realização da entrevista: Sala de aula na ESEC – Campus de Penha

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Com a minha investigação pretendo estudar um pouco da realidade do educador social atualmente, no Algarve, os tipos de instituição em que trabalham e o tipo de trabalho que desenvolvem, as funções que desempenham, as competências que tem ou que deve ter… a realidade, basicamente é o que pode fazer e o que faz. A minha entrevista está dividida em vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso, portanto quais foram as principais razões ao nível pessoal, social, influências?

Entrevistado 2: É para responder? Ora bem porque é que decidi vir para o curso?

I: Foi a primeira opção?

E2: Não foi a primeira opção, foi a segunda opção, a primeira opção foi ciências da educação e da formação, isto porquê? Porque na altura que estava a fazer a candidatura e tinham-me explicado que eu era de cá e tinha de escolher um curso das gambelas e foi uma confusão e também não percebi, mas pronto a minha primeira escolha se pudesse pôr no papel seria intervenção comunitária que pus em segunda opção e que entrei e fiquei muito contente, agora porquê? Epá sei lá, na altura estava em humanidades e nós, falando assim um bocadinho da história eu lembro-me que tivemos um dia uma disciplina em humanidades, eu estava na Penha, já não me recordo bem… em que foi um grupo de educadores e interventores comunitários aqui desta escola fazer, penso eu que seriam as práticas e foram fazer atividades connosco ao longo de um período e gostei muito por acaso daquelas atividades e da maneira como eles estavam a agir connosco, portanto alunos de 12ºano e depois houve um momento em que eles nos explicaram a profissão que tinham ou pelo menos que estavam a estudar e depois aí interessou-me, mas de resto acho que mais nada, sei lá agora não me lembro.

I: Não tens uma inclinação para trabalhar com pessoas? Gostas desse tipo de coisas? Sempre te fascinou ou foi por acaso?

E2: Não, desde pequenina que faço voluntariado, na família também fazem voluntariado, sempre fomos muito próximos a ajudar os outros, por acaso é. Se calhar também teve um bocadinho a ver com a minha formação religiosa, que desde pequenina que, pronto fui à missa, fui à catequese, fui catequista, fiz todos os passos que se faz na igreja católica e se calhar deve ter a ver com isso também, não sei, nunca pensei muito sobre esta minha escolha e este caminho…e também andei nos escutas, também tem a sua vertente solidária e próxima.

I: Neste momento pertences a alguma associação cívica, cultural, recreativa, desportiva ou religiosa?

E2: Para além da instituição onde trabalho que é de cariz social, sou voluntária… nós os trabalhadores somos voluntários, aliás antes de começar a trabalhar, de ser funcionária já era voluntária. Para além disso também colaboro com a associação onde a minha mãe também é membro e também faço voluntariado quando posso que é a associação São Vicente Paulo, que ajuda famílias carenciadas ao nível da alimentação, digamos que formalmente serão estas. Depois outros colegas de outras associações que peçam ajuda para colaborar nalguma atividade ou mesmo individualmente muitas vezes também costumo ajudar outras associações.

I: Achas que o facto de pertenceres a estas associações contribuiu para o desenvolvimento das tuas competências? Ou tem contribuído uma vez que estás ligada desde criança?

E2: Penso que sim, eu acho que tem contribuído. Eu acho que a fase mais importante da minha vida, ligada portanto a esta área social e de voluntariado foi quando andei nos escutas, ou seja, na fase da infância, adolescência, aquela fase em que nós nos estamos a desenvolver e a descobrir, aí sim deu para perceber realmente o que eu gostava mais, ou seja, até ao nível também da escola, portanto matemática estava fora de questão, ciências também, portanto tinha de ser alguma coisa que não estivesse relacionada com números e isso realmente acho que foi moldando se calhar as minhas escolhas e a minha personalidade também, talvez…

I: Ao nível do voluntariado tens estado onde? Além de estares na cruz vermelha tens feito mais voluntariado onde?

E2: Andei nos escutas onde fizemos muito voluntariado, mesmo quando outras instituições que nos pediam lá dentro do agrupamento. Depois já fiz em vários sítios, deixa-me pensar, quando comecei a tirar o curso na universidade iniciei logo voluntariado na APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, também fiz voluntariado e depois pronto acabei também por trabalhar lá, na AAPACDM, Associação Algarvia de pais e amigos de crianças diminuídas mentais aqui em Faro. Mais? Já fiz muitas coisas, trabalho no Centro Comunitário da Horta da Areia, sempre que eles precisam costumo colaborar e antes quando estava no curso também colaborava, assim de instituições são estas.

I: Quais eram as tuas expetativas iniciais quando entraste para o curso e em que medida é que estas se tornaram realidade e não se tornaram realidade?

E2: Expetativas tinham passado todas positivas, aquele grupo de jovens estudantes que tiveram lá quando andava no secundário. Para além disso tinha pesquisado algumas coisas, principalmente as saídas profissionais, o que me pareceu ser bastante vastas e quando pus lá a opção pensei que ia ter muitas saídas e muita escolha e quando entrei eu lembro-me que a primeira disciplina que tive foi com o professor B e logo aí ele passou uma boa imagem do curso sem dúvida, passou-a ao longo do curso todo e ainda continua a passar, o que me foi sempre mantendo uma imagem do curso boa. Hoje em dia, eu acho que o curso é muito bom, os professores também são bons, os alunos é que se calhar já não fazem um curso tao bom atualmente… mas as minhas expectativas do curso foram boas, saí com elas bastante elevadas, a aconselhar o curso a várias pessoas para virem, para fazerem voluntariado, para mim o curso é excelente, foi excelente!

I: Quais foram os principais motivos de satisfação em relação ao curso? O que é que gostaste mais?

E2: A variedade de saídas profissionais e de públicos –alvo com que nós podemos trabalhar, as disciplinas que nós tínhamos também variadas, muito direcionadas, concretas que dava trabalhar com os vários públicos-alvo, nós aprendíamos um bocadinho de todas as disciplinas e isso…

I: E em relação aos motivos de insatisfação?

E2: Motivos de insatisfação?

I: Olhando para o curso e agora… olhando para trás o que te trás o que te deu insatisfação relativamente ao curso?

E2: Se calhar agora as pessoas… devia haver se calhar um bocadinho mais de aproximação do curso às instituições, trabalharem mais em conjunto, eu senti isto quando estive a fazer as práticas, pronto eu estagiei numa instituição pública, numa câmara e as pessoas são um bocadinho conflituosas, nós tivemos alguns problemas no estágio e aí senti que realmente a universidade e algumas instituições podiam estar…não sei se unidas é a palavra certa mas colaborarem mais, ou pelo menos compreenderem-se mais e colaborarem umas com as outras, se calhar por aí, porque eu acho que lá fora, ou seja, quem não conhece o curso, acha que nós trabalhamos, ou seja, nós não temos um trabalho concreto, por exemplo se nós falarmos num psicólogo sabem o que o psicólogo faz, se nós falarmos num enfermeiro sabem o que o enfermeiro faz, mas quando chega à parte do educador fica sempre um bocadinho "Ups! O que é que será que este educador social faz? O que é que tu fazes?", assim como a assistentes sociais, a gente sabe o que uma assistente social faz mas quando chega ao educador social eles ficam assim sempre um bocadinho reticentes "que profissão é essa? O que é que tu fazes?" daí se calhar nós mostrarmos mais… nós na universidade, estudantes ou professores não sei, falarmos mais do curso, mostrarmos mais do curso, o que somos capazes de fazer, o que é que podemos fazer e trabalhar e colaborar, para não haver se calhar tantos conflitos como às vezes existem entre profissionais e colegas que não compreendem a nossa profissão.

I: No questionário que fiz numa fase anterior às entrevistas fiz esta questão dos motivos da insatisfação e os três principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas… na tua opinião concordas com as três ou não? E que é que podia ser feito? Da nossa parte já disseste um bocadinho, mas mesmo da parte da universidade ou da parte das entidades, que poderia ser feito para colmatar estas falhar que existem?

E2: Eu acho que se calhar as entidades públicas abrirem se calhar mais concursos públicos para educadores sociais e promover mais o nosso curso por exemplo quando é a semana aberta ou quando é aquelas épocas festivas na universidade e se calhar a

universidade também divulgar mais o nosso curso dentro dessas instituições públicas/privadas, fazer, não é bem ações de sensibilização mas levar alunos lá e fazer palestras ou qualquer coisa do género porque eu lembro-me quando eu estava no secundário ia lá também, chegámos a ter aqueles momentos em que vinham alunos, convidados e pessoas, tipo feira de profissões digamos assim, e vinham várias pessoas falar sobre as profissões e os cursos e se calhar isso seria um meio para nós educadores sociais ficarmos mais conhecidos e as pessoas saberem, porque por exemplo quando fui catequista, já fui há uns anos atrás e os miúdos já estão grandes, já estão na altura de ir para a universidade e ai à tempo tive duas miúdas que agora já devem ter o quê? Os seus 18 anos, 17, 18 e vêm para a universidade e vieram perguntar o que é que era o meu curso? O que é que eu tinha tirado? Porque eu quando estava a tirar o curso estava ao mesmo tempo a dar-lhes catequese e então falava-lhes muito das coisas que ia fazendo e as miúdas aí há tempo vieram ter comigo e perguntaram o que é que era o curso porque estavam interessadas, porque tinham estado a ver os cursos que existiam na universidade e estavam interessados neste que sabiam que era o meu, e então vieram perguntar o que era? Porque ainda não tinham ouvido falar deste curso, sabiam que eu era educadora social mas não sabiam o que eu fazia e lá no cartaz que viram também não estava bem explicado, dizia as saídas profissionais mas não dizia concretamente o que se fazia, e eu dentro da experiência que tinha e do que já conhecia do curso tentei-lhes explicar e elas deram-me a entender que já estavam mais lúcidas do que é que era o curso e que tinham uma ideia totalmente diferente. Elas pensaram que o nosso curso era sociologia, que éramos sociólogos e eu disse "bom, não é muito diferente mas tem muitas diferenças" e elas "ah então realmente isso é melhor, realmente dá para trabalhar com mais pessoas e nós contactamos mais com as pessoas. Isso é mesmo interessante, é mesmo isso que nós queremos!" Ou seja, miúdas novas que realmente já tinham estado a pesquisar mas não tinham conseguido perceber a pesquisa que fizeram e então lá se lembraram que eu tinha esse curso e vieram tirar as dúvidas comigo. Se calhar por aí nós começarmos a aproximar mais, e quando eu digo nós, é educadores sociais, a universidade, nas escolas secundárias e promover mais o nosso curso.

I: E na própria comunidade… Eu também entrei um bocadinho às cegas sem saber para o que vinha, vi e gostei do nome e vim, por acaso acertei.

E2: Sim, também, eu acho que nós também vimos um bocado pelo nome, chama educação e intervenção comunitária, a comunidade, começamos a juntar assim as

palavras todas e começar a pensar, sim se calhar mas eu acho que a pessoa também tem de procurar e questionar porque a educação social acho que é muito amplo e ainda não está muito reconhecido, acho que devia estar mais e claro, e as próprias entidades públicas deviam…mais as públicas porque são aquelas que têm mais facilidade em abrir concursos e dar mais oportunidades às pessoas, também procurarem outros educadores sociais ou outros técnicos além daqueles que eles já têm lá que são os assistentes sociais, psicólogos, um ou outro sociólogo.

I: Essa é então a principal falha que apontas?

E2: Sim porque depois lá vão buscar educadores sociais em voluntariado, porque normalmente há muitos educadores sociais em voluntariado e é isso que querem mas não, eu acho que nós somos muito melhores que os outros, eu acho que sim, principalmente quando se fala em trabalho com a população, com as pessoas, eu acho que sim.

I: Durante a licenciatura participaste em atividades extracurriculares? Aqui na universidade?

E2: Acho que não, ou seja, desporto, teatro, não.

I: Ou mesmo seminários ou formações…

E2: Ah sim… Isso sim! Pensei que tivesses a falar das ofertas que a universidade tem, não, futebol e essas coisas assim não! Mas seminários e *workshops* sim, sempre que os professores pediam colaboração para alguma coisa, dava-me como voluntária e sempre que havia seminários que interessassem do nosso curso ou de outros cursos normalmente participava sempre, sempre que podia e me interessava ia.

I: Achas que etas atividades contribuíram para a tua inserção no mercado de trabalho?

E2: Eu acho que nunca é tempo gasto, pelo menos é sempre qualquer coisa que fico a conhecer ou alguém que fico a conhecer. Algumas formações e *workshops* que fui digamos que sim, fiquei a conhecer um bocadinho mais e ajudaram-me, se calhar até mais como um trunfo ou mais qualquer coisa digamos no currículo, porque sempre fica lá registado, para depois poder também oferecer à instituição onde por acaso agora estou não é? Comecei logo a trabalhar mal acabei o curso… acho que contribuiu mas para

além das ofertas que a universidade tinha também fiz muitas formações fora, umas pagas outras gratuitas mas fiz muitas formações fora, muitos *workshops*, bastante ao longo do curso, vários, vários, vários.

I: Sim, ia-te perguntar, além do curso sentias necessidade de mais formações? Na área da educação social ou de outras áreas? Ao nível de cadeiras, formações, outra licenciatura? Um mestrado…sentes necessidade disso para fazer o teu trabalho?

E2: Eu acho que sentia realmente quando aparecia, quando aparecia alguma divulgação de alguma formação ou algum *workshop* eu pensava "isto realmente vai-me complementar e ajudar ao que estamos a fazer", nesse momento sim, antes disso eu acho que não, acho que as aulas estavam, pelo menos os professores acho que passavam bem a informação ou pelo menos o suficiente, porque nós temos as bases e depois desenvolvíamos durante os trabalhos. Normalmente no meu grupo de trabalho nós tentávamos sempre fazer trabalhos muito práticos e não só bibliografia e pesquisa em livros e acho que sim os *workshops* e as formações que fiz complementaram-me também durante o curso.

I: E agora durante o tempo em que estás a trabalhar não sentiste necessidade de nenhuma coisa que não tivesses?

E2: Não, também eu continuo a ir a formações e *workshops* sempre que posso, sempre! Epá porque gosto e acho que me mantém atualizada também das coisas que vão acontecendo, porque isto está sempre a mudar, mesmo na nossa área isto está sempre a mudar, há sempre alguma coisa nova, há uma lei que saiu e nós temos de dar um jeito na coisa e então normalmente tento sempre estar atualizada com essas formações para ir sempre complementando, digamos que sim.

I: Na tua opinião o que podia ser feito para melhorar o funcionamento geral do curso? Achas que há alguma coisa que devesse ser alterada?

E2: Funcionamento geral do curso…isso inclui professores não é? isso foi uma coisa que eu também reparei durante o curso, mas isso também existe em todo o lado não é? Se calhar algumas relações conflituosas junto dos professores que muitas vezes eram-nos passadas na turma e que muitas vezes nos deixava um bocadinho "Ups"…às vezes nós tínhamos de jogar um bocadinho com um professor e outro professor para não entrarmos em choque também com os próprios professores não é? Eu acho que isso

cada vez se está a revelar mais, mesmo agora já estando um bocadinho afastada, às vezes oiço falar muitas coisas "aí o professor X e a professora X e não sei quê", eu acho que mesmo quando há estes escapes de informação que eles se dão menos bem, se houver alguma pessoa assim que queira interpretar mal ou que queira interpretar mal ou que queira aproveitar isso é capaz de deixar uma imagem muito má do curso. Depois outra coisa que podia ser melhorada, que digamos também um bocadinho pela experiência que tive e que hoje também oiço os estudantes também dizer é o acompanhamento principalmente nas práticas no 3ºano. Nós temos as práticas no 3ºano, é o ano inteiro e devia haver mais acompanhamento principalmente do orientador ou da orientadora, para acompanharem todo o trabalho que os alunos fazem porque ao mesmo tempo que o professor está a acompanhar acaba também por divulgar o curso por não deixar que façam alguma asneira ou se fizermos estar lá para tentar ajudar "na próxima tens de fazer assim e assim para melhorar" eu acho que sim, nós no nosso caso, nós tivemos um pequeno problema no nosso estágio, tivemos a ajuda do nosso orientador mas foi muito puxado, muito lá ao fundo, porque antes ele já me tinha dito que trabalhar em câmaras era muito complicado e não sei quê, mas quisemos arriscar e arriscámos e as coisas não correram mal não foi por nós, foi realmente por causa duma pessoa e ele lá nos ajudou mas depois mandou-nos a tacadinha "ah eu avisei" mas eu acho que nós também precisamos desses erros, mas tirando isso eu acho que ele devia também ter estado mais presente se calhar as coisas não tinham acabado como acabaram.

I: Achas que os estágios curriculares são bem estruturados e adequados para a preparação no mercado de trabalho? E que existe apoio ou o trabalho podia ser melhor aproveitado?

E2: Eu acho que isso também depende muito do grupo de trabalho e dos alunos, primeiro. Depois eu acho que a estrutura está boa porque no primeiro semestre nós temos o diagnóstico, estamos a conhecer o terreno e no segundo semestre já é prático, ou seja, podemos mostrar algo mais prático e eu acho que depois isso vai tudo depender dos alunos e da relação que eles tiverem com o orientador e com os outros professores e do conhecimento que eles já têm por trás, ou seja, complementar com as tais formações ou os tais *workshops* ou voluntariado que eles já tenham ou a participação ao nível do associativismo, eu acho que isso tudo ajuda. A estrutura da disciplina eu acho que está bem feita, pelo menos eu não senti necessidade nesse aspeto, foi mais situações pessoais.

I: E é adequado ao mercado de trabalho?

E2: Não sei se será esse o termo adequado, mas que já nos permite ver como é que funciona um bocadinho o mercado de trabalho, pelo menos as instituições e as pessoas que lá estão, sim isso ajuda! Se nós também, nós estudantes, formos inteligentes para perceber isso, mas eu acho que sim, acho que dá para ver o que é trabalhar numa instituição, relacionar-nos com as pessoas, com o público, organizar atividades, ter responsabilidades, eu acho que sim, mas é muito pouco, realmente é, é muito pouquinho. Se calhar se durante o curso nós fizéssemos mais algo, talvez alguma disciplina mais prática para ir trabalhar já mais no terreno, mas isto depois também depende dos grupos não é? Eu sempre quis fazer trabalhos muito práticos, o que me ajudou depois também quando terminei o curso.

I: Pois ia perguntar também o que achas que devia ser melhorado nas atividades que o curso organiza.

E2: O que é que o curso organiza?

I: Seminários, *workshops*, muito do trabalho está relacionado com as práticas porque há muitos grupos que organizam as próprias atividades para o curso…

E2: Eu acho que deviam ser mais divulgadas porque eu sei que atualmente há muitos grupos de práticas e eu acho que eles devia divulgar mais e participarem mais uns nos outros e às vezes também há atividades, no meu ano eu reparei que havia atividades de grupos que estavam praticamente vazias, ninguém participava, os colegas não participavam e muitas vezes nem professores, nem outros alunos, nada. Porquê? Porque também não havia divulgação, porque se calhar o tema também não era apelativo e as pessoas se desinteressavam e acho que se calhar temos de ir ao encontro dos gostos e das necessidades do público-alvo a quem se destina a atividade. Aqui na universidade acho que o pessoal não participa muito nas atividades, pelo menos na última experiência que tive que foi no *E-Motion* o ano passado e que eu por acaso participei a nível de trabalho, trouxemos cá uns miúdos para fazer teatro e depois vim também individual e não tínhamos muita gente a assistir, que achei bastante, achei estranho porque não foi um evento que foi propriamente organizado por alunos de práticas, mas que foi pelo Núcleo Paulo Freire, a divulgação na minha opinião foi boa mas não houve a participação das pessoas, não sei porque mas eu acho que eles até tinham uma grande

variedade de atividades, o que eu acho que numa atividade podia haver mais pessoas mas não, em todas as atividades foi de baixa adesão.

I: Será falta de interesse por parte dos estudantes?

E2: Se calhar. Falta de interesse, falta de tempo.

I: Será que estão a tirar o curso por tirar e não têm realmente interesse?

E2: Talvez, talvez porque há cada vez mais pessoas que não se interessam e estão aqui mesmo só para fazer um curso, eu pelo menos reparei nisso quando vim dar aquela disciplina de metodologias metade da turma não, epá era mesmo estar cá por tar e pronto, foi uma desgraça.

I: Relativamente à qualidade dos docentes, achas que têm qualidade? Podia ser melhor?

E2: Eu acho que nós temos bons professores, pelo menos na minha altura, nos meus anos os professores foram muito bons. Atualmente sei que já mudaram muitos mas eu acho que digamos os professores base, pelo menos esses que estão há mais anos eu acho que são muito bons, acho que são impecáveis, acho que são, o professor B, o professor A, o E.

I: E quando esses foram embora como é que vai ser?

E2: Quando esses forem embora não sei (sorri) espero bem que venham equivalentes ou parecidos.

I: Melhores?

E2: Epá melhores não sei, mas talvez andem por ai alguns melhores, mas acho que sim, acho que são bons os professores, porque também já andam há muitos anos nisto e a carreira académica deles e profissional, acho que sim, acho que ajudou, pelo menos a mim ajudou-me a viver o curso mesmo como eles o viveram e como eles o passaram. Eu lembro-me do professor A nas primeiras aulas do primeiro ano a dizer "façam voluntariado! Isto ajuda e vocês vão-se sentir assim e assado…" e realmente aquelas palavras foi interessante e comecei a fazer voluntariado e a participar em tudo o que acontecia relacionado com o nosso curso e com outros cursos e coisas que me interessavam.

I: E achas que pode ser isso que está a falhar agora? Os professores já não incentivarem assim como incentivavam dantes?

E2: Se calhar, não sei o que é que eles estão a passar agora mas, não sei se é igual se é diferente, mas também acho que é dos alunos, desde há um tempo para cá que eles vêm muito mal preparados do secundário e acho que eles vêm muito só com aquela do "oh vou tirar um curso para ter uma licenciatura" e depois chegam aqui e desinteressam-se ou pelo menos há muitos que se desinteressam, pelo menos eu vivi isso e eles não, olha vou contar um episódio que eu achei grave, bastante grave! Passado logo na primeira ou segunda aula que eu estava a dar e eu estava a dizer qualquer coisa e disse a palavra coesão de grupo epá e ume aluna disse "O que é isso??" e eu "o que é isso? Não sabes o que é coesão de grupo?" e fiquei mesmo, isto está aqui alguma coisa a bater mal! Uma aluna está aqui no segundo ano do curso, que supostamente veio de humanidades que não sabe o que é coesão de grupo? Ou ela não sei, eu fiquei assim um bocado parva a olhar para ela e depois também ninguém a ajudou, ninguém respondeu! Achei um bocadinho grave, não sei se ela estava a gozar comigo se não, não sei mas não me pareceu, quando me perguntou o que era coesão de grupo eu fiquei um bocadinho assustada, e depois claro que os trabalhos foram graves, faltavam muito, não lhes apetecia fazer nada e depois embirravam "ai não sei o que é! não sei o que é metodologias e não quero saber! Ai chumbei o ano passado e também não posso tar a fazer esta!" não se interessavam, não havia muito interesse.

I: Relativamente à qualidade da formação o que é que podia ser alterado ou melhorado?

E2: Ao nível das nossas disciplinas? O que podia ser alterado? Bem sei que as disciplinas agora também já mudaram mas se calhar adequar mais as disciplinas à sociedade e aos problemas que vão surgindo porque eu acho que nós estamos a precisar de mais disciplinas relacionadas com a área social e a intervenção social, seja com carências, ou pelo menos disciplinas que favoreçam mais a proximidade a solidariedade com as pessoas, portanto dos técnicos com os públicos, que eu acho que falava um bocadinho isso se calhar, tanto no curso somo nos alunos, mas isso também varia com a personalidade das pessoas, não é? Mas se calhar sim, uma disciplina mais relacionada com a violência, com as comunidades…apesar de nós também irmos falando um

bocadinho nisso não é? Em psicologia social nós falamos nisso mas se calhar um bocadinho mais concreta.

I: Então ao nível do plano de estudos achas que devia ser feita uma alteração para aproximar mais as pessoas da realidade.

E2: Se calhar, agora também não sei o plano de estudos atualmente, eu sei que sofreu algumas alterações, por exemplo nós nunca chegámos a ter saúde comunitária mas sei que em educação social já há, também não sei o que deram aí mas se calhar podia ser uma disciplina interessante, não sei o que falaram. Nós tivemos uma que era educação ambiental que foi uma disciplina que para mim foi fraca, foi desadequada, nós não aprendemos nada, se calhar uma ou outra disciplina substituirmos ou perguntar mesmo aos alunos o que eles acham… se calhar uma disciplina assim mais aproximada do…

I: Dos problemas sociais…

E2: Epá se calhar, é assim também estou a dizer isto porque é o que eu trabalho no dia-a-dia não é? E noto que há uma grande carência de técnicos especializados e bons a lidar com públicos carenciados, com o público que tem problemas relacionados com pobreza, violência, sem abrigos, todas essas problemáticas.

I: Ainda existem muitos preconceitos?

E2: Sim, sim! A começar pelos técnicos, essa também é uma boa questão, agora há muitos educadores socias que eu conheço que realmente são muito preconceituosos, fazem muitos estereótipos da sociedade, das pessoas e que depois revela-se num mau trabalho, como eu já tenho encontrado muitos que só fazem pronto, coisas menos boas e lá estou eu a tentar remediar e a tentar defender "Não! Nós educadores sociais não fazemos isso, isso depende da pessoa", às vezes isso acontece, por isso acho que sim, disciplinas que preparem mais o aluno e a pessoa para lidar com as pessoas, a sociedade, acho que sim.

I: Qual tem sido o teu percurso profissional? Trabalhaste sempre nesse sítio?

E2: Não. Olha eu nunca enviei um currículo, nunca fui a uma entrevista de trabalho e nunca me candidatei a nada, não sei se é sorte não sei o que é, mas quando sai do curso em 2008, em Julho? Eu comecei logo a trabalhar na APACDM, depois trabalhei no verão, depois…

I: Espera um pouco…no primeiro sítio onde trabalhaste o que é que fazias? Quais eram as tuas funções?

E2: Foi substituir uma pessoa que estava de baixa, o que é que eu fazia lá? Eu trabalhava com os jovens diminuídos mentais num local que é um centro de ocupação tempos livres e fazia de tudo um pouco desde apoiar nas competências diárias, do lavar as mãos, as questões da higiene, do comer, pequenos trabalhos manuais… cada dia estava estipulado para fazer uma atividade plástica, passeios, seja andar na rua, passar nas passadeiras, ou seja, mesmo uma atividade de educador social para aquelas crianças, para aqueles jovens. Era mais ajudar nas competências pessoais e domésticas do dia-a-dia, depois para terem a tal autonomia em casa, porque na escola nós preparávamos e eles em casa pronto, tentavam reproduzir o que aprendiam…isso foi na APACDM.

I: Isso foi quanto tempo? Qual a duração que tiveste nesse sítio?

E2: 3 meses sim, Julho, Agosto, Setembro, sim acho que foi 3 meses, ainda apanhei Julho, tudo junto acho que foram os 3meses. Estava a fazer a baixa de uma senhora e porque eles também já me conheciam, eles chamaram-me porque já me conheciam porque eu nas férias escolares dos outros anos eu já tinha sido voluntária através de um programa do IPJ que recrutava voluntários e então eu já era voluntária, já conhecia os técnicos, já conhecia as crianças e depois chamaram-me, portanto lembraram-se logo de mim e claro que eu fiquei super contente e tive aí no verão. Depois tive num ATL e ajudava os miúdos a fazer os trabalhos de casa, também trabalhava as competências pessoais e diárias, porque nós tínhamos miúdos de vária idades e pronto fazíamos várias atividades também assim de competências pessoais, trabalhos de casa, apoio escolar, íamos também a atividades exteriores, piscinas, passeios…depois?

I: E aí foi quanto tempo?

E2: Aí foi 3meses também. É que foi tudo atrás uns dos outros, por acaso foi tudo seguido, eu ainda não tinha acabado um já estava a ser chamada para os outros…esse aí foi até Novembro, isto em 2008. Epá depois fiquei doente, tive aí uma doença muita maluca e tive de ficar em casa, mas já tinha sido chamada e eles meteram-me à espera para ir fazer um voluntariado remunerado, uma pequena motivação na segurança social, era uma parceria entre a segurança social e o IPJ e sempre que havia atividades eles chamavam-me e então a segurança social tinha pedido jovens ao IPJ para irem divulgar

um novo apoio social que tinha surgido que era complemento solidário para idosos, para irem para os centros de saúde e hospitais apoiar idosos e explicar aos idosos aquele apoio social e então eu tive doente no mês de Dezembro, e em Janeiro e Fevereiro fui colaborar com a segurança social e com o IPJ e fui para o centro de saúde de Loulé portanto informar, portanto todas as pessoas que iam às consultas eu abordava-as e explicava-lhes o que o apoio social era, preenchia logo a folha do formulário, dava todas as informações para eles poderem pronto ter esse apoio social. Depois tive de terminar esse porque fui convidada para ir para um projeto novamente para a APACDM, um projeto já como técnica licenciada, pronto bem remunerado, era um projeto que pertencia ao ministério da educação e tive lá o resto do ano letivo, ou seja, de meio de Fevereiro até Setembro…num projeto em que era técnica de acompanhamento de crianças também diminuídas mentais ou com dificuldades de aprendizagem em escolas preparatórias, e ia há Afonso III e também a Joaquim Magalhães onde tinha alunos que estavam a ser acompanhados por mim e que é que fazíamos aí? Era a parte da educação social com eles, também competências mas sociais no exteriores, tudo fora, por exemplo ensiná-los a mexer em dinheiro, ir às compras, ver as horas, conhecer todas as profissões que existem, como é que funciona a sociedade? Pronto andávamos na cidade e andava sempre com eles a fazer isso, e também porque pronto eles não eram alunos com grandes capacidades e o objetivos era também tentar prepará-los para depois inserir num curso profissional quando eles terminassem o grau académico, não sei se era o 6º se era o 9º, mas pronto quando eles chegassem àquela idade em que já não podiam continuar a estudar seriam encaminhados para um curso profissional, e então era isso que eu fazia praticamente. E depois também dava apoio a outras, epá o que houvesse.

I: E depois saíste desse projeto?

E2: E depois estava nesse projeto e eu já sabia que ia terminar.

I: Teve uma duração de?

E2: Epá foi de fevereiro a Setembro…6 meses, eu já sabia que ia terminar e entretanto eu já era voluntária da cruz vermelha e então na cruz vermelha surgiu a candidatura a um projeto, eles estavam a precisar de técnicos e então chamaram-me, e então saí da APACDM e fui logo para a cruz vermelha e estou lá até agora, que por acaso daqui a 15 dias vai terminar o projeto e acho que vai ser a primeira vez que vou ficar desempregada

(sorri) não sei se dentro de 15 dias pode ser que aconteça para aí alguma mudança, alguma coisa mas…

I: Nestes quase quatro anos é a primeira vez que vais ficar desempregada?

E2: Acho que sim, não sei mas isto também as coisas comigo têm corrido sempre muito, epá não digo rápido mas há sempre qualquer coisa seguida, tás a ver?

I: Na tua opinião o curso e a formação que recebeste está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E2: Por mim sim, corresponde a tudo, ainda hoje vejo às vezes por mim e estou a ir aos livros e aos cadernos a ver coisas que sei que dei na aula porque ajuda, principalmente ao nível de metodologias, vou muitas vezes consultar e ler. Claro que também estou a tirar o mestrado não é? Mas eu acho que o curso correspondeu muito a todas as atividades que já fiz profissionais e continuo a fazer, pelo menos para mim correspondeu.

I: Estás a tirar o mestrado de educação social?

E2: Sim. Agora a tese falta-me um mês para entregar.

I: Na tua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas várias instituições?

E2: Epá claro que é, claro que é mas sinto mais uma vez que as instituições não conhecem muito bem o que é o nosso curso e acho que às vezes eles também nem querem saber, desde que nós façamos as funções que eles nos delegam esquecem o resto, agora claro que não posso fazer o papel de um psicólogo ou dar consultas de psicologia mas transformando a coisa faço o apoio psicossocial e pronto é uma mistura do apoio emocional com outras coisas (sorri) eu acho que é importante e é importante porque há muitas coisas que os psicólogos não tão preparados para fazer e nós estamos preparados para fazer, há muitas coisas que a assistente social não consegue fazer ou não sabe fazer e nós temos algo complementar, mas as instituições também deviam colaborar mais ou tentar saber o que nós fazemos, o que nós estamos preparados para fazer, mas é importante, eu já tenho desenrascado muitas vezes certos colegas que não sabem o que fazer ou que não sabem fazer certas coisas e que não sabem lidar com a população e normalmente lá vou eu.

I: Tapar o buraco…

E2: Pois é verdade.

I: Gostavas de trabalhar numa IPSS?

E2: Eu já trabalhei, a APACDM era uma IPSS.

I: E achas que é importante trabalhar nas IPSS ao nível político e ao nível social?

E2: Eu acho que é importante trabalhar em todos os sítios, eu reparei que… a cruz vermelha é uma ONG mas isto é parecido também com uma IPSS, há muito aquela coisa do nome, é trabalhar para o nome, para o nome, não para as pessoas! Quase assim, é só trabalhar para o nome, para o nome! Os técnicos que estão lá dentro, claro que ajudam, a trabalhar para o nome e a trabalhar para as pessoas mas eu acho que uma IPSS tenta sempre lutar pelo nome da instituição e para se manter e acho que às vezes esquecem o seu objetivo, a sua missão, o compromisso e a sua responsabilidade, pelo menos foi o que eu senti.

I: Na tua opinião qual é a importância dos educadores sociais nos agrupamentos de escolas?

E2: Olha na experiência que já tive, eu estava a trabalhar no projeto, na APACDM e ia às escolas, e era quase como se oferecessem serviços, aliás acabava por ser porque aquilo era do ministério da educação e então a associação dava esse serviço à escola porque a escola não tinha esses técnicos para fazer esse trabalho e para trabalhar com esse tipo de crianças e eu acho que é extremamente importante o nosso trabalho de educador social nas escolas com essas crianças porque há muitas crianças já com esses problemas nas escolas. Aliás todas as escolas já têm crianças com dificuldades de aprendizagem ou crianças com trissomia 21, eu tinha um miúdo com trissomia 21 e era bastante complicado trabalhar com ele e tive algumas dificuldades porque lá está durante o curso nunca tivemos uma disciplina concreta para trabalhar com esse tipo de crianças, tive de ir aprendendo pronto por fora, em *workshops* e por aí. Eu acho que a nossa profissão educador social nas escolas é extremamente importante mesmo que não seja a trabalhar com esse tipo de crianças mas a ajudar os jovens, como se diz jovens em risco, que cada vez há mais porque os miúdos trazem muitos problemas para a escola, a questão do *bullying*, a questão da obesidade.

I: Mesmo os problemas familiares…

E2: É, problemas familiares, problemas de saúde. Eu acho que o educador social acaba por ter uma função e um papel muito importante na escola, para além do professor que simplesmente só está ali para dar a matéria e esquecesse um bocadinho os problemas dos alunos. Eu achei essa necessidade e os miúdos e tive muita pena, e os pais dos miúdos que eu acompanhava também tiveram muita pena de nós termos terminado porque quando o projeto terminou foi quando os miúdos já estavam num ritmo e já conseguiam fazer algumas coisas em casa e depois quebrou, pronto quebrou tudo provavelmente perderam-se, perdeu-se tudo o que nós andámos ali naqueles meses a fazer, o que depois é mau, andar sempre a mudar de técnicos.

I: A profissão de educador social foi ao encontro das tuas expetativas?

E2: Foi, sem dúvida, realmente foi. Eu acho que o curso ajudou a transformar a pessoa que estava dentro de mim e que ainda não estava cá para fora (sorri) sim ajudou muito.

I: Estás a trabalhar agora na cruz vermelha, quais são as funções que desempenhas e que tipo de atividades é que desenvolves?

E2: A cruz vermelha, eu estou lá desde 2008, Novembro de 2008, fui chamada para ser técnica da linha de emergência social, que é um serviço pronto emergência social tem o número 144, é tipo o 112 digamos assim, existe ao nível nacional e em todos os distritos há uma equipa. É a cruz vermelha que tem este serviço, mas nós somos financiados pela segurança social. Aí a minha função é…espera que tenho de explicar o resto, nós trabalhamos principalmente à noite e fins de semana, que é quando os serviços, ou seja segurança social, câmaras, estão fechadas e a partir das cinco horas até às nove da manhã, nós temos uma equipa que está sempre de prevenção, quando ligas para o 144 vai para a central e a central passa a chamada para a equipa distrital que é quem está de prevenção, que normalmente é sempre durante a noite e fim de semana. Nós somos chamados para todo o tipo de situação social, para sem abrigos, para violência doméstica, crianças em risco, idosos, famílias desalojadas, todo o tipo de problemáticas, todo o tipo de problemas, tudo o que possas imaginar, nós vamos lá buscar, eu costumo dizer que é tipo 112 mas para a área social. A minha função aí é o apoio emocional às pessoas, pronto quando chegamos ao local, encaminhá-las, garantir alimentação, vestuário, abrigo e depois dependente da situação dar-lhes um encaminhamento e uma

resposta imediata, a pessoa nunca fica sem resposta, nós temos de dar uma resposta. A duração da nossa intervenção é no máximo 3 dias, 72horas, durante 72horas a pessoa tem de ficar garantida nas suas necessidades, no problema que nos apresentou, sendo que depois é sempre encaminhada para a segurança social, sendo a entidade pública e responsável para resolver todas as questões sociais, o que muitas vezes, a maioria das vezes, falha! Depois tirando isso, essa função que tenho dentro da cruz vermelha, desempenho funções de educadora social, assim é que é, num projeto de intervenção em bairros sociais, que é do programa do contrato local do desenvolvimento social, que também existe ao nível nacional, é um programa do Estado que dá financiamento às situações para trabalharem, que no nosso caso aqui em Faro foi com territórios considerados problemáticos. Trabalho aqui no bairro Avenida Cidade Hayward, Horta da Areia, Atalaia e a lha da Culatra. Eu em todos os bairros desenvolvo atividades, sou a técnica que tem mais ações, tenho 5 ações, cada ação está direcionada para uma resposta, um público-alvo, uma resposta e em todas essas eu tenho de desenvolver atividades, por exemplo eu trabalho com idosos, com jovens, com tudo o que aparece… tento resolver aquelas questões mais burocráticas que eles não conseguem, nem procurar ajuda, nem ninguém lhes consegue responder a questões mais do tipo de consultadoria ao cidadão, para os ajudar digamos a exercer a sua cidadania, porque eles não conhecem os seus direitos nem deveres nem nada disso. E depois também lido com todo o tipo de situação de problemas familiares, conflitos entre vizinhos, lido com os problemas de solidão de muitos idosos, portanto tento fazer atividades que os mantenham ocupados. Na ilha da Culatra o meu papel foi criar uma associação de jovens, mas pronto os jovens já estavam lá formados, eles queriam desenvolver a associação e o meu papel foi mais ao nível de, também de consultadoria, as partes burocráticas, o registo da associação, a assembleia geral, dar-lhes bases de associativismo juvenil, prontos foi isso, depois as outras atividades mais práticas, o que eles queriam fazer dentro da associação, isso já eles fazem sozinhos são autónomos. Depois na cidade Hayward na Horta da Areia com os jovens temos grupos de teatro do oprimido, trabalho com a Laura e para além do teatro nós fazemos e damos bastante apoio aos jovens, pronto alguma coisa que eles precisem, roupa, apoio emocional para alguma coisa, algum problema, conflitos entre eles, tentamos apoiar e ajudar e tentamos também fazer atividades, tentamos e fazemos vá, atividades exteriores, coisas que eles não conseguem através dos pais ou através da escola, ou mesmo ali através do bairro.

Mais? Sei lá, são mil e uma coisas, ajudamos pessoas a escrever cartas, encaminho-as para o tribunal, para a câmara para tratarem assuntos, para muitas, muitas coisas (sorri).

I: Relativamente ao teu contexto de trabalho podes definir a missão e os objetivos? Já falaste um bocadinho dos projetos que existem, por isso a missão e a equipa de trabalho? Podes falar um bocadinho do teu contexto de trabalho?

E2: Com quem eu trabalho?

I: Sim, em relação ao teu contexto de trabalho.

E2: Digamos que eu desempenho dois trabalhos lá dentro da cruz vermelha, a equipa da linha de emergência é fantástica, gosto muito, acho que temos uma boa coesão de grupo, técnicas, ajudamo-nos também umas às outras, aliás, nós também só somos quatro e cada semana fica uma, mas somos todas mulheres, os motoristas é que são homens porque nós funcionamos em equipas de dois. Sinto que há uma grande união de grupo, de responsabilidade, apesar de um caso é meu mas por exemplo quando preciso de ajuda todas as colegas estão dispostas a ajudar e acho que sim, temos uma grande equipa, somos… eu sou educadora social, depois temos uma psicóloga, uma assistente social e acho que a coisa está equilibrada. No outro projeto digamos que as relações já não são as melhores, isto porquê? Porque começámos a…pronto eu já estava dentro da casa, já conhecia as pessoas, houve vários colegas que vieram novos, mas digamos que entraram através de cunha, sem currículo, sem qualquer conhecimento técnico das funções que iam exercer, portanto eu fui convidada porquê? Porque já tinha, para já eles já me conheciam e também já tinha trabalhado com públicos problemáticos e já tinha experiência de terreno, porque era preciso para o trabalho que íamos desenvolver no projeto não é? Os outros técnicos… nós somos quatro, quatro a contrato, por exemplo a técnica do teatro é a recibos verdes…nós somos quatro e três colegas vieram de áreas completamente distintas, não sabiam o que era trabalhar com pessoas problemáticas, não sabiam o que era relacionar-se com os problemas das pessoas e isso para mim chocou-me um bocadinho e hoje ainda choca em termos das relações, apesar de tentamos contornar como é obvio, o trabalho tem de ser feito, mas sinto que eles foram para ali e não foram as pessoas mais certas para desempenhar as funções do qual estavam estipuladas para o projeto. Tivemos mitos conflitos porque eu defendia uma maneira de intervenção com as pessoas, ou seja, a maneira mais certa, de acordo com o que aprendi no curso e de acordo com o que nós temos de atuar com as pessoas porque

são pessoas bastante vulneráveis, não têm conhecimento, digamos frágeis, fracas, não têm paciência para nada, nós é que temos de ter a paciência para os poder ajudar e os meus colegas não têm essa paciência, não têm esse conhecimento, bom tem sido bastante complicado ao longo destes anos, admito que sim e eles sabem que sim e na minha opinião acho que acabou por estragar um bocadinho as coisas. Se eles fossem mais empenhados ou se quisessem tentar, ou se quisessem conhecer mais o terreno e ir mais para o terreno e conhecer as pessoas, acho que o trabalho tinha..

I:Tinha mais sucesso?

E2: Tinha, eu acho que sim, pronto acho que também depende das pessoas mas pronto eles também foram convidados por cunhas, pelo amigo do amigo que estava desempregado e foi, e não foi pronto pelo trabalho que supostamente tinham de desenvolver e por alguma competência, eu senti isso, digamos que sim, e foi da equipa mais complicada que já trabalhei até hoje. Nas outras instituições e em todos os trabalhos que tive trabalhei sempre com muitas pessoas, sempre, sempre, sempre! E nunca tive qualquer prolema, eram sempre equipas excelente, esta deixa um bocadinho a desejar e muitos conflitos! Muitos, muitos, muitos, nunca admitiam que tinha de ser assim, de trabalhar mesmo com as pessoas, nunca quiseram trabalhar, ainda hoje há problema com isso.

I: São de que áreas já agora?

E2: Temos o coordenador que é o psicólogo…clínico. Depois temos uma de ciências da educação e da formação, que nunca tinha trabalhado com este público, aliás nunca tinha trabalhado sequer uma técnica de gestão de empresas, que também nunca tinha lidado com públicos problemáticos, eu era a única que digamos, estava mais encaixada no que ia fazer, daí à partida ter colocado logo cinco ações, ou seja, cinco responsabilidades. As outras só têm uma, o coordenador não desempenha nada, não faz nada! Não faz nada de prático, de atividades práticas com a população, pronto é mais assim.

I:Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional, ao nível da tua importância que tens na instituição e dos efeitos que provocas tanto nos colegas como nas pessoas com quem trabalhas…com os miúdos, os idosos…

E2: Eu admito e eu faço exatamente o que nós aprendemos aqui e tudo o que fui aprendendo aí fora e epá tento sempre fazer mais, o mais correto e o melhor com o

público com que estou a trabalhar, muitas vezes acabam por me prejudicar, é verdade, mas tento sempre fazer o máximo. O que também me difere dos outros colegas é que eu sou bastante próxima das pessoas, ou seja, do nosso público-alvo, porque é assim, se eles não existissem nós não tínhamos trabalho e se nós não desenvolvermos bem as nossas atividades e o nosso desempenho, somos nós que ficamos mal e é a instituição que fica mal e eu normalmente tento sempre defender ao mesmo tempo o público, o terreno…primeiro eles e depois fazemos o trabalho lá técnico de papéis e colegas e isso tudo e os conflitos muitas vezes acabavam por ser por causa disso, porque eu queria ir para o terreno, porque eu defendo que nós devemos fazer atividades com as pessoas, defendo que tenho de fazer esta carta e enviar a carta e ir com a pessoa lá à segurança social porque senão ela não faz e os meus colegas diziam "epá deixa isso da mão. Porque é que tas sempre a ir para o bairro? Esquece isso" e então os conflitos ficavam sempre por aí, mas muitas vezes sinto que, e nós muitas vezes acabamos por falar não é? que eles sabem que eu é que faço o melhor. Muitas vezes há problemas e eles dizem "pois realmente tu tens razão" e isto porquê? Porque estes conflitos ou estas conversas acontecem quando temos reuniões de equipa e eu falo, falo, falo, falo e é sempre tudo contra mas depois quando há um problema dizem "há realmente tinhas razão Sara" e depois acabo por ficar prejudicada nesse aspeto, mas eu tenho quase a certeza absoluta que se forem perguntar às pessoas do bairro que são o nosso público-alvo e é com elas com quem nós trabalhamos, todo o meu trabalho foi bem feito, de certeza que não há queixas do meu trabalho, da minha função e da minha pessoa. Já dos meus colegas de certeza deve haver, eu infelizmente às vezes oiço umas, pronto isto no trabalho dos bairros. Na parte da linha de emergência, nunca senti qualquer problema, também nunca houve qualquer problema também com os nossos utentes, assim digamos grave que metesse em causa o nosso trabalho ou a vida das pessoas, não.

I: Enquanto educadora social, qual a tua perceção relativamente à tua entidade empregadora? Achas que é aberta? Tem abertura? Falaste há pouco que o que interessava era o nome… isso implica que haja muitas barreiras no trabalhos que tens de desenvolver? Achas que isso prejudica o teu trabalho?

E2: Epá eu acho que prejudica mais a mim, a minha pessoa porque eu às vezes tenho de fazer coisas que são contra a minha vontade e os meus valores, digamos assim, ou seja, para não perder o emprego, para não ter conflitos com os colegas ou com outras entidades, tenho de tentar sempre fazer as coisas para o bom nome da instituição,

esquecendo o resto portanto eu tenho lá vários colegas, não são só estes assim. No projeto é um bocadinho conflituoso, é verdade, mas de resto não, tem sido sempre tudo bem. Sinto que nós trabalhámos muita vez e que nós é transmitido o nome, o bom nome, "é a cruz vermelha! "o símbolo, a imagem, "tens de vestir, tens de dizer que é! no cartaz tem de aparecer o símbolo!" epá eu acho que é tudo, tudo pelo símbolo, e que às vezes não é bem assim, nós fazemos mas fazemos as coisas mal, ou podíamos fazer melhor e fazer realmente de acordo com o nome e com o símbolo da cruz vermelha e com a missão da cruz vermelha e isso muitas vezes fica muito aquém, mas isto só vê quem trabalha lá, quem sente e muitas vezes eu fico prejudicada por isso, e vou para casa a pensar "não devia ter feito assim, mas tem de ser e tenho de me calar, e tenho de fazer" mas tirando estas partes, digamos que é uma instituição que está sempre pronta a fazer e a trabalhar, sem dúvida. Os técnicos pois temos muitos voluntários, os nossos voluntários digamos que também são, têm de ser selecionados para desempenhar aquelas funções concretas, tem de ser uma pessoa especial e que também depois não deixe uma má imagem da cruz vermelha, porque o voluntário é a imagem da cruz vermelha, então tem de dar uma boa imagem, epá isso é verdade, nós temos de passar uma boa imagem, mas pronto quem trabalha lá já há algum tempo, às vezes as coisas não são bem assim. Deviam ser feitas de outra forma.

I: Hum…Dentro da tua atividade profissional o que tem contribuído mais para a tua satisfação pessoal e profissional?

E2: Acho que todo o trabalho que tenho e principalmente o contato com as pessoas.

I: Existe alguma história mais marcante que te tenha marcado mais no teu contexto profissional?

E2: Epá tantas Rute, isso agora tinha de pensar, foram muitas, muitas, sei lá. Na linha de emergência é assim, eu acabo por viver todas as histórias de vida das pessoas que estão à minha frente não é? Vítimas de violência doméstica que nós muitas vezes vamos buscá-las e elas muitas vezes acabaram de ser espancadas. Epá mal ou bem eu tenho de me envolver na história, a pessoa está a chorar, está a contar o que é que se passou, está super em baixo e então eu tenho de tentar animá-la, tentar mostrar que há um caminho a seguir, que há outro caminho para além deste que ela viveu, tenho mil e uma histórias, muitas histórias com crianças, com idosos, famílias e são várias. Na parte do projeto, nos bairros há muitas famílias e muitas pessoas que nos vêm muitas vezes pedir ajuda e

que nós acabamos por entrar nos problemas deles para os tentar ajudar, tentar compreende-los, tentar perceber o que eles tão a viver para tentar ajudar e passar bem a mensagem, para depois não sermos mal interpretadas porque eles às vezes dizem "é doutora. A doutora tem dinheiro, vive melhor que eu!" Ou seja, eles também não querem saber dos nossos problemas para nada, eles estão-se a lixar se eu tenho dinheiro ou se não tenho, nada. Nós temos de os ajudar à força toda! E então para isso eu tenho de ter uma grande capacidade de adaptação, tanto na minha postura, como a minha linguagem e tentar entrar e compreender e mostrar que eu estou a perceber todos os problemas deles e que os vou ajudar e tentar transmitir depois, para eles tentarem fazer eles próprios, isso aí tenho muitas histórias…

I: Uma que tenhas causado mesmo mudança na vida das pessoas?

E2: Tenho um senhor que, já vai fazer um ano... Ele vivia numa habitação fora de Faro, com condições muito, muito más, estava supostamente a pagar uma renda mas não pagava renda porque não tinha dinheiro suficiente, aquilo era uma casa ilegal que nem sequer existia, era um estábulo de animais que depois foi transformado em casa mas pronto não tinha condições nenhumas. Eu depois ajudei o homem a fazer uma carta para a câmara, a tratar de papéis para ele tentar receber mais apoios sociais porque a reforma dele de invalidez era bastante pequena, apoio social não existe! Normalmente as famílias são todas desestruturas e não querem saber uns dos outros, falam-se mas tão-se a lixar. E então durante este ano, durante um ano mais ou menos, consegui que o senhor tivesse acesso a uma habitação social, ele agora já está num bairro, já tem mais condições na habitação, já consegue gerir melhor o seu dinheiro, ou seja, pagar a renda, pagar a luz, o gás, tentar comer, mesmo o próprio comportamento dele porque ele estava super revoltado com a instituição e com tudo o que era técnicas porque ninguém compreendia o problema dele, que ninguém queria saber dele e eu pelos vistos lá consegui tentar compreender o problema do homem, tentar que ele conseguisse uma habitação, que ele conseguisse ir buscar alimentos a uma instituição, que ele participasse nas nossas atividades para estar ocupado, pronto, esse aí digamos que marcou um bocadinho, pelo menos mudou a vida do senhor.

I: Consideras que a tua remuneração está de acordo com o trabalho que desenvolves? Estás satisfeita? Gostavas que fosse melhor?

E2: Opa é óbvio que acho que devia ser melhor. Eu considero que trabalho muitas horas por dia e por mês, porque é assim nós na cruz vermelha temos o nosso contrato de trabalho mas depois temos de assinar um contrato de voluntariado de duzentas horas e todos os funcionários têm de assinar esse contrato e têm de estar lá e que nem toda a gente faz essas duzentas horas anuais, para além do trabalho normal que nós temos e eu acho que faço muitas, não acho tenho a certeza, que faço muitas horas de trabalho, muitas horas de voluntariado. Eu acho que podia ser melhor remunerada mas acho que também não está mau, o meu ordenado do projeto, porque é um projeto, havia financiamento para isso, no contrato está mil e quarenta euros, claro que com os descontos fica sempre nos novecentos euros, epá não está mal, digamos que não, há colegas que estão a receber muito menos, mas eu acho que, ou seja tudo o que é horas extra é incluído em horas de voluntariado, e eu faço muito mais que duzentas horas anuais e depois isso não é pago, muitas vezes nem é agradecido, o que às vezes deixa-me um bocadinho…

I: Como é que lidas com a frustração?

E2: Epá muito mal, muito mal! Mas já está melhor.

I: Nesse aspeto e no aspeto dos colegas que não fazem o trabalho também te deixa frustrada?

E2: Epá deixa-me bastante, às vezes sinto que ando a trabalhar para o boneco e sinto muita vez, todos os dias vou para casa a pensar que realmente, a pensar não, epá eu sinto isso! Que ninguém reconhece o trabalho que eu faço, tanto como Sara como educadora social, porque eu tenho sempre ser as duas como é obvio e sinto que são poucas as pessoas que reconhecem o que faço e "obrigados", são poucas vezes os obrigados, isto é, das partes superiores, coordenadores, chefes, por aí, porque de colegas, epá devo dizer que a maioria dos meus colegas não estão contentes com, não é com o trabalho, é com as pessoas, com as relações que se criam ali, os conflitos, os interesses, é mais por aí, ou seja, a pessoa não é valorizada, o técnico não é valorizado, tens de trabalhar porque tens de fazer e ponto final, é mais ou menos assim. Tenho muitas colegas e muitos colegas que estão muito frustrados e epá e temos muitos problemas nesse aspeto é verdade, epá não há compensação tanto ao nível económico como do agradecimento pessoal, "olha obrigado. Fizeste bem. Olha fizeste mal" sei lá…

I: Nunca procuraste uma alternativa? Sair dali e ir para outro lado qualquer?

E2: Opa não. Não, porque eu gosto do que faço, aí é que é, eu gosto muito do que faço e se realmente não meu contrato tivesse "tens de trabalhar dezasseis horas diárias" epá se calhar até trabalhava, mas se me pagassem para isso, se houvesse realmente um reconhecimento… eu gosto do que faço sem dúvida, porque senão, não fazia, não fazia metade do que faço. Mas não sei, até hoje nunca pensei mudar, por acaso não porque gosto do que faço. Eu às vezes não sei se faço bem se não mas…porque tenho de estar a tentar conjugar o gosto pelo que faço com a frustração, as amizades que tenho lá dentro, porque tenho lá grandes amigos, é tudo junto e pronto então vou aguentando vou aguentando, não sei se calhar até que um dia me passe e vou embora. Agora o projeto também vai acabar não é? Mas não sei, mas vou continuar a ser voluntária como é óbvio porque a cruz vermelha tem uma grande missão e mesmo eu sendo a única, que haja alguém que faça alguma coisa pelo bom nome da cruz vermelha.

I: Quais são para ti as principais caraterísticas específicas que o educador social deve ter? Ao nível pessoal, profissional e social?

E2: Epá eu acho que já fui dizendo um bocadinho, mas quem trabalha com pessoas carenciadas e com estes problemas sociais, nós temos de ter muitas paciência, sermos muito compreensíveis, tentar colocarmo-nos na pele das pessoas para percebermos os problemas, porque realmente são problemas graves e as pessoas estão a sofrer e nós temos de, mesmo que seja uma coisa mínima, como escrever uma carta, às vezes estão desorientados "ah não sei escrever uma carta, e agora? E agora?" como se fosse o fim do mundo, mas é uma coisa simples, mas pronto é um problema que nós realmente temos de tentar compreender e ajudar, tentar ultrapassar. Temos de ser responsáveis pelo que nos mandam fazer, apesar de nós muitas vezes não gostarmos e de não concordarmos, mas temos de ser responsáveis, temos de tentar lidar com a frustração, o que é muito mau e custa muito é verdade, mas sim. Temos de tentar ser bons colegas, ou seja, ter a paciência também para os colegas e às vezes dar a mão à palmatória "epá olha ele não muda, olha pronto deixa tar, pode ser que mais à frente tente mudar". Ser bom ouvinte também, acho que nós temos de ouvir as pessoas para puder depois também falar e para não nos precipitarmos. Ser colaborador com os outros colegas, ter iniciativa para fazer as coisas e começar logo em vez de estar à espera que nos venham chamar, acho que sim. E depois tentar saber um bocadinho de cada, de todas as áreas, eu

acho que é importante porque às vezes quando menos esperamos aparece um problema vindo lá do nada e tu tens de dar uma resposta e convém saberes um bocadinho, ou pelo menos o sítio para onde encaminhar.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e gostava que me dissesses se são ou não importantes para o educador social e porquê? Criativo?

E2: Sim, tem de ser, é muito importante, é verdade! Criativo porquê? Principalmente com os idosos porque os idosos são pessoas que já não têm muita motivação para fazer seja o que for, e nós muitas vezes temos de ter a nossa criatividade para eles puderem trabalhar e fazer e desenvolver as competências, motivação e vontade para viver. Criativo também com as crianças porque é muito difícil nós conquistarmos um miúdo para fazer uma atividade e participar numa atividade, eles muitas vezes aborrecem-se e nós temos de estar ali a pensar numa alternativa e depois tentar animar. Eu acho que a criatividade realmente é muito importante porque às vezes não basta estar só no papel "tens de fazer assim" não, nós temos de dar sempre muito mais! Temos de pensar, imaginar, improvisar…

I: Dinamizador?

E2: Sim também é importante, e eu acho que nós para sermos dinâmicos temos de ter alguém que nos apoie nessa dinâmica, e nesse trabalho todo porque para nós sermos dinâmicos também temos de ter iniciativa, mas nós precisamos também muito de um empurrão para sermos dinamizadores, porque sozinhos estar a dinamizar por exemplo um grupo de 10 pessoas, sozinhos é muita complicado. Acho que é uma boa competência mas precisamos de mais alguém para nos ajudar nessa dinâmica.

I: Manipulador?

E2: (Sorri) Bem, manipulador pode ter dois sentidos, um sentido bom e um sentido mau, e às vezes é verdade, tenho de usar um bocadinho de manipulação para tentar conquistar as pessoas, para elas próprias puxarem pela sua autonomia, tás a ver? Manipulação mas que seja uma manipulação boa para elas.

I: No sentido crítico?

E2: Sim, para elas pensarem inclusivamente de outra maneira, se não aquela a que estão habituadas que é sempre tudo negativo, tudo negativo. Eu normalmente utilizo a

manipulação portanto na vertente mais positiva para as pessoas tentarem ver de outra maneira, é verdade, às vezes tem de ser, ou seja, junto manipulação com criatividade, digamos assim…muitas vezes tem de ser, mesmo com os miúdos também, quase em jeito de troca "olha fazes isto e a seguir recebes isto" às vezes tem de ser assim, se nós quisermos que o nosso trabalho seja feito, não digo bem feito mas que seja feito.

I: Há pouco tive a fazer uma entrevista e ele também dizia que era importante ser manipulador, mas não era para as pessoas com quem trabalhava, era com os próprios colegas do trabalho, porque ele dizia que os colegas eram quem tinha mais preconceitos em relação àquelas pessoas e em primeiro lugar ele teve de manipular os colegas para que deixassem de ver as pessoas daquela maneira porque enquanto eles vissem ia ser sempre um problema… e então achei interessante.

E2: Sim ele acaba por ter razão, isso é verdade. Eu manipular os colegas, acho que nunca consegui manipular os colegas, tento é sempre tentar mostrar a realidade e como é que as coisas deviam ser feitas com este tipo de população, não sei se isso será manipulação mas se é nunca consegui manipulá-los a fazer as coisas como devem ser feitas, mas sim às vezes utilizo a manipulação com as próprias pessoas para elas tentarem desenvolver e ficarem um bocadinho com a autoestima, mais em cima.

I: Planeador?

E2: Planeador também, mas eu acho que às vezes os trabalhos que nós desempenhamos já estão todos planeados, se calhar falando do plano que já existe ser organizado, se calhar porque o planear, o organizar, é o pensarmos e fazer alguma coisa, mas normalmente as coisas já estão todas planeadas, ou pelo menos estruturadas para nós fazermos, só se for uma atividade fora do trabalho, planos…

I: Há pouco falaste nas cinco ações que tinhas…essas ações foram pensadas por ti? Ou por outras pessoas?

E2: O projeto já está todo delineado, aquelas ações já estão estipuladas com atividades que tu és obrigada a desenvolver. Houve muitas claro, que eu acrescentei porque achei essa necessidade e aí se vou fazer uma atividade é óbvio que a tenho de planear, mas acho que o plano depende de todo o contexto em que estás a desenvolver alguma coisa,

em que estás a trabalhar, acho que o plano vem depois de acordo como que te é apresentado para fazeres.

I: Então não te é dada muita liberdade nesse aspeto? Se quiseres fazer uma atividade ou uma ação dentro do projeto mas da tua autoria tu tinhas liberdade para isso?

E2: É assim eu fiz mas antes de a fazer tive de discutir com os colegas e com o coordenador e explicar porque é que era importante fazer essa atividade, portanto eu penso em fazer mas antes de fazer tenho de ter a autorização da pessoa para autorizar e depois daí é que eu começo a traçar…o plano normalmente tento sempre fazer com a ajuda das pessoas com quem vou desenvolver a atividade depois, para não correr o risco da atividade ser bloqueada ou falhar.

I: E autoritário? Achas que é importante ou não?

E2: Autoritário? Eu acho que depende do contexto e do trabalho…

I: No teu contexto?

E2: Epá eu acho que autoridade ali não, eu quando falas em autoridade só me vem à cabeça uma pessoa, o meu coordenador que é bastante autoritário e quase ditador e depois eu acho que autoridade tem de se ter um bocadinho de cuidado com o contexto e com as pessoas, com quem estás a lidar e a quem estás a impor essa autoridade porque o feitiço pode-se virar contra o feiticeiro porque nós ao trabalharmos com públicos bastante frágeis a autoridade não é a melhor ferramenta para nós trabalharmos porque aí o nosso trabalho é que fica falhado e corremos o risco de ter muitos e muitos problemas e correrrmos o risco de depois não entrarmos para o terreno nem desenvolver atividades, porque aliás o nosso nome fica logo manchado, por isso eu acho que o educador social tem de pensar, e se quer ser autoritário tem de pensar muito bem no contexto e nas pessoas com que trabalha…eu acho que sim, que é uma palavra muito forte, não sei, acho que depende do local, depende da circunstância, claro que para não ficares mal às vezes se não tiveres bem e tiveres de aplicar um bocadinho a tua autoridade ou gritar ou exigir, mas tens de pensar muito bem a quem vais aplicar essa autoridade e para que, qual o objetivo, acho eu.

I: Huhum… tendo em conta o nosso panorama nacional e internacional de crise o que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual vai se o papel do educador social nessa altura? Daqui a uns anos por exemplo?

E2: Olha eu acho que nós educadores sociais e todas as profissões das áreas sociais vão ser muito importantes e quero acreditar e acredito que nós vamos ser muito precisos, em escolas, em centros de saúde, em hospitais já não digo mas às vezes também é importante, em instituições, em prisões, em instituições de acolhimento, eu acho que a nossa profissão vai ser muito importante e eu acho que as coisas vão-se agravar, vai haver muitos problemas sociais, violência, crianças em risco, o desemprego vai gerar muitos problemas, muita violência, muita droga, droga isto é, pessoas envolverem-se em tráfico de droga, digamos assim, refugiarem-se no álcool, baterem nas mulheres, desinteressarem-se pelos filhos, os próprios miúdos desinteressarem-se pela escola, não terem perspetivas de futuro, não há ninguém que lhes diga "isto vai correr bem" é sempre tudo "mau, mau, mau" os idosos cada vez vão ficar com menos apoios e eu já sinto isso nos bairros, eu vejo que estão cada vez com menos apoios e precisam de pessoas que estejam ali, principalmente para os ouvir e para os tentar ajudar naquelas pequenas dificuldades que têm, que já não conseguem fazer…mas eu acho que a nossa profissão vai ser muito requisitada, mas agora tudo depende das próprias instituições e do Estado, em que é que o Estado quer apostar, em que área é que quer apostar, mas pronto.

I: Achas que aí o trabalho vai ser reconhecido? O trabalho dos educadores vai ser necessário e reconhecido?

E2: Se calhar num contexto mais pequenino e mais local em que tu desenvolvas esse trabalho é capaz de ser reconhecido, a nível geral eu acho que não, porque eu acho que vão associar muito à crise, aos problemas mentais, de maneira geral aos problemas mentais e que as pessoas têm de se dirigir ao psiquiatra e ao psicólogo e eu acho que se calhar esses vão ser os nomes das profissões mais faladas mas depois por trás vai tar a assistente social, vai estar o professor, vai estar a enfermeira, vamos estar nós, eu acho que sim, se calhar nós vamos ficar em plano secundário. O trabalho reconhecido se calhar só em nível local ou mais próximo do que tu desenvolvas.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a 5 ou 10 anos? Igual? Melhor? Pior?

E2: Profissionalmente espero que seja melhor (sorri) óbvio, epá eu acho que há muita coisa ainda a fazer, principalmente com as pessoas pobres, com os jovens, acho que devemos apostar muito nos jovens, na formação deles, nas competências, nos caminhos…há jovens que não sabem nada, nada, nada, são super mal-educados, não têm apoio emocional nenhum, são super frágeis, não conseguem dizer um "obrigado", não conseguem dizer um "olá, tás boa?" e acho que a intervenção devia começar a ser bastante precoce, crianças, jovens, nas escolas, nos bairros, no próprio local, porque ninguém chega aos bairros, ninguém quer saber dos bairros sociais, ninguém, ninguém, ninguém.

I: Se te fosse dada a opção de escolha como gostavas de te ver profissionalmente? Agora ou daqui a uns anos, onde é que gostavas de trabalhar?

E2: Epá eu gostava de trabalhar num sítio em que realmente houvesse uma excelente equipa mas claro isso depois tudo depende e varia, mas a desenvolver atividades no terreno com a comunidade, com as pessoas, mas sempre no terreno porque acho que aí é que somos precisas, nós técnicos no terreno. É assim, eu quando digo o terreno, depois depende da intuição, porque há instituições por exemplo as instituições de acolhimento que acolhem jovens vítimas de violência doméstica, pronto isso acaba por ser um contexto em que nós podemos desenvolver várias atividades e várias ações e onde o nosso papel também acaba por ser bastante importante. Eu acho que sempre desenvolver atividades com as pessoas, o contato com as pessoas e com o terreno, acho que isso é muito importante. Não é atrás de uma secretária com papéis e com computadores, não! Isso bloqueia tudo, tudo o que nós aprendemos bloqueamos.

I: Não tens um sítio ideal em que gostasses de trabalhar? Porque tu tens muita experiência de voluntariado desde criança…

E2: É como eu te disse, eu acho que há muitos problemas em todos os sítios, as IPSS têm de defender o nome e tentar arranjar dinheiro para se manterem, a parte do Estado é sempre uma coisa incerta, podes ter trabalho como podes não ter, mas também tens sempre de defender o nome, epá não sei, mas eu gostava que fosse num sitio com algum nome vá digamos assim porque quando o nome é reconhecido as pessoas mal ou bem são reconhecidas "olha é a Sara que trabalha na cruz vermelhe" mais nada, às vezes sinto isso, vêm pela imagem só da instituição porque o resto já não ou porque é a Maria que trabalha na câmara, trabalha na câmara ok, mas o que é que ela faz? Será que ela

está a fazer um bom trabalho ou não está? Eu acho que é a imagem da pessoa à imagem da casa, daí a casa também estar sempre a "o bom nome! Defender o bom nome." Porque depois também acaba por influenciar a nossa imagem profissional e pessoa, sei lá. Mas estar num sítio que fosse de certo modo reconhecido, mas que fosse tão reconhecido o nome como as minhas funções e a minha pessoa.

I: Hum. Colocas a hipótese de ir para o estrangeiro?

E2: Epá já pensei nisso tanta vez, tanta vez.

I: Gostavas de ir?

E2: Gostava, gostava de ter uma experiência profissional no estrangeiro mas não sei, mas não sei, porque agora nesta idade, nesta fase da minha vida vou começar a pensar mais em mim e em projetos pessoais como por exemplo ter um filho e depois dependente das circunstâncias talvez emigrar, ou seja, a curto prazo o meu projeto de vida será ter um filho e depois dependente da situação porque não emigrar?

I: Emigrar para onde?

E2: Para a Europa de preferência, para começar e se não desse Austrália talvez, acho que sim, mas países claro desenvolvidos (sorri).

I: Achas que era uma boa alternativa tanto em termos de profissão como de progressão na carreira? Ofertas de trabalho?

E2: Acho que sim, eu já tive uma pequenas experiências em congressos internacionais e sinto que quando digo o que sou as pessoas ficam muito admiradas e gostam e conhecem a profissão e perguntam sempre o que é que eu faço, epá pelo menos naqueles contextos sinto-me valorizada, é estranho mas ao mesmo tempo é muito bom, saber que uma pessoa no estrangeiro sabe o que é um educador social, o que educador social faz e existirem educadores sociais lá, e poder partilhar com eles as experiências, o que é que eles fazem lá, lá nestas experiências que já tive, internacionais e isso é muito interessante para mim. Agora aqui eu acho que muitas vezes não sou reconhecido, eu acho que o progresso na carreira como tu dizias ainda há pouco, para nós é muito difícil nós educadores sociais, eu acho que sim, mas coloco a hipótese de emigrar sim.

I: Tá bom…da minha parte é tudo

E2: Obrigado, até acho que já falei demasiado (sorri) (interrupção)

Fim da entrevista!

Entrevista nº 3

Data de realização: 2 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Campus da Penha, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Já tem um bocadinho de noção do que é que o meu estudo trata, não é? É sobre a profissão do educador e vamos começar a falar sobre a escolha do curso. Quais foram as principais razões que te levaram a escolher este curso? A nível pessoal, social, influências sociais?

Entrevistado 3: Não, foi mesmo a nível pessoal, pronto a área social sempre me disse alguma coisa e foi mais por aí, foi mais por razões pessoais e na altura também no 12º ano eu fazia voluntariado numa associação que é a "Acreditar" de crianças portadoras de cancro e também sensibilizou-me e despertou-me mais para essa área e então também foi uma das razões que me levou a optar pela área social.

I: Então foi mesmo o gosto pelo tema?

E3: Sim, sim.

I: Em relação às tuas expetativas iniciais relativamente ao curso, foram superadas? Não foram superadas? Quais é que eram as principais expetativas? Eram elevadas?

E3: Eh, eram elevadas, eu se calhar estava à espera de algo mais, mais concreto, mais prático, mais objetivo, sei que no 1º ano, que dúvida era geral, era um bocado "o que era o educador comunitário?" porque ninguém conhecia, ninguém sabia que curso era aquele, ninguém conhecia e então acho que as coisas estavam muito abstratas, pouco definidas, o facto também sermos só nós no Algarve a ter esse curso e não haver uma junção a nível nacional, depois mais tarde deu-se o kneche (??) e depois mudou-se para educação social, foi mais nesse sentido, um bocado perdida "o que eu estou aqui a fazer?". Depois claro com a maturidade, o investigar e o passar do tempo as coisas

foram-se orientando e foram ficando mais definidas mas acho que é pouca objetividade sobretudo no 1º ano.

I: Mas em relação às tuas expetativas depois quando concluíste o curso, ficou alguma coisa em falta, não é?

E3: Ficou, ficou.

I: Estava à espera de mais e melhor?

E3: Sim. Mais e melhor, se calhar mais rigor?

I: Achas que tem pouco rigor o curso, pelo menos na tua altura?

E3: Acho, acho,

I: A nível de professores?

E3: Também, também, acho que os professores, sentia um bocado muito aquela onda do secundário a algumas disciplinas, pouco rigor, em termos científicos acho que para um grau superior acho que é pouco rigoroso e pouco cientifico também.

I: Então ficaste dececionada?

E3: Não, vá lá, as minhas expetativas corresponderam a 60%, 65.

I: Quais foram os principais motivos que te satisfizeram relativamente ao curso?

E3: O que é que satisfez mais?

I: O que é que te satisfez mais?

E3: O que é que me satisfez? O contacto, acho que é bom o contacto com realidades, mesmo logo no 3º ano fizemos logo as práticas, fizemos muito trabalho de campo e isso implica já ter muito o à vontade e ir ter com as pessoas, estudar, realidades concretas, o trabalho de campo, essa parte prática acho que é a mais-valia do curso.

I: Fizeste as tuas práticas onde?

E3: Fiz na câmara de Silves, na câmara de Silves num pólo de educação ao longo da vida, na educação de adultos e também numa quinta pedagógica.

I: E relativamente aos principais motivos de insatisfação, quais são os que apontas?

Os motivos de insatisfação acho que foi um bocado como disse, pouco rigor e pouca objetividade, acho que pronto dependia muito dos professores, havia pouca uniformidade, havia professores que se calhar os métodos de avaliação bastava um trabalho, outros eram mais rigorosos, havia uma frequência, acho que nesse aspeto havia uma pouca uniformidade.

I: Por exemplo, eu fiz um questionário anterior a esta entrevista e os três principais motivos de insatisfação relativamente ao curso respondidos no geral, que tiveram mais respostas foram, o curso não ser conhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Na tua opinião estes três pontos… o último já disseste que sim e o primeiro também, não progredir na carreira também acho que é acho que é geral. Na opinião o que é que achas que podia ter feito para colmatar estas falhas? Há alguma coisa que pudesse ser feita?

E3: Por exemplo uma Ordem, uma Ordem dos educadores sociais, alguma coisa que juntasse, porque nós somos pouquinhos e então isto tem que ser um movimento em níveis de termos nacionais, agora em termos de educação social. Já há o conselho nacional dos educadores sociais, mas algo mais concreto e acho que temos é que fazer barulho para dizer que nós estamos aqui e quem não nós somos. Eu acho que isto depende muito de nós porque eu lembro-me que muitas vezes por exemplo de uma colega na altura que foi fazer voluntariado para Moçambique e ela deu uma entrevista num telejornal e em vez de ela dizer "Não. Eu sou educadora comunitária" e explicar o que é o curso, não, apareceu lá em rodapé que era assistente social e ela tinha oportunidade de dizer já a muita gente quem nós somos e o que é o educador social, mas não. Se calhar é porque é mais cómodo, como as pessoas não conhecem "ah é tipo assistente social" e não é nada disso!

I: Então achas que devia ser feito um trabalho a nível da informação?

E3: Sensibilização.

I: Em meios de comunicação social e todas essas coisas.

E3: A tudo, sim, e sobretudo a partir das próprias pessoas porque acho que começa aí e aí é que também está um bocado a lacuna, é mais como dizer "ah é da área socia" do que explicar realmente o que é que é o educador comunitário.

I: Quanto mais quando as próprias pessoas não sabem, não é?

E3: Também poderá ser…

I: É grave.

E3: Pois também poderá ser, o que é muito grave realmente.

I: E vem da consciência delas. Durante a tua licenciatura participaste em actividades extracurriculares? *Workshops*, formações, voluntariados?

E3: Ah sim, sim, sim.

I: Quais são os que te lembras assim mais importantes?

E3: Um que me marcou muito foi nas férias de verão do 3º ano, foi o verão todo, foi aquele que me deu realmente muita estaleca, foi num centro de recuperação psicopedagógica e então aquilo era um centro, até era de pronto era gerido por irmãs da ordem religiosa e era constituído por 7 pavilhões em que dependente da problemática de cada população ia aumentando o pavilhão, era do pavilhão 1 ao 7. O 1 era para pessoas, crianças e jovens com carências económicas, no 2 era com mais dificuldades de aprendizagens, até deficiências profundas e sei porque na altura fui parar ao 7 que era com crianças, mas situações muito complicadas, foi complicado mas acho que me ajudou muito para prepararmo-nos para a realidade porque depois desse estágio, desse voluntariado eu fui fazer, fui começar a trabalhar na santa casa e realmente aquilo ajudou-me muito porque deparamo-nos com muitas situações, que não estamos à espera, que não sabemos lidar e aquilo realmente foi uma escola.

I: Pronto e isso contribuiu de certa forma para a tua inserção no mercado de trabalho?

E3: Completamente, completamente.

I: Sim? Achas que isso foi um ponto a favor na tua inserção?

E3: Muitos, muitos mesmo, porque lembro-me até que quando enviei a carta de apresentação para o trabalho a propor o estágio profissional, levava uma referência desse voluntariado e sei que a pessoa que me disse…

I: Teve em conta.

E3: Pronto foi reconhecida por isso. Para além pois também aqueles *workshops*, sempre me preocupei bastante em fazer os *workshops* na área da terapia ocupacional, agora não me estou a lembrar assim nenhum em especifico. Tirei logo no 3º ano a formação pedagógica inicial de formadores, no 3º ano de universidade, no IPJ também frequentamos muitas ações.

I: Apesar de toda esta formação que tiveste ao longo do curso sentes necessidade de mais formação nesta área de educação social ou outras áreas? Outras cadeiras que aches que eram necessárias? Outras licenciaturas? Mestrados?

E3: Agora, agora, agora? Se calhar já não (sorri) mas sem dúvida, sem dúvida porque acho que nós não podemos parar, no dia que pararmos quer dizer que estagnamos e isso, há muita coisa a mudar sobretudo em termos de legislação, acho que é uma das grandes lacunas no nosso curso, legislação e isso é uma das coisas que nós temos de estar sempre a par em termos por exemplo o nosso curso promove muito o empreendedorismo, a autonomia, em termos de candidatura, quadros comunitários, saber preencher um formulário, apresentar candidaturas, a parte financeira também é outra das lacunas e eu acho que aí temos que estar sempre a par, sempre o que é que está agora em termos de necessidades? No que é que podemos apostar? E temos que estar sempre em cima da linha da frente porque senão ficamos para trás e estagnação total.

Achas que faziam falta algumas cadeiras ligadas à linha jurídica e essas coisas?

E3: Completamente, jurídica e também em termos de, um lembro-me que eu tive uma cadeira, acho que foi de educação de adultos no 2º ano, que falávamos na altura do PRODEC, mas foi muito pequeno, acho que havíamos de ter a noção de como fazer uma candidatura, de criar o nosso próprio emprego porque por um lado promove muito essa questão da autonomia e do empreendedorismo mas depois não nos dão as ferramentas necessárias para nós conseguirmos avançar, e já que nós temos possibilidades através dos quadros comunitários de criar, ter essa parte do

financiamento, acho que deviam-nos dar mais ferramentas para nós conseguirmos desenvolver por aí.

I: Tens mais alguma licenciatura, não?

E3: Não.

I: Tens mestrado?

E3: Tenho mestrado.

I: Educação social?

E3: Huhum.

I: Achas que foi importante?

E3: Sem dúvida, foi, completamente. Eu acho que depois de tirar o mestrado, de começar a frequentar é que eu vi aquilo tudo que eu não sabia ou o tão pouco que sabia porque é mesmo, quanto mais a gente começa a mexer e a tentar investigar é que nós vemos o tão pouco que sabíamos e que a licenciatura afinal é pouco.

I: Pois. Na tua opinião já falaste um bocadinho sobre o funcionamento geral do curso, que devia ser mais rigoroso a nível da formação recebida, do plano de estudos, que devia ter outras cadeiras, a nível da qualidade dos decentes, o que é que tu achas?

E3: Também, é assim pois tive excelentes professores mas também tive outros que…

I: Como é que isto podia ser melhorado? Fazendo uma avaliação?

E3: Uma avaliação sei lá, definição de objetivos, pois é, isso é uma área complexa mas sem dúvida e eu acho que os docentes é que fazem as cadeiras, tudo bem que os planos curriculares são muito importantes, só que dois diferentes docentes com o mesmo plano curricular podem fazê-lo completamente de forma diferente e acho que o docente faz muito da cadeira aquilo que ele quiser e o empenho e também o *know how* que ele já tem, não é? Há docentes que se podem esforçar muito mas podem não conseguir chegar lá não é? Mas acho que, pois tem de haver muito empenho e outra coisa que também acho e que também tenho pouco, os docentes também têm pouca contato com a realidade é pois, é aquela coisa do ser académico.

I: Achas que são muito a nível teórico?

E3: Sim, muito cientifico mas depois a realidade concreta é outra e tudo bem que nós estamos aqui para levar a parte científica e a parte académica mas também temos de estar preparado para a prática e o ideal é conciliar as duas coisas e acho que aí existe também uma lacuna por exemplo, lembro-me dos meus professores, eram meramente docentes não havia ninguém que tivesse, tinham alguma experiência mas não havia ninguém que tivesse exercer mesmo a educação social, mesmo no campo e acho que isso faz muita falta.

I: A nível das atividades que o curso organiza, não são muitas, não sei se no teu tempo se organizava algumas? Achas que era importante organizar mais atividades?

E3: Completamente e acho que as atividades nem que fosse para unir as pessoas, porque eu recordo-me que houve um ano que eu achei até interessante, houve umas colegas que organizaram um encontro de educadores sociais na ilha de Tavira e eu achei aquilo magnífico para as pessoas se juntarem e trocarem ideias, depois era feito por grupos, faziam *workshops*, partilha de ideias, eu achei aquilo fantástico e fui-me inscrever e passado duas semanas eu era a única pessoa inscrita, ninguém aderiu e acho que as pessoas estão pouco, tão muito no seu cantinho "aí venho aqui tirar o curso e tal e pronto".

I: Não tem interesse.

E3: Não em partilhar, e acho que nós temos experiências tão ricas e pessoas tão diferentes e acho isso, é uma pena tão grande porque só daí nós podíamos tirar um proveito muito maior do que daquele que tiramos.

I: Pois eu também estou a sentir isso um bocadinho na minha investigação porque há pessoas que até estão interessadas e não sei que, mas há outras que têm muito trabalho, têm pouco tempo, têm… por um lado é compreensível mas por outro noto que não há muita vontade também de, de ir mais além.

E3: Exatamente, eu acho que também é um bocado o comodismo.

I: Pois, hoje em dia também cada vez mais o que interessa é nós conseguirmos e…

E3: E pronto acabou, é isso.

I: Tens mais algum ponto a acrescentar acerca do que devia de ser melhorado a nível da formação e do curso?

E3: Regra geral acho que já falei um bocado sobre tudo, quando eu falo da uniformidade acho que são mais rigor em termos mesmo dos trabalhos porque eu via que havia às vezes uma discrepância e era difícil analisar os parâmetros "quais são os parâmetros da avaliação?" sei que as coisas estão muito mudadas e acredito que tenha sido feito um trabalho nesse sentido, em termos de melhorias, eu falo em relação àquilo que eu vi, que eu senti.

I: Por exemplo, falaste há pouco nas práticas no 3º ano, achas que está bem assim? Devia ser feito logo desde o início? Devia de ser feito durante mais tempo?

E3: Mais tempo, eu acho que devia ser feito logo no 1º ano um, qualquer coisa logo para nos dar o contato com a realidade, uma cadeira, uma disciplina que implicasse também trabalho de campo, bastava uma manhã por semana, qualquer coisa, isso depois também depende dos alunos por exemplo no 1 º ano também comecei com os meus colegas a fazer voluntariado na APAV, também deu-nos outra, outra experiência, mas é assim nem toda a gente tem essa iniciativa.

I: Disponibilidade.

E3: Também, mas é assim nós temos de perceber que aquilo vai ser uma mais-valia para nós em tudo, em termos pessoais e em termos profissionais e eu acho que ou as pessoas começam a ver as coisas dessa forma ou tem de ser a própria instituição a incentivar os alunos a isso.

I: Pois. E a escola também tem um papel importante nesse aspeto.

E3: Completamente.

I: E os próprios professores.

E3: Outra coisa também, uma lacuna muito grande foi, que também acho que já está diferente foi em termos das opções, das cadeiras de opções no 1º ano tínhamos uma cadeira de opção que não era opção, era obrigatória.

I: Acho que está igual.

E3: Pronto, péssimo. Há tanta coisa que poderia, podia ser feita nesses sentidos, em termos práticos e tivemos foi uma cadeira de vídeo documental, aquilo não serviu para nada mas prontos. Outra coisa também que sei que na minha altura era uma lacuna muito grande e também passei por isso era em termos de ERASMUS, porque eu no 2º ano queria fazer ERASMUS e era uma complicação, porque depois ou era para o 3º ano, porque as práticas não podiam ser feitas lá fora e a minha ideia era fazer em Barcelona mas depois os professores tinham de ir e era uma complicação e pronto acabei por não ir a lado nenhum, acho que também é uma falha muito grande, mais uma vez sobretudo no nosso curso acho que era uma mais-valia, um país diferente, uma realidade diferente, uma aprendizagem diferente, outra cultura, acho que seria excelente e sei que havia mais pessoas que tinham essa vontade mas quando decidimos avançar foi só entraves e pronto, mas sei que mais tarde houve pessoas, alunos e felizmente que já conseguiram fazer isso.

I: Qual tem sido o teu percurso profissional desde que terminaste o curso? Quanto tempo demoraste a arranjar o primeiro emprego?

E3: Por acaso não demorei tempo nenhum porque eu acabei o curso em Junho e comecei logo a enviar currículos e entretanto em Junho mesmo fui chamada para dois sítios diferentes, um deles foi para a Santa Casa de Albufeira e o outro deles foi a associação em Loulé "Acreditar", não, não é acreditar, é acreditar é mas é diferente da outra que eu tinha falado ainda há pouco que é de crianças com cancro, esta é de pessoas deficientes. E depois optei pela santa casa, dava-me uma outra ambiguidade, era para passar por várias realidades diferentes e então optei por ir para a santa casa.

I: E na santa casa quanto tempo tiveste e que tipo de trabalho fazias?

E3: Comecei a trabalhar com jovens na parte da integração, atividades extracurriculares, depois fazia também um bocado o papel do educador na escola, depois trabalhei muito a partes das competências pessoais e sociais, em termos de atividades, nós criamos um grupo por exemplo de música, um grupo de danças e era também para treinar aquelas competências sociais e pessoais, a disciplina, a organização, o trabalho em equipa. Depois daí fui…ah ainda na Santa Casa fui trabalhar para a parte toxicodependência, acompanhamento psicossocial da população toxicodependente, e a fazer prevenção

primária nas escolas com os jovens. Depois entretanto sai da santa casa, fui trabalhar para a câmara de São Brás na área da habitação social, tive ai um ano e entretanto depois voltei para a santa casa para o Centro de Novas Oportunidades.

I: Quanto tempo tiveste em cada sítio?

E3: Com os de jovens e crianças tive dois anos, um ano com toxicodependentes, um ano na habitação social e quatro anos no centro de novas oportunidades e sempre em paralelo tenho dado sempre formação, formação pedagógica inicial de formadores, na área de apoio à terceira idade e apoio à infância também, nestas três áreas.

I: E porque motivo mudaste? Por opção tua? Porque os contratos acabavam?

E3: Um bocadinho as duas coisas, das crianças para os toxicodependentes foi também necessidade de experimentar outras coisas, estava em inicio de carreira digamos assim, e já estava dois anos com crianças e jovens, gostei muito, aprendi muito mas precisava de mais, entretanto depois de ter estado um ano com toxicodependentes, eram projetos que terminaram e coincidiu com uma abertura duma vaga para a câmara, então fui para a habitação social trabalhar com a população cigana, etnia cigana, outra realidade completamente diferente mas trabalhar numa instituição como a câmara municipal era pouco, estava habituada a propor, fazer, acontecer, propor, fazer e ali não. Ali foi muito complicado, um trabalho muito mais calmo, em termos de iniciativa, não tinha, não tinha autonomia, depois surgiu o centro de novas oportunidades e então saltei.

I: Conseguinte?

E3: Sim.

I: E agora saíste por fim de contrato.

E3: E agora saí, exatamente, agora vamos ver.

I: Já enviaste alguma coisa? Tens alguma perspetiva?

E3: Tenho enviado currículos, mas também vou dizer que não tenho apostado assim muito, porque não é que eu deixei de acreditar mas sei que as coisas neste momento não estão fáceis, não estão fáceis e então agora que tenho oportunidade de trabalhar neste negócio familiar, estou a juntar várias coisas que é como disse o controlo de custos, é uma empresa de restauração, controlo de custos, estou a trabalhar na parte da formação

e responsabilidade social empresarial, e então agora a minha ideia é, ainda estou de férias mas a partir do dia 13 de Abril vou ficar desempregada, a minha proposta é fazer um POC, um plano de ocupação nesta empresa e trabalhar nestas três áreas, ah e implementar a norma da qualidade ISO 9001 porque é também uma coisa que eu fiz no centro de novas oportunidades.

I: E dás sempre formação.

E3: Exatamente

I: Pelo menos enquanto tiveres a dar formação estás na nossa área

E3: Exatamente e a parte também da responsabilidade social, a empresa também tem muita gente e já se justifica algum trabalho nesta área.

I: Em relação ao que fizeste quando estavas no CNO, eram funções de profissional?

E3: Profissional de RVC.

I: Relativamente a estes sítios onde tens trabalhado, em relação ao salário, tem variado muito? Tem sido estável?

E3: Sim, tem progredido.

I: Tem sido cada vez melhor?

E3: Sim, este último foi realmente aquele mais bem pago.

I: Na tua opinião a formação que recebeste no curso estava de acordo com as necessidades do mercado de trabalho logo quando começaste a trabalhar ou foste tu sozinha que tiveste de…?

E3: Foi muito sozinha. É assim, claro que o curso dá-nos o geral não é? Depois nós temos de nos fazer à vida, não é? Eu fui começar a trabalhar com crianças e jovens e fui tirar na altura *workshops* de dança, *workshops* criativos e depois é assim, cada pessoa tem que procurar as ferramentas que precisa, claro que o curso nunca pode preparar para todas as populações não é? Dá-nos uma base claro, mas em termos, eu lembro-me que o facto de nós fazermos também tantos trabalhos deu-me alguma bagagem para chegar lá à santa casa e começar a identificar as necessidades, fazer logo um diagnóstico e incluir

os próprios jovens nesse diagnóstico, não sou eu que tenho de ver o que eles têm falta, são eles próprios e nisso, sem dúvida que foi muito importante nesse sentido.

I: De todos os trabalhos que fizeste qual foi o que gostaste mais?

E3: Ui isso é difícil.

I: Porque tu trabalhaste um bocadinho já…

E3: Um bocadinho com tudo, epá é muita difícil, epá não te sei dizer. Aquele que se calhar, não é que gostei menos, que não sei se era capaz de trabalhar era por exemplo com a população toxicodependente, epá eu deixei de acreditar e acho que quando eu deixo de acreditar sou uma má profissional, e hoje em dia… uma coisa é a prevenção primária que gostei muito de fazer, ir às escolas, oficinas de prevenção, aquelas dinâmicas todas, isso é muito giro mas trabalhar mesmo com a parte…porque eu trabalhei mesmo com a parte já da recuperação no enquadramento socioprofissional. Era muito complicado porque ia eu às empresas bater porta a porta e falava das pessoas, que estavam numa fase de recuperação, que estavam disposta a voltar-se a inserir na sociedade para os que não se importassem darem uma oportunidade e era a minha cara e passado uma semana faltavam, tinham recaídas, isto é muito complicado, é muito complicado porque é muito frustrante, nós temos aquelas expetativas e volta e meia pronto estamos perante a frustração, não sei se era capaz de voltar a trabalhar, este e também na questão de, não é a questão de não ter gostado de trabalhar com a população de etnia cigana, aqui a questão foi a falta de autonomia porque eu estava, saí dum sítio onde "vamos fazer isto?" "bora", "vamos fazer isto?" "bora.", e chego lá a uma instituição pública e está tudo muito formatado "ai não, isto aqui tem de ser com calma e se não der, pois paciência" não temos recursos mas às vezes os recursos não podem ser monetários, podem ser humanos e se calhar com boa vontade tudo se consegue e metiam muitos travões e então foram duas experiências que se calhar não voltava a repetir. Depois quanto às outras nem sei dizer qual foi a que gostei mais.

I: Na questão dos ciganos fazias mesmo o quê?

E3: Era habitação social, tinha a gestão de toda a habitação social de um bairro social, depois era atualizar, pronto a lista já estava muito antiga. Lá há muita população nómada, a viver em barracas, fiz o levantamento dessa população, essa parte foi muito interessante mas quando chegou a parte de dizer "olha tenho tantas famílias sem casa, a

viver em barracas e temos um bairro social com três casas devolutas que podemos começar a inserir", "pois, temos de ter calma, isto não pode ser assim" e pronto e aí a desmotivação é logo porque quando eu comecei a ver frutos do meu trabalho, a fazer alguma coisa por estas pessoas "é preciso ter calma e as coisas são levadas com calma, não pode ser logo assim…"

I: Então o problema não foram os ciganos mas foi a instituição em que estavas a trabalhar.

E3: Completamente, falta de autonomia.

I: Falta de liberdade. Em relação aos estágios curriculares, já falámos um bocadinho, achas que são bem estruturados e adequados à preparação para o mercado de trabalho? Ou achas que têm algumas falhas também?

E3: No meu caso que acho que até foi bem preparado mas eu lembro-me que tive colegas que as coisas não correram assim muito bem. Eu acho que também havia pouca comunicação entre a universidade e o interlocutor, o orientador ia lá uma vez, falava e tal mas não haviam reuniões periódicas, não havia por exemplo objetivos concretos, nós eramos deixados um bocado "olha vocês vão para ali fazer aquilo e pronto e desenrasquem-se", era quase assim, havia pouca comunicação entre universidade e instituição

I: Achas que faltava diálogo?

E3: Exatamente, reuniões periódicas, com os alunos, com o docente orientador, com a instituição representada, acho que falta aqui mais trabalho em rede.

I: E em relação à turma, achas que a turma te ajudou? Foi às tuas atividades, não se se fazias atividades…

E3: Pois no meu caso não mas trabalhamos muito a população idosa e foi muito ali, população idosa à volta e pois eu não tinha essa noção.

I: Mesmo na turma se havia colegas que faziam atividades a turma participava?

E3: Não, isso acho que houve até alguma união mas no meu caso não se justificou porque era muito só para aquela população idosa ali do concelho de Silves e arredores.

I: Na tua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas várias instituições?

E3: Completamente.

I: Por ser uma figura diferente das outras?

E3: Completamente mas eu acho que mais uma vez cabe-nos a nós sensibilizar também as próprias instituições para perceber a falta que o educador faz em cada instituição porque o educador é diferente de um psicólogo, dum assistente social e dum sociólogo e as pessoas têm sempre tendência em juntas estas profissões e em por dentro do mesmo saco mas não, cada um tem uma função e todos juntos fazem uma equipa multidisciplinar e isso seria o ideal.

I: As instituições muitas vezes também não têm o educador social porque não conhecem e o que não se conhece não faz falta não é?

E3: Completamente mas por isso é que também acho que as práticas, os estágios são importantes, porque muitas vezes a questão económica é um entrave, então através das práticas do estágio dar a conhecer o trabalho do educador social para depois nós também conseguirmos criar a necessidade não é? Porque existe uma realidade em que não trabalha lá o educador social, o educador social vai para lá e consegue sempre diagnosticar problemas e necessidades e a partir daí depois de lá estar fica aquela lacuna sempre por não continuar o trabalho.

I: Gostarias de trabalhar numa IPSS? Achas que é importante o trabalho nas IPSS's? A nível político, social?

E3: Sim, sim. Sinceramente agora se me dessem a escolher "onde é que tu gostavas de trabalhar?" epá eu não sabia.

I: É o que vier (sorri).

E3: Eu já experimentei um bocadinho de tudo e já sei aquilo que não quero mas agora aquilo que quero não, não sei dizer. Se calhar neste momento uma ONG, uma ONG fascina-me porque nunca trabalhei nesse sentido.

I: Uma ONG?

E3: Uma organização não-governamental mas num trabalho mais macro e não tão local, que é mais a experiência que tenho.

I: Na tua opinião qual é a importância do educador nos agrupamentos de escolas?

E3: Agrupamentos de escolas, por acaso também sempre foi uma área que nunca me despertou, quer dizer eu já trabalhei nas escolas em termos da prevenção da toxicodependência, exato. Pois aqui o educador, por exemplo existe o GAAF que é o gabinete de apoio…

I: Existia, agora cortaram muitos…

E3: Foi? Acho que também para fazer muito a relação e a comunicação entre família e escola, que acho que aí falha muito e todas aquelas questões que são tratadas na escola em termos de sensibilizações, promoção de competências pessoais e sociais, a parte da promoção da educação para a saúde, mesmo na própria prevenção das toxicodependências ou promoção de estilos saudáveis, como queiram chamar. Acho que mais neste sentido. Por acaso também houve um ano que eu fiz uma candidatura, juntei-me com duas colegas do curso e fizemos uma candidatura para o programa escolhas, é tal questão que pronto nós jogamos ali um bocado sem saber o que é que estávamos a fazer porque tínhamos poucas bases e propusemos a criação, isto já foi prai em 2005, a criação dum gabinete, na altura ainda não haviam os GAAF's, nem se ouvia falar. Era a promoção dum gabinete mas para fazer essa relação entre escola família e era muito no sentido de projetos, de trabalho em equipa, promoção de comportamentos saudáveis, por acaso era interessante porque na altura ainda não se falava nesse trabalho ou pelo menos nós não conhecíamos.

I: E foi recusado?

E3: Foi, a candidatura não foi aprovada, por acaso por dois valores e não tínhamos financiamento, tivemos a aprovação pedagógica mas não tivemos aprovação financeira e avançar sem dinheiro não era possível.

I: Não vos deram uma justificação?

E3: Foi o excesso de candidaturas e o concelho de Albufeira não era um concelho prioritário em termos de diagnósticos e então…mas sei que na altura tivemos muitos

apoios da câmara municipal, do instituto de reinserção social, algumas associações locais, mas pronto faltou a parte financeira.

I: E desde aí nunca mais fizeste um projeto desse tipo?

E3: Fiz, fiz. Logo a seguir fizemos outro na área da toxicodependência, que era "Formar para a vhida", que era na parte de…porque nós diagnosticámos as necessidades e a parte indústria hoteleira era aquela que estava em termos de contaminação de HIV com maior taxa de incidência e então nós fizemos, era "formar para a vhida", vhi, vida e era nesse sentido que era para formar nas pessoas, sensibilizar junto das unidades hoteleiras, os próprios trabalhadores para a questão de adoção de comportamentos saudáveis e também não foi aprovado por falta de financiamento (sorri). E passado algum tempo chegámos a fazer outro, esse já não me recordo, sei que foram três ali de seguida e que foram todos ali cortados pela questão financeira.

I: E depois desististe ou ainda estás a pensar fazer mais?

E3: Eu tenho-os guardados, tenho-os todos guardados e nunca se sabe porque …ah houve também um projeto muito engraçado que era "na corda bamba" esse foi em termos individuais, que era para a população mais jovem, que era mesmo um jogo de risco, que era para aquela tomada de decisões, saber o risco, saber o…aquela questão da responsabilidade, se eu for por aqui acontece-me isto, se for por ali o que é que eu tenho de fazer? E então era "na corda bamba" porque era também com adolescentes e faz parte não? E era o saber, o responsabilizar, "eu conheço as drogas e sei que isto faz isto e isto e cabe-me a mim decidir se quero ir por ali e arcar com as consequências ou se tomo uma atitude responsável e ir por outro caminho" e era muito com atividades lúdicas, atividades de *rapel*, radicais, canoagem e tinha todo um percurso de descoberta, por acaso também tava, mas depois também não houve financiamento, ainda apresentei à câmara mas não... nós tentamos mas (sorri).

I: Pode ser que um dia tenham uma resposta positiva. Agora podias, já que estás desempregada não é, entre aspas, podias pensar noutra coisa e…

E3: Por acaso ainda há pouco tempo tive a folheá-los todos e nunca se sabe…

I: Relativamente à profissão, já reparei que és uma pessoa dinâmica e que gosta do que faz. A profissão foi ao encontro das tuas expectativas? Achas que?

E3: A profissão como assim?

I: A profissão de educador social, a tua profissão?

E3: Sim completamente, mas isto também já percebi que depende muito das instituições porque eu já tive em sítios que fiz tudo e "carta branca, força, avança" e isso acho que é ótimo. E já tive em sítios que "não, temos de ter calma, as coisas não podem ser assim" e quando sei que no fundo falta um bocado é vontade e dinamismo porque acho que os recursos económicos não são tudo, nós conseguimos também fazer muita coisa sem ter recursos económicos, por isso é que depende muito de instituição por onde passei, na casa senti-me completamente realizada mas por exemplo na câmara já não.

I: E no CNO?

E3: Também, o CNO faz parte da santa casa, já tinha um trabalho por trás, pronto as pessoas também conheciam o meu trabalho e deram-me completamente carta branca, era profissional mas fazia muito mais do que isso e pronto e isso também realizou-me tanto aquilo que fazia.

I: Relativamente às tuas funções. No CNO eram próprias do educador? Pelo menos a maioria delas. Neste momento achas que são? Tentas que sejam? Ou fazes muita coisa que não tem a ver com educador?

E3: Faço muita coisa que não tem a ver, eu neste momento estou numa área completamente diferente e aqui a minha função…estou a trabalhar num negócio familiar pequeno mas as pessoas não estão sensibilizadas por exemplo para a parte da formação e a minha missão neste momento vai ser fazer ver às pessoas que a formação é uma mais-valia e que as pessoas sentem-se mais realizadas, mais preparadas e que isso vai-se ver no final do mês em termos de lucros e em termos de organização, em termos de produtividade. A parte da responsabilidade social estou a fazer força porque é também para me manter sempre perto da minha área e para me obrigar a pesquisar e a manter sempre por perto porque o meu medo é que qualquer dia não é? Eu esteja dum lado e a educação social esteja doutro lado e não haja…

I: Então de certa forma foste à procura do que podias fazer no sítio onde estavas agora?

E3: Exatamente, porque eu fui para ali para fazer controlo de custos e a parte também da implementação da norma ISO 9001, em termos de organização de procedimentos e é assim eu estou sensibilizada que para as pessoas trabalharem em pleno têm de estar formadas e preparadas mas a gerência por exemplo não e então tive que "ok, faço controlo de custos mas têm de me deixar fazer a formação toda do pessoal e a parte da responsabilidade social", foi tipo uma negociação e ok.

I: Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional? Não te vou perguntar agora neste mas por exemplo no último, no CNO, achas que eras importantes na instituição e quais eram os principais efeitos que provocavas nos colegas? Eram muitos educadores? Eras só tu? Como funcionava?

E3: No último trabalho era eu e uma colega em termos de educadores sociais. Em termos de efeitos, pois isso é uma pergunta que eles é que deveriam responder mas pronto na minha perceção pronto realmente acho que sou, tenho algum dinamismo e acho que contagio, às vezes chegava lá e dizia "então e se nós fizéssemos isto?" e eram todos "ipa não venhas com coisas por favor" mas depois no fim já diziam "pois era boa ideia ok, vamos mudar", mas cada vez que eu levantava a mão para falar toda a gente jogava as mãos à cabeça "Não! Mias mudanças não, pára" (sorri) mas depois acabavam por ver.

I: Por ouvir?

E3: Sim por até concordar e depois toda a gente dizia que eu andava sempre lá tipo nas nuvens com as minhas, que as minhas ambições eram lá muito altas e que tinha de descer à terra, mas é assim, eu acho que para nós conseguirmos fazer algo temos de mandar as ambições lá para cima não é? Se for mais baixo ok, mas vamos tentar sempre o máximo, conseguir fazer sempre o melhor.

I: E em relação à perceção que os outros tinham do teu trabalho, nunca ouviste nenhum comentário? Achas que eles achavam que eras uma boa profissional? Alem de acharem que tinhas ideias muito altas…

E3: Acho que era muito a parte do dinamismo, dinamismo "vamos fazer isto, aquilo, aquilo" acho que era mais nesse sentido.

I:E eles apesar de tudo entravam na tua onda.

E3: Sim, primeiro era um problema, "outra vez? Mas nós acabámos de mudar isto." "pois mas está mal, já vimos que agora está mal e temos de por isto bem" e toda a gente "está bem", mas era um problema porque eu tinha algumas colegas que eram muito resistentes à mudança e pah eu acho que quando nós detetamos um erro, epá temos de colmatar logo, antes que provoque mais efeitos negativos, se as coisas estão mal temos de dar a volta e quanto mais cedo melhor. Claro que temos de organizar e de planear as coisas para ficarem bem feitas mas se tá mal não vale a pena continuarmos a fazer mal e a dizer "ah isto tá mal", era mais nesse sentido.

I: Há pouco falámos na remuneração, achas que ela está de acordo com o trabalho de desenvolves e com as funções que desempenhas?

E3: Eu posso dizer a remuneração, não tenho problemas. Aqui no CNO foi a remuneração mais alta, eu estava a ganhar mil e quinhentos euros, pronto brutos, depois com os descontos ficava prai mil duzentos e tal, acho que sim porque nós ali trabalhávamos imenso. As metas já se sabe, do CNO, são metas inalcançáveis contudo nós limitávamos ali uma meta mais ou menos equilibrada, não era aquilo que a ANQ nos dava, era mais a baixo mas também um tanto ambiciosa e eu tinha isenção de horário, o CNO tava aberto das dez da manhã às dez da noite e muitas eram as vezes que eu trabalhava lá das dez da manhã às dez da noite e levava trabalho para casa ao fim de semana, é muito "é preciso fazer? ok" e não "ai tenho que sair às seis, tenho de sair às dez" não, porque ali saiamos quase sempre às dez da noite, por isso tendo em conta a tabela de salários da nossa área esses mil e quinhentos é um bom ordenado mas tendo em conta as horas de trabalho e o trabalho que levávamos para casa não era nenhum trabalho extraordinário.

I: Não vos pagavam as horas extras?

E3: Não, não, isenção de horário pois serve para isso mesmo.

I: E agora voltaste para trás?

E3: Sim pois agora como vou fazer um POC vou estar com o subsídio de desemprego, ainda não sei bem qual é mas deve ser prai oitocentos e tal, novecentos euros, agora sim sei que o salário no CNO era muito bem pago, agora vejo que sim (sorri).

I: (interrupção) Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar a profissão do educador social? Já falámos aqui um bocadinho da universidade, em relação às entidades?

E3: Uma Ordem, uma Ordem dos educadores sociais, a pagar quotas, uma coisa assim mais organizada e que obrigasse as pessoas a se envolverem mais, por exemplo os psicólogos tiveram anos e anos a lutar por uma Ordem e finalmente conseguiram e sinto que as coisas estão mais organizadas e existe outra entrega, outro reconhecimento.

I: A minha opinião é que agora cada vez mais há pessoas mais desinteressadas e as que estão interessadas não estão unidas no mesmo grupo, existem muitos grupos…

E3: Está tudo muito disperso.

I: Estou-me a lembrar no "facebook", em vez de existir um grupo dos educadores sociais

E3: Existem uns quantos.

I: Existem quatro ou cinco ou seis e as pessoas estão divididas, há pessoas que fazem parte de todos mas há outras que não e não existe uma… por exemplo agora quando estive à procura das pessoas para o meu estudo tive de procurar em N sítios, não havia um sítio em que eu pudesse ir ali e nem a própria universidade me facultou isso. Não existe uma fonte.

E3: Por isso é que eu acho que uma Ordem seria o ideal, a pagar quotas, com congressos, uma coisa organizada e que também responsabilizasse as pessoas nesse sentido "tenho de pagar as quotas, tenho de ir aos congressos" algo mais reconhecido, por isso é que existe o conselho nacional de educação social, mas inda assim ainda acho que está pouco divulgado.

I: Dentro da tua atividade profissional, do que tens feito pronto da nossa profissão, o que é que tem contribuído mais para a tua satisfação pessoal e profissional?

E3: Como assim? Qual foi a profissão?

I: Do trabalho todo que tens feito o que é que contribuiu mais para a tua satisfação? Falavas há pouco da frustração e isso é um motivo de insatisfação não

é? Mas também deve haver motivos bons. O que é que te tem satisfeito mais pessoalmente e profissionalmente?

E3: Pois é que a minha profissão teve muito essa função do recompensar e as pessoas com que trabalho, neste caso os adultos acho que tiveram muito esse papel. O reconhecer que se calhar foi graças ao nosso trabalho de equipa que eles viram as competências reconhecidas e são agora pessoas mais motivadas, mais valorizadas, mais reconhecidas, essencialmente por ai…

I: Não te sentiste frustrada nesse trabalho?

E3: No final, agora sim, frustrada, revoltada, acho que fui injustiçada, completamente.

I: Por teres de sair?

E3: Pelo centro ter que fechar, que o centro fechou na totalidade e acho que foi uma tremenda injustiça, os parâmetros ainda não se percebeu quais, nós ficámos excluídos por cinco pontos, os valores tive a ver a avaliação e não faz absolutamente sentido porque nós tivemos por exemplo zero num parâmetro que analisa tipo a estrutura no geral e é impossível nós termos zero, senão nunca tínhamos estado abertos com o centro e sinto-me injustiçada, revoltada mas pronto, também já virei a página. Acho que nós temos de aceitar as coisas e não podemos olhar para trás.

I: Mas a nível do trabalho que fazias lá sentias que valia a pena, sentias-te recompensada?

E3: Completamente, completamente.

I: Pelas pessoas, colegas?

E3: Por tudo, tudo. Acho que a equipa funcionava muito bem, havia um trabalho de equipa muito bom, as pessoas gostavam muito daquilo que faziam e davam o tudo por tudo e pronto e dum dia para o outro chegaram lá e fecharam-nos a porta.

I: Não houve uma? Não voltaram a pedir revisão?

E3: Pedimos, ainda não se sabe de nada.

I: Ainda não se sabe de nada.

E3: Não, a ideia que eu tenho é que os centros que ficaram eram aqueles que menos mobilizavam pessoas, porque é assim isto era uma política do antigo governo e este governo quer acabar com isto, e então qual é a melhor forma de ele acabar? É pegar naqueles que mobilizam mais pessoas e ir deixando aqueles pequeninos que é também para não dar muito nas vistas e por aquilo que eu conheço pelo trabalho de colegas, os grandes, os centros que mobilizavam mais pessoas, por exemplo no Algarve foram aqueles que fecharam, como era por exemplo a escola de hotelaria, nós ali na santa casa, a vicentina, quem é que ficou? Aqueles mais pequeninos, a In Loco, sim a In Loco tem outro historial, também tem uma pessoa por trás que tem um grande peso, a ASMAL, a ASMAL não tinha inscritos por exemplo e as escolas secundárias que é uma realidade completamente diferente.

I: Se tivesses de recomendar esta profissão a alguém o que é que tu dizias? Quais eram os argumentos que utilizavas? Para que é que chamavas a atenção?

E3: Se eu recomendasse esta profissão a alguém tinha de ser uma pessoa que fosse muito dinâmica, muito proactiva e muito empreendedora porque acho que as pessoas que não têm estas caraterísticas, dificilmente vão-se dar bem na nossa profissão. É que nós tem que se fazer à vida, se não dá pra aqui tem de fazer para ali, tem de propor, tem de inventar, tem que mexer, e acho que estas três caraterísticas, juntando a criatividade também são fundamentais para uma pessoa se dar bem. Porque é assim, frequentar o curso, o curso é interessante, o pior é o quê? É a parte depois na inserção no mercado laboral aí é que é o problema e se não for uma pessoa que queira muito, que goste muito e que seja muito proactiva dificilmente vai conseguir trabalhar na área.

I: Pois, é o que está a acontecer agora com muita gente. Na tua opinião, já falaste um bocadinho das caraterísticas que achas que o educador deve ter? A nível de caraterísticas pessoais por exemplo o dinamismo como tu disseste, a nível social o ser capaz de trabalhar com outros talvez…

E3: Completamente, também a questão da adaptabilidade, pah ser uma pessoa que conseguir trabalhar com qualquer pessoa, de qualquer área, em termos mesmo de uma disponibilidade mental para se dispor a… trabalhar mesmo com pessoas de todas as áreas, com públicos…

I: Sem preconceitos.

E3: Sem preconceitos completamente, já nem toco nisso. Com públicos dos oito aos oitenta, tem de haver uma disponibilidade total e querer, e querer e gostar e ter paixão por aquilo que faz.

I: Vocação.

E3: Completamente.

I: Vou-te dizer cinco caraterísticas e gostava que me dissesses se são ou não para o educador social e porquê? O criativo já disseste, acho que não vale a pena…dinamizador?

E3: Completamente.

I: Também já falaste um pouco, o ser capaz de fazer mais coisas e diferentes. Manipulador? Achas que é importante? E porquê?

E3: Hum, manipulador depende, eu dizia mais persuasivo. O ser persuasivo, o ser o não e conseguir contornar, sobretudo quando se fala com instituições, nós precisamos muito do apoio de várias instituições e manipulador ou em termos do público não diria manipulador mas persuasivo. Manipulador se calhar é muito forte.

I: Então manipulador não concordas?

E3: Não.

I: Planeador?

E3: Sim, sim, planear, organizar, sim.

I: Inventar, inovar.

E3: Conceber, exatamente.

I: E autoritário?

E3: Não.

I: De maneira nenhuma?

E3: Há formas…empreendedor, acho que uma pessoa pode ser dinâmica, fazer chegar onde quer, mas sem ser duma forma autoritária, de forma alguma, sobretudo acho que sim um comportamento democrático, isso sim.

I: Aliás isto vai contra tudo o que nós aprendemos.

E3: Completamente. Mas já agora, essas caraterísticas foram as pessoas que disseram?

I: Isto foram as respostas do questionário, foram as cinco principais caraterísticas que…

E3: Ahhh, ai meu deus! Autoritário??

I: As principais minto, o criativo, dinamizador e planeador foram as principais e depois pus algumas que para mim eram negativas que era o caso do manipulador e do autoritário que tiveram respostas a favor, que o educador devia ser aquilo, não tiveram muitas mas tiveram e então decidi por na entrevista para ver um pouco…

E3: Ai mãe. Para veres o que isso vai dar.

I: Para ver o que isto queria dizer.

E3: Exato.

I: E há pessoas que dizem que sim.

E3: Ah pois, se calhar até são pessoas que estão a trabalhar já com grandes cargos não é? (sorri).

I: Pertences a alguma associação cívica, cultural, desportiva, recreativa, religiosa?

E3: Não, a única associação que pertenço é a irmandade da santa casa da misericórdia, mas tenho de dizer que tenho pouca envolvência porque não existem propriamente atividades concretas, é mais em termos de burocráticas, aprovações. Quando era miúda pertencia, eu não sou de cá, sou da Madeira e lá pertenci a N associações, depois aqui as coisas mudaram, acomodei-me um bocado e tive alguma dificuldade em me inserir em termos cívicos tive alguma dificuldade nesse aspeto.

I: Com que idade é que vieste para cá?

E3: Dezoito anos, vim para cá estudar e portanto estava na idade perfeita para me inserir na vida cívica mas se calhar não me identifiquei com nenhuma instituição, com nenhuma associação… se calhar estava presa a realidades concretas e então via aquelas que eu pertenci como…

I: As melhores?

E3: Exato e como achei que como conheci "ah sim, funcionam assim pois tá bem, logo vejo" e fui deixando, deixando e acabei por não me integrar.

I: E na Madeira era mais ou menos o quê?

E3: Era uma associação juvenil, pronto era ligada à igreja mas tinha muito trabalho fora em termos da própria comunidade, aquelas festas religiosas em que organizávamos a própria comunidade para participar ativamente, desde o…fazíamos atividades como teatro e musicas, danças, organizávamos excursões com a população mais velha. Pertenci também a um grupo de música, de música tradicional também de jovens, também tínhamos muitas atividades, fazíamos muitos intercâmbios…sim foi só, foi só essas duas.

I: E está a pensar voltar para a Madeira ou ficar cá?

E3: Neste momento não.

I: Neste momento estás melhor aqui. Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise, que todos nós conhecemos, o que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o papel dos educadores sociais? Mais precariedade? Mais trabalho?

E3: Hum, mais precariedade e acho que vai passar muito pela emigração. Eu por exemplo estou, tenho uma situação diferente porque como disse trabalho num negócio de família, um negócio sustentável e se calhar tenho em termos de sustentabilidade onde, entre aspas, me agarrar, mas se calhar se não tivesse esta oportunidade onde me agarrar não, já tinha saído porque acho que as coisas estão más e vão ficar pior, infelizmente e é péssimo estar a dizer isto porque nós devíamos fazer tudo por tudo para o nosso país mas acho que neste momento a política, os próprios políticos é que nos incentivam a isso, é péssimo não é? Nós jovens é que devíamos estar aqui a fazer e a

lutar por isso, pelo país e mão de obra especializada e pessoas formadas mas acho que a realidade vai passar pela emigração, sem dúvida.

I: Mas com o piorar da sociedade achas que o trabalho dos educadores vai ser reconhecido? Ou vamos continuar assim ou piorar ainda mais?

E3: É assim, deveria de ficar mais reconhecido com a precariedade mas acho que os nossos políticos não vão chegar aí.

I: Não veem?

E3: Não, não veem, o ideal seria porque cada vez há mais problemas não é? E cada vez o educador social deveria estar mais posicionado em termos de inserção profissional mas as instituições e os políticos não conseguem perceber isso, não conseguem e acho que as coisas não vão por aí.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a cinco, dez anos?

E3: Ui boa pergunta.

I: Não fazes ideia?

E3: Eu não sei mas algo que diz que eu cada vez mais vou-me afastar da área, da área social. É que é assim, gosto muito sim, só que já cheguei a um ponto que estou cansada porque vou para uma área e dou o tudo por tudo e chega a um ponto que "não!" acabou o financiamento, pronto ok não desisto, vou para outra área e dou o tudo por tudo, "não, acabou" e isto cansa, porque nós começamos a fazer um trabalho e depois chega a um ponto em que ele vai todo abaixo e depois começar outra vez de novo e eu acho que eu neste momento preciso de algo sustentável, de ver o trabalho a crescer, a evoluir, é a tal evolução na carreira e eu sou muito otimista mas também sou realista e acho que neste momento, nos próximos cinco anos acho que vou estar afastada da área. Espero bem que não! Mas acho que a realidade vai ser essa. Aquilo que ainda me cativa um bocado e me dá alguma segurança é a formação porque acho que ainda é uma forma de me manter mais ou menos perto da área, não é algo sustentável, vou dando umas horinhas aqui, outras horinhas ali mas pronto vai-me dando aquele gozo de estar sempre a fazer aquilo que realmente gosto.

I: Pois tens o bichinho. E se te fosse dada a opção de escolha como é que gostavas de estar profissionalmente daqui a uns anos? Onde é que gostavas de estar a trabalhar?

E3: Boa pergunta (sorri).

I: Pois eu já fiz há pouco um bocadinho, mas se pudesses escolher?

E3: Sim, eu tenho penado nisso, eu acho que era numa instituição onde tivesse liberdade, acho que não importa qual mas se dissessem "olha tens carta branca para fazeres aquilo que quiseres, vê o que tá mal, identifica as necessidades e cria um projeto, aquilo que tu quiseres" depois se pudéssemos sonhar alto, o meu sonho era ter uma fundação ou assim (sorri) onde eu pudesse fazer aquilo que eu quisesse. Acho que é mesmo em termos de autonomia porque eu não posso dizer que existe uma população que eu goste mais de trabalhar ou não, acho que eu gosto mesmo é de ter a liberdade e de fazer e criar e de poder trabalhar nesse sentido.

I: Podes sempre continuar a apostar nos projetos não é?

E3: Exatamente (sorri).

I: Pode ser que um dia alguém te responda positivamente. Já falaste da emigração, colocas a hipótese de ir para o estrangeiro?

E3: Neste momento não.

I: Mas gostavas? Achas que era importante?

E3: Epá eu sou muito agarrada às coisas e custa-me, custa-me porque eu acho que a pior coisa que pode acontecer para um país, como nós estamos agora, é os jovens e sobretudo os jovens formados estarem a sair daqui, é a pior coisa e é o que está a acontecer, é nós levarmos o melhor que nós temos daqui para fora, dar aos outros e não me vejo nos próximos dois, três anos a ir, não, mas não sei.

I: Achas que o tempo disso portanto era por exemplo no Erasmus, durante o curso era uma boa hipótese de ir, agora já não?

E3: Não. Há duas coisas que eu me arrependo profundamente de não ter feito, foi o Erasmus e o inter-rail de mochila às coisas, mas isso em termos de experiência, em

termos pessoais. Agora em termos de emigração, um ano, dois anos, se calhar nunca se sabe mas emigrar mesmo sem data de regresso, não, não me vejo (sorri).

I: Tá bem, da minha parte está. Não sei se queres acrescentar mais alguma coisa.

E3: Não.

I: A nível da profissão, a nível de…por exemplo há uma coisa que me tem feito um bocadinho de confusão, porque eu também sou daquelas pessoas que acredito muto nisto mas também nunca tive uma experiência profissional a fundo e o que tenho visto a nível dos seminários e das coisas que há aqui na escola é que há muitos educadores a trabalhar mas que trabalham essencialmente a nível assistencialista.

E3: Ah sim.

I: Que não apostam verdadeiramente na educação social, em mudar…

E3: Sim mas isso acho que também depende da própria pessoa porque quando eu fui para a santa casa era muito nesse sentido e eu cheguei lé e "então e se fizéssemos isto? E isto? E isto?" e as coisas mudaram, acho que depende mudaram. Acho que depende da pessoa.

I: A própria instituição pode ser fechada mas se a pessoa tiver iniciativa e gostar…

E3: Eu senti que abri uma porta ali, por exemplo eu fui para lá e não havia ninguém a fazer nada de trabalho com os jovens, depois eu saí de lá e a própria instituição foi recrutar outra pessoa para o meu lugar, eu criei uma necessidade e realmente viu-se que era preciso uma pessoa ali.

I: E eles continuam com o trabalho que tu começaste?

E3: Continuam e é engraçado que na altura até foi uma colega também do nosso curso, até foi para uma instituição que pediu-me para fazer as entrevistas e tem sido sempre, depois entretanto agora está lá uma psicóloga mas também nesse trabalho.

I: Então aí não ficaste frustrada? Esse trabalho continuou…

E3: Não, não, foi bom, foi ótimo e só saí porque senti necessidade de experimentar outras coisas, foi o meu primeiro trabalho, tive dois anos com crianças e jovens mas queria outras coisas, não é?

Fim da entrevista!

Entrevista nº 5

Data de realização: 10 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Junta de Freguesia de São Sebastião, Loulé.

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Eu não sei se já tem conhecimento do meu estudo, eu estou a estudar os tipos de instituição em que os trabalham e o tipo de trabalho que desenvolvem.

A minha entrevista está dividida em vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso, porque que escolheu este curso? Quais foram os principais motivos, as principais razões que a levaram a escolher? Foram pessoais, sociais, influências?

Entrevistada nº 5: Aqui no meu caso foi mais porque era na altura, era dos cursos que estava mais relacionado com a minha área de trabalho e aí foi um bocado também uma aposta na minha formação a nível superior para também adquirir mais conhecimentos e poder melhorar o desempenho a nível pronto do trabalho que desenvolvia já na In Loco.

I: Então já trabalhava?

E5: Sim. Aliás eu fiz o percurso inverso, comecei primeiro a trabalhar digamos, não sei muito bem se é como educador social porque faço um bocadinho de tudo porque pronto o meu trabalho, eu sou técnica de animação territorial há muitos anos, desde 91 na associação In Loco e só entrei para a universidade em 2004, portanto acabei em 2008. Portanto, foi mais porque era na altura dentro… por um lado pensei que tivesse mais facilidade porque já estava ambientada com muitas temáticas porque ao longo do meu percurso sempre tive muitas formações em contexto de trabalho e pronto. Na altura havia dois cursos que eu tinha muito interesse, um ligado ao desporto que é a minha área, a minha segunda opção em termos de trabalho e como esse curso era mais difícil de frequentar, na altura o do INUAF é que me interessava e era de dia e era muito caro, não havia hipótese e então concorri para educação e intervenção comunitária e como entrei olha (sorri) fiquei por aí.

I: Quais eram as suas expetativas em relação ao curso? Eram elevadas? E de que forma é que estas se tornaram realidade?

E5: Pronto as expetativas não eram assim, pronto não havia muito, pronto eu tinha muito conhecimento do que é que era o curso de educação e intervenção comunitária porque por um lado tinha muito contacto com o curso inclusivo fui algumas vezes à universidade falar do trabalho da associação In Loco como técnica, conhecia muitas pessoas portanto quer em termos do meu trabalho que também já passaram pela In Loco alguns educadores sociais e de educação intervenção comunitária, portanto tinha alguma relação de proximidade. Por outro lado, em título do meu trabalho de voluntária em várias associações e IPSS's e portanto também conhecia muitos educadores comunitários e então as expetativas pronto não fui apanhar assim grandes surpresas não é? É óbvio que há sempre… a minha visão do curso em relação à maioria das pessoas que lá estavam era sempre um bocadinho diferente porque tinha lá trinta colegas fresquinhas, aliás tinha uma colega com dezassete anos não é? Portanto e depois tinha eu e mais um ou duas pessoas já com um *know how* de trabalho muito grande e depois a aplicação da teoria à prática nem sempre as coisas são assim tao próximas não é? E então tinha sempre uma visão mais crítica, como é óbvio não é? Com a minha experiência.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação? O que é que gostou mais no curso?

E5: Pronto o facto de nós também termos…o curso ter contacto com o contexto de trabalho mesmo desde o primeiro ano, porque nós sempre realizámos trabalhos extrauniversidade, pronto em várias instituições e isso acho que prepara um bocadinho as pessoas depois quando vêm cá para fora não é? Porque acabam por contactar logo com a realidade e isso realmente é uma mais-valia penso eu, que muitos cursos, alguns não têm não é? Com a componente prática, e isso aí eu tive essa, para mim não era novidade nenhuma não é? Porque eu já trabalhava, mas penso que para a maioria das colegas é um fator muito positivo porque desde o primeiro ano as pessoas são lançadas um bocadinho ao terreno e acabam por ter de fazer o trabalho um bocadinho a esse nível não é? Agora o curso provavelmente é capaz de já estar um bocadinho diferente, depois também houve a reestruturação dos três anos, porque eu entrei ainda em educação e intervenção comunitária.

I: E em relação aos motivos de insatisfação, o que é que aponta de menos positivo no curso? De quando teve lá e mesmo depois de ter saído…

E5: Na altura senti, penso que pronto, eu como é que eu hei de dizer? Não sou uma pessoa que possa avaliar se calhar isso muito, pronto uma percentagem muito elevada porque eu era uma pessoa que ia pouco às aulas porque pela minha atividade profissional era-me muito difícil. Na altura o curso não era noturno, abriu no ano a seguir a eu sair e eu tinha muita dificuldade em ir às aulas e normalmente ia uma manhã por semana o que é muito pouco e acabava por apanhar sempre tudo um bocadinho de paraquedas não é? Mas sentia na altura, não sei se isso se mantém, algum pronto em termos de alguns professores havia alguns atritos entre as pessoas, depois em termos de coordenação de práticas havia dois orientadores e as coisas não funcionavam assim lá…cada um tinha a sua estratégia, não é? (sorri) pronto mais a esse nível que eu também, digamos…e depois penso que nalguns casos também senti-me um bocadinho penalizada porque é assim as pessoas ou simpatizam ou não simpatizam e tive alguns problemas com um professor ou dois pronto que não quiseram ver muito bem o meu lado de trabalhadora- estudante e penalizaram-me bastante a esse nível pronto só essas pequenas.

I: Num questionário que eu fiz numa fase anterior à da entrevista, fiz esta questão dos motivos de insatisfação e os principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três fatores há algum com que se identifique?

E5: Pronto é assim eu tenho uma visão um bocadinho diferente em relação a isso porque eu não entrei para o meu trabalho por ser educadora social portanto eu entrei para o meu trabalho tinha dezanove anos, na altura tinha o 6ºano de escolaridade portanto esse não foi um pré-requisito de forma alguma e fiz portanto o meu percurso escolar todo em contexto de trabalhadora-estudante, estudei à noite durante todo esse período e tive sempre formação, aliás a In Loco teve sempre esse método de que foi dar formação em contexto de trabalho e formação de encontro às necessidades encontradas no trabalho no dia-a-dia e portanto e então eu não revejo aí nesse reconhecimento. Eu tirei o meu curso continuei com o meu trabalho, não progredi na carreira em termos de, por ter uma licenciatura não passei para nenhum escalão a seguir, estava já num escalão em que

muitos licenciados estavam portanto não veio fazer alteração nenhuma. É óbvio que em termos da minha valorização pessoal pronto e da minha forma de estar pois é óbvio que o curso contribuiu. Pronto foi muito bom, contactei coisas novas, conheci novas pessoas, tive novas experiências e isso é sempre muito enriquecedor por isso não me consigo rever aí. Eu penso que hoje em dia se calhar algumas instituições já reconhecem o trabalho do educador social, aliás eu sou voluntárias numa IPSS, sou presidente dum lar em querença e a nossa diretora técnica é uma pessoa de educação e intervenção comunitária e penso que as IPSS têm esse cuidado de ter pessoas dessas áreas e penso que a maioria até tem educadores sociais pronto no seu leque de funcionários. Isto daquilo que eu conheço porque depois trabalho no interior aqui do concelho de Loulé e conheço, aliás conheço todas as IPSS e não consigo apontar uma que não tenha lá uma pessoa dessa área portanto é óbvio que nós somos muitos e como todos os outros cursos não há lugar para todos.

I: Então acha que o curso foi uma mais-valia para si?

E5: Sim claro, em termos pessoais sim. Em termos de trabalho sem dúvida porque pronto aprendi muitas mais coisas, se calhar deu para pensar um bocadinho mais às vezes sobre a minha intervenção mas em termos, é como disse de progressão de carreira e seja lá o que for portanto eu posso-me considerar uma pessoa como muitos cidadãos que têm um tipo de trabalho precário e acho que é em todos os sítios é assim, portanto eu trabalho a nível de projetos, trabalhei 10 anos a recibo verde, portanto neste momento estou no quadro da associação mas isso não me garante nada, portanto nós trabalhamos por projetos e se acabar o projeto não há continuidade e portanto vimos para a rua como em todos os outros sítios neste momento, sendo educador social ou não portanto não me traz nenhuma diferença e é obvio que pronto o curso foi uma mais-valia sem dúvida e foi um objetivo que eu tive em dada altura e que consegui concretizar e que me sinto satisfeita por isso e fiquei contente com o curso, não tenho assim coisas a apontar que fossem muito graves ou falhas do curso porque em todos os sítios há coisas boas e menos boas e no curso também há também coisas que funcionam melhor e outras que funcionam menos bem.

I: Durante a licenciatura, já disse que era ausente, nunca participou em atividades extracurriculares? Seminário*s, workshops?*

E5: Participei nalgumas, poucas coisas. Poucas coisas.

I: Mais a nível da entidade empregadora?

E5: Era a reciclagem, mais a esse nível. Mas participei, tive num encontro de educadores sociais, no primeiro que se fez convidaram-me para ir lá fazer uma apresentação também do trabalho que desenvolvia na In Loco e fui algumas vezes também a outras turmas mais de iniciados também apresentar o trabalho que desenvolvia na In Loco portanto participei em algumas dessas atividades.

I: E além do curso sente necessidade de mais formação ou sentia necessidade de mais formação ao nível de cadeiras ou de outra licenciatura que pudesse complementar esta?

E5: É assim no meu trabalho eu acho que tinha de ter uma licenciatura de todas as áreas, aliás uma coisa que nós, e penso que em todo o lado porque somos um país em que somos maravilhosos em produzir a legislação e é uma coisa que no curso eu não tive contato e que tenho no meu dia-a-dia, todos os dias tenho de interpretar leis, tenho de ler leis, tenho de dar a parte de imensas coisas mas isso é daquelas coisas que a gente todos os dias tem de continuar a insistir e a estudar porque cada coisa que se faz é necessário saber sobre aquilo não é? Portanto não há nenhum curso que consiga ter toda essa formação compilada não é? É impossível, portanto acho que a gente vai ter e tem sempre necessidade de formação e temos de ir fazendo a formação de encontro às nossas necessidades e acho que vai ser ao longo de toda a vida não é? Não é por ter uma licenciatura ou um doutoramento ou um mestrado que vamos ficar sábios, isso aí (sorri) porque no trabalho do dia-a-dia nós sentimos essa necessidade e todos os dias temos de aprender coisas novas e de investigar e de estudar.

I: Então a nível do plano de estudos do curso, acha que faltava principalmente essa base legislativa?

E5: Essa componente, sim. Nós não trabalhámos isso e qualquer trabalho hoje em dia e eu estou a pensar muito nos diretores técnicos de instituições que se calhar é onde se encontra uma boa parte do pessoal desta área e eles têm de lidar com uma panóplia de legislação diária que não é pêra doce, portanto se calhar devia de haver um bocadinho mais reforço na questão de ajuda à interpretação porque a legislação está sempre a alterar e o que a gente estuda agora amanhã já não é não é? Mas uma forma se calhar

mais prática das pessoas aprenderem a interpretar a legislação e a saber decifrar o que é que lá está.

I: Acha que o funcionamento geral do curso esteve bem?

E5: Sim, sim.

I: A qualidade dos docentes. Na qualidade dos docentes era necessário melhorar alguma coisa?

E5: Pronto é estas pequenas falhas que eu disse…

I: Os atritos?

E5: Sim. Eu também tive lá…pronto apanhei um orientador de práticas que tinha sido meu colega de trabalho portanto não foi muito fácil ao inicio porque… nem fácil para mim nem para ele porque nós por um lado não sabíamos muito bem como é que devíamos lidar um com o outro e isso causou alguma confusão a nível inicial (sorri) por pronto culpa das duas partes, não foi do professor nem minha só, foi dos dois e pronto não é fácil apanharmos um professor na universidade que já trabalhámos ou que já tivemos uma relação muito próxima não é? E depois não sabíamos muito bem como nos devemos tratar, tratávamo-nos por tu e depois em contexto de aula isso já não é muito saudável ao nível do resto de grupo e isso causou alguns problemas. Mas pronto fora isso e uma ou outra situação de eu me ter sentido penalizada pelo facto de pronto…

I: Ser trabalhadora estudante…

E5: Pronto ser trabalhadora-estudante eu consegui ter, nunca mais me vou esquecer a portanto nós na associação In Loco temos há anos um centro de novas oportunidades, os CNO's, eu nunca fui técnica profissional do CNO mas sempre tive por dentro do que era o CNO e da educação de adultos, aliás é a base da In Loco e eu consegui ter que ir a exame à disciplina de educação de adultos e aliás fiquei um ano para trás por causa dessa disciplina e portanto era a única disciplina que naquele semestre eu achava que ia passar e fui a única que eu chumbei portanto foi giro (sorri).

I: Acha que foi em certa parte também por causa do professor?

E5: Foi, foi. Foi sem dúvida, foi uma birra, pronto eu tenho os meus dias no meu trabalho, tenho um problema que tenho dias de atendimentos fixos nas freguesias e a

aula coincidia precisamente num dia do meu atendimento, o que pronto, eu falei com o professor e disse que era muito complicado e ele decidiu…pronto ele tinha aquele método de avaliação que tinha a ver com uma percentagem tinha a ver com a participação nas aulas e eu fui altamente penalizada, pronto ele nem sequer questionou, eu tinha outras disciplinas com esse problema e que os professores tentaram encontrar alternativas não é? Como fazer trabalhos extra para compensar aquela percentagem de não ir às aulas e ele nunca teve acessível para fazer nada disso mas pronto já passou (sorri).

I: Pois. E relativamente ao curso não tem mais nada a apontar… depois em relação ao percurso profissional, sempre trabalhou na In Loco, pelo menos desde que terminou o curso? Tem sido sempre este o seu percurso profissional?

E5: Sim.

I: O que é que faz exatamente?

E5: (sorri) isso é que é um bocadinho mais complicado. É porque nós fazemos tanta coisa que às vezes é como eu costumo dizer, às vezes se calhar fazemos tanta coisa que parece que não fazemos nada não é? Mas pronto neste momento nós portanto a equipa de animação territorial está ligada a um programa que é o PRODER, que está dentro do quadro comunitário portanto um programa de financiamento, a In Loco é a entidade gestora de um grupo de ação local, portanto gere o núcleo de financiamento na zona do Algarve, Serra do Cadeirão portanto são quatro concelhos e neste momento nós estamos afetas e eu estou afeta em termos de salário e em termos de trabalho. O PRODER é o eixo três do PRODER que é da dinamização das zonas rurais, nós temos concursos e o trabalho passa essencialmente por atender promotores de projeto e encaminhar projetos para chegarem a candidaturas e para as pessoas obterem o financiamento. Isto quer para associações locais, IPSS, autarquias, empresários, agricultores, pronto, nós temos de dominar a legislação e todo o enquadramento legal do programa e não fazemos as candidaturas aos promotores, como é óbvio porque somos analistas, somos a entidade que avalia portanto não podemos fazer as candidaturas, mas encaminhamos as pessoas no sentido de juntar toda a documentação necessária ao processo para chegar a uma candidatura. Isto traços gerais do trabalho neste momento no âmbito do PRODER. Depois fazemos muito do outro trabalho, eu, pronto cada técnico dependendo um pouco da especificidade da zona onde está inserido, pronto eu produzo há muitos anos, que foi

uma iniciativa da In Loco através de um projeto, portanto eu faço um boletim informativo da freguesia de Querença que sai mensalmente, esta é a edição de Março se a Rute quiser ficar, portanto isto já vai no numero 156 surgiu em 98 e eu sou a coordenadora desse projeto e desse processo. Aliás esse é um processo participativo, é pronto um exemplo, é um boletim que surgiu no âmbito de um projeto e conseguiu ter continuidade mesmo sem haver financiamento não é? Neste momento é a câmara que paga as cópias da expedição por correio, ele é distribuído a todos os residentes da freguesias de Querença e tem o cuidado de pronto passar a informação que não fira suscetibilidades a nível local e envolver todas as entidades, pronto passar informação sobre as coisas que fazem, quer da junta de freguesia pronto tem sempre o cuidado de não publicar nada que tenha a ver com política partidária, nem pronto, é um elo de ligação na freguesia e eu sou responsável por fazer mensalmente, aliás estou a acabar o de Abril agora. Esse boletim que eu penso que é pronto participa a escola, a câmara, o lar, a casa do povo, a junta de freguesia, as pessoas individualmente e tem o cuidado de passar informação simples, notícias curtas e informação que seja de interesse àquele núcleo de pessoas, que é os residentes da freguesia. Pronto esse é um dos trabalhos, depois nós fazemos, eu faço também, não sei se a Rute já ouviu falar mas pronto a nível nacional há muitos anos os agricultores têm o benefício de se poder candidatar a subsídios para manter a atividade agrícola e o interior tem algumas mais-valias a esse nível, as pessoas podem receber financiamentos para manter no fundo um bocadinho as terras sem matos e essas coisas e nós fazemos esse tipo de candidaturas. Nesta altura é uma altura de receção de candidaturas e normalmente fazemos num posto em Salir, atendemos já à volta de 320 agricultores e fazemos 320 candidaturas nesta altura, todos os anos. Damos apoio a todas aquelas pessoas que têm animais, no preenchimento dos registos dos livros, quando morrem, quando nascem, pronto damos apoio a esse nível e a resolver problemas…vem sempre cartas, que depois as pessoas são controladas, há inspeções, têm de devolver dinheiro, pronto damos todo esse acompanhamento a nível local. Depois atendemos no fundo todo o tipo de pessoas porque chega-me desde o desempregado que quer saber coisas do IFP e eu quando não tenho a informação encaminho para essas entidades, desde a pessoa que quer desenvolver atividades na área do turismo, pronto e damos um bocado esse acompanhamento. Ah, trabalhamos também a nível dos licenciamentos de produções locais, damos apoio a produtores que se querem licenciar, a unidades de produção de queijo, destilarias. Tivemos há pouco tempo um projeto ligado à formação com produtores de aguardente de medronho,

apoiámos o licenciamento de cerca de quarenta destilarias e demos formação em HCCP, pronto nós acompanhamos esses processos. Ah divulgamos depois toda a … como trabalhamos a nível local, todas as iniciativas da In Loco desde a formação, ao centro de novas oportunidades, nós divulgamos nos sítios e inscrevemos pessoas e pronto, portanto é um bocadinho… organizamos as feiras da serra, participamos na organização de feiras, organização de produtores, transportes, depois ajudar as pessoas a montar os espaços, pronto é um leque de coisas assim muito variado, assim por alto.

I: E sempre foi mais ou menos o mesmo?

E5: Tem ido mudando um bocadinho. Digamos que a nossa intervenção inicialmente, como eu costumo dizer nós fazíamos desenvolvimento local e neste momento eu questiono-me se fazemos algum trabalho desse tipo porque nós antes tínhamos muito mais tempo para estar no terreno com as pessoas e neste momento não, nós temos uma carga de papéis muito grande, a legislação é muto complexa e muito exigente, está a mudar constantemente e isso faz com que a gente tenha de passar muito tempo agarrado a papéis, o que às vezes não é muito saudável mas pronto é necessário, e pronto é esse o trabalho essencialmente que fazemos.

I: E inicialmente quando trabalhava mais diretamente com as pessoas, o que é que fazia por exemplo?

E5: Era também este tipo de trabalho mas tínhamos mais tempo para perceber as necessidades das pessoas porque agora digamos o PRODER é um seguimento da iniciativa LIDER, de um projeto que também foi de financiamento e foi nesse âmbito que eu entrei para a In Loco em 92, que era…houve o LIDER I, o LIDER II, o LIDER + e digamos que agora diz-se que o PRODER é a metodologia LIDER, só que isso é tudo pronto, é mentira não é? Porque as coisas…nós participámos, nós In Loco, na definição da estratégia do PRODER, na altura fizemos diagnósticos a nível local e o que é certo é que o programa não contempla minimamente as necessidades das pessoas, portanto o programa está formatado daquela maneira e nós temos de nos mexer dentro daquele formato, portanto não temos grandes margens para ir um bocadinho mais além não é? E na altura do LIDER tínhamos mais essa margem, era um programa que facilitava mais a nossa realidade e ia mais de encontro às nossas realidades locais e o PRODER já não, por exemplo está muito…neste momento se não for um empresário, aqueles pequenos empresários que nós temos na serra que não são empresários, são

pequenas pessoas que desenvolvem atividades, neste momento se nós formos avaliar eles não se conseguem candidatar ao PRODER porque têm de ter autonomias financeiras e viabilidade económica e uma série de coisas que as pessoas não conseguem responder.

I: Relativamente ao salário pensa que está de acordo com a atividade que desenvolve?

E5: Não. Não está de acordo (sorri) e muito de menos está de acordo quando nós neste momento temos três meses de salário em atraso e temos sempre porque a In Loco, atualmente eu faço parte dos quadros da In Loco portanto sou secretária da direção, conheço bem a nossa realidade, aliás na minha opinião estas associações, organizações da sociedade civil têm um bocadinho os dias contados, pronto porque estrangulam-nos completamente. Os programas não nos pagam atempadamente, os técnicos portanto nós para trabalhar temos de gastar combustível, em Dezembro quando chegou o fim do ano tínhamos quatro meses de salário em atraso, neste momento já vamos para o terceiro mês novamente e quando recebemos, recebemos metade do salário não sei das quantas e pronto e é muito complicado em termos de gestão. Pronto em termos de salário em si, pronto se pensarmos nas horas e na disponibilidade que nós temos de ter, há uns anos atrás eu trabalhei em projetos que chegava a casa à meia-noite e saia de casa às quatro da manhã para trabalhar, nunca recebi uma hora a mais em tempo nenhum porque não é possível pagar às pessoas. É óbvio que nós depois também temos a autonomia e a liberdade de poder tirar as compensações, nós gerimos um bocadinho o nosso trabalho, vemos o que é que temos e temos essa autonomia mas não há dinheiro nenhum que pague o tempo que nós devíamos tar com a família e noutros contextos... Trabalhar aos fins de semana, à noite, quando é feiras, trabalhar até às tantas da noite e tar sempre disponíveis que no fundo não há salário nenhum que pague, eu tenho agricultores que me ligam às seis da manhã pronto o meu telefone também está sempre ligado e as pessoas ligam a qualquer hora, habituaram-se a essa e pronto têm a sua própria organização das suas horas e pensam que os outros funcionam mais ou menos como eles não é? O salário eu nem sei qual é o meu salário (sorri) não sei pronto tenho de consultar mas eu penso que o meu salário bruto são, pronto não é mal pago nem bem pago, são mil e trezentos euros, acho eu.

I: Pronto estes projetos que são financiados são financiados a nível internacional ou a nível nacional?

E5: Pronto nós temos financiamentos da comunidade europeia, os programas têm contrapartidas nacionais e contrapartidas da comunidade. O meu salário vencimento base é de mil trezentos e treze euros, pronto depois tem os descontos e essas coisas todas que é sempre muito (sorri) e pronto é esse o salário.

I: E está em atraso…

E5: E está em atraso, bastante atraso, pronto é preciso um bocadinho de amor à camisola mas depois nesta altura do campeonato digamos que em sítio nenhum, pronto a não ser a função pública que ainda recebe atempadamente, sem grandes garantias mas ainda recebe ao fim do mês, os outros pronto, a situação é mesmo assim não é?

I: Na sua perspetiva e tendo em conta que tem uma perspetiva um bocadinho diferente do geral dos licenciados que saem, acha que a formação recebida no curso está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Ou acha que há muitas discrepâncias…

E5: Eu acho é que as pessoas não saem com uma licenciatura e ainda mais desde que reduziram com o Bolonha, eu acho que com três anos de universidade é um bocadinho atirar as pessoas assim…

I: À selva?

E5: À selva, é mesmo! Porque eu acho que, aliás eu fiquei com muitas amizades no âmbito do curso e das amizades que fiquei…o meu curso tinha à volta de quarenta pessoas, a minha turma, e se eu contar as que estão a trabalhar na área se calhar é uma ou duas e a maioria acho que já não vai trabalhar na área porque nem sequer sente confiança para isso. Para já não saem de lá penso que preparadas para enfrentar…pronto passando por um estágio profissional e por aí as pessoas é capaz até de se orientarem um bocadinho, agora acabar o curso e estar capacitado para ir por exemplo para diretor técnico de uma instituição, eu acho que a licenciatura não chega para isso, não chega. Três anos é muito pouco, as pessoas vão muito jovens para a universidade, têm muito pouca maturidade e o mercado de trabalho é muito exigente e aliás nós agora se procurarmos trabalho tem aqueles requisitos todos, pedem aquelas competências muito

especificas, experiência naquelas áreas não sei das quantas e as pessoas saem do curso é óbvio que não têm essa experiência e eu vejo das minhas colegas e relaciono-me um bocadinho mais com aquele grupo, que no fundo era os trabalhos de grupo e uma tá numa pizzaria, uma tá numa loja de roupa, outra é rececionista num hotel, a maioria estão desempregadas, fartas de enviar currículos e já …portanto acabámos em 2008, já estamos em 2012, já com muito pouca confiança para trabalhar pronto na área mesmo e isso pronto, mas isto é uma realidade não é? Porque nós temos, não sei como é que é possível e acho que acontece o mesmo também com os outros cursos.

I: E acha que o voluntariado não é uma mais-valia nessas situações?

E5: É, É, é! E algumas sim, as pessoas têm sempre oportunidade de fazer voluntariado e por aí é possível adquirir experiência e tomar conhecimento de muitas coisas da realidade. Pronto só que as pessoas, algumas também não, portanto algumas também têm de trabalhar noutras áreas para conseguir o seu sustento e depois também não ficam com muita disponibilidade também para o voluntariado e isso é realmente um problema. Penso que não é um problema do curso de educação social é um problema global. Mas três anos não, agora as pessoas agora o que é que acontece? Ninguém fica com a licenciatura, as pessoas avançam para um mestrado, aliás eu lembro-me na altura as minhas colegas, muitas se inscreveram na universidade para continuar, o que eu acho é que é assim, a pessoa continuar a estudar sem ter uma componente profissional antes, também não vamos muito longe porque a gente estuda, estuda mas depois não aplica, não tem a experiência, não tem a prática e depois saímos cá para fora e o mercado é muito exigente, pronto. Eu não sei como é que se dá a volta a isso, pronto há pessoas que ainda têm…pronto os estágios profissionais têm sido uma mais-valia a esse nível, das pessoas poderem mesmo depois do final dos nove meses, a maioria se calhar não ter enquadramento ou não poder ficar não é? Mas é sempre uma…quando o estágio profissional é bem aproveitado! Quando as coisas não são postas lá a um cantinho e acabam por fazer mandados e recados e aquele trabalho que ninguém quer fazer, que isso também acontece muito nas instituições (sorri) aproveitar um bocadinho os estagiários para fazer aquilo que… e eles depois acabam também por não usufruir muito do estágio não é? E acabam por fazer coisas que não têm nada a ver com a área mas pronto.

I:A nível dos estágios curriculares há pouco falou um bocadinho…acha que são bem estruturados e adequados para a preparação para o mercado de trabalho ou acha que os alunos são um bocadinho abandonados?

E5: Eu não senti isso, eu acho que até pronto nós na altura, agora não sei se continua igual mas tivemos de fazer no último ano aquele trabalho final não é? Que tem a ver com o diagnóstico e depois a aplicação do projeto. Temos alguma autonomia para definir e tempo para estar no local e perceber um pouco o que é que são as necessidades e depois alguma autonomia e apoio para dinamizar um projeto e implementá-lo. O tempo é sempre curto não é? É sempre pouco tempo e eu não senti abandono, também não senti porque se calhar pronto era uma pessoa que estava mais ao menos à vontade. Fiz estágio, não foi na In Loco (sorri), pronto como é óbvio fiz numa associação que tinha relação, não fiz na associação em Querença que era presidente como é óbvio, que na altura também não era presidente, fazia parte da direção. Fiz numa IPSS na Tôr, uma associação que eu tinha alguma relação já não é? E depois uma freguesia também que eu trabalho que tenho noção das necessidades não é? Fiz lá as minhas práticas e aliás na altura criámos o nosso projeto, aliás a Tôr é uma freguesia atualmente que era uma aldeia que pertencia à freguesia de Querença e pronto aquilo tem seis quilómetros de distância e aqueles seis quilómetros eram sempre uma barreira em termos da população e com as guerras que houve e tudo isso eles conseguiram-se constituir como freguesia. A Tôr é uma freguesia do concelho de Loulé que pertenceu à cerca de doze anos atrás pertencia à freguesia de Querença. Pronto e em Querença havia o boletim informativo que na altura foi criado em algumas freguesias e na Tôr eu sentia que as pessoas gostavam de ter um instrumento porque pronto às vezes diziam "ah em Querença têm tudo e a gente aqui não" pronto e nós no âmbito do nosso projeto criámos um boletim para a freguesia da Tôr que é a Ponte e que o boletim continua a sair de dois em dois meses portanto tem… portanto a entidade é a associação acolhedora como é óbvio, tem o apoio da junta de freguesia, eu continuo a participar e a fornecendo informação sempre que é de interesse à população e eles continuam a fazer o boletim. Aquilo foi uma sementinha que acabou por vingar e ficou por lá não é? E continua a sair e as pessoas vêm-se muito no boletim e gostam não é? É uma coisa delas, pronto.

I: Na sua opinião a presença dos educadores é importante nas várias instituições?

E5: Eu acho que é muito importante, é pena é que eles ainda não têm tempo, precisamente pela carga burocrática que é hoje em dia uma IPSS e agora com a questão da certificação para a qualidade e tudo isso, eles também não têm muita disponibilidade e as instituições não têm dinheiro para pagar a mais técnicos para poder desenvolver um trabalho mesmo na área da educação social, estar mais com as pessoas, fazer mais coisas com as pessoas, passam muito tempo embrulhados em papéis também e isso é uma pena, mas pronto.

I: Acha que é importante as IPSS a nível político e a nível social? Tem importância? Tem peso?

E5: Ah é óbvio que têm peso. As IPSS's são as instituições que, eu falo, pronto penso muito nos idosos porque estou mais ligada àquelas que trabalham com os idosos mas temos aquelas que trabalha com crianças e com deficientes e com outros públicos, mas têm um peso enorme em termos de resolução de problemas da sociedade. Aliás os idosos se não fosse as IPSS's eu queria ver o que se fazia aos idosos porque nós, a nossa sociedade evoluiu muito e os contextos familiares de há uns anos atrás que permitiam as mulheres tomarem conta dos idosos e das crianças, hoje em dia isso não se passa! E portanto os idosos e aliás eu vejo nas instituições, há familiares que deixam lá os idosos e nunca mais lá poem os pés e se não fossem as IPSS's o que é que era feito dessas pessoas? E mesmo assim a nível da valência de lar, se nós formos querer inscrever um idoso num lar não se consegue, está tudo cheio. Agora, o que é certo é que os apoios a estas instituições são cada vez mais restritos, são cada vez mais apertados, as exigências são cada vez maiores e no futuro ou estas instituições arranjam formas alternativas de se autofinanciar, que não to a ver também como é que isso se faz porque depois nós por exemplo, se nós pensarmos numa IPSS na serra e numa IPSS dentro duma cidade as realidades são um bocadinho diferentes, porque os financiamentos são os mesmo mas se pensarmos na área dos idosos eu no campo tenho os reformados da agricultura que recebem duzentos euros e na cidade tenho muitos reformados da função pública e pessoas que têm reformas muito mais altas, os apoios são os mesmo em termos de apoio do Estado portanto uma IPSS numa cidade tem mais autonomia financeira, consegue ter mais sustentabilidade do que uma no interior que trabalha com um público muito mais pobre, digamos.

I: Talvez arranjando maneira delas se tornarem autossustentáveis…

E5: Não é fácil, não é fácil. Não é fácil porque já prestam um serviço que as pessoas já têm dificuldade em pagar não é? Porque os familiares… os idosos recebem pouco e as famílias no estado de endividamento em que estão neste momento, ainda para pagar as creches das crianças e tudo isso, as pessoas têm dificuldade em arranjar dinheiro portanto vivem um bocadinho da boa vontade de algum apoio, de alguma empresa ou outra que acaba por dar algum donativo, da população que acaba também…no interior têm essa vantagem, as pessoas ainda fazem um bocadinho de agricultura, ainda oferecem excedentes e ainda uma oferece um garrafão de azeite e outra leva umas couves e isso parecendo que não mas se for todos os dias cada um dá uma coisinha é uma ajuda grande ao final do mês, mas pronto não sei, eu sinceramente vejo um futuro muito negro e não falo só das IPSS's como dizia à pouco, das organizações da sociedade civil que passam um bocadinho pelas ADL's e por outras instituições que nós temos não é? Que fazem um trabalho muito importante na minha opinião, muitas delas, têm um trabalho fabuloso e que depois pronto em termos futuros não…e também algumas tentam arranjar alternativas de autofinanciamento mas também não é fácil (interrupção).

I: Queria também perguntar qual a sua opinião relativamente à presença dos educadores nos agrupamentos de escolas?

E5: (sorri) Pois os agrupamentos pois eu opa em relação a isso não tenho muita opinião porque é assim, para já não conheço o contexto de trabalho dos agrupamentos não é? Eu penso que os educadores são importantes! Agora até que ponto é que os agrupamentos estão dispostos a contactar educadores…e penso que são importantes a vários níveis, pelas questões da família, da relação dos pais com a escola, eu penso que o educador social pode ter um papel importante e aliás cada vez mais acho que temos famílias ausentes no sistema de ensino. Ah e mesmo para dar apoio a miúdos com dificuldades também de integração em contexto escolar, pronto e penso que o educador aliás tal como os psicólogos e outros que são um pouco achados para essas…que às vezes há uma pessoa para dar acompanhamento a não sei quantas escolas ou a não sei quantos miúdos não é? E assim não consegue fazer um trabalho. Neste momento nós, não sei se temos ou se algum dos nossos agrupamentos já tem educadores, eu penso que sim, aliás os últimos que eu tinha ouvido falar até acho que vi uma reportagem qualquer, não sei se era nos Açores, numa escola nos Açores que tinha educadores sociais, eu penso que era, pronto. Eles são importantes! Agora até que ponto as entidades os reconhecem

como tal (sorri) é que se calhar é mais difícil não é? São importantes porque há um trabalho importante a fazer a esse nível porque se calhar é trabalho que não se faz ou que se tenta fazer de uma forma…não se faz, na maioria não se faz se calhar.

I: Como é que identifica o seu contexto profissional, ao nível da missão e de trabalho de equipa?

E5: Como é que identifico?

I: O contexto de trabalho onde está ao nível da missão da instituição, da In Loco neste caso e da equipa de trabalho? Como é que é a sua equipa de trabalho?

E5: A minha equipa é a equipa de projeto que depois é alargada ao resto do grupo, portanto na In Loco há um espirito, aliás a In Loco tem uma missão não é? Tem objetivos da qual os colaboradores, aliás as pessoas que não fizessem parte dessa missão não estavam lá de certeza, com salários com três e quatro meses de atraso já tinham partido para outro sítio ou já tinham ido para o subsídio de desemprego que pelo menos por enquanto ainda recebiam ao fim do mês e acreditam na missão da In Loco e nos seus princípios e acreditam ainda que com as dificuldades todas que existem que ainda temos um papel e coisas a fazer não é? E se calhar não se abandona o barco assim (sorri) sem ser obrigado a abandonar não é? Que se calhar com o tempo isso vai acontecer. Depois na In Loco o que sempre teve de bom, o que sempre senti é uma entidade em que as pessoas trabalham em equipa a sério não é? Pronto nós por exemplo eu sinto mais…existem equipas de projeto que têm relação com as outras equipas como é óbvio, mas as equipa de projeto no meu caso é a equipa do PRODER e reúne mensalmente, ai mensalmente…semanalmente. Portanto nós reunimos todas as semanas a fazer o ponto da situação do nosso trabalho pronto e trabalhamos no sentido, cada um dentro da equipa há técnicos mais especialistas em determinadas áreas e a gente recorre frequentemente aos colegas para pedir apoio e trabalhamos muitas vezes… trabalhamos em rede! Somos uma rede de técnicos que se disponibiliza e está sempre disponível uns aos outros não é? Isso foi sempre pronto, penso que senti sempre esse clima dentro da In Loco. E depois tenta-se articular com os restantes membros das outras equipas não é? Porque no fundo depois temos de…e se a In Loco faz reuniões…nem sempre são mensais mas sempre que é possível fazemos reuniões mesmo de projetos em que cada equipa de projeto prepara uma apresentação e explica um bocadinho ao restante grupo o que é que, em que pés é que está o projeto, as necessidades que o projeto tem de outras

equipas porque depois trabalhamos em…os pontos interligam-se muito entre si e há necessidades em determinados projetos que são requisitadas a quem está mais no terreno, como é óbvio não é? E damos sempre contributos e funciona dessa forma.

I: E além do trabalho e da missão. Ao nível da abertura acha que é uma entidade que tem abertura para o trabalho? Apesar dos projetos serem fechados…

E5: Tem, tem, tem. Sim, sim, tem e as pessoas sempre que têm propostas têm autonomia para expor as suas ideias e liberdade para isso é óbvio, a direção tenta estar sempre pronto disponível e dentro daquilo que é possível…dentro do que é possível, porque nós temos de respeitar como é óbvio e trabalhar dentro dos projetos que temos aprovados não é? E temos de dar resposta a eles, aos objetivos concretos dos projetos. Mas apesar de tudo é uma instituição que tem essa margem dos colaboradores terem alguma autonomia e dos coordenadores de projeto e pronto dentro dos objetivos dos projetos que estão enquadrados terem a liberdade também de fazer outras coisas e pronto.

I: E acha que o trabalho que é desenvolvido é importante?

E5: É, é muito importante porque nós trabalhamos numa zona…a In Loco tem um território que são quatro concelhos neste momento, que é um território no interior e pronto e damos, trabalhamos em áreas em que não há outras entidades a faze-lo e se há entidades não têm a proximidade do terreno que nós temos não é? Portanto está a câmara, há as juntas de freguesia mas com pronto com proximidades muito diferentes e se calhar com um trabalho também menos ao pormenor não é? De apoio às pessoas.

I: Qual é que é a sua perceção relativamente à sua figura profissional? Acha que tem importância na instituição?

E5: Sim claro.

I: E ao nível dos colegas e das pessoas com quem trabalha? Qual é a sua perceção? Acha que eles também têm consciência do seu trabalho?

E5: Sim, têm consciência do meu trabalho, respeito penso eu, aliás eu estou já há muitos anos na In Loco e também sinto um bocadinho às vezes o peso grande de responsabilidade porque pronto há determinadas coisas que estão-me sempre a telefonar a mim não é? Aparece uma pessoa que quer fazer uma queijaria em São Brás e

imediatamente pronto, é como dizia à pouco, cada um de nós desenvolveu determinadas competências consoante as necessidades que surgiram não é? E então há coisas que eu até sinto muita responsabilidade porque as pessoas identificam-me com determinados assuntos e com determinadas áreas não é? E dou resposta ou tento dar resposta dentro desse…mas pronto há um respeito pelo trabalho independentemente de ser licenciado ou não ou ter um curso de educação social ou não, que para mim a esse nível sempre senti isso dentro da In Loco e pronto aliás eu já tive muito menos escolaridade e nunca me senti descriminada em relação aos colegas. Quando entrei para a In Loco, que aliás a maioria das pessoa será licenciadas e eu tinha o 6ºano e nunca senti um tratamento diferente por isso, pronto então acho que há essa…aliás na altura não era um e nem hoje é um dos requisitos para contratar alguém.

I: Exato. Dentro da sua atividade profissional o que é que tem contribuído mais para a sua satisfação pessoal e profissional?

E5: É a relação com as pessoas, o que às vezes também não é muito saudável não é? (sorri) eu costumo dizer "a gente às vezes quanto mais próximos estamos das coisas mais cegos somos" não é? Porque eu trabalho e vivo no mesmo contexto não é? E isso às vezes nem sempre é saudável porque uma coisa é nós fecharmos a porta e irmos embora não é? E outra coisa é estarmos sempre no local portanto as pessoas abordam-me em qualquer sítio, se vou ao café os agricultores perguntam-me "e quando é que se pode marcar para fazer a candidatura? E eu recebi uma carta e você tem de me ver a carta" pronto em todo o lado estou a dar resposta a coisas do trabalho, não é? E isso pronto tem os seus, as suas partes positivas e tem as suas partes menos boas não é? Como eu costumo dizer.

I: Tem alguma história que queira contar que tenha acontecido com alguém?

E5: Eu tenho tantas histórias que (sorri) mas pronto eu tive uma história engraçada, engraçada que não tem muita graça não é? Houve uma altura portanto em que nós trabalhámos num projeto com a direção regional de agricultura que era uma parceria que era um projeto que tinha a ver com caprinicultura. O projeto chamava-se "Em torno da cabra Algarvia" e a parte inicial do projeto que era um bocadinho fazer um diagnóstico dos caprinicultores e da atividade em si. Passava por inquirir todos os caprinicultores, neste caso era do interior do concelho de Loulé, incluía São Marques da Serra, Silves e por aí pronto mas eu estava mais ligada às freguesias do interior do

concelho de Loulé e então tínhamos que inquirir todas as pessoas que tinham mais de cinco animais, cinco cabras não é? Nós tínhamos de aplicar um determinado inquérito que era assim uma coisa, pronto era um inquérito feito por um sociólogo e tinha trinta e poucas páginas não é? E pronto era um inquérito bastante longo e pronto era daquelas alturas que eu chegava a casa à meia-noite e saia de casa às quatro da manhã porque depois esta atividade as pessoas têm de dar de mamar aos chibinhos e têm aquelas práticas todas e que se levantam muito cedo e pronto nós tínhamos de tentar fazer os inquéritos em horas que não coincidissem com as horas de grande atividade das pessoas e então tínhamos de nos moldar, como é óbvio `as pessoas não é? E à sua atividade. Eu fui para o Ameixial e havia um senhor que eu tinha de inquirir porque eu tinha uma lista de pessoas…e fui a um monte, estacionei o carro e as pessoas normalmente quando estacionam o carro fecham logo as portas todas e começam a espreitar pela janela mas viram que era uma rapariga e coiso e uma senhora abriu uma janela e disse "então menina que é que anda aí a fazer e não tem medo?" as pessoas logo a tentar sondar o que é que se passa e eu disse "ah pois eu vinha, já vim duas ou três vezes mas nunca apanho o senhor em casa, vim à procura" e ela disse-me "ahh mas a menina não vá falar com esse senhor sozinha" e eu "então mas porque?" "ah porque esse senhor não regula muito bem da cabeça, olhe tinha aí um cão arrancou-lhe os dentes todos com um alicate para o cão não lhe morder nas cabras", escuta isto é uma anedota, "E sabe o que é que ele faz aos animais? Olhe pendura coisas nos cornos dos animais, botas velhas, ferros, que é pa eles não andarem muito" porque quanto mais pesadas tiverem na cabeça, para pastar pois andavam, pois coitadas não podiam com a cabeça. E então iam…e depois ela disse-me "olhe sabe o que é que aconteceu? Quando vieram aí os senhores para tirar o sangue tiveram de ir embora porque ele foi buscar a espingarda e disse logo que desapareciam daqui que ele não queria saber de nada disso" e eu pensei ah agora deve ser bonito eu ir falar com esse senhor, pronto, o que é certo é que eu consegui apanhar o senhor no outro dia e o senhor não foi agressivo comigo, mas eu consegui fazer um inquérito de duas horas com uma pessoa virada de costas para mim o tempo inteiro, portanto o senhor virou-se para a parede, disponibilizou-se para me responder, não foi agressivo comigo, via-se que tinha muitos problemas, pronto muitos problemas de autoestima, a todos os níveis não é? Sociais. Mas ele nunca me chegou a olhar, ele ficou…trouxe uma cadeira para a rua, para eu me sentar, ele não se sentou, ficou virado de costas, eu punha-lhe as questões e ele respondia mas sempre virado de costas para mim. Pronto foi assim um caso, pronto que ao início assustou-me um bocadinho porque

as pessoas falavam muito mal senhor e eu pensava "ah alguma vez? Eu vou-lhe perguntar alguma coisa e ele manda-me logo embora" mas pronto ele acabou por ser recetivo no fundo, dentro das suas possibilidades e de cooperar comigo e de participar mas daquela forma um bocadinho caricata não é? E pronto há muitas histórias como é óbvio, há muitas histórias, muitas relações, muitas amizades que ficam com as pessoas e depois é como eu costumo dizer "os projetos acabam e é o que tem de bom os técnicos que vêm trabalhar num projeto, tão naquele sítio e depois acabou o projeto, a gente faz o relatório de encerramento vai embora e as pessoas nunca mais nos vêm e acabou." Pronto nós é um bocadinho diferente porque os projetos acabam mas as pessoas ficam lá no sítio e nós quer queiramos quer não a gente levanta expetativas nas pessoas e as pessoas esperam coisas de nós e como eu costumo dizer "os projetos acabam mas ficam as heranças" e eu tenho muitas heranças! Muitas mas muitas mesmo e hoje em dia é-me difícil por vezes dar resposta a muitas dessas heranças porque o meu trabalho no projeto da qual eu sou paga neste momento é-me exigente de tal forma que me resta muito pouco tempo para eu cuidar das heranças. Mas o que é certo é que elas ficam e algumas são amizades de pessoas e as pessoas ainda pronto há aquelas pessoas que a gente telefona no natal e eu tou a pensar mais em agricultores, pessoas de idade que pronto por vezes não têm família e que qualquer palavra amiga ou qualquer pessoa que chegue ao pé deles e lhes dá um bocadinho de atenção é uma mais-valia muito grande, pronto é isso.

I: Na sua opinião o que é que podia ser feito para melhorar esta profissão do educador social?

E5: (sorri) Pois não sei, isso cada um pode fazer, acho que não pode ser feito no conjunto. Eu acho que cada pessoa, cada técnico que trabalha deve tentar melhorar a sua prestação a vários níveis, não é? Agora depende do perfil das pessoas e acho que como qualquer outra profissão e atividade nem todas as pessoas têm perfil para serem educadores sociais, assim como nem todos têm perfil para ser médicos e há se calhar pessoas na educação social que não têm perfil para isso. Aliás eu tinha muitas colegas dessas…

I: Na sua opinião quais são as principais caraterísticas que o educador deve ter?

E5: Deve ser uma pessoa com alguma humildade, que é uma coisa que as pessoas se calhar às vezes quando saem da universidade não têm, algumas! Algumas pessoas não

têm. Tem de ser um bom ouvinte, tem de ser um bom comunicador, tem de ser uma pessoa acessível disponível, sei la, simpático, agradável, que consiga manter uma relação de proximidade com as pessoas, de forma a que elas também o respeitem não é? Porque há muitas relações…as pessoas às vezes dizem-me que…eu tenho uma rapariga com quem costumo ter algumas discussões que tirou uma licenciatura em administração autárquica ou sei lá o quê e pronto desde o momento que tirou a licenciatura começou a exigir a toda a gente que a tratassem por doutora e eu tenho um bocadinho aversão a isso porque para mim ou doutores são os médicos e depois vá os advogados, os juristas e coiso até acho bem chamar doutor, agora só porque se é licenciado não tem de chamar doutor, não é por não me chamarem doutora que as pessoas me faltam ao respeito e a gente costuma discutir porque eu tenho uma pessoa de um sitio onde faço atendimento e ela diz que eu contribuo para as pessoas não me respeitarem como doutora, porque não exijo que as pessoas a mim me tratem como doutora. E eu disse "epá desculpa lá mas eu nunca posso concordar com uma coisa dessas portanto como é que eu vou exigir que os senhores me tratem com mais respeito ou não, então eu se tiver a tratar com um agricultor não tenho de ter o mesmo respeito que estou a tratar contigo? O respeito tem de ser o mesmo! Cada um tem as suas capacidades, cada um tem as suas competências, cada um tem a sua sabedoria e há-que respeitar aquilo que as pessoas têm porque não é por ser um licenciado que é mais importante que um agricultor!" Pronto mas infelizmente a gente tem ainda esta ideia (sorri) e pronto e acho que o respeito não passa por aí, de maneira nenhuma. O respeito passa pela nossa prestação, de ser um bom profissional ou não e das pessoas poderem confiar em nós ou não, por aí está o respeito. Não tá cá por ser doutor ou engenheiro ou seja lá o que for. A mim normalmente tratam-me é por engenheira, os agricultores ou da direção regional de agricultura e dizem "olha é para falar com a senhora engenheira" e eu farto-me sempre de dizer que eu não sou engenheira coisa nenhuma mas as pessoas (interrupção).

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesse na sua opinião, se o educador as deve ter ou não e porquê? Criativo?

E5: Claro que tem de ter! Tem de ser criativo, tem de inventar, tem de principalmente trabalhar com os recursos que tem e para isso às vezes é preciso muita criatividade (sorri).

I: Dinamizador?

E5: Sim claro! Tem de ser uma pessoa dinâmica que seja capaz de envolver as outras pessoas, de dinamizar processos, tem de ser.

I: Manipulador?

E5: Aí não concordo. Acho que não tem de ser manipulador, depende de como é que…eu essa palavra nem gosto dela portanto não. Acho que o educador social não tem de ter essa caraterística.

I: Planeador?

E5: Sim claro, tem de saber planificar, estruturar o seu trabalho, aliás eu no meu trabalho então (sorri) tenho tanta coisa diferente para fazer ao longo do dia e de tantas áreas diferentes que se não planificar um bocadinho…que às vezes a planificação também não resulta mas tenho de preparar a minha semana, os meus dias, a minha agenda. Tenho de minimamente seguir algumas orientações se não, não fazemos nada.

I: E autoritário?

E5: Depende (sorri) depende, também não é das palavras que eu gosto muito. Autoridade pronto depende, depende muito não é? Uma pessoa tem de ter alguma autoridade ou às vezes é necessário se calhar um bocadinho de autoridade, agora ser uma pessoa autoritária não pronto é mais uma palavra que eu não acho muita piada.

I: Por exemplo em que contexto é que um educador deve ser autoritária?

E5: Autoritário…tem de ter alguma autoridade se tiver pronto depende do contexto mas se tiver às vezes, tou a imaginar, se tiver numa reunião de entidades em que estejam vários técnicos em representação de algumas entidades, se calhar às vezes temos de ter alguma autoridade se não as pessoas acabam por pronto nos passar um bocadinho por cima não é? E há que saber aplicar essa autoridade em algumas situações, agora ser uma pessoa autoritária por natureza ou na sua atitude diária no seu trabalho diário eu acho que não é saudável.

I: Então na sua opinião o autoritário deve ser junto com outras entidades e não junto com as pessoas?

E5: Junto com as pessoas no contexto de trabalho acho que não, não tem de ser autoritário.

I: Mais ao nível das reuniões?

E5: Sim é mais em termos de também marcar presença e a posição porque às vezes tentam um bocadinho manipularmos e se não temos alguma autoridade e pronto acabam por se calhar não nos dar valor ou nos passar um bocadinho por cima.

I: Ia perguntar se pertence a alguma associação e já falou de Querença…

E5: Pertenço a muitas, a muitas…

I: Já falou da In Loco. Quer dizer mais alguma?

E5: Pronto pertenço a algumas associações desportivas, clube BTT terra de Loulé, associação de artes marciais do Algarve e Querença pronto faço parte, aí é mais trabalho voluntariado no lar, sou presidente do lar, faço parte da direção da associação da In Loco pronto e mais duas ou três mas é vogais e conselhos fiscais por aí…

I: Acha que isto tem contribuído para o desenvolvimento das suas competências e tem ajudado no seu trabalho?

E5: Eu trabalho nas instituições e desde os 15 anos que faço voluntariado e na minha terra sempre que houve atividades, festas, organizações, sempre tive ligada por natureza ao trabalho voluntário e pronto e acho que a gente cresce muito, enriquece muito e no fundo se o podemos fazer é uma mais-valia que podemos contribuir para a nossa sociedade não é? Porque é necessário e há áreas às vezes que se trata de zonas do interior onde a população jovem também é muito diminuta e pouquinha e tem de se dar algum contributo não é?

I: Já falámos aqui um bocadinho das perspetivas futuras, que isto vai ficar pior…

E5: Eu não quero ter muito essa…se calhar já me preocupou mais, neste momento é viver um dia de cada vez o melhor possível. Pensar no futuro se calhar nem é a melhor altura nesta altura, quem sabe as coisas até podem melhorar e se nós nos pusermos a pensar no futuro nas condições económicas que temos no país, se calhar vamos começar aí a chorar e não vale a pena. Temos de pensar numa forma de dar a volta. Sem dúvida que nós estamos numa sociedade em transformação e em grande renovação e acho que a maioria das pessoas não está preparada para isso.

I: E qual acha que é a tendência dos educadores sociais tendo em conta as mudanças na sociedade?

E5: A tendência em termos de trabalho e de futuro?

I: Em termos de mudanças na sociedade qual vai ser a…

E5: Pois se calhar fazem cada vez mais falta porque as mudanças, as transições que nós estamos a passar ou se calhar que nos vão obrigar a seguir, vamos ter se calhar uma sociedade mais triste, já temos neste momento… mais depressiva, que temos como a gente vê os endividamentos das famílias, as pessoas algumas encontram-se em situações caóticas e precisam de apoio. Agora não sei de que forma é que se pode dar esse apoio sem ele ser pago não é? Que entidades é que pagam esse trabalho? Ou pronto os próprios educadores também podem trabalhar pronto a título voluntário em organizações na sociedade, enfim a nível local. As pessoas vão ter de se organizar porque as pessoas…nós se olharmos, eu sou mais velha mas não conheci esses tempos mas ouvia os meus avôs e os meus pais e tenho plena noção disso, eu nasci no campo e lembro-me de quando era miúda, muito pequenina, lembro-me de as pessoas se ajudarem umas às outras. As pessoas quando era a altura da apanha do milho juntavam-se para desacaramizar o milho, para tirar as carepas, quando era a altura da batata os vizinhos…hoje em dia as pessoas cada vez mais são muito egoístas, as pessoas vivem à volta do seu próprio umbigo e tão-se pura e simplesmente a marimbar para aquilo que está à volta e se calhar com as transformações e as mudanças que nós estamos obrigados a seguir isto vai ter de mudar, as pessoas vão ter de precisar mais umas das outras e se calhar a mudança temos de a ver por um lado bom, positivo. Tamos numa sociedade consumista, em que só se olha… desprezou-se, esqueceu-se os valores, só se pensa nos bens materiais. As pessoas vivem em função dos bens, do carro que usa, da casa que vive, das marcas que veste porque senão… aliás com os miúdos vê-se isso perfeitamente nas escolas e isso vai ter mesmo de mudar! Agora de que forma é que nós estamos preparados para isso? Há pessoas que não tão. E o educador social tem de seguir, como todas as outras profissões, tem de ser polivalente e tem de fazer tudo um pouco. Eu tenho a minha área de trabalho e sempre apostei noutras áreas, a nível…era uma área que eu gostava de ter seguido em termos de pronto ainda pode ser que aconteça…em termos de ensino superior que era a área de desporto porque sempre tive muito ligada ao desporto desde miúda e como não fui para a universidade vou fazendo

formação paralela à parte nessa área. Sou instrutora de *spinning* e de pilates e é o que me mantém neste momento porque eu dou aulas todos os dias ao final do dia e recebo na hora senão não conseguia estar…tenho uma miúda pequena e não conseguia estar porque o meu trabalho acho que considero assim como uma missão (sorri) com tanto tempo de salário em atraso porque depois há a casa pa pagar, há a creche para pagar da miúda, há a alimentação, há tudo isso e então acho que as pessoas têm de ser versáteis e têm de jogar mãos àquilo que surge para fazer e criar a sua própria sustentabilidade e pronto e ir por aí e é isso que vai ser, e é essa que vai ser porque a gente epá tira um curso e agora vou aqui sentar-me numa secretária e fazer isto. Mas se for preciso ir ali buscar aquela vassoura "ah eu não andei na universidade para agora fazer isso" e eu acho que a gente não pode ter essa atitude, ou as pessoas que a têm de certeza que não vão muito longe.

I: Se fosse dada a opção de escolha como é que gostaria de se ver profissionalmente daqui a uns anos?

E5: Daqui a uns anos? Eu daqui a uns 30 anos queria tar reformada (sorri) e continuar a fazer voluntariado, aquilo que me apetece...se calhar ligada mais às instituições dos idosos que eu penso que é uma área que pronto tem muita carência e se calhar a que eu conheço também assim um bocadinho melhor e poder dinamizar coisas com eles, fazer o que eu acho que as instituições hoje têm poucas condições para fazer, por um lado porque estamos em instituições no interior e temos poucas pessoas disponíveis para fazer voluntariado, estamos em freguesias com uma população muito idosa, os jovens não estão lá…já nas cidades é um bocadinho diferente...e como temos poucas pessoas disponíveis para fazer voluntariado, os recursos são muito poucos a gente não tem dinheiro para fazer aquele trabalho que é muito importante com as pessoas, que é a animação, proporcionar momentos com as pessoas, que se tenta ir fazendo com estágios, com ocupações dos OTL's e com coisas do género não é? E então se calhar daqui a uns anos eu gostava de ter ainda alguma capacidade física (sorri) e mental para continuar esse trabalho não é? Essa luta, no fundo.

I: E atualmente se pudesse escolher onde é que gostaria de trabalhar? Ficava no mesmo sítio? Ia para outro lugar qualquer?

E5: Ou aí ou sempre ligada a uma instituição nesta área não é? Eu estou numa instituição de desenvolvimento local, não tem nada a ver com…não tem nada a ver

pronto trabalha com todo o tipo de públicos, aliás nós trabalhamos desde...há tempo tivemos a dinamizar um projeto da LPN, da liga portuguesa da natureza e tivemos a fazer ações de sensibilização nas escolas sobre o lince ibérico e o abutre preto, pronto trabalhámos com miúdos do pré-escolar e aliás eu tive com escolas de Querença e da Tôr e miúdos da pré-escolar e da escola primária e depois até ao núcleo dos empresários não é? Que é o pessoal mais ativo até aos idosos e dependendo dos projetos acabamos por trabalhar com todo o tipo de público. Mas daqui a uns anos é isso, se calhar vão adiar a reforma e quando eu me for reformar deve ser lá para os setenta anos e nessa altura já não… pronto gostava de ter mais tempo para dar a essas causas mas infelizmente também não…como tenho de viver e de comer tenho também de dedicar algum tempo a atividades que me deem algum rendimento não é?

I: Se pudesse pôr a hipótese, gostaria de ir para o estrangeiro? Acha que era uma boa possibilidade em termos de profissão e de trabalho?

E5: Gostaria de ir mas não no contexto atual que tenho familiar. Tenho uma filha pequenina e pronto se calhar adiei muito esse projeto precisamente por questões de carreira e de atividade. Ir para o estrageiro só países de África que me fascina porque há algumas zonas de muita carência e ia fazer um trabalho importante nesses sítios, mas devido à minha estrutura familiar neste momento também não estou muito disposta a essas mudanças…se calhar sem filhos era diferente e porque depois também a nossa vida vai mudando não é? A gente tem agora os filhos pequeninos, depois acaba os filhos pequeninos e os nossos pais começam a precisar de nós e se calhar temos um papel cá mais próximo e importante a fazer. Penso que para o pessoal mais novo que não tem ainda portanto família constituída acho que as pessoas deviam apostar nisso porque por um lado enriquece-nos muito porque as experiências de fora são … e a gente ir…são sempre e eu nunca fui mas tenho muita proximidade a pessoas que foram e tenho uma amiga minha que está na Guiné agora, uma amiga minha que é uma senhora já com sessenta anos, que se pré-reformou da direção regional da agricultura e que foi fazer voluntariado num projeto para a Guiné e que ela me manda os diários e eu quando à noite tenho a hipótese de ler parece que me tou a ver lá naquele contexto a fazer coisas e acho que muitos de nós se calhar tinham falta de passar tempos para ver o que é que são necessidades, o que é que são carências, limitações, o que é que é não ter os bens essenciais que às vezes é a comida, porque aí damos mais valo às coisas. Se calhar se

formos e tivermos algum tempo nesses contextos começamos a valorizar um pouco mais aquilo que temos que é bastante (sorri).

I: Há muita gente insatisfeita neste momento…

E5: Há, há! Acho que as pessoas vivem da insatisfação mesmo, acho que ninguém está satisfeito com aquilo que tem e é uma…eu costumo dizer que "a relva do vizinho é sempre mais verde do que a nossa" porque a gente não a vê lá mesmo ao pé e não consegue ver as falhas, enquanto a nossa está ali debaixo dos nossos olhos e vemos tudo pronto e então somos uma sociedade por norma insatisfeita e a satisfação é de tal ordem que nós muitas vezes temos tanta coisa boa à nossa volta e não nos damos conta e não damos valor nenhum, nenhum. Porque estamos sempre a ansiar e a querer ter mais e era nesse sentido que eu digo que nós estamos em mudança e que vamos ter mesmo de mudar, de atitudes, de maneiras de viver, de maneiras de estar, de pronto incutirmos mais os valores nos nossos filhos, a proximidade, as relações das pessoas e deixar as coisas materiais um bocadinho mais à margem porque elas são importantes mas não são assim tão imprescindíveis algumas.

I: Para terminar queria só perguntar, se tivesse de falar com algum jovem para o aconselhar para este curso o que é que dizia? Quais eram os argumentos que utilizava? Quais os conselhos que dava?

E5: Eu dizia logo se a pessoa acha que tem perfil para desenvolver determinado trabalho não é? Porque se calhar há pessoas que não têm perfil para ir para este curso porque se calhar é um curso que tem uma área de abrangência também muito grande não é? E acho que as pessoas têm de ser muito polivalentes como disse à pouquinho e se calhar há pessoas que não estão muito dispostas a isso. Aconselhar, eu acho que as pessoas têm de tomar as decisões por elas próprias porque as ofertas são tantas, a informação neste momento é tão acessível portanto qualquer pessoa vê o currículo do curso, vê as unidades curriculares, vê se aquilo lhe interessa. Portanto acho que a gente não pode andar por influências dos outros, é logico que se me perguntarem pois eu gostei do curso, o curso estava dentro da minha área de trabalho, houve muitas coisas que não foram novidade para mim, eu já tinha tido formação em muitas áreas que tive lá na universidade pronto e para mim foi uma mais-valia e foi importante, foi uma forma de eu me valorizar mais em termos pessoais e pronto e em termos da profissão também não é? A minha própria autoestima e a minha própria maneira de estar. Às outras pessoas,

eu acho que as pessoas têm de pronto quando encaminham para uma profissão têm perfil para tal coisa não é? Porque ir experimentar e dizer "ah vou ver se aquilo…" só porque é fácil pronto e também o curso não é questão das pessoas perguntarem "ai é fácil?" que é que eu vou dizer? Se é fácil, pois tem de se estudar, de se aplicar como em todo o lado não é? Pois não tem matemática mas depois tem psicologia social e tem algumas coisas que não são assim tão simples para quem não gosta não é? (sorri) pronto para mim pronto não tem matemática e a matemática sempre foi uma área que eu, nunca gostei nada de matemática e agora no âmbito do PRODER tenho de ligar a contas e contas da contabilidade e mais não sei o que, mas pronto nunca fui muito fã de matemática. Para as outras pessoas, depende, eu acho que tem muito a ver com a nossa maneira de estar, a nossa postura e pronto não vou dizer nem aconselhar as pessoas a irem para o curso, o que eu acho é que tal e qual como outros cursos se calhar estamos um bocadinho saturados de educadores sociais.

I: E aconselhava a ir fazer experiências lá fora?

E5: Isso sim, isso sim sem dúvida. Eu acho que as pessoas que não têm ainda filhos e nem família constituída é aproveitarem porque para já não tou a tomar a palavra do Sr. Primeiro ministro que é mandar o pessoal todo para o estrangeiro não é? E aliás nem é bem para esses sítios que ele manda as pessoas mas eu acho que é uma oportunidade é uma mais-valia, é um enriquecimento do nosso currículo e das nossas competências, da aquisição de competências e principalmente a gente contactar com outros contextos, faz-nos bem mesmo para darmos um bocadinho mais dar valor àquilo que temos e acho que as pessoas vêm muito mais ricas e acho que o nosso curso tem essa possibilidade mesmo através do ISU. Eu tenho a Estela que é minha colega de trabalho e pronto estou próxima às vezes dos projetos que eles desenvolvem para isso e acho que é uma oportunidade grande as pessoas podem experimentar e vivenciar novas experiências.

I: Da minha parte está tudo. Quer acrescentar mais alguma coisa?

E5: Não Rute, pois é desejar boa sorte para o trabalho.

I: Qual é a idade?

E5: 42.

I: E terminou em 2008?

E5: Sim em 2008.

I: E a nível de formação não tem mais nenhuma licenciatura?

E5: Não. Tenho formação ao nível do trabalho e formação na área desportiva.

I: Qual é a formação que tem na área desportiva?

E5: Tenho o curso de pilates portanto tenho a cédula PRODAC que é aquela cédula que é necessária para dares aulas nos ginásios sem ser os licenciados em educação física e desporto e tenho investido muito na formação na área do *spinning* que é o *cycling indoor* pronto eu sou praticante de BTT federada, faço orientação em BTTe provas de BTT, maratonas e pronto, e há uns anos atrás pronto interessei-me pelo *indoor cycling* que é uma atividade, é bicicleta estática não é? Com música e tenho feito muita formação nessa área e sou instrutora nessa modalidade.

I: Tenho uma irmã que está a tirar desporto.

E5: Pois o meu sonho era mesmo tirar educação física e desporto mas na altura em que eu…aliás na altura, no ano em que eu entrei para a universidade acho que nós lá na ualg o que tínhamos era o curso de ensino, via ensino educação física e isso a mim não me interessava minimamente porque era muito limitado mas eu depois penso que abriu desporto mesmo.

I: Ciências do desporto.

E5: Ciências do deporto, não sei como é que é, se é via ensino mas acho que é um bocadinho mais abrangente. Na altura o curso que tinha algum interesse para mim que era um bocadinho mais abrangente era aqui no INUAF mas por questões económicas e porque depois era um curso que exigia muita prática, prática presencial não é? Portanto era diurno e estava fora de questão eu agora deixar o trabalho para ir para um curso de educação física e eu mesmo não tinha essa abertura no trabalho nem eu podia, nem ia pedir isso, estava fora de questão. Mas pronto era o meu sonho, era realmente a área de desporto porque é uma área que eu gosto muito, é uma área que eu gosto para já é o relacionamento com as pessoas, a proximidade com as pessoas, aliás eu dou pilates em Querença, propus à casa do povo portanto lá só havia os seniores que é uma ginástica dos seniores que é mais para as pessoas de idade e eu propus à casa do povo pronto dar aulas de pilates e pronto tenho um grupinho de vinte e cinco pessoas, é uma freguesia

pequenina e dou também aqui em Loulé em dois ginásios mas é uma forma de eu contribuir para o bem-estar das pessoas e para a saúde delas e pronto isso é muito enriquecedor porque o pilates é um método de saúde essencialmente e que a gente se fizer um bom trabalho com as pessoas e eu tenho alunos que começaram em Setembro é um orgulho quando as pessoas me dizem que nunca mais tiveram dores nas costas e que dormem muito melhor, e então é um contributo também que eu dou para o seu bem-estar e acho que é também uma forma de melhorar a nossa sociedade e incutir bons hábitos nas pessoas e pronto desde a hora que seja relacionado com pessoas (sorri) aliás eu gosto muito de trabalhar com pessoas e às vezes é um bocadinho desgastante mas pronto é uma área que eu gosto é o contato com as pessoas, mais do que esta parte de estar sempre agarrada aos papéis e depois pronto infelizmente para lidar com elas e para ter algum apoio tenho de ter algum suporte por trás não é? E então é mesmo assim.

I: Tá bom, olhe obrigada!

E5: Bom trabalho. Que corra tudo bem.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 6

Data de realização: 11 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Sala de aula da ESEC – Campus de Penha, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Não sei se já tem um bocadinho de conhecimento do que trata o meu estudo, é sobre a profissão do educador social, onde estão a trabalhar e queria apanhar o máximo de áreas em que está a trabalhar. Fiz uma pequena seleção para as entrevistas. Tenho aqui um guião com vários blocos e o primeiro é em relação à escolha do curso. Quais foram as principais razões que te levaram a escolher este curso? Foram razões pessoais, sociais, influências?

Entrevistado nº 6: Pessoais basicamente, portanto gostava de duas áreas por um lado a área de economia, dos números por outro lado a área social, na altura tava indecisa mais depois pensei, bom seja o que for, mas primeira opção pus a área social pelo curso pelo trabalho com as pessoas mais a parte social em segundo opção a economia, havia seis na altura mas só pus essas duas opções, na altura só pus as duas. Entraria onde tivesse de ser, entrei na primeira e vim.

I: Relativamente às expetativas iniciais? Tinha muitas expetativas? Quais eram as principais?

E6: O que eu pensava e o que era o meu objetivo quando me inscrevi e depois vim, era vir a trabalhar com pessoas, poder ser útil no contexto social era a minha principal expetativa mas não sabia bem ao que vinha, também tinha 17, 18 anos acabado de fazer.

I: E essas expetativas tornaram-se realidade?

E6: Em parte sim, por outro lado não dada a abrangência daquilo que nós podemos fazer porque depois tornou-se…eu pensava trabalhar com pessoas carenciadas do poder vir a ajudar e depois percebi que era mais que isso e que a realidade é diferente, que nós podemos intervir desde a infância até à idade adulta, passando pela terceira idade, então percebi que era muito mais abrangente do que aquilo que eu pensava.

I: Mas a nível de frustrações em relação ao curso sente alguma coisa?

E6: Não, não.

I: E quais são os principais motivos de satisfação que aponta relativamente ao curso? O que a satisfez mais no curso.

E6: A pessoa, eu sinto que o que mudei muito com o curso, principalmente acho que foi essa mudança em mim enquanto pessoa, os conceitos que tinha, isso tudo mudou, a questão dos rótulos. Nós às vezes olhamos para as pessoas e ou para a realidade e darmos logo com as nossas opiniões e criar logo pareceres quando não é bem assim. Eu acho que isso foi o que mudou em mim, principalmente a forma de ver a realidade, de ver as pessoas, depois é na prática e no terreno mesmo que nós aplicamos o que aprendemos aqui.

I: Relativamente aos motivos de insatisfação houve algum motivo que queira apontar ou esteja menos positivo no curso que ache que seja necessário melhorar?

E6: É assim, a única frustração que eu posso sentir é realmente quando nós saímos da escola do ensino e integramos o mercado de trabalho, realmente é uma grande diferença, mas isso eu penso que seja transversal a qualquer curso não é? Nós depois na prática é que vamos… mas do curso em si não há nada que...

I: Acha que este curso é reconhecido pelas entidades empregadoras?

E6: Sim, acho que sim embora com o antigo intervenção comunitária nós tenhamos tido um pouco mais de dificuldade porque tínhamos de explicar mais o que era, algumas entidades conheciam, porque já tinha sido feito um trabalho anterior por parte dos colegas que já saíram, mas ainda faltava um bocadinho às vezes explicar o que era o curso e tudo mais, mas hoje em dia penso que sim e enquanto com o nome de educação social é mais fácil.

I: Durante a licenciatura participou em atividades extracurriculares?

E6: Sim, fiz voluntariado, depois do género iniciativas que surgiam no contexto do curso.

I: *Workshops*, seminários, formações?

E6X: Sim sempre.

I: E acha que estas atividades contribuíram para a sua inserção no mercado de trabalho?

E6: Também, é sempre uma mais-valia.

I: Além da licenciatura sente necessidade de mais formação, na mesma área ou noutras áreas?

E6: Sim, agora de aprofundar a área onde estou, mais por aí porque, porque o curso dá-nos uma visão geral e depois em função da nossa área de trabalho, sem dúvida aprofundar aquilo que…

I: A nível do curso acha que não é necessário mais cadeiras ou alguma que tenha sido menos falado que também ache importante?

E6: Assim de repente não.

I: E tem mais alguma licenciatura ou tem algum mestrado?

E6: Eu iniciei a licenciatura de psicologia porque na altura não consegui logo emprego, então tive um verão desempregada, comecei a entrar em stress e então decidi que tinha de fazer qualquer coisa, então fui pra gambelas como tive equivalências iniciei a licenciatura de psicologia mas fiz o primeiro ano e entretanto consegui trabalho e já não me deu pa conciliar.

I: E estava a gostar?

E6: Tava, tava a gostar muito, complementava o que tinha começado aqui.

I: Portanto na sua opinião o funcionamento geral do curso não tem nada a dizer?

E6: Nada a apontar.

I: As atividades que o curso organiza?

E6: Na minha altura não, organizávamos muita coisa em parceria com a biblioteca também às vezes ou no próprio contexto dos grupos de trabalho dentro da turma…grupos de trabalho e depois criavam dinâmicas, atividades, sempre muita coisa.

I: A turma era unida e participavam nas atividades dos outros colegas?

E6: Sim, sim, o meu ano sim, gostava muito.

I: Relativamente à qualidade dos docentes tem alguma coisa a dizer?

E6: À?

I: Qualidade dos docentes

E6: Nada também.

I: Não tem razão de queixa. E da formação recebida?

E6: Também, sim.

I: Desde que terminou a licenciatura até agora qual tem sido o seu percurso profissional? Onde trabalhou? Durante quanto tempo?

E6: Ok, então eu acabei em 2006 e em 2006 através do instituto de emprego fiz o chamado POC, um Programa Ocupacional numa escola. Era numa escola primária e a minha função era dinamizar a biblioteca, foi um trabalho muito bom e ganhava bem na altura, seiscentos e trinta euros limpos, ia a pé portanto trabalhava ao pé de casa e aquilo era o máximo, o ambiente era bom e tudo mais. Isto durante um ano, acabou o ano letivo, acabou o POC. Depois no verão fiquei desempregada e depois consigo no outro ano letivo outra vez num POC mas numa escola em Faro num gabinete de apoio ao aluno e à família, os GAAF não sei se conhece? Levei novamente o ano letivo a trabalhar aí e verão desempregada, portanto acaba o ano letivo, acaba o POC desemprego. Entretanto tive a sorte de conseguir um emprego portanto surgiram os centros de novas oportunidades que já existiam mas surgiram mais e então inscrevi-me na altura num concurso que havia e inscrevi-me e tive a sorte de ser selecionada até hoje, já lá vão quase quatro anos.

I: O que é que faz no centro?

E6: A minha função é profissional de RVC, não sei se sabe, mas nos centros de novas oportunidades as equipas são constituídas por um diretor e um coordenador, depois no terreno mesmo estão os formadores e o profissional de RVC e a minha função é

profissional portanto é acompanhar os grupos e as pessoas desde o início que se inscrevem no centro, até que terminam o processo.

I: E que tipo de atividades é que desenvolve?

E6: Portanto do acompanhamento às pessoas faz parte aquele contato inicial de integração da pessoa nos grupos, de explicar no que é que consiste o processo, do que se pretende delas. Depois acompanhá-las durante todo o processo, dúvidas que tenham, repor sessões a que tenham faltado, sessões em que não tenham ficado esclarecidas e que seja necessário um apoio mais individual, até que depois elas certificam no fim, tratamos de todo aquele processo de certificação e de…basicamente é isso.

I: No outro trabalho anterior que tinha falado o que é que fazia?

E6: Era… havia uma psicóloga portanto trabalhava em parceria com a psicóloga, a psicóloga trabalhava mais diretamente com os miúdos e eu trabalhava com as famílias e então tentava perceber…a psicóloga mais os miúdos e eu a família, qual era o contexto e o que se passava e em articulação conseguíamos ver o que estava ali e de que forma podíamos intervir, basicamente era com as famílias.

I: E sente que o trabalho foi bem feito e que houve melhoria?

E6: Na altura não, na altura não porque eramos POC, era tudo POC, entravamos e saiamos, por acaso fiquei um ano letivo mas estava sempre muita gente a entrar e a sair porque entretanto conseguiam emprego e nunca foi um trabalho continuado. Todos os anos chegam novas pessoas e até integrar e adaptar não sei que perde-se muito e não há um trabalho mesmo.

I: Na sua opinião a formação que recebeu está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E6: Sim eu sinto que sim, depois lá está, depois em função do trabalho e daquilo que estamos a fazer no terreno é necessário depois atualizar e especializarmo-nos porque o curso dá-nos um bocadinho.

I: Acha que foi importante para si o estágio curricular? Acha que é bem estruturado e adequado?

E6: Hum não. No meu caso não, o estágio práticas na altura, não de todo porque nós escolhemos, nós quer dizer é o 3ºano e não sabemos bem o que queres, temos de escolher um sítio, depois escolhemos o sítio e tamos por nossa conta. Quem tem a sorte de escolher um bom sítio aproveita-o ao máximo e consegue tirar mesmo algum proveito, agora quando nós não sabemos bem o que é, vamos para uma área tentamos insistir naquela área mas depois…o meu trabalho foi com mais uma colega, foi na Reapn, Rede europeia? Já nem me lembro mas o objetivo era divulgar a instituição, gastámos imenso dinheiro do nosso, por nossa conta, a visitar instituições pelo Algarve e o resultado final acabou por não ser nada de…

I: E não tiveram apoio mesmo a nível dos docentes? Sentiu-se assim um bocadinho?

E6: Senti, nas práticas senti, se calhar foi a única situação em que nós sentimos sim. Às vezes algumas tínhamos as reuniões, já não me lembro com que periodicidade eram, mas tínhamos mas era insuficiente, sim essa parte.

I: Quanto tempo é que demorou a arranjar o primeiro emprego? Já falou um bocadinho…

E6: Foi só o verão, é. Acabei em Junho e depois não, não, foi quase meio ano, meio ano sim, seis meses sensivelmente.

I: Quais foram as principais dificuldades que encontrou quando estava à procura de emprego?

E6: Não havia mesmo, eu enviava, cheguei a enviar noventa e tal currículos quando acabei, respostas tive se calhar dez coisa assim, de noventa portanto é pouco significativo e não havia mesmo, quer dizer contactei e não havia mesmo.

I: Na sua opinião a presença dos educadores é importante na sociedade?

E6: Sem dúvida, sem dúvida, acho que sim.

I: Porque acha que é importante?

E6: Acho que sim porque faz falta sempre uma outra visão, eu acho que o trabalho em equipa é muito importante e que esta componente social que é mesmo muito importante porque as equipas são constituídas por elementos de várias áreas mas faz falta mesmo

esta visão social que nós temos, não só o trabalho em si mas os próprios conceitos que nós trazemos e a forma como trabalhamos e a visão que temos das coisas, acho que faz falta.

I: Acha que o papel do educador é um bocadinho também desconstruir os rótulos que existem na sociedade?

E6: É, é e é isso que eu dizia à pouco que o curso me fez mudar, é essa perspetiva e os tais rótulos que existe.

I: Gostaria de trabalhar numa IPSS?

E6: Sim. A minha é uma IPSS embora seja numa das respostas sociais que é o centro de novas oportunidades mas também trabalho numa IPSS portanto.

I: Qual é que acha que é a principal importância das IPSS's?

E6: Complementam aquilo que o Estado de uma forma portanto o Estado não pode dar resposta a tudo e acho que as instituições são de extrema importância, cada uma na sua área mas tenta complementar e dar resposta àquilo que são as necessidades da população, por isso faz todo o sentido.

I: E ao nível das escolas. Já trabalhou numa escola?

E6: Sim.

I: Acha que é importante a presença dos educadores nos agrupamentos de escolas?

E6: Acho que sim, muitas vezes os professores têm uma visão, nem todos, acho que é muito diferente agora, mas ainda há alguns que têm uma visão muito limitada, não é bem limitada mas é muito centrada naquele modelo rígido e não olham muito àquilo que é a componente social e acho que faz falta também, bem como os psicólogos e tudo mais.

I: E ao nível da família também é importante?

E6: Trabalhar a família, acho que sim porque escola sem família e família sem escola…

I: Relativamente à profissão de educadora social. A profissão tem indo ao encontro das suas expetativas? Sente-se realizada com a profissão? Ou desiludida?

E6: Não, sinto-me muito, neste momento sinto-me muito. Já estou há quatro anos praticamente, quatro anos, o ambiente de trabalho faz muito e felizmente a equipa de trabalho é muito unida, o ordenado é muito bom portanto, a segurança é que é o único aspeto negativo porque nós estamos sempre na iminência de a qualquer momento o centro fechar e agora fecharam muitos no fim do ano, em Março fecharam mais e em Agosto não sabemos, é o único aspeto negativo.

I: Qual é o centro onde trabalha?

E6: É a ASMAL, associação de saúde mental do Algarve, temos em Faro mas a nossa sede mesmo agora é em Loulé.

I: Sabe definir-me nalgumas palavras a missão do seu contexto de trabalho?

E6: Basicamente é dar uma resposta ao nível da formação independentemente do percurso portanto as pessoas chegam ao centro com um objetivo que é qualificação escolar ou aumentar as suas habilitações e em função desse objetivo com que as pessoas nos procuram nós temos de encontrar uma resposta, basicamente é isso, é responder a um nível formativo.

I: E este centro é equivalente a outro centro ou é um pouco mais especial? Como funciona?

E6: Não, não tem nada a ver, a questão é que está inserido numa IPSS, enquanto outros estão inseridos em escolas, outros em cooperativas pronto depende mas a missão é a mesma de todos os centros.

I: A nível da equipa de trabalho já falou que é muito boa, não tem razões de queixa…

E6: Muito boa sim.

I: A nível das funções também já falou um bocadinho. Todas as funções são as próprias do educador ou desempenha também outras funções dentro do seu trabalho?

E6: Não, o meu trabalho é muito, é sempre na base do acompanhamento às pessoas portanto acho que…

I: Qual é a sua perceção relativamente à sua figura profissional? Acha que é importante na instituição? Acha que provoca alguns efeitos nos colegas e nas pessoas com quem trabalha? Tem alguma perceção disso?

E6: Em que sentido?

I: Acha que a sua figura profissional e o trabalho que desenvolve é importante para as pessoas que trabalham lá e que vão lá?

E6: Acho que sim.

I: Sim?

E6: Sim tanto que para esta função em específico, era mesmo pedido, um dos requisitos era a pessoa ser da área social, por isso acho que sim.

I: E qual é a sua perceção? O que é que acha que os outros pensam do seu trabalho? Acha que pensam que faz um bom trabalho?

E6: Sim penso que, sim, sinto que o *feedback* é positivo, sim.

I: Tanto os superiores como os colegas?

E6: Sim, nós temos reuniões semanais, daí também o ambiente da equipa ser o que é porque a reunião semanal serve para isso mesmo, para apontar aquilo que podemos melhorar, o que foi bem feito e o trabalho que foi bem feito é reconhecido e quando falta qualquer coisa ou podemos melhorar também nos é dito e isso faz contrabalançar e fazer com que sim, eu sinta…

I: E há abertura da parte das pessoas para que isso funcione?

E6: Sim, da parte da coordenação, lá está a instituição, a ASMAL é muito grande, somos cerca de cinquenta trabalhadores, temos uma série de cursos, temos muita coisa e o centro de novas oportunidades acaba por ser um mundo um bocadinho à parte com uma coordenação própria e dentro deste mundinho, o nosso mundinho, sim corre muito bem.

I: Em relação à sua entidade empregadora é a ASMAL, o trabalho que desenvolve é esse no CNO. Que outros tipos de trabalho é que há nesta instituição?

E6: Portanto, a ASMAL dá resposta a pessoas, à população com problemas de saúde mental basicamente, essa é a grande missão da ASMAL, e essa resposta passa por, ao nível formativo por um lado, para além do centro de novas oportunidades temos outros cursos que não inseridos no centro mas que são resposta da ASMAL. Depois tem uma residência onde vivem pessoas que já não têm capacidade ou autonomia para viverem sozinhas e temos a residência. Temos também um fórum socio-ocupacional em Faro, que também são pessoas que já não conseguem trabalhar mas que estão ocupadas, pelo menos não estão estagnadas, continuam a trabalhar, basicamente é isto portanto é a formação, é o fórum socio-ocupacional, é a nossa residência e depois temos também a reabilitação profissional que são pessoas, muitas até licenciadas porque a doença só se manifestou…

I: Mais tarde…

E6: Mais tarde exatamente e que pronto já não conseguem trabalhar e estão tal como o nome indica a reabilitar-se profissionalmente, a tentar ainda…

I: Relativamente à ASMAL, também acha que há abertura? Nunca houve barreiras ou limitações para o CNO?

E6: Não, eu não sinto, nós estamos no centro de novas oportunidades e tudo o resto nos tem sido facilitado.

I: Tem alguma história que gostasse de contar que diga respeito à satisfação? Que tenha acontecido no seu trabalho que a tenha satisfeito pessoal ou profissionalmente? Que possa contar.

E6: Ah assim de repente, uma história em concreto?

I: Um acontecimento, alguma?

E6: Acontece, para nós e para mim em particular se calhar para os meus colegas também mas pronto falando de mim a questão dos júris de certificação é o momento mais gratificante porque o processo é feito de altos e baixos não é? A pessoa entra muito entusiasmada e com a expetativa lá em cima, agora já nem tanto porque algumas são obrigadas literalmente pelo instituto de emprego a procurar e a inscrever-se num centro mas falando na realidade até à bem pouco as pessoas vão com uma expetativa muito elevada, ao longo do processo essa expetativa baixa, sobe, baixa, sobe portanto tem

picos, tem e depois quando chega ao fim que a pessoa vê todo o trabalho que realizou, o portfólio final, esse momento é sempre muito gratificante e depois em sessão de júri normalmente as pessoas elogiam-nos, faz parte porque nós contribuímos para aquele resultado final e acho que esse é dos momentos mais gratificantes, quando as pessoas realmente e publicamente reconhecem o nosso trabalho, acho que isso é mesmo… porque lá está o processo foi complicado, não foi linear, a pessoa entrou com uma expetativa lá em cima, com os trabalhos se calhar foi descendo, houve momentos se calhar em que quis desistir, não desistiu porque nós estávamos ali ao lado muitas vezes e depois quando chegam ao fim reconhecem isso tudo, acho que é o mais gratificante.

I: Já falou um bocadinho na remuneração, encontra-se satisfeita. Acha que a remuneração está de acordo com o trabalho que desenvolve? E com as funções que desenvolve?

E6: Sim, sim. Nós há uma diferença entre a minha função de profissional e os formadores, a diferença é sensivelmente, brutos são trezentos e qualquer coisa euros e às vezes nós discutimos entre nós "porque que não é igual?", mas depois naqueles momentos em que a responsabilidade aperta e que somos nós profissionais que temos, que somos responsáveis e que temos de enfrentar as situações, eu penso que sim que é justo, às vezes penso "epá afinal se calhar ganho mais ou ganho tanto precisamente por este tipo de situações" porque a responsabilidade também é maior.

I: Na sua opinião há alguma que poderia ser feita para melhorar esta profissão? Não só a nível pessoal mas também a nível geral? Dos seus colegas, dos amigos que também licenciados nesta área?

E6: A profissão enquanto educador social?

I: Sim.

E6: Um bocado, estou um bocado fora disso porque como a minha situação é estável…o que é que poderia? Eu tenho noção que há falta de emprego, tenho muitas colegas desempregadas e a trabalhar noutras áreas. O que é que poderia ser feito? Se calhar o contributo por parte do Estado porque eu acho que faz falta, nas IPSS's, nas câmaras, faz falta, mas muitas vezes não há verba, não há…falta faz, agora o que é que poderia ser feito?

I: E acha que existe vontade da parte das pessoas de arranjar emprego e de trabalhar na área?

E6: Inicialmente sim mas depois também chega uma determinada altura que a pessoa se acomoda porque já arranjou um outro emprego, porque até está satisfeita e acaba por se acomodar no sentido em que tem ali a segurança e voltar para o desemprego ou sai à rua a procurar emprego, a levar outra vez nãos ou enviar currículos e não obter resposta... e eu tenho noção que muitas colegas minhas já se acomodaram, também já passaram seis anos e entretanto as pessoas conseguiram, constituíram família, a vida organizou-se, naquele emprego acabam por esquecer um bocadinho o curso.

I: Se tivesse esta profissão a alguém ou para recomendar esta profissão a alguém quais eram os conselhos que daria? O que é que…que argumentos utilizaria?

E6: Eu acho que o requisito mínimo ou base terá de ser o gosto pelo trabalho com as pessoas e há pessoas que… isso sente-se pronto, isso sente-se e se a pessoa não tiver gosto acho que o ponto de partida não está portanto nem sequer vale a pena. Quando a pessoa gosta acho que realmente é investir e acho que sim, o curso dá-nos a bagagem que nós precisamos e depois se a pessoa tem gosto no terreno vai fazer um bom trabalho.

I: Quais são as caraterísticas que o educador social deve ter, na sua opinião? A nível pessoal, a profissional. Como deve ser um educador ideal?

E6: A questão da humildade é muito importante não é? Eu acho que sim, nós trabalhamos com pessoas, as pessoas têm histórias de vida, têm expetativas, têm ambições e é importante nós sermos humildes, reconhecer isso e não encararmo-nos como numa posição superior mas lá está a tal relação horizontal eu acho que é mesmo isso, é a base para que o resto funcione. A partir daí, a partir do momento que nós encaramos o outro como igual eu acho que tudo corre bem, portanto é a humildade. Mais? Depois aquelas competências sociais ou básicas, o saber ouvir, o saber escutar, o saber…o dizer pronto dar a importância que a pessoa se calhar precisa naquele momento e isso acontece muito no nosso trabalho. Muitas vezes temos uma sessão individual duma hora mas se calhar os primeiros quinze minutos são para ouvir os dramas de vida de uma pessoa mas ela precisa e se calhar depois de ter desabafado já vai trabalhar muito melhor. Então essa humildade, mais? O gostar de trabalhar com

pessoas, o ser simpático, acho que também é importante a pessoa ser isso, ser genuíno também.

I: Vou enumerar algumas caraterísticas e queria que me dissesses se acha que são ou não importantes e porquê. Criativo?

E6: Sim também, para às vezes conseguir contornar algumas situações, sim.

I: Na questão de gerir os recursos, se calhar também…

E6: Tamém sim, no contexto em que estamos então, sim.

I: Dinamizador?

E6: Também, sim é fundamental.

I: Porque é importante pôr as pessoas interessadas e ?

E6: Sim, sim e arranjar estratégias de consegui-lo.

I: Manipulador?

E6: Hum lá está é uma das caraterísticas que se formos por aí… mais vale conseguir levar as pessoas mas sem essa manipulação do que…

I: Então não concorda com isso?

E6: Não.

I: Planeador?

E6: Também é necessário sim, sim, e para que as coisas corram bem ter tudo organizado e planear.

I: E autoritário?

E6: Lá está, também não (sorri).

I: Vai contra os conceitos básicos da educação social…

E6: É a tal, o assertivo é o ideal portanto nem manipulador, nem passivo, nem autoritário.

I: Falou à pouco que tinha feito voluntariado, não sei se ainda faz?

E6: Não, não, foi uma situação pontual no decorrer do curso surgiu a oportunidade e fui.

I: Fez onde?

E6: Na Horta da Areia, no centro comunitário e também contribuía depois na tal associação, na REAPN, associação não, na rede europeia. Contribuímos aqui no núcleo de Faro quando era preciso ajuda, eu e a minha colega távamos lá mas nada assim muito…

I: Pertence a alguma associação social, cívica, cultural, recreativa ou religiosa?

E6: Não.

I: E nesse tempo que fez voluntariado sente que isso contribuiu de alguma maneira para o desenvolvimento das suas competências?

E6: Não, foi uma situação muito pontual, foi mais para…na altura surgiu a oportunidade e aproveitei mas não que…claro que se aplicava sempre aquilo que aprendia mas não, foi engraçado mas não que daí retirasse uma grande aprendizagem.

I: Foi pouco tempo, então?

E6: Sim foram uns meses.

I: Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise que estamos a passar, o que acha que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o papel do educador social daqui a um tempo?

E6: Acho que cada vez vão ser mais precisos não é? Porque a realidade social está a transformar-se não é? Portanto o próprio contexto está a fazer com que a realidade se transforme e em função disso cada vez serão mais necessários os educadores sociais, mas lá está epa é preciso que se criem as condições porque se não for reconhecida essa necessidade, se não houver o tal financiamento, a tal procura por parte das instituições, também pouco poderemos fazer mas acho que vai ser cada vez mais necessário, sim.

I: Como é que acha que nós podíamos fazer ver ao Estado por exemplo, que eramos importantes? Acha que parta da universidade, parte dos educadores?

E6: Também, também, acho que de todas as partes. Nós sozinhos também pouco podemos fazer mas muito tem sido feito, mesmo nas redes sociais e tudo eu faço parte de alguns grupos e pronto a intervenção tem sido boa mas acho que o próprio portanto tem de ser tudo, as escolas sim, os educadores, as próprias entidades também a pressionar porque as entidades reconhecem que têm falta só que muitas vezes também não conseguem…

I: Não têm possibilidades…

E6: Pois, eu acho que seria de todos.

I: Acha que passa um bocadinho pela formação de uma Ordem de educadores sociais? Ou acha que isso também não ia adiantar?

E6: Também, se calhar depois a pressão seria diferente também.

I: Como é que se vê profissionalmente daqui a uns meses ou daqui a uns anos?

E6: Não me vejo (sorri), não, é tudo muito incerto, eu acho que a nossa profissão vai-se vivendo. Para mim é um ano de cada vez, tem sido sempre assim, apesar de estar à quatro anos aqui, mas todos os anos há a incerteza de saber se temos aprovação para o ano seguinte ou não portanto eu tenho vivido um ano de cada vez. O emprego para a vida acabou não é? Aquela realidade que até à umas décadas as pessoas viviam, que tinham um emprego trinta, quarenta anos acabou, eu neste momento sinto que essa realidade é anual portanto eu de ano para ano é que vou vendo o que…

I: E agora com a questão dos centros fechar a qualquer momento…

E6: Portanto em Agosto, sim, em Agosto não sei portanto não me vejo, mas a partir daí…é assim nós também já criámos, eu há seis anos que acabo por tar, já criámos conhecimentos, já criámos, portanto não me assusta muito, mas se calhar é uma perspetiva um bocadinho otimista, não sei o que é que me espera. Provavelmente poderei ficar no desemprego, mas eu creio que é uma questão de tempo, mas é uma perspetiva otimista minha, não sei.

I: E se fosse forçada a arranjar trabalho numa outra área, ia manter-se ligada à educação social? Através de voluntariado ou de alguma coisa?

E6: Sim, sem dúvida. Sem dúvida, é assim eu gosto muito do que faço mas há duas condições básicas que eu tenho de verificar, por um lado a minha satisfação pessoal e isso posso consegui-lo aqui, que é o ideal, mas posso consegui-lo numa outra profissão fora da minha área. Depois é assim, tenho um filho, tenho um filho com dois anos portanto nesta área ou noutra eu tenho de trabalhar porque tenho de garantir que eu e ele e a família temos aquilo que, portanto se eu tiver a satisfação profissional e se tiver o dinheiro a entrar em casa portanto é o que me interessa. Claro que a preferência é aquilo que estudei não é? Aquilo que gostei mas a partir daí…

I: Está aberta às novas possibilidades…

E6: Sem dúvida e tem mesmo de ser, quer dizer.

I: Pois. Se pudesse escolher onde é que gostaria de trabalhar?

E6: Eu gosto muito da formação, mas se tivesse, gostava que tudo se tivesse encaminhado para a terceira idade, gostava muito, muito, muito, porque nós também trabalhamos, temos parcerias com entidades e temos parceria com a santa casa por exemplo e então…no sentido de formar e de qualificar os funcionários deles, mas isso implica nós visitarmos e conhecermos as instituições e fascina-me aquelas pessoas, fascina-me por um lado e por outro fico triste de ver muitas vezes as condições em que elas estão porque estão um dia inteiro muitas vezes ali paradas, têm atividades mas são pontuais, duas vezes por semana têm a atividade tal mas fazia falta um animador, além que lhes desse aquele mimo que eles têm falta, aquele momento de conversa porque mesmo sem trabalhar lá quando vou lá (sorri) aquelas pessoas chamam-me "menina, menina" e querem falar um bocadinho e acho que seria um trabalho muito gratificante, poder dar esse bocadinho que essas pessoas têm falta.

I: Então ia para a área dos idosos.

E6: Huhum.

I: E colocaria a hipótese de ir para o estrangeiro? Acha que era uma boa hipótese?

E6: Não. Acho que é uma boa hipótese sim, isso sim, sem dúvida e tenho colegas que já o fizeram na área social e que se tão a dar muito bem sim, mas pessoalmente não.

I: Nunca teve aquela "loucura" de ir para África por exemplo?

E6: Não. Gosto, acho um trabalho muito, muito interessante, valorizo muito quem o faz mas eu não, eu sou muito agarrada aqui às minhas raízes, não.

I: E a nível de projetos? Nunca teve assim uma ideia que quisesse concretizar? Uma espécie de sonho?

E6: Tive (sorri) tive, tive e tenho com pronto com outra colega de curso, foi colega de curso mas sobretudo é amiga e nós temos e temos sempre coisas pensadas e temos até um projeto iniciado. É uma questão de com o tempo e se as coisas se proporcionarem, mas pensamos nisso, a propósito ainda à dias falámos, saímos num contexto informal mas voltámos a falar do nosso projeto.

I: Está relacionado com os idosos?

E6: Não porque ela também não, está relacionado com a infância portanto é algo que eu também gosto mas como ela é mais infância então é mais por aí.

I: Tá bom, diga-me só a sua idade.

E6: Tenho 27.

I: 27 e concluiu em 2006?

E6: 2006, ainda em intervenção comunitária.

I: Mas sabe achei interessante à pouco quando disse que as pessoas conheciam mais o educador social do que o interventor porque atualmente o que os mais novos dizem é que as entidades querem interventores e não querem educadores.

E6: Também falávamos nisso no outro dia porque, sim aqui no Algarve trabalhou-se isso de tal maneira que agora as entidades reconhecem mais o outro do que propriamente o educador social, no outro dia falava com umas colegas, falávamos isso. No entanto a nível nacional o educador social tem outra projeção que a educação e intervenção comunitária.

I: Nunca procurou trabalho a nível do país? Esteve sempre só cá pelo Algarve?

E6: É, eu não saiu daqui, eu tenho muitas coisas que me prendem aqui mas isso são questões pessoais mesmo e agora com o filho e sou muito ligada à família e não, não

sairia daqui, só por um motivo de força maior lá está mas não. As minhas raízes são aqui.

I: Da minha parte está tudo, não sei se quer deixar algum comentário ou alguma sugestão?

E6: Não Rute acho que está tudo (sorri).

I: Conhece algum que ache que valia a pena ser entrevistado para este estudo? A nível de percurso profissional, experiencia pessoal?

E6: E qual é o objetivo, o que é que se pretende? Que teja empregada, que não teja empregada?

I: Eu vou abarcar um bocadinho de todas as situações porque quero estudar a realidade em si a nível de trabalho, o que é que estão a fazer e onde, mas também quero entrevistar algumas que estejam desempregados ou noutras áreas para perceber um bocadinho porque é que não estão a trabalhar.

E6: Sim, eu penso que sim, a Ana, duas situações assim mais próximas, a Ana que é colega mas sobretudo amiga, a Ana está desempregada. Posso falar com a Ana e depois é uma questão de… a Ana está desempregada, já trabalhou na área e entretanto neste momento está desempregada e é daquelas situações que se calhar já está um bocadinho acomodada porque é o que ela diz, parece que já não sente com aquela segurança de voltar, a Ana e depois tenho que trabalha também na ASMAL, que é uma colega a Filipa, que ela trabalha mais ou menos na nossa área, a questão é que ela ganha pouco e não está tao satisfeita nesse sentido não é?

I: Ela é formadora ou é?

E6: Ela é TAFE, técnica de acompanhamento à formação e emprego, algo assim do género portanto ela faz a integração dos formandos da ASMAL no mercado de trabalho, faz o acompanhamento também, acaba por ser dentro da área não é?

I: Depois se precisar de mais alguma coisa entro em contacto.

E6: Está bem.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 7

Data de realização: 16 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Gabinete de ação social, Autarquia de Vila Real de Santo António, Vila Real de Santo António.

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Não sei se já tem um bocadinho de noção do que trata o meu estudo, é sobre a profissão do educador social, vou estudar um pouco da realidade do educador social atualmente, no Algarve e tenho aqui um guião com vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso, portanto quais foram as principais razões ao nível pessoal, social, influências?

Entrevista 7: Então é assim Rute, eu por acaso no meu caso foi um acaso, foi uma sorte eu ter vindo para este curso, porquê? Foi a minha última opção. Eu queria ir para Psicologia, as minhas primeiras três escolhas foram para Psicologia e a última escolha foi para este curso, que na altura eu não tinha muito conhecimento sobre o curso, mas tinha algumas informações que era relacionado com serviço social e eu pus, mas pus sem saber muito bem para onde é que ia. Entrei nessa e decidi que devia arriscar, mas até pensei que ia desistir, tanto que até informei os meus pais "Vou ver o que é, vou ver se gosto, mas provavelmente vou desistir, porque não é isto que eu quero." Mas realmente quando cheguei ao curso fiquei surpreendida, logo pelas primeiras abordagens e pelos professores e aos poucos fui-me motivando, pelo que não desisti e não estou arrependida.

I: Acha que isso foi se calhar uma falha na parte da divulgação?

E7: Sim, sim, na altura sem dúvida, ninguém sabia o que era o curso de educação e intervenção comunitária e nem sequer conhecia pessoas que tivessem esse curso. Aí havia, realmente alguma falha.

I: Quais eram as suas expetativas quando começou a iniciar o curso, ao longo do curso e mesmo quando terminou quais eram as suas expetativas e em que medida é que estas se tornaram realidade?

E7: Portanto as minhas expetativas eram que como era um curso único à partida no meu pensamento haveria mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho, porquê? Porque o é curso é completamente diferente do tal serviço social que se conhece. Se por um lado isso era um risco, o facto das entidades empregadoras não o conhecerem, por outro lado com um bom conhecimento e uma boa educadora social, provavelmente conseguia influenciar a entidade patronal, explicando bem as suas funções e no meu caso foi isso que aconteceu e portanto estou muito contente com o curso que escolhi, as expetativas de encontrar trabalho e de ser uma mais-valia no terreno neste momento é o que está a acontecer.

I: Os seus principais motivos de satisfação são essa mais-valia. Quais são os outros motivos que apontam, de que gostou mais durante o curso.

E7: Gostei da parte prática, sempre que havia a realização de trabalhos nós colocávamos em contexto de trabalho, eu por exemplo a maior parte dos trabalhos que fiz eram sempre inseridos em algum tipo de instituição e isso é muito bom, porque nós íamos ganhando logo a prática e vendo como é que as coisas funcionavam, embora depois quando se foi para o mercado de trabalho, a realidade mudou um pouco, mas acho que nessa parte… também só tenho este curso, não sei se na parte mais teórica de outros cursos isso acontece, mas no curso que tirei com os professores que tive isso acontece e acho que é muito, muito importante.

I: E relativamente aos motivos de insatisfação? Aponta algum motivo? Alguma coisa menos boa, na sua opinião? Neste momento está tudo bom para si…

E7: Neste momento sim, eu recordo-me que quando comecei logo a trabalhar, mas isto provavelmente acontece a toda a gente, achei que não tinha bagagem suficiente, que me faltava algo mais, mas essa bagagem depois vai-se adquirindo ao longo da experiência profissional e provavelmente isto acontece a toda a gente mas que as minhas bases foram muito boas, foram.

I: Tenho aqui três motivos que selecionei de um inquérito que fiz. "O curso não ser reconhecido pelas entidades". Concorda, não concorda?

E7: Concordo, não é reconhecido mesmo aqui na câmara municipal, quando se pergunta "ah os profissionais da ação social são de que áreas?" "Serviço social, são todas as assistentes sociais", portanto há essa falta de conhecimento e aqui nesta divisão há três educadores socias e as minhas chefias continuam a dizer que nós somos assistentes sociais.

I: Ainda agora vim para aqui com uma amiga minha e ela disse-me "Então mas vais fazer entrevistas a educadores? Lá só há assistentes socias"

E7: Está comprovado, está comprovado e somos três (sorri).

I: O curso não permite que subir na carreira. Concorda?

E7: Não, não concordo nada, claro que é possível, porque este curso é um curso base de formação e além disso agora já começaram a existir mestrados mesmo relacionados com a área e mesmo que não seja diretamente relacionado, há outras áreas que com as bases que nós temos é possível prosseguir.

I: O terceiro era o curso não corresponder expetativas, mas já disse que corresponde. Durante a licenciatura participou em atividades extracurriculares, formações, *workshops*?

E7: Sim, sim, participava muito.

I: Acha que era importante?

E7: É muito importante por tudo, por nós adquirir outros conhecimentos, por nós conhecermos outros profissionais e vermos a realidade do mercado de trabalho. Eu por exemplo estagiei na rede europeia anti pobreza em Faro, que na altura também era recente, tinha pouco tempo de estar lá localizada e fiz um trabalho de divulgação da rede em todo o Algarve e isso me permitiu conhecer uma série de instituições e de IPSS's e isso realmente foi muito bom, daí eu também ter participado em *workshops* e seminários e acho que é tudo muito importante.

I: Quais foram os principais que participou ou que a marcaram? Lembra-se de algum em particular?

E7: Participei, foram tantos, lembro-me de participar em vários eventos, não só seminários como atividades práticas da CIMFARO, a Casa do Idoso do meio Rural e também na APPC, participei também em algumas atividades.

I: Já falou que sentiu falta de mais bases. Sente necessidade de mais formação nesta área? Outras cadeiras, algum mestrado, formações?

E7: É assim a nível de mestrado neste momento porque também é o meu interesse, acho que há falta de mais oferta, porque ainda é muito limitado e por exemplo nas áreas em que eu trabalho, porque eu na divisão da ação social, núcleo de habitação e portanto, quero levar o mestrado para a minha área profissional e portanto tudo o que encontro não é cá no Algarve, é tudo lá para cima. Aqui em baixo acho que realmente, ainda está muito pouco esmiuçado e o que existe ainda é muito para a terceira idade, quando um educador social trabalha, portanto não é só na terceira idade, é noutras áreas e realmente aí acho que há um bocadinho de falta, mas isto também é aos poucos (sorri).

I: A nível de mais cadeiras no curso. Acha que as cadeiras que teve estiveram bem, não sentiu necessidade de mais nenhuma especificamente quando começou a trabalhar?

E7: Senti, por exemplo, a questão das autarquias. Como eu vim trabalhar para uma autarquia eu tinha pouco conhecimento de como funcionava uma autarquia e em que áreas numa autarquia é que um educador social se podia encaixar e quando eu passei aqui pelo processo de entrevista e as pessoas que me entrevistaram também ficaram na dúvida onde é que me haviam de encaixar "vai para a cultura? vai para a educação? vai para a habitação?" e concorri até para outras câmaras, nunca com a divisão de ação social, sempre com a divisão educação e cultura e, portanto, aí acho que também faz falta orientar um bocadinho o curso, porque realmente as autarquias são entidades que empregam muitos educadores sociais e nós não estamos preparados para inserir uma autarquia, do meu ponto de vista e com os conteúdos que eu tive.

I: E a nível jurídico, acha que também deveria ser dado mais alguma base?

E7: Sim, sim, essa parte jurídica e de legislação ir sempre de acordo com os trabalhos que vamos realizando ao longo do curso, é bom ter esse conhecimento de trás, essa base, não só a prática e não só aquilo que a gente vê, mas essa base é muito importante também e no meu caso não foi muito abordado.

I: No geral uma das principais falhas que apontam é essa falta. Devia estar aliada à parte teórica, no fundo. Na sua opinião acha que o funcionamento geral do curso esteve bem, não há nada que tivesse de ser melhorado?

E7: Não.

I: Ao nível das atividades que o curso organizava. Acha que organizou algumas no seu tempo? Acha que falhou um bocadinho nesse aspeto? Não sei se se recorda de alguma atividade que tenham realizado.

E7: Do que me recordo de ser o próprio curso a organizar era mais o dia do educador comunitário, assim mesmo do curso, penso que não organizou mais nada.

I: Acha que devia haver mais atividades organizadas pelo curso ao nível da divulgação?

E7: Sim, sim, mais atividades e sempre em parceria com entidades empregadoras que isso é muito importante, e possibilitar que os alunos até possam vivenciar algumas experiências de trabalho, não só na parte do estágio, que na altura era no 3º ano, mas mesmo ao longo do processo, permitir esse contato.

I: A nível da qualidade dos docentes. Acha que algum docente que ache que devia ser melhor? Todos estiveram bem?

E7: Não, houve um que eu detestei especialmente. Eu não tenho razão de queixa dos docentes que tive, houve um que embora eu não simpatize muito, na altura não simpatizávamos muito um com o outro, mas acho que ele é excelente, simplesmente acho que não nos entendíamos assim muito bem, pelo menos a disciplina que ele me deu não gostava muito, mas acho que ele é excelente que é o professor B, acho que é mesmo maravilhoso. Um professor que eu detestei, mas de tudo, relações humanas, profissionalismo, era um professor que na altura dava psicologia social, que era o professor H, acho que aquele professor não se encaixa, não se encaixa no curso nem em nada, não. Um professor com o qual simpatizei muito era o professor A que era uma excelente pessoa e o professor C que foi sempre o meu orientador e que também acho que é um excelente profissional.

I: A qualidade de formação recebida. Já disse que houve alguma falha, que foi boa mas que houve algumas falhas, mas acha que ao nível da qualidade teve uma boa formação que…

E7: Acho que tive uma boa formação.

I: Os professores eram bons?

E7: Deram-me as bases que até este momento eu tenho precisado e que aos poucos cabe-me a mim ir melhorando mas não tenho dúvidas.

I: Como tem sido o seu percurso profissional. Tirou a licenciatura, até agora, está aqui na autarquia, o que é que tem feito?

E7: Digamos que tive muita sorte, porquê? Porque eu terminei o curso em Julho de 2006 e concorri logo em Setembro e em Outubro fiquei colocada, mas não foi nesta câmara (sorri). Fiquei colocada na câmara de Silves para a divisão da educação, fiquei colocada e ia começar a trabalhar em Janeiro, mas ainda no mês de Outubro fiquei colocada também na câmara de Vila Real para iniciar em Novembro, portanto acho que foi sorte ficar logo em dois postos de trabalho e até foi difícil de decidir. Fiquei colocada nas duas câmaras para exatamente o mesmo tipo trabalho que era com a terceira idade e aqui em Vila Real comecei pelo UTL, universidade de tempos livres que foi onde fiz a minha monografia, portanto estive cerca de seis meses a trabalhar na UTL, tinha toda a responsabilidade de gerir o plano de atividades e dinamizar o espaço. Depois aí surgiu a proposta de eu vir para a divisão de ação social da câmara, ainda a meio do estágio profissional, porque fiquei colocada em estágio profissional… e vim e até hoje tenho permaneci cá. Fiquei logo afeta ao núcleo de habitação e tem sido aí que tenho permanecido a nível de funções. Quer saber?

I: Sim, mas diga-me antes, quando veio aqui para a câmara já tinha terminado o curso?

E7: Já tinha terminado. Concorri para estágio profissional, fiquei e depois é que foi aberto concurso.

I: E a nível de funções?

E7: A nível de funções pronto comecei por trabalhar na UTL onde ia fazia todo o plano de atividades e dinamizava o espaço, depois aqui na divisão de ação social no núcleo de habitação comecei a trabalhar com toda a habitação social do concelho, portanto a gestão do parque habitacional, da conservação do espaço e algumas atividades de desenvolvimento comunitário, portanto toda essa parte que comecei por fazer. Agora mais recentemente comecei a trabalhar diretamente com a população cigana. Concorremos a um projeto que é o projeto de mediadores municipais e também tenho essa função, estou a coordenar um mediador municipal, portanto trabalhamos com essa população. Depois a nível da população em geral trabalhamos também o apoio à recuperação de habitações degradadas, para a população mais desfavorecida. Trabalhei, mas já deixei o Banco de Voluntariado que aqui existia e ainda existe mas passaram para outras colegas. Recentemente são estas as funções que tenho.

I: Relativamente ao salário. Tem-se mantido desde que começou a trabalhar? Tem aumentado?

E7: Pelo contrário, tem diminuído (sorri), o que é pior, vou explicar porquê. Pronto eu comecei o estágio profissional na câmara e na altura não era possível abrir um concurso para eu entrar para a autarquia, mas tinham dito que gostavam que eu ficasse e me mantivesse portanto estive um mês a trabalhar sem salário e depois tive um contrato com uma empresa municipal que abriu aqui em Vila Real, estive três anos nessa empresa onde tinha um salário bom, posso até dizer que o ordenado base era mil trezentos e setenta euros, mas sempre trabalhando na autarquia, só o vínculo contratual é que mudava, entretanto sempre houve a intenção de eu passar para a câmara, efetivamente era aqui que eu trabalhava, era só o vínculo contratual que mudava e então no ano passado em Junho houve a possibilidade de abrir um concurso e, portanto, eu passei para a câmara a contrato, mas foi porque eu quis terminar esse vínculo e passar a contrato mas aqui o ordenado desceu (sorri) e desceu para um ordenado base de mil e duzentos euros mas pronto.

I: Normalmente é ao contrário, começasse com mais baixo e vai aumentando…

E7: Neste caso diminuiu, mas eu preferi mudar a entidade patronal, porque não fazia sentido como estava.

I: Já falou um bocadinho da formação que tem ajudado no seu trabalho. Acha que a formação por si e de uma maneira geral está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Ou hoje em dia já se nota necessidades diferentes, o que acha?

E7: Eu na minha perspetiva acho que a formação está de encontro às necessidades que se sentem, porque realmente continua a faltar é o tal contato com as entidades, ver o tipo de trabalho que as entidades desenvolvem. Aí há uma falha, mas que as bases são boas, embora eu saiba que já houve alterações desde a altura em que eu fiz, mas acho que se se mantiverem essas bases elas continuam a ser muito boas e não são de retirar.

I: Relativamente aos estágios curriculares, já falou um bocadinho do seu, acha que são bem estruturados e adequados ao mercado de trabalho? Qual é a sua perceção e qual foi a sua experiência quanto aos estágios?

E7: Isto depende muito do que entidade empregadora e do que a entidade empregadora pretende, mas no meu caso quando fiz a entrevista fizeram-me uma série de perguntas sobre o que realmente eu pretendia desenvolver e o meu plano de estágio foi acordado com o que eu pretendia desenvolver, mas também da experiência que vejo aqui e já houve várias pessoas a estagiar no núcleo de ação social, isto por vezes não acontece e é um erro da entidade, porque chega o estagiário sem saber muito bem o que vem fazer e acaba por fazer trabalho que está nas urgências e que ninguém consegue fazer e aqui realmente há uma falha e aqui estamos a falar de estágios curriculares não é? Acho que o orientador também tem um papel muito importante de andar mais em cima e de tentar que o estagiário não seja o SOS das urgências porque às vezes acontece.

I: Aqui na sua entidade nota que as pessoas que vêm fazer estágio curricular vêm mal ambientadas.

E7: Às vezes sim, mas é como lhe digo, muitas vezes parte da entidade, porque não há acordo antes da pessoa chegar e a pessoa depois quando chega, o técnico que está a coordenar essa pessoa também não tem tempo, as coisas não estão coordenadas, e ele acaba por fazer o trabalho que está ali e que lhe ditam e isso não está certo. Nós do nosso curso ainda não tivemos ninguém aqui a estagiar.

I: Na sua opinião, achou o estágio adequado? Gostou?

E7: Sim, gostei, mas realmente houve também aí essa falta de acompanhamento, porque cheguei ao estágio e de repente "tens essas funções e agora desenrasca-te" tudo bem que vamos com uma licenciatura e temos alguns conhecimentos, mas também ainda somos muito novinhos e precisamos de alguma orientação, mas também porquê? Porque a minha coordenadora de estágio profissional não estava ao pé de mim, eu só a conheci passado seis meses e portanto na altura houve mudanças no UTL quando fiz a monografia, conhecia a diretora da UTL, a anterior e quando cheguei aquilo tinha sofrido uma alteração e agora de repente vejo estas funções e o espaço tem que andar para a frente e portanto houve aqui uma falha e não sei até que ponto o estágio profissional não seria importante ainda haver um orientador da parte do curso, pelo menos ali nos primeiros meses, às vezes a gente sentimos que somos deixados às aranhas.

I: Na sua opinião é importante a presença de educadores nas várias instituições?

E7: Claro que sim.

I: Quais são os principais motivos?

E7: Porque é que são importantes os educadores? Em primeiro lugar eu acho que um educador, eu costumo dizer educador comunitário, é uma pessoa polivalente, porque acho que nós não nos fechamos às atividades que nos são pagas, eu noto em relação a algumas colegas, não só da ação social, aliás na ação social isto também acontece muito no geral, que a pessoa tirou a formação e então só faz aquilo, enquanto um educador social tem a capacidade e a competência de se adequar a qualquer realidade e consegue dar a volta ao assunto e isso acho que é uma mais-valia da nossa formação, porque como não temos uma área de trabalho, é aquilo e só aquilo, conseguimos ter uma mentalidade diferente e adquirir conhecimentos diferentes e acho que isso é muito importante, é realmente a mais-valia do nosso curso, acho que é essa.

I: Gostaria de trabalhar na IPSS, se acha que é importante para a sociedade, a nível político, qual é a sua opinião?

E7: Acho que são importantes, não me importava de ter essa experiência até porque trabalhar numa autarquia tem um senão sempre por trás que é a questão política e às vezes quer-se desenvolver algum tipo de trabalho social, mas que os objetivos não se enquadram numa componente política que está por trás e nessa parte acho que o

trabalho numa IPSS pode seguir um rumo diferente e acabar por ser mais motivante e gratificante enquanto aqui numa autarquia o trabalho está a seguir um bom porto, nós estamos extremamente motivados, mas passado quatro anos vem a parte política com as eleições e todo o trabalho que foi feito com a população vai para baixo e quando nós já estamos num determinado nível e ser deitado abaixo por uma componente política é extremamente desmotivante.

I: Como é que lida com essa desmotivação?

E7: Não tem sido fácil, às vezes sinto-me desmotivada e sinto que não vale a pena, às vezes acabo por sentir que não vale a pena mas eu tenho sempre um escape, que é se eu não estiver motivada não consigo trabalhar, isto por vezes é um defeito, mas acontece e a minha chefe principalmente sabe que se eu não tiver motivada não consigo trabalhar e eu tento sempre arranjar uma forma de arranjar motivação. As coisas têm ido mais ou menos, mas aqui o trabalho na autarquia não se conseguem ver resultados a curto prazo, isto são coisas que demoram e a população que eu trabalho também é um bocadinho complicada, porque população residente em bairros sociais onde a maior parte vivem comunidades ciganas e comunidades não ciganas há alguns conflitos.

I: E ao nível de educadores nas escolas, acha que é importante? Conhece aqui em Vila Real algum destes exemplos?

E7: Não conheço, em Vila Real da nossa área não conheço. Tenho apenas uma colega de curso que trabalha, mas é na questão do RVCC já com uma população adulta mas escolar não, não tenho conhecimento nenhum.

I: No ano passado uma colega que fez um estudo sobre a escola secundária de Vila Real de Santo António e propôs a criação de um gabinete e fez o estudo, fez um diagnóstico e propôs a criação de um gabinete, e tem havido gabinetes destes mas agora têm cortado. Acha que é importante este trabalho com as crianças desde pequenas?

E7: Sem dúvida, se não envolvermos a família no desenvolvimento duma criança então não vamos ter bons resultados e é de raiz que se começa, nós temos desenvolvido principalmente por causa da comunidade cigana, algum trabalho do gabinete de apoio à família da escola D. José e acho que fazia muita falta lá um educador comunitário, porque professores que estão habituados só a lecionar, a estar atentos ao aluno e não à

parte que está por trás e a toda a envolvente que está por trás, é muito difícil conseguir-se desenvolver um bom trabalho. Eles só estão focados só no aluno e no sucesso do aluno mas depois há toda uma componente por trás que também precisa de ser trabalhada.

I: Ao nível da profissão. Acha que tem ido de encontro às suas expetativas? Está satisfeita com a profissão apesar daqueles entraves a nível da abertura da autarquia?

E7: Isso acontece em todas as autarquias, não é só aqui nesta e há sempre o chefe que não concorda muito bem com as ideias que surgem numa primeira fase, mas depois acaba sempre por concordar. Neste momento estou satisfeita e motivada com o trabalho que realizo embora haja sempre estes entraves das questões políticas, mas isso acontece em todo o lado seja político ou não, porque por vezes as chefias têm outros objetivos e outras orientações que nós vemos de maneira diferente e acho que no fundo é tentar conciliar o nosso lado com o lado deles e chegar a um consenso e só assim é que conseguimos andar para a frente, porque se não, não vamos lá.

I: No início falou que queria ir para Psicologia. Agora está numa profissão que está mais ou menos relacionada, mas que é diferente. Quando terminou o curso tinha muitas expetativas de vir para esta profissão?

E7: Tinha mas tem sido satisfeitas e cheguei à conclusão que passado quatro anos, que realmente psicologia não teria sido uma boa opção, provavelmente estaria no desemprego agora (sorri). É verdade realmente é verdade, mas às vezes há casos…

I: Quais são as atividades/tarefas que desenvolve no seu trabalho, já me disse as suas funções, mas a nível de tarefas/atividades do dia-a-dia o que é que faz?

E7: Portanto a parte mais chata que faço é a parte de escritório que é relatórios, porque faço muitas visitas domiciliárias e todas as visitas domiciliárias e todos os serviços domiciliários que faço depois carecem de um relatório associado e a parte burocrática é a que me leva mais tempo. Costumo fazer portanto visitas domiciliárias à habitação social e não só, todo e qualquer pedido que entra na divisão da ação social que seja relativo a uma parte de habitação, pronto que necessita de uma intervenção ou teve um, não me sai a palavra, pronto um acidente, uma rutura. Normalmente as pessoas dirigem-se muito aqui à câmara e a câmara também tem esta possibilidade de mandar sempre lá

um técnico para que as pessoas se sintam mais acompanhadas, portanto grande parte do meu tempo eu passo a fazer visitas domiciliárias. Depois faço visitas também a acampamentos por causa da população cigana e tentamos dinamizar algumas atividades, mas aí já é toda a equipa, não passa só por mim, em conjunto tentamos elaborar propostas, a questões de alterações contrato arrendamento, ações de renda, tivemos recentemente também um protocolo com a DECO onde fazíamos o atendimento a famílias em sobre-endividamento ou em fase de, portanto esses arrendamentos eram sempre realizados por um técnico da ação social em colaboração com um técnico da DECO. Deixe-me ver se não falta assim mais nada do que costumo fazer, assim de repente acho que são estas as principais funções.

I: Se me pedisse para definir a missão, qual é a principal missão? Não digo a autarquia que a autarquia tem uma grande missão, mas especificamente no seu trabalho, na ação social?

E7: Mudar mentalidades.

I: Acha que essa é a missão? Ou essa é a sua missão?

E7: A minha missão é mudar mensalidades no sentido de trazer as pessoas para a realidade do dia-a-dia, porque temos pessoas que vivem aparte da realidade e que não têm conhecimento básico, mas quando digo básico é mesmo básico, questões do dia-a-dia, de higiene, do que é que é adequado comer ou não e acho que a minha missão passa um bocadinho por aí, por ajudar as pessoas a viverem a realidade nos dias que correm.

I: A nível da equipa de trabalho. Funciona como? Quantas pessoas tem a sua equipa…

E7: Nós estamos divididos em dois núcleos, o núcleo da ação social e o núcleo de habitação. No núcleo de habitação trabalham recentemente cinco pessoas e no núcleo da ação social trabalham três pessoas.

I: Qual é a formação?

E7: Somos todos técnicos superiores, três são de educação e intervenção comunitária, uma é de ciências sociais, uma de psicologia, uma de serviço social e a outra de políticas sociais, não sei bem o nome específico do curso.

I: A equipa dá-se toda mais ou menos bem?

E7: A nível de relacionamento é uma equipa excelente, porque a equipa tem vindo a aumentar, somos todas mulheres, também é muito importante, mas realmente não há conflitos e ainda a semana passada uma colega minha foi a uma formação de *coaching* e ela estava disse que era impressionante como no tamanho da nossa equipa não há conflitos, não há. O único *stress* que por vezes existe é com as chefias porque a nível de equipa somos muito unidas e isso também ajuda a desenvolver um bom trabalho e um bom ambiente no trabalho (sorri).

I: Qual é a sua perceção relativamente à sua figura profissional, nomeadamente a importância que tem na instituição e os efeitos que provoca nos colegas e com as pessoas com quem trabalha?

E7: A minha noção sobre mim? (sorri) Eu acho que tenho conseguido manter e conquistar a confiança e o agrado de grande parte da minha equipa e das minhas chefias. Acho que sou uma pessoa de alguma importância, porque já tenho muito conhecimento, dado o tempo que já estive aqui sobre diversos assuntos e porque sou uma pessoa que não costumo recusar nada do que me é proposto, mesmo reclamando, porque sou uma pessoa muito teimosa e costumo reclamar com o que não me agrada, e acabo por fazer mas tenho sempre de reclamar e isso às vezes não me fica bem e tenho consciência disso, mas acho que se não me agrada que devo dizê-lo. Neste momento eu penso que sou uma pessoa de importância, mas também, se não pensarmos assim se calhar não conseguimos estar motivados, temos de pensar que o nosso trabalho é importante e que se não estivéssemos cá se calhar faríamos alguma falta.

I: Qual é a sua perceção relativamente às pessoas com quem trabalha nomeadamente nos bairros, acha que têm consciência do seu trabalho ou não têm muita consciência disso?

E7: É assim, eu tenho…como é que eu vou explicar? O que para alguns é uma mais-valia, para outros não é e para mim pessoalmente eu acabo por pensar que não é e para a minha chefia ele diz que é, que é o facto de eu trabalhar com uma população que conheço, porque eu sou de Vila Real de Santo António, nascida e criada e a população portanto a população que eu conheço, conhece-me desde pequena e conhece toda a minha família e isso para mim às vezes é constrangedor e acabo por não gostar muito

desse trabalho e dessa parte e por achar que as pessoas, algumas delas inicialmente, não entendem a minha função. É mais a Ana, a filha de não sei quem, e às vezes isso é um bocadinho ingrato e só passado algum tempo é que as pessoas vão reconhecendo o nosso trabalho, mas assim no geral acho que as pessoas têm dificuldade em reconhecer o trabalho que pelo menos o núcleo de habitação desenvolve com alguma dificuldade mas também é assim, nós quando é uma questão de melhorar a vida da pessoa, facilmente eles reconhecem, mas quando é uma questão de lhes pedir que cumpram alguns deveres e que tenham algumas responsabilidades é mais fácil recusarem a nossa presença, não quer dizer que no fim, com algum trabalho já desenvolvido eles até entendem, mas de início há essa resistência, mas também faz parte, acho que assim no geral as pessoas até vão reconhecendo o nosso trabalho, até porque vêm cá e pedem para falar com a pessoa tal e tal, mesmo que o assunto não seja com essa pessoa. Acabam por ter um ponto de referência.

I: Enquanto educadora comunitária qual é a sua perceção relativamente à sua instituição, já falou que não tem muita abertura, por exemplo não teve muita abertura no sentido de mudar, fazer alguma atividade, criar um projeto. Não a deixam andar para a frente? Leva muito tempo? Como é que funciona?

E7: É assim, abertura existe e até existe de boa vontade, nós temos agora uma vereadora que é muito nova e ela tem essa abertura e tem esse espírito de aventura e vamos arriscar. O que acontece é que numa câmara as coisas demoram demasiado tempo até acontecer, até pode ser aceite, só que até ser desenvolvido leva uma eternidade e isso realmente é o senão, é o senão de trabalhar numa autarquia.

I: Dentro da atividade profissional… há quantos anos é que trabalha aqui na câmara?

E7: Já vai para cinco anos.

I: Dentro da sua atividade profissional o que tem contribuído mais para a sua satisfação pessoal e profissional?

E7: O contato com a população, sem dúvida.

I: Já falou que a sua missão era mudar as mentalidades. Tem algum exemplo, alguma história que a tenha satisfeito profissionalmente?

E7: Deixe-me pensar (sorri), é porque são tantos os episódios. Assim um em especial, agora não me estou a recordar de nenhuma, às vezes é mais fácil recordar as coisas menos boas do que as boas, mas isto é mau, isto é muito mau. Não tenho uma história em específico, mas houve uma altura e neste momento está cessado esse apoio, que era o apoio à recuperação de casas degradadas, onde a câmara fazia intervenções, não só pequenas como grandes intervenções e isso realmente era uma satisfação, porque a câmara conseguiu requalificar algumas casas de pessoas idosas que estavam em condições péssimas e que a pessoa sair de lá para se fazer as obras era um filme, e era uma complicação, e depois de…mas esse era um processo acompanhado, porque nós visitávamos a pessoa e explicávamos porque é que tinha de ser assim, durante quanto tempo é que ia estar fora e realmente ver a alegria das pessoas quando viam a casinha delas requalificada e em condições diziam "Afinal vocês tinham razão e isto foi para o meu próprio bem", mas aí foram várias, não foi uma situação, mas realmente essa foi das melhores.

I: A nível do trabalho dos bairros sociais, já tem alguma história?

E7: A semana passada aconteceu uma coisa ótima (sorri), vou já partilhar, nós estamos a trabalhar em todos os bairros e estamos divididas por equipas e estamos a tentar fazer uma gestão de lotes que é basicamente um condomínio para que os lotes permaneçam com algumas condições, porque há lotes que estão do piorio, maus cheiros, desarrumados, sujos e portanto estamos a fazer esse trabalho e quando nós chegamos lá dizem "Não venham para cá com essa conversa, porque isto ninguém limpa e ninguém vai limpar" e nós fazemos reuniões dentro do lote do próprio terreno com todos os moradores, coisa que nunca acontece, porque eles nunca se juntam e quando é para fazer a reunião se for preciso estão dentro de casa e não vêm para a reunião "Não vou, não quero falar com a vizinha da frente" e nós temos conseguido que estejam todos ou a grande maioria na reunião e a semana passada uma senhora viu-me e à minha colega na rua e disse assim "vocês conseguiram um milagre", e eu disse-lhe "Então Dª. Luísa o que se passou?", "Todos os moradores do lote estão a limpar e eu nem sei como é que vocês conseguiram isso" (sorri). E portanto isto é bom não é? É motivante para uma população que inicialmente nem queria ouvir falar em limpar o lote.

I: Já falámos um bocadinho da remuneração e acha que está de acordo com as suas funções, o número de horas, esse aspeto.

E7: Tendo em conta o cenário que se atravessa (sorri) não nos podemos queixar, aqui os técnicos da autarquia, do valor que recebem, mas no meu ponto de vista é mau pago, é mau pago porquê? Porque embora esteja a trabalhar numa autarquia, na maioria das vezes não trabalho as sete horas diárias, trabalho muitas mais e a autarquia tem dificuldade em pagar essas horas e portanto não as paga, mas depois há o outro lado, se a pessoa precisar de uma hora por qualquer coisa pessoal, aqui nesta câmara isso é facilitado, porque tem consciência do trabalho que a pessoa desenvolve, mas a nível de horas, o cansaço não só físico como também muitas vezes psicológico, o que exige nós pormos às vezes um bocadinho de lado a nossa vida pessoal, para fazer este tipo de reuniões como estava a falar e é tudo feito fora de horas, porque não interessa ir à tarde ou numa manhã porque as pessoas não estão, interessa se calhar ir depois do jantar ou um bocadinho antes do jantar e portanto neste ponto acho que é mau pago.

I: Na sua opinião, acha que o trabalho devia ser mais reconhecido e melhor pago. Por exemplo, se falarmos no turismo ou na construção civil nem sequer têm uma licenciatura e recebem e o trabalho social é um bocadinho posto de parte. Faz falta um abrir de olhos para a parte do Estado?

E7: Faz falta um abrir de olhos para a parte do Estado porque se não houver trabalho social nada anda para a frente e nosso país vai ficar parado, como está a ficar, porque o Estado não abre os olhos para isso e enquanto não houver um reconhecimento da importância que estes técnicos têm e do trabalho que podem desenvolver não se consegue. Eu acho é que o grande problema é que o Estado quer resultados a curto-prazo e quer milagres e o trabalho social não se consegue fazer assim, demora algum tempo mas havemos de chegar lá (sorri) eu penso positivo.

I: Na sua opinião, o que é que podia ser feito para melhorar esta profissão, tirando o abrir os olhos ao Estado, acha que há mais alguma coisa a fazer para melhorar, os licenciados?

E7: Acho que deviam ser promovidos mais encontros entre os educadores para também para partilharmos experiências e encontrarmos estratégias para chegar a esse tal abrir de olhos que eu pelo menos tenho conhecimento que acontece uma vez ou outra, muito pouco e devia de haver mais união entre nós para conseguirmos chegar onde nós queremos, porque se não formos nós a fazer por isso…

I: Já se tem falado muito na criação de uma Ordem, também concorda? Acha que uma Ordem podia ser parte de solução para o problema?

E7: Podia ser parte, não é a solução, mas é preciso começar por algum lado, poderia ser o início.

I: Se tivesse de recomendar esta profissão a alguém, o que é que dizia a essa pessoa? Quais eram os conselhos que dava? O que é que dizia?

E7: Dizia não é fácil (sorri), para começar logo pelo pior. Não é fácil mas quando se consegue aquilo que se quer, o objetivo, é muito, muito gratificante e só por se conseguir às vezes um objetivo que à partida era muito difícil de lá chegar, isso é logo recompensador para todo o trabalho que já foi desenvolvido e acho que um educador social não pode estar à espera de ter resultados, resultados, resultados, resultados, tudo positivo. Uma pessoa que pensar assim não vai ficar motivada com esta profissão, mas tem de pensar uns poucos se fazem muito e se formos conseguindo pouquinhos, chegamos a muito.

I: Quais são as principais caraterísticas que aponta? Já falou na parte do ser polivalente…quais são as outras a nível pessoal, social, o que é que acha?

E7: Acho que tem de ser criativo, dinamizador, ter a capacidade de dar a volta, mesmo àquilo que menos o agrada e ter sempre uma estratégia, um escape de motivação, mesmo quando as coisas às vezes parecem que não vão correr bem, acho que se houver esse escape a pessoa no dia a seguir consegue andar para a frente e isso, acho que são caraterísticas fulcrais, portante ser polivalente, portanto tem de mostrar à entidade onde está que embora não goste muito de fazer aquilo é capaz de o fazer e até arranjar alguma motivação naquilo que faz e ser dinamizador e criativo, mostrando sempre também o seu ponto de vista.

I: Tenho aqui umas caraterísticas que são dumas respostas dum questionário que fiz e queria que me dissesse se são ou não importantes e porquê. Uma delas é o criativo e já disse que era importante. Porque é que acha que é preciso ser criativo?

E7: Porque é preciso inovar e, porque nada é novo, praticamente tudo já está descoberto, mas as maneiras de se fazer podem ser muito diferentes e por vezes as

coisas não parecem ser o mais corretas, mas se nós mudarmos a forma de fazer se calhar a nossa chefia entende que realmente, assim consegue chegar ao resultado que espera e acho que nós temos de ter essa capacidade de conseguir mudar e de inovar, também para garantirmos o nosso lugar.

I: Também já falou do dinamizador. Acha que é importante?

E7: Acho que dá à nossa chefia também dá confiança e dá, como é que vou dizer? Eu costumo dizer que um chefe que diz "faz assim, faz assado" e a pessoa acata e faz, acho que isso não dá prazer a um chefe, acho que um chefe também gosta de ver que aquela pessoa apesar de fazer dá a sua opinião sobre aquilo que vai desenvolver, porque o chefe também pensa então este técnico é capaz de na semana seguinte apresentar uma estratégia nova e acho que isso faz toda a diferença porque senão qualquer pessoa fazia este trabalho (sorri).

I: Ser manipulador, concorda?

E7: Não concordo, que deve ser manipulador não concordo. Eu enquanto pessoa e educadora social acho que essa caraterística não se enquadra nada, porque a pessoa deve ser sincera e franca naquilo que tem para fazer, a questão da manipulação para chegar a um determinado objetivo, acho que não, nem entre técnicos, nem com a própria população.

I: E planeador?

E7: Planeador sim, faz todo o sentido a pessoa ter a sua atividade planeada para saber exatamente onde quer chegar e, porque no meio desse planeamento vão haver fracassos e porque ajuda a que a pessoa não perca o fio condutor.

I: E autoritário?

E7: Por vezes faz falta, por vezes faz falta. Eu por exemplo nunca tinha sentido a falta de ser autoritária, até ao momento em que comecei por ser coordenadora de alguém e acho que nessa fase, quando se trabalha em equipa ou quando se está a coordenar uma equipa, faz falta alguma autoridade.

I: Por exemplo, na tal reunião da semana passada, se tivesse sido autoritária.

E7: Não, não, por isso digo que depende dos contextos. Num contexto de estarmos a trabalhar com uma população e onde querermos chegar a um acordo, é esse o nosso objetivo, aí não faz sentido nenhum sermos autoritários porque só vamos conseguir que as pessoas voltem as costas, mas acho que a questão da autoridade se calhar faz algum sentido quando é numa coordenação de equipa, numa coordenação de trabalho, que por vezes é preciso impor regras e se a autoridade não for necessária melhor, mas em alguns aspetos poderá fazer falta um pouco, mas não é das caraterísticas principais (sorri).

I: Há pouco falou nos escapes da motivação, quais são? Não sei se quer dizer os seus principais escapes ou o que é que faz quando está menos motivada para o seu trabalho?

E7: A primeira coisa que faço é vou abstrair disto. Tenho determinado problema e estou só a pensar nele e quando nós já estamos extremamente desmotivados, não conseguimos ver solução nenhuma, portanto o melhor é parar um bocadinho, tentar pensar noutras coisas e fazer outras coisas e no dia a seguir voltar a olhar para aquilo com mais calma, mais frieza e aí eu consigo arranjar outras soluções e outros caminhos e acho que é a melhor estratégia.

I: Pertence a alguma a alguma associação cívica, cultural, recreativa, religiosa, etc.?

E7: Não.

I: A nível do voluntariado, já fez alguma vez voluntariado?

E7: Já, já.

I: Neste momento faz?

E7: Neste momento estou inscrita, não faço porque fui mãe há pouco tempo (sorri), é por esse motivo que não...

I: Mas onde é que faz o voluntariado?

E7: Olhe, já fiz voluntariado na santa casa da misericórdia no centro de acolhimento, em Faro na APPC, na altura em que estava a estudar, e aqui algum voluntariado com a população idosa. Às vezes, nós aqui temos um banco de voluntariado onde estamos inscritos e eu também estou inscrita, mas às vezes acabo por fazer voluntariado sem ser

com essa burocracia toda, portanto se há alguém que numa reunião que eu faço apercebo-me que faz falta isto ou aquilo ou que é precisa de ir à farmácia, mas não é capaz de fazer aquilo, eu às vezes chego, isto porque moro em Vila Real, a ter pessoas que me tocam à campainha para eu ajudar a preencher um determinado requerimento.

I: Acha que isso é importante para o desenvolvimento das suas competências? O voluntariado que tem feito?

E7: Acho que sim, até porque ajuda a sentirmo-nos melhor connosco e ajuda-nos a também conhecermos outras realidades e todo o tipo de voluntariado que se faça, porque há diversas formas de o fazer, acho que todos são uma mais-valia e se nós pensarmos que todas as experiências que temos é para o nosso próprio bem, porque nos ajudam a crescer um bocadinho, todas elas são boas.

I: Vamos, então, para o último ponto bloco. Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise o que é que acha que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o papel dos educadores sociais?

E7: Acho que a sociedade vai, o pensamento da sociedade vai regredir aí há uns anos atrás, ao que se vivia há uns anos atrás, até à altura dos nosso avós, porque hoje em dia a sociedade vive de uma maneira de consumir, consumir, consumir e portanto acho que vai acontecer que as pessoas vão repensar a maneira de viver e aprender a viver com menos e de forma não tão consumista, mais duma forma de trocar, de partilhar e acho que aí é a nossa mais-valia e se calhar este cenário de crise até é bom para nós, porque ajuda as chefias a perceber que se calhar fazemos falta e que esse repensar de mentalidades, nós estamos cá para ajudar a desenvolver.

I: Acha que aí o trabalho vai ser reconhecido?

E7: Acho que sim, acho que vai ser reconhecido, embora ache que não vão haver muitas mais oportunidades de trabalho, de emprego, propriamente dito, se calhar muitas mais oportunidades de trabalho não vão surgir, mas não vão surgir se calhar nos próximos três ou quatro anos, mas até lá há que marcar uma posição e mostrar o que é o nosso trabalho para que depois essas oportunidades possam surgir.

I: Como é que se vê profissionalmente daqui a 5 anos, 10 anos, acha que vai estar aqui? Vai estar noutro lado qualquer, pode estar pior.

E7: Olhe, acho que não vou estar aqui, dado todo o cenário que se atravessa, porque estou numa fase de contrato que pode ser renovado mais duas vezes e depois não sei como é que vai estar a questão das autarquias para incluir mais pessoal, mas isso também não me entristece. Eu não sei muito bem onde é que me vou ver daqui a uns anos (sorri), não sei, mas não fico desmotivada com isso, porque acho que vou arranjar oportunidades, seja aqui ou não.

I: Acha que o estrangeiro é uma boa hipótese? Gostava de ir para o estrangeiro?

E7: Gostava, gostava de ir para o estrangeiro, ainda esta manhã estava falando nisso com uma colega minha, que cada vez penso mais no assunto. Tenho um pequeno problema, é que eu em línguas sou muita má (sorri), é verdade, é verdade, mas penso, penso em ir para o estrangeiro, provavelmente porque acho que há mais oportunidades, são outras experiências e a nível salarial acho que também é melhor.

I: Você ia para aonde? Qual é a sua ideia? Tem algum…

E7: Olhe, não tenho ideia, mas como tenho pessoas conhecidas lá fora, provavelmente começaria por aí, França ou Bélgica, são assim os dois países chave, só que isto quando se é mãe as coisas mudam um bocadinho e portanto é aí também o meu único entrave, mas é uma hipótese ainda a considerar, se bem que não tenho ideias de qual trabalho a desenvolver, nem onde.

I: Se pudesse escolher como é que gostaria de ser profissional, daqui a uns anos? Onde é que gostaria de trabalhar?

E7: Aí eu gostaria de estar assim em África ou na Guiné, a trabalhar mesmo no terreno, levar a minha miúda se fosse preciso e acho que é isso que me motiva, o trabalhar mesmo junto da população. Se pudesse era isso que fazia.

I: Tem algum projeto ou ideia que gostasse? Que tivesse pensado e gostasse de implementar, mas não tenha tido oportunidade?

E7: Há um projeto que está a começando aqui a ser mais ou menos planeado pela câmara e é uma coisa que me agrada muito e no qual dou alguma colaboração que é a questão do voluntariado de proximidade, portanto mais também para a população idosa que está mais isolada e isso é uma coisa que me motivava muito e quero que vá para a

frente e que estamos a tentar planear. Coordenar uma equipa de voluntariado de proximidade acho que é muito gratificante.

I: Isso é a nível dos idosos?

E7: A nível dos idosos, de um acompanhamento diário.

I: Da minha parte está tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa.

E7: Não, de momento não, obrigado por este momento (sorri).

Fim da entrevista!

Entrevista nº 8

Data de realização: 17 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Centro Paroquial de São Pedro, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Não se sei já tens um bocadinho noção do que é que trata o meu estudo, é sobre a realidade da profissão de educadora no Algarve Tenho aqui um guião estruturado em vários blocos o primeiro é acerca a escolha do curso. Porque é que escolheste o curso de intervenção comunitária? Quais foram as principais razões? Influências, razões pessoais, razões sociais? Porque é que optaste por este curso?

Entrevistado nº8: Acho que foi mesmo uma questão de vocação porque eu estava num curso de ensino de informática e quando o curso abriu pedi transferência portanto foi mesmo por razões... Achar que me identificava mais com este tipo de trabalho propriamente que com os computadores onde estava.

I: Mas já estavas dentro da universidade?

E8: Estava.

I: Estavas em que ano?

E8: Estava no 3º ano.

I: E pediste transferência?

E8: Pedi (sorri).

I: Quais eram as tuas expetativas iniciais quando iniciaste este curso? Tinhas expetativas elevadas?

E8: Apesar de achar que as minhas expetativas eram mais baixas do que dos meus colegas porque por natureza acho que sou uma pessoa muito terra-a-terra, pronto não tinha assim grandes, nunca crio grandes expetativas, as expetativas eram pronto sempre mais elevadas do que depois a realidade em si não é? Porque nós vamos por vocação no

meu caso, e depois na realidade quando nos deparamos com as dificuldades acabamos por ver que as coisas são mais complicadas, mas penso que normalmente as expetativas são sempre altas e pensamos sempre que vamos conseguir mudar (sorri) o mundo e que queremos sempre, pronto trabalhar para conseguir fazer algo de bom e melhorar a sociedade e o mundo em que vivemos.

I: Quais são as principais expetativas que não se tornaram realidade ou que foram mais complicadas foi esta a questão de... daquela ideia de mudar e não conseguir ser assim...

E8: Eu acho que penso que o trabalho social é muito ingrato nesse aspeto porque não se vê logo os resultados, não é? Nós andamos a trabalhar mas pronto os resultados não são muitos visíveis ou não são de imediato visíveis, acho que li algures por aí que para mudar uma família são preciso cinco gerações e mesmo assim, pronto às vezes é difícil conseguir-se observar mudanças na estrutura das famílias por exemplo, mas penso que a principal dificuldade é essa, é não se conseguir perceber que se fez algo de bom e perceber que houve uma mudança de muitas vezes esse trabalho, exatamente por isso não ser reconhecido, não ser valorizado.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso? O que é que gostaste mais no curso?

E8: Quando eu estudei o curso ainda estava um bocado no inicio, estava ainda uma bocado naquela fase de experiência "vamos por aqui, vamos por ali" penso que os próprios professores, o próprio diretor de curso tinham algumas dificuldades em definir as linhas principais do curso, depois quando o curso passou a educação social penso que os objetivos ficaram mais bem definidos logo no inicio como educação e intervenção comunitária que eu ainda fiz nessa altura, foi um bocadinho, sentimos que havia da parte dos professores alguma dificuldade em definir objetivos mas eu penso que da minha parte eu sempre trabalhei na área depois de ter acabado o curso e então as minhas expetativas nesse aspeto realizaram-se, não é? Que era trabalhar e trabalhar exatamente onde queria e poder até escolher entre várias oportunidades profissionais que me foram surgindo.

I: E então encontras te satisfeita com o curso achas que...

E8: A nível profissional e a nível de realização encontro-me satisfeita e tenho pena do trabalho não ser mais valorizado e pronto eu também não ser melhor pago porque nós somos profissionais e também precisamos de... e gostamos que o nosso trabalho seja reconhecido tal como os outros profissionais.

I: Apontando esses motivos de insatisfação de disseste que é a falta de reconhecimento e o facto de não ser muito bem pago, apontas mais algum que achas que devia ser… também falaste um bocadinho das linhas orientadores por causa que era o inicio do curso…

E8: Também não sei exatamente, confesso que também não sei exatamente como é que está o currículo atual do curso, não é? Na altura sentíamos algumas falhas, sentíamos que tínhamos algumas necessidades mas que, pronto já me apercebi que havia algumas coisas que estão muito diferentes, não é? E que… o que nos fez sempre confusão e penso que ainda continua a fazer é a amplitude, não é? Nós é um curso que onde podemos intervir em muitas áreas e nós próprios pois temos de procurar especificamente se calhar aprofundar os conhecimentos numa determinada área que esteja de acordo com, pronto com os nossos gostos pessoais com as nossas próprias expetativas mas o facto ter uma área ter, ser tão abrangente desde a saúde, ao ambiente, à educação pronto que há pronto a intervenção do educador pode, é muito vasta e depois acabamos por não ter conhecimentos muito específicos duma área porque lá também é bom, não é? Porque temos sempre um leque muito aberto de oportunidades, não é?

I: Desses principais pontos que apontaste do curso não ser reconhecido e se calhar não dar para progredir na carreira, não sei se com isso…

E8: Sim.

I: O que é que achas que podia ser feito para principalmente ser reconhecido? O trabalho tinha de ser de quem? Da universidade, das entidades, nosso? Da formação de uma Ordem? A solução achas que passava por onde?

E8: A formação de uma Ordem podia ser uma boa hipótese, penso que houve várias tentativas pelo menos já me chegaram várias conversas nesse sentido. As próprias universidades, pois também têm que fazer um trabalho nesse sentido, a Ordem podia ser também, não sei exatamente como é que funcionam as Ordens de profissionais não é?

Confesso que também não estou muito por dentro, mas há de ser um grupo de pessoas que defendesse um pouco aquela profissão que lutasse um pouco pelo reconhecimento e pela estrutura e que definisse também… penso que isso agora com o tratado de Bolonha também já está, os educadores sociais têm os currículos mais ou menos parecidos por isso, talvez a Ordem (sorri).

I: Durante o tempo que tiveste na licenciatura participaste em atividades extracurriculares? Seminários, *workshops,* formações?

E8: O meu curso foi bietápico quando fiz a licenciatura estava a trabalhar e estava em Aljezur que pronto, é relativamente longe de Faro e que a nível de transportes era complicado e pronto vinha à universidade às aulas que eram obrigatórias e voltava para casa ano é? Não tinha grandes hipóteses de me esticar muito a esse nível.

I: Então não participaste em nenhuma das atividades?

E8: Não, não me lembro assim de nada que tenha participado na altura.

I: Então queres dizer que já estavas a trabalhar quando foste para o curso?

E8: Já estava a trabalhar quando fiz a licenciatura.

I: Nesta área?

E8: Nesta área.

I: Atualmente sentes necessidade de mais formação? A nível da educação social, de outras cadeiras, de outras áreas, licenciaturas, mestrados? Por exemplo no trabalho sentes necessidade de mais formação?

E8: Eu penso que todos nós, pelo menos eu sinto todos os dias necessidade de mais, não é? Porque todos os dias acabo por encarar uma situação que nem sempre consigo resolver da melhor maneira não é? Porque quem trabalha com pessoas pois somos todos diferentes e sinto… eu neste momento trabalho com adolescentes e sinto muito a necessidade a nível da psicologia, da adolescência que depois apesar de termos psicologia no curso também é muito abrangente não é? E isto é mais específico.

I: Na tua opinião o que podia ser feito para melhorar por exemplo o

funcionamento do curso? Há alguma coisa que queiras apontar relativamente ao funcionamento do curso?

E8: Eu acho que é muito importante e penso que também, não sei, neste momento como é que está a ser feito, que os professores, pelo menos alguns professores tenham experiência do terreno, não é? Que não falem só de teoria porque muitas vezes nós vivemos um bocado uma utopia de algumas realidades e depois quando chegamos a um meio profissional deparamo-nos com uma realidade completamente diferente e eu penso que é importante o curso ter docentes que tenham realmente experiência de terreno e uma experiência de terreno atual não é? Porque a realidade há cinco anos ou dez anos é completamente diferente de aquilo que é agora.

I: Mas no teu tempo tinhas esse problema, as profissões eram muito teóricas e não tinham essa experiência?

E8: Tínhamos esse problema até porque não havia o curso no Algarve portanto não havia profissionais… tínhamos um professor que trabalhou em Lisboa que era do Algarve, tinha estudado em Lisboa, que tinha tido alguma experiência profissional em Lisboa e era o único professor que nem sequer era professor mesmo da universidade, era um professor contratado e era a única pessoa com experiência, de resto na área não havia mais ninguém, era tudo muito teórico.

I: A nível da atividade dos docentes, achas que tinham qualidade a nível dos docentes, a nível das cadeiras ou achas que havia problemas desses?

E8: O problema pois é este ponto que não tem haver com a qualidade porque as pessoas podem ter grandes formações serem doutores pronto. Mas é muito teórico, nós precisamos da teoria, é verdade, mas precisamos de saber conjugar e relacionar essa teoria com a prática.

I: E a nível das atividades que o curso organiza? Tens conhecimento de alguma coisa? Havia alguma coisa no teu tempo e achas que há alguma coisa agora que tens conhecimento ou não tens conhecimento de nada?

E8: No meu tempo começámos por organizarmos os seminários, umas formações com algumas pessoas, exatamente porque sentíamos esta necessidade porque o curso era muito teórico, algumas pessoas que tinham experiência no terreno e convidámos ainda

algumas pessoas que tiveram na universidade e que tiveram nas aulas que apresentavam uma perspetiva mais prática do educador social. Atualmente sei que há pouco tempo houve um seminário na Escola Superior de Educação também de educação social mas não tenho assim grandes conhecimentos de muitas coisas, não sei se é por não haver se é realmente por não chegar.

I: Relativamente ao plano de estudos não tens alguma coisa a dizer, já sentiste falta de alguma cadeira especificamente quando tiveste a estudar, que achas que devia existir? Independentemente do que há agora, na tua altura sentiste falta de alguma coisa?

E8: Olha eu sei que na altura sentíamos falta disto ou sentíamos falta daquilo pronto e comentávamos entre nós, agora já não consigo precisar exatamente o que é que era, não é? Se calhar o que sentíamos falta na altura já não aquilo que eu sinto falta agora e então… mas na altura lembro-me que sentíamos realmente falta duma…

I: Mas por exemplo a nível de legislação, mais a nível de uma cadeira de grupos que tivesse a ver com a sociedade, mesmo os grupos de risco que existem ou, sei lá, mais a nível de psicologia… psicologia deviam ter, não é? já falaste sobre isto.

E8: Tínhamos, tínhamos. Tivemos psicologia nos três anos.

I: Também tiveram algo relacionado com a legislação?

E8: Tivemos, apesar do professor ter desaparecido a meio do curso (sorri) mas tivemos, pronto que não foi… o professor era advogado e teve uns problemas com a justiça então desapareceu mesmo (sorri) tivemos ali, mas pronto havia portanto e foi falha do professor.

I: Sim.

E8: Mas havia.

I: A nível da qualidade da formação, também não tens nada a dizer? Gostaste da tua formação achas que foi…

E8: Eu quando tive a estudar… desde os dezasseis anos que trabalho portanto tinha sempre uma vertente muito prática não é? Talvez pela minha própria personalidade e no

2º ano do curso comecei a trabalhar como monitora de colónias de férias num projeto da Luta contra a pobreza da fundação António Sílvia Leal, que na altura era responsável pelo centro comunitário da Horta da Areia, e desde o 2ºano que procurei ter essa vertente prática exatamente porque sentia falta dela no curso não é? Porque só tínhamos as práticas no último ano, e que nem sequer eram práticas, era monografia pronto um trabalho, um trabalho prático que fizemos no último ano, no 3ºano, penso que ainda existe atualmente, mas exatamente por sentir falta dessa falta prática porque há cursos em que as práticas, porque há cursos que há práticas desde o estágio de observação até ao estágio mais ativo, desde o 1º ano. Como sentia falta dessa parte prática comecei logo a trabalhar e tive essa oportunidade de fazer nas férias da Páscoa, nas férias do Carnaval, nas férias do Natal, nas férias grandes, fazer essas, poder organizar e desenvolver esse trabalho com os miúdos do bairro. Portanto procurei de alguma maneira, eu e umas colegas minhas, procurámos uma maneira de pronto combater um bocado essa falha que sentíamos no curso com a nossa própria, pronto foi a solução que na altura surgiu e que nós encontrámos e que nos deu uma perspetiva muito interessante, pelo menos nessa área da exclusão social, pronto ambos trabalhámos com os meninos, com as crianças do bairro e deu-nos essa perspetiva que depois a nível profissional foi muito importante.

I: Já falaste um bocadinho do teu percurso profissional. Já disseste que começaste a trabalhar aos dezasseis anos, podes dizer mais ou menos o contexto histórico como é que aconteceu, onde é que trabalhaste? O que é que fizeste? Durante quanto tempo é que foi e porque que saíste?

E8: Aos dezasseis anos foi mesmo, pronto por necessidade, porque os meus pais tinham fracos recursos económicos e eu tive que começar a trabalhar… nessa altura eram trabalhos de verão que fazíamos pronto, eu e a minha irmã, trabalhamos sempre desde, assim que foi possível começamos logo a trabalhar nem que fosse, pronto para a nossa própria, para as nossas próprias despesas. A nível profissional mesmo, pronto aos dezasseis anos claro trabalhos de verão ou no café ou no supermercado pronto eram coisas temporárias mas que nos dá um contato com o ambiente profissional, com o trabalho profissional, com o ambiente e que nos dá depois também alguma estaleca, alguma bagagem para depois conseguirmos encarar outras situações e quando acabei o curso em 98 pronto já tinha contacto com a fundação António Sílvia Leal, com esse projeto de Luta Contra a Pobreza e comecei a trabalhar lá no centro comunitário,

trabalhei lá cerca de um ano e meio. Depois fui trabalhar para um projeto de voluntariado da diocese do Algarve em Aljezur e tive quatro anos e depois quando sai de Aljezur, tive no MAPS foi assim de passagem na altura, tive lá uns seis meses enquanto não surgia outra situação mais estável, a situação no MAPS era uma situação muito instável na área da toxicodependência apesar, era… era um projeto na altura financiado de prevenção de toxicodependência nas escolas, pronto e o projeto tinha, tinha um limite e eu já sabia que quando o projeto acabasse que o trabalho ia acabar e antes disso, antes do projeto terminar pois tive a oportunidade e mudei para Estoi, para o centro paroquial e social de São Martinho onde trabalhava com a comunidade em geral, principalmente com as famílias mais desfavorecidas, que era o acompanhamento das famílias mais desfavorecidas daquela comunidade. Depois, tive quatro anos, cerca de quatro anos em Estoi e atualmente estou na Junta diocesana de Faro no centro de acolhimento temporário proteção à rapariga, que é um centro… é quando os jovens dos doze aos dezoito anos em situação de risco mas já estou lá há cinco anos, está a correr bem.

I: A nível de salário tens notado diferenças para melhor, para pior, mais ou menos tem-se mantido consoante a tua experiencia profissional e os anos de trabalho que tens qual é… e destes trabalhos todos que fizeste, qual é a tua perceção?

E8: Quando acabei o curso, foi no tempo das vacas gordas não é? Como se costuma dizer e era no tempo dos projetos porque havia muitos projetos financiados, na altura pela União Europeia e os salários nessa altura eram muito bons, eu já não sei precisar quanto é que ganhava lá na fundação António Sílvia Leal, na altura ainda era em escudos, mas sei que tive na fundação um ano e meio depois tive quarto anos em Aljezur que era um projeto de voluntariado onde tínhamos uma bolsa, nem sequer tínhamos um ordenado, tinha uma bolsa para as despesas pessoais e depois quando fui trabalhar, quando sai de Aljezur que vim para Estoi, quatro anos depois, fui ganhar menos do que estava a ganhar quatro anos antes na Horta da Areia pronto. Na altura dos projetos, os projetos que eram financiados pela União Europeia, eram projetos muito bem pagos, depois pronto nas IPSS's segundo na convenção geral das IPSS's e da tabela salarial dos funcionários das IPSS's, pronto era uma tabela muito baixinha, é a tabela mais baixa do mercado e os profissionais e os técnicos superiores são muito mal pagos, apesar de receber segundo a tabela recebemos pouco, não é? Comparativamente com os funcionários públicos e com os outros…

I: Para não falar do turismo e da construção civil…

E8: Pois para não falar dessas áreas.

I: Que nem sequer licenciatura têm, muitos deles.

E8: Mas isto comparando com colegas que trabalham por exemplo na função pública, os mesmo anos de serviço, a desempenhar as mesmas, as mesmas funções, pronto. Nós ganhamos, se calhar metade do que eles ganham, há situações em que ganhamos metade do que eles ganham.

I: Atualmente quais são as tuas funções no centro de acolhimento, o que é que fazes?

E8: Como educadora social faço parte de uma equipa, nós trabalhamos em equipa multidisciplinar, com uma psicóloga, uma técnica ação social faço a gestão dos processos que chegam à instituição, toda a organização dos processos, toda a estrutura dos processos, a história de vida dos jovens, tudo o que tem a ver depois com a organização da vida daquelas jovens. Depois sou responsável também pelas atividades, pela organização, programação e depois a execução e a avaliação de todas as atividades e depois aquelas tarefas também de vida diária pronto do quotidiano, da vida dos jovens.

I: Qual é a missão que tens no teu contexto de trabalho?

E8: Eu penso que a missão de qualquer educador é mudar sempre alguma coisa não é? É difícil mudar mentalidades mas provocar esta mudança é preciso algumas vezes esta criatividade e muitas vezes penso que o nosso trabalho falta exatamente por falta de criatividade e também muitas vezes pela incapacidade que temos de nos saber colocar no lugar dos outros não é? E dependendo da realidade, dependendo do contexto. Eu penso que o importante é conhecermos o contexto com quem trabalhamos e respeitar também o seu ritmo, respeitar as suas vidas, respeitar os seus contextos.

I: E qual é a tua missão no centro de acolhimento, neste caso?

E8: O centro de acolhimento portanto acolhe as jovens, afastando-as dos riscos.

I: Quais são as idades?

E8: Entre doze e os dezoito, às vezes vai até aos vinte e um segundo a lei de proteção de menores, mas a faixa etária é entre os doze e os dezoito, mas afastá-las do perigo, do risco que elas correm e dar-lhes, tentar estruturar com elas um projeto de vida com a participação das jovens, que penso que isto é muito importante, se elas não quiserem não conseguimos concretizar o projeto, o projeto é delas e nós estamos ali apenas para as ajudar, para as apoiar e pronto e depois tentar que a vida delas tenha um rumo diferente não é? Para melhor.

I: A nível da equipa de trabalho dão-se bem? Não há problemas? Conseguem trabalhar bem em equipa?

E8: Eu digo sempre que tenho a sorte de ter uma boa equipa de trabalho e conseguirmos em conjunto, claro que há dificuldades e há desentendimentos, mas esses desentendimentos muitas vezes são bons porque podemos crescer juntos não é? E o facto de termos opiniões diferentes tem- nos enriquecido bastante. Neste momento uma das coisas que eu mais valorizo é exatamente esta equipa porque já trabalhei em instituições anteriores onde era muito complicado trabalhar exatamente porque as relações entre os colegas eram muito difíceis e termos uma boa equipa de trabalho, passamos tanto tempo no trabalho que penso que é fundamental para conseguirmos ser bons profissionais não é?

I: Dentro da atividade profissional pode ser agora ou anteriormente, o que é que tem contribuído mais para a tua satisfação pessoal e profissional? Tens alguma história, algum acontecimento, alguma mudança que tenhas feito em alguém e que tenha contribuído para a tua satisfação?

E8: A primeira experiência profissional acho que nos marca sempre e aquele projeto em que trabalhei da fundação António Silva Leal da Horta da Areia, ainda hoje deixa, vai deixando as suas marcas e vai tendo, porque pronto infelizmente é um bairro muito complicado e penso que o trabalho que se fez lá na altura foi um trabalho muito importante, claro que não conseguimos fazer milagres, ainda hoje encontro esses jovens com quem trabalhava na altura, que na altura deviam ter seis, sete, oito anos e agora têm dezasseis, dezassete e vintes, nem todos em boas situações não é? Alguns foram presos e têm situações de delinquência graves mas ainda hoje os encontro e o facto deles pronto falamos e recordarmos aquela experiência, principalmente nas colónias de férias

e nas saídas com os miúdos, isso deixa-nos sempre uma satisfação…quer dizer que o nosso trabalho naquele momento pode não ter sido muito visível as mudanças mas deixou algumas marcas e nós nunca vamos conseguir avaliar até que ponto mudou ou não aquela pessoa não é? Não sabemos o que é que ela teria sido se não tivesse passado por aquela experiência mas o facto de dez, quinze anos depois eles nos encontrarem na rua e nos falarem e nos cumprimentarem é um sinal que realmente houve ali uma marca não é? E pronto eu trabalhei lá um ano e meio, imagino os colegas que trabalharam lá mais anos.

I: Na tua opinião a formação que recebeste está de acordo com o mercado de trabalho?

E8: Eu vou bater outra vez na mesma tecla (sorri) eu acho que recebemos todos uma formação muito teórica não é? E depois na realidade e no mercado de trabalho nós precisamos de situações mais práticas. Neste momento pronto há muita coisa que eu tive que aprender por conta própria, ou que aprendi com os colegas ou que aprendi em formações já depois… na altura quando nós acabámos o curso, como já referi havia muitos projetos financiados pela União Europeia, se calhar se naquela altura constasse do currículo do curso uma cadeira que nos ensinasse a elaborar um projeto faria todo o sentido. Neste momento se calhar já não faz porque os projetos já acabaram e há muita que coisa que…apesar de ainda haver mas neste momento pronto há muito menos não é? Se calhar já não se justifica uma formação nessa área mas há coisas muito especificas que dependem…claro que, eu penso que nós devemos ser sempre autodidatas e procurar sempre a nossa formação, de acordo com o ambiente e com o sítio onde trabalhamos.

I: No teu tempo os estágios curriculares ou práticas são bem estruturados e adequados para o mercado de trabalho? Qual foi a tua experiência?

E8: A minha experiência foi muito complicada (sorri).

I: Não sei porque mas muita gente diz o mesmo…

E8: Não, mas foi porque nós fizemos um projeto na altura também um bocado espicaçadas pronto pelos professores, fizemos um projeto para a Guiné Bissau, com mais uns colegas, fizemos, levámos o Verão todo a fazer contactos, conseguimos uma bolsa, pronto a parte económica, conseguimos uma bolsa, conseguimos um contacto de

uma instituição na Guiné, conseguimos um orientador de estágio na Guiné, conseguimos um alojamento na Guiné, conseguimos quem nos assegurasse as refeições na Guiné, conseguimos uma série de infraestruturas que quando apresentámos o trabalho que tínhamos feito durante o Verão os professores não acreditavam pronto que aquilo tinha sido possível concretizar e então pedimos a realização das práticas na Guiné Bissau. O que implicaria a deslocação do grupo para lá, pronto durante um determinado tempo para a realização portanto das práticas, depois de estar esta estrutura toda montada o conselho pedagógico chumbou as práticas, pronto e chegámos ao Natal e ainda não tínhamos iniciado as práticas e isto depois foi muito complicado porque depois a partir do Natal aliás nas férias do Natal tivemos que procurar uma alternativa e tivemos que trabalhar aquilo que os colegas tinham trabalhado até ao Natal e tivemos que, pronto recuperar. Na altura fui com outra colega minha para o bairro, para um bairro de Olhão, que é conhecido pela Pantera Cor-de-Rosa e desenvolvemos lá um trabalho, claro que não foi aquilo que nós queríamos, não é? E aquele projeto da Guiné ficou sempre, foi uma coisa em que apostamos e que depositámos todas as nossas expetativas, tivemos o apoio dos professores mas depois quando foi realmente para concretizar os próprios professores, pronto não aprovaram e isto ficou, ficou assim mas pronto. Gostei das práticas que fiz, tivemos uma experiência, claro que ficou sempre aquela, aquela mágoa de não termos conseguido concretizar o que realmente queríamos, não é? Já tínhamos passaporte, já tínhamos, não tínhamos ainda levado as vacinas vá lá (sorri) mas já tínhamos tudo, já tínhamos a lista das coisas todas pronto, já tínhamos uma série de coisas, investi e… depois as minhas colegas houve um grupo que depois nas férias quando terminaram o curso acabaram por ir e pronto, uma delas ainda inclusivamente ainda lá está, por isso…

I: É porque gostou…

E8: É porque também … e ficamos a pensar que todo aquele trabalho se calhar nem foi em vão, vá lá, porque acabámos por aproveitar, alguém aproveitou de outra maneira não é?

I: Exato…. Já falaste um bocadinho que estavas a trabalhar na área quando foste para o curso?

E8: Não. Quando fui para o curso não estava a trabalhar na área, comecei foi a trabalhar

na área…

I: No 2º ano…

E8: Logo no 2º ano do curso.

I: E depois nunca estiveste nenhum tempo parada, foi sempre…

E8: Não, eu felizmente nunca tive assim nenhum tempo parada foi sempre, trabalhei sempre na área.

I: Na tua opinião a presença dos educadores é importante nas instituições e na sociedade, porquê?

E8: Penso que a nossa presença é sempre importante porque esta perspetiva de mudança e de ajudar as comunidades e a população a encontrar um caminho para a mudança é sempre, é importante e cada vez mais com as mudanças sociais que nós vamos observando à nossa volta, não é? Mas pronto é a tal coisa, é um trabalho que não é visível, que é difícil de avaliar e que nem sempre se consegue… não é que eu precise de reconhecimento para fazer o meu trabalho, não é? Mas é um trabalho que não é valorizado e que muitas vezes é deixado para segundo plano, não é? E isso faz com que, é mais visível construir uma estrada, construir uma casa, não é? Ou construir alguma coisa porque vê-se que foi feito do que propriamente ter um técnico a trabalhar nesta área e a trabalhar com uma comunidade, infelizmente.

I: Qual é para ti a importância do educador nas IPSS? Tendo em conta que também estás numa.

E8: Pois as IPSS (sorri)…

I: Quer a nível político, quer a nível social, qual é um bocadinho a tua ideia?

E8: Pronto, eu estou numa IPSS porque faz parte do quadro e a IPSS é abrigada a ter lá um educador social de acordo com a faixa etária das jovens que temos, não é? Tem a ver exatamente com isto, com esta parte pelo menos, e agora tendo em conta a minha própria realidade, às vezes pensamos que o trabalho do educador se confunde um bocado com o trabalho do assistente social ou até da psicóloga ou do psicólogo mas eu penso que o educador, tem uma vertente mais prática do trabalho, da realidade, das

vivencias e então com esta vertente mais prática conseguimos provavelmente chegar mais próximos dos nossos destinatários e conseguimos criar laços e criar uma empatia que depois é importante para concretizar os nossos objetivos.

I: E qual é para ti a importância do educador nos agrupamentos de escolas? Achas que é importante?

E8: Olha, sei que aí há tempos havia educadores a trabalhar nas escolas, neste momento não sei como é que está a situação, das colegas que conhecia e que trabalhavam nas escolas, nenhuma delas continua, portanto deve ter havido aí algumas…

I: Cortes…

E8: Alguns cortes também nesse sentido, mas isso é a tal coisa que estávamos a falar, como não é um trabalho tão visível, não é? Quando há que cortar cortasse naquilo que, pronto.

I: Que não se vê

E8: Que não se vê e que se calhar não, pronto não traz votos, não traz, infelizmente mas as colegas que eu me recordo que estavam a trabalhar nas escolas trabalhavam naqueles gabinetes de apoio à família, portanto desenvolviam um trabalho muito importante mesmo até a nível de ligação e de coordenação de serviços porque muitas vezes, nós vivemos num país muito burocrático, não é? Temos cinquenta pessoas a fazer a mesma coisa para a mesma família, não é? E havendo uma ligação e uma coordenação de esforços os técnicos se calhar, pronto o trabalho seria ainda mais rentável, não é? E lembro-me que algumas colegas, porque também passei pela comissão de proteção de menores e muitas colegas faziam esse trabalho, não é? De ligação entre as várias entidades, de coordenação de esforços entre as várias entidades, que depois pronto quando se trabalha em equipa é meio caminho andado para se conseguir resolver muitos problemas que sozinhos, realmente não conseguíamos.

I: No início fiz-te a pergunta se o curso tinha ido ao encontro das tuas expetativas. Nesse momento faço se a profissão foi ao encontro das tuas expetativas?

E8: A profissão foi, gosto muito daquilo que faço e não me consigo imaginar a fazer outra coisa, apesar de por vezes sentir um certo cansaço a nível psicológico porque nós

precisamos também de, precisamos de, quem trabalha com grupos de, pronto com grupos sociais complicados este *stress* psicológico que vamos acumulando às vezes é difícil de conseguirmos, de termos tempo para descansarmos, para fazermos o corte, não é? Porque isto também é uma coisa que se aprende, no início levava os problemas para casa, não é? Não conseguia fazer esse corte, e o facto de não haver o corte, pronto prejudica-nos depois no desempenho profissional. Agora quem trabalha com estas populações complicadas penso que precisa, precisa também de algum descanso a nível psicológico, precisa de aprender a fazer o corte, chegamos a casa o trabalho fica lá fora, não é? E nós precisamos de ter momentos de nos libertarmos e de esquecermos aquilo que… o trabalho pronto, como qualquer trabalho mas aqui penso que às vezes é mais complicado porque mexe com pessoas, mexe com menores, mexe com jovens e mexe com problemas muito complicados que muitas vezes estão nas nossas mãos e que sentimos esse peso.

I: Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional? À tua importância na instituição e aos efeitos que provocas nos colegas e nas jovens com quem trabalhas? Tens alguma perceção disso?

E8: Eu penso que a perceção, relativamente às jovens que é muito positiva, não é? Pelo menos, claro que há situações complicadas, há problemas, há situações complicadas como em qualquer outra profissão, mas penso que é uma perceção muito positiva, relativamente às colegas também não sinto, talvez devido à boa relação que temos entre todas que nós temos sempre, pronto não me apercebo assim de nada.

I: E à tua importância na instituição? Esta é uma pergunta…

E8: Será que nós somos suspeitos, não é? Achamos sempre que a nossa…

I: Que nós somos importantes

E8: Eu penso que é importante trabalharmos em equipa porque todos os profissionais têm algo a dar, não é? E se soubermos trabalhar em equipa, se soubermos coordenar os esforços de cada um e aproveitar as capacidades de cada um, o trabalho é muito mais rico, não é? E não é o meu trabalho mas é o nosso trabalho, e isso é que muitas vezes penso que falha porque cada um quer mostrar que "eu é que sei eu é que faço eu é que sou bom e se não fosse eu isto não funcionaria assim". O falar se calhar passa por, em

vez de falar no singular falarmos no plural, não é? Somos nós que fazemos, somos que decidimos, somos nós que assumimos independentemente de ser bom ou de ser mau, não é? Porque temos que assumir os erros.

I: E achas que o educador está mais capacitado para falar no plural e para trabalhar em equipa do que nas outras profissões? Ou achas que de uma maneira geral é igual?

E8: Daquilo que eu me tenho apercebido ou pelo menos da experiência que tenho, penso que dum modo geral que os outros técnicos nomeadamente os psicólogos e os sociólogos ou assistentes técnicos de serviço social têm mais dificuldade talvez porque, pronto na sua formação estão habituados também a trabalhar mais sozinhos, não é? Ou não estão tão habituados a constituir e a trabalhar em equipa.

I: E a nível da perceção que os outros têm do trabalho? Por exemplo os teus superiores ou as pessoas no geral, qual é a perceção que achas que eles têm do teu trabalho? Perguntei de ti, das jovens, das colegas…

E8: Eu acho que é boa porque se não fosse boa pronto não (sorri).

I: Já te tinham mandado

E8: Já me tinham mandado embora, não é? Pronto porque em todos os trabalhos, todos... pois, agora no trabalho onde estou, faço parte do quadro da instituição, anteriormente em Estoi também fazia parte do quadro da instituição o que também agora vai sendo raro, não é? As situações efetivas, em Aljezur pois era um projeto de voluntariado pois também não...

I: Porque é que saíste de Estoi? Qual foi o motivo de teres saído de lá?

E8: Foi porque arranjei esta colocação na…

I: Por opção mesmo?

E8: Sim foi por opção.

I: E agora pergunto enquanto educadora qual é a tua perceção relativamente à tua entidade empregadora? É uma entidade aberta? O tipo de trabalho que desenvolve

é o mais adequado? Qual é a tua perceção?

E8: Eu penso que é uma entidade aberta, no entanto nós vamos aprendendo sempre, não é? Todos os dias à medida que vamos desenvolvendo trabalho, porque eu fui para lá logo no início tal como as colegas, claro que há coisas que nós vamos aprendendo com a experiência, não é? E mesmo a nível dos superiores eram pessoas que nunca tinham trabalhado concretamente nesta área e que também fomos crescendo juntos e fomos desenvolvendo técnicas, fomos desenvolvendo determinados métodos, determinadas estratégias para trabalhar com os jovens, pronto neste momento trabalhamos duma maneira se calhar muito diferente do que trabalhávamos no início não é?

I: Mas a nível por exemplo se tu queres implementar uma nova atividade ou um projeto ou o que quer que seja, tens liberdade para isso ou põe-te entraves ou tens que passar por muitas burocracias como é que funciona?

E8: Não, normalmente não há grandes entraves, também verdade seja dita que também não tenho grandes possibilidades a nível de tempo, não é? Porque o trabalho que desenvolvo na instituição acaba por ser tão absorvente que depois acaba por haver muito pouco tempo para novos projetos mas nunca senti assim nada, pronto de entraves relativamente…

I: Nem ficaste frustrada com alguma situação que se tenha passado numa parte da entidade?

E8: Claro que há coisas que nós gostaríamos de fazer de maneira diferente, não é? E depois os superiores acham que não, mas eu também percebo que muitas vezes os superiores têm que jogar com vários fatores, não é? Nomeadamente a parte económica, porque hoje em dia pouca coisa se faz sem ter uma despesa, não é? Precisamos dos recursos e isso muitas vezes é um grande entrave.

I: Na tua opinião o que é que achas que podia ser feito para melhorar a nossa profissão? Não só para ti pessoalmente mas no geral? O que é que tu vês, os educadores atualmente, como é que os vês e o que é que podia ser feito para melhorar a nossa profissão? Se há alguma coisa que devesse ser melhorada porque há sempre…

E8: Olha, eu acho que quem escolhe esta profissão em primeiro lugar devia de ser por

pronto por gosto pessoal, não é? Por vocação e muitas vezes nota-se que esta escolha não foi uma primeira escolha, não é? "Como não entrei no outro curso acabei por vir parar aqui", também já tive lá algumas estagiárias e nota-se que muitas vezes não há, que não é por gosto, que não é por opção, que não é por, não sei, não quer dizer que se devia fazer uns psicotécnicos ou que se devia fazer uma… mas este tipo de profissão que mexe com outras pessoas e que mexe com a vida das outras pessoas ou estamos realmente por gosto ou não vale a pena porque não se consegue, não é uma profissão que dê estatuto profissional, nem que se possa fazer carreira profissional que não, pronto ou realmente trabalhamos por gosto ou então… e penso que quando trabalhamos por gosto e quando estamos por vocação temos meio caminho andado para conseguir concretizar as coisas e nem sempre isso acontece, não é?

I: Porque é que recomendaria esta profissão a alguém? Se recomendasses…

E8: Se recomendasse era realmente por saber que a pessoas tem perfil, tem gosto tem… sente-se vocacionada para trabalhar nesta área, não é? Caso contrário (sorri).

I: Não vale a pena. Na tua opinião que caraterísticas é que o educador deve ter a nível pessoal, social? Quais são as principais características que um educador deve ter?

E8: Para já tem que ser uma pessoa aberta, não é? E disponível, disponibilidade interior para conseguir aproximar-se das pessoas, para conseguir perceber se calhar um bocadinho de empatia não é? Pelos outros, tem que ser uma pessoa criativa porque todos os problemas exige uma solução se calhar diferente, tem que ser uma pessoa com capacidade para trabalhar em equipa porque precisamos dos outros, coordenar esforços e rentabilizar os recursos que temos, principalmente nesta altura. A nível social pois temos que saber ter e impor limites porque se queremos estar próximo da comunidade também não nos podemos deixar absorver por ela, não é? Tem de haver ali um meio termo isto é às vezes, estou-me a lembrar da instituição concretamente onde trabalho, pronto das jovens queremos estar próximas delas mas não somos como elas, quer dizer saber distinguir o nosso papel e impor esses limites também, pronto nas comunidades onde trabalhamos, não é?

I: Vou-te dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses na tua opinião se o educador social deve ou não tê-las e porquê? Criativo já disseste, depois

dinamizador?

E8: Também acho que sim, temos que saber dinamizar e com criatividade.

I: Manipulador?

E8: Manipulador penso que não, manipulação para mim tem sentido negativo, não é?

I: Para ti e no geral?

E8: Sim (sorri).

I: Planeador?

E8: Saber planear, saber projetar.

I: Autoritário?

E8: Também não, não (sorri). Autoridade nunca leva principalmente, pronto nas comunidades mais difíceis, uma pessoa autoritária…

I: Não vai a lado nenhum?

E8: Não (sorri).

I: Neste momento pertences a alguma associação cívica, cultural, desportiva, recreativa ou religiosa?

E8: Pois só religiosa, não é? Dentro da… cultural, social não pois.

I: Nunca pertenceste a nenhuma associação, já fizeste voluntariado?

E8: Faço voluntariado, por exemplo banco alimentar mas pronto pertencer mesmo a uma associação concretamente não, não estou a recordar.

I: Relativamente às perspetivas futuras. Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise, eu gosto muito desta frase, que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual é que vai ser o papel dos educadores sociais daqui a uns anos? A sociedade vai estar mais precária? Vamos ter mais trabalho? Vamos ser reconhecidos? Vamos estar todos no desemprego? Qual é a tua opinião?

E8: Pois não sei exatamente, tenho um bocado de receio não é? Tendo em conta a nossa, a nossa situação económica mas tenho esperança e penso que temos que manter a esperança que as coisas vão melhorar e que pronto que podemos continuar a progredir, não é? Porque senão não fazia sentido.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a 5 anos? Daqui a uns anos, vês-te igual, vês-te num sítio diferente?

E8: Eu penso que um dos grandes problemas também se calhar, não sei se mas pronto, as pessoas se acomodarem a determinado trabalho, a determinada situação profissional, eu não, não gosto de me acomodar até porque não me estou a ver daqui a dez anos a continuar a trabalhar com adolescentes, não é? Penso que também é importante sabermos os nossos limites e sabermos reconhecer as nossas capacidades, não é? Com cinquenta anos estar a trabalhar com adolescentes e estar a fazer, sei lá atividades radicais ou de ir um dia inteiro para a praia ou ir, sinceramente não estou a ver, não é? No entanto, pronto penso que também temos que estar abertos e ver o que é que o futuro nos reserva não é? Mas não me estou a ver a fazer a mesma coisa que faço hoje.

I: Se te fosse dada opção de escolha o que é que escolhias? Profissionalmente para fazer daqui a uns anos, o que é que gostavas de trabalhar e onde?

E8: Gostava de continuar a trabalhar dentro da nossa área, não é? Mas pronto se calhar num ambiente diferente ou num ambiente mais calmo ou até fora de Portugal, não é? Pronto.

I: Achas que ias para o estrangeiro?

E8: O sonho de ir ao para a Guiné… não para o estrangeiro não era propriamente para a Europa, se fosse para fora optaria se calhar por um país africano ou para um país da América do Sul pronto, onde o papel de educador social pronto segundo aquilo que, pelo menos a ideia que tenho é que nesses países às vezes é mais valorizado do que até nos países europeus mas eu ainda não perdi essa esperança e penso que um dia se calhar daqui a uns anos até ter mais condições para o fazer.

I: Já percebi que a tua hipótese de ir para o estrageiro é muito remota no sentido da Europa mas achas era uma boa hipótese, uma boa alternativa em termos de profissão, progressão na carreira?

E8: Sim.

I: Reconhecimento? Lá fora a coisa está melhor qual é a tua opinião?

E8: Tenho uma colega minha que foi para a Dinamarca pronto, o marido é dinamarquês e também é educador social e ela foi para a Dinamarca e de vez em quando vai dando a noticia, pois claro que o trabalho dela lá e a perspetiva dela lá é muito diferente da nossa e pronto, penso que dum modo geral os países europeus as perspetivas são diferentes não é? Até porque o educador social já tem um trabalho lá há muito mais tempo naqueles países.

I: Mesmo ali em Espanha está muito mais desenvolvido.

E8: E em Espanha exatamente, nós tínhamos uma série de manuais em espanhol.

I: Pois, a maioria dos livros é tudo em espanhol.

E8: Logo daí é sinal de que…

I: Pronto da minha parte não tenho mais questões, não sei se queres deixar algum comentário, alguma sugestão, algum apontamento…

E8: Pois não sei, pois isto olha é que isto dos cursos, não sei até que ponto é que o curso vai continuar a funcionar, aí há tempos falou-se que quando o mercado de trabalho está saturado que os cursos depois têm tendência a…

I: Achas que era uma boa hipótese fechar o curso pelo menos uns anos?

E8: Não sei se é uma boa hipótese, também nós falamos nisto assim de maneira informal, não é? Não tenho dados concretos se há muitos educadores desempregados se não há, mas o haver muitos técnicos se calhar tem, o país tem é que ver onde é que tem falta de profissionais, não é?

I: Eu acho que isto é um bocadinho como aos médicos, há muitos em Lisboa e ninguém quer ir para o Interior, eu acho que os educadores sociais é parecido, há muitos educadores sociais nas grandes cidades mas depois quando se pede um educador para Alcoutim para Querença ou para um desses sítios assim mais…

E8: Mas eu acho que também não há muita falta aí, ainda agora, tenho uma colega que

trabalha na In Loco e que conhece e faz essa parte da serra e pronto ela está em vias de ficar desempregada e ela...

I: Mas aí não é questão de não fazer falta aí é a questão de entidades não…

E8: Pronto, também, também, não é? Porque fazer falta se calhar faz falta em muitos sítios não é? Seja serra ou seja cidade não é? A começar pelas escolas e por isso…

I: Exatamente.

E8: Agora pois as terras do interior também se calhar não têm tantos meios económicos para poderem contratar.

I: E se não for a In Loco e esses projetos que ainda são financiados, pois não há financiamento para nada.

E8: Pois e ela está há não sei quantos meses sem receber, portanto não estou a ver…

I: Deve ser a Maria. Não é a Maria?

E8: Não, esta é Inês.

I: Então pronto. Também há uma Maria que está na mesma situação.

E8: Pois.

I: Que eu entrevistei na semana passada e pronto.

E8: E ela mora na serra e está, mas aquilo acho que não está muito fácil.

I: Como é que nós podíamos dizer ao nosso Governo que somos importantes e que estamos aqui?

E8: Acho que neste momento (sorri) estou quase a dizer ao Governo… não sei, isso a estrutura política é sempre muito complicada não é? Que é a tal coisa pois não é visível, o trabalho sim senhor, é necessário, todos nós e o próprio Governo penso que reconhece que o trabalho é necessário, o problema é depois a gestão dos recursos que não chega para tudo e depois pronto ou que depois não é canalizado para o melhor.

I: E achas que neste momento a questão o empreendedorismo de nós fazermos os

nossos próprios projetos e de tentarmos o financiamento por nós próprios, achas que é uma boa hipótese?

E8: O problema é sempre o financiamento, vamos buscar o financiamento aonde?

I: Pois

E8: Não é? É que…

I: Nunca tiveste nenhum projeto que gostasses de implementar e que nunca tiveste hipótese? Tirando esse da Guiné, nunca tiveste mais nenhum projeto?

E8: Quando estava nas instituições pronto fizemos várias candidaturas e houve vários projetos que nunca chegámos a concretizar, agora claro que quando estamos numa instituição estamos sempre limitados aos objetivos e aos superiores não é? É mais difícil. assim por conta própria, pronto o projeto de Aljezur também foi um projeto criado por um grupo de pessoas não é? Que o apresentou à diocese e que foi aceite e que foi concretizado e que foi, pronto e enquanto, durante o tempo que lá estivemos que funcionou muito bem e ainda hoje deixou marcas na comunidade e na população.

I: O que é que faziam ao certo nesse projeto?

E8: O projeto, pronto tinha a parte religiosa, não é? Da coordenação e da gestão paroquial, onde com juntamente com o pároco fazíamos toda a coordenação da paróquia desde pronto a catequese, da parte litúrgica pronto toda aquela, a gestão paroquial normal. Depois tinha a dinamização também das comunidades mais afastadas da Aljezur portanto todo o concelho de Aljezur, depois mesmo desde a parte de integração dessas comunidades, de levar essas comunidades a participar na, porque pronto desde Odeceixe até à Carrapateira aquilo a nível de geográfico são coisas, são dois extremos e que as pessoas acabam por viver um bocado isoladas, era por fazer com que as pessoas participassem, a fazer com que as pessoas, pronto as próprias pessoas da localidade se movimentassem e criassem algum dinamismo local, pronto e isso na altura conseguimos, pronto não só através da parte religiosa mas também através da parte social e cultural.

I: E achas que isso depois teve continuidade ou quando vocês se vieram embora se perdeu novamente?

E8: Teve continuidade no sentido em que neste momento quem faz a coordenação são as pessoas da de Aljezur, da serra não é? Portanto aquele tempo de que trabalhámos com elas e aquele tempo em que pronto desde a formação à dinamização da comunidade fez com que as coisas que iniciámos tivessem continuidade e hoje em dia são as pessoas da terra que continuam a desenvolver aquele trabalho e isso apesar da… a nível pessoal deixei lá muitos e bons amigos não é? Portanto de alguma maneira consigo sempre ter esse *feedback* de como é que as coisas estão a correr e pronto e ficou um dos colegas que estava comigo no projeto criou lá uma associação dos jovens, associação dos jovens de Aljezur que pronto funciona ainda hoje.

I: E a nível de projetos?

E8: Mas isto foi uma coisa, pronto quase por conta própria, não é?

I: Sim.

E8: Não.

I: Não tinha financiamentos, grandes financiamentos?

E8: O único financiamento que tínhamos na altura quando chegámos lá se calhar foi o apoio da câmara, que pronto tirando a diocese que nos disponibilizou a parte pronto a habitação, transporte depois a santa casa dava-nos a alimentação e a câmara dava-nos alguns recursos para investir lá na comunidade mas eram, foi tudo assim muito caseiro.

I: A nível de projetos pessoais futuros há algum que tu ainda queiras fazer ou estás aberta ao que vier?

E8: Acho que estou aberta áquilo que vier.

I: Não tens assim nenhum sonho que gostasses de concretizar que nunca tenhas conseguido

E8: Agora pronto aquele da Guiné ou dos países africanos está ainda em aberto e pronto, e como também tenho lá algumas colegas e amigas penso que...

I: Ainda te dá mais vontade?

E8: Dá!

I: Nem que vás de férias…

E8: Sim nem que seja só de férias apesar daquilo na Guiné agora estar complicado e ela se ter vindo embora.

I: É a Margarete? Ou não?

E8: Não, é Carla, sim mas a Carla, a Margarete também veio agora da Guiné, da Guiné não de Timor.

I: Sim…foi Timor.

E8: Ela teve em Timor agora. Mas temos uma colega nossa que foi para lá quando acabou o curso, nesse projeto e depois pronto acabou por ficar por lá pronto e casou e tem filhos e a vida dela é lá não é?

I: E lá há condições para trabalharmos mas e há trabalho?

E8 Há trabalho, agora condições é que já é um bocadinho mais complicado, agora pronto ela nos diz é que sim, há trabalho, há muito trabalho para se fazer e quem for orientar…

I: Podem todos ir para lá…

E8: Sim.

I: – Estamos desempregados aqui.

E8: E mesmo aqui em qualquer área.

I: Sim.

E8: Não, o marido dela é mecânico e ela diz que só não trabalha mais porque não pode porque há muita falta de mão-de-obra especializada, não é? Agora estas situações, esta instabilidade é que… ela diz que está farta de andar a remendar fendas na parede da sala porque cada vez que eles se chateiam uns com os outros há uma bomba e pronto a sala fica toda rachada (sorri) ainda na 5ªfeira quando rebentou lá o conflito nós estávamos a jantar, o marido dela ligou-lhe e só ouço ela a dizer "opa que chatice, então agora quando chegar a casa já tenho a parede toda rachada outra vez" então a instabilidade é

tão grande que aqueles conflitos acabam por ser naturais e normais, não é? as pessoas vivem com aquilo, claro que aquilo traz uma grande instabilidade ao país e depois a nível profissional é muito complicado.

I: Pois. Que idade é que tens?

E8: 40

Fim da entrevista!

Entrevista nº 9

Data de realização: 17 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Campus da Penha, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Com a minha investigação pretendo estudar um pouco da realidade do educador social atualmente, no Algarve, os tipos de instituição em que trabalham e o tipo de trabalho que desenvolvem, as funções que desempenham, as competências que tem ou que deve ter. A minha entrevista está dividida em vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso, portanto quais foram as principais razões ao nível pessoal, social, influências?

Vamos ver como é que corre, tenho ouvido muita coisa mas pronto.

Entrevistado nº 9: O que interessa é o que…

I: O objetivo é esse, se depois conseguir atingir tudo bem e se conseguir melhor. Vou vendo. Então o 1º bloco que eu tenho aqui no guião da entrevista é acerca da escolha do curso. Porque é que vieste para este curso, quais são as principais razões que te levaram a escolher o curso? Foram razões pessoais, sociais, influencias…?

E9: É para começar já? Ok pronto, tá bem, pois eu soube do curso através duma amiga minha, a minha ideia na altura era ir… queria ir muito, muito ir para África, era a minha ideia assim de adolescente mas também sabia que precisava talvez de algumas bases porque queria ir para África mas não sabia bem o quê, nem fazer o quê (sorri) então essa minha amiga encontrou o curso e no curso lá numa pequena nota estava também que havia uma parte de possibilidade depois de cooperação para o desenvolvimento e ela "Olha vês? não sei o que, encontrei" e então vim por motivos pessoais mas influenciada por ela, no fundo.

I: Então já querias ir para Africa antes de estares o curso, já tinhas esse sonho. Quais eram as tuas expetativas iniciais quando ingressaste na licenciatura?

E9: Era sobretudo aprender bastante sobre o que é que poderia ser um trabalho a nível comunitário não é? E principalmente virado nessa vertente da cooperação para o desenvolvimento porque eu não tinha noção nenhuma do que era feito e de como e como é que se fazia portanto queria mesmo explorar essa parte.

I: E em que medida é que isto se tornou realidade?

E9: Tornou-se realidade (sorri) na medida em que através do curso conheci o ISU e portanto através do ISU sim conheci um bocadinho mais da cooperação para o desenvolvimento e tive a oportunidade de ter uma experiência fora.

I: Mas em termos de curso, de formação da licenciatura foi muito, não teve muito a ver com o que estavas à espera?

E9: De certa maneira eu acho que me deu todas as ferramentas possíveis para eu depois aprender sozinha e acho que isso é muito importante, eu não me sinto desiludida com o curso, de maneira alguma. Acho que a mim o curso incentivou muito a ser autónoma a pensar de modo crítico e a utilizar determinadas técnicas principalmente de educação não formal que me abriu no fundo muitas possibilidades.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso? Quais são os principais que apontas?

E9: É esse principalmente o fato de termos tido a oportunidade de, perdão, ver outros contextos, de ver no sentido que havia a preocupação por parte dos professores na altura, não de todos não é? Mas de alguns professores na altura de nos mostrar coisas novas e principalmente originais e de levar pessoas às aulas para nós conhecermos, tentar abranger o máximo de contextos e isso é uma das coisas positivas. Outra coisa positiva é também o apelo a reflexão crítica e a não nos conformarmo-nos, também não era feito por todos os professores mas a ideia tava lá.

I: E apontas isso como positivo?

E9: Sim, sem dúvida alguma.

I: E relativamente aos motivos de insatisfação, apontas algum motivo de insatisfação maior?

E9: O fato de só termos mesmo a obrigação de termos de ir para a prática no segundo ano, na minha altura era assim, só mesmo no segundo ano é que tínhamos trabalho mais virados para a prática, claro que a própria pessoa podia escolher e optar por trabalhos mas no fundo não é? Acabava por ser um bocado teórico de mais às vezes.

I: Num questionário que eu fiz anterior à entrevista os principais motivos de insatisfação apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Destas três mais votadas, digamos assim, concordas com alguma delas? Porquê?

E9: Concordo com o não ser reconhecido, apesar de saber que houve um grande esforço das gerações anteriores, de o fazerem, de o tornarem realmente reconhecido, agora é verdade que eu me deparo com isso todos os dias, é dado valor ao técnico de serviço social, é dado valor ao psicólogo e quando chega à minha parte "ah tu és aquela que faz animação não é?" e eu "bem não é bem isso mas… podemos ir por aí" portanto é um bocado cabe-nos a nós, profissionais que estamos na área de mostrar exatamente o que é que é o curso, cabe-nos a nós ainda um bocado isso.

I: E como é que nós podemos fazer isso na tua opinião?

E9: Mostrando trabalho, mostrando… esta não é bem a nossa forma de trabalhar, então ok vamos tentar mostrar que de outra maneira também podemos, eu tento muito fazer através de técnicas de educação não formal, tento mostrar que através de uma forma simples e se calhar até divertida conseguimos atingir os mesmos objetivos do que com uma sessão teórica chata, entre aspas.

I: E acha que também devia ser feito mais algum trabalho a nível mesmo da própria universidade ou a nível de formação de uma Ordem da qual fala-se muito dessa questão, achas que podia passar também por ai a solução?

E9: Sim sem dúvida alguma, eu acho que, bom eu não acredito, eu não gosto muito de coisas muito formatadas e não sei se, até que ponto uma Ordem seria positivo ou não que a nível de reconhecimento, hierárquico, as entidades nananana sim, mas na prática depois não sei se isso não dependerá mesmo da estratégia que cada profissional, os estágios de curriculares são muito importantes nesse sentido, são sempre uma prova de fogo, são sempre uma forma de mostrar o que é que o curso vale, digamos assim.

I: E achas que os estágios curriculares neste momento são bem estruturados e adequados ao mercado de trabalho?

E9: Eu agora não faço a mínima ideia (sorri).

I: Mas por exemplo no teu tempo, achas que são adequados e tens uma boa experiência?

E9: Em relação ao meu estágio profissional sim, foi muito desafiante, agora se era adequado ao mercado de trabalho não, era muito idealista, eu acho que se peca um bocado por aí às vezes e eu própria estou a orientar, na instituição onde trabalho, estou a orientar estagiárias de educação social e como vimos com aquela iniciativa toda do curso e queremos fazer e queremos mudar tudo num prazo de seis meses às vezes perdemos um bocado a noção da realidade e depois de… não sei se nos dá mesmo a oportunidade ver os aspetos práticos duma instituição, no sentido do dia-a-dia, dos conflitos de hierarquia, que é tão importante não é? Na minha opinião.

I: Já agora onde é que fizeste o teu estágio curricular?

E9: Fiz no projeto clube Bus, em Quarteira.

I: Durante a licenciatura participaste em atividades extracurriculares, *workshops*, seminários, formações. Por exemplo em quais é que participaste?

E9: Ui, tudo o que podia agarrar praticamente que tivesse a ver com coisas que eu gostasse, fiz alguns que a ARCA tinha proporcionado, portanto alguns *workshops*, *workshop* de educação para a paz por exemplo, depois quando me comecei a mover no ISU fiz as formações todas do ISU. Depois pronto a nível de tudo o que tivesse a ver com o estágio, ir a colóquios e não ir e depois com a investigação, quer dizer, cheguei a ir Coimbra, acho que todos nós fazemos isso, é procurar ao máximo informação e conhecimentos noutros sítios.

I: Achas que estas atividades contribuíram para a tua inserção no mercado de trabalho? Achas que tiveram alguma importância?

E9: Hum pois (sorri). É uma pergunta um bocado complicada. Pois no meu caso eu inseri-me como, eu inseri-me no mercado de trabalho com uma visão um bocado diferente, acho da maioria, visto que toda a gente me chamou maluca na altura. Eu

entrei no MAPS como ajudante familiar, portanto eu era uma ajudante familiar licenciada, isso não teve só com razões económicas, mas teve a ver com a minha ideia de que era possível fazer algo, mesmo não sendo com a categoria profissional adequada, digamos assim. Portanto entretanto passei por monitora, neste caso e não sei se algum dia passarei a técnica de educação comunitária mas não sei se me interessa, portanto neste caso, não tem nada a ver (sorri) porque eles viram o meu currículo mas eles só queriam que eu soubesse limpar o chão basicamente, mas para mim a nível pessoal, a nível de confiança pois como faço com os utentes e com a forma como me apresento depois às entidades claro.

I: E as competências que vão adquirindo?

E9: Claro sim, isso também tem muito a ver.

I: Tiraste a licenciatura, de educação e intervenção na altura. Tiraste mais alguma pós-graduação, licenciatura, mestrado?

E9: Não, tou a fazer o mestrado agora.

I: Tás a fazer o mestrado de…?

E9: De educação social.

I: De educação social, entraste este ano?

E9: Entrei, sim, com equivalência portanto tou a fazer a parte da investigação.

I: E porque sentiste necessidade de mais formação? Porque estavas com saudades da universidade?

E9: (sorri) Nesta fase do campeonato acho que é melhor não responder, porque sim tinha falta de uma parte teórica porque tava em prática já desde 2007 e fazia em parte falta a parte teórica, um bocado.

I: Então sentes, achas que o curso não te deu formação adequada ou foste precisando de formação a nível se calhar de cadeiras, mesmo outras licenciaturas, não sei…

E9: Eu acho que à medida que vamos começando a trabalhar vamos sempre precisando de mais e isso sinto por exemplo a nível de licenciatura de psicologia, penso nisso hoje

em dia, porque a população com que trabalho em especifico dava-me muito jeito para tentar analisar determinadas coisas, mas eu acho que isso acontece sempre e acho que o curso deu o suficiente para depois eu ir aprender sozinha, ou seja lançou, lançou com os ideais, sinto-me lançada e pronto, "agora vamos lá ver como é que é na prática" e não sei se há algum curso que consiga prever logo tudo (sorri) não sei.

I: Na tua opinião o que é que achas que podia ser feito para melhorar por exemplo o funcionamento geral do curso, achas que há alguma coisa que devesse ser melhorada?

E9: Eu acho que o voluntariado (sorri) devia ser obrigatório, entre aspas, mesmo sendo uma contradição o que estou a dizer, porque o voluntariado nunca deve ser obrigatório mas deveria haver um maior incentivo e um incentivo prático, ou seja, haver ações organizadas mesmo que dessem oportunidade não só das pessoas procurarem por si, mas o próprio curso organizar-se e não estou a falar de "ah quem quer ser voluntario para organizar o seminário e tal" não, "quem que quer ir visitar esta instituição? tentar fazer alguma coisa aqui?" e pronto.

I: E a nível de atividades que o curso organiza achas que organiza muitas, poucas? Com qualidade? Tens alguma coisa a dizer?

E9: Na minha altura era o curso que mais organizava aqui na ESEC e com maior qualidade mas eu sou suspeita (sorri) portanto sim.

I: E atualmente tens conhecimento de algumas atividades que sejam organizadas ou…?

E9: Sei porque recebo *e-mails* mas nunca consigo participar em nada e sei que continua a haver organização, sim.

I: E a nível da qualidade dos docentes, achas que devia ser alguma coisa melhorada, porquê?

E9: Portanto, isto eu só posso reportar na minha altura. Na minha altura sim, havia coisas que podiam ser melhoradas, no sentido que haviam alguns docentes que se reportavam muito mais à teoria do que à prática portanto que se via que não tinham experiência prática e num curso como o nosso eu acho que isso é essencial, ter experiência prática para poder partilhar e poder refletir e fazer refletir.

I: A nível da qualidade da formação recebida, tens alguma coisa a dizer? Achas que foi, houve alguma cadeira que achasses que foi uma perda de tempo…

E9: Houve, (sorri) houve algumas, mas neste momento já não me recordo exatamente dos nomes porque já passaram cinco anos e eu já fiz coisas mais interessantes (sorri), mas sim a nível da economia eu lembro-me que não gostei nada e psicologia social, ah psicologia social era uma pedra autêntica na altura, agora não sei.

I: A nível dos planos de estudo já falaste um bocadinho dessas duas que aches que estavam a mais, alguma que tenhas tido necessidade, que aches que seja muito importante e que devesse estar no plano do currículo do curso?

E9: Algumas coisas que eu, pelo que eu percebi estão agora por exemplo a questão, não sei que cadeira é que era, mas a introdução do teatro do oprimido mesmo no currículo do curso, por exemplo.

I: É uma opção, neste momento tava como opção, teve no ano passado agora não sei.

E9: Pois exato, eu sei em relação ao ano passado. Isso por exemplo a mim pois ter-me-ia dado imenso jeito e eu na altura procurei o teatro de oprimido fora do curso, portanto foi uma das formações que fiz fora. Tudo o que seja de carater prático, às vezes menosprezamos questão da expressão plástica e com muitos públicos isso é uma forma excelente de trabalhar e chegar até eles, trabalhar outras questões, isso às vezes é um bocado menosprezado do nosso curso e acho que poderia ser uma mais valia.

I: Desde que terminaste a licenciatura até agora qual tem sido o teu percurso profissional? Onde é que trabalhaste qual o tipo de funções que desempenhaste? O tempo que tiveste em cada sítio?

E9: Eu saí em 2007 e optei por não começar logo a trabalhar, nem procurar na área, optei por caminhar mesmo para a cooperação para o desenvolvimento, mas a nível de voluntariado portanto tive três meses no Brasil, depois regressei, fiz uns trabalhitos à parte só para me orientar não é? Mas sempre sem procurar um trabalho fixo porque não era essa a minha ideia e depois fui para São Tomé noutro projeto de cooperação para o desenvolvimento, regressei, fiz estágio profissional no ISU portanto foi um ano, sim exatamente foi um ano, e logo a seguir entrei no MAPS onde estou agora, portanto na

altura ainda como ajudante familiar, depois passei para monitora e neste momento já estou a fazer trabalho de técnica no fundo, só que não estou a ser paga como tal (sorri).

I: O que é que fazias quando andavas naqueles projetos do desenvolvimento?

E9: De cooperação para desenvolvimento? Dependente dos projetos, no Brasil tivemos a fazer uns diagnósticos, um levantamento de necessidades pela escola na zona rural e ao mesmo tempo tivemos a trabalhar com um projeto de bairro social com crianças, depois no projeto em São Tomé e Príncipe era muito a vertente de formação para a gestão de projetos, para animação comunitária era mais vertente de animação.

I: E no ISU também foi atividades no sentido de atividades?

E9: Sim, sim, foi também toda a parte da formação porque o ISU tem uma componente muito formativa e depois a parte das ações de sensibilização na escola para temáticas com interculturalidade, e portanto exclusão social e uma série de temáticas relacionadas com o curso.

I: E agora no MAPS, o que é que fazes? Quais são as tuas funções?

E9: Neste momento estou responsável pelas atividades psicossociais com os utentes que estão em sede, ou seja pessoas temos alojadas temporariamente e com eles o meu objetivo é trabalhar competências e capacitar, para além das atividades lúdicas e socias que temos, que são os passeios e pronto aquelas coisas, temos a oficina de emprego, de técnicas de procura de emprego, temos a oficina de acompanhamento de atividades diárias e temos uma oficina de desenvolvimento de competências que sou eu neste momento que estou a gerir.

I: A nível do salário tem sido, tem melhorado, tem piorado, tem sido mais ou menos igual durante estes anos que começaste a trabalhar?

E9: Tem sido mais ou menos igual.

I: Mais ou menos igual?

E9: Sim.

I: Neste momento está satisfeita com o seu salário?

E9: Não (sorri) De maneira alguma estou a receber, não, não estou a receber o suficiente. Por aquilo que…

I: O trabalho que desenvolves…

E9: Sim, sim.

I: Na tua opinião já falámos um bocadinho sobre isto, mas na tua opinião a formação que recebeste está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Achas que uma pessoa que sai de uma licenciatura, ou pelo menos no teu tempo, quando saíste, sentias-te preparada para ingressar no mercado de trabalho?

E9: Não. Preparada, preparada, não. Tava preparada para começar a experimentar e a procurar e psicologicamente pronto, eu estava muito preparada para aprender sozinha mas acredito que uma pessoa que não tenha essa vontade sequer porque se calhar não tem de ter não é? De aprender sozinha e de se envolveres noutros projetos, é complicado. Para responder bem à pergunta se eu tivesse integrado o MAPS como integrei à dois anos, se eu o tivesse feito em 2007, eu não estaria de todo preparada (sorri).

I: Foi preciso teres uma experiência anterior para ganhares estaleca, como se costuma dizer?

E9: Foi, e mesmo assim…

I: E mesmo assim é complicado.

E9: E mesmo assim (sorri).

I: Na tua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas várias instituições?

E9: Sim, sem dúvida alguma, nós temos o papel de capacitar que acaba por ser até, o psicólogo que orienta, tenta, capacita também mas orienta mais, não é? O assistente social assiste e encaminha para as entidades corretas e todas aquelas coisas burocráticas e nós temos um papel muito importante principalmente a nível informal, no sentido que pudermos provocar pequenas mudanças, de forma diferente, eu acho.

I: Achas que é importante nas IPSS? Quer a nível político e a nível social.

E9: Sim, sem dúvida alguma, provoca pequenas e grandes mudanças, sim, sem dúvida alguma.

I: A nível de agrupamentos de escolas, achas o educador social é importante nos agrupamentos de escola?

E9: Sim também porque também tem uma visão diferente do que é que pode ser a participação ativa, pode desenvolver várias estratégias também de empenho e de cooperação também e mesmo entre não só alunos mas mesmo a questão dos professores não é?

I: Huhum… e das famílias.

E9: E das famílias, sem dúvida alguma.

I: A profissão foi de encontra às tuas expetativas? Achas que está a corresponder?

E9: Sim (sorri) mas muito no sentido que temos de ser nós a fazê-la corresponder, eu sentido muito isso. Todos os dias eu tenho de voltar a pensar, bom ok Rosa qual é o teu objetivo? É só ocupar o tempo livre destas pessoas? Não! É capacitar, ok, então o que é tens que fazer de diferente? Isto. É um bocado sempre auto motivação e porque, eu não tenho ninguém não tenho,… a minha coordenadora não tá atras de mim a dizer: ”olha não tas a aplicar bem os princípios não sei do que, não sei que mais, se eu fosse assistente social ela estaria atrás de mim e relembrar-me-ia os princípios todos os dias, não sendo e não tendo ninguém na instituição que seja da mesma categoria profissional, é complicado.

I: O que é que achas que falha mais na profissão? O que é que podia ser melhorado?

E9: Eu acho que isso depende muito do contexto em que se trabalha. Acho que cada contexto é muito diferente e talvez isso, talvez a nossa capacidade de adaptarmo-nos aos vários contextos, termos algum contato antes com os contextos para nós percebermos realmente o que é que podemos ou não podemos fazer, porque nós temos muitas limitações também, talvez isso.

I: Já descreveste um bocadinho as tuas tarefas… O teu contexto de trabalho, qual é a principal missão no MAPS?

E9: A principal missão no MAPS é a melhoria da qualidade de vida, portanto das problemáticas de toxicodependência, sem-abrigo, trabalho sexual, minoria étnicas e acho que é um bocado tudo, portanto isso tudo misturado, mas a missão principal é a melhoria da qualidade de vida depois cada resposta social tem o seu objetivo específico.

I: E da tua missão. Do teu posto de trabalho?

E9: (sorri) É tentar marcar a diferença, sim tentar, tentar capacitar mesmo, portanto tentar.

I: Mudar.

E9: Sim, fazer aquelas pequenas mudanças, principalmente fazer se calhar com que eles reconheçam as potencialidades que têm, porque naquela fase é complicado já reconhecer alguma coisa e é incrível quando se vê que alguém reconhece " ah eu sei fazer isto" e lembra-se do que é que sabe fazer, não é?

I: E a nível de projetos que o MAPS tenha, há algum projeto que queiras falar? Tens vários projetos neste momento, não tem?

E9: Sim, basicamente o MAPS é dividido por, portanto a sede é em Faro depois tem uma delegação em Quarteira e neste momento está com um projeto ADIS, começou agora, que é mais virado para trabalho sexual, depois Portimão também tem os próprios, tem as equipas de rua, e depois nós aqui na sede em Faro tem várias coisas não sei, tem varias respostas socias, queres que eu fale de todas? (sorri).

I: Podes dizer só por alto.

E9: Ok portanto, tem o alojamento temporário e residência protegida portanto onde há pessoas alojadas, depois tem a parte das equipas de rua barlavento e sotavento. Depois tem a SAD que é o Serviço de Apoio Domiciliário portanto que é fora da instituição e ainda tem o CAPS que é onde eu estou inserida, que é o centro de acompanhamento e aconselhamento psicossocial.

I: A nível da equipa de trabalho, trabalhas com uma equipa, trabalhas sozinha? como é que funcionas dentro da equipa?

E9: Eu trabalho numa equipa sendo que depois cada pessoa tem as suas funções, fui destacada mais para esta área, pela minha formação mas portanto trabalho na equipa, tenho, temos, é polivalente, temos uma psicóloga, a minha coordenadora, as minhas coordenadoras são assistentes sociais, outra assistente social, temos também a vertente da animação e basicamente é isso.

I: E dão-se bem?

E9: Sim, (sorri) só mulheres, é complicado.

I: Eu fiz uma entrevista em que eram todas mulheres e davam-se todas muito bem.

E9: Pois (sorri).

I: Pelo menos foi o que ela disse

E9: Nós damos nos bem, temos é muita diferença a nível de contexto, portanto é no sentido que eu sou a mais nova…não, eu sou a mais nova lá, não, sou a segunda mais nova portanto abaixo de mim, entre aspas, só está a estagiária que chegou mais tarde e portanto eu ainda sou muito nova na equipa, tamos a falar duma equipa em que a maioria das pessoas tao lá há mais de dez anos e portanto já existe uma forma de trabalhar muito própria, sim.

I: Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional? Qual é a importância que tens na instituição e que efeitos é que provocas nos colegas e nas pessoas com quem trabalhas? Se sabes dizer assim mais ou menos.

E9: Confusão principalmente porque ninguém percebe porque é que eu insisto tanto a fazer determinadas atividades com eles e penso que não tenho bem noção do que é que é a figura profissional do educador.

I: Que tipo de atividades é que fazes?

E9: Principalmente técnicas de educação não formal, portanto faço dinâmicas, outro dia só para dar um exemplo fiz um leilão de capacidades na oficina de emprego e provavelmente se fosse uma colega minha a aplicar faria uma ficha e eles iriam só escrever as capacidades e ficava por ai e eu acho que o nosso curso nos mostrou, eu fui muito incentivada a fazer as coisas de maneira diferente, portanto sempre de tentar ser

criativa e tentar de ser diferente. Não sei até que ponto isso é visto pelas minhas colegas como…

I: Positivo…

E9: Sim como positivo, como às vezes pode ser visto por falta de profissionalismo, podem achar que estou a brincar com eles e que não estou a fazer realmente algo importante.

I: E a nível das pessoas?

E9: A nível das pessoas adoram-me, sim, modéstia à parte é verdade, é verdade eu estou a dizer isto porque as coisas funcionam muito bem, não funcionam muito bem a nível da organização geral, não consigo fazer tanto como queria, pronto mas a nível das dinâmicas em específico que eu utilizo funcionam bem.

I: E qual é a perceção que, por exemplo as tuas coordenadoras têm do teu trabalho? Elas acabam por reconhecer que tu até fazes um bom trabalho e que até resulta ou não?

E9: Acho que, para já eu comecei a fazer isto há pouco tempo, portanto há pouco tempo é que me foi dado espaço para eu realmente começar então ainda acho que não têm grande visibilidade, elas reconhecem que sim, que as atividades correm bem e que eles estão satisfeitos, agora eu não sei bem quais são os objetivos deles, se calhar se eu conseguisse que dez deles integrassem um curso de formação profissional, elas ficariam mais satisfeitas…

I: Números.

E9: Exatamente.

I: Enquanto educador social qual é a tua perceção relativamente à tua entidade empregadora, em relação ao MAPS? Achas que tem abertura, relativamente ao tipo de trabalho que desenvolve e ao trabalho que tu queres desenvolver? Agora disseste desde à pouco tempo começaste a ter mais liberdade, porque tiveste iniciativa de ter liberdade ou porque te lembraste o porque te deram e não te davam antes?

E9: Porque fui escalando, digamos assim. Por um lado existe abertura, sim, sou incentivada e até às vezes levo na cabeça, entre aspas, por não fazer mais, mas por lado a rotina da instituição é tão antiga, digamos assim. No sentido de ser algo já muito rotineiro que é difícil fugir porque existem sempre tarefas que aparentemente são prioritárias portanto se aparece alguma coisa que é preciso fazer logo pois eu sou destacada para ir fazer isso e depois claro que a parte das atividades e da criatividade é posta de lado e eu às vezes estou cansada para ser criativa, às vezes não sinto mesmo esse espaço mesmo dentro de mim, não é?

I: Recomendavas esta profissão a alguém? O que é que dizias?

E9: (sorri) Só recomendava a determinado tipo de pessoas, com o perfil de muita perseverança (sorri) e sim e capacidade de empatia e de compreensão e de observação de contextos diferentes e principalmente de adaptação e flexibilidade e pessoas muito criativas porque não recomendaria esta profissão a qualquer pessoa.

I: Atualmente há muitos educadores sociais.

E9: Há, há muitos, pois, na prática não sei como é que será o trabalho mas pronto.

I: Já falaste um bocadinho das caraterísticas que cada um deve ter.

E9: Sim.

I: Nesta questão que respondeste. Queres apontar alguma que aches que deve ser importante para um educador social, a nível pessoal profissional ou social?

E9: Sim, a consciência, por isso a prática também ser muito importante e às vezes nós termos a noção, falo por mim, para mim foi importante viajar e conhecer contextos diferentes, projetos diferentes e realidades diferentes porque se ficamos muito fechados na nossa, só na nossa realidade, é difícil se calhar depois lidar com determinados contextos e não fazemos exatamente o que os outros técnicos fazem, para mim não é o objetivo (sorri).

I: Vou dizer aqui umas quantas caraterísticas e queria que me dissesses se achas que são importante ou não para um educador e porquê. Criativos já falaste um bocadinho, é importante por causa do trabalho e de ser inovador. Dinamizador?

E9: Também, sem dúvida alguma, se nós não tivermos energia para dinamizar um grupo, uma comunidade, dificilmente conseguimos tirar algo dela.

I: Manipulador?

E9: De certa forma temos de ser todos um bocadinho, sim. Temos de saber manipular no sentido de saber levar as pessoas a encontrar aquilo que gostam de fazer, aquilo que podem fazer, sim, nesse sentido manipulamos um bocado sim (sorri).

I: No sentido de elas descobrirem, de as levar à consciência crítica... Planeador?

E9: Também é muito importante, a parte da organização, é muito importante mesmo, e sabermos principalmente estarmos conscientes porque é estamos a fazer as coisas e se não tivermos um bom planeamento e uma boa organização é fácil perdermo-nos.

I: Autoritário?

E9: Não me parece que seja uma boa ideia (sorri), não me parece que seja uma boa ideia, dificilmente depois isso leva à participação, não é? Leva mais ao medo e sim, até se calhar temos vinte pessoas numa sala para fazermos bonequinhos mas eles estão lá se calhar por dever não é? E não porque querem mesmo estar, então o autoritário não me parece uma boa ideia.

I: Pertences a alguma associação cívica, cultural, desportiva, restritiva ou religiosa neste momento?

E9: Sim pertenço, a uma associação que é uma associação de bagagem de vida que é para integração e para desenvolvimento portanto é mais a nível social.

I: E pertences ao ISU ainda?

E9: E pertenço ao ISU ainda sim, o ISU já faz parte.

I: De que forma é que achas que isto contribui para o desenvolvimento das tuas competências?

E9: Para já porque posso ir buscar mais conhecimentos, partilhar e sobretudo receber não é? Entre aspas de outras pessoas e poder receber de perspetivas e muitas vezes serve para, no caso do ISU serve para refletir sobre a minha ação e é importante às vezes parar e refletir sobre coisas que no dia-a-dia não fazemos.

I: E a nível de voluntariado? Estás agora a fazer alguma coisa?

E9: Sim é o ISU e a bagagem de vida.

I: Que tipo de atividades é que tu fazes quando estás a fazer voluntariado?

E9: Neste momento faço aquelas que eu não gosto de fazer, por necessidade mesmo, porque estou a coordenar o projeto lá na associação da bagagem de vida e isso implica trabalho legístico que eu odeio e eu por mim, o projeto é com miúdos e com famílias e eu por mim estava a fazer atividades com miúdos mas não posso porque tenho que tratar de montes de papelada e é terrível, por isso neste momento estou a fazer trabalho voluntário que não gosto. No ISU já gosto mais porque é a parte da formação. Eu faço parte da equipa de formação, sim.

I: Já agora, que tipo de formações?

E9: De voluntariado.

I: Formação para o voluntariado?

E9: Sim, sim.

I: Tendo em conta o panorama que nós estamos a atravessar de crise, o que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual é que vai ser o papel dos educadores sociais, daqui a uns anos, daqui a um ano ou menos…?

E9: Pois, continua sempre a ser o mesmo no sentido que acho que é um papel facilitador, portanto vai acompanhar a mudança social, não é? E ao mesmo tempo vai, não só acompanhar mas promovê-la, portanto muita parte da consciencialização das pessoas e na minha perspetiva um bocado de ser realista mas manter um bocado o idealismo e puxar mais para as potencialidades do que para as partes negativas não é?

I: Mas achas que vai haver mais precariedade, mais trabalho para os educadores?

E9: Há nesse sentido?

I: Nesse sentido

E9: Depende do que, dos nossos limites não é? E eu neste momento não teria trabalho proval… não sei, talvez teria mas eu há dois anos, em Agosto há dois anos eu não teria

trabalho se eu não tivesse aceite o trabalho de ajudante familiar não é? Portanto isso depende um bocado dos nossos limites, eu pensei que era uma boa forma de conhecer o contexto daquela população, daquela comunidade, daquela instituição e pensei "porque não? Vou experimentar não vou morrer por lavar pratos e lavar o chão durante uns meses" e foi isso que eu fiz e portanto depende um bocado, isso depende da própria pessoa não é?

I: E achas que se a situação piorar a nível da sociedade que o profissional vai ser finalmente reconhecido ou vamos ser mais uma vez postos de lado?

E9: Podemos ser reconhecidos, depende muito da nossa ação, eu acho. Se realmente…E acho que de certa maneira somos, não da mesma forma que tão explicita mas o que interessa no fundo é o reconhecimento por parte das comunidades com que trabalhamos e isso eu tenho vários exemplos de colegas minhas que trabalham com pessoas que reconhecem o trabalho e eu acho que aí é que é o mais importante.

I: É gratificante.

E9: Sim, não é as entidades reconhecerem ou termos uma Ordem, não, no fundo é as pessoas, se nós vermos que as pessoas estão satisfeitas, então estamos a fazer um bom trabalho.

I: Dizes que foste para o MAPS como ajudante familiar, foste para aquela instituição em particular porque te chamava a atenção? Porque tinha uma população que te chamava porquê? Ou porque foi a primeira que te apareceu à frente?

E9: Foi mesmo isso houve mas a sério, tinha acabado o estágio e sim andava à procura de trabalho mas nem tinha enviado grandes currículos ainda, e surgiu essa vaga e eu pensei "porque não? Vou experimentar, vamos ver" até pelo contrário, porque eu nunca tinha pensado em trabalhar com este tipo de população, sempre no curso havia imensa gente que fazia trabalhos sobre a toxicodependência e sem-abrigo e eu nunca tinha feito sobre esta área e… pois sobre o HIV exatamente, mas não, mas não me chamava nada, por isso pensei "olha, até agora nunca experimentaste, vai ver o que é que é" e foi isso, e assim.

I: E gostas de trabalhar naquela área?

E9: É uma área muito pesada, muito, muito pesada, acho que se vê níveis um bocado degradantes (sorri) do ser humano, isto falando a sério, e é difícil. Se gosto, tem coisas boas e tem coisas menos más, pois é difícil gerir o nosso… o meu dia-a-dia para mim é difícil gerir mas depois quando temos esses pequenos momentos, que são realmente gratificantes para mim vale a pena.

I: O que é que contribui mais para a tua satisfação pessoal ou profissional ao longo deste tempo todo que tiveste a trabalhar?

E9: Pequenas coisas, como eu estava a dizer. Sorrisos, por exemplo mudanças, pequenas grandes aliás, o fato de por exemplo em São Tomé eu ter feito formação com um grupo de jovens que queria construir um centro social e eu a saber que neste momento o centro social já está construído, isso é fantástico, por exemplo sim.

I: E agora neste trabalho em que te encontras, tens algum…?

E9: Neste trabalho são coisas muitos pequeninas portanto passa desde as pessoas acabarem uma atividade, por exemplo tiverem a experiência de fazer ioga, levei-os a um centro de ioga e depois quando acabaram disseram "ah nunca me senti tão leve, à tanto tempo que eu não me sentia assim tão bem", pronto isto é uma pequena coisa mas que é ótima, sim é muito bom.

I: Se te fosse dada a opção de escolha como é que gostavas de te profissionalmente daqui a uns anos?

E9: Eu nunca consegui fazer planos para muito tempo (sorri), sou um bocado esquiva nesse sentido. Gostava de me ver satisfeita com o trabalho e o que é que fosse que tivesse de fazer cá ou noutro sítio, ambiciono ir outra vez em projeto sem dúvida alguma, portanto o que poderia dizer em nome do sítio "gostava de estar em Cabo Verde daqui a cinco anos numa comunidade piscatória" por exemplo.

I: Estás à espera duma oportunidade?

E9: Não estou à espera porque no fundo ainda não mandei assim nenhum currículo, não tenho mandado, estou ainda a ver o que é que o MAPS vai dar (sorri).

I: Colocas a hipótese de ir por exemplo para o estrangeiro sem ser para essa parte de São Tomé, achas que é uma boa alternativa de profissional e de progressão da

carreira? Mesmo que não seja para ti, para colegas que estejam desempregados ou que estejam em condições precárias?

E9: Sim, quem pretende mesmo uma progressão da carreira, uma coisa assim mais estável, pois quem tem ambições assim mais materialistas digamos assim, o norte da Europa é sempre mais…

I: Apelativo.

E9: Sim, a mim não me apela absolutamente, portanto eu tudo o que for vai ser, acho eu até agora, vai ser para o sul provavelmente é voluntariado, sem progressão nenhuma (sorri), comer arroz com feijão todos os dias portanto eu não tenho, neste momento não.

I: Tens algum projeto, alguma ideia ou algum sonho que gostasses ainda de implementar enquanto educadora que tenhas tido no curso ou mesmo agora que tiveste a trabalhar, alguma coisa que gostasses mesmo de fazer em termos de um projeto ou de uma coisa assim parecida?

E9: Eu tenho feito tudo aquilo que tem crido no sentido que quando tenho um projeto normalmente implemento, pode correr bem ou mal, mas implemento não que fique só pelas ideias, tenho várias ideias que não implemento porque à partida sei que não vão funcionar não é? (sorri) mas tenho várias a nível de, pronto para cada sítio onde estou tenho um projeto em mente mas não será só meu, não é? Tenho uma ideia em conjunta, para o MAPS por exemplo agora o meu projeto que tenho para apresentar é haver uma formação contínua portanto que os utentes em vez de terem atividades soltas que possam ter mesmo um plano de formação sem ser as formações pagas e, não, mesmo o dia inteiro, tenham cinco dias por semana e dentro dessa formação utilizar técnicas diferentes, esse agora é o meu projeto vá, para o MAPS.

I: Por isso com tudo disseste aqui então achas que a profissão de educador social deve ser mesmo ligada a essa questão do trabalho que se faz no voluntariado? Por exemplo em África e mais trabalho mesmo no terreno. Achas que a educadora deve ser uma pessoa muito alta na vida?

E9: Não, eu acho que o educador pode ser…

I: Sim.

E9: Eu enquanto educadora não (sorri), não me vejo assim mas tenho a noção que há educadores muito bons por exemplo na maior parte da investigação não é? Na parte mais teórica, que não tanto no terreno. Eu acho que, eu acho que sim, eu acho que cada um deve também seguir aquilo que sente que é bom para mim. Para mim não, eu preciso de estar no terreno.

I: Não sei se queres contar uma história ou alguma coisa que queiras deixar ou algum comentário ou alguma sugestão?

E9: Não, acho que já falei de mais, eu falo muito.

I: Não falaste nada de mais, está tudo controlado, falaste de menos.

E9: Pois história não.

I: A nível por exemplo do trabalho que desenvolveste no ISU ou que desenvolves ainda, tipo as atividades que fazem ou mesmo agora no MAPS. Já falaste um bocadinho da parte da orientação, as pessoas correspondem ao que tu queres? Dizes que estão lá muitas delas obrigadas…

E9: Sim.

I: Notas que elas alguma vez ficam sem ser obrigadas ou estão sempre lá por obrigação?

E9: Sim, às vezes há atividades onde não são obrigadas portanto e aí sim estão por livre vontade, o que eu noto é que muitas vezes vão para as atividades com aquele ar de "ou não, estou obrigado" e depois passados dez minutos já estão com uma cara um bocadinho melhor, não digo rir mas sorrir.

I: E até gostam.

E9: Sim, acabam por gostar, o pior é começar.

I: Pronto da minha parte está tudo, não tenho aqui mais questões.

E9: Obrigada.

I: Obrigado eu.

E9: Espero ter podido ajudar.

I: Sim, queria só que me dissesses o teu ano de conclusão, é 2007?

E9: Sim.

I: E tens quantos anos?

E9: Vinte e seis. Eu conclui com vinte e um porque eu faço anos em Julho.

I: Eu conclui com vinte e dois e seguiu logo para Mestrado.

E9: Exato.

I: Mas tu agora entraste este ano e pediste equivalências?

E9: Sim foi este ano, mas estou atrasada na minha investigação, céus?

I: O que é que estás a investigar?

E9: Estou a fazer história de vida, porque gostei muito da altura em que fiz.

I: É sobre o quê?

E9: É sobre a emigrante brasileira cá em Portugal que passou pelo trabalho sexual, que saiu, portanto foi prostituta durante algum tempo e depois saiu. É uma mulher que eu admiro imenso e pronto, queria fazer imenso a história de vida dela, não sei se vou conseguir este ano (sorri) está um bocado complicado.

I: Tens muito trabalho?

E9: É muita coisa e acabo por estar envolvida em muita coisa e o dia tem vinte e quatro horas (sorri).

Fim da entrevista!

Entrevista nº10

Data de realização: 18 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Autarquia de Tavira

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Entrevistado nº 10: É muito extensa?

I: Depende do percurso profissional, do que já tiver feito, cada pessoa tem depois a sua história. Já tem um bocadinho de noção do que trata o estudo? É sobre a realidade do educador social no Algarve.

E10: Eu lembro-me de ter visto um *email*, acho que foi um dos primeiros contatos que tivemos e acho que a Rute genericamente escreveu lá os objetivos.

I: O que eu pretendo é precisamente estudar e ver onde há educadores a trabalhar, o que estão a fazer por este Algarve fora… tenho aqui um guião com vários blocos, o primeiro é relativamente à escolha do curso, porque é que foi para este curso? Quais foram as principais razões? Foram pessoais, sociais, influências?

E10: (sorri) Não da minha parte foi algo assim fora do normal. Eu não perspetivava qualquer entrada a nível da universidade, pensava acabar o 12º ano e integrar-me profissionalmente, até porque a minha mãe tinha algumas dificuldades financeiras na altura, e foi mais por influência de um grande amigo que se prestou a todo aquele processo de candidatura e que fez grande força para que eu me fosse candidatar e até foi algo extraordinário porque eu fui fora do período de candidatura, ou seja, fui no dia seguinte em que já estava o estudo fechado e ele próprio prestou-se a contar a história à pessoa que lá estava a aceitaram a candidatura e foi dos primeiros cursos que nós falámos e ele me disse assim genericamente e eu para ser muito sincero nem tinha muito ideia do que se tratava e foi a primeira opção e foi a que entrei e foi uma grande, mesmo assim embora tenha entrado para mim não constituiu grande alegria na altura porque a minha perspetiva de vida era outra. Mas depois de muita força, depois de muita motivação que me deram lá fui e o certo é que gostei e continuei (sorri).

I: No 12º já agora qual era a área em que estavas?

E10:A minha área não tinha nada a ver com esta também. Eu alterei tudo assim…eu sempre gostei muito das matemáticas, estava na área da economia e sempre tive aquela perspetiva dos números que era completamente ou pelo menos bastante oposta da vertente das letras.

I: Então porque é que o seu amigo decidiu esta área?

E10: Porque eu na altura se quisesse eventualmente seguir economia ou gestão, eu tinha de ter tido nota mínima a matemática, e embora eu tivesse boas notas no currículo até ao 12ºano quando cheguei à prova ela não me correu nada bem e então não tinha nota mínima, ou seja, para aquela vertente eu não me poderia candidatar….Eu como não me pensava candidatar de qualquer forma tudo bem, acabei não é? E então foi, ele andou vendo dentro das disciplinas que eram pedidas, quais eram aquelas que me permitiam candidatar e eu tinha boas notas, não é? A outras disciplinas que me permitiram entrar neste curso (sorri).

I: Quais eram as tuas expetativas quando entrou no curso?

E10: Não tinha grandes expetativas, não sabia muito honestamente o que é que o curso tratava. Achei que tinha um nome muito caricato na altura "educação e intervenção comunitária" que podia dar para tudo e mais alguma uma coisa que lá caberia e só mesmo à medida que eu fui frequentando as aulas, que fui dialogando com alguns professores, tive a oportunidade de conhecer alguns colegas que entretanto já estavam a frequentar o curso é que fui formando alguma ideia relativamente, porque eu fui mesmo às cegas.

I: E à medida que foi passando o tempo do curso foi criando algumas expetativas? Quais foram? Eram altas?

E10:Nós na altura começaram-nos a dizer e realmente batia certo com a realidade que era um curso que havia grande hipótese de integração no mercado de trabalho porque na altura ainda estávamos muito naquela fase inicial não é? Mas que também por um lado foi assim um pouco flutuante porque houve grandes alterações no curso, nós próprios que já não eramos os primeiros tivemos alterações curriculares, houve aquela situação do curso começar a ser bietápico, que na altura em que eu entrei era só um bacharelato,

depois tivemos disciplinas que já não seriam aproveitadas e outras que foram…tivemos de fazer ali uma reconversão não é? Mas fomos criando alguma expetativa e até do gosto que fomos tendo das matérias que iam sendo trabalhadas que realmente era aquilo que nós perspetivávamos para o nosso futuro.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso? O que é que gostou mais?

E10:O facto de poder auxiliar ou pelo menos tentar que as pessoas potenciassem o seu desenvolvimento, para mim foi bom porquê? Porque como eu disse inicialmente, eu embora tenha tido na minha vida um percurso que economicamente os meus pais tiveram um período muito bom mas houve uma altura em que as coisas deram a volta e nós ao recorrermos a determinadas prestações sociais, a determinados benefícios que poderíamos ter, sempre fomos, eu não diria maltratados mas de uma forma aquele relacionamento, por exemplo eu próprio quando me candidatei às bolsas de estudo na universidade a forma como fui abordado acho que aquilo foi uma atrocidade, a senhora chegou-me a perguntar se eu tinha espaço no quintal mínimo que nós tínhamos para plantar tomates e batatas e que rendimentos é que podíamos ter ali daquilo, ou seja fomos literalmente encostados à parede não é? E eu sempre tive aquela perspetiva que é, eu gostava de pelo menos de outras pessoas que tivessem naquela situação pelo qual eu já passei, poder dar uma resposta mais assertiva e outro encaminhamento às situações e um tratamento devido às pessoas e sempre foi isso que eu tentei primar no meu trabalho. Apesar de poder desenvolver e trabalhar com determinadas temáticas não é? Que nós temos essa oportunidade não é? Sempre tive compromisso que o relacionamento que eu tivesse com as pessoas que fosse algo que a pessoa fosse devidamente tida em consideração e que eu pudesse ajudá-la ao máximo.

I: A minha irmã também passou por uma situação parecida na bolsa, a senhora perguntou se ela tinha uma hortinha porque não tínhamos dinheiro para estar na universidade, então foi uma situação parecida.

E10: E depois também houve outro episódio que foi pediram-me o IRS e eu não levei cópias e a senhora achou aquilo muito estranho, uma coisa tremenda e eu o que disse se teria a possibilidade de tirar cópias que eu até pagaria e ela então a muito custo foi tirar cópia só que em vez de pôr a folha na parte de cima pôs na parte de baixo ou seja o IRS ficou completamente queimado, em preto e deu-me uma desanda tremenda, quer dizer

ao fim ao cabo ela é que fez aquela situação mas a culpa era minha e reflectia-se em mim, agora aquilo ficou-me tão mal e isso ficou-me tão mal, já para não falar noutras que antecederam.

I: E os motivos de insatisfação relativamente ao curso o que é que aponta?

E10: Eu por assim dizer, não posso dizer que tenha tido momentos de insatisfação…é claro que aquelas alterações que foram feitas por exemplo ao nível do currículo que não seriam as ideais não é? Para nós até para um processo pacífico ou mais assertivo, mas não tenho propriamente algo assim a apontar em termos de insatisfação.

I:Eu fiz um questionário antes da fase das entrevistas e os principais motivos apontados pelos educadores foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três há algum em que se veja mais?

E10: Eu acho um…bem tem a ver com o momento em que nós estamos que é a questão da progressão na carreira, eu porque estou na função pública e neste momento falo da questão dos congelamentos, é claro que em termos de motivação é sempre complicado mas eu também tenho a perspetiva inversa que é nós não podemos basear apenas a nossa motivação em fatores económicos não é? Porque há muita gente a ganhar menos do que nós e nós lidamos com essa realidade todos os dias e não é por isso que não estão satisfeitos e que não fazem um bom trabalho. Não é por haver pouco dinheiro que nós não podemos fazer projetos interessantes e que realmente tenham resultados bons e eu tento sempre encontrar o outro lado de equilíbrio nas determinadas situações por isso é que quando me falam em satisfação para mim acaba por não ter assim grande relevância porque tento sempre compensar o outro lado, não é? Tento sempre ver essa vertente.

I: Exato. Durante a licenciatura participou nalgumas atividades extracurriculares, por exemplo formações seminários, *workshops*?

E10: Eu participei nas que ia tendo oportunidade e que via que realmente podiam ter um reflexo e produzir desenvolvimento de competências e que seriam úteis mais tarde, sim. Também é verdade que fiz algumas para encher currículo não é? Porque na altura nos diziam "vão a formações e etc.". Pronto fiz algumas coisas.

I:Lembra-se de alguma coisa mais específica?

E10: Algo em específico? Eu lembro-me por exemplo que na altura havia o JVS que era os jovens voluntários para a solidariedade que era um programa do IPJ, em que nós depois do estágio curricular que fizemos na altura era em Faro na Horta da Areia e também já no âmbito do realojamento, etc., de habitação social e que achámos aquilo tão interessante o trabalho que se andava a fazer na altura e que ficámos e que até fomos por essa vertente desse programa e que nos ajudou bastante digo, neste caso até era eu e mais outros colegas, mas falando em mim porque depois mais tarde foi a área em que eu fui encontrar ao nível da integração profissional e que já me deu assim um alargar de horizontes para o que eu poderia vir a encontrar não é?

I: Então acho que contribuíram para a sua inserção no mercado de trabalho ou pelo menos para ter estas bases?

E10:Eu acho que sim ou até mesmo para que eu soubesse em concreto aquela área em que eu gostava mais de trabalhar e como já tinha experienciado anteriormente foi mais fácil para mim ficar mais neste âmbito da gestão do parque habitacional. Sabia que tinha já algum gosto não é? Já alguns métodos de trabalho que poderia desenvolver e algumas ideias do que eu gostava que viesse a ser concretizado.

I: Sente necessidade de mais formação nesta área da educação social ou noutras áreas? Por exemplos cadeiras, licenciaturas, mestrado… sente ou sentiu ou tem sentido necessidade de mais formação além da dada no curso?

E10: Foi engraçado que eu no outro dia fui a um seminário que foi organizado pelo mestrado do curso, até porque é interessante nós também irmos reciclando alguns conhecimentos e vermos como é que as coisas têm vindo a ser desenvolvidas e a dada altura um professor nosso que se tornou meu amigo disse-me "ah então porque é que não vens agora fazer o mestrado, porque já tens agora alguma facilidade com esta questão do Bolonha e etc."...eu sou muito honesto, eu para mim neste momento de acordo com o desenvolvimento profissional que eu tenho vindo a ter dentro da câmara, o mestrado para mim não vejo como se constitui-se uma grande mais-valia para o trabalho que eu tenho vindo a desenvolver, para mim era mais interessante algumas formações, alguns encontros, alguns debates com outras pessoas que têm vindo a trabalhar também nesta área e que nos permitissem abordar determinadas temáticas para

ver determinadas boas práticas, determinados erros que têm vindo a ser cometidos nesta área do que propriamente ir mais por essa via académica que também é uma hipótese não é? Mas que neste momento interessa-me mais, para mim é mais profícuo do que a outra parte que pode ser desenvolvida.

I: Sobre o funcionamento geral do curso tem alguma coisa a dizer? Além daquela parte do currículo que estava sempre a ser alterado achas que o curso funciona mais ou menos?

E10: Eu acho que sim e dentro…e até digo por colegas meus que já tinham outra perspetiva completamente da minha não é? Que candidataram-se até sabendo alguns deles o que é que concretamente iam fazer, que não foi o meu caso mas pronto (sorri), mas acho que sim, acho que não temos assim grandes factores a apontar.

I: E ao nível de atividades que o curso organiza…no seu tempo organizavam algumas? Agora tem conhecimento?

E10: Eu ultimamente não tenho tido assim grande *feedback* mas na altura realmente nós tentávamos ao máximo dinamizar até para termos algum reconhecimento porque muitas das vezes o grande obstáculo que nós encontrávamos era quando íamos a algumas entrevistas e ninguém saber o que era educação e intervenção comunitária não é? E toda a gente perguntava "mas isso tem alguma coisa a ver com assistente social?" E nós tínhamos de estar a fazer aquele grande discurso e tal e que aquilo era assim e assado mas ultimamente não tenho tido assim conhecimento…

I: E o que é que faziam na altura?

E10: Nós na altura tentámos fazer encontros com alguma entidades que podiam ser potenciais empregadoras para tentarem de certa forma publicitar não é? O curso e quais podiam ser as perspetivas de trabalho ou as áreas de trabalho que nós podíamos vir a desenvolver, o certo é que já tinha sido algo que se tinha vindo a desenvolver com os colegas dos anos anteriores e aquilo foi tendo algum reflexo e também ajudou depois o facto de nós encontrarmos determinados colegas que já estavam inseridos ou que pelo menos já tinham tido aquela primeira fase de partir pedra não é? E já ajudou bastante à nossa integração.

I: A nível da qualidade dos docentes? Tinham qualidade?

E10: Pronto isso é como tudo não é? (sorri) Mas eu acho que as coisas evoluíram muito a esse nível. Tenho pena também de ter visto professores que na minha opinião tinham grande qualidade e grande preocupação nos conteúdos terem em certa forma postos de lado porque havia ali quintinhas não é? Havia ali rivalidade. Para mim algo que me chocou, já para não dizer a cadeira que foi dada por alguém que estava na coordenação do curso, era nós estarmos a defender a tese e essa pessoa estar literalmente a dormir não é? Temos situações destas e depois durante as aulas mandava-nos fazer recensões criticas sobre determinadas livros porque via-se que aquilo era só mesmo para não estar a fazer nada…agora isto é como tudo, em tudo na vida há pessoas que se preocupam mais e também há pessoas que se preocupam menos nós temos é de saber compensar a outra parte mas acho que as coisas evoluíram muito e pelo menos do conhecimento que eu tenho tido, que essa realidade é um pouco diferente da que eu tinha na altura (sorri).

I:Ao nível da qualidade da formação também está satisfeito? Tem alguma coisa a dizer? Está satisfeito?

E10: Da qualidade da formação de quando estava no curso…não, não tenho nada a dizer, acho que foi o melhor que na altura nós podíamos encontrar, foi uma altura assim mais inicial mas acho que foi dentro do possível viu-se que havia ali um esforço para tentarmos sair o melhor preparados e que daí depois também se viu não é? Que havia determinados aspetos que necessitariam de ser trabalhados em projetos futuros.

I:Já falou um bocadinho do plano de estudos, que teve alterações…acha que havia alguma cadeira que era necessária que não teve? Ou que houve alguma que teve que não devia ter tido? Independentemente de como está agora, na sua altura como é que…

E10: Na minha altura eu acho que devíamos de ter tido um pouco mais de prática. Havia já algumas vertentes de prática mas poderíamos ter tido um pouco mais…houve algumas que nós vimos em termos de determinados contextos de trabalho não tinham aplicação, mas isso também tem muito a ver com as saídas que as pessoas procuram não é? De acordo com o que eu faço neste momento, se calhar algumas cadeiras que tive não me disseram muito, mas se calhar outros colegas meus que estão integrados em outro contexto de trabalho se calhar para eles dirão não é? Há aqui uma determinada subjetividade nesse aspeto. Eu de certa forma acabo sempre por aproveitar determinados

aspetos que aprendi aqui ou ali, não posso por assim dizer que houve uma cadeira que aquilo não me disse nada ou que não aproveitei nada, acho que não chegaria a tanto.

I:Há muitas pessoas que quando estão a responder à entrevista falam da questão dos professores não terem experiência de campo, que conhecem a teoria mas que não têm essa experiência, também é dessa opinião?

E10: (sorri) Eu sou um pouco dessa opinião mas acho que em certa parte tivemos ali um ou outro professor que via-se que tinha alguma experiência a esse nível e souberam aproveitar não é? Essa experiência que tinham para nos transmitir determinados conteúdos... Agora no meu caso temos de ver que era um curso novo não é? Havia ali determinados aspetos que não houve oportunidade de ser trabalhados de outra forma mas via em determinadas pessoas ou professores melhor dizendo, que embora tivessem essa vertente mais teórica uma preocupação em desenvolver futuramente mais a prática, pelo menos acho que foi positivo da parte deles saberem admitir…por exemplo nós tivemos professores que no final do ano souberam verificar que se calhar se tivessem transmitido aqueles aspetos de determinada forma não é? Ou se tivessem sido conjugados com uma vertente mais prática não é? Tínhamos tido outros resultados, acho que é positivo também quando a pessoa faz esse balanço não é?

I: Qual tem sido o seu percurso profissional desde que terminou a licenciatura?

E10: O percurso profissional tem sido câmara (sorri) tive a sorte de…na gestão do parque habitacional, ligado à parte da habitação social…desde o estágio profissional que fiz que foi a forma como inicialmente integrei, depois os contratos etc. que tive, avenças, depois agora já na vertente do quadro, sempre tive nesta área da gestão do parque habitacional e aqui em Tavira, tive essa sorte por assim dizer não é? (sorri)

I: E quais têm sido as suas funções? Têm sido mais ou menos as mesmas? Têm-se alterado?

E10: Têm sido as mesmas, temos vindo a desenvolver algum trabalho não é? Que na altura não se fazia, até porque o parque habitacional cresceu bastantes, na altura era mais reduzido e neste momento já temos cerca de duzentas habitações a nosso cargo e temos vindo a desenvolver alguns instrumentos que nos permitem estarmos mais no terreno e não tanto sentados à secretária, porque acho que o nosso trabalho é precisamente com as pessoas não é? Não estamos aqui… mas por assim dizer a área tem

sido sempre a mesma, embora esteja integrado numa divisão em que trabalhamos também com outras situações não é? No âmbito da ação social etc., tentamos sempre complementar e ajudar o trabalho dos outros colegas. Mas se eu tivesse de descrever as minhas funções essências desde que entrei até agora diria que é mesmo no âmbito da habitação social.

I: E que tipo de atividade é que desenvolve?

E10: Nós por exemplo agora mais concretamente estamos a desenvolver o que nós chamamos a monitorização do parque habitacional, ou seja, é uma atualização de todos os processos, uma verificação de todos os agregados, as suas necessidades, as habitações em que estão integradas, se estas integrações neste momento…até na opinião deles, nós tentamos sempre que seja um processo bastante participativo e que seja ouvidos…se são as mais corretas, se podemos potenciar outras situações, se por exemplo a nível futuro. Eles pretendem que sejam desenvolvidas algumas atividades para desenvolver algumas competências que neste momento consideram que não têm e que até podem vir a ajudar na integração profissional, ou seja, estamos a tentar trabalhar muito com estas pessoas numa vertente tanto de atualização de dados, mas que essa atualização não encerre por si só uma caraterização que muitas vezes fica esquecida numa prateleira não é? Que venha a ter frutos e que venha a ajudar realmente estas pessoas, que venham a ter uma maior qualidade de vida, um maior bem-estar, uma integração profissional que algumas não têm, uma perspetiva de vida e que não seja só aquela da subsidiodependência, temos estado a tentar trabalhar essas questões.

I: Então estão a tentar aliar essa parte da atualização com um diagnóstico?

E10: Sim! A ideia é mesmo tentarmos fazer um diagnóstico e que este diagnóstico venha a ter medidas concretas, tanto ao nível do património que às vezes é uma grande preocupação que se tem não é? Mas ao nível da população.

I: Há quanto tempo é que está a trabalhar aqui na câmara? Há quantos anos está aqui?

E10: Desde 2001.

I: Desde 2001…já tem notado alguma alteração, alguma mudança nestas pessoas?

E10: Eu diria que sim. Diria que sim porque quando eu cheguei à câmara foi uma altura em que houve grandes restruturações ao nível da ação social, era um gabinete que existia há certa de vinte anos mas que nunca tinha tido concretamente técnicos formados nesta área, era mais o técnico profissional, o administrativo que era destacado e que fazia-se uma atualização do processo daquele pedido de candidatura, depois a pessoa era integrada em habitação social e pronto, o fim era atribuir-se a casa à pessoa, quando nós sabemos que há ali…não resolve nada entregar só a casa à pessoa não é? Porque temos de ver as outras temáticas, também têm vindo a ser trabalhadas…agora perdi-me desculpa…

I: Tinha a ver com a mudança…

E10: Ah a mudança ok…e nós tivemos uma grande preocupação em acabar em certa forma com alguma subsidiodependência que estava instalada ou seja, as pessoas vinham à câmara, pediam tudo e mais alguma coisa e tudo e mais alguma coisa era conferida não é? E vimos que aquilo não era a forma mais adequada de se trabalhar e vimos que não se estava a fazer concretamente nada com as pessoas. Havia pessoas que passavam dificuldades, tinham problemáticas associadas e nada disso era efetuado e nós começámos a desenvolver e a trabalhar em parceria com algumas entidades, a desenvolver alguns projetos, que na altura tivemos a sorte de haver financiamentos também não é? Para esses projetos e acho que de acordo com esse trabalho que tem vindo a ser desenvolvido ao longo desses anos temos pessoas mais ativas, pessoas mais conscientes para determinadas situações da sociedade e que se preocupam realmente em ter uma qualidade de vida, em ter um futuro melhor, em que os seus filhos já não passem se calhar em determinados aspetos que eles passaram, que até então eram um pouco…nós por assim dizer chamávamos a "geração habitação social" que era eu tive habitação social, tive um filho, tenho subsidio, o meu filho vem à câmara e pede habitação social e vai ter aquele percurso de vida que eu tive…hoje em dia vemos que o ciclo está um pouco quebrado a esse nível não é? Nós já temos ou as pessoas já querem que o seu filho estude, que tenha outras oportunidades que não tiveram, que tenha um emprego, que tenha…ou seja já mudaram, sentimos que já houve aqui alguma mudança…agora sabermos que a mudança de mentalidades demora não é? Não é propriamente carregarmos num botão e já temos mas é um trabalho que acho que tem vindo a ser feito…

I: Por isso perguntei isso, se tinha notado alguma mudança, porque de 2001 até agora já passaram mais de dez anos, já têm tempo de ver alguma pequenina mudança.

E10:Sim, já, já, já! Já vamos tendo alguns resultados, já vamos.

I:Há muita gente que não tem ainda essa noção… Ao nível do salário tem notado também alterações desde que começou a trabalhar aqui até agora? Tem melhorado? Tem piorado? Tem-se mantido? Está satisfeito?

E10: Eu (sorri) eu estou satisfeito comparativamente outros setores não é? Visto que realmente colegas meus que não tão no público então, têm outras remunerações até. Agora evolução não tem havido muita, até porque eu apanhei uma fase em que as coisas já estavam mais complicadas, já apanhei estes congelamentos, etc. mas como eu digo é uma fase, é algo importante para a nossa vida não é? A nossa remuneração. Mas eu tento não me centrar apenas nesse aspeto…epá há pessoas por exemplo, eu tenho colegas que ficam frustrados pelo simples fato de em cinco anos não terem subido de categoria ou de não sei que e levam-se a lamentar naquilo…acho que não é o central nestas questões.

I: Devem orientar as suas energias para outros lados (sorri)

E10: Para outras coisas porque nós se nos vamos centrar nessas coisas temos N coisas durante o dia que nos frustram não é? E realmente se fosse assim nem sei sequer saiamos de casa (sorri).

I: Pois. Na sua opinião a formação que recebeu no curso está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Dá uma preparação para o mercado de trabalho?

E10: Dá uma preparação para o mercado de trabalho, é claro que como tudo que nós depois temos de vir a desenvolver determinados aspetos não é? Que achamos que vão ser necessários, mas isso é como tudo é impossível a nossa formação cobrir todas as vertentes… dá-nos uma base e depois de acordo com essa base nós vamos desenvolvendo em concreto não é? De acordo com aquelas, por assim dizer, entre aspas, aquela especialidade que nós queremos seguir.

I: Acha que os estágios curriculares são uma mais-valia e são bem estruturados e adequados para a preparação para o mercado de trabalho?

E10: Eu falo no meu caso. No meu caso foi, porque o estágio curricular que eu desenvolvi foi nesta área não é? E para mim constituiu uma mais-valia. Se calhar noutras situações poderão não ser não é? Mas no meu caso em concreto eu acho que foi.

I: Foi na Horta da Areia não é?

E10:Foi na Horta da Areia sim e foi na altura em que houve um realojamento e nós por assim dizer seguimos todas aquelas pessoas, fizemos todo aquele trabalho que a Câmara na altura deveria ter feito e delegou nesta fundação em que nós estávamos a fazer o estágio, que era a fundação António Silva Leal.

I: Por isso quando terminou o curso foi logo fazer o estágio profissional?

E10: Fiz logo o estágio profissional, aliás eu ainda nem tinha terminado o curso já tinha o bacharelato feito, não tinha terminado a licenciatura e já estava num estágio profissional.

I: E depois quando terminou o estágio ficou logo com o trabalho? Não teve assim muito tempo de espera?

E10: Não, não, fiz logo, tive logo a oportunidade de ficar a recibos verdes, e a partir dai…desde aí até agora posso dizer que se fiquei sem trabalho foi máximo dois meses, foi uma altura que tiveram de resolver uma questão contratual e desbloquear algumas verbal, se tanto, desde 2001 até agora.

I: Na sua opinião a presença dos educadores é importante nas várias instituições e na sociedade?

E10: Eu acho que sim, acho que é essencial (sorri) porque acho que nós viemos trazer outra perspetiva, outra visão sobre determinadas temáticas, centrar-nos muito na participação das pessoas, que é importante ouvi-las, que é importante perceber as suas reais necessidades e não às vezes aquelas receitas mágicas não é? Que se vinham passando e as pessoas tinham de cumprir e se não cumpriam era porque alguma coisa estava mal. Eu acho que a esse nível nós temos vindo a trazer alguma mais-valia, algum refrescar desta situação de trabalho.

I: E ao nível das IPSS's acho que são importantes para o educador social e que o educador social deve estar inserido nas IPSS's? Acha que tem importância ao nível político e social? Tem conhecimento de algumas que trabalhem com a câmara? Não sei se têm parcerias…

E10: Nós temos algumas parcerias sim. Eu acho que é importante nós estarmos na medida do possível seja no contexto público, seja no contexto privado, por assim dizer entre aspas, é importante independentemente de quem está a gerir, de qual a natureza da gestão da entidade em que nós estamos, eu acho que é importante o trabalho que nós temos vindo a fazer e que poderemos fazer.

I: E ao nível dos agrupamentos de escolas, acha que é importante também a presença nestes contextos?

E10: Acho que sim, embora e concreto não tenha assim conhecimento de colegas nossos que estejam integrados a esse nível, haverá de certeza.

I: Havia muitos colegas integrados ao nível dos GAAF'S gabinetes de apoio à famílias e…mas agora também já estão muitos a ser cortados por causa da falta de verba do governo.

E10: Nós também estamos a passar por isso, nós temos aqui um GAAF que tem como área de intervenção determinadas freguesias, mas no nosso caso foi mais com psicólogos e não tanto na área da educação social mas eu acho eu o nosso curso não está talhado para determinada entidade, realmente nós…a realidade é dinâmica não é? Há uma série de problemáticas que se pode sempre trabalhar e se tivermos oportunidade em vir desenvolve-la em qualquer entidade independentemente da sua natureza acho ótimo, desde que traga algumas mais-valias mas pronto.

I: Mas aqui a parte dos agrupamentos de escolas também está um pouco direcionada ao facto de serem crianças ainda e de ser pequeno que se deve fazer algum trabalho ao nível a família e se calhar a nível da relação com a escola, nesse sentido se calhar o trabalho do educador é importante…

E10: É importante é! Eu passei por uma fase em que inicialmente nós começámos o curso e diziam-nos que íamos trabalhar com crianças, depois houve outra fase radical que o educador social não podia trabalhar com crianças, depois no fim já podíamos

trabalhar com crianças outra vez…eu acho que o importante para mim é a família e que devemos ter em atenção todos os elementos da família. Agora focarmo-nos só nos pais e deixarmos os filhos acho que determinados aspetos vão sofrer e não vão ser devidamente trabalhados. Se trabalharmos só as crianças também e deixarmos de lado os pais, para mim também não resolve nada, acho que desde que tenhamos a perspetiva do todo e que na medida do possível que consigamos desenvolver esse trabalho ótimo!

I: Independentemente da maneira que for o importante é o todo.

E10: Sim eu acho que sim, acho que a mais valia vem daí não é? Conseguirmos atingir determinados resultados vem daí. Lembro-me de determinadas atividades que na altura era desenvolvidas só centradas em determinadas crianças e que às vezes até me lembro que pegava-se nas crianças para chegar aos pais mas depois acabava-se só por ficar nas crianças e os resultados que nós queríamos ter era nos pais, obviamente que aquilo não resultava não é? Lembro-me de situações destas que na altura nós discutíamos.

I: A profissão tem vindo ao encontro das suas expetativas?

E10: (sorri) Eu acho que sim. Acho que sim, das expetativas que eu fui formando não é? Depois de começar a frequentar, no meu caso sim. Eu sinto-me satisfeito com o que faço, aliás para mim é essencial acordar e pensar que vou trabalhar em algo que gosto não é? E que sinto que estou a contribuir para algumas mudanças, porque se fosse o contrário honestamente apesar de ter tido a formação nesta área tentaria fazer outra coisa.

I: E nunca pensou em mudar de área? Ou nunca teve outra área em que gostasse de trabalhar?

E10: N meu caso não. Eu sou muito honesto a dizer que no que faço foi o que comecei a fazer e é mesmo o que gosto de fazer… não quer dizer que num futuro não possa pensar e perspetivas outras áreas mas acho que é mesmo isto (sorri).

I: Relativamente ao seu contexto de trabalho, trabalha aqui na autarquia, na divisão da acção social. Ao nível da missão já falou que está na parte da habitação e de ajudar aquelas pessoas…ao nível de projetos disse que antes havia projetos, agora tem algum projeto?

E10: Nós agora temos um projeto por assim dizer que é o único que acabou por subsistir que veio do PROGRID, de uma candidatura ao PROGRID e que agora teve o apoio da segurança social através dos contratos locais de desenvolvimento social e que é desenvolvido aqui em parceria ou melhor em colaboração com uma entidade que é a fundação Irene Rolo que agrega todos os outros parceiros do concelho e que é um projeto assim de índole comunitária…trabalha não só com as pessoas dos bairros sociais, mas também com outras pessoas com carências. Isso para nós foi essencial porque às vezes também há essa vertente do trabalhar com os bairros sociais, trabalhar com os bairros sociais e esquecemos que a demais população também tem carências não é? E neste momento que me lembre é o único projeto que ainda está em vigor e que segue um pouco a linha de um projeto que foi anteriormente desenvolvido não é? E que tem vindo a trabalhar com os resultados que esse projeto teve.

I: Sem ser ao nível do parque habitacional, tem mais funções aqui na autarquia, na parte da ação social ou especificamente é mesmo só a parte habitacional?

E10: O parque habitacional abrange quase na totalidade as funções que eu posso desenvolver porque desde de questões práticas, depois há questões muito administrativas que nós temos de vir a desenvolver, por exemplo o calculo das rendas, trabalhar sobre rendas em atraso,…depois temos a vertente da gestão de lotes, das gestões de condomínio, em que temos de trabalhar com as pessoas, não é ajudá-las a desenvolver essas competências, é ajudar a que essas venham a ser desenvolvidas ou que funcionem, é assim muito geral e absorve-nos quase na totalidade, mas vamos também desenvolvendo outras situações, estou-me a lembrar por exemplo nas integrações em comunidades terapêuticas a nível da toxicodependência, tenho vindo a colaborar com uma colega minha nessa área mas no geral poderia dizer que 90% é a nível do parque habitacional.

I: A nível da equipa de trabalho…o trabalho é feito em equipa?

E10: Sim, com colegas com formação noutras áreas, eu sou o único educador social. Temos um assistente social, uma socióloga, uma psicóloga, investigação social aplicada, um curso da universidade de Beja também, ou seja somos uma equipa multidisciplinar e acho que a mais-valia também vem daí não é? Temos determinadas áreas diferentes de formação e diferentes perspetivas e tem vindo a ser um trabalho

engraçado que temos vindo a desenvolver e tem sido uma mais-valia com base nesse aspeto.

I: E conseguem trabalhar bem? Não há conflitos?

E10: Conseguimos trabalhar bem! Um colega que eu consigo desenvolver muito bem o meu trabalho é a assistente social e na altura havia muito esta questão das guerras entre os educadores e os assistentes sociais não é? Sabemos perfeitamente o trabalho que temos que desenvolver, conseguimos trabalhar muito bem e colaborar muito bem, não temos problemas tendo por base as formações, isso não.

I: Agora ao nível das perceções… qual é a sua perceção relativamente à sua figura profissional? Qual é a importância que acha que tem na instituição em que trabalha e os efeitos que provoca? Nos colegas, nas pessoas com quem trabalha no bairro…

E10: Puh é sempre complicado falarmos de nós próprios, inda mais na perceção que os outros terão do trabalhão que nós desenvolvemos mas modéstia à parte, eu diria que é positiva porque tento sempre no contexto institucional desenvolver mecanismos e desenvolver procedimentos que me possam ajudar não só a mim mas aos meus colegas, e que esses procedimentos possam facilitar o nosso trabalho e estou-me a lembrar agora de algo que nós estamos a desenvolver que nós chamamos a plataforma digital, que é algo que nos possibilita ter um atendimento integrado, ou seja, funcionava muito até então as pessoas virem falar connosco não é? Exporem determinadas situações e eu que era o técnico que calhava a atender nesse dia, pronto desenvolvia determinados procedimentos…no dia seguinte eu não estava e a pessoa vinhaça outra vez e a pessoa tinha de estar a repetir a sua historia de vida, tinha de estar a… e nós, o que é que nós perspetivamos? Perspetivamos essa plataforma não é? Onde nós fazemos o registo, onde os dados vão ser tratados de acordo com as problemáticas e depois permite fazer um diagnóstico mais tarde, e também logo numa perspetiva de caraterização de todo o contexto de habitação social para desenvolver atividades futuras e é algo em que eu tenho vindo a trabalhar não é? E estou mais ligado a essa área e acho que tem vindo a ter reflexos a nível interno. Já no contexto exterior relativamente à população alvo, na medida do possível também acho que é positivo porque eu tento encaminhar as pessoas, tento sempre ajudá-las em certa forma, tento sempre que eles vejam que eles são agentes no seu próprio desenvolvimento, também é importante não é? Não é tarmos só

aqui a tentar passar receitas e dizer "agora vai aqui e faz assim e assado, cozido e frito" não! Tem de se rever e que eles realmente possam potenciar as suas capacidades.

I: Há pouco falou que nota uma mudança nestes anos em que está aqui a trabalhar…acha que eles também têm noção desta mudança? As próprias pessoas…

E10: Eu acho que sim porque muitas das pessoas quando chegam até nós dizem-nos "pois anteriormente eu tinha esta perspetiva, pronto a reforma antecipada já estava, tinha chegado " por assim dizer. Mas realmente com aquelas conversas que nós fomos tendo, com aqueles casos que foram trabalhados eu fui vendo que se calhar era importante eu também fazer isto, ou então tentar chegar àquilo e para eles… eles foram vendo que era uma mais-valia para eles.

I: E ao nível dos superiores e dos colegas de trabalho. Fazem alguns comentários sobre o educador social? Sobre o trabalho que realiza?

E10: Eu acho que é bastante positivo, pelo menos aqui na câmara de Tavira é bastante positivo, até porque nós tivemos cá uma colega que desenvolveu cá funções que tinha precisamente a nossa área de formação e que chegou a chefe de divisão e viram que realmente a ação social teve outro rumo não é? Teve outras preocupações, teve outras perspetivas e desde então acho que por assim dizer ficámos com uma boa representação social (sorri).

I: A nível da sua perceção relativamente à autarquia, sente que tem abertura para quando ter fazer uma nova atividade ou um projeto, alguma ideia nesses programas que faz…sente que a autarquia lhe dá alguma liberdade nesse aspeto ou está sempre sujeito a muitas burocracias e tem sempre muitos entraves no só trabalho?

E10: Não. Eu desde que comecei a trabalhar até agora, posso dizer que conheci dois executivos na câmara de Tavira e tanto um como o outro, embora com diferentes dinâmicas de trabalho, embora com diferentes metodologias de trabalho têm tido uma grande abertura e uma grande preocupação com esta área social e nós até nos incentivam a propor, até nos incentivam a tentar desenvolver determinadas situações…Não temos propriamente, falo por mim e pelos meus colegas neste caso porque é um aspeto que às vezes nós conversamos, não temos propriamente aquele

sentimento que vamos ter obstáculos, ou que vamos…é claro que as situações propostas têm de ser devidamente fundamentadas não é? E é importante que tenham resultados concretos a atingir mas há uma grande abertura para que essas situações venham a acontecer.

I: Ao nível do trabalho realizado aqui na autarquia temos além do departamento da ação social outros departamentos? Desenvolvem também um trabalho com as pessoas? Quais são os principais departamentos?

E10: Nós neste momento temos mais a área financeira e administrativa, temos a área das obras e do ambiente e temos também a vertente jurídica educacional e social, está assim mais dividido, ele teve mais fracionado no passado mas neste momento está assim mais dividido…para dizer que até neste caso da ação social nós não temos direito a departamento, nós temos só chefe de divisão porque o próprio presidente quis ficar com esta área da ação social para estar mais diretamente envolvido neste trabalho.

I: E ao nível de mais educadores aqui a trabalhar noutras divisões ou noutros trabalhos?

E10: Na câmara? Neste momento sou o único que estou integrado na câmara de Tavira sim, havia outra colega mas neste momento ou o único. Minto! Temos uma colega que está na parte das obras e que está nas questões da higiene e da qualidade, que tem a formação da educação e intervenção comunitária mas que depois veio a desenvolver outro curso e foi integrada por via desse curso, mas mesmo como educador social neste momento sou o único.

I: Ao nível da satisfação pessoal e profissional, o que é que tem contribuído mais para a sua satisfação desde que começou a trabalhar?

E10: Eu acho que a possibilidade de propormos, de termos abertura e recetividade para propormos e de mudarmos algumas questões que no passado achámos que não seriam as mais correto ou que não estariam a ser trabalhadas da forma mais correta e isso para mim tem sido essencial porque permite-nos, pelo menos a mim, ter alguma motivação não é? Tentarmos resolver questões que achemos que sejam as mais corretas ou as que vão ter maior proficuidade.

I: Na sua opinião há alguma coisa que devesse ser feita para melhorar a nossa profissão?

E10: Não sei em concreto, eu acho que a formação académica está a ser devidamente orientada, nós necessitaríamos mais uma vez era a tal questão de marketing associado à nossa profissão porque embora já tenhamos muitos colegas e muitos trabalhadores com esta vertente, sinto que às vezes quando vamos para determinados contextos ainda há quem não conheça não é? Por exemplo o assistente social toda a gente conhece não é? Fala-se que eles até querem criar agora a Ordem dos assistentes sociais…se nós tivéssemos uma vertente mais de marketing associado ou uma maior divulgação, não sei como em concreto se conseguiríamos, teria de ser muito bem pensado, talvez ajudasse.

I: E a ordem? Acha que também era importante haver uma ordem dos educadores sociais?

E10: Eu acho que podia ajudar mas não vejo que por si só seja o essencial ou que seja por ai que a gente atinja algo mas podia ajudar não é? Para um futuro maior reconhecimento até. Mas acho que há outras questões, há outras situações que se calhar deviam ser trabalhadas para que se possa.

I: Como é que recomendava esta profissão a alguém? Que conselhos é que dava? Que avisos faziam? Que argumentos utilizava?

E10: Eu acho que quem quer que fosse para esta profissão deveria ter a ideia que se vai deparar com situações bastante complicadas, acima de tudo. E que às vezes é preciso nós termos não é? Eu não diria pré-requisitos, mas alguma sensibilidade para lidarmos com determinadas questões porque eu cheguei a ter colegas que eram muito bons e tiveram boas notas a nível académico e que depois na prática não conseguiam pura e simplesmente lidar com as situações. Eu acho que acima de tudo era as pessoas tentarem fazer um pouco essa avaliação, depois então se vissem que realmente achavam que teriam algum perfil, ótimo! Avancem porque nós queremos é quem colabore connosco não é? Quem contribua para que a sociedade seja um local melhor para todos nós.

I: Na sua opinião que caraterísticas específicas é que o educador deve ter? Pessoais, sociais, profissionais…

E10: Eu acho que o educador deve ser alguém que seja dinâmico, que saiba trabalhar em parceria, que se preocupe em estar atualizado sobre determinadas temáticas na qual trabalho, que saiba respeitar os ritmos e as necessidades das pessoas e não impor…eu acho que para mim são as caraterísticas essenciais e daí outras podem ser desenvolvidas, mas acho que estas sim, na minha opinião não é? Se se conseguir que estas realmente sejam assim já é ótimo, já é meio caminho para que as coisas possam...

I: Vou-lhe dizer qui algumas caraterísticas e queria que me dissesse se concorda ou não que são importantes para o educador e porquê? Criativo?

E10: Eu acho que sim, se nós não formos criativos morremos não é? Nós estagnamos. Para mim é essencial tentarmos sempre abordar, até porque determinadas coisas são feitas desta forma e se com alguma criatividade forem implementadas se calhar outros resultados terão.

I: Dinamizador. Também é importante?

E10: Sim acho que sim. Para mim é uma das caraterísticas essenciais! Aquelas pessoas que ficam estagnadas, que não tentam colaborar, que não tentam trabalhar em parceria, que não tentam mover, não é? Ou que não se apercebem pura e simplesmente que a realidade é dinâmica acabam, na minha opinião por não conseguir desenvolver um bom trabalho, até porque lhes falta logo aí essa parte.

I: Manipulador?

E10: (sorri) eu não concordaria tanto mas como um professor meu dizia, a democracia é muito boa mas há períodos em que se calhar tem de haver outras soluções não é? Para que as coisas avancem…se calhar em determinados contextos, em determinadas situações tem de haver um pouco de manipulação mas que seja por si só essencial eu não concordaria.

I: Por exemplo em que contextos acha que era importante a manipulação?

E10: Depende, por exemplo os fenómenos da toxicodependência é uma população que tem muito essa vertente da manipulação. Nós para podermos às vezes trabalhar com eles temos de ter um pouco aquelas caraterísticas que eles têm, para podermos chegar a eles. A partir do momento em que nós chegamos e eles podemos trabalhar de outra forma,

mas às vezes o discurso tem de ser conduzido de determinada forma e muitas vezes envolvendo determinadas questões da manipulação.

I: Planeador?

E10: Planeador para mim é essencial. Aquelas pessoas que chegam e em cima do joelho estão sempre a fazer as coisas…é uma vertente nossa! Nós portugueses temos um pouco essa…e não digo que às vezes não funciona mas se realmente nós conseguirmos planear as coisas de determinada forma acho que os resultados podem ser completamente diferentes.

I: Autoritário?

E10: Eu sou muito contra estas questões do autoritarismo. Para mim tudo o que for imposto não…acho que não…acho que é mais negociador por assim dizer, entre aspas, mediador, acho que é mais por aí do que por estas questões da autoridade e do autoritarismo que...

I: Que não devem estar relacionadas com o educador? (sorri)

E10: Não acho que não. Quem for por aí vai por um mau caminho na minha opinião (sorri)

I: Pertence a alguma associação, cívica, cultural, desportiva, religiosa, recreativa?

E10: Eu fiz parte na altura da associação "D'Agir" (??) que era a associação que foi criada no âmbito da educação comunitária, mas foi muito numa vertente inicial. Desde então não tenho vindo a desenvolver qualquer atividade junto deles, para ser honesto nem sei se atualmente ainda continuam a funcionar ou não…e aqui a nível local, mais no banco do voluntariado que tenho tentado dar o meu contributo.

I: Que tipo de voluntariado é que desenvolve ou desenvolveu?

E10: Mais em campanhas cívicas, mais nesse âmbito, campanhas ambientais, etc. tem sido mais nessa área, até porque já comecei a levar os meus filhotes nessa vertente para que eles também possam ter alguma perspetiva. Porque gostava de fazer mais não é? Todos nós, acho que gostaríamos mas também temos de saber gerir o tempo que temos com a nossa família, não é? Que acho que para mim também é importante. Não é só

estarmos embutidos em determinadas situações…mas acho que o tempo para a família é essencial.

I: Mas fazia voluntariado na altura do curso ou depois quando terminou?

E10: Fazia numa instituição aqui no concelho e fiquei com aquele bichinho e depois quando criámos o banco de voluntariado quis continuar a colaborar na medida das minhas possibilidades e é isso que o voluntariado é precisamente, quis continuar…

I: Quem é que leva o banco de voluntariado aqui em Tavira?

E10: É a nossa divisão também, a divisão da ação social.

I: Acha que isto contribui para o desenvolvimento das suas competências? O voluntariado e o ter pertencido à associação D'Agir (??)?

E10: Em determinada altura é possível que sim, acho que até me ajudou em determinadas questões mas eu neste momento faço mais por uma vertente pessoal do que profissional, nesta fase da minha vida acho que é mais nessa situação.

I: Passando para o último bloco…tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise que estamos a atravessar o que acha que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o papel dos educadores socias daqui a uns anos?

E10: Eu traçar aspetos futuros e é sempre complicado (sorri) acho que a situação esta difícil e acho que temos de tomar consciência que as coisas vão piorar durante algum tempo, agora.

I: Piorar na sociedade ou para os educadores?

E10: Piorar na sociedade ao nível económico-financeiro, etc. Para os educadores, eu acho e tenho muito aquela ideia que um bom profissional quando é bom profissional consegue sempre fazer o seu trabalho porque pode não haver dinheiro mas havendo criatividade nós conseguimos desenvolver determinados trabalhos por isso acho que um educador que tenha essa perspetiva pode ter algumas dificuldades de integração profissional, não digo que não, que o mercado de trabalho também está complicado mas quem vier a conseguir e se vier a ter essa perspetiva acho que pode por aí não é? Conseguir fazer alguma coisa. Agora a crise está aí como se costuma dizer (sorri) e as coisas tão complicadas mas é tudo uma questão de nós também nos sabermos defender

em certa forma, sabermos ter algumas perspetivas futuras que as coisas podem melhorar não é? Eu acho que parte de nós ultrapassar esta questão! Quem se resignar ao fatalismo aí de certeza que não vai conseguir fazer nada, não vai conseguir desenvolver nada mesmo a nível pessoal

I: E já há muita gente assim…

E10: Há, há e nós diariamente também nos deparamos com situações dessas…

I: E mesmo na nossa área de educadores sociais desempregados…como é que se vê profissionalmente daqui a 5 anos ou 10 anos? Acho que vai estar aqui na câmara a desenvolver o mesmo trabalho? Melhor? Ou acha que vai estar noutro lado qualquer?

E10: Sinceramente não sei. Houve uma altura em que eu dizia que ia estar cá por muitos anos porque realmente…atualmente continuo a gostar muito do que faço e acho que por mais algum tempo estarei cá mas começo a chegar a uma fase que penso que daqui a alguns anos se calhar vou estar a desenvolver outras questões não é? Gostava de tentar outros contextos, mas isto só o futuro dirá (sorri).

I: Está aberto a novas possibilidades então?

E10: Sim, sim sempre! Acho que nós não podemos estar agarrados só a determinadas questões. Tudo o que for na nossa perspetiva que nos permita evoluir, que nos permita experimentar outras experiências não é? Que tenham a ver connosco, não só no sentido…e que não tenham só a ver com a questão económica porque há pessoas que só pensam "se calhar daqui a uns anos devo tar na câmara tal porque vão-me convidar para chefe de divisão" não! A minha perspetiva não é essa, se fosse uma proposta de algo que que gostasse de fazer e que me dissesse alguma coisa porque não?

I: Se fosse dada a opção de escolha como +e que se gostaria de ver profissionalmente, o que gostaria de fazer?

E10: (sorri) Estou onde gosto é continuar a fazer o que faço, das conversas que tenho com outros colegas, do conhecimento que tenho do trabalho que se desenvolve em algumas instituições acho que continuaria de certeza a fazer o que faço, porque é muito mais o nosso leque numa câmara…acaba por ser, pelo menos com a perspetiva que eu tenho da câmara onde estou integrado, acaba por ser muito mais abrangente, porque às

vezes numa instituição nós trabalhamos mais aquelas temáticas por exemplo temos o idoso, temos…aqui acabamos por pertencer a grupos de trabalhos através da rede social, temos a oportunidade de trabalhar várias temáticas e isso para mim é o ideal.

I: Há pessoas frustradas nas câmaras por causa dos objetivos "temos de cumprir aqueles objetivos e não podemos sair muito do prisma ou então porque diz que chegam as eleições e lá se vai o trabalho todo que se teve a realizar" sente também um bocadinho isso ou?

E10: Eu acho que na vida nós temos sempre condicionantes para tudo o que façamos. Agora se nós só nos vamos centrar nessas condicionantes, por exemplo nós temos o CADAP que para mim aquilo em termos de avaliação não é avaliação nenhuma, ou seja, não é por nos definirem quatro questões e nós até podemos desenvolver essas quatro questões logo do início do ano não é? Se não centrarmos só naquilo, que vamos ter tudo ali idealmente ou não é por ouvirmos um não às vezes que as coisas nos vão…eu não vejo por aí, agora eu se calhar não consigo trabalhar aquela questão ou aquele objetivo que eu queria ter daquela forma masse eu reformular consigo trabalhar de outra forma. Se calhar alguma vertente agora com este executivo que é mais de privilegiar estes aspetos que o executivo que havia anteriormente não seria assim, mas em certa forma se nós conseguirmos mostrar que estamos a desenvolver um bom trabalho, que conseguimos obter determinados resultados, embora essas alterações venham a acontecer ou às vezes que se queira que elas aconteçam volta…pelo menos no nosso caso tem acontecido assim, vão-nos dar alguma credibilidade ou seja e vão ver, embora inicialmente algumas ideias venham a surgir, que se calhar se confiarem no trabalho que nós estamos a fazer e se continuarem aquela linha que nós temos vindo a traçar, as coisas vão acontecer de outra forma…mas isso obstáculos, a gente vai sempre encontrar não é?

I: E sente que já há consciência da parte das autarquias e das pessoas mais superiores que é necessário este trabalho assim junto das pessoas e no terreno?

E10: Eu acho que sim. Há uns anos atrás dizia-se muito que estava ligado ao fenómeno das eleições não é? Porque ficava bem (sorri) quando chegava a altura dos votos, mas as coisas de algum tempo para cá eu acho que a perspetiva mudou completamente, e então agora quando falamos em crise não é? Quando falamos nestas situações, vê-se que é essencial uma das linhas orientadoras passar precisamente por aqui.

I: Coloca a hipótese de ir para o estrangeiro?

E10: Se calhar num futuro assim muito longínquo.

I: O estrangeiro tem duas vertentes, pode ser o Norte da Europa, em que os trabalhos são melhores, mais prestigio, progressão na carreira… ou pode ser África (sorri).

E10: Eu numa perspetiva muito, muito, muito mais remota futura, não é? Gostava, tenho aquele bichinho de África mas se calhar mais tipo daqui a uns anos quando eu sentir que já concretizei outras coisas, que realmente já atingi determinados objetivos que eu tinha traçado talvez…mas não é algo neste momento que eu diga que tenha presente não é? Por mim as coisas vão acontecendo (sorri).

I: Bem já terminei, queria só fazer mais uma questão. Tem algum projeto ou algum sonho entre aspas que gostasse de realizar enquanto educador social? Que gostasse de implementar que ainda não tenha tido oportunidade ou tem feito sempre tudo o que tem crido?

E10: Eu tenho tido um pouco essa sorte, de conseguir fazer muitas das coisas que tenho idealizado e que tenho tido alguns colegas também a colaborar e a achar que tem alguma utilidade. Mas em termos futuros era mais uma vertente nacional que tem a ver com a habitação social, porque há toda uma falta de enquadramento legal da habitação social, por exemplo para vermos nós a nível do rendimento privado, temos o NRAU que define não é? E regulamenta esse rendimento privado…a habitação social não tem esse quadro legislativo próprio, não tem por assim dizer uma linha orientadora, nós tanto nos podemos candidatar em Tavira em que nos pedem que tenhamos 5 anos de residência no concelho, como se calhar no concelho ao lado basta chegarmos lá a pedirmos habitação social…nesta área da habitação social, nesta área da associação portuguesa de habitação municipal que eu tenho tido oportunidade de colaborar, eu tenho alguns sonhos por assim dizer, que tenho vindo a desenvolver (sorri) e acho que os educadores sociais poderiam em muito colaborar, mas agora vamos vendo não é? Como é que as coisas vão correndo, o que é que nós poderemos perspetivar a nível futuro.

I: Bem da minha parte está tudo, não sei se quer deixar algum cometário ou alguma sugestão…

E10: Não, por mim… só faço votos que realmente as coisas corram bem não é? Aqui ao nível do estudo e que a nível da integração profissional futura também, que realmente consiga.

I: Eu fiz questão de lhe fazer esta entrevista aqui consigo porque me foi falado pelo professor B, foi ele que me disse "ele está a fazer um trabalho excelente lá em Tavira e vale a pena falar com ele" e até foi ele que me deu o contacto inicialmente, antes de enviar os *emails* a informar do estudo…

E10: Eu sou muito honesto, eu quando vim trabalhar para a câmara não era bem o que eu tinha em termos de perspetivas de trabalho porque eu achava que as câmaras trabalhavam estas questões do social de uma forma muito…muito distante, muito…que não era muito assertiva e na altura, que foi numa altura em que fizemos um intercâmbio em que fomos à Bélgica e foi o professor B que nos acompanhou e falei muito com ele essa questão de ir para uma câmara trabalhar "e que se calhar não vai ser bem o que eu quero e vou ter de trabalhar as questões de determinada maneira" e aquelas questões da subsidiodependência, aquilo fazia-me grande confusão e não sei que e achava que aquelas questões dos indutivos precisamente que nos vinham a moldar do trabalho "que tínhamos de fazer daquela forma e ahhh" e encontrei a realidade de uma forma completamente diferente, ou seja grande abertura para que pudéssemos trabalhar de uma forma completamente diferente, uma grande abertura para que as pessoas fossem ouvidas, para que fossem tidas em conta em todo o processo, em que houvesse uma grande participação e isso para mim disse-me muito, que era muito o que eu procurava, era que realmente as coisas fossem o que a gente conseguisse resolver determinadas questões, não por imposição mas porque realmente havia necessidade que elas viessem a ser desenvolvidas e eu aí então "epá é mesmo isto que eu quero fazer, é mesmo aqui que eu quero estar" e fui comentando com ele e fomos mudando determinados procedimentos que eram muito burocráticos, que eram muito, fomos tentando simplificar, fomos sempre tentando que não tivéssemos um trabalho muito…que às vezes o que eu via é que era um trabalho muito centrado no gabinete e não é bem isto que eu quero também não é? Eu quero estar próximo das pessoas, eu quero trabalhar com as pessoas, quero estar mais na rua, quero estar mais na vertente prática e com essas alterações que tiveram de se impor não é? Para que nós pudéssemos estar mais untos, estar mais presentes as coisas foram mudando e para nós foi essencial.

I: Como é que deu essa volta?

E10: Dei esta volta porque encontrei um grande grupo de trabalho, ou seja encontrámos pessoas que tinham uma forma de pensar muito similar e encontrámos a nível superior pessoas que também nos foram dando uma grande abertura também para criar, para imaginar, para tentarmos dinamizar por assim dizer e isso foi essencial, foi realmente muito bom. Posso dizer que se calhar não fazemos o trabalho que nós gostaríamos de utopicamente fazer, mas a utopia também é muito difícil de alcançar não é? Vamos tendo alguns progressos.

I: E porque que não há mais nenhum educador aqui na câmara de Tavira?

E10: Essencialmente porque a câmara de Tavira foi consolidando um grande quadro técnico e a partir do momento em que se consolidou um grande quadro técnico, isto também fez uma grande evolução, por assim dizer nós no princípio de 2001 os técnicos que haviam na câmara eram muito poucos e em 2010 já temos cerca de trezentas e tal pessoas integradas no quadro técnico e com todas estas vertentes financeiras que já se tinham vindo a perspetivas houve aqui alguma contenção não é? Em termos futuros também as autarquias vão ser bastante limitadas. Não quer dizer que não se veja e que não haja uma representação positiva desta profissão, agora há estas limitações e nós às vezes estarmos também só a oferecer estágios às pessoas, acho que não é muito correto não é? A pessoa espera sempre algo mais e neste momento é complicado, não quer dizer que futuramente não se possa integrar.

I: Eu só perguntei porque há pouco falou, e é verdade, como é um sitio em que há uma grande abrangência de trabalho e que o educador cobre muito desse trabalho, se não grande parte não e? Apesar de trabalhar tem toda aquela abertura e toda aquela forma de se adaptar porque que não…? Porque há câmaras que têm 3 e 4 e 8 educadores…

E10: E nós na altura tivemos dois e tivemos abertura para mais, o que não chegou a acontecer depois na altura. Mas neste momento, até por imposições agora que acontecem e que têm de ocorrer até Junho as divisões vão ter de ser muito bem reformuladas, ou seja há divisões por assim dizer que vão deixar de existir ou seja nós possivelmente vamos obter competências de outras divisões e possivelmente até se fala de… nós neste momento temos a divisão da ação social e temos a divisão da educação e

juventude ou seja uma fusão entre estas duas divisões ou seja já temos muitas pessoas a trabalhar nesta área não é? Porque a partir do momento em que se criou nós tivemos necessidade de também ter mão-de-obra ou recursos humanos que desenvolvessem trabalho nesta área. Agora a vertente atual é precisamente a contrária que é antigamente era integrar, neste momento é tentar ver ao máximo, conter e ver que se calhar quem está aqui pode vir a desenvolver trabalho noutra área que está menos acautelada a esse nível. Eu por mim acho que em termos da câmara de Tavira haveria à vontade a integração de mais e mais educadores não é? Mas temos também de nos limitar a um determinado número não é? Que também nos vai sendo imposto por lei. Agora nós temos vindo a tentar ultrapassar essa questão com as instituições, com as parcerias e aí temos conseguido depois desenvolver um bom trabalho juntamente com esses nossos colegas que estão integrados nas instituições…agora, tudo se faz quando há vontade não é? (sorri).

I: Exatamente mas por acaso achei pertinente essa questão porque por exemplo em Albufeira acho que há uns 8 educadores na autarquia, em Olhão há 3 ou 4, em Faro também há muitos e aqui pelos visto só há um (sorri)

E10: Neste momento só há um, neste momento…mas foi porque nós cedo consolidámos o nosso quadro técnico para aquela divisão e então desde aí não houve alterações, sem ser quem saiu não houve alterações de entrada porque conseguimos ter um grande grupo e por outra vertente também que era, nós tínhamos colegas que vinham trabalhar connosco na vertente administrativa e que gostaram tanto do trabalho que estavam a desenvolver que fizeram o esforço para tirar uma formação académica e que tiveram a oportunidade de ver reconhecida essa requalificação profissional ou seja o que por si também veio inviabilizar não é? Que fossemos buscar ao exterior, ou seja tínhamos essas pessoas interiormente, já trabalhavam cá connosco, promoveram a sua formação não é? A este nível, ótimo! São pessoas que já estão connosco, já conhecem o trabalho, sabem os nossos ritmos de trabalho, das nossas perspetivas, vamos fazer com que eles venham trabalhar connosco a nível técnico também e por aí também não fomos tanto buscar mais pessoal. Eu acho que o essencial é não nos acomodarmos, quando nos acomodamos estamos reformados por assim dizer.

Fim da entrevista!

Entrevista nº11

Data de realização: 11 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Lar de idosos, Cacela

Entrevistada nº 11: O primeiro emprego que eu tive foi numa turma de PIEF, em Vila Real de Santo António, tive lá quatro meses a fazer a licença de maternidade de uma colega. Depois aquilo lá acabou, ela voltou e o diretor da escola convidou-me para ficar no gabinete de apoio à família e ao aluno e tudo, no GAAF e então fiquei lá até ao final do ano letivo. Eu comecei em novembro e depois acabei lá em junho, depois logo no dia 1 de julho fui a uma entrevista para aqueles grupos de acompanhamento do RSI, aquelas unidades pedagógicas do RSI e fui fazer acompanhamento para um grupo desses em Faro. Tinha uma série de famílias e tive lá também mais uma vez fazendo licença de maternidade. Eu comecei com as licenças…também seis meses, eu comecei em julho e acabei em dezembro. E depois em abril comecei com o estágio profissional aqui na misericórdia, ainda não tinha feito estágio, chamaram-me…eu também concorri e chamaram-me depois para o estágio profissional e então depois fui ficando, fiz o estágio profissional, depois fizeram-me o contrato, depois a colega que estava aqui foi destacada para Vila Real e eu fiquei aqui como diretora técnica, já faz…ora entrei aqui em 2009, já faz 3 anos que cá estou.

Investigador: Não sei se já tem uma noção do que trata o meu estudo, é sobre a realidade da profissão do educador social, no Algarve, os tipos de instituição em que trabalham e o meu objetivo é conseguir um grupo mais diversificado possível para tentar perceber qual é a nossa realidade. Elaborei aqui um guião com vários blocos e o primeiro é sobre a escolha do curso. Porque que escolheu este curso? Quais foram as principais razões ou as principais motivações que a levaram a este curso?

E11: Olha para ser sincera, eu não conhecia o curso. Em 2003 quando eu entrei para a universidade não conhecia, queria ir para sociologia ou para serviço social, não conhecia este curso. Depois houve uma amiga minha que já era formada em sociologia e disse-me "epá há um curso muita giro na universidade do Algarve, tem a ver com o serviço social mas também tem a ver com a parte da animação, é um curso mais prático, tem uma vertente mais abrangente a nível de áreas de trabalho e de funções" e então eu depois concorri. Não sei se ainda se usa atualmente mas na altura havia a preferência

regional nas candidaturas à universidade e pronto como eu tinha preferência regional porque era algarvia pois entrei e não fiquei desapontada, fiquei até bastante satisfeita com o curso.

I: E o facto de não ter conhecimento do curso, acha que isso é responsabilidade de quem? O facto de não ter sido divulgado…

E11: É assim eu acho que na altura como também era relativamente recente, eu não sei dizer quantas turmas já teriam saído formadas mas talvez quatro ou cinco, talvez não mais que isso…pois em 2003, eu não sei em que ano o curso começou, qual foi o primeiro ano, já soube mas já não me lembro.

I: O curso de intervenção acho que começou em 94/95, mas a primeira turma só saiu em 98 ou 99.

E11: Exatamente porque inicialmente só havia o bacharelato, porque eu tinha colegas quando eu tirei a licenciatura foi quatro anos e eu tinha colegas que estavam a acabar a licenciatura porque entraram com o bacharelato portanto de facto tiveram a sua tiveram a sua primeira turma em 98 como está a dizer. O curso só tinha cinco, seis anos e então acho que era um bocado por isso, era um curso novo, a profissão de educador social na altura ainda não se ouvia falar, tavam-se a dar os primeiros passos e então se calhar talvez por isso é que não era também tão conhecido. O serviço social e a sociologia estava mais emprenhado porque eram coisas mais antigas, o nosso era mais recente.

I: E atualmente como é que ê? Acha que está igual?

E11: Eu acho que não. Eu acho que está mais reconhecido, tanto que quando eu vou a algum sítio…eu acho-me educadora interventora comunitária mas se eu disser isto acho que as pessoas não localizam bem, então digo sempre que sou educadora social, porque é assim quando eu terminei o curso em 2007 foi o último ano de educação e intervenção comunitária. Acho que em 2008 já se passou a chamar educação social portanto eu acho-me educadora social porque até fiz disciplinas já por causa do processo de Bolonha que já abrangia a educação social, mas eu acho que sim, acho que as pessoas conhecem-me que sou educadora social. Ainda há aqueles que perguntam "o que é isso?" mas acho que a maioria das pessoas já conhece.

I: Quais eram as principais expetativas, logo quando iniciou o curso? Achava que ia arranjar um bom emprego? Que ia gostar muito daquilo? Ia assim sem saber muito bem para onde ia?

E11: Eu acho que não tinham bem noção do que era. Sabia que podíamos trabalhar em instituições de solidariedade social, sabia que podia trabalhar em câmaras, em hospitais, mas toda a área envolvente de escolas e doutros tipos de organismo não tinha ideia. Eu dizia sempre! Mas isto tudo o que a gente diz cai-nos em cima… "eu nunca vou trabalhar num lar. Nunca! Eu detesto trabalhar com idosos, eu nunca vou trabalhar num lar" pronto e vim aqui parar e gosto muito de cá estar (sorri).

I: E houve alguma expetativa que tivesse formado que não tivesse alcançado?

E11: Sim eu pensei sempre que quando acabasse o curso, que ao ser reconhecido o esforço e todos os trabalhos práticos que nós fizemos e tudo mais. E logo de início quando eu comecei à procura de emprego, as pessoas desvalorizavam um bocadinho, diziam "ah mas isto se fosse assistente social…para serviço social nós sabíamos o que é e assim não sabemos" mas depois é uma questão da pessoa começar a trabalhar e mostrar o que vale e os conhecimentos que adquirimos e depois vencer esse constrangimento.

I: Quais foram os principais motivos que a satisfizeram em relação ao curso? O que é que gostou mais?

E11: O que é que eu gostei mais? Gostei muito do corpo docente, acho que na minha altura o corpo docente eram pessoas…que apesar de serem professores eram pessoas muito próximas e que nos ajudavam sempre que tínhamos necessidade, podíamos ir aos gabinetes dos professores que não havia coiso. Gostei dos temas estudados, apesar de achar que algumas disciplinas podiam ser melhor exploradas, acho que por exemplo a psicologia social. Eu acho que havia muita coisa para explorar que depois mais tarde vim a saber de temas e algumas matérias que não foram nada, mas pronto isso é uma questão de adaptar.

I: E a nível dos motivos de insatisfação tem algum assim a apontar sem ser esse da psicologia social?

E11: Não. Não tenho assim.

I: E mesmo quando depois ingressou no mercado de trabalho?

E11: Não, eu nunca tive assim insatisfação perante o curso ou as pessoas que o lecionavam. Eu sei que logo no inicio eu precisei do professor A ou da professora D para qualquer coisa e eles ajudaram-me…não tenho assim nada de…

I: Eu fiz um questionário antes de fazer a entrevista e os três principais motivos apontados para a insatisfação dos educadores sociais é (interrupção) pronto os principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades, não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Concorda com algum destes três?

E11: Eu acho que é mais o primeiro porque a progressão na carreira desde que eu comecei o trabalho e felizmente só tive 3 meses desempregada desde que terminei o curso. A partir do momento em que começamos a trabalhar e mostramos os conhecimentos e onde fizemos o estágio e as práticas e tudo mais… não tive nunca problemas. É mais é o primeiro impacto "o que é isso? Que curso é esse? Será que são capazes de…?" depois é.

I: E esta questão do reconhecimento como é que acha que podia ser alterada? O que acha que podíamos fazer para ser mais reconhecidos?

E11: Eu acho que isso vai com o tempo e vai com o facto de educadores sociais estarem distribuídos pelas várias instituições, ou no público ou no privado ou em instituições ou em hospitais, escolas pronto, tudo isso porque se houver um ou dois de nós em cada sítio o curso vai começar a ser reconhecido e acho que falta as pessoas deixarem-nos trabalhar e a partir daí entenderem-nos como educadores sociais e não como assistentes sociais, a partir desse momento acho que começamos a ser reconhecidos.

I: Há muita gente que fala na hipótese de uma Ordem. Acha que isso era importante e que ia ser parte da solução?

E11: Eu acho que sim, acho que sim.

I: Durante a licenciatura participava em atividades extracurriculares? Ia a seminários, formações, *workshops*? Quais foram os que gostou mais?

E11: Sim, sim ia. Gostei muito de ir a um que fui a Huelva, não a Huelva não, a Sevilha. Fui a um *workshop* em Sevilha em que na altura o professor B e acho que o professor C e acho que era a D, que eles estavam com um projeto em Sevilha, Huelva e Faro, acho que era assim, e nós fomos lá a um *workshop* sobre casas de idosos e degradação e atividades, gostei muito desse. E depois também me lembro de um que foi na universidade do algarve, que foi um colega…eu acho que na altura estava no 2º ano, penso que estava no 2º ano…veio um colega da universidade do norte ou centro do país, não sei se era Leiria se era uma coisa dessas… veio um de Sevilha, veio um de Huelva e a representante da universidade do algarve fui eu, na altura. Fui eu que representei os colegas todos do curso nessa altura e esse também foi importante porque para além de toda a parte de diversão e académica, nós trocámos experiências e foi engraçado (interrupção).

I: De que forma é que acha que estas atividades contribuíram para a sua inserção no mercado de trabalho? Tiveram alguma importância?

E11: Não, eu acho que não. Eu acho que infelizmente a gente hoje em dia trabalha onde temos trabalho, não temos oportunidade de escolher. Eu sempre disse que queria trabalhar numa cadeia, tenho essa paranóia e sempre quis trabalhar numa cadeia mas nunca houve oportunidade. Eu mandei currículos, eu tentei ir a entrevistas, mas nunca…porque é um mundo muito fechado e eu agora entendo que é perigoso e que eles têm de ter muita atenção e então acho que esse tipo de atividades na escolha onde trabalhamos não é pertinente.

I: E não é importante para a inserção no mercado de trabalho? Ter essas formações?

E11: Não, eu acho que não. Eu acho que é importante para nós, para o nosso conhecimento, a nível de competências, de partilha de experiências, pronto.

I: Sente necessidade de mais formação sem ser a da educação social do curso?

E11: Sim, sim muita. Eu é assim, a formação a nível de gerontologia tinha muito pouca porque como disse nunca foi área que eu quisesse trabalhar e então todos os trabalhos ou todos os estudos que fiz na universidade sempre foi fora desta área. Portanto eu hoje em dia por minha conta procuro muito formações, formações em alzheimer, em gerontologia, ou até mesmo como diretora desta instituição, gestão de conflitos,

conseguir motivar o pessoal…todo esse tipo de formação que eu sinto necessidade procuro o que não consegui através do curso mas isso eu acho que é normal porque é uma área muito vasta e é complicado em quatro anos, como foi o meu caso, conseguirmos abranger tudo. Claro que nos deram outras bases, deram-nos bases de investigação, deram-nos bases de educação social no geral, mas pequenas situações que nós sentimos no dia-a-dia no mundo do trabalho, não nos dão.

I: Na altura em que estudava, acha que devia ter tido alguma cadeira que não teve?

E11: Acho, acho que deveria haver por exemplo uma cadeira que nos explicasse por exemplo as várias vertentes do mundo do trabalho, por exemplo uma cadeira anual, de dois semestres, ou por exemplo um mês falássemos do que se faz num hospital, noutro mês falássemos o que se faz numa IPSS, noutro mês se falasse o que nós fazemos numa câmara…porque quando nós chegamos ao mundo do trabalho somos jogados. Eu quando fui para Faro, que era técnica de inserção do RSI, eu cheguei lá e não sabia o que ia fazer, sabia o que era o rendimento social de inserção, sabia o que era as pessoas que recebiam o rendimento mas não sabia sequer o que as técnicas de acompanhamento faziam. Então deram-me uma legislação para a mão e disseram-me "agora lê" e depois de ler aquilo disseram-me "agora faz assim, faz assado" mas pronto é muito, vamos muito assim jogadas.

I: Não tem mais nenhuma licenciatura nem nenhum mestrado?

E11: Não.

I: Na sua opinião o que acha que podia ser feito para melhorar o funcionamento geral do curso? Acha que tinha um bom funcionamento ou devia ser alguma coisa melhorada?

E11: Sim, na altura tinha um bom funcionamento. Acho que as disciplinas práticas a nível de visitas a instituições, convidar por exemplo colegas já formados para ir explicar o que fazem, a sua experiência profissional. Acho que é importante dizer aos colegas que estão ainda a formar-se o que é que nós fazemos, as dificuldades que sentimos, tudo o que nós passámos para podermos dar a perspetiva a colegas para que não façam os mesmos erros, ou que tejam mais preparados, eu acho que era muito muito importante. Eu por acaso nunca tive, nunca tive ninguém que já tivesse a trabalhar, um interventor

comunitário que fosse ter connosco e dissesse "olha isto e isto e isto, percorri este e aquele caminho" pronto acho que era importante.

I: A partilha de experiências…

E11: A partilha de experiências exatamente.

I: As atividades que o curso organiza. No seu tempo organizava algumas atividades?

E11: Sim, sim, sim, sempre! Ou uma visita aqui ou uma palestra ali, sim sempre.

I: E atualmente tem conhecimento de alguma coisa?

E11: Ah, não. Não tenho, porque se calhar é assim nós através das redes sociais, facebook, etc., nós temos algum contato com os educadores sociais e palestras a nível nacional, mas a nível de curso não, não tenho.

I: A qualidade dos docentes já falou, acha que tinham qualidade.

E11: Sim, acho que sim.

I: Pelo menos a maioria deles. E a formação recebida também não tem nada a apontar? Acha que foi uma formação conseguida? Uma boa formação? Com qualidade?

E11: Sim, sim, sim, eu acho que sim.

I: Plano de estudos também já tocou. Quer falar de mais algum assunto relativamente ao curso?

E11: Não, que me lembre não.

I: Acerca do percurso profissional, já disse um bocadinho onde tinha trabalhado (interrupção) quais foram as funções que desempenhou? E quais foram as funções que a marcaram mais ao nível e todos os trabalhos que fez?

E11: Eu acho que a experiência no RSI é uma experiência muito enriquecedora e nós crescemos muito, porque somos mandados para…nós fazíamos visitas domiciliárias às famílias que acompanhamos e então as minhas famílias basicamente eram todos ciganos, todos ciganos na serra de Faro, na zona mais serrana de Faro, Santa Barbara de

Nexe, Falfosa, essa zona toda e então para mim o que me chocou mais…nem é uma questão de chocar, o que me marcou era nós entrarmos por aquele acampamento a dentro e sabermos que numa barraca vive um e que vive outro, as mentiras todas que eles nos pregam, pronto…essas situações todas. Acho que foi o que me marcou mais, o conseguir lidar com as pessoas a pedirem dinheiro e nós vermos que as pessoas nos estão a mentir, ou não podermos dar mais, e vermos situações que realmente precisam e que é injusto. Depois claro aqui não é? No…só por uma questão de curiosidade, que não tem graça nenhuma, mas isto foi tipo terapia de choque, o primeiro dia em que eu cá vim, que vim cá para o lar foi no dia 1 de junho de 2009 e no primeiro dia que eu cá trabalhei morreu uma senhora. Eu ia a passar no corredor, ela estava a olhar para mim, quando eu me apercebi que ela estava morta. Pronto a gente aqui tem de lidar com a morte e temos de ser frios e do portão para fora temos de viver a nossa vida e pôr isto para trás das costas mas também não é fácil lidar com a degradação das pessoas e com a morte.

I: Quanto tempo teve na escola a dar as aulas à turma de PIEF?

E11: Eu não dei aulas. Aquilo é assim, aquelas turmas são turmas problemáticas e que têm uns currículos especiais, pronto é uma educação especial porque a maioria daqueles miúdos com dezasseis, dezassete anos não sabe escrever corretamente, não sabe ler, não sabe fazer contas de dois mais dois e então a educação deles se calhar era ao nível do 1ºciclo apesar de estarem numa escola de 2º e 3º ciclo…é ao nível do 1ºciclo e para além disso o trabalho dos educadores… porque aquilo lá chama-se TIL, técnica de intervenção local, o nosso trabalho é acompanhá-los durante as aulas, nós podíamos estar nas salas com eles e com os professores, saber um bocadinho a história familiar de cada aluno, saber o percurso deles a nível escolar e a nível familiar. Muitos deles tinham dificuldades económicas e nós tínhamos um cartãozinho onde...aquele cartão era carregado com dinheiro e nós podíamos pagar o lanche da manhã e o lanche da tarde e o almoço da cantina, se por exemplo havia o caso de uma rapariga que precisava de uns óculos e a família não tinha dinheiro para os óculos, eu consegui através dos rotários de Tavira que lhe comprassem os óculos, portanto é um bocadinho o serviço social mas mais de acompanhamento e falar com eles e tentar que eles vão às aulas porque sempre que eles faltavam era minha obrigação ir a casa deles saber porque é que não tinham ido, falar com a família e sempre que o pai ou a mãe tinham alguma dificuldade falarem connosco, portanto nós fazíamos um bocadinho a ponte entre a casa e a família. Isso

quando era técnica do PIEF. Depois quando passei para o GAAF, para o gabinete de apoio ao aluno e à família, era basicamente a mesma coisa mas com a escola inteira. Portanto os diretores de turma sinalizavam os alunos que eles achavam que tinham de ser acompanhados pelo GAAF ou por razão de uma família desestruturada ou por falta de apoio económico da família, ou porque o aluno tinha algum problema que o tornava inadaptável à escola, pronto e depois nós tínhamos essa obrigação de intervir com os alunos, contactar as famílias, desenvolver palestras ou colóquios onde falávamos de assuntos que as famílias tinham interesse, pronto esse trabalho de todo mas a nível da escola inteira.

I: E a nível do RSI também era acompanhamento?

E11: A nível do RSI eu tinha cinquenta e sete famílias (interrupção) e tinha de fazer o acompanhamento das famílias e isso resumia-se a quê? Havia dois dias por semana em que eu fazia visitas domiciliárias e não avisava onde é que ia, e se as pessoas não tinham ocupação profissional ou não tinha nada que justificasse a ausência de casa tinham de me justificar se eu fosse lá em casa e não os encontrasse, pronto. O que é que eu via nessas visitas? Via a higiene da casa, a limpeza, pronto tudo o que dizia respeito à doméstica, via como é que…se eles tinham miúdos pequenos, se eles estavam com a higiene diária feita, se tinham algum problema de saúde e era negligenciado, tinha contacto com a escola para saber como é que os miúdos das famílias de RSI se comportavam, tínhamos contactos com o centro de saúde para saber se tinham as vacinas em dia, via isso tudo. Isso era a parte das visitas domiciliárias. Depois tínhamos toda a parte burocrática que era a organização do processo, onde nós tínhamos de fazer os relatórios das domiciliárias e aquilo tudo. E depois tínhamos a assinatura dos processos, porque aquilo cada família que tem o RSI, tem a assinatura de um processo, quando a pessoa que recebe essa prestação se compromete a cumprir com determinadas regras, levar os miúdos à escola, participar…porque nós também tínhamos a parte das formações em que nós também dávamos formações…em que se compromete a participar nas formações, a procura ativa de trabalho, o acompanhamento a nível de saúde, pronto. Então girava um bocado à volta disto, depois entravam uns saiam outros, depois eram penalizados, depois tínhamos os atendimentos também uma vez por semana onde as famílias nos procuravam para pôr questões, para nós às vezes dizermos "olhe sei de um emprego aqui e ali, vá lá ver se consegue entrar". Pronto era um bocadinho também acompanhamento, mas como eram cinquenta e sete famílias era

muita gente, então uma semana apoiava-se mais um outra semana apoiava-se mais outros.

I: E a nível do percurso profissional foram estes os principais sítios?

E11: Sim, a nível…este é o quarto sítio, a escola foram dois diferentes, depois foi o RSI e depois aqui na Misericórdia.

I: Na sua opinião a formação que recebeu durante a licenciatura está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E11: Pois era como eu estava a dizer, aplica-se muito a teoria, a teoria. É importante o Paulo Freire, pronto aquelas coisas que nos metem e é incutido mas depois nós chegamos ao mercado de trabalho (sorri) e não sabemos nada (interrupção) pois estava-te a dizer que a situação que nós aprendemos no curso é tudo muito teórico, é o que eu digo falta a partilha de experiência de quem está no terreno, dizer "faz-se isto, faz-se aquilo. Senti esta dificuldade, olha vão por aqui, vão por ali" pronto um bocadinho da experiência prática de quem já está a trabalhar entretanto.

I: E relativamente aos estágios curriculares…acha que são bem preparados e são adequados ao mercado de trabalho? Qual foi a tua experiência?

E11: A minha experiência…eu fiz na APATRIS, na associação de trissomia 21. Senti que não tive grande apoio dos docentes. Também na altura essa associação estava um bocadinho desestruturada e nós é que tínhamos de decidir o que íamos fazer. Elas disseram-nos que tinham necessidade a nível de divulgação da associação mas não nos deram diretrizes, nem nos disseram "vão por este caminho onde nós sentimos mais falta ou por aquele" e então nós fizemos um bocadinho por intuição. Acho que até nem correu mal, fizemos uma sessão de apresentação da associação no Algarve shopping, onde tínhamos lá uma barraquinha e onde explicávamos às pessoas que passavam e que estavam interessadas o que era a APATRIS, fizemos um marcador de livros. Acho que ainda usam o marcador de livros que nós fizemos também da APATRIS, de maneira a quando houvesse uma feira do livro ou qualquer atividade ser uma coisa que as pessoas não ponham num canto porque um marcador é uma coisa que a pessoa olha e marca o livro e se calhar olha duas vezes para aquilo, em vez de ser um cartão ou um cartaz é um marcador de livros. E fizemos uma festa de carnaval para os miúdos da associação que foi importante…e fizemos, é verdade não me lembrava, fizemos um jogo de tabuleiro

sobre a trissomia 21 e então fomos a escolas onde há miúdos com trissomia 21 no concelho de Faro e intervimos nas turmas que tinham esses miúdos porque depois há sempre o estereótipo do mongoloide e do é atrasado e do tem uma deficiência e pronto tudo isso magoa os miúdos. Então nós tentámos através dessas ações explicar o que era a trissomia 21. Através de um jogo e através de dúvidas deles e depois tivemos o *feedback* das professoras a dizer que realmente os miúdos estavam muito mais integrados e que os colegas davam-lhe mais apoio e que tinham percebido que eles não tinham nada que os pudesse sentir inferiores aos colegas e então foi importante também nessa área.

I: Porque é que diz que acha que foi mal acompanhada por parte dos docentes?

E11: Porque eu sinceramente, eu posso estar a ser injusta mas nem sequer me lembro quem foi o professor que nos orientou, não nesse estágio. Acho que partiu tudo muito de nós próprias e não me lembro quem foi o meu acompanhante de estágio curricular, por isso é que eu digo que me senti…mas posso tar a ser injusta.

I: Quando terminou a licenciatura arranjou logo emprego? Quando tempo demorou a arranjar o primeiro emprego?

E11: Eu terminei em julho e comecei a trabalhar na escola em novembro, portanto julho, agosto, Setembro, outubro, novembro, quatro meses.

I: 4 meses. E depois desde aí tem sido sempre continuo?

E11: Sim e depois só tive entre sair do RSI em Faro que foi em dezembro e começar aqui na Misericórdia no dia 1 de abril, foram três meses.

I: E notou algumas dificuldades quando estava à procura de emprego? Quais são as principais dificuldades que aponta?

E11: As principais dificuldades quando nós vamos à procura do primeiro emprego é que pedem-nos sempre experiência e eu dizia-lhes "mas como é que querem experiência se eu tenho vinte e dois anos e acabei o curso há três ou quatro meses. E vocês pedem-me experiência. E se eu nunca trabalhar na área, eu nunca vou ter experiência?" e foi...quando eu fui à entrevista do PIEF eu disse isto ao coordenador e ele olhou para mim e disse "realmente é verdade, nós queremos meter um técnico que saiba e tenha experiência mas nunca damos oportunidade aos novos e isso acaba por ser uma bola de

neve" e então pronto foi aí, claro que quando comecei e consegui o RSI eu já tinha alguma experiência, que apesar de ter sido só ali uns meses já tinha alguma experiência em famílias desestruturadas e acompanhamento e já tinha trabalhados em sintonia com as técnicas do RSI de Vila Real e então já tinha um pequenino conhecimento e então acabamos por conseguir através de umas coisas meter outras e vamos assim.

I: Na sua opinião a presença do educadores sociais é importante nas instituições?

E11: A quê?

I: A presença dos educadores…

E11: Eu acho que sim. Eu acho que nós vimos com aquela injeção da dinamização e do trabalho mais presente, junto aos idosos ou aos utentes da instituição onde trabalhamos. Eu acho que sim, acho que é importante porque não vamos tanto à teoria ou não nos sentamos tanto à secretária a tratar de papéis e a tratar de situações burocráticas, se bem que às vezes somos obrigados, mas acho que pessoas com a nossa preparação, educadores sociais são mais ligados ao terreno e mais às atividades das pessoas com quem trabalhamos e não tanto à burocracia.

I: Na sua opinião qual é a presença das IPSS ao nível político e social? Trabalha numa não é?

E11: Nós, aqui a importância eu não consigo comparar a importância desta IPSS com uma instituição pública no concelho porque não há. Os dois lares de idosos que há no concelho de Vila Real de Santo António são os dois da santa casa da Misericórdia, é este aqui e é o da minha colega que é em Vila Real e está lá a minha colega a Sandra. Ela á assistente social. Portanto nós somos a resposta à câmara, quando a câmara de Vila Real de Santo António tem um idoso que não consegue integrar em sítio nenhum, que está desfavorecido, que não tem suporte nenhum familiar, é a nós que contactam porque também não há mais ninguém. Quando a Segurança Social tem um caso também urgente é a nós que contacta portanto nós acabamos por ser…não somos público mas somos um parceiro do público porque também não há resposta portanto aqui nós trabalhamos sozinhos, não temos concorrência de ninguém ou não sentimos uma diferença entre uma instituição pública e nós que não somos públicos portanto não…

I: E no geral acha que é importante o educador nas IPSS porquê? Por causa daquela noção de mudar a realidade e a mentalidade das pessoas?

E11: Pois foi como eu já tinha dito é acabar com o estereótipo que só os assistentes sociais é que podem fazer este trabalho, é metermos mãos à obra e não nos sentarmos na secretária à espera que as coisas apareçam feitas, é mais nessa base.

I: E também já trabalhou num agrupamento de escolas, por isso tem um bocadinho de noção. Qual acha que é a importância do educador nos agrupamentos de escolas?

E11: Ah é muito importante! É muito importante, é muito importante, faz muita falta. Eu tive muita pena de me vir embora da escola porque era um sítio que eu gostava muito de trabalhar, gostei muito daquela realidade. É muito, muito importante. Mesmo os professores procuram-nos quando sabem que há um assistente social ou um educador social na escola, procuram-nos porque há situações que os professores não sabem lidar, "olha tenho um miúdo que vem todos os dias cheirando mal, que é que eu lhe faço?" ou "tenho uma miúda que diz que tem pesadelos, o que é que acontece?" porque é assim, há a psicóloga mas é uma psicóloga só para uma escola inteira e atualmente eu não sei se as escolas ainda têm o apoio psicológico, acho que as verbas foram cortadas e paralelamente à psicóloga nós podemos fazer o primeiro diagnóstico e podemos dizer "isto é para mim ou isto não é para mim ou vão ter com a psicóloga ou deixem estar que eu contacto a família e tento resolver a situação." É muito importante porque é a ponte entre a escola e a família, são os educadores sociais ou os da área social, é a ponte por isso acho que é muito importante.

I: Na sua opinião conseguiu mesmo ser esta ponte e criar uma ligação entre a escola e a família?

E11: Eu acho que sim. Acho que sim, claro que é assim nós apanhamos sempre barreiras, há famílias que quando nós batemos à porta e sabem que é da escola simplesmente não nos abrem e há aquelas que dizem "que é que você tem a ver com isso?" não é? Quando às vezes nós tentamos dar conselhos e encaminhar mas sim tivemos casos de sucesso de pessoas que tinham muitas faltas e depois com paciência e conversas e tudo mais conseguiram ter um percurso escolar mais ou menos equilibrado, tivemos situações de famílias que iam ter connosco e dizer "olha já sei que há aqui um

gabinete de apoio à família e eu tenho esta e esta dificuldade com o meu filho, ajude-me!" pronto tentámos. Claro que isso não é um trabalho que se consiga fazer em três ou quatro meses, isso tem de ser um trabalho…às vezes temos de acompanhar desse que entram para, por exemplo, o 5ºano até ao 9º, mas pronto como não tive oportunidade de continuar…

I: E o gabinete fechou ou continuou aberto?

E11: Ah continuou aberto mas eu acho que não tinha assistente social. Tinha os professores que tinham o horário reduzido e que estavam destacados para aquele gabinete e tentava fazer isso.

I: A profissão tem vindo ao encontro das suas expetativas? Está satisfeita com a profissão?

E11: Sim. Sim, sim. Claro que isto não é tudo rosas não é? Há dias em que nós chegamos a casa e "quem me mandou a mim meter nisto?" mas basicamente durante 90% dos dias sinto-me feliz porque ter escolhido esta profissão e não me arrependo.

I: Relativamente às tarefas que desenvolve aqui no lar, é a diretora técnica. Quais são as suas principais funções e as principais tarefas que desenvolve?

E11: Eu aqui faço um bocadinho de tudo. Desde a parte burocrática de quando a pessoa entra, o fazer o processo individual de cada utente, fazer a ponte com a família, explicar à família como é que funcionamos. Nós temos três valências, temos lar internamento, centro de dia e apoio domiciliário e dessas três a nossa intervenção é diferente em todas. O apoio domiciliário o meu contato com a família e com os utentes é um bocadinho mais pequeno porque as pessoas estão em casa e é uma equipa que sai daqui de dentro para fazer o apoio, portanto nessa área tenho noção que só tenho contacto com as famílias na altura da requisição e quando alguma coisa não está bem ou querem pedir mais serviços ou querem desistir de serviços, acaba por ser um bocadinho assim. No centro de dia o meu serviço passa pelo acolhimento dos utentes, as pessoas procuram o serviço, fazer o processo individual do utente e tentar nos primeiros dias a adaptação dos idosos à instituição, com as atividades diárias que nós temos, com a integração na hora das refeições, com o acompanhamento médico e de enfermagem que nós aqui também temos, portanto fazer um bocadinho a ligação. No lar, é tudo. No lar é todo o serviço vinte e quatro horas por dia, sempre! O meu telefone está sempre ligado para

qualquer situação que possa acontecer aqui e então passa por tudo…passa da integração, passa nos cuidados clínicos que temos um processo clínico que sou eu que controlo, passa por a alimentação, pelas atividades, pelo tratamento de roupas, pelo acompanhamento às auxiliares de lar, como esta que já viu aqui entrar e sair, pelo acompanhamento à cozinha que nós temos o plano HCCP, as boas práticas de higiene na cozinha, passa por procurar isso, fazer horários, dar férias, dar feriados, gestão de pessoal, receção de matérias-primas… não sou eu sempre mas pronto sempre que há um problema é a mim que me chamam para resolver, portanto é tudo. É tudo! É gerir uma casa como se fosse nossa mas com trinta e sete pessoas cá dentro a morar e mais trinta funcionários e eu sou a mais nova de todos. Eu sou a mais nova de todos os funcionários, portanto aqui também há um bocadinho…porque sou eu a diretora mas sou eu a mais nova de toda a gente portanto isto tem de haver um balanço, tentar mandar fazer mas com alguma (sorri) ética e um bocadinho de balanço e participo em tudo o que é necessário, por exemplo à hora do almoço se houver poucas pessoas no refeitório para dar a comida à boca ponho uma toca e vou para o refeitório, à hora da enfermaria se o enfermeiro precisar de ajuda para alguma coisa ponho umas luvas e ajudo o enfermeiro, se o animador tiver alguma dúvida acerca das atividades vou ter com o animador, portanto faço um bocadinho de tudo.

I: A nível de projetos e atividades que haja aqui?

E11: Nós temos um plano anual de atividades que nos é exigido pela segurança social mas depois paralelamente a isso temos atividades extraordinárias que nós fazemos. Agora por exemplo estamos a fazer, estamos a organizar um arraial de S. Pedro na véspera de S. Pedro vamos organizar aqui um arraial, tudo com donativos. Pedimos aos nossos fornecedores todos para nos darem, o senhor do peixe vai-nos dar as sardinhas, o senhor da carne vai-nos dar as febras, pronto tudo a nível de donativos, o grupo que vem cá tocar é um neto de um utente nosso diário, pronto as mesas e as cadeiras a câmara empresta-nos…isto com o objetivo de cobrar às pessoas que cá vierem, que eu espero que sejam algumas, por exemplo cobrar, isso ainda não tenho bem noção tenho de amadurecer mas por exemplo é um prato de seis sardinhas um euro e meio e depois com isso que nós cobramos tentar comprar algumas coisas que nos fazem falta, pronto isso é um dos projetos. Depois estamos a pensar também ora mais um mês ou dois comprar um leitão e pôr ali atrás que nós temos um espaço grande ali atrás, e alimentar o leitão até ao natal e fazer uma rifa de um porco, pronto pequenas coisinhas. Depois é

assim temos saídas, quando há oportunidade e o tempo está bom nós levamos os idosos a dar uma voltinha, uma coisa que eles gostam muito é ir ali para o pé da praia, aquilo tem uma pala e uns bancos e sentarem-se ali e verem as pessoas a ir para a praia, pronto é pequeninas coisas que lhes dão prazer e pronto sempre que há a altura festiva, sempre que há um dia comemorativo de alguma coisa nós tentamos fazer aqui uma festa, também só com tudo à borla, nós não podemos cobrar nada. Depois em contrapartida das pessoas virem cá conseguimos dar um lanche ou uma coisinha qualquer assim mais simples.

I: E a nível da equipa de trabalho, trabalha com uma equipa com mais técnicos licenciados ou?

E11: Não, sou só eu. Aqui a equipa sou eu, a encarregada geral, que foi esta senhora que veio aqui trazer o telefone. Aqui não há mais nenhum técnico, nós tivemos uma psicóloga em tempos mas depois a santa casa desistiu e deixámos de ter psicóloga. Técnicos que aqui temos mas não a tempo inteiro é o fisioterapeuta, é o enfermeiro e é o médico, depois a nível de técnicos das ciências sociais tenho a minha colega Sandra em Vila Real que é assistente social, temos a diretora de serviços sociais que é também assistente social….Mas aqui a nível de equipa multidisciplinar não tenho e sinto necessidade porque me faltava por exemplo uma terapeuta ocupacional que orientasse o animador a dizer "com este grupo faz-se estas atividades, com aquele faz-se aquele" porque eu também não tenho tempo para gerir tudo e não tenho conhecimento…nós temos muitos utentes com alzheimer. Eu tenho algumas noções do que fazer com doentes com alzheimer mas precisava de alguém como uma terapeuta ocupacional que me dissesse "com este grupo faz-se isto e isto" e ela própria que acompanha-se o animador a esse nível, uma psicóloga que também acompanha-se aqueles idosos mais depressivos ou comportamentos mais estranhos, pronto sinto a necessidade disso, sim.

I: Ao nível do público é maioritariamente idosos? É tudo idosos?

E11: Sim tudo. Tudo idosos.

I: Qual é a sua perceção relativamente à sua figura profissional? Qual é a importância que acha que tem nesta instituição?

E11: Eu importância, sinto é assim trabalho, todas as instituições necessitam de alguém que oriente, de alguém que diga "faz-se assim, faz-se assado" mas eu não me sinto mais

que elas, nem pouco mais ou menos porque eu estou cá há três anos e muitas destas funcionárias que cá estão, estão há dez portanto a nível de conhecimentos no terreno elas sabem muito mais que eu e eu tenho noção disso e pergunto-lhes sempre "o que é que vocês acham? Fazemos isto, fazemos aquilo, fazemos o outro" mas sinto que elas também veem em mim um porto de abrigo, alguém a quem podem recorrer quando há necessidade e então é isso, eu sou estou de ouvidos nas situações mas elas também me procuram a mim quando querem resolver alguma situação portanto nós somos uma equipa. Eu aqui não sou mais que ninguém, somos todas ao mesmo nível, só que temos tarefas diferentes, a minha tarefa é gerir isto para que funcione bem e para que os idosos tenham melhor qualidade de vida possível e elas fazem o trabalho delas no terreno, que fazem muito bem e que eu não era capaz de fazer.

I: E os idosos? Acha que os idosos algumas vez reconhecem o seu trabalho ou não?

E11: Não. Não porque eles não…é como lhe digo, não me vêm mais que elas… eu digo elas, as colaboradoras que estão no terreno. Não porque… é assim claro que elas quando querem alguma coisa é comigo que vêm ter não é? Se querem dinheiro para ir aqui ou ali ou se querem ligar à família ou se têm queixinhas a fazer ou se lhes desaparece um vestido ou umas cuecas ou o que seja é a mim que me vêm pedir mas acho que não, não ligam a isso.

I: E a nível de superiores, tem alguém que possa pôr limites ou barreiras no seu trabalho?

E11: É assim, nós somos geridos por uma mesa administrativa. A pessoa que dá a cara pela mesa administrativa e que dá a cara é o provedor é o coronel Afonso e ele apesar de não me limitar em nada, a nível de atividades que fazem parte desta valência e mais alguma coisa que eu decida, aqui quem decide sou eu. Só em caso de uma coisa muito grave, ou que eu tenha uma dúvida, ou que tenha de se gastar dinheiro, nisso é que eu recorro a ele. Porque atividades diárias, pequenas coisinhas que nós organizamos é totalmente independente. Claro que nós a nível de economato a nível de aquisição de bens e serviços é tudo com o serviço geral de Vila Real da misericórdia, mas aqui a gestão somos nós aqui dentro.

I: Exato. Ao nível da sua atividade profissional, do que tem feito até agora o que é que tem contribuído mais para a sua satisfação pessoal e profissional? Dentro deste percurso houve algum episodio que tenha contribuído mais?

E11: Ah eu acho que é pequeninas coisas que nós apanhamos do reconhecimento, por exemplo quando eu estava no PIEF, eu terminei o PIEF para aí em abril…eu estava lá só há dois ou três meses com eles e eles souberam que eu fazia anos e no dia em que eu fiz anos chamaram-me às aulas, diziam que havia uma situação e que tinha de ir à sala e depois tinham feito um bolo de anos e cantaram-me os parabéns e ofereceram-me uma lembrançazinha e pronto isso foi para mim satisfatório porque eu estava lá há pouco tempo e eram pessoas muito complicadas com quem trabalhava e senti-os sensíveis e despertos nessa situação. Mas pronto claro que a nível do RSI, claro que se as pessoas disserem que gostam de nós ou que gostam do nosso trabalho ou que gostam de nós ou que gostam de trabalhar connosco ou que o ajudámos nesta ou naquela situação…também é importante e sentimos essa gratificação mas eu acho que mais que tudo é nós ao final do dia quando vamos para casa levarmos a nossa consciência tranquila e o coração cheio, é como eu lhes digo aqui a elas "a gente não leva os bolsos cheios de dinheiro, leva o coração cheio." E chega-nos a nós e portanto é todos os dias pensarmos que fazermos o melhor que pudemos e o melhor sabemos e se um dia não é bom o outro será melhor portanto o trabalho é feito dessas coisas.

I: Há pouco quando falámos no percurso profissional esqueci-me de perguntar acerca da remuneração. Como é que tem sido a remuneração desde que começou a trabalhar? Tem-se mantido? Tem aumentado? Tem diminuído?

E11: Eu já ganhei mais e neste momento já estou a ganhar menos porque isto depende muito do organismo em que nós trabalhamos. Eu inicialmente comecei com recibos verdes, ganhava oitocentos euros a recibos verdes, depois fui para Faro e ganhava um bocadinho mais porque aquilo era um protocolo e estavam os ordenados estabelecidos…aí já era contrato, depois quando vim para aqui era o estágio profissional, era aquela bolsa profissional de novecentos e tantos euros, e depois ganhei um bocadinho mais quando me passaram a contrato, depois a instituição está a passar por dificuldades financeiras e já cortaram nos ordenados portanto andamos assim. Mas é entre os oitocentos e os mil o que ganhamos, penso que não varia muito daí, de todos os colegas que estão na área penso que não varia muito daí.

I: A nível do privado principalmente…

E11: Claro. No público eles ganham mais, claro que sim. No público os ordenados andam nos mil e trezentos e mil e quatrocentos, enquanto nós no privado não.

I: E considera que neste momento a remuneração está de acordo com o trabalho que desenvolve?

E11: Não, (sorri) não porque eu estou de serviço vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas e não pagam, mas pronto nós temos noção que o país tem e das dificuldades que atravessa e que as instituições ainda mais e pronto e temos de nos dar por felizes por termos um trabalho todos os dias para nos levantarmos e virmos para aqui e ao fim do mês ganharmos alguma coisa.

I: Quais são na sua opinião os pontos fortes e as limitações da profissão? Por exemplo o que é que podia ser feito para melhorar esta profissão?

E11: Eu acho que o melhorar a profissão não...é assim claro que as IPSS têm tabelas de limites salariais ou começando por um patamar mais baixo e atingindo o topo, na minha opinião é um bocadinho baixo porque entre um educador social e um assistente social nós ficamos sempre a perder e eu não percebo porquê! A nível de constrangimentos eu acho que é como eu já tinha dito há pouco, é uma questão de conhecermos um pouco mais a profissão, é uma questão de nós educadores sociais no terreno darmos de nós e mostrarmos do que somos capazes e do que podemos fazer e acho que a partir daí…claro que as coisas são todas muito lentas, as pernas para andar são curtas.

I: Como é que recomendaria esta profissão a alguém? Quais eram os principais conselhos que dava a alguém que gostasse de vir para este curso?

E11: Primeiro dizia que sim, qua acho que devia ir e depois dizia um resumo do que eu já disse aqui, que era a partir do momento em que entra no curso estar de olhos e ouvidos abertos ao mundo do trabalho, fazer voluntariado em instituições, em várias para saber como é que funcionam, ter contactos com colegas já no terreno para ser encaminhado e depois é assim a nível da parte teórica do curso aplicar-se porque há coisas que seriamente são depois aplicáveis no terreno, pronto basicamente seria isso mas acho que o voluntariado é importante porque dá-nos perspetivas que não temos naquela bolhinha enquanto estudamos.

I: E fez muito voluntariado?

E11: Não, eu não fiz, não fim. Fiz na instituição em Faro e…

I: Enquanto teve a estudar ou depois?

E11: Não, enquanto tive a estudar. E fiz numa instituição em Faro e depois fiz a minha tese de licenciatura… tem um nome, tem um nome, como é que é? Monografia. A minha monografia foi sobre voluntariado, nós estudámos várias vertentes de voluntariado. Estudámos por exemplo o voluntariado na igreja, o voluntariado no hospital, os bombeiros voluntários, os escuteiros, abrangemos várias…e aí pronto o contacto que tivemos com as instituições acabámos por, não fizemos voluntariado mas estudámos o voluntariado.

I: A nível das caraterísticas específicas que o educador deve ter quais são as principais?

E11: Acho que antes de mais temos de ser humildes portanto quando entramos no mundo do trabalho não podemos vir com a noção que sabemos tudo e que estudámos quatro ou cinco anos e que agora é que vai ser e sabemos tudo. Antes mais humildes! Depois muito importante a ética profissional porque em situações de *stress*, que há sempre no mundo do trabalho, mantermos a nossa profissão e nunca acharmos que somos mais que ninguém. E depois dar sempre de nós, ensinam-nos que nós não devemos ter as emoções ou levar connosco os problemas para casa mas às vezes temos que…não podemos ser frios ao ponto de achar que as pessoas ou o sítio onde trabalhamos são apenas coisas e sítios, temos que ser sensíveis e pôr-nos de parte das pessoas que são cuidadas, neste caso dos idosos e pôr-nos do lado da família e tentarmos perceber todas as vertentes e pronto e fazer o trabalho e sermos responsáveis e sermos verdadeiros e nunca faltar ao respeito a ninguém e termos sempre os olhos e os ouvidos abertos para aprender. Não pensar que sabemos tudo porque há sempre alguém que sabe mais que nós e que vai-nos ensinar, ouvir sempre a partir da experiência e essas coisas todas.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesse se acha que são importante ou não para o educador social e porquê? Criativo?

E11: Sim, claro que sim. É o facto de fazer omeletes sem ovos, temos de ser muito criativos, sempre. Sempre!

I: Dinamizador?

E11: Sim, claro. Claro que sim, quando as tropas estão em baixo temos de ser nós o despoletar, temos de ser nós a força que leva isto para cima e cativar e dinamizar inventando mil maneiras.

I: Manipulador?

E11: Não, eu acho que não. Aconselhador, mais do que manipulador, aconselhador.

I:Planeador?

E11: Sim claro, sempre! Nós temos de planear o trabalho e aquilo que fazemos senão isto tudo acaba por ser uma barafunda.

I: Autoritário?

E11: Não. Amigo ou aconselhador da pessoa que está ao lado e não por cima.

I: Ainda mais com idosos na é? Se tentamos ser manipuladores ou autoritários com eles podemos levar uma resposta torta ou…

E11: Para os idosos eu sou a neta deles todos porque eles veem-me…é assim quando querem-me pedir alguma coisa, quando veem aqui fazer queixinhas ou pedir alguma coisa eu sou a diretora mas quando está tudo bem e eu passo aí no corredor é como se fosse a neta deles.

I: Pertence a alguma associação cívica, cultural, recreativa, desportiva neste momento?

E11: Sou irmã da Misericórdia. Tem uma irmandade e sim sou irmã da misericórdia.

I: Agora passando para o último bloco. Tendo em conta o panorama de crise que estamos a passar, o que é que acha que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o papel dos educadores sociais daqui a um tempo? Qual é a visão?

E11: Não só eu, mas todos os técnicos que trabalham na área social, eu acho que somos nós que quando isto bater no fundo, eu acho que vai bater…quando grande parte da

população estiver desempregada e que nós tenhamos oportunidade de trabalhar, nessa altura acho que somos nós que vamos impulsionar, somos nós que vamos criar trabalho, que vamos criar garantias, que vamos dar sustentabilidade emocional e familiar às pessoas. Vamos ser tipo um…antigamente as pessoas aconselhavam-se com os padres, hoje em dia a igreja está posta um bocadinho de parte nessa situação e eu acho que as pessoas já não procuram tanto, então se calhar acabam por procurar os educadores sociais e os assistentes sociais e os psicológicos. Acho que vamos se um bocadinho os aconselhadores da população, eu acho que sim.

I: Como é que se vê profissionalmente daqui a cinco ou dez anos? Vê-se aqui o lar? Vê-se num sítio completamente diferente?

E11: Se tivesse aqui não estava insatisfeita mas acho que precisava de crescer. Nós precisamos sempre de desafios e eu tenho plena noção que a minha missão aqui não está concluída não é? Nem pouco mais ou menos mas se calhar daqui a cinco ou dez anos já estará e se calhar precisava de outras missões, de outras descobertas, de coisas que me fizessem crescer porque tal como nos dizem, "o educador social é alguém com os braços muito grandes que consegue abranger muita coisa" é muito versátil e como tal nós sentimos versáteis como somos não nos podemos restringir só a uma área, não nos podemos restringir só a este trabalho e então acho que nos faz bem, faz-nos crescer e enriquecemos a sociedade se conseguirmos espalhar um bocadinho de nós por vários sítios.

I: Sem ser a parte das prisões que já falou que tinha esta gosto especial, há mais alguma área que gosta-se de trabalhar, de ter experiência?

E11: Estou…

I: Aberta?

E11: Estou aberta sim, ao que apareça. Essa é uma área sim preferencial, como já disse gostava, mas pronto.

I: Então se pudesse escolher escolhia ir para uma prisão fazer um trabalho com os reclusos?

E11: Sim. Sim, sim. Sim.

I: Eu tive uma cadeira no mestrado o ano passado que era precisamente educação e reabilitação de reclusos e nós tínhamos de fazer um trabalho de grupo, e fomos fazer um trabalho sobre a prisão de Tires, de mães e filhos.

E11: Ah sim, antes que me esqueça também, esqueci-me disso quando falei há bocado de colóquios…nós no terceiro ano acho, conseguimos uma visita a uma prisão de alta segurança em Huelva.

I: La Ribiera?

E11: Não sei, não me lembro do nome. Então escuta, só podíamos ir para aí uns dez…foi com a professora D e aquilo pusemos os nomes todos dentro de um saco e aquilo era a quem sair e quisesse ir ia. Eu rezei a todas a todos os santos e mais algum e o meu nome foi o primeiro a sair (sorri) parece que me tinham dado o maior brinquedo e eu tudo o que ouvi ali naquela prisão parece que bebi. Eu sei que é um bocado paranoia minha, tenho plena noção disso mas tudo o que tem a ver com a prisão e como é que funciona, ainda mais aquela de alta segurança que tinha reclusos da ETA, bem aquilo.

I: Pois nós fizemos um trabalho sobre mães e filhos em contexto prisional numa prisão lá em Tires, lá perto de Lisboa. Fui fazer uma visita de estudo também nessa cadeira a Huelva a La Ribiera que é uma prisão que tem a parte da alta segurança e depois tem toda a outra parte, tem mulheres, tem homens, tinha piscina e tinha ginásio e tinha tudo. Aquilo era tudo…

E11: Pois é aquela que tem uma autoestrada no lado…

I: Sim é assim num descampado…e por ter falado nisso achei interessante. Por isso se pudesse escolher escolhia ir para uma prisão. Coloca a hipótese de ir para o estrangeiro? Fazer uma experiência internacional?

E11: Sim, porque não?

I: Mas a nível do Norte da Europa? Para ter mais prestígio e mais trabalho?

E11: Não. Eu para o Brasil, tal como a gente levámos aquela injeção do Paulo Freire. O Brasil a nível de educação social e a nível de trabalho comunitário está muito desenvolvido, eles dão muitas oportunidades, fazem projetos interessantes, há muito

para trabalhar, há muita população que procura e que quer ser ajudada e tudo mais…então eu gostava de trabalhar no Brasil e conhecer a realidade deles.

I: Há muita gente que fala em África mas no Brasil nunca tinha ouvido.

E11: Sim, nas favelas, nos centros comunitários que há naquelas populações que vivem mais dentro do mato, mais desfavorecidas, nas favelas do Rio de Janeiro, há muitas e muitas…eles chamam eu não sei se é centros comunitários ou agências comunitárias o que eles chama lá.

I: Há pouco falou ao telefone sobre uma senhora que estava a fazer trabalho comunitário ou serviço comunitário, isso tem a ver com o quê?

E11: Isso é às vezes quando as pessoas têm penas suspensas o tribunal delega por exemplo seis meses de pena suspensa mas em vez de as pessoas estarem em casa a terem a pena simplesmente lá à espera que passe o tempo são-lhes atribuídas horas de serviço comunitário e então nós como somos uma IPSS recebemos essas pessoas e então as pessoas vêm cá e depois temos o contacto com o técnico do tribunal e combinamos com as pessoas, por exemplo esta pessoa que começou hoje tem cento e oitenta horas de trabalho comunitários mas ela pediu para fazer só quatro horas da parte da manhã porque quer procurar trabalho da parte da tarde, ou mesmo se arranjar um *part-time* da parte da tarde é mais fácil assim…então pronto começou ontem e pomo-la na cozinha que é onde nós neste momento precisávamos, a descascar as batatas e as cenouras.

I: E têm tido mais gente ou?

E11: Ah tivemos aqui um que não chegou a fazer porque todos os dias que vinha, que eu lhe dizia que tinha de arrancar as ervas daí de fora e tudo mais, trabalho mais no exterior, ele dizia que tinha de ir a um funeral, todos os dias tinha um funeral para ir e então nunca fez.

I: Só para finalizar queria perguntar se tem algum sonho ou algum projeto que gostasse de implementar que ainda não tenha tido oportunidade mas que ainda queira um dia?

E11: Eu gostava de ter um…eu sei que isso não é possível porque ainda não há, mas gostava de ter um centro de acolhimento para crianças mas que fosse particular, gestão

particular mas que tivesse aberto à população claro, com a segurança social e a proteção de menores. Ter uma casa em que as crianças enquanto lá tivessem sentissem em casa, não é o caso do nosso…a misericórdia tem um CAT que funciona em Vila Real e aquilo realmente está muito bem, dentro das possibilidades do edifício e de toda a decoração, está orientado e está bonito, é um sítio bonito, se bem que há sítios que parecem autênticas camaratas e onde as crianças não têm qualquer tipo de conforto. Se eu tivesse dinheiro e tivesse possibilidade para isso era isso que faria.

I: Um centro de acolhimento…

E11: Um centro de acolhimento.

I: Pronto não sei se quer deixar mais algum comentário ou?

E11: Não, penso que já falei muito como eu falo. Falo sempre muito. Então e já fizeste muitas entrevistas?

I: Já fiz 10 entrevistas

E11: Então já estás farta de fazer entrevistas. (interrupção)

Fim da entrevista!

Entrevista nº 12

Data de realização: 20 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Escola Secundária de Albufeira

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Entrevistado nº 12: Estás a fazer mestrado em educação social?

I: Estou a fazer mestrado em educação social. O meu objetivo é estudar um bocadinho a realidade aqui no Algarve. Os contextos em que se encontra a trabalhar, o tipo de trabalho que desenvolve em cada um deles e tento abranger o máximo de educadores e o máximo de situações.

Inicialmente fiz uma pequena base de dados com alguns contactos que tinha e tinha muitos profissionais de educação social a trabalhar nos CNO's, mas agora com esta alteração que houve fiquei com muito menos e falei com a Nélia que está no CNO de Loulé e ela ajudou-me a encontrar mais contactos e um deles foi a Sara.

E12: Podes-me tratar por tu, não faz mal, a gente deve ter quase a mesma idade (sorri). Quem estás a entrevistar mais? Em Silves falaste com a Cátia Nevado?

I: Em Silves neste momento não tenho ninguém.

E12: Em Silves tens duas, tens a Cátia que foi minha académica e tens a Leonor que é uma das alunas mais antigas.

I: Ela também tirou o mestrado em educação social e terminou agora. Como eu estou a tentar apanhar o máximo de contextos vou...

E12: Diversificas um bocado...

I: Exato e depois se tiver tempo continuo a alastrar. (sorri)

E12: As entidades.

I: (interrupção) Tenho aqui um guião de entrevista com vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso. Porque que escolheste este curso?

E12: Pois a escolha no curso na altura foi feita quando ainda estávamos aqui no secundário portanto eu estudei nesta escola, fui aqui aluna e basicamente teve a ver com o facto de me identificar muito pela área social e pelo trabalho na área social. Isso foi também influenciado um bocado pelo meu percurso de infância/adolescência, eu frequentei durante dez ou onze anos o escutismo e o escutismo tem sempre uma grande vertente de ajuda ao próximo e é muito ligado à questão dos valores, etc., e eu penso que na altura enquanto adolescente isso me influenciou um bocado a ficar cativada pela área do social quando entrei para a secundária tive de optar e saúde e ciências não era muito o meu forte, não me atraia muito e portanto no ensino básico fui para económico-social e dai fui sempre definindo. Identifiquei-me sempre bastante com a sociologia e tudo o que era mais ligado a esta nossa área profissional e foi isso que condicionou a escolha. Ou era isto ou era serviço social, o serviço social era em Lisboa e eu na altura não tinha condições para ir para Lisboa e portanto eu quis educação comunitária, educação e intervenção comunitária.

I: Como é que tiveste conhecimento deste curso?

E12: Tive conhecimento deste curso por uma professora minha de Sociologia que agora é minha colega cá na escola, que na altura sabia mais ou menos o que é que eu queria e falou-me de política social no técnico e depois falou-me neste curso aqui. Depois a partir daí foi um bocado pesquisar o que é que era o curso porque na altura ainda não havia muita divulgação e ainda não se percebia muito bem o que é que era o papel do educador comunitário, agora educador social e então foi pesquisar um bocadinho o que era o curso, perceber mais ou menos o que era o fundamento da licenciatura e optar.

I: Relativamente às expetativas iniciais. Quais eram as expetativas iniciais quando entraste para o curso e foram ou não superadas?

E12: Ahh bom já passaram tantos anos e eu já não sei se me lembro muito bem do que é que eram as minhas expetativas iniciais mas eu sei que logo nos primeiros meses de curso o grande choque foi perceber que educação e intervenção comunitária era um pouco diferente de serviço social. Isso foi uma coisa que enquanto aluna nós aprendemos logo no início na turma que é serviço social de maneira geral tem um

carater muito mais assistencialista e a educação e intervenção comunitária pelas práticas da altura identificavam-se mais com um carater de intervenção e de desenvolvimento, de mudança pronto e penso que as minhas expetativas também se ligaram a isso. Portanto eu fui a pensar que se calhar o curso era um pouco parecido com ou serviço social ou de política social e um dos primeiros choques foi perceber que não era bem a mesma coisa e às vezes enquanto aluna, talvez pela imaturidade até sentia que havia uma certa divergência, um certo choque entre os cursos de serviço social e os cursos de intervenção comunitária, de educação social e de animação sociocultural… havia ali uma certa tensão. Mas de resto não, em termos de expetativas, enquanto aluna eu até achei que na altura em que eu fiz o curso fui já das…pertenci a turmas já mais beneficiadas comparativamente às primeiras alunas do curso porque se nós falarmos com alunas que acabaram o curso se calhar há mais quatro ou cinco anos do que eu ou do que tu e muitos dos comentários que te vão fazer é que elas foram um bocado cobaias do curso e que houve uma série de reestruturações que depois fizeram a diferença. As vantagens que eu senti quando acabei é que as minhas expetativas tinham sido superadas porque considero que é um curso de banda larga e nós temos o professor A que continua a dizer isso e a defender o curso assim, e ele que não leve a mal mas é um curso que dá para trabalhar em muitas realidades diferentes e isso para nós realmente é uma vantagem tendo em conta o mercado, tendo em conta a crise, tendo em conta todas as dificuldades que encontramos. Mas acho que sim, acho que pondo de parte esse aspeto de perceber que era diferente ser assistente social e ser educador comunitário, naquela altura como eu encarava as coisas, de resto fiquei satisfeita com a licenciatura.

I: Mas tu querias que fosse mais para o lado de serviço social? Era essa a tua ideia e era isso que tu querias na altura?

E12: Quando eu entrei era isso que eu queria na altura, com o amadurecer e com o tu adquirires mais conhecimentos ao entrares no contexto tu percebes que não tem nada a ver com títulos e que pode haver assistentes sociais a desempenhar um bom trabalho em termos de desenvolvimento comunitário e portanto hoje em dia eu já não considero que faça sentido haver validade entre um assistente social e um educador social porque acho que o trabalho tem a ver com as pessoas e a forma de estar profissionalmente e não com o curso que as pessoas tiram e de certeza que há educadores comunitários que também fazem um trabalho assistencialista e há assistentes sociais que fazem um trabalho muito

mais de intervenção, portanto isso hoje para mim já não faz muito sentido. Na altura a ideia que eu tinha era que sim, que queria ajudar os coitadinhos da sociedade, entre aspas…ideia de uma miúda de dezassete ou dezoito anos e depois com o tempo tu vais amadurecendo e vais ganhando uma perspetiva diferente das coisas. Hoje em dia estou muito mais satisfeita com aquilo que fiz e acho que se calhar tem mas a ver com a minha forma de estar profissionalmente ter tirado o curso de educação comunitária do que se calhar ir tirar serviços social.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação em relação ao curso? O que é que gostaste mais?

E12: Olha o que é que gostei mais? Para já gostei muito de crescer, de crescer no ser mais, do saber mais porque acho que a nossa licenciatura pelo facto de ser tão diversificada em termos da áreas da educação proporciona uma visão mais aprofundada das coisas e portanto dá-te a oportunidade de crescer enquanto ser humano e tendo em conta a área em que tu vais trabalhar vem sempre outros aspetos por acréscimo portanto essa foi uma das coisas que para mim foi mesmo, mesmo boa. Depois o facto também de poder ter contactado com um ou dois professores que fizeram mesmo a diferença em termos da minha formação. Foram pessoas que estimularam muito a minha evolução enquanto aluna e enquanto futura educadora comunitária e foi um privilégio poder trabalhar com eles, nomeadamente o professor B, para mim foi dos melhores professores que tive na licenciatura, depois cheguei a trabalhar com ele, ele foi meu coordenador no Centro de Novas Oportunidades da Universidade do Algarve e gostei muito de trabalhar com ele tanto enquanto aluna como enquanto colegas, foi espetacular e é uma pessoa que nos permite crescer e isso também foi uma mais valia foi podermos trabalhar com os professores de uma forma mais próxima e notar-se a evolução de ano para ano. Mais? A própria natureza do curso, por ser um curso que na altura era o politécnico e tinha vertentes muito mais práticas. Nós tínhamos muito mais oportunidades de fazer trabalhos e os estágios que chamávamos práticas, do que se calhar outros cursos que só contactavam com o público-alvo no último ano de universidade e nós não…praticamente desde o primeiro ano tínhamos sempre muito trabalho de terreno, pelo menos a minha licenciatura foi muito programada com essa preocupação…isso também achei uma mais-valia. Pronto assim de repente não me lembro de muitas mais coisas mas estas são as que me vêm à ideia (sorri).

I: Sim. A nível dos motivos de insatisfação o que é que apontas quando estiveste a estudar e depois de teres saído da universidade não é? Algum motivo que apontes assim que te tenha insatisfeito?

E12: Insatisfação, eu acho que isso pode ter a ver com o próprio país e a estabilidade das próprias universidades mas por exemplo uma das coisas que durante o curso a mim me fez muita impressão era a instabilidade a nível de professores, isto porque entre o primeiro e o quarto ano houve muitas mudanças de professores nas cadeiras que nós tínhamos. Eu posso dizer que no primeiro ano havia um professor de métodos e técnicas, no segundo ano já houve outro, no terceiro ano já houve outro e eu sei que agora já mudou mais duas ou três vezes e como aconteceu em métodos e técnicas, aconteceu noutras cadeiras, noutras disciplinas e isso que tenha a ver com as dificuldades das universidades, de não poderem meter pessoas no quadro e estarem constantemente a recorrer a contratados. A própria questão da contratação e isso agora dito por uma pessoa que está de fora e eu até posso não saber de todos os pormenores, mas a perspetiva que eu tenho é que feliz ou infelizmente recorremos muito à prata da casa para preencher vagas em termos de disciplinas. Isto porquê? Porque os nossos, os professores que estão à frente do curso tentaram sempre ir buscar antigos alunos para dar cadeiras do curso…não digo que isso seja mau, agora não sei é se comparativamente a outras universidades em que existem professores já com largos conhecimentos, larga experiência de terreno, muitos anos daquela área académica, se estaremos equilibrados e eu acabei o meu curso em 2005, por acaso durante a licenciatura acho que o antigo aluno que houve enquanto professor meu foi o professor C e mesmo assim já tinha muita experiência de terreno, já tinha feito montes de projetos e montes de coisas…mas sei que depois de eu sair entraram uma série de colegas antigos para dar animação comunitária, para dar métodos e técnicas, para dar educação de adultos, etc. Por um lado isso é bom porque aumenta os índices de empregabilidade dos educadores comunitários não é? Por outro lado não sei até que ponto é que essas pessoas estarão preparadas e poderão proporcionar aos alunos que estão no curso uma boa formação…não sei se compreendes o que é que eu estou a tentar dizer, se tas a perceber e eu comecei a ter muita noção disso quando comecei a fazer o meu mestrado. Eu acabei o meu mestrado este ano em educação de adultos, fiz mesmo a especialização num tema que é a educação e a formação de jovens e adultos pouco escolarizados e fui para a Universidade de Lisboa. Eu podia ter feito aqui em Faro mas não quis exatamente

porque percebi que havia uma grande discrepância entre a exigência a nível de ensino da Universidade do Algarve para uma universidade mais competitiva como a Universidade de Lisboa ahh e eu notei uma diferença abismal daquilo que foi o trabalho que eu fiz durante o nosso curso daquilo que foi o trabalho neste mestrado em termos da preparação dos professores, em termos do domínio dos saberes por parte dos professores. Notei uma grande diferença e não estou arrependida de ter feito o mestrado na Universidade de Lisboa porque senti que me permitiu crescer e que se calhar devia ter conseguido apanhar um bocadinho mais disso na minha formação de base, portanto essa foi uma das desvantagens vá.

I: E achas que aí a responsabilidade é de quem?

E12: A responsabilidade é de quem?

I: Da universidade em si? Dos diretores de curso?

E12: É assim podemos falar em responsabilidades partilhadas. Eu acho que existem uma serie de limitações que levam a essas opções, por um lado os recursos que a universidade tem…se tu não tens muito dinheiro disponível tu não podes pagar qualidade, vá lá, e nós sabemos que ter um professor que é um *expert* na área de certeza que saí mais caro e exige muito mais em termos de regalias do que se calhar ter um contratado a quem tu pagas um escalão mais baixo e que tem o mínimo de conhecimentos exigível…não deves cortar as pernas nem ao mais novo nem ao mais velho mas em termos financeiros é claro que isso fará diferença e portanto eu o que sinto ou o que percebo daqui é que deve ser exatamente por isso que eles recorrem tanto a educadores comunitários porque têm de jogar com os recursos que têm, basicamente acho que é por aí.

I: Num questionário que fiz antes desta fase das entrevistas perguntei exatamente os motivos de insatisfação e os principais três apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três estás de acordo com algum em especial ou achas que não enquadras a tua opinião em nenhum deles?

E12: O último não me enquadro nada nele, minimamente, eu fui ficando sempre satisfeita ao longo dos anos. Em relação à questão de evolução na carreira, a partir do momento que tu consigas uma colocação numa instituição que tenha evolução na

carreira e isso tu só consegues a nível estatal, tu com os anos vais conseguindo progredir não é? Nós temos vários colegas em câmaras há imensos anos ou noutras instituições com alguma instabilidade e vão conseguindo evoluir. A questão é que isto também não está fácil e já quando eu saí do curso em 2005 não estava fácil e portanto agora pior ainda não é? E se calhar daqui a cinco anos vamos continuar a dizer isso e isso tem a ver com a falta de conhecimento sobre o curso de educação social? Tem, tem a ver. Embora tenha sido feito muito trabalho pelos professores do curso, se tenha tentado avocar pela própria universidade etc., eu acho que tem a ver um bocadinho por aí. O facto de termos mudado de nome para educação social ajudou porque nos juntámos a uma identidade que a nível nacional já é um bocadinho mais reconhecida. Já há curso de educação social pelo país a fora e portanto a união faz a força sendo que em maior número somos mais representativos do que estarmos nós aqui na ponta do país a dizer que somos educadores e interventores comunitários, pronto. Portanto acho que ainda enquanto eu era aluna, quando se começou esse trabalho com a associação de educadores sociais que se criou penso eu para tentar uniformizar um pouco os cursos e conseguir essa identidade, solidificar essa identidade e isso foi muito bom. Mas não me identifico particularmente com nenhum deles, percebo os dois primeiros, percebo que haja ainda falta de conhecimento sobre o que é um educador social.

I: Como é que isto podia ser ultrapassado na sua opinião?

E12: Eu acho que isso se pode fazer no terreno, com todos os técnicos dessa área. Acho que se calhar a Universidade do Algarve pode experimentar insistir numa questão do que é divulgar o papel do educador comunitário nas várias instituições, nas várias áreas de atuação mas principalmente o trabalho é das pessoas que estão no terreno, sejam alunos, sejam técnicos já formados.

I: Ser bons profissionais.

E12: Porque é esses que estão no local, são esses que têm de dar a conhecer as suas potencialidades, quais as vantagens de ter o educador social na escola, quais as vantagens de ter um educador social num centro de saúde, quais as vantagens de ter um educador social numa autarquia portanto é por aí que eu acho que o caminho deve ser feito.

I: Há muita gente que também fala numa Ordem, que isso ia ser parte da solução. Concordas com isso? Ou achas que era só uma questão de burocracia e íamos ficar na mesma?

E12: Ah as Ordens para mim são *lobbies* e quanto mais força o *lobby* tiver mais poder consegue exercer. Eu acho que uma associação pode fazer um trabalho pertinente, agora daí a dizer que seria uma coisa decisiva, não sei. Nós temos tantas profissões que socialmente são reconhecidas e que não têm Ordens, não vejo que seja por aí, que seja isso um caminho obrigatório ou único. Mas sim acho que a associação que já existe…se continuar a existir porque eu depois deixei de ter contacto, que pode fazer um bom trabalho nesse sentido.

I: Durante a licenciatura participaste em atividades extracurriculares? Seminários, formações, *workshops*?

E12: Sim, sim, sim frequentemente.

I: Por exemplo? Qual foi o seminário que participaste que tivesses gostado mais ou que tivesses tido mais interesse?

E12: Ah olha eu lembro-me não sei se foi no terceiro ou no quarto ano que o curso começou a dinamizar os encontros de educação e intervenção comunitária, não sei se chamavam assim…não sei se foi nesse ano que se começou a organizar isso mas eu lembro-me que gostei muito de participar nessa atividade porque foi nessa altura que se começou a dinamizar de forma a serem os alunos a organizar tudo, desde o início. Nós no início do ano letivo começávamos logo a preparar e fazer convites, ver que temas seriam abordados e era tudo feito por nós… mas gostei particularmente dessa atividade. Tirando isso tudo o que era visitas de estudo ou palestras sobre coisas relacionadas com o curso que se faziam eu gostava sempre muito de ir. Lembro-me uma vez de ir a uma sobre educação de adultos com o Alberto Melo, que também é uma pessoa ligada o nosso curso e com o professor B sobre os Centros RVCC na altura e educação de adultos em geral, também gostei muito porque também sempre me identifiquei muito com esta área, já durante o curso. Ah mas ia a tantos sei lá na área dos idosos também me lembro de fazer formação na Cruz Vermelha, para aí no terceiro ou no quarto ano e também ir a alguns seminários, uns relacionados com sessões relacionadas com a terceira idade, outros organizados pela segurança social…fui a vários também. Mais?

Também lembro-me que o meu ano foi três vezes consecutivas ao encontro de animação sociocultural a Beja, que na altura também era assim um grande acontecimento e o pessoal de animação do país inteiro e eram três dias esse encontro e ficámos sempre na pousada de juventude lá e era muito giro porque achávamos aquilo o máximo, achávamos que aquilo era assim muito à frente e lembro-me que fomos três anos seguidos a esse encontro. Mas pronto todos os anos fazíamos sempre alguma coisa, algumas delas dinamizadas na universidade, outras fora da universidade dinamizadas por autarquias ou por associações. Procurávamos sempre ir.

I: Achas que estas atividades contribuíram de alguma forma para a tua inserção no mercado de trabalho?

E12: Sim, acho que sim, principalmente no que diz respeito a concursos e colocações a nível do Estado porque para quem não sabe mas é de conhecimento comum, quando se concorre a um concurso público todos os seminários e os *workshops*, formações que tu fazes têm pontuações atribuídas dependendo da área a que te estejas a candidatar e é óbvio que todas aquelas formações acabaram por contribuir para eu ficar com uma colocação mais elevada se calhar comparativamente a outras pessoas.

I: Já disseste que tinhas um mestrado. Sentiste necessidade de mais formação mesmo a nível de cadeiras ou de outras licenciaturas, depois de terminares o curso?

E12: As formações que eu fiz foram sempre formações pontuais, muitas delas relacionadas com áreas em que eu gostaria de trabalhar ou com a área que eu estava a trabalhar portanto a partir do momento em que eu deixei o meu curso tentei fazer sempre uma ou duas por ano para me ir atualizando ou para ir preenchendo lacunas que eu sentia no meu desempenho profissional. Não recorri a nenhuma cadeira universitária a não ser para o mestrado portanto todas as formações que eu fiz foram em empresas de formação privada acreditadas pela DGERT ou de associações ou de outras instituições que promoviam esses cursos.

I: Na tua opinião achas que devia de ser melhorada alguma coisa no funcionamento geral do curso?

E12: No funcionamento geral do curso. Muito bem isso é um bocadinho relativo porque eu só posso opinar consoante a minha realidade de há não sei quantos anos atrás…ah ui

que pergunta complicada tentar-me lembrar da minha realidade na altura e que questões é que podiam ser feitas.

I: Normalmente quando as coisas são boas ou más nós recordamos e a minha intenção é essa.

E12: Sim, é assim eu se calhar houve cadeiras que foram mal aproveitadas e agora com não sei quantos anos de distância e de maturidade profissional há certas lacunas que eu sinto e que penso "olha se calhar naquela cadeira em vez de termos feito aquilo que não trouxe nada de novo podíamos ter trabalhado este tipo de coisas". Que cadeiras é que eu achei que foram mal aproveitadas? Alguns seminários…que agora não sei como é que está a estrutura do curso mas que na altura também se chamavam assim. A cadeira de educação para a saúde não tirei dali grande coisa. Uma cadeira que nós tínhamos de como é que era aquilo? Era relacionado com geografia, não me lembro exatamente o nome, não me lembro o nome, foi uma cadeira para aí do terceiro ou do quarto ano e sei que a gente andou a dar coisas de geografia tipo o que é que era a restinga, o que é que era a ria, o que é que era a península, coisas que ali para mim não faziam muito sentido e que quando refletia um bocado sobre o nome da disciplina achei que tava a ser mal trabalhada. Mais? Uma cadeira também que nós tivemos relacionada com economia, também andámos a fazer trabalhos sobre as várias instituições dentro da União Europeia, os vários órgãos dentro da União Europeia, também achei que não tirei grande coisa dali. Mas também já passou tanto tempo que não me lembro de mais, lembro-me só destas três porque achei que não adiantou.

I: E há alguma que tu não tiveste que achasses que deve ser essencial para o curso?

E12: Olha eu já não me lembro se nós tivemos alguma coisa ao nível da ética profissional e da legislação laboral, que é uma disciplina ou uma área que agora alguns cursos trabalham, que eu acho que é muito pertinente. Não me lembro sinceramente se nós tivemos mas acho que não tivemos nada sobre isso e seria muito importante até porque nós ao trabalhar com pessoas, seja no atendimento ao público, seja no trabalho de terreno precisamos de ter noção de muita coisa relacionada com constituição da república, direitos e deveres aos mais diversos níveis e muitas vezes não temos. E a própria questão do sentido ético, da responsabilidade, da questão do sigilo por exemplo aqui no meu trabalho é deveras importante a questão do sigilo porque eu trabalho com histórias de vida e tive de ganhar sensibilidade de não andar para aí a comentar com

fulano ou sicrano aquilo que trabalhava com as pessoas e acho que esse tipo de coisas seriam pertinentes de abordar e muito sinceramente sete anos depois não recordo nós termos trabalhado a questão da ética profissional e do código de conduta, era importante. Agora não sei como é que está a estrutura e se isso está a ser tido em conta ou não mas era uma proposta.

I: A nível de atividades que o curso organiza já falaste um bocadinho. Achas que devia haver mais alguma? Mesmo a nível de divulgação se calhar? Achas que...?

E12: Sim, se calhar a nível da divulgação, voltarem a fazer o mesmo trabalho que fizeram nos primeiros anos do curso junto das entidades que potencialmente podiam contratar não é? Potenciais educadores. Se calhar uma coisa que não me lembro de ter sido feita era tentarem fazer encontros de educadores sociais, juntarem cursos e educação social de vários pontos do país e fazer encontros, com propostas de trabalho talvez. Uma coisa que também não me lembro de ter sido muitas vezes feita era convidarem professores de outras universidades, que foi uma coisa que eu agora por acaso no mestrado tive sempre, nós tínhamos sempre aulas partilhadas e vinham professores de outras universidades do país ou de outros países, partilhar um bocado da realidade e a experiência deles e eu achei isso muito bom em termos de crescimento profissional e troca de experiências e era uma coisa que podia ser feito também no nosso curso mesmo na licenciatura. Eu lembro-me que nós tínhamos em algumas disciplinas, em algumas cadeiras convidados mas normalmente ou era pessoas ligadas a instituições ou eram educadores comunitários que estavam a trabalhar naquela área do que andávamos a tratar, mas em termos de especialistas, especialistas tirando o Alberto Melo e se calhar mais um ou dois, nunca me lembro de termos outros professores de outros contextos, de outra instituições académicas a ir falar às nossas aulas ou ir fazer palestras.

I: A nível da qualidade dos docentes já falaste um bocadinho que tinhas alguns docentes que te marcaram. E no sentido negativo, tens alguma coisa a dizer?

E12: É assim eu tive professores que naquela altura achei que não tinham desempenhado um bom papel enquanto docentes, um deles acho que já não está lá e eu já não me lembro bem do nome dele mas era o antigo diretor do curso, qualquer coisa K que já não me lembro do nome dele mas era o diretor do curso. A professora G que atualmente é a diretora do curso quando entrou ela o primeiro ano que teve em educação

e intervenção comunitária foi a dar-nos animação sociocultural, a coisa também não correu muito bem porque ela teve ali uma fase de transição, nós ainda…ainda houve ali enquanto turma um choque com ela e depois com a ajuda de alguns professores pedimos para falar com ela numa aula e prontos demos a nossa opinião que achávamos que a cadeira não estava a ser bem trabalhada, não tava a ser bem conduzida e ela teve a capacidade de adaptar as coisas e de ser flexível ao ponto de perceber o que é que eram as nossas necessidades e tentar ir ao encontro disso. Em termos de aspetos de professores que possam ter marcado mais pela negativa isso é entre esses dois. O professor de psicologia social que antigamente era o não sei que H também não epá aquilo é o cadeirão do curso…para mim é o cadeirão do curso exatamente porque eu acho que não aprendi nada com aquele homem e ele é super exigente mas também não tem a capacidade de passar para os alunos aquilo que se pretende…isto foi o que eu senti na altura, detestei aquele cadeirão, não aprendi nada com aquele cadeirão porque não consegui, acho que não se criou ali uma relação pedagógica. Tive a sorte de o conseguir fazer e olha foi mesmo à rasquinha mas olha não, não tirei nada dali! Não tirei nada dali. Aspetos positivos ou pessoas que marcaram mesmo pela positiva o professor B para mim é dos melhores naquele curso, é dos melhores porque é uma pessoa muito humana, é uma pessoa muito humilde e enquanto professor é um professor que tem prazer em ver-te evoluir e trabalha contigo para isso. Ele não te dá as coisas de mão beijada mas cria as condições para que tu enquanto aluna possas crescer e penso que todos os alunos dele conseguem fazer essa reflexão, os que trabalharam mais próximo com ele conseguem fazer essa reflexão e eu lembro-me que cresci bastante nas cadeiras que tive com ele e ainda é uma pessoa que hoje em dia admiro bastante. O professor C também era uma pessoa com quem eu gostava muito de trabalhar, foi o meu orientador da monografia, é uma pessoa também muito prática, muito despachada, tem um sentido crítico também muito apurado, também gostei muito de trabalhar com ele. Pronto assim de repente são os que eu me lembro mais.

I: Qual tem sido o teu percurso profissional desde que terminaste a licenciatura? O que é que fazes? Que funções é que tinhas?

E12: Olha eu no último ano de universidade ainda não tínhamos terminado o curso e eu já comecei e ir trabalhar, consegui logo um estágio profissional. Senão me engano comecei para aí no início de Maio e a gente acabou o curso a meio de junho. Comecei, fiz o estágio profissional num projeto de intervenção social da Casa da Cultura de Loulé

mas o projeto era em Quarteira que se chamava Clube Bus II e que era intervenção ao nível de famílias em risco, crianças e jovens de bairros de habitação social de Quarteira. Fiz esse estágio profissional durante um ano porque teve prolongamento porque eram nove meses e pediram-se mais três, estive lá durante um ano e ao fim do ano como a Casa da Cultura de Loulé não tinha condições de manter as pessoas que lá estavam em estágio profissional e estávamos vários assim, eu acabei por ser uma das que vim embora. Saí daí, estive três meses sem trabalhar, entretanto das candidaturas espontâneas que fiz consegui que uma associação cultural e desportiva em Tunes me chamasse e fui abrir um ATL. Aquilo foi mais ou menos no inicio do verão portanto o ATL funcionou prai de Junho até Dezembro e eu era uma espécie de coordenadora do ATL, era a única técnica naquela associação, a associação era basicamente para a promoção de atividades desportivas, mas como aquela freguesia tinha uma necessidade muito grande a nível das crianças nas férias do verão não tinham com quem ficar…eles tinham um espaço de uma escola primária antiga e pediram-me para dinamizar um bocado aquilo, ou seja, criar as infraestruturas, adaptar as infraestruturas para terem as condições necessárias, criar um plano de atividades, criar regulamento, criar isto e aquilo, criar as condições para ter la um ATL a funcionar e o objetivo era funcionar no verão para férias escolares e quando começasse o ano letivo nós fazermos uma espécie de apoio ao estudo…os meninos depois de saírem da escola iam para lá, nós ajudávamos a fazer os trabalhos da escola e o tempo que sobresse até os pais chegarem nós fazíamos atividades de animação sociocultural, etc. ao fim de seis meses eu acabei por sair porque a associações não tinha condições para eu continuar lá e porque que isto aconteceu? Porque foi o ano em que começaram as AEC's, as atividades extracurriculares e deixou de haver meninos da escola primária só a ter meninos da parte da manhã e meninos só a ter escola da parte da tarde e portanto os planos que nós na altura tínhamos de conseguir ter crianças que antes de ir para a escola estavam lá ou que depois de virem da escola ficavam lá foi por água abaixo porque nesse ano instituiu-se ao nível do ministério esse horário alargado depois das aulas e portanto fui cumprir o contrato que eu tinha a muito custo, com muitas coisas em atraso etc. e eles acabaram por não renovar. Depois tive para aí um mês e meio, dois meses sem trabalho até que o professor B me deu conhecimento de estarem a recrutar, de estarem abertas candidaturas para profissionais de RVC no CNO da Universidade do Algarve e disse-me "olha se quiseres concorre porque vamos precisar de pelo menos duas pessoas" e eu concorri logo porque sempre foi uma área que eu tive interesse e curiosidade em

trabalhar e concorri, consegui ficar. Tive no CNO de Lagoa de Maio ou Junho de 2007 até Novembro de 2008, entretanto foi quando começaram a abrir CNO´s nas escolas públicas, ou seja, houve um grande *boom* de recrutamentos e eu tive conhecimento que ia abrir aqui um centro em Albufeira e como eu morava em Albufeira ia todos os dias e vinha para Lagoa concorri para aqui. Concorri, fiquei e quando soube que fiquei colocada saí do outro centro e vim para este. Para além deste trabalho enquanto profissional de RVC, também foi em 2008 que eu entrei na formação portanto desde 2008 que eu dou formação. Dou formação de formadores, dou mediação de cursos EFA, já fiz mediação de cursos EFA, curso de educação e formação de adultos. Já trabalhei como mediadora desses cursos e também como formadora, já dei formação também na área da cidadania e mundo contemporâneo, pronto basicamente é isso também já dei formação dentro desta área da educação de adultos na Universidade do Algarve, tem sido mais ou menos por aí.

I: E ao nível do salário desde que terminaste a licenciatura até agora…tens três anos de trabalho…

E12: 2007…não 2005 porque comecei logo a trabalhar. 2005 Até agora, sete anos.

I: Como é que tem sido? Tem piorado? Tem melhorado? Tem estado mais ou menos estável?

E12: Olha eu quando estava no estágio profissional acho que ganhava para aí novecentos euros, depois fui para aquele ATL ganhava setecentos e tal euros, depois na Universidade do Algarve acho que ganhava para aí, não me lembro se era novecentos ou mil euros e quando eu entrei aqui no primeiro contrato eu ganhava mil cento e tal euros. Entretanto nós, eu entrei com contrato de 2008 a 2011, quando o contrato foi renovado, o ministério da educação deu a indicação de nos fazerem novos contratos mas a receber menos, portanto eu neste momento estou a receber menos cento e tal euros do que recebia no meu contrato antigo a fazer as mesmas horas e as mesmas funções portanto regredi um bocadinho. Não to péssima comparativamente aos primeiros anos de trabalho mas regredi um bocadinho nos últimos meses.

I: E ao nível daqueles…quando tiveste aqueles meses desempregada quais foram as principais dificuldades que encontraste na procura de trabalho?

E12: A principal dificuldade para mim era mesmo não haver trabalho, nem sequer era a questão de não conhecerem muito bem o papel do educador comunitário porque eu recebia muitas respostas às candidaturas e sabia que aquelas instituições já tinham lá técnicos ou já tinham colaborado com técnicos da nossa área, não era muito por aí, era mais mesmo pela questão de não haver oferta e essa é foi a principal dificuldade na altura…já ter esse receio de ter poucas ofertas de trabalho e acho que agora isso deve ter tipo triplicado ou mais.

I: Na tua opinião a formação que recebeste está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Achas que este é um curso que está bem feito e direcionado ao mercado de trabalho?

E12: Ah quem sai de qualquer curso universitário a pensar que vai ser o suprassumo quando começar a trabalhar engana-se e eu na altura se calhar achava que estava mal preparada mas com o tempo eu comecei a ver as coisas de outra forma. Por muito bom que seja o curso, por muito boa que seja a universidade e muito bons que sejam os docentes tu não sais nunca dum curso completamente preparada para o mercado de trabalho porque o curso não te dá tudo. Tu ali recebes ferramentas a nível teórico, vá lá e algumas em termos práticos mas depois no dia-a-dia é que é que tu vais aprendendo a lidar com as situações e vês como te confrontas com elas e tu no curso de intervenção comunitária, pelo menos eu, não aprendi como é que tinha de ser o meu relacionamento interpessoal com os utentes, com os meus adultos aqui no centro ou com as crianças e com os jovens com quem eu trabalhei em Quarteira. Não foi através de cadeiras do curso de intervenção comunitária que eu aprendi a assertividade e como é que era a capacidade de liderança e como é que eu tinha que liderar uma equipa, isso não se aprende assim. Há muitas coisas que se aprendem na vida e com a prática e isso é neste curso e é noutro curso qualquer, na medicina passa-se a mesma coisa, eles têm notas todas muito boas mas depois há coisas que só na prática, no contacto com o utente é que tu aprendes não é? E isso é a evolução natural das coisas. Não sinto que fiquei mal preparada, muito pelo contrário acho que nós comparativamente a outros cursos, pelo facto de podermos trabalhar em tantas áreas saímos com uma perspetiva muito mais alargada e duma forma geral temos uma cultura, temos conhecimentos gerais muito mais fundamentados do que se calhar outros cursos na área social, agora é óbvio que há coisas que tu aprendes fazendo não é?

I: A nível do estágio curricular achas é que bem estruturado e que é adequado à tua preparação para o mercado de trabalho?

E12: Ah olha eu fiz o meu estágio curricular no gabinete de apoio à juventude na câmara de Albufeira e o meu estágio correu bem mas também correu bem porque nós nos entregámos muito, eu não me lembro exatamente quantos meses era o estágio na altura mas sei que…acho que o estágio na prática nós só teríamos de ir para lá exercer trabalho para aí em Janeiro e a gente começou logo a ir em Outubro, fazer aquela parte mais teórica da caracterização da instituição, das necessidades etc., mas nós a par desse trabalho nós fomos logo começando a trabalhar para nos integrarmos, para conhecermos as pessoas, conhecermos o público-alvo com quem íamos trabalhar etc. eu na altura achei que tinha corrido bem, gostei de fazer o estágio, as práticas como nós chamávamos. Se calhar achei que em termos de acompanhamento por parte do professor orientador era preciso mais mas ele também não tinha como fazer mais, ou seja, o meu professor orientador na altura foi o professor A…eu se calhar senti necessidade de o ver mais vezes na instituição para me ver e para me avaliar ou de estar mais vezes com ele para tirar certas dúvidas e pedir certas orientações mas também sabia que para ele era muito complicado porque ele tinha ou era metade da turma ou era a turma toda para práticas e tinha de correr o Algarve inteiro para ver pelo menos uma vez a malta inteira. Era muito difícil conjugar isso com trabalho de curso, direção de curso e aulas que ainda tinha para dar portanto acho que nesse aspeto podiam tentar trabalhar isso, não sei se já está diferente, mas também consigo ver o outro lado e as limitações que existiam na altura. Mas de uma forma geral o meu estágio, as minhas práticas correram bem. Fiquei satisfeita na altura, acho que evolui bastante, ajudou a ter um bocado noção da realidade e que não é tudo lindo e maravilhoso e com que tipo de constrangimentos é que nos podemos confrontar no trabalho, no terreno mas gostei bastante.

I: Na tua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas instituições e na sociedade?

E12: Sim claro que sim, embora hoje em dia já existam uma série de atores sociais, o educador social, o animador sociocultural, mais não sei quantas figuras que acaba por interagir um bocado no contexto ou seja, eu hoje não sei um bocado qual será a diferença um educador social a trabalhar num determinado contexto e um animador

sociocultural a trabalhar nesse mesmo contexto. Acho que os papéis já interagem um bocado mas sim, penso que se encararmos o educador social como uma figura que trabalha a nível de minorar os problemas sociais, de minorar os oprimidos da sociedade ou outras perspetivas que se possa classificar, desempenham um papel importante. No contexto em que eu trabalhei mais que é este da educação de adultos é decisivo, embora não seja muito reconhecido, ou seja, em muito poucas escolas tu tens educadores socias a trabalhar e quanto a mim é dos principais contextos que deveriam considerar isso prioritário, não só com o trabalho que tu podes fazer com as crianças e jovens em termos de prevenção de comportamentos de risco como em termos de educação para a saúde, como em termos de muitos contextos ligados à problemática juvenil e que não é tido em conta e se formos a ver em muitas das escolas a única pessoa da área social que tem que possa fazer intervenção é o psicólogo que tem que apagar não sei quantos fogos desde orientação escolar e vocacional, acompanhar crianças com deficiência, etc., etc., e que não consegue ir fazer trabalho nenhum mais próximo com os miúdos.

I: Ao nível das IPSS's. Gostavas de trabalhar numa IPSS? Achas que também são importantes para…é importante a presença do educador social nestas instituições, quer ao nível político, quer ao nível social?

E12: A nível social sim, aquilo que eu disse anteriormente duma forma geral aplica-se ao contexto das IPSS´s. Já tive uma fase em que gostava bastante de trabalhar numa IPSS porque tinha uma perspetiva de ser um contexto com mais estabilidade e isso para mim atraia-me não é? Por outro lado também continuo a ter a perspetiva de que o trabalho de um educador social numa IPSS é um trabalho muito mais ligado e muito mais próximo à comunidade. E é giro tu a um nível micro não é? Porque tu numa IPSS nunca trabalhas com grandes públicos e tu a nível micro conseguires criar uma relação próxima com os teus utentes, com o teu público-alvo e veres a evolução que o teu trabalho pode ter e as repercussões que o teu trabalho pode ter na comunidade. É um dos contextos onde eu gostava de trabalhar, sinceramente sim, mas se me perguntares se o meu sonho enquanto educadora social é uma IPSS, não é. Eu há um ano atrás estava com uma colega nossa de curso que é minha afilhada de curso, estávamos a tentar montar um projeto para abrir uma empresa de apoio ao domicílio para idosos e acamados e essa sim é a minha área de eleição, trabalhar com idosos. Gostava de abrir ou instituição de terceira idade ou ligada à terceira idade ou então uma empresa desse serviço de apoio ao domicílio para a terceira idade.

I: A nível dos agrupamentos de escolas, achas que é importante a presença deste profissional?

E12: Acho! Exatamente pelas questões que eu já referi. Acho que o educador social pode trabalhar uma série de problemáticas ligadas à área da juventude que pelo privilégio que tem de estar inserido numa escola, de estar integrado no contexto onde os miúdos estão e de poder observar de perto e criar laços com os miúdos deveriam ser aproveitados na minha opinião são em muito poucas escolas. Eu acho que conheço para aí uma ou duas escolas no Algarve que têm educadores sociais a trabalhar lá.

I: Há uns anos atrás havia muitos educadores a trabalhar nos GAAF's.

E12: Nos gabinetes de apoio à família.

I: Mas agora acho que o governo também já cortou os financiamentos.

E12: Exatamente não há dinheiro corta-se.

I: E depois são os professores mas os professores não conseguem fazer o mesmo trabalho.

E12: Não. Não conseguem fazer o mesmo tipo de trabalho porque não tiveram preparação para isso, porque se calhar também alguns não têm vontade disso ou porque não têm tempo porque hoje em dia ser professor é uma tarefa muito mais burocrática do que pedagógica e eu que estou aqui e não sou professora tenho plena noção disso em relação aos meus colegas e portante mesmo que haja boa vontade tu muitas vezes por mais que queiras não consegues ser a super mulher e com os professores passa-se um bocado assim. Há professores aqui nesta escola que conseguem fazer um trabalho mais social do que pedagógico com os alunos mas é porque têm no horário tempos livres que preenchem com projetos na escola.

I: A profissão tem vindo ao encontro das tuas expetativas?

E12: Sim, sim. Estou satisfeita com o curso que tirei e estou satisfeita por trabalhar nesta área. É claro que há dias que me chateia muito e que digo "ah devia ter tirado isto ou aquilo" e muitas vezes estas frustrações têm a ver com falta de condições de trabalho ou com a questão da instabilidade da empregabilidade, que é o que me preocupa agora porque sei que posso ficar sem trabalho daqui a dois meses…ou então com a situação

que o próprio país vive e tu muitas vezes quereres fazer as coisas e sentires que sozinha não consegues, não consegues chegar lá porque há crise, porque não apostam nas associações, porque as IPSS's estão a morrer porque não têm os apoios que tinham antigamente, etc., etc.

I: No teu trabalho atualmente, quais são as tarefas que desenvolves?

E12: Ah olha o meu trabalho é um trabalho de grande proximidade com adultos. Basicamente o que eu faço é trabalhar com pessoas com mais de dezoito anos, dos dezoito até aos sessenta e tal, setenta e tal. Nós fazemos um trabalho ao nível da certificação escolar e a figura do profissional de RVC num centro de novas oportunidades é mais ou menos a de um tutor. Portanto sou eu que sou responsável por pessoas que chegam ao centro para fazer processos de reconhecimento de competências, sou eu a responsável por grupos que abram, tudo o que é resolvido a nível burocrático com essas pessoas é resolvido comigo e nós depois também vamos acompanhando um bocado o processo pedagógico. Portanto eu trabalho muito ao nível da história de vida das pessoas, de ajudá-las a desenvolver trabalho, de dar orientações de como é que o trabalho tem de ser feito…mas depois mais a nível do social a figura do profissional de RVC joga aqui um bocadinho ao nível do trabalho da autoestima, da promoção da autoimagem, da promoção dos projetos para o futuro, de ajudar as pessoas a reconhecerem a mais valia de se requalificarem e verem o que é que isso lhes pode trazer em termos da empregabilidade a médio longo prazo. Sinto-me muito educadora social quando vejo a evolução que um adulto teve ao entrar no centro e quando sai do centro com uma certificação e formações para fazer ou quando ele me diz no final do processo que percebeu a importância que a escola podia ter na vida dele e o quanto fazer o processo RVCC ou fazer outra modalidade qualquer aqui o ajudou a evoluir e a crescer enquanto pessoa… isso para mim é gratificante enquanto educadora social. Depois há certas coisas que eu no dia-a-dia tento trabalhar com as pessoas a nível de serem cidadãos mais ativos, de terem conhecimento sobre coisas básicas a nível da estrutura do país e esse tipo de coisas.

I: A nível do teu contexto de trabalho. Qual é a principal missão do teu contexto de trabalho?

E12: A principal missão do meu contexto de trabalho é a qualificação da população portuguesa… ativa, da populaça ativa portuguesa e é para isso que, a nível macro é para isso que eu trabalho todos os dias.

I: E a tua missão?

E12: A minha missão. Aquilo que eu procuro é que as pessoas reconheçam as mais-valias que tu tens em termos de aproveitar da educação e é isso que eu tento fazer com que as pessoas ganhem gosto. Para mim a melhor coisa que existe é eu ter um adulto que chega ao pé de mim e me diga "ah Sara você nem imagina o quanto voltar à escola mudou em mim. Eu sinto-me tão bem, sinto-me muito mais valorizado porque vi que as coisas que eu andei a aprender ao longo da minha vida são importantes e têm valor na sociedade e que são reconhecidas." Isso para mim é ouro sobre azul e o que eu procuro é mesmo estimular as pessoas, que elas percebam a importância que a educação pode ter na vida delas em termos de *empowerment*, em termos de serem pessoas mais participativas, lutarem pelos objetivos delas, de terem objetivos e de não serem pessoas que andam aqui alienadas ao sabor da maré e que não fazem nada para mudar a vida.

I: A nível da equipa de trabalho. Trabalhas sozinha? Tens alguma equipa com quem trabalhas? Como é que é?

E12: Eu trabalho com uma equipa de salvo erro catorze pessoas. Não a mais ninguém do nosso curso, tenho uma colega de ciência de educação e da formação, tenho dois colegas de psicologia, um de psicologia educacional e outro das organizações…depois todos os outros são professores dos mais diversos grupos disciplinares, físico química, português, línguas, matemática, informática, todos os outros são professores.

I: E ao nível das vossas relações? Dão-se bem? Há muitos conflitos? Como é que é?

E12: Na. Desde que o centro…falando da minha atividade profissional atual neste centro de novas oportunidades…o centro abriu em 2008. Nós no início tivemos muita dificuldade em ser aceites pela comunidade educativa porque a perspetiva que tinham das novas oportunidades e do centro era facilitismo total, que andávamos aqui a dar certificados. Isso foi uma coisa que se foi desmistificando a nível da escola e a nível dos próprios colegas professores que vinham para cá trabalhar. As pessoas com quem eu trabalho este ano letivo, algumas delas já estão cá há dois anos letivos e portanto já se desconstruiu e desmistificou um bocado essa ideia. Também é uma equipa mais jovem

portanto tem outra perspetiva das coisas e tem uma mente muito mais aberta portanto consegue perceber de uma forma diferente aquilo que se calhar professores mais antigos não são tão flexíveis de haver. Mas trabalhamos muito bem, trabalhamos muito em equipa e se calhar os bons resultados que temos a nível de qualidade de trabalho também vêm daí mas trabalhamos muito bem. Às vezes sinto-me um bocado solitária porque enquanto educadora social quero sempre fazer coisas muito mais viradas para o social e sinto-me um bocado limitada pelas questões do funcionamento do próprio centro, porque temos metas, porque temos coisas que temos que cumprir e em termos de ministério não se valoriza tanto o trabalho social mas sim os resultados que nós obtemos portanto às vezes gostava de fazer coisas mais giras com os adultos e não consigo porque tenho de trabalhar para aquilo que é exigido em termos de objetivos, vá la.

(interrupção. A entrevista foi retomada no dia 27 de Abril de 2012)

I: No último dia ficámos na questão das perceções.

E12: Sim.

I: Qual era a tua perceção acerca da tua figura profissional? Da importância que tens aqui no teu trabalho enquanto educadora social e os efeitos que provocas nas tuas colegas e nas pessoas, nos adultos com quem trabalhas? Se tens alguma perceção de ti e qual é?

E12: É um bocado complicado responder a esta pergunta porque uma coisa é a perceção que eu tenho e outra é a perceção que as outras têm não é? Portanto, isso é um bocado subjetivo. Aquilo que eu acho é que a minha postura no meu posto de trabalho e a minha formação podem ter influenciado no sentido de tentar tornar sempre o trabalho que nós fazemos e a atividade do próprio centro com algum cariz social e a minha luta desde que estou neste centro que fomos nós que o abrimos, fomos nós que montámos tudo, a minha luta neste centro tem sido sempre nesta perspetiva, tentar que o centro não se resuma à atividade de certificação de competências, portanto desenvolver sempre atividades que de alguma forma contribuam para a inclusão das pessoas, para a capacitação das pessoas, à volta disso. Posso dar exemplos, por exemplo uma das coisas que nós fizemos que eu ajudei um bocadinho, estimulei um bocadinho foi um concurso de decorações de portefólios, porque os portefólios, alguns são encadernados pelas pessoas, são forrados, decorados os dossiers, outros mandam encadernar e como nós

achávamos que podíamos trabalhar um bocadinho a questão da sensibilidade à arte e do gosto pelo, pelo, pronto, pelo trabalho artístico e tentar fomentar a dedicação das pessoas para além daquilo que era o trabalho pedagógico, organizámos um concurso de decoração de portefólios então, todas as pessoas que nos lembrámos que tinham decorado os portefólios quando foi o júri convidámos a participarem no concurso e os prémios, haviam três prémios e os prémios eram sempre coisas muito viradas para a educação, livros, *pens* e outras coisas assim. Não é que seja uma atividade assim muito transcendente, mas o que é certo é que criou uma grande dinâmica e ajudou bastante a desenvolver e divulgar o centro dentro da própria escola, porque isto foi feito mais ou menos um ano depois de nós abrirmos atividade e, por incrível que pareça, numa escola com mil e trezentos, mil e duzentos alunos na altura, mais uma centena e tal de professores ainda haviam pessoas dentro da comunidade escolar que ainda não conheciam o centro ou que não sabiam que nós estávamos cá. Então a atividade ajudou um bocadinho a dinamizar a interação com os adultos, para além do RVCC e, por outro lado, ajudou a divulgar o próprio centro dentro da escola. Depois outra coisa que já organizámos e tem dado muito resultado e temos outros centros a fazer a mesma coisa é desenvolver com todos os grupos de desempregados que nos chegam encaminhados pelo Instituto de Emprego para fazer alguma oferta de qualificação, desenvolver um *workshop* de técnicas de procura de emprego e esse *workshop* fui eu que montei porque já tinha experiência de fazer esta atividade fora deste contexto. Tentámos perceber o que era mais necessário em termos da procura de emprego e de como procurar emprego para essas pessoas, que tipos de dificuldades que elas apresentavam e fazemos um *workshop* de vinte horas em que todas as pessoas encaminhadas pelo Centro de Emprego participam e que vão aprender o que são técnicas de procura de emprego, como é que se preparam para uma entrevista, como é que se faz um currículo, que tipos de currículos existem, como é que se faz uma carta de candidatura espontânea, portanto trabalham tudo isto connosco, ficam com os materiais prontos para quando forem procurar trabalho poderem usar já feitos de uma forma correta e vistos por nós, pronto. Dá-lhes algumas ferramentas na procura de emprego, na procura ativa. Depois também já fizemos outro tipo de atividades em que estimulámos os adultos a participar, já tivemos comissão de adultos no centro para organizar festas de natal, espicaçámos e depois metemos três ou quatro pessoas aí todas estimuladas a querer organizar a festa de natal e elas é que pediram autorização do espaço à diretora, foram elas que fizeram convidados, cartazes, convites, cartazes, todas as coisas foram eles que organizaram e aí o meu papel

pode ter sido de estimular algumas pessoas a fazerem qualquer coisa, porque depois na prática a gente não fazia quase nada, só monitorizava para saber se estava tudo bem. E também já fizemos outras atividades em paralelo com os miúdos cá da escola, para tentar também que houvesse interação do centro e do que é a educação de adultos dentro da escola com o ensino regular. Pois, o meu papel não é mais ou menos que qualquer um dos meus colegas, aquilo que eu noto é que tenho sempre tendência de levar isto mais para o lado do social, não me limito àquele trabalho de certificação de competências que já dá muito trabalho e estou sempre a tentar investir ali qualquer coisa nova que dinamize um bocado o nosso trabalho e é mais por aí.

I: Achas que eles têm consciência disso, dessa tua veia social?

E12: Os meus colegas, têm. Têm, porque muitas vezes, dado o volume de trabalho que nós temos e não é que me desvalorizem, mas dado o volume de trabalho que nós temos a primeira reação deles quando digo "porque é que a gente não faz isto, porque é que não organizamos aquilo" eles dizem logo "já estás a inventar, já não tens trabalho que chegue?" (risos) porque eu estou sempre assim, há uma série de atividades e muitas delas nem sequer são programadas ao início do ano letivo, depois surge qualquer coisa e eu digo "porque é que a gente não organiza?". Ainda há pouco tempo fizemos isso também como um *workshop* de sensibilização para a literacia financeira em que veio cá uma equipa do gabinete de apoio ao consumidor da câmara dar algumas luzes sobre economia doméstica, hábitos de poupança, etc. e pronto isto foi uma coisa que soube através de uma adulta minha que faz isso na câmara e falei logo com o coordenador para organizar aí uma ação na escola em que fossem os adultos todos temos em sessões e ações.

I: A nível dos adultos, com que trabalhas achas que eles têm essa perceção do papel do educador, do social?

E12: Não. Eu acho que a maioria dos adultos que acompanho nem sabe o que é um educador social e qual a diferença entre um educador social para um psicólogo ou uma colega das ciências da educação e formação. Eles acham que, para eles é quase como se a gente fosse todos professores e isso é uma coisa que faço questão de distinguir mas, é assim, a maioria das pessoas não está muito dentro deste contexto e portanto não percebe a diferença.

I: Qual a perceção que tens em relação à tua entidade empregadora? É aberta? Desenvolve um bom trabalho?

E12: Aberta em que sentido?

I: É, por exemplo, se queres ter uma iniciativa, uma atividade, se eles te dão possibilidade de fazer isso, se tens flexibilidade para isso? Ou se são muito fechados?

E12: É assim, eu o que te posso dizer é a perspetiva que eu tenho da minha chefia. A minha chefia é o professor Francisco Lopes, que é coordenador do Centro de Novas Oportunidades. Acima dele está a diretora da escola que também é, em simultâneo, diretora do centro. O professor Pedro e o professor Francisco também faz parte da direção, portanto, há um canal muito direto da direção para o centro. Todos estes exemplos que eu te dei de atividades que tentámos impulsionar um bocadinho delas por culpa minha foram atividades que nunca me disseram que não, ou seja, se tiver uma ideia e conseguir defender que aquilo é viável, que não se gasta muito dinheiro e que não dá muito trabalho e que ajudo, normalmente há sempre abertura para realizar estas atividades. Não me lembro assim de nenhuma situação em que nos tivessem dito que não, mas acho que se for para dizerem que não é por ser uma atividade muito cara e a escola não ter fundos, que é o normalmente o problema, porque de resto tudo aquilo que tentámos organizar, mesmo em termos de seminários, etc., relacionados com este trabalho que tenho tentado impulsionar nunca me disseram que não.

I: Nunca tiveste problemas com isso?

E12: Não, mas isto também não é uma exceção cá na escola, é quase regra. A escola é muito dinâmica, está muito dentro das coisas ao mesmo tempo dos projetos, e acho que também esta minha postura e o que tentamos fazer aqui no centro também entra um bocado em linha com o que a escola pretende do projeto educativo, vá lá.

I: Dentro da atividade profissional, o que tem contribuído mais para a tua satisfação profissional?

E12: Olha, uma das coisas que a mim me realiza bastante e que acho que se fosse formadora neste centro não iria andar tão contente no meu trabalho é o facto de teres imenso contacto com as pessoas. Quando um adulto entra em processo RVCC no

centro, a figura mais central em termos de equipa técnica para esse adulto é exatamente o profissional de RVC, porquê? Porque é ele quem inicia o grupo, é ele que dá a explicação inicial do funcionamento do processo, é ele que acompanha o início dos trabalhos, é ele que ajuda a desenvolver a autobiografia, que lê a autobiografia das pessoas, analisa com ela, dá sugestões de melhoria, de desenvolvimento, portanto há ali um contacto muito direto com a pessoa e com a vida da pessoa. É como se nós fossemos um bocado psicólogos nessa altura porque vamos entrar naquilo que é a vida da pessoa, mesmo que ela proteja um bocadinho o aspeto mais pessoal, mais íntimo, mas há sempre coisas que eu vou, entre aspas, andar a cheirar do percurso de vida dela. E eu acho que é exatamente por esses dois aspetos, para já a questão da quantidade de tempo que nós passamos com eles e também de trabalharmos muito a autobiografia que faz com que tenhamos um aspeto mais central daquilo que é o trabalho da equipa com os adultos. Isto para mim é muito vantajoso, comparativamente aos meus colegas formadores, porquê? Porque cria-se uma relação de empatia muito próxima, normalmente sou sempre muito próxima dos adultos, se há algum problema é sempre comigo que vêm ter e é sinal que me identificam que sou aquela pessoa que apoia dentro do centro, não é que os meus colegas não o façam, simplesmente não acontece tanto porque não há tempo de criar essa relação de empatia. Os meus colegas vêm o trabalho uma vez, têm um atendimento com a pessoa, ela leva para reformular, traz, se está tudo ok, ficou, se não está leva outra vez para reformular. Em comparação, eu se for preciso antes disso passo, dez, quinze, vinte, quarenta horas com a pessoa, em sessões de grupo ou individuais, portanto, comparativamente uma coisa à outra não tem nada a ver.

I: Algum exemplo específico que te tenha satisfeito especialmente que queiras partilhar?

E12: Olha, aqui, tanto no centro de Lagoa como neste centro tive muitos exemplos que foram importantes para mim. Lembro-me, por exemplo, logo no primeiro ano de estar em Lagoa de uma senhora que era artista, que era artesã, trabalhava azulejos, que era uma senhora muito querida, mas que me apanhou logo nos primeiros meses de entrar para o centro, em que eu com, devia ter vinte e quarto anos para aí, achava que uma pessoa profissional no posto de trabalho era uma pessoa assim muito rija, muito seca, e não podia demonstrar que tinha vinte e quatro anos, portanto tinha de fazer-me ali de durona. Essa senhora era tão sensível que ela começou a achar que era uma pessoa super

fria, muito arrogante e eu lembro-me que o primeiro ano do Centro Novas Oportunidades em Lagoa para mim foi um martírio porque foi uma fase em que eu tive de tentar partir pedra, como se costuma dizer entre aspas, para ganhar um bocadinho de assertividade e para perceber que se eu queria trabalhar com adultos, deixá-los mexer, deixarem-me mexer na vida deles, eu tinha que ter uma relação mais aberta, mais horizontal, não é que eu não fosse horizontal, era muito fechada, não ria muito para as pessoas, tinha uma postura muito reta, então esta foi logo a primeira aprendizagem. Aprendi da pior maneira, porque trouxe ali uma série de chatices e uma vez a senhora chorou, etc., mas no final do processo ficámos super amigas, ainda hoje se me vê na rua, faz uma grande festa. Portanto, esta foi uma das pessoas que me marcou muito no outro centro. Aqui neste centro, não sei se talvez pela minha maturidade, ou se a minha relação com eles ser mais o que é o ideal de um profissional de RVC, de um educador social já ganhei muitos amigos, já tive imensas pessoas que me deram imensas alegrias, nomeadamente uma senhora que em casa era muito diminuída pelo marido, que veio para cá com uma autoestima lamentável, era uma lástima, ela não acreditava nada nela e o facto dela fazer um processo de nível básico e de ela perceber que aquilo que ela fez na vida tinha valor para alguém, que havia pessoas que valorizavam aquilo que ela tinha passado, a experiência dela, os conhecimentos, o trabalho, etc. encheu-lhe, insuflou-lhe tanto o ego que ela saiu daqui uma mulher totalmente diferente. E eu já a encontrei várias vezes depois disso e ela é uma pessoa totalmente mudada, acredita muito mais nela, é uma pessoa já com objetivos, muito mais determinada, com muito mais vontade de investir em termos da formação, de continuar a aprender, ganhou outra postura sabes? E isto é um dos principais benefícios dos processos RVCC, é exatamente aquilo que trabalha ao nível das competências psicossociais, para além da questão da aprendizagem, que também há benefícios, as competências psicossociais e isto num educador social é muito importante é um grande ganho e eu, quando fiz a minha tese de mestrado tive oportunidade de trabalhar um bocadinho essa questão, ou seja, qual era o contributo que os processos RVCC tinham para a aprendizagem ao longo da vida e nos adultos certificados. E ganhei um bocado também esta perspetiva.

I: Estou-me a lembrar também daquele caso do dia em que estive cá na outra parte da entrevista em que o adulto ia lançar o livro. Também tinha sido um caso de sucesso.

E12: Sim, sim. Não foi um adulto que acompanhei mas foi o primeiro adulto certificado com o nível básico no centro, portanto é como se fosse, não é uma mascote, não quero dizer isso porque não é o correto, mas é como se fosse uma pessoa muito especial para todos os técnicos que estão cá desde o início, tanto que todos nós conhecemos o portefólio dele, todos nós sabemos como é que ele se chama, todos nós sabemos se está tudo bem, se não está tudo bem, porque toda a gente ganhou um carinho especial por ele e esse senhor sim, também foi um caso de sucesso. Foi um senhor que veio para cá tinha o oitavo ano, fez o RVCC nível básico connosco porque na altura o nível secundário tinha começado à pouco tempo, não fez logo direto… assim uma coisa qualquer e depois quis continuar e era uma pessoa que durante o processo básico, no júri de certificação básica e depois secundário, foi uma pessoa que sempre demonstrou ter capacidade para mais e quem esteve no lançamento do livro ouviu os avaliadores externos que presidiram o júri dele dizer que na altura do júri incentivou o senhor Abel a continuar e a escrever porque ele era ótimo na escrita e é uma pessoa com uma cultura geral muito grande. Eu lembro-me que uma das primeiras vezes que eu conversei com ele eu disse "óh senhor Abel, eu até me sinto envergonhada de estar a falar consigo porque você dá-me um bailinho a falar sobre qualquer coisa com uma perna às costas" e ele ria-se. Mas sim é uma pessoa muito humilde, sim, é uma pessoa com uma cultura geral muito grande e isso depois aliado à boa capacidade de expressão escrita é um espetáculo para quem quer escrever livros, não é? E sim, também foi um caso de sucesso.

I: Agora a questão da remuneração: achas que a tua remuneração está de acordo com as tuas responsabilidades profissionais e com as funções que desempenhas?

E12: Não, não estou satisfeita, não estou satisfeita porque a fazer este trabalho nesta entidade já ganhei mais. Como nós tínhamos falado na primeira parte da entrevista eu comecei por ganhar novecentos euros quando comecei a trabalhar como educadora social, foi aumentando e até há um ano atrás estava a ganhar mais cento e poucos euros do que estou a receber agora. Isto tem a ver com a crise, não é? Foi a desculpa que tiveram para cortar a nível central. Se eu sinto-me satisfeita com o vencimento que ganho para aquilo que trabalho? Não sinto, não sinto porque nós trabalhamos por turnos, é como se fosse um trabalho por turnos, tanto trabalho de manhã e de tarde, como de tarde e de noite, como num dia trabalhar manhã, tarde e noite e passar aqui doze horas, se for preciso passar mais passo, se houver atividades ao fim de semana ou

se tiver de atender alguém ao sábado de manhã que não pode durante a semana qualquer um de nós vem. E muito sinceramente, para aquilo que nós trabalhamos, acho que não, que não somos bem pagos. Nem somos bem pagos a nível do nosso país, se compararmos salários e níveis de vencimento, nem somos bem pagos comparativamente a outros países, não é? Em que temos as pessoas que formadas muito semelhantemente ou mesmo número de anos pela universidade a desempenhar um papel muito parecido ao nosso e que depois quando vamos a ver ganham mais trezentos, quatrocentos ou mais, não é? Euros. Portanto não, acho que não sou bem paga. Tenho consciência que não estamos muito mal comparativamente à grande parte da população que ganham o ordenado mínimo ou pouco mais que isso, consigo ter essa noção da realidade, mas perguntando a mim se eu acho justo para aquilo que trabalho e estudei, o que eu ganho não acho justo, não acho justo.

I: Quais são, na tua opinião, os pontos fortes e as limitações da nossa profissão?

E12: Pontos fortes… o facto de nós podermos interagir com as pessoas e para quem gosta de um trabalho em que lida com o público, entre aspas, ser educador social tem de ter pessoas, não podemos trabalhar dentro de um gabinete para ninguém, pelo menos é a perspetiva que eu tenho. Tu em certa altura desse trabalho tens sempre interação com as pessoas, seja a dar formação, seja aqui, seja a trabalhar num bairro social, seja num centro comunitário, tens sempre contacto com o público e isso é muito bom. Para mim é a principal vantagem porque é aquilo que eu me identifico para trabalhar, tenho que interagir com pessoas. Dá-me muito gozo se forem pessoas humildes, ou seja, quando são estratos já mais elevados já não me dá tanto gozo trabalhar. Quando, já tive situações no meu trabalho, neste e noutras, noutros contextos em que trabalhei com a nossa área, em que tinha de interagir muito com doutores e outros, não gostava particularmente, porquê? Porque sou uma pessoa muito mais terra-a-terra, muito mais, muito mais povo e então dá-me um gozo especial trabalhar com minorias e pessoas humildes que precisam porque que sinto muito é esta questão do, profissionalmente sinto necessidade de ter uma pessoa que precise da minha ajuda, seja em termos pedagógicos daqui, seja em outros trabalhos onde já estivemos, em contextos diferentes. Ahh desvantagens… eu acho que ainda continua a ser a questão do estatuto e da nossa figura ser reconhecida porque noto, se calhar comparativamente a outros, a outras profissões ainda estamos um bocadinho desprotegidos e somos um bocadinho

desprezados em termos sociais porque não há muita gente a saber o que é o educador social.

I: Havia alguém no outro dia que me dizia que a nossa profissão era uma profissão de segunda, porque havia as profissões de primeira, no sentido do reconhecimento

E12: Exatamente.

I: Que há profissões de primeira em termos de reconhecimento e depois havia a nossa…

E12: Sim, sim, no sentido do reconhecimento, sim. Se calhar em outras coisas somos uma profissão de primeira com cinco estrelas, mas em termos do reconhecimento social sim, também concordo que ainda há um trabalho a desenvolver nesse sentido.

I: O que tu achas que poderia ser feito para melhorar a situação, tanto ao nível dos profissionais como ao nível social?

E12: Eu acho que já, já referi alguma coisa em relação a isso na outra parte da entrevista mas, especificamente em relação ao nosso curso e a resposta que dou é exatamente a mesma. A nível social e num sentido mais amplo do que é a educação social no país inteiro passa muito pela divulgação, passa muito pelo bom desempenho dos profissionais da área, passa muito também pelo papel que as universidades também podem ter a ajudar a informar a população sobre isso, as próprias entidades que têm técnicos desses a trabalhar, mas basicamente é a mesma resposta, porque aquilo que se deve fazer a nível local, falando da universidade do Algarve, também podia ser desenvolvido num nível macro.

I: Não me lembro se já fiz esta, mas recomendava esta profissão a alguém?

E12: Sim, claro que sim, pois, olhando para mim e ouvindo a minha conversa é óbvio que estou satisfeita com o curso que tirei.

I: Quais eram os conselhos que davas às pessoas?

E12: Já dei, por várias vezes. Tive pessoas, tive pessoas mais novas, ninhas conhecidas, ou amigas da minha irmã que foram fazer o curso e quando souberam que eu tinha tirado ou estava a tirar vieram falar comigo e eu, os conselhos que dei na altura foi qualquer coisa do género "olha é uma profissão, é um curso muito giro, se tu gostas de

trabalhar com pessoas e se te interessas por ajudar o próximo é este que deves fazer, mas se estás a pensar fazer isto numa perspetiva muito cómoda, sentada numa secretária esquece, porque o educador social ou comunitário na altura é aquele, se for preciso vai lá meter a mão na sujidade e explicar como é que se limpa uma casa, como eu já fiz, ou então, se for preciso, tem de trabalhar fins de semana, feriados ou noites se o trabalho que ele desenvolve for pertinente para que a presença dele esteja lá. É um trabalho dinâmico, que dá para trabalhar com muitas coisas diferentes, mas é um trabalho que vai exigir de ti e da tua vida pessoal" porque era o que na altura sentia e ainda hoje continuo a sentir, mas para mim é um trabalho que me realiza bastante e pessoas que se identifiquem com estas questões de ajudar o próximo, de ter um trabalho dinâmico, de estares constantemente em contacto com o público desfavorecido, acho que é ouro sobre azul.

I: Já tens falado um bocadinho das caraterísticas da educadora, mas para ti quais são as principais caraterísticas específicas que o educador deve ter?

E12: O educador social, para mim, tem de ter uma boa capacidade de assertividade, essa foi logo uma das primeiras que aprendi. Depois tem de ser uma pessoa dinâmica, não pode ser uma pessoa agarrada àquilo que aprendeu na universidade há dez anos atrás, tem de ser uma pessoa em constante evolução, que está a par da atualidade em termos problemática social, em termos de realidade do país, em termos de tendências daquilo que é o seu trabalho, porque muitas das vezes o sucesso do trabalho do educador social é exatamente a capacidade de inovação que ele tem para conseguir implementar dinâmicas e atividades que captem os públicos e dependendo do público-alvo com que se trabalha, às vezes é muito complicado conseguir chegar a eles se nós fizermos alguma coisa que para eles não lhes diz nada, então se for público jovem-adolescente isso é logo a primeira regra. Portanto capacidade de assertividade, dinamismo, sentido de compromisso, quem não tem gosto por isto não consegue fazer um bom trabalho, tens mesmo que gostar daquilo que fazes e tens de ter prazer em ajudar as pessoas. Não é assistir as pessoas, é ajudar as pessoas, tentar mudar. Epá e tem de ser um revolucionário, porque para mim ser educador social é mudar o mundo, é tentar mudar o mundo, nem que seja um grãozinho de areia daqui para ali, mas tens de tentar mudar o mundo e contribuir para que este mundo seja melhor quando tu te fores melhor quando te fores embora daqui portanto, de alguma forma tem de ser revolucionário.

I: Vou dizer-te algumas caraterísticas e queria que me dissesses se na tua opinião se são ou não importantes e porquê. O criativo?

E12: Sim, tem um bocadinho a ver com a questão do dinâmico que eu falei, mas sim, sim.

I: Depois dinamizador já falaste, manipulador?

E12: Manipulador, ahhhhh está um bocadinho relacionado com o revolucionário, na minha interpretação, porque há várias, pode-se dar várias interpretações ao manipulador. Para mim quando falas em manipulador a associar isso à figura do educador comunitário, o saber levar as pessoas a atingirem determinado objetivo sem teres tu que as levar ao colo, ou seja, potenciares, capacitares as pessoas para que elas próprias mudem a esfera delas, a realidade delas e se consigam desprender de determinado problema que as afeta e evoluir e isso, para mim, também é um bocadinho de manipulação, um bocadinho. Não é das mais…

I: Se calhar há outras palavras mais, outras palavras mais…

E12: Expressivas… sim, há palavras que, se calhar, se empregariam melhor, mas pronto, quando me disseste manipulador o que me veio à cabeça foi isso. Sim, um bocadinho, mas não era um adjetivo muito correto.

I: Planeador?

E12: Sim, sim, porque desenvolver este trabalho exige capacidade de planear, exige capacidade de saber fazer projetos, implementar projetos, de avaliar projetos sejam eles de que natureza forem, portanto sim, tens de ter capacidade de organização e saber projetar, planear, sim, esse concordo.

I: Autoritário?

E12: Não, de todo. (risos) Não, de todo, se não, não faz nada. Não me identifico nada com isso do autoritário no educador social, não, nada. Não.

I: Neste momento pertences a alguma associação cívica, cultural, desportiva, etc.?

E12: Olha, neste momento ahhh hoje à noite, depois de trabalhar doze horas, porque entrei agora e vou sair às nove da noite ahh ainda vou fazer uma viagem para Lisboa

porque amanhã tenho eleições na ANEFA, que é Associação Nacional de Educação e Formação de Adultos que é uma associação que eu contribuí para ajudar a montar, portanto faço parte da comissão instaladora e amanhã haverão eleições para os órgãos sociais pela primeira vez na associação que tem seis meses e eu faço parte da lista da direção, portanto sim, estou envolvida nesta instituição. Para além desta, estou envolvida em duas ou três atividades culturais mas que não estão diretamente ligadas a instituições. Estou em danças de salão em Messines e isso faz parte da Sociedade Recreativa e de Instrução de Messines, acho eu. Eles deram o espaço e estamos lá a fazer danças latinas e de danças clássicas. Para além disso não estou assim ligada a mais nada em termos de instituições, dei foi o meu nome há pouco tempo, uma ou duas semanas para me voluntariar para uma instituição de sem abrigos, de apoio aos sem abrigos que tem intervenção aqui em Albufeira e na qual eu gostava de ajudar mas com isto tudo das eleições ainda não tive tempo de ir falar com a representante, porque a minha ideia era desenvolver um trabalho projeto a nível desta população, não ir para a cantina ajudar só a dar alimentos ou ajudar a dar refeições, portanto ainda não tive tempo para ir falar com a senhora, perceber o que é que a instituição faz e perceber como é que eu podia ser útil, mas em termos de trabalho comunitário, não queria ter um papel tão assistencialista de só ir lá dar comida ou separar comida ou distribuir comida, queria fazer alguma coisa que ajudasse aquelas pessoas a saírem daquela situação.

I: Tendo em conta o panorama nacional de crise que estamos a atravessar, na tua opinião, o que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o nosso papel daqui a uns anos?

E12:Ahh, pois. Se as coisas continuarem por este caminho, se eu fosse uma pessoa desumana diria "quanto mais crise, melhor para os educadores comunitários e educadores sociais" porque problemas sociais vão aumentar assim exponencialmente e nós já ouvimos isso nas notícias, há muito mais pobreza envergonhada, há muito mais pessoas a passar dificuldades, há muitos a abandonarem as casas, há muitos mais crianças a irem para a escola sem a barriguinha cheia e isso significa falta de comida, há muito mais desemprego, há muito mais famílias em que nem o pai nem a mãe trabalham, portanto tudo isso vai trazer uma série de problemas sociais. Numa perspetiva assim mais ampla, isto é, entre aspas, ouro sobre azul para um trabalho de educação social, a questão é que não havendo dinheiro depois não há dinheiro para implementar projetos e não há dinheiro para as instituições contratarem os educadores

sociais, nem há dinheiro para gastar em projetos que fizessem diferença, mas que precisam também de algum para pagar os ordenados, para materiais e para outras coisas. Portanto, numa perspetiva ingénua, sim, a questão da crise traz como é óbvio um exponencial daquilo que é a problemática social no nosso país, a meu ver, só que depois também existem grandes limitações por parte das instituições no terreno ligadas a esta área porque eles próprios também não têm dinheiro para contratar educadores, não é? E isto é o que tenho sentido bem a nível do meu trabalho, cada vez há mais pessoas desempregadas, continuam a haver imensas pessoas com necessidades de se cultivarem, se qualificarem, de aprenderem mais, só que as pessoas quando nos chegam não chegam só com vontade de vir aprender, elas querem ir trabalhar e, por outro lado, se nós aqui temos aumento o volume de trabalho, o que está a acontecer aos Centros Novas Oportunidades? Eles estão a fechá-las porquê? Porque não há dinheiro e porque não é uma necessidade de primeira, não é uma situação prioritária para a crise do país, para a situação que o país atravessa.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a cinco ou dez anos?

E12: Ai não sei, eu não sei como é que me vejo daqui a três meses, não sei se vou ter trabalho depois de Agosto, que é a incógnita agora dos centros. Se quiseres que te diga o que gostava de ser profissionalmente daqui a três ou cinco ou dez anos eu posso, eu posso voar um bocadinho e dizer qual é a minha perspetiva, mas se eu pensar de uma forma realista não, não consigo. Aquilo que eu gostava de ser? Olha eu gostava muito, gostava muito de continuar a trabalhar nesta área ou então em trabalhar em simultâneo com isto na área da terceira idade porque é uma área muito querida para mim, gostava de ter oportunidade de dar aulas na universidade que é uma coisa que não sei porquê, desde que acabei o curso andei inclinada para ali e fiz de tudo para tentar ter uma porta aberta em termos da minha qualificação, da minha formação para poder experimentar isso. Esse era um dos objetivos que gostava de concretizar. Mas vejo-me a continuar a trabalhar na educação de adultos, não sei se numa escola dentro do contexto Novas Oportunidades mas gostava de continuar, ou então na questão da terceira idade porque eu no outro dia falei-te daquele projeto que tinha com uma colega minha de tentar montar um serviço de apoio ao domicílio para idosos e acamados e gostava de vingar esse projeto. Portanto, vejo-me assim, não sei se com muito boas condições de trabalho, porque foi sempre uma coisa que desde 2005 que comecei a trabalhar tive presente que o educador social não tem, regra geral, um contexto muito estável e com grandes

condições de trabalho e eu acho que vou continuar a sentir isso. Portanto, se fosse aquilo que eu quisesse era mais ou menos isso, continuar nesta área, tentar também alguma coisa na área da terceira idade e saber que ia lidar diariamente com um contexto de instabilidade e com poucas condições de trabalho.

I: Colocavas a hipótese de ir para o estrangeiro?

E12: Sim, já coloquei várias vezes. Já a coloquei várias vezes mas academicamente tenho sempre o receio de ir e não conseguir trabalhar na área, em primeiro lugar pela questão da língua, dependendo do país em que eu consiga, nós sabemos que se vais trabalhar diretamente com pessoas nós temos de ter o fluente mesmo na língua senão, não consegues trabalhar. Portanto, em primeiro lugar o que me irá ficar mais a refletir é qual o país que eu vou escolher, porque eu fluentemente domino o inglês e dou uns toques no espanhol, por uma cadeira que nós tivemos no curso, nós tivemos isso, não sou minimamente fluente e, portanto, ou ia para Inglaterra ou ia para algum país de língua, em que a língua utilizada fosse o inglês. Isso limita um bocado. Por outro lado, sem ser a questão da língua tenho medo depois lá nós temos, eu ter dificuldade em conseguir arranjar trabalho em alguma coisa relacionada com aquilo que estudei e com aquilo que gosto de fazer, a não ser que fosse logo daqui com alguma coisa programada, mas isso implica o conhecimento da realidade e de instituições que eu para já não tenho a não ser que fosse por uma questão de voluntariado e quando eu falo em trabalhar para fora, para além do voluntariado falo em ir trabalhar e ganhar para fora. Mas sim, é uma hipótese que já ponderei várias vezes, acho que mais depressa vou lá para fora fazer um trabalho qualquer do que trabalhar na nossa área porque acho que vai ser complicado conseguir isso, a não ser que vá através de algum programa de apoio que haja aqui. Também me vejo a trabalhar lá fora, mas a fazer voluntariado e isso gostava de fazer e gostava de fazer antes de ter filhos, portanto é uma coisa que estou a ponderar fazer se ficar desempregada (sorri).

I: Queria ir para onde?

E12: Queria ir para África através do ISU, que é uma ONG muito ligada ao nosso curso e onde eu já tive possibilidade de fazer o curso de formação geral de voluntariado e estou em contacto com eles para saber quando é que há outra formação específica em Faro porque quero fazer porque se ficar desempregada em Agosto estou a pensar nessa

hipótese. Gostava muito, muito, muito de fazer por uma questão de ter plena consciência que me vai ajudar a crescer bastante. E pronto.

I: Da minha parte está tudo, não sei se tens mais alguma coisa a acrescentar.

E12: Não, não tenho. Obrigada. Gostei muito deste bocadinho e do outro bocadinho. É sempre bom, nós falarmos de coisas diferentes e recordarmos realidades que já vivemos. Foi bom.

I: Tu terminaste em 2005, não foi?

E12: Sim.

I: E tens quantos anos?

E12: Vinte e oito. Sou a mais novinha daí, não?

I: Não, há mais novinhas.

E12: Sim senhora.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 13

Data de realização: 20 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Escola Secundária de Albufeira

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Não sei se sabe o que trata o meu estudo, eu pretendo estudar um pouco a realidade do educador social, no Algarve, os tipos de instituição em que trabalham e o tipo de trabalho que desenvolvem, as funções que desempenham, as competências que tem ou que deve ter… porque nunca ninguém sabe o que o educador social está a fazer, então decidir estudar isto. O meu objetivo é conseguir um grupo o mais diversificado possível para tentar ver qual é a realidade e então fiz uma pequena seleção com as várias entidades e com educadores licenciados em vários anos letivos (interrupção).

Estava a explicar um bocadinho do meu objetivo que é esse, então fiz a seleção e agora estou a fazer a fazer as entrevistas, o meu objetivo são 20, é alto mas vou vendo e pronto estou a gostar.

Entrevistado nº 13: Ainda bem, que continue a correr bem (sorri).

I: Obrigado espero bem que sim. Em relação ao guião o primeiro bloco é sobre a escolha do curso, porque é que escolheste este curso? Quais foram os principais motivos? Influências?

E13: É assim a escolha do curso de facto na altura não foi muito ponderada, eu vinha do secundário da área científico-natural, contudo comecei de alguma forma a sentir necessidade de aprofundar os conhecimentos na área social e então nessa altura, decidi de uma forma que ninguém contava porque de facto quem vem da área científico natural tem mais tendência a ir para farmácia, engenharias não é? Por aí fora e eu depois acabei por optar pela área social. De alguma forma acabou por me fazer confusão no início porque de facto é uma área muito relativa não é? E eu estava muito habituada à

objetividade mas depois gostei e realmente acabou por ser mesmo esta parte, penso eu mais social e mais solidária que começou a despertar.

I: Não houve influências pessoais? Soube logo para onde é que queria ir? Como é que teve conhecimento do curso?

E13: É assim, nessa altura em que concorri à universidade, ao ensino superior tive também um acontecimento na minha vida pessoal que condicionou um pouco a escolha da universidade que foi o facto de engravidar e portanto tinha de ser obrigatoriamente uma universidade cá em baixo no Algarve, não é? Porque de outra forma seria complicado gerir, e então dentro das opções que havia na universidade do Algarve acabei por optar por esta, portanto dentro da área social havia outras mas optei por esta. Não posso dizer que houve influência pessoal de alguém, foi mesmo opção minha, sim.

I: Quais foram as principais expetativas em relação ao curso?

E13: É assim, as expetativas era realmente ficar capacitada para desempenhar um trabalho na área social não é? E no fundo também de alguma forma poder solucionar as problemáticas sociais não é? Que acabam sempre por nos atrair e comover também não é? A nível da pobreza, a nível da homossexualidade, a nível da SIDA, portanto tentar dar um pouco de mim em prol da sociedade e em prol da comunidade. É óbvio que nós também temos de ser um bocadinho realistas e começamos por um mais pequeno não é? E obviamente pensamos primeiro aquilo que podemos mudar na nossa comunidade mas depois além fronteiras também, não é? Pensar que realmente dentro da comunidade podemos mudar e passar da comunidade, extravasar da comunidade.

I: E essas expectativas têm sido superadas ou têm sido uma frustração? Por assim dizer.

E13: Ah é assim, determinados aspetos foram superados, outros também não posso dizer que não tenham sido frustrantes e por exemplo vou-me remeter então à minha área profissional, de trabalho concreta, não senti que o curso a nível da licenciatura me tivesse preparado tão bem quanto isso para o desempenho dessas funções, porque lá está nós trabalhamos muitos aspetos relacionados com a educação de adultos, mas outras problemáticas não, não quer dizer que também noutros anos não tenha sido tema mais debatido, mas no meu ano eu não fiz nenhum estágio e não houve nenhuma colega

minha a fazer, não houve realmente nenhuma ligação, não sei se me estou a fazer entender.

I: Sim, sim.

E13: Então acabei realmente por nunca abordar a questão duma forma minimamente plausível não é? Acabou por ser tudo assim muito ao de leve e eu realmente senti dificuldade e a esse nível e posso dizer que senti alguma frustração não é? Do género é uma saída profissional mas eu não me sinto capaz, até porque nós temos leis por trás não é? E de facto não senti que estava tão bem preparada como aquilo que gostaria de estar.

I: Acha que o curso deveria ter outras cadeiras relacionadas com as crianças, com a legislação, com esse tipo de coisas?

E13: Sim, sim, tanto que senti necessidade de aprofundar os meus conhecimentos e de sentir-me mais capacitada para…e entretanto já tirei, portanto eu terminei a licenciatura em 2005 e entretanto em 2007 fiz uma pós-graduação em Família, direito e sociedade, que foi uma parceria entre o ISCTE de Lisboa e a Faculdade de Direito de Coimbra onde a parte da família e sociedade foi dada no ISCTE e a parte de direito da família foi dado na Faculdade de Direito de Coimbra e de facto aí senti sim que valeu a pena e saí de lá no final da pós-graduação muito mais capaz e realmente senti que foi importante e que foi um bom investimento.

I: Sentiu essa necessidade quando foi trabalhar?

E13: Sim, senti sim.

I: Ao nível dos motivos de satisfação, o que é que gostou mais no curso?

E13: Gostei bastante, eu até costumava brincar e dizer que mesmo que não conseguisse trabalho, só o facto de ter passado pelo curso em termos de evolução pessoal e de balanço pessoal era muito positivo porque eu acho que de facto e isso é uma coisa que temos de valorizar e realmente se tamos a falar do curso de educação social na universidade do Algarve, não nos podemos esquecer desse aspeto que é de facto o trabalho pessoal que é fomentado também pelos próprios professores não é? E eu acho que isso é muito importante e a relação muito próxima que se cria, acho que é um aspeto positivo, muito positivo. Ainda há bem pouco tempo, aliás até foi num seminário

organizado pelo mestrado de educação social eu estive na universidade e voltei a estar com professores, que eram também na altura professores do curso e realmente é espantoso a relação que se cria e a proximidade e o reconhecer, o saber o nome…lá está eu acho que isso de facto faz toda a diferença e lá está como eu vinha da área científico-natural, tive colegas meus que foram para áreas, tal como referi há pouco, farmácia, engenharia e por aí fora em que achavam espantoso este aspeto da relação que nós tínhamos aqui porque de facto eles tinham aulas em anfiteatros e eles nem conheciam praticamente os colegas quanto mais os professores não é? E isso realmente é um aspeto muito positivo e depois realmente, que também não posso deixar de mencionar que é o incentivo que se faz para os estágios e para a prática desde muito cedo não é? Porque de facto também é um aspeto muito positivo nós por exemplo no nosso ano termos a possibilidade de fazermos estágios de observação no 2ºano e eu acho que isso realmente é um aspeto muito positivo, porque lá está permite-nos ter contato com as realidades e não estamos só agarrados à teoria não é?

I: Relativamente aos motivos de insatisfação do curso, há algum motivo que queira apontar durante o curso ou pós curso, quando tentou ingressar no mercado de trabalho? Há algum motivo que queira apontar?

E13: Insatisfação pronto poderia voltar a referir aquilo que disse há pouco que de acordo com a minha área de trabalho portanto senti ali alguma lacunas na formação, mas também sei que é uma área muito específica e portanto é óbvio que nenhum curso… e portanto isto também não seria diferente dos outros, nenhum curso vai abranger todas as áreas de atuação não é? Portanto fala-se das coisas de uma forma leve e geral e depois é óbvio que aquilo acaba por ser o início, acaba por ser a formação base e depois cada um de acordo com a área profissional vai investindo na formação mais específica não é? É assim eu ainda hoje e depois de haver a formação tanto a nível académico como formação a nível da minha entidade empregadora, eu ainda hoje sinto algumas dificuldades mas eu acho que isso até é um problema mais meu do que propriamente do curso, de qualquer das formas eu acho que há sempre melhorias que se possam fazer… que talvez tenha a ver com o aspeto de ter vindo da área científico-natural, que é esta área é muito pouco rigorosa, muito pouco cientifica, muito pouco objetiva e é obvio que cada vez mais tem havido trabalho no sentido de criar escalas, ainda há relativamente pouco tempo tive na universidade do Algarve a formação na área de escalas de bem-estar infantil e realmente isso para mim dá-me outro conforto porque

isto é tudo tão relativo e por exemplo eu tenho uma equipa multidisciplinar em que aquilo que me faz sentido para mim para outra pessoa não faz sentido nenhum mas é mesmo assim e porquê? Porque depois isto é muito positivo mas depois também por vezes na prática andamos ali num impasse e depois cada vez ficamos mais confusas porque uma diz uma coisa, a outra diz outra e às tantas ficamos "bem então mas é para retirar, não é para retirar, afinal o que é que fazemos?" e por vezes levamos tempo a decidir e isso também acaba por não ser muito positivo porque é assim, mais vale uma má decisão do que uma indecisão na vida de uma criança não é? E então eu acho que de facto e a nível do curso a única coisa que se calhar poderia apontar era que realmente começar a haver um investimento nessas matérias que possam ser mais…como é que eu hei de dizer? Que possam ser mais rigorosas de alguma forma não é? Que nos possam de alguma forma capacitar para provar por A mais B que realmente que deve ser feito assim, se bem que nesta área social eu sei que é difícil não é? Mas por exemplo este projeto que eu tive conhecimento no seminário da universidade do Algarve é um projeto que vem da Andaluzia, de Espanha, até foi um professor da universidade da Sevilha que cá veio e eu acho que lá está, é coisas que não existem mas que deve haver um trabalho que é árduo por si só, mas que deve haver no sentido de capacitar-nos de forma, a que realmente possamos ter instrumentos de trabalho mais adequados e que de alguma forma também nos possam dar alguma segurança não é?

I: Qual foi o seminário que foi?

E13: O seminário de escalas de bem-estar infantil.

I: Eu antes desta fase das entrevistas fiz um questionário *online* e a resposta geral dos principais motivos de insatisfação dos educadores era o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, o curso não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três identifica-se com algum deles em especial ou não?

E13: É assim relativamente ao primeiro, de não ser reconhecido pelas entidades empregadoras eu sinceramente nunca tive esse tipo de problemas, até porque fui estudante trabalhadora, portante quando quando comecei, ou trabalhadora-estudante não é? (sorri) Melhor dizendo, e então já trabalhava. Lá está não trabalhava como técnica superior obviamente não é? Pois se ainda não tinha o curso era impossível ser dessa forma mas de qualquer das maneiras já estava integrada nos quadros da função pública.

Estava na área administrativa e entretanto quando terminei o curso em 2005 foi de alguma forma até fácil a minha integração na carreira de técnica superior de educação social, já havia várias colegas minhas que estavam no quadro como educadoras sociais portanto era reconhecido e nunca senti qualquer tipo de diferenciação ou não reconhecimento pelo curso, não. Muito pelo contrário, muito pelo contrário, até no curso… e entretanto mudei de entidade empregadora …mas lá está não senti de facto isso. O segundo era?

I: Não permitir a progressão na carreira.

E13: É assim na área técnica superior na função pública nós temos progressão na carreira a cada x anos de serviço não é? Portanto vai-me permitir à mesma progressão na carreira.

I: A nível do reconhecimento há muita gente que fala da questão da Ordem, que uma Ordem ia fazer a diferença. Concorda?

E13: Ah sim, concordo. Acho que era importantíssimo aliás há vários movimentos não é? Nesse sentido e eu acho que nós devíamos organizar-nos e daquilo que eu vejo, por exemplo há uma página no facebook de técnicos superiores de educação social e de facto acho é que há ali também um jogo de interesses, aquilo até me parece que está um pouco dividido entre sul, Lisboa e Porto e andam ali numa guerra, sinceramente também não sei muito bem, acompanho algumas coisas porque até há coisas bastante interessantes que são lá publicadas, de facto nunca tive uma ligação muito direta com as pessoas que fazem parte do grupo e no fundo são as principais impulsionadoras daquela página mas de facto eu acho que também há ali falta de entendimento e assim também não se consegue fazer nada não é? Devíamos de unir as forças para conseguir alcançar mas de facto também concordo na íntegra que realmente uma Ordem iria ser muito bom para nós. E realmente é assim eu não tive dificuldades na conquista de um lugar, de uma vaga na função pública ou seja onde for, mas de facto é assim quem está a passar por isso, de facto se houvesse uma Ordem haveria maior organização e a força seria diferente não é? Eu acho que sim, isso era extremamente positivo e também para haver um controlo não é? Das atividades e da capacidade de trabalho dos educadores sociais não é?

I: Durante a licenciatura… disse que era trabalhadora-estudante e se calhar não tinha muito tempo, mas participava nalgumas atividades extracurriculares? Seminários, *workshops*?

E13: Ah sim, sim, sempre que podia sim.

I: Quais foram os principais assuntos que tentou ter informação ou quais foram os que se lembra melhor?

E13: É assim eu como ia há pouco a dizer e penso que não conclui muito a ideia, eu acho que o curso vai muito no sentido da educação de adultos, do desenvolvimento comunitário, vai muito a nível da terceira idade também e foi principalmente nessas áreas que eu acabei por ter formação. Lembro-me que também frequentei na altura que estava a tirar o curso… aquele seminário que é o câmbio, faz-se um ano na universidade do Algarve e um ano na universidade de Sevilha. Eu fui penso que no primeiro ano de curso, esse seminário concretizou-se aqui em Vila Real de Santo António em Portugal e depois no segundo na foi na universidade de Sevilha e fui e realmente acho que faz muito sentido essas parcerias e fui…lá está se calhar não foram as áreas que realmente possa dizer que me identifique muito, a educação de adultos é uma área que eu gosto mas que de facto nunca trabalhei e a nível de desenvolvimento comunitário se calhar também é uma área que também à partida pensei que não iria trabalhar não é? Porque faz mais sentido aquilo que à partida se espera é que essas áreas sejam em zonas mais rurais não é? E menos desenvolvidas.

I: Já falou que sentia necessidade de mais formação. Na sua opinião a formação que recebeu está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? De uma maneira geral…

E13: A formação no curso?

I: Sim, acha que de uma maneira geral o curso prepara para a inserção no mercado de trabalho ou é muito fraco?

E13: É assim eu acho que há sempre aspetos que deveriam ser melhorados, por exemplo há pouco falámos um pouco dessa parte. Eu acho que a nível do direito, eu acho que era importante haver uma cadeira de direito comunitário por exemplo ou até mesmo direito da família não é? Porque em termos sociais a família é a base não é? Da sociedade

portanto que acho que fazia falta. Também não sei, eu sou uma apaixonada por direito, entretanto acabei por me apaixonar e depois desta pós-graduação na faculdade de direito de Coimbra acabei por ficar apaixonada por tudo aquilo que tem a ver com direito, tanto pela universidade em si como aquele ar que se respira lá. Mas de facto sinto que de alguma forma é uma lacuna não haver uma cadeira no curso…eu não sei agora atualmente como é que está mas parece-me que está mais ou menos igual, e não existe nenhuma na área do direito e é curioso e eu por acaso até acho que é oportuno partilhar isto, eu a primeira vez que li um decreto-lei foi por minha iniciativa e foi no âmbito do procedimento concursal, que foi o primeiro que fiz na área da função pública e realmente eu acho que para uma pessoa que já fez um curso superior nunca ter lido um decreto de lei eu acho que de alguma forma também poderá ser revelador de alguma lacuna não é? Eu acho que realmente deveria haver direito comunitário, direito da família, direito da sociedade, sei lá, nem que fosse do código civil não é? Que lá está nós não podemos alegar desconhecimento da lei, a lei é pública não é? Portanto de alguma forma despertar para o direito! Eu acho que era importante.

I: Na sua opinião há alguma coisa que ache que devia ser melhorada no funcionamento geral do curso? Sem ser essa questão do plano curricular que já referiu…

E13: O funcionamento…assim à partida quando diz funcionamento o que é que poderia referir?

I: Pode ser várias coisas, ao nível dos docentes, ao nível dos trabalhos de grupo, ao nível de alguma coisa relacionada com o curso.

E13: Sim, é assim, ao nível dos trabalhos de grupo era complicado para mim uma vez que era trabalhadora-estudante não é? Era complicado para mim conciliar, digamos assim o meu horário com as minhas colegas porquê? Porque elas a maioria do tempo tinham disponível e eu tinha de vir trabalhar não é? E depois tinha de arranjar forma e por vezes era complicado porque ia às aulas de manhã e depois vinha trabalhar e depois voltava lá o final do dia, depois do horário de trabalho para realizar os trabalhos de grupo com elas. É assim, se mencionei agora que era complicado para mim, de facto no meu caso pessoal era complicado embora eu ache e pense que faz todo o sentido haver trabalhos de grupo ainda mais neste tipo de trabalho não é? Até porque é assim, um educador social por norma e devido àquilo que eu tenho contato nunca trabalha de

forma isolada não é? E isso também de alguma forma poderá já ser uma preparação não é? Encarado como um estágio, digamos assim, uma preparação, para aquilo que nos espera depois cá no mercado de trabalho e de facto esta negociação que se faz dentro dos grupos de trabalho não é? Tentar chegar a um consenso, de facto é depois isto que nós fazemos na prática não é? Ainda há pouco eu referia aquela questão do "é para retirar, não é para retirar" tudo isto exige negociação não é? E depois é assim, é completamente diferente e por isso é que eu digo que essa fase acaba por ser preparatória porque nós em princípio se estamos num curso de educação temos todos a mesma linguagem, falamos todos a mesma (interrupção) agora perdi-me um bocadinho. Pronto mas como estava a dizer, parece-me que estava a falar da questão da negociação não é? Lá está e parte-se do princípio que quando estamos a fazer os trabalhos de grupo que falamos todas a mesma língua não é? Portanto ali a linguagem é universal. Depois dentro do mercado de trabalho acaba por ser um bocadinho diferente não é? Porque cada uma tem a sua origem, a sua formação base não é? E por vezes é ainda mais complicado não é? Exige maior poder de argumentação, maior esforço da nossa parte e de facto isso acho que é…pronto no meu caso tive dificuldade de conciliar mas acho que é muito positivo.

I: Sente que foi prejudicada de alguma forma por ser trabalhadora-estudante? Ficou prejudicada nalguma cadeira ou por algum professor?

E13: É assim, acaba sempre por haver uma diferença não é? Porque é assim, este curso é muito prático não é? Exige muito a frequência de aulas, exige muito a questão da disponibilidade não é? Do estar e eu de facto tinha o meu tempo muito controlado e de facto tinha que o gerir muito bem e lá está é óbvio, e nós depois também sentimos quando estamos já a trabalhar, sentimos que é muito mais fácil e que se calhar temos muito mais proximidade com uma pessoa que tenha mais disponibilidade e que esteja mais presente do que com outra que tem momentos grandes de ausência e de facto havia momentos em que… havia dias em que não conseguia ir não é? Por exemplo, e acho que isso também acaba por interferir, mas não creio que de alguma forma tenha sido prejudicada por isso. Posso ter sido em aulas mais práticas, aí posso dizer que poderá ter havido ali um momento ou outro que me senti, mas também é um risco que inerentemente corria não é?

I: Uma consequência…

E13: Exatamente!

I: Ao nível da qualidade da formação. Acha que a formação do curso teve qualidade? Acha que era muito fácil de mais? Ou era muito exigente da parte de alguns docentes? Como é que era?

E13: (sorri) Não, eu acho que a formação é muito acessível. Acho que não senti…daquilo que me estou a lembrar só houve uma cadeira no primeiro ano com o professor J que realmente foi assim mais complicada e principalmente para as minhas colegas que vinham da área humanística e não tinham matemática e aquilo tinha ali um bocadinho de estatística também e acabava por dificultar mais a vida desses alunos não é?

I: E qual era a cadeira já agora?

E13: Penso que era métodos e técnicas de investigação social. No nosso ano foi o professor J que deu e de facto ele era rigoroso e era assim um professor…de resto todas as cadeiras foram muito acessíveis. Acho que o grau de exigência não é nada por aí além, e eu era trabalhadora-estudante não é? É assim havia…é assim enquanto que se calhar por exemplo, mesmo em termos de pós-graduação eu sentisse se calhar mais necessidade de ler e de me inteirar das matérias e das temáticas, eu acho que no curso de educação social há mais a necessidade de investigar, de pesquisar não é? De tentar saber sobre aquela temática e depois colocá-la de uma forma prática, não tanto em termos teóricos, nunca senti assim grandes dificuldades. Aliás eu passo a dizer que é assim, isto agora também é um bocadinho em termos pessoais, eu quando entrei para o curso já era casada e entretanto como disse há pouco engravidei e entretanto tive a criança não é? (sorri) A criança foi-se desenvolvendo, portanto eu era casada, era mãe e consegui perfeitamente, eu nunca deixei uma cadeira para trás! Portanto é assim eu também não me considero uma sobredotada não é? Acho que sou empenhada, acho que sou interessada, acho que tenho força de vontade mas lá está se calhar se fosse um outro curso com um grau de exigência maior teria ficado uma coisa ou outra para trás não é? E de facto eu fiz tudo sempre dentro do percurso normal… e portanto a turma que entrou no 1ºano foi até ao fim, não houve nunca ninguém que tivesse chumbado não é? Portanto eu não posso de alguma forma dizer que o curso tem uma exigência muito elevada, eu acho que é muito acessível e se calhar até me interrogo se não será acessível demais não é? Também acho que é assim um curso superior tem de.... (interrupção)

I: Ao nível das atividades que o curso organizava na sua altura e que organiza atualmente tem ideia de alguma atividade que valesse a pena e que achasse que era muito importante? Das que há agora tem conhecimento de alguma coisa?

E13: É assim, como há pouco disse parece-me que aquele seminário que no fundo resultava de um câmbio entre a universidade do Algarve e a universidade de Sevilha, penso que resultava de uma forma muito funcional e parece-me que era importante. Não sei se continuam a fazer de facto parece que…se continuam eu nunca mais tive acesso a essa informação mas poderá ser falha minha também, não ter procurado. Mas de facto aquilo era muito interessante porque eu recordo-me que na altura, portanto na universidade de Sevilha era o curso de pedagogia social que era equivalente à educação social e de facto era muito interessante também perceber a forma como eles abordavam o curso não é? E o plano de curso e por aí fora e depois lá está em termos de…eu acho que isso era uma mais-valia porque eu acho que a área social em Espanha está muito mais desenvolvida do que em Portugal não é? E então, nós acho que só temos a ganhar se aproveitarmos estas parcerias e recordo-me que esse por exemplo era um seminário que eu tentava assistir e tentava ir, até era um seminário, por exemplo recordo-me desse que foi em Sevilha que até ficámos lá a dormir numa residencial universitária porque havia este câmbio mesmo, portanto as universidades tratavam disto. Nós fomos no autocarro da universidade, tínhamos era que dizer que estávamos interessados em ir não é? Mas depois era a custo zero e realmente gostei e participei e acho que fazia todo o sentido, não sei se continuam ou não. Relativamente às atividades atualmente tive conhecimento que se realizou mas ao nível do curso de mestrado de educação social aquele seminário que acabei por conseguir ir porque tinha uma reunião de trabalho e acabei por ir à tarde e eu acho que faz todo o sentido e até acho que devia de haver uma *mailing list* de todos os alunos não é? Acho que é uma sugestão ou então de realmente nós pudéssemos ter acesso a tudo aquilo que ia acontecendo no âmbito da educação social não é? Até porque é uma forma até de nos aproximarmos e não perdemos esta ligação à universidade não é? Porque é assim eu embora tenha já ido beber conhecimento a outras fontes mas acho que também não devemos nunca virar costas à nossa formação base não é? E de facto foi ali que tudo começou e eu acho que devemos investir a nível do Algarve e aqui se calhar até vou fazer um desabafo. É assim, a nível do Algarve penso que ainda há um caminho muito longo a percorrer, isto porque as pessoas muitas vezes pensam muito em recorrer à universidade mas apenas para ter o

diploma não é? E não investem verdadeiramente na formação e eu acho que é como nós aprendemos ao longo do curso, que é de facto nós quanto mais aprendemos mais noção temos que somos ignorantes não é? Que há muitas áreas do conhecimento que nós não atingimos e que não sabemos nada não é? E tive uma situação que realmente fiquei muito chocada com aquilo que se vive, com aquilo que é a realidade do Algarve. Eu sou algarvia "de gema", a minha família é toda algarvia, todas as que eu conheço portanto duvido que nos meus antepassados haja alguém que não tenha sido algarvio portanto é aqui mesmo super apurado… e num concurso nacional portanto um concurso dos maiores que eu tive conhecimento para cento e cinquenta e três lugares foi com muita tristeza que eu me apercebi que de todos os selecionados portanto os cento e cinquenta e três primeiros lugares eu era a única algarvia. Por um lado orgulho-me disso obviamente não é? Pessoalmente é sempre um motivo de orgulho ter atingido esse patamar e de facto tendo em conta que já estava integrada e passei por aquele procedimento concursal, porque lá está tenho vontade sempre de crescer em termos académicos e em termos profissionais foi importante para mim obviamente não posso também negar essa parte, ter ficado entre os cento e cinquenta e três lugares mas foi com bastante tristeza também que percebi que era a única algarvia e depois até houve lugar para uma permuta, o procedimento concursal abriu espaço para isso porque de facto havia muitos pedidos principalmente para as pessoas que tinham ficado no Algarve e abriram espaço para uma permuta e o que é certo é que nove pessoas pediram transferência, quer dizer, neste caso ficaram uma porque tinha familiares e até tinha o namorado cá em baixo e ficou, outra ficou aqui e portanto sete pessoas…eu há pouco, corrija-me então que não foram nove, foram sete pessoas pediram transferência porque elas diziam mesmo "o Algarve é para passar férias! Agora para trabalhar não há respostas, não há projetos, não há…trabalhar aqui não! Aqui é para passar férias, mas trabalhar não" e de facto isso entristece-me porque deve haver um, e aqui as autoridades também têm uma…e quando digo entidades digo entidades públicas que têm responsabilidade nesta matéria também devem refletir e também sei que os tempos que correm não são também muito positivos na criação de respostas mas o que é certo é que eu acho que se deve repensar e deve-se realmente criar talvez respostas mais equilibradas e economicamente mais rentáveis não é? Mas de facto não pode deixar de haver respostas sociais porque isso depois vai inviabilizar todo o nosso trabalho não é? E de facto é uma realidade e isto aconteceu e foram sete pessoas que foram embora, depois passado muitos meses foram portanto colocadas pessoas nessas vagas, que

tinham ficado livres e de facto noto que não há grande motivação. Portanto essas pessoas ficaram porque entretanto já não houve lugar à permuta portanto têm de ficar obrigatoriamente, mas não sinto grande motivação portanto sinto que realmente há que fazer alguma coisa em termos de mudar aqui as respostas a nível do Algarve e já agora se me permites, eu acho que a universidade também tem um papel muito importante não é? Porque deve haver aqui da parte da universidade um diagnóstico não é? Realmente para sentir quais são as necessidades e as carências que existem para que de alguma forma também possa estimular junto das tais entidades públicas e privadas que possam ter competência na matéria social não é? E de facto realmente começar a haver um trabalho mais consertado e mais integrado não é? Porque depois aquilo que eu também tenho a ideia é que por vezes também há concelhos que os municípios até têm essa preocupação, só que depois as respostas não são integradas. Está-me a parecer que cada um trabalha por si e depois acaba por não se rentabilizar os recursos não é? Porque acabamos por… cada um tem a sua quintinha e cada um faz o que tem a fazer mas não pergunta ao vizinho o que é que o vizinho fez, não é? E poderia-se de alguma forma trabalhar de uma forma muito mais integrada, muito mais também de acordo com as necessidades, não é? E as expetativas das famílias e quando falo em famílias vou a todas as idades, sejam elas crianças, jovens, adultos, idosos, muito mais consertado e aí parece-me que deve haver de facto uma preocupação e um repensar dessas questões.

I: Essa questão de ter sido a única do Algarve a ter ficado, acha que tem a ver com o quê? Tem a ver com o facto de ter concorrido pouca gente do Algarve, ou terem um currículo mais fraco que nos outros sítios?

E13: É assim eu posso dizer, é claro que não sei dar uma resposta genérica não é? À sua pergunta, mas aquilo que posso dizer é que no serviço onde eu trabalhava concorremos cinco pessoas e passámos por uma prova escrita, não é? Passámos por um momento de avaliação e todas as minhas colegas ficaram logo eliminadas nessa fase portanto eu fui a única que passei para a avaliação psicológica e pronto por aí fora, porque foi um procedimento concursal muito extenso que se prolongou durante muito tempo… É assim estou-me a lembrar que duas delas estavam integradas também mas que pronto iria para elas ser um grande passo, iria ser muito positivo para elas e as outras duas estavam mesmo em situação de contrato de trabalho e que iria terminar e portanto para elas seria mesmo muito positivo e eu deste pequeno grupo de pessoas que sei que ficaram eliminadas na parte da prova escrito portanto aí pode-se falar da parte do

sistema nervoso não é? Que interfere sempre e é inevitável mas também se pode falar da falta de conhecimento académico e teórico não é? E de facto eu acho que isso aí também pode ser revelador disso.

I: Já agora só como nota de curiosidade, com que nota é que terminou o curso?

E13: Eu acho que foi 15, acho que foi 15. Mesmo assim fiz muitas diretas e fiz grande esforço.

I: Já falou um bocadinho do seu percurso profissional. Já estava a trabalhar quando entrou na universidade?

E13: Sim estava, e comecei a trabalhar na função pública no 2º ano da universidade.

I: E qual foi um bocadinho o percurso profissional que teve?

E13: Antes do curso?

I: Sim desde que começou a trabalhar.

E13: É assim, eu comecei a trabalhar como empresária em nome individual. Sim, na área da decoração…uma área que nada tem a ver não é? (sorri) Mas pronto sou multifacetada (sorri) sou uma caixinha de surpresas…não, de facto também é uma área que gosto bastante e então aos dezoito anos acabei realmente por abrir uma empresa nessa área. Entretanto tive…ah lá está, eu quando fui para a universidade já tinha o meu filho não é? Entretanto houve ali um período de tempo que me dedicada apenas à atividade relacionada com a decoração não é? Portanto tive um ano sem estar integrada, fiz uma pausa não é? Depois do secundário não entrei logo na universidade, fui um uno depois, e foi aí que me candidatei para a universidade do Algarve no curso de educação social. Continuei nessa atividade e entretanto concorri a um concurso, lá está eu também gosto de sempre de saber como as coisas funcionam e sou muito curiosa, eu acho que é por aí e abriu um…entrei para os quadros como assistente administrativa. Entretanto houve um concurso interno para a área ligada à educação, eu ainda não tinha concluído o curso, portanto isto devia ter sido…eu entrei em 2003, acho que foi em 2004…houve um concurso e eu concorri e fiquei no setor da educação e fui para uma escola onde dinamizava a parte, pronto aquilo era uma mini biblioteca, era uma escola primária de 1ºciclo então era assim um espaço muito pequenino e eu era a responsável por dinamizar aquele espaço e fazer atividades com eles e no fundo também auxiliar ali um

bocadinho os professores quando precisavam, ajudava na distribuição dos leites durante o recreio, pronto fazia ali um trabalho e entretanto aí consegui…isso também foi uma vantagem e eu de facto tive muito pouco tempo como administrativa porque de facto era muito difícil conciliar o horário com as aulas e então também o facto de ter ido para a educação foi muito vantajoso porque na escola eu ficava só na parte da tarde e então tinha a manhã livre que podia ir às aulas, fazia o horário da uma às sete de seguida o que me dava também de alguma forma possibilidade de conciliar. Depois em 2005 terminei a licenciatura, em abril de 2006 houve a questão dos recursos humanos perceberem se era possível fazer a reclassificação porque entretanto depois a lei também acho que se alterou, foi assim uma coisa qualquer que não sabiam e tinha de haver concurso e então fizeram concurso, pronto aquilo até foi um bocadinho demorado, ou seja, desempenhava funções de técnica superior mas não era e no fundo o vencimento não correspondia às funções que desempenhava…mas pronto isso não tem a ver propriamente com o curso não é? Tem a ver com as questões burocráticas não é? Que o nosso país também está cheio em qualquer área não é? (sorri) Portanto desempenhava e isso de alguma forma já me fazia sentir realizada não é? Porque lá está o dinheiro é importante e nós temos contas a pagar no final do mês mas lá está é importante também estarmos a desempenhar funções naquilo que estudamos não é? Correspondente à categoria e ao nome. Levou ali um determinado tempo até acontecer, entretanto depois aconteceu, também abriram um procedimento concursal interno que foi relativamente rápido porque fui a única candidata portanto aí também não havia muitas dúvidas não é? Porque tinha de ser alguém com vínculo e entretanto depois de passar por isto tudo portanto em 2006? Final se calhar de 2006 a situação penso que já deveria estar resolvida e lá está eu como gosto pouco da rotina, gosto pouco daquilo que é muito certo, daquilo que é muito igual todos os dias…embora um dia na área social nunca é igual ao outro não é? Mas de qualquer das formas já estava muita habituada àquela rotina, aquele contexto, àquela realidade social e entretanto penso que em 2009 porque aquele processo demorou muito tempo, em meados de 2009 abriu esse concurso e as minhas colegas ficaram todas empolgadas "ah vou concorrer e nanana " e eu pensei "olha vou concorrer também". Na altura até me recordo que havia no aviso de abertura a indicação que os lugares eram para educadores de infância, educadores sociais, direito, psicologia e era mais outra, serviço social e eu na altura tinha o certificado (interrupção) e lá está o meu certificado era de educação e intervenção comunitária não é? E na altura eu concorri a esse concurso e recebi um mês depois talvez que tinha sido excluída

porque a licenciatura não era compatível com as vagas abertas e eu entretanto na altura contactei o professor A que na altura era o nosso diretor de curso, na altura em que eu lá estive na universidade e ele foi cinco estrelas e disponibilizou-me logo o decreto de lei que fazia a transição e que realmente fazia a equivalência do curso e foi muito disponível e isso realmente também é de agradecer e é de valorizar. Eu na altura reencaminhei, porque depois temos um prazo de reclamação não é? Da audição dos interessados e eu depois mandei para o *email* do procedimento concursal e depois fui novamente admitida ao concurso não é? E pronto e depois entretanto os resultados saíram em finais de 2010 e eu fiquei outra vez com a batata quente não é? Quer dizer "e agora? E agora?" quer dizer eu tenho muita iniciativa percebes? Mas depois nunca espero que as coisas aconteçam e depois quando acontecem fico assim "e agora? E agora? Aí Jesus!" não é? E entretanto depois pensei "olha" eu tinha o período experimental não é? E até terminar o meu período experimental o meu lugar na entidade anterior estava garantido portanto se a entidade não gostasse de mim ou se eu não gostasse do trabalho desenvolvido poderia sempre voltar e portanto aí o risco era mínimo não é? Então pensei olha porque não? Não é? É um novo desafio, é uma nova entidade, pode ser completamente diferente e isso também, lá está ao aceitar esse desafio. Decidi aceitar e portanto o período experimental terminou o ano passado em Junho e até hoje não estou arrependida de ter feito a mudança…

I: Então teve como administrativa, depois teve na tal escola a dinamizar a biblioteca?

E13: Sim como técnica de educação, acho que era essa a denominação.

I: E depois também trabalhou com os jovens e crianças em risco?

E13: Como técnica superior, sim, sim, desde abril de 2006.

I: E depois é que mudou?

E13: Sim exatamente. Portanto a área acaba por ser a mesma não é? Portanto a realidade é que é diferente.

I: E ao nível do salário desde que começou a trabalhar até agora tem notado alguma diferença? Houve algum aumento ou decréscimo?

E13: Não. Houve um aumento, houve um aumento sim.

I: Quando passou a técnica superior?

E13: Sim.

I: Sim? Mas desde aí, desde que é técnica superior tem sido constante?

E13: É assim, na função pública, lá está é como eu há pouco ia dizer eu apanhei uma fase de transição da lei e então na altura que eu fiz o meu primeiro período experimental, o meu primeiro estágio…estágio mas já integrado na carreira de técnica superior, portanto não é estagio curricular nem profissional. Na altura aquilo que foi previsto no aviso de abertura era que durante o período experimental, período de estágio, na altura era período de estágio que se chamava, tínhamos um vencimento como estagiários, éramos técnicos superiores estagiários e depois tínhamos de fazer um relatório, nesse relatório tínhamos de ter mais de catorze e caso tivéssemos menos de catorze não ficávamos integrados não é? Se tivéssemos mais de catorze ficávamos a ocupar o lugar de técnico superior no quadro e há um aumento do ordenado portanto deixamos de ser técnicos superiores estagiários e passamos a ser técnicos superiores de segunda classe…isto antigamente, isto já não existe atualmente não é? Atualmente existe, que foi o que me aconteceu agora, portanto eu já fiz duas vezes o período experimental (sorri) e então até Junho do ano passado tive a fazer o período experimental e tive de fazer o relatório, porque essa parte não mudou e contínua nos mesmos moldes portanto se tiveres mais de catorze passas a definitiva na entidade, se não tiveres portanto fica por ali não é? Acaba o teu tempo de vida útil. E por exemplo foi outro desafio e foi um relatório completamente diferente daquele que tinha feito, até mesmo a nível dos objetivos do período experimental eram completamente diferentes e são muito mais direcionados para o trabalho em concreto na área social e depois também lá está acaba por ser uma dor de cabeça e aquela adrenalina e tudo mais mas depois quando recebi a nota foi extremamente gratificante ver que depois tive 18,25 não é? La está isto também acaba por nos dar…é o nosso alimento também e motivação não é? Porque de facto esta área é tão desmotivante e lidamos diariamente com a frustração não é? Porque nós queremos mudar e quando saímos do curso então, pensamos que conseguimos mudar o mundo e depois lá está a realidade profissional limita-nos muito e as burocracias que há pouco falamos, isso também pode ser lá está quando há pouco perguntavas das expetativas se calhar também poderei referir isso, voltando um bocadinho atrás, que é aquilo que eu tenho a ideia é que no curso, e por um lado

também deve ser, pintam-nos um cenário muito utópico não é? Pelo menos eu senti isso, muito utópico, muito "nós vamos e temos de fazer assim e temos de fazer assado e vamos isto e vamos aquilo" e depois quando tu és integrado numa carreira de técnica superior de educação social, tu não podes mudar radicalmente não é? São pequenas conquistas que tu consegues fazer, pequenas que muitas vezes já são grandes conquistas e já marcam muita diferença. E de facto é assim nós lidamos muito de perto com a frustração.

I: Voltando à questão do seu salário, neste momento acha que está de acordo com as funções que desempenha? Está satisfeita?

E13: É assim, de acordo com o cenário nacional eu acho que sim, que ganho bem, de acordo com o cenário europeu eu acho que ganho mal (sorri). Portanto é assim acho que de facto é uma área de grande responsabilidade e que de facto e uma área que deveríamos ser bem pagos não é? Mas eu não me posso queixar. Eu não sei se tenho de dizer quanto é que ganho…

I: Se quiser…há pessoas que dizem, há outras que não dizem.

E13: Eu não sei, eu estou com um salário…é importante dizer? Isto é confidencial certo? (sorri)

I: Sim é confidencial. Pode dar só uma ideia.

E13: É assim, eu estou com um ordenado base de mil quatrocentos e sete. Provavelmente já ouviu outras educadoras sociais e eu não sou das piores não é? Não sou das piores remuneradas. Eu até acho que se calhar sou das melhores não é?

I: Sim do que tenho ouvido…mas também ouvi muita gente do privado e o público é ligeiramente diferente.

E13: O público costuma ser mais a baixo não é?

I: Não, dizem que o público é mais acima.

E13: Aí é? É assim por exemplo nós quando começamos no público começamos com novecentos e poucos euros e depois isto lá está, vai-se conquistando não é? Através da avaliação, através…lá está há pouco quando falava da progressão são os anos de serviço e a avaliação também não é? Nós por cada avaliação corresponde a X pontos e quando

acumularmos dez pontos passamos para o patamar a seguir não é? Portanto existem um conjunto de fatores que realmente fazem com que o ordenado depois seja este não é? De facto é assim não me posso queixar e de facto eu sei que há colegas minhas a ganhar oitocentos, a ganhar novecentos não é? E nas IPSS então ainda é mais complicado. Se calhar há pouco quando disse privado era mais nas IPSS não é? Pois eu sei que nas IPSS é uma situação muito complicada, até porque não há muito controlo e a regulamentação que existe também permite que isso aconteça não é? Há muita gente licenciada a ganhar como bacharel também não é? Eu a esse nível pronto, a minha situação está completamente regularizada portanto eu estou como técnica superior, não estou nos primeiros patamares, já subi e portanto o meu ordenado base é como disse há pouco mil quatrocentos e sete vírgula qualquer coisa euros e portanto não me posso queixar. Agora por exemplo, se formos comparar com Espanha que é aqui ao lado não é? É inevitável nós não fazermos uma comparação com o país aqui ao lado não é? E de facto em termos de comparação nós poderíamos estar a ganhar muito mais e depois também tem a ver com o facto do nível de vida não é? Que está bastante elevado e que depois é assim por muito bom ordenado que tu tenhas e acabas sempre por sentir as dificuldades que toda a gente sente não é? Tens de gerir o teu dinheiro de forma coerente e de forma adequada de maneira a fazer face às despesas.

I: No outro recebi um *email* de uma oferta de trabalho que tinha aberto para Bruxelas para a união europeia e o ordenado base para recém-licenciados era quatro mil euros…para recém licenciados que é o patamar mínimo…

E13: Exatamente é o mínimo.

I: Não é dos mais baixos que o mais baixo é quem não tem licenciatura, mas recém licenciados? Onde é que estão os quatro mil euros em Portugal? (sorri)

E13: Exatamente. Aliás em Portugal nós temos… se eu contextualizar o meu ordenado em termos nacionais eu não posso considerar que ganhe mal, até porque é assim eu também não tenho assim tantos anos de serviço quanto isso, tenho alguns não é? Portanto comecei a trabalhar…contando só os anos como técnica superior, comecei a trabalhar em 2007, eu acho que foi finais de 2006 inicio de 2007, já na sei precisar é por aí. Portanto 2007…

I: É cinco anos.

E13: Pois exatamente portanto também não é assim tanto quanto isso portanto não posso dizer que "ah isto realmente eu já tenho muitos anos e ganho mal" não! É assim de facto comparando com colegas que… também se calhar em determinado aspeto também tive sorte não é? Na altura em que entrei, em que me permitiu passar para…porque depois também houve equivalência portanto havia uma tabela no técnico superior de segunda classe correspondeu a uma posição remuneratória na nova tabela de remunerações na função pública, quem estava como técnico superior. Aquilo era segunda classe, primeira classe, principal e depois acho que era técnico superior assessor ou era o…? Não, acho que o assessor era o topo…e depois aí era dois mil e tal euros.

I: Mas se formos comparar por exemplo com turismo ou com a construção civil se calhar recebem muito mais de mil euros…

E13: Exatamente muito mais do que nós e não descontam muitas das vezes não é? Portanto é assim isso é outro aspeto, como ia a dizer a dizer isso é outro aspeto porque eu não posso dizer que não ganho bem em comparação com outros ordenados que nós vemos que andam à volta dos quinhentos e seiscentos que realmente a pessoa até pensa como é que é possível conseguirem fazer face às despesas? Mas de facto também há um aspeto muito importante que é assim há muita gente, e aqui no Algarve então que trabalha na área da restauração e hotelaria e construção civil, que (interrupção) mas ia a dizer, essas pessoas trabalham nessas áreas mas se calhar parte ou metade do ordenado até não é declarado não é? E na função pública qualquer cêntimo nós declaramos não é? Portanto eu não ganho um cêntimo que não declare e isso de facto também causa alguma revolta não é? Porque é assim por exemplo em situações como pôr um filho numa creche obviamente que eu vou sempre para o patamar máximo não é? De mensalidade. Enquanto que se calhar que há outra pessoa que se calhar vai levar o filho em "altes" carros, o que acontece muito aqui por exemplo é muito frequente, grandes carros e não sei que e depois por vezes até tão a receber rendimentos sociais de inserção e não sei quê porquê? Porque não declaram percebes? E acabam por fazer tudo *off the record* e por debaixo da mesa e depois pah acabam por ter regalias, que tu declarando tudo e assim também é que deve ser não é? E não é por isso também considero que eles tão a fazer bem e eu tou a fazer mal, agora também acho que devia de haver uma maior justiça social (interrupção) de forma realmente a não haver este tipo de situações e de facto aí nós podemos também podemos considerar que somos também de alguma forma

prejudicados ou lesados não é? Porque de facto descontamos tudo e não há ali nada que dê para…

I: Voltando ainda à formação, o estágio curricular, acha que é adequado e dá uma preparação boa para o mercado de trabalho? Qual é a experiência?

E13: Bem opa o meu estágio curricular foi numa associação em Faro, porque lá está eu já estava habituada a trabalhar com aquele grupo de trabalho, nos trabalhos em grupo digamos assim e entretanto elas viviam em Faro, tinham casa alugada lá e eu decidi também fazer com elas porque nós já nos tínhamos entendido, já nos conciliamos ali em termos de horário e isso já era meio caminho andado não é? E começar de início com outro grupo ia ser complicado não é? Então fiz o meu estágio curricular lá numa associação. É assim o estágio curricular foi importante, agora eu dizer-te que realmente aprendi muito e que isso me deu…lá está depois o meu trabalho nada teve a ver com associações não é? Portanto à partida também poderá de alguma forma condicionar não é? Mas aquilo era uma associação com pouca organização porque o presidente era estudante universitário, fazia parte da associação de estudantes também e então (interrupção) portanto eu agora já me perdi foi na pergunta.

I: Era sobre o estágio curricular.

E13: Sim então como eu ia a dizer, aquilo era assim aquilo era um grupo de voluntários, portanto ninguém estava lá a tempo inteiro, não havia administrativa, não havia…a própria sede da associação servia de armazém, porque eles depois…aquilo era a associação social e cultural de Faro, eu nem sei se aquilo existe ainda. Pronto aquilo foi uma associação que foi constituída logo após o 25 de abril, tanto que nós quando fizemos o estudo aquilo era tudo antifascismo, tudo anti isto anti aquilo percebes? E naquela onda do pós 25 de abril portanto nada daquilo que estava nos estatutos tinha a ver com a realidade que nós encontrámos na altura porque já estava super desatualizado não é? Já tinha passado muitos anos e (interrupção) eles depois desenvolveram várias valências e naquela altura em que nós lá fomos o único núcleo…eles até chamavam núcleo, que tinha atividade associativa era o núcleo de montanhismo e nós vimos o nome e pensámos que realmente tivesse a ver com aquela parte social e cultural e que realmente houvesse um trabalho nessa área, mas não nada. Era tudo na área do montanhismo e nós fomos parar lá. E nós "então e atividades e o que é que se faz?" "ah não se faz nada por isso é que é muito importante vocês virem cá e na na na" nós

eramos quatro "é muito importante porque assim vamos dinamizar nessa área e vamos…" nós começamos e lá está por isso é que eu também digo que deveria também haver um maior cuidado da parte do pessoal docente nestas questões, porque é assim nós chegamos lá e isso foi do conhecimento mas lá está mas não houve foi uma atuação adequada não é? Penso eu porque aquilo que eu senti na altura foi que nós realmente reportámos a situação, aquilo a sede era utilizado como armazém e aquilo não tinha atendimento ao público, não tinha…eles reuniam lá mas à porta fechada e nada portanto era mais uma sala de convívio entre eles do que propriamente uma sede uma associação e então o que nós colocamos em prática foi criar um horário de atendimento e então enquanto nós portanto aquelas horas do estágio curricular nós tínhamos sempre a porta aberta e portanto divulgámos nas escolas esse horário de atendimento. É certo que depois as pessoas também não apareceram logo de um momento para o outro não é? Também foi difícil de alguma forma trazer as pessoas à associação até porque nem sabiam onde é que era, não havia percebes? Aquilo ficou completamente esquecido. Entretanto nós articulámos muito perto com uma escola, a EB1 que é a Alto Rodes? Que é muito próximo…a associação na altura ficava mesmo no fim da rua da escola e então aquilo que fizemos foi de facto reunir com a coordenadora do estabelecimento e definimos uma série de atividades em conjunto com as crianças lá da escola e pronto fizemos dias temáticos e fizemos várias atividades e acabou por resultar nesse aspeto não é? E aí pronto já me senti um pouco realizada porque teve a questão das crianças e de facto eu sempre tive muito mais a pré-disposição para trabalhar com crianças e jovens do que propriamente com adultos e idosos por isso foi… lá está eu também acho que isso é uma questão de vocação e é uma coisa que tu sentes e não podes também… é assim não quer dizer que não possas contrariar e não quer dizer que não possas trabalhar não é? Mas de facto é uma coisa que tu sentes não é? E eu senti logo muito isso e de facto ai gostei apesar de sentir muitos constrangimentos percebes? E senti que se calhar o curso deveria condicionar mais os estágios curriculares para realmente saídas profissionais porque é assim aquela associação jamais iria ficar com qualquer uma de nós percebes? Nós eramos quatro e ali estávamos, não é a perder tempo porque tudo é aproveitado na natureza nada se perde não é? (sorri) Tudo se transforma, mas não quero com isto dizer quer foi perda de tempo, longe disso! Não foi, mas poderia ter sido tempo melhor aproveitado e melhor rentabilizado, por exemplo eu lembro-me que nós na altura fizemos e fomos, eu e o meu grupo de estágio fomos à santa…como é que é? Não tem nada a ver com santa, quer dizer…junta de freguesia da Sé, que é a freguesia

ali dentro de Faro não é? Portanto a freguesia mais urbana de Faro. E na altura o professor A, que era o nosso orientador, o professor da disciplina de projeto não concordou muito porque havia muitas burocracias e porque era muito limitado. Eu também sei que depois é muito mais livre o trabalho que é feito dentro de uma associação do que aquele que é feito dentro de uma entidade pública não é? Porque depois há vários constrangimentos e há aquilo que tu podes fazer e há aquilo que não podes, porque tem a ver com o sigilo. Eu própria quando aceitamos lá estágios há determinados cuidados que temos de ter não é? Mas isso não se invalida que se faça um trabalho não é? E que haja contato com a realidade de atuação e a realidade da nossa área de intervenção e a mim parece-me que se calhar o facto do curso permitir muito a realização de estágios… para já não sei não é? Mas na altura eu lembro-me que estava o meu grupo e estavam várias a fazer assim em associações não é? Em que no fundo aquilo era do livre arbítrio…

I: O local para o estágio foram vocês que escolheram ou foram os professores que vos deram essas opções?

E13: É assim os professores na altura deram-nos uma lista das associações e entidades que estavam…nem era que estavam dispostas porque eu acho que isso não foi feito, essa sondagem, foi uma listagem com base nos anos anteriores de entidades que aceitaram estagiários, portanto não foi feito uma sondagem para aquele ano, coisa que se calhar eu também acho que tinha sentido ser feita, se calhar também fazia sentido ser mais atual, mais com as necessidades daquele momento não é? E não uma lista com todas as entidades nas quais os estudantes dos outros anos anteriores já tinham feito estágio. E aí até me parece que havia abertura e até me parece que houve colegas minhas que fizeram em entidades que não constavam daquela lista e portanto entidades que tinham conhecimento e que foi uma inovação e houve abertura para mas de facto eu acho é que deveriam de haver…isto também implica logística para não é? Mas se calhar até fazia algum sentido não é? Mandar um ofício circular para várias entidades ou sei lá, agora também se fala muito no controlo dos gastos mas nem que fosse em *email* não é? Que aí já seria mais reduzido o gasto.

I: Vamos avançar. Na sua opinião a presença dos educadores sociais é importante na sociedade e nas várias instituições? (interrupção) Especificamente nas IPSS e nos agrupamentos de escolas?

E13: Olha é assim eu acho que nós educadores sociais temos por si só e de acordo com os educadores socias que eu conheço e que tive a oportunidade de partilhar o curso com eles e que tive a oportunidade de conhecer ao longo do meu percurso profissional eu acho que nós temos caraterísticas muito próprias de educadores socias nomeadamente a dinâmica. Acho que somos na grande maioria, e eu aí também digo a minha experiência que poderá ser completamente diferente de outros educadores socias mas eu acho que a questão do gostarmos de atividades que envolvam a comunidade e o facto de termos esta pré-disposição para a dinâmica e para envolver e para gostar de…como é que eu hei-de dizer? De fazer o diagnóstico, de ouvir a comunidade, de ir ao encontro, eu acho que isso são coisas…e eu trabalho muito com assistentes socias e não sinto tanto da parte delas essa…eu acho que também fomos um bocadinho formatados para isso, não é? Do ouvir, do tentar perceber, do tentar fazer em conjunto e não para não é? Do fazer com e não para. Eu acho que isso dão caraterísticas que são muito importantes e seja numa IPSS, seja numa escola o educador social pode sempre fazer a diferença não é? Estou-me a lembrar e nós trabalhamos e articulamos muito de perto com os GAAF's que normalmente têm sempre educadores sociais ou de serviço social e (interrupção) e de facto é assim eu acho que quando há um educador nota-se uma diferença. É óbvio que também não vou subestimar as outras carreiras académicas porque (interrupção) …

I: Ao nível da profissão tem vindo ao encontro das suas expetativas? Tem gostado? O que é que a tem incomodado mais de frustrações ou o que é que a tem desiludido mais?

E13: Eu não tenho assim nada que possa realçar de especial. É assim a única que eu posso dizer e oh pah e é repetir-me é a questão de sentir alguma falta de preparação na área que eu decidi trabalhar mas eu também compreendo que é difícil. Embora eu também considere que é assim, se faz parte das saídas profissionais também deveriam ser abordadas não é?

I: A nível das expetativas tem gostado sempre do que faz? Está satisfeita com a profissão?

E13: Sim! Eu acho que é assim a frustração não tem obviamente a ver com o curso não é? Tem a ver com a área, tem a ver com as respostas sociais, tem a ver com a má gestão dos apoios sociais não é? Que até há uns anos atrás era atribuída a toda a gente, a quem precisava e a quem não precisava e neste momento com os cortes vai-se ser a direito não

é? E depois vamos ter realmente situações entre os braços em que realmente tu sentes que devia ser feita alguma coisa para ajudar aquela pessoa e depois não temos meios não é? Porque depois não há como…e depois também tem a ver com outras questões que é de facto também há pessoas que são licenciadas ou mestres em apoios sociais não é? E sabem bem onde ir e onde procurar não é? E realmente quem precisa não procura não é? Eu às vezes deparo-me com situações que não recebem nada e vivem em pobreza extrema não é? E porquê? Porque não sabem não é? Quem está mesmo em situação precária não tem conhecimento e só chegares lá, às vezes e já me aconteceu.

I: Ao nível da função atual, quais são as tuas funções? As tarefas que desempenha diariamente?

E13: É assim tem um presidente e tem um secretário e eu neste momento sou a secretária que acaba por ser um bocadinho o vice-presidente não é? Mas a lei denomina por secretário. Além disso tenho a gestão de processos e a cogestão porque nós temos sempre a prática de colocar dois técnicos em cada processo e então sou gestora de processos de promoção e proteção, faço reuniões com a escola, faço atendimentos com os pais não é? Com a escola e com todas as entidades, depois depende da situação não é? Portanto há situações em que é o centro de saúde, há outras em que é a APAV, há outras em que é a cruz vermelha, pronto o SEF também portanto é muito na base da intervenção sistémica.

I: Trabalham em rede também?

E13: Sim, sim! Também muito, muito trabalho em parceria.

I: Ao nível do contexto de trabalho qual é a principal missão com que descreve o seu contexto de trabalho?

E13: A que nível?

I: Contexto de onde trabalha.

E13: A nossa missão é de facto ir ao encontro do superior interesse da criança. Isto é algo que está na lei e que é muito geral não é? O que é que é o superior interesse da criança? Mas no fundo é de facto pormos o interesse da criança num patamar muito mais superior do que outros interesses que possam haver na família portanto nós a nossa

missão é realmente permitir que o interesse da criança seja sempre preservado e seja sempre superior.

I: Existe algum projeto atual?

E13: Sim existem vários. Nós temos vários, temos o serviço de apoio à família em que fazemos sessões de esclarecimento com várias temáticas sobre alimentação, higiene pessoal, higiene oral, gestão económica, várias formações. Entretanto por acaso temos um muito recente que até fizemos atividade hoje no âmbito do mês dos maus tratos infantis, que é o mês de abril. Portanto isto foi uma ideia que se começou a criar na América e entretanto em Portugal desde 2009 que se faz o abril como mês da prevenção dos maus tratos, então por exemplo ainda no âmbito dessas atividades, ontem tivemos uma formação para os funcionários da escola, uma das escolas do concelho, de um dos agrupamentos do concelho…formação na área dos maus tratos com os funcionários, porquê? Fizemos ontem essa formação com os funcionários porque pensamos que é importante os funcionários das escolas terem formação nesta área porque muitas vezes o mau trato acontece na escola por parte dos funcionários e então achamos que era uma área de intervenção urgente e fizemos formação ontem e fizemos também a inauguração de uma exposição que é fruto de um outro projeto que nós temos que é "O que pensam as crianças" em que disponibilizamos telas para as escolas no sentido de as crianças expressarem aquilo que elas consideravam e como elas viam os direitos, portanto o que as crianças pensam dos direitos não é? E então fizemos… a ideia é a exposição ser itinerante, passar por várias escolas do concelho e IPSS's também e juntas de freguesia, portanto vamos também aguardar não é? Que haja disponibilidade por parte dessas entidades e ontem foi a inauguração nessa escola onde fizemos a formação. Entretanto ainda nessa escola, hoje fizemos o laço humano porque o símbolo é o laço azul do mês da prevenção dos maus tratos e então fizemos um laço humano portanto com os alunos da escola, com uma peça de roupa azul que é a cor do mês.

I: Ao nível da equipa de trabalho, tem uma boa equipa? Funcionam bem? Já falou que é multidisciplinar. Há conflitos, não há? Como funciona?

E13: É assim não há…existe sempre conflitos não é? Isto também seria muito sem graça se não houvesse conflitos e se todos pensassem da mesma maneira não é? E lá está isto também é uma área muito delicada que mexe com os sentimentos que mexe

com as emoções, mas é assim dizer que há conflitos graves de relação e de relacionamento não. Agora é óbvio que existe várias formações, isso sim.

I: O que é que tem contribuído mais na atividade profissional para a sua satisfação pessoal e profissional?

E13: Eu acho que é esta vocação que eu sinto não é? E esta vontade que tenho em ajudar. Esta veia solidária de ajudar e de facto eu acho que isso acaba por ser o mais importante porque quem não tem esta vocação acaba por desistir mais facilmente, eu acho que isso é…

I: E nota alguma mudança nas crianças com quem trabalha ou nas famílias? Como forma de recompensa do trabalho estar bem feito?

E13: É assim eu consigo ver isso às vezes não tanto em grandes mudanças porque nesta área são passos de bebé não é? E não são passos de gigante, mas por exemplo sinto muito na empatia que consigo criar com eles e isso é muito gratificante, a forma…a base do respeito, como se dirigem, como me tratam e com algum carinho também não é? O que nos dá algum conforto também não é? Sim isso sinto, é a forma de recompensa melhor.

I: Ao nível das perceções, assim por alto, qual é a perceção que tem da sua figura profissional? E a importância que tem no trabalho que desempenha, para os colegas e para as próprias crianças? Qual é a sua perceção relativamente a isso?

E13: Eu acho que é a questão da dinâmica sabes? Eu acho que é assim, o facto de nós termos a formação na área das dinâmicas de grupo e nos quebra gelos acaba por ser também encarado pela equipa como uma mais-valia. E depois é a empatia que se cria, a forma como se fala na base de respeito eu acho que e isso é encarado na equipa como muito positivo.

I: E sente que isso é reconhecido?

E13: Até à data eu tenho sentido esse reconhecimento não é? O que também me deixa bastante feliz, eu acho que quando não existe também deve ser bastante desmotivador não é? É óbvio que há uma situação ou outra que a pessoa sente "olha tentei e esforcei-me e parece-me que não foi reconhecido" mas isso às vezes pode ter a ver até com

fatores internos não é? Posso eu naquele dia não me ter exprimido muito bem não é? Ou estar mais nervosa, o que interferiu com a forma como abordei as questões…

I: Esta parte agora já é rápida. Se tivesse de dar algum conselho a alguém que quisesse ir para este curso, qual era o principal conselho que dava? Ou um aviso, um conselho, uma sugestão?

E13: Eu acho que se calhar fazia uma sugestão que era realmente desde muito cedo tentar perceber qual é que é a área que se sente mais capaz de trabalhar porque eu acho que é assim…com o meu exemplo eu senti que tinha mais vocação para trabalhar na área das crianças e dos jovens e até fiz trabalhos a mais, considero que neste momento foram a mais na área dos adultos e dos idosos porque lá está a questão é obvio que não se pode contornar tudo e por exemplo esta questão se calhar fiz e voltava a fazer, o grupo com quem trabalhava, um dos elementos era de Alcoutim e tinha muita tendência a trabalhar com pessoas de idade e então lá está como gostava de trabalhar com ela fui um bocadinho arrastada não é? Não quer dizer que não tenha gostado e que não tenha aprendido. Aprendi obviamente que sim mas de facto eu acho que hoje em dia se tivesse trabalhado mais com jovens se calhar teria tido oportunidade de experienciar situações que não tive não é?

I: E que a tinham ajudado agora no trabalho…

E13: Sim exatamente, não é?

I: Ao nível das competências que o educador deve ter, já falou na humildade. Há mais alguma que queira realçar?

E13: Eu acho que devemos ser assertivos, acho que devemos respeitar, acho que nos devemos dar ao respeito também não é? Tratar o outro de igual modo. Acho que é muito importante essa capacidade, de facto a humildade sim, reforçava, eu acho que devemos aceitar o outro como é, não é? Aceitarmos e depois é obvio que eu acho que também devemos ter competências não é? A nível de tentar transmitir algum conhecimento e alguma capacidade não é? É assim, também nos devemos demarcar da posição a nível assistencialista de pessoas que sei lá do género na igreja tu vais lá e qualquer pessoa dá um conselho não é? Eu acho que nós também nos devíamos preocupar em dar um conselho mas fundamentado, com uma base teórica e de alguma forma também marcarmos a diferença não é? Porque é muita conversa, muita conversa mas é

necessário termos algum cuidado e fazermos um esfoço para sermos tecnicamente corretos e tecnicamente assertivos e com conhecimento na causa não é? Também não podemos estar ali "ah diga" percebes, não é? Não me parece, acho que realmente devemos investir nessa área.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que dissesse se concorda ou não que é importante para o educador e porquê. Criativo?

E13: Ah sim, acho que sim. Acho que é necessário muita criatividade.

I: Porquê?

E13: Porque eu acho que em tudo na vida nós devemos ser criativos não é? E acho que de facto a criatividade é uma caraterística muito importante porque eu acho que é assim, nós devemos inovar não é? Porque de facto esta área social também às tantas já está muito saturada, tudo já foi feito e não há projeto nenhum que seja inovador e que seja…e de facto nós podemos também ter criatividade que seja, como é que eu hei de dizer? Que seja aproveitada pelo nosso público-alvo não é? Portanto podemos ter uma criatividade equilibrada e sempre indexada ao nosso público-alvo, mas acho que é super importante.

I: Dinamizador?

E13: Sim, o dinâmico eu já referi várias vezes, creio que sim.

I: Também pode estar relacionado com o criativo e o inovador.

E13: Sim, sim, quanto a mim acho que sim.

I: Manipulador?

E13: Há situações em que tu tens de manipular obviamente não é? E que tens de ter jogo de cintura mas eu acho que isso...por exemplo eu trabalho com famílias problemáticas e por vezes é preciso negociar não é? Assim como se negoceia numa família. É preciso saber aproveitar ali as potencialidades, os pontos fortes e tentares de alguma forma depois encaixares os pontos fracos e misturar-se aquilo tudo e de maneira a que a pessoa não se sinta ofendida não é? E que sinta que a sua identidade está a ser preservada, que é muito importante, mas ao mesmo tempo tentares manipular a situação de forma a que ele consiga perceber o que é que é o bem e o que é que é o mal não é?

Ou melhor, se calhar até nunca fui muito correta agora, não é o que é que é o bem e o que é que é o mal porque isso é muito relativo não é? Mas qual é o caminho mais adequado não é? No sentido da melhor…

I: Planeador? Também já referiu um bocadinho nos projetos…

E13: Sim, eu por exemplo eu sou muito organizada e eu acho que o trabalho do educador embora seja muito dinâmico exige muita organização e lá está por vezes confunde-se o dinâmico com a falta de organização e eu acho que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa não é? Eu acho que devemos ser extremamente organizados e eu tento ter tudo minimamente controlado e sou muito organizada.

I: O último, autoritário?

E13: Eu acho que não devemos ser autoritários, eu acho que devemos ser democráticos e que devemos negociar. Eu acho que substituía o autoritário por respeitador não é? Eu acho que é assim, se nós tivermos uma relação na base do respeito não precisamos de autoridade…de autoritarismo, de autoridade precisamos, não é? Mas autoritarismo é diferente não é? O impor. Eu acho que nada por oposição resulta não é? Ou por imposição.

I: Neste momento pertence a alguma associação?

E13: Sim pertenço. Pertenço à GADAG que é o Grupo de Aventura e Desporto de Alcantarilha Gare, fazemos atividades no âmbito cultural, desportivo e a nível também comunitário, a nível da saúde…

I: Isso tem ajudado no desenvolvimento das suas competências?

E13: Sim é uma área mais solta, não é? Menos lá está menos responsabilidades também, mais no sentido do promover o desporto não é? Da vida saudável não é? Mente sã, mais assim nesse sentido mas é muito interessante, gosto bastante.

I: Passando já aqui para as últimas questões. Tendo em conta o panorama de crise que estamos a atravessar e que tem tendência a piorar, o que é que acha que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o nosso papel?

E13: Pois era aquilo que eu há pouco estava a dizer, eu acho que o nosso papel vai ser de alguma forma mais difícil de desempenhar porque eu acho que é assim o nosso papel

acaba por ser (interrupção) eu acho que é assim o nosso papel resulta muito no encaminhamento, no orientar, no aconselhar não é? E muitas das vezes nunca conseguimos responder às necessidade totais da pessoa só unicamente connosco não é? Precisamos sempre duma parceria qualquer e o facto de essa crise depois de forma direta provocar rotura de algumas respostas sociais não é? Como já vimos por exemplo a questão do PIEC, dos cursos PIEF que provavelmente vão deixar de existir não é? Dos GAAFS que vão deixar de existir, dos CNO's que não sabemos até que ponto é que…portanto isto está tudo muito, está tudo a acontecer não é? E nós não temos muito tempo para refletir mas eu acho que de facto isso vai condicionar muito o nosso papel, até mesmo, e esta questão é muito importante, até mesmo na forma como as pessoas nos vão encarar, do género nós vamos lá "mas ela não faz nada, não muda nada, não tem nada para nós, não nos diz nada" não é? Porque as pessoas também vão muito em busca da solução para o problema e é assim se até agora não era fácil encontrar essa mudança no momento perante a situação eu acho que vai ser muito pior e depois também acho que vai ser de alguma forma frustrante para nós por vezes sentirmos que aquela pessoa realmente merecia ter um apoio e devido aos excessos que foram acontecendo ao longo dos anos e até agora, agora pessoas que realmente precisam não vão ter não é? E isso quanto a mim vai ser motivo de frustração e de desgaste.

I: Como é que se vê profissionalmente daqui a uns anos? Daqui a 5 ou 10 anos?

E13: Eu vejo-me a trabalhar de bengala porque provavelmente vou trabalhar até aos sessenta e sete ou aos sessenta e nove não é? (sorri) Portanto para já é sessenta e sete que já está no panorama.

I: Até à nossa idade de reforma ainda vai aumentar mais um bocadinho.

E13: Pois deve ser sessenta e nove ou mais até na altura...vejo-me é assim, não sei se me vejo no mesmo sítio ou não, portanto não sei, eu acho que há mil e uma opções, mas isso agrada-me, poder pensar que não vou estar no mesmo sítio.

I: Se pudesse escolher o que escolhia?

E13: Como assim?

I: Se pudesse escolher um sítio para trabalhar o que escolhia?

E13: Onde estou.

I: Onde está? Está satisfeita? As crianças são o seu público de eleição?

E13: Eu não…sabes eu por acaso não posso dizer que gostasse de estar noutro sítio porque gosto muito de estar onde estou e acho que faço falta e estou bem onde estou (sorri).

I: Pões a possibilidade de ir para o estrangeiro? Acha que era uma boa hipótese de emprego e progressão na carreira?

E13: É assim, obviamente que isso ainda mais agora com a indicação política de que realmente devíamos emigrar obviamente que pensamos sempre por pensar nisso e por falar nisso. Obviamente que se eu ou o meu marido ficássemos numa situação de desemprego se calhar ponderava isso, por exemplo eu se ficasse numa situação de desemprego ponderava.

I: Acha que era uma boa alternativa… e aqueles sonhos de ir para África, nunca teve esse sonho?

E13: É assim eu na altura que tirei o curso não porque tinha o meu filho pequenino não é? E ele precisava de mim aqui. Mas é como digo se neste momento acontecesse é óbvio que não se pretende que isso aconteça não é? Mas se acontecesse ficar numa situação de desemprego que realmente as colegas que estavam nessas respostas socias que falámos há pouco e que vão ficar em situação de desemprego (interrupção) obviamente que pensava e seria uma alternativa, sim! Duas horas?

I: Fomos muito interrompidas também. Só para finalizar, a sua idade? Não sei se quer deixar mais alguma sugestão, algum conselho?

E13: Não. Eu acho que já falámos tudo, não foi? (interrupção)

Fim da entrevista!

Entrevista nº 14

Data de realização: 23 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Campus de Penha, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Então já tens um bocadinho de noção do que trata o estudo. Tenho aqui um guião com vários blocos e o primeiro é acerca da escolha do curso. Porque que escolheste este curso? Quais foram as principais razões que te levaram a escolher o curso? Motivos pessoais, sociais, influências?

E14: Bem lembro-me que estava super indecisa. Estava indecisa entre educação social e psicologia, gostava bastante de psicologia mas devido às condições de empregabilidade que na altura já era complicado, decidi vir falar com o diretor do curso de educação social também para perceber o que é que era o curso. Pronto e falei com o professor A e claro saí daqui convencidíssima que era isto que eu queria para a minha vida (sorri), enfim e pronto as razões. Quando entrei sabia muito por alto o que era o curso, não tinha noções muito aprofundadas sinceramente.

I: Como é que tiveste conhecimento do curso? Por amigos? Através dos panfletos?

E14: Através dos panfletos sim.

I: Quais eram as tuas expetativas iniciais quando entraste para o curso? Tinhas expetativas muito altas de empregabilidade e de satisfação? Como é que era?

E14: Olha de empregabilidade sinceramente assim que entrei no primeiro ano ainda não pensava muito nisso. As minhas expetativas era mais a nível pessoal, fiquei com imensa curiosidades das disciplinas, do que é que seria o curso e depois ao longo do curso as minhas expetativas foram participar sempre no que houvesse e ir percebendo este mundo da educação social e foi ao longo do curso que me fui apercebendo. Sinceramente no primeiro ano não… (sorri)

I: Não tinhas noção?

E14: Não tinha, tinha uma noção muito geral pronto e sinceramente era aquela noção muito ingénua e romântica da coisa "vou para educação social, vou ajudar" pronto muito romântica e ingénua (sorri).

I: Houve alguma expetativa que tu foste criando ao longo do curso que depois quando entraste no mercado de trabalho ou quando começaste a procurar trabalho não se tornasse realidade e ficasses frustrada ou desmotivada?

E14: Sim. Pronto também acho que isso faz parte não é? Da vida. Mas ao longo do curso vamos ganhando várias expetativas…expetativas de que vamos mudar realidades, conseguimos cativar as pessoas, provocar a tal mudança que falamos tanto não é? e depois na realidade é muito complicado, muito complicado. E depois é sempre uma desmotivação atrás da outra, mas tens de ir encontrando sempre motivações para ir pronto continuando. Mas acho que essa…acho que a nossa profissão é um pouco ingrata porque é a tal coisa vamos…eu em termos de expetativas durante o curso criei sempre essa expetativa não é? Que vou conseguir fazer alguma coisa com este curso e que vou conseguir mudar a associação ou o território etc. donde esteja a trabalhar e a verdade é que é muito complicado (sorri).

I: O que é mais complicado? Lidares com a frustração? As barreiras que encontras? A realidade com que te deparas todos os dias? O que é que é mais complicado?

E14: Acho que é mais complicado perceber que não é assim tão fácil como nos disseram durante o curso e é complicado porque estamos a lidar com pessoas, com vidas de pessoas e no meu trabalho eu lido muito com pessoas com carência económica, famílias carenciadas, algumas mesmo sem abrigo, alguns que estão em dependência do álcool ou de sustâncias…e é complicado porque tu pensas que e querias uma intervenção, pensas em N coisas que se podem fazer mas depois quando chegas àquela fase da concretização ou de ver os resultados é complicado porque eles desmotivam-se muito facilmente e muitas vezes não querem, é isso com que eu ultimamente me tenho deparado. Ainda na semana passada senti muito isso e muitos sem abrigo não querem sair daquela realidade. Pronto isto é um exemplo não é?

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso? Que é que gostaste mais no curso?

E14: Olha acho que temos uma grande variedade de atividades para ir fazendo ao longo do curso, ou seja, lembro-me que participei em N *workshops* e seminários, participei também na realização do programa de rádio do curso, sei lá em tantas atividade e acho que isso é uma mais-valia porque vamos ganhando visões em diferentes áreas. E depois também porque é bom termos um estágio observacional e um estágio prática não é? E muitos cursos não têm essa possibilidade, muitas licenciaturas. Contudo, pronto também acho que falta muita coisa (sorri) mas acho que isso havendo é uma mais-valia.

I: Quais foram os principais *workshops* e seminários que participaste e que te marcaram mais? Qua ainda te lembras e que foram mais importantes para ti e para o teu percurso profissional?

E14: Olha lembro-me que gostei muito dos seminários que houve de educação social e de mestrado de educação social, acho que também participei. Depois adorei as conferências que houve no hospital distrital de Faro sobre imensas coisas, maus tratos, crianças, violência doméstica, autismo, ciências. Participei naquele ciclo de conferências, mais? Olha fiz, participei diretamente mas adorei ter organizado o grupo Giz, "a violência no namoro" o teatro fórum, não sei se te lembras…pronto essa pequena experiência também gostei.

I: Relativamente aos principais motivos de insatisfação quais são os que apontas? Para ti quais são os principais motivos de insatisfação? Que foram na altura e que até podem ser atualmente?

E14: Pronto embora tenhamos dois estágios não é? Que já disse que é muito bom, acho que falta mais e acho que falta mais porquê? Porque se bem que o aluno tem de ter autonomia, tem de ter interesse e tem de ter motivação mas lá está acho que também da outra parte também tem de haver incentivo e cativar porque acho que o professor também tem um grande papel na educação dos alunos não é? Fundamental e tudo bem que poderá haver alunos desinteressados, poderá haver alunos desmotivados e que não tão bem a ir para o curso mas acho que é o papel do professor cativá-los! Ou não? Não sei, consigo ver isto de várias formas mas a que assim pensando rápido é isto. E no entanto ao longo do curso acho que falta muito isso, os professores cativarem os alunos, porquê? Porque eu sentia muito que participei em muita coisa mas foi porque tive a sorte de me inserir num grupo onde tínhamos todas muita vontade de participar em tudo porque havia mais pessoas na turma que não, que não participavam em tanta coisa e

ainda há pouco tempo falei com umas caloiras minhas e elas vão duas vezes…estão a fazer estágio, e elas vão duas vezes ao terreno, à associação fazer o estágio curricular e isso para mim era impensável ir duas vezes. Eu na altura fiz no centro de saúde e nós estávamos lá de manhã à noite, o segurança tinha de ir lá bater à porta para nós irmos embora e senti uma falta imensa de motivação delas de…aliás havia dias que elas não têm nada para fazer e eu pergunto "então porque não vão ao estágio?" "ah está duas vezes no horário." E eu "então mas os professores não dizem que é para ir mais vezes?" (sorri) pronto sinto um pouco que há uma falta dos professores cativarem, motivarem e…

I: Achas que é um bocadinho de responsabilidade do professor? Achas que não tem também a ver com elas?

E14: Não, tem a ver com as duas partes, claro, tanto tem a ver com a parte do aluno como tem a ver com a parte do professor não é? Mas lá está eu pra dar um exemplo, houve um ano que eu odiei filosofia, odiava aquilo e não gostei nada e no outro ano tive notas excelentes porque adorei o professor e ele conseguiu cativar, ainda hoje me lembro da alegoria da caverna, quer dizer adorei aquilo e acho que aqui também passa um pouco por ai não é? Tudo bem que isto é diferente de…uma licenciatura é suposto a pessoa entrar porque quer e pronto continuar os estudos não é? Mas às vezes….

I: Achas que os estágios curriculares são adequados e dão uma boa preparação para o mercado de trabalho?

E14: Depende, há estágios que não e há estágios que sim. O meu sim, sim o meu deu claro mas sei que há estágios que não porque pronto trocávamos informação, víamos o que cada grupo andava a fazer e ainda sem ser na minha turma, nos outros anos…ainda hoje falo com as minhas caloiras que estão agora no terceiro ano e quer dizer há ali estágios que para mim não são estágios porque não estão a fazer nem 10% daquilo que eu acho que deveria ser feito. Falta empenho, falta dedicação, não sei é uma coisa…

I: E isso pode ser porquê? Por terem más perspetivas de trabalho? Por estarem desmotivadas ou mesmo pela própria pessoa? Qual é a tua opinião?

E14: Pois pode ser esses três fatores mas nos dias que correm acho que o facto de não haver empregabilidade é muito desmotivador e é logo a primeira coisa que toda a gente fala, aliás quando te encontram na rua é logo "então já arranjaste emprego?" e não é

”olá então como estás?” não! É “ola então já arranjaste emprego?” (sorri) e acho que hoje em dia tudo gira por aí e isso é frustrante claro para quem está a tirar uma licenciatura e a acabar um curso mas não sei para mim acho que também…se bem que é assim, também conheço a realidade de outros cursos e sei que os professores não estão nem…e se calhar até estão muito menos interessados do que os nossos professores, é verdade não é? Há licenciaturas que sei que…

I: Que não conhecem nem os alunos.

E14: Exatamente que nem sequer sabem que alunos é que têm não é? Mas lá está, para mim a filosofia de curso também é diferente não é? Engenharia civil é completamente diferente de uma educação social não é? Tendo em conta a filosofia de curso.

I: Tens mais algum motivo de insatisfação a apontar? Tirando esse da falta de apoio que sentiste?

E14: Olha agora lembrei-me da coscuvilhice dos professores, sei que na altura me irritava bastante, agora não sei como é que é (sorri).

I: Coscuvilhice em que aspetos?

E14: Pronto aquelas…somos alunos e vamos tento noção de vários acontecimentos não é? E os professores falavam muitas vezes nas aulas das chatices que tinham uns com os outros, dos conflitos entre professores, ideias diferentes, formas pronto e acho que isso muitas vezes não era muito bom transparecer esses conflitos que existiam.

I: Relativamente ao curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, concordas com esta afirmação?

E14: Sim porque quando eu andei à procura de estágio profissional muitas…a maioria perguntou “o que é a educação social? O que é que a menina faz?” aliás eu quando ia fazer, quando me ia propor a estágio profissional levava logo um (sorri) …porque antes pesquisava sobre a associação e levava logo ali um plano mais ou menos das áreas a intervir para mostrar um bocadinho também qual era a nossa função porque a maioria era logo “educação social sim e isso faz o quê? Qual é a mais-valia de tê-la cá?”

I: O curso não permite a progressão na carreira? Concordas com esta afirmação?

E14: Pois não sei porque ainda não tenho muita experiência nisso (sorri). Não sei.

I: E acerca de não corresponder às expetativas? Já disseste que foi correspondendo às expetativas e que foram até crescendo…

E14: Sim, sim.

I: Destas três é o primeiro que te enquadras mais… e que é que achas que podia ser feito para colmatar este problema da falta de conhecimento do curso? O que é que nós ou a própria universidade, o que é que podia ser feito na tua opinião?

E14: Não sei, mais divulgação em termos das funções do educador social, mais seminários a divulgar a profissão do educador social e também o curso organizar atividades para a comunidade de Faro, por exemplo e perguntar a várias associações se querem participar por exemplo não é? E assim também vão percebendo as associações que género de funções é que o educador social pode fazer, se bem que pronto os estágios curriculares muitas vezes dão essa possibilidade não é? Mas lá está, muitos dos estágios acho que não são…como é que eu digo isto sem ser muito (sorri)…

I: Podes ser verdadeira! Eu quero é que sejas verdadeira.

E14: Acho que muitos estágios não são 100% bem realizados e depois as associações também ficam com uma má ideia do educador social e acho que o curso deveria…deveria haver uma maior orientação dos estágios.

I: E uma maior responsabilização dos professores também para passarmos uma boa imagem no estágio?

E14: Sim, sim porque depois lá está os estagiários vão para lá, não vão desempenhar muitas atividades, não demonstram interesse, não demonstram autonomia, responsabilidade, motivação não é? De querer fazer coisas e depois é isso que fica.

I: Também se fala muito na hipótese de uma Ordem. Achas que isso podia ser uma boa solução ou parte da solução ou é mais aspetos burocráticos e não chegávamos a lado nenhum?

E14: Tem muitos aspetos burocráticos e acho que demorará muito tempo até ser constituída mas acho que faz falta até porque…não sei muito bem como é que isso funciona mas se nós quisermos ir para o exterior, para o estrangeiro depois como é que somos reconhecidos? Não sei muito bem como é que isso funciona não é? Mas se nem

sequer temos uma Ordem de educadores sociais no nosso país como reconhecimento, quando quiseres ir-te inscrever por exemplo numa Inglaterra sei lá…

I: Achas que isso pode ser um problema?

E14: Não sei, nunca experimentei nem conheço ninguém que tenha experimentado mas tenho amigos de outras áreas que já foram para outros países e que levam sempre uma certificação de pertencer à Ordem e acho que isso até é um processo demoroso, o pertencer a uma Ordem mas para eles é importante isso portanto deduzo que… (sorri).

I: Já falaste um bocadinho que sempre que podias participavas em atividades extracurriculares, achas que estas atividades foram importantes para a tua inserção no mercado de trabalho?

E14: Ah sem dúvida.

I: E a nível de voluntariado? Fizeste voluntariado? Em quê? Conta mais ou menos.

E14: Sim, sem dúvida que isso foi muito importante porque é assim, não basta só teoria nem o que ouvimos nas aulas. Todas as atividades em que participei, que foi ouvindo aqui e ali, percebendo várias perspetivas, novas áreas, isso ajudou-me imenso. E o voluntariado ajudou também porque abri horizontes não é? E fui fazendo, fui mesmo…é uma prática vá lá. Voluntariado fiz…ora por ordem não sei dizer, vou dizer assim saltitando (sorri) pertenço ainda hoje ao ISU instituto de solidariedade e cooperação universitária, fiz voluntariado a organizar as formações, a organizar formações sobre o voluntariado, a organizar atividades e participei também no projeto em São Tomé e Príncipe. Foi bastante interessante porque me fez refletir imenso e gostei bastante. Depois fiz voluntariado também na APF, associação de planeamento familiar, participei no projeto "amar amar ir e voltar" com trabalhadoras do sexo e participava também nas pequenas ações de sensibilização, mais? Ah na junta de freguesia também participei no projeto "bem-querer" ou qualquer coisa desse género, com angariação de roupas para gravidas adolescentes, acho que era. Fiz um serviço voluntário por seis meses a trabalhar na área da deficiência, também foi bastante enriquecedor porque tive contato direto não é? Com a área da deficiência, desmistifiquei montes de preconceitos que nós às vezes nem sequer nos lembramos, por exemplo conto imensas vezes isto que pronto lá o trabalho era atividades com eles mas também na parte da formação e então a nível europeu para pessoas que trabalham na área da deficiência e numa das formações eu

fiquei no quarto com uma invisual e a minha primeira reação foi ajudá-la "ela é invisual vou ajudá-la" que estupidez! (sorri) Quer dizer viaja a moça de um outro país para ir para Itália sem precisar de ajuda e vou eu ajudá-la (sorri) a dizer onde é que é a casa de banho e onde é que são as coisas e pronto etc. e ela já não me lembro o que ela disse mas disse-me logo uma frase que eu fiquei assim "pois ok, que figura de parva que tou a fazer agora" pronto isto não é por mal mas é um preconceito que nós temos não é? Por ser invisual…

I: Precisa de ajuda.

E14: Exatamente e outros tantos exemplos.

I: E nesse tempo que tiveste fora davas formação? Davas vários temas? O que é que fazias mais?

E14: Sim pronto, dei várias formações. As formações eram sempre na área da deficiência, também na construção de projetos sociais, depois também levei um bocadinho do curso e do que aprendi… como é que se organizam atividades, quais são os aspetos em que temos de pensar, pronto isso tudo e dava sim formação, também com mais equipa de formadores porque lá aprendi imenso. Ah e de imenso jeito porque aprendi inglês e italiano porque pronto. Depois também organizava *flash mobes*, que cá já vai acontecendo e realizava atividades nos centros onde eles iam passar o dia, centros. Organizávamos atividades com eles…

I: Por exemplo? Atividades de animação?

E14: Sim. Nós construímos um livro que é o *aero (??) games* onde há varias dinâmicas de educação não formal e que pretendem refletir sobre várias coisas, conceitos, estereótipos, discriminação, amizade, *bullying*, pronto e eles ao interpretarem todas aquelas atividades, aquelas dinâmicas, depois há sempre um espaço de reflexão, havia sempre um espaço de reflexão e de debate e pronto.

I: Sentes necessidade de mais formação nesta área da educação social ou noutras áreas? Ao nível de outras cadeiras? Outra licenciatura? Um mestrado?

E14: Sim. Sim, senti essa falta e ultimamente até ando à procura de formações mas como são todas tão caríssimas. Também já pensei em inscrever-me num mestrado mas

tenho assim muitas dúvidas (sorri) mas sinto falta sim de formação. Também a nível de psicologia, perceber melhor as pessoas, comportamentos, sei lá.

I: Por exemplo ao nível da formação, além da psicologia o que é que sentes mais falta? Que apoios ou bases é que precisavas mais?

E14: Por exemplo criei o gabinete de apoio psicossocial na instituição onde estou a trabalhar e sinto imenso falta de formação nessa área e no curso notei que não nos foram dadas sequer bases para essa área…pelo menos que me lembre (sorri). Depois sei lá. Olha também fiz voluntariado na Cruz Vermelha, lembrei-me agora, Portuguesa e participei num projeto também no estabelecimento prisional e lá também senti imensa falta de formação para lidar com aquele tipo de pessoas, com aqueles comportamentos, com aquelas restrições que alguns tinham de não querer falar, de não querer participar nas atividades, de uma forma mais agressiva.

I: Esse projeto foi integrado no teu voluntariado da Cruz Vermelha?

E14: Huhum.

I: Quanto tempo é que fizeste isso?

E14: Não foi muito porque isso foi depois, antes de ir. Foi quando cheguei de São Tomé…Outubro Novembro, Dezembro, Janeiro, quarto meses, foram três, quatro meses.

I: Na tua opinião achas que devia ser mudada alguma coisa no funcionamento geral do curso? Alguma coisa que tu notasses que devesse ser alterada no funcionamento do curso…

E14: Algumas cadeiras se calhar, algumas disciplinas por exemplo lembro-me que tivemos…aí como é que se chamava a disciplina? Artes Performativas? Pronto a professora era uma querida (sorri) mas realmente a disciplina não tinha muito conteúdo (sorri) eu lembro-me de cantar o Joãozinho e o balão pronto. Acho que poderia ser alterada, não sei se já foi, mas por outra disciplina que tivesse para nós mais interesse não é? Ou então coisas práticas por exemplo se essa disciplina fosse direcionada para a construção de materiais, fazer com crianças, possíveis não é? Fazer com materiais ou brincadeiras…olha materiais para pessoas portadoras de deficiências, os invisuais, há

montes de atividades com materiais manuais que se podem fazer e no curso não tivemos nada disso. Puderia-se substituir certas disciplinas.

I:Além de artes performativas queres falar de mais alguma?

E14: (sorri) Pronto essa foi assim o topo, agora mais não sei…

I: Ou que tenhas achado importante? Ou que aches importante mas que devia ter sido dada de outra maneira?

E14: Deixa pensar, olha eu gostei muito de educação social e de políticas. Foi uma cadeira políticas bastante difícil mas aprendi imensa coisa que até então não tinha percebido e agora estou-me a lembrar…lembro-me que a professora ficou chocadíssima quando nos perguntou nomes de autores, já não me lembro quem era e nós não sabíamos...lá está! Tudo bem pode ser uma falha nossa não é? Mas chegamos ao 3ºano sem conhecer tantos e tantos autores importantes não é? Disciplinas…mais? Não sei. Desenvolvimento e participação também achei interessante, tivemos passagens de vídeos, de filmes. Também gostei das psicologias…

I: Mas achas que aí devia de haver mais alguma coisa não é? Na parte da psicologia…

E14: Não sei, agora assim de repente. Nós tivemos bastantes cadeiras de psicologia. Ah olha sociologia! Tivemos duas cadeiras de sociologia, tivemos duas disciplinas de sociologia…

I: Tivemos três cadeiras.

E14: Tivemos três? Vê lá nem me lembro…

I: Tivemos sociologia geral, sociologia do território e sociologia da família.

E14: Pronto também acho que poderiam ser aproveitadas de forma diferente.

I: Falaste há pouco das atividades que o curso organizava. Achas que deviam ser organizadas mais atividades? Achas que deviam de ser organizadas de maneira diferente? Há alguma coisa que tu melhorasses?

E14: Hum sim, sim. É assim acho que as atividades que o curso organiza são organizadas pelos alunos do curso não é? E acho que falta também atividades organizadas pelos professores por exemplo pela diretora do curso ou pelo diretor…

I: Que tipo de atividades é que eles podiam organizar?

E14: Fazer mais seminários, trazer…olha to-me a lembrar acho que foi no primeiro ano que o professor trazia cá pessoas que já estavam a trabalhar, que tinham tirado o nosso curso, que já estavam a trabalhar e que vinham cá dar o seu testemunho…pronto isso para mim é importante porque é uma pessoa que já está na área, é uma pessoa que já tirou o curso e que tá a trabalhar e que pode dar a visão da realidade do que é que é trabalhar naquela área e acho que ia ao é muito bom. Depois deveria haver mais divulgação das atividades do curso, da rádio, por exemplo eu lembro-me que participei na realização do programa do curso no 1º e 2º ano, no 3º tive de deixar devido às práticas, ao estágio porque dediquei-me 100% e isso e lembro-me que andei de turma em turma a falar com os alunos para participarem no programa do curso…muitos deles perguntaram "ah que programa é esse?" e lembro-me que foi uma frustração de todo o tamanho para mim e para elas, para as minhas colegas porque a maioria não sabia sequer que existia um programa do curso nem que temas é que se abordavam lá e nada. Ah e depois acabou por cair, acho que não houve mais o programa.

I: Ninguém pegou nisso?

E14: Exatamente e isso também foi uma frustração porque quer dizer, estamos nós a batalhar com a divulgação do curso, não é? De educação social, estamos nós…todas as semanas íamos lá, todas as semanas pensávamos no entrevistado, na dinâmica do programa, na sequência pronto e depois chega ao final de dois anos e acaba porque ninguém tem interesse em tocar no programa.

I: Ao nível da qualidade dos docentes, há alguma coisa que tu melhorasses? Já falaste naqueles pequenos conflitos que houve entre os docentes, queres apontar mais alguma coisa que se pudesse melhorar? Ou algum aspeto que devesse ser tido em conta quando se fala em contratar um docente para este curso?

E14: Sim…não querendo especificar (sorri).

I: É anonima podes falar à vontade.

E14: Oh mas já identifiquei aqui um bocado do meu percurso quem for ouvir depois sabe logo não é? (sorri). Acho que sim. Houve uma altura há um tempo em que se contratou docentes e acho que se deveria ter tido outro tipo de rigor na contratação, quer nas entrevistas porque sei que houve pessoal que quis tentar e não conseguiu, nem sequer teve oportunidade pelo que me contaram e depois porque pronto é assim acho que foi um tiro no escuro porque essas pessoas não tinham experiência…no nosso ano, essas pessoas não tinham experiência. Eu tive sorte e calhou-me uma pessoa super motivadora que neste momento não sabia responder mas ia à procura e respondia-te, interessada pronto mas sei que nem com todos os grupos se passava isto pronto e sei lá N situações…também foste da minha turma também sabes não é? Por isso posso aqui omitir (sorri) não. Sim acho que deveria haver mais rigor na contratação de professores, pronto agora não sei quais são os professores que tão, se são as mesmos se não mas pronto acho que pelo menos deveriam ser professores não com o mesmo grau que tu ou seja licenciados a serem professores de uma licenciatura. Acho que pelo menos com um mestrado ou vá duas licenciaturas não sei e depois com pouquíssima experiência de trabalho.

I: Ao nível da formação recebida já falaste um bocadinho mas no geral achas que a formação teve qualidade? Achas que teve muitas falhas? Achas que está adequada ao mercado de trabalho?

E14: Lembro-me que em educação de adultos ouvia falar lá dos anos sessenta (sorri) pronto e aquilo repetia-se, mas em geral sim. Alguns tentavam sempre trazer exemplos de algumas coisas que estavam a acontecer, de iniciativas de associações, de exemplos de outros profissionais da nossa área que já estavam a trabalhar…

I: Achas que está de acordo com o mercado de trabalho a formação? Quando tu saíste aqui do curso achas que estavas preparada para ingressar no mercado de trabalho? O curso deu-te essas ferramentas?

E14: Não, eu sentia-me muito insegura mas penso que se calhar é um pouco normal…não sei se alguém sai de uma licenciatura apto e seguríssimo não é? Da qualidade da sua prestação mas sim, senti-me imenso insegura e por isso é que tentei sempre ir fazendo voluntariado por isso é que não ingressei logo no mercado de trabalho, não fiz logo um estágio e fui à procura de outras experiências. Mas mesmo agora há muitas áreas que me sinto insegura e que vou à procura de informação. O curso

não dá respostas a tantas áreas que a educação social consegue intervir não é? E se calhar por aí poderia-se melhorar um pouco sim, se calhar nesse aspeto poderia haver uma disciplina onde se aborda-se as várias áreas onde o educador pode trabalhar e que trabalho é que pode fazer, se calhar não sei.

I: Qual tem sido o teu percurso desde que terminaste a licenciatura? Já disseste que foste para o voluntariado…

E14: Sim.

I: Quanto tempo é que tiveste lá e qual tem sido o teu percurso desde aí? O que fazias… já falaste um bocadinho, não vale a pena estar a referir tudo mas diz só por ordem cronológica.

E14: Pronto terminei o curso em Julho de 2010, de 17 de Julho e 18 de Setembro portanto dois meses tive em São Tome e Príncipe num projeto, a realizar atividades em três áreas diferentes, animação infantil, capacitação das animadoras, capacitação dos jovens lideres da comunidade, ajudá-los a construir um centro comunitário e tudo o que isso implica não é? E em terceiro na área da formação do instituto da juventude em capacitação de jovens líderes associativos, falar do voluntariado, do que é que implica o mundo do associativismo. Pronto foram dois meses, depois regressei e praí em Setembro inscrevi-me num serviço voluntário e fui em Fevereiro. Regressei em Outubro, foram seis meses mas depois tive quase mais um mês após ter terminado a pedido da associação em Espanha em Molina a dar também formação na mesma área. Regressei em Outubro, depois tive duas semanas de Outubro Novembro, Dezembro à procura de estágio profissional e no final de Dezembro, pronto recebi um sim finalmente e pronto Janeiro foi para aprovação e iniciei a 1 de Fevereiro.

I: Até agora?

E14: Sim e em Outubro estou desempregada outra vez.

I: Quais foram as principais dificuldades ou limitações que encontraste quando estavas à procura de emprego? Ou o estagio profissional.

E14: As condições monetárias das associações porque pronto na altura em que estamos sei que muitas tiveram cortes ao nível dos apoios da segurança social e das autarquias, etc. e o que diziam logo é que não têm condições para pôr mais um técnico, ponto. Em

termos de contrato de técnico isso foi logo impensável não é? Tentei o estágio profissional e mesmo assim o estágio profissional também foi muito difícil, foi complicado porque pronto é a tal barreira de ainda não saberem o que é a educação social ou de já ter estado lá alguém do nosso curso e a experiência não ter sido boa…aconteceu-me isso nalgumas associações "ah eu já tive cá colegas vossas que não gostei muito" aconteceu-me, e depois é a questão das condições monetárias da associação. Queriam era voluntariado, todas diziam "ah pode vir e pode se inscrever como voluntária, nós aceitamos, temos todo o gosto. Gostamos imenso do seu currículo", quase todas me diziam isso mas passar à ação…

I: Ao nível do salário, como é que tens visto o teu salário? Não tens muita experiência profissional mas por exemplo entre o…desde que começaste a trabalhar ou que foste para São Tomé, tinhas algum apoio financeiro? Ou estavas mesmo por tua conta?

E14: Pronto em São Tomé tive o apoio financeiro da instituição não é? Do ISU. Aquilo é um projeto que antes de irmos para o projeto ele é todo construído cá com os voluntários e com as pessoas que participam na formação, ou seja, a partir das necessidades diagnosticadas no ano anterior da equipa planeamos…de acordo também com os *emails* trocados com os parceiros locais, vamos planeando um plano de atividades e também um plano de atividades de angariação de fundos, ou seja a gente todo o dinheiro quer viagens, quer a nossa alimentação quer a nossa estadia lá, o dinheiro é todo angariado cá e depois lá é uma equipa de três pessoas e nós lá temos de gerir o dinheiro que levamos, o dinheiro que conseguimos angariar cá temos que o gerir.

I: Depois foste para o voluntariado…

E14: Sim. No voluntariado tive uma bolsa…aliás duas, uma era uma bolsa mensal, outra era uma bolsa semanal. A bolsa mensal pronto era de cento e cinquenta euros e a bolsa semanal era de cinquenta euros. A semanal era para a alimentação e a mensal pronto era uma bolsa para o que quisesses. Foi complicado visto a cidade que era não é? Mas consegui poupar imenso até porque me fartei de viajar com o dinheiro que poupava da bolsa, pronto também era um serviço voluntário e as condições também dos outros países…a bolsa depende de país para país por exemplo nós cá em Portugal damos uma bolsa de noventa euros ou de noventa e três euros a quem venha para cá fazer, também não é muito.

I: E depois foste para a entidade.

E14: Pronto, estou em estágio profissional, também não é muito e ainda por cima temos de fazer descontos, eu faço acho que é cento e dezoito euros de descontos de impostos, que é bastante! E acho que as condições de estágio mudaram imenso porque penso que até aqui havia subsídio de férias, aliás férias. Havia subsidio de férias, havia subsidio de transporte, havia subsidio de alimentação, o vencimento era muito superior, pronto e agora cortaram com isso tudo. Agora tens o subsídio de alimentação e o subsídio que diminuíram imenso.

I: Na tua opinião a presença dos educadores sociais é importante nas várias instituições?

E14: Ah sim, sim. Sim, porquê? Porque acho que temos uma orientação, uma sensibilidade diferente. Pronto isto também dependerá de pessoa para pessoa não é? Mas temos toda aquela filosofia de planear as atividades a partir das necessidades diagnosticadas, o que muitas vezes nas associações não é assim. Também tive no estrangeiro…não cheguei a dizer mas também tive na parte de candidaturas de financiamento de projetos e não se pensa lá em necessidades, pensa-se que quer-se ter uma quantidade e dinheiro por isso vamos inventar um projeto que dê financiamento e por isso inventamos as necessidades, pronto e tá feito! E acho que um educador social tem um grande papel aí também e depois porque faz um trabalho também muito com as pessoas que…sei lá facilita…é humano e acho que muitos outros profissionais não têm esta vertente, não tanto de por exemplo de capacitar não é? Muitas associações pensam ou estão pouco viradas para a resolução no sentido também das associações de apoio alimentar "vamos dar alimentação!" não é? E a nossa filosofia de curso o que nos ensinam é a atirar a cana para pescar, pronto e acho que isto realmente é fundamental, é muito importante não dar…tudo bem dar quando é uma emergência não é? Mas também todo o outro trabalho de capacitação.

I: Achas que é importante a presença do educador nas IPSS? Quer ao nível político, quer ao nível social?

E14: Acho que sim (sorri) não, não sei. Não sei responder até porque…mas acho que sim, não conheço assim…mas acho que sim porque tanto as associações como IPSS, quer dizer acho que isso há aí uma barreira muito ténue não é? Para mim não…e tanto

ao nível público como privado acho que é fundamental por exemplo acho que cá no Algarve não há uma associação de cuidados paliativos e consigo encaixar lá muito bem um educador social.

I: Gostavas de trabalhar numa IPSS? Tens esse sonho?

E14: Eu não sei, eu tenho é o sonho de trabalhar (sorri). É assim também quer dizer, cá pensando não é? A Cruz Vermelha é uma IPSS, a minha entidade…

I: A Cruz Vermelha é uma ONG.

E14: ONG pois o ISU também é uma ONG.

I: E nas escolas? Achas que é importante a presença dos educadores sociais nos agrupamentos de escolas?

E14: Sim, sim. Sim porque quando andei a fazer o teatro fórum sobre a violência no namoro opa foi lindo! Porquê? Porque era um espaço onde através de uma teatralização eles falavam e partilhavam experiências e era uma coisa…era como se fosse um lugar deles dentro da escola e ao fim ao cabo acho que também criam ligações de afeto à escola e ainda mais nos dias que correm que se ouve tanto falar de *bulling*, de agressões, de sei lá…até a parte da desmotivação não é? Desta crise toda que eles também são afetados não é? Também ouvem e também sentem e acho que o educador social nas escolas também tem uma função importantíssima, olha até o apoio psicossocial não é? O gabinete pode ser dinamizado por um educador social e atividades, sei lá até sobre a sexualidade, sobre… há tanta, tanta coisa para se fazer. Olha estou-me a lembrar também de um projeto que fizemos do "Eu e os Outros" com o IDT, também adorei mesmo… fiz na escola de Montenegro e aquilo eram umas histórias não é? Com sabes, sobre várias problemáticas, o bulling, a anorexia, a amizade, problemas familiares, pronto e nós trabalhámos lá tanta, tanta coisa, até os preconceitos e a discriminação entre eles adorei e eles também até porque a professora depois no final fez também uma avaliação e conversávamos também imenso com ela e ela diz que conseguiu ver diferenças no comportamento deles e isto é lindo (sorri) não é?

I: Falaste que estás agora a trabalhar na tua entidade, em estágio profissional. Podes descrever as tarefas e atividades que fazes lá? Enquanto educador social ou não.

E14: Pois. É assim as tarefas que faço lá é o contacto todo com os utentes não é? Faço o atendimento ao utente, encaminho o utente, tanto no apoio alimentar como no apoio de vestuário, etc. depois criei o gabinete de apoio psicossocial onde também estou a coordenar, tenho ajuda de mais duas colegas, pronto passei a pouca formação que sabia (sorri). Depois estou também a tentar organizar com um senhor que já tem imensa experiência na área terapias de grupo porque acho que os nossos utentes têm imensa falta de desabafar, de partilhar, de perceber como é que aquela pessoa resolveu aquele conflito ou saiu daquela situação económica ou como é que está a sobreviver dentro daquela condição, pronto de partilhar, de desabafar. Mais?

I: Esse "estás" a tentar criar? Ainda não conseguiste criar?

E14: A primeira sessão é este sábado, pronto já estou a fazer a divulgação, já criei e já está tudo. Só preciso das inscrições dos utentes (sorri). Depois também estou responsável pela parte da formação, pronto a minha entidade tem voluntários e também sou encarregue de organizar formação geral de voluntariado e formação também especializada ou seja por exemplo essa formação sobre o apoio psicossocial ou outras formações que sinta que os voluntários ou os trabalhadores sentem falta, posso organizar.

I: E ao nível das pessoas com quem trabalhas, das pessoas com as carências, organizas também alguma formação? Algumas coisas?

E14: Sim, já me estava a esquecer, estamos a organizar também vários cursos para eles, por exemplo consoante as anteriores profissões tamos a pensar…já tá tudo pensado, só falta as inscrições também e iniciou a semana passada, atelieres de sapataria, eletricidade, carpintaria e costura criativa. Tamos também com o projeto da loja social que já vai abrir na primeira semana da Maio, e pensei também na possibilidade de abrir estes atelieres lá na loja social onde o nosso utente pudesse vender o seu serviço para o cliente em geral não é? Por exemplo uma pessoa que precise de um arranjo na janela, de um sapato sei lá qualquer coisa, dirige-se a essa loja a um preço mais acessível e estamos a ajudar a condição económica do utente.

I: Ao nível da missão do teu contexto de trabalho, como é que o defines?

E14: Ao nível da missão?

I: Qual a missão do teu contexto de trabalho?

E14: Agora no meu referente ao estágio?

I: Sim, onde estás a trabalhar.

E14: Isso é difícil, pronto a missão da minha entidade é uma coisa a minha missão é outra (sorri).

I: Pois eu sei, podes responder às duas.

E14: Muitas vezes também há esta barreira não é? Que nem sempre o que a associação defende é aquilo que tu defendes. Pronto a missão da minha entidade é responder às carências da população de Faro não é? Carências alimentares, prestação de apoio alimentar…

I: Através do assistencialismo.

E14: Exatamente prestação de apoio alimentar, prestação de apoio de vestuário, encaminhar os utentes, alguma que coisa que surja por exemplo utentes que tenham algum problema, depressão, podes encaminhar centro de saúde pronto.

I: E a tua missão?

E14: Pronto pois a minha ali…o que eu gostava mesmo de conseguir fazer é ajudá-los a…isto é difícil mas…

I: Ajudar a pensar de maneira diferente?

E14: Sim terem, ganharem outra perspetiva da vida, que alguns pronto que alguns já vão pensando nisso mas depois há…depois é a tal questão que também tenho pensado muito, será que o que eu idealizo é o que realmente lhes faz falta? É o que realmente é benéfico para eles? Não sei, isto tem sido (sorri) não sei se tás a perceber.

I: Estás a falar daquelas atividades dos atelieres e das formações?

E14: Não, estou a pensar por exemplo em retirar pessoas da rua, estou a pensar por exemplo em… sim se calhar através dos cursos não é? Podem ganhar outra perspetiva de trabalho e imagina que alguém tira o curso de sapateiro, já fica com algumas ideias e passado uns tempos vê e "olha precisa-se de sapateiro! Boa vou-me inscrever e tal"

conseguiu um trabalho pronto, não é? Pronto isso claro que é bom não é? Mas isto é um exemplo.

I: Foste tu que pensaste estas atividades? Ou já existiam e só as puseste em prática? Antes de ires para ai tinha alguma destas dinâmicas?

E14: Não, nada colocado em prática nem sequer pensado. Estes cursos da terapia de grupo, apoio psicossocial, estes cursos de…estes atelieres vá digamos assim, isto não tava não sei se pensado. A formação geral para o voluntariado sei que se fazia uma vez por ano e depois sei que se faziam imensas atividades que ainda continuam a fazer mas mais de angariação de fundos, de divulgação, de promoção, pronto.

I: Achas que é uma entidade empregadora que está aberta? Que tem abertura para por exemplo se queres criar uma atividade, eles dão-te abertura total ou metem barreiras?

E14: Ah sim, sim, sim. Não, é assim depende daquilo que proponho não é? Mas até agora tiveram sempre abertos e aliás costumo dizer que tenho muita sorte porque ele dá maior responsabilidade para ti, no sentido em que ele diz "pergunta-me em último caso, estás à vontade para fazer tudo, organiza e mostra-me no final" percebes? E isto dá uma grande autonomia e não precisas de andar sempre ali com aquela orientação "posso? Não posso?" percebes? Pensas, sentes e avanças.

I: E a nível da equipa de trabalho? Trabalhas com mais duas colegas disseste há pouco. Como é que é a equipa de trabalho? Como é que é constituída e como é eu vocês trabalham em conjunto?

E14: Sim. Bem, elas são também educadoras socias, acabaram acho que em 2011.

I: Estão em estágio profissional ou contratadas?

E14: Não. Em estágio profissional. Iniciaram como voluntarias e depois acho que em Janeiro…sim tanto que a minha candidatura foi aceite mais cedo, foi submetida mais cedo, acho que em Janeiro elas propuseram-se para estágio profissional e o trabalho, pronto o contato com a coordenação dos utentes é feita conjuntamente, todo o trabalho de coordenação de utentes, da abertura e processos, atendimentos, etc. depois cada uma também é responsável pela sua área.

I: Vocês não têm ninguém noutras áreas lá a trabalhar? Por exemplo um psicólogo ou um assistente social.

E14: Não, neste momento temos um de comunicação…é comunicação e…?

I: Aqui da Universidade do Algarve?

E14: Sim curso de comunicação e Design? Não. Prontos é um curso de comunicação. A associação antes de nós entrarmos teve uma psicóloga, depois temos também alguns estagiários em contrato de inserção ao mercado de trabalho, o CEI+? É uma coisa assim, que ajudam na coordenação dos armazéns ou seja toda a logística do ir buscar a alimentação, pronto coordenar etc. e também usufruímos muito dos nossos voluntários ou seja temos voluntários especializados pronto em várias áreas como a fisioterapia, enfermagem etc. e a ideia também é utilizá-los para fazer atividades.

I: Tens alguma perspetiva de ficar lá a trabalhar quando acabares o estágio profissional?

E14: Olha eu gostava, mas não.

I: Achas que não vão empregar ninguém dessas pessoas que estão lá em estágio profissional? Nem que seja para continuar o trabalho que estão a fazer…

E14: Pronto não sei se não vão empregar ninguém de nós as três. Eu não tenho essa perspetiva, essa perspetiva…essa expetativa. Perspetiva pronto se acontecesse gostava muito porque adoro o que faço e gostaria de fazer muito mais não é? Porque acho que é um trabalho também tem de ser feito continuamente e nove meses, pronto. Até porque saem uns utentes e entram outros utentes, pronto mas perspetivas que me contratem acho que não porque infelizmente as associações vivem de estágios profissionais, assim como acabou o estágios profissional da psicóloga que lá esteve e entrámos nós, quando nós sairmos entrarão outras pessoas para estágio profissional, pelo menos é assim a realidade de muitas associações e pelo que vejo, por isso é que há pouco te disse que em Outubro estava no desemprego porque é quando acaba o estágio.

I: Como é que te vês daqui a uns anos? Vês-te a trabalhar? Vês-te noutro lado qualquer?

E14: Olha eu tento não pensar muito nisso que é para não ficar frustrada (sorri) é verdade. Pronto eu adorei tudo o que fiz até agora, gostei imenso e cada vez me apaixono mais sim, pelo que faço. O que espero? Essencialmente continuar a trabalhar nesta área, acho que era um grande desgosto ter de mudar de área. Infelizmente as perspetiva que a maioria de nós tem é ir para fora.

I: Pões essa hipótese? Gostavas de ir para outro país?

E14: Sim, sim. Já fui duas vezes e gostava. Países nórdicos não! (sorri)

I: África?

E14: Sim Moçambique, Angola, São Tomé…

I: Relativamente à tua perceção… Antes o público. Qual é o público com quem trabalhas? Mais ou menos em que faixas etárias é que está? Quantos utentes é que vocês têm neste momento? Só para ficar assim com uma ideia.

E14: Pronto é assim, nós damos apoio a cerca de mil e duzentas famílias e é assim, funcionamos apoio ao armazém, ou seja, os utentes com capacidade de se deslocar ao armazém vão buscar ao armazém às 2ªs, 4ªs e 5ªs, depois fazemos apoio domiciliário a pessoas que por motivos de saúde não se conseguem deslocar ao armazém, também às 2ªs e 5ªs. temos também…pronto e este apoio domiciliário, isto inclui Faro, Ilha de Faro, Montenegro, Gambelas. Depois também damos apoio à Junta de Freguesia da Conceição, temos parceria com eles e à 3ªfeira damos lá apoio e vamos ter com Santa Bárbara de Nexe, com Estoi. Temos Albufeira, a cantina social de Albufeira e Quarteira. As faixas etárias dos utentes variam muito.

I: As famílias englobam?

E14: Sim pronto temos famílias, famílias pronto, o casal e dois filhos, o casal e um filho, filhos pequenos e bebés, filhos adolescentes, temos idosos, temos jovens.

I: Há pouco falaste dos sem-abrigo. Qual é a realidade dos sem-abrigo?

E14: Pronto felizmente é assim Faro não tem muitos sem abrigos sinalizados, a rede social de Faro acho que tem neste momento trinta a quarenta sem abrigos sinalizados. Quando eu digo que não é muito é porque já diminuiu, não quer dizer que isto não seja muito não é? Para mim um seria muito. A realidade, alguns foram vítimas de maus

tratos familiares, saíram de casa, pronto por motivos de corte nos laços familiares, outros são estrangeiros que vêm para cá e depois não encontram trabalho, não concretizam as expetativas que tinham, pronto. Outros são…

I: Qual é a perceção destas pessoas relativamente ao vosso trabalho? Achas que eles têm perceção do trabalho que vocês desenvolvem, de todas essas ações que têm desenvolvido? Eles aderem às vossas iniciativas e participam? Como é que é?

E14: Sim por exemplo nós também fazemos angariação de alimentos nos supermercados, fazemos recolhas e eles aderem sim, aderem e participam. Em termos das atividades não aderem tanto como eu gostaria, acho que existe ainda muitos preconceitos por exemplo em relação às terapias de grupo, em relação ao apoio psicossocial, a resposta é "ai menina isto se eu vou para lá ainda fico mas maluco" ou então "eu não sou maluquinho, para que é que eu preciso disso?" depois aos cursos a primeira pergunta é logo "ah então e quanto é que eu vou ganhar? Eu vou ganhar alguma coisa? O que é que isso me vai dar? Vai-me dar emprego?" e não tanto pela questão de participar, para adquirir mais conhecimentos, para passar o dia, pronto para conviver. Em relação ao nosso trabalho é como tudo, temos pessoas que todos os dias nos dizem que sem o nosso apoio não viveriam e temos pessoas que reclamam (sorri) por exemplo esta foi a reclamação mais…que me consigo lembrar, houve uma senhora que um dia foi de propósito lá ao gabinete a reclamar que nós não lhe dávamos especiarias para ela cozinhar, especiarias pronto entende-se que sejam orégãos, pronto essas coisas, até disse natas "não dão natas! Como é que eu?" polpa de tomate, concentrado de tomate…há de tudo.

I: Qual é a tua perceção relativamente à tua figura profissional? Achas que os outros vêm que tu és importante na instituição e o trabalho que tens desenvolvido? Digo outros, pode ser superiores, colegas.

E14: Não sei.

I: Não sabes o que os outros pensam de ti?

E14: Não, não sei, sei que sou muito exigente comigo e sei que me esforço e que cada vez que vou mexer numa coisa que já fiz faço sempre alterações mas a perceção que os outros têm de mim, não faço ideia.

I: E a perceção que tu tens de ti? Sem ser o seres exigente achas que és uma mais-valia para aquele sítio? E que está a desenvolver um trabalho importante?

E14: Sim em termos de estar a desenvolver um trabalho importante acho que sim porque lá está não é? Nós temos utentes que nos chegam lá com imensas carências económicas e só o facto de conseguirem ir lá e levarem apoio alimentar, para mim já me sinto realizada, não é?

I: O que é que o teu superior diz desses projetos que tu implementas? Que são inovadores não é? Porque não existiam lá antes. Ele nunca te disse nada? Nunca fez nenhum comentário?

E14: Não (sorri) ele diz "faz" (sorri). Em termos de assim *feedback* diz que tenho uma grande…já me disse uma vez que tenho uma boa sensibilidade mas não, não sei a opinião que têm (sorri). Não sei se acham que estou a desenvolver um bom trabalho ou um péssimo trabalho (sorri).

I: Dentro da tua atividade profissional, da experiência que tens tido desde que terminaste a licenciatura, o que é que tem contribuído mais para a tua satisfação pessoal e profissional?

E14: Desde que terminei a minha licenciatura o que é que contribuiu mais?

I: Para a tua satisfação pessoal e profissional? Algum episódio?

E14: Adorei estar em São Tomé e Príncipe, desenvolvimento pessoal para mim foi bastante aqueles dois meses que lá tive porque fez-me mudar perspetivas, abriu horizontes, enfim passar por tantas experiências…não sei, acho que todas…acho que o desenvolvimento se vai fazendo não é? E todas as experiências que fui tendo me marcaram por exemplo ainda durante a licenciatura eu adorei o teatro da violência no namoro, adorei fazer aquilo.

I: Relativamente à tua remuneração, estás em estágio profissional mas achas que está de acordo com o trabalho que desenvolves? Estás satisfeita?

E14: Pronto, satisfeita não estou porque acho que é pouco, seiscentos e poucos euros, quer dizer não é? Mas pronto é pouco porque sei que já ganhámos muito mais, antes este acho que era à volta de novecentos ou o que era e ainda tinham um mês de férias,

ainda tinha pronto. E sim, não em relação ao vencimento olha até tento não pensar muito nisso mas não trabalho consoante isso, por exemplo farto-me de fazer horas a mais mas faço porque gosto e porque sinto que o devo fazer não é?

I: Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar esta profissão? Achas que há alguma coisa que deva ser melhorada na profissão do educador social? Quando digo para melhorar pode ser ao nível pessoal dos educadores ou mesmo ao nível das instituições empregadoras ou da instituição formadora.

E14: Questões que nunca tinha pensado. Não sei, acho que a criação de uma Ordem ajudava. Ajudava porque tínhamos também uma entidade que nos dava orientação e acho que o papel também é defender em certos casos não é? E depois acho que isso já dava mais um bocadinho de valor à profissão, dava mais prestígio, mais valor, reconhecimento, porque quando eu digo "sou educadora social" as pessoas não sabem, não reconhecem, não dão o devido valor que acho que a profissão merece ter, valorizar mais. Não sei, acho que é também com o tempo e acho que se tivermos bons profissionais a trabalhar acho que isso é com o tempo que depois as crenças mudam e as coisas acontecem mas não sei. O que eu sinto e que às vezes fico um pouco desmotivada com os meus colegas é que sinto precisamente desmotivação.

I: Da parte das pessoas que se tão a licenciar ou que tão licenciadas?

E14: Sim tanto da parte de quem ainda está a estudar como da parte de quem já é licenciado, muito por esta questão de empregabilidade também, de não terem…há muitas que não lutaram não é? Quando eu digo não lutaram por exemplo… também há vidas e vidas e quem sou eu para falar da vida das outras pessoas? Mas como eu percebi que o facto das condições de empregabilidade estavam mal fui tentando procurar outras coisas não é? Saí daqui, pronto, etc. mas há muitas pessoas que tentam um mês por exemplo procura de trabalho e depois encontram outra coisa fora da área e regressar à área…

I: Acomodam-se ao que têm?

E14: Exato e regressar à área já foi, já é passado, já não têm essa perspetiva.

I: Se calhar também não iam ser bons profissionais por isso é melhor estarem quietos (sorri).

E14: Pois não sei, mas percebes? Eu sinto falta daquela garra, de lutar pela questão de "tirei este curso e quero fazer alguma coisa com ele!" e quero fazer, quero no fundo exercer a minha função, não é? De educadora social e isso uma minoria é que tem, e fico super desmotivada quando sinto isto porque se fossemos todos em conjunto, se todos tivéssemos esta motivação e esta vontade de fazer coisas às vezes…há tanta coisa por fazer não é? Às vezes até poderíamos organizar coisas sem pensar na questão da empregabilidade, criar um projeto, criar atividades e depois logo se vê não é? Mas infelizmente ou não porque precisamos todos de dinheiro não é? Passa logo pelo "ah sim vou fazer, mas isso dá dinheiro? Ah então se não dá não faço" é como a questão do voluntariado, infelizmente há pessoas na nossa área que pensam "mas para que é que eu vou fazer voluntariado? Mas isso dá-me o que? Dá dinheiro? Ah não? Tao não vou! Vou fazer para que?" e isto para mim é uma completa frustração porque dá-me vontade é de abanar a pessoa e dizer "acorda! Mas tás a fazer o que?" porque não percebo (sorri).

I: Se tivesses de recomendar ou se pudesses recomendar esta profissão a alguém o que é que tu dizias? Quais eram os conselhos que davas? Sugestões? O que é que achas fundamental uma pessoa ter para ser educador social?

E14: Olha não sei, acho que primeiro gostar desta área não é? Da área social e ter já um bichinho por isto porque se não tiver pronto pode adquiri-lo durante o curso mas…ah lá está acho que nem todos damos para todas as profissões não é? Não me metam a mim a tirar sangue a alguém (sorri) pronto é um exemplo parvo mas para perceber que se calhar um analista também não tinha perfil de educador social e muitas vezes passa por isso, pela sensibilidade da pessoa, acho que é muito por aí, pela sensibilidade, pela capacidade de já ser um cidadão ativo, de ter curiosidades sobre esta coisa da participação, da cidadania, do ajudar, não sei pelo menos ter aqui uma pequena sensibilidade e os conselhos que eu daria não sei…

I: Que caraterísticas é que achas que…além dessa da sensibilidade e da vocação que falaste, que outras caraterísticas é que achas que eram importantes para o educador social? Tanto ao nível pessoal como social? Como é que tu definias um educador social perfeito?

E14: Ah dinâmico, muito dinâmico, extrovertido que faz falta em alguns contextos e eu às vezes sinto falta de ser um pouco mais extrovertida, responsável, ético. Na nossa

profissão acho que acima de tudo temos de ser éticos, temos de respeitar a vida daquela pessoa, temos de respeitar toda a filosofia que ela tem, todas as crenças que já construiu…e depois acho que tem de ter uma grande capacidade de se auto motivar, de se auto aperfeiçoar, de pesquisar coisas novas, de ver outras realidades, pesquisar o que é que outros países andam a fazer na nossa área, que trabalho é que já existe, pronto pesquisar e tentar e fazer e ter esta vontade de pôr em prática as coisas.

I: Dinamizador porquê? Porque achas que é importante o educador ser dinamizador?

E14: Ah é super importante porque dinamizador para mim é seres ativo e é esta questão do quereres fazer coisas, do procurares por, pronto por o que é que se faz por aí e quereres implementar na tua realidade e seres dinamizador também no sentido de seres extrovertido com as pessoas, seres empático com as pessoas, de conseguires criar aquela ligação com as pessoas.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que dissesses na tua opinião se são ou não importante para o educador social e porquê? Criativo.

E14: Sim, sim porque precisas de muita criatividade para fazer certas atividades não é? Por exemplo imagina alguém que esteve não sei três anos numa associação, se calhar chegará a um ponto que pense "mas o que é que eu vou fazer agora?" não é? (sorri) porque pronto agora por exemplo ainda me surgem atividades e ideias, ideias, ideias mas se calhar vou chegar a um ponto que não sei o que é que faça não é? Criativo nesse sentido e criativo também no sentido de ir buscar…pronto mas isso também faz parte da nossa profissão não é? Buscar os interesses das pessoas com quem trabalhas, cativar as pessoas por aí.

I: Dinamizador já disseste. Manipulador?

E14: (sorri) Olha se calhar faz falta um bocadinho sim, eu às vezes sinto um bocadinho falta disso.

I: De ser manipuladora?

E14: Sim.

I: Em que aspetos?

E14: Não sei se isto é mau, não sei se isto é muito mau dizer, por exemplo não sei, às vezes gostava de entrar pronto na cabeça das pessoas e mudar para o que eu quero, fazer lá o click e pronto e elas assumiam aquela nova realidade, por exemplo um toxicodependente não é? Carregavas, inserias ali naquele botãozinho da manipulação e ele deixava…

I: Aí era fácil demais, já pensaste?

E14: Sim mas pronto, manipulação também neste sentido percebes? Através do psicológico e destas questões todas conseguir…

I: Conseguires mudar as pessoas

E14: Exatamente sim.

I: Planeador?

E14: Sim também, cada atividade tem de ser planeada não é? Com pés e cabeça. Claro, isso é fundamental.

I: Autoritário?

E14: Olha às vezes também sinto que me faz falta (sorri) com alguns utentes mas só o aspeto de… não sei autoritário, porque autoritário é o quê? É uma pessoa impor as suas vontades não é? E muitas vezes também temos de ouvir os outros, aliás eu até posso querer fazer uma formação de construção de planetas…lembrei-me agora que tá ali e as pessoas não quererem nada disso não é? E eu sou autoritária e imponho e que resultados é que aquilo vai dar? Pronto quando e disse que me faltava um bocadinho isso era no sentido de…

I: Não achas que há outros meios? Outras hipóteses? Por exemplo a nível de negociar ou ao nível de ser assertivo?

E14: Sim olha e mais isso, e mais assertividade.

I: É que são coisas um bocadinho diferentes (sorri).

E14: Completamente. É mais nesse aspeto de ser assertivo, autoritário não tanto.

I: Tendo em conta o panorama de crise que estamos a atravessar, o que achas que vai acontecer à sociedade e qual será o papel do educador social daqui a uns anos ou amanhã?

E14: Olha eu penso muito na questão da renovação de valores, ou seja, de novas perspetivas dos valores pessoais das pessoas. Acho que até aqui as pessoas viviam, na minha opinião com os valores um bocadinho trocados não é? Ou então sou eu que estou toda trocada (sorri) mas esta questão da capitalização da economia, do dinheiro, das aparências, toda esta questão é um bocado fútil para mim e acho que até aqui se vivia muito com esse fundo, pronto e agora com esta crise muitas pessoas deixaram de ter acesso àquilo que tinham não é? Ou seja tanto às questões da beleza, sei lá e acho que vai ser essencial uma reestruturação dos valores sociais, mais por aqui, mais a ver com a humanização, com o respeito pelo outro, que se perdeu imenso, pela valorização da pessoa que tu és e não valorizar o que tu vestes, a casa que tu tens, a aparência que tu tens, sei lá às vezes até dependendo da profissão que tu tens podes ser ou não valorizado dependendo do contexto…da solidariedade, da solidão até na sociedade, por exemplo acho que a nossa camada das nossas idades…eu falo por mim, nunca liguei muito à política e acho que nos faz falta isso, devíamos ser cidadãos muito mais participativos na politica e interessados, coisa que acho que os nossos pais tiveram muito mais do que nós.

I: Mas ao nível por exemplo do papel dos educadores, tendo em conta que isto está a mudar, temos os valores trocados e esta crise está à força a mudar os valores que as pessoas têm de ter, qual achas que vai ser o papel dos educadores no meio disto tudo? Vai ser importante? Vamos ser finalmente reconhecidos? Vamos todos para o desemprego? Ou vamos todos arranjar emprego? Qual é a tua perspetiva?

E14: Não sei, (sorri) não sei nunca pensei muito nisso, que vamos todos arranjar emprego não sei, que poderíamos todos fazer muita coisa sim! Poderemos todos fazer muita coisa não remunerada, o que não falta aí são coisas para se fazer. Em termos do papel…

I: As grandes elites ainda não vão perceber que o nosso papel é realmente importante para a sociedade ficar melhor?

E14: Pois não sei, não sei se perceberam.

I: Se te fosse dada a opção de escolha profissionalmente o que é que tu escolhias?

E14: (sorri) Fogo pah nunca pensei nisso.

I: Toda a gente tem uma ideia de alguma coisa que gostasse mais de estar a fazer ou a trabalhar.um ideal?

E14: Não sei, eu…olha gostava imenso de experimentar a área das crianças e jovens em risco que nunca experimentei e não tenho experiência nenhuma mesmo nessa área. Assim um emprego ideal, ideal…olha eu costumo dizer que se ganhasse o euro milhões construía um lar e um infantário por isso se calhar (sorri) não sei, mas construía um lar e um infantário com mensalidades muito reduzidas só para pagar as despesas de funcionamento, opa não sei.

I: Para as pessoas carenciadas?

E14: Sim, acho que o ideal, sei lá gostava de trabalhar com sei lá, não sei, eu gosto do que faço.

I: Qualquer coisa relacionada com pessoas?

E14: Sim.

I: Bem da minha parte está tudo. Não sei se queres acrescentar alguma coisa?

E14: Não. Muitas questões não tinha pensado nelas por isso a resposta pode ter sido assim um pouco…

I: Achas que a profissão tem vindo ao encontro das tuas expetativas ou tens ficado?

E14: Sim, não me arrependo de ter tirado o curso que tirei, aliás não me vejo em mais nenhuma profissão. Ainda nunca tive experiência que dissesse "não gosto disto! Nunca trabalharia nesta área" também não passei nem por metade não é? Mas ainda nunca me senti deslocada nesse aspeto de "fogo tirei o curso errado" não! Porque eu gosto, gosto de trabalhar com as pessoas.

I: Daqui a cinco ou dez anos?

E14: Não sei (sorri).

I: Logo se vê.

E14: Exato pois isto é tudo tão recente.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 15

Data de realização: 24 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Olhão

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Já tens mais o menos uma ideia do que trata o estudo.eu fiz uma primeira seleção para as entrevistas mas depois houve alguns problemas nos contactos e na disponibilidade das pessoas e então fiz uma segunda seleção e tentei apanhar o máximo locais profissionais e de funções e aí selecionei-te.

Tenho aqui um guião com vários blocos e o primeiro é sobre a escolha do curso, porque que escolheste este curso da intervenção comunitária? as principais razões ao nível pessoal, social, influências? Quais foram as principais razões?

Entrevistada 15: Eu já vinha doutro curso de professores de 2ºciclo da variante de educação física e devido a problemas vá de condicionamento físico não foi possível dar essa continuidade, tinha sempre alternativa de optar pelo para o 1º, não é? Porque já tinha bastantes cadeiras feitas e nesse caso teria bastantes equivalências, mas uma vez que o meu marido é professor já seríamos dois sem saber para onde ficar, não? Então como uma pessoa…eu já 29 anos na altura 29, 30 já comecei a querer outro tipo de estabilidade logo não segui educação física e entretanto andei a ver os conteúdos dos cursos e este pareceu-me aquele que mais tinha a ver com a minha maneira de ser e com os meus objetivos de vida por assim dizer por aí fui.

I: Foste aconselhada também por algum amigo? Por algum conhecido? Por alguém que tivesse no curso?

E15: Não, nem procurei esse tipo de referência.

I: Foi mesmo por iniciativa própria?

E15: Foi uma vez decidida fui.

I: Já agora em que ano estavas?

E15: Já tinha feito o estágio no 1º ciclo portanto já só me faltava um ano praticamente para pronto para concluir aquela licenciatura.

I: Conseguiste algumas equivalências?

E15: Consegui.

I: Quais foram as tuas expetativas iniciais quando mudaste para este curso da intervenção comunitária?

E15: Expetativas. Bom, para já para começar a curiosidade não é? De ver, sempre se utilizava a expressão de banda larga em relação ao curso, não é? Curiosa para ver até que ponto poderíamos tocar tanta dimensão, não é? Que compõem os flagelos da sociedade, não é? Pronto mas correspondeu sim àquilo, à ideia que eu fui fazendo, não é? Que fui construindo e também a tomada de consciência da dificuldade de saídas para o mercado de trabalho, não é? Embora eu já tivesse emprego mas nada que se parecesse com o teor do curso.

I: Trabalhavas onde na altura?

E15: Eu sempre trabalhei em escolas portanto eu já dezassete anos e tal que trabalho em escolas, comecei como auxiliar da ação educativa por brincadeira porque entretanto como residia em Coimbra candidatei-me à universidade e concorri àquele concurso para arranjar trabalho e não entrei (sorri) mas noutra área, se não me engano português-inglês qualquer coisa assim, era para a ESE também, concorri para a ESE para Coimbra, só para Coimbra e era para os estudos de Literatura qualquer coisa português-inglês e fiquei, na altura também tinha média dezasseis mas fiquei na rua porque ficou muita gente na rua. Depois dois anos mais tarde eu concorri e entrei para educação física portanto tenho assim um percurso um bocado (sorri) fora do dito normal, não é? Fui à medida que me fui conhecendo, fui buscando não é?

I: Tu falaste ai nas expetativas em relação ao trabalho. Tu tinhas expetativas em relação a arranjar trabalho nesta área quando começaste a tirar ocurso?

E15: Sim.

I: Mas esta expetativa não conseguiste superá-la? Ou alcançaste esta expetativa?

E15: Sim, ainda não, quer dizer porque é difícil mesmo no âmbito da função pública, vá vamos falar diretamente, é tudo muito viciado não é? Quando surgem concursos públicos já se sabe quem vai para o lugar não é? Porque as próprias regras assim o ditam, normalmente são pessoas que já exerceram trabalho pronto mas como não há possibilidade de integrar essas pessoas logo nos quadros onde estão a trabalhar portanto têm que se proceder à abertura do concurso público etc. e normalmente há sempre um favoritismo já para essas pessoas. Eu tenho ido sempre por aí por essa via, sou sincera que nunca experimentei pronto entidades particulares porque é assim eu já tenho algum tempo e não queria perder o vínculo que já nem se trata por vínculo porque entretanto as regras também foram mudando, têm vindo a mudar e uma coisa que era vá, pensada e tida como segura deixou de o ser, não é? Portanto eu hoje se soubesse o que sei agora e se soubesse que isto ia dar no que deu provavelmente se calhar já teria tentado outras vias mas pronto é aquela coisa não é? A gente vê o tempo a passar e tenho trinta e nove anos, tenho experiência de vida, mas quer dizer experiência nesta área não tenho efetivamente não tenho. Não que não me sinta capaz de ter essa resposta porque sinto perfeitamente tanto que não desisto de continuar a tentar ir por essa via mas já estou a considerar a hipótese (sorri) de explorar outras alternativas nomeadamente começar a enviar currículos para entidades particulares não é? E quem sabe se não surge alguma coisa.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação em relação ao curso? O que é que gostaste mais?

E15: O que eu gostei mais muito sinceramente foi a diferença que toda a dinâmica do curso faz em relação aos outros cursos porque normalmente as coisas obedecem a um padrão e são um pouco quadradas, não fogem daquele modelo, não é? E todas as atividades que nós promovemos na ESE e eu digo nós porque todos os anos do curso tinham sempre uma parte ativa, não é? Davam sempre esta contribuição portanto éramos um bocadinho fora da norma portanto isso sinceramente foi o que mais me agradou porque para além do desafio dos próprios pequenos projetos onde nos íamos metendo não é? E íamos desenvolvendo, é precisamente essa diferença que existe marcadamente hoje não faço ideia como seja, não é? Estou a falar, estou-me a reportar até 2007 não é? Foi ano em que eu conclui… Essa vivência foi muito engraçada mesmo, muito engraçada e tudo muito diferente não, não, não tem a ver com aquela própria ideia que nós temos do modelo do curso superior ainda por mais eu já experimentei

outras coisas não é? Foge muito e até me levou a afirmar que todas as pessoas deviam fazer este curso antes de irem para uma área qualquer específica, fosse para o ensino pronto para a educação formal fosse para onde fosse, as pessoas deviam passar por isto porque remete-nos muito para a dimensão do ser, para a dimensão humana, que é aquilo que hoje em dia está a ser ignorado e forçadamente ignorado não é? Porque trabalho há muito, há muito trabalho por aí, não haverá provavelmente é vontade política para que ele se faça que é o que acho, não é? Porque cortam-se verbas, os poucos organismos, as poucas entidades que ainda conseguem fazer alguma coisa estão a ver-se muito atrapalhadas para o fazer, há muita vontade não é? Mas é assim, as pessoas também não vivem só do voluntariado, não é? Isto depois é uma bola de neve porque as pessoas também precisam de se subsistir, não é? Portanto isto já é, agora já irmos para outra, para outros meios (sorri).

I: A nível dos motivos de insatisfação. Houve alguma coisa que apontasses durante o curso? Mesmo depois de terminares…

E15: De insatisfação? Não, sinceramente não.

I: Mesmo pelo facto de não arranjares um trabalho? Achas que isso pode ter a ver com o facto do curso não ser reconhecido pelas entidades ou…?

E15: Não, porque é assim, vamos lá ver o que mais me irritou, entre aspas, no meio desse percurso é o facto de eu até saber, vá de não estarmos a concorrer no mesmo pé de igualdade obviamente, não é? Porque toda a gente sabe, toda a gente sabe que as pessoas variam não é? A sua habilitação varia e não vou por aí nem sinto frustração nenhuma não é? Porque são regras e são coisas que mudam e depende do percurso que a pessoa fez, não é? Há um concurso, há uma oferta de trabalho e as pessoas candidatam-se, não é? Cada um se apresenta com aquilo que tem não é? Com o que reuniu. Agora… nesse âmbito não, agora no próprio espaço onde uma pessoa trabalha aí já é outra coisa porque umas vezes dá jeito, vou tentar ser simpática, umas vezes dá jeito o conhecimento que a pessoa adquiriu, outras vezes não é assim tão agradável, é conforme as conveniências não é? Porque as pessoas quer queiram quer não, tendo um funcionário que consegue ter um determinado tipo de respostas melhores ou superiores ou diferentes vamos chamar-lhe diferentes que o outro, quer dizer a pessoa fica sempre a ganhar, não é? Porque com certeza muita situação vai ser resolvida por aquela pessoa que não vai chegar a uma chefia e são menos complicações e menos problemas que as

pessoas têm para resolver. Nessa perspetiva é positivo mas quando uma pessoa depois diz "atenção que isto ou aquilo" pronto quando tentamos chamar à atenção de forma construtiva nem sempre é bem aceite essa manifestação logo que com o tempo há uma, há um remeter quase que obrigatório para a pessoa não…para se remeter para o silêncio, deixa de fazer sentido tentar fazer as coisas diferentes porque quem manda entende de outra maneira não é? E quem manda, manda! Como eu já ouvi que mesmo que mande mau manda, se bem que isto é discutível.

I: Achas que o nosso curso e a nossa profissão é reconhecida pelas entidades empregadoras?

E15:Quais entidades empreendedoras?

I: As entidades empregadoras no geral?

E15: Não! Não há, não há um conhecimento pelo menos pelo que me tenha apercebido "ah a educação comunitária o quê ? educação social já… embora se misture muito com a assistência social que eu acho que voltando aos três paradigmas não é? Na educação e intervenção comunitária, que se bem recorda é o assistencialismo, a perspetiva integradora e a radical, as pessoas remetem muito para a primeira opção, não é? O assistencialismo, dar uma continuidade sem resolver pronto não há, acho que não há uma ideia clara daquilo que é o curso sinceramente, não há.

I: Como é que isso podia ser resolvido na tua opinião? O que é que se podia fazer? Pelo menos para tentar melhorar essa falha… podia ser ao nível da universidade? Ao nível dos próprios educadores?

E15: (sorri) Eu acho que isso tem a ver com um nível de interesse das próprias entidades é assim, eu vou falar mais naquela que eu estou mais à vontade que é no âmbito da educação, depende muito de quem está à frente sempre porque as pessoas quando estão à frente duma instituição seja escola seja o que for, têm que conhecer obrigatoriamente ou deveríamos, vamos falar assim, conhecer a realidade em que a escola está inserida, não é? Porque o meio socioeconómico diz tudo e há determinado tipo de conflitos que têm explicação e… tem sempre explicação e agora depende é do trabalho que nós queremos quer ter e encontrar essa explicação e encontrar a causa do problema não é? Isso é possível e no entanto temos esse exemplo recente, não é? Promoveram-se os GAAF's, os gabinetes de apoio ao aluno e à família, nas escolas foi-

se buscar educadores sociais para fazer esse trabalho e após um ano depois desse trabalho ter sido lavrado entregou-se tudo isto aos professores, agora eu pergunto, eu que já experimentei os dois tipos de formação e embora não tenha terminado o primeiro não é? O que é que a educação formal tem a ver com a educação não-formal? O que é que faz um professor que está em contacto com os alunos todos os dias na sala de aula, num ponto destes? Não é? Onde já deve ter ocorrido uma promiscuidade emocional entre um aluno e um professor e de certeza que o aluno não vai procurar ajuda naquele sitio porque está lá aquele professor, pronto isto é especular. É claro, deve ser cada pessoa no seu setor, é evidente que o que está subjacente a esta mudança é sempre a vontade política, pois claro, são menos pessoas a quem se paga, neste caso aos educadores sociais e mantêm-se professores que até têm menos horário ali afetos naquele sítio, vá pronto isto são tudo jogadas, como toda a gente sabe ou a maioria das pessoas que os horários não são feitos na função dos alunos mas sim em função dos professores portanto está aqui todo um esquema que também não deixa muita abertura para que as coisas aconteçam de maneira diferente, epá se calhar a pessoa que está ali à frente até gostaria de fazer mas quando chega aquilo já está tudo tão, tão, tão, tão montado que é que vai fazer? Não é? Portanto isto é quase como ao outro, não é? Deitar abaixo e fazer tudo de novo, é que dá vontade (sorri) porque a maior parte das pessoas não se apercebe muito bem do que é a realidade das escolas, não é? Foi, foi completamente, como se diz? Estragada, desvalorizada a imagem do professor, não é? A educação, a saúde são os pilares de uma sociedade, não é? Isto é de senso comum, não é? Em vez de irem às bases ao próprio pré-escolar, o 1º ciclo era aí que se devia investir! Há uma quantidade, um panóplia de regras que têm vindo a ser… de medidas administrativas têm vindo a ser tomadas que está… está-se a perder muito, muito, muito aquilo que é o ensino e estamos a falar daquilo que é a parte formal e depois é giro quando vemos na própria legislação que a família o primeiro grupo, não é? Que tem que fazer não é aquele equilíbrio, aquele *balance* que centra as regras da educação na parte cognitiva do aluno, de dar-lhe aquela estabilidade para que possa aprender e o sistema deixa cada vez menos tempo aos pais para estar com os filhos, quer dizer isto depois é uma bola de neve, se nós formos a olhar há lacunas em todo o lado. Se não é a escola que educa as crianças, as crianças têm que ser educadas em casa, não é? Essa parte desse desenvolvimento cognitivo cabe à escola mas é uma parte não é o todo e os pais por sua vez com a falta de tempo que têm vão entregar toda essa responsabilidade à escola exigindo às escolas aquela, vá resposta que as próprias não têm, isto sente-se

todos os dias, sente-se todos os dias mesmo e é esta a leitura que eu faço, ou seja, está tudo maluco (sorri).

I: Então achas que é importante, na tua perspetiva até essencial os educadores estarem nos agrupamentos de escolas?

E15: Absolutamente, assim como deveriam estar pessoas da área da saúde porque é assim, tem que haver, as pessoas para se tornarem e para serem melhores têm que estar sensibilizadas e aqui não é só criarem-se equipas multidisciplinares para resolver problemas quando eles já aconteceram, nós temos que apostar é na prevenção e é daí que vem o equilíbrio não é? Há *N* figuras que deviam estar presentes na vida das pessoas, não é? Enquanto decorre a sua formação, isto é simples, até se olharmos de outra forma as crianças na pré-escolar têm *N* pessoas em volta delas, têm uma educadora têm uma animadora pronto, passam para o 1ºciclo e passam a ter uma pessoa para elas, para vinte e tal dentro da sala de aula e isso agora esse número também já vai aumentar, creio do máximo até trinta ou qualquer coisa assim e depois vêm falar de pedagogias diferenciadas, como é que uma pessoa dá conta de trinta cabeças? Que as crianças são todas diferentes umas das outras, como é que? E depois exigem-se resultados muito das vezes que não epá é impossível de responder portanto há estes cortes. Não há ligação, o que eu quero dizer é que não há ligação entre cada ciclo no próprio percurso da criança, não é? Então quando saem do 1º ciclo para o 5º ano é um descalabro.

I: Há muita gente que também fala agora na hipótese de uma Ordem e que isso podia ser parte da solução. Do reconhecimento do curso e tudo isso e também há quem diga que não, que não passa tanto por aí…

EX: Epá se calhar, mas isso requer uma… a Ordem sim porque isso se calhar requer uma resposta ou seria uma resposta ao padrão que nós vemos hoje, não é? Porque usas assim uma resposta na mesma linguagem do que as coisas estão construídas hoje.

I: Durante a tua licenciatura participaste em atividades extracurriculares? *Workshops*, seminários, formações?

E15: Bastantes, sempre todas as que pude.

I: Lembraste de alguma que te interessava mais? Ou dos temas?

E15: Claro que nós gostamos sempre mais de umas do que outras até porque, até porque as coisas são mesmo assim não é? Há coisas que chegam e que vão mais ao encontro dos nossos interesses do que outras embora nós aqui, é como tudo, não é? Há áreas que me incomoda, não porque eu tenha preconceito mas não concordo da maneira como as coisas chegaram até ali, como a toxicodependência, etc. até a forma como a própria sociedade trata essa problemática e epá pronto mas isso agora é já estou a entrar por outro caminho outra opinião pessoal, não é? Assim como houve outras coisas de que eu gostei bastante, agora assim, epá não estou a ver assim nenhuma em particular que se tenha destacado, não estou a ver porque houve muita diversidade na oferta nesse âmbito houve muita diversidade mesmo, em várias disciplinas não só por um professor mas por vários, houve muita oferta mesmo desde ao nível do âmbito musical epá sei lá testemunho de pessoas epá que na altura estrangeiros que recordo-me que foi quando se começou a verificar as pessoas que vinham de Leste, não é? Começaram a surgir as primeiras dificuldades de integração etc., também houve muitos testemunhos na primeira pessoa muito engraçados portanto acho que tudo no seu conjunto surtiu uma oferta muito, muito positiva.

I: Achas que essas ofertas de alguma maneira contribuíram de alguma maneira para o desenvolvimento das tuas competências?

E15: Para o desenvolvimento das competências e no mercado de trabalho lá está, nós estamos sempre condicionados porque atenção mesmo como eu já falei aqui há pouco, a situação de eu tentar sempre pela parte da função pública, eu também tenho plena consciência que as pessoas só fazem aquilo que as deixarem fazer independentemente das *skills* que tenham e isto é ponto assente porque os chefes é que mandam, agora quem manda nos chefes não é? As chefias das várias divisões recebem ordens e têm que corresponder a determinados chamados objetivos só que o problema é que os objetivos que estão em causa muitas das vezes não são os objetivos daquelas pessoas que precisam mesmo de ajuda portanto entramos aqui outra vez novamente em conflito, é muito complicado, eu acho que hoje em dia seja em que quadrante for é um desafio trabalhar, mesmo!

I: Sentes necessidade de mais formação nesta área da educação ou noutras áreas para desempenhar o teu trabalho?

E15: É assim, eu entendo que a formação deve ser contínua sempre, portanto isso está sempre implicado, não é? Porque aquilo que nós temos hoje já se calhar amanhã já haverá outra resposta que nos vai dar outro tipo de instrumentos, outro tipo de pronto portanto eu acho que conforme as coisas não são estanques também a formação também não deve ser estanque, não é? Nós devemos estar recetivos a mais informação e a mais dinâmica. Olha faz-me recordar aqui há dias quando falávamos nos métodos de apresentação dos trabalhos, não é? Portanto eu recordo-me na altura pediam-nos aquele programa do SPSS e agora preferem o Excel portanto há ferramentas que vão mudando mas que deixaram de ser utilizadas ou não tão consideradas que passam a ter outro destaque pronto, acho que isto é, é importante estarmos sempre a ter formação independentemente daquilo que possamos estar a desempenhar profissionalmente.

I: Durante o curso houve alguma cadeira que tu não tiveste que achasses que era essencial para a formação que estavas a receber?

E15: Sim. Eu acho que neste curso a lacuna que eu entendo que há lá é a parte jurídica, eu acho que nós devíamos estar preparados para saber furar a lei, quer dizer não digo com isto (sorri) estudarmos para advogados, não é? Não estou a dizer, não é uma coisa tão profunda mas haver outro tipo de abordagem tanto à parte, porque é assim uma coisa é nós estudarmos e divagarmos e a nossa criatividade e a nossa expansão ocorrer dentro daquelas, daquela filosofia e daqueles conhecimentos, não é? Que é o curso, outra é aquilo que nós podemos aplicar e quando aplicar e eu acho que aí seria uma grande ajuda alguém ensinar-nos a orientar-nos como é que nós devemos mexer-nos a nível legislativo porque dada esta dificuldade que há de oferta de trabalho isto de ensinar-nos-ia a procurar os buracos da lei para podermos intervir, se é que me estou a fazer entender, não é? Pronto, é que me estou a recordar de um por exemplo, o ensino doméstico existe, não pelo conhecimento de muitas pessoas mas esta condição existe, se as pessoas entenderem educar os seus filhos em casa, não é? Dando-lhe ou conferindo outro conforto e outra resposta, se bem que hoje em dia eu não concordo com uma alienação da sociedade mas também das coisas como elas estão, havendo possibilidades e recursos pelo menos até ao 6º ano de manter as crianças em ensino doméstico, não isoladamente se calhar um conjunto de miúdos trabalhando de outra maneira no aspeto formal penso que hoje em dia é uma mais-valia.

I: Na tua opinião achas que podia ser feita alguma coisa para o melhoramento geral do curso?

E15: É assim eu não posso falar porque não conheço este conjunto de disciplinas de agora não é? Na altura em que eu fiz penso que esta que eu acabei de referir era, era pertinente porque há muita gente que… eu como sempre fui mais velha que os meus colegas se calhar tenho outra perceção das coisas, não é? Mais isto possivelmente se tivesse ocorrido tinha, otimizava a capacidade das respostas das pessoas com toda a certeza porque uma pessoa quando sai dum curso sai um bocado iludida, isto não se passou tanto comigo porque lá está a idade e sempre fui trabalhadora- estudante e tudo e pronto obriga-me a outra, a outra como é que se chama, a outro tipo de conexão à Terra, não é? Não tive tempo, por assim dizer para brincar, por mim foi uma vivência muito descontraída quer dizer e depois com um filho pequeno é muito complicado, não é? E sem ajudas portanto isto obriga mesmo a quase não relaxar para coisa nenhuma.

I: Ao nível da qualidade dos docentes, remetendo para o teu ano, achas que há alguma coisa que devesse era melhorada?

E15: É assim, na altura eu penso que duma maneira geral os professores foram todos bem escolhidos à exceção de dois ou três e eu digo exceção porque (sorri) há pessoas que encaixam dentro deste perfil assim, há pessoas que vão para o ensino porque foi a única saída que encontraram, não estão no ensino porque gostam de ensinar, não é? Tirando dois ou três durante esses quatro anos felizmente dois de passagem mas acho que a diversidade traz complementaridade, não é? Mas há pessoas que não estão bem nos sítios onde estão (sorri).

I: A formação recebida, achas que tinha qualidade?

E15: Sim.

I: Sim? Não há assim nada a apontar de alguma cadeira que não tenha sido dada da melhor forma?

E15: Olha por acaso estou me a lembrar dum, por exemplo eu por acaso não tive má nota porque é uma disciplina que eu até sempre dominei que é o Inglês, mas por exemplo eu entendo que epá sei lá determinado tipo de procedimentos a nível administrativo epá como nos dirigir a certas, a certas entidades e tudo isso, essa parte

deveria ter sido mais explorada, o como fazer e no caso das línguas o específico portanto isso já vai corresponder também um bocado àquela parte que eu apontei mais para a legislação e tudo isso, o fazer e o como fazer não é? Agora a maior parte das línguas penso que aí deveria ter sido mais tempo, se calhar se me ouvissem cortavam-me, não é? Mas quer fosse a Inglês, quer fosse a Espanhol deveria de ser mais tempo tanto que nós ao longo do curso temos *N* documentação de Francês, Espanhol, Inglês não é? Pronto isso acontece mas penso que deveria ter sido mais explorado porque aquilo foi tão vá aquela abordagem foi tão básica que no momento só fez foi perder tempo e deixar atrapalhado quem não estava seguro, muito sinceramente acho que aí deveria na altura era semestral ou que era, não sei se era semestral ou se era, olha agora também não quero induzir a erro, isto foi para aí no 1º ou no 2º ano. Há coisas que deviam de ser pensadas de outra forma pronto e irem buscar nelas aquilo que é realmente preciso porque é assim, toda a gente já teve Inglês, certo? Agora a partir dum determinado ponto vamos lá trabalhar aquilo. Isso normalmente, essas disciplinas são sempre obviamente dadas por pessoas dessas áreas e não por pessoas afetas diretamente ao curso, não é? Talvez se houvesse maior articulação no âmbito das pessoas perceberem o que é que seria pertinente tirar dali, não é? Há coisinhas que podem ser sempre melhoradas (sorri).

I: Ao nível das atividades que o curso organizava. Achas que há alguma atividade que organizava que fosse importante? Ou alguma atividade que devesse ser melhorada? Atualmente tens noção de alguma coisa que existe?

E15: Epá é como te digo, não tenho acompanhado esse…

I: Não tens recebido a informação?

E15: Muito esporadicamente mas pronto como também essas coisas acontecem sempre a horas que eu estou trabalhar mesmo que tenha muita vontade de comparecer é-me sempre difícil conjugar horários, não é? Mas não tenho noção do que é que foi feito de 2007 para cá, não é? Só posso falar mesmo daquela altura não é? Que foi a que eu experimentei.

I: Sim e há alguma coisa que aches que devia ser trabalhada? Melhorada? Mais atividades mesmo ao nível da divulgação do curso? Com as entidades? Parcerias?

E15: Sim, eu acho que deveria ser uma constante a nossa presença, em vez de estarmos à espera de um momento do estágio um momento de desenvolver qualquer trabalho da investigação e digo isto porque a minha foi feita numa junta de freguesia, o poder local devia estar aberto a este tipo de… ou mais aberto a este tipo de situações porque se houvesse um espaço já a contar mas mesmo já definido epá aí ia quem quisesse, não é? Sempre! Um espaço onde tivesse parte ativa elementos que tivessem a estudar, a obter informação, para acompanhar aqueles que já estão no terreno, eu acho que isso era importante porque um exemplo nas próprias escolas não é? Da maneira como as coisas estão fechadas agora não é? Em relação estou a pensar nos gastos quando digo isto.

I: Achas que era uma boa hipótese por exemplo para um estágio curricular?

E15: Sim.

I: Pensar-se em ir para as escolas e a desenvolver um trabalho nas escolas?

E15: Sim, sim mas atenção aí entendo que como em tudo deve ser feita uma ponte de ligação porque quem estuda educação formal não sabe o que é que é educação não-formal, alguns têm bastante perfil para o fazer, mas não têm noção do que é e vice-versa quem estuda educação não-formal não sabe o que é educação formal, daí as exigências que estão a ser feitas neste momento, tem de haver aqui para que as pessoas possam trabalhar e convergir para o mesmo ponto, tem de haver aqui uma ponte de ligação, uma sensibilização parte a parte para as pessoas perceberem com clareza o papel de cada um e até onde podem ir, sem entrar em conflito uns com os outros que eu acho que aí, aí é que as coisas se perdem porque uns acham que se deve atuar de determinada forma outros entendem outro tipo de *performance* quer dizer depois andamos ali todos a querer fazer o mesmo mas acaba por se perder ali um bocado as coisas.

I: Queria que me falasses um bocadinho do teu percurso profissional. Qual tem sido o teu percurso profissional? O que tens feito a nível de funções?

E15: Tudo ou só o que estou a fazer atualmente?

I: Não, desde início.

E15: Desde o início, pronto ok. Eu sempre trabalhei e estudei. Comecei a trabalhar, trabalhar mesmo a fazer descontos aos dezanove anos, trabalhava num *stand* de automóveis, depois entretanto nunca parei de estudar, andei na área da hotelaria e

turismo, a parte da receção, no âmbito do desporto também durante mais de 10 anos colaborei com um ginásio e dava aulas de aeróbica, de ballet, de ginástica de grupo pronto isto agora tem outras terminologias diferente portanto todo esse percurso a trabalhar e a estudar entretanto entrei para educação física, portanto isto até aos meus trinta anos, vá 29, 30 anos. Entretanto entrei para este curso mas com uma atividade principal, não é? Profissional foi sempre nas escolas, comecei como já te disse como auxiliar da ação educativa, entretanto quando terminou o curso pedi requalificação profissional e passei para assistente técnica.

I: Na mesma escola?

E15: Na mesma escola, embora tenha passado já por escolas diferentes, na área de Coimbra trabalhei numa escola do 1ºciclo que é outra realidade completamente distinta, onde há uma participação muito mais ativa e nós tempos presentes em tudo o que os miúdos fazem desde atividades, a dar-lhes mesmo assistência, aquilo que eles precisam tudo o que tu podes imaginar, portanto participamos muito, colaboramos muito com as professoras. No 3º ciclo é diferente, já apanhamos os miúdos numa fase de pré-adolescência, adolescência, outro tipo de realidades e são muito mais pessoas, muito mais professores portanto são dimensões completamente diferentes e na parte administrativa então nada tem a ver (sorri) não, não tem, não tem assim pronto é muito mais estanque quer dizer, tirando a comunicação e o contacto com as pessoas, que é a minha parte preferida não é? Ou o dito atendimento pouco ou nada de diferente há, não é? Porque é tudo muito estanque, são procedimentos que já estão pré-definidos e uma pessoa tem que os executar por assim dizer não é novidade e como tu podes imaginar para mim é um sufoco, não é? Estar presa na secretária, ter que executar as mesmas tarefas todos os dias, isso não tem nada a ver com a minha natureza, pronto, a minha vida tem sido isso, não é? Sempre que surge uma formação ou qualquer coisa aí vou eu à procura de mais, não é? Que para mim são bombas de oxigénio. Posso dizer-te que tenho dias de plena frustração porque ela existe e está presente, não vou dizer que não, sobretudo (sorri) quando eu olho à minha volta e até tenho respostas para aquilo que está a acontecer e podia ajudar a criar uma resposta para coisas que eu estou a ver que estão a acontecer mas isso não me é possível porque não, não faz parte do meu conteúdo funcional não é? Não sou eu.

I: Não tens mesmo possibilidade?

E15: Não.

I: Não te dão mesmo abertura nenhuma nesse aspeto?

E15: Epá e da maneira como nós estamos agora pior será porque vamos passar a mega a agrupamento e a confusão vai ser muito maior, quer dizer vamo-nos perder, vamo-nos diluir muito mais dentro daquele muro que ainda ninguém sabe muito bem como é que o vai organizar. Pronto é complicado, agora gerar contentamento isso já é outra conversa porque uma pessoa também não pode afogar-se nesta frustração, não é? Tenho que olhar à minha volta e perceber o que é que eu posso fazer, o que é que está ao meu alcance para me salvaguardar também, não é? A minha integridade física e psicológica, pronto o meu contacto com os miúdos, uma pessoa estar atenta sem ir procurar confusão sem me meter na vida dos miúdos e até de alguns adultos, os encarregados de educação muitas vezes aparecem desesperados pronto temos ali uma função um pouco, vá mediadora, há algum pouco trabalho, muito pouco que se possa fazer neste tipo de conteúdo funcional que eu tenho. Agora epá a comunicação das pessoas é que salva, é que salva aquilo mesmo por assim dizer porque não é a minha natureza estar fechada e presa.

I: Desde que terminaste a licenciatura tens estado sempre a trabalhar como assistente técnica? No mesmo espaço?

E15: Sempre, no mesmo espaço.

I: Ao nível do salário tem-se mantido constante?

E15: Tem piorado porque nós já ganhamos consideravelmente pouco e com estes cortes todos.

I: Achas que o salário que recebes está de acordo com as funções que desempenhas ou não?

E15: É assim, eu penso que não acho que neste… até determinado patamar as pessoas recebem todas mal, tudo o que seja para baixo de técnico superior as pessoas ganham muito mal e muitas das vezes têm imensa responsabilidade sobre os ombros, por umas razões e por outras quer dizer não querem entrar muito por esse caminho, mas muitas das vezes nós somos as formigas, não é? É-nos deitado sobre os ombros determinado tipo de responsabilidades que deveria ser partilhada ou assumida por quem está acima

de nós, mas isto acontece em todo o lado atenção, não é? Eu estou a tentar ser cautelosa com as palavras (sorri) porque não ficaria bem a dizer determinado tipo de coisas, não é? Mas é um facto que é entregue às pessoas uma responsabilidade que, que deveria ser mesmo assumida… porque é assim porque quando nós trabalhamos bem, quem está acima fica descansado, que é mesmo assim pode contar, sabe que pode contar, aquele colega é está-se nas tintas e que até diz que não faz porque não sabe e porque qualquer coisa esse está sempre melhor… mas isto é aqui é em todo o lado, está sempre melhor porquê? Para já não lhe vai ser delegado tanta responsabilidade, quando existir uma situação onde faltou um elemento ou assim que seja preciso dividir mais tarefas, distribuir mais tarefas aquele lado está sempre salvaguardado portanto e as pessoas têm consciência disso por isso é que têm este tipo de posturas pronto e isto é a realidade do trabalho e passa-se neste nível e passa-se em todos os níveis, isto é para termos mesmo consciência e nunca ninguém espere entrar no mercado de trabalho e ter os recursos materiais e humanos ideias para desempenhar seja o que for, isso não existe, porquê? Porque não há uma planificação ou raramente poderá existir mas ainda não conheço em sítio nenhum daqui do topo, uma planificação e uma consciência e um conhecer dos recursos humanos e materiais e fatores como o tempo e tudo o mais que te possas lembrar para organizar um plano de ação, não é? Planificação exige conhecimento e as pessoas não estão para isso, não estão.

I: Na tua opinião a formação que recebeste na licenciatura está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E15: Eu penso que sim, para começar para começo de conversa, porque como dizíamos há pouco e dou como exemplo do poder local, não é? As autarquias, as câmaras, etc., se já houvesse um espaço, epá e mesmo os próprios centros de saúde, os hospitais, se houvesse um espaço já aberto, um lugar ou dois durante um X tempo a contar com os estudantes para irem acompanhando no terreno pessoas que estão no ativo não é? Que estão no terreno isso podia, podia fazer mexer as coisas não é?

I: Achas que o estágio curricular é bem estruturado e é adequado à preparação ao mercado de trabalho?

E15: Acho que é pouco tempo por isso é que eu digo este, este aspeto que devia ser o curso todo, em paralelo, não é? O estar no terreno epá estou-me a lembrar, a falar nisto estou-me a lembrar do curso de educação física dizem que o curso de educação física é

exigente porquê? Porque temos as teóricas práticas não é? E tu tão depressa estás a ter uma aula prática de educação física como daqui a bocado tens uma aula teórica portanto estás a falar dos fundamentos da fisiologia, do exercício qualquer coisa assim pronto. Aqui seria aproximadamente a mesma coisa "Ok vamos ao terreno" porque isto também, isto nós estarmos em contacto com as pessoas, em contacto com o desempenho profissional de colegas que já detêm, vá o curso que nós estamos a tirar, tudo isto faz levantar questões, se nós já quando estamos a estudar, não é? Já nos questionamos com tanta coisa, não é? O estar no terreno e o estar a estudar eu acho que é absolutamente importante porque vai-nos ajudar a lapidar. Eu não estou a dizer que seria fácil porque com toda a certeza não seria, não é? Mas vai despertar as pessoas para aquilo que realmente interessa e até atempadamente a pessoa perceber se é aquilo que quer porque muitas das pessoas ingressam e depois "epá afinal isto não é bem aquilo que eu pensava" não é? Pronto isto penso que seria impossível de construir porquê? Porque vamos acompanhar a realidade porque eu, eu penso que com tudo, não é? Os cursos são pouco herméticos muitas das vezes e aproximam-se e preparam-nos e para começo de conversa está bom mas para as pessoas experimentarem porque também depende muito das pessoas com quem vamos lidar, não é? Porque até pode ser um sítio por hipótese olha um centro de saúde por hipótese pode ser um local interessante e tal para fazer esse tipo de trabalho mas depois não temos muita sorte com os recursos humanos que lá estão e aquilo leva-nos a pensar "Ok se eu estivesse a protagonizar isto" é que isto depois também faz uma pessoa engolir muitos sapos mas a gente quando engole sapos também está a aprender e é mesmo assim, se tudo é muito fácil nós não retemos nada não é? Se não houver desafios e se não houver sacrifício, não é? É como em tudo não é? Eu penso que isto é uma resposta boa, claro que isto ia dar muito mais trabalho tanto aos docentes do curso, como aos alunos, como às pessoas que estão no terreno epá mas se calhar se formos a pensar as pessoas estão no terreno estavam constantemente a ser lembradas de coisas que até já esqueceram que no dia-a-dia as regras que têm que cumprir obrigam-nas a esquecer, não é? Há ali, eu acho que há uma troca e poderia haver uma troca e umas injeções de oxigénio de parte a parte não é? E até os próprios professores acompanharem se calhar mais de perto através dos alunos o que é que está se a passar mesmo e melhorarem então se calhar até porque há disciplinas onde isso é perfeitamente possível não é? Por exemplo estou-me a lembrar deste seminário não sei se ainda existe não é? Mas direcionar as coisas mais para a realidade porque isto está sempre em mudança não é? É a tal história da formação, ela tem de estar sempre a

acontecer porque as coisas não são estanques portanto eu penso que este tipo de articulação não é? Já, pois isto agora não é? Era partir muita rocha.

I: Há muita gente que diz que colmata estas falhas da parte prática do curso com a questão do voluntariado e mesmo uns educadores que dizem que durante a licenciatura tiveram necessidade de ir à procura da parte prática e começaram a fazer voluntariado. Achas que é uma boa hipótese também, esta questão do voluntariado?

E15: Epá eu sou, eu tenho uma visão sobre o voluntariado um bocadinho crua, porque é assim, o voluntariado felizmente já é legislado, já lhe foi conferido outro tipo de contornos mas vamos lá ver, qual a necessidade porque isto funciona por necessidades, qual a necessidade de ir realizar voluntário, voluntariado perdão, não é? O sermos voluntários? Essa será uma perspetiva de aprendizagem? Porreiro mas eu penso que depende dos sítios também e da maneira como ocorre voluntariado porque é assim, nós sabemos perfeitamente que o voluntariado, as ONG'S e tudo isso é uma forma do próprio Estado, epá de fugir às responsabilidades que tem, não é? Pronto e eu como acho que muitas das vezes as coisas são feitas duma maneira que não deveriam não é? Vamos lá por as cartas na mesa ok, há aquela troca importante das pessoas sentirem-se úteis não é? Irem aprender, irem para o terreno aprender não é? Portanto há sempre uma troca de experiências, isso é a parte válida ok, e quem está a receber e quem está a precisar de ajuda está a recebê-la, pronto aí é a parte positiva do voluntariado mas o voluntariado tem muito que se lhe diga porquê? As entidades acabam por se aproveitar das pessoas não é? Isto, estou a falar nisto com base em experiências que tive e testemunhos de pessoas que me são próximas… acabam por se aproveitar da contribuição das pessoas, muitas das vezes não são conscientes na triagem que deveriam fazer daqueles que realmente precisam, estou-me a referir diretamente ao Banco Alimentar, e não vou avançar mais pormenores (sorri). Pronto há situações em que epá vamos lá ver, será que quem está por trás do voluntariado, aquilo é mesmo preciso e tem que ocorrer daquela forma pronto, não é? Vamos lá pensar um bocado, vamos lá clarificar aqui a coisa ok? Acho que aí deveria de haver, a oferta de voluntariado aí deveria ser um bocadinho melhor não é? Porque epá as pessoas estão cansadas de ser exploradas que é mesmo assim não é?

I: Já falamos um bocadinho da importância do educador nas escolas. E nas IPSS's achas que é importante? Quer ao nível político, quer ao nível social.

E15: A presença das…?

I: Do educador social nas instituições.

E15: Eu acho que deveria ser permanente, assim como aos psicólogos, hoje em dia temos poucos psicólogos não é? Um psicólogo por N, por uma área geográfica, determinada área geográfica. É assim devia haver com fartura não é? De acordo com as necessidades dos locais mas equipas multidisciplinares mesmo, não só naquele espaço onde já estão pessoas com problemas e eu vou-me repetir novamente tem que se apostar sempre na prevenção, sempre, sempre, sempre na prevenção que é para depois não chegarmos a um ponto que nós vemos as coisas que depois é muito mais difícil ir resolver ou tentar resolver e criar respostas para aqueles problemas que vão surgindo, não é? Nomeadamente estou-me a lembrar do *bullying*, não é? Que é uma coisa que agora está na moda *bullying.* O *bullying* sempre existiu, agora acho que o que existe mais são miúdos com falta de acompanhamento, não é? E não estou a dizer com isto que o educador social ou psicólogo e etc. vão substituir os pais, eu acho que isto devia ser tudo pensado não é? Deveria, deveria a própria sociedade, as próprias regras a dar mais tempo aos pais para estarem com os filhos não é? Portanto isto há aqui não só criarem essas respostas nos espaços, não é? Mas também se calhar ir mexer na outra parte, não é? Porque nós sabemos perfeitamente que um adulto equilibrado ou uma criança equilibrada não vai levantar problemas, não vai querer chamar a atenção sobre ela, não vai estar desorientada, não é? E o equilibro começa aonde? Desde a conceção portanto isto, os miúdos nascem ao fim de três, quatro meses são espetados nos postos de crianças, não é? Desde as creches às pré-escolares e tudo isso, quer dizer há um afastamento, há um trabalhar exaustivo para o desequilíbrio, não é? E depois chegamos ao ponto de termos miúdos a protagonizar atos não é? Com dez, doze e até mais cedo que no 1º ciclo também já vai havendo isso, atos que uma pessoa fica a olhar "mas o que é que estes miúdos andam a fazer?", não é? Portanto isto vai aqui levantar umas questões, a maior parte dos miúdos estão entregues a eles próprios, têm uma carga horaria excessiva, excessiva mesmo, não têm tempo para serem crianças, já não sabem ser crianças, epá isto a resposta a não é só nos sítios tínhamos que ir aqui desmontar uma quantidade de fatores para criarmos uma resposta melhor, mas tendo as coisas

como elas estão agora sim equipas multidisciplinares ou os educadores sociais mais uma vez psicólogos, as pessoas da área da saúde, epá acho que sim.

I: Há pouco falaste que notaste muita diferença do curso de educação física para o curso de intervenção comunitária, ao nível principalmente das relações e dos conteúdos. Qual achas que é a importância da presença dos educadores sociais nas instituições? Porque é que a presença do educador é tao importante? O que é que diferencia tanto este profissional dos outros?

E15: Sim. O não formal do formal não é? Pronto é assim, o formal, a educação formal ensina-te procedimentos, ensina-te como vais fazer isto e porque é que isto é assim, o não formal vai-te ensinar a fazeres gestão, não é? Ensina, ensina, entre aspas, não ensina pronto orienta as pessoas a fazerem essa gestão não é? De como lidar com as coisas, o que é que podem fazer para melhorarem as suas respostas pronto, porque uma coisa são conteúdos específicos com competências e objetivos, outra é pensar neles e geri-los não é? Acho que aí é que entra, é que entra os educadores sociais não é? Não que tenha a pertença de algum dia vir a mudar alguém porque se nós somos agentes de mudança é a começar por nós próprios não é? Não por pronto não chegamos aqui e…senão iriamos entrar pelo radicalismo não é? Epá agora é que tens de fazer assim porque assim é que está certo, não! Não será essa a perspetiva, agora o trabalhar na vertente integradora é contribuir para que a pessoa faça essa gestão da sua pessoa, de onde está inserido, daquilo que recebe, de melhorar a sua capacidade de resposta, de saber utilizar aquilo que ouve, pronto acho que aí é que nós entramos.

I: A profissão tem vindo ao encontro das tuas expetativas ou é mais frustrante do que motivante?

E15: Frustração como te disse está presente e iria mentir se dissesse o contrário porque se nós procuramos um determinado tipo de formação, de opção, não é? Profissional é porque queremos ir ao encontro dela e não ficar onde estamos não é? Para isso não me teria dado ao trabalho porque é um investimento muito grande não é? A nível de energias, de tempo, dinheiro, psicológico, físico portanto para mim foi extremamente duro porque quando cheguei ao final do curso tive que reaprender a viver mas pronto e reaprender a dormir pronto porque são investimentos muito, muito, muito grandes e com uma exigência muito elevada, não é? Pronto, epá pois é como já te disse não…

I: Tens tentado outros trabalhos? Tens tentado procurar outras opções profissionais?

E15: Epá isto é assim entretanto uma pessoa tem uma quantidade de responsabilidades não é? Eu tenho como toda a gente que dar resposta às minhas despesas por meses não é? E não posso também largar o que tenho por enquanto para ir a fugir, não sou sozinha não é? Eu tenho um agregado familiar e tenho que pensar nele, pronto, se fosse sozinha te garanto que se calhar que já não estava cá em Portugal, tinha ido para outro país qualquer fazer outra coisa qualquer, mas eu não posso descorar essa parte porque para mim a família é a base de tudo, é tudo e o meu ideal seria conciliar estas duas vertentes.

I: Nunca tentaste falar ou negociar com o diretor da escola para fazeres umas horas num GAAF por exemplo? Ou isso não era possível?

E15: Para ser sincera, nem me interessa.

I: Não te interessa?

E15: Nem me interessa porque uma coisa é nós participarmos ativamente e ajudar a pensar em conjunto em respostas, em criar respostas para determinadas coisas, outra coisa é irmos fazer aquilo que os outros não querem fazer, epá e pronto e se calhar daí ia surgir também conflito porque eu também desempenho outro conteúdo funcional se bem que o atendimento e tudo o mais é feito durante as minhas horas de trabalho, então pronto, iria ser difícil de encontrar aí uma harmonização também não é? Mas é assim as pessoas sabem que eu estou lá (sorri) se realmente houvesse interesse em me chamarem, em procurar a minha contribuição de alguma forma que eu teria todo o gosto em fazer epá mas nos moldes em questão se é por minha iniciativa neste momento não.

I: Quais são as principais tarefes, atividades que desenvolves no teu trabalho? Tens a função de assistente técnica administrativa?

Sim. Eu atualmente estou pronto com uma parte do SASE, da ação social escolar, com uma parte de alunos epá e o atendimento em geral, reencaminho, não é? Atendo as pessoas, se as pessoas tiverem algum assunto para tratar dentro daquilo em que eu trabalho tudo bem, se não eu reencaminho para os colegas que tenho, portanto desde professores, não epá pronto mas é tudo como te disse muito técnico, tudo muito estanque, não há ali uma grande variância.

I: A nível do atendimento que fazes. É no sentido de encaminhar pessoas, de orientar para alguma coisa? Mesmo da parte do trabalho?

E15: Tudo, tudo um pouco. Normalmente as pessoas quando surgem têm problemas para resolver, que é mesmo assim vão tratar de qualquer coisa, e sendo para mim eu resolvo o que tenho a resolver pronto mas é assim, tenho um limite de atuação porque se a pessoa por exemplo me pergunta determinado tipo de situação em que implica alterar as regras que me são dadas não é? Que eu tenho que cumprir, eu aí não posso dizer "olha vamos quebrar a regra" tenho sempre que deixar a consideração daqueles que são superiores a mim na hierarquia do trabalho repara é muito…isto acontece em todo o lado, mesmo que eu fosse trabalhar dentro daquilo que estudei isto iria acontecer, se bem que o nosso espaço de manobra seria diferente e tinha um âmbito de atuação completamente diferente certo? Mas é como te digo é um trabalho muito estanque porque há situações em que apela e bastante ao bom senso, epá se queres saber se dá para aplicar alguma coisa daquilo que eu estudei ali, chega para lá não, não dá mesmo, não dá porque aí já iria entrar no quebrar dessas ditas regras que me são dadas percebes? Porque esse âmbito social não me cabe a mim naquele papel que eu estou ali a fazer, daí o aumentar dos níveis de frustração que eu te falava há bocado porque muitas das vezes as respostas que vêm até podiam ser melhores e uma pessoa está ali a assistir àquilo tudo e como não tenho "sangue de barata" às vezes aquilo incomoda-me um bocado mas isto é mau porque depois, mau neste sentido porque eu para me defender destas emoções, muitas das vezes acabo por me fechar e isso não é bom, não é bom e isto requer aqui uma manutenção às vezes um bocado dura.

I: Qual é a perceção relativamente ao teu trabalho? Já falaste um bocadinho que às vezes pronto que te exaltas ou que ficas um pouco nervosa com certas situações, achas que os outros têm consciência? Que gostavas de estar a fazer uma coisa diferente?

E15: Não eu própria o digo, eu própria o digo e agora há outro fator que tem a ver com a insegurança das pessoas que me rodeiam, eu constituo uma ameaça atenção, uma ameaça, não que vá exercer qualquer ato violência sobre as pessoas mas o facto de eu, de ter uma licenciatura isso para aqueles que me rodeiam que estão no mesmo pé de igualdade profissional, isso para eles constitui uma ameaça mesmo que inconsciente, que eu percebo-me disso todos os dias e eu não estou a dizer " olha tenho isto, eu fiz

aquilo…" não sou nada disso até te digo muito sinceramente a maior parte das vezes até me esqueço que já o fiz, eu chego a esquecer-me daquilo que já fiz mas epá eu assumo e toda a gente sabe e é fácil não é? Sempre que há um concurso ou alguma coisa eu vou e as pessoas sabem disso, eu sempre disso isso, eu nunca escondi que eu procuro mais para mim porque isto mais que definido dentro da minha cabeça, não é? Seja de que forma for eu quero fazer uma coisa diferente e se queres que te diga esta situação de estar a apostar na função pública só para manter ali alguma segurança também não é? Eu já estou a começar desistir da ideia porquê? Porque estou a ver que vai repetir-se mais do mesmo, ou seja, o facto de trabalhar como técnica superior no poder local vai-me condicionar com toda a certeza, porque eu vou observar uma coisa, eu vou querer fazer uma coisa, eu vou contribuir de determinada maneira para fazer alguma coisa e vão-me dizer que não porque da maneira como as coisas estão presentemente a redução de custos, não digo qualquer intervenção para ser bem sucedida tem que implicar bastantes custos, muitas vezes até pela parte mais simples que as coisas se resolvem não é? Mas pela redução de custos pela, opa por tanta regra que tem saído, por tanta coisa que tem saído eu penso que é mesmo difícil neste presente haver essas coisas. Olha eu recentemente fui fazer uma, uma ação formação sobre saúde, higiene e segurança no trabalho muito interessante, mas constata-se ali que das pessoas presentes a maior parte delas podia ter conhecimento de determinado tipo de informação para ter asseguradas estas vertentes no seu trabalho e que não tem, pronto e muitas lá ouvi um comentário e estou-te a relatar este episódio porque estamos a falar de função pública, todas aquelas pessoas trabalham na função pública em assistentes operacionais, assistentes, técnicos, superiores, assistentes técnicos pronto estava lá um pouco de tudo e isto é uma área que diz respeito a qualquer profissão não é? É sobre higiene e segurança no trabalho, uns terão mais acesso à informação ou porque a procuram ou porque o sítio onde estão facultam-lhes pronto e a dada altura o formador, isto a propósito das pessoas não saberem e estarem a constatar ali porque é uma coisa que me custa imenso, é as pessoas serem apanhadas por despercebidas não é? E o formador a dada altura diz "epá mas quando é que nós vemos que as coisas estão assim e tal, é chegámos perto dos nossos dirigentes e epá numa postura proativa e tal e o que é que não se faz assim e o que é que não se faz assado" epá e aquilo deu-me uma volta ao fígado, porque é que eu tenho de dar a conhecer os meus deveres? E os meus direitos, não é? Porque é que não é em relação inversa? Porque é que não é a pessoa dirigente? Porque é que não é a pessoa que é chefe que tem de ter esse trabalho, não é? Pronto e porque não há exigências, não é?

Não há fiscalização, não há exigências, porque se a exigência fosse feita de cima te garanto que as coisas cá em baixo andavam muito melhor não é? E as pessoas estão entregues a elas mesmas não é? E epá eu quando coloquei esta questão, o formador achou muita piada não é? Exaltou-se também um pouco porque também ele próprio já teve esse papel, penso eu, na maneira como reagiu de dirigente, quer dizer eu não tenho de estar a lembrar quais são os meus direitos e quais são os meus deveres, aliás os meus deveres lembram-mos logo e sabem-nos dizer de cor mas os meus direitos epá eu tenho direito a determinado equipamento, eu tenho, isto por causa de acidentes de trabalho e tudo o mais, se a pessoa não sabe e não conhece os meios e como deve atuar em caso de acontecer determinada coisa, o que está ali em causa é um estrago muito grande para a vida da pessoa não é? Portanto lá vamos nós, devemos sempre orientar-nos para a prevenção, uma pessoa quando entra num sítio tem que ser informada de tudo, não é sobre o parcial.

I: Já agora qual é a perceção dos teus superiores em relação a ti?

E15:Percepção em que sentido?

I: Perceção que têm de ti enquanto pessoa, enquanto educadora e do trabalho que desenvolves?

E15: É assim, do trabalho que eu desenvolvo, ah meu Deus como é que eu vou por isto? É o que eu te digo, eu estou a tentar ser delicada. Vamos lá ver, deixa-me lá por a coisa de outra maneira, eu sou subalterno certo? Eu e todos os outros que lá estão, é normal quando uma pessoa falta ou porque está doente ou por assistência à família ou porque está de férias, é normal serem os chefes a perguntarem-te pelo telefone como é que se faz determinada coisa? Respondi-te? Isto não é só onde eu estou, passa-se epá é assim há uma, uma exigência muito grande nos dias de hoje nos locais de trabalho não é? Até uns anos a esta parte as coisas eram mais estanques mas não fazes ideia da quantidade de legislação que tem saído neste últimos anos a contrariar e a revogar e a modificar regras que as pessoas já tinham interiorizadas portanto isto vai dar assim uma sacudidela e é uma panóplia tão grande de alterações que as próprias pessoas não se conseguem organizar para ter capacidade de resposta portanto quem está no terreno, mal ou bem tem de a desenvolver, não é? Tem que ter e já me aconteceu aqui há 2 anos também ter faltado que o meu filho estava doente e chegar lá e caírem-me duas chefias em cima porque eu faltei e eu fiquei a olhar "ok então os chefes servem para quê?" foi

só o que eu perguntei, o que é que eu fui perguntar não é? Os chefes servem para quê? Para que é que há hierarquia então? Então para isso ganhamos todos o mesmo, pronto porque depois as pessoas lidam mal com o sentimento de frustração, não é? E disparam em todas as direções porque é assim, aquelas pessoas é que deviam ter tido aquela capacidade de resposta que não tiveram, a única pessoa que tinha naquele momento para aquele determinado assunto era eu portanto agora não vamos cair na burrice de concentrar determinadas tarefas só numa pessoa e tenho mais colegas na mesma situação portanto tem de haver uma partilha de conhecimentos e de procedimentos, não se pode ligar tudo a uma pessoa só porque… não se pode parar não é? Aquilo é um serviço público, as pessoas têm que ter resposta sempre que lá vão. Não é, não resolver só porque o fulano ou a fulana não estão e isto passa-se no país inteiro, inteiro.

I: Dentro da tua atividade profissional há alguma coisa que tenha contribuído para a tua satisfação pessoal ou profissional?

E15: Não. Não porque epá fica tão longe daquilo que eu, das exigências que eu tenho para mim mesma e daquilo que eu quero para mim, aquilo está tão longe, a única coisa que está ao meu alcance é eu fazer o melhor que posso e o melhor que sei todos os dias e ter gratidão por aquilo que tenho, epá não porque não digo gratidão porque há quem não tenha trabalho e esteja bastante atrapalhado neste momento, eu não vivo a minha vida por comparação atenção, gratidão porque tenho onde trabalhar e de alguma forma gerar riqueza, agora já trabalhei em tanta coisa, já fiz tanta coisa e sei fazer tanta coisa que não me assusta, não me assusta epá ter que vir fazer outras coisas, isso não me assusta minimamente, agora o que eu quero fazer e quero construir e quero contribuir e quero crescer na área que eu estudei e para onde eu me quero dirigir, sem dúvida.

I: Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar a nossa profissão?

E15: Haver vontade política sobretudo porque ela é que neste momento está a condicionar tudo e nós se fizermos uma breve observação, uma breve análise do que é que se passa a nível macroeconómico percebemos logo não é? Quem é que dita as regras, são os bancos não é? E se são os bancos que ditam as regras onde é que fica a política de cada país? Portanto vão-se reger por tudo o que vem, é que quem dita as regras está tão longe que se nós partirmos do princípio que estamos na base e se olharmos para cima não os vemos, portanto e isto vai criar aqui outra bola de neve não é? Mas nós temos que sobreviver e temos que viver e temos que ter alguma qualidade

de vida portanto vamos tentado procurar, gerar o tal contentamento e tudo isso para não nos deixarmos morrer porque é assim, ninguém muda muito sozinho não é? Isto toda a gente tem esta noção, ninguém muda muito sozinho mas naquele metro quadrado onde eu estiver puder fazer melhor sem passar por cima de ninguém é o que eu vou fazer não é? Se é o ideal o que é que eu quero para mim agora? Não é, está muito longe.

I: Porque é que tu recomendavas esta profissão a alguém? Que conselhos darias?

E15: Para já a primeira pergunta que eu fazia se era mesmo aquilo que queria, se é mesmo o que quero porque é assim nós andarmos, a motivação é um fator presente em tudo ou deve estar presente em tudo e se ele falhar cai-nos ou desmorona-se logo uma quantidade de situações não é? Portanto primeiro em primeira mão saber se é isso que a pessoa quer, e se é isso que a pessoa quer força, até podem chover picaretas que a gente vai e chega lá não é? Se a motivação não estiver lá, se a pessoa não estiver a gostar daquilo que está a fazer epá cai logo por terra no primeiro obstáculo que surja, no oponente a pessoa cai ou desiste ou atrapalha-se não é? É assim eu tenho a minha experiência de vida, não sou mais que ninguém mas é assim eu fiz o meu curso a trabalhar e a estudar em quatro anos que é o tempo que se espera, entretanto no mesmo tempo eu engravidei, o meu filho nasceu, cresceu e continuou não é? (sorri) Está tudo ok, o meu marido tem sido um aliado completamente, um aliado porque também se eu não reunisse estas condições iria ser muito mais difícil não é? Não temos família nenhuma aqui no Algarve, portanto somos nós os três e nós os três para tudo, pronto, isto torna as coisas, assim e leva para uma fasquia assim um bocadinho alta portanto se eu conseguir fazer, uma coisa estava presente de certeza que era a motivação, eu queria eu fui atrás daquilo que eu queria não é? Eu conquistei uma coisa que eu queria porquê? Porque eu estava motivada para o fazer mas também te digo não pensei, hoje, não pensei nos quatro anos a seguir e o meu raciocínio era este, quando estava no trabalho estava no trabalho, quando estava a estudar estava a estudar e numa etapa de cada vez, numa frequência de cada vez, num trabalho individual de cada vez, num trabalho de grupo de cada vez portanto quando estava feito pronto menos um, fui fazendo por etapas não me projetei para dali a quatro anos porque penso que se tivesse feito isso não tinha conseguido, não pensei no fim, fui fazendo.

I: Na tua opinião que caraterísticas específicas é que o educador social deve ter? A nível pessoal, profissional, profissional?

E15: Epá a nível pessoal deve ter a casa muito bem arrumada, a sua casa interior não é? Porque o ter vontade de fazer é bom não é? De fazer acontecer, de participar de alguma forma na melhoria da sociedade em geral não é? Mas se não tiver a sua casa bem arrumada epá…

I: Quando dizes bem arrumada referes-te a quê?

E15: Olha para já saber o que quer, conhecer-se a si próprio para que depois não hajam conflitos e dilemas morais quando está a relacionar-se com as coisas não é? Porque isto de nós olharmos para as pessoas como pessoas tem muito que se lhe diga, nós não podemos olhar para as pessoas e ficarmos, como se diz, deixarmo-nos levar pela emoção delas, nós temos que ter a casinha muito bem arrumada não é? Neste sentido, temos que nos conhecer e saber onde estamos, onde é que nos localizamos para que, com umas raízes bem, bem assentes, bem seguras para não vacilarmos, não é? Porque eu lembro-me que no estágio trabalhei com população doente, não é fácil e algumas delas perderam a vida entretanto, são doentes oncológicas, não é fácil de maneira nenhuma, aliás isto também se calhar fui procurar um grupo um bocadinho difícil, não é? Complicado mas também fui porque tinha naquele momento eu tinha estaleca para aquilo não é? Hoje não sei que isto depois os filhos crescem e tal e há aqui uns balanços um bocado, pronto lá está depende do nosso próprio percurso, depende do nosso estado de alma de nós, exatamente nós temos de saber bem onde é que estamos para depois mas isto é para tudo, para todas as profissões, para tudo na vida, quer dizer temos que saber onde estamos que é para depois estarmos tranquilamente, harmoniosamente a contribuir para a melhoria de vida dos outros, porque se eu não estiver bem não tenho resposta para os outros e isto nem precisa de ser a nível profissional, até a nível familiar e tudo o mais, eu se não estivesse centrada em mim eu não vou conseguir fazer coisa nenhuma.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses se devem ou não ser próprias do educador social e porquê. Criativo?

E15: Bastante, tem de estar presente. A criatividade acho que é uma caraterística na personalidade das pessoas que tem que estar mesmo presente porque é quase… muitas das vezes têm que se fazer omeletas sem ovos que é mesmo assim e isto vai-nos remeter para aquilo que eu te disse há pouco, que não existem as condições ideais para se

trabalhar quer de recursos materiais, recursos humanos, há N variáveis sempre à mistura.

I: Dinamizador?

E15: Bastante, mas com assertividade, nós temos que saber ser dinâmicos mas assertivamente porque às vezes o excesso de iniciativa, pode não ser bem aceite.

I: Manipulador?

E15: Manipulador é assim, se calhar eu não concordo muito com essa postura mas se calhar em determinadas situações, isso quem consegue ser assim, eu não consigo, mas quem consegue ser assim se calhar é bom para se alcançar o objetivo final não é?

I: Por exemplo?

E15: Opa se calhar quando estamos a lidar com…eu estou a falar nisto mas estou a projetar para um contexto específico exatamente, por exemplo quando tu para chegares a determinada pessoa precisas de convencer outra se calhar aí nesses termos entrar aí mas manipulação só por prazer de manipular e de fazer os outros marionetas não.

I: Planeador?

E15: Absolutamente, absolutamente, uma pessoa tem de ter sempre um trunfo na manga não é? Nós apesar de quando nos aproximamos duma determinada situação se não temos um diagnóstico já feito, se não temos um pré-conhecimento já feito alguma coisa temos que levar na manga para…o plano A, B, C, D ou seja o que for para poderem fazer a abordagem não é?

I: Autoritário?

E15: Não. Autoritário não porque é como todos os contextos não é? As pessoas não precisam de autoridade, precisam de liderança e para haver liderança não é com agressividade não é? As pessoas podem ser boas líderes sem haver um regime de comando, autoritário presente não é? As pessoas precisam ser orientadas às vezes até se conseguirem orientar a elas próprias, precisam de ser lideradas não nesse sentido, se bem que atenção que nós vivemos num tempo ou se calhar desde sempre que as pessoas estão habituadas que haja alguém sempre a pensar por elas, não é? E acho que o papel, acho não, tenho a certeza pelo menos na minha perspetiva, o educador social acho que a

primeira missão é pôr as pessoas e pensar por si próprias e hoje em dia dada esta conjuntura toda é perigoso saber pensar.

I: Pertences a alguma associação? Cívica, cultural?

E15: Não.

I: Já fizeste voluntariado?

E15: Já.

I: Onde e quando tempo mais ou menos?

E1: Foi na associação oncológica do Algarve durante todo aquele tempo portanto do estágio do 3º ano e vamos lá ver pronto passou-se, sem grande onda não é? Por assim dizer mas passou-se, mas não foi assim nada de extraordinário não é? Colaborei foi mais uma colaboração do que propriamente… e aquilo também misturou-se um bocado porque os papéis porque como estava a fazer o estágio portanto houve ali um bocado de mistura não é? Se calhar se tivesse isenta da parte do curso teria sido feito e acontecido de outra forma.

I: Tendo em conta o panorama de crise que estamos a atravessar, o que achas que vai acontecer à sociedade e qual será o papel do educador social daqui a uns anos ou amanhã?

E15: Para já, já deviam estar no terreno, epá e esta agora tem pano para mangas porque é assim, as pessoas não são coitadinhas, certo? Algumas terão limitações cognitivas a mais do que outras mas toda a gente sabe fazer alguma coisa ponto. Nós temos vindo a ser orientados para viver de determinada maneira, ou seja, precisamos de determinado conjunto de coisas para viver, mentira, epá pois esta coisa é muita confortável não é? A gente chegar a casa ligar a televisão portanto ter todo o conforto, este tipo de conforto material não é? Nós fomos induzidos de que é preciso este conforto material, fomos induzidos que é preciso uma montanha de condições para sermos aceites socialmente, ter o carro Y, ter a mota Z, ter a casa W, pronto há um padrão que foi incutido às pessoas que é preciso ter, mentira! As pessoas para ser não precisam ter, para ser não precisam de cursos superiores que é mesmo assim, as pessoas para ser não precisam de ter um canudo a dizer que fizeram isto ou que fazem aquilo ou que são aptos para, ok? Pronto isto a crise foi fabricada obviamente não é? Agora não vamos por aí que não

temos tempo para isso, agora o que é que podemos fazer? Se calhar simplificar a maneira de vida, não é? A maneira como levamos a vida, alienarmos da maneira como achamos que estamos, "epá estamos mal, ok", agora isto dá trabalho porque não sei se te tens apercebido mas de alguma forma as pessoas têm voltado para a terra e tem-se vindo a perder conhecimento sobre a terra, como tirar a comida da terra certo? Mas provavelmente se formos pela organização de reabilitação destes espaços não é? A terra e há por aí tanta terra e tanta coisa pronto de alguma forma se as pessoas se organizarem em pequenas comunidades, pelo menos para garantirem a subsistência não é? Há N formas de construir habitações a custos mais reduzidos e que respeitam o ambiente, só que estas coisas não interessam porque isto não dá dinheiro a não ser às pessoas do costume, pronto e eu já me estou aqui a desviar para um conceito de vida e de sociedade completamente diferente.

I: Ainda ontem deu uma notícia na televisão duma escola que tinha sido feita porque o governo lembrou-se a fazer estas escolas da terceira geração, todas modernizadas, ares condicionados e não sei que e a senhora dizia e gastou-se balúrdios de dinheiro e agora por um lado as coisas não podem funcionar porque a eletricidade sobe seis vezes mais na fatura e por outro os materiais são tão degradantes que ainda agora a escola não tem uns meses e já se está a estragar. Quer dizer chega-se a um ponto que é ridículo.

E15: Não mas é que é mesmo, é desperdício dos recursos a todos os níveis não é? Há desperdício porque depois é assim à conta que depois de todas estas coisas vêm os joguinhos da visibilidade, "vamos fazer isto para ganharmos visibilidade sobre aquilo" depois como há… estou-me a lembrar por exemplo da etnia cigana quer dizer, àquelas pessoas dá-se-lhes tudo, todas as oportunidades, epá a mim se me dessem também aproveitada que é mesmo assim, agora não se exige coisa nenhuma, porquê que aquelas pessoas não vão fazer trabalho comunitário por exemplo? Vão arranjar jardins, não é? Porque eu também me choca esta falta de ordem neste nível, dá-se-lhes e nós sabemos que eles continuam a fazer a vida que fazem, não têm os seus, não declaram os seus rendimentos e aquelas coisas todas, por isso é que têm estas ajudas todas e vivem ali melhor do que nós não é? Andam em carros de grandes cilindradas, compram tudo a pronto desde as casas até aos carros, as cartas são roubadas porque eles não estudam para tirar a carta portanto compram as cartas roubadas, epá há aqui montes de coisas

mal orientadas, montes de coisas mas epá pois isto é porreiro depois vão lá e votam em quem interessa e pronto há aqui todo um jogo.

I: À pouco estavas a falar dos novos conceitos de comunidade e de sociedade mas não chegaste a dizer qual era o papel do educador social nesta nova tendência que estamos a atravessar. Qual vai ser o nosso papel?

E15: Espero que bem (sorri)…

I: Importante?

E15: Importante é de certeza, mas bem desafiador porque lá está a tal coisa, isto temos que pensar de que forma é que vamos atuar não é? Se vamos atuar dentro deste modelo que está, continuar a encaminhar as pessoas para a segurança social portanto o sistema conforme ele está e decadente ou se vamos começar a pensar em estruturas de sociedade alternativas, remeter as pessoas para ali e levá-las a perceber "epá que até sei fazer aqui qualquer coisa, que até consigo comer qualquer coisa e tirar dali, que até consigo trabalhar em equipa com o fulano e o beltrano" não é porque isto para além de…eu acho que a maior crise que está aí é a do ser humano muito sinceramente porque as pessoas foram levadas, não só, induzidas para o ter como para o individualismo não é? isto de viver em comunidade é para todos, não é? Trabalhar-se em conjunto para um objetivo comum é para todos.

I: E achas que o nosso papel é principalmente do pensamento crítico e mediador?

E15: Mediador completamente e mais uma vez sabendo sempre qual e onde é que é o nosso ponto de…onde é que estamos situados exatamente, sempre, sempre, sempre porque epá as pessoas estão, acho que a maior parte está a dormir, sinceramente está a dormir, e cai-se neste ram ram de que "epá eu agora não tenho isto e agora não tenho aquilo" epá nós somos seres tão espetaculares que podemos fazer tanta coisa, agora se calhar o ser diferente, a mudança é que assusta as pessoas, não é? É que assusta as pessoas "epá podemos fazer outra coisa qualquer, há aí bocados de terreno" é evidente que não podemos ir apropriarmo-nos de espaços que são de outras pessoas não é? Mas há maneiras de negociar, há tanta terra de pessoas que nem sequer estão aí que foram passadas por heranças e as pessoas não estão presentes para as cultivar e estão-se a perder epá porque não criar uma… isto é pensar na comida e na subsistência atenção, porque não criar uma forma de as pessoas todas epá daquela terra não estar ali e ficar

empobrecida, de ser rentabilizada daquelas pessoas poderem ter uma forma de subsistir epá criar respostas ao fim ao cabo.

I: Como te vês profissionalmente daqui a cinco ou dez anos?

E15: Se Deus quiser não hei de estar onde estou, não é? Que todos os dias penso que estou quase a sair dali para outro lado qualquer, epá precisamente por isso porque está complicado e nós vemos as pessoas a aproximar-nos todos os dias na maior parte com as ditas exigências de existir não é? Porque todos os anos têm que haver mais novos e as pessoas têm quase que se endividar a maior parte delas sim para poder comprar os manuais escolares aos filhos, há outras que já não conseguem fazer não é? Não se criam bolsas de empréstimos como deve ser de manuais escolares percebes? Portanto isto é um exemplo porque há pessoas que aparecem aflitas, que já não sabem como vão ter resposta porque aquilo que é dito e dado como obrigatório a ajuda é quase nenhuma por exemplo tens o escalão A, o escalão A da ação social não cobre a totalidade dos livros e já não vamos falar no material não é?

I: Se te fosse dada a opção de escolha, onde é que gostavas de trabalhar e a fazer o quê?

E15: Onde eu sinceramente gostava de trabalhar com as pessoas, com as pessoas a nível de poder local mas é como eu já disse há pouco isto está tão apertado e estão a condicionar tanto, tanto, tanto a atuação dos técnicos que epá as regras do jogo conforme estão não sei se já levo a questionar, não sei se já me apetece, nestes contornos não é? Porque o que me atrai mesmo são as comunidades, as pessoas, o desenvolvimento local, não é… associações também tem o seu papel importante atenção, não quero desvalorizar coisa nenhuma nem, nem referir o trabalho de ninguém agora o que me apaixona mesmo é estar com as pessoas e fazê-las felizes, organizar situações que até as faça felizes que as levem a participar e que sejam felizes não é? e tudo aquilo que eu faço todos os dias fico um bocadinho aquém desse mesmo objetivo por exemplo eu recordo-me que andava por exemplo nas minhas aulas da aeróbica ou da ginástica de grupo e a gente fazia sempre uma brincadeira e eu cheguei a ter juízas, advogadas, professoras, domésticas, pessoas que epá sei lá do campo tudo junto porque eu fazia isto no meio rural, não é? Numa vila, eu cheguei a ter ali, porque é isto que me apaixona esta neutralidade e esta aproximação às origens, eu cheguei a ter ali um conjunto de vinte ou trinta pessoas a praticar exercícios e que ninguém está preocupado

o que é que cada um faz, onde é que veio, o que é que tem, o que é que deixa ter pronto estão ali e estar estão a partilhar, estão a vivenciar em comum uma experiência que lhes está a dar prazer, ninguém está preocupado com títulos, com referências, com nada portanto está tudo ali em perfeita harmonização, isto é que eu gosto de ver nas pessoas sinceramente, é essa libertação de…

I: Colocavas a hipótese de ir para o estrangeiro?

E15:Sim.

I: Gostavas de ir? Achas que era uma boa opção?

E15: Sim mas eu sou uma pessoa atenção, eu sou uma pessoa que gosta de partir para a aventura mas tenho que saber para onde é que eu vou, ou seja, é-me impossível, neste momento, não consigo pensar só em mim, a tal história do agregado, não me oponho a sair daqui e ir para outro lado qualquer mas tenho que considerar três pessoas e não só uma não é? Mas não me assusta a ideia de largar este espaço onde estou e ir para outro absolutamente.

I: E és daquelas pessoas que ia para África ou para o Norte da Europa?

E15: Epá sinceramente África não me apetece e eu até já tive a oportunidade de ir para lá porque o meu marido nasceu em Angola e veio para cá com dois anos e sabes que há determinadas facilidades para essa malta, epá não por causa de toda essa… e se escolhesse ir para um país, para já não ia para o frio e para aí também não porque lá está a tal história do educador (sorri) porque para esses países são a nível político tão instáveis, tão lá está não me interessa isso, eu tenho que pensar em três pessoas, neste presente não sei para onde iria talvez para a Suíça mas também o nível de mercado de trabalho já foi melhor.

I: Austrália? A austrália está a dar muito…

E15:Pois está, epá Austrália é engraçado mas até que ponto é que eles precisam de educadores sociais não é? Remetem-te para aí. Pronto é assim lá está, poderia haver com toda a certeza uma coisa para a gente fazer mas é, não sei, neste momento a coisa da maneira que está, olha um país que eu não ia de certeza eram os Estados Unidos não me, sinceramente não me cativa absolutamente nada. América Latina depende, depende do país que tinha de ser uma coisa também muito bem…

I: Muito bem estruturada?

E15: Muito bem pensada epá quando lá chegasse logo me orientava não é? Mas saber o mínimo de contorno de segurança, eu falo em segurança, o mínimo de contornos de segurança eu tenho de saber quais são para puder ir, mas não me assusta absolutamente o deixar o espaço que eu conheço e que eu domino para ir para outro absolutamente.

I: Da minha parte está, não sei se queres acrescentar mais alguma coisa.

E15: Posso só desejar-te também boa sorte e que não deixes de acreditar nos teus sonhos porque é assim, é importante nós continuarmos sempre a sonhar, a sonhar não no sentido de nos afastarmos da realidade ou vivermos sempre um sonho, sempre com a cabeça no ar, não, é desenhar na cabeça projetar mas para depois experimentar não é? No físico não deixes de acreditar.

I: Já agora posso perguntar-te se tens algum sonho, se tens algum projeto que gostasses de fazer que não tenhas tido oportunidade?

E15: É assim, eu até agora tenho conseguido tudo exceto esta parte, porque eu coloquei em primeiro a família porque eu venho duma família muito bem estruturada, tenho posso epá sou feliz a dizer isto, nunca me faltou nada, nunca vivi em luxo mas nunca me faltou nada, principalmente de apoio psicológico e tudo o mais não é? Como já te disse tive uma doença grave não é? Aos quatro anos tive cancro e sobrevivi é porque tinha de cá estar epá depois de um episódio daqueles, não é? Que toda a gente dizia que ia morrer só eu é que dizia à minha mãe que não ia morrer autêntico, a minha mãe chorava e eu dizia "mãe não te preocupes que eu não vou morrer" até tinha quatro, cinco anos quando lhe dizia isto, epá que desperdício agora estou cá não vou fazer nada? Não pode ser pronto, sempre fiz N coisas, claro que tenho as minhas, os meus vá as minhas condicionantes físicas tenho, não vou dizer que não mas aprendi a lidar com elas e vou ajustando as coisas para ter qualidade de vida porque é por isso que nós cá andamos não é? É para vivermos, para celebrarmos a vida todos os dias, epá e eu tenho um marido fantástico, tenho um filho impecável epá eu não tenho do que me queixar repara, não sinto necessidade de ter, não tenho aquela ambição de ter coisas isso não condiciona a minha felicidade porque a minha felicidade é o estado da alma, agora ambiciono sim eu iria atingir a minha, epá o meu ponto de equilíbrio, de equilíbrio não

que eu sou uma pessoa equilibrada mas eu ia atingir o meu, o meu sonho vamos chamar-lhe assim não é? A perfeição.

I: É a questão da satisfação profissional que nós falámos à pouco.

E15: Exatamente, quer dizer conseguir trabalhar com as pessoas e sentir-me útil porque o que ao fim ao cabo o que eu, a minha frustração vem de que eu sinto tanto para dar e onde eu estou não o posso fazer da maneira que eu quero fazer entendes? Porque eu estou lá para as pessoas todos os dias, eu quando chego eu estou pronto, até a nível de colegas temos um relacionamento engraçado, pronto não há aqueles conflitos e aquela coisa embora esteja presente aquilo que eu já te disse não é? As pessoas têm receio de que eu possa de alguma forma sobrepor-me, que eu não estou nem aí mas isto são os medos de outras pessoas e em relação a isto eu não posso fazer nada não é? mas que já, também me já me conduziu por uma negação, também já, não vou dizer que não porque tu às tantas sentes-te sozinha, olhas à volta vais dar com quem não é? Se sentes isso também por parte das pessoas também às vezes é complicado lidar porque ao fim ao cabo uma pessoa que está com o coração aberto e depois de vez em quando pumba as pessoas por o medo normalmente quando estão com medo reagem de maneira brusca não é? Pronto e é aprender, isto também faz crescer atenção, eu tenho aproveitado as situações que me têm surgido na vida para crescer mas nunca, nunca, deixei de acreditar portanto se eu já consegui coisas tão difíceis acho que esta também mais dia, menos dia vou conseguir também, sinceramente é por isso que eu te digo é importante acreditar.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 19

Data de realização: 3 de Maio de 2012

Local de realização da entrevista: lar de Santa Maria, Tavira

Entrevistado nº 19: Não conheço o currículo do curso de Educação Social, apenas o de Intervenção Comunitária. Todavia confesso que não percebo porque é que depois retiraram a parte de intervenção e ficaram só no âmbito da educação, se fizeram o estudo no mercado se não fizeram, não compreendo as razões que levaram a extinção do mesmo.

I: O nosso curso a parte da educação também aborda a parte da intervenção não é?

E19: Sim, está mais virado para a educação.

I: Mais ou menos acho que é o mesmo, do que tenho ouvido os professores a falar é o mesmo. Houve algumas alterações no plano curricular e agora também abrange as crianças a partir dos seis anos, acho que na altura da intervenção era só jovens e adultos e agora já abrange as crianças a partir dos seis.

E19: Sim. Nós inicialmente era só jovens e adultos e depois todo o tipo de público-alvo de comunidades mais desfavorecidas, contextos de intervenção bem diversificados e amplos.

I: Pois. Basicamente os professores dizem que é o mesmo, sofreu foi essa reestruturação por causa do processo de Bolonha e tudo mais. Eu na minha opinião acho que se ficou a perder, não tenho muita noção da intervenção mas acho que se ficou a perder por exemplo…

E19: Eu também acho que sim, eu acho que sim, acho que deviam ter reconvertido o curso para intervenção social. Aí sim educação é diferente, intervenção social, ficávamos muito bem posicionados para intervir em qualquer contexto social e concorrer com todo o respeito pelos restantes profissionais nas áreas sociais sem qualquer restrição e/ou constrangimento e com uma formação lecionada por muito poucas universidades no país o que nos dava uma boa especificação e melhor competitividade profissional. Há sempre esta luta dos assistentes sociais e outros categorias profissionais com medo que alguém anda a tirar o trabalho aos outros, o que

não é bom para ninguém, tem de haver uma clarificação de quem faz o quê. Em temos práticos, epistemológicos, técnicos das conversas que tenho com colegas eu não noto quase diferenças nenhumas porque trabalhamos todos com base no *empowerment*, os autores são os mesmos, as metodologias de intervenção e de investigação são as mesmas. Agora há profissões que têm um maior reconhecimento do que nós no mercado de trabalho e um *status* que nós neste momento não temos e andamos sempre a competir por causa disso. Se tivessem transformado o curso em intervenção social na minha opinião tinha sido muito melhor.

I: Eu acho que foi no sentido que pôr ao nível de todo o país…

E19: Pois mas eu acho que ficámos prejudicados, porque eu digo eles sempre dizem "ah o educador" mas desculpe lá eu sou "interventor" hoje e sempre serei eu sou interventor! Foi esta formação que eu tirei, mais nenhuma, desculpe lá, cada um diga aquilo que quiser, foi este o curso que eu frequentei e fui preparado durante quatro anos, foi para intervir como Interventor Comunitário.

I: Em que ano é que se licenciou?

E19: Pois é assim, eu fui finalista do curso em portanto em 1997. Acho que o curso abriu em 1994 e depois em 2002 fiz a licenciatura Bietápica, há um par de anos. E agora tenho andado indeciso, avanço ou não avanço para realização de um mestrado, avanço não avanço ou para uma pós-graduação, mas se for fazer optarei por Gerontologia ou Intervenção Social mas mesmo intervenção social, educação social por enquanto não pretendo fazer.

I: Pois eu tive uma cadeira no mestrado, no 1ºano que era sobre educação na terceira idade.

E19: Mesmo sobre essa problemática.

I: Era mesmo direcionado para a terceira idade.

E19: Nós realizamos vários trabalhos práticos, obtivemos formação para trabalhar com a terceira idade. A lei como licenciados nas áreas sociais permite-nos trabalhar como diretores técnicos em equipamentos geriátricos. Nós agora temos aqui um grupo de estagiárias de educação social, não sei se alguma vai ter alguma oportunidade de trabalho na instituição, mas temos aqui um grupo e elas são muito ativas…

I: De lá de Faro?

E19: De Faro, da universidade sim, algumas residem em Tavira.

I: Há uma Daniela?

E19: Talvez seja só o nome que eu tenho mais presente é a C agora se vai ter alguma oportunidade na instituição não sei. Reconheço que elas estão a fazer um bom trabalho.

I: Pois eu tenho estado à procura de pessoas a trabalhar nas várias áreas da educação e do social. Tenho pessoas de autarquias, tenho pessoas dos centros de novas oportunidades…

E19: Exato. Já falou com a Dr.ª Nídia, a chefe do Departamento de Ação Social da câmara de Faro?

I: Sim, tenho também pessoas da Câmara, tenho o contacto dela também.

E19: Há pelo menos uma pessoa na Câmara Municipal de Albufeira também.

I: Falei com um aqui de Tavira também e estive a fazer uma entrevista mas não tinha o contacto do João e não tinha ninguém de centros nem comunitários, nem sociais nem paroquiais…

E19: Está naquela sim. Há outra colega a trabalhar no Centro Paroquial de Cachopo, a Dr.ª Sílvia.

I: Sim, foi com ela que eu falei porque ela foi à minha escola fazer uma apresentação lá na aula no curso e eu comecei a falar com ela e falei-lhe do meu estudo, que ela também não tinha ouvido falar do estudo e ela é que me deu o contacto do João porque era também mais difícil eu ir a Cachopo porque não tenho carta nem tenho carro.

E19: Sim, sim. Exato.

I: E entretanto já tinha falado com o padre Flávio e perguntado se ele tinha aqui algum educador ou algum interventor a trabalhar e ele tinha-me dito que não sabia ao certo mas que achava que não e depois quando a Sílvia me falou que sim eu achei curioso.

E19: Exato. É de intervenção comunitária. Ah você é aqui desta zona para conhecer o Pe. Flávio?

I: Sou de Olhão mas conheço o Pe. Flávio de outras andanças, também conheço o Miguel…

E19: Pois sim senhor, o Miguel sim, também há uma colega a trabalhar na área da animação de Olhão que é a Dr.ª Sónia também se formou em Intervenção Comunitária. Há outra colega que trabalha na segurança social que é a Dr.ª. Irina.

I: Pois eu estive à procura.

E19: Se a precisar de a contatar ela trabalha no núcleo de cooperação da segurança social.

I: Daqui de Tavira?

E19: Não, em Faro.

I: E então andava assim um bocadinho à procura…

E19: Mas vai encontrando.

I: Foi um bocado complicado ao início porque a universidade não me facultou contactos de educadores nem de interventores, nada.

E19: Não deu nada.

I: E eu tive de ir um bocadinho pelos professores, então pedi ajuda aos professores e depois foi um bocadinho por bola de neve.

E19: Ainda está lá o professor C?

I: Ainda está lá o professor C.

E19: E está o professor A? Pois é assim, o meu orientador da tese…eu tive nota de 18 na tese feita em 6 meses, o professor C teve nota de 19 mas levou um ano. A minha tese foi individual. Eu lembro-me perfeitamente disso, a minha tese foi muito falada, o tema escolhido foi *"mesinhas caseiras",* foi uma tese que serviu de exemplo como modelo para algumas teses. O professor K era o coordenador do curso… mas o professor C

queria-me dar 17, o professor A 18 e o meu professor 19 mas a nota final 18 porque o professor C tinha sempre receio que alguém tivesse uma boa nota.

I: Então é da turma do professor C e da professora D?

E19: Não, esses formaram-se depois de mim, eu fui finalista de curso. Acho que fazia falta alguns docentes com outros currículos, com outras experiências de vida.

I: Pois mas sabe que é isso que eu acho que o mestrado tem de bom porque o mestrado nós temos professores de Espanha de várias universidades, professores de Inglaterra de várias universidades, se há um ou dois professores ali na universidade do Algarve é muito porque é muito de fora. Foi também por isto que eu fui para este mestrado…

E19: Sim é, são os mesmos docentes, são as mesmas metodologias pedagógicas, faz falta alguns docentes com experiências práticas diferentes, de experiência de outros projetos em outros países, de outras instituições não estou a ver nem o professor A nem o professor C. Nós tínhamos ali um professor de I, um professor que vinha de Lisboa que trabalhou em várias instituições, possuía uma grande amplitude de conhecimentos, de envolvências, de áreas de abrangência, de práticas de intervenção social em instituições, sobretudo práticas de intervenção o que acho que era uma lacuna. O professor C pode ser muito bom docente e pode ter muitos bons conhecimentos teóricos mas a nível da experiências, vivências e práticas internacionais…

I: Nós também temos lá o professor B.

E19: AH. Sim esse parece-me ser um bom profissional.

I: É ele o meu orientador.

E19: É, parece-me que sim, já tem outras áreas de amplitude de conhecimentos. Parece-me diferente o professor B.

I: Pois eu em intervenção social não tinha ouvido falar. Gerontologia há na universidade do Algarve e abre de dois em dois anos… teve este ano fechado, para o ano é capaz de voltar a abrir.

E19: Sim, é capaz de voltar a abrir mas há intervenção social há, eu como fui da área da intervenção portanto tudo o que for na área da intervenção seduz-me… mas pronto fomos ver o que o futuro irá dizer.

I: Então virando aqui para o guião. Quais foram as principais razões que o levaram a escolher este curso da intervenção? Porque que escolheu?

E19: Escolhi intervenção porque sou uma pessoa muito ativa, muito dinâmica, gosto muito da relação de ajuda, gosto muito do trabalhar "com", e como gosto muito de trabalhar "com" portanto estudei este curso. Tem tudo a ver com a minha maneira de ser, de agir, de estar na vida e também com a necessidade de trabalhar, de partilhar com os outros. Portanto foram essas as principais razões que me levaram a procurar uma formação técnica pedagógica que me permitisse ter uma melhor qualidade da minha intervenção e no meu trabalho profissional.

I: Como é que descobriu tudo isto? Teve alguma experiência quando era mais novo?

E19: Não, não tive. É assim, eu sempre fui um grande adepto, sempre tive muito carinho, muita afetividade, muito respeito pela relação de trabalho com o outro e então quando estamos a falar de intervenção estamos a falar… tudo o que nós fazemos na área da intervenção na comunidade e na área do trabalho social estamos a fazer intervenção. Então o que é que eu quis? Quis que sempre que fosse desempenhar uma função profissional ou fosse intervir o fizesse com a melhor preparação técnica, científica e pedagógica possível.

I: Já trabalhava antes de ir para o curso?

E19: Não, na área social não trabalhava, fazia vários trabalhos e trabalhava em *part-times* em várias áreas profissionais. Entretanto surgiu este curso novo, fui ver o currículo, falei com algumas pessoas, informei-me e como gostei do nome do curso e achei que correspondia às minhas expetativas! Eu achava que havia muitos trabalhadores sociais que estavam a trabalhar, preparados para trabalhar no gabinete e eu como gosto de trabalhar no terreno, gosto da intervenção prática, gosto de trabalhar não para os outros mas com os outros, então isto mexeu comigo e quis ir fazer este curso porque tinha tudo a ver com o que eu queria para a minha relação de trabalho e profissional.

I: Fez voluntariado quando era mais novo?

E19: Fiz. Fiz, fiz voluntariado nalgumas instituições da terceira idade e também na área da deficiência.

I: Isto antes de estar licenciado ou já depois?

E19: Antes, durante e depois sim.

I: Quais eram as principais expetativas quando entrou para este curso? O que é que formou? Que expetativas é que formou?

E19: Bem, devo dizer que esperava também por parte da comunidade um maior reconhecimento do curso embora tenha havido algum. Porque de tudo o que me foi dito, de tudo o que eu li sobre intervenção comunitária, sobre como dizem muito *nostros hermanos, dessarrollo de la comunidad* (sorri) as expetativas eram que houvesse um amplo mercado de trabalho seja através de projetos cofinanciados, seja através das autarquias, seja através das instituições de desenvolvimento local, que nos viessem dar uma oportunidade de trabalho e então criei uma grande expetativa sobretudo pelo perfil diferenciado do nosso curso no âmbito da perspetiva duma intervenção prática direta com os outros. Portanto de trabalho de *empowerment,* de um novo paradigma mais de intervenção e não tanto assistencialista, que era o que se verificava na altura e acho que essa foi uma das principais fundamentações que levou à formação deste curso, preparar técnicos para trabalhar em qualquer contexto de comunidades desfavorecidas.

I: Hum isso era a sua expetativa?

E19: Era.

I: E foi isso que encontrou na realidade?

E19: Nalgumas situações sim, se bem que noutras não. Eu penso que há um vasto trabalho que pode vir a ser desenvolvido pelo perfil do curso, portanto eu estou a falar no âmbito de intervenção na comunidade…pelos técnicos seja nas áreas rurais, seja nas áreas citadinas devido à boa preparação que eu acho que nós temos no campo da intervenção para melhorar a qualidade de vida das comunidades, das pessoas, encontrar novas soluções, novos projetos que promovam e/ou facilitem à melhoria das suas qualidades de vida sempre com a participação dessas pessoas. Eu acho que é… há um

enorme trabalho e um enorme mercado de trabalho, agora é assim, as dificuldades económicas, a crise, a dificuldade dos projetos não cofinanciados são fatores muito constrangedores e limitativos do melhor aproveitamento destes técnicos para as comunidades.

I: O que é que gostou mais quando esteve no curso?

E19: As práticas sobretudo, as práticas sim. As práticas, a experiência de alguns profissionais sobretudo o diretor do curso, de outro professor L, se não me falha a memória um professor argentino muito bom. Os conhecimentos dados por outros docentes com realidades profissionais em outros países, em outros projetos no âmbito de intervenção comunitária conjuntamente com as nossas próprias experiências sempre que íamos fazer intervenção no terreno com base nos conhecimentos que nos iam sendo dados. Para além de ter gostado muito da minha tese de intervenção.

I: O que é que fez nas práticas já agora?

E19: Fiz várias práticas, as práticas tiveram a ver com o estágio curricular e sobretudo com a tese do curso, no estágio curricular fiz uma tese no perímetro florestal da Conceição de Tavira em que o objetivo era favorecer a utilização do perímetro de maior utilização da comunidade envolvente porque havia alguns conflitos de interesses e então o objetivo era criar pontes, era estabelecer acordos sempre numa perspetiva de construção, de diálogo, de envolvimento das pessoas para um melhor utilização do perímetro florestal por parte das comunidades sobretudo na área do pastoreio, na área da realização de passeios pedonais, passeios de cicloturismo e outros. Depois o segundo projeto foi a tese de licenciatura, foi feita na serra de Santa Maria, uma serra no interior do concelho de Tavira com cerca de setecentos habitantes em que eu percorri todos os habitantes, todas as localidades e em que fui recolher junto das pessoas as plantas e as mezinhas caseiras e toda as suas técnicas de preparação… um trabalho realmente apaixonante que foi feito com as pessoas, no campo, na casa das pessoas e que foi feita toda essa recolha de saberes populares, tradicionais, ancestrais e todas essas técnicas que efetivamente iriam ficar em desuso e nunca mais iriam ser recolhidas. Foi muito gratificante esse trabalho pelas experiências partilhadas.

I: Teve 18 não é?

E19: Sim foi.

I: Acha que estas práticas e estes estágios curriculares são importantes para a aquisição de competências e para a inserção no mercado de trabalho?

E19: É extremamente importante. O técnico é que de acordo com a sua motivação, de acordo com a sua expetativa, de acordo com a sua ambição, de acordo com as necessidades do mercado deve apostar naquela área onde é que se sente mais à vontade, onde é que gosta mais de trabalhar e onde é que há mais necessidade. Agora acho claramente que sim.

I: E dos outros grupos da sua turma na altura também via este *feedback* positivo? Ou houve casos em que não foi assim tão bom?

E19: Nós fomos os primeiros finalistas do curso e nessa altura o curso era uma novidade, as caraterísticas destes profissionais eram diferentes sobretudo pela sua componente prática dos colegas e não sentiram muito, antes pelo contrário, houve uma boa aceitação.

I: Relativamente aos motivos de insatisfação do curso. Houve alguma coisa que não gostasse tanto? Que o tivesse insatisfeito? Durante o curso e após ter terminado o curso.

E19: Não. Eu estou a falar de Intervenção Comunitária porque não conheço o curso de Educação Social e falo sempre de Intervenção. Eu acho que deveria ter sido criado um mestrado na área da Intervenção Comunitária. Não… para nós nunca na área da Educação Social, para nós na área da Intervenção Social ou Comunitária, foi esta a nossa formação de base e era aqui que devia ter havido uma maior sequência, um maior aprofundamento, um maior especificidade e um maior aprofundamento das nossas competências.

I: Acha que devia haver um seguimento?

E19: Sim, um seguimento, para mim devia ser criado um mestrado na área da Intervenção Social ou de Intervenção Comunitária.

I: Antes de fazer esta entrevista eu fiz um questionário *online* e os principais motivos de insatisfação que foram apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três já disse que o último mais ao menos

correspondeu, as suas expetativas mais ou menos foram superadas. Dos outros dois do curso não ser reconhecido e de não permitir a progressão, concorda? Vê-se um bocadinho também neles?

E19: Bem, o facto de não ser tão reconhecido, também nós temos alguma culpa começando pelo corpo docente, começando pela universidade e começando pelos técnicos licenciados. Nós quando vamos para o mercado de trabalho temos de saber qual é o nosso trabalho, o nosso trabalho é diferente dos outros, nós vamos lá trabalhar "com" e não vamos lá trabalhar "para" e nós vamos fomentar uma relação de ajuda com a participação das pessoas, expondo os conhecimentos técnicos e envolvendo os conhecimentos das pessoas. Nós vamos lá para fazer a mediação e é na base dessa mediação com o nosso conhecimento técnico-científico e com os recursos da comunidade que vamos encontrar soluções para a melhoria das qualidades de vida das pessoas, esse é o objetivo. Nós não vamos lá assistir ninguém, isso há outros colegas que fazem, nós não vamos fazer a avaliação das capacidades psicológicas de ninguém no trabalho de gabinete, fazemos quando temos de fazer… o nosso trabalho é um trabalho prático e de terreno, quem pensa o contrário está-se a enganar a ele e está a enganar os outros, não foi nessa base que eu fui formado e nessa base é que há trabalho. Para trabalhar com as pessoas há trabalho, para ir assistir as pessoas aí já estamos a dividir o trabalho com outros colegas e outros colegas connosco, para trabalharmos no paradigma do *empowerment* de fazer "com", ahh isso garanto-lhe que há trabalho aqui e em qualquer parte do mundo, há sempre algo a fazer.

I: Falou ai que a culpa também passava um bocadinho pela universidade, que também era um bocadinho responsável.

E19: Julgo que sim, também no reconhecimento. Devia de ter sido feito um maior aprofundamento e um maior trabalho daquele que foi feito, sobretudo com o Ministério da Educação no reconhecimento do curso. Eu confesso que não aceito que o curso tivesse deixado de existir ou que tivesse sido reconvertido em educação social. Eu sou um Interventor Comunitário, é nesta área que gostava de aprofundar os meus conhecimentos. Tenho o maior respeito pelos Educadores Sociais, como eles também devem ter por mim, Interventor Comunitário. É esta a minha licenciatura, foi para isso que eu me formei, foi por isso que estudei e foi para isso que eu tive a pagar impostos (propinas) ao Estado. Quanto à questão do reconhecimento no mercado de trabalho, essa

é já outra questão que nós profissionais nesta área temos de trabalhar muito, mas digo-lhe já que os Educadores ainda poderão conseguir, para nós Interventores é mais complicado e vou-lhe dizer porque que é mais complicado. Os educadores devem criar uma Ordem, devem unir-se, devem arranjar mecanismos de luta pelos seus direitos, uma vez que, o curso de Educador Social é lecionado por outras universidades do país, há muito Educadores, há muita gente formada nas universidades, devem criar uma Ordem e devem então aí lutar pelas suas condições salariais, pela sua progressão na carreira e por um maior reconhecimento. Nós Interventores somos muito menos e temos muito mais dificuldade, se o curso fechou para Intervenção Comunitária somos muito poucos para criarmos uma Ordem e para lutarmos pelos nossos direitos, vamos ter mais dificuldade porque somos menos e as dificuldades aí são muito maiores e não havendo neste momento o ensino deste curso em Portugal e falo propriamente em Intervenção Comunitária, então vamos ficar diminuídos e as nossas hipóteses de luta são menos. Agora é assim, nós nunca devemos, nunca devemos "fugir" àquilo que nós somos. Nós devemos dizer a toda a gente, nós somos estes profissionais, temos esta competência técnica, esta competência profissional e o nosso trabalho é este. Nós temos de saber qual é o nosso campo de Intervenção e muitos ou não querem ou não desejam saber, eu felizmente sei.

I: Mas diga-me uma coisa, quando houve esta mudança da intervenção para a educação, quando houve este processo, sentiu que os interventores ficaram um bocadinho postos de parte, um bocadinho abandonados pela universidade?

E19: Senti, senti. Senti e continuo a sentir. Senti e continuo a sentir porque é assim, se o curso foi criado é porque houve uma fundamentação técnico-científica, porque em Portugal quando este curso foi criado já havia muitos cursos na área da Educação Social, não entendo e não defendo esta reconversão. Deviam ter criado um mestrado em Intervenção Comunitária ou Intervenção Social e aí havia um seguimento do curso e dava-nos um maior reconhecimento, uma maior fundamentação e também nos dava alguma especificidade e alguma raridade em termos de competitividade no mercado de trabalho porque eramos os únicos com esta formação da Intervenção Comunitária ou Intervenção Social.

I: E às vezes é na diferença que está a mais-valia.

E19: Exatamente é que está a mais-valia ou seja criou-se algo que depois se acabou, então fomos dar razão ao mercado de trabalho, se calhar não há reconhecimento ou não há trabalho para aqueles profissionais, para mim, entre aspas, quase que eu considero uma traição. Não concordo, mas respeito quem o fez! Mas eu não concordo.

I: Ou então podiam ter pedido a opinião também aos que estavam licenciados.

E19: Também, também, é assim, vamos escolher Educação Social, vamos criar mais do mesmo que há em várias universidades do país. Intervenção Social e Intervenção comunitária não vejo muitos cursos. Então porque o criaram? Quando o criaram porque é que foi aceite pelo ministério da educação? Porque havia uma necessidade no mercado de trabalho! Essa foi a fundamentação, se não, não andavam lá os alunos quatro anos e o ministério da educação a pagar o salário aos professores, a pagar para se fazer pesquisas nestas áreas, pesquisa científica e os alunos a pagar as propinas. Serei sempre um Interventor Comunitário. Não concordo ver a designação do curso anulada ou não me tratem como Educador Social.

I: Nós temos falado e já falou muitas vezes da questão do mestrado, que tinha necessidade de um mestrado para aprofundar conhecimentos. Acha que a formação base então não é suficiente? Que é preciso outra?

E19: Repare nós estamos a falar num mercado competitivo, estamos a falar numa licenciatura que ocorreu há dez anos, qualquer profissional ao longo da sua vida profissional, ao longo da sua carreira sente sempre necessidades de ter conhecimento de outras áreas de abrangência e de envolvimento, de outras práticas, de outras metodologias que vão surgindo e é para isso que servem os mestrados, para ter o conhecimento (impercetível) e aperfeiçoar as competências e os conhecimentos já adquiridos permitindo um maior especificidade e uma melhoria da sua intervenção.

I: Mas na sua formação base, quando tirou o curso de intervenção comunitária, houve alguma cadeira que tivesse tido que achasse que não era ali necessária ou houve alguma que não tivesse tido que achasse que era fundamental para aquele curso? Lembra-se?

E19: Eu penso que dum modo geral o curso estava bem estruturado, nós tínhamos várias cadeiras de intervenção, da metodologia da intervenção social, da área da psicologia, da área da animação, na área também da componente informática. Tivemos uma disciplina

que foi muito bem introduzida, se a memória não me falha, mais tarde foi introduzido o aprofundamento das técnicas de escrita da língua portuguesa, foi muito boa opção. Eu penso que o curso estava bem estruturado. Se tivesse tido também alguma introdução de alguma língua estrangeira para nos preparar para trabalhar noutros países, dava-nos mais uma componente prática sobretudo o inglês, até via com bons olhos, eu por exemplo sempre tive muitas dificuldades no inglês e eu se quisesse aperfeiçoar tinha de vir tirar um curso cá fora. Podia ter a língua inglesa para nos dar uma maior universalidade e uma maior abrangência de mercado de trabalho.

I: Disse há pouco que fez voluntariado. Durante o curso participava em atividades extracurriculares da universidade? Formações, *workshops*.

E19: Algumas, sim, sim, sim.

I: E acha que era importante também? Para as suas competências e para o mercado de trabalho?

E19: Sim, sim, sim, tudo o que tem a ver com o conhecimento de certas e determinadas práticas de trabalho vem-nos sempre melhorar a nossa competência profissional, sem dúvida alguma.

I: Quais foram os principais temas que procurava?

E19: Uma das preocupações era trabalhar na maior amplitude de problemáticas possíveis seja na área da deficiência, seja na área de intervenção em bairros problemáticos, na área da intervenção social, seja na área de intervenção em comunidades piscatórias mais desfavorecidas, seja até na área de intervenção das áreas rurais, cada projeto tem a sua especificidade, cada caso é um seu caso e quanto maior fosse a abrangência de intervenção de projetos melhor preparados estávamos para fazer face às necessidades profissionais e de trabalho não é?

I: Qual tem sido o seu percurso profissional desde que terminou a licenciatura?

E19: Desde que terminei a licenciatura trabalhei num projeto de parceria com quatro instituições ligadas à terceira idade do concelho de Tavira e com da câmara municipal de Tavira, havia um protocolo e eu era remunerado pelas quatro instituições e pela câmara municipal, em que fazia sobretudo trabalho na área da ocupação dos idosos. Fazia diversas atividades, passeios, jogos animação musical, trabalhava várias temáticas

relacionadas com os direitos e cidadania dos idosos e outras áreas de intervenção na terceira idade. Durante quatro anos foi um projeto muito motivador, muito aliciante, entretanto surgiu o convite para vir trabalhar como técnico e eu acabei por aceitar. Depois desde há seis ou sete anos estou a trabalhar como técnico de intervenção comunitário aqui no lar, na instituição.

I: Aqui no lar de Santa Maria.

E19: De Santa Maria sim.

I: Relativamente ao salário desde que começou a trabalhar em 2002 até agora tem notado um acréscimo? Tem notado um decréscimo?

E19: Não, o acréscimo não é muito notório, depois é assim nós em Portugal infelizmente, eu não me canso de dizer isto, qualquer dia dizem que eu sou um sindicalista porque digo determinadas verdades. Eu não percebo porque que os trabalhadores do Estado, com a mesma formação, com o mesmo grau de habilitação têm uma carreira e têm uma remuneração e como é que nós nas IPSS que estamos a colaborar com o Estado através de Protocolos estabelecidos somos tão mal pagos e a tabela de remuneração é tão baixa. Isto está mal. O nosso aumento depende de algo que pouco acredito, ou a atualização da tabela ou da boa vontade das direções. Porque é que nós temos uma tabela salarial que é extremamente baixíssima comparando com os nossos colegas que trabalham no Estado? Como defendia o Dr. Luís Jacob, diretor da Socialgest devia-se criar uma única carreira de técnico superior e o vencimento era igual para todos, fosse público ou fosse privado. Isto é uma enorme discriminação que num país desenvolvido como o nosso não faz nenhum sentido, mais parece uma prática de um país de terceiro mundo. Portanto não faz qualquer sentido, ainda mais a mais quando antigamente as mensalidades das instituições não tinham nada a ver com as mensalidades de hoje, a mensalidade era paga em função do rendimento do utente, hoje em dia não, hoje há um valor de referência que é protocolado e que pode rondar valores próximos dos mil euros custo utente.

I: Exato, eu concordo. Na sua opinião a formação que recebeu durante a licenciatura está de acordo às necessidades do mercado de trabalho? Acha que na altura estava bem direcionada para o mercado de trabalho?

E19: Ai se nós queremos ser interventores comunitários está, agora se nós queremos só trabalhar numa relação de assistencialismo ou de outra atividade mais direcionada para o tratamento de dados, áreas de outros profissionais, animação social, sociologia aí ai não está. É que há muita mania de dizer que nós interventores somos animadores, não é nada disso! Nós tivemos essa cadeira, podemos fazer esse trabalho da programação das práticas, agora nós não somos animadores e está-se a faltar à verdade. Eu por exemplo tive uma cadeira de trinta horas num semestre ou num trimestre portanto eu não sou animador, nós fomos preparados para criar e/ou fazer *empowerment*, para trabalhar com as pessoas e no âmbito desse trabalho, como não me tenho cansado de referir no âmbito desse trabalho promovido pelo *empowerment* "com" as pessoas, utilizando as nossas capacidades, as nossas competências técnicas e a nossa formação cientifica e utilizando os recursos da comunidade, podemos melhorar as suas qualidades de vida, sempre no paradigma de intervenção pratica, práxis, não num paradigma assistencialista e é aqui que eu vejo muita resistência dos técnicos porque um diz que é uma coisa e outro diz que é outra e depois vai-se a essência e as origens do curso, isso só nos prejudica.

I: Exatamente. Na sua opinião a presença dos educadores…dos interventores é importante para a sociedade?

E19: Ah sem dúvida alguma! Diga-me qual dos cursos a nível de licenciatura, está melhor preparado para intervir na comunidade, para fazer intervenção comunitária e social, diga-me qual deles?

I: Já percebi que tem aí um problema com essa parte.

E19: Tenho! E hei de continuar sempre a ter, mas pronto.

I: Nunca falou com ninguém? Nunca fez uma carta ou nunca pediu uma explicação? Nunca foi falar com um professor do curso por exemplo?

E19: Não! A decisão já estava mudada, sozinho não iria reverte-la por isso não o fiz, agora acho que não foi correto, é o que tenho a dizer.

I: Tem alguns colegas que concordem consigo?

E19: Dos colegas que tenho falado todos concordam comigo. Se nós estamos a falar de um ou dois milhões de pobres em Portugal, estamos a falar de pessoas idosas com baixos níveis salariais, estamos a falar de um elevado nível de desemprego, então

quando se faz um projeto na comunidade para melhorar a qualidade de vida destas pessoas o interventor comunitário não tem trabalho? Então quem é que tem? Então se este não tem trabalho digam-me quem é que tem? Se nós estamos a falar dum trabalho de terreno para melhorar a qualidade de vida destas pessoas e que temos de ir trabalhar com as pessoas, temos que ir avaliar, temos que ir perceber as vivências, dificuldades, temos que ir fazer um diagnóstico da realidade para depois fazer as propostas de intervenção e medidas, se este não tem técnico não tem trabalho, digam-me quem é que tem?

I: Mas isso também passa um bocadinho pelo Estado e pelas pessoas que estão no poder.

E19: Sim. Ora aqui isto é importante é as tais equipas multidisciplinares e a sensibilização junto de quem decide e junto de quem elabora e coordena os projetos.

I: Também importa sermos bons profissionais para…

E19: Saber o que vamos fazer. Eu assisti há pouco tempo num encontro de trabalho que alguns técnicos referiam que andavam a tirar o trabalho aos outros e não tinham percebido as suas funções e a importância da complementaridade entre os mesmos. Se bem que os cursos também, o que eu estou a reparar é que os cursos estão a utilizar metodologias muito semelhantes à intervenção comunitária sobretudo o de serviço social, as metodologias de trabalho, os autores são muito semelhantes e as metodologias de diagnóstico e intervenção também, posso dizê-lo comparei alguns trabalhos.

I: Fazer a distinção.

E19: O grande problema é quando se cria o curso e quando se criam os currículos do curso, muita atenção que é para depois não se criar estas situações. O pormenor faz a diferença.

I: Na sua opinião e enquanto trabalhador numa IPSS, qual é a importância do educador social aqui nesta realidade?

E19: Bem, posso-lhe falar das duas. Eu tenho gostado muito do trabalho que as jovens estão aqui a desenvolver com os utentes, eu julgo que elas com este trabalho de educação, principalmente da educação cívica, da educação da cidadania, elas estão a fazer um bom trabalho com os utentes porque elas vêm com bons conhecimentos de

práticas e de técnicas de realização de atividades e estão a conseguir junto dos idosos uma boa relação de trabalho, trabalhando sempre com eles, procurando a sua participação, como se pretende, desenvolvendo atividades muito significativas, muito diferenciadas e muito de encontro às suas necessidades. Estão a fazer um bom trabalho, um muito bom trabalho. Há vários trabalhos que elas estão a fazer: pintura, atelieres de intervenção, elaboração de telas, temáticas de cidadania, (direitos dos cidadãos) e outros. Estão a fazer um bom trabalho.

I: E quanto à sua figura profissional? Enquanto interventor aqui a trabalhar?

E19: Enquanto interventor trabalho com tudo o que tem a ver com intervenção social, acabamos por ser muito polivalentes e muito multidisciplinares, porquê? Porque acabamos por trabalhar em várias áreas de intervenção, como gerir recursos humanos, fazer atendimentos, encaminhamentos, realizar diagnósticos sociais, implementar projetos de intervenção de encontro com as expetativas e vivências dos utentes, promover parcerias com a comunidade, promover encontros interinstitucionais e geracionais, "desenvolver" os projetos vida dos utentes, promover o *emporwement* e tantas outras.

I: Enquanto trabalhador aqui numa IPSS, qual acha que é a importância das IPSS's para a sociedade?

E19: Ah extremamente importante.

I: Tanto ao nível político como social…

E19: Então quem é que está mais próximo das pessoas? Quem é que conhece melhor os casos? Nós conhecemos as necessidades de grande parte das pessoas porque estamos no terreno, conhecemos as pessoas, conhecemos a sua realidade e conseguimo-nos aperceber rapidamente da evolução da atualidade das suas necessidades, é essa rapidez com que se dá a resposta de quem está no terreno que é extremamente importante.

I: A profissão tem vindo ao encontro das suas expetativas? A profissão de interventor.

E19: Sim, mas como digo esta quebra do encerramento do curso com o nome original, da não continuidade da especificação de um grau de formação mais elevado na área inicial de formação prejudica-nos.

I: Relativamente ao lar, ao contexto em que trabalha, qual é a principal missão aqui do lar?

E19: A principal missão do lar, é promover intervenções adequadas à população idosa com mais necessidade fomentando um projeto de vida com qualidade, promovendo a autoestima e promovendo essencialmente e sobretudo a auto capacitação.

I: Quais são as valências?

E19: Temos a valência de lar com capacidade para sessenta idosos, centro de dia (10) e para apoio domiciliário (20).

I: A nível da equipa de trabalho. Trabalha em equipa aqui no lar?

E19: Trabalho com duas assistentes sociais e damo-nos muito bem.

I: E conseguem fazer um bom trabalho em conjunto?

E19: É conseguimos, articulamos muito bem.

I: Qual é a sua perceção relativamente ao trabalho que desenvolve aqui com os idosos? Trabalha diretamente com eles?

E19: Sim.

I: Acha que o seu trabalho é importante enquanto interventor aqui no lar e acha que eles têm de alguma forma consciência disso?

E19: Nunca tive essa dúvida, se alguém a teve, eu nunca a tive sobretudo pela amplitude da minha intervenção porque não me limito só àquele trabalho assistencialista e só àquele trabalho de tratamento de documentação técnica mas sobretudo também ao trabalho prático e às práticas de intervenção e quando falo em práticas de intervenção na população idosa falo em praticamente todas aquelas que são possíveis realizar e pôr em prática tendo em vista sempre o bem-estar dos mesmos.

I: E ao nível das suas colegas acha que elas também têm consciência do seu trabalho e destas mudanças que faz na vida dos idosos?

E19: Sim. Nós trabalhamos muito bem em cooperação embora elas sejam duma área que compete diretamente connosco, a área do assistente social pois e eu quando falo

com elas digo “minhas amigas eu estou a falar de intervenção comunitária, social”. Vocês quando falam de serviço social falam de quê? Há muitas semelhanças nas melhorias de intervenção, quando comparo trabalhos e práticas.

I: E nota isso? Nota que a preparação é diferente?

E19: Noto, noto. É só que o curso de serviço social antigamente era um curso virado para o paradigma do assistencialismo e neste momento está também a basear e a fundamentar-se muito no *empowerment* e as semelhanças (sorri) deixam de ser aquelas que já foram e estão muito próximas.

I: E aqui a nível da comunidade acha que a comunidade tem alguma perceção do trabalho que é feito aqui neste lar?

E19: Na instituição? Sim, se bem que aí também estamos a falar do trabalho técnico das direções, não é só do trabalho do técnico. Se as direções forem direções mais fechadas e que não tenham esta abertura para a necessidade de novas práticas e novas intervenções, então aí temos mais dificuldade mas essa questão não se põe.

I: Acha que aqui tem abertura e pode fazer o que se lembra?

E19: Sim, tem, sim. Podemos fazer vários projetos e várias atividades e várias parcerias e protocolos. Estamos a fazê-los com IPSS do concelho e com instituições do concelho, instituições públicas, câmara municipal, centro de saúde e outras.

I: Há algum projeto que esteja a ser implementado aqui?

E19: Neste momento temos o projeto com as educadoras sociais que estão a fazer o seu trabalho de estágio curricular. Tivemos o ano passado um projeto de intervenção na comunidade, esse foi muito significativo e teve a ver com o melhoramento de todo o espaço da instituição. As pessoas da comunidade foram “chamadas” a participar juntamente com os idosos na melhoria da qualidade dos espaços existentes.

I: Sim porque estava-me a dizer que isto foi tudo remodelado e que foi a comunidade que…

E19: Tudo remodelado e requalificado com a colaboração da comunidade, nós fomos ter com a comunidade e a comunidade veio ter connosco e fizemos um trabalho todos

juntos em parceria, uns com os outros e resultou o que está aqui, um ótimo trabalho comunitário, um ótimo exemplo da nossa abertura e da aceitação da comunidade.

I: Dentro da sua atividade profissional o que é que tem contribuído mais para a sua satisfação pessoal e profissional. Há alguma coisa que tenha contribuído especialmente para a sua satisfação?

E19: Sinto-mo bem no meu trabalho, a minha formação técnica, a minha experiência permite-me ajudar o "outro" sempre numa relação de respeito, confiança e cooperação.

I: Na sua opinião o que é que podia ser feito para melhorar algum aspeto da sua profissão? Se há alguma coisa que devesse ser feita.

E19: É como lhe digo, eu acho fundamental que o curso tivesse o mesmo nome, intervenção comunitária e tivesse um mestrado, ou em intervenção comunitária ou intervenção social, como educação social acho que não vamos fazer a diferença que se pretendia inicialmente quando foi criado o curso.

I: Na sua perspetiva, no que tem conhecimento, acha que a educação social é mais para a parte da educação?

E19: Exatamente para a componente não formal.

I: É não formal mas nós também fazer a parte da intervenção…

E19: Temos de especificar, temos de segmentar. Para mim intervenção tem a ver com a intervenção prática em certos e determinados contextos e situações de precariedade, desfavorecimento em que seja necessário esse trabalho "com" as pessoas, para ver a qualidade de vida ou então através de projetos, de implementação de práticas, de medidas que tenha a ver com a revitalização até sobretudo de práticas em extinção, como hábitos, para a valorização daquilo que possa estar em desuso e então aí a intervenção também é extremamente importante. Eu julgo que a educação está mais virada para a educação não formal e outros fins.

I: Eu acho que é só uma questão de nome porque posso-lhe dizer, o meu estágio curricular foi feito num centro comunitário, num bairro problemático de Olhão e o nosso objetivo era trabalhar em parceria com a comunidade e trazer a comunidade ao centro. Então fizemos várias atividades, era um plano de atividades

que tinha desde crianças, em que fizemos atividades para as crianças, até aos jovens, implementámos um projeto de toxicodependência, da prevenção da toxicodependência em que fomos às escolas buscar os alunos, fomos fazer a divulgação e eles vinham. Fizemos atividades a nível de formação para os adultos e fizemos também para os idosos e a meu ver isto não é só educação.

E19: É também intervenção. Mas repare a partir do momento em que lá não tem o nome limita.

I: E o nome diz muito.

E19: O nome também diz tudo, a partir do momento em que lá não tem o nome…você está a ser um educador igual a tantos cursos que há no resto do país e a partir do momento em que tem o nome intervenção alguém sabe, que está do outro lado e que está a ter ali uma pessoa que está preparada não só para educar como também para intervir.

I: Podia ser educação e intervenção e aí íamos para o antigo…

E19: Ah sim…aí já concordamos.

I: Há muita gente que diz "ah és educadora de infância" porque o educador vai muito para aí.

E19: Porque não designaram inicialmente o curso como educação social? Porque no princípio criaram intervenção comunitária e não criaram educação social? Alguém que me responda a isto, porque que não foi criada do princípio?

I: Isso era uma boa questão para fazer a algum diretor ou ao reitor, não sei.

E19: Sobretudo julgo que esta decisão foi já tomada quando já não estava lá o primeiro mentor deste projeto que era o professor K porque ele também cria preparar as pessoas para irem trabalhar para países lusófonos sobretudo com aquelas comunidades mais desfavorecidas, mais pobres, com práticas completamente diferentes e modos de vida em que nós íamos aprender e íamos junto deles fazer a mediação para encontrar ali projetos que fossem uma mais-valia para a sua qualidade de vida e isso era também o objetivo, daí a intervenção. É que quando se falava em intervenção falava-se sobretudo sempre com a ideia de preparar profissionais para trabalhar em qualquer contexto no

âmbito da intervenção e no âmbito da melhoria da qualidade de vida das comunidades aproveitando os seus recursos e potencialidades.

I: Exatamente. Vamos então avançar. Porque é que recomendava esta profissão a alguém? A profissão do interventor? Quais eram os principais conselhos que dava a alguém que tivesse a escolher um curso para ir?

E19. É assim nós queremos melhorar ou não queremos melhorar? Queremos fazer algo junto de? Com? Ou não queremos? É que o paradigma e aquilo que nós queremos fazer é muito importante. Se nós queremos trabalhar no paradigma "com", queremos melhorar a qualidade de vida daquela comunidade e daquelas pessoas, então são projetos de intervenção, passa pela formação daquelas pessoas, passa pela valorização daquelas pessoas, passa por um aumento da autoestima daquelas pessoas, passa por uma ocupação (impercetível) daquelas pessoas e por um melhoramento das competências e aqui não estamos a falar de serviço social somente, estamos a falar de intervenção na comunidade. Se é nessa perspetiva, se o país está disposto a fazer essa intervenção juntamente com os seus organismos e está sobretudo disposto a um trabalho prático para efetivamente mudar a realidade das pessoas, se queremos mudar a realidade das pessoas com as pessoas? Ai aí meus amigos vamos tirar este curso e vamos para o terreno. É um risco como são todos os outros, não temos o conhecimento infelizmente que os outros têm no mercado e também por culpa de quem geriu o curso. Como lhe disse desde o princípio respeito muito os educadores sociais e tenho o maior respeito mas acho que há várias universidades no país a lecionar, eu como fui formado e preparado nesta área da intervenção, é nesta área que eu me sinto à vontade e que eu consigo ter uma maior noção do possível trabalho do interventor.

I: Já estamos quase a terminar. Em relação às caraterísticas que o interventor deve ter quais são as principais que aponta? Caraterísticas específicas.

E19: Eu não fiz aquela cábula não é? Nós quando estamos a estudar temos uma série de caraterísticas teóricas agora estou a falar dessa parte e estou a falar da parte da experiência prática, todavia aponto algumas.

I: Não. As que usa diariamente…

E19: Tem de ser ativo, tem de ser dinâmico, tem de ser um bom conhecedor da realidade onde vai trabalhar, tem de a conhecer fundamentalmente bem, tem de

conhecer as pessoas, tem de conhecer as práticas de intervenção, tem de ter um bom conhecimento a nível da metodologia que vai utilizar e dos conhecimentos técnicos. Deve ser acima de tudo um bom mediador, um excelente mediador, trabalhar na perspetiva do "*empowerment"* com as pessoas, nós vamos trabalhar com as pessoas e vamos trabalhar com a comunidade, vamos trabalhar "com", vamos intervir, vamos para o terreno as vezes que forem necessárias, vamos ouvir as pessoas as vezes que forem necessárias, vamos conhecer a realidade com o maior detalhe e com a maior pormenorização possível para depois poder fazermos uma boa intervenção com as pessoas, sempre com as pessoas.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesse se concorda ou não que devem ser do educador social e porquê. Criativo?

E19: Concordo perfeitamente.

I: Porque é importante para o trabalho?

E19: Tem de ter criatividade porque caso contrário a intervenção fica limitada, descolorida, se não lhe dá criatividade pode à partida ficar aquém das expetativas.

I: Não faz muito?

E19: Não, não faz muito. Pode à partida ficar sem perspetivas de melhoramento da situação não é? Pode morrer pura e simplesmente ali, tem de se encontrar formas, daí que seja muito importante conhecer as pessoas, de ouvir as pessoas, de estar ao pé das pessoas e saber como pode naquele caso e naquela situação intervir, descortinar a especificidade do mesmo, porque cada caso é um caso e cada situação é uma situação.

I: Dinamizador?

E19: Sim também, nós temos de ser dinâmicos. Intervenção é dinamismo (sorri) não é assistencialismo nunca, é dinamismo.

I: Manipulador?

E19: Calma, manipulador respeitando as pessoas. Atenção com esse termo é muito amplo, é muito heterogéneo, sempre no bom sentido da palavra e respeitando as pessoas.

I: Por exemplo em que casos é que usava?

E19: Por exemplo nós podemos manipular as pessoas como? Se alguma vez queremos obter mais alguma informação, mais algum conhecimento que tenha a ver com a melhoria da qualidade da intervenção que estamos a fazer tudo bem. Se vamos manipular para utilizar os dados de uma forma errada, divulgando os dados, não respeitando a confidencialidade, não respeitando a privacidade da pessoa, então aí é complicado e desaconselhável.

I: Aqui no seu contexto de trabalho costuma usar esta manipulação com os idosos?

E19: Às vezes, mas sempre respeitando as pessoas, a sua privacidade e a sua individualidade e confidencialidade.

I: Planeador?

E19: Sim, sem dúvida. Temos de planear sempre ao pormenor, fazer um rastreio abrangente e um mapeamento exaustivo.

I: E autoritário?

E19: Esse termo pode ser perverso e constrangedor, cada caso é um caso e cada situação é uma situação. Se a situação justificar em determinada situação para o esclarecimento de determinadas situações tudo bem, mas sempre com o respeito pelo outro.

I: Pertence a alguma associação neste momento?

E19: Sou presidente duma associação há quinze anos.

I: E qual é?

E19: A Associação de Caçadores dos Cintados que faz um trabalho também comunitário, desenvolvem-se diversas atividades comunitárias.

I: Presidente de?

E19: Associação de Caçadores dos Cintados, sou presidente da associação há quinze anos. Construímos uma sede, temos dois projetos, um projeto de concessão da zona de caça e depois fazemos várias atividades com as pessoas da comunidade.

I: É aqui também?

E19: É na serra de Santa Maria.

I: Tendo em conta este panorama de crise que estamos a atravessar que já se falou um bocadinho, qual acha que vai ser o futuro da sociedade e qual vai ser o papel dos interventores?

E19: Infelizmente, infelizmente estamos a falar de uma situação de crise, de necessidades extremas das pessoas. Estamos a falar de défices não é? Não é só o défice económico, é também o educacional é o profissional, é o défice de formação, da amplitude de conhecimentos, da descoberta "democrática" de oportunidades. É necessário um novo paradigma de intervenção, de participação ampla e de aproveitamento dos recursos e oportunidades, de equidade e justiça social. É necessário haver projetos que levem à efetiva melhoria da capacidade de vida das pessoas e não passa pela atribuição de subsídios nem de medidas a curto prazo, passa efetivamente pela profissionalização dessas pessoas, passa efetivamente pela melhoria da qualidade de vida dessas pessoas a nível da habitação, a nível da educação, a nível da sua própria valorização. É necessário "despertar", agitar as pessoas porque muitas vezes estão adormecidas… esse é o grande papel do interventor e neste caso pelo que me diz também do educador, nós temos de ir agitar, temos de ir mexer com as pessoas, conscientizar, senão não estamos cá a fazer nada.

I: Como é que se vê profissionalmente daqui a uns anos? Vê-se aqui no mesmo sítio a fazer a mesma coisa?

E19: Vamos ver (sorri) depende das oportunidades, eu gosto muito do que faço, gosto muito de trabalhar com os outros, tenho público, tenho utentes, tenho uma realidade de trabalho que pode ser melhorada a cada dia que passa e sinto-me bem. Não se fecham as portas a outros projetos.

I: Se pudesse escolher estava onde? Estava aqui? Estava noutro sítio qualquer?

E19: Sabe todo o ser humano tem muitas vezes a necessidade de trabalhar num projeto diferente, numa área também diferente, mas isso deve ser uma necessidade de todos e eu gosto muito do que faço e sinto que o meu trabalho é muito útil…um projeto diferente dá sempre uma dinâmica diferente, dá um nível de conhecimento diferente, dá uma aprendizagem diferente e dá um maior enriquecimento profissional a qualquer profissional, mas como eu lhe digo também nos projetos que eu desenvolvi na

comunidade, sempre fiz a concessão da zona de caça, eu estava a trabalhar com todos, estava a falar com todos os proprietários e estávamos a fazer acordos e umas vezes lavrávamos os terrenos de uns e outras vezes lavrávamos os terrenos de outros, outras vezes estávamos a constituir zonas de água e estávamos a valorizar os recursos existentes, estávamos a construir novos caminhos, estava a fazer intervenção daí que considero que eu já trabalhei em várias áreas sejam rurais, sejam citadinas, seja de idosos, seja de comunidades mais desfavorecidas, tenho alguma experiência nessa área e sinto-me realizado mas se surgir um projeto novo, nunca se fecha a porta e nunca se diz que não, desde que contribua para um maior enriquecimento profissional.

I: E sempre relacionado com a comunidade…

E19: Com a intervenção. Eu no outro dia passei por um gabinete duma colega de serviço social que dizia "eu amo o serviço social" e agora eu vou fazer um quadro para o meu gabinete e eu vou pôr " eu amo intervenção" eu amo intervenção comunitária! E depois digam qual é as diferenças.

I: Só para terminar, colocava a hipótese de ir para o estrangeiro? Acha que era uma boa hipótese atualmente?

E19: Gostava duma experiência num outro país, sempre gostei muito de uma experiência num outro país com comunidades mesmo desfavorecidas, com meios e práticas e modos de vida "ancestrais" completamente diferentes.

I: Para África?

E19: Sim África, até porque não os países nórdicos? Pedem muito interventores sociais, Inglaterra, Noruega, porque não? Mas eu tinha dificuldade no inglês e agora também já tenho família, é necessário conciliar muita coisa porque depois já não estamos sozinhos e isto muda muito.

I: Pronto da minha parte está tudo, não sei se quer deixar mais algum comentário?

E19: Só lutarmos para sermos bons profissionais e para fazermos a diferenciação entre os outros.

I: Diga-me só a sua idade

E19: 38.

I: E terminou em 2002 a licenciatura?

E19: Sim a licenciatura em 2002 e o bacharel em 1997, fui finalista.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 20

Data de realização: 4 de Maio de 2012

Local de realização da entrevista: Campus da Penha, Faro.

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Vamos começar? Já sabes mais ou menos o que trata o meu estudo não é? É sobre a profissão do educador social no Algarve, agora estou a fazer umas entrevistas e tenho aqui um guião que tem vários blocos. O primeiro bloco é acerca da escolha do curso, porque é que decidiste escolher este curso? Quais foram os motivos que te levaram a escolher este curso?

Entrevistado nº 20: Estás a falar do mestrado ou da licenciatura?

I: Não, da licenciatura.

E20: A licenciatura, a licenciatura teve a ver, eu desde sempre acreditei que o futuro está na educação e inicialmente a minha ideia era enveredar pela educação básica e ser professora do 1ºciclo, porque achava que o futuro estava nas crianças e na educação. Não consegui entrar e à terceira tentativa entrei no curso de educação e intervenção comunitária e como no 1ºano andava, assim, um bocadinho perdida, porque era tudo novo, não é? Tive uma feliz surpresa e pela positiva no 2º ano quando tive a cadeira de educação de adultos e aí tudo fez sentido para mim e portanto a escolha não foi, imediatamente não foi esta a 1º escolha, logo de imediato, embora eu soubesse que o caminho seria pela educação.

I: Huhum. Quais foram as duas primeiras opções? Foi a educação básica?

E20: Foi sempre educação básica, portanto nunca ponderei outra, outra outro tipo de formação para mim (sorri).

I: Quais eram as tuas expetativas iniciais quando entraste para este curso e à medida que foste frequentando o curso, as expetativas que foste formando?

E20: Como te digo não tinha expetativas, propriamente formadas, porque não conhecia o curso, conhecia uma pessoa que estava a frequentar o curso que me falou e por aquilo que me disse gostei, agradou-me o que ouvi pelos conteúdos, pelas disciplinas, enfim e à medida que fui progredindo no curso as minhas expetativas foram crescendo e ao mesmo tempo algumas foram-se logo concretizando, porque percebi, que sem querer fui encontrando o meu caminho.

I: Houve alguma expetativa que tivesse formado durante o curso, que depois quando terminaste, não se tivesse tornado realidade?

E20: Não, eu acho que tanto no curso como em tudo na vida, mas também tem a ver se calhar com a idade com que entrei, convém aqui dizer que entrei com vinte e cinco anos, já era trabalhadora-estudante e se calhar já tinha uma outra perspetiva das coisas, da vida e, portanto já não fantasiava muito as coisas, portanto quando terminei o curso não houve nenhum desencantamento nem houve nenhuma desilusão, porque encarei sempre as coisas de forma muito realista, sempre soube que a educação não era a fórmula mágica que iria curar tudo (sorri) não?

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso? O que é que gostaste mais?

E20: Em primeiro ligar eu acho, acho que no geral gostei de tudo, em primeiro lugar, acho que aquilo que eu vivi, o ambiente que vivia no próprio curso era de muito companheirismo, havia, claro, pessoas que tinham nelas próprias o espírito da competição, mas no geral toda a gente se entreajudava e isso sobressaia e tinha relação direta com a filosofia da área não é? Depois até a forma como os professores nos tratavam, sempre achei que era uma forma muito próxima, principalmente o professor A tenho de o destacar (sorri) é inevitável, mas outros, outros também, mas de uma forma muito próxima e muito de igual para igual, não há cá aquela coisa do "eu é que sei" mas também tive maus exemplos que para mim são maus exemplos, mas pronto os bons exemplos superaram os outros.

I: Ia-te perguntar há pouco, disseste que eras trabalhadora-estudante, o que é que fazias relacionado com a área social?

E20: Não, estive sempre em condição de subemprego e em empregos diferentes durante os quatro anos, só no último ano é que, no último ano? Houve um ano, acho que foi o

segundo ano em que estive desempregada, estive a receber o subsídio de desemprego e estive com a bolsa de estudos, de resto estive sempre a trabalhar.

I: Quais foram os principais motivos de insatisfação em relativamente ao curso? O que é que tu apontas? Há algum motivo de insatisfação que tu apontes?

E20: Eu na altura, a maior insatisfação que eu senti era não haver a modalidade noturna para que eu pudesse frequentar as aulas todas e assistir a todas, independentemente do cansaço que isso me pudesse trazer, mas preferia ter tido essa possibilidade e na altura não havia.

I: Por exemplo, eu antes de fazer esta entrevista, fiz um questionário e fiz esta mesma pergunta e os três principais motivos que apontaram foi o curso não permitir a progressão na carreira, não corresponder às expetativas e não ser reconhecido pelas entidades empregadoras. Concordas com algum destes três ou passam-te ao lado? Como é que…

E20: Olha pegando no último, não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não sei que entidades empregadoras serão essas, que as pessoas responderam, mas daquilo que eu tenho conhecimento é reconhecido e, aliás, educação e intervenção comunitária, ainda há coisa de dois três anos vi um anúncio, não sei se era para a câmara municipal de Olhão, mas era para uma das câmaras aqui do Algarve que tinham uma candidatura aberta para um técnico de educação e intervenção comunitária, portanto, por aí, quer dizer a não ser que seja privado, enfim, por aí não. Os outros dois, eu acho que cada um deve-se fazer valer pelo seu próprio currículo, porque nós frequentamos um curso universitário para nos formarmos obviamente, academicamente falando, no entanto já trazemos connosco alguns conhecimentos que devem ser postos ao serviço das funções, nomeadamente a nossa formação pessoal, e isso tem que se fazer valer, não são os outros que vão reconhecer isso em nós sem nós mostrarmos primeiro, não é? Só depois é que as outras pessoas nos poderão reconhecer.

I: Achas que esta profissão parte de educador e interventor é uma profissão reconhecida, atualmente, no Algarve e em Portugal?

E20: Eu não tenho dados para te dizer que sim ou que não. Da minha ótica eu acho que é algo que se está a construir, percebes? Sei de muitos colegas que estão a trabalhar, sei de muitos outros que estão a trabalhar em áreas que não têm nada a ver com o curso,

infelizmente, mas isto também poderá ser fruto desta conjuntura que nós estamos a viver, porque desde 2007/2008 que estamos num clima de crise mais agravada, não quer dizer que antes desse tempo não houvesse crise, havia, o que é, é que não se falava e não era tão evidente, porque ainda não tinha rebentado a bolha económica a nível mundial, no entanto daquilo que sei, acho que é algo que se está a construir e é com o contributo de todos.

I: A começar por nós.

E20: A começar por nós e se calhar também há pessoas que, isto é como tudo na vida e em todas as profissões, há pessoas que se calhar também não são talhadas propriamente para este tipo de área, se calhar, vêm à procura do curso para terem um título académico e se calhar pode entrar em conflito com a realidade que existe lá fora, porque a gente tem de se desenganar que o facto de ter uma formação académica, não quer dizer que esteja sentadas numa secretária a receber mil e trezentos euros por mês sem fazer outras coisas, não é?

I: Então esse era o primeiro conselho que davas a uma pessoa que quisesse ir para esta área ou falasse em vir para esta área. Era a primeira coisa que dizias? Tens de gostar, tens de querer mesmo, não é só por ir.

E20: Tem de acreditar, essencialmente tem de acreditar, essencialmente tem de acreditar na educação enquanto elemento potenciador de mudança e fundamentalmente tem que ser humilde para perceber que o caminho faz-se caminhando. A gente não pode estar à espera de terminar um curso, tal como a gente quando tira a carta de condução está apenas habilitado para conduzir, não quer dizer que seja um bom condutor, porque não somos, ainda nos falta a experiência de andarmos na estrada. Quando tiramos um curso superior ou outro curso qualquer, nós estamos habilitados a exercer aquela profissão, mas é na prática, no terreno no dia-a-dia com as dificuldades e com as outras pessoas, com colegas que já estão há mais tempo no terreno é que nós vamos evoluindo. Se não houver essa humildade, se a gente achar que sai de um curso com três ou quatro anos de frequência e já sabe tudo, pois aí é um bocadinho mais complicado.

I: Durante a tua licenciatura participavas em atividades extracurriculares?

E20: Não tive essa possibilidade, infelizmente, era só muito as aulas, aquelas a que eu podia vir e basicamente era isso.

I: Não tinhas contato com formações nem com…

E20: Ia esporadicamente a um ou outro seminário mas assim um bocado pela mão de algumas colegas que me estimulavam a participar e, também tinham que ser coincidentes com folgas que eu tinha.

I: Além desta licenciatura em educação e intervenção comunitária sentes necessidade ou sentiste necessidade de mais formação nesta ou noutras áreas?

E20: Sim sinto sempre, sinto sempre. A vida, a realidade está sempre em constante mudança e como eu disse ainda há bocado, nós não sabemos tudo, longe disso e estamos sempre a aprender todos os dias, todos os dias da nossa vida. Portanto aquilo que eu vou sabendo e que consigo ir, normalmente vou e procuro. Fiz entretanto algumas pequenas formações de curta duração, uma delas até que nem tinha nada a ver com isto, era gestão da imagem, era aqui no ninho de empresas, o nome é comprido, mas tem a ver mais com a área de marketing e da imagem empresarial, empresarial ou institucional, mas entretanto acaba por nos dar outras luzes, inclusivamente, por dar aspetos que se calhar um dia nos vão ser úteis e é bom termos várias ferramentas para depois nos fazer valer.

I: Desta necessidade, quais são as principais falhas que tu apontas, o que é que tu precisas mais de aprender ao nível? Por exemplo, achas que era importante haver mais uma cadeira que não tivesses tido que achasses essencial ou uma outra licenciatura que complementasse esta?

E20: Eu acho que, atualmente as coisas já estão diferentes, na minha altura só podíamos estagiar no 3ºano e eu acho que a partir do 2ºano já era mais que benéfico podermos estagiar, porque dá-nos logo uma ideia de como é que as coisas depois vão ser para a frente, faz-nos amadurecer um bocadinho mais, embora eu também saiba que os estágios muitas vezes são muitas vezes encarados por algumas instituições ou por alguns profissionais dessas instituições os estagiários são encarados se calhar como aqueles que vão fazer o trabalho que os outros não querem e que é um pouco mais maçudo. De qualquer das maneiras, são tudo aspetos que a gente tem de passar e tem de aprender com eles, esse é um aspeto que eu acho que é fundamental. Depois outro aspeto que eu acho que seria bom seria à semelhança daquilo que temos tido no mestrado, enquanto estamos a fazer o 1ºano, haver mais seminários e uma diversidade

maior até de temáticas e isso é muito interessante, inclusivamente com pessoas de outros países também, e isso acaba por nos trazer mais-valias e o conhecimentos de outras realidades que nós se calhar não teríamos acesso de outra forma e acho que isso é importante.

I: Agora estás a tirar o mestrado de educação social?

E20: Sim.

I: Porque é que optaste por ir para este mestrado?

E20: Este mestrado vem na consequência, isto é tudo um bocadinho estranho, porque se por um lado eu acho que se calhar teria sido útil fazer o mestrado numa outra área para complementar o meu 1ºciclo, se calhar depois acabei por optar por este, precisamente, para dar continuidade, consolidar se calhar alguns conhecimentos que já tinha através da licenciatura e adquirir novos para conseguir depois transformar em novas competências, porque hoje em dia é necessário. De todas as formas isto acabou por ser uma escolha pessoal e não propriamente profissional ou académica e foi uma altura em que achei que era importante fazer alguma coisa por mim, porque estava parada há muitos anos sem estudar e então achava que tinha de resgatar isto, para voltar a reaprender algumas coisas e foi nesse sentido que acabei por optar por este mestrado e depois, evidentemente, o fator distância e custos teve aqui uma grande influência, porque sendo na nossa Universidade portanto estou em casa e evita-me outro tipo de gastos e estes foram os fatores fundamentais.

I: Neste momento estás a terminar a tua dissertação e qual é o tema da tua dissertação?

E20: O tema da dissertação tem a ver com a área em que estou a trabalhar, tem a ver com o papel que os educadores de adultos têm nos centros de novas oportunidades.

I: Na tua opinião, o que é que podia ser feito para melhorar, por exemplo, o funcionamento geral do curso, do que ainda te recordas ou dos problemas, entre aspas, que sentias na altura. O que é que achas que podia ser feito para melhorar o funcionamento do curso?

E20: Desde aí para cá o curso já sofreu uma reformulação pelo menos que eu tenha conhecimento e há… duas porque depois acho que acabou por…

I: Terminaste em que ano?

E20: Eu terminei em 2002 e acho que no ano a seguir houve logo uma reformulação, foi analisado o plano curricular e essas coisas todas e depois entretanto já ocorreu a mudança do curso para educação social e com essa mudança, obviamente que mudaram muitas cadeiras e, portanto agora é um bocadinho difícil responder-te a esta pergunta, porque as coisas já estão bastante diferentes.

I: Por exemplo, ao nível das atividades que o curso organizava no teu tempo, o que é que achas que é importante falar aqui. Alguma atividade que era muito importante ou que tu aches que devia ser melhorada ou vendo a realidade atual do curso, tens informação de alguma atividade que haja ou achas que não há nada. Como é que fazes esse balanço?

E20: Eu não tenho condições de fazer esse balanço, porque em primeiro lugar, como te disse eu era trabalhadora-estudante, portanto não estava muito tempo cá na Universidade. Depois, o que está a acontecer agora também me foge um bocadinho ao conhecimento, porque como imaginas eu estou a trabalhar e estou a fazer a dissertação, por isso estou um bocadinho afastada, no entanto eu acho que há atividades, há um que eu considero que é muito importante e que tem de continuar a acontecer que é o seminário que é organizado todos os anos pelos próprios estudantes do curso de educação social. Esse seminário acaba por agregar estudantes de três áreas ou três cursos, mas que no fundo trabalham todos nas áreas sociais e humanas, é um encontro feliz de vários saberes que depois nós próprios temos de nos encarar como trabalhadores e sempre inseridos em equipas multidisciplinares.

I: Estás a falar do seminário de mestrado?

E20: Sim, do seminário de mestrado.

I: A nível da qualidade dos docentes? Tens alguma coisa a apontar? Já falaste um bocadinho que tiveste docentes que foram bons para ti.

E20: Sim.

I: Há algum que não tivesse sido assim nada bom?

E20: Sim, houve. Houve um professor que tinha, para já era alguém que estava muito ligado a um método de ensino muito, como é que eu hei de classificar? Muito díspar de todos os outros professores que nós tínhamos. Era alguém que, já não está cá, felizmente, para o curso e alunos que depois vieram a seguir a nós, mas era alguém que achava que ele é que tinha sempre razão e só aquilo que ele dizia é que poderia ser a última palavra e portanto não havia liberdade, não havia propriamente condições para nós podermos sugerir que ele fizesse as coisas de outra forma, portanto aí, esse está falado e já não está cá e não vale a pena falar dele. No geral não te posso estar a particularizar muito, aquilo que eu quero dizer é que se me perguntares qual é o perfil que eu acho que um professor, principalmente, neste curso, independentemente de ser um curso universitário ou não, deve ter, eu acho que deve sempre procurar o diálogo com os alunos, não é? Mas ao procurar o diálogo com os alunos deve continuar a manter a tónica na exigência, porque não deve fechar os olhos a situações que às vezes se passam e aqui estou a falar, nomeadamente, de plágio, de situações de plágio que descredibilizam os outros alunos que naturalmente se esforçam, que investigam, que estudam e que todos os dias dão o máximo para serem melhores e para saberem um bocadinho mais e depois acabam por ficar com uma imagem queimada e da própria instituição e portanto acho que os professores têm aí uma responsabilidade acrescida em fazer com que essas coisas não aconteçam.

I: E a nível da formação recebia, também estás satisfeita?

E20: Agora?

I: Na licenciatura.

E20: Estou.

I: Achas que tiveste uma boa formação apesar de um ou outro caso?

E20: Sim, apesar de um ou outro caso, mas isso faz parte, não é? A gente tem que pensar que isso tudo faz parte, há sempre o reverso da medalha em todas as situações, portanto isso faz parte e está resolvido e está posto para trás. O resto, o que é curioso e acabou por ser interessante e acabei por compreender isso melhor agora, aqui no mestrado, porque este professor era um professor de métodos de investigação em ciências sociais e humanas, no entanto, este professor nunca falou dos métodos qualitativos, apenas e somente focou os métodos quantitativos, logo, estás a imaginar

que quem não tinha muitas bases de matemática ou de estatística teve ali um mau bocado, pronto, foi o meu caso e, portanto, também não nos deu a conhecer outras possibilidades que havia de podermos fazer a investigação e agora com esta formação que tenho estado a ter acabo por perceber que de facto ai tive um *handicap* na minha formação, foi cortada a hipótese de eu ter acesso à outra via não é? Não quer dizer que pudesse ser somente uma ou somente outra, eu acho que são bastante necessárias e são muito úteis em conjunto, mas realmente essa parte falhou e falhou de uma forma muito feia. De resto, não posso pôr a responsabilidade naquilo que eu possa sentir falta na minha formação, não posso pôr essa responsabilidade nos professores, porque eu também não tinha muita disponibilidade para cá vir e tentei o melhor que pude e consegui dentro das minhas limitações horárias.

I: Achas que houve algum professor que te tivesse prejudicado por seres trabalhadora-estudante?

E20: Não, prejudicada não. Houve talvez alguns que tiveram menos compressão, mas eu também compreendo, porque se um professor está a fazer aquilo que tem de fazer e muitas vezes também ele próprio se sente limitado ou constrangido, porque o aluno depois não consegue responder na totalidade não é? E isso, pondo-me um bocadinho no lugar do outro, hoje compreendo isso de uma forma muito mais ampla, naquela altura custou-me (sorri).

I: Desde que terminaste a licenciatura até agora, qual tem sido o teu percurso profissional?

E20: Olha na minha área, na nossa área não tem sido muito diversificado, de todas as formas, comecei em 2005? Sim, porque entretanto continuei a trabalhar em subemprego, porque assim que acabei o curso não consegui arranjar trabalho e então comecei a enviar currículos e como estava empregada e efetiva já, mantive-me por lá até conseguir a possibilidade de sair e depois então surgiu essa possibilidade em finais de 2004 para eu ir iniciar no dia 1 de Janeiro de 2005 e eu aceitei prontamente, não é? Esse primeiro trabalho foi para as equipas de rua do MAPS e do IDT na altura, era um projeto conjunto e foi uma experiência que durou nove meses, não me foi possível continuar porque as verbas destes projetos chegam tarde e, portanto havia ordenados em atraso com três meses, às vezes quatro e portanto estava-se a tornar insuportável e eu

tinha todas as despesas inerentes que uma pessoa tem quando vive sozinha, não é? Pronto e aí tive mesmo que abdicar, porque já estava no limite e não conseguia mais.

I: Que tipo de funções é que fazias?

E20: Eu aí fui exercer funções de técnica de psicossocial e o que nós fazíamos era andar de terra em terra num gabinete de atendimento móvel a prestar, a fazer educação para a saúde e a prestar esclarecimentos, a fazer acompanhamento e às vezes encaminhamentos para instituições de saúde, a toxicodependentes a trabalhadores do sexo, a sem-abrigo, a imigrantes ilegais, portanto os considerados grupos marginais e com que aprendi muito, devo dizer. Lembro-me ainda hoje das caras, dos nomes, das histórias de vida de muitos deles com quem contactei e foi uma experiência bastante enriquecedora e digo e continuo a dizer que tenho muita pena de ter deixado, mas é muito violento, porque é um submundo que nós não vivemos não é? Não temos muita noção do que é estar ali e daquilo que as pessoas têm de fazer para sobreviver naqueles submundos. Essa foi a minha primeira experiência. Não sei se queres saber mais alguma coisa sobre isso?

I: Sim. Depois?

E20: Pronto depois a seguir disto fui trabalhar para aquilo em que estou hoje que se tem vindo a alterar um pouco.

I: Começaste em 2006?

E20: Em 2006, sim, como técnica ou profissional de RVC, de reconhecimento, validação e conhecimento de competências, em Lagoa num centro RVCC, na altura ainda era assim que se designava, integrar uma equipa pioneira no centro que estava a arrancar e que foi igualmente um gosto enorme ter integrado aquela equipa ter sido uma das alavancas do arranque do projeto, mas não foi nada fácil, porque era longe, a distância, era muito complicado todos os dias ir para Lagoa e voltar, muitas horas de trabalho por dia, a adaptação a um trabalho novo, uma função nova, ter de aprender tudo, a fazer, não é? Através também da autoformação, porque também ia estudando, evidentemente que previamente tivemos formação aqui na Universidade, porque o centro era promovido pela Universidade do Algarve e, portanto, aí tivemos o privilégio de ter tido formação interna com o António Fragoso e com a Rossana Barros na altura que eram os diretores e coordenadora do centro. A experiência durou até 2008 e foi

intensa, muito intensa em todos os sentidos, não só pela carga horária que exigia, pelas pessoas que atendíamos diariamente, pela distância, mas fundamentalmente pelas histórias de vida. Muitas delas eram prazerosas de ler, mas a maioria eram muito pesadas e lidar com estes aspetos de cariz mais psicológico e emocional é um bocadinho complicado e eu ao início até dizia "nós nunca sabemos até onde é que podemos ir, nunca sabemos se estamos a dar de mais ou de menos", quer dizer encontrar ali um meio-termo entre a pessoa que sou e a técnica que tinha que ser, foi difícil encontrar ali um equilíbrio. Não estou muito certa de o ter já encontrado, de todas as maneiras vou continuando a tentar, porque não consigo encarar a profissão de forma técnica, percebes? Porque eu estou a trabalhar com pessoas, não estou a trabalhar para elas e se estivesse a trabalhar para elas o meu lado humano nunca se poderia ocultar, desligar, porque senão não teria sentido, pelo menos para mim não teria sentido, não seria genuíno e isso exige muito de nós em termos emocionais. Nós também somos pessoas, também temos os nossos problemas, temos os nossos dias não é? Os nossos estados de espírito e nem sempre estamos em condições, mas temos de estar e aí nesse sentido considero que tenho conseguido ser profissional, mas não técnica porque quando encaras o trabalho de uma forma técnica acaba por haver ali uma barreira, tenho conseguido ser profissional, ou seja, desligar a minha parte pessoal, e os meus problemas ficam lá fora, ali estou para aquilo ou para aquela pessoa e isso não é fácil.

I: Depois de 2008?

E20: Depois de 2008, houve a possibilidade, com a expansão da rede abriram uma série de centros no Algarve e, portanto houve a possibilidade de concorrer para outros centros mais perto de casa e foi o que fiz, disparei em várias direções e acabei por ficar em Loulé e então pronto estou lá desde 2008. Tem sido uma experiência diferente, porque ali estou a trabalhar num centro que é promovido por uma escola secundária portanto os meus colegas são maioritariamente professores do ensino formal e estando nós numa atividade que se insere no âmbito não formal da educação de adultos e por vezes surgem alguns conflitos de desentendimento, no entanto temos conseguido ir andando.

I: Em Lagoa foste colega da Sara?

E20: Sim, sim.

I: Estive a entrevista-la na semana passada e ela também me falou nisso. Relativamente ao salário, desde que começaste a trabalhar no projeto do MAPS até agora tens notado que houve alguma alteração? Tem aumentado, tem diminuído, tem-se mantido?

E20: Não, aumentou, porque eu nas equipas de rua ganhava um valor e aqui ganho outro não é? Aliás fui ganhar um valor para Lagoa que se manteve em Loulé até o ano passado, salvo o erro, entretanto houve já alteração na tabela salarial dos funcionários públicos, portanto dos técnicos profissionais porque também houve uma mudança na… já não há o técnico superior de primeira, de segunda e aí já recebi uma redução de vencimento e também tem a ver com esta questão da dificuldade económica que todos estamos.

I: Neste momento, estás satisfeita com o teu salário ou achas que corresponde ao trabalho que desenvolves?

E20: Estou, sim, sim, acho. Não sou de todo mal paga, nem pensar, há colegas meus que eu tenho a certeza que ganham bem menos que eu e neste momento não estou com a mesma carga horária que fazia em Lagoa, portanto, considero que aqui houve um ganho em termos de …

I: Equilíbrio.

E20: Equilíbrio sim. A carga horária e vencimento considero que melhorou nesse aspeto, também, porque houve uma redução das despesas e consigo poupar mais, não quer dizer que consiga poupar muito, mas consegue-se poupar mais, porque para ir para Lagoa despendia de muito dinheiro em combustível e houve uma altura em que os combustíveis estavam pela hora da morte (sorri) como se costuma dizer e aí era muito dinheiro do meu salário que ia para a gasolina, neste caso gasóleo, e para alimentação, portanto acabava por não ser assim muito compensador. Era compensador, principalmente, pela realização profissional e pessoal que eu sentia naquilo estava a fazer e por isso também me entreguei tantas horas, porque nós lá não tínhamos um horário definido, tínhamos a nossa agenda e íamos gerindo o nosso horário de acordo com a nossa agenda o que às vezes é perigoso, porque aí nós esticamos um bocadinho mais a corda, marcamos sempre mais pessoas, encaixamos sempre mais uma ou duas pessoas para aquele dia porque pronto. Aqui já a coisa funciona de outra forma.

I: Já referiste que quando foste trabalhar para os centros novas oportunidades tiveste de receber formação aqui da Universidade específica para aquele trabalho, de qualquer maneira, na tua opinião a formação que recebeste na licenciatura estava de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? Com as opções laborais que existem…

E20: Pois, vamos cá ver se eu consigo pôr isto de uma forma simples. A formação que nos foi dada, ela era adequada não é? Mas mais uma vez volto a dizer, a tónica tem de estar em nós, aquilo que nós fazemos com a informação que nós recebemos, porque aquilo que nos dão em termos de formação na Universidade nunca é suficiente, se nós não a aprofundarmos, nunca é suficiente se nós não formos à procura de saber mais, por nós próprios, portanto aquilo que nos ensinaram, que nos transmitiram, era adequado. Agora há outro aspeto que é saber se as instituições estariam recetivas a este tipo de práticas não é? A maioria delas, provavelmente, até nem estava. Numa fase inicial, porque se a gente pensar o curso até nem tem assim tantos anos aqui no Algarve, portanto se calhar não foi propriamente satisfatório para uma grande parte das pessoas, porque tenho conhecimento que muitas colegas minhas dos primeiros anos foram trabalhar para as câmaras municipais, mas com tarefas de assistente social, muito conotadas com o trabalho social, de assistente social e isso acaba por desvirtuar aquilo que tu recebeste, mas lá está, acho que aí também cabe a postura de quem está, "ok puseram-me a fazer isto, mas eu posso também tentar fazer coisas diferentes nem que seja um bocadinho à margem, hoje vou sugerindo uma coisa, amanhã sugiro outra, vou planeando uma atividade diferente para tentar", percebes? Cabe um bocadinho a nós termos esta ousadia, porque se nós não nos afirmarmos por nós não podemos estar à espera que nos deem tudo. "Ok, acabaste o curso, estás empregada, agora tens aqui um gabinete só para ti, tens uma secretária", não funciona assim, quer dizer, pode até funcionar, mas depois acabas por ficar, vais ficando, vais fazendo aquilo e não inovas, não funcionas, entendes?

I: Um dos aspetos que o curso pretende ou supostamente tem a função de preparar para o mercado de trabalho é o estágio curricular. Na tua opinião e no teu tempo, perguntando assim, o estágio curricular era bem estruturado e bem preparado para a preparação dos alunos e para a inserção dos alunos no mercado de trabalho.

E20: É assim, daquilo que me lembro o estágio era bem preparado e até fomos nós que o propusemos. O que aconteceu, se a memória não me falha, foi que nós, na altura, ficámos com poucas possibilidades já de escolha dentro do leque que havia e, portanto, não estagiamos numa instituição, estagiámos numa comunidade que é um bocado diferente, ainda por cima uma comunidade rural, pronto e que tinha uma estrutura física que nós aproveitámos para tentar dinamizar, porque já que tínhamos um espaço íamos tentar partir dali, tornou-se interessante mas foi bom, e até aquilo que funcionou mal lembro-me que foi muito bom para nos mostrar que aquilo que nós idealizamos e que temos sempre de ter um plano B e porque aquilo que nós estruturamos de uma maneira não pode ser assim tão estruturado e não pode ser fechado, de novo, estamos a lidar com pessoas e o primeiro choque que nós sentimos foi a falta de pessoas, porque as pessoas não vinham ter connosco, nós tivemos que ir ter com elas e até chegarmos a esse ponto foi um caminho um bocadinho difícil e um bocadinho longo e depois perdemos tempo, obviamente, mas foi muito útil nesse sentido, deu para ter uma noção do que é que se deve fazer na aproximação ao terreno, trabalho extra-horário de estágio, porque tivemos de ir para lá aos fins de semana, tivemos de ir à missa, tivemos de falar com o padre, tivemos de ir às atividades dos escutas, porque eles tinham lá, tinham lá um pequeno agrupamento e, pronto, tinham lá atividades que acabavam por envolver também familiares dos miúdos e foi dessa forma que aos poucos e poucos fomos conseguindo chegar às pessoas, mas nunca numa grande adesão.

I: Referiste no início da entrevista que estiveste ainda uns quantos anos a trabalhar fora da área. Quais foram as principais dificuldades que encontraste quando andavas à procura deste primeiro emprego na área?

E20: As principais dificuldades que eu encontrava tinham sempre a ver com a questão da experiência, porque era um bocado aquela questão da pescadinha de rabo na boca, se tu não tens experiência não te contratam, mas se não te contratam tu não adquires experiência não é? Então andava um bocado perdida neste ciclo vicioso e estas foram as maiores dificuldades que eu senti, que era eu estar a tentar e não estar a conseguir e era bastante frustrante e o desânimo, por vezes, era muito grande, mas aquilo depois, o que me mantinha com algum alento era pensar que eu não tenho de estar a trabalhar num sítio para promover e para desenvolver atividades ou ações por muito pequeninas que possam ser de educação de adultos e, portanto, no sítio onde estava tentava fazê-lo.

I: O que é que fazias?

E20: Eu estava a trabalhar no escritório do aeroporto nas lojas, no Duty Free, dantes era o Duty Free Shop e era muito frequente as minhas colegas, as promotoras que são muito ligadas a perfumes e cosmética e não sei quê e que normalmente a gente tem uma ideia de que são pessoas muito fúteis, porque só ligam a bens de consumo e aquelas coisas todas e então elas ao fim de semana quando eu estava sozinha no escritório iam, tinha quase sempre o escritório cheio de colegas, porque elas sentavam-se lá muito a conversar comigo e aquilo que eu fazia era através de conversas, sem que elas se apercebessem, ia por um lado explicando o que é que era o meu curso, em que é que consistia, o que é que era a educação de adultos, essas coisas assim e elas iam estando mais informadas e ao mesmo tempo fazia às vezes coisas do género, às vezes deixava uma frase na casa de banho para elas refletirem, porque é um sítio onde todas íamos e às vezes era interessante, porque já sabiam que era eu (sorri) mas era interessante, porque são pequenas frases que levam às vezes a questões de cidadania as pessoas no dia-a-dia esquecessem-se que num sítio que é de todos e que às vezes passam muitas horas juntas e que às vezes há atropelos, há aspetos que roçam ali um bocado a maldade e esquecem-se de pensar no outro, de se colocar no lugar do outro e às vezes ia fazendo estas coisas assim, uma aqui, outra ali, e as pessoas iam-se apercebendo e então já as relacionavam comigo e depois discutíamos sobre isso, falávamos sobre essas coisas, sobre essas atitudes e não sei quê. Se teve efeito se não teve? A longo prazo não te posso dizer, porque isso depois cabe a cada um se quer manter a mesma postura, a mesma atitude ou se quer alterá-la, mas que pelo menos no imediato tinha ali algum efeito, sim, e portanto isso dava-me alento para continuar (sorri).

I: Na tua opinião, a presença de educadores socias nas várias instituições é importante.

E20: Eu acho que sim, eu acho que sim e cada vez mais.

I: Porquê?

E20: Porquê? Porque eu acho que as pessoas estão muito, isto tem a ver, se calhar com uma questão geracional, a minha geração se calhar nem tanto, mas a geração do meu sobrinho que tem 22 anos hoje, se calhar apanhou ali um período de tempo que tudo era fácil, tudo era dado, tudo era descartável, tudo era de consumo rápido e quando digo

tudo era tudo e se calhar é fundamental que haja um elemento que possa levar de alguma forma a desenvolver atividades que levem as pessoas a refletir sobre a sua própria condição e a condição de estar com os outros, inserido numa sociedade e com o mundo, na sua globalidade, porque nós não nos podemos isolar dos outros, não devemos, em primeiro lugar, mas não podemos, é um facto, um homem não é uma ilha portanto tem que estar aberto aos outros e é aí que acho que um educador social pode ter, pode e tem um papel fundamental, mas de novo te digo, tudo isto é muito relativo, aquilo que te estou a dizer Rute, porque não só depende da instituição em que o educador social está porque muitas delas não permitem determinado tipo de atividades, mas fundamentalmente deve pesar sobre o educador de adultos, o educador social, quem ele é na sua essência e assumindo-se também, porque ainda está a desenvolver-se e a aprender e tem que ter a humildade acima de tudo. Acho que, isto é a minha convicção, eu acho que nós só podemos desenvolver bem uma atividade ou uma profissão ou o que for, se nós tivermos esta postura de eternos aprendizes.

I: Gostavas de trabalhar um dia numa IPSS?

E20: Gostava, eu gostava de trabalhar em vários sítios, digo-te já (sorri) gostava de trabalhar em vários sítios e com vários públicos, porque acho que faz-me falta enquanto pessoa e profissional que se está a desenvolver ter um contato muito diversificado com as várias valências e facetas que a vida nos oferece, embora as instituições me causem sempre algum transtorno mental, porque acho que são estruturas sempre um bocadinho rígidas e as coisas têm de ser ali por aquela linha, não pode ser de outra maneira ou então porque têm aqueles projetos e depois os projetos como são financiados têm de te aqueles objetivos atingidos, caso contrário, estás a perceber? Eu estou um bocadinho farta disso, e digo-te sinceramente, eu Núria, aluna de mestrado de educação social digo-te aqui honestamente, o meu desejo mais profundo é que a educação voltasse à origem, à educação popular, isso para mim seria o meu maior sonho se isso se concretizasse porque a educação pode ser feita em qualquer espaço, em qualquer momento e com qualquer pessoa, não tem que estar circunscrita a uma instituição e a um programa ou um projeto, não pode, isto é deixar tudo o resto de fora, isto é extremamente redutor e portanto, mas apesar disso gostava de ter uma experiência de trabalhar noutras instituições e com vários tipos de público, mas aquilo que eu gostaria mesmo era que houvesse de novo associações de desenvolvimento local que pudessem

apostar de forma livre, espontânea numa educação de outro tipo, mais, mais, a educação popular pronto, ponto final parágrafo.

I: Então se pudesses escolher onde trabalhar era isso que escolhias?

E20: Era, era, decididamente, porque há tanto que se pode fazer e com muito pouco, não é preciso haver fundos comunitários, milhões e milhões de euros para quê? Quando se pode fazer muito mais com menos e se calhar coisas que podem fazer a diferença na vida daquelas pessoas e na nossa, inclusivamente, mas isto é um bocado a Núria utópica a falar (sorri).

I: Falando agora da importância do curso para as escolas. Estás inserida numa escola, estás lá dentro, mesmo não pertencendo àquilo e qual achas que é a importância dos educadores nas escolas, tanto nas secundárias como nas outras dos jovens e das crianças mais novas. Achas que é importante e porquê?

E20: Acho que é fundamental e acho fundamental que se articulem com os psicólogos desde que os psicólogos não sejam profissionais que estejam lá já há muitos anos e isto é um defeito que acontece muito quando as pessoas estão há muito tempo num sítio, porque depois acomodam-se e acham que já não vale a pena fazer, mas se forem psicólogos dinâmicos, interventivos, lá está a postura de cada um, outra vez, não posso fugir disto, mas se forem psicólogos que sejam pessoas realmente preocupadas em fazer alguma diferença, acho que sim, é fundamental para também tentar articular a família, abrir as portas um bocadinho da escola à família numa outra perspetiva, porque normalmente a família quando vê as portas da escola abertas significa duas coisas, muito provavelmente, ou é para ir ver as boas notas dos filhos ou é para ir resolver os problemas causados pelos filhos. Acho que a mentalidade já se foi alterando um bocadinho, mas regra geral é isto, dito assim de uma forma muito leve a regra geral é isto e acho que o educador pode promover ali uma ligação entre a escola e a família e até outras instituições, se calhar até arranjar forma de outras atividades poderem ser desenvolvidas paralelamente às atividades escolares e que possam fazer com que os alunos, sem distinção, não têm somente de ser com os alunos mais problemáticos, deve incluí-los fundamentalmente, mas não têm de ser só para os alunos mais problemáticos.

I: A profissão vai ao encontro às tuas expetativas?

E20: A profissão qual profissão?

I: De educadora social, educadora comunitária.

E20: Olha por aquilo que tenho estado a fazer neste momento, ou melhor, até este momento, não tenho muita possibilidade de fazer aquilo que eu acho que deveria ser feito, vou fazendo conforme consigo, ou seja, assim de lado sem que ninguém dê muito por isso vou fazendo umas coisas diferentes com os adultos, com os grupos de adultos com que trabalho e também com os meus colegas, porque muitas vezes a questão da mentalidade não é? As pessoas estarem muito presas a um determinado ponto de vista é muito complicado, tu depois fazeres as coisas de outra forma portanto tenho tentado, mas não tenho grande margem porque isto é um sistema um bocado fechado e extremamente controlado, portanto não tenho muita forma de fugir, nem posso, sob pena de ser bastante penalizada (sorri).

I: Quais são… neste momento estás a trabalhar no centro novas oportunidades da escola secundária de Loulé.

E20: Exato.

I: Estás como formadora ou profissional?

E20: Profissional de RVC.

I: Como profissional, quais são as tuas principais tarefas ou atividades que desenvolves no teu trabalho?

E20: Portanto, as minhas principais tarefas são o acompanhamento dos adultos numa primeira fase em grupo e depois individualmente, portanto os processos que as pessoas vão desenvolvendo. Este é o elemento chave, no entanto há muitas outras tarefas que estão paralelamente ligadas e que fazem com que este acompanhamento seja viável e entretanto também é assim, desde que eu comecei até agora, esta função já sofreu aqui algumas alterações, não são muitas, mas acho que aquelas iniciais têm algum peso. Inicialmente nós é que fazíamos as entrevistas aos adultos, nós é que constituíamos os grupos e é que percebíamos se as pessoas tinham ou não condições, perfil para fazer o processo, se tinham necessidades formativas, tinham de ir primeiro fazer ações de formação e só depois é que podiam integrar o processo, atualmente não é assim, com a reconversão e com a mudança para o centro novas oportunidades, funciona como, há uma primeira fase que é a fase de diagnóstico que era o que te estava a dizer e que é

feita por uma colega minha e a partir do momento em que ela constitui os grupos, então é que nós começamos a nossa função com elas, portanto é no fundo perceber quais são as maiores dificuldades que aquela pessoa tem, o nosso trabalho centra-se, maioritariamente na autobiografia ou na história de vida daquela pessoa e, no entanto, nunca deixar de usar isto como potência chave e tentando estabelecer pontos para reforçar o trabalho que os formadores vão fazendo numa fase à posterior. Para além disso temos um trabalho burocrático muito grande e técnico também, tem a ver com a questão de inserção dos dados na base de dados que temos a nível nacional que é o SIGO, temos depois os nossos próprios ficheiros informáticos na nossa área de trabalho que tem de estar constantemente atualizada, temos também uma plataforma de moodle que também tem de estar constantemente a atualizar e nós temos de facto formar os grupos lá e tudo isto consome imenso tempo. Além de que temos os atendimentos que vamos fazendo com as pessoas, as sessões de grupo que vamos desenvolvendo com elas e que de vez em quando lá conseguimos inserir mais uma sessão para fazermos uma atividade diferente, do tipo quando eu consigo e estou um bocado mais aberta, levar um vídeo qualquer daqueles que a gente recebe às vezes por *email* e fica a pensar "olha que interessante, isto de facto dava para estimular um debate ou pôr as pessoas a pensar sobre isto ou sobre aquilo" e às vezes consigo, digo ao meu coordenador que preciso de mais uma sessão, porque quero fazer as coisas de uma forma um bocadinho mais espaçada e lá consigo inserir mais uma sessão ou a meio da fase de reconhecimento para poder fazer este tipo de trabalho.

I: Ao nível de…?

E20: Ah faltou-me ainda dizer desculpa, também são as profissionais de RVC que organizam, preparam toda a sessão de júri, fecham o processo na base informática do SIGO, fazem as atas de júri e ainda as arquivam.

I: Muito trabalho burocrático.

E20: Muito, muito.

I: A nível do teu contexto de trabalho falaste há pouco do facto de não teres muita abertura. Esta abertura é da parte da escola? É da parte do teu coordenador?

E20: Esta abertura é uma escala macro, não tem a ver com aquilo que se passa localmente, da parte daqui deste centro eu tenho abertura, porque há um diálogo sempre,

até porque eu não sou pessoa de sentir uma dúvida ou ter uma necessidade e ficar calada, não me manifestar, portanto nunca tive nenhum problema desse tipo. O que eu acho é que o próprio sistema em si está muito fechado, isto não era para ser assim e progressivamente foi evoluindo no mau caminho, desde logo porque o paradigma que está subjacente a isto, o da aprendizagem ao longo da vida, pois não deixa margem para dúvidas e portanto é certificar, certificar, certificar e certificar e muitas vezes deixa-se de lado outros aspetos que para mim são mais importantes. O facto de eu sempre certificar poucas pessoas pode ser visto de várias perspetivas e na minha perspetiva é um orgulho, mas também nunca fui questionada por isso na minha escola, quer dizer, na minha escola, diretamente pelo meu coordenador, não é?

I: Falaste que a missão ou objetivo do trabalho é certificar e a tua missão enquanto profissional e enquanto educadora social qual é?

E20: A minha missão é ajudar a que os adultos tomem consciência de quem são, não só em termos das potencialidades que trazem, mas fundamentalmente das limitações que têm e que muitas vezes não têm consciência disso e esse é um trabalho que não se consegue em pouco tempo. Vou pegar na área de cidadania, por exemplo, e não vou dizer o resto da área porque a empregabilidade e a profissionalidade para mim não me interessam para nada, quer dizer, interessam, faz-nos falta, seria uma irresponsabilidade a gente não pensar nisso dessa fora, mas a cidadania, para mim, é uma área que é transversal, para mim e para toda a gente, é uma área transversal e é uma área fundamental, eu diria não é? E é através da área da cidadania que eu acho que se poderiam fazer, desenvolver atividades brutais que pudessem ajudar as pessoas a criar uma consciência de si próprias, porque muitas vezes as pessoa dizem coisas e não têm noção que aquilo espelha, às vezes é mesmo maldade da pessoa, mas outras vezes são contingências da própria vida que as pessoas nem têm essa noção, não relacionam, não refletem sobre isso, não se apercebem que estão assim porque se calhar houve um percurso para trás que as fez tornar-se assim e enquanto as pessoas não atingem este ponto, que não é tão simples assim, as pessoas não desbloqueiam, não conseguem alterar este caminho não é? E eu acho que isso era, por exemplo, há um outro aspeto e que tem a ver com questões de cidadania e tem a ver com a formação pessoal de cada um, a mim não me passa pela cabeça marcar o que quer que seja com alguém e não avisar quando não posso ir, a não ser que eu esteja mesmo impedida de o fazer, de todas a formas, mas eu sei que o facto de eu não comparecer a algo que eu combinei, seja de

lazer ou seja do que for, eu sei que isso pode constranger a vida da outra pessoa, porque se calhar deixou de fazer isto ou aquilo para estar ali naquela hora para me atender, certo? Pronto, o que se passa com os processos de RVC na esmagadora maioria? As pessoas não sei se não levam a sério ou se acham que é indiferente estar ou não estar, porque não têm consequências de maior, portanto "quer eu vá, quer eu não vá ninguém me diz nada", não é? Então o que se vê muitas vezes é que as pessoas faltam e nem sequer contactam o centro e a profissional que os acompanha para dar a mínima satisfação, "olha não pude" ou "surgiu um imprevisto", nem precisam de entrar em detalhes, o mínimo de consideração por quem está a trabalhar com elas não é? Até porque se marco uma hora com aquela pessoa eu não estou a marcar com outra que se calhar precisa e eu muitas vezes, o que é que eu faço? Faço exercícios de desmontagem nas sessões, ponho as pessoas no papel contrário, devolvo-lhes a responsabilidade para que elas tenham perceção que o ato que nós temos ou uma palavra que nós proferimos tem sempre consequências, para o bem ou para o mal e portanto, uma das coisas que eu lhes digo logo e acho que o estimular a autonomia acaba por ir neste sentido, uma das coisa que eu lhes digo é "eu não vou andar atrás das pessoas que não vierem às sessões ou aos atendimentos, mas vou marcar com todo o prazer aqueles que as pessoas têm necessidade de ter", portanto, não vou ser só eu que vou telefonar e dizer, olhe não quer ter um atendimento? Não está a precisar de apoio neste momento ou está com alguma dúvida, como é que isso está a correr", eu posso fazer isso esporadicamente, mas só se sentir que a pessoa de facto tem interesse naquilo que está a fazer, de contrário eu sugiro sempre às pessoas que quando sentirem dificuldades que nos contactem, porque senão nós estamos a colocar tudo nas nossas mãos e não é, quando eu acho que em 100% de trabalho, 50% é para o lado da equipa e 50% para o lado do adulto. Estamos a trabalhar com, não para, é a diferença e portanto aqui também há uma certa dificuldade da equipa e das equipas, no geral, compreenderem esta postura e assumirem esta postura e portanto, muitas vezes acontece que as pessoas " também se eu não fizer aqui olhe posso ir para outro centro", quer dizer, agora com o fecho dos centros está mais difícil (sorri).

I: A nível de projetos, há algum projeto neste momento no centro de Loulé?

E20: Não, para além do desenvolvimento dos processos de RVCC ou de outros projetos que haja na escola, no nosso centro paralelamente com isto não. Tivemos um projeto que se chamava novas oportunidades culturais e que era dinamizado pelas formadoras

das áreas de CLC de nível secundário e da área de LC do básico e, portanto, iniciou-se com o visionamento de um filme, seguido de debate e teve até bastante adesão, depois fez-se uma segunda atividade, uma sessão de leitura, mas aí já compareceram muito menos pessoas, também seguida de debate e depois, entretanto, houve a mudança de uma das formadoras, a outra entretanto ficou cheia de trabalho e as coisas foram esmorecendo e pronto.

I: A nível da equipa de trabalho. Como é que e constituída a tua equipa de trabalho e como é que é o ambiente?

E20: Bom então é assim, queres que comece do topo para a base, da base para o topo?

I: Pode ser do topo para a base.

E20: Então é assim, temos um diretor e um coordenador, sendo que o diretor é o diretor da escola e, portanto, está menos presente no centro, vai a uma ou outra reunião esporadicamente, o coordenador é quem está sempre connosco não é? Depois temos a técnica de diagnóstico e a funcionária administrativa. Depois somos nove formadores e três profissionais de RVC, os formadores são nove, porque não estão todos a tempo inteiro, portanto há muitos a meio tempo, há muitos que só têm capacidade para assegurar um grupo e, portanto, isto gera muitos conflitos e muitas tensões entre a equipa de formadores e profissionais de RVC porque os formadores não estão em permanência, como nós, no centro, que neste momento as instalações limitam-se a duas salas, dois gabinetes pequenos onde estão três profissionais num e a técnica diagnóstica e administrativa e o coordenador noutro e depois temos uma sala de reuniões onde de vez em quando fazemos um ou outro atendimento lá, quando não está ocupada pelos formadores que estão também eles a fazer atendimentos, mas para te dizer que não há uma sala de formadores, isto está pensado mas ainda não está nada concretizado porque entretanto as obras que a escola estava a ser alvo estão completamente paradas e isto cria muitos conflitos, porque temos necessidade muitas vezes de falar com o formador a, b, c ou d sobre um grupo ou sobre dois ou três adultos em específico, mas de grupos diferentes e temos que ter tudo apontado para na primeira oportunidade quando encontrarmos aquele colega conseguirmos, quase de o tornar refém e dizer "agora temos de falar sobre isto", porque se nós não o apontamos e vemos o colega, nós falamos sobre um e depois de se ter ido embora é que me lembrei que tinha falar sobre mais uma pessoa, mais a outra e mais a outra, e isto é muito complicado, esgota-te a memória,

porque tu estás constantemente a puxar pela cabeça de pormenores que não te podes esquecer para na primeira oportunidade em que vires o colega a, b ou c e depois é a tal coisa, os formadores não são fixos com os grupos, portanto eu tenho várias equipas de formadores, porque nunca são sempre os mesmos nos grupos, sempre que eu quero falar sobre um adulto de um grupo ou outro, sempre que quero falar com o grupo de formadores do grupo oito tenho que me lembrar qual é a equipa de formadores que estava no grupo oito e isto é muito complexo.

I: E a nível de formação, estão todos os professore, és a única educadora lá naquele contexto?

E20: Naquele contexto só quem não… portanto a técnica de diagnóstico não é professora, é engenheira bioquímica, penso que é essa a engenharia que ela tirou (sorri) tem tudo a ver, depois a minha colega, uma das minhas colegas profissionais de RVC é psicóloga, é da área de psicologia da organização das empresas, das instituições, uma coisa assim também, e eu que sou de educação intervenção comunitária, depois a minha outra colega é professora de português.

I: Relativamente às perceções. Qual é perceção que tu tens relativamente à tua figura profissional? Tu dizes que mexes um bocadinho às vezes com as coisas, achas que tens importância neste centro em que trabalhas ou no trabalho que desenvolves e que as pessoas têm consciência desse trabalho e destas coisas que tu fazes ou não?

E20: Como é que eu hei de te dizer isto. Se eu acho que tenho importância? Eu acho que tenho, se não achasse que tinha não podia estar a fazer as coisas, não é? Eu acho que sim, pelo menos quero acreditar que sim, faço com a intenção de provocar alguma coisa. Se as pessoas têm essa perceção? Às vezes têm uma perceção, mas não é muito positiva, porque é um bocadinho incómodo, teres alguém que não está a ir ali pelo carreiro, estás a entender o que te quero dizer? Às vezes é um bocado aborrecido "lá vem ela com aquelas ideias outra vez" e não sei quê.

I: Tens consciência disso?

E20: Tenho, tenho, mas também depois tenho outros colegas, felizmente, há um fundamental para mim, gosto muito dele que é da área até da Informática, mas esse colega sempre que, se há alguma alteração que a gente queira fazer, num processo ou

em qualquer outra vertente ele diz " Núria, não tens nada a dizer? eu sei que vais questionar isto ou aquilo, portanto vá", porque ele gosta de ouvir a opinião, porque ele diz "tu tens o sentido crítico apurado", estás a perceber? Este tipo de *feedback* que me dão de vez em quando faz-me crer que é importante a minha opinião, é importante o meu ponto de vista, e por isso sim, acho que tenho importância lá dentro.

I: E com os adultos que trabalhas, que estão a fazer os processos, achas que também tens importância, que de certa forma causas uma mudança nas suas vidas?

E20: Isto é sempre relativo, é muito complicado estar a dizer-te a falar pelos outros. Obviamente que já tenho tido *feedbacks* desde Lagoa até aqui e não é por acaso que algumas pessoas que já acabaram o processo ficaram minhas amigas, independentemente das distâncias ou disto ou daquilo e houve pessoas, eu lembro-me nitidamente, mais recente até de uma senhora que era de nível básico, quando fizemos a primeira sessão eu levei uma frase de Paulo Freire num PowerPoint e, portanto depois estivemos a discutir aquela frase, isto para desconstruir, para chegar à educação não formal de adultos, o que era aquilo? E a senhora, e depois expliquei de forma muito sumária quem era Paulo Freire ou quem tinha sido Paulo Freire e uma das senhoras ficou tão interessada e encantada com a frase que foi fazer logo fazer uma pesquisa na internet para saber quem era Paulo Freire, imprimiu uma biografia, levou para os colegas todos, uma folha para cada um, para saberem quem era Paulo Freire e andou à procura de livros e depois disse-me se eu tinha conhecimento de algum e eu disse-lhe "porque não a pedagogia do oprimido que é o livro mais conhecido" e então enviei-lhe e ela ficou delirante, não sei se o leu se não, mas a verdade é que no final do processo tenho tido muitas pessoas que me têm dito que, porque depois a minha postura não é, não sou igual para toda a gente, não é? Há pessoas com que eu sou mais condescendente na questão dos ritmos, não por ser paternalista, naquele sentido " ai coitadinha", não é nada disso, compreendo que às vezes as pessoas têm mesmo necessidade de abrandar o ritmo, há outras pessoas, por outro lado que dou abanões e dou às vezes choques de realidade e custa-me não é? E tive uma senhora que tinha uma situação dramática a nível pessoal muito, mesmo, e ela no final disse-me " eu tive a um isto, Núria, de desistir, mas depois parei para pensar naquilo que me tinha dito e, realmente, fazia sentido" e a verdade é que aquela senhora desde que entrou para o processo até que o concluiu fez ali um salto, a partir do momento em que lhe dei aquele abanão, e que eu

pensei "esta senhora não volta cá mais", mas era um risco que eu tinha de correr, às vezes tem de ser, e a verdade é que ela mudou bastante o comportamento, era uma pessoa muito em baixo, sempre deprimida, sempre a chorar e a falar da morte do marido e da doença do marido, porque ela estava traumatizada não é? Mas a verdade é que voltei a ver aquela senhora a sorrir e isto diz-te qualquer coisa, não é? Ela quando vinha para os atendimentos comigo já vinha mais bem-disposta, já brincava, era outra postura, porque apercebeu-se que se estava a vitimizar e estava a entrar num aspeto que dali já não saía, estava sempre naquilo, e eu tive de a chamar à realidade, quem sou eu para o fazer não é? Sou um ser humano como ela, mas de alguma forma eu tinha de fazer alguma coisa, porque de outra forma aquilo não ia resultar e às vezes temos de correr estes riscos, podemos ser bem ou mal sucedidos, neste caso parece que fiz bem.

I: Dentro da tua atividade profissional e desde que começaste a trabalhar até agora, o que é que tem contribuído mais para a tua satisfação pessoal e profissional?

E20: É o contato com as pessoas, eu gosto muito de pessoas, eu amo as pessoas e acho que sem este contato com as pessoas era impossível eu fazer este trabalho bem feito, se é que eu o faço bem feito, às vezes também tenho dúvidas, não é? Se estou a utilizar os procedimentos mais corretos ou não, a verdade é que muitas vezes vou pela minha intuição, olha o caso que te revelei ainda há bocadinho tem a ver com isso, é um bocado a intuição que vai ditando o curso das coisas, mas aquilo que mais gosto, fundamentalmente é de trabalhar com as pessoas e eu tenho e isto é tão certinho como estarmos aqui agora as duas, eu tenho chegado a ir para sessões de grupo com as pessoas, no meu limite emocional em termos pessoais e às portas de entrar na sessão, para estar com o grupo à minha frente e penso "eu não estou em condições, eu não me apetece ver pessoas" é humano e a verdade é que assim que chego pára tudo, pára tudo, passa tudo, sou outra pessoa logo, saio de lá de rastos porque as energias que eu achava que não tinha fui buscá-las não sei onde e claro, saio de lá acabada, mas saio de lá bem, saio de lá feliz, saio de lá realizada, percebes? É uma satisfação que não se explica pah, é uma coisa que eu não te sei dizer, mas a verdade é que dá um bem-estar, mesmo quando surgem situações de conflito, que há pessoas que questionam e porque estão contra o sistema e estão contra o processo e estão contra isto e contra aquilo e mais alguma coisa, até isso, acaba por ser gratificante, porque dá-te luta, é a única forma que eu te sei dizer, e isso… se não fosse por amar tanto as pessoas nunca seria capaz de

entrar numa sessão e de fazer o meu trabalho, porque estaria a encarar aquilo como um frete.

I: Pois, como muita gente faz. Quais são para ti os pontos fortes e as limitações da profissão?

E20: Da profissão de educador social? Pois eu como eu nunca exerci exatamente a profissão de educadora social é muito complicado, talvez o senso comum se calhar, ou baseada nos conhecimentos que temos, mas se calhar os pontos fortes eu diria que é, e se calhar vou sempre bater ao mesmo Rute mas eu acho que os pontos fortes têm muito que ver com uma aposta clara, objetiva na formação teórica e prática, mas principalmente na sua própria formação, enquanto indivíduo que está a trabalhar, seja em que profissão for mas nesta acho que é fundamental e é alguém que tem que estar atento para poder depois potencializar transformações, alterações seja no âmbito mais restrito seja no âmbito mais alargado é alguém que tem de estar desperto para si e para os outros e para a realidade, para aquilo que é o mundo hoje. Agora as limitações, as limitações muitas vezes não estão só nos outros, estão, muitas vezes, em nós próprios não é? Cabe a quem está, onde está avaliar quais são as limitações que tem, de que natureza são e o que pode fazer para alterá-las, porque nós podemos transformar, se somos educadores sociais e pretendemos provocar mudança nos outros, essa mudança tem que começar em nós, essa transformação tem que começar em nós caso contrário não seria coerente não é? E, portanto, se percebo quais são as minhas limitações, a sua natureza e a sua origem eu posso também tentar perceber o que posso alterar e de que forma.

I: Na tua opinião, quais são as principais caraterísticas que um educador social deve ter? Já falaste na questão do humilde e da vocação, não é? De ter vontade e de acreditar na educação e neste trabalho, queres apontar mais alguma que achas que é importante?

E20: Sim, mas estas talvez sejam as gerais eu acho que o sentido de responsabilidade é fundamental para tudo aquilo que nós fazemos na vida. Como eu te disse ainda há pouco, uma atitude ou uma palavra tem sempre consequências e é essa consciência que nos faz ser responsáveis ou não (sorri), às vezes temos que ser um bocadinho irresponsáveis ou inconscientes no sentido de não pesarmos demasiado as coisas e de andarmos para a frente, mas isso é outro tipo de aspeto. A responsabilidade acho que é

fundamental, agregado à responsabilidade vem a assiduidade, a pontualidade, eu acho que é de uma falta de educação falhar nos compromissos que tem, chegar atrasado sistematicamente e isto revela de facto falta de responsabilidade. Isto são os aspetos gerais, depois acho que tem de haver a tal humildade para saber que não sabe tudo não é? Para estar sempre em busca de mais conhecimento e isso não tem necessariamente pelas ações de formação formais, isso também pode ser através de um filme que vê, através de um documentário que vê, através de uma conversa que tem com alguém, através de uma notícia que leu e que questiona e que vai tentar saber outros lados daquela notícia, entendes? Não encarar as coisas só de uma forma assim muito airosa (sorri).

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses se achas que são ou não próprias de um educador social e porquê. Criativo?

E20: Sim tem de ser, então, é assim, mesmo que não possa ser muito criativo, pelo menos na parte de tentar contornar o sistema tem de ser, nem que seja por isso, por aí.

I: Dinamizador?

E20: Sim, se não for dinamizador está acomodado não é? Está ali à espera que venham dinamizar por ele (sorri).

I: Manipulador?

E20: Todos nós temos de ser um bocadinho, em tudo, e não no mau sentido, no bom sentido, às vezes temos de ser, porque é do género, vou falar com as pessoas, tu estás a falar com pessoas e as pessoas, cada uma delas tem a sua personalidade e tu muitas vezes tens de conseguir contornar as coisas. Não gosto muito da expressão manipulador, mas aceito que se calhar é a mais adequada, para conseguir muitas vezes com jeitinho levar a tua água ao moinho, percebes? Às vezes tens de ser, não quer dizer com isso que estejas a ser fingida ou hipócrita, significa simplesmente que aquela pessoa precisa de ser levada de outra forma para não criar conflito, entendes? Ou confronto, no mau sentido.

I: Por exemplo, estás a falar no teu contexto de trabalho com os adultos?

E20: Sim, por exemplo, já tem acontecido ter muitas vezes pessoas com quem tenho de ter uma determinada postura e posso ser realista e frontal e não há problema nenhum.

Há outras pessoas que tenho de ver as coisas de outra forma, meio a brincar, meio a sério, tem de se saber manusear a coisa e isso às vezes é uma espécie de manipulação.

I: Planeador?

E20: Planeador q.b., não pode ser um planeador daqueles que as coisas têm de ser assim, assim, assim, e assim passa a ser um mero executor e não pondera os imponderáveis e isso muitas vezes acontece, não é? Estamos sujeitos a muitos imprevistos e por isso acho que sim, que as coisas têm de estar organizadas e estruturadas minimamente, mas não demasiado.

I: Autoritário?

E20: Não, jamais! (sorri) Então mas alguma vez? Deve conseguir impor alguma autoridade, sim, porque tem de haver limites, para tudo na vida tem de haver limites. Autoritário jamais, então isso é a antítese do que tenho estado a dizer.

I: Há pessoas que acham que sim.

E20: Pois lá está, viva a diversidade (sorri).

I: Pertences a alguma associação, neste momento cívica, cultural, recreativa?

E20: Neste momento não e vou-te dizer porquê. Para já não tenho estado com muito tempo. Já estive em vias de integrar um projeto, agora que está a iniciar em Faro, já arrancou a Casa Amarela, é um projeto cultural, mas infelizmente, depois a minha vida alterou-se e tive de abandonar, tenho a vida em suspenso neste momento, é tal e qual, mas às vezes causa-me um bocadinho de aflição pensar que me vou vincular a uma instituição e depois acaba por ser quase como uma prisão, porque depois começam a exigir demasiado. Eu gosto da coisa voluntária, gosto de fazer quando posso e de coração, não gosto que me cobrem, porque senão não me satisfaz a mim e não vou conseguir fazer um bom trabalho.

I: Tens feito voluntariado nalgum lado? Já fizeste.

E20: Fiz, fiz, olha quando estava no curso fiz na APAV e estou a pensar retomar o voluntariado assim que conseguir estar mais disponível. Fiz durante, não sei se foi um ano e tal se foi dois anos, fiz de forma presencial nas instalações mesmo e depois fiz uma formação para ser técnica de apoio à linha da APAV, isso significava muitas vezes

não ter, tínhamos um telemóvel e, portanto, estávamos de linha e podíamos estar acordados 24 horas por dia, porque assim que há uma urgência, poderia ser aqui, poderia ser na Madeira, eu tinha de ter capacidade de resposta imediata não é?

I: Achas que isto contribuiu para o desenvolvimento das tuas competências?

E20: Olha, contribuiu, principalmente, para eu estar desperta para uma realidade que eu sabia que existia, mas que me passava bastante ao lado, porque felizmente nunca me vi envolvida em termos familiares ou pessoais em situação de violência. De todas as formas, também me permitiu alargar o leque de conhecimentos em termos institucionais, porque desconhecia a maior parte das instituições e também me permitiu perceber que nós temos de ser rápidas, muitas vezes neste tipo de situações temos de ser muito rápidas na resposta, o que é que às vezes quando se lida com várias instituições em escadinha, tu a determinado momento, podes esbarrar com uma que te trava não é? E portanto, às vezes, o sucesso ou o insucesso daquilo que estás a tentar fazer, está dependente das outras instituições, das outras pessoas, de outras circunstâncias que tu não controlas e aí acabas por te adaptar à ideia que tu não tens o controlo não é? Nem tudo depende de ti, portanto, lidar com a tua frustração acaba por, começa a ser trabalhada a partir daí.

I: Tendo em conta o panorama que estamos a atravessar de crise, o que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o nosso papel daqui a um tempo, já não digo anos nem meses, pronto um tempo?

E20: Bom, é assim eu não tenho bola de cristal como calculas (sorri), não faço…

I: Previsões?

E20: Não faço, não posso, até porque apesar de me manter atenta às previsões que alguns analistas vão fazendo, não gosto muito de embarcar assim a 100% em tudo aquilo que vou ouvindo, gosto de me manter atenta para estar minimamente informada. É assim, esta profissão dependerá maioritariamente de nós, enquanto classe que se está a tentar afirmar e dependerá daquilo que devemos fazer ou nos deixarem fazer. Quanto àquilo que nós conseguirmos fazer, acho que a união e o caminharmos todos basicamente, com o mesmo fim que é dignificar e lutar por uma carreira, acho que é um princípio e já há alguns exemplos de associações que se formaram que vão nesse sentido. Aquilo que nos deixarem fazer já vai depender certamente, lá está, das

instituições, precisaremos delas para trabalhar, porque se não houver essas instituições nós não temos trabalho e, infelizmente, o tal ciclo vicioso, não vamos cair na tal coisa de achar que a educação vai acabar com a pobreza ou que os educadores sociais vão acabar com a droga ou isto ou aquilo, não vão e se acabarem ficam sem trabalho, portanto não pode ser visto desta forma. Aquilo que a gente tem de acreditar é seguir e acreditar que vai ser possível fazermos alguma coisa com aquilo que nós somos, nós temos de lutar, porque nunca nada vai ser dado de bandeja, até a profissão se afirmar há ainda um longo caminho. Se vamos conseguir ou não? Pois não sei, eu quero acreditar que sim, eu acredito que sim, mas isto neste momento, está tudo muito incerto e tudo muito, as pessoas estão muito pouco confiantes no futuro e muitas pessoas estão a ir embora e muitas mais ainda hão de ir, infelizmente, e se calhar até vou ser uma delas, não sei (sorri) vai depender dos processos.

I: Pões a hipótese de ir para o estrangeiro?

E20: Ponho, claro que sim, para já nunca pus de lado porque pessoalmente gosto muito de viajar e de conhecer outras culturas e não me faz confusão nenhuma pensar que vou viver dois ou três anos num sítio e depois mais dois ou três anos noutro, não me faz confusão, nunca encarei a profissão como uma profissão para a vida, "ok eu estou aqui e aqui vou ficar", não quero isso, desde que não seja a trabalhar a recibos verdes, epá, podem ser contratos de um ano que eu não me importo porque significa que pelo menos durante aquela ano tenho a garantia de que estou a trabalhar e que estou a aprender e que estou a tentar ser útil. Se ao fim daqueles dois anos ou três acabar, bora para outra situação, é preciso é que haja essa outra situação, não havendo o mundo é grande, portanto, não sou fatalista ao ponto de ficar desesperada, "e agora o que é que eu faço? ai meu Deus, ai meu Deus, não há trabalho", percebes?

I: E ias para onde? Ias para o Norte da Europa ou ias para África?

E20: Eu não tenho preferência. Ah evidentemente, é assim, tanto pondero uma situação como a outra. Eu já andei a ver instituições de voluntariado internacional e estou seriamente inclinada ou para a Índia ou África, no entanto, também pondero outras situações que é ir para o Norte da Europa, mas como esta organização, por acaso, até faz cursos de formação de voluntariado no Norte da Europa, posso juntar o útil ao agradável e fazer dois em um, não é? Nunca se sabe, mas pronto, mas é assim, não vejo as coisas de forma muito fechada, sabes? não planeio muito. Às vezes, costumo dizer que não sou

eu que conduzo a minha vida, é a minha vida que me conduz muitas vezes e portanto vou assim ao sabor para onde ela me quiser levar.

I: Então não vale a pena perguntar como é que te vês profissionalmente daqui a uns anos.

E20: Epá podes perguntar, mas acho que já respondi. Eu espero continuar a trabalhar, seja com vínculo contratual ou não, desde que eu me consiga manter, desde que eu consiga ter, nem que seja, uma bolsa de voluntariado que me permita sobreviver, opa, seja aqui seja na China, salvo seja, não é? Porque eu não sei falar mandarim, isso era um grande entrave, mas pronto.

I: Mas a questão do CNO, não tem muitas esperanças ou ainda há a questão de ficar?

E20: Epá estamos um bocado naquela, "fica, não fica, fica, não fica" e como eu já estou um bocado cansada de andar neste limbo, epá olha venha o que vier. Se é para continuar e eu ainda tiver capacidade para ser útil, vou continuar, se eu própria já decidir que não tenho capacidade para ser útil e cada vez mais me encaminho nesse sentido, pois não sei (sorri).

I: Da minha parte está tudo, não sei se queres acrescentar algo.

E20: Não, até acho que já falei demais.

Fim da entrevista!

Entrevista nº 21

Data de realização: 7 de Maio de 2012

Local de realização da entrevista: Câmara de São Brás de Alportel

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a tua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Já tens um bocadinho de noção do que trata o meu estudo, que é sobre a realidade do educador social, no Algarve. Tenho estado a fazer algumas entrevistas guiada por um guião com vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso. O que é que te levou a escolher este curso? Quais foram as principais razões, os principais motivos que te levaram a ingressar em intervenção comunitária na altura?

Entrevista nº 21: Sim foi basicamente o meu trabalho já normal de campo porque portanto nessa altura eu já estava a trabalhar e a trabalhar em áreas que necessitava de estar com a população e eu sempre tive a ideia de voltar a estudar e quando na altura decidi voltar a estudar vi o currículo do curso vi que de facto era este e não era mais nenhum (sorri) tinha tudo a ver com o que eu fazia e portanto foi por isso que eu decidi educação e intervenção comunitária.

I: Qual era a tua escolaridade quando ingressaste na universidade?

E21: Tinha o 12º e mais um curso dos agentes de desenvolvimento que foi três anos, que na altura quando fiz deveria ter dado equivalência ao bacharelato que depois o gabinete de estudos não aprovou, mas portanto tinha o 12º com mais esses três anos na área do desenvolvimento local.

I: E onde é que trabalhavas?

E21: Trabalhava na câmara de São Brás.

I: E que trabalho é que fazias?

E21: Eu vim para aqui precisamente no estágio desse curso dos agentes de desenvolvimento, fiz o meu trabalho de estágio cá, fiz durante os três anos de curso o trabalho de terreno e por isso é que escolhi São Brás para vir trabalhar porque achei de

facto que era um território que tinha muitas potencialidades para desenvolver e foi precisamente o curso de agente de desenvolvimento que me deu essa perspetiva e que fiquei a perceber que São Brás um centro interior em que havia muito para explorar e daí ter feito a proposta com o trabalho de estágio na câmara, fui aceite, fiz o trabalho de estágio e depois de fazer o trabalho de estágio fiz um pedido para um contrato já de emprego. Tive um contrato de seis meses à experiência e depois fui ficando, fui ficando (sorri).

I: Há quantos anos já?

E21: Vai fazer vinte e cinco que estou neste lugar.

I: E depois de quanto tempo de estares aqui na câmara é que sentiste esta necessidade de procurar mais estudos? Quantos anos?

E21: É assim, não foi propriamente necessidade aqui, foi que eu na altura a seguir a ter vindo para aqui… eu sempre tive vontade de continuar a estudar, fiz o 12º, não entrei na minha área que eu achava que era o que eu gostava que era as biologias, na altura não é? Quando a gente tem assim dezoito anos é tudo diferente e acabei por vir parar à administração local que era uma área que eu não conhecia de todo, não fazia sequer a mínima ideia e foi precisamente o curso de agentes de desenvolvimento que me deu a conhecer esta área e gostei, gostei realmente, eu tive belíssimos professores. Foi um curso que não foi dado em universidade mas que tinha um currículo e teve os melhores professores de todas as universidades do país que vinham portanto eram contratados e vinham a Faro para nos dar as aulas. Portanto eu tive professores da universidade do Porto, da universidade de Coimbra, da universidade Nova de Lisboa, do Técnico, portanto os professores eram escolhidos a dedo e essa formação de três anos na área de desenvolvimento local foi muito rica e foi também muito prática, ou seja, nós tínhamos uma teoria e logo tínhamos em seguida a prática das coisas. De facto foi muito bom e aí sim foi a minha base, foi através disso que eu comecei a ver que poderia ter interesse voltar a estudar numa área. Eu na altura consegui entrar em gestão noturno porque já estava a trabalhar e casada e pensei "bom vou estudar à noite" e fiz o 1º e o 2º ano de gestão noturno mas depois acabei por desistir porque "não! Isto não é mesmo o meu curso, não é a minha área". Eu só fui para aquele curso porque não havia mais…havia esse, eletricidade e engenharia civil (sorri) eram os três cursos na altura em que haviam à noite na universidade do Algarve, nada mais. E do que havia só acabei por ter esse

mas pronto depois desisti, engravidei nesse 2º ano e então disse "ok agora o meu objetivo é ser mãe. Quando as crianças tiverem idade eu volto a estudar" porque nunca achei, pronto achei sempre que tinha de voltar. Quando os meus filhos me permitiram alguma liberdade de horário não é? E de outra disponibilidade, aí nessa altura eu decidi escolher e aí fiz a opção de mesmo escolhendo educação e intervenção comunitária já portanto ainda perdi um ano, porquê? Porque na altura pensei que me podiam dar equivalências a disciplinas e à área e que me podiam matricular automaticamente, mas como eu era da área A tive de voltar para trás e ainda fui fazer português e sociologia para me poder candidatar à universidade, ou seja, voltei ao 12ºano (sorri) fui fazer essas duas disciplinas durante um ano e depois é que me candidatei, mas aí foi já de propósito escolhendo a área da intervenção comunitária.

I: Foste para o curso de dia?

E21: Sim, fui para o de dia porque não havia de noite, mas aí eu já estava decidida que era aquele e não era mais nada e que eu tinha de fazer aquele.

I: E sempre a trabalhar aqui na câmara?

E21: Sempre a trabalhar aqui na câmara.

I: Quando ingressaste para este curso de intervenção comunitária quais eram as tuas expetativas? Querias continuar a estudar…

E21: As minhas expetativas era ter aspetos práticos para o meu dia-a-dia porque eu já estava embrenhada completamente, digamos assim, na intervenção não é? Naquilo que é de facto o que tem de se fazer com uma comunidade e desenvolver projetos e trabalhar para um concelho, para uma comunidade e portanto eu fazia isso na câmara. Comecei a fazer na área da juventude, depois fiz na área do associativismo, em várias áreas e portanto e na área do desenvolvimento local propriamente dito e tava muito, muito metida em tudo aquilo que era projetos que a câmara ia desenvolvendo e portanto eu fui com a expetativa que o curso me desse instrumentos para melhorar a minha atuação enquanto técnica.

I: E estas expetativas foram superadas?

E21: É assim, não posso dizer que foi a 100% porque não foi, eu desiludi-me com algumas e com alguns professores…mais com os professores do que com as disciplinas!

As disciplinas até faziam sentido, mas pronto a forma como são dadas e os professores, algumas desiludiram-me bastante pronto mas isso é normal que num currículo com tanta disciplina que não corresponda assim tão bem. O melhor que eu tirei foi confirmar as minhas práticas no dia-a-dia na teoria, isso foi o melhor que eu consegui perceber porque muitas das coisas que eu fazia, digamos que eu fazia empiricamente e sem saber que aquilo tinha um fundamento e curso ajudou-me a identificar correntes de intervenção, de pensamentos, de autores, de determinadas coisas e a estruturar melhor uma perspetiva mais global não é? Eu já tinha mas isso ajudou-me bastante portanto eu acho que a prática que eu tinha foi confirmada pela teoria que o curso me deu e aí eu fiquei mais satisfeita a pensar assim "afinal estou a fazer sem fazer muita asneira" (sorri).

I: Quais foram os principais motivos de satisfação? O que é que gostaste mais no curso?

E21: É assim acho que gostei essencialmente de ter esse aprofundamento do conhecimento não é? Foi a minha forma de parar porque o dia-a-dia acaba por nos envolver tanto e tirar tanto que nós andamos a fazer as coisas e não refletimos sobre aquilo que fazemos sobre as nossas práticas e o curso permitiu isso, eu era obrigada a estudar não é? Tinha de ler, tinha de estudar para fazer os testes e ao mesmo tempo que fazia isso para os testes fazia também em simultâneo para a minha prática do dia-a-dia e isso foi bom, isso foi muito bom, ajudou-me a estruturar muita coisa. Logicamente aprendi também outros instrumentos práticos, o curso também me deu algumas coisas, algumas ferramentas práticas, pronto logicamente técnicas e a dominar melhor coisas que eu fazia mas que fiquei a saber fazer melhor não é? O domínio de algumas técnicas, nas próprias entrevistas, os inquéritos, saber trabalhar com o SPSS, pronto outras coisas são ferramentas práticas que o curso deu e que se nós quisermos temos mais domínio sobre elas e isso foi bom.

I: Há pouco falaste na questão dos professores e daquelas cadeiras que não foram tão bem aproveitadas. Qual era o principal problema? O que é que achas que podia ser melhorado aí?

E21: É assim, no meu caso, aquelas que a mim me disseram menos tinha muito a ver com aulas completamente teóricas, muito, muito, muito teóricas, extremamente teóricas. Era chegar lá e o professor descarregar matéria, era acetato em cima de outro e o

professor descarregar aquilo, bla bla bla e nem permitir sequer aos alunos nenhum tipo de discussão, não é? Portanto a gente tava ali e é como aquela coisa de a gente ir para a escola e estar lá na carteira a ouvir, ou seja, eu não tinha tempo para isso. Eu estava a tirar do meu tempo profissional para estudar e para mim era muito complicado ter as dispensas no serviço para poder assistir ao mínimo de aulas não é? Em tempo diurno que eu aproveitava, ia sempre no meu intervalo de almoço, ia a Faro assistia a aulas e voltava, depois ia no final da tarde, saia do serviço e ia a fugir a Faro assistia a umas quantas aulas e voltava e às outras todas faltava. Portanto fiz o curso sempre nesse vai e vem maluco…ou então as que começavam às oito e meia da manhã eu ia às oito e meia da manhã, aproveitava duas aulas e vinha-me embora para ao serviço trabalhar de dia. Pronto fiz sempre essa…e então para mim é assim, esse esforço de ir lá, chegar, sentar-me numa aula e depois ao fim ao cabo achar que estava á só a ser depositário de matéria, não me dizia nada e foi mais nesse sentido, nalgumas aulas dessas que eu fiquei desiludida.

I: Mas mais ao nível de psicologias ou sociologias ou outras cadeiras?

E21: Não, outras. Ambiente foi assim um desastre, uma coisa mesmo mal. Não, as psicologias até de alguma maneira ajudaram a enquadrar muita coisa, embora fossem bastante teóricas mas pronto para além disso são disciplinas que têm de ser, essas a gente aceita que têm de ser. Agora há outras que às tantas se calhar não precisavam de ser tão teóricas e que podiam dar outra dimensão.

I: Relativamente a outros motivos de insatisfação que tenhas em relação ao curso. Durante o tempo que tiveste lá e depois de teres saído há algum que apontes? Tirando essa questão das cadeiras.

E21: Agora assim de repente não sei. É assim eu acho que usufruí muito bem do tempo da licenciatura e do mestrado também. No mestrado fiz um esforço acrescido para não faltar e as faltas que dei foi mesmo porque teve de ser, fiz realmente um esforço grande para não faltar porque também considerei que os conteúdos do mestrado não é? Eram importantes e vinham de alguma forma reforçar o que se tinha dado na licenciatura não é? Daí o meu esforço pessoal para não faltar. Confirmei algumas coisas dessas, sim foi importante, acho que os conteúdos do mestrado foram importantes.

I: Então depois da licenciatura ainda sentiste necessidade de tirar um mestrado? E agora que tás a terminar o mestrado, é o quê? (sorri)

E21: (sorri) Não, agora vou ficar por aqui (sorri) não há mais tempo para isso. Só se para aí ganhar o euro milhões, que às vezes…não, é assim, eu gosto de estudar, tomara eu ter tempo não é? E pudesse ter disponibilidade e eu estudava mesmo e fazia do estudo quase que uma profissão mas pronto isso é completamente impensável e os anos vão passando não é? E a vida vai-se alterando e de facto é assim, eu senti que a licenciatura era pouco, senti que quando terminou e se calhar essa é a única coisa que posso dizer, senti que faltava aprofundar mais coisas portanto aquilo não tinha ficado completo e por isso é que me aventurei. Fiz um ano de pausa, acabei a licenciatura e tive um ano de pausa e depois no ano a seguir apareceu o mestrado e eu inscrevi-me e acho que fiz bem, fora o trabalho que deu mas acho que sim.

I: Não quer dizer que no teu dia-a-dia aqui no trabalho não vás fazer uma formação não é?

E21: Não! A formação é constante, é contínua. Eu vou a imensas formações e felizmente tenho tido também muitas oportunidades a nível profissional de participar em muita coisa. Eu acho que se calhar também um bocadinho por causa disso, é assim é um vice-versa porque eu tive muita oportunidade prática de assistir a coisas e de participar em coisas, em projetos inovadores, em experiências novas, isso chamou-me para estudar para saber mais para aprofundar, para perceber aquilo que estava a fazer nesses projetos e vice-versa porque depois de ter estudado, depois de estar na licenciatura e ter um mestrado também essa parte de ver que efetivamente há quem investigue e quem procure saber mais coisas sobre determinado tipo de coisas que acontecem ao nível neste lado da intervenção comunitária das oportunidades de participação das pessoas e dentro dessas metodologias todas. Isso também faz com que depois dentro da profissão eu também ande à procura de mais não é? De coisas diferentes e de coisas novas para fazer e portanto acho que eu ando sempre entre um lado e outro, entre a prática e a teoria para juntar o melhor que tem as duas coisas.

I: Até porque hoje em dia isto é uma alteração constante e precisamos de acompanhar este…

E21: É, sim e felizmente tenho uma entidade patronal que me tem permitido participar em muitas formações distintas, de muito tipo e com muita metodologia diferente e já experienciei muita coisa que não é assim tão normal a quem está na área da administração pública experimentar.

I: Relativamente ainda aos motivos da insatisfação, eu antes da entrevista fiz um questionário e os principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três há alguns em que tu te identifiques especialmente ou com o qual concordes?

E21: Disseste não reconhecerem…eu acho que não tanto para mim, não tanto para mim porque ao fim ao cabo acabam por reconhecer porque eu entre aspas estou na área a trabalhar há muito tempo, o curso reforça assim o que eu possa já ter feito não é? Mas esse se calhar é o que eu sinto mais verdadeiro em relação aos colegas que ainda não trabalharam não é? Que tiraram o curso e que agora andam à procura de emprego.

I: Como é que tu achas que podia ser dada a volta a esta questão? Da parte da universidade, do ministério, dos próprios profissionais?

E21: Ah pois eu acho que tem de ser feito em todas as vertentes porque senão poderemos ir lá mas poderemos levar muito tempo e eu digo isso porquê? Porque eu vi isso quando passei o processo dos agentes de desenvolvimento. Essa figura nem sequer existia como profissão, não constava da lista de profissões do instituto de emprego quando eu fiz essa formação dos agentes de desenvolvimento e levei dez anos à espera que fosse reconhecido como tal e é o que se claro os educadores socias estão à espera também (sorri) pronto embora a profissão neste momento já exista e desde que os cursos começaram a funcionar nas universidades, ela existiu como profissão e foi mais fácil do que por exemplo esta profissão do agente de desenvolvimento que não existia de todo e teve de ser construída e foi um trabalho que os próprios colegas, eu e outros colegas fizemos parte, fundámos uma associação precisamente para que em termos associativos nos pudessem vir a reconhecer não é? E foi muito desse trabalho que depois mais tarde conseguimos que realmente constasse como profissão não é? Fomos nós que desenhámos o perfil, fomos nós que criámos as funções do agente de desenvolvimento, fomos nós que tivemos longas noites a discutir o que é que isso era "o que é que é um agente de desenvolvimento?" (sorri) "o que é que faz um agente de

desenvolvimento? para que é que serve? Vai fazer o que?" eu acho que nos educadores sociais isso passou-se da mesma forma e continuasse a estar a passar. Eu acho que de facto os próprios agentes, os próprios alunos digamos assim, têm um trabalho preponderante a fazer, embora considere que as universidades, seja a nossa ou outra porque existem cursos de educação social noutros sítios, também têm uma palavra de alguma força a dizer face ao poder político local não é? Dos sítios onde as universidades estão localizadas e de facto se há escolas e escolas às vezes há umas que têm uma voz mais ativa do que outras e tem de se fazer esse papel, tem de se fazer esse trabalho.

I: Também parte um bocadinho se calhar do que os educadores transmitem durante o seu trabalho não é? Se fazem o seu trabalho ou não e a impressão que deixam nas instituições…

E21: Sim, claro que sim, isso também não é? Também tem a ver com isso mas às vezes eu sinto que pelo menos das pessoas que eu conheço, das que eu tenho que já tinham feito o curso antes e outras que fizeram depois, e as oportunidades não têm sido muito diversificadas e as pessoas quando se fala em educação social, faz-se logo…não sei se é por isso também mas as oportunidades somos nós que temos de criá-las também mas tem sido sempre tudo virado na área da intervenção comunitária mas ao nível cultural e ao nível das áreas da ação social e das instituições de solidariedade social e se formos para o meio da rua não é? Se a gente agora saísse daqui da sala e fosse para o meio da rua perguntar a alguém o que é que é um educador social aqui mesmo ao lado, à esquina "ah então onde é que as conhece? Sabe o que é?" e as pessoas ligam muito ao assistente social, fazem uma conexão muito rápida logo a isso e há tanta área onde o educador social pode intervir, tão mais diversa do que essa, que eu acho que também é ai que se deve insistir um bocado que é na diversificação das áreas do educador social porque o educador social pode intervir em N tipo de instituições, pode intervir agora é preciso que lhe deem oportunidade para tal, que o deixem lá entrar enquanto profissional disso não é? Mas de facto há muito sitio onde o educador social pode desempenhar o seu papel com áreas muito, muito, muito distintas.

I: Durante a tua licenciatura participavas nalguma atividade extracurricular?

E21: É assim, tentava às vezes, de vez em quando, não era fácil. Sei lá ainda participei aí na organização da semana académica (sorri) ainda fui lá num dos anos no final em

qua o meu curso da licenciatura em que tivemos lá a barraquinha, pronto ainda tentei, ainda participei numa ou noutra coisa mas não podia participar e muito logicamente.

I: Ao nível de seminários ou *workshops* houve algum és especial que te interessasse?

E21: Ah é assim os *workshops* em que tive envolvida foi os que fizemos enquanto trabalhos do meu grupo de trabalho não é? Havia grupos de trabalho para várias disciplinas e uma era projeto e outras coisas e então nessa altura sim. Fizemos uma vez um na escola superior de saúde, para o público em geral organizámos algumas coisas e depois no próprio estágio do curso também organizámos várias atividades para o público, um mais específico. Eu fiz o meu trabalho de estágio aqui no centro de medicina e reabilitação e uma das ideias era fazer a ligação precisamente dos utentes com as famílias e a comunidade e um bocadinho essa ponte e aí fizemos vários contatos no sentido de levar pessoas lá, levar grupos e outras coisas, portanto digamos que era na base dos trabalhos, trazê-los um bocadinho ao conhecimento do público.

I: Já que falas nos estágios curriculares, achas que dão uma boa preparação para o mercado de trabalho? São adequados e bem estruturados tanto da parte dos alunos como dos docentes?

E21: É assim eu acho que fazem falta, agora logicamente há estágios e estágios (sorri) na é? Há alguns que resultam bem, pronto quer os alunos quer as entidades de alguma maneira se encontram e conseguem fazer alguma coisa que sirva e às vezes há alguns estágios, vicissitudes dos sítios ou dos locais ou da forma como as pessoas encaram os estagiários que não correm assim tão bem, mas fazem falta. Mas mesmo os que correm mal também é bom porque são uma forma de identificar práticas menos boas ou erros e nós aprendemos muito quando erramos não é? E quando fazemos asneira ficamos logo, e aprendemos bastante quando erramos, só temos depois é de saber que da próxima vez já não…

I: É preciso é também que a gente queira aprender com os nossos erros porque há muita gente que erra e…

E21: Sim. Não mas isso é fundamental, para isso depois cabe o papel do orientador de estágio que tem de seguir o grupo dos alunos ou o aluno ou o que quer que seja para refletir sobre isso, mas eu acho que é um instrumento muito bom do curso.

I: No teu caso qual foi a experiência?

E21: Tive uma experiência difícil, já foi um desafio logo mas nós as três… era eu e mais duas colegas, fomos nós próprias que nos propusemos ao desafio, sabíamos que íamos para uma coisa difícil, para um sítio completamente difícil de trabalhar, uma área que nenhuma de nós tinha trabalhado, que era uma área ligada à saúde, tas a ver? Aí ta uma área onde o educador social se calhar há colegas que nunca devem ter pensado que podiam lá trabalhar e de facto podiam. Podiam e há matéria para se trabalhar ali não é? E foi um bocado nessa onda do desafio, nós irmos tentar uma coisa que nunca tinha acontecido e que nenhuma de nós pessoalmente conhecia nem sabíamos e portanto fomos para uma área em que ninguém conhecia coisa nenhuma, nada de nada. Não fazíamos a mínima ideia, tínhamos propostas para fazer, só pela análise que fizemos da instituição não é? Sabíamos que a instituição tinha as pessoas, tinha salas de convívio, tinha pronto e por essa análise nossa exterior e de preparação para o estágio fomos lá e entre aspas desafiámos a diretora e ela primeiro…ela teve muita dificuldade em aceitar-nos, não foi fácil aceitar o nosso estágio e depois lá disse que sim e eu penso que pronto não fizemos para ai um grande trabalho mas foi bom pelo menos para quem usufruiu daquilo que nós preparámos lá foi bom.

I: Na tua opinião achas que podia ser alguma coisa feita para melhorar o funcionamento geral do curso?

E21: Claro que sim, pode sempre ser feita qualquer coisa para melhorar o que quer que seja, onde quer que a gente teja e com quem quer que se trabalhe, é só querermos. O curso pode-se melhorar conteúdos, pode-se sei lá tanta coisa. Eu acho que há uma coisa geral que eu senti mas isto não sei se sou eu, se é uma coisa muito minha ou se também faz falta a outras pessoas, acho que advém do facto de eu já ter trabalhado e depois ir-me confrontar com a teoria não é? Então eu acho que ao nível da licenciatura do curso faz um bocado falta que todas as disciplinas e todos os professores estejam muito abertos a uma reflexão sobre o que estão a dar na teoria e as coisas que estão a fazer na prática. Quanto mais se permitir aos alunos experienciar, mais fortalecidos eles vão sair da parte teórica e quando se experimenta qualquer depois, pelo menos eu acho isso, sente-se falta de perceber porque é que aquilo acontece assim e é aí nesse encontro que os professores que têm conhecimento teórico e que têm a parte teórica devem com os alunos tentar juntar, em todas as disciplinas, arranjar momentos que de alguma maneira

permitam experimentar aquilo que se tá a falar em teoria não é? Para umas disciplinas é mais fácil do que para outras mas eu acho nem que seja refletir, nem que seja discutir à volta da mesa sobre um tema que se está a dar.

I: Como um exemplo prático?

E21: Um exemplo prático ou um confronto de ideias que os próprios alunos sei lá peguem num texto e leiam e a seguir deem as suas opiniões, mas que o façam de uma forma completamente livre e aberta e que cheguem a conclusões depois do que tiverem a discutir e eu acho que isso às vezes não é permitido, em muitas situações isso não é permitido aos alunos, exprimir essa opinião.

I: Tu enquanto trabalhadora-estudante na altura sentiste que foste de alguma forma prejudicada da parte de algum docente, nalguma cadeira?

E21: Não, não, não. Nesse sentido não. Isso nunca senti, senti sempre da parte dos docentes que os trabalhadores-estudantes tinham lá as suas pronto e geralmente os professores tentavam conciliar, ser flexíveis, ajudar, às vezes até prolongar mais o tempo de entrega de trabalhos ou admitir menos páginas portanto não, isso aí não. Terá havido um ou outro que não foi assim tão condescendente mas não, no geral do curso todos tinham em atenção o fator.

I: E ao nível de atividades que o curso organiza e organizava no teu tempo, achas que há alguma coisa que devesse ser melhorada?

E21: Tenho algumas…não eu acho que melhorou, eu acho que melhorou desde o meu ano até agora, acho que tem sido assim um crescendo e acho que melhorou um bocado, pelo menos do que eu vou tendo atenção, nem sempre vejo tudo (sorri). Mas acho que sim, acho que a história dos seminários, destes últimos que se organizaram é muito bom. Acho que se continua a fazer mais e melhor, alguma outra metodologia mas acho que é bom, acho que é muito bom.

I: Mas esses seminários que estás a falar são os do mestrado de educação social?

E21: Este tem sido o mestrado sim mas como tem sido algo que chama de alguma maneira os alunos do curso não é? Dá um *feedback* também aos alunos que estão na licenciatura e eu acho que isso é muito bom.

I: A nível da qualidade dos docentes já falaste. A nível da formação também dizes que foi uma ajuda apesar de não ser 100%?

E21: Sim é assim, sei lá, mas no geral foi, no global foi.

I: A nível do plano de estudos houve alguma cadeira que tu enquanto trabalhadora no terreno não é? Tivesses achado que era essencial estar no plano de estudos e que não tivesses tido?

E21: Que eu não tivesse tido? Não sei, às vezes uma ou outra, talvez algumas coisas mais sobre, como é que hei de explicar? Nós vivemos numa Era…agora está a ir embora essa Era mas a Era da Europa trouxe-nos muito a história dos projetos e das candidaturas a projetos, em qualquer instituição, seja uma câmara, seja uma IPSS, seja uma associação até e é assim, é o que se nota é que nestas instituições todas as pessoas têm muita dificuldade em saber fazer um projeto e eu acho que se um educador social que é quem deve dominar muito bem o que é que é um projeto saber o que é um projeto, o que é que deve fundamentar um projeto e como se deve fazer, portanto deve dominar essas questões das candidaturas e se calhar isso nunca é dado na universidade. Nunca é explorado, nunca é abordado, nunca é dado ou pouco.

I: Há muita gente se calhar que nem sequer tem conhecimento disso…

E21: Há muita gente se calhar que nem sequer tem conhecimento disso. Há alunos que se a gente lhe for dizer, e estou-me lembrar disto agora porque vamos comemorar depois de amanhã o dia da Europa e eu tenho estado a fazer um trabalho com os alunos do 12ºano para um debate inter geracional sobre tema e eu falava em siglas não é? CCDR. Mas os moços do 12ºano sabem lá o que é a CCDR, "CCDR Algarve" e os moços ficavam a olhar para mim, e depois eu pensei " oh realmente tens de explicar o que isso é porque eles não sabem, não tem obrigação disso" e se calhar os universitários também não sabem, não é? E nomeadamente os desta área! Eu acho que aí a esse nível haveria de…não sei que cadeira seria mais conveniente mas haveria de explorar mais e há instrumentos práticos que se devem conhecer não é? E deixar isso só para quando o pessoal vai para à procura de emprego ou quando está nos sítios é complicado não é? Eu acho que sim.

I: E ao nível por exemplo do desenvolvimento local, que era uma área que tu estavas se calhar mais à vontade, achas que o curso deu-te algum tipo de bases?

E21: Ai não, isso eu trazia tudo. Era bagagem ao que eu tinha. É assim, eu senti-me tão à vontade a fazer a licenciatura e tive entre aspas tanta facilidade em acompanhar os conteúdos teóricos, porque tive aquela formação de agentes de desenvolvimento, porque se não fosse isso eu de facto sentiria muito mais dificuldade. Porque eu já dominava muitas das coisas que estavam a ser dadas na licenciatura não é? Eu tive belíssimos professores nessas áreas, na sociologia, nos projetos então, sei lá coisas como avaliação, coisas como metodologia de projeto, eu já tinha falado sobre isso tudo, já tinha abordado isso tudo portanto levava isso na minha bagagem, coisa que os alunos do 12ºano que vão para uma licenciatura não têm. Portanto eu tinha muitas vantagens, não só da prática mas também de alguma teoria que o curso de agentes de desenvolvimento me deu.

I: E as pessoas que tiraram a licenciatura contigo, se calhar não ficaram nem com metade da bagagem que tu tinhas.

E21: Não. Não, eu senti, houve colegas minhas que…estas duas colegas do grupo que fizeram grupo comigo, que eram duas jovens de dezoito anos, uma de dezoito e uma de vinte, eram as minhas filhinhas, tratavam-se como se eu fosse a mãe delas (sorri) e de facto elas sentiam que precisavam de muito mais não é? Que precisavam de muito mais, elas próprias disseram "ah esta licenciatura só assim sem mais nada não nos vai chegar".

I: Então na tua opinião e agora enquanto trabalhadora-estudante, a formação que recebeste na licenciatura não está adequada ao mercado de trabalho?

E21: Tem algumas deficiências sim, sim. Tem certamente mas isso é um mal que padece em todas as licenciaturas, isso é geral. É assim também nunca podemos…as nossas universidades em Portugal são todas muito livrescas, pouco viradas para a prática na sua maioria, umas mais do que outras não é? Também já não se pode generalizar tanto assim, mas aqui é educação e intervenção comunitária até comparando com algumas coisas, até é um dos cursos onde aparece ainda assim alguma coisa prática mas que podia ter se calhar mais algumas coisas ah isso podia, certamente.

I: Qual tem sido o teu percurso profissional? Já disseste que tens trabalhado sempre na câmara mas aposto que não foi sempre a fazer o mesmo não é? Desde o princípio…queria que me dissesses um bocadinho por ordem cronológica por onde

é que andaste, o que tiveste a fazer, as funções que desempenhaste, mais ou menos quanto tempo e por aí.

E21: Então é assim, só para não ficares a pensar que eu tive sempre na câmara (sorri), tive quase sempre, a vida profissional a sério entre aspas foi na câmara. Mas foi assim eu fiz o 12º ano e nesse ano concorri para as tais biologias e fiquei de fora por três ou quatro décimas e nesse ano fiquei muito triste não é? E pensei assim "agora que é que eu vou fazer?" "bom vou para um part-time, tenho de ficar à espera do ano que vem para me candidatar outra vez" (sorri). Bom e então concorri a um *part-time* numa agência de viagens e trabalhei durante nove ou dez meses numa agência de viagens onde o que eu fazia era preparar as viagens turísticas que havia para vários sítios no Algarve, no departamento de visitas no Algarve, os estrangeiros vinham já com os pacotes de viagens incluídos, iam visitar Silves, o Castelo de silves, iam visitar aqui e acolá. Esse foi o meu primeiro emprego pago com ordenado, depois…

I: Tiveste quantos meses aí?

E21: Tive para ai uns dez meses porque depois foi quando apareceu a abertura do concurso para o curso de agentes de desenvolvimento, que eu nem me passava pela cabeça concorrer e foi a minha mãe que viu o anúncio no jornal e disse assim "olha lá já que tas sem nada para fazer o que é que achas de concorrer aqui a isto" e eu comecei a ler "administração local, desenvolvimento local e não sei que" e eu "oh mãe mas isto não é nada áreas do que eu quero. Eu alguma vez vi alguma coisa disto? Eu tive sempre na área A, na área A. A minha área é a de saúde e agora vou concorrer para uma coisa destas? Nem gosto nada disso" "mas preenche só o cupão, manda lá, sabes lá" pronto a minha mãe naquela e eu na boa preenchi o cupão e mandei. Passado uma semana tinha uma carta em casa para me apresentar e foi um processo muito engraçado a seleção desse curso porque eles receberam duzentos candidatos para vinte vagas (sorri).

I: E tu foste uma das selecionadas?

E21: E eu fui uma das selecionadas, eu era a mais novinha. Eu tinha dezoito anos não é? Tinha dezoito anos e entre os duzentos candidatos e as provas todas de seleção que fizemos que foram imensas…nunca tinha acontecido tal e que foi também uma bela experiência que eu aprendi de vida. Porque primeiro foi ir à CCDR, que eu tive de saber o que era, tas a ver? Com dezoito anos eu não sabia o que era a CCDR Algarve, tive de

saber o que era, tive de ir lá e quando eu chego lá e vejo aquela escadaria toda cheia de gente eu disse "mas o que é que eu tou aqui a fazer?" só via gente mais velha à minha volta e eu "ah deus me valha, o que é que me vai acontecer?" bom um inquérito de vinte páginas para responder, sobre coisas na área do desenvolvimento da região. Nunca na vida me tinha passado tal coisa pela cabeça, nem sei lá perguntas do tipo "o que é que faria para desenvolver a região do Algarve? Em termos ambientais o que é que considera que o Algarve tem para oferecer?" bom eram duzentas páginas de inquérito assim, sabes eu acho que…escrevi imenso, escrevi, escrevi, escrevi, respondi às perguntas, sai de lá com uma dor nos dedos. Uma das coisas que eu me safou na altura é que eu tava a fazer o *part-time* e entretanto, como sempre não consigo tar muito sossegada e inscrevi-me numa formação que a universidade do algarve tinha aberto na altura, era o primeiro ano em que…ainda estava a funcionar na casa dos rapazes, os laboratórios…um curso de operadores técnicos de saneamento básico, fiz essa formação para trabalhar nas ETAR's, e então eu estava a fazer essa formação e montes de coisas que eu respondi naquele inquérito foi com base no que eu tinha andado a fazer (sorri). Pronto não sei se foi por isso mas o facto é que fui chamada para as outras entrevistas. Fizemos entrevista de grupo, fizemos entrevistas individuais, fizemos psicotécnicos, bom assim uma fase imensa para escolherem dos duzentos, os tais vinte candidatos, mais de um mês de coisas até chegar lá. Fiz o curso portanto o curso era a tempo inteiro de horário e depois quando fui chamada deixei a agência de viagens e terminei essa formação do saneamento básico que era só seis meses. Era uma formação de seis meses financiada pelo fundo social europeu, na altura, daqueles cursos que havia técnico-profissionais que eles queriam fazer profissionais para trabalhar nas ETAR's. Portanto fiz essa formação e fui direto para o curso de agentes de desenvolvimento. O curso de agentes de desenvolvimento foi três anos, em horário completo não é? Diurno completo, e nesse fiz o estágio portanto depois fiz o estágio aqui em São Brás e ao fazer o estágio aqui foi quando apresentei à câmara a minha proposta de trabalho para a câmara de São Brás de Alportel e apresentei uma proposta de trabalho precisamente para criar um gabinete de apoio à juventude e foi quando a câmara abriu esse serviço que não havia aqui nada disso e portanto fizemos um protocolo com o instituto português da juventude para ter o que era na altura os CAJ's, chamavam-se Centros de Apoio à Juventude. Era uma figura que o instituto da juventude financiava portanto eu fui captando esses financiamentos, foi o meu trabalho de pesquisa digamos assim, que foi captando esses financiamentos para aqui. Portanto onde comecei a trabalhar foi aí, foi na área da

juventude e da cultura e depois tive uma série de anos a dinamizar o CAJ, depois aquilo mudou de nome e passou a PIJ, depois tive formação juvenil e passou a ter umas outras valências. O instituto da juventude trouxe na altura o primeiro equipamento informático que a câmara de São Brás teve, que era um multitel ainda nem era um computador, era um multitel que era ligado à linha telefónica que estava ligava à rede do IPJ e pronto, depois fui evoluindo. Trabalhei na área da juventude e da cultura e basicamente durante muitos anos foi ai que trabalhei, depois fui eu que criei o gabinete, o posto de informação mulher na altura, fiz uma formação na área de igualdade de oportunidades e abri o espaço informação mulher e foi onde veio o primeiro computador e a primeira impressora de agulhas para a câmara, o primeiro equipamento foi financiado por esse projeto que eu desenvolvi e pronto fui trabalhando nessas áreas, da juventude, do desporto, do associativismo e da cultura. Dinamizando o plano cultural de São Brás, as questões dos espetáculos, depois foi feita a requalificação do cinema, da galeria…eu fui coordenadora da galeria durante dez anos, portanto as exposições todas que foram feitas para ali fui eu que coordenei e que montei e que subi escadotes e que as pus lá. Trabalhei portanto na área dos espetáculos, o grande evento daqui da feira da serra também nasceu comigo (sorri) nasceu comigo e com a equipa que criou a feira da serra que vem precisamente das questões do desenvolvimento local não é? Portanto eu fui fundadora da associação In Loco, a associação In Loco juntou-se com um grupo de pessoas que saíram desse curso de agentes de desenvolvimento com o professor Alberto Melo e foi dai que nasceu a In Loco com mais umas pessoas por fora e foi fundada nessa altura e eu fui sócia fundadora do grupo que fez a escritura e viemos fazer a escritura a São Brás (sorri) no notário que era mais rápido e mais barato (sorri) e foi nessa onda do desenvolvimento local que isso apareceu. Depois aqui entretanto os executivos foram mudando portanto já passaram vários presidentes com os quais trabalhei e várias equipas de pessoas com quem trabalhei. Depois fui secretária da vereadora da ação social, cultura e educação durante um tempinho e depois passei para adjunta do presidente que é onde estou agora, e já estou como adjunta há uns seis, sete anos.

I: E ao nível do salario tens notado alterações? Tem aumentado ou tem diminuído?

E21: É assim felizmente o meu tem aumentado (sorri), agora por acaso diminuiu pronto agora levámos um corte e logicamente também senti o corte e agora quando este mandato chegar ao final…neste momento estou num cargo de nomeação que sendo uma

nomeação também implica em termos de remuneração. Sempre que o presidente cessa eu cesso automaticamente com ele, no mesmo dia, à mesma hora…. As minhas funções enquanto adjunta e fico na minha carreira que neste é de técnica superior.

I: Ficas sempre aqui na câmara, podes é não ter essa função de…

E21: Sim deixo de ter essas funções, mas volto à minha função de técnica não é? Que é a carreira que tenho no quadro. Aí sim ajudou-me a licenciatura porque eu estava como técnica profissional não é? Sem ter a licenciatura estava na carreira técnica profissional e assim que fiz a licenciatura passei para a carreira técnica superior não é? Logicamente se sobes em termos de carreira isso também tem influência na remuneração. É assim as remunerações desde que eu comecei, ilusoriamente parecem ter subido mas face ao custo de vida, se nós formos comparar agora o tempo em que eu entrei, que também fui eu que criei o meu próprio emprego aqui, que não existia no quadro e ainda assim eu andei a saltar de índice de carreira para outro, porque tal como te disse não havia a profissão de agente de desenvolvimento e foi por aí que eu quis entrar na câmara e tive de esperar que fosse aprovado… ou seja eu trabalhei ainda um ano que não podia renovar contrato, acabava os três anos e depois já na podia ser mais contratada e eu tive que estar um ano numa carreira abaixo a receber menos para depois conseguir novamente concorrer na carreira técnica, na altura chamava-se carreira técnica profissional nível 3. Esses níveis já desapareceram todos, agora já não tem nada esses nomes mas na altura era isso, ou seja, na altura puseram-me a questão, o presidente que tava em exercício na altura disse-me "Denise é assim a gente já não te pode ter aqui a trabalhar, tem de mudar para outro contrato. É o término do tempo, já não se pode prolongar. Agora é assim, se quiseres continuar e a gente faça esse…até que realmente saia essa publicação e o diário da república dê reconhecimento da profissão para aquele nível" e eu disse que sim pronto e trabalhei um ano com menos ordenado mas no ano a seguir eles de facto cumpriram a palavra deles e abriram concurso para a carreira que tinha saído portanto a publicação, reconhecendo que era técnico de nível 3 e foi por aí que eu entrei para o quadro.

I: E neste momento achas que a tua remuneração está de acordo com as atividades que tu desenvolves na tua profissão? Estás satisfeita?

E21: Sim acho que sim. Até porque a minha remuneração como te disse, neste momento é um cargo de nomeação foi negociada e há um índice não é? Há um *plafom* e foi negociado. A esse nível não me posso queixar.

I: Então tens a remuneração normal dos outros técnicos e tens mais esse X.

E21: Tenho mais esse X de estar nomeada, sim.

I: E depois deixas de estar nomeada e voltas ao teu ordenado base?

E21: Sim senhora, é.

I: Na tua opinião a presença dos educadores é importante nas instituições? Porquê?

E21: É assim, eu acho que sim mas é preciso que a pessoa que faz formação e que está nesta área tenha de facto o espírito por detrás do educador social que é a trabalhar "com" as pessoas, "com" as pessoas! Não é "para" sequer. Essa onda do "para" já passou! Neste momento é trabalhar com as pessoas e isso dá mesmo muito trabalho porque neste momento estamos numa situação da sociedade muito complicada, seja com novos, seja com velhos é muito complicado. As expetativas em termos de futuro para os mais novos são complicadas, os anos de finais de vida de quem já trabalhou e de quem é reformado também não são nada fáceis e estamos numa sociedade atual muito complexa e eu acho que aí sim, quem quiser ser bom educador social está na onda. É como se diz "quando há crise, há oportunidades!" é verdade, então neste momento é a oportunidade para esta função, eu acho! Tenho a certeza absoluta! Quem quiser ser um bom educador social e souber ir à procura…mas tem de ir à luta! Não pode ficar à espera que venham chamá-lo "anda lá aqui e vem lá ver" não. Não, neste momento é a altura das oportunidades, de olhar à nossa volta e do educador social pensar "Pera aí! Isto tá complicado aqui, aqui, aqui e aqui" ter discernimento para ver o que é que faz falta, o que é preciso fazer e ir à procura das pessoas para fazer. Por isso é que eu digo que é o "com" e não o "para" é pegar depois nas pessoas, sejam elas as pessoas que precisam das coisas, sejam as entidades, sejam os financiadores, seja o que for, procurar tudo, juntar tudo e fazer.

I: Especificamente nas IPSS, qual é a importância do educador nas IPSS?

E21: É assim, as IPSS são quase todas e têm quase todas aquela vertente do tal carácter social que nos liga ao educador social, à questão da assistência social, do apoio social e tudo mais. É assim eu acho que o educador social pode entre aspas desmistificar essa história do apoiozinho social e passar a deixar de ser isso para passar a ser aquilo que as pessoas contam que é…é assim nós temos de tirar partido das potencialidades das pessoas e das entidades. As IPSS's fazem um trabalho bom mas algumas delas ainda muito nessa onda do assistencialista e do "toma lá" e do na na na e aí é que o educador social pode fazer a diferença. Acho eu, não é? Como eu entendo a postura do educador social, aí o educador social pode fazer essa diferença e ir para uma IPSS e mudar um bocadinho esse pensamento.

I: Gostavas de trabalhar numa IPSS?

E21: É assim, não me importava de trabalhar numa IPSS, eu trabalho com muitas! No dia-a-dia trabalho com várias e já tenho desafiado algumas a fazer coisas diferentes, fora daquele normal que elas costumam fazer não é? Eu acho que isso é um desafio.

I: E nos agrupamentos de escolas? Achas que é importante o educador?

E21: Tão importante, oh tão importante, tão importante, tão importante. Tanto, tanto, tanto, quem me dera a mim que o ministério da educação pusesse lá para além de professores, uma função de contratar educadores sociais nas escolas. Quem me dera a mim! Existem N coisas que um educador social pode fazer num agrupamento de escolas.

I: E como é que nós podíamos abrir os olhos ao ministério?

E21: Pois não sei, só se calhar ir lá dar três cabeçadas na parede (sorri).

I: Esta questão que tu falaste há pouco dos projetos. Podemos arranjar um projeto e financiamento entrar por ai?

E21: Eu acho é assim, nós podemos entrar, podemos furar de vários sítios. Agora não está tão fácil, já teve um tempinho mais fácil atrás mas podemos tentar furar por aí, é assim…é porque aquela dita autonomia que as escolas têm não existe e agora então está completamente congelada. A pouca autonomia que existia neste momento, eu estou muito triste com a educação, estamos a regredir imenso, imenso, imenso em termos de educação nas nossas escolas e isso assusta-me muito porque tenho dois filhos ainda lá a

estudar mas de facto é assim eu acho que é por aí. Uma das vertentes é o educador social poderá furar esse esquema indo por dois lados, com as associações de pais que não utilizam nem metade do poder que têm dentro dos agrupamentos de escolas, não sabem usar. Neste momento os pais têm representação legal no órgão de maior importância de todos os agrupamentos, que é o conselho geral e ninguém usa isto, não há pais! São muito poucos aqueles que usam isto, não fazem uso. As associações de pais mereciam…não são todas não é? Pronto há associações que são empenhadas pronto, mas podia ser tanto, tanto, tanto trabalho feito.

I: Também pode ser por falta de conhecimento dos próprios pais.

E21: Pois e os educadores também. Os educadores sociais por ai eu digo-te, era uma maneira de conseguirem entrar nos agrupamentos de escolas e de fazerem um bom serviço para a comunidade. É um sítio onde se pode ir procurar, furar, criar oportunidade de emprego…através de uma associação de pais num agrupamento. Depois é assim, antes alguns agrupamentos tinham alguma manobra para os GAAF´s, os gabinetes de apoio à família e aí eles podem decidir contratar ou psicólogos ou educadores sociais ou outros técnicos… é outra forma de lá chegar.

I: Mas também já ouvi que havia muitos gabinetes com educadores e agora os educadores foram dispensados e puseram lá os professores com menos horas.

E21: Pois por isso mesmo estou a dizer, essa autonomia pelo menos agora ainda ficou mais restrita. Até há um tempinho atrás se conseguia alguma coisa dessas, agora está mais restrita mas outra forma é os projetos que também ficaram mais restritos agora. Porque antes os agrupamentos de alguma maneira conseguiam e podiam estabelecer determinado tipo de parcerias e aí por algum outro motivo poderia aparecer a figura do educador social numa parceria do projeto e agora é mais difícil, é mais difícil mas fazem falta.

I: E achas que é importante principalmente porquê?

E21: Eu acho que é importante porque é aí que está a base de tudo! Então estamos a falar de educação é a matéria-prima não é? É humana com que se está a trabalhar, é quem está nas escolas, hoje toda a gente diz "ai o futuro está nos jovens, o futuro tá nos que vêm aí" então é com esses que temos de trabalhar! Não é? Então faz todo o sentido que o educador social se está a trabalhar para uma sociedade melhor não é? Com outras

perspetivas, que esteja lá também não é? Não faz sentido que não esteja lá portanto faz todo o sentido que seja nas escolas e nos agrupamentos de escolas.

I: Cada vez também há mais problemas também não é? Com as crianças.

E21: E cada vez há mais problemas. É difícil, há o papel do professor…antes os professores faziam um bocadinho esse tipo de coisa e agora é-lhes pedido tanto, tanto, tanto que eles não conseguem, pronto e não é só isso, nem sequer é isso. Eu acho que é uma questão de ter equipas multidisciplinares a trabalhar na escola e eu acho que todos só saem beneficiados com isso não é? E está provado em muitos sítios, em muitas escolas que os projetos quando são envolventes resultam muito melhores e se tamos a falar das questões sociais e de formar pessoas e de ter uma maior matéria-prima para a sociedade seguinte é na escola! A escola tem esse papel entre a família não é? Cada vez se retirou da família para pôr na escola e agora a escola já não está a suportar isso e o educador social faz falta, é um elemento técnico que pode ajudar a resolver muitas coisas.

I: A profissão de educadora social ou interventora comunitária, como quiseres, tem vindo ao encontro das tuas expetativas?

E21: É assim eu não sei muito bem responder a essa pergunta (sorri). Eu acho que eu tenho feito as minhas expetativas resultarem ou pelo menos para não saírem tão furadas quanto a isso mas eu acho que sim, eu acho que sim. Eu revejo-me totalmente nessas funções e sou defensora acérrima da figura do educador social.

I: E gostas do que fazes?

E21: E gosto do que faço (sorri).

I: Não tens grandes frustrações nem grandes desilusões?

E21: Ah isso tenho! Quem é que não tem? (sorri) Às vezes só me apetece dar murros nas mesas e gritos nas paredes e sei lá o quê mas pronto mas isso é como tudo. Não mas depois é assim, olha isso e como quando a gente tem filhos não é? A gente costuma dizer "quem não é mãe não sabe" e depois de ser mãe eles são a coisa mais chata que pode haver, dão-nos problemas do arco-da-velha e dão dores de cabeça do caraças e se a gente pensa que é só ali quando são bebezinhos e piquininos mentira! É toda a vida! É a tal coisa, aquilo nasce, sai da gente e depois é para toda a vida, acabou! Mas depois

também dão isso tudo mas depois dão as outras coisas todas boas igual. Portanto eu acho que numa profissão acontece o mesmo, há aqueles momentos de frustração que a gente tem vontade de chorar e berrar e chamar nomes e dizer "isto é uma porcaria e não sei quantos" e depois há aquelas coisas que às vezes são coisas tão pequenininhas pah e dão uma satisfação tão grande, tu veres sei lá uma intervenção qualquer que muda uma comunidade inteira percebes? Ou que mude um grupo de pessoas que tiveram envolvidas numa determinada ação. Ou seja a tua ação enquanto educadora social faz a mudança com os outros e para os outros e é efetiva, não é de facto uma coisa irreal! É uma coisa que toca as pessoas, toca a vida das pessoas, muda aquilo que elas experienciaram, muda as vivências, muda a forma deles estarem e de serem e de fazerem…então estamos a fazer mudança. Isso é que é o importante, isso é que é a função principal do educador social, é a perspetiva da mudança.

I: É isso que te tem satisfeito mais a nível profissional? Veres que o teu trabalho dá resultado?

E21: É, é! Leva tempo, algumas coisas levam muito tempo não é? Décadas. Eu só agora é que estou a ter. Eu neste momento, vai fazer vinte e cinco anos que estou na câmara e estou a ter neste momento a satisfação de ver muita coisa funcionar com as bases que eu semeei há dez e quinze anos atrás, agora é que está a dar fruto.

I: Exatamente. Relativamente aqui ao teu contexto de trabalho qual é a principal missão? Se é que podes definir uma missão.

E21: É assim a principal missão, eu vejo a administração pública local, neste caso uma autarquia como todos deveriam ver acho eu, que é com uma empresa a funcionar não é? As empresas traçam objetivos não é? E neste caso a missão aqui é uma missão geral de aumento da qualidade de vida das pessoas, neste caso deste local, não é? Em todos os níveis, em tudo aquilo que se possa fazer, mesmo que seja em área que até às vezes não são da competência da própria câmara percebes? Mas ao fim ao cabo a missão geral é sempre a comunidade no seu todo, o munícipe e a zona territorial a que diz respeito, ou seja, então nesta zona territorial tudo pode acontecer, em todas as áreas e a câmara tem responsabilidade em muitas delas, responsabilidade direta e tem outras tantas responsabilidades indiretas não é? E portanto o seu papel é tar sempre virado para o aumento da qualidade de vida das pessoas.

I: E essa também é um bocadinho a tua missão pessoal? Aqui neste contexto?

E21: É. É, é a minha missão pessoal, tem sido sempre. Eu costumo dizer que trabalho com a melhor matéria-prima que existe no mundo que são as pessoas.

I: A nível de projetos que neste momento a câmara tenha ou que tu tenhas o que é que tu podes dizer? Quais são os projetos que há?

E21: Ui há tantos (sorri). O problema neste momento está em selecionar aqueles que não vamos fazer por não termos condições nomeadamente a maior parte delas a nível financeiro porque de facto isto está muito complicado e vários projetos vão cair por terra, dos que estavam programadas, não só até para 2012 mas para 2013 e 2014 porque o planeamento é sempre mais avançado não é? As câmaras fazem um orçamento anual mas fazem uma planificação sempre de dois a três anos não é? E aqui a nível local o problema agora é decidirmos o que não vamos fazer porque não temos condições de fazer.

I: E há algum projeto que estejas mais diretamente relacionada?

E21: Há vários sei lá, estou com o projeto a acompanhar o Algarve central, tem várias medidas a nível…que eu acho que é um projeto muito interessante a nível intermunicipal que envolve cinco municípios em conjunto, cinco mais um Albufeira, seis, que entrou a meio…e que tem ações várias nomeadamente a do simplex autárquico que eu acho que vai ser o futuro não é? Que é as relações das autarquias com os munícipes portanto neste momento já saiu uma nota para a imprensa mas vão sair mais agora em que tudo o que seja de atendimento ao munícipe seja de formulários, normalidades estes seis municípios vão ter tudo já harmonizado e igual ou seja um pedido que tu faças pode ser atendido em Faro ou em Olhão ou sem São Brás, onde quer que seja da mesma forma, em qualquer dos balcões, da mesma forma, com o mesmo formulário, com os mesmos pedidos…aquela história imagino que tu moras em Faro mas tens um terreno aqui em São Brás e queres fazer coisas aqui, não tens de tar a vir a São Brás à câmara para preencher…sei lá queres fazer a obra de um muro, não tens de tar a vir aqui a perder do teu tempo, a ver o horário, não. Já podes fazer em Faro e no balcão de atendimento em Faro fazes tudo, vêm aqui os nossos serviços despacham e recebes e isso vai passar a *online* também num breve espaço de tempo o que é muito bom também. Neste momento muitas das coisas são disponibilizadas via net, vais aos

sites da câmara e tens acesso a essas coisas e eu acho que a esse nível por exemplo é um exemplo de um bom projeto que se está a desenvolver na região e que não é só duma câmara portanto é dum trabalho conjunto destes câmaras e depois esperemos que a nossa contribuição como pioneiros destas seis câmaras se alastre e passe para as outras não é? Sei lá eu acho que este é um projeto interessante, tem outras medidas também pelo meio interessantes. Esperemos que elas cheguem a bom porto, como se costuma dizer. Algumas medidas deste próprio projeto vão agora deixar de se poder executar porque não há de facto financiamento da parte das autarquias não é? Porque a parte comparticipada que estava prevista vai cair. Sei lá aqui propriamente a nível local de São Brás eu gostava muito que se continuasse a trabalhar no orçamento participativo e que se viesse a incrementar ainda mais este parte do orçamento participativo porque acho que é importante. Não temos sabido, na minha opinião, gerir da melhor maneira tudo até agora, mas pronto não se consegue fazer sempre tudo muito, muito bem. Mas esse é um projeto que mudando as próximas eleições autárquicas que vão trazer novas executivos para a região, não só para aqui mas para a região e eu espero que se possa renovar este projeto porque eu acho que é de facto importante.

I: Tu aí há tempos também me tinhas falado dum projeto relacionado com as mãe.

E21: Sim esse projeto das mães ainda está um bocadinho em stand-by, ficou um bocadinho em standby mas eu até espero ver se consigo com as histórias do verão não é? As férias do verão…ainda no outro dia encontrei uma das mães interessadas nesse projeto de pôr isso a despoletar neste verão com as atividades de trabalho de ATL para os miúdos e vamos ver se a gente consegue.

I: Esse projeto era mesmo o quê?

E21: É assim esse projeto são mães de meninos com necessidades educativas especiais e que vêm muita dificuldade em ocupar os miúdos, e em ocupá-los não isoladamente e não sozinhos e não com meninos iguais a eles mas com outros meninos ditos normais e a ambição desse grupo de mães é ter um espaço onde os miúdos, estes e outros, possam encontrar-se, possam fazer atividades e possam estar envolvidos e ocupar algum do seu tempo. E há algumas vontades nesse sentido e nós temos alguma disponibilidade também de algumas instalações, de algumas pessoas também que voluntariamente também poderão oferecer o seu trabalho e vamos ver se a gente consegue por isso de pé (sorri).

I: Esse projeto também foi feito por ti?

E21: Esse projeto vem no seguimento da minha tese. Foi o grupo de investigação de mães com quem eu trabalhei que tem essa vontade.

I: Já agora qual é o tema da tua tese?

E21: É "Meninos especiais, pais diferentes" (sorri) pronto esse é o título mas basicamente pronto foi na área da educação de adultos e cidadania e a ideia foi com um grupo de mães e auxiliares das escolas pensarmos se por estas mães terem estas necessidades com estas crianças elas *per si* serão ou não mais participativas ou se são mais mobilizadas para participar ao nível da comunidade por terem estas necessidades, por sentirem estas dificuldades. Foi isso que eu procurei saber na minha tese (sorri).

I: E ao nível da tua equipa de trabalho, eu não sei se trabalhas diretamente com uma equipa ou se trabalhas com muitas.

E21: Trabalho com várias (sorri). Sim neste momento acabo por trabalhar com várias equipas e por acompanhar várias coisas não é? Neste momento estou na dependencia direta do presidente e portanto são vários projetos ou seja neste momento eu faço parte da equipa do executivo não é? Pronto.

I: És um bocadinho também a ligação entre o presidente e as várias equipas de trabalho.

E21: E os vários departamentos sim, é um bocado isso.

I:E depois também estás um bocadinho relacionada com o trabalho que é feito nos vários projetos? Também vais ao terreno?

E21: Sim em muitas situações sim, até porque nós somos pequeninos aqui e temos de fazer de tudo (sorri).

I: Ao nível das atividades e das tuas funções aqui na autarquia, o que é que tu fazes atualmente?

E21: Faço de tudo (sorri). Agora quando te deixar vou…desde arrumar a sala do salão nobre para pô-la preparada para as sessões, até coordenar as equipas dos eletricistas, do

carpinteiro e de outras coisas, até fazer uma candidatura se é preciso escrever e ter de a fazer e levar para o departamento financeiro, é assim.

I: E depois as reuniões não é?

E21: E depois as reuniões. Geralmente é assim, nós fazemos reuniões de coordenação com o executivo, geralmente é à segunda-feira de manhã que eu tenho reunião com o presidente e os vereadores, um bocadinho para o ponto da situação, como é que as coisas estão evoluindo e em todas as áreas, quer nos projetos de construção, quer nos projetos de instigação, pronto tudo aquilo que o executivo tem de se preocupar não é? E depois pronto face às solicitações que vão aparecendo e àquilo que vai acontecendo é acompanhar. Eu tenho responsabilidades no polo da educação que é o polo que ficou com o presidente e ao fim ao cabo está com o presidente mas quem tem de estar lá todos os dias a fazer esse trabalho sou eu não é? Portanto tudo o que é a educação e as escolas de São Brás passa por mim. Hoje de manha já recebi três chamadas, no fim de semana assaltaram a escola dos Vilarinhos, vandalizaram um bocado as coisas, não roubaram nada mas estragaram a campainha e como depois de amanha é dia de prova de aferições na escola a campainha tem de tar a funcionar. Eu tive de telefonar para o eletricista para ir lá ver e verificar. Avariou a máquina de descascar batatas da escola nº2, telefonaram para a Daniela e a Daniela teve que tratar (sorri) pronto portanto tas a ver que é uma polivalência de coisas, desde escrever relatórios até fazer atas…o conselho geral de educação reuniu e faço parte, o presidente faz parte eu faço parte, o conselho municipal de educação, tenho a ata em cima da minha secretária para fazer (sorri) sei lá faço de tudo e mais alguma coisa. Ah vamos fazer um plano municipal de igualdade, eu sou conselheira para a igualdade portanto para a semana vou ter de começar a recolher tudo o que seja informação que nós já tenhamos trabalhado nessa área para que com a consultora que vai trabalhar connosco começarmos a fazer o diagnóstico para fazer o plano.

I: Há mais alguma educadora a trabalhar aqui?

E21: Tenho. Tenho mais uma, uma aqui e agora outra na Junta de Freguesia. Agora tenho mais duas. A outra educadora que está aqui é a Sónia e está essencialmente ligada à área da animação cultural que eram as minhas antigas funções (sorri).

I: Relativamente às perceções. Qual é a tua perceção da tua figura profissional aqui na autarquia? Achas que tens importância aqui na autarquia e achas que as outras pessoas têm consciência dessa importância?

E21: Ui. Têm até porque devido ao tempo ao qual eu trabalho aqui. Talvez não reconheçam isso na figura da educadora social que se calhar algumas pessoas nem sabem que eu sou educadora social não é? Mas pronto… nem sabem que eu estou a fazer determinado tipo de coisas se calhar baseado num conhecimento e na aprendizagem que tive na licenciatura de educadora social e provavelmente essa é uma falha minha e também tenho de começar a dizer mais vezes que sou educadora social (sorri) que é para promover mais a profissão mas sim, sim. É assim eu já trabalho aqui há muito tempo e as pessoas conhecem-me mais como a Daniela e sabem o que é que eu faço do que se calhar de educadora social, mas sim. E os meus colegas também acho que sim não é? Já é muito tempo de trabalho.

I: E quais são os efeitos que provocas? Por exemplo tens consciência que provocas algum efeito ao nível dos colegas ou das próprias pessoas quando estás no campo a trabalhar?

E21: É assim sim, porque… sei que sim porque as pessoas é assim, eu sou entre aspas sou alentejana mas sou muito remexida (sorri) falo muito, converso muito e sou muito de puxar pelas pessoas, não é? E eu acho que as pessoas facilmente vêm isso em mim não é? Às vezes se calhar não da melhor maneira, também de vez em quando sou assim um bocadinho brutinha, é sou um bocadinho brutinha a dizer as coisas. Não é tanto por mal, é uma característica minha, aí é por ser taurina, sou touro e pronto. Também sou teimosa, é característica que eu tento limar as arestas mas pronto de vez em quando isso vem ao de cima e tal, mas essa história da teimosia também tem ajudado nalgumas coisas porque levo a bom porto os projetos e as ações e o que tem de se fazer e se é para fazer é para fazer e então eu quando meto na cabeça que é para se fazer tenho de fazer e levo todos atras comigo se for preciso (sorri). Eu acho que sim, acho que as pessoas vêm isso não é?

I: E ao nível dos teus colegas diretos e do teu superior, neste caso o presidente não é? Achas que têm alguma consciência?

E21: É assim, eu acho que sim, se não tivessem também não me tinham convidado para o cargo onde estou nem… de vez em quando chegam ao pé de mim e perguntam a opinião e dizem "vê lá o que achas sobre isto e o que achas sobre aquilo" pronto portanto e pedem essa opinião e essa visão nesse sentido. Aí já é nesse sentido da minha visão de educador social, aí acredito que sim porque essas pessoas nesse caso conhecem-se enquanto tal e sabem que eu tenho essas características e essa visão do planeamento global e aí perguntam-me para lhes ir dar opinião nesse sentido portanto eu já sei, eles quando me perguntam isso estão a perguntar nessa visão de técnica.

I: Aqui ao nível da tua entidade empregadora qual é a tua perceção por exemplo ao nível da abertura? Achas que tens abertura para fazer as coisas que queres? Tirando essa parte do financiamento?

E21: Sim, tenho. Tenho tido abertura para fazer sempre muita coisa, com todos os executivos com quem já trabalhei. Isso realmente não sei se é um bocado da minha maneira de ser, ter conquistado isso mas tem sido. Logicamente não posso dizer que é tudo, tudo, tudo mas é muita coisa, muita coisa.

I: Relativamente aos pontos fortes e limitações da profissão, tens alguma coisa a apontar?

E21: Oh! Pontos fortes. É assim é como eu disse, acho que o educador social tem de ser, ele muito a procurar as oportunidades da atuação, eu acho que isso é uma das características do educador social, tem de saber fazer isso.

I: Tem de ser polivalente.

E21: Sim completamente polivalente. Isso é assim, se isso já faz falta para outras profissões que são rotineiras e normais, se já faz falta alguma polivalência, então aqui nesta área completamente, completamente. E há outra coisa que eu acho que é muito importante para o educador social, é ele tem de estar muito atento a tudo o que se passa à sua volta e ser muito adaptável às situações, é assim como uma senhora tem de saber que veste um vestido de noite e de gala e um sapato de salto alto para determinada coisa mas no dia a seguir estar de chinelos ou de sapatilhas se for preciso para fazer outra coisa qualquer, é assim o educador social tem de saber vestir estes fatos todos e estar em todo o lado, com toda a gente e em qualquer situação. Um educador social que não faça isto fica sempre um bocadinho atrás. Quem for capaz de fazer isto, para mim é um bom

educador social e é de facto um verdadeiro educador que sabe estar em qualquer lugar e pegar em qualquer coisa e fazer o que for preciso. É a tal história da polivalência, se for preciso lavar o chão da sala, lavas o chão da sala sem problema! E a seguir passado uma hora estás a entrar com um ministro se for preciso, lá ao lado dele e a fazer uma apresentação técnica de um projeto qualquer, e dez minutos atrás tiveste a por a mesa e a arrumar as cadeiras da sala. Mas tens de ter capacidade para fazer isto.

I: E a nível das limitações, o que é que tu achas que podia ser melhorado na nossa profissão?

E21: Epá sei lá, as limitações às vezes são se calhar tu teres algumas ideias enquanto educador social e não tas deixarem fazer. Teres alguma noção de alguma coisa que seja exequível e real e possível e apresentares os teus argumentos e dizeres que A mais B mais C que é aquilo e quem está à tua frente não te deixa fazer.

I: Há algum projeto ou algum sonho que tu queiras fazer que ainda não tenhas tido oportunidade?

E21: UI! Então essa pergunta não se faz rapariga (sorri). Então claro que sim, N projetos, sei lá tanta coisa. Eu podia-me despedir daqui agora e fazer outras coisas quaisquer aí em qualquer sítio.

I: Não és uma pessoa muito parada?

E21: Aí não, nada parada, nunca parada! Eu não sei estar parada, eu fico doente quando estou parada, eu costumo dizer assim…às vezes começo aficar meio engripada e digo "ah mas eu não posso ficar doente agora, eu tenho tanta coisa para fazer! Não posso ficar doente, eu não tenho tempo para tar doente" não, isso sonhos há sempre imensos, imensos. Sei lá tanta coisa, se me perguntares a nível pessoal ou a nível daqui da câmara tenho sempre coisas para fazer.

I: Se tu fosses recomendar esta profissão a alguém o que é que tu dizias?

E21: Olha é assim, eu só recomendaria esta profissão a alguém que eu reconhecesse capacidades e características para ter esta profissão, de outra maneira não recomendaria porque é assim, tem-se mesmo de gostar dos conceitos que estão por trás e das características que o educador tem de ter. São muitas características de personalidade, de temperamento, de características, como é que eu hei de dizer? Inatas, que uma pessoa

tem de ter para ter esta profissão. Não é qualquer pessoa que consegue…porque depois não é um bom educador social e não interessa para nada não é? Portanto interessa ter pessoas nas profissões que gostem daquilo que fazem e que tenham o mínimo de características que lhes permitam exercer a profissão como deve ser. Portanto eu só recomentaria isso a alguém que eu visse que "sim senhora tem características". Há colegas nossos que eu olho para eles e penso assim "tu era bom que desses um salto daqui para fora para outra coisa qualquer porque ias ser mais feliz e ias fazer as pessoas mais felizes. Aqui não estás a fazer isso."

I: E tens-te deparado com muitas situações dessas?

E21: Várias.

I: E nunca disseste nada?

E21: Já disse algumas vezes, já disse e já tentei ajudar já, já. Mas depois é assim, o que há ali não é a pessoa não ter aprendido ou ter tido ou a licenciatura não lhe ter dado o saber, são as tais características próprias, inatas à pessoa, pessoais que ou tu estás disposto a mudar e aprendes a mudar, e isso é difícil, geralmente é muito difícil porque as pessoas dificilmente mudam, não é? Ainda mais quando são novinhas, depois só quando a gente dá muita cabeçada ao longo da vida depois vai aprendendo. Quando se é assim novinho e a coisa percebes? É difícil mas pronto isso.

I: Tenho aqui algumas características e queria que me dissesses se concordas ou não que devem ser próprias do educador social e porquê. Criativo?

E21: Ah claro, então? (sorri) Coitadinho (sorri) do que não for criativo, está feito, não avança para sítio nenhum.

I: E dinamizador?

E21: Também mas é assim, dinamizador já é daquelas que dependem do sítio em que ele estiver a trabalhar e com quem pode ser mais ou menos. Pode não ser um grande dinamizador mas se tiver num sítio em que até está numa equipa em que depois se reflete o seu trabalho no trabalho de equipa não vem mal ao mundo por isso e ele acaba por ser não é? Mas sim tem de ser, claro que sim.

I: Manipulador?

E21: Isso não (sorri). Isso não, nem para educador social nem para nada, desculpa mas aí… isso é coisa que ninguém precisa de ser.

I: Até porque vai contra a ética.

E21: Claro, isso não precisa de ser nada disso, não.

I: Planeador?

E21: Sim, tem de ser claramente que tem de ser. Para já tem de ter uma visão de planeamento global para o que quer seja, qualquer que seja a área que esteja, a instituição, não sei que. Planear é daquelas coisas que o educador social tem de fazer todos os dias, nem que seja o planinho do dia, começa logo por aí, saber fazer um planinho do dia e da agenda e da semana toda porque depois aquilo leva monte de voltas que a gente nunca está à espera e portanto depois tem de saber adaptar o plano ao resto, porque senão quando chega arrisca-se a chegar ao fim do dia o ao fim da semana e a ter deixado N coisas para trás.

I: E autoritário?

E21: Às vezes tem de saber ser na medida certa. Não é uma característica que tenha de ser inata. Uma pessoa autoritária é difícil… para mim é difícil ser um bom educador social sendo autoritário de natureza, de personalidade percebes? Mas tem de saber ser autoritário e usar autoridade nas situações em que isso é preciso. Isso é como uma mãe saber dizer não ou um pai e em educação a gente está a educar e as coisas fazem-se com regras e há regras que a gente não pode fugir e tem de cumprir e há certas coisas que só se conseguem fazer sendo autoritários, dizem "não! É aqui é isto e explicando o porquê" não é? Há que saber a autoridade e o autoritarismo que se utiliza, para quê? Com quem? E para fazer o quê? Não é ser autoritário por ser, puro e simples, não! Há situações onde é preciso ter…se calhar a palavra certa não é ser autoritário, é ter autoridade, não é? Porque se tá numa função que tem de dirigir não é? Determinado tipo de coisa, tem de saber usar da sua autoridade, que lhe é conferida porque ele está em qualquer coisa que assim o exige e aí tem de saber ser.

I: Por exemplo em que contexto é que tu punhas a autoridade?

E21: Opa sei lá um contexto qualquer, num projeto, numa reunião que tem de dominar, há tempo, há uma coisa para se fazer e tem um *timing*, a gente se não cumprir aquilo

então vamos perder o que quer que seja, então vamos, se é para fazer é isto é aquilo é o outro. Se é ele que está a dirigir não é? Se é o educador que está a ter essa função, então ele tem de exercer essa autoridade.

I: Há pouco disseste que pertencias à associação In Loco. Tirando a In Loco pertences a mais alguma associação?

E21: Pertenço à associação de pais ainda, ainda tenho filhos na escola (sorri). Sou socia dos bombeiros voluntários, que associações mais é que eu pertenço? Pertenço…acho que me inscrevi na dos educadores sociais, acho eu, acho que sim. Pera faço parte do que mais? Não sei, devo fazer parte daí de mais alguma mas não me tou a lembrar (sorri).

I: Desta participação nas associações sentes que isto tem contribuído de alguma forma para o desenvolvimento das tuas competências pessoais e profissionais?

E21: Claro que sim. Desenvolvi sempre, desde sempre. Não só o ter pertencido às associações mas também ter passado por grupos de teatro, por grupos de folclore, por grupos de música, tudo isso me deu competências para aquilo que eu vim a fazer depois, quer na escola já no secundário porque eu desde muito miúda que pertenço aos grupos de música portanto isso para mim foi sempre uma participação…a tal participação comunitária, cívica, sei lá o que lhe queiras chamar. Portanto eu tive isso desde muito pequenininha. Felizmente os meus pais proporcionaram-me essas oportunidades e isso foi de facto decisivo para aquilo que eu vim a fazer e para esta perspetiva do comunitário e do social.

I: Como é que te vês profissionalmente daqui a 5 ou 10 anos?

E21: Olha eu espero que num sítio bom a ganhar bem (sorri). Num sítio bom a ganhar bem, é assim não sei, eu costumo dizer agora ultimamente as pessoas à minha volta têm-me ouvido dizer que estou muito farta da administração pública e é verdade porque a administração pública local tem vindo a levar tanto revés e tanta coisa a aparecer não para facilitar mas para dificultar e ainda mais nesta perspetiva da participação da comunidade que eu estou algo cansada e costumo dizer que eu quero descansar disso mas é assim provavelmente quê? Agora vai haver eleições autárquicas daqui a mais um ano, vou ter ai outro executivo. A não ser que me apareça uma oportunidade

extemporânea completamente diferente, e eu me vá embora daqui, mas perspetivando que não, pois estarei a trabalhar com outro executivo nos próximos quatro anos.

I: O que tu fazes diariamente não é uma coisa muito estática porque apesar daquele trabalho todo de gabinete que precisas de fazer relatórios e etc., tu tens também contacto com muitas realidades. Com todas as realidades porque se calhar este é o contexto em que tens mais contacto com instituições e escolas…

E21: Sim e de facto é, eu trabalho em todos os projetos em todos os níveis e mais alguns, que desde as áreas do desporto até às áreas da terceira idade precisamente porque vou acompanhando tudo o que é a intervenção da câmara no seu global. Não só a parte económica, que essa então me chateia bué não é? Mas pronto na interessa aí eu tento escapar-me mas nos projetos sim, nos projetos de intervenção não…eu nesse aspeto sou uma privilegiada, posso dizer que sou uma privilegiada.

I: Se te fosse dada a opção de escolha "escolhe o que queres fazer" o que é que escolhias?

E21: Epá isso é muita difícil (sorri) isso é muito difícil porque eu agora sei lá. Olha há coisas que eu faço nos meus *hobbies* que eu adoro tanto ou mais que aquilo que faço na minha profissão e certamente haveria coisas que se eu pudesse transformar em profissão eu até transformava.

I: Por exemplo?

E21: Por exemplo eu abria um restaurante e ia para a cozinha (sorri). A sério, gostava de ter um restaurante meu se pudesse, se tivesse dinheiro para investir. Deixava a administração pública local num foguete e abria um espaço de restaurante, de alojamento local. Comprava um monte no Alentejo e ia fazer um turismo de habitação.

I: Colocavas a hipótese de ir para o estrangeiro? Gostavas de ir? Achas que era uma boa opção neste momento?

E21: É assim, depende do que fosse fazer. Eu não me vejo a fazer este trabalho de administração ou de intervenção comunitária no estrangeiro, aí acho que é difícil, porquê? Porque para se fazer um bom trabalho tem de se conhecer a realidade dos sítios e uma pessoa ir assim para o estrangeiro sem mais nem menos, a não ser que já lá tenha vivido e já tenha alguma relação com alguma comunidade ou assim. Portanto eu como

isso nunca tive, conheço muitos sítios, muitos projetos, muitas coisas…tive a felicidade de conhecer muitos projetos mas logicamente que se isto ficasse tão mal que eu pensasse que tinha que ir eu ia e havia de conseguir fazer alguma coisa porque até ao nível da Europa eu conheci muitos projetos na área do desenvolvimento local com coisas muito interessantes e certamente se eu tivesse oportunidade de poder ir para uma equipa qualquer para um desses sítios onde eu já tive e conheço e que sei que fazem essas intervenções, pois iria e certamente iria fazer alguma coisa mas que eu dizer assim " agora arranco daqui com as malinhas e vamos embora" hum acho difícil.

I: Nunca puseste aquela hipótese de ir para África?

E21: Eu já me passou pela cabeça. Não foi coisa que não me tivesse…já uma vez pensei mas aí já não tinha oportunidade para, que era inscrever-me num voluntariado e ir experimentar para ver como era assim um tempinho e depois…porque acho que acho que certamente teria oportunidade de fazer um bom trabalho com algumas comunidades dessas e que precisam. Mas é assim aqui tanta coisa para fazer nesse sentido, é como o outro dizia "tira-te do sal e mete-te na salmoira", para que? Então se eu aqui já tenho dificuldades, quer dizer epá era assim não sei. Se houvesse uma oferta que eu visse que tinha disponibilidade e que era possível até embarcava e até ia. Sou de desafios e de aventura, não tinha…se eu visse que, mas enfim não é? Tenho umas raízes muito fortes que me fazem ficar por aqui não é? A minha filha diz que vai estudar para o estrangeiro e quer que eu vá com ela quando ela for, nessa altura pode ser que vá (sorri).

I: Da minha parte está tudo, não sei se queres acrescentar alguma coisa

E21: Eu não.

Fim da entrevista!

ANEXO VI- Guião de entrevista aos educadores sociais desempregados

Escolha do curso

- Quais foram as principais razões que o levaram a escolher este curso? (Razões pessoais ou sociais? Influências familiares?)
- Quais as suas expetativas iniciais relativas ao curso de EIC/ES e em que medida estas se tornaram realidade (e quais as que não se tornaram realidade?)
- Quais os principais motivos de satisfação relativamente ao curso?
- Quais os motivos de insatisfação relativamente ao curso de EIC/ES? (o curso não é reconhecido pelas entidades empregadoras; o curso não permite progredir na carreira; o curso não corresponde às expetativas) O que poderia ser feito para colmatar estas falhas?

Percurso académico

- Durante a licenciatura participou em atividades extracurriculares? (Quais?) De que forma estas atividades contribuíram para a sua inserção no mercado de trabalho?
- Sente necessidade de mais formação nesta área da educação social ou noutras áreas? (Outras cadeiras, licenciaturas, mestrado…)
- Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar:
  O funcionamento geral do curso
  As atividades que o curso organiza
  A qualidade dos docentes
  A qualidade da formação recebida
  O plano de estudos (OUTROS, se quiserem falar de outros assuntos)

Percurso profissional e situação atual

- Quais as principais dificuldades que aponta na procura e obtenção de emprego? (Poucas ofertas? Instabilidade no mercado de trabalho? Trabalho mal remunerado?)
- Que tipo de tentativas efetuou para a obtenção de trabalho na área?

    - Procurou ofertas apenas ao nível do Algarve? Ou também ao nível nacional e internacional? (Onde? Para fazer o quê?)
    - Como procedeu para arranjar emprego? (O que fez? Procurou na net? Enviou currículos? Falou com pessoas conhecidas?)
    - Para que tipo de entidades?
- Acha que o estágio profissional é uma boa alternativa nos dias de hoje?
    - Tentou arranjar algum estágio profissional? Ou algum projeto/bolsa ao nível internacional? (Como procedeu?)

- Desde que terminou a licenciatura já teve alguma experiência profissional na área da educação social? (Onde trabalhou? Qual o tipo de funções que desempenhava? Duração? Porque motivos deixou esse(s) emprego(s)?)
- Na sua opinião a formação que recebeu está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?
    - Estágios curriculares bem estruturados e adequados para preparação para o mercado de trabalho?

- Na sua opinião o que poderia ser feito para melhorar esta profissão?
- Recomendaria esta profissão a alguém? (Que argumentos utilizaria?)

- Pertence a alguma associação cívica, cultural, desportiva, recreativa ou religiosa? (Qual?) De que forma contribui para o desenvolvimento das suas competências?
- Exerce algum tipo de voluntariado? (Em quê?)
    - O voluntariado é uma mais-valia para os educadores desempregados ou para os que não se encontram a trabalhar na área? Porquê? (Qual a importância do voluntariado?)
    - Descreva as tarefas/atividades que desenvolve na instituição em que exerce o voluntariado.

Competências do educador

- Na sua opinião que caraterísticas específicas deve ter o educador social? (pessoais, profissionais, sociais).

- Em que medida as seguintes características são (ou não) importantes para o educador social e porquê? - criativo - dinamizador – manipulador – planeador – autoritário -

Perspetivas futuras

- Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise, o que acha que vai acontecer à sociedade e qual será o papel dos educadores sociais? (Mais precariedade? Mais trabalho? Reconhecimento do trabalho dos educadores?)
- Se fosse dada a opção de escolha como gostaria de se ver profissionalmente? (Em que gostaria de trabalhar e onde?)
- Coloca a hipótese de ir para o estrangeiro? Gostava de ir? Pensa que era uma boa alternativa em termos de profissão e de progressão na carreira profissional?

ANEXO VII- Transcrições das entrevistas aos educadores desempregados

Entrevista nº 4

Data de realização: 3 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Café junto à segurança social, Loulé.

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Em primeiro lugar queria perguntar o que se lembra acerca do curso. Quais eram as suas expetativas? Porque que escolheu este curso? Foram influências familiares, sociais, pessoais?

E4: Não, é assim, a minha ida para o curso foi assim um bocadinho engraçada porque eu fiquei 13 anos sem estudar. Eu só fiz o 11ºano e por acaso convidaram-me para dar aulas, na altura dava-se com o 11ºano e tinha mudado a legislação, só podia dar com o 12º e fui fazer o 12º assim à noite por acaso. Eu nunca fui uma aluna muito boa mas no 12º como era à noite e era casada, mãe de filhos já, comecei a ter notas excelentes e surpreendi-me…eu e uma amiga minha que deixámos de estudar no mesmo ano, engraçado, e no final do ano na brincadeira fomos inscrever para as específicas e inscrevi-me nas específicas e tive melhores notas que andavam a estudar já há muitos anos. Na brincadeira com essa minha amiga também fomos inscrever para a universidade, ela foi para matemática e eu escolhi a área social porque sempre foi uma coisa que eu gostei muito e quando eu deixei de estudar não havia a área social. Em Portugal não havia, só havia a área social para cima e eu não tinha essa possibilidade mas concorri assim, nunca pensando entrar, como primeira opção aliás a minha primeira opção não era essa. A minha primeira opção era ensino básico, só que nesse ano fechou porque aquilo de três em três anos fechava um ano e a minha primeira opção depois no concurso foi educação e intervenção comunitária. Por meu grande espanto eu entrei na minha primeira opção, mas nunca tinha pensado em ir para a universidade, acabei por ir e até perguntei ao meu marido "então e agora o que é que eu faço?" e ele disse-me

"então agora vais!" eu não estava a trabalhar, estava só em casa com os miúdos e fui. Fui e para mim foi tudo uma surpresa porque era tudo novo e fui praxada como os outros, apesar de já ter mais idade, eu era a tia da turma, havia uma mãe que era mais velha que eu, que tinha mais 10 anos e depois era eu (sorri) e depois o resto era tudo 18 e 19 anos, 20…e adorei (sorri) fui praxada igual, conheço cada centímetro lá da relva da Penha, fui praxada igual. O curso foi exatamente aquilo que eu penava que era, apesar de muitos colegas meus pensarem que tinha a ver com a União Europeia na altura, educação e intervenção comunitária, não é? O comunitário, mas não tinha nada a ver com isso não é?

I: Mas gostou?

E4: Sim. Eu sou do terceiro curso, portanto do terceiro curso que iniciou, sou a primeira licenciatura que saiu, foi o primeiro ano que houve licenciatura. Houve muitas remodelações no curso durante esse tempo, o curso teve sempre muito instável, houve muita alteração de disciplinas de um ano para outro, os que vieram a seguir a mim já não tiveram as mesmas disciplinas, pronto as opções não eram opções, eram obrigatórias porque só havia uma, pronto. Chamava-se opção mas eram opções obrigatórias, mas tive algumas opções obrigatórias muito boas, muito boas mesmo que depois me fizeram falta na minha vida profissional futura.

I: Lembra-se de alguma?

E4: Por exemplo a expressão dramática era uma opção na altura, mas por exemplo havia uma disciplina do curso que tenho muita pena que tivesse sido retirada que era língua portuguesa. No entanto tive uma opção que era língua e cultura portuguesa que era horrorosa, aprendi a ver o significado dos quadros, sim senhor muito bem mas foi muito mau. A língua estrangeira, nós não tínhamos a opção de espanhol, vocês agora acho que já têm, era o francês ou o inglês e acabou, não havia informática. Depois é assim, havia cadeiras que o pessoal ia muito mal preparado para as cadeiras não é? Metodologias por exemplo a maior parte das pessoas ia muito mal preparadas para as metodologias, os professores na altura também alguns não sabiam bem…lembro-me com uma das professoras que tivemos de metodologias que para ela conseguir explicar o que era uma pergunta de partida que ninguém entendia não é? Foi assim uma coisa de outro mundo, os professores na altura acho que alguns não estavam tão bem preparados mas foi muito

bom, foi muito bom. Depois quando acabei o curso… já estive a trabalhar no último ano da licenciatura.

I: Trabalhou sempre?

E4: Não, durante o bacharelato não. No último ano sim, tive como animadora numa escola pelo centro de emprego e foi muito bom, foi uma experiência ótima.

I: Fazia atividades extracurriculares?

E4: Com as crianças sim. Não havia atividades extracurriculares na altura, ainda não havia foi há treze anos atrás, não havia as atividades extracurriculares ou de enriquecimento curricular, como se chama.

I: Então fazia mesmo no contexto sala de aula?

E4: Sim, fazia mesmo no contexto de sala de aula, animação de biblioteca. Nós eramos chamados pelo centro de emprego, eu inscrevi-me pelo centro de emprego para ir para as escolas, havia eu nem me lembro bem como é que aquilo se chamava na altura. Fui colocada numa escola em que fazia prolongamento, não era extracurriculares, era prolongamento não é? Eu estava durante o dia com as crianças a fazer atividades de biblioteca, de animação de leitura, portanto outro tipo de atividades com elas e depois no final do dia ficava com uns quantos não é? Ficava com cerca de vinte portanto em prolongamento que foram os pais que se quiseram inscrever, não era extracurricular, agora todos ficam não é? Na altura não, estes foram selecionados, eram cinco de cada ano, cinco do 1º, cinco do 2º, cinco do 3º e 5 do 4º. Foi ótimo deu para fazer imensas coisas a nível da parte da animação não é? E depois ao final da tarde tinha aulas porque a licenciatura foi feita essencialmente ao final da tarde. Então ao final da tarde tinha as aulas normais e depois nesse último ano uns amigos meus…portanto eu fiz estágio curricular na casa da primeira infância e algumas das pessoas com quem eu fiz esse estágio estavam lá a trabalhar e quando me viram na escola, porque iam lá buscar meninos e levar, quando me viram na escola perguntaram-me o que é que eu estava por ali a fazer e tinham um projeto giro de uma ludoteca itinerante e convidaram-me para ir trabalhar com eles.

I: A nível do Algarve?

E4: Não, a nível do concelho de Loulé, para as escolas mais isoladas e eu fui fazer, fui criar essa ludoteca itinerante.

I: Sim porque Loulé tem…

E4: Tinha muitas escolas, tinha. Agora fecharam a maior parte e então eu aceitei depois, comecei depois em Setembro para a construção desse projeto da ludoteca itinerante e entretanto fui ficando. Tínhamos um projeto inserido no projeto da luta contra a pobreza.

I: Isto foi há quantos anos?

E4: Há doze anos. Pronto e fui ficando e entretanto depois passei para a parte de ATL, que gostei imenso, era um ATL com caraterísticas muito específicas para crianças carenciadas portanto estávamos sediados em Almancil na altura e portanto fiquei lá três, quatro anos. Entretanto passei sempre na área de projetos, sempre na área de projetos, passei pelos projetos do POPH, pelos projetos do CREN, pelos projetos do programa escolhas, até agora não é? Até que deixei o programa escolhas. Entretanto sai agora da coordenação do programa escolhas e como a minha instituição fechou, a minha ex instituição fechou a parte de ATL…

I: Qual era a instituição?

E4: Casa da primeira infância. Fechou a parte de ATL e não havia outra, portanto a instituição está mal como todas nesta altura e como não havia outro sítio para me colocarem, pronto acabei por sair por extinção de posto de trabalho não é? Com muita pena minha mas é a vida não é? Agora é partir à luta para outra coisa. Mas é assim o início e já passaram alguns estagiários também por mim, do curso de educação social, quando saem da universidade vêm com umas expetativas que é tudo cor-de-rosa, que é tudo muito lindo, muito bonito e depois é que se apercebem que as coisas não são bem assim (sorri).

I: Quais eram as suas expetativas quando saiu?

E4: Quando sai? Quando sai claro era tudo muito lindo "vou fazer do mundo um mundo cor-de-rosa" portanto eu fiz o meu estágio curricular numa comunidade de etnia cigana "ok, vamos mudar a vida destas pessoas" e as coisas não são bem assim não é? A etnia cigana então tem uma cultura muito própria e as coisas não são bem assim, eles próprios

não querem muitas vezes mudar. Nos últimos cinco anos estive a trabalhar em, nos últimos dois estive a trabalhar em bairro social que também é uma coisa muito gira e nos últimos cinco a trabalhar com famílias, com jovens, crianças e jovens e famílias não é? É muito giro porque a médio longo prazo vê-se alterações nos comportamentos e há muitos dias que são dias não mas também há dias que são dias sim e quando nós vemos que em trinta crianças ou trinta jovens conseguimos mudar um é um sucesso, não é? É um sucesso e o trabalho do educador social tem de ser assim, se não for, se não nos agarrarmos a estes pequenos sucessos então não vale a pena trabalhar nesta área, não vale a pena. A área social é sempre muito complicada porque não é área de gabinete, a nossa não é área de trabalhar no gabinete, é área de trabalhar no terreno, é a área de trabalhar com as pessoas, de mudar as pessoas, não é? De fazer as diferenças nas pessoas.

I: Queria perguntar quais foram os principais motivos que a satisfizeram em relação ao curso?

E4: Em relação ao curso, o que é que me satisfez mais? Se calhar ver a abrangência da população com quem podemos trabalhar não é? Apesar de haver áreas para o qual não estou vocacionada como a área da toxicodependência…não, nunca quis porque eu relaciono-me muito mal com a mentira e a área da toxicodependência nós temos de saber trabalhar muito com a mentira porque eles a maior parte das vezes é a mentira que sai dali pronto em cem afirmações uma é verdadeira, na toxicodependência é assim que funciona e é a realidade. A área que sempre tive mais apetência e aptidão sempre foi a área dos idosos e por incrível que pareça nunca trabalhei. Tive um apontamentozinho na área dos idosos num dos projetos que tinham algumas atividades que nos eram destinadas e eu estava como técnica e eu fiquei com a área inter geracional porque eu quis não é? E trabalhei diretamente com a santa casa da misericórdia de Loulé, que me satisfez imenso. Eu acho que das coisas que me satisfez mais até agora foi isso porque eles têm tanto para dar e nós aprendemos imenso com eles e a vida é feita de aprendizagens portanto é mesmo assim não é? Mas durante o curso as colegas diziam "ah quero trabalhar com toxicodependentes, ah eu quero trabalhar com jovens" e eu sempre disse que queria trabalhar com idosos e por incrível que pareça não fui para essa área não é? Pode ser que ainda vá, agora que estou no desemprego pode ser que arranje alguma coisa nessa área, que é difícil mas pronto, gosto imenso.

I: Há quem diga que os idosos é o emprego do futuro.

E4: Pode ser que sim mas eu adoro, adoro mesmo trabalhar com idosos porque eu aprendo e eu tenho aprendido imenso com os idosos, claro que há alguma que são assim rabugentos não é? Mas aprende-se a trabalhar, as crianças também são não é? E depois com as crianças a área que mais me satisfaz é a área…pronto eu tenho trabalhado com adolescentes e é muito bom trabalhar com adolescentes mas a área que mais me satisfaz é dos 6 aos 10 que é a tal área do primeiro ciclo que eu não fui, é a tal coisa, porque é a área que nós ainda conseguimos principalmente no 1º e 2º ano, conseguimos moldá-los, ainda conseguimos moldá-los porque é a área que eles percebem não é? E conseguimos moldá-los. Apesar de que quando eu estava a tirar o curso diziam-me sempre "vocês não são educadores de infância", nós não somos educadores de infância, mas podemos trabalhar em ATL's e os educadores de infância trabalham até aos 5anos, a partir daí é connosco e com os professores de 1ºciclo não é? Apesar dos educadores de infância chegarem também…

I: Têm medo se calhar que lhes tirem o trabalho.

E4: Então mas se nós não podemos trabalhar com a primeira infância, até aos 5 anos nós não podemos e acho muito bem, mas a partir dos 6 são nossos.

I: Exatamente. Queria perguntar se participava em atividades extracurriculares durante o curso.

E4: Sempre fiz voluntariado, sim, inclusive no ano em que fiz o estágio curricular, portanto era sempre em grupo e estava com mais duas colegas e estávamos a fazer o nosso trabalho de estágio na comunidade de etnia cigana e ao mesmo tempo estávamos a fazer voluntariado no ATL da instituição e também foi muito bom e sempre fiz voluntariado.

I: E acha que esse voluntariado ajudou depois na inserção no mercado de trabalho?

E4: Ah imenso, ajudou imenso, aliás foi por esse voluntariado e pelo trabalho de estágio que depois fui convidada a ficar na instituição porque viram a qualidade do trabalho não é? Viram aquilo que eu era capaz de fazer e aí convidaram-me para eu trabalhar na instituição, não é? Isso às vezes abre portas, fazer voluntariado abre portas.

I: Ao longo do seu percurso desde que terminou o curso e está inserida no mercado de trabalho tem sentido necessidade de mais formações em cadeiras que não teve ou noutros cursos?

E4: Sim. Sim e aliás eu já tenho uma pós-graduação em mediação familiar, que é o primeiro ano do mestrado de política social do técnico em Lisboa, mas sempre que posso faço outras formações não é? Não podemos ficar parados.

I: E acha que o curso tem muitas lacunas?

E4: Tem algumas lacunas ao nível da animação. Eu acho que sim porque é muito giro, a parte teórica toda portanto é importante mas a parte prática da animação também é muito importante e a maior parte vezes os educadores vêm cá para fora e têm de se servir da sua experiência para poder depois atuar no terreno não é? A parte da animação com os jovens, com as famílias, com os idosos, aí tem de ser autodidata para aprender porque a nível de curso, pelo menos na minha altura não, não havia muito a parte prática da animação. Tive na área do desporto, não sei se vocês ainda têm essa cadeira se não, era património lúdico e animação desportiva, portanto eu tive ainda que foi muito bom, era uma cadeira muito prática e a parte da expressão dramática muito importante também, que eu tive como opção, essa foi opção. Tive ainda algumas cadeiras, mesmo assim achava que era importante haver mais cadeiras porque não serve só a pessoa quando sai do curso socorrer-se dos livrinhos e não sei quê é preciso saber as coisas, isso é importante até mesmo na área da formação, para quem queira dar formação. Nós podemos dar formação e quem quer é importante, são importantíssimas na área da animação e não é só a área da animação a nível de dinâmicas de grupo, a nível de práticas, se é para fazer um vitral, se é para fazer um portanto toda, a expressão plástica porque não é só a expressão dramática não é? A expressão plástica é muito importante também. Depois encaramos com estagiários que sim senhor sabem fazer cartazes muito bonitos mas depois a nível de atividades com os jovens não as sabem fazer. Temos que ver que a nossa área é prática, é uma área de terreno, é uma área em que se trabalha com as pessoas e é preciso saber. O saber fazer não é? Também é importante, não é só o saber estar e o saber ser não é?

I: E o saber mandar

E4: Sim (sorri), não é? Não porque nós não temos uma profissão de ficar sentados atrás da secretária, apesar de pronto se for na área da coordenação de projetos então o estar sentada atrás de uma secretária infelizmente tem de se tar muitas horas.

I: Relativamente à qualidade dos docentes acha que eles tinham qualidade na altura?

E4: Alguns (sorri), alguns tinham, aliás a maior parte até tinha não é? A maior parte já estão reformados (sorri), mas com a sua maneira de ser e com a sua maneira de estar, aprendi muita coisa, aprendi apesar de eu considerar que às vezes são muito teóricos e que têm falta de trabalho de terreno.

I: Têm falta de experiência de terreno?

E4: Têm, têm, têm falta de trabalho de terreno, têm falta de estar no terreno a trabalhar e depois ir lecionar aquilo que aprenderam, penso que deviam apostar muito mais em ir buscar docentes, assistentes ou o que queiram não é? Com mestrados ou com doutoramentos ou apenas com licenciaturas mas que tejam a trabalhar no terreno que isso é muito importante não é? Vocês agora aprendem também por exemplo a fazer projetos, eu acho isso muito engraçado, na teoria, mas depois se calhar se for para fazer um projeto para uma candidatura, aí se calhar não sabem fazer e têm muitas dificuldades nisso. Isso aprende-se no terreno não é? Isso aprende-se fazendo não é? Eu tive imensas dificuldades quando fiz a minha primeira candidatura não é? Não a fiz sozinha. A última fiz sozinha, por incrível que pareça fiz, mas às vezes é difícil.

I: Já falou um bocadinho do seu percurso profissional. Queria perguntar em relação ao salário, acha que recebia em relação ao trabalho que desempenhava?

E4: É assim, eu quando comecei já era licenciada e não ganhava como licenciada, não! Ganhava como bacharel pronto apesar de ser licenciada e a minha ex-instituiçao a determinada altura, que trabalha com educadoras a maior parte não é? E a determinada altura equipararam toda a gente a…vou reformular, é assim havia educadoras de infância que a maior parte era bacharéis mas depois começou a haver licenciaturas de educadoras de infância e havia umas que eram licenciadas e umas que eram bacharéis e ganhavam todas o mesmo e houve assim um bocadinho de aversão e então atualizaram, quem era licenciado passou a ganhar como licenciado e quem era bacharel passou a ganhar como bacharel e os técnicos foram de arrasto, portanto eu era técnica não é? Já

licenciada e fui de arrasto comecei a ganhar como um licenciada e foi assim um aumento de ordenado na altura, assim uma coisa, um *boom* mesmo.

I: Foi há quantos anos?

E4: Ah eu não sei precisar mas já há bastantes anos, sei lá, ainda tive uns três ou quatro anos a ganhar como bacharel e depois é que passámos, foi assim um aumento de quatrocentos, quinhentos euros de ordenado, foi assim muito mesmo. A partir daí, é assim há uma coisa muito importante referir, as instituições que não sejam do estado não têm, ou pelo menos a minha não tinha, portanto escalões, aumentos de escalão ou subidas de vencimento. Neste momento havia seis anos que não era aumentada, nem eu nem nenhum dos técnicos e depois é assim os auxiliares têm diuturnidades, as educadoras como estão com a carreira do Estado têm aumentos de escalão, os técnicos não têm nada, portanto eu à seis anos que não era aumentada.

I: Nós também somos educadoras…

E4: Pois é mas somos sociais, é diferente mas não há subidas de escalão e na função pública há. Não temos direito a diuturnidades porque não somos auxiliares, não temos direito a subidas de escalão porque não somos educadoras de infância, logo estagnamos, eu ganho o mesmo ordenado há imensos anos, ou ganhava o mesmo ordenado há imensos anos apesar de estar a ganhar bem não é? Apesar de estar a ganhar mais ou menos bem. Nunca me queixei do meu ordenado mas nunca fui aumentada, a não ser que quando a instituição podia e aumentava aquilo que o Estado aumentava pronto à função pública 2% ou 2,5 mas agora há seis ou sete anos que não eramos aumentados.

I: Queria perguntar se acha que a formação que recebeu estava adequada ao mercado de trabalho e às necessidades do mercado de trabalho.

E4: Na altura sim, na altura sim porque a profissão não era conhecida, nós tivemos de abrir terreno para que as instituições conhecessem o curso porque não era reconhecida não é? Logo não é reconhecida as pessoas começam a reconhecer e começa a haver abertura não é? Logo está adequada.

I: E neste momento acha que há abertura da parte das instituições?

E4: Há mas as instituições estão cheias e além de estarem cheias estão em dificuldades económico-financeiras portanto logo é muito complicado, é muito, muito complicado.

I: E neste caso cabe ao Estado fazer alguma coisa? Ou quem é que podia ajudar neste aspeto na sua opinião?

E4: Não, é assim a nível económico isto está complicado portanto enquanto a estabilidade económica do país não diminuir, não é? Isto vai ser muito complicado. Mas isto é em todas as profissões acho eu, e agora os professores ainda estão piores que os educadores sociais porque é assim o educador social tem de se saber adaptar às situações, tem de ser multidisciplinar, tem de saber fazer tudo e isso é uma mais-valia para as instituições não é? Um educador social tanto está atrás de uma secretária a elaborar projetos, como tá a trabalhar com a comunidade, como está dentro do seu espaço a fazer limpeza portanto não podemos querer ser como se diz na gíria doutores e quem pensar noutra forma está no desemprego, é tão simples quanto isso. É assim que funciona, as instituições neste momento não metem ninguém, pelo contrário, estão a extinguir postos de trabalho porque não podem a nível financeiro pagar técnicos não é? Os projetos a nível social estão a diminuir cada vez mais porque os dinheiros do Estado ou da União Europeia estão a escassear e isto vai acabar e os educadores sociais vão ficar cada vez piores, garanto-lhe que vão!

I: Então pergunto-lhe, com a crise que estamos a ter e com as dificuldades todas que existem a nível social acha que os educadores sociais têm tendência a piorar ou acha que devia ser ao contrário? Tendo em conta que há mais precariedade, que há mais necessidades na sociedade…

E4: Pela lógica deviam melhorar não é? Porque há mais necessidades a nível social mas não há dinheiro para lhes pagar.

I: E o Estado não vai ver isso, nem ninguém vai ver isso?

E4: Não, não. Não, eu acredito que não, infelizmente. E depois é assim, há muitos técnicos sociais, não é só os educadores sociais não é? São os sociólogos, os investigadores sociais, os assistentes sociais, há muitos técnicos sociais, há demais no mercado, há técnicos sociais a mais infelizmente…eles fazem falta, eles fazem falta, só que não há dinheiro para lhes pagar, e mais e ultimamente o que me tenho apercebido, as instituições estão a pedir técnicos muito específicos para as áreas e ultimamente tem aparecido que os técnicos específicos são assistentes sociais e querem concursos de assistentes sociais e não como educadores sociais e isso é uma menos valia para nós não

é? Porque a nível de concursos públicos então… a câmara municipal de Loulé há pouco tempo abriu um concurso e eu ainda estava a trabalhar mas ponderei mudança não é? Não concorri exatamente porque tenho pessoas conhecidas lá dentro e soube logo que todos os que não eram assistentes sociais, concurso de assistente social eram excluídos à partida portanto nem valia a pena concorrer.

I: Já para não falar daqueles concursos que abrem para pessoas que já estão lá dentro.

E4: Neste caso não foi, neste caso não foi esse o caso não é? Era mesmo para uma pessoa que acabou por ficar no concurso, não é? Uma pessoa que já estava na função pública mas noutra área e não era daqui tão pouco, era uma pessoa de Lisboa que veio para cá, não é? Mas ainda há pouco tempo e agora que estou no desemprego estou mais atenta aos empregos e eles pedem especificamente assistentes sociais, a pessoa concorre sim senhor mas à partida está excluída não é? Temos alguma saída ainda a nível da animação.

I: Mas também já os animadores socioculturais.

E4: Mas é assim, uma instituição escolher entre um animador sociocultural e um educador social porque tem mais…

I: Bagagem.

E4: Exatamente, porque consegue fazer o trabalho do animador, tenho muita pena deles mas é verdade, consegue fazer o trabalho de um animador social e mais do que isso, é um técnico qualificado noutra área também e aqui estamos à frente dos animadores não é? Estamos à frente mas pouco mais, por exemplo ao nível da área social estamos atrás dos assistentes socias.

I: E dos psicólogos.

E4: Os psicólogos, aí então, mas as instituições já vão percebendo a diferença. Um psicólogo não faz o nosso trabalho, é ligeiramente diferente, não por aí eu não me preocupo e depois há mais psicólogos que…

I: Então acha que a salvação do país está no voluntariado dos educadores sociais? (sorri) é triste mas…

E4: É, é porque até mesmo por exemplo ao nível da administração regional de saúde ainda no meu tempo de estudante não é? Abriram na altura vagas para planos de verão, havia e eu ainda fiz dois anos planos de verão da administração regional de saúde que foi ótimo mas extinguiram rapidamente essa função, o que era muito importante nos centros de saúde. Um educador social faz muita falta num centro de saúde, além da assistente social não é? Além da assistente social mas faz falta a nível principalmente dos que eram chamados SAP's, agora são os serviços de atendimento permanente não é? Pronto faz muita falta no atendimento ao doente, ao familiar. Nos hospitais também fazemos muita falta mas não somos reconhecidos com muita pena não é? Com muita pena minha porque a área da saúde também é uma área que me diz muito.

I: Acha que o facto de não sermos reconhecidos também passa um bocadinho pela universidade, que não faz o seu papel junto das entidades?

E4: Eu não sei, eu não sei. Eu no meu tempo, não sei se isso ainda continua se não mas havia no final do ano quase uma feira de apresentação do curso às instituições, em que se convidavam instituições da zona pronto a nível do Algarve, para irem conhecer a escola e para irem conhecer o curso e aquilo que se fazia a nível do curso não é? E outros técnicos que estavam a trabalhar em instituições irem apresentar aquilo que estavam a fazer nas instituições pronto e as próprias instituições irem à universidade. Isso foi muito positivo na altura. Pois se não se faz é mau não se fazer! Porque se devia fazer, devia-se fazer porque isso foi muito positivo na altura, e se calhar foi um empurrãozinho para dar a conhecer às instituições que nós existíamos, pelo menos às do Algarve.

I: Já falou no seu estágio curricular, acha que foi bem estruturado e adequado? Acha que foi bem acompanhada?

E4: (sorri) O meu orientador de estágio, no estágio curricular só foi ao meu local de estágio, no acampamento onde eu estava a estagiar no segundo semestre portanto só no segundo semestre é que viu as condições em que nós tínhamos estado a trabalhar durante o ano todo e viu o resultado do nosso trabalho e as notas subiram em flecha (sorri) e passaram de um 14 para um 18.

I: Então ele não tinha noção do que estavam a fazer?

E4: Não, não, não. Tinha vindo uma vez realmente ali à instituição mas depois nunca mais não é? Nós íamos apresentando, íamos dizendo o que é que íamos fazendo mas ver no terreno é diferente não é? Portanto a esse nível ele era excelente, portanto já está na reforma, ele era excelente mas um bocadinho cabeça no ar, despassarado mesmo, é, isso foi um bocado… No entanto os estagiários que eu recebi no curso foram muito mais acompanhados do que eu fui no estágio, estava sempre em contacto, de vez em quando vinha ali, foram muito mais acompanhados que aquilo que eu fui no meu estágio, muita diferença, muita diferença, a esse nível eu acho que foi assim como o dia da noite, muito diferente.

I: Já falou um bocadinho da importância da figura do educador social nas instituições. Porque é que acha que é tão importante a nível das pessoas?

E4: É assim, a minha ex- instituição, eu digo ex porque já não trabalho lá se não fosse a área…portanto eles em determinada altura da vida da instituição quiseram expandir-se para a área social portanto tínhamos um presidente na altura que era muito a favor disso e deu um empurrão muito grande. Para a área social é preciso técnicos sociais sem dúvida não é? No entanto as outras valências da creche e jardim-de-infância não dão, eles por exemplo ainda hoje não valorizam a importância dum educador social na creche e jardim-de-infância, no que diz respeito ao relacionamento com as famílias não é? Eu acho que era importante, era muito importante mesmo na creche e jardim-de-infância das instituições haver um trabalho com as famílias.

I: Principalmente se foram crianças em risco.

E4: Porque os educadores de infância não estão preparados a esse nível, de trabalharem com os pais, sim senhor relacionam-se com os pais, têm de se relacionar mas depois há aquelas situações complicadas que aparecem sempre em sala de jardim-de-infância e que acabam por não ter capacidade para lidar, para resolver e aí era muito importante a presença do educador social portanto até mesmo a nível de resolução de conflitos a nível de recursos humanos, é importante ter um educador social aí também não é? Porque a nível da resolução de conflitos dos recursos humanos eles surgem sempre em todas as instituições, mas depois acabam por ter…ou têm uma boa diretora que sabe realmente dar a volta e resolver conflitos não é? Ou então as coisas agudizam-se não é? Entre os próprios recursos humanos da instituição, sejam eles quais forem e aí é muito importante também a presença de um educador social. É muito giro sim senhora "ah

devia ter um psicólogo" mas um psicólogo não resolve tudo não é? Esta instituição tem um psicólogo para resolução de problemas complicados das crianças, que não resolve o problema das famílias nem dos recursos humanos. No entanto é a tal coisa, as instituições estão a passar por dificuldades muito grandes a nível financeiro e neste momento não têm capacidade financeira para contratar alguém e não valorizam o educador social nessa área. O importante é que os paizinhos estejam todos muito contentes e felizes e que tragam o dinheiro para a instituição, isto é a realidade nua e crua, é duro dizer, é, mas é uma realidade.

I: Trabalhavas numa IPSS não é?

E4: Sim, uma IPSS.

I: Acha que as IPSS são importantes para a sociedade hoje em dia?

E4: É! É sem dúvida.

I: Ao nível politico e social e todas essas coisas?

E4: É sem dúvida, as IPSS's são muito, muito importantes, não é? Porque o Estado não consegue dar resposta a tudo não é? Apesar das IPSS's sobreviverem muito também com apoios do Estado mas esses apoios são cada vez menores e uma vez mais vamos para a parte económica da questão, os pais, muitos estão desempregados e acabam por ter de retirar os filhos das creches e jardim-de-infância, há menos receita para as instituições, para as IPSS's, logo há menos receitas, há menos receitas do Estado e as instituições estão em más situações financeiras. É normal não é?

I: Queria perguntar qual é a sua opinião em relação à importância do educador nos agrupamentos de escolas?

E4: Muito, muito importante. Muito, muito importante. Esse é outro problemas porque também não são reconhecidos não é? Um dos projetos que participei durante três anos e que fui coordenadora desse projeto era em contexto escolar, portanto tive três anos a trabalhar com um grupo alvo de jovens em contexto escolar a nível de abandono, absentismo e insucesso escolar, desresponsabilização dos encarregados de educação e a trabalhar também a nível de docentes e pessoal não docente. No início foi muito difícil, era em três agrupamentos do concelho de Loulé, Almancil e dois agrupamentos de Loulé e no início foi muito difícil a nossa entrada na escola porque é trabalho

comunitário puro, o que nós estávamos a fazer nesse projeto e foi muito difícil o reconhecimento por parte dos professores, não dos executivos atenção! Esses receberam-nos muito bem, tanto que quiseram o projeto na escola, a nível de docentes foi muito, muito difícil de entrar "o que é que eles vêm para aqui fazer? Pensam que são professores mas não, eles não são nada".

I: Tinham receio que lhes tirassem o lugar.

E4: Claro. Quando começaram a ver os resultados do trabalho, quando projeto terminou em contexto escolar "vocês deviam ficar aqui, faz falta o vosso trabalho aqui. Foram uma mais-valia" porque é assim, por exemplo a nível dos diretores de turma são muito bons sim senhor, mas é a nível da escola. E depois a nível de trabalhar com as famílias? Eu deslocava-me muitas vezes à casa das famílias e quando eles viam, as famílias viam o representante da escola em casa davam outra importância à valorização da escolaridade não é? E as escolas acabaram por reconhecer isto, não é?

I: Aliás houve muitas escolas que criaram os GAAF's, que era os gabinetes de apoio ao aluno. Mas agora também já está a ser retirado.

E4: Pois, apesar desse trabalho também não ter sido feito como realmente devia ter sido feito não é? Porque depois também tem a ver com a imagem que os educadores ou que as pessoas estão nos GAAF's passam para fora não é? Há bons técnicos e há maus técnicos como em todo o sítio não é? Mas o que é certo é que pronto é sempre uma mais-valia e como estes três agrupamentos reconheceram o nosso trabalho, que foi muito positivo. Uma das escolas então portanto, aliás as três escolas querias que nós ficássemos lá.

I: E não houve possibilidade de continuar o projeto?

E4: É assim, a nível do novo projeto tinha de se, portanto era importante trabalhar a nível do bairro e um dos agrupamentos fazia parte do portanto era área de abrangência do bairro e ficou-se com esse agrupamento não é? E pronto tem-se uma adesão assim que não tem nada a ver, a pedra já tinha sido partida portanto…mas inicialmente é muito difícil reconhecerem não é? Até mesmo a nível por exemplo ao nível da tão famosa educação sexual nas escolas. É transversal às áreas sim senhor, mas a maior parte dos professores de ciências de biologia, de ciências da terra e da vida, de todas essas áreas que deveriam dar não estão à vontade.

I: Não têm competências?

E4: Não têm competências, não o fazem da mesma maneira que nós fazemos. É verdade que há outras instituições que também trabalham no terreno e que vão às escolas mas são trabalhos pontuais e não é esses trabalhos pontuais que vão dar resultados. É preciso um trabalho contínuo nas escolas, isso é importante e são os educadores sociais que estão vocacionados para isso, ponto final e parágrafo.

I: É preciso é que alguém repare nisso.

E4: O problema é esse, uma vez mais vamos para a parte económica e eu bato sempre nesse ponto e o governo agora está a fazer cortes em tudo inclusive nas direções regionais de educação vai haver corte não é? E uma vez mais não há dinheiro para essas coisas, tem que se cortar aquilo que eles consideram não essencial pronto apesar de nós sabermos que é essencial (sorri).

I: Exatamente mas acho que já vai havendo pessoas a abrir os olhos…

E4: Mas depois para pagar quem é que paga? Porque é muito giro fazer voluntariado mas não se come do voluntariado não é? Não se come nem se bebe do voluntariado e os educadores têm família e precisam de dar comida à família, têm marido e filhos.

I: Pois. A profissão de educadora social ou de interventora comunitária foi ao encontro das suas expetativas? Ou se tem vindo a ficar desanimada…

E4: Não, é assim, estou satisfeita porque é assim sempre foi uma área que tenho…porque eu vim da área da contabilidade, até ao 11º ano sempre tive na área da contabilidade e se tivesse decidido na altura tinha ido para área de gestão, económicas e, portanto ir para a área social foi uma opção mesmo, foi uma opção minha e pronto e sempre gostei da área social, sempre gostei muito da área social portanto estou realizada.

I: Então contribuiu para a sua realização pessoal?

E4: Sim, sim completamente. Claro que agora estando desempregada gostaria de encontrar alguma coisa também na área social, ou na área da animação pronto, não sei se vai ser possível.

I: Tem estado à procura?

E4: Tenho. Tenho mas também há muito pouco tempo não é? Há quinze dias portanto isto ainda está muito no princípio e é assim, é preciso batalhar, é preciso ir aos sítios e não é só como eu tenho estado a fazer através da internet porque assim não se consegue nada não é? É bater à porta, é chatear as pessoas, é ver e isso eu ainda estou na fase de pôr a cabeça em ordem não é? Foram muitos anos a trabalhar nesta área e agora… O que é muito desgastante, esta área é uma área muito desgastante.

I: Quando se trabalha no terreno acho que são um bocadinho todas.

E4: É, é muito, muito desgastante e pronto. É como nos professores não é? Nisso eu admiro e fiquei a admirar muito mais os professores porque a pessoa chega ao fim do dia e está cansada, estoirada, mas feliz, não é?

I: Sente que o trabalho fez…?

E4: É assim, é como digo há dias nãos, não é? Em que dá vontade de partir a loiça toda mas temos também muitos dias sims e de realização pessoal.

I: Em relação à equipa que tem estado a trabalhar nestes últimos anos…

E4: Tenho apanhado pessoas muito boas no meu percurso profissional, tanto que me convidaram para ir trabalhar para ali não é? Pronto pessoas excecionais, pessoas da área social também excecionais mas depois é assim…ah não, eu preferia não falar.

I: É como tudo… há boas e más.

E4: Pois exatamente, eu sei que já apanhei equipas muito boas e muito boas mesmo na minha vida profissional, quando eu era técnica e mesmo no primeiro projeto que apanhei como coordenadora também tinha uma equipa muito boa, escolhida a dedo.

I: Quanto tempo foi coordenadora?

E4: Cinco anos. Pronto três num dos projetos e estes dois últimos anos também. Pronto e depois há, é como tudo, tar na parte da coordenação não compensa aquilo que se ganha, o trabalho que se tem não compensa.

I: E deve ser muito menos gratificante a nível de realização profissional. Eu nunca trabalhei mas tenho uma ideia.

E4: É muito menos, é. Quando se é técnica tem-se a possibilidade…é-se mandado é verdade, tem-se superiores, tem-se pessoas que nos dizem o que é que devemos fazer mas a nível de realização pessoal é muito mais satisfatório não é? Muito mais satisfatório. Ao nível, quando se está na área da coordenação é a responsabilidade que se tem em cima, é fazer o nosso trabalho e muitas das vezes ter de se fazer o dos outros quando eles não são competentes, não é? E muitas das vezes equipas em que se confiou desiludirem-nos e isso é muito mau.

I: Queria perguntar-lhe em relação à abertura. Acha que a sua instituição tinha abertura? Podia fazer o trabalho? Se tinha uma ideia ou uma atividade davam-lhe carta branca?

E4: Completamente. Completamente, nunca me controlaram, sempre me deram liberdade nesse aspeto, sempre, sempre, podia decidir, podia fazer, podia tudo e quando tive como técnica numa instituição que tinha uma coordenadora não é? Ela tinha também essa abertura portanto a instituição sempre deu liberdade total, a 100%, a 100% mesmo e depois foi uma coisa que eu aprendi não é? Com os meus colegas e com os meus chefes anteriores, dar também liberdade à equipa não é? Atribuia determinadas atividades "tens que realizar estas atividades, estão à tua responsabilidade e agora faz como queiras, desenvolve como queiras, tens liberdade para desenvolver" depois nas reuniões de equipa claro que nós púnhamos na mesa aquilo que estávamos a fazer não é? Mas sempre…e sempre aprendi assim, a trabalhar em equipa, tem de se saber trabalhar em equipa, em projetos então tem de ser assim porque se não se souber trabalhar em equipa esqueça, nem vale a pena.

I: Fica na secretária (sorri).

E4: Não, nem na secretária porque até na secretária tem de se saber trabalhar em equipa, não é?

I: Em relação à perceção dos colegas e das pessoas com quem trabalhava? Acha que eles viam que fazia algum tipo de mudança através das suas atividades? Eles tinham consciência que era o trabalho dos projetos que de certa forma mudava a sua vida?

E4: A nível de técnicos ou a nível de população?

I: Da população.

E4: Sim, sem dúvida. Sem dúvida.

I: Ficavam reconhecidos também pelo trabalho?

E4: Sem dúvida, sem dúvida que sim e tanto que agora quando me vim embora, quando saí de onde estava tive muitas famílias a vir chorar no meu ombro "porque que se vai embora?" não é? "Nós temos mudado tanto com a sua presença, porque é que se vai embora? Se vier outra pessoa não vai ser igual." Eu espero bem que aquelas famílias se adaptem porque também é uma educadora social que está no sítio onde eu estava portanto é uma pessoa que também é da nossa área não é? É da educação e intervenção comunitária também. Depois depende muito dos feitios não é? Da maneira de ser, da maneira de estar em relação…mas as populações eu noto.

I: Se fosse recomendar esta profissão a alguém o que é que dizia? Recomendava?

E4: Recomendava, mas é preciso muito espirito de sacrifício. Recomendava esta profissão sim, sem dúvida porque como eu já disse é muito gratificante não é? Aquilo que recebemos. Recebemos muito, aprendemos muito, damos sim senhor mas acho que recebemos mais do que aquilo que damos e isso sem dúvida é gratificante para a pessoa não é? Mas é preciso ter humildade.

I: Vocação?

E4: Vocação sem dúvida. Isso quem não tiver vocação não vale a pena ir para esta área porque o espirito de sacrifício, a humildade, saber dar, saber receber também é muito importante não é? Ainda mais do que saber dar porque nós aprendemos a saber dar mas é preciso saber receber aquilo que as outras pessoas também têm para nos dar, isso é muito, muito importante. Mas recomendava sem dúvida, apesar disso.

I: E se pudesse melhorar a profissão, o que é que acha que poderia ser melhorado? Para que esta profissão fosse ainda melhor? A nível tanto das pessoas como das entidades ou da universidade, as próprias entidades empregadoras.

E4: Eu acho que pronto se calhar as pessoas reconhecerem mais o nosso trabalho. Não é ao nível das populações, atenção, não é disso que eu estou a falar porque as populações não têm noções que precisam de nós. Nós é que temos de lhes dar a conhecer que eles

precisam de uma mudança porque as pessoas estão acomodadas, sempre viveram assim portanto não têm noção das necessidades.

I: Que podem viver melhor.

E4: Não, não têm, não é? Sempre viveram com determinadas coisas. Quando nós vamos para a casa de uma família e que a família tem, desculpa a expressão, mas tem porcaria até ao teto…eles sempre viveram assim, não sentem necessidade de ter de limpar aquilo não é? Temos de ser nós a mostrar-lhes outras coisas, coisas diferentes para eles verem que têm necessidade de mudar a situação em que estão não é? Quando eu digo a limpeza é muitas outras coisas não é? Não são esses, não são esses que eu digo, são os mais altos, são as hierarquias. Esse é que deviam reconhecer um bocadinho mais o nosso trabalho não é? Eu acho que aí é que devia acontecer. Não é as instituições como instituição num global, são as chefias, são as hierarquias.

I: Acha que podia ser com a formação de uma Ordem? Ou com a junção de todos os educadores?

E4: A constituição de uma Ordem…mas ele já existe.

I: Uma Ordem em si não existe, existem é associações.

E4: Mas era importante tal como existem a Ordem dos advogados, a Ordem dos psicólogos, devia de haver também a Ordem dos educadores sociais, era importante, era muito importante porque aí podia-se reconhecer e separar o trigo do joio.

I: Aí tínhamos direito aos direitos que devíamos ter (sorri).

E4: Exatamente. Exatamente, exatamente e isso tem sido uma batalha que ainda não…já a profissão estar reconhecida como a educação social, nos centros de emprego é muito bom. Quando eu terminei o curso ele não estava reconhecido, não existia o educador social. Não existia e agora já existe não é? Quando me fui inscrever agora não é? Eu disse aquilo que era não é? E disse depois "olhe educador social?" "ah isso existe" porque eu podia-me inscrever como moderadora familiar não é? Porque eu podia ter feito uma inscrição e não o fiz, no GRAL não é? E podia ter inscrito como mediadora familiar.

I: Por acaso é um assunto que me interessa bastante é o mediador familiar.

E4: Já existe, apesar da mediação familiar está muito direcionada para resolução de conflitos no divórcio, mas nós depois conseguimos aplicar aquilo nas populações, conseguimos aplicar perfeitamente. Mas isso também foi espetacular, os professores, muito na área do direito mas pronto ok. Mas foi muito bom também, foi muito bom.

I: E ao nível do direito vocês tiveram alguma cadeira na licenciatura que vos desse ferramentas ou instrumentos para trabalharem aí?

E4: Não. Tive uma cadeira de direito, sim. Tive uma cadeira de direito e tive uma cadeira que vocês agora acho que já não têm que fui economia aplicada à gestão de projetos. Tive direito que dei o direito da família todo, artigo por artigo. Foi muito bom apesar de haver sempre alterações em termos de leis, mas foi mais na mediação familiar na pós-graduação que foi ali direito, direito, direito, direito, direito da criança, supremo direito da criança, olha ai direito, direito, direito que eu detesto direito mas foi assim direito, direito, direito,ok.

I: Eu fiz um questionário antes de fazer as entrevistas e perguntei sobre as caraterísticas do educador social. Tenho aqui cinco caraterísticas e queria que me dissesse se na sua opinião são ou não importantes para o educador social e porquê. Criativo?

E4: Sempre, sempre. E se não o for está muito mal porque é assim geralmente tempos recursos e se não houver criatividade não podemos trabalhar. Nós temos de saber fazer duma garrafa de plástico uma flor, temos de saber fazer dum lápis pequenino cinquenta lápis diferentes não é? E temos de saber adaptar-nos às situações e se não houver criatividade esqueçam.

I: Nada feito?

E4: Não vale a pena.

I: Dinamizador.

E4: Ah claro, se trabalha com populações tem de o ser porque se não souber dinamizar não tem nada da população não é? Da população alvo, não tem nada do público-alvo.

I: Manipulador.

E4: De maneira nenhuma, não. Se for manipulador não se safa não é? Se for manipulador, se manipular as pessoas para o lado que quer não, porque à força as pessoas não mudam não é? Tem de se ir àquilo que as pessoas querem, de encontro àquilo que as pessoas querem. Claro que no fundo se considerar como manipulador o género de temos um objetivo, temos uma meta a atingir e queremos que as pessoas atinjam e que vão para o sítio que nós queremos.

I: Numa outra entrevista que fiz a pessoa usou a palavra de persuasivo, que aí já era mais…

E4: Talvez mas é diferente. Mas manipulador não, de maneira nenhuma.

I: Isto foi uma das questões do questionário e houve pessoas que responderam positivamente.

E4: Manipulador se for no sentido em que levar as pessoas a atingir a meta que nós queremos, é verdade que nós vamos arranjar estratégias de maneira a que as pessoas consigam alterar comportamentos não é? Eu não considero isso manipulador, eu considero manipulador no sentido negativo da palavra não é? Manipular as pessoas a fazer aquilo que nós queremos, não! As pessoas obrigadas não fazem nada, tem de ser porque elas querem fazer.

I: Até porque uma das funções do educador é despertar nas pessoas o pensamento crítico para decidir sobre a sua vida.

E4: Exato e se for manipulador não conseguimos, não chegamos lá. Claro que às vezes…mas é persuasivo, é persuasão, não é manipulação, não. Manipulador de maneira nenhuma, não.

I: Manipulador no sentido de ditador.

E4: Não, não. Não podemos ser. Se formos estamos *out* em pouco tempo

I: Já falou um bocadinho do planeador…

E4: Sim, nós temos de saber planear muito bem o que fazemos não é? Tudo tem de ser feito com um objetivo não é? Tudo tem de ser posto no papel não é? Com determinados objetivos a atingir, de maneira a atingirmos a nossa meta não é? Pronto, depois como sabes há as metas, os objetivos gerais e os objetivos específicos não é? E temos de ter

isto muito bem presente em tudo o que fazemos…fazer um jogo, uma dinâmica, não é fazer por fazer!

I: Não é apenas para estar a entreter…

E4: Não, não. Nós estamos sempre a fazer alguma coisa sempre com algum objetivo não é? Pronto e se for de maneira diferente não andamos a fazer bem o nosso trabalho não é?

I: Por último autoritário.

E4: Não! De maneira nenhuma, na minha opinião quem é autoritário não sabe trabalhar em equipa e se não sabe trabalhar em equipa não pode ser um bom educador social, é tao simples como isso, resume-se a isso. Mas houve pessoas que disseram isso como positivo?

I: Houve algumas pessoas que responderam… mas por exemplo pelo que disse, se o educador foi criativo e planeador como disse, nem precisa de ser autoritário porque por aqui consegue quase tudo.

E4: Não é, não é, nunca vai ser autoritário. É preciso se tiver numa posição de coordenação.

I: Ou se tiver a dar aulas ou com crianças na escola, há situações em que eu compreendo que tem de mostrar que é ali quem manda.

E4: Não, nunca é autoritário, é saber-se dar ao respeito, é diferente. Não é ser autoritário, atenção, é saber-se dar ao respeito. Se a pessoa souber respeitar e dar-se ao respeito não é preciso ser autoritário para ser respeitado não é? Por exemplo quando estamos com os jovens claro que não podemos deixá-los fazer tudo quanto eles querem, mas eu não considero isso ser autoritário. Autoritário é, fazes aquilo que eu quero! É não ouvir a opinião dos outros. Ser autoritário é não ouvir a opinião dos outros e um educador social se não souber ouvir a opinião dos outros, se não souber escutar esqueçam.

I: Não é um bom profissional.

E4: Não é. Não é de maneira nenhuma e isto é de quem trabalha no terreno há doze anos. Até mesmo com aquela tal área que eu gosto tanto, com os idosos…sejam

autoritários com um idosos e vão ver onde é que vão parar, não conseguem nada dele, nada! Nada mesmo. Se for com um idoso, se for manipulador e autoritário é as duas piores caraterísticas que se pode ter e com populações de bairro pior ainda. Com jovens complicados vão para lá ser autoritários e vão ver. É preciso é fazer regras e fazer cumprir as regras mas isso não é ser autoritário.

I: Eu pus aqui estas questões porque achei interessantes e achei que deviam se mais esmiuçadas.

E4: Eu não concordo, essas duas então. Eu não concordo minimamente e se eu fosse assim não tinha durado tanto tempo ali a trabalhar com o tipo de populações com que trabalhei.

I: Há pouco passou-me aqui uma questão que também acho importante, tendo em conta que está desempregada, que é quais os motivos de insatisfação em relação ao curso? No meu questionário os três principais motivos respondidos foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, que já falámos aqui um bocadinho, não permitir progredir na carreira que também já falámos aqui um bocadinho e não corresponder às expetativas.

E4: Não, o meu correspondeu perfeitamente às expetativas, sem dúvida.

I: Neste aspeto do reconhecimento e da progressão na carreira que já falámos um pouco e concorda, o que é que podia ser feito para colmatar estas falhas? Já vimos que era fundamentalmente ao nível económico mas o que podíamos fazer?

E4: A nível pessoal não posso fazer nada.

I: Pois a nível pessoal ficamos frustrados (sorri)

E4: Completamente não é? Pronto, o que é certo é que muitos educadores sociais quando começam a sua carreira nunca podem ambicionar o que alguns técnicos ambicionam, nunca podem querer usufruir de um ordenado muito alto, de um vencimento alto, muitas das vezes começam com vencimentos que qualquer pessoa recebe a trabalhar numa loja.

I: Há muita gente a receber o ordenado mínimo?

E4: Ordenado mínimo? Não pensei que tivesse assim tão mal, mas a maior parte não consegue usufruir de um vencimento assim superior tipo a seiscentos euros, não consegue mais que isso.

I: Entre 500 e 1000€ é onde há mais.

E4: Pois nunca consegue mais do que isso, a maior parte…eu agora que tenho visto mais os sites de emprego a maior parte são ordenados entre o ordenado mínimo que são quatrocentos e cinquenta e cinco euros não é? E os seiscentos ou setecentos euros o máximo não é? É por aí. Eu sou franca, eu nunca me queixei que ganhava pouco, eu nunca me queixei que ganhava pouco.

I: Mas é grave sermos da área social, que é uma área tao necessária e há pessoas por exemplo na hotelaria que nem uma licenciatura têm e recebem cinco vezes mais que um educador social.

E4: É verdade, é verdade. Isto prova que as áreas profissionais técnicas, não é técnicos superiores atenção! Técnicas, estão em franca expansão e é por aí que se calhar os jovens têm de ingressar, que são os cozinheiros, que são os mecânicos, os eletricistas…

I: A construção civil?

E4: Na construção civil já não digo tanto, não, não porque é uma área muito em crise no nosso país. É, mas os mecânicos, os canalizadores que são profissões técnicas, fazem o 12ºano na área técnica e quando vão trabalhar ganham muito mais do que nós, ganham muito mais do que nós, é mesmo. E que são profissões essenciais.

I: E que muita gente hoje em dia já não liga.

E4: Porque se temos de cortar alguma coisa temos de cortar em quê? Naquilo que não nos é necessário não é? Que não nos é essencial e a animação não é essencial. Não é, não é, temos de reconhecer. Eu como mãe de família se tivesse de escolher entre arranjar um cano lá de casa e participar numa animação qualquer eu escolhia arranjar o cano não é? Porque o dinheiro não dá para tudo e vamos ver o que é essencial não é? Portanto são profissões em expansão são, as áreas técnicas não são, técnicas no sentido de técnicas superiores. E depois hoje em dia há técnicos superiores para tudo…pior estão os psicólogos do que nós.

I: Está mais saturado ainda.

E4: Está porque se tiverem de cortar nalguma coisa é nas consultas de psicologia, que aquilo não serve para nada, é o que as pessoas dizem "aquilo não serve pa nada"

I: E nós também já fazemos um pouco o trabalho de orientação psicossocial.

E4: Exatamente, nós damos para tudo.

I: Pois nós somos um bocadinho o faz tudo.

E4: Pois exato, somos polivalente. Qualquer dia até somos contratados como auxiliares de ação educativa, assistentes operacionais como se chama agora. Tem um nome pomposo assistente operacional e depois vamos dar aulas.

I: Há educadores a trabalhar como assistentes operacionais, como auxiliares de educação…fiquei agora com esta noção devido ao meu estudo. Também conheço algumas pessoas que estão a dar aulas.

E4: É uma área que gosto imenso, é uma área que gosto imenso. Se calhar vou por aí que vou mas pronto, vamos ver.

I: Pertence a alguma associação cívica, cultural, recreativa, desportiva ou religiosa? Já pertenceu?

E4: É assim, já pertenci a uma série de coisas. Sou, ainda existe a associação lá na universidade? Ainda existe uma associação de educadores comunitários?

I: Hum não.

E4: Não? É mas ela está a funcionar fora.

I: Na universidade a única coisa que existe mais relacionada com o nosso curso é o núcleo Paulo freire.

E4: Que não havia no meu tempo,

I: Que está a ser levado por algumas educadores que também se encontram desempregadas. Há o ISU.

E4: Sim o ISU também é novo que não havia.

I: Que também está a ser levado por educadoras.

E4: Epá eu peço desculpa que eu agora não me lembro, eu sou sócia fundadora dessa associação que foi criada lá na universidade por nós e não me lembro, peço desculpa (sorri) pronto que foi a primeira associação de educadores comunitários.

I: Era interessante saber porque nunca tinha ouvido falar.

E4: Porque tinha um nome muito especial, ok eu já me lembro do nome. Fui também da comissão instaladora dessa associação, comissão instaladora da associação de pais dos agrupamentos aqui de Loulé, quando o meu filho lá andava porque aquilo morreu e nós pusemos aquilo…e hoje funciona. Pertenci durante algum tempo portanto à APAGL, Associação de Pais e Amigos de Ginástica de Loulé, fui durante dois ou três mandatos presidente da assembleia geral, portanto tenho pertencido assim a algumas coisas, não é?

I: É uma pessoa dinâmica não é?

E4: Sim tenho sido um bocado. Fui durante doze anos também, acho que o doze deve ser um número especial na minha vida, também coordenadora de um projeto comunitário das paróquias de Loulé e depois deixei, portanto era da minha zona. A paróquia está dividida em zonas não é? E fazia-se um bocadinho o trabalho social nessas zonas. Através da paróquia também fui durante doze anos coordenadora do…

I: Trabalhavam as necessidades básicas?

E4: Portanto é assim, eu depois em cada zona…a paróquia está dividida em zonas portanto na cidade, dentro da cidade e fora, nas localidades fora da cidade e na zona onde eu morava… há equipas, depois é formada por equipas que há uma coordenadora não é? E depois há a equipa dos doentes, que são as pessoas que vão visitar doentes, há equipa da parte social que vão ver por exemplo na altura dos cabazes de natal, vão ver quem tem mais necessidades e mesmo durante o ano, vão ver quais as famílias que têm mais necessidades para receberem o cabaz, as famílias que às vezes passam por pobrezas envergonhadas, são essas equipas que a maior parte das vezes acabam por descobrir. Depois há a parte da liturgia relacionada já mais com a parte da religião não é? Para dinamizar.

I: E isso ainda continua?

E4: Continua, contínua. Eu é que me afastei e tão outras pessoas à frente, não é? E fui catequista também durante vários anos e depois também me afastei um bocado por causa do trabalho…o trabalho, o trabalho, o trabalho, o trabalho, o trabalho, o trabalho fez-me deixar tudo.

I: Mas o facto de os projetos continuarem é muito positivo. Porque significa que foi bem feito não é?

E4: Sim. Sim e continua portanto. E tem sido muito, muito giro. Até da associação de ginástica eu afastei-me um bocado porque deixei de ter tempo, deixei por casa do trabalho não é? Porque uma coisa que eu não referi é assim, nós trabalhamos sete horas por dia, é mentira! Os técnicos trabalham sete horas por dia, os coordenadores nunca trabalham sete horas por dia. Eram doze, catorze, dezasseis horas por dia e não há fins de semana, não há! Não há fins de semana não é? E eu sempre fiz isso, não sei se faço mal, se calhar não sei.

I: Acha que estas participações contribuíram para o desenvolvimento das suas competências? E tudo mais?

E4: Sim, sim, sim. Aliás também foram algumas das competências que adquiri durante o curso que me deram também como se diz na gíria estaleca não é? Para levar determinadas coisas para a frente não é? E depois é assim tenho outras coisas porque sempre me meti em tudo. Eu já fui na minha vida juiz de natação sincronizada, tenho alguns cursos tirados, juiz de ginástica acrobática, de trampolins, de duplo minitrampolim que é diferente do trampolim…ajuizei ainda durante algum tempo, não é?

I: Então é mesmo assim multiáreas?

E4: Sim (sorri) eu sempre gostei da área do desporto. Sim sempre gostei muito, sempre estive muito envolvida com a sociedade civil não é? Sempre…

I: Consegue fazer uma coisa que complemente todas as áreas, eu acho que isso é muito bom.

E4: É, é e sempre fui muito é polivalente, é a tal coisa, temos de saber fazer tudo não é? Fui atleta também, não quer dizer, já em adulta, eu sempre fui assim gordinha não é? Mas estava na associação de ginástica portanto na APAGL e fui ainda participar na gim

na estrada (??) como atleta, na ginástica para todos não é? E portanto sempre fiz assim algumas coisitas (sorri) e mesmo gordinha como eu sou (sorri).

I: Mas não tem mal nenhum participar.

E4: Eu participei nessas coisas e gosto e apesar das pessoas às vezes apontarem o dedo e "olha aquela á gorda e tá a fazer aquilo" pah olha paciência, paciência.

I: Já perguntei sobre o papel dos educadores daqui a uns anos quando isto perguntar. Já me respondeu que vai ficar cada vez pior. Não tem uma esperança?

E4: Ai meu deus, não sei, não sei. Não isto vai melhorar um dia (sorri), isto não há de ser sempre assim, não é? Isto não há de ser sempre assim, eu tenho esperança que as coisas evoluam não é? Espero bem porque eu tenho dois filhos que também estão em áreas que são muito complicadas e espero bem que as coisas mudem.

I: Quais são as áreas em que eles estão?

E4: Ele está a fazer mestrado em…está na área do desporto e ainda por cima o mestrado também é na área da educação portanto está a ver. Ela portanto já fez, é o segundo curso que ela está a fazer, ela é professora do ensino básico, fez ensino básico 1ºciclo e já tirou também…

I: Era o que a Mónica queria.

E4: É era o que eu gostava e que estava fechado no ano em que eu entrei, pronto e já vez o curso, a licenciatura também em música e agora está a fazer um mestrado em música mas está no estrangeiro a fazer esse mestrado.

I: E nenhum deles está a trabalhar?

E4: Nenhum deles está a trabalhar. Ela está a trabalhar lá em *part-time*, ela está na Bélgica, está a trabalhar em restaurante em *parti-time* porque lá é diferente para os estudantes. Lá os estudantes podem e devem trabalhar em *part-time*.

I: São dadas algumas condições e regalias para trabalhar?

E4: Fazem uns contratos especiais para estudantes, há contratos mesmo. É raro o estudante que não trabalha lá, e fazem contratos especiais para estudantes que podem trabalhar o máximo dois dias por semana, não a tempo inteiro, não podem trabalhar a

tempo inteiro e as entidades patronais podem ter esses estudantes a trabalhar sem fazer descontos e sem fazer nada dessas coisas, o que é muito bom não é? E os estudantes sempre vão ganhando alguma coisita e lá ganham muito bem. Ela ganha lá num *part-time* em quinze dias, mais do que se ganha aqui num ordenado num mês inteiro.

I: Em quinze dias em *part-time*? (sorri) é muito diferente.

E4: Exatamente

I: Encontra-se numa situação de transição mas vou-lhe perguntar como se vê profissionalmente daqui a uns anos? Acha que vai continuar desempregada? Vê-se com um bom trabalho?

E4: Não sei…

I: Volta para os projetos que deixou?

E4: Não, projetos não quero mais!

I: Não, eu digo aqueles que teve de deixar por causa do trabalho. Por exemplo o da paróquia.

E4: Sim, talvez, talvez. Agora já me apareceram algumas oportunidades, voluntariado! Aliás eu faço voluntariado na "Júnior achievement" portanto sempre tive muito ligada também à "Jack Petchey". A "Fundação Jack Petchey" é uma fundação de um senhor que se chama Jack Petchey de Inglaterra e que está sediada em Albufeira e que dá subsídios para jovens a nível de empreendedorismo juvenil, jovens dos 11 aos 25 anos pronto eles trabalham muito com escolas, com associações, dão um subsídio para fazer projetos, sim exatamente. A "Júnior achivement" isso é a nível de, tem uma série de projetos, eles estão em expansão, a nível de ensinar a ser empreendedor, é aquele que eu participo quando posso.

I: Falta um bocadinho disso também na universidade não? Para os educadores sociais.

E4: Hum, não muito. Isso é mais a nível de jovens mais jovens. Mais jovens, para aprenderem a tomar decisões mais cedo porque os miúdos quando passam, por exemplo, este da economia para o sucesso é a nível do 9ºano. Quando passam para o secundário muitas das vezes não sabem aquilo que querem e vão para áreas que depois

não é aquilo que querem e depois têm de mudar e depois eles não sabem muito bem e aquilo é um bocadinho ensinar a tomar decisões não é? Estimular a tomada de decisão dos jovens a nível profissional principalmente. Isso é muito importante. Eles têm outros para mais jovens, para mais pequeninos e têm também a nível universitário, a "Júnior achivement" também consegue trabalhar a nível universitário, ainda não está aqui no Algarve não, mas houve pessoas da universidade que estavam na última formação e que se mostraram interessadas.

I: Se lhe fosse dada a opção de escolha, se pudesse escolher o que é que escolhia para fazer? Já falou nos idosos.

E4: Sim os idosos.

I: Ia trabalhar para onde? Para um centro comunitário? Para um lar? Animação?

E4: A área de animação sem dúvida.

I: Animação de idosos?

E4: É, e não é só os bailaricos, atenção. É que os idosos a maior parte das vezes vão para centros de dia ou estão em lares e tao ali sentados, sentados só à espera que o dia deles chegue e não acho que seja essa a forma dos idosos acabarem os seus dias não é?

I: Aliás os idosos sabem fazer tanta coisa não é? Que podia ser aproveitada.

E4: Exatamente. Uma das minhas maiores realizações a nível profissional e ainda hoje falo nisso, e tenho algumas, tenho algumas no meu percurso profissional, mas uma das maiores foi… estava eu num dos meus projetos e tava a fazer animação pronto intergeracional e levei miúdos de jardim-de-infância a um centro de dia e tinha uma idosa cega que perdeu a visão e que nunca tinha pintado na vida dela e eu pus uma idosa a pintar e quando ela se apercebeu que tinha um pincel na mão e que estava a pintar num papel na parede, aquele sorriso que ela esboçou naquela cara de orelha a orelha foi e é a maior satisfação que me podiam ter dado, valeu por tudo. Saber que pus uma idosa cega a pintar e que lhe deu prazer pintar…

I: Era um desejo que ela se calhar tinha...

E4: Outra das coisas e isto com um jovem do PIEC, portanto duma turma PIEF que também trabalhei a nível de PIEF, que levei-os à Futurália e um dos grupos que levei,

uma jovem ficou a conhecer o Chapitô, ela é da área das artes e pronto PIEF's são todos miúdos muito complicado, não têm muitas orientações a nível profissional nem estão muito chateados com isso e levei-a à Futurália a Lisboa e ela tomou conhecimento do Chapitô e neste momento está a seguir os seus estudos no Chapitô para completar o 12ºano. É outro dos prazeres que me dá é ver depois os jovens orientados.

I: Não conhece um rapaz que está ali nos PIEF's aqui em Loulé ou por aqui

E4: Qual é o nome?

I: Chama-se Vítor e entrou agora este ano.

E4: Já não está, eu acho que ele já não está porque o PIEF de Loulé não arrancou este ano.

I: Ele estava noutro lado e agora não me lembro. Fiz-lhe uma entrevista a semana passada.

E4: Ele estava no PIEC não é? Mas ele está a trabalhar agora onde? Ele ainda está no PIEC?

I: Não me lembro agora de onde ele disse que estava, mas ele disse que estava ainda numa turma. Fechou uma mas houve ainda uma escola em que ele conseguiu ficar

E4: A pois, ah pronto.

I: Ele disse que estava numa outra escola e que conseguiu ficar.

E4: Ah mas isso o PIEC também está a dar uma grande volta, vão ser agregados à segurança social, aliás estão em processo de transição também.

I: Ele foi meu colega na licenciatura.

E4: Foi? Pois o Vítor, eu ainda trabalhei um bocado com ele, que ele estava a trabalhar em Salir e ainda trabalhei com essa turma. Com a Elsa, que estava antes dele e depois com ele, com o Vítor.

I: Ele estava comigo a fazer uma entrevista a semana passada e um dos exemplos que ele me deu foi precisamente essa rapariga do Chapitô e então eu associei.

E4: Mas foi, ela conheceu o Chapitô exatamente numa visita que eu preparei para eles à Futurália, que fui com eles à Futurália.

I: E criou um projeto de vida a partir daí.

E4: Exatamente e foi uma satisfação não é? Saber estas pequenas coisas não é?

I: É por isso que as pessoas precisam de fazer projetos de vida, principalmente os jovens, como isto está.

E4: É, é, mas tem outros jovens, tenho outros exemplos de outros jovens que iam deixar de estudar e que agora estou no 11º e 12ºano já e que já fazem planos para a universidade e é excelente, excelente ouvir depois e ver que nós fizemos a diferença na vida daqueles jovens e daquelas pessoas. Ver que nós fizemos a diferença é muito bom, muito bom mesmo.

I: A minha última questão. Coloca a hipótese de ir para o estrangeiro?

E4: Não, não porque tenho vida organizada cá, já tenho a idade que tenho. Eu acho que os jovens sim, deviam arriscar.

I: Acha que é uma boa alternativa para os jovens?

E4: É.

I: Na nossa área há muitas coisas que se podem fazer mesmo ao nível de África não é?

E4: Não só a nível de África, não só a nível de África.

I: Há muita gente que fala na Austrália, que é um bom sitio para se começar agora.

E4: A nível social não sei, na área social não sei. Mas há outros países em que a área social está em franca expansão. O problema é as línguas não é? Por exemplo a Alemanha é um país que a nível da área social está muito mais evoluído que nós, muito mais e que valorizam os países da América Central na área social também há grandes hipóteses não é? Perú, Chile, México, muitos, muitos países, não é só o Brasil não é? E há muitos países. Quem é jovem que não tem ainda a vida organizada, força! Vão para a frente que para a frente é que é caminho. Uma quarentona já como eu, que tem filhos e

que tem marido e que tem a vida cá… Eu quando tinha a vossa idade ainda pensei emigrar, não tinha formação na altura mas pensei emigrar ainda para a Austrália, só que eles nessa altura fecharam emigração (sorri) para pessoas não qualificadas. Queriam só pessoas qualificadas e eu na altura não tinha nada portanto não fui.

I: Da minha parte está tudo, não sei se quer acrescentar alguma coisa ou deixar alguma nota.

E4: Olha boa sorte para quem está a iniciar agora a carreira na área social, boa sorte mesmo porque não estamos numa fase muito fácil.

I: Além dos conselhos que já deu acha que é importante mais algum? Tendo em conta a sua experiência?

E4: É assim, se poderem não trabalhar em projetos, não trabalhem em projetos porque apesar de dar uma estaleca muito maior que dá trabalhar numa instituição normal não é? Entre aspas. Projetos dá sempre…é difícil! É difícil por exemplo o projeto onde eu estava a trabalhar passou por lá muita gente que não aguentaram, inclusive POC's, aquilo que nós chamamos o POC que é o programa ocupacional na área social, eu tive uma assistente social num POC que aguentou uma semana. Aquilo dá estaleca, dá! Quem passa por um projeto deste género consegue depois trabalhar em qualquer sítio, a sério, consegue depois fazer tudo mas não é fácil.

I: Já agora queria perguntar, disse que tem tido alguns estagiários de educação social. Tem notado alguma diferença na vontade, no estar, lá, no trabalho que tem vindo a ser desenvolvido? Acha que as coisas estão melhor ou pior? 1:24

E4: Para o curso?

I: Se vão só por ir? Porque é um curso fácil?

E4: A nota de entrada não, qual é a nota de entrada agora para o curso?

I: É baixa.

E4: É? Baixa quê?

I: 11?

E4: Só?

I: Só, tem vindo a baixar cada vez mais.

E4: OK! No meu tempo era 14.

I: Pois eu também entrei com uma média…no meu tempo a ota mínima foi 13.

E4: Está muito baixa agora, isso é muito mau.

I: E há pessoas que estão a fazer o curso em quatro ou cinco anos.

E4: Ui isso é muito mau, isso é muito mau para o curso, a imagem que isso passa, a imagem que isso passa para fora, é muito mau mesmo.

I: Mesmo por exemplo ao nível de atividades nos estágios não há uma participação, por exemplo maquelas atividades em que a turma podia apoiar e podia ir, não há…

E4: Eu notei, eu nos últimos estagiários que tive eram três, eram um rapaz e duas raparigas e gostei muito deles mas foi no inicio deste projeto e eles ficaram, ficaram não, não achei que eles tivessem ficado prejudicados…no arranque do projeto e eles começaram as aulas em Setembro e o projeto começou em Janeiro e pronto, mas em determinada altura eles queriam levar as coisas para um lado…eu expliquei-lhes o que era o projeto e houve uma determinada altura em que eles queriam fazer as coisas muito teóricas e eu tive de os abanar um bocado "oh meninos, como é que vocês querem fazer determinadas atividades com a população alvo se vocês não têm contato com a população alvo? É impossível. Vocês têm de ter a confiança das pessoas para poderem fazer atividades com elas, não é chegarem aqui um dia e hoje eu quero fazer esta atividade" tive de ser eu a abaná-los, tive de ser eu a abaná-los! Os estagiários que tínhamos tido anteriores a esses não era eu a coordenadora, não era eu a orientadora deles, pronto era a minha coordenadora, mas fui eu que fiquei com eles e senti isso um bocado também, apesar de serem trabalhadoras, sim senhora, eram três raparigas, uma delas depois eu convidei-a a ficar a trabalhar comigo não é? era cá de Loulé também e excelente profissional, excelente profissional mesmo. Tive muita pena dela depois não poder continuar neste projeto porque a nível financeiro era incomportável ma também tive de lhes dar ali um abanão, resolveram fazer ali uma atividade, eu lembro-me, íamos para a feira de velharias e tive de ser eu a ir com elas porque sozinhas não eram capazes, não é? Quando eu fiz o meu estágio fui para comunidade cigana trabalhar numa barraca

três vezes por semana e eles nem três vezes por semana vinham, nem o dia todo, vinham ali uma horinha e pronto, uma horinha, duas horinhas máximo e não havia iniciativa para… eu não tinha material nenhum para trabalhar, a instituição não me deu nada para eu trabalhar, nada! A instituição que me estava a apoiar, a única coisa que fez foi "olha a gente gostava…" portanto o presidente "se vocês quiserem nós gostávamos de expandir a área social e a etnia cigana era uma área que gostávamos de trabalhar" fui fazer prospeção de todas as comunidades de etnia cigana aqui da zona, as mais prioritárias e as que nós podíamos ou não entrar na comunidade para trabalhar, que tinha as mínimas condições, mas não me deram nada. Nós fizemos uma campanha de recolhe de materiais pelas lojas todas, andámos a pedir materiais, ainda hoje 10 anos depois eu tenho material desse em casa, a sério. E nós foi assim, se queríamos uma bacia para eles lavarem as mãos antes de entrarem no espaço fomos nós que a tivemos de arranjar, não havia nada, e agora acho que estavam um bocado à espera que caia do céu. Nós é que tivemos de nos dar ao trabalho de fazer não é? Nós é que tivemos de nos dar ao trabalho de… e eu noto isso agora ou pelo menos foram as que me calharam. Nós é que tínhamos de fazer tudo, nós eramos lançados um bocado aos leões "e agora desenrasquem, arranjem maneiras de se desenvencilharem das situações" e aí nós aprendemos não é? Tá bem não era muito bom, o apoio se calhar não era tanto como têm agora mas também tínhamos que nos esforçar muito mais, é isso que eu noto não é? é isso que eu noto. Trazermos tudo muito cor-de-rosa da universidade, trazemos. Isso todos trazemos…

I: Havia mais determinação se calhar? Mais objetivos? Objetivos mais altos..

E4: Pronto se calhar, se calhar era isso, não sei, se calhar era isso não é? Eu lembro-me ainda hoje as pessoas encontram-me na rua, desse tempo da instituição em que trabalhei e fala-me e fazem uma festa quando me veem não é? Eu comecei logo por ai, aquilo era uma comunidade de etnia cigana matriarcal, tinha uma líder não é? Tinha uma matriarca. No primeiro dia fomos visitar as comunidades, os acompanhamentos aqui dos arredores e aquele quando nós chegámos lá não entrámos, não entrámos na zona, ficámos barrados à entrada do acampamento. Depois dissemos que íamos para lá e escolhemos aquele, era um desafio, em Boliqueime no Monte João Preto e foi uma conquista, uma conquista lenta daquela comunidade mas a maior conquista foi quando, foi a mim não foi às minhas duas colegas, quando a matriarca me convidou a entrar na barraca dela. Quando a matriarca me convidou a entrar na barraca, ali na entrada, a

segunda conquista foi quando ela me convidou…porque aquilo eram barracas pré-fabricados, havia uns que estavam em tendas mesmo e outras em barracos e aquilo tinha duas divisões e a segunda conquista foi quando ela me convidou a entrar no sítio em que ela dormia porque ela estava mal de uma perna e convidou-me a entrar lá dentro. As minhas colegas nunca chegaram a entrar lá dentro, entravam já ali na entrada mas lá dentro nunca, não é? Sempre respeitando muito o espaço deles.

I: E acha que isso tem a ver com o quê? Com a sua maneira de ver as coisas?

E4: Eu acho que sim, eu acho que sim, é aquilo que, como é que eu hei de dizer? É nós sabermos por no lugar do outro não é? Porque é assim, se nós chegarmos a uma comunidade e a comunidade cigana então aí é tiro e queda, se chegarmos lá com a mania que nós é que sabemos tudo e nós é que somos os bons, nós não conseguimos nada deles, nada, mas nada, zero e quando são comunidades fechadas então, aí não há hipótese…e temos de ter muita humildade quando falamos com eles e estar ao nível deles, até a própria linguagem temos de ir ao nível deles, não podemos utilizar, por exemplo se for um bairro social ou se for uma comunidade de etnia cigana não podemos falar linguagem técnica.

I: Nem ir muito bem vestidos…

E4: Não, o vestido é o normal não é? Podemos ir como nos vestimos, eu não calço saltos nem visto mini saias por isso nunca tive esse problema não é? Pronto aí temos de nos adaptar à comunidade que temos na frente mas é saber sempre…se for pessoas simples que não percebem linguagem mais complexa temos de ir, temos de baixar o nível até ai não é? De maneira a que as pessoas percebam. Se for por exemplo, não falo já na comunidade de etnia cigana nem bairros mas por exemplo se forem idosos, já ouvem mal, são pessoas simples já de mais idade, nós temos de falar mais pausadamente, com um tom de voz mais alto não é? Temos de ir ao encontro das infâncias deles muitas vezes "e então como é que era no seu tempo? Então diga-me lá senhora não sei quantos ou tia não sei quantos" não é? Ou ti-Joaquim ou ti-Manel "como é que era? Tao e quando se casou como é que era?" não podemos ir para lá dizer "então no dia do seu matrimónio, como é que foi?" não é? Não podemos utilizar este tipo de linguagem porque eles não percebem, não é? Ou então com bairros sociais utilizar palavras caras do género "sabe excecionalmente podemos adquirir durante o

processo de..” se vamos para este tipo para bairros sociais mandam-te para um sítio, tens de te baixar ao nível deles não é?

I: E acha que isso é uma falha que existe ou que existia?

E4: Não, não pelo menos no meu tempo não porque é assim, durante quatro anos fui bombardeada com temos de ir de encontro às populações, temos de saber vestir portanto de encontro à área que estamos a atuar, temos de ver o tipo de população temos à frente, e vocês ainda devem ser bombardeados com isto, não podemos dar o peixinho, temos de dar a cana e ensinar a pescar… durante quatro anos fomos bombardeados com isto, eu saí de lá da universidade com isto já incutido em mim não é? Saber estar, saber ser, saber fazer, pronto não é? Isto é importante, é um defeito por exemplo que os assistentes sociais têm.

I: Mas sabe que há muito trabalho que os educadores hoje estão a fazer que é ao nível assistencialista.

E4: Às vezes é, porque às vezes os trabalhos assim o obrigam não é?

I: Ou é porque dá muito trabalho fazer o outro.

E4: Ah pois (sorri). É assim assistencialismo ao nível paroquial, da paróquia, é o trabalho que se faz a nível por exemplo desse projeto comunitário que eu falei a nível da paróquia, é assistencialismo puro, dá-se para remediar.

I: Mas por exemplo para os idosos podia-se aproveitar a fazer animação e aí já se estava a mudar um bocadinho a vida das pessoas.

E4: Claro, só que este tipo de trabalho é feito através de voluntários, não de técnicos, como técnicos, podem ser técnicos a fazer o voluntariado mas são voluntários e a nível da paróquia por exemplo é feito tudo com voluntários não é? é tudo feito por voluntários, não há possibilidade de haver depois uma continuidade no trabalho. É a tal coisa voltamos ao económico, se houvesse dinheiro, não havia esse problema.

I: E será que falando com as pessoas apropriadas, tentando chamar à razão será que não se consegue contornar?

E4: Não é não. A nível de paróquia? Tudo o que conseguem angariar é para ajudar os mais pobres, é assistencialismo, é fazer face às necessidades mais urgente que neste

momento e cada vez mais é a alimentação porque quer queiramos quer não há muita gente a passar fome neste momento, há muito gente a ter uma refeição por dia e é uma refeição de uma sopinha porque não tem mais do que isso, não é uma refeição de carne ou peixe, não, é uma sopinha, um bocadinho de pão e uma sopinha, há muita gente neste momento, famílias inteiras, nessa situação. Ainda não começámos a ver novamente como era antigamente à porta da igreja os pobres a pedirem ao domingo, mas a continuar assim vamos chegar aí outra vez.

I: Mas agora também há essa questão da igreja ajudar…

E4: Sempre houve, sempre houve, dava pão, não havia refeitórios sociais como há agora não é? claro que há felizmente mas eu provenho de uma família em que os meus bisavós, a minha avó já não era assim mas os meus bisavós e os meus tetravós eram agricultores, trabalhavam no campo e o que é que acontecia? No verão trabalhavam campo e estava bom tempo e no inverno estava chuva, havia mais chuva que agora, e o tempo não permitia trabalhar no campo e não havia outra fonte de rendimento. Então no inverno eram pedintes, pediam às portas e havia muita gente mas muitas gente assim, quando podiam trabalhar ia trabalhar não é? Ganhavam a sua jorna que era como se chamava, que dava para alimentar os filhos, a mulher e os filhos e no inverno como chovia muito e não dava para isso tinham de pedir para comer porque não havia assistência social como há agora não é? Também há muita coisa que está mal, isso olha o governo atual está a fazer uma coisa que as pessoas não concordam mas que se calhar vai resolver alguns dos pequenos problemas da nossa sociedade, rendimento social de inserção foi uma medida boa mas que se tornou perversa. O subsídio de desemprego não, subsídio de desemprego a pessoa descontou durante a sua vida ou durante o tempo que trabalhou e agora tem a sua compensação ok, mas rendimento social de inserção há muito boa gente que tá com o rendimento social de inserção que não faz nem quer fazer.

I: E depois torna-se insustentável.

E4: E é, é subsídio-dependente, conheço oh…porque o rendimento social de inserção devia ser par situações em que uma família se vê desprovida dos seus rendimentos

I: Ou que não pode ter subsidio de desemprego por exemplo

E4: Exatamente e que até conseguir endireitar a sua vida tem uma ajuda do Estado, o problema é que há situações endémicas e eu não sou racista atenção, o que eu vou dizer

não leve para o lado do racismo mas é assim a etnia cigana aprendeu a ser subsídio-dependente, não faz, não quer fazer, nem tem intenções de vir a fazer e diz que o rendimento social de inserção, eu já ouvi de boca de várias pessoas, é obrigação do Estado dar não é? Mas eles não fazem nem querem fazer e alguns que têm trabalho são criticados pelos outros não é? Enquanto que nós temos de trabalhar um mês inteiro para ter um ordenado não é? Eles não fazem nenhum, mas isto não é só a etnia cigana, eu trabalhei em bairro social e sei como é que é…que faz biscates por trás, ninguém sabe que faz e recebem o rendimento social de inserção, e os técnicos não são capazes de ver isto, mas está à frente deles, não têm provas portanto o facto de eles terem de fazer trabalho comunitário, aí acho essa decisão do governo muito boa. Recebe rendimento social de inserção? Então vai fazer trabalho comunitário, vai ajudar a comunidade.

I: Está a receber, é como se tivesse um trabalho, vai trabalhar e ao menos está ocupado.

E4: Exatamente. É assim eu estou neste momento, vou começar a receber subsidio de desemprego não é? Vou começar a receber, se me oferecerem aqueles POC's não é? Contratos de inserção, não é? Não tenho intenção de o recusar porque é sempre uma mais-valia, nós aprendemos sempre qualquer coisa não é? pronto mas há muita gente que não quer nem está interessada "aí eu tenho uma menina pequenina e não tenho com quem a deixar, não posso ir para o curso" "tao mas a gente arranja um lugar para a menina ficar" "ai coitadinha mas não come quase nada quando está nesses sítios, ela só come comigo"

I: Arranja-se sempre as desculpas e as coisas do costume.

E4: "não porque eu sou muito doente, eu não posso ir trabalhar porque eu sou muito doente e tenho de receber o rendimento social de inserção" "então mas oque é que tem?" "ai doí-me as costas", olha também a mm me dói e sempre trabalhei

I: Acho que o governo pelo menos está a tentar…

E4: Algumas medidas, eu acho mito bem, depois temos aquelas situações de famílias com quem eu trabalhei, posso especificar, não vou dizer nomes porque não é ético não é? Mas tenho uma família que são seis filhos mais o pai e a mãe que tinham o rendimento social de inserção, ela por situação de doença, por uma depressão grave que a senhora está a ter faltou a uma das idas e cortaram-lhe o rendimento social de inserção

e o marido é comerciante, vende nas feiras e nesse momento não vende praticamente nada, acaba muitos dos dias nos mercados a não conseguir fazer aquilo que tem de pagar para lá estar. É assim agora meteu, está pagando impostos porque está coletado, mas se deixar de coletar nem pode fazer mercado, nem pode ganhar nem pouco nem muito, não ganha nada, emprego não consegue arranjar porque ele diz que se pudesse trabalhar, que trabalhava, emprego não consegue arranjar, cortaram-lhe o rendimento social de inserção, como é que aquelas crianças comem? Pronto este tipo de situação, a coisa vai.

I: As coisas têm de ser vistas individualmente, cada caso é um caso.

E4: Mas há outros que não fazem nada nem querem fazer, nem fazem intenção de procurar trabalho não é? Tenho visto de tudo, quem trabalha nesta área no terreno, como eu tenho trabalhado vê de tudo não é? Então…mas isso é outra situação, não trabalhem nem fazem nada mas têm boas coisas… (interrupção).

Fim da entrevista!

Entrevista nº 16

Data de realização: 24 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Campus de Penha, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Já tens mais o menos uma ideia do que trata o estudo, é sobre a realidade do educador social no Algarve. Tenho um guião para os educadores sociais que se encontram a trabalhar na área da educação social e tenho um para os que estao desempregados ou noutras áreas e é este que vou utilizar contigo tendo em conta que estás desempregada, certo?

O primeiro bloco é acerca da escolha do curso, porque que decidiste escolher este curso? Quais foram as principais razões e motivações que te levaram a este curso?

Entrevistado nº16: A 1º opção foi português inglês porque eu falo muito bem inglês, vivi e estudei em Inglaterra mas na entrevista do curso portanto o júri falou-me deste curso, eu falei com o meu marido e enquadrava-se na minha visão de trabalho de futuro que eu queria e creio que foi uma, uma boa escolha, foi uma opção excelente mesmo.

I: Entraste por onde?

E16: Eu entrei pelo ADOC na altura, hoje é os maiores de 23 não é? Mas eu entrei pelo ADOC, eu retomei os estudos quase trinta anos depois de ter deixado a escola.

I: Quais foram as tuas motivações para voltares para a escola?

E16: A primeira motivação que me fez voltar a estudar foi ver o meu trabalho social reconhecido por um canudo, por um pedaço de papel que eu não consegui emprego na área da educação social precisamente por não ter… tenho todo um *background* de experiência mas não tinha um papel, não tinha uma licenciatura e então isso foi o principal que me levou às cadeiras da universidade (sorri).

I: E a vir para este curso. Quais eram as tuas expetativas iniciais quando ingressaste neste curso?

E16: As perspetivas… eu não sou uma pessoa muito de ter perspetivas, tenho ideais e acima de tudo uma grande sede de aprendizagem e vim, talvez essa fosse uma expetativa, com a expetativa de ter ou de estar com colegas mais novas claro e com professores tipo mentes brilhantes e efetivamente tive o privilégio de estar com alguns mas depressa essa protótipo de mentes brilhantes foi ultrapassado pela realidade da escola, da universidade em si.

I: E há alguma expetativa que não se tivesse tornado realidade? Que tenhas vindo a formar ao longo do curso, que tivesses criado e que depois não se tivesse tornado realidade?

E16: Não porque eu sou uma pessoa e talvez devido ao meu *background* que é assim um bocadinho para o melodramático, devido à guerra em Moçambique eu sou uma pessoa que aprendeu a viver dia-a-dia portanto a minha expetativa do dia era aprender, nunca fiz projetos do futuro. Tenho um projeto de futuro que ainda não está concretizado mas que está a caminho que é efetivamente regressar a Moçambique com um projeto, porque o meu marido é engenheiro agrónomo, com um projeto de agricultura barra escola e então nós trabalharmos mas…

I: Em conjunto?

E16: Trabalharmos em conjunto exato, ele na área da agricultura e eu na área do ensino da escola portanto uma, uma talvez das expetativas ou da perspetiva que eu tive sempre foi voltar ao mundo da escola, do ensino.

I: Já agora só para ficar anotado quando é que voltaste para a universidade? Com que idade voltaste a estudar?

E16: Tinha 45 anos, o último dia de aulas foi a 16 de Junho e completei 50 anos nesse dia, foi marcante, foi o último dia de aulas com o finalizar do curso, foi marcante, foi interessante, foi um tempo muito rico.

I: Quais foram os principais motivos de satisfação relativamente ao curso?

E16: Relativamente ao curso? É a perspetiva social, é a perspetiva de começar do povo portanto começar a fazer projetos a partir da vontade da população, do povo, o contato com a terra, com a população, não necessita de ser a mais carenciada mas necessita de ir ao encontro daquilo que eles realmente anseiam, que querem e que perspetivam e nisso

muito contribuíram os professores do curso, efetivamente foi um leque de professores fabuloso, ainda hoje estou grata a Deus pela qualidade de professores que eu tive durante a licenciatura.

I: E a nível dos motivos de insatisfação. Houve algum motivo que apontes enquanto estiveste no curso ou mesmo depois de saíres que te deu insatisfação?

E16: Assim de repente não, não creio porque já disse atrás, sendo uma pessoa que vive dia-a-dia porque efetivamente com todo o sistema de guerra que eu vivia em Moçambique, a insatisfação quase que é mínima porque nós aprendemos a viver a vida e a olhar a vida de uma maneira profunda, diferente, a agradecer as pequeninas coisas, o sorriso de um colega, um olá de um professor, um incentivo. E a nível global do curso se calhar tive pena e lamento a saída de alguns bons professores que o curso foi perdendo porque são opções de escolha de vida das pessoas, mas insatisfeita não.

I: Antes de fazer esta entrevista fiz um pequeno questionário online e os principais motivos de insatisfação que os educadores apontaram foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Destes três há algum que tu concordes ou que te revejas nele?

E16: Não, aí eu não ser reconhecida como na…

I: Pelas entidades empregadoras.

E16: Pelas entidades empregadoras, creio que é por ser um curso novo, foi um curso que nasceu como intervenção, educação e intervenção comunitária e quando ele começou a estabilizar no mercado de trabalho porque eu depois optei pelo ensino e havia escolas que queriam só educadores e interventores comunitários, não queriam educadores sociais nem queriam nada, quando ele começou a ser reconhecido nomeadamente pelo ministério da educação houve mudança do nome do curso, não vou dizer se é positivo ou se é negativo porque isso depois mais tarde o balanço é que vem… efetivamente a educação social é nova, é nova em Portugal, é bem novinha em Portugal, será a profissão do futuro, não será a profissão mais rica mas será a profissão do futuro, temos em Portugal uma população idosa já, em 2007 já as estatísticas apontavam para que 2010 fosse um idoso, dois idosos para cada jovem e estão confirmadas as estatísticas e estamos a aumentar o número de idosos pois não há jovens

e agora com a crise que existe e a saída de jovens, jovens, jovens casais, o jovem adulto, aqueles que têm uma cultura acima da média e estudos acima da média, pois eles vão procurar melhor, certamente melhor e a experiência lá fora é rica.

I: Tu quando estavas a estudar trabalhavas nalgum sítio ou eras estudante a tempo inteiro?

E16: Não, era estudante a tempo inteiro excetuando família, três filhos pequenos, marido, casa, mãe…

I: O facto de teres entrado já com uma certa idade para uma licenciatura, sentiste que de certa forma foste prejudicada por não teres tanto tempo como os outros alunos? Os professores foram compreensivos?

E16: Não, os professores foram, foram bastante compreensivos até porque eu vinha com um interregno de quase trinta anos sem estudos, eles foram compreensivos, eu própria lutei contra alguns preconceitos que eu própria estabeleci que depois ultrapassei que era mentes jovens, mentes mais científicas e depois comecei-me a aperceber que as minhas notas eram iguais ou superiores às dela e então isso deu-me uma certa estabilidade emocional. A grande vantagem de regressar aos estudos com 45 anos é a maturidade e a experiência e a experiência de campo não é? Porque como era um curso na área da educação social e a minha vida foi a trabalhar na educação social efetivamente, tirando alguns interregnos na área do escritório, traz outra perspetiva, portanto o que eu tinha de bagagem a nível de experiência vim a enriquecê-la a nível de teóricas, para mim o meu ídolo é Paulo Freire, do curso e continua.

I: Porque que voltaste a estudar? Qual foi o impulso? Qual foi a motivação para voltares à universidade?

E16: A motivação foi, a primeira como já referi atrás foi efetivamente o não ser reconhecida porque não tinha um diploma, a segunda foi porque me apanhou numa crise de desemprego e eu não sou mulher de estar parada, nem semeio tempo. Eu fiz um curso de vitral na área das artes, pintura sempre fui fazendo cursos, fiz o CAP, portanto o certificado de aptidão profissional e surgiu a oportunidade assim de eu entrar e candidatei-me, fui perceber quais eram os cursos, a minha ideia como também já referi atrás, era realmente regressar a Moçambique como professora de português- inglês, o

curso acho que fechou este ano em que eu entrei, em 2001 e então foi aí que os júri das entrevistas me orientaram para educação e intervenção comunitária.

I: Isso pode ter sido devido a todo aquele leque de experiência da área social que tu tinhas que já referiste?

E16: Sim.

I: E isso foi o quê exatamente?

E16: Esse leque de experiência na área da educação social é, eu trabalhei principalmente com dos excluídos aos mais excluídos de rua, na área da toxicodependência, prostituição, o homossexualismo também na vertente de prostituição, crianças mal tratadas, crianças negligenciadas e jovens com percursos de vida um bocado problemáticos. A minha grande experiência foi a nível de Lisboa, trabalho de rua com os toxicodependentes de rua portanto na área do intendente que é extremamente conhecida… não mudou muito desde os vinte anos para cá ou mais até, há mais trinta anos que eu tive essa experiência, e chocou-me alguns jovens e algumas mulheres que estavam ali porque os chulos os controlavam, elas a lerem não é? E de lágrimas nos olhos a dizerem que queriam mudar de vida mas que não conseguem e pronto conseguimos resgatar algumas pessoas, muitas das pessoas entraram nos centros de recuperação, fizeram sucesso, cumpriram o programa e hoje são socialmente portanto pessoas completamente reintegradas na sociedade. Essa experiência ensinou-me muito, muito mesmo, ensinou-me a ser mais humana, ensinou-me que um ser humano seja ela o que for, que cor tenha, qual o estatuto que ele tenha é um ser humano, simplesmente um ser humano, que necessita de tudo aquilo que eu tenho e que posso transmitir e dar-lhe e compartilhar com ele.

I: Voltando à questão atrás, do curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, o que é que tu achas que podíamos fazer para colmatar esta falha? Como é que podíamos lutar por isto?

E16:Olha na altura, e isto foi para aí em 2003, 2004 houve, era o Bagão Félix o ministro do trabalho e eles iam colmatar ali uma série de coisas e os educadores sociais manifestaram-se e manifestaram-se em peso, eu fui aqui com os meus colegas da universidade, o professor A acompanhou-nos provavelmente mais algum professor mas não me recordo, mas o professor A esteve sempre ao nosso lado e fizemos uma

manifestação que no mínimo fez barulho e segundo aquilo que eu observo ao longo dos anos que vivo em Portugal, Portugal habitou-se ao barulho e a ficar quieto, a não fazer nada depois do barulho e isto é uma luta de persistência, é uma luta de ficar firme, não… este é um trabalho preciso, é um trabalho que tem de ser reconhecido, é um trabalho que é de valor humano, de grande valor humano mesmo, quem sabe agora com estas mudanças todas que está a haver de novo, não se possa fazer uma ou outra manifestação ou mesmo em termos de universidade, mexerem-se, "não este curso é reconhecido o outro não é" a própria universidade, ou próprio conselho científico e pedagógico da universidade, o reitor, envolverem-se mais na luta pró-ativa do reconhecimento dos cursos, nomeadamente o da educação social e eu sei que podem conseguir porque eu estou a tirar o mestrado na área da ciências da educação e da formação que engloba também toda esta vertente social e formação de adultos, o nosso mestrado não era reconhecido pelo ministério da educação e ali foram à luta e agora já é reconhecido portanto temos logo um avanço na carreira, aí as pessoas com o mestrado ciências da educação e da formação saem logo com um ano de avanço na carreira seja de docência como é no meu caso, na carreira de docente ou outro estatuto qualquer portanto tornou-se reconhecido e eu creio, na minha perspetiva até posso estar errada, que realmente tem que ser não só os estudantes a lutarem por mas a universidade, e quando eu falo em universidade falo tudo no conceito pedagógico, todo o conselho científico e com o reitor, a estarem com os estudantes ao lado deles para serem reconhecidos os cursos.

I: Também há muita gente que fala agora na questão de uma Ordem, que uma Ordem de educadores sociais podia ser a solução ou parte dela. Qual é a tua opinião?

E16: Parte, a Ordem dos educadores sociais seria parte da solução, não um todo, porque a solução completa estaria realmente havendo uma Ordem, e para haver uma Ordem é preciso ser reconhecida portanto se a Ordem não for reconhecida ficamos ali quase que em banho-maria, portanto é mais um movimento não lhe vou chamar popular, mas um movimento de cidadãos pró-ativos que querem ver conhecida a sua, a sua profissão, ajuda talvez porque talvez se unam mais em bloco, uma das coisas que as pessoas precisam de perceber é trabalhar em comunidade, trabalhar em grupo, não precisamos de pensar todos igual, precisamos sim de trabalhar para um objetivo comum e talvez ai as coisas aí se acelerem.

I: Durante a licenciatura participaste em atividades extracurriculares? Formações, *workshops*? Participavas nalguma coisa?

E16: Ora eu na licenciatura sim, participei como oradora ou formadora na área de intervenção social sobre a adoção, uma vez que tenho dois filhos adotados, agora assim, assim, assim de repente…

I: Em atividades promovidas pelo curso, participavas nalguma coisa?

E16: Sim nisso sim, participei pelo curso em todas as atividades que fizemos, no primeiro encontro de intervenção comunitária logo em 2002, 2003, tenho isso gravado, uma boa memória. Eu sempre fui pró-ativo dentro da sala de aula e fora dela, fora da sala de aula ou fora da universidade, uma vez que tinha uma vida muito corrida com três filhos pequenos, que não é fácil, não é fácil um com 4 anos, um com 9 e outro com 10, foi ali tudo muito junto mas também participava numa comunidade evangélica onde eu era a promotora da maior parte dos eventos sucedidos nas festas religiosas digamos assim, portanto tinha uma vida bastante ativa.

I: Achas que de alguma maneira estas atividades ajudaram e contribuíram para a tua inserção no mercado de trabalho?

E16: Contribuíram porque eu recordo-me que um dos pontos favoritos quando eu fiz a primeira candidatura às escolas foi exatamente o meu currículo, apesar de ter vinte anos de voluntariado e ser reconhecido e isso é bom, é muito bom, mas o que teve realmente grande peso… na altura como já tinha a licenciatura também teve peso, mas o grande peso veio precisamente do meu currículo.

I: Sentes necessidade de mais formação nesta área ou noutras? Já referiste que estás a tirar um mestrado de educação e formação de adultos mas foste porque sentiste necessidade desta formação? Porque achas que está área está incompleta ou que precisa de mais complementaridade? Ao longo da tua vida profissional tens sentido necessidade de mais formações?

E16: Tenho, tenho e tenho feito muitas formações ao longo da vida mesmo. É assim, a licenciatura se calhar é um primeiro passo de muitos a seguir para complementaridade de estudos porque tu vais crescendo e vais querer aprender mais e vão-te surgindo oportunidades de trabalho que "olha não tenho muita formação nesta área" e procuras

informação nas áreas, eu estou muito envolvida com famílias, adolescentes problemáticos, famílias multi problemáticas e nos seminários que tenho frequentado e vou agora a uma conferência internacional sobre famílias multi problemáticas e adolescentes e isso tudo é um complemento do mestrado e eu tive necessidade do mestrado precisamente para conseguir perceber mais da sociedade, e não é só da sociedade é a pedagogia, como tratar com? Como se tu tens um aluno problemático dentro de sala de aula ou um aluno que tem, que é depressivo ou obsessivo compulsivo, porque existem na sala de aula… aparecem-nos todo o leque de alunos não é? E tu tens que perceber toda a mente do adolescente e do jovem adolescente para o poderes ajudar e então eu tive necessidade, eu senti necessidade. O mestrado surgiu quando eu me comecei a aperceber que realmente apesar de todo o *know-how* que eu tenho aí, de toda a experiência que eu tenha, eu preciso de mais, eu preciso dum saber mais científico, eu preciso de conhecer outros autores, outras pessoas, pessoas que trabalham por exemplo na área da família há mais de vinte anos e eu estou a trabalhar há pouco tempo ainda que tenha colaborado com a comissão de proteção de menores em risco, e jovens em risco já há cerca de dez anos, nunca é suficiente porque há sempre coisas novas e é bom aprender e fazer e ter uma troca de experiências. O mestrado para mim tem sido bastante enriquecedor, mais uma vez eu valorizo imenso as relações humanas, temos uma equipa de mestrado de professores e alunos fantásticos, as minhas colegas então, colegas e "colegos" (sorri) e "colegos" que têm sido fantásticos, a troca de experiências, a troca de saberes tem sido muito enriquecedor, muito mesmo.

I: Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar o funcionamento geral do curso? Por exemplo.

E16: Aqui na área da educação social?

I: Quando tiveste a tirar o curso.

E16: Pronto, quando eu estive no curso talvez, eu creio que ele com o curso mudou um bocadinho ao ser educação social porque nós tínhamos muitas práticas, nós além do estágio tínhamos portanto ações práticas, ações pontuais práticas e isso foi bom porque se punha em prática o que se aprendia em sala de aula, não sei como é que estão agora, como é que está a matriz do curso de educação social, ouvi aí de longe que uma das coisas que eles sentem é a falta da prática, talvez queiram repensar o inserir as práticas, a meio do semestre ter uma semana ou duas numa instituição, ainda que seja pouco

tempo porque uma semana é para conhecer a pessoa que vai trabalhar contigo e o resto é para tu desenvolveres trabalho.

I: E a nível da qualidade dos docentes? Já falaste que estavas muito satisfeita…

E16: Sim na altura, pois foi.

I: Tiveste uma boa experiência. Há alguma coisa que melhorasses ai?

E16: A nível dos docentes, provavelmente na minha perspetiva e porque eu gostava muito e porque realmente tinham bastante sabedoria e conhecimento era tê-los agarrado em vez de os ter deixado voar (sorri) provavelmente mas pronto mais uma vez repito-me a opção de escolha da vida própria é delas, não…

I: A nível da formação recebida achas que teve qualidade e estás satisfeita com a formação recebida no curso?

E16: Estou, estou portanto fiquei satisfeita na altura, depois sentia necessidade de mais mas isso é uma progressão lógica da aprendizagem, não que…na altura eram quatro anos, que os quatro anos que foram bastante intensivos não tivessem sido bons ou suficientes, foram, naturalmente eu também gosto mais de aprender e sinto necessidade de ter formações.

I: A nível do plano de estudos mudavas alguma cadeira? Acrescentavas alguma cadeira que não tivesses tido? Há alguma que dispensasses completamente?

E16: Que me perdoe a professora de espanhol mas eu dispensava o espanhol na boa, a sério, se fosse o inglês, como eu já sei muito bem inglês… o espanhol, não é que não fale mas é como eu disse no outro dia numa formação para uma professora de espanhol, ela não me estava a entender e eu digo "pronto, *yo hablo portuñol*" dispensaria, dispensaria o espanhol, incentivaria muito ao inglês porque a maior parte dos livros são inglês, se tu queres bons livros de ciências não só da educação, como da investigação, na área da investigação científica, são ingleses ou alemães mas alemão aí já é outra conversa, mas dispenso…

I: E há alguma que aches essencial que não tivesses tido? Ou que tivesses tido necessidade de saber quando foste trabalhar e não tiveste no curso?

E16: Ora isto já foram uns anitos, já foram uns anitos, deixa cá pensar, nós tivemos as disciplinas de seminário, houve um, havia uma disciplina, eu fui a única pessoa que o meu estágio foi com pessoas deficientes, o único professor que alargou a disciplina para a deficiência foi o professor E, na psicologia do desenvolvimento e isso foi muito bom e realmente talvez a única fraquezazita aí era alargar o leque a uma população diferente pronto, aos deficientes sejam eles motores ou mentais ou trissómicos, qualquer tipo de diferença porque eu deparei-me com uma população que eu tive que estudar muito sobre a doença mental, fiz trabalhos sobre a doença mental e sobre a deficiência porque entre os próprios doentes eles próprios brigam "eu não sou doente mental eu sou deficiente físico" e o outro dizia "eu não sou deficiente eu sou doente mental" e isso ocorreu mesmo entre eles, talvez enriquecesse com essa parte, não sei como é que está agora o curso mas por, e nós vemos e ainda agora houve o de educação social, o encontro, o terceiro encontro, creio que foi o encontro de educação social onde estiveram várias entidades de deficientes nomeadamente a ACAPO e eles deparam-se com grandes dificuldades não só de mobilidade como também de, talvez de inserção no trabalho, outras experiências.

I: Referiste há pouco que ingressaste na universidade por falta de trabalho e neste momento estás desempregada. Quais são as principais dificuldades que apontas na procura e obtenção de emprego?

E16: Olha este ano os concursos e pelos vistos em 2013 já começou a acontecer também, os concursos estão muito direcionados para manterem as pessoas que já iniciaram trabalho nas escolas o que eu não, não condeno, a minha maior dificuldade talvez portanto eu não consegui colocação como tantos outros milhares de professores que ficaram fora, mas neste momento se eu quiser ir procurar um trabalho como uma pessoa comum provavelmente seja a idade, provavelmente.

I: Porquê? Sentes-te cansada? Sentes que já não tens condições?

E16: Não, não porque as pessoas efetivamente olham para o bilhete de identidade, olham é, portanto não, olham para o bilhete e a maior parte dos currículos pede fotografia, eu detesto ser fotografada mas pronto lá consigo apanhar uma melhorzinha ali uma lateral, e eles têm muito em conta a juventude e isso, o que não condeno mas pronto, eu sou uma pessoa com 56 anos de idade e com muita vida para viver ainda, de maneira que… mas não estou parada, eu faço educação social em casa (sorri) portanto.

I: Além da parte de ser professora que já falaste, tentaste agora depois de ficar desempregada alguma coisa? Mandaste algum currículo ou falaste com alguém?

E16: Tentei, mas é assim o Algarve é pequeno e é muito limitado em termos de oferta de emprego nesta área e surgirem-me oportunidades tudo para fora do Algarve, sendo casada com filhos e agora a cuidar duma mãe com 92 anos isso é quase inviável, é quase inviável.

I: Quais foram os trabalhos que surgiram?

E16: Foi tudo na área da educação social e também na área do ensino.

I: Para trabalhar em escolas, em instituições?

E16: Uns em instituições e outros no ensino mesmo em escolas, mas tudo para Setúbal portanto para cima de Setúbal, para o norte há muito, talvez seja por isso que o Minho invista tanto na área da educação social e na animação sociocultural.

I: Achas que hoje em dia o estágio profissional é uma boa alternativa?

E16: É, é uma boa alternativa, eu própria recomendo aos meus alunos depois do estágio curricular deles que eles se tentem inserir num estágio profissional e serem os melhores, darem o melhor de tudo porque pode ser uma porta aberta, não é garantia, pode ser uma porta aberta para a inserção no mercado de trabalho na própria instituição ou tendo um bom currículo, não só de escola mas como estágio profissional, porque isso tudo engloba no currículo, notas e menções honrosas e tudo, as pessoas olham para o currículo e veem o desenvolvimento da pessoa, como é que ela se comportou dentro do estágio profissional, é uma mais-valia sem dúvida.

I: Tentaste algum?

E16: O estágio profissional? Vou-te ensinar uma coisa, idade limite 35 anos.

I: É? Não sabia. Já falaste que só ficaste desempregada este ano, por isso desde que terminaste a licenciatura até agora, trabalhaste em quê?

E16: Dei formação no lar da terceira idade em Aljezur e depois ingressei logo na escola e tenho estado sempre em diversas escolas portanto.

I: Quanto tempo deste a formação?

E16: Foi durante 1 ano.

I: E era sobre quê?

E16: Era sobre ge ai vamos ver se consigo dizer, terceira idade.

I: Gerontologia.

E16: Exatamente, isto da dislexia dá uns coisos. Portanto como tratar de um idoso, a receção do idoso num lar, o fazê-lo sentir bem, a animação sociocultural e depois trabalhei muito a área do desenvolvimento social da própria trabalhadora dentro do lar, porque não é fácil trabalhar com idosos.

I: Deixaste esse trabalho por opção? Porque surgiu a opção de ires para a escola?

E16: Não, terminou, aquilo são formações, são por um determinado número de horas e terminaram as horas, entretanto não surgiram mais formações e surgiu logo… eu acho que terminei em Agosto, Agosto, Setembro e em Outubro entrei logo a dar aulas.

I: E na escola davas aulas de quê? Como é que era? O que é que fazias?

E16: Dou aulas de ação social, animação sociocultural e depois tenho a vertente que nasceu comigo que é o teatro e tenho desenvolvido *workshops* na área do teatro e faço muitas ações de formações dentro da área do teatro e portanto são essas as vertentes, eu consigo depois ali casar a área das expressões, que é a disciplina que existe nas escolas com a área social que é comunidades de intervenção social.

I: Educação não-formal? Também vais por aí?

E16: Sim vou, aliás eu vou sempre por aí, as minhas salas de aulas são em U até porque controlo melhor os alunos (sorri) por incrível que pareça é, além de ser extremamente pedagógico que existe uma relação mais íntima professor-aluno, sempre com o devido respeito, mas o professor controla muito melhor o aluno quando tem a sala em U.

I: Ao nível do salário como é que era? Era mais ou menos constante? Aumentou desde que começaste a trabalhar? Sentiste uma diminuição?

E16: Olha o salário no ministério da educação é devido, é consoante as horas portanto eu cheguei quase a ganhar dois mil euros e no último ano ganhei setecentos e cinquenta

euros mas portanto, eu não vou tanto pelo dinheiro mas mais pela ocupação em si mas depende muito do número de horas que tu estás na escola.

I: Na tua opinião a formação que recebeste no curso está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E16: Ora o meu curso já terminou há uns aninhos, para o mercado de trabalho da altura estava, hoje provavelmente… na altura nós tivemos tecnologias de informação e comunicação que é uma área que eu gosto também bastante e que desenvolvo como *hobby*, na altura tivemos talvez para as necessidades hoje do mercado eu não sei como é que está aí o currículo do curso mas atualmente seria muito bom um aluno saber mexer com muita coisa no computador, não só o SPSS, que é aquele famoso de tratamento de dados e de outros dados de coiso, mas como também saber fazer filmes, saber lidar com a sociedade de informação porque há muito mais para além do PowerPoint.

I: Relativamente ao teu estágio curricular, achas que os estágios curriculares são bem estruturados e adequados ao mercado de trabalho? Tens uma boa experiência disso?

E16: Olha é assim, a minha experiência com os formandos foi bastante boa, ainda hoje eles me falam porque eu devido ao querer acompanhar melhor os meus filhos porque eles estavam numa idade de pré-adolescência um pouco conturbada, eu fiz o estágio curricular onde vivo que é em São Brás de Alportel e fiz em parceria com, fiz no programa EQUAL que tinha cinco parcerias mas era concentrado em São Brás de Alportel, ainda hoje os formandos me falam e dou-me bastante bem com eles. A nível de instituição foi um bocadinho complicado ou um bocadinho delicado porque eu sou uma pessoa muito íntegra, honesta e quando eu me começo a aperceber que as atitudes das pessoas não correspondem bem àquilo que dizem, eu sofro de alguma dor de estômago portanto e foi…

I: Em que instituição é que fizeste o estágio?

E16: Portanto foi uma parceria com cinco instituições, a câmara municipal, a In Loco, a Existir e a dos doentes mentais que agora… eles têm uma sede muito boa que agora está ali em Loulé no parque industrial…

I: A ASMAL?

E16: Exatamente na ASMAL.

I: A nível da universidade achas que foste apoiada? Tiveste orientação?

E16: É assim portanto eu tive sempre, graças a Deus os professores foram sempre muito disponíveis para nos apoiar, até mesmo em fora de aula, foram sempre bastante disponíveis e depois tinha um grupo de colegas muito bom, muito bom, de maneira que foi uma experiência muito positiva.

I: Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar a nossa profissão?

E16: Olha, a nossa profissão é muito, vai muito de encontro à nossa integridade, ao nosso caráter humano, àquilo que nós desenvolvemos porque um bom educador social não se faz de fora para dentro mas de dentro para fora, lá diz Paulo Freire, ali o ser mais e o ser mais vai muito ao nosso íntimo e se o nosso íntimo é corrompido não tem como melhorar a profissão. Esta é a minha perspetiva, é aquilo que eu vivo, eu aquilo que eu faço, faço de coração, faço por amor à humanidade e porque realmente eu amo ver as pessoas bem, se tu não tens esta integridade, carácter, este amor pelos outros que começa em ti mesmo vai ser muito complicado, tu poderás ser boa técnica mas uma boa profissional engloba os dois lados, o técnico e o humano, tem as duas vertentes.

I: Recomendavas esta profissão a alguém? Quais eram os conselhos que dizias?

E16: Eu recomendo, o conselho, o primeiro conselho e é o primeiro conselho que eu dou aos meus alunos é "aprendam dos mais velhos, não queiram ensinar, aprendam primeiro", um bom líder, será um bom líder quando aprender a ser bem liderado e isto não… a juventude gosta e está cheia de ideias e devem ser aproveitadas mas quando entram nas instituições para estagiar, as duas primeiras semanas é mesmo colar à pessoa para aprender de, aprender como fazer, como lidar, para depois pôr a sua criatividade em ação.

I: Neste momento pertences a alguma associação cívica, cultural, recreativa, desportiva, religiosa?

E16: (sorri) Portanto como eu já disse, eu pertenço a uma comunidade evangélica, nós temos uma associação chamada "O sabor da vida" que é o apoio à grávida aflita, apoia à gravidez adolescente, faz a prevenção da gravidez desde na adolescência, dá aulas de educação sexual que é uma das minhas áreas também, eu tenho formação da APF na

área da educação sexual para as escolas e reprodução e depois faço os desportos naturais para não ficar um bocadinho mais quadrada (sorri).

I: Achas que isto tem desenvolvido e contribuído para o desenvolvimento das tuas competências?

E16: Todo?

I: Todo o envolvimento e o estares nestas atividades?

E16: Sim contribuem, no mínimo contribuem para o meu bem-estar e se eu estou bem o resto também caminha bem.

I: Exerces algum tipo de voluntariado atualmente?

E16: Não, não porque como já referi estou a cuidar da minha mãe com 92 anos e realmente são 92 anos que absorvem uma vida e… é aprender a ver a vida de outra maneira, é o fazer apoio em casa, é o dar apoio à família. Estou mais de perto da turma do meu filho e vou começar a apoiar miúdos lá em casa, não lhes vou ensinar, simplesmente vou orientar-lhes para estudarem, portanto a partir de agora na segunda semana de Maio vou começar a receber os meninos mais, aqueles que estão em risco de perder o ano, vou começar a apoiá-los lá em casa.

I: Foi iniciativa tua? Falaste com algum pai? Falaste com um professor?

E16: Isto surgiu, já tinha surgido das reuniões de pais anteriores, a turma é complicada, é difícil e têm ali nuances que, não vou dizer que é próprio do adolescente porque há adolescentes que não vivem aquilo ou pelo menos não necessitam de viver assim mas há ali pais que estão um bocadinho aflitos sem saber o que fazer e às vezes o adolescente houve melhor o estranho, o de fora do que o próprio pai e eu tenho essa experiência dessas lá em casa.

I: Vais fazer uma espécie de gabinete de apoio ao aluno lá em casa.

E16: Exatamente é isso, gostei, é isso.

I: Não houve a possibilidade de fazer na escola? Ou foste tu que decidiste em casa?

E16: Eu agora decidi em casa porque tenho a minha mãe pronto, a minha mãe já tem uma mobilidade bastante reduzida, gosta de sair mas é no carro, não é a andar, é no

carro, andar de carro. Eu quando tenho trabalhos universitários assim como este eu graças a deus encontrei um centro de dia que recebe a minha mãe ao dia, e ponho-a lá e depois vou buscá-la depois do jantar, que é para me dar, que é para eu orientar a vida a fazer as coisas todas naquele espaço de tempo. Ofereci-me também para fazer, mas isso são coisas mais burocráticas, ações de formações com os miúdos, como o título "Sexo, droga e *Rock`N Roll*" e para eles perceberem que realmente há tanto, tanto ensino, tanto conhecimento mas continuam a fazer as mesmas asneiras e pronto, está ali em *standby* porque a burocracia em si é muito e nas escolas é muita.

I: Mas tens a luz verde da parte dos pais e da escola?

E16: Da parte dos pais, da parte dos pais sim, da parte dos pais tenho o doce e grato prazer dos pais, grande parte das mães confiarem em mim e ainda ontem me disseram "Inês o que tu fizeste está bem feito" e isso é, eu estou grata a deus por isso.

I: E da parte dos professores?

E16: E da parte dos professores também tenho todo o apoio, tenho o apoio e o respeito deles assim como eu os respeito.

I: Na tua opinião que caraterísticas específicas é que o educador social deve ter? A nível pessoal, profissional, profissional? Quais são as que tu apontas como essências?

E16: Olha a nível profissional e a nível até de caráter o educador social tem de ter uma disponibilidade quase de 200%, aparece alguém aflito, aparece ou telefona uma mãe aflita e tu atendes seja duas, três, quatro da manhã e tu atendes e essa disponibilidade ainda que às vezes possa surgir um certo cansaço, tem que ser bem gerida. O educador social também nesta perspetiva de disponibilidade tem que ser um excelente gestor, um gestor emocional, um gestor pedagógico, um gestor de conflitos, um gestor bom administrador e depois aquilo que eu chamaria realmente a grande ferramenta essencial é amar o próximo, o ser humano, humano, é ser muito humano e quando eu digo amar não digo que tem que chorar ou ser lamechas ou isto, mas é ter uma palavra carinhosa, ter, às vezes basta um toque, basta um sim ou vai tudo correr bem, ser uma pessoa que realmente tenha uma caraterística caridosa, estou-me a lembrar de Madre Teresa de Calcutá, deixou-nos um exemplo muito rico, ela era uma verdadeira educadora social.

I: Há pouco esqueci-me a perguntar, depois da tua bagagem de toda de trabalho social em grupos de risco, do mais extremo risco como já falaste, porque que optaste pelo ensino?

E16: Sim. Porque eu creio que na vida tudo tem um espaço e um tempo próprio e eu foi nos meus 21, 22 anos até aos 30 e poucos… porque eu entre Portugal e a Europa eu viajei sempre a trabalhar com grupos de risco, inclusive na Inglaterra… eles na Inglaterra metem um bocadinho mais de respeito (sorri) são mais agressivos. E depois de ter passado por algumas experiências que reverteram a favor de serem simplesmente experiências de vida menos boas, eu creio que hoje aquilo que mais me fascina é ensinar um aluno que gosta de aprender a área da educação social. A faixa etária que eu mais gosto mais de trabalhar não é bem os adolescentes, eu não trabalho com adolescentes, trabalho já com os do secundário que ainda bem ainda vêm e ainda tenho alguns de catorze anos no 10ºano e que ainda são muito meninos ou meninas mas tenho já depois pessoas maduras de quinze, dezasseis, dezassete anos e eu fascina-me trabalhar porque, isto para os alunos que querem, aqueles alunos que querem aprender e que querem fazer daquilo uma profissão ou carreira, eles têm sede de aprender também e isso é, eu acho que é a pérola de ouro para um professor, é perceber que o aluno quer aprender.

I: Achas que é importante a presença dos educadores nas escolas? Tanto nos mais pequenos até ao secundário?

E16: É, é, é bastante importante, o educador acaba por fazer ali um elo de ligação entre os professores, porque o educador não trabalha e não se restringe só à população dos alunos como também aos docentes, aos professores e inclusive aos auxiliares de educação portanto o educador tem aquela flexibilidade e aquele grande leque de ação de conseguir trabalhar com todos, não ao mesmo tempo mas de fazer uma parceria.

I: E ao nível da família também.

E16: E a nível da família, essa é fundamental que neste presente momento é o que eu faço, não só da minha família como da família dos alunos…

I: Iniciaste um projeto.

E16: Dentro de casa.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses se devem ou não ser próprias do educador social e porquê. Criativo?

E16: Tem que ser bastante criativo, bastante mesmo porque às vezes surgem situações do nada e nós não podemos ficar parados porque do outro lado se percebe uma brechazinha uma fraqueza nossa, a confiança parece que se esvai assim um bocadinho, ainda que nós… nós somos os pilares e os espelhos de muitas pessoas, eles têm-nos como referência e então, não é que nós não falhemos, eu falho como pessoa, como professora, como mãe, falho muito mas é manter a referência de estar sempre disponível, tem sempre alguma coisa para fazer, tem sempre alguma coisa boa para dizer porque o que eu digo aos meus alunos é "se não tens nada bom para dizer então não vale a pena falar", mas a criatividade sem dúvida.

I: Dinamizador?

E16: Vai, vai junto com a criatividade tem ali, casa, tu não consegues ser dinamizador sem ser criativo, um bom criativo é um bom dinamizador.

I: Manipulador?

E16: Não por amor de deus, não me digas nem essa palavra que me dá arrepios.

I: Há pessoas que acham que sim.

E16: É não, jamais, ainda que as pessoas possam ter essa capacidade, jamais o devem usar porque isso é uma falta ética e de integridade daquelas incalculáveis até me estou a arrepiar porque dá-me aqui um, é daquelas palavrinhas que me dá aqui umas ânsias que…

I: Planeador?

E16: Sem dúvida, tem de ser um bom gestor, tem de planificar tudo, uma sala de aula planifica-se desde o "bom-dia" até ao "tchau podem ir embora".

I: Autoritário?

E16: Não. Tem que ter autoridade, as pessoas confundem autoritário com autoridade, uma pessoa…eu reconheço autoridade em N pessoas que jamais foram autoritários, posso nomear, posso falar no leque de professores que eu tive durante a licenciatura de

2001 a 2005, todos eles têm o meu respeito pela autoridade que tinham dentro da sala de aula e nenhum deles foi autoritário.

I: Tendo em conta o panorama nacional e internacional de crise que estamos a atravessar, o que achas que vai acontecer à sociedade e qual será o papel do educador social? Qual é a perspetiva?

E16: Olha a sociedade pelo que eu me apercebo, é mais a nível emocional, está completamente sem esperança, está desesperada, não vê futuro, não vê futuro brilhante, não consegue alcançar além da conta bancária e o educador social a grande… o grande campo de intervenção irá ser trazer de volta a esperança para a população porque dizem que a esperança é a última que morre mas neste momento na crise social que nós atravessamos a esperança está muito fraquinha, muito fraquinha mesmo.

I: E achas que vamos ser reconhecidos pelo nosso trabalho?

E16: Sem dúvida, sem dúvida e se não for nesta terra, lá em cima há alguém que nos vê e que nos vai reconhecer (sorri).

I: Se te fosse dada a opção de escolha o que é que gostavas de estar a fazer?

E16: Neste momento?

I: Sim.

E16: É dar aulas, é sinto-me completamente preenchida e na área da educação de adultos também portanto quando eu digo dar aulas, embora a minha idade de preferência sejam os adolescentes adultos, adultos jovens adolescentes porque quando estive em Aljezur foram adultos e foi fascinante, perceber, trabalhar e quando estive também no estágio curricular também trabalhei com adultos e é muito bonito ver um adulto desembruxar na área cultural, educativa, didática, é fascinante.

I: O que é que te satisfez mais a nível pessoal e a nível profissional durante o tempo que tiveste a trabalhar?

E16: Ainda hoje o que mais me satisfaz é o reconhecimento dum aluno, quando ele vem ter comigo e diz "obrigada professora porque aprendi muito contigo" isso é, é muito grato ouvir isso dum aluno, é muito grato mesmo.

I: E achas que de alguma forma sentes que mudaste a vida daquelas pessoas que passaram por ti?

E16: Olha eu não sei se mudei mas que tive impacto tive, como… usando agora a expressão brasileira "eu empactei algumas vidas" é. A maior parte das vezes nós não nos apercebemos do, vou usar um estrangeirismo porque eu não consigo encontrar a palavra, do *imput* que nós temos dentro da vida do outro e isto não tem com ser mais velho ou mais novo, tem a ver com a caraterística da personalidade do educador social e da diferença que faz naquele meio social em que está inserido, seja escola, lares, naquele meio, no meio social em que está inserido, e nós não nos apercebemos, apercebemos talvez ou paramos para pensar quando nos fazem um elogio… que o povo português é raro fazer elogios, devia elogiar mais, e eu faço, fiz e espero voltar a fazer, faço sempre muito reforço positivo nos alunos, muito pela positiva se for preciso estou sentada lado a lado com ele.

I: Colocavas a hipótese de ir para o estrangeiro? Gostavas de ir para o estrangeiro? Já falaste que um dos teus sonhos é…

E16: É regressar à minha terra natal, Moçambique. Eu poria sim, neste momento é praticamente inviável porque pronto tenho o miúdo a estudar, não seria tanto por ele mas tenho a minha mãe de 92 anos comigo e ela não viajaria de certeza (sorri) porque diz que já viajou muito de avião mas se eu fosse solteira eu já estaria de volta a Moçambique, assim pronto têm as coisas de ser planeadas, programadas em conjunto porque casamos para ser um e é um projeto de vida, não é? Em conjunto.

I: Da minha parte está tudo, não sei se queres acrescentar mais alguma coisa?

E16: Não, muito obrigada, talvez uma referência à tua pessoa (interrupção).

Fim da entrevista!

Entrevista nº 17

Data de realização: 26 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Sede da associação Vida Abundante, Olhão

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Com a minha investigação pretendo estudar um pouco da realidade do educador social atualmente, no Algarve, os tipos de instituição em que trabalham e o tipo de trabalho que desenvolvem, as funções que desempenham, as competências que tem ou que deve ter… Tenho aqui um guião com vários blocos, o primeiro é sobre a escolha do curso. Porque é que decidiste ingressar neste curso da educação, intervenção na altura?

E17: Sim era educação e intervenção comunitária.

I: Sim e o que é que te levou? Quais foram as razões que te levaram a escolher este curso?

E17: Ah penso que foi de alguma coisa eu sentia que tinha alguma vocação para trabalhar com pessoas. Comecei com os meus dezasseis, dezassete anos a fazer voluntariado numa instituição que apoiava toxicodependentes e tinha algum trabalho de rua e isso despertou em mim uma paixão para trabalhar com pessoas. Na altura pronto os meus pais não tinham grandes possibilidades e eu vi dentro dos cursos das áreas sociais da…o que é que eu podia concorrer. Eu não fazia ideia o que é que era curso, "educação e intervenção comunitária? Isto tem alguma coisa a ver com a comunidade europeia?" (sorri). Mas depois tive um contacto que me disseram que não, que era um curso muito parecido com assistente social, porque na altura era aquilo que me despertava a atenção. Na altura não havia nenhum curso assim no Algarve nem mesmo psicologia que era outra área que eu gostava, então arrisquei e concorri…foi a minha primeira opção porque depois concorri em Santarém para um curso semelhante ao nosso agora não sei se existe ou não mas basicamente foi por isso.

I: Quais foram as expetativas iniciais quando ingressou neste curso? Para já queria perguntar como é que teve conhecimento do curso e qual foi a falha que acha que existiu e como é que isto podia ser ultrapassado?

E17: Ah sim, quer dizer na altura não…isto foi em 96,97 à volta disso e não havia internet e a facilidade que há hoje para a gente saber alguma informação sobre cursos. Foi uma amiga minha que me falou que conhecia uma rapariga que tinha tado no ano anterior a mim e que me falou um pouco o que é que era o curso… não tinha nada realmente a ver com a União Europeia, tinha a ver com a assistência social, com pronto o trabalho social e assim... Eu depois já não me lembro como é que foi mas aí pedi mais informação e agradou-me.

I: Quais eram as expetativas iniciais quando ingressou no curso? Quais eram as principais expetativas que tinha? Do que podia vir a fazer? Se ia gostar da área e deste tipo de trabalho. Do pouco que conhecia e ao longo do curso do contacto que teve com as várias cadeiras e as várias situações quais foram as principais expetativas que formou?

E17: Eu penso que foram boas, eu vi o curso como uma ferramenta para me ajudar a fazer aquilo que eu queria fazer não é? Não digo que sei lá como um canudo, como uma garantia que fosse realmente arranjar trabalho na área não é? Mas como pronto uma ferramenta de trabalho. Eu gostei, gostei do curso, achei que foi muito prático, muito inovador porque tínhamos a tal ideia do serviços social assistencialista…eu pensava as pessoas assim com pouca dignidade não é? Muito aquela "senhora doutora…" e o curso abriu um bocado essa perspetiva. Alguns professores, especialmente aqueles que tinham experiência na área ou que de alguma forma transmitiam algum conhecimento, o professor A, o professor I, professor J, não sei se estes nomes dizem alguma coisa (sorri).

I: Só o professor A.

E17: O professor A toda a gente conhece (sorri) não é? Mas estes foram três professores que ajudaram muito a construir a pessoa mais do que o profissional.

I: Houve alguma expetativa que depois não se tivesse realizado? Que tivesse sido uma desilusão ou uma frustração?

E17: Eu penso que não. Penso que não, eu acho que o que acontece muitas vezes é que nós olhamos para o curso como, às vezes como uma varinha mágica que vai abrir portas, não é? E não é isso. Acho que o que interessa às vezes é mais a pessoa do que o curso que a pessoa tem não é? Mais a forma de estar da pessoa, aquilo pelo que ela luta. Acho que não tive expetativas assim, não fracassaram. Acho que não fiquei desiludida.

I: E no curso o que é que gostou mais? Quais foram os principais motivos de satisfação? O que é que a satisfez mais no curso?

E17: As experiências práticas, o trabalho de campo, ir investigar, eu penso que...

I: O trabalhar no terreno com as pessoas?

E17: Sim muito, os estágios, aqueles trabalhos que nos obrigavam a sair da universidade para contactar com pessoas, estudar a comunidade, visitas de estudo. Acho que isso foi o mais interessante.

I: Lembra-se de alguma em particular? De alguma saída que tenha gostado mais?

E17: E lembro-me de uma visita que fizemos à ilha da Culatra. Eu sou Algarvia mas não conhecia aquela realidade não é? E na altura aquilo marcou-me muito, não é? Acho que foi logo no 1ºano e aquilo foi engraçado. A gente não imagina que possa existir tao perto de nós assim uma realidade….Agora tá melhor não é? Mas com uma cultura tão própria não é? Tão fechados do mundo, tao isolados…na altura aquilo impressionou-me bastante.

I: E relativamente aos motivos de insatisfação do curso não sei se tem algum a apontar que a tenha insatisfeito no curso. Durante o curso ou depois de ter saído.

E17: No último ano tive um excelente professor que foi o professor F que nunca mais ficou lá. Ele ficou à frente do curso e foi um excelente professor que nos abriu horizontes para vermos o trabalho social de outra forma. Na altura ele veio da Argentina, tinha imensa experiência e muitas obras publicadas e ele ficou espantado com a nossa falta de conhecimento, ou seja, nós estudámos só Paulo Freire, Paulo Freiro, Paulo Freire e entanto haviam outras abordagem e outras teorias que estavam ali muito pouco exploradas. Na altura também que nós tínhamos também outro diretor de curso que acho que não era uma pessoa com perfil…agora já não me lembro sequer do nome desse, era um senhor de bigode professor K qualquer coisa pronto. E depois sei

que no ano seguinte foi o professor A que acho que foi uma pessoa excelente para ficar mas houve aqui uma fricção muito grande connosco e o professor K, eu não me lembro agora, também não te tas a lembrar, não? Pois ele entretanto acho que saiu mas pronto houve ali muita fricção entre a nossa turma e ele…este professor, o F e o diretor do curso na altura e isso não foi nada positivo porque percebemos que no fundo podíamos ter sido melhores, podíamos ter estudado outras correntes e não ficar tao limitados a uma coisa.

I: Pois. Eu fiz um questionário antes de fazer as entrevistas e os três principais motivos de insatisfação foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir progredir na carreira e não corresponder às expetativas. Nestes três há algum em que se enquadre ou que concorde?

E17: A primeira foi?

I: Não ser reconhecido pelas entidades empregadoras.

E17: Sim, sim. O curso…e depois o segundo era?

I: Não permitir a progressão na carreira e não corresponder às expetativas. Foram os três mais apontados.

E17: O curso não corresponder às expetativas acho que não concordo mas em não ser reconhecido pelas entidades empregadoras é verdade. O curso acho que agora talvez com a mudança para educação social pode facilitar não é? Porque entretanto abriram muitos cursos noutras universidades e em muitos sítios mas nós tínhamos essa dificuldade, ninguém sabia o que é que era o curso, inclusive eu quando acabei o curso fui morar para o Porto e lá então completamente desconhecido "mas que curso é este?" e isso foi na altura uma dificuldade, eu acabei por não arranjar trabalho no Porto e voltar para o Algarve…não me lembrava desse pormenor (sorri) eu fui para lá não por motivos, como é que eu hei de dizer? Eu fui para lá por motivos familiares, pronto e entretanto acabei por regressar não só por isso mas também porque aqui sabia que encontrava e realmente depois encontrei quando cheguei cá.

I: E atualmente, achas que este curso já é mais reconhecido pelas entidades ou continua a ser um problema?

E17: Acho que sim, acho que é tido um pouco como um curso de segunda. Acho que às vezes as pessoas pronto preferem um assistente social do que um educador social que é como se não fosse licenciatura que chegasse pronto (sorri) é um bocadinho a baixo. Acho que isso é errado, acho que não há razão nenhuma para isso acontecer e penso que também por exemplo pelo ministério da educação também não é um curso que seja muito reconhecido porque haveriam se calhar outras oportunidades de trabalho dentro da educação, da formação e nós não os temos porque não há esse reconhecimento por parte do ministério da educação. Da segurança como já me têm dito várias vezes depende muito da cunha, é um bocado assim porque sei de pessoas que já tiveram dificuldade em entrar em postos em que podiam por exemplo assistente mas podia ser também um…a lei previa que fosse um educador social também, a lei até poderia prever mas no entanto a segurança social dá preferência ao assistente social não é? Mas quando depois às vezes tem um…

I: O fator C…

E17: Dá-se um jeitinho e então lá entra o educador social, isso é muito triste, acho que é mesmo muito triste (sorri).

I: O que é que acha que se podia fazer nós ou mesmo em termos de entidades e da universidade para colmatar esta falha do reconhecimento da parte do ministério, da parte das entidades empregadoras? O que é que nós podíamos fazer enquanto profissionais e enquanto pessoas? Ou enquanto entidade formadora?

E17: Eu olha sinceramente eu não sei porque eu penso que isto muitas vezes mexe com leis com serviços que estão muito antiquados. Eu penso que tinha de ser mesmo a universidade a lutar por isto, eu acho que é a única hipótese. Acho que seriam as universidades portanto em conjunto a tentarem lutar por isto.

I: Também tinham de se unir, cada uma também está para seu lado.

E17: Claro, exatamente.

I: Também há muita gente que fala na formação de uma Ordem e que isto podia ser parte da solução para este problema. Concordas com isto?

E17: Ah nunca tinha pensado nisso (sorri) nunca tinha pensado nessa hipótese. Acho que não sei, eu não tenho assim já muito contacto com outros educadores sociais, tenho

contacto com profissionais de outras áreas e também educadores sociais mas não estou por dentro disto, sei que existe uma associação mas também não estou a par do que é que a associação faz, não tenho tado a par, não recebo informação. Não sei também se também haveria hipótese de alguma associação ter algum peso nisto, penso que talvez mais a universidade.

I: Durante a licenciatura participaste em atividades extracurriculares? *Workshops*, seminários, formações? Eras uma pessoa ativa?

E17: É assim, eu para aquilo que me interessava sim. Nunca fui muito, tinha colegas minhas que iam a todas as coisas para encher o currículo com sei lá de todos os temas e mais alguns, eu sempre fui um bocado mais baldas nisso. Ia quando me interessava…

I: Selecionavas?

E17: Sim hoje em dia também seleciono muito pronto se eu acho que é uma coisa que vai contribuir para aquilo que eu vou fazer agora, vou se não, não vou e na altura acho que era um bocado por aí. Acho que às vezes perdia um bocadinho por isso, por só selecionar aquilo que me chamava a atenção mas pronto.

I: Quais eram os principais temas ou as principais formações e seminários que foste?

E17: Eu gostava muito de coisas no âmbito do voluntariado, de formações no âmbito do voluntariado. Da toxicodependência também, na altura embora não seja uma área que eu tenha trabalhado sempre mas na altura gostava muito dessa área e das artes também.

I: Das artes?

E17: Sim.

I: Achas que estas atividades contribuíram de alguma maneira para a tua inserção no mercado de trabalho? Mais tarde…

E17: Sim sem dúvida. Não sei se é interessante dizer mas logo o primeiro trabalho que eu tive foi através duma instituição que fiz um curso de formação porque estava interessada em fazer lá voluntariado, então fiz esse curso de formação e depois mais tarde quando eles necessitaram de alguém para trabalhar comunicaram-me, chamaram-me…ainda estava a estudar e já estava lá a trabalhar. Depois entretanto acabámos por

perder o laço mas eu acho que ajudou, deu-me experiência mesmo quando estava a estudar.

I: O que é que fazias lá?

E17: Eu trabalhei foi no MAPS nas equipas de apoio social direto, na rua, que dantes era um projeto de voluntariado chamado projeto Quarteira e depois trabalhei como monitora desse projeto.

I: Quando terminaste o curso e hoje em dia sentes necessidade de mais formação? Tanto na área da educação social como noutras áreas com que te tens deparado? Por exemplo a nível de outras cadeiras, outras licenciaturas, um mestrado…

E17: Eu acho eu, a pessoa sente falta à medida que os desafios vão aparecendo não é? Neste momento sinto falta continuo lá está mas eu acho que há informação disponível mesmo que não seja oficial digamos fazer um mestrado ou fazer outra licenciatura mas há informação disponível e eu acho que a sociedade evoluiu muito bem neste sentido portanto se eu precisar por exemplo de cozinha vegetariana, não tem nada a ver porque por acaso uma das coisas que nós fazemos aqui e que …

I: Tem algum sucesso.

E17: Sim, cozinha económica, cozinha vegetariana. Então é fácil ir procurar estas coisas, ou posso procurar na internet ou mesmo até através da internet eu descubro onde é que há formação cá perto que eu possa frequentar e fazer não é?

I: É muito ao nível da nossa autonomia.

E17: Sim, sim. É muito fácil procurar informação, há muita informação ou na internet, ou chega por *email* de alguém que manda regularmente.

I: Na tua opinião o que é que podia ser alterado/ melhorado no funcionamento geral do curso? Há alguma coisa que tu alterasses? Quer dizer já foi há alguns anos atrás não é? Mas que tu te lembres, que tivesse ficado marcado naquele momento…alguma coisa que devesse ser alterada?

E17: Eu penso que é muito importante e sei que isto é completa utopia mas pronto, muito importante ter profissionais na área que trabalham no terreno a dar aulas. Não podem ser só catedráticos e formados em mil e uma coisas, podem ser o máximo,

podem ter publicado livros mas depois se na prática se não sabem adaptar esse conhecimento ao terreno e à prática e acho que isso foi uma das maiores dificuldades e se eu pudesse mudar alguma coisa naquilo que aconteceu teria sido isso. Se fosse eu a escolher teria escolhido profissionais com mais experiência de terreno porque é com esses que a gente aprende mais.

I: Ao nível das atividades que o curso organizava havia algumas atividades na tua altura? O que é que tinhas feito diferente? Tens algum conhecimento das que há agora?

E17: Sei que está muito melhor, eu penso que (sorri) ok não está mas pronto… têm semanas com muitas atividades abertas à comunidade com cursos, têm o teatro do oprimido não é? Têm também o instituto Paulo Freire que também dinamiza muita coisa com o curso, temos o ISU, pronto eu acho que está muito melhor. Acho que há muito mais coisas para as pessoas se envolverem do que havia naquela altura.

I: No teu tempo não havia assim nada de mais?

E17: De vez em quando havia uns seminários ibero-americanos mas muito pouco, muito pouco mesmo.

I: A nível da qualidade dos docentes já falaste dessas situações da falta de experiência e do diretor de curso.

E17: Sim.

I: A nível da formação recebida achas que teve qualidade? Achas que ficaste bem preparada para o mercado de trabalho?

E17: Teve qualidade mas o curso era um curso muito novo também, tinha…eu frequentei o 3ºano de existência do curso…não sei se tens tado a falar com pessoas assim já tão...

I: Um bocadinho de cada.

E17: Mas eu frequentei o terceiro ano, então havia muita coisa que ainda estava verde imatura e assim mas...

I: E acabaste em que ano já agora?

E17: Em 2000, 2001? Não 2000, terminei em 2000. E a segunda pergunta era quê?

I: Se a formação recebida tinha tido qualidade, se tinha sido boa para o mercado de trabalho? Se te preparou para o mercado de trabalho a formação.

E17: Eu acho que a formação nunca prepara completamente para o mercado de trabalho, eu acho que é uma ajuda mas depois a partir do momento em que nós começámos a trabalhar temos de procurar sempre mais informação não é? Temos de procurar aprender porque acho que nunca chega, há coisas que nunca se vão aprender no curso. O estágio é muito bom claro mas não é suficiente.

I: Não é suficiente. A nível do plano de estudos e das cadeiras que tiveste há alguma coisa que tu alterasses? Por exemplo há alguma cadeira que sentisses falta que achasses que era essencial e não tiveste? Ou alguma que tiveste que achasses que não estava ali a fazer nada…

E17: Agora lembra-me assim é difícil. Há disciplinas que eu acho que a ideia até teria sido boa mas depois na prática foram más. Eu lembro-me no1º anos de economia que não serviu absolutamente para nada que era introdução à economia, eu não sei se ainda existe. No ultimo ano nós apanhámos o mesmo professor em economia aplicada à gestão de projetos mas como a turma era assim um pouco reivindicativa (sorri) logo na primeira aula dissemos ao professor "ou o professor muda a sua forma de dar aulas ou então isto assim não vai a lado nenhum porque nós não aprendemos nada no 1ºano!" (sorri). Foi a minha pior nota, eu passei com um 10 no primeiro ano, foi a minha pior nota, não aprendi nada e neste último ano ele esforçou-se por aplicar a economia mesmo à educação e intervenção comunitária, ou seja, ensinou-nos a trabalhar com orçamentos que era uma coisa que nós precisávamos não é? Para fazer um projeto e então foi muito mais interessante…agora no 1º ano aquela introdução à economia foi completamente… lembro-me também de património no 1ºano poderia ter sido uma coisa interessante e foi uma tremenda seca, muito teórico e pouco de vermos o património e de aprendermos. Sei que houve uma disciplina que nós não tivemos que acho que agora existe que é a saúde comunitária, que eu penso que é muito interessante. Penso que também era necessário alguma coisa na área da família que também não se aborda muito.

I: Neste momento há a sociologia da família.

E17: Ah pronto poderá ser bom mas não sei se…

I: Mas também é muito na base da sociologia, não é nada de trabalho do terreno nem nada que se pareça. Pronto depois ao longo do percurso profissional. Quais foram as principais dificuldades que apontas na procura e obtenção de emprego? Quais foram as principais dificuldades que sentiste por exemplo quando terminaste o curso ou que tens sentido ao longo do teu percurso?

E17: Hum eu penso que tem a ver às vezes com o facto de nós estarmos muito tempo há espera, mais com nós aprendermos a lidar às vezes mais com a frustração quando já não conseguimos e "ok ganhar coragem, eu vou novamente à procura e vou contactar e vou perguntar às minhas antigas colegas e informar" às vezes passa um bocado por nós lidarmos com essa frustração. Agora é…de início é porque não temos experiência, certo? E estamos a cair no mercado de trabalho…eu lembro-me que na altura eu fiquei um bocado desempregada quando estive no Porto, depois entretanto vim para o Algarve e ao fim de pouco tempo arranjei. Mas arranjei como monitora de ATL não é? E não estava preparada porque o curso não prepara pessoas para trabalhar com crianças e penso que agora também não prepara não é? Mas na altura eu preferi agarrar este trabalho do que por exemplo ir para uma loja ou para um café ou porque pelo menos iria ganhar mais experiência não é? E tem de se abdicar às vezes de muitas coisas para tentar continuar na área tem de se abdicar porque a gente saí algum tempo da área e depois tornasse difícil regressar.

I: E atualmente quais são as principais dificuldades que tu encontras?

E17: Agora as principais dificuldades eu não acho que sejam pessoais, pela falta de trabalho, se bem que neste momento tenho duas crianças, tenho uma de três anos e tenho esta que tem agora seis meses e acho que isso limita um bocado…

I: A tua liberdade…

E17: A minha liberdade. Não é um…não posso aceitar qualquer trabalho, não posso ir daqui para longe, tenho de estar ao pé delas, se elas ficam doentes não… então isto limita um bocado. Mas outra coisa que eu penso que está a limitar é…não é desculpar-me com a crise mas é os cortes que a segurança social tem feito em tudo o que é instituições. São fundos suspensos e acho que os educadores, assistentes sociais e psicólogos e toda a gente leva por tabela porque não há dinheiro para meter mais pessoas, preferem antes viver à conta de estagiários e de voluntários e do centro de

emprego, do que terem alguém a tempo inteiro, não há dinheiro, não há lugar para mais pessoas.

I: Neste momento tens arranjado algum tipo de tentativas para arranjar um trabalho ou estás a dedicar-te aqui a 100% à associação?

E17: Eu nos últimos anos já envolvida à associação estive a dar formação e neste momento…agora estive parada por causa da minha filhota mas estou a tentar novamente…

I: Arranjar um trabalho?

E17: Sim formação que me permita continuar com este trabalho aqui também porque neste momento também não quero largar a associação. Acredito mais cedo ou mais tarde podemos vir a ter fundos e fazer aquilo que gosto.

I: Qual tem sido a tua experiência profissional na área da educação social? O que é que tu fizeste desde que terminaste a licenciatura até aos dias de hoje? Tiveste aquele primeiro trabalho no MAPS?

E17: Sim ainda antes de acabar o curso. Depois trabalhei em ATL…

I: Eras animadora no ATL?

E17: Sim animadora de ATL dois anos, depois tive na Santa Casa da Misericórdia de Faro como animadora no UNIVA, era unidade de inserção da vida ativa…lá também fiz algum trabalho na área da investigação e dum projeto comunitário que lá havia. Depois estive no ensino, tive a dar aulas e formação.

I: Numa escola?

E17: Sim em várias escolas, em cursos profissionais e tecnológicos.

I: Que tipo de disciplinas é que davas?

E17: Dei animação sociocultural, dei expressão…na área das expressões. Dei práticas de animação sociocultural, práticas de ação social, área de estudo da comunidade, penso que foram essas. E as expressões, dei algumas coisas das expressões.

I: Quanto tempo é que foi nas escolas?

E17: Penso que foram uns cinco anos, foi aquilo que eu fiz assim mais tempo. Ao mesmo tempo já estava a começar aqui com a associação e fiz isso ao mesmo tempo.

I: Com a associação. Como é que surgiu esta ideia da associação?

E17: Surgiu com uma amiga minha, queríamos fazer alguma coisa e pronto queríamos fazer alguma coisa, pensávamos as duas da mesma forma, tínhamos os mesmos valores, os mesmos princípios e começámos a ver o que é que nós podíamos fazer para esta cidade. A mim despertava-me muito o trabalho com mães grávidas, com jovens adolescentes, na área da família e entretanto começamos a participar da rede social, das reuniões e a tentar perceber o que é que podíamos fazer. Nós começamos…esta associação já existe em Lisboa, nós o que fizemos foi criar uma delegação cá em baixo para termos uma plataforma para começar a trabalhar não é? Sem tar a criar uma associação de raiz (interrupção). Entretanto começámos um projeto de apoio à família que envolve apoio alimentar, apoio de vestuário. Temos psicólogos também voluntários para dar apoio na área da psicologia. Nós fizemos formação também na área da família, ações de formação na educação dos filhos, na alimentação, economia doméstica, pronto organização da casa, pronto todas…agora este último mês foi na área da nutrição.

I: Esse tipo de formações que desenvolvem para a família são por exemplo direcionadas para o quê?

E17: É sempre muito prático, no sentido de ensinar por exemplo a gerir o dinheiro do mês. As pessoas vá imaginemos de repente fica um desempregado, o marido, só têm depois um ordenado, tinham trezentos euros para pagar de renda, como é que elas vão agora gerir isto não é? E então é ensinar desde cozinha económica, a poupar…alterar hábitos e estilos de vida, que eu acho que é o que a gente procura fazer.

I: Há quanto tempo estão aqui na associação?

E17: Vai fazer três anos…três anos.

I: Não têm nenhum tipo de apoio?

E17: Temos apoio da câmara para ajuda aqui do pagamento das instalações e temos tentado apoio da segurança social mas neste momento não temos, não temos. Trabalhamos com o banco alimentar, trabalhamos com outras instituições, agora para financiar o projeto não temos tido dinheiro até ao momento.

I: Qual é a equipa de trabalho aqui?

E17: Depende muito da disponibilidade dos voluntários que nós temos. É uma equipa que vai alterando com o tempo, tem um núcleo que são, sou eu é a Maria José que é a representante de associação aqui no Algarve, é a pessoa que está responsável. Depois temos também a outra pessoa que está responsável por grupos de autoajuda na prisão aqui em Faro e nós é que tomamos aqui as decisões. Depois temos os voluntários, temos neste momento uma voluntária na área da saúde comunitária, temos…agora na área da psicologia não temos ninguém, temos uma pessoa que é instável pronto não está cá a tempo inteiro...não é a tempo inteiro, a tempo inteiro ninguém está (sorri) mas neste momento não tem tido disponibilidade. Depois temos pessoas que não têm nenhuma formação específica, têm 12º ano, 9º ano e gostam de fazer coisas. Temos um voluntário também na área da gestão que nos ajuda com as questões dos dinheiros e dos fundos e das candidaturas. Ah não sei se estou a esquecer-me assim de alguém.

I: Então esta associação funciona 100% a voluntariado não é? Não há ninguém que teja aqui a ganhar dinheiro?

E17: Não (sorri).

I: E é para continuar?

EX: É, é para continuar.

I: Pelo menos é esse o vosso ideal.

E17: Esse é o ideal.

I: E esta vontade de fazer este tipo de trabalho surgiu-te a partir do curso? Essa tua colega que está contigo também era do nosso curso?

E17: Não, não, a área dela é 1ºciclo, professores de 1ºciclo mas trabalhou também já como voluntária em muitos sítios também e esteve também na Guiné Bissau. Eu acho que não foi o curso que despertou para a área, foi a área que despertou para o curso, foi mais ao contrário não é? Eu já estava despertada para a área e fui tirar o curso para me auxiliar nesta área e pronto.

I: Na tua opinião a formação que recebeste está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho? No sentido em que quando quiseste fazer alguma coisa

conseguiste? Viste que este curso te ajudou ou sentiste muitas falhas e muitas necessidades ainda?

E17: Eu acho que me ajudou, eu acho que o curso…a minha forma também de trabalhar reflete aquilo que eu aprendi não é? Reflete muito aquilo que eu aprendi. Acho que se tivesse ido tirar outro curso, sei lá serviço social ou…talvez não teria a mesma sensibilidade para algumas áreas como tenho agora.

I: Achas que este curso dá esta parte da sensibilidade, esta parte humana que outros cursos não dão?

E17: Sim, sim. Eu acho que não é julgar (sorri) não é estar a julgar mas acho que sim, acho que trata muito bem a parte da dignidade humana, de dar valor àquilo que as pessoas fazem, àquilo que as pessoas são e àquilo que as pessoas dizem, mais do que sermos nós os profissionais que temos a sabedoria toda não é? Quando a gente parte do principio que tem de ser tratada com dignidade e que as pessoas têm capacidade para resolver os próprios problemas acho que as coisas vão num caminho melhor, do que se nós pensarmos que a solução está em nós e que nós é que temos de dizer às pessoas aquilo que elas têm de fazer.

I: Nestes três anos que têm estado aqui a desenvolver trabalho…o trabalho que desenvolvem é a nível do bairro?

E17: Sim nós a maior parte dos nossos utentes são destes bairros aqui, o Horta do Pádua, o bairro (impercetível) e mas embora a gente tenha pessoas de todo o Olhão, portanto trabalhamos com o concelho de Olhão.

I: Fazem algum tipo de atividade que fomente o desenvolvimento de competências das pessoas ou o desenvolvimento…no sentido também de tentarem mudar a vida daquelas pessoas? Há algum trabalho feito nesse sentido?

E17: As ações de formação são nesse sentido de fazer as pessoas acreditarem que elas podem mudar o rumo das vidas delas por exemplo quando a gente fala de procurar emprego…costumo ser eu (sorri) que costumo dar esse *workshop* e outra rapariga que não está cá que é da área dos recursos humanos. Mais do que estar bla bla bla como é que se vai a uma entrevista? Como é que se faz um currículo, nós acima de tudo tentamos trabalhar a questão da esperança das pessoas porque quando elas chegam aqui

já vêm completamente sem esperança, já estão desempregadas há muito tempo e já acham que não vão conseguir fazer nada e que não vão sair deste buraco.

I: Tem notado alguma mudança nessas pessoas?

E17: Nalgumas, nalgumas eu acho que elas conseguem estar motivadas, conseguem mas claro que depende muito da escolha da pessoa. A pessoa só muda se ela própria quiser não é?

I: Nessas atividades que vocês fazem, as formações e *workshops* vocês têm muita aderência da parte das pessoas? Há muita participação ou não?

E17: Depende das atividades. O nosso funcionamento…ah esqueci-me de dizer uma coisa mas depois quero voltar a esta. No sentido de trabalhar as competências nós tivemos cá um projeto que funcionou cá na altura que eram aulas de costura. Nós tínhamos duas voluntárias que ensinavam a transformar roupa mas o que nós notávamos e isto surgiu naturalmente e teve a ver com o perfil das pessoas que estavam a trabalhar é que as pessoas vinham para a costura principalmente as que tavam em casa sem fazer nada e saiam daqui com autoestima mais elevada, sentiam-se mais bem-dispostas e acho que a costura era terapêutico. A pessoa sentia-se bem não por aquilo que aprendia só mas pelo facto de conversar, de partilhar as dificuldades…era assim um grupinho pequenino. Neste momento não tamos agora com esse projeto da costura por falta de disponibilidade das voluntárias e porque também precisávamos do espaço. Depois perguntou se havia melhorias da?

I: Se as pessoas aderiam às atividades.

E17: Ah sim. Isso tem a ver um pouco com o nosso funcionamento. Nós…as pessoas não são obrigadas a vir digamos aos nossos *workshops* mas são eliciadas, ou seja, há varias instituições que dão apoio alimentar no concelho não é? Nós fazemos uma entrevista, fazemos um levantamento das necessidades, recebemos pessoas encaminhadas da segurança social por exemplo aqui em Olhão, da comissão de proteção de menores, da APPC que tem um projeto aqui que trabalha também com jovens mães, que encaminhas estas pessoas para nós às vezes com muitas dificuldades económicas. Então nós começamos por dar o apoio alimentar, esse digamos é o chamariz, não lhe queria dar este nome mas é. Agora se a pessoa está em casa o dia inteiro sem fazer nada, está e não tem dificuldade nenhuma que impeça de fazer alguma coisa, nós pedimos em

contrapartida à pessoa receber o apoio alimentar que a gente a possa acompanhar com estas formações, ou seja, a pessoa frequenta uma formação por mês. Não é obrigatório, nós não vamos deixar de dar o cabaz a uma pessoa que não vem à formação mas o facto da pessoa vir mostra que a pessoa está a fazer algum esforço para mudar a dificuldade que está a passar não é? Porque pessoas que estão naquele sistema de…se nós deixássemos havia pessoas que há três anos que andavam aqui a receber apoio alimentar porque…e recebem apoio alimentar e recebem apoio social de inserção e recebem…e vivem disto, é aquele ciclo que a gente aprendeu no curso, já se falava na altura e provavelmente agora também se continua a falar. Então nós queremos trabalhar isto com as pessoas, nalgumas pode fazer efeito, noutras não. Noutras faz tanto efeito que elas a próxima vez que vêm trazem por exemplo o marido ou trazem os filhos porque sabem que os maridos e os filhos às vezes também têm de ouvir aquilo que compartilhamos aqui.

I: Há pouco falaste na importância que tinha tido o teu estágio curricular. Achas que foi bem estruturado e adequado ao mercado de trabalho e ajudou-te a desenvolver as competências que precisavas?

EX: Eu acho que tal como o curso ainda era verdinho eu acho que na altura em que se fez o estágio havia muitas coisas que se calhar também estavam assim meio verdinhas. Eu acho que havia dificuldades em escolher sítios do estágio muito relacionados com a área do curso e daí se calhar termos tido mais dificuldade…eu acho que essa dificuldade foi comum a toda a turma.

I: Fizeste o estágio onde?

E17: Fiz no MAPS, acabei por fazer lá também.

I: Na tua opinião o que é que podia ser feito para melhorar a nossa profissão? Tanto ao nível dos mais altos como ao nível dos profissionais?

E17: Eu penso que uma das coisas é não só pôr as culpas para os outros, nós como profissionais esforçarmo-nos para ser bons profissionais, não é como aquilo que vinhas a contar há bocado em que pessoas foram mal-educadas para ti quando abordaste para fazer uma entrevista, nem que…quer dizer uma pessoa que tem este perfil assim, vai um dia trabalhar, é duma área que quase ninguém conhece e se essa pessoa não faz um bom trabalho fecha-se uma porta não é? Porque foi mau profissional e como o curso não é

conhecido fecha-se uma porta sem necessidade nenhuma. Acho que passa muito por nós, por fazermos um bom trabalho, mostrarmos que nos esforçamos, que queremos aprender e que fazemos falta. Porque se a gente vai para lá naquela postura de quanto menos fizer melhor, então aí não fazemos falta não é? Então agora quando a gente começa a trabalhar e faz um bom trabalho então aí acho que pode ser uma porta aberta para virem outras pessoas. A nível mais acima eu penso que já tá um bom caminho da universidade em promover estas semanas abertas e culturais mas eu penso que tinha de haver mexidas é nas leis. As leis por exemplo dizem que para determinada área tem de ser um assistente social e não pode ser um educador social, quando há coisas que um educador social faria perfeitamente.

I: Recomendavas esta profissão a alguém?

EX: Sim sem dúvida (sorri).

I: Quais eram os conselhos que davas e o que é que dizias?

E17: Acho que é um curso bom para quem gosta de trabalhar com pessoas, de investir em pessoas, de acreditar em pessoas, se não for por aí acho que não vale a pena (sorri). Se não houver este perfil assim.

I: Além desta, pertences a mais alguma associação cívica, cultural, desportiva, recreativa?

E17: Não. Eu faço parte de uma igreja evangélica que está relacionada com a associação. Não é que me reveja no movimento evangélico mas sou cristã e isso influencia muito das minhas decisões e da forma de ver a…

I: Dos valores também.

E17: Sim dos valores também.

I: De que forma é que estares aqui neste projeto da associação, que é um projeto, é sempre um projeto até estar terminado…De que forma é que achas que isto tem contribuído para o teu desenvolvimento e para o desenvolvimento das tuas competências? O que é que tens aprendido?

E17: Tenho aprendido que as nossas escolhas determinam muito quem nós queremos ser. Eu antes de vir trabalhar para aqui trabalhei noutros sítios em que me cruzei com

outros profissionais e eu não me identificava com a maneira como eles trabalhavam e nessas alturas eu tive uma escolha, ou eu me tornava igual a eles ou eu procurava ser diferente…às vezes procurar ser diferente tem os seus custos não é? Tem o seu preço porque nem sempre as pessoas querem alguém diferente, às vezes querem mesmo um profissional que bata com a porta na cara dos utentes e mostre o seu profissionalismo, entre aspas. Eu acho que estar aqui permite-me ser eu própria e fazer aquilo que eu acredito, não significa que eu não pudesse trabalhar num sítio e espero conseguir fazer outras coisas que não só isto mas realiza-me muito, mais do que qualquer outra coisa. Isto que eu estou a fazer realiza-me mais do que acho que qualquer outra coisa que eu tenha feito.

I: O que é que aqui dentro da associação tem contribuído mais para a tua satisfação? Algum acontecimento? Algum?

E17: Acho que as coisas pequeninas que às vezes acontecem. Quando nós temos tudo, temos muito dinheiro, temos fundos, não damos valor às coisas pequeninas que acontecem, acabamos por ser mais indiferentes. Como estava a dizer eu acredito em Deus e acredito que é ele que tem trazido estas coisas pequeninas e isso é muito bom às vezes ver "ok precisamos de sei lá dumas estantes tal par arrumar aquelas coisas e tem de ser daquele tamanho e daquela altura e só cabem naquele sitio" e a gente pensa "ih mas não tenho dinheiro para as arranjar" e as coisas acabam por…conseguimos arranjar as coisas não é? E isso dá um prazer incrível e também a mudança das pessoas, ver que às vezes aquelas pessoas que eram assim muito distantes…os nossos utentes por exemplo que eram muito distantes à partida, muito carrancudos e conseguirmos chegar lá às vezes e perceber o porquê daquela pessoa. A pessoa era sempre carrancuda mas passadas não sei quantas sessões a pessoa começa a falar da sua vida e começa a falar "ah perdi um filho com dezoito anos e eu nunca mais consigo ser a mesma pessoa" percebermos o porquê e assim a pessoa começa a ficar mais leve também. Chegarmos à pessoa, alguém vir aqui depois de estar connosco por exemplo há mais de um ano e vir dizer-nos "olha eu já arranjei trabalho. Muito obrigado por todo o apoio que vocês nos deram, agora sou eu que vou ajudar." E temos tido casos assim, pessoas que a partir do momento em que deixam de precisar de ajuda são elas próprias que vêm ajudar. Pessoas por exemplo que nós ajudámos durante algum tempo e depois que agora atualmente são voluntários, estou-me a lembrar de por exemplo do Sr. Carlos que é uma pessoa que nós estamos a ajudar há muito pouco tempo, que estava super deprimido em casa por

problemas com a filha e foi a pessoa que agora, a semana passada veio aqui soldar-nos, pintar aí umas coisas e outro senhor também veio soldar que sabia que havia aqui soldadura (sorri) uns ferros ali do outro lado e então isso é muito bom, é muito gratificante a gente saber que ok que as coisas têm impacto na vida dos outros.

I: Quer dizer que o vosso trabalho de alguma maneira também é reconhecido? Apesar dos financiamentos não chegarem mas têm-se conseguido manter também graças a isso.

E17: Sim, sim, sim. Graças às pessoas é muito por aí, as pessoas acreditarem.

I: Já me disseste que fazias voluntariado aqui na associação. Além daqui já fizeste noutros sítios?

E17: Já, já.

I: Fizeste no programa dos toxicodependentes?

E17: Sim, sim. Sim fiz muito ligado à igreja também, depois fiz também no MAPS e atualmente também faço, para além do trabalho da associação também faço ligado à igreja. Trabalho com jovens também, penso que é por aí. Sempre fiz, acho que ser voluntária é mais uma postura de vida do que propriamente uma coisa que se faça durante duas ou três horas. Quando eu falo com voluntariado com pessoas, as pessoas acham que se tem de ser voluntário quando se tem um curso especifico para trabalhar com pessoas ou…e não, não! Um serralheiro pode ser voluntário, um pintor pode ser voluntário, uma doméstica pode ser voluntária, uma pessoa de artes gráficas pode ser voluntária, acho eu.

I: Na tua opinião voluntariado é uma mais-valia para os educadores que não se encontram a trabalhar na área ou que estão desempregados?

E17: Sem dúvida, sem dúvida. Faz-lhes bem a eles próprios porque se vão sentir muito melhor de tarem a contribuir para uma coisa. Em casa não ficam a fazer nada, a menos que tenham de estarem casa por algum motivo mas sem dúvida, vão-se sentir bem com eles próprios, vão enriquecer o currículo, se bem que isso não deve ser um motivo, na minha opinião não deve ser o motivo principal e vão ajudar alguém. Não acho que tenha de ser obrigatório por exemplo sei que nalguns países como a Inglaterra é quase obrigatório apesar ter alguma experiência de voluntariado, acho que não. Acho que

obrigatório as coisas não funcionam bem mas ajuda muito como pessoa e do crescimento da pessoa.

I: Na tua opinião quais são as caraterísticas específicas que o educador social deve ter? A nível pessoal, profissional, social? Quais são as principais caraterísticas? Além da vocação que já falaste.

E17: Pois as principais caraterísticas, ter empatia para entrar no mundo do outro, ser sociável, ser criativo porque acho que é uma profissão que temos de ter imaginação às vezes para resolver os problemas. Ser flexíveis, não pensar que a nossa forma de ver as coisas é a única que existe, tentar ver o ponto de vista do outro, isto tem um bocado a ver com a empatia mas ser flexíveis também para não fazer "ah a minha função é só esta." E não fazer para além disso. Acho que é importante a gente fazer outras coisas diferentes. Acho que sim é isto basicamente.

I: No tal questionário houve cinco pontos que eu queria tocar. Eu vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses se concordas ou não que o educador social as deve ter e porquê. Já falaste um bocadinho do criativo no sentido de resolver as situações.

E17: Sim.

I: Da maneira que surgir a ideia. Dinamizador?

E17: Sim acho que está relacionado com o criativo. Dinamizador no sentido de criar dinâmica e de pôr as pessoas a pensar, pôr as pessoas a fazer alguma coisa não é?

I: Manipulador?

E17: Não gosto muito dessa, não gosto muito dessa.

I: Achas que não se enquadra na profissão?

E17: Eu acho que não se servia enquadrar em nenhuma profissão (sorri). Nem nos técnicos de vendas eu acho que se devia manipular, acho que é pouco honesto essa caraterística.

I: Nem é ético.

E17: Não, nada ético.

I: Planeador?

E17: Sim. Claro que sim, planear em conjunto. Acho que não é bom planear sozinho, é bom planear em equipa.

I: E autoritário?

E17: Também não. Acho que é incompatível (sorri).

I: Tendo em conta o panorama que estamos atravessar de crise, o que achas que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o nosso papel daqui a uns anos ou uns meses? Isto de um momento para o outro dá uma volta…qual é a tua perspetiva?

E17: Eu não gosto muito de ver noticia na televisão, procuro a informação ou vejo na internet mas não gosto muito porque acho que acaba por nos influenciar muito não é? Isto é só notícias de desgraça, gosto de tar informada mas acho que as noticias, que não são boas. Eu acho que o que vai acontecer na sociedade depende muito da nossa postura, as coisas não tão fáceis e é preciso trabalhar mais. As coisas não caem do céu como caíram durante algum tempo. Nós os portugueses habituámo-nos muito a…

I: A ter tudo de mão beijada?

E17: Acho que somos ainda um bocado dessa geração não é? Os nossos pais lutaram muito para nos dar um futuro melhor, para nos dar estudos, para que nós pudéssemos ter agora coisas e qualidade de vida que eles não tiveram, acho que é um bocado um ciclo. E agora nós estamos com dificuldades e eu às vezes penso se poderei dar aos meus filhos as oportunidades que eu tive não é? Dá-nos que pensar, a sociedade está a mudar muito. Será que vai continuar a haver ensino público? Não é? Será que vai continuar a haver…saúde gratuita já não há de certeza não é? Mas estas coisas mexem um pouco connosco agora eu não gosto de pensar nas coisas pela negativa, gosto de pensar pela positiva, o que é que nós temos de mudar na nossa postura para mudar isto? Acho que é possível.

I: Qual é o nosso papel enquanto educadores sociais?

E17: Eu acho que o nosso papel deve ser um papel otimista porque se trabalhamos com a sociedade temos de ter um papel de educador da sociedade, educador se calhar que não podemos ser tão materialistas, não podemos se calhar pensar em ter tudo do bom e

do melhor, telemóvel X ou Y, por exemplo. Temos de rever muito o nosso estilo de vida e os educadores sociais podem ter um papel muito importante aqui, em ajudar a moldar a sociedade para um futuro melhor não é? Para um futuro mais responsável, mais ecológico, que se basei mais nos valores do que no materialismo.

I: E nós é que devemos despertar para?

E17: Sim, eu acho que sim. Quer a gente trabalhe com crianças, que nem é tanto a vocação do curso mas adolescentes podemos começar a trabalhar isso… a gente trabalhe com famílias, com idosos que coitados agora chegam ao final da vida e…ou seja temos de ter uma mensagem de esperança, mas temos de nós próprios acreditar nisso ou então não vamos ser capazes de contagiar os outros com essa esperança não é?

I: Se te fosse dada a opção de escolha o que é que gostavas de estar a fazer a nível de trabalho?

E17: Ah eu gosto daquilo que faço, eu gosto muito daquilo que faço.

I: Gostavas de estar aqui mas a trabalhar em vez de voluntária?

E17: Sim (sorri) sim gostava de ter um salário e gostava de ter mais fundos para fazer mais coisas, a gente sente-se limitados. Gosto daquilo que faço mas gostava de fazer mais e para isso precisava de mais fundos.

I: Um dos sonhos que tinhas era fazer a associação que conseguiste, o que é que tu gostavas de fazer mais? Ou para aqui ou outro projeto que gostasses de fazer?

E17: Gostava de fazer coisas talvez além fronteiras, com os mesmos princípios mas de também fazer além fronteiras. Gosto muito de trabalhar com jovens e acho que gostava também de fazer isto, de ter oportunidade de fazer com jovens coisas além fronteiras, que lhes ajudassem também a ver o mundo de outra forma.

I: Quando falas além fronteiras é para fora aqui de Olhão?

E17: Sim, sim, sim. Para fora de Portugal, outras realidades que são mais tristes que a nossa às vezes.

I: Colocas a hipótese de ir para o estrangeiro um dia?

E17: De momento não. De momento não.

I: Mas gostavas de ir?

E17: Gostava. Gostava de ter essa experiência. Talvez quando os meninos forem maiores.

I: Achas que era uma boa hipótese tanto a nível profissional como a nível de carreira? Ou de competências? É porque aqui quando se fala no estrangeiro em educação social há dois opostos é a parte do Norte da Europa.

E17: Sim os mais ricos e depois os mais pobres.

I: E é a parte da África que é o oposto. Mas se tivesses de…se fosses para o estrageiro ias para que parte?

E17: Se calhar nem ia para uma coisa nem para outra. Cativa-me muito a América do Sul, o Brasil, Argentina, Venezuela, cativa-me muito, Cuba, estes países assim para ver como é que eles fazem as coisas não é? Para aprender. Gostava muito de aprender no Brasil, gostava de ir ao Brasil mas Brasil profundo dos projetos, das associações, dos bairros, das favelas, gostava muito de ir aprender mas acho que ir para fora é sempre uma mais-valia independentemente para onde se vá é sempre uma mais-valia.

I: Nunca tiveste uma experiência no estrangeiro?

E17: De ir assim trabalhar para fora ou fazer voluntariado, não.

I: Da minha parte está tudo não sei se queres acrescentar alguma coisa…

E17: Não, acho que já falei muito (sorri).

Fim da entrevista!

Entrevista nº 18

Data de realização: 30 de Abril de 2012

Local de realização da entrevista: Núcleo Paulo Freire, Universidade do Algarve, Faro

Investigador: Em primeiro lugar gostaria de agradecer a sua disponibilidade para participar nesta investigação. Tendo em conta os princípios éticos da investigação, gostaria que me concedesse a sua autorização para gravação e utilização dos dados.

Porque é que optaste para vir para este curso? Quais foram as razões que te levaram a escolher este curso?

Entrevistado nº 18: Olha eu entrei em património cultural, em 2003, porque não sei, no 12º tive um professor de História e eu descobri que gostava de História e pensava que História ia ser a minha vida toda, depois quando entrei para o curso apercebi-me que não era nada do que eu queria e eu sempre tinha gostado muito, desde nova, era qualquer coisa, gostava de pessoas e de ouvir e dos problemas e não sei quê, então a Psicologia poderia ser um caminho só que lembro-me que quando entrei para Património Cultural houve a universidade aberta e viemos visitar as Gambelas e a Penha e lembro-me que uma amiga minha chegou ao pé de mim e entregou-me um folheto de Educação e Intervenção Comunitária e disse-me assim "Isto é o curso da tua vida, tem tudo a ver contigo", e eu nem sequer tinha ido a essa sala, porque estávamos divididos e fazíamos visitas diferentes eu não tinha passado por esse curso e devia ter passado, porque se tivesse passado eu tinha logo percebido. Pronto, ela entregou-me o folheto e eu pus aquilo de lado, nem liguei, queria Património, Património e entrei, não gostei e resolvi depois então no ano a seguir entrar para Educação e Intervenção Comunitária.

I: Quais eram as suas expetativas iniciais quando entraste para este curso?

E18: Eu acho que não tinha, eu era muito pouco informada na altura e pouco interessada e as minhas expetativas era, não sei, para já tudo era novidade, a cena da Universidade, eu não sabia como é que ia funcionar, tinha esse professor de História que me tinha dado uma visão um bocado assustadora da Universidade que me dizia que na Universidade não se fazia amigos e era um meio muito competitivo e acho que acabei por fazer amigos para a vida e, então, eu estava um bocado, em relação ao curso eu não tinha expetativas, não me lembro de ter pensado muito nisso. Tinha mais expetativas do

que ia ser esta coisa da Universidade e o meio académico e como é que eu ia conseguir sobreviver aqui neste meio do que propriamente em relação ao curso. Estava um pouco "espero que desta vez acerte, porque senão o que é que vai ser da minha vida?" (sorri)

I: À medida que foste frequentando as aulas e o tempo foi passando, quais foram as expetativas que foste criando?

E18: Ah, isso foi um percurso interessante. No 1º ano é um bocado mais teórico, tens as Psicologias e as Sociologias e aquelas coisas e dá para criar uma noção do curso, também fizemos alguns trabalhos de ir à rua e falar com algumas pessoas. Depois acho que a partir do 2ºano é que comecei a perceber como funcionava e comecei a perceber o que é que podia fazer porque tivemos a animação comunitária e coisas mais direcionadas, a educação de adultos e esse tipo de coisas que já entram mais na linha do curso e esse tipo de coisas que eram coisas mais interessantes e que tinham a ver comigo. Nesse 2ºano já pude fazer trabalhos que eram tipo mini estudos que nós fazíamos e eram umas pequenas investigações e nós fizemos, na minha altura, estava um grupo de belgas aqui em Faro e tinham vindo fazer um trabalho inovador que era com artes circenses e construção de carrosséis através de materiais reutilizados e tudo isso e nós andámos a fazer um estudo com eles, tipo fazer uma caraterização daquele grupo, como é que tinha surgido, como é que podíamos juntar aquilo e associar à animação comunitária e então aí eu já comecei a perceber que o meu caminho podia ser um bocado por aí, por essa linha de pensamento. No 2ºano já criei algumas expetativas que tinham que ver com posso vir a trabalhar com pessoas e sobretudo trabalhar com pessoas de uma forma criativa, que era uma coisa que me dizia bastante.

I: Houve alguma expetativa que não tivesses chegado a alcançar e te tivesse desiludido de certa forma?

E18: Bom quando nós estamos a tirar o curso é tudo muito bonito, é verdade é a teoria não é? Depois quando sais cá para fora confrontas-te com pessoas que fazem coisas erradas e tu sabes que estão a fazer coisas erradas e como é que lidas com isso? E depois há situações que se calhar colocam em causa, será que agi bem? Será que agi mal? Será que agi bem dentro daquilo que eu acho que está correto? Eu acho que é, ao mesmo tempo é uma desilusão porque as coisas não são tão perfeitas, porque para fazeres um projeto segues aquelas linhas, mas depois as coisas dão outras voltas tens de te adaptar, porque para trabalhares com as pessoas tu podes ter as mais diversas ideias e depois

chegas lá e as pessoas não estão para aí viradas e tens de reformular tudo outra vez, se vais trabalhar com velhos podes adaptar os exercícios e pensar "Eles vão adorar" e depois chegas lá e eles não percebem, é uma descoberta e é uma descoberta assustadora, mas ao mesmo tempo interessante e não tem nada a ver a teoria com a prática, é isso o principal, têm um pouco a ver, são complementares, mas há muitas coisas na prática que são muito diferentes.

I: Acha que o curso prepara e cria expetativas de que vamos conseguir fazer tudo e depois quando chega a altura de fazer alguma coisa…

E18: Eu acho que nós conseguimos fazer tudo, mas de forma diferente, acho que não nos prepara para saber lidar sempre com as adversidades, é quase como uma aprendizagem diária e eu ainda não tenho muita experiência profissional, mas é isso que eu sinto, que cada coisa é um desafio, que eu posso ver um exercício no manual e é um exercício muita giro mas depois quando eu vou tentar aplicar com as crianças ou com os jovens ou com os velhotes, eles não reagem e tenho de adaptar na altura, tenho de mudar tudo ali na hora e depois as pessoas não estão bem dispostas e querem fazer outra coisa, acho que não nos prepara para isso, mas acho que nenhum curso nos prepara para depois aquilo que encontras e para lidares com o não profissionalismo dos outros, às vezes, que estão nas associações ou os que não são tão corretos. É complexo.

I: Quais são os principais motivos de satisfação em relação ao curso e aquilo que gostaste mais?

E18: Gostei, porque acho que na altura, quando tirei era educação e intervenção comunitária e eu acho que estava bem estruturado o curso, para já em termos dos professores, eu sentia que os professores estavam sempre lá para me apoiar e que qualquer dúvida que eu tivesse era por telefone, por *e-mail*, ia ter ao gabinete deles e eles ajudavam-me e isso era uma perspetiva interessante que eu tinha. E depois acho que em termos das práticas em si, em como fazer um projeto, concretizar um projeto também foi bastante interessante e o melhor foi mesmo o 4ºano que foi o que se perdeu agora com a educação social e acho que depois das práticas, as práticas deixam-te um pouco já com um pé meio cá meio lá na prática mesmo, na passagem da teoria à prática e depois a investigação ajuda um bocado a amadurecer e a consolidar as coisas e então para mim essa foi uma das coisas que mais gostei, foi o 4ºano, porque obrigou-me a ter responsabilidade, obrigou-me a ser mais autónoma e obrigou-me a compreender como é

que se fazia um trabalho sério e académico e para mim isso foi importante, porque acho que isso me acompanhou até agora, porque as coisas práticas uma pessoa vai aprendendo, as coisas teóricas e como é que deves fazer bem as coisas teóricas, se tens essas bases depois elas ficam-te para um mestrado, por exemplo, ficam-te para uma apresentação, para fazeres um *paper* ou uma coisa qualquer e isso foi o que eu tirei do 4ºano e acho que é das coisas que eu mais tiro proveito hoje em dia. O 3ºano foi também muito importante, porque permitiu-me perceber como é que as coisas funcionavam, de concretizares um projeto, de pores em prática, de como falavas com as pessoas, então isso para mim também foi bastante importante.

I: A nível dos motivos de insatisfação, o que é que apontas?

E18: Havia disciplinas que acho que não tinham muito, não é que não tivessem a ver com o curso, elas tinham no nome, o título da u. c. tinha que ver com o curso, porque normalmente eram disciplinas com professores convidados e para mim não funcionava bem, porque os professores não estavam dentro do espirito do curso, porque nas disciplinas, acabávamos por nunca aprender o que eu achava que tinha de aprender quando lia os conteúdos do programa. Para mim, acabaram por ser disciplinas um pouco, que me passaram um pouco ao lado. As que foram dadas pelos docentes que faziam um trabalho mais acompanhado connosco eram disciplinas mais úteis e que foram dadas de uma forma que acho que tinha mais a ver com o curso.

I: Quais são, as que te lembres que…

E18: Lembro-me das de Informática que não me lembro agora do nome, mas acho que era TIC, Tecnologias de Informação e Comunicação, tínhamos a parte teórica e a parte prática, nenhuma das duas me trouxeram nada de novo. Depois tivemos uma que era Metodologias de investigação em Ciências Sociais, três ou quatro, porque eu tive montes delas e a última que eram métodos quantitativos, o SPSS e essas coisas também não, tipo acabou por ser nós à frente do computador a descobrir como é que funcionava o SPSS e não o professor a dar-nos novidades sobre como funcionava aquilo e tínhamos de descobrir um pouco as coisas sozinhos e tivemos de fazer um trabalho… eram coisas de património cultural não sei quê e histórico ou qualquer coisa assim e também não vi grande utilidade naquilo e acabei por fazer um trabalhozinho ali na cidade histórica de Faro, tirar umas fotografias, não sei quê tipo não sei, há coisas que eram um bocado

descabidas, que na minha cabeça não faziam muito sentido. Se calhar ainda vou encontrar utilidade no futuro, mas até agora...

I: Achas que isso tinha alguma coisa a ver com a qualidade dos professores? Com a questão da formação não ser a mais acertada?

E18: Eu acho que tinha, eu para mim opá eu acho que eram os professores, porque eu acho que não são as u. c. que fazem os professores, são os professores é que fazem as disciplinas e para mim tinha a ver com o espírito, eram professores que normalmente eram convidados e que para mim não estavam muito dentro daquilo que era o curso e, portanto não orientavam as coisas para aquilo que o curso é percebes? Não estavam orientados para aquilo que era a educação comunitária e educação social, e para mim tinha que ver com isso, porque os outros iam fazendo as ligações, os outros ou era mais óbvio tipo se vais a uma Psicologia Social ou se vais a uma Sociologia consegues facilmente encontrar um encandeamento lógico mesmo que o professor não faça essa ligação, mas se vais a uma disciplina que esteja mais desfasada daquilo que tu achas que é o curso e que o professor depois também não faz essa ligação, acho que fica um bocado perdida a disciplina no meio das outras que estão mais diretamente relacionadas.

I: A nível de motivos de insatisfação depois de ter terminado o curso?

E18: Eu nunca pensei sobre isso. Depois de ter terminado o curso?

I: Por exemplo, eu fiz um questionário antes das entrevistas e houve uma questão que estava relacionada com esses motivos de insatisfação e os três principais motivos apontados foram o curso não ser reconhecido pelas entidades empregadoras, não permitir a promoção na carreira e não corresponder às expetativas". Destes três vês-te nalgum deles? Recordas-te dalgum deles?

E18: Olha, para mim eu acho que o curso é reconhecido, epá e não sei, eu acho que o professor A na altura fazia um bom trabalho de divulgação do curso, então eu acho que o curso acabou por ser conhecido. Eu acho que as pessoas não nos… há muitas associações e há câmaras que têm lá educadores sociais, porque foi feita uma boa divulgação do curso. Acho que agora as pessoas não nos contratam, não é porque não precisem de nós ou porque não saibam aquilo que a gente é capaz de fazer, é porque não têm como nos pagar, que é essa a conversa que oiço sempre. Para mim eu não sei, eu acho que, eu vejo o curso como um curso útil e as pessoas sempre tiveram emprego até

agora. O que eu vejo agora em relação ao curso novo, de educação social, e aí sim também posso falar enquanto docente que fui do curso e aí, mas isso é uma questão geracional, para mim o problema é… não sei a maturidade dos alunos e eu não sei como é que os alunos estão a sair agora para fora em termos de preparação, mas sei que muitos deles, tanto no estágios que fazem como no trabalho que desenvolvem depois, nem sempre dão um bom nome ao curso e para mim isso não sei, tem que ver com uma questão geracional, porque são pessoas mais novas, têm outro tipo de prioridades e tem que ver também com a preparação que têm. Eu acho que o curso sofreu muitas estruturações, acho que antes havia, eu sentia que havia uma direção de curso que nos unia, a todos os alunos, e que tentava fazer atividades, porque nós estávamos todos de alguma forma ligados. Agora quando eu estava a dar aulas, apercebi-me que o 1ºano não conhecia o 3º, nem que o 2º conhecia o 1º, não havia uma ligação e até as pessoas dentro da turma não se conheciam e eu dei animação comunitária e fazia dinâmicas com eles e muitas vezes apercebia-me o que estava a surgir das dinâmicas de grupo que estávamos a fazer era novidade para todos, eles não sabiam que aquela pessoa se sentia sozinha, porque não vivia aqui e que se sentia sozinha no meio da turma ou no meio da cidade, porque não se identificava com a cidade, então para mim isto são coisas que, insatisfação, opá para mim tem muito que ver com, não sei acho que os motivos de insatisfação tem mais a ver com aquilo que nós estamos a viver agora, esta coisa da crise e dos problemas económicos do que propriamente com o curso, porque acho que eu da minha parte tirei muito do curso e aprendi imenso.

I: Essa questão que falaste da falta de maturidade que notaste, comparativamente ao teu ano ou aos anos anteriores, achas que isso também não passa um bocadinho pela parte dos professores, o facto de serem pouco maduros ou não terem noção das responsabilidades que deviam ter?

E18: O que eu me apercebi em termos de colegas, o que me apercebia é que neste momento há uma desunião. Eu posso falar da minha experiência, quando vim para aqui foi o professor A que me convidou.

I: Estás a falar quando vieste dar aulas.

E18: Sim e o que ele me disse foi "Olha eu estou farto de convidar pessoas que são doutorados e não têm nada a ver com o curso e vêm cá e não fazem um bom trabalho e vocês estão ligadas ao curso e foram minhas alunas, eu sei como é que vocês trabalham,

então vou experimentar colocar-vos a trabalhar para ver como é que funciona, se der certo dá, se não der, olha, amigos como antes." E na altura ele acompanhou-nos, ele não nos jogou assim… eu lembro-me que eu e a Ana, nós entrámos juntas para aqui e nós tínhamos reuniões com o professor A de vez em quando para falar sobre as nossas dúvidas que eram naturais não é? E ele encaminhou-nos e logo no início do ano fizemos uma reunião com todos os professores para ver, houve ali uma tentativa de união dos professores, de nos colocar a falar e havia uma união forte com a direção do curso que nos ia encaminhando e resolvendo os nossos problemas. Quando a direção do curso mudou, comecei a sentir de repente que estava sozinha, que estava a fazer o meu trabalho sozinha, que não sabia muito bem o que é que os meus colegas andavam a fazer, que não sabia muito bem se podia contar com a direção do curso, porque parecia que andavam sempre muito atarefados, eles próprios não se estavam a dar muito bem, então para mim foi não sei, para mim isso reflete-se e depois eu ouvia ao alunos percebes? Eu sabia que eles, como eles tinham vários professores, e eles estavam com vários professores, mais do que eu com os meus colegas, eles às vezes diziam-me coisas que me deixavam um bocado, "isso aconteceu?" e então eu acho que neste momento, agora não sei, porque já saí, mas na altura quando eu tive, o que se estava a passar era uma desunião dos professores que estava a passar já para os alunos e que não é bom e não é bom para o trabalho que desenvolves.

I: Principalmente quando se está num curso destes, não é?

E18: Exatamente e há muita pouca falta de solidariedade dos próprios alunos da mesma turma, já nem digo entre anos, mas entre os elementos da mesma turma, alguns deles são ativos, mas são tipo um, dois alunos na turma e acho que quando havia educação e intervenção comunitária eu lembro-me de fazer montes de atividades e mesmo os trabalhos que fazíamos eram trabalhos inovadores, tínhamos muita curiosidade de ir lá para fora falar com as pessoas e fazer as coisas. Agora acho que as coisas, não sei, não sei, porque muitos deles às vezes trabalham e têm *part-times*, outros têm a vida mais ocupada, outros vão para a borga, acho que são pessoas menos ativas e mais cansadas, eu não consigo explicar mas…

I: Também há muita gente de entrevistas que já fiz que dizia que um dos pontos essenciais da altura em que estudaram era o facto dos professores incentivarem, por exemplo o voluntariado ou essa questão mais solidária e isso era também

importante, o facto de insistirem e incentivarem. Achas que passa um bocadinho por aí?

E18: Havia um contacto constante de nós com as instituições. Eu lembro-me que havia uma associação que era a D'Agir(??) que o professor A tinha criado e não sei quê, havia o núcleo e que eram associações que serviam para exatamente isso, para nos pôr a fazer coisas, para nos pôr a mexer e que agora não resulta.

I: O que aconteceu a essa associação?

E18: A D'Agir(??) acho que acabou. Eu lembro-me da D'Agir(??) porque lembro-me que o Professor A uma vez foi falar disso numa aula qualquer que nós tivemos porque aí está, iam as associações às aulas para falar e nós íamos conhecendo ao longo do curso as coisas e eu lembro-me que ele na altura foi falar e era para ficarmos sócios e a ideia era para desenvolvermos atividades um bocadinho como aqui no Núcleo, depois sei que houve uma aluna que era a Fernanda ou duas alunas do curso que ainda ficaram a dinamizar e depois acho que acabou, porque elas eram pessoas super ocupadas e não tiveram mais tempo, mas havia essa, havia o Núcleo que foi criado também com o intuito de ser dinamizado pelos alunos e nós vamos todos os anos às aulas, ao 1ºano apresentar o Núcleo e dizer que se quiserem fazer atividades venham ter connosco, nós ajudamos, nós encaminhamos, vocês podem fazer em nome do núcleo e no entanto nunca vem cá ninguém e cada vez vem menos. Então parece que cada vez as pessoas estão vez mais desincentivadas para isto, não sei, ou têm outras coisas que fazer ou então são menos, ou então passa por aí, pelo estímulo que vem pela parte dos professores.

I: Durante a tua licenciatura participavas em atividades extracurriculares, nesta parte do curso principalmente? Que tipo de atividades é que participavas e não sei se fazias ou organizavas?

E18: Sim, olha eu lembro-me que organizámos um círculo de cinema, como é que era? Era um círculo de cinema que organizámos com o professor B, numa aula dele tínhamos de fazer algumas atividades extracurriculares e organizar o ciclo de cinema era uma dessas atividades. O que é que nós organizámos mais? Lembro-me que na altura havia uma atividade em que a ideia era unir todos os anos do curso e que era organizada sempre, se não me engano pelo 3ºano do curso e a ideia era que todos participássemos e

houve um ano em que quiseram organizar um acampamento. Estava eu no 2ºano e depois a turma do 3ºano quis organizar um acampamento em Tavira com várias atividades durante o dia e a ideia era todos os anos do curso irem, mas depois não sei o que é que se passou que aquilo acabou por não ser dinamizado. Lembro-me que haviam os encontros de educadores sociais também era o Professor A que fazia e houve um ano que fizeram em que até trouxeram pessoal de Huelva. Lembro-me de ter participado em algumas atividades extracurriculares, sim, que hoje já não se passam.

I: E a nível de formações e *workshop*s? Gostaste de participar nesse tipo de coisas?

E18: Sim, fui começando a participar mais nesse tipo de coisas foi quando acabei o curso, porque no 1ºano não estava de todo para aí virada, ainda não tinha percebido qual era a utilidade daquilo e acho que foi no 1ºano ou no 2º, acho que foi no 1º que o professor B criou uma coisa que era uma atividade do Núcleo que "como eu li", eram conferências e a ideia era, ia uma pessoa que tinha lido um livro de Paulo Freire e ia comentar o livro, fazer um comentário sobre o livro e fazia parte da aula do professor B termos de ir às conferências e depois tínhamos de fazer um relatório, tipo uma reflexão sobre aquilo e eu lembro-me que achei aquilo uma seca, ter de ir todas as semanas ou de duas em duas semanas, acho que foram quatro conferências, e ter de estar ali uma hora sentada, na altura eu não percebia qual era a utilidade. Depois, mais para o 3ºano comecei a perceber, porque estava nas práticas e tinha outras necessidades e comecei a tentar perceber também como era organizar atividades e que era interessante também ir ver as atividades das outras pessoas. No 4ºano não tive muito tempo para essas coisas e se fores ver o meu currículo, tipo 3º e 4ºano, a minha vida parece em termos de formações e de participação em seminários…

I: Teve uma paragem.

E18: Ya, teve uma paragem e só aí a partir do momento em que acabei a licenciatura é que comecei a envolver-me, porque comecei a ter mais tempo e, também comecei a nível de maturidade a dar mais valor a essas coisas.

I: Como é que achas que estas atividades e isto que tens feito contribuem para a tua inserção no mercado de trabalho ou pelo menos para a tua inserção, mais ou menos no mercado de trabalho?

E18: Sim olha tem sido interessante, porque dá-me, é muito interessante tu saberes…eu lembro-me que no 3ºano estávamos a fazer o projeto de práticas, estávamos a fazer um plano de atividades, eu e as minhas colegas, tipo o planeamento e eu, pelo menos da minha parte, e sei que elas também, não estávamos muito bem a ver como é que íamos conseguir concretizar aquilo. Como é que pensas no ciclo de cinema ou numa atividade do 25 de Abril, uma coisa é pensares e outra coisa é saberes como é que vais fazer, então nesse sentido foi interessante, têm sido interessantes todas as atividades que vou fazendo, porque é um pouco o passar do papel para a realidade e para ver como é que as coisas funcionam e outra coisa que também é muito interessante é que eu desde o início fiz práticas no núcleo então nunca tive dinheiro para fazer as atividades, o que sempre me obrigou a ser mais criativa. Isso também é muito importante porque onde eu chegar, para onde eu for trabalhar um dia, a sério, vou ter a noção de que um dia vou fazer coisas mesmo não tendo dinheiro, posso não fazer tão bem, posso não fazer tão elaborado, mas vou fazer e não vou deixar de fazer por não ter dinheiro, porque há outras formas de contornar a situação. Depois o facto de fazer voluntariado ou de fazer projetos ou de fazer atividades põe-te em contacto com outras pessoas e isso inclui outros tipos de trabalho e de experiências, outro tipo de pessoas que podem vir a ser possíveis empregadores ou que podem conhecer alguém que e se gostam do teu trabalho podem recomendar e então para mim tem sido um pouco disso. Por exemplo, comecei a fazer teatro do oprimido com a Laura, fiz um *workshop* com ela e depois comecei a fazer teatro, fiz um *workshop* com ela durante as práticas. Quando ela veio morar para cá voltou a contactar-me e ficámos em contacto e agora estou a trabalhar com ela num projeto, a trabalhar tipo voluntariado, mas já fui à Itália, por causa de um convite dela, já vou agora à França trabalhar num projeto que vai ser o mês inteiro de Maio com Bolívia, Peru, França e Portugal, e tipo isso são tudo experiências que vou colecionando e de certeza que um dia me vão todas me fazer muita falta (sorri).

I: Além desse voluntariado estás a fazer mais alguma coisa ao nível do voluntariado?

E18: Agora não, neste momento não. Estou a trabalhar com um grupo de, que é um grupo de RSI, são um grupo de pessoas desempregadas, mulheres desempregadas, que é um grupo, o grupo chama-se "Grupo para um Algarve Sem Pobreza" e é um grupo que está a ser apoiado pela Rede Anti Pobreza do Algarve e eu e a Ana estamos a dinamizar o grupo com o teatro do oprimido, a fazer teatro com elas e são mulheres que precisam

mesmo de ocupar o tempo delas e são mulheres que não conseguem arranjar trabalho mesmo que algumas delas tenham formação, algumas são estrangeiras, uma é brasileira e uma inglesa, que também não é fácil para elas, ainda piora a situação, uma foi sem-abrigo e drogada, toxicodependente, enfim são pessoas que também não têm vidas fáceis e então estamos agora a dinamizar esse grupo, que é teatro do oprimido.

I: É ao nível do voluntariado?

E18: É voluntariado, sendo que voluntariado aqui significa que tenho as despesas pagas, ou seja, não estou a receber um salário, mas também não estou a gastar dinheiro.

I: Isso é no âmbito de que instituição? Quem é que paga?

E18: É a Rede e Anti Pobreza do Algarve.

I: Achas que o voluntariado é uma mais-valia para os educadores que estão desempregados e para os que não estão a trabalhar na área?

E18: Ya eu acho que sim, porque é o que eu já te disse, tu vais colecionando experiências, aprendizagens, práticas, porque o que eu costumo pensar é "Ok, se não me querem pagar para eu trabalhar, então eu tenho que arranjar uma maneira de fazer, parada não quero estar, não é?", gostava muito de fazer qualquer coisa na minha área, tenho algum tempo livre e se me pagam as despesas então ótimo, porque eu também não quero perder dinheiro, não é? E eu sou de São Brás e tenho de me deslocar para todo o lado, pelo menos que me paguem o gasóleo, mas tipo não estou parada e estou a conhecer pessoas e estou a ganhar experiência e estou a envolver-me em coisas interessantes e depois no futuro não sei o que isto me poderá trazer, mas para já é isto, para já é a experiência e o envolvimento em qualquer coisa.

I: É uma maneira de não te afastares da tua área…

E18: Exatamente, porque para a gente se afastar é muito fácil e isto é quase um adiar de sonhos que eu tenho, obviamente que eu já namoro há algum tempo e gostávamos de ter uma vida juntos, ainda estou na casa dos meus pais e todas essas coisas vão ficando adiadas, porque para mim era mais fácil ir trabalhar para um supermercado ou ir trabalhar para uma loja no Fórum, mas não é que eu não queira trabalhar é que não quero é desistir desta coisa de trabalhar na minha área, porque esforcei-me e custou-me a tirar o curso, porque gosto mesmo daquilo que faço, porque já vou tendo alguma

experiência que sinto que me vai motivando e que não quero agora deixar as coisas de lado e pronto, é isso.

I: Como disseste dinamizas o teatro do oprimido nesses grupos, fazes atividades? Fomentas o próprio teatro? Como é que funciona um bocadinho as tuas tarefas e atividades?

E18: Eu sou, nós chamamos de facilitadores, ou seja, o teatro do oprimido nós o que fazemos é criar peças com as pessoas e depois apresentar as peças, só que são as pessoas que criam tudo, eu só facilito, eu digo "vamos ter de criar uma peça e fazer isto, isto e isto", a história, o como é que vamos fazer? Como é que vamos representar? Hoje por exemplo, estive com elas de manhã e estivemos a construir objetos cénicos com materiais que podem ser reutilizáveis e as pessoas é que fazem tudo, as histórias partem delas, o interesse parte delas, são coisas que partiram de experiências e de coisas que elas viveram e eu só vou orientado, dizendo "se calhar não vamos fazer assim, porque isto não resulta, se calhar vamos fazer assado" mas o trabalho principal é delas, é com elas, não é para elas.

I: Nesse grupo dos jovens, na Horta da Areia, também funciona um bocadinho assim?

E18: Sim.

I: E aí quem é que é a entidade?

E18: Aquilo era um projeto da cruz vermelha que a Laura ficou como dinamizadora dessa atividade, então é a Laura está a dinamizar e eu estou lá como investigadora, mas como investigadora atriz ao mesmo tempo, então o meu papel aí não é de… mas o processo que ela usa é o mesmo, porque eu aprendi com ela e ela aprendeu com outros craniozinhos do teatro do oprimido, então o processo é o mesmo, ela é facilitadora, as histórias mais uma vez as ideias surgem do grupo, dos interesses deles, das preocupações deles, dos desejos que eles têm de debater algumas coisas e de pôr em teatro e ela só facilita, orienta, diz "opa, se calhar podemos fazer assim, podemos fazer assim, assado, querem? não querem?", portanto é um bocado por aí.

I: Então és voluntária, atriz, investigadora?

E18: Tudo ao mesmo tempo, por acaso hoje estava a falar com o meu orientador, estávamos a decidir quando iria ser o meu momento de rutura do grupo, de parar porque eu já estou a sentir necessidade de parar de observar, estou a sentir necessidade agora de me debruçar sobre aquilo que tenho, e pronto, já decidimos que vai ser no dia 21 de Maio, mas ao mesmo tempo eu estava-lhe a dizer que, porque já estou com os miúdos há um ano, não vou simplesmente deixar de ir, tipo, não faz sentido, "ah sim as podes continuar como voluntária", ou seja, estou como voluntária, como atriz, como (sorri) é complexo.

I: Voltando aqui um bocadinho atrás. Sentes necessidade de mais formação, além do curso de educação social? Quer dizer, não estás bem a trabalhar com já disseste, mas tens feito pequenas coisas e notas que tens uma boa preparação, sentes necessidade por exemplo de outras cadeiras? Estás agora a tirar o mestrado de educação social.

E18: Sim, haviam coisas que precisavam de ser aprofundadas, digamos assim, e foi por isso que eu continuei com o mestrado em educação social, para já porque sabia que ia ser bom em termos de unidades curriculares, pelos professores que sabia que íamos ter e, porque achei que ia aprofundar, e também ter mais maturidade para abordar alguns temas que não tinha na altura e, então de certeza que nesse sentido sim, estava a sentir necessidade de ir aprofundar mais algumas coisas. De resto, eu acho que a teoria, a teoria, a teoria, a teoria pfuh o que eu queria mesmo era por em prática e é por isso que eu estou a fazer voluntariado. E as formações que vou fazendo são mais no sentido de complementar algumas coisas que me interessam, nomeadamente o teatro do oprimido, ou aprender mais ferramentas de educação para os direitos humanos, ou aprender mais coisas mais relacionadas com a animação comunitária, porque é uma área que eu já percebi que me interessa e quero apostar nisso.

I: Por exemplo, há bocado falaste que no curso houve muitas cadeiras que achaste que não estavam ali a fazer nada. Há alguma que tu achasses que era essencial no presente, tendo em conta já um bocadinho da tua experiência.

E18: Nunca pensei sobre isso a sério, nunca tive uma visão muito crítica. Só passei a ter uma visão crítica do curso depois de ter estado como docente, mas como aluna não tive uma visão muito crítica. Eu acho que se calhar havia coisas, se calhar por exemplo, nós tivemos animação comunitária, se calhar para mim, ou tivemos expressão dramática,

para mim, gostava que essa cadeira tivesse sido mais, senti que aprendi pouco, que era uma cadeira bastante interessante, mas que me foi ensinada pouca coisa, tive de descobrir as coisas um pouco sozinha e aquilo acabou por não me servir de nada e então eu acho que se calhar disciplinas mais práticas que nos colocassem mais, que nos permitissem fazer laboratórios, ires à associação e trabalhar lá durante uns tempos, mesmo antes das práticas, tipo haver uma disciplina de um semestre que me permitisse ir, por exemplo todas as semanas se calhar ter a aula num sítio prático percebes? Porque é isso que eu sinto um pouco, é a falta da prática. A prática e tudo bem, isto é um curso universitário e não acho que não é suposto darem-nos muita prática, mas era interessante que dessem (sorri). A nível teórico foram abordadas as principais coisas ou podiam ter feito, não sei, por acaso havia uma cadeira que me interessava no 1º ano na primeira versão do mestrado de educação social, na primeira edição, que era sobre crianças e jovens de risco ou lá o que era, que eu achei que era bastante interessante para se ter numa licenciatura, por exemplo, porque acabam por haver áreas temáticas que nós não abordámos. Trabalhar com crianças e jovens em risco, trabalhar com sem-abrigo, não sei, há coisas que se calhar podiam ter sido mais exploradas, ou trabalhar com idosos, se calhar coisas mais específicas, mas agora também numa licenciatura de três anos, nem sei com será possível.

I: Há gente que diz que teve duas e três cadeiras que quase falavam da mesma coisa, por exemplo, muito viradas para a educação de adultos e que podia ser se calhar mais juntas, aquelas cadeiras e ser dado, por exemplo, essa questão dos jovens em risco ou mesmo a própria população em risco que está cada vez mais latente na nossa sociedade.

E18: Sim, ou por exemplo nas Psicologias ou nas Sociologias, acabava por ser tudo um bocado teórico, mas depois era a tal coisa, faltava, ok, é teoria, mas falta depois fazer a ligação com o que é o curso, porque "ok, para que me serve a teoria e depois como é que eu vou aplicar isto?", não é? Se eu me defronto com um jovem em risco como é que vai ser? Para que me serve esta teoria? Tipo se calhar falta um pouco essa ligação e para mim era importante essa ligação com a prática sempre, seja através das experiências dos professores, mas eu também acho que haviam professores que não tinham essa experiência prática percebes? E então não faziam essa ligação. Se tu tens aulas dadas por um Professor A ou um professor B ou mesmo por uma professora G ou uma professora D ou um professor C que trabalharam antes de terem sido professores,

trabalharam no campo não é? E trabalharam em associativismo e com outras coisas e sabem como funciona, depois tens um professor de Sociologia que fez um Doutoramento, mas nunca trabalhou no terreno, então não sabe fazer essa ligação, não sabe ir buscar exemplos concretos que tu possas perceber "Ah ok, então na prática isso funciona assim" (interrupção) percebes? Eu acho que tem muito a ver também com os professores como estávamos a falar há bocadinho, essa ligação com a prática e com exemplos concretos para depois tu perceberes que aquela teoria tem uma aplicação prática na realidade.

I: Neste momento estás a fazer a tua investigação. Qual é o tema da tua investigação?

E18: Ah tu não sabes, então eu vou-te dizer pela primeira vez (sorri) Eu estou a fazer sobre o teatro do oprimido e o tema é "Minoria do gueto, o teatro do oprimido no bairro da Horta da Areia", então é um grupo que se chama "Minoria do gueto" que estão a fazer teatro do oprimido no bairro, que é um bairro bastante estigmatizado da cidade de Faro, e o que estou a tentar perceber é como é que o teatro do oprimido… qual é o efeito que isto tem na vida deles? Qual é o interesse que eles têm pelo teatro do oprimido? Qual é a mais-valia que o teatro lhes traz e se lhes poderá trazer algumas ferramentas que lhes ajude depois a lidar um pouco com os constrangimentos que têm por viverem num bairro social tão estigmatizado como aquele em que eles vivem.

I: Já falámos, um bocadinho, de algumas coisas que podiam ter sido melhoradas no curso. Na tua opinião o que é que tu mudavas no funcionamento geral do curso?

E18: A relação dos professores.

I: Como é que isso podia ser melhorado?

E18: Acho que havendo uma direção de curso consistente, que fizesse essa ligação entre os vários professores e essa ligação pode ser qualquer coisa tão simples, quanto haver umas quantas reuniões semestrais ou anuais entre os docentes, uma reunião ao início, uma reunião no meio, uma reunião no fim, porque efetivamente houve uma vez em que nós nos reunimos, ainda com o Professor A, para discutir os problemas do curso e acho que foi a primeira reunião que tivemos de professores, estavam todos os professores do curso ou quase todos, os que puderam ir e nós reunimo-nos para falar dos problemas

que cada professor estava a sentir com os alunos, e isso foi importante, porque todos ficámos com a noção de que não estávamos sozinhos e que os problemas eram os mesmos e todos fizemos uma reflexão sobre donde é que vinham esses problemas, não é? porque senão estás só a trabalhar para a tua cadeira, não estás a trabalhar para o curso não é? Estás a trabalhar sozinha e não faz muito sentido, na minha cabeça, e se houver uma união, se houver uma complementaridade, depois os alunos também reagem de uma forma diferente, e depois haver uma ligação do curso com a comunidade, que não há neste momento e que era o tal trabalho que eu lembro-me que antes era feito e que era bastante divulgado, era levar os alunos, levar o nome dos alunos para fora, levar o trabalho dos alunos às associações, trazer as associações à Universidade e via-se trabalho com a comunidade, que agora acho que não está a ser feito e isso, obviamente, é muito importante, em termos de empregabilidade, quanto em termos dos próprios alunos e das aprendizagens que tiram.

I: A nível das atividades que o curso organizava no teu tempo e que organiza atualmente, o que é que achas que podia ser feito para melhorar?

E18: O curso organiza atividades atualmente? (sorri)

I: Pois, teres dito que na altura havia e agora não haver, como é que achas que podíamos solucionar esta questão?

E18: Opá não sei, eu acho que isto tinha de levar uma reestruturação de todos os lados e não sei se há alguém com…

I: Estaleca.

E18: Ya é essa a palavra mesmo, com estaleca para fazer isso e com vontade também, de fazer: Epá não sei, eu tinha de estar mais dentro do assunto, porque também falar é fácil e depois como é que as coisas funcionam não sei. Eu sei que devia de haver uma maior, não sei, devia de haver uma forma de se criar outra vez um espirito de uma união de curso, um envolvimento entre os professores e os alunos e com a escola também, porque neste momento a escola parece que é só o curso de design que conta, é por isso que os de design têm ali um computador todo à maneira e o resto dos alunos nem sequer quase que têm computadores de jeito porque o curso não está bem conectado mesmo a nível da escola, então eu não sei como é que seria esse trabalho feito, mas teria de ser

feito por alguém que percebesse mesmo do assunto e por alguém que tivesse ideias, nem ideias muito geniais, era só ter um plano que se calhar não há.

I: Porque é que achas que há esses conflitos entre os professores?

E18: Opá eu não sei se são conflitos, eu acho que isto é um meio pequeno e é um meio competitivo e eu acho que é por aí. Acho que cada um está muito virado para si mesmo, porque se tivessem virados para os outros e para o trabalho dos outros ou para trabalharem em complementaridade com os outros isso não se passava assim, mas parece que há uma grande individualização e eu senti isso também, então acho que pode ser por aí.

I: Exato. Quais são as principais dificuldades que tu encontras quando na procura e na obtenção de emprego?

E18: Puh, olha normalmente a resposta que me dão é "gostei muito do teu currículo, tem um currículo muito interessante, mas só gostaríamos de a contratar como nossa voluntária, porque não temos meios para pagar". Então para mim das duas uma ou o dinheiro está a ser mal canalizado ou então as instituições não têm dinheiro e precisam de mão-de-obra mas não têm como pagar, ou então não sei também pode ser que tenham dinheiro, mas que o canalizem para outras coisas e que não achem que é importante, ou então as duas coisas juntas, nunca lhes perguntei "Mas porque é que não têm dinheiro?" não é?

I: Era uma boa pergunta.

E18: Era uma boa pergunta "Então se não têm dinheiro? Então mas o que é que andam a fazer ao dinheiro?", mas não sei, está tudo… não sei, para mim é um problema de condição económica.

I: Da crise.

E18: Que todos estamos a passar e eu tenho esperança que melhore não é? Tipo não, as crises são cíclicas, isto não dura sempre, tempos melhores virão.

I: Que tipo de tentativas é que tens efetuado para arranjar emprego?

E18: Olha, agora como estou desempregada e a receber subsídio de desemprego, tenho que fazer todas as semanas um envio semanal de currículo ou qualquer coisa e então

essas têm sido as minhas tentativas, enviar currículo, tentar procurar, por acaso nas últimas semanas nem tenho estado a tentar procurar ofertas de emprego, porque apercebi-me que não havia, nem no Algarve, nem ultimamente no país. A única coisa que há, que eu tenha conhecimento, é tipo coisas como auxiliar de geriatria, apoio domiciliário, esse tipo de coisas, andar a carregar com os velhotes e a mudar fraldas etc, etc etc, é o mais aproximado da área social que eu encontro de trabalho e depois há os trabalhos no estrangeiro, que há projetos que são bastante mais ou menos aliciantes mas depois pedem para tu falares alemão ou enfim. A mim, por exemplo, tenho cá uma série, tenho cá o namorado, tenho cá uma série de pessoas que são importantes para a minha vida e não me faz sentido, neste momento, ir trabalhar um ano ou dois para um país só para dizer que estou a trabalhar lá não é? Depois deixo cá uma série de pessoas e de coisas que gosto, o que não faz lá muito sentido, o trabalho também não é tudo. Então tem sido mais isso, a nível do envio de currículos.

I: Tens enviado para várias instituições?

E18: Sim, olha por acaso, por causa de um desses envios de currículos responderam-me do centro de apoio ao sem-abrigo em Faro e meteram-me agora os papéis para o estágio e agora estou à espera que o centro de emprego vá autorizar.

I: Nunca tinhas tirado um estágio profissional?

E18: Não, porque nunca me tinham proposto a.

I: Achas que é uma alternativa? Um estágio profissional para os dias de hoje.

E18: Sim, acho que é a única alternativa. Há falta de melhor sim e acho que o estágio profissional dá-te experiência e vou trabalhar numa área que é os sem-abrigo, numa instituição de que já ouvi falar bem, já ouvi falar mal, vai ser uma aprendizagem para o melhor ou para o pior ou seja lá o que for, é uma área em que eu nunca trabalhei, portanto vai ser de certeza interessante, vai ser mais uma experiência. E depois há as formações internacionais, os *training courses* como este que vou fazer agora à França, já estive num em Itália e isso para mim faz mais sentido do que ir trabalhar fora, porque para mim faz sentido nós não estarmos fechados no nosso mundozinho, seja no Algarve, seja no país. Para mim há coisas muito interessantes que se fazem lá fora e se nós as soubermos, para já dá um incentivo e depois são novas experiências, novas ferramentas que são utilizadas e que nós aqui não nos lembrámos e às tantas não vale a pena estar a

inventar grandes soluções quando depois já foi inventado e já foi comprovado e já…então para mim as formações internacionais, como vai pessoal de vários sítios e agora nesta da França vai pessoal da Bolívia e do Peru, que é tipo América Latina, não tem nada a ver com Europa epá e são experiências diferentes de pessoas que já têm alguma maturidade, que já têm muita experiência a nível de trabalho prático e que a mim, pelo menos quando eu voltei de Itália, depois de ter estado uma semana com pessoas de toda a Europa, senti que vim cheia de energia, com vontade de fazer coisas novas e aplicar as ferramentas que tinha aprendido e agora acho que vai ser a mesma coisa e para mim essa é uma coisa interessante, as formações internacionais, porque são coisas muito práticas e onde tens montes de contacto com outras realidades, tanto a nível cultural como a nível de trabalho.

I: Além dessas formações tens mais alguma experiência a nível internacional?

E18: Tenho essas formações, tenho, mas a nível mais científico, as conferências da ESREA, algumas em que participei, em Munique fui apresentar um *paper* com o professor B, em Aveiro fui apresentar um paper com a Ana e com a Sara. Então são experiências interessantes, porque tens de falar em inglês, e depois estás perante um público que são uma série de crânios com muito mais experiência do que tu e tens de responder às perguntas deles e isso de certa forma já é um desafio e uma preparação também para esta coisa da defesa da tese e tudo isso e depois são pessoas que têm outra visão e ajudam a melhorar o teu trabalho e acrescentam novas perspetivas também.

I: Desde que terminaste a licenciatura até agora, já falaste que tinhas estado a dar aulas aqui na Universidade, tiveste mais algum tipo de experiência profissional na área da educação social?

E18: Tirando dar…bom dar formação, *workshops* e coisas do teatro do oprimido e esse tipo de coisas, sim. Dar formação.

I: Isso foi antes ou depois das aulas?

E18: Foi ao mesmo tempo (sorri) sim. Comecei com as aulas e depois houve uma série de coisas que se foram seguindo a isso. Então foi mais ou menos desde 2010 que tem vindo a acontecer. Depois, dinamizar grupos também, estive uns tempos com um grupo, a nível de voluntariado, estive uns tempos com um grupo de jovens do projeto "Recria" que depois acabámos por acabar porque depois os miúdos estavam a fazer o estágio

deles lá na escola e não tinham horário, mas andámos uns meses a fazer teatro com eles. Estou agora com este grupo de Quarteira, do RSI, e estive com um grupo de idosos, que agora estamos a reformular a atividade, portanto estamos parados, mas em princípio vamos continuar a fazer coisas com eles, coisas pontualmente, não sei se ainda vai ser pontual, se vai ser mais semanal como estava a ser:

I: Quando estavas na Universidade davas cadeira de animação comunitária?

E18: Sim e comecei a dar seminário de supervisão da prática, depois dei a prática II, a orientação da prática, depois dei animação comunitária e depois dei teatro do oprimido.

I: Na tua opinião a formação que recebeste na licenciatura na licenciatura está de acordo com as necessidades do mercado de trabalho?

E18: Eu não sei muito bem quais são as necessidades do mercado de trabalho, sinceramente, mas eu acho que nós temos, é-nos dado um pouquinho de tudo, se bem que há coisas que não são muito faladas, como é a tal questão de como é que trabalhas com os idosos ou como é que trabalhas com os jovens em risco ou, por exemplo a nível dos CNO´s que também são possíveis…agora não que estão todos a fechar mas que eram possíveis empregadores, também foi-nos dada montes de teoria de como é que funciona a educação de adultos em Portugal e os CNO´s, os RVCC's, etc, etc mas depois a nível da prática e dos técnicos, qual é o papel deles, não me lembro se… acho que uma vez foi lá alguém dar o seu testemunho, mas não tenho a certeza, uma vez que fizemos uma aula sobre isso, mas acho que sim e que não, porque está mas podia estar melhor, mais orientado para algumas áreas mais específicas.

I: Por exemplo, no teu estágio curricular, achas que é uma boa preparação para o mercado de trabalho? Achas que são adequados e bem estruturados?

E18: Não (sorri). Acho que, estágio, o que é que é o estágio? As práticas são três meses para concretizares o projeto. Para mim, o trabalho que se faz devia ser o ano inteiro, o ano todo, o ano letivo todo. Tu começas no 1º semestre com algumas abordagens pontuais ao sítio onde vais fazer a prática não é? Para fazer o diagnóstico e o projeto e depois quando chegas lá no segundo semestre para aplicar já mudou tudo. Quando eu tinha, com os meus alunos eles diziam que já tinha mudado tudo, eles fizeram o projeto e quando chegavam lá duas vezes por semana ou três vezes por semana se aperceberam que aquilo não se adequava, ou que as necessidades afinal outras, porquê? Porque

começaram a ir lá sempre e porque começaram a ter um contacto prático com as pessoas, portanto para mim o projeto devia ter sido feito ao mesmo tempo que fazes algum tipo de atividades ou as atividades deviam fazer parte do diagnóstico, percebes? Tipo não haver essa separação, um semestre de teoria em que fazes o projeto e fazes entrevistas e não sei quê e depois o segundo semestre em que fazes, em três meses aplicar e depois há montes de entraves e aquilo fica reduzido a dois meses ou a um mês e entretanto tens de mudar o projeto todo. Para mim, tinha de ser um trabalho mais contínuo.

I: Na tua opinião o que é que poderíamos fazer para melhorar a nossa profissão?

E18: Uau (sorri) Isso é uma pergunta do caraças. Olha eu acho que a ética nunca fez mal a ninguém e acho que nós devíamos ser mais consistentes com aquilo que dizemos e aquilo que fazemos e com aquilo que aprendemos e aquilo que fazemos, porque muitas vezes aprendemos uma coisa e depois vemos muito boa gente a fazer muito boa merda, é mesmo assim e eu acho que se mantivermos, uma maior… Para mim tem que ver com a relação que tu tens com as pessoas, o compromisso que tu assumes com os grupos com quem estás a trabalhar, com a associação quem estás a trabalhar e também se há alguma coisa que não estás a gostar ou com alguma coisa que não vai de encontro àquilo que tu achas que não é correto, tentar um pouco remar de vez em quando contra a maré, porque também não há mal nenhum nisso, não quer dizer que se vão mudar as coisas, só quer dizer que não estamos…

I: Estanques.

E18: Ya estanques e a deixar-nos ser engolidos pelo sistema, mas se calhar essa ainda é a minha ideia de quem ainda acabou a licenciatura e teve ainda pouca experiência, mas para mim tem que haver, tem tudo que ver com os valores, com aquilo que eu acho correto, se eu me comprometo a estar a trabalhar com um grupo, eu não vou deixar esse grupo assim de um momento para o outro, vou ter de fazer um…se quero deixá-los então vou ter de os preparar para isso e às vezes não é isso que acontece e eu sei que não.

I: Recomendavas esta profissão a alguém? Que conselhos é que davas?

E18: Ainda no outro dia recomendei esta profissão a alguém. Havia uma rapariga que queria tirar animação comunitária, ela queria tirar teatro mas depois só havia em Beja,

por isso escolheu animação comunitária ou animação sociocultural, mas era licenciatura e a minha mãe estava-lhe a dizer "Então vais ser como a Verónica, depois não vais ter trabalho e vais-te fartar de tirar formações e não vais poder constituir a tua vida como estás à espera" e eu disse-lhe "Olha, o saber não ocupa lugar e se é uma área que tu gostas, opa, vai. Podes aprender e se não arranjares emprego, pelo menos tiraste o curso que tu queres, podes fazer voluntariado, podes arranjar um trabalho e fazer em *part-time*, o teu curso como voluntariado ou outra coisa qualquer, mas pelo menos já aprendeste, já estás nessa área e já não deixaste o sonho para trás, para mim é isso. Se gostas vai, se não gostas não vale a pena, porque isto funciona muito por amor à camisola, porque aqui em educação comunitária não vamos ser ricos como os doutores, nem vamos se calhar estar a ganhar três mil euros a quatro mil euros por mês." Quanto muito mil não é? E já oh quem me dera, já vai com sorte mas epá se as pessoas gostam, porque não, não é?

I: Neste momento pertences a alguma associação?

E18: Ao grupo do teatro oprimido do Algarve, que ainda não é uma associação, mas é um grupo informal de pessoas, ao núcleo do Algarve do Instituto Paulo Freire.de Portugal. Espera ai que eu acho que ainda pertenço a mais qualquer coisa (interrupção) epá depois sou associada de uma associação que é a ENOA, que é a *education network*, nunca sei, epá que é animação e educação, opa *european network of education*, olha não sei.

I: É sobre o quê?

E18: É uma associação internacional que faz atividades, faz projetos em educação para os direitos humanos, mas eu sou só associada e participei no *training course* deles em Itália e agora vai haver um no Chipre, que eu não devo poder participar porque é em Julho e vou estar, se tudo correr bem já a fazer o estágio, mas é assim eles fazem atividades pontuais e é interessante.

I: Na sua opinião quais são as principais caraterísticas específicas que um educador social deve ter?

E18: Aí vamos nós Ander-Egg (sorri), não, eu acho que opá temos que ser criativos, temos que ser empenhados, temos que ser verdadeiros com as pessoas e tipo ter alguma sensibilidade para lidar também com as pessoas, temos que ser persistentes e pacientes,

e temos que ser ativos, temos que ser críticos, temos que ser reflexivos, temos que acreditar nos valores humanos e nas pessoas e, não é não ser preconceituosos, é saber que somos preconceituosos e saber contornar os nossos preconceitos e olhar para eles de uma forma racional para que isso não nos impeça de lidar com as pessoas ou de tirar ideias erradas sobre elas antes de termos um contacto mais aprofundado. Epá acho que tem de ser muito persistente mesmo, e trabalhador, porque de outra forma isto não… e eu estou a falar do educador social, no sentido de trabalhar mesmo com as pessoas, não é o educador social de ficar sentado no escritório a fazer projetos para pessoas que não sabe muito bem quem são. Estou a falar mesmo daqueles que vão ao terreno e que sujam as mãos.

I: Vou dizer algumas caraterísticas e queria que me dissesses se são ou não importantes para um educador social na tua ótica e porquê. Já falaste no criativo. Podias justificar?

E18: Sim, porque para já, nós nunca temos muito dinheiro, então eu acho que temos de ser criativos nas ferramentas que utilizamos para trabalhar com as pessoas e quanto mais conhecimentos tivermos melhor conseguimos fazer o nosso trabalho. Temos que ser criativos na abordagem que fazemos aos grupos, porque as pessoas são diferentes, nem sequer é de grupo para grupo, é de dia para dia, são diferentes e os interesses mudam e se forem jovens então de dia para dia estão numa onda diferente. Têm de ser criativos, porque os recursos são poucos muitas vezes, e há que saber dar a volta e não deixar de fazer as coisas só porque não temos dinheiro ou a folha XPTO ou a caneta etc. Nesses sentidos todos temos que ser criativos.

I: Dinamizador?

E18: Dinamizador, porque temos que ter capacidade de ser um pouco líderes, mas ao mesmo tempo um líder que orienta, às vezes um líder também que desorienta, porque também é importante com alguns grupos, pô-los a questionar ou não lhes dar as certezas todas, mas para mim o dinamizador é no sentido um pouco de saber trabalhar com os grupos e orientá-los para que eles próprios consigam depois construir o seu percurso. Isto ainda são ideias muito utópicas, mas é que isto, por exemplo com o teatro do oprimido isto funciona mesmo assim, então para mim é assim é bonito, é a parte para mim da teoria que depois quando é aplicada à prática ainda funciona e acho que é por isso que gosto tanto do teatro do oprimido, porque me permite, realmente, fazer a

conversa bonita que há na teoria que a gente aprende no curso, porque depois na prática funciona assim, então acho que tenho legitimidade para estar a dizer estas coisas bonitas (sorri).

I: Manipulador?

E18: Manipulador? Epá isso.

I: Não estou a dizer que é, estou a perguntar se concordas.

E18: Eu sei, eu sei, eu sei…. Epá eu trocava, trocava o manipulador pelo facilitador, porque o facilitador orienta e o manipulador dá uma ideia negativa e dá-me a ideia de que tu levas as pessoas a fazer aquilo que tu queres que elas façam e acho que nós não fazemos isso, eu acho que somos facilitadores. Nós facilitamos os processos para que as pessoas fazerem aquilo que elas querem fazer, acho que é mais por aí, para que depois elas atinjam os objetivos que elas acham que têm de atingir, mas manipulador não (sorri).

I: Planeador?

E18: Planeador sim, porque acho que temos de, faz muito parte de planear exercícios, planear sessões, planear atividades, planear projetos, planear orçamentos, recursos, pessoas que vamos ter de contar, coisas que precisamos, coisas que não precisamos.

I: Autoritário?

E18: Às vezes. Para mim isso faz-me lembrar a história dos líderes, o líder carismático, o líder autocrático, como é que é? Autocrático e o líder autoritário. Para mim às vezes, não é mau…depende da fase em que o grupo com que estás a trabalhar está.

I: Por exemplo, no contexto com jovens?

E18: Por exemplo no contexto com jovens há dias em que não dá para fazer nada com eles, porque estão a brincar uns com os outros, porque estão cansados, porque estão distraídos, porque estão desconcentrados e se tens uma peça para apresentar na semana seguinte tens de te sentar à mesa com eles e dizer "Meus meninos vocês vão fazer figuras de parvos para a próxima semana, eu não quero fazer, portanto vão-se sentar e vão concentrar-se e vão fazer o ensaio como deve ser, porque para a semana eu não vou dar a cara por vocês se vocês não fizerem um bom trabalho". Às vezes é preciso, não

quer dizer que tenha de ser sempre, mas de vez em quando há grupos que precisam de ser mais orientados num determinado dia para conseguirem cumprir o trabalho e os objetivos desse dia e depois noutro dia logo se verá.

I: Tendo em conta o panorama de crise que estamos a atravessar o que é que achas que vai acontecer à sociedade e qual vai ser o nosso papel, daqui a um tempo?

E18: A sociedade, oh meu Deus, olha eu sou otimista, eu acho que o que vai acontecer é que vamos todos… esta coisa da crise e da falta de dinheiro, isto tem um lado mau que é não temos dinheiro para nada, não investimos, não fazemos projetos, estamos todos um pouco à espera de ver o que vai acontecer e isso é o lado mau, estamos todos um bocado estagnados e com medo. O lado bom para mim é que aprendemos a dar valor a outras coisas que não dávamos, então a nível de desenvolvimento pessoal isso para as pessoas é bom e se calhar as pessoas voltam-se a lembrar um pouco das coisas que podiam fazer-se quando não tinham tanto dinheiro. Eu gosto de acreditar que isto nos traz alguma lição a todos. A nível para nós, o que isso nos poderá trazer de positivo, enquanto educadores sociais, pois eu espero que no futuro depois que isto volte um pouco a ser um pouco como antes, que isto volte a vontade de criar projetos e fundos que financiem esses projetos e que esses projetos sejam melhor selecionados, sejam melhor pensados e que se comece a fazer trabalho de qualidade, com bons financiamentos que se comece a fazer projetos de qualidade. O que se via antes era que tu tinhas financiamento e fundos europeus para projetos, tipo por exemplo o "escolhas" e não sei quê, agora já estão a fechar montes de escolhas, porque muitos deles não estavam a cumprir e então isso é quase uma seleção natural, ficam os melhores. Eu acho que isso para as pessoas é bom porque vão ficar com os melhores projetos e com as melhores ideias e com as coisas que podem realmente funcionar, isso para a nossa área acho que, acho que é bom.

I: Se te fosse dado a opção de escolha o que é que tu querias estar a fazer?

E18: Agora?

I: Profissionalmente.

E18: A minha resposta a essa é fácil (sorri), é sempre a mesma, eu tenho um sonho desde, desde, desde sempre, que é trabalhar com comunidade e então. Para mim é isso que faz sentido, é por isso que quero porque na altura quando acabou o curso, quando eu

estava a acabar o curso eu tinha a opção, podia ter escolhido educação social ou educação e intervenção comunitária e eu escolhi educação e intervenção comunitária exatamente porque educação social para mim não fazia já sentido, o que fazia sentido para mim era a palavra comunidade ali no meio, a palavra educação, intervenção, comunidade e para mim é isso, eu gostava de um dia de ter um trabalho como está agora, está a ser feito pela Laura na Horta da Areia, por exemplo, porque eu agora lá começo a perceber como é que funciona a comunidade, porque tu não trabalhas só com o grupo de jovens, trabalhas com o grupo de jovens, trabalhas com o centro comunitário que eles frequentam todos os dias e trabalhas com as famílias dos jovens todos e então conheces os pais, conheces os irmãos, sabes onde é que eles moram, vais lá de vez em quando e dizes um olá, é um acompanhamento constante e há um envolvimento grande a todos os níveis da vida dos jovens, começa a trabalhar com os jovens e com tudo aquilo que envolve a vida deles e para mim isso é muito interessante e é isso que eu gostava um dia de fazer.

I: Nunca colocaste a hipótese de ir para o estrangeiro?

E18: Até agora, fixamente para trabalhar não, pontualmente para fazer alguma atividade, algum projeto, participar nalgum *training course* sim, mas para ir trabalhar mesmo e mudar-me para lá, até agora ainda não.

I: E estás a ponderar essa hipótese ou está muito afastada?

E18: Ainda está muito afastada essa ideia, porque é como te disse há bocadinho, para mim, eu gosto daquilo que faço, gosto da área onde estou mas o trabalho é só uma parte da minha vida, não é a minha vida toda e eu tenho cá o meu namorado e tenho cá os meus animais e montes de coisas cá que fazem sentido para mim, podem ser coisas estúpidas, mas que para mim fazem sentido e que eu acho que se me fosse embora, sim ia estar feliz porque ia estar a trabalhar noutro sítio, sim vou arranjar novos amigos, sim se calhar até arranjava um novo namorado, sim se calhar ele até se mudava para lá comigo, mas ia-me faltar sempre qualquer que goste aqui, a dinâmica dos sítios ou ir ao supermercado e conhecer as pessoas, não sei, há qualquer coisa aqui que não me faz ter vontade de ir. Para já, não sei, se estivesse se calhar numa situação extrema em que precisasse mesmo de pagar contas e de trabalhar, aí a conversa se calhar a conversa seria outra, mas como estou numa situação confortável, ainda, não penso nisso.

I: Da minha parte está. Queres deixar algum comentário?

E18: Não, espero ter ajudado.

Fim da entrevista!

ANEXO VIII- Guião para o *focus group*: Devolução dos resultados da investigação

Fase 1: Apresentação dos participantes (um a um)

Nome

Ano em que terminou a licenciatura

Entidade empregadora e funções que desempenha

Fase 2: Explicação do estudo (tema, questão de partida, objetivos e desenho de investigação).

Tema: A profissão do educador social no Algarve

Questão de partida:

Enquanto as publicações existentes mencionam as características normativas gerais e competências atribuídas ao Educador social, como podemos caracterizar no Algarve, as formas de concretização da profissão 'educador social'?".

Desenho da investigação:

- Inquérito por questionário N=70

Género: 91% Feminino e 9% Masculino

Idades: Entre os 22 e os 45 anos

- Entrevistas: total de 21

18 Feminino e 3 Masculino

18 a trabalhar e 3 desempregados

- *Focus group* para devolução dos resultados: importância de implicar os educadores que participaram na investigação na procura de explicações para os resultados obtidos e possíveis reflexões/conclusões conjuntas.

Fase 3: Resultados obtidos

1ªparte- Licenciatura

O curso correspondeu a primeira opção (57% vs **43%** = valor significativo para um curso social em que se deve vir por opção)

Satisfação com a escolha do curso (Apesar de não ser a primeira opção **83%** está satisfeito com o curso. Porquê??)

Opinião acerca dos docentes (relações conflituosas num curso de educação social? Ética? Os professores/perfil serão adequados?)

Atividades que a licenciatura organiza (Pouca importância? Falta de interesse? Falta de tempo? Falta de motivação por parte dos docentes?)
(Temos riqueza e não é aproveitada? Atividades e partilha de experiencias seria uma mais-valia?)

Opinião acerca da formação recebida (necessidade de mais? Parte de cada um...Plano de estudos, como adequar o curso à dinâmica da sociedade??)

Práticas curriculares (Acompanhamento fraco? Importantes? Mais tempo? Outras opiniões?)

2ªparte- Inserção no mercado de trabalho
Número de vezes que mudou de emprego desde que terminou a licenciatura (**47%** nenhuma e **17%** apenas uma vez ou seja mais de 50% tem estabilidade???)

Dificuldades na procura e obtenção de emprego (Mais importantes? Concordam? Não concordam?)
Soluções para as dificuldades encontradas (Mais importantes? Concordam? Não concordam?)
Qual a perceção da licenciatura quando ingressam no mercado de trabalho?

3ª parte- Situação profissional atual
Situação perante o trabalho e a satisfação com a escolha do curso (Desempregados satisfeitos, principalmente os que exercem voluntariado— Que quer isto dizer? Importância do voluntariado?)

Setor em que exerce a atividade profissional (**42%** privado- Conclusão, verifica-se um afastamento do Estado relativamente às questões sociais?)

Rendimento mensal (menos de 500 para licenciados, como?)

Setor em que exerce a atividade e o rendimento mensal (o público é melhor pago)

Rendimento mensal e a satisfação com a escolha do curso (a maioria está satisfeita com o curso apesar do baixo rendimento. Amor à camisola?)

Opiniões acerca da remuneração (comparam-se ao pior que não estão mal? Porquê? Outras opiniões?!)

Tipo de instituição em que trabalha/ gostaria de trabalhar (IPSS, agrupamentos e autarquias- porque estas escolhas? Qual a importância das IPSS que leva tanta gente a querer trabalhar lá?)

Importância do educador na instituição (diferenciação de outros técnicos— características próprias para trabalhar com a população)

-Razões da importância

Tipo de instituição e tarefas que realiza enquanto educador (o que são realmente as tarefas do educador?)

-Biblioteca (não se percebe, existe uma contradição)

- CNO (não se percebe, função docente num CNO??)

Grau de satisfação relativamente ao atual emprego
(ter em conta Remuneração, **56% positivo**??
Progressão na carreira, 41% positivo entre eles 11% muito ou totalmente satisfeito??
Utilidade social, 92% positivo, **6% sem opinião**??)

4ªparte- Profissão e características
Obstáculos e dificuldades da Profissão

Características do educador social

- Independente (porquê a contradição??)
- Manipulador (desconhecimento da definição do conceito? perfil da pessoa?)
- Autoritário

-Outras características

Perspetivas futuras (algumas ideias gerais)

Fase 4- Conclusões e questões

Agradecimentos e encerramento

ANEXO IX- Transcrição do *focus group*: devolução dos resultados

Rute: Vamos começar com uma pequena apresentação. Cada um vai-se apresentar, cada uma. Gostava que dissessem o vosso nome, o ano em que terminaram a licenciatura e onde é que estão a trabalhar, se for o caso…depois podem dizer, se quiserem dizer mais alguma coisa relacionado com o profissão ou a área ou outra coisa que também achem importante também podem dizer. Vamos começar aqui por esta ponta.

A: Eu sou a A, que vocês não me conhecem (sorri) trabalho como assistente técnica numa escola básica e estou a tentar sempre que aparece uma brecha não é? Terminei o curso em 2007.

B: O meu nome é B, acho que já conheço toda a gente, ah estou desempregada há uma semana (sorri) terminei o estágio profissional no CASA na quarta-feira passada- o CASA é o Centro de Apoio ao Sem-abrigo, delegação de Faro e terminei o curso em 2010.

C: Sou a C, terminei o curso em 2008 e agora estou desempregada pela primeira vez.

R: Há quanto tempo?

C: Desde abril, uns seis meses.

D: Eu sou a D, terminei o curso em 2008 e estou agora a fazer estágio profissional no Centro de Apoio ao Sem-Abrigo, delegação de Faro.

E: Eu sou a E, terminei o curso em 2002, ainda se chamada educação e intervenção comunitária. Estou neste momento a trabalhar num centro de novas oportunidades que pertence a uma escola pública em Loulé.

F: Eu sou a F, acabei o curso em 2007, também ainda era intervenção comunitária. Neste momento não estou a trabalhar na área, estou a trabalhar como vendedora, mas trabalho como voluntária na direção da associação promotora de educação social, não é remunerado mas já estou…estou a tentar com os meus colegas fazer com que haja um impulso, com que a gente mude a maneira de pensar da educação social em Portugal.

G: Eu sou a G, terminei em 2005 mas tenho já muitos anos de trabalho social para trás. Depois de 2005 optei pela via ensino, tenho tado nas escolas no ensino profissional que eu amo, o ano passado não fiquei colocada e este ano ainda estou nos concursos mas este ano optei por concorrer como mediadora…mediadora da educação social no curso também intervenção comunitária. Ah depois entre parágrafos faço mediação de casos que estão já no tribunal que estão pendentes de…foi por isso que eu fui à Escócia, mas também aproveitei para passear (sorri).

R: Eu sou a Rute, terminei em 2010 e neste momento estou a fazer a minha tese de mestrado sobre a profissão do educador social no Algarve e é aqui que entram vocês todos (sorri). O tema da minha investigação é este precisamente: A Profissão do Educador Social no Algarve. A minha questão de partida é "Enquanto as publicações existentes mencionam características normativas gerais e as competências do educador social, como é que nós podemos caracterizar no algarve as formas de concretização desta profissão? " será que corresponde mesmo ao que está nas publicações ou não? Depois em relação ao desenho da minha investigação comecei por um inquérito por questionário feito online, tive um total de setenta respostas válidas. Não pude contabilizar aquelas pessoas que estavam a trabalhar fora da área tendo em conta que estava a fazer um questionário relacionado, mesmo para a área. Ah 91% foram respostas do género feminino e 9% do género masculino. As idades foram entre os 22 e os 45 anos, os que responderam. Depois desta análise aos questionários fiz entrevistas, um total de 21 entrevistas, ah 18 ao género feminino e 3 masculino, 1 a trabalhar na área e 3 desempregados, alguns a exercer voluntariado ou alguma coisa relacionada com a profissão e outro não. Ah depois de todas as entrevistas feitas fiz a minha análise de conteúdo, fiz esta apresentação com os dados dos questionários que achei mais relevantes e com os dados das entrevistas que achei mais relevantes e achei importante fazer este *focus* para devolução dos resultados. Porquê nesta altura? Porque acho que é importante implicar os educadores que participaram comigo, mais diretamente ou menos diretamente, tenho aqui de tudo um pouco, ah na minha investigação no sentido de procurar explicações e respostas para os resultados obtidos, reflexões, conclusões, espero que se possa criar aqui algum debate e alguma conversa neste sentido (interrupção). A primeira questão se o curso tinha ou não correspondido à

primeira opção 57% sim, 43% não; e se ficaram satisfeitos com a escolha do curso 83% sim e 17 não. Tendo em conta estes dados alguém quer dizer alguma coisa?

D: Os 17 que não, porque não? Ou foi o resultado dos questionários?

R: Foi o resultado dos questionários.

F: Acho curioso não ser a primeira hipótese para muitas pessoas relativamente ao grau de satisfação. Acho curioso porque é uma diferença bastante grande.

R: O que achas que pode explicar isso? Essa satisfação?

F: Provavelmente porque este é um curso feito de paixão e acho que só acaba este curso quem realmente quer seguir esta área. Eu acho que uma pessoa que não se identifique nem sequer termina o curso, digo eu. Se calhar por isso, se calhar porque as pessoas entram não pela primeira opção mas depois começam a ver que realmente é um curso bastante interessante.

D: Destes entrevistados tens uma noção da percentagem ou do número de pessoas que eram de EIC ou de educação social?

R: Mais ou menos tentei fazer equilibrado. Tentei apanhar dum lado e do outro mais ou menos a mesma percentagem. Aqui há pessoas que entraram para educação e intervenção comunitária e para educação social sem ser a primeira opção. Das pessoas que estão aqui, destes casos não é? Qual é a vossa opinião? Porque é que acham que há satisfação apesar de não ser a primeira hipótese?

E: Eu, eu é assim, eu não sei quais foram as motivações das pessoas pra optarem por este curso como a primeira opção, agora muito provavelmente o que pode ter acontecido é que as pessoas ao descobrirem a ao conhecerem o que é que é isto da educação social acabaram por depois ir compreendendo e se calhar foram-se identificando à medida que as coisas foram correndo, que foram percebendo um bocadinho melhor o que é que é isto. Porque se calhar também há um bocado aquela conotação ainda com a educação social, a assistência social, não é? O serviço social se calhar há pessoas que partem ainda com essa ideia errada, pode ser por ai.

A: Eu sinceramente só posso falar por mim não é? Pelo que eu vivencio não é? E acho que este curso sobretudo…eu sempre tive uma ideia que é assim, este curso devia ser a

base dos cursos todos porque nos remete inclusivamente para os cursos de educação formal porque nos remete para uma introspeção, ou seja, para arrumarmos a casa porque nós não podemos ajudar os outros a arrumar a casa se não arrumarmos a nossa primeiro, se bem…eu tou a dizer isto porque comecei o curso com trinta anos e se calhar com uma visão diferente de quem começa a experimentar aos vinte, com toda a certeza! Casada e engravidei logo a seguir também, mas pronto (sorri). Eh pah pronto eu penso isto, sinceramente e acho que este trabalho também é duro não é? Nós olharmos para dentro e ou temos estaleca para arrumar a casa ou então desistimos. Muitas vezes a gente não gosta do que vê no espelho, eu penso que seja por ai.

E: Eu concordo, até porque acho que é... e hoje é dia a gente tem um bocado esta perceção…pelo menos as pessoas que são um bocadinho mais velhos temos um bocado esta perceção que é a diferença de mentalidades nesta geração de miúdos não é? Que têm tudo, de dezoito, dezanove, vinte anos e que entram para este curso pela primeira vez, seja ou não a primeira opção, se calhar não têm mentalidade ainda para conseguir encarar a realidade com os olhos com que nós encaramos.

A: Porque isto é uma área que requer muita disponibilidade e…

E: E não só.

A: E nós se não tivermos equilíbrio nunca vamos conseguir direcionar-nos não é?

E: E não só, e não só não é? Tem de haver uma insatisfação interna para nos motivar a procurar saber um bocadinho mais daquilo que andamos a fazer e daquilo que é, e daqui o que há à nossa volta de quem são as pessoas e como é que as pessoas também… e acho até que há aliás…acho que este curso devia ter um apontamento de psicologia um bocadinho mais acentuado. Nós lidamos com pessoas.

A: Ah sim, exatamente.

E: E as pessoas têm diferentes formas de estar, de agir, de se comportar, como nós próprios. Mas pronto lá está o nosso caminho feito se calhar se entrarmos aos trinta anos a nossa perceção das coisas, de nos próprios e dos outros é completamente diferente do que é aos vinte.

A: Não querendo dizer com isso que seja melhor ou pior

E: Não, não, não.

A: São estados diferentes.

E: Com certeza que sim.

F: Há aquelas também que têm um bocado aquela ingenuidade..

E: Que também é bom!

F: É bom porque se calhar vão mais motivamos. O mais velho se calhar começa a ter mais, já tem mais…nos é uma questão de…nós já temos mais reservas, já passámos por muitas coisas na vida, já vamos com mais moderação e se calhar os jovens já…

E: Eu diria que é mais ponderação.

F: Sim exatamente (Impercetível).

A: Eu aí desculpa, eu penso que aí isso não está errado, essa força não está errada… agora mestria está em tu preservares essa força, amadurece-la e não deixares de acreditar naquilo que és capaz porque nós sozinhos de certeza que não mudamos o mundo mas de certeza que conseguimos operar dentro de nós que tudo à volta vai funcionar não é? Porque isto, esta força não tem mal nenhum. Agora a gente não pode é deixar de sentir…porque acho que o grande mal da sociedade de hoje é as pessoas já não sabem como é que é sentir não é? Trabalhasse o quantitativo e o qualitativo não…trabalhasse em função do ter e não do ser. Tudo à nossa volta condiciona em função do ter não é? Por isso é importante, essa força tem de ser amadurecida e a gente aprender a preservá-la não é? Penso eu.

R: Como é que nós podemos fazer este amadurecimento nestes jovens que entram e que saem com vinte e um anos do curso?

A: Eh pah aí é assim, há uma condição que é a família, que a mim nisso também tive muita sorte. Eu uma vez perguntei, acho que foi no primeiro ano do curso, perguntei a uma convidada que nos apareceu como é que se fazia para eh pah ao fim ao cabo como é que se podia levar a cabo, atingir objetivos no terreno. Não é? Porque a gente podemos tar imbuídos de muito boa vontade mas depois não temos condições dos chefes e tudo, o que toda a orgânica impõe não é? Pode condicionar e bastante isso e a moça respondeu-me assim: vou-te responder, não há receitas. Portanto passa tudo pelo

mesmo, por um trabalho interno não é? Agora a família que é quem nos acompanha também tem peso nisso, sabes bem do que é que eu tou a falar (sorri).

D: Eu acho que…eu tava a pensar também porque que ainda em resposta à tua primeira pergunta, eu quando entrei, entrei em património cultural apesar de saber que eu desde menininha que o que eu queria era trabalhar com pessoas e não com monumentos ou outras coisas e eu entrei por desconhecimento porque nunca tinha ouvido falar do que é isso da educação e intervenção comunitária e na altura depois desisti do curso porque percebi que não era a minha vocação e ma amiga minha falou-me de EIC e eu entrei no curso sem perceber muito bem o que é que era isso. A única coisa que eu sabia é que era para trabalhar com pessoas…e então, eu acho que às vezes o próprio nome se calhar do curso, educação e intervenção comunitária e agora, educação social é um bocado vago e ou tu já tens alguma ou muita informação sobre o que é que é aquilo ou então escolhes outra apesar de não saberes muito bem o que é, apesar de tu saberes que aquilo pode ser a tua vocação inicial e se calhar isso pode ter sido um dos motivos para muita outra gente ter escolhido outra primeira opção, se calhar uma psicologia, ou uma sociologia ou um serviço social, qualquer coisa, assistente social, que seja mais direcionado mesmo para a profissão que queriam e não este que se calhar é tão vago, é tão abstrato.

B: Eu estava a pensar nisso porque eu entrei em 2007 e a minha primeira opção foi psicologia e não…exatamente por desconhecimento do que é que seria educação social. Por acaso foi a segunda opção e até tive oportunidade de falar com o professor Joca…no início do verão, antes quando nós estamos a preencher as candidaturas e fiquei um bocadinho elucidada do que é que era educação social mas senti realmente na altura falta de informação. Falta de informação para mim, e também nessa altura muita falta de informação para os meus pais não é? Porque…

F: É sim, isso é complicado (sorri)…

B: Entra-se com dezoito anos não é? E eles, pelo menos os meus "Ai e vais para onde? E qual é o curso? Não. Vai para enfermagem, vai para análises clinicas! Educação social então mas o que é que é? Ninguém…não oiço ninguém falar nisso" e eu senti muito isto.

F: Há um desconhecimento…

G: Eu não vou falar muito, prometo. É preciso ver que educação e intervenção comunitária é pioneira aqui no Algarve. Educação existe acerca de quê? Trinta anos em Portugal. Em Espanha é muito antiga já, portanto nós temos todos…basicamente todos os livros são de fora, são espanhóis porque eles começaram a desenvolver… depois mais tarde chamaram-lhe educação social mas eles começaram a desenvolver trabalho comunitário, de ajuda às pessoas, de entreajuda e quando eles começaram aqui eles tinham objetivos determinados para realmente a explicação do curso, saídas, isto e aquilo estava assim um bocado difuso. Hoje em dia está mais do que provado e quando eles decidiram mudar para educação social foi quando…por exemplo eu entrei enquanto interventora comunitária e a diretora da escola disse logo "eu não quero educador social na minha escola! Estou farto deles…".

R: Então porquê?

G: Por causa do aspeto da intervenção, é porque o educador social está muito ligado à figura do assistente social e do assistencialismo. Agora não está! Já houve uma evolução muito grande mas reparem eu terminei em 2005, eu venho desde 79 e trabalhar com a população mais negligente. Eu trabalhei com os toxicodependentes de rua mesmo a levantá-los do chão, tudo…portanto e na altura o que é que eu fazia? Voluntariado para ajudar uma ou outra pessoa que estava mal e que eu não conseguia perceber que estava mal e conseguimos, aliás a instituição a nível nacional e internacional é a que tem maiores resultados positivos, está entre os 80 e os 85% de sucesso. Mais nenhuma instituição tem esse sucesso de recuperação de toxicodependentes que agora já tem mais uma vertente nova que é a reinserção social e de um trabalho e tem tido realmente, e eu tenho sempre acompanhado até hoje ainda acompanho…talvez isso, era novo, mais nada.

F: E o facto de nós mudarmos o nome do curso, independentemente de acharem que é diferente ou não também foi um bocado um retrocesso, porquê? Porque nós tivemos muitos anos para impor a educação e intervenção comunitária no Algarve porque os primeiros que saíram do curso pois ninguém sabia o que era…eu lembro-me quando entrei no curso em 2002 ninguém sabia o que era isso e mesmo dentro de…os colegas aqui dentro da universidade e no final já reparava o contrário, as pessoas já sabiam o que é que era o educador comunitário e de repente o educador comunitário deixa de existir e começa a existir o educador social, ou seja, estes anos todos de trabalho foram

um bocado por água abaixo porque nós próprios, eu própria já não me vejo como educadora comunitária, já sou educadora social, já trabalho no sentido da educação social, mas nós no algarve tivemos muito retrocesso e a definição é por si difícil em qualquer zona do país e vê-se perfeitamente que é…não é possível definir numa frase o que é a educação social ou o educador social. É impossível porque depende do contexto de…

R: Trabalho.

F: Do trabalho. Por isso daí nós termos ainda uma dificuldade acrescida nesta região.

R: Vamos avançar. Dentro do curso, opinião acerca dos docentes. Relação próxima docente/aluno e disponibilidade dos docentes, isto como pontos positivos. Como pontos negativos poucos docentes adaptam o conhecimento ao terreno ao nível de prática e conflitos entre docentes do próprio curso, pouca exigência na avaliação. Quem é que tem alguma coisa a dizer sobre isto? Veem-se naquelas opções? Não se vêm? Qual é a vossa opinião?

F: Completamente (sorri) é isso mesmo.

G: Essa da avaliação, no meu tempo era bravo apanhar um catorze.

A: Pois quer dizer isso depende dos cenários porque há cenários aqui…

G: Apanhava-se dezasseis mas era bem suado portanto ali não sei, portanto… mas este inquérito lá está, este inquérito questionário é aplicado agora, certo?

R: Desde os mais antigos 2002, ou 2000, que são os primeiros licenciados até ao ano de 2010/2011 que foram os últimos, portanto os últimos dez, doze anos.

G: Eu quando entrei a média do curso era 14, ah para entrar e quando saí a média era 9,5 portanto aí pode-se ver assim o despique…foi o quê? Mas isto foi… aliás o que é que há poucos alunos no curso? Temos que manter? Porque isto depois por detrás dos cursos está muita daquela dos docentes do curso aquilo é o pão nosso e valha-nos Deus e que eles se entendam porque eu não tenho nada a ver com isso…

A: É aqui e é em todo o lado!

G: É em todo o lado sim.

A: Portanto isto é o mundo real não é? (sorri) Isto…

G: É a realidade, não tem como porquê. Por exemplo se nós fossemos pegar aqui com aquilo que se disse há bocado que é para eu mudar o mundo eu tenho de mudar o meu é uma máxima de Paulo Freire "eu não transformo ninguém se não me transformar a mim primeiro".

A: Exatamente.

G: Eu sou apaixonada por Paulo Freire… e os conflitos vão existir sempre, basta nós não concordarmos e sermos intransigentes levantamos um conflito aí na boa.

F: Mas não é só os conflitos entre docentes da turma, eu lembro-me que eu própria criei alguns conflitos com professores por não concordar porque muitas vezes a teoria que eles nos ensinavam não se aplicava à forma de ensino dos próprios professores. Eles ensinavam Paulo Freire e a horizontalidade patata patata mas depois a verticalidade mesmo acentuada na forma como eles se relacionavam connosco e eu própria cheguei… pronto eu também tenho um feitio assim meio esquisito e cheguei a criar conflitos por isso mas também esses conflitos também existiam porque havia uma relação próxima e também havia abertura, isto também temos que ver que noutros sítios os professores nem sequer metiam essa hipótese.

(interrupção)

R: Vêem-se em tudo e acham que no geral os educadores sociais formados também por esta instituição se vêm também naquelas opções? Acham que é uma coisa assim mesmo geral? Há alguém que não concorde com uma das opções que está ali?

G: Eu estou ali pouca exigência na avaliação porque realmente…

R: Sim já explicaste.

E: Os conflitos… por exemplo a pouca exigência na avaliação. Eu estou a recordar, eu tive alguns professores que eram contratados, que tinham outras profissões mas que vinham aqui dar umas horas ao curso, estou-me a lembrar por exemplo da introdução à economia e estou-me a lembrar por exemplo de saúde comunitária por exemplo… mas eram pessoas que pronto vinham cá, cumpriam a função delas não eram mais do que o

outro na relação com os alunos mas na questão da avaliaçao quais são os critérios? Eles não tinham (interrupção) os mesmos critérios evidentemente que se calhar um professor que é mesmo da casa terá ou então acaba por ter a ver com a própria postura que ele tem perante aquilo que está a fazer, sendo que é mais uma tarefa ou não.

F: Eu uma coisa a nível da avaliação que eu acho que reflete também o que dizes é um bocado os resultados serem tão homogéneos, serem tão iguais…no quarto ano, nós tivemos quarto ano e na tese de investigação as notas estavam todas no 16 e eu senti-me um bocado injustiçada por exemplo na defesa porque eu apanhei a Dra. Rosanna que é bastante exigente, é muito exigente, mesmo muito exigente…

A: Também eu…

F: Pronto e eu gostei daquilo mas tive a mesma nota que outra pessoa com um professor menos exigente e com um trabalho menos exigente que a defesa não foi, pronto não teve nada palpável e eu tinha a mesma nota que essas pessoas e senti-me um bocado injustiçada, ou seja, como se o outro para o 16 não tivesse de se esforçar muito, ou seja, quer dize quer se esforçasse muito ou pouco íamos ter o 16 à mesma, a nota ao fim ao cabo para mim não era relevante. Relevante era o que eu absorvia e aquilo que, que…

A: Repara uma coisa mas também a avaliação também tem parâmetros e também tem objetivos não é? agora resta saber se a gente atinge… para eles não é? se atingimos esses objetivos ou não, será? Percebes?

F: Sim mas nesse caso sabes que eram professores diferentes a fazer a mesma avaliação…

A: Pronto então nesse caso defenderíamos que fosse o mesmo júri para toda a gente então por exemplo, não é? Para harmonizar a coisa.

E: A pouca exigência na avaliação não tem somente que ver com a avaliação que o professor faz do aluno. Eu acho que deve ser primeiramente a exigência que o aluno faz de si próprio não é?

F: Sim, sim, sim, sim.

E: Esta resposta ou aquele tópico acho que tem de ser ambivalente, tem de ser analisado pelas duas perspetivas. Porque eu percebo aquilo que tás a dizer, porque se eu for

perfeccionista, exigente e muito critica comigo própria, evidentemente que eu vou exigir do outro, seja ele professor ou não, que me avalie aquilo de determinada forma e tenho de perguntar e tenho de saber porque é que fui avaliada daquela forma e não de outra. Agora a forma como os professores avaliam, eles têm os critérios definidos e também temos de saber perfeitamente que existem os tais objetivos a cumprir… pronto se nós…mas isso tem deser…

A: Exatamente…independentemente dos conteúdos.

E: Se nós queremos acusar os outros primeiro temos de estar prontos para batalhar por nós não é? E temos de saber porque é que foi assim.

R: Acham que a pouca exigência dos alunos atualmente, dos próprios alunos atualmente faz com que o professor fique também menos exigente enquanto docente?

F: Sim, sim.

E: Pode ser…é uma possibilidade mas…

B: Sim eu senti isso um pouco na minha turma e também me senti em relação à avaliação um pouco injustiçada em algumas disciplinas porque eu notava e quer dizer era comum, toda a gente sabia…nós falávamos uns com os outros não é? Havia pessoas que não estudavam nada e que não sabiam minimamente nada da matéria tinham a mesma nota do que eu e eu não compreendia porquê.

F: Cábulas... (sorri)

E: Lá está, é aquilo que aparece escrito e é sobre isso que o professor se calhar avalia.

D: Mas olha eu acho que o mais grave que eu senti quando fui professor do curso, já na fase da educação social e depois de ter sido aluna de educação e intervenção comunitária, o que eu senti é que aquelas três partes dos docentes adaptarem os conhecimentos ao terreno, os conflitos entre os docentes do curso e a pouca exigência na avaliação já era uma certeza dos alunos, ou seja, enquanto aluna eu não tive essa perceção. Os conflitos eu sabia que haviam alguns mas não pensei que eram tão graves ou por exemplo nunca senti que existissem conflitos com a direção ou que havia uma desarmonia, como senti quando fui docente e também nunca me passou pela cabeça que

havia pouca exigência na avaliação porque eu sabia que se não fizesse bem as coisas não tinha boa nota. Uma vez ia com uns alunos meus para Almancil, íamos no carro e elas iam lá a comentar entre elas a falar duma disciplina qualquer…ah das práticas e comentaram entre elas assim: "ah para as práticas não precisamos de fazer nada! Nunca chumbamos." Ou seja, naquele momento do curso, acho que foi em 2010 elas tinham perfeita noção no terceiro ano, ultimo ano do curso que só tinham de fazer um projetozinho que até podia nem ser muito bem aplicado e que nada de mal lhes ia acontecer, ou seja, resvalou, houve qualquer coisa ali que nestes anos todos do curso e já após educação social resvalou completamente.

A: Isso tem o sistema educativo todo (sorri).

D: O que para mim tem que ver com os docentes, com a direção do curso, com a globalização (sorri) que está a acontecer e com os próprios jovens e adultos e de estudantes que têm outro nível de maturidade, outra forma de se entregarem às coisas e que veem as coisas de outra forma do que nós víamos em educação e intervenção comunitária.

R: Essa questão dos conflitos entre os docentes num curso desta…da área social, ainda por cima que transparece para os alunos. O que é que vocês acham sobre isto?

F: É péssimo, é grave!

A: É grave mas é o que acontece todos os dias.

F: É grave porque…sim mas pera aí acontece todos os dias mas podia não acontecer, devia haver um esforço de todas as partes para melhorar, pelo menos no que vem cá para fora. Quer dizer, eu quando estava a tirar o curso que eu própria ficava a pensar: "então mas afinal quem é que tem razão? Este diz que é assim, o outro diz que é assado" e quase que se chamam parvos um ao outro…

D: Exatamente.

F: Mas afinal mas o que é isto, não é? Isto acontecia!

A: Isso é falta de respeito e falta de formação, falta de educação porque isto verifica-se em todo o lado. Se eu te disser que no meu serviço a direção é composta por x

elementos e nós percebemos perfeitamente que eles não se dão entre eles e que cada um dispara diretivas para seu lado (sorri) oh pah pronto ok.

F: Sim mas escuta…

A: Isto acontece em todo o lado!

F: Sim mas pera aí, acontece em todo o lado mas nós temos supostamente nós de ser os primeiros a conseguir superar esses conflitos não é? Quanto mais supostamente as pessoas que nos ensinam. Nós vamos para uma instituição… sabemos que isso acontece em todo o lado mas nós temos de ser os primeiros a tentar resolver não é? As pessoas podem ter opiniões diferentes, modos de ver as coisas diferentes e pontos de vista diferentes…

A: Tudo bem, mas…a gente aprende a sobreviver! A gente aprende a sobreviver…

D: O grave não é haver os conflitos nem eles se resolverem ou não, é quando esses conflitos são percecionados e sentidos pelos alunos (impercetível) quando a desunião do corpo docente se sente! Isso para mim é muito grave a nível do curso porque isso… a gente sabe que acontece, que isso acontece em qualquer contexto mas… reparem não há sítios perfeitos para trabalhar, não há colegas perfeitos, todos dizemos mal uns dos outros em qualquer ocasião. A questão é quando isso passa para as pessoas que tu estás a ensinar e quando eles sentem que um diz isto e que o outro na própria aula está a falar mal do que o outro disse e… isso já é grave, isso para mim já cria mesmo ao nível dos alunos um desacreditar…

A: Vai dar um reforço positivo naquilo que não interessa…

D: Exato.

E: Eu acho que e desculpem-me agora pegar outra vez na questão da exigência, da avaliação, até podia ser…mas se calhar a exigência na avaliação da entrada dos docentes fosse para este curso, fosse para o que fosse. Porque há uma questão que eu acho que é fundamental e que deve ser transversal em todas as profissões e que tem que ver com a formação de cada um, A não é? Tem a ver com cada um. A nossa conduta pessoal tem de ser reflexo daquilo que nós fazemos depois fora de portas com colegas (interrupção) e portanto se eu finjo ser uma coisa que não sou muito facilmente e muito rapidamente isso se vai transparecer. É na primeira oportunidade e eu estou descalça

porque afinal a minha natureza até é aquela e eu me revelo logo ali não é? Agora se as pessoas, ainda por cima neste curso que proclama de alguma forma um apelo à cidadania não é? Aos direitos e aos deveres das pessoas, ok então e porque é que depois há um comportamento que é completamente avesso àquilo que se tá a dizer, quando é que o discurso não bate certo com a prática? Isto é grave! Mas é neste curso, é em todos provavelmente, a gente já sabe que é assim.

R: Como é que isto podia ser controlado ou…

E: Olha isso tem a ver com aquilo que estavas a falar à bocadinho quando estavas a falar da questão, de resolver a questão de da postura dos alunos, o facto de serem mais novos e mais imaturos e não sei quê e não está nas nossas mãos. Está nas mãos das pessoas que estão a desempenhar esta função. Eu trabalho com uma equipa que nem de perto em de longe é unida, onde há muitos conflitos mas eu na frente de um adulto e na frente de um colega que eu não suporto apenas tolero que faça alguma coisa ou digo alguma coisa com a qual eu discordo eu não ponho o meu colega em cheque, quanto muito calo-me.

A: Isso é um principio ético.

E: Claro, quanto muito calo-me! Nas costas, quando estiver sozinha com ele posso partir até a mesa…quando estou eu e ele. Agora na frente do adulto, não posso. Eu própria já fiquei em cheque muitas vezes…pronto.

R: Por causa disso…

E: Portanto eu acho que isto são princípios e isto ou a gente já adquiriu ou então pronto vais sempre bater de frente, não vale…

R: Avançando… atividades que a licenciatura organiza. Importantes para a interação entre alunos, aluno/docente e aluno/mundo do trabalho; existência de vários dinamizadores para o curso, que o curso pode utilizar como o núcleo, o ISU, etc. depois a falta de participação dos alunos nas atividades existentes; não existem organizadas pela licenciatura e cada vez menos interação entre a universidade e as entidades empregadoras.

D: Mas agora há atividades (sorri).

R: As poucas que existem dinamizadas pelo núcleo e pelo ISU mesmo sendo as únicas que existem não têm participação. O curso não tem atividades.

(interrupção)

B: Em relação à falta de participação dos alunos nas atividades existentes…por exemplo em relação às atividades das práticas, mesmo dentro da turma nós não vamos às atividades uns dos outros.

R: Porquê esta falta de participação? O que é que vocês acham?

F: Desinteresse…

B: Eu acho que é desinteresse, desmotivação..

E: Eu acho que tens aqui a tua resposta.

R: Eu mandei o *mail* para 150pessoas…

E: Tens aqui a tua resposta. Cada um está no seu quintal, pronto.

D: Para mim há um espírito de curso que ou nunca houve, mas que eu acho que já houve mas que entretanto se perdeu. Eu lembro-me quando eu entrei, não só no núcleo que tinha sido criado recentemente, no ISU, mas havia a D'Agir que o Joca também tinha criado com um grupo de alunas e fazia sempre divulgação para a gente ser sócias e organizavam atividades; organizavam encontros de educadores sociais inclusive com a Espanha, com a universidade de Huelva… havia uma série de atividades que eu acho que eram organizadas e todos os anos havia pelo menos uma grande atividade que era organizada e que deixaram de existir e deixou de haver união, para já entre os diferentes anos do curso, a não ser as questões meramente académicas de ir beber uns copos e fazer umas praxes e umas coisas, tudo fora disso deixou de haver interação na minha opinião e depois deixou de haver também dentro da própria turma…porque por exemplo eu lembro-me que quando organizavam uma atividade anual para os estudantes do curso acho que era o terceiro ou o quarto ano que organizavam essa atividade, acho que era e isso unia a turma porque para além de todas as coisas que tinham de fazer de trabalho individuais e não sei quê tinham uma coisa em que estavam a lutar todos para o mesmo e isso deixou de haver. Então na minha opinião perdeu-se o espírito.

A: Eu acho que é como as crianças, a falta de desafio desorienta. Os miúdos que se portam mal, a maior parte deles tao a gritar "opa olhem para mim, deem-me regras, façam qualquer coisa" porque normalmente houve ali falhas de orientação e vamos recair na liderança. Tem que haver sempre liderança, se não houver um elemento que se preocupe e que se envolva e que consiga motivar as pessoas que estão em seu redor dificilmente as pessoas tero capacidade para se organizar sozinhas. Tem que haver sempre liderança.

F: A nossa turma, eu tive em duas turmas… A nossa turma era horrível nesse aspeto, era, era…

A: Aquele ultimo ano foi muito esquisito..

F: É porque dentro da turma era impossível. Nós tentámos organizar, no último ano tentámos organizar um encontro na lha de Tavira, até contactámos várias pessoas…

D: Houve um ano que tentaram…

F: Que tentamos porque nós na turma não nos entendíamos. Por acaso na turma anterior que eu tive era espetacular e por acaso ia um iam todos e…

A: Aquele último ano foi muito esquisito.

F: Mas as pessoas, é eu não sei, eu acho que é um bocado egoísmo, é um bocado: "o que é que eu vou ganhar com isto? Para que é que eu vou àquela reunião se aquilo não tem nada a ver pois a minha vidinha é a minha vidinha" ou seja "se aquilo me der um certificado para pôr no currículo se calhar vou e não vou porque tem interesse, eu vou para ter aquele coiso… para estar no currículo".

R: Quem é que podia ter um papel importante neste questão da liderança e do motivar os alunos?

D: A direção de curso talvez porque o Joca é que durante muitos anos portanto quanto criou o curso e enquanto andou a dar a voz ao curso ele foi uma pessoa super importante para transformar o curso naquilo que é o reconhecimento do curso numa…acontece que tu quando estás muito tempo a remar sozinho… e durante muito tempo.

F: Nos últimos anos na direção de curso ele desmotivou-se e desmotivou.

D: Porque ele estava cansado, ele foi falando comigo…eram burocracias, eram entraves, era também não haver…também há a questão e a verdade é que nós somos…as gerações do início do curso são diferentes das gerações mais recentes e isso tem que ver com a educação e tem que ver com o que são os teus princípios, as tuas preocupações. Então obviamente que tivemos uma população do curso a nível de alunos que foi mudando e pelo percurso natural das coisas se foi desmotivando, porque faz parte dos jovens de hoje e também depois também tínhamos uma direção de curso que se foi cansando de lutar sozinha contra a maré e tudo isso se juntou e depois juntou-se um processo de Bolonha e…

A: Eh pah a escolaridade obrigatória está até ao 12ºano, os professores do secundário quando começarem a ver o tipo de alunos que lhe vão aparecer pela frente vão-se começar a esgalinhar. Porque até ser o 9º ano eh pah as básicas levavam o quê? Na escola onde eu trabalho os miúdos não estão nem aí, aquilo não tem nada a ver com a natureza deles, mas o sistema e as respostas não têm ido ao encontro das necessidades deles. Agora em nome das taxas de alfabetização tem-se cometido verdadeiras atrocidades em nome da formação das pessoas. O que é que acontece? Os caminhos estão todos facilitados. Primeiros os planos eram feitos por objetivos, entretanto passa a ser competências: "eh pah não é capaz de fazer nada! Ah mas já foi capaz de abrir o livro", eu estou assim a exagerar mas é mais ou menos isto, estou a falar a nível de 1ºciclo que eu ainda tive num curso pronto de professores e ainda fiz o estágio mas não acabei e eu sei o que eu estou a dizer portanto nessa altura era por objetivos, entretanto passou-se para competências portanto e agora já vai em não sei o quê, eh pah tem havido…é porque nem deixam os professores ser professores. É claro se a profissão de professor (interrupção) se as coisas têm vindo a ser facilitadas, os professores quase que obrigados a passar os alunos, não se chumba um aluno do 1º do 1ºciclo, eh pah então mas se ele na sabe porque é que não pode ficar retido? Entretanto vai engalinhar a turma do 2ºano porque entretanto o professor já não pode ser professor só para os do 2ºano que realmente adquiriram competências para tar ali, já vai ter que tar a dar atenção ao do 1º portanto um professor tem de se dividir. Mais os miúdos coitados que têm necessidades educativas especiais que podem ter no máximo dois por turma e pah o professor que se desenrasque que entretanto os recursos humanos é aquilo que a gente sabe… eh pah eles chegam ao ensino superior…

F: É uma bola de neve.

A: Este arrastar não é? Este facilitismo …eh pha eu já estudei vários anos na minha vida e nunca tive as portas tão abertas como esta malta agora tem que nem uma porcaria duma pesquisa sabe fazer num livro.

R: Já passaram para o próximo tema que diz ali…

A: Isto é uma bola de neve.

F: Deixa-me só acrescentar uma coisa que eu acho que é importante. A direção de curso sim senhora que tem a sua responsabilidade mas se calhar nós educadores sociais também podemos ter um papel se calhar, nós já licenciados se calhar também começar a abrir uma porta para o contacto com estes alunos e os funcionários no terreno… nós melhor que ninguém, se calhar a troca de experiencias entre estas duas etapas é muito importante porque eles se calhar quando saem se calhar já têm uma perspetiva se calhar de aprender o máximo que possam e dar o melhor para absorver tudo o que possa porque quando sair se calhar vai-me fazer falta porque nós quando saímos nós não estamos preparados para nada, temos que nos atualizar sempre.

B: Mas também só um exemplo em que…

A: Ninguém está preparado.

F: É isso, a questão é essa, havendo mais contacto entre educadores sociais profissionais e alunos.

A: Aí é que está, nos momentos de estágios, de trabalhos e não sei quê acho que devia ser tudo mais sério e de lidarmos mesmo…e eu disse-te isso na altura, lidarmos mesmo, já haver protocolos já definidos, eh pah a malta dentro daquilo que gosta ter algum leque de escolha mas as pessoas, estar a acompanhar, mesmo fazer observação, até podemos nem intervir em coisa nenhuma mas acompanhar o desempenho porque aí víamos logo se gostávamos ou não, não é? Pronto é este tipo de vivências que também falta um bocado.

R: B querias dizer alguma coisa?

F: Era só um exemplo em que por acaso a coordenação do curso participou. Foi quando eu e três elementos da minha turma estávamos a fazer o programa de radio do curso "socializar por aí", só que já estávamos numa fase de pouca disponibilidade, estávamos

no 3ºano e quisemos passar a pasta para outras pessoas. Corremos as turmas todas do curso, de dia, de noite porque nessa altura já havia o curso de noite, o pós laboral…corremos tudo, chateávamos as pessoas até fora das aulas "mas e tens a certeza? Mas e nanana? Mas e? E já ouviste sequer o programa?" eles nem sequer ouviam o programa de radio…

F: Pensaram… contactaram alguns dos educadores sociais de fora? Se calhar havia alguém desempregado que gostaria de fazer alguma coisa.

B: Pois de fora contactávamos para ser entrevistados, agora dinamizar o programa pois.. não pensámos.

F: Pois é isso que eu estou a dizer, se calhar há educadores já formados a que podia interessar este tipo de atividades.

R: Vamos avançar. Acerca da formação recebida: Abre horizontes, depende de cada um o que fazer com ela, reestruturações no plano curricular ao longo destes anos, houve uma pessoa que deu a hipótese e achava que era interessante fazer um inquérito com o objetivo de identificar quais as unidades curriculares essenciais tendo em conta que isto também está sempre a alterar tinha de ser uma coisa dinâmica. Depois a Falta de rigor ou facilitismo que já se falou aqui, a formação ser insuficiente ou incompleta e a falta de contacto com as entidades empregadoras e componente prática…um bocadinho disto já foi aqui falado, não sei se alguém quer dizer alguma coisa mais específica…

F: Eu acho que nós no geral com as bases saímos, não sei se agora como são três anos, não sei se..

D: Com as bases eu acho que saímos.

F: Eu acho que sim. É a tal coisa nós podíamos estar aqui vinte anos a aprender, podíamos ir para o terreno e havia sempre de uma realidade que desconhecíamos não é? Porque as pessoas são diferentes…podemos aprender os idosos, isto e aquilo. Depois dentro dos idosos depois cada pessoa é uma pessoa e o nosso contexto de trabalho, a nossa atuação vai ter que variar consoante…

A: Isso é porque a sociedade está em constante transformação portanto não há receitas.

F: Temos de nos atualizar sempre e atuar consoante o contexto. Mas eu acho que as bases…nós aqui no Algarve sabemos por exemplo fazer um projeto como deve ser…não na parte, se calhar a parte financeira é um bocadinho deficiente mas nós sabemos fazer um projeto. Eu acho que sim, comparando com outros colegas nossos.

D: Eu acho que tás a ser muito otimista (sorri).

B: Eu também acho.

F: Não, eu estou a comparar (impercetível). Eu estou a falar da licenciatura de quatro anos, eu estou a dizer que eu não sei como é que está agora.

E: Eu vou dizer uma coisa, é um cliché mas nós saímos com aquilo que nós quisermos sair e quando saímos daqui, tal como quando tiramos a carta de condução não somos condutores experientes, estamos habilitados a aprender e a fazer e um curso universitário é exatamente a mesma coisa. Nós estamos habilitados a poder aprender a fazer a prática pois e a gente sabe que é a errar e a corrigir os erros que a gente aprende não é? E aqui não nos dão isso, isso é experiencia, é a tua vontade de ir para a frente que o vai fazer…claro que com conhecimento teórico, obviamente! Claro que com competências técnicas, obviamente! Mas fundamentalmente humanas e com um princípio orientador que tem de ser basilar em tudo, muita muita muita humildade porque vamos errar tanto e vamos cair tanto tanto, ui! E vamos aprender é com aquelas pessoas que supostamente saímos daqui para ir ajudar! Nós não vamos ajudar ninguém!

(impercetível) (sorri)

E: Não é? E é aí na vida real do dia a dia que a gente aprende, portanto…

A: Sim e termos muito cuidado com uma coisa que é perceber se estamos a lidar com as necessidades realmente da pessoa, se estamos a satisfazer uma necessidade nossa em ajudar porque eh pah é tão fácil, tão fácil e cair neste erro.

E: É, é.

F: Sim.

G: Tenho mais uma vez há uma máxima de Paulo Freire que "ninguém educa ninguém" e realmente há uma coisa fantástica que é uma pessoa humilde aprende tudo.

E: Claro!

G: Eu tive a grande vantagem de sair do terreno para aqui. Para mim foi delicioso o curso…

E: Porque trazia outra bagagem!

G: Porque eu trazia outra bagagem mas hoje eu digo que é de extrema importância a base teórica para a prática.

E: E é quando a gente começa a conhecer a base teórica que a gente chega à conclusão: afinal eu não sabia nada, ou sabia muito pouco. (impercetível)

G: É exatamente isso.

E: E vem logo a frase de Sócrates atrás (impercetível).

R: Continuando…Práticas curriculares! Importância da escolha do local e qual é o papel da direção, que este deve ter na atribuição dos locais para estagiar; a impotência da divulgação da licenciatura e do trabalho do educador e a tomada de consciência da necessidade que o educador tem numa instituição. Requer responsabilidade e autonomia; depois a falta de apoio por parte dos orientadores; pouco tempo de práticas; falta de empenho e motivação dos alunos, que também já se falou aqui um bocadinho e práticas menos boas que prejudicam a imagem da licenciatura e desta figura profissional e a consequente contratação.

F: Isso é como em tudo, não é? (sorri)

R: Então toda a gente concorda com isto?

F: Claro…

R: C queres dizer alguma coisa, estás a falar muito hoje…

C: Pois eu estou muito cansada

G: Eu já me dói os ouvidos (sorri).

F: Há bons profissionais e maus profissionais e…

C: Não, eu acho que fizeste um bom questionário, fizeste uma boa entrevista e os teus resultados são fantásticos e devem ser divulgados dentro da universidade e fora e sabe-se lá mais onde porque tem de se começar a mudar alguma coisa porque acho que o pior ainda está para vir e o pior é fora…que é nas instituições, é no terreno, é por aí porque eu acho que está…neste momento acho que está a passar uma má imagem dos educadores sociais…

F: Acha que agora está a dar uma má imagem?

C: Está. Eu tenho experiência disso e já fiquei prejudicada muitas vezes e bom sou da transição da educação intervenção comunitária para educação social e já vi pessoal e fazer muita asneira e infelizmente são esses que ficam lá em cima e são esses que se safam.

A: Aí filha mas isso é em todo o lado e lá vou eu mais uma vez (sorri) eh pah!

C: Eu sei que nós temos de ser resistentes e temos de tentar mudar e para dizer alguma coisa nós temos de começar a fazer…

A: E já…

C: Desde que não percamos a nossa dignidade e realmente há muita gente a…

A: Eu já passei por várias fases…

C: Isto não pode ficar assim.

R: E como é que isto podia ser resolvido?

C: Sim mas eu acho que nesta época de crise as pessoas começam a ser tão más mesmo umas para as outras, para os colegas que prejudica tudo. Prejudica a pessoa…prejudica a própria pessoa, o aluno, a imagem do curso, das pessoas que cá andaram, de tudo…estamos numa má fase.

D: Perguntaste como é que isto podia ser resolvido. Da mesma forma que passam as más práticas também passam as boas e eu enquanto profissional em qualquer instituição ou em qualquer sitio que seja nunca vou…ainda que faça erros e que fazem parte do processo natural de aprendizagem, mas vou-me sempre esforçar para que nunca digam que eu sou uma má profissional porque estou defender a minha imagem enquanto

profissional e enquanto pessoa e estou a defender a imagem do curso e duma série de pessoas que podem vir atrás de mim portanto…

E: Na instituição em que trabalhas.

D: Na instituição em que estou a trabalhar portanto acho que tanto fica quando passa um mau educador ou um mau profissional quando passa por uma instituição…tanto fica essa má imagem quanto pode ficar uma imagem dum educador que faça um trabalho decente e que seja uma pessoa humilde e que consiga cumprir os objetivos a que a instituição se propõe.

B: Mas é preciso que depois eles tenham essas duas experiências porque por exemplo eu em 2011 fui entregar currículos e tive quase para fazer lá estágio profissional nessa entidade mas em conversa a diretora disse-me que tinha ficado com uma péssima imagem do estágio curricular que houve lá.

F: Mas também há estágios…

G: Mas aí há sempre, sim, não…mas aí isto é uma questão de ousadia. Isto é uma questão de ousadia que vocês novos têm alguma insegurança mas têm que fazer: "Experimente-me!" Estás a ouvir B? "Dê-me oportunidade e eu vou mostrar que é diferente". Só que isto é uma ousadia mas tens um preço alto porque tu tens o compromisso de fazer a diferença. Eu não vou dizer que vou ser melhor que o outro mas eu vou dizer que vou fazer a diferença e às vezes a diferença dum professor ou de um educador social…para mim a base fundamental é mesmo a humildade, depois a outra é não abrir mão dos princípios éticos que tem. Não abre mão, eu pessoalmente não abro mão e depois…depois é assim, não é bem "eu vou ser a melhor" é "eu vou fazer a diferença!"

F: Eu vou fazer o meu melhor…

G: Nem é o meu melhor porque o meu melhor nunca é o melhor do outro.

F: Pois. O teu melhor.

G: É o teu melhor mas só tu é que sabes as tuas limitações, o outro…

F: E ousar também, para dar o melhor temos que ousar também… (impercetível).

G: Sim mas a ousadia não é falta de humildade, a ousadia é isso que vocês novos nas entrevistas que vão e tudo "dêem-me oportunidade!" e as pessoas ficam ali…

E: Às vezes numa entrevista com um currículo, pode estar uma pessoa com um excelente currículo e se calhar na entrevista…na entrevista às vezes uma resposta curta mas assertiva pode fazer a diferença completa.

B: A mim dava-me jeito era ao contrário (sorri).

R: Vamos avançar.

B: Olha mas discordava ali duma coisa… estava a tentar dizer (sorri) que acho que é bom partilhar que acho que é a falta de apoio por parte dos orientadores porque eu tive dois diferentes e nem dum nem de outro senti falta de apoio, pronto é uma boa experiência.

D: Eu acho que dos meus orientadores também não senti falta de apoio mas também sei que há orientadores que não apoiam muito.

F: Eu senti falta de apoio.

D: E sei que quando eu fui docente havia dois modelos de práticas diferentes. Havia o do professor que acompanhava o trabalho dos alunos e que ia observá-los no contexto da instituição e havia aquele que se limitava a ter uma reunião com elas de duas em duas semanas para…e conversas por *email* e não é a mesma coisa! E os alunos sentem isso e o resultado final obviamente que é muito diferente.

(interrupção)

R: Número de vezes que mudou de emprego desde que terminou a licenciatura.

F: Isto é dentro da área?

R: Dentro da área os profissionais que estão a trabalhar. Desde que terminou a licenciatura 47%. O que é que isto quer dizer?

B: Pois que a maior parte que entra fica.

F: Sim, consegue manter mas durante quanto tempo?

R: Desde que terminaram a licenciatura e arranjaram um emprego 47% não mudaram de local de trabalho.

B: Se calhar foi porque nunca tiveram oportunidade na área e…

R: Não. Dos que estão a trabalhar na área!

F: Dos que estão a trabalhar na área?

R: 47% ficou a trabalhar na área e nunca mudou de trabalho… (silêncio)

F: Dos que conseguem…às vezes, sim e é verdade a maior parte das pessoas que eu conheço que estão a trabalhar na área a maior parte está desde que…

R: Terminou o curso.

F: Sim. Agora com a conjuntura do país já está a ser diferente (impercetível) os sítios estão lotados e agora esta realidade vai mudar quase de certeza.

C: É doutras épocas.

F: Pois (sorri).

A: Estás mesmo triste.

B: Mas porquê? Estou curiosa, agora fiquei curiosa.

R: Porquê? Pois é um dado, foi do questionário.

F: Resta analisar esta questão não é?

C: Olha se tu fores fazer outra vez o questionário se tu perguntares esta pergunta já mudou (impercetível).

R: Eu depois fiz outra questão a seguir em que perguntava qual é o tipo de trabalho que desenvolvem? Se é no privado, se é no público e o ano em que começaram a trabalhar e aí é interessante ver que as pessoas que responderam 47% saíram no ano ali entre 2002, 2003, 2004 foi um ano em que houve o boom nas autarquias, em que houve o boom nos CNO's e aqui toda a gente foi contratada e mantem-se.

F: Pronto estou no lado dessas pessoas e por isso é que tou a dizer que aqueles 47% vão baixar, porquê? Porque os CNO's vão fechar, as autarquias estão a cortar e por isso este dado eu acredito que vá mudar, vamos ver. Porque foi nessa altura que saíram muitos projetos como tu estás a dizer, que foram aprovados muitos projetos…

R: Pode ser que surjam outras oportunidades entretanto. (sorriem) Dificuldades: Dificuldades económicas das entidades; mercado de trabalho saturado; desconhecimento do curso; má preparação; más experiências ou concursos viciados (fator C).

F: Aí os concursos viciados

A: Essa devia estar em primeiro.

F: Destaca-se.

A: Não, aquela devia estar em primeiro dos concursos viciados.

R: Estas foram as principais dificuldades que vocês apontaram. Depois as soluções para estas dificuldades: Criação da Ordem profissional; estágios profissionais; voluntariado e Formações complementares; maior divulgação principalmente ao nível do trabalho da universidade, do próprio reitor, a direção de curso, o papel que eles têm na divulgação do curso para fora; as boas práticas; a criação do próprio emprego, depois diversificar nas várias áreas de intervenção porque a área do educador social não é só nas IPSS's ou nos CNO's, pode ser…

E: É muito mais abrangente.

R: E manifestações e união de todos os profissionais. Disto o que é que vocês têm a dizer? Alguma coisa que não concordem?

F: Tenho a dizer que a maior provocação não é universitária, é nossa. Nós é que temos de fazer isso. Então o reitor é que tem de divulgar o nosso curso? Então se o interesse é nosso, nós é que temos de fazer não é? Temos de unir-nos a quem já está a fazer isso por exemplo a APES. A APES foi criada há seis meses e está a tentar criar uma união a nível nacional para divulgar a nossa profissão e nós é que temos de fazer isso! Não é a direção de curso! Não é…nós é que temos de fazer! Não podemos ficar à espera que sejam os outros a fazer por nós.

C: Pois a divulgação deve ser a nível dos estudantes, não?

F: Não, não é.

R: Também porque esta divulgação tem duas perspetivas. Tem a perspetiva da divulgação do curso quando as pessoas estão à procura dum curso para ingressar e saberem o que é que é e tem a perspetiva da divulgação para as entidades portanto…

E: Se calhar há aqui uma coisa que não é propriamente ao nível da divulgação mas é a ligação aos alunos … os diretores dos cursos pelo menos deste nosso a cada final de ano letivo, acho eu vão às escolas secundárias fazer reuniões com alunos e divulgar o curso…que ele existe, o que é que espera

R: Isso está a ser feito agora?

E: O ano passado foi feito

F: Até aquele dia aqui na universidade…como é que se chama?

E: O dia aberto…isso são alunos que vêm cá. A outra vertente também sei que já existe ou que existiu durante um ou dois anos.

F: Eu acho que sinceramente nós precisamos de mais profissionais (sorri).

R: Ali a questão da criação do próprio emprego no sentido de procurar outros sítios para intervir. O que é que vocês acham disso?

E: Sim, toda a gente concorda mas depois vais esbarrar sempre numa questão que é a questão financeira porque tu ficas sempre dependente de financiamento exterior.

A: De financiamento, é todo toda a ideia que tu tenhas tens de ter um investimento. (impercetível)

B: E só te dão o apoio depois da concretização da tua ideia. (impercetível)

E: Tens primeiro de demonstrar resultados para depois "sim senhor isto é credível" para depois.

F: Eu acho que os cursos devia começar a trabalhar a questão do empreendedorismo porque estas questões financeiras…ta bem que têm toda a razão mas nós também temos

de saber dar a volta e é isso que nós não sabemos (sorri) é que nós não sabemos como fazer isso. Se calhar tirando o curso nas áreas de economias e não sei quê, se calha criam o próprio emprego com mais facilidade do que nós, também têm mais experiencia do que nós.

E: É uma área diferente.

F: Exatamente mas por isso mesmo…

E: Ora tu sem dinheiro, sem condições, sem logística tu não fazes nada! Podes ter cem mil técnico não é? Cem mil educadores não é? mas se não tens…meios não fazes nada a não ser que faças só pelo amor à camisola.

F: Sim, mas eu acredito…mas faço, por acaso faço (sorri).

E: Tu fazes mas…

F: Sim mas não é disso que eu estou a falar, não é disso que eu estou a falar. Eu acho que nós temos…umas das falhas do nosso curso é a nível de empreendedorismo e a nível de questões económicas, nós somos um zero à esquerda, nós não temos "ai não temos financiamento?" mas também não sabemos onde ir busca-lo. É isso que eu estou a dizer.

E: Ah sim.

B: Do não saber onde ir buscá-lo eu acho que até estamos informados, não sei, eu falo por mim.

E: Mas tu estás mas se calhar o resto da tua turma não está, percebes? Devia fazer parte… por exemplo haver uma cadeira no curso nem que fosse no último ano…quando estavas ali a falar dos contos populares acho que era…devia haver uma cadeira no curso que acompanhasse o ano todo e que fosse por exemplo elaboração de projeto, por exemplo, ou uma coisa do género e que nem que fosse ficticiamente te ensinasse a fazer uma candidatura porque fazer uma candidatura não é fácil.

F: Pois exatamente.

A: E não só. Também houve uma coisa que eu te falei e te disse na altura, devia de haver um acompanhamento ou um aprofundar a nível de legislação.

E: Também, também.

A: Como nos mexermos eh pah numa escola, numa autarquia. O que é que envolve a burocracia, que passos dar para a pessoa poder levar à vante, "ok pedem-me este trabalho assim, assim. Como é que eu tenho de me mexer para chegar lá?"

F: Uma das questões mais comuns que nos colocam é: "o educador social pode ser diretor técnico?" Isto é o quê? É desconhecimento! É completamente desconhecimento da instituição. Basta leres e tá lá escarrapachado que é um técnico da área social mas vão à segurança social informar-se e lá dizem: "não, tem de ser um assistente social" e então pronto arrumamos as coisinhas e saímos, como tem que ser um assistente social (impercetível)

B: Também porque a lei é interpretada da maneira da pessoa que lê a lei, tanto eu posso dar uma interpretação como tu podes dar outra interpretação.

F: Não, não. Tá lá escrito técnico superior da área social

A: Um diretor técnico pressupõe alguém que seja formada naquela área.

F: Na área social. A área social pode ser um psicólogo, pode ser um sociólogo, pode ser qualquer pessoa.

A: Exatamente! Por exemplo num ginásio tens um diretor técnico que é licenciado em desporto.

B: Aí isso é mais especifico, agora a lei já me aconteceu eu ter uma interpretação daquilo e outra pessoa ter outra interpretação.

A: Sem dúvida.

F: Sim, sim, sim.

R Vamos continuar? Situação perante o trabalho e satisfação com a escolha do curso. Eu quando fiz o questionário optei por pôr o desempregado e o desempregado a exercer voluntariado para ver o que é que saia daqui. Aqui a nível desta questão temos muita percentagem com a escolha do curso que está a exercer o voluntariado, apesar de estar desempregado ou mesmo os próprios desempregados que pronto…podem ser desempregados que tenha acabado à

pouco tempo e que ainda não tenham (sorri) a frustração muito elevada. E das pessoas empregadas é onde existe mais insatisfação.

F: Empregadas na área?

R: Sim isto aqui é tudo na área. O questionário foi feito com base na área.

F: Então as que esta mais insatisfeitas são as que criaram o seu próprio emprego certo?

E: Pois provavelmente tem a ver com dificuldades que eles não contavam não é?

F: Há muitas?

R: Algumas. Não há muitas…

F: É que normalmente nós não conseguimos falar com essas pessoas, é bom saber que elas existem.

E: Elas andam ai (sorri).

F: Pois! (sorri) Não. Eu gostava de falar com pessoas que tivessem feito isso. É que normalmente…

R: Rendimento mensal: menos de 500euros 11%, entre 500 e1000, 45 e entre 1000 e 1500, 44%. Isto tinha mais…tinha entre 1500 e 2000 euros.

E: Eh lá…

R: Mas aí não havia ninguém.

A: Sim mas com os cortes que eles estão a fazer estás bem.

E: Aliás ali aqueles 44% hão de descer bastantes, vão descer todos mas ali naqueles.

F: Havia mais, há pessoas a ganha mais do que aquilo.

R: Mas dos que responderam…

F: Pois dos que responderam… nem tá mal.

R: Destes temos ali o setor em que exercem a atividade profissional. No privado 42%, ainda é a maioria, onde há mais gente. No público/privado 22% e no público. Depois relativamente ao rendimento por setor em que exerce a atividade, onde

recebem menos é no privado. Todos aqueles que nós vimos atrás estão no privado a trabalhar e onde recebem mais é no público. O que é que concluímos disto?

A: Hum (impercetível) esta conversa tem pano para mangas…

F: Ganhar mais não quer dizer que estejas mais satisfeita com..

E: Com aquilo que tas a fazer.

F: Tem a ver também com as tabelas salariais do público e do privado. O privado é menor portanto se não têm de pagar mais também não pagam. Acho que é tudo uma questão de tabelas salariais, não é mais nada.

E: Também acho que sim.

R: Querias dizer alguma coisa C? Sobre isto.

C: Não, quer dizer no que me toca a mim eu trabalhei dentro dos 1000 e 1500 porque era projetos e era aqueles valores que davam às pessoas no privado mas…

R: O facto de haver mais gente no provado do que no público. O que é que vocês acha disto?

C: Oh pah eu não sabia.

A: Que o Estado está-se pouco borrifando.

F: Porque normalmente são as IPSS's e isso que…

A: Temos os exemplos dos GAAF's que aquilo foi uma ganda gafe que (sorriem). Não, é que usaram os técnicos…eh pah é que é meme assim e eu só sei falar assim, usaram os técnicos de educação social para os abrir, fizeram o campinho todo, a papinha toda e agora vamos lá arranjar horário para os professores e espetá-los lá dentro. (impercetível)

R: Depois aqui ainda no rendimento apesar de…

A: (sorri) Oh pah como é que uma pessoa que… desculpa, como é que uma pessoa que…agora tenho quase o fígado na boca. Como é que uma pessoa que tem educação não é? A nível formal vai buscar informação não formal para saber lidar com aquelas realidades? Não sabe! Percebe é do contexto de sala de aula. Como é que os miúdos que

têm problemas chegar lá e "eh pah vou dar de caras com o professor que até o chateou a cabeça? Não vai la falar nada!

F: Não, é por causa daqueles professores que também da contabilização dos professores que estão no quadro das escolas, só têm…

R: Vamos continuar que estamos a fugir do tema (sorriem). A nível do rendimento as pessoas estão satisfeitas apesar de receberem pouco, isto pode estar relacionado de não trabalharem a pensar que vão receber muito ou de gostarem muito do que fazem não é? não sei se concordam com isto…

A: Pois.

R: Depois no geral tem diminuído, é o que toda a gente dos entrevistados diz. Sempre que perguntei se estavam satisfeitos a resposta foi: "comparando com o ordenado mínimo não está mal" (sorriem).

E: A discrepância também é grande.

R: Temos sempre tendência a (impercetível) ou somos pessimistas e vemos o pior ou somos otimistas e vemos "ah não somos os piores!".

F: Uma pessoa sabe que quando vem para este curso não é para ganhar dinheiro, se não é muito burro não é? A gente sabe que vem para educação social mas que não vamos ter muito dinheiro.

B: Há pessoas a área que ganham muito dinheiro! (impercetível) há pessoas que ganham muito dinheiro.

F: Sim mas tu quando tiras o curso não é: "vou para o curso porque vou ganhar muito dinheiro"

R: Mas também há muita gente sem curso que ganha muito mais, não é?

A: Há muitos a exercer as funções que eu exerço que estão na câmara e que ganham muito mais que eu que também tenho a tutela da câmara mas lá está a tal história dos escalões era diferentes e passámos do ministério da educação para a autarquia não é? e houve ali um ajuste, pronto somos assim meio transparentes, ok (sorri).

R: Depois há uma citação que diz:

A: E se calhar não têm metade da responsabilidade que eu tenho.

R: ***Eu não percebo porque que os trabalhadores do Estado, com a mesma formação, com o mesmo grau de habilitação têm uma carreira e têm uma remuneração e como é que nós nas IPSS que estamos a colaborar com o Estado através de Protocolos estabelecidos somos tão mal pagos e a tabela de remuneração é tão baixa. (…) Porque é que nós temos uma tabela salarial que é extremamente baixíssima comparando com os nossos colegas que trabalham no Estado? (…) devia-se criar uma única carreira de técnico superior e o vencimento era igual para todos, fosse público ou fosse privado. Isto é uma enorme discriminação que num país desenvolvido como o nosso não faz nenhum sentido, mais parece uma prática de um país de terceiro mundo.***

A: Isto é um país desenvolvido?

F: Eu concordo, concordo mas é assim antes disto também temos de…

A: Bem isto tem que haver uma Ordem não é?

F: Não. É a categoria profissional! Temos de definir a categoria profissional porque o educador social não existe.

A: Pois não! Nem tens uma Ordem nem tens nada.

R: E acham que isso resolvia os problemas?

B: Esperemos…

R: Ficava resolvido com a Ordem?

F: Ajudava mas neste momento com a conjuntura do país ninguém…não acredito porque nós é um passinho de cada vez, porque nós o que temos de fazer em primeiro lugar é afirmar a nossa profissão e depois da nossa profissão já estar…por exemplo os psicólogos, até há uns anos atrás ninguém sabia o que é que era um psicólogo e para que é que servia e eles agora têm um papel na sociedade e é isso que nós temos de fazer!

A: Mas atenção que eles agora saem e para entrarem na Ordem têm de fazer a formação da Ordem percebes?

F: Não é essa a questão, nós temos de…

B: Pois mas as Ordens servem muito para isso, tanto a de psicologia como a de diatética, como…

R: Pronto vamos avançar: Tipo de instituição em que trabalha. São aquelas as opções que coloquei no questionário. Na altura em que fiz o questionário não tinha muita noção das categorias que podia pôr e então pus um bocadinho a partir do senso comum, entre aspas e dentro de cada um…por exemplo o CNO pode estar dentro duma escola ou a biblioteca pode estar dentro da autarquia por isso isto não é muito certo mas foi o que fiz na altura e as coisas vão desenvolvendo e ainda bem que vão! Onde trabalham maioritariamente é nos agrupamentos de escolas e nas IPSS's. depois coloquei onde gostariam de trabalhar e a maioria gostaria de trabalhar numa IPSS. Qual é a explicação que vocês vêm para isto? Porque é que as pessoas nesta área gostavam de trabalhar numa IPSS? Porquê este direção para as IPSS's?

C: Porque se calhar cada instituição é autónoma e tem os seus objetivos e a sua missão não é?

A: Pela sua especificidade não é? Lidam com aquela realidade assim, a, b ou c…

R: Mas por exemplo as ONG's não tem muitas respostas…

C: É parecido mas…o pessoal não sabe o que é uma ONG.

F: Pois mas também não há muitas. Há mais IPSS do que ONG's…

R: Pode ter a ver também com o que o curso transmite.

F: Sim eu ouvi muito falar nisso, é, é fala-se muito nisso e não se fala…

R :Nas fundações ou nas ONG's ou nas associações.

F: Às vezes fala-se mas as associações a pessoa remete mais para o voluntariado. Apesar das IPSS's serem associações.

R: Depois aqui: importância do educador. Muita gente acha que é importante e eu pergunto-me porque que aqueles 9% acham que não é importante.

E: Como?

F: 9% das pessoas…pois se calhar.

R: Acham que o educador social não é importante.

F: Se calhar não perceberam a pergunta (impercetível).

R: Depois o porquê de ser importante. Temos aquelas hipóteses, a maioria diz que é pelas competências de intervir diretamente com a comunidade e pela versatilidade. E aqui versatilidade é dentro do trabalho fazerem ou terem capacidade para fazer várias coisas.

E: É a abrangência.

A: Polivalência?

R: Sim polivalência isso. Ah depois o sentido critico, a proximidade com os outros e a dinâmica também são questões que…e aqui entra aquela questão que nos difere dos outros profissionais sociais, como o psicólogo e os assistentes. São estas características que nos difere desses profissionais e dá importância às funções. Depois perguntei se na instituição em que trabalha, se as tarefas estão ou não relacionadas. Nesta questão surpreendeu-me ali a questão de as associações de desenvolvimento locais e regionais o trabalho não estar relacionado com o educador e na biblioteca também dizerem que não. Então depois perguntei individualmente em cada um o que é que faziam, que tarefas faziam. Não pus todas porque era muita coisa, pus só duas que achei que eram mais importantes. Pus esta que aqui estava em como não faziam e aparece que fazem a 100% por isso vê-se que as pessoas ou não pensam que isto são tarefas do educador e não sabem o que é tarefa do educador (impercetível) Fazem um trabalho e não têm consciência que isto é trabalho por isso…

F: O que não seria se estivessem a lavar o chão ou…

R: Pronto e aqui em relação aos CNO's pus porque 33% disse que fazia a função de docente num CNO. Eu não tenho muito conhecimento…

F: De docente?

R: Como se pode explicar?

F: Há docentes mas esses docentes são mesmo docentes.

R: Mas não têm a função docente. Têm a função de formador ou profissional de reconhecimento e validação de competências.

E: Têm a função de formador mas muitas vezes acabam por ensinar mesmo principalmente no nível básico acabam mesmo por ensinar.

R: E pode ter a ver com isso?

E: Mas isso era se tu tivesses a perguntar aos formadores que são professores. É que podias ter essa resposta. Agora aos educadores? Isso é que é muito estranho. Eu não me revejo nada nisso.

A: Isso está a embrulhar a educação formal com a não formal, absolutamente.

R: E é significativo, é 33%.

E: É bastante e isso é muito grave! Isso é mostra bem o funcionamento e ainda bem que eles vão fechar! É vergonhoso!

F: Eu acho que aqui é uma questão de interpretação porque devem ser formadores e mas são formadores e são professores…

E: Não, não são.

B: Mas ser formador é diferente de ser professor.

F: Há educadores sociais a dar formação, certo?

E: Há. Mas não a exercer função de profissional de RVC.

F: Sim mas não é isso que estou a dizer. Eu estou a dizer que se calhar estão a dar formação e então na cabeça das pessoas são docentes.

E: Então aí está completamente desfasado no tempo, no espaço, em tudo.

F: Mas eu tou a concordar com isso sim (sorri) é uma questão de…

E: Vão fechar? Ainda bem que fecham! Adiante…este é um assunto que me…

R: Grau de satisfação. Eu perguntei dentro de vários tópicos se estavam satisfeitos ou não com a situação. Aqui queria frisar a parte da evolução na carreira, que apesar de não existir ou de ser assim mínima há pessoas que estão totalmente satisfeitas com a progressão na carreira. Depois a questão da remuneração que mais de 50% está satisfeita apesar de ser aquela baixa que nós vimos e a questão da utilidade social que mais de 90% diz que tem utilidade e penso que isto é positivo tendo em conta que isto é trabalho social não é? Espanta-me os 7% que não têm opinião sobre o assunto, sobre a questão da utilidade social. (interrupção)

E: Oh isso dava pano para mangas.

R: Mas diz la queres dizer alguma coisa sobre isto?

E: Isto se calhar vai bater à conversa inicial que tem a ver com a questão das expetativas ou das motivações que as pessoas trazem quando vêm tirar o curso e depois quando entram na realidade não é? Quando saem da bolha, depois começam a perceber que afinal não se identificam nada com isto e depois se calhar aí claro, pois não podem ter opinião. Não podem! Ou então têm uma opinião completamente negativa e que vai contra…não é?

R: Contra muita coisa. Obstáculos da profissão, das pessoas que estão a trabalhar são os Cortes do Estado; maus profissionais; falta de reconhecimento da profissão; indefinição do trabalho/funções e tarefas que o educador pode desenvolver; muitos técnicos sociais; instabilidade e insegurança no trabalho; falta de motivação dos educadores…

E: É isso tudo. Muitos técnicos sociais pois o problema é não haver muitos educadores sociais.

F: A questão é que há tanta gente, técnicos sociais que há o serviço social, há a educação social, há a animação sociocultural e…

E: Sim eu sei onde é que se está a …

F: E ninguém sabe onde é que termina um e começa o outro…mesmo nós.

E: Até mesmo para nós, a nossa designação pode levar-nos a outro lado não é? Porque é ver a profissão, encarar o curso e encarar a profissão com aquisição meramente

tecnicista daquilo, de competências para desempenhar determinado papel e o problema é não haver muitos educadores sociais efetivamente.

R: E achas que se houver muitos e não houver a motivação para se fazer alguma coisa que isso vai ser a solução?

E: Mas é que isso vai bater à realidade pura e dura que é o dinheiro. Um técnico é prático, tem uma lógica, um *modus operandi* mais frio, mais é aquilo e pronto faz-se aquilo! Um educador questiona! Um educador incomoda, percebes? E…

A: Incomoda pois, eu incomodo as pessoas (sorriem).

E: Pois e normalmente tens de te mover em determinados espaços e tens de te envolver com determinadas camadas da população para poderes trabalhar onde não há muito dinheiro, onde não tens muitos meios e portanto aí se um técnico vai para esse espaço perde-se, não faz nada! E depois desmotiva-se.

(interrupção)

R: Falta de liberdade por parte das entidades, vida pessoal *versus* vida profissional (controlo de emoções) no sentido em que se tem de separar as coisas e resultados a longo prazo, toda a gente quer resultados a curto prazo.

F: Isso o controle das emoções também é uma coisa que nos falha bastante, principalmente…acho que as pessoas mais velhas já têm mais bagagem mas se calhar os mais jovens não têm e o educador não tem horário não é? Supostamente o teu trabalho é a tempo inteiro.

R: Mas aqui as pessoas estão todas satisfeitas com o horário de trabalho.

E: Eu estou, só faço sete horas. Tás a ver? Eu estou numa instituição que me paga para eu trabalhar sete horas por ser técnica, pronto eu não estou satisfeita com o que estou a fazer mas com o horário estou (impercetível) não é tudo mal, então?

R: Está quase. Características. Isto é o famoso gráfico das características. Três questões: independente porque aquela contradição entre o nada importante e o muito importante; manipulador 18% acha que é importante e autoritário 23% acha que é importante. Que querem dizer sobre isto?

E: Eu já não consigo pensar.

F: Eu acho interessante haver educadores que dizem que devemos ser manipuladores.

A: Provavelmente entenderam que manipulação é saber-se mexer.

E: Com certeza.

F: Sim. (Sorri)

E: A forma como tu…

F: Interpretas as palavras, é isso.

E: Não podemos levar pelo sentido pejorativo porque temos que ver todos nós somos manipuladores, todos nós! E temos de saber ser, se queremos sobreviver temos de saber ser…

B: E esta pergunta até me causou bastantes conflitos porque depois fui para casa a pensar nisto e até enviei um *email* (sorri) à Rute e tudo, exatamente porque é difícil responder a esta questão. Eu respondi que sim, que muitas vezes eu me sentia manipuladora. Porquê? Porque eu…não é que seja manipuladora ali na real "ah vais por aqui, estou-te a manipular".

F: Tas a tomar uma atitude já a pensar que tens de atingir determinados objetivos e que tens de contornar uma determinada forma para conseguires o que queres.

A: Uma pessoa manipuladora é uma pessoa calculista. Quando está a argumentar está a pensar no objetivo que quer concretizar.

B: Eu não sinto que seja, não sinto que seja calculista nem manipuladora ali.

E: Se encarares o termo de manipuladora pelo lado da negociação tu não estás a agir ade má fé, tu estás apenas a tentar manipular não a pessoa mas a situação no sentido que aquilo que é necessário que aconteça possa ter possibilidades de acontecer (sorri) desculpem a redundância.

B: Quando eu me sinto mais manipuladora é a dar formação. Porquê? Porque a formação é em contexto não formal…porquê? Porque eu ali estou a facilitar mas eu estou a facilitar porquê? Eu já sei para onde é que eu quero ir, eu estou a conduzir ali o

discurso. Faço perguntas provocatórias para te levara refletir sobre uma coisa, por exemplo estou-te a questionar solidariedade. Então não será egoísmo? Estou…percebes? Para quê? Para chegar a x e isto para mim é manipular ali a ação.

A: Mas isso faz parte da *performance* não é? Se tens uma..

F: Pois é a tal coisa, o que é que é a manipulação? Porque às vezes também a manipulação pode ser.

A: Eu aí vejo isso como uma orientação, estás a ter uma performance preparada não é? e tas a orientar não estás a manipular, não estas a inibir a outra pessoa de alguma coisa para fazer aquilo que tu queres.

B: Exato, eu acho que foi a interpretação da palavra. Por exemplo eu quando faço gestão do orçamento familiar com as pessoas, também é igual.

R: E autoritário.

E: 23% acham que é importante ser autoritário?

R: Eu depois perguntei nas entrevistas…

A: Ah pois…

F: É a tal coisa, é a liderança não e a autoridade (sorri).

R: O meu entrevistado 1 diz: "…quando entrei na escola apontaram-me logo o dedo a dizer "aquela pessoa que está ali é que vai andar com os animais às costas" neste caso ele foi trabalhar para uma turma de PIEF "e eu a primeira coisa que fiz foi "bom antes de tentar falar com eles vou ter de conseguir controlar o grupo de pessoas com quem eu não trabalho" por isso neste caso especifico a pessoa manipula os colegas de trabalho para poder trabalhar.

E: Teve de ser, pois é a questão da sobrevivência.

R: "Temos de saber manipular no sentido de saber levar as pessoas a encontrar aquilo que gostam de fazer, aquilo que podem fazer" é a questão que se falou há pouco.

Depois "Manipulador, ahhhhh está um bocadinho relacionado com o revolucionário, na minha interpretação, porque há várias, pode-se dar várias interpretações ao manipulador." E para o 19, "…manipulador respeitando as pessoas. Atenção com esse termo, é muito amplo, é muito heterogéneo, sempre no bom sentido da palavra e respeitando as pessoas."

E: Claro, pois é o que a gente estava a discutir.

F: Pois, a questão é ver realmente o que é que é manipular para cada educador.

R: O que é manipular… A minha questão aqui é mais profunda, é porque é que as pessoas quando viram esta questão viram que manipulador era uma palavra positiva.

F: Pois foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

R: Porque as pessoas quiseram arranjar, na minha perspetiva as pessoas quiseram arranjar uma explicação para manipulador ser bom, para fazer parte do perfil do educador. Quando a minha intenção não era esta.

E: Pois.

F: Também temos que ver se aquilo que a gente realmente quer é manipular…

R: Persuasivo, mediador, assertivo, orientador…

A: Para isso tínhamos de ser radicais não é?

E: Ou outros…

R: Há tantos termos…

F: É isso! É isso mesmo que nós pronto eu estou a fazer aquilo para que as pessoas façam consoante os meus interesses pessoais.

R: Relativamente ao autoritário: "Para mim isso faz-me lembrar a história dos líderes, o líder carismático, o líder autocrático … às vezes, não é mau… depende da fase em que o grupo com que estás a trabalhar está. (…) de vez em quando há grupos que precisam de ser mais orientados num determinado dia para conseguirem cumprir o trabalho e os objetivos desse dia e depois noutro dia logo se

verá."; "Esse termo pode ser perverso e constrangedor, cada caso é um caso e cada situação é uma situação. (…) sempre com o respeito pelo outro."; "Deve conseguir impor alguma autoridade, sim, porque tem de haver limites, para tudo na vida tem de haver limites. Autoritário jamais, então isso é a antítese do que tenho estado a dizer."

F: Pois, mas isso não é ser autoritário.

A: Eu acho que firmeza é mais ajustado porque uma pessoa pode ser doce e pode ser firme em simultâneo não é? Agora autoritarismo.

R: Ou impor respeito não quer dizer que seja autoritário.

B: Se calhar a assertividade…

F: Mas o autoritário é aquela pessoa que é intransigente que é: " eu acho que é assim ponto!" e vai tudo atrás porque é assim que eu quero!

E: Tu no fundo por exemplo tu há bocado estavas a referir a questão de não quereres o Dra. Antes do nome a não sei quê. Se tu tiveres a capacidade de impor alguma autoridade sobre aquilo que tu estas a fazer e sobre aquilo que estás a desempenhar as pessoas não te vão faltar ao respeito. A mim nunca me faltaram ao respeito e nunca me trataram, nem deixo também…

A: Exatamente mas depende dos contextos. Uma pessoa tem de sentir que pode fazer isso. Atenção!

E: Pois sim tudo bem mas eu trabalho com um público…eu desde 2005 sempre trabalhei com grupos heterogéneos, uns mais problemáticos que outros mas nunca senti necessidade de me impor (impercetível)

F: O Dr. acho que a importante não é para as pessoas com quem trabalhas é o grupo dos colegas e a chefia, é aí que faz a diferença.

E: Sim, sim.

R: Porquê o independente? Uns acharem que não é nada importante e outros acharem que é muito importante? Qual é a explicação que vocês vêm para isto?

F: É a interpretação.

E: A independência na forma como está acho que tem a ver com alguma liberdade para poder agir, para poder criar, para poder decidir…

F: Mas no entanto temos de trabalhar duma forma multidisciplinar.

E: Sim, ok! Mas mesmo dentro dessas limitações tu consegues alguma independência, desde que te deixem (sorri).

R: Então está relacionado aos contextos de trabalho em que estão…

E: Sim, sim.

A: Porque te garanto pode haver muita gente a trabalhar na área e não ter liberdade para fazer aquilo que entende e aquilo que quer e que ia corresponder à necessidade das pessoas.

R: Outras características que foram apontadas foram Autêntico, genuíno; Humilde; Paciente, perseverante; Criativo, empreendedor, inovador; Atualizado; Sentido de compromisso; Ética profissional; Revolucionário; Auto conhecimento e Auto motivação; Gestor emocional, pedagógico e de conflitos

E: Olha essa última desculpa, mas gestor emocional de quem? Eu não tirei nenhum curso de gestão, eu não tirei! E não tenho habilitações para gerir o que quer que seja! Eu giro mal e porcamente a minha vida (sorriem), tento de gerir o melhor que posso a minha atividade profissional…então mas eu vou gerir emocionalmente quem? Eu tenho de me gerir a mim própria, eu tenho de fazer e ter cuidado para que as minhas emoções não interfiram com o desempenho da minha função e vice-versa não é? Foi o que falamos há bocado, agora não é que um campo interfira noutro. Agora gerir emocionalmente o quê? Quem?

F: Se calhar de nós próprios sim

E: Gestor pedagógico?

F: Pois eu não percebo o que é que isso quer dizer, o gestor pedagógico…

E: Não, não... essa ultima discordo.

F: Gestor de conflitos concordo.

E: Mediador de conflitos, essa…

F: Não é gestor, é mediador, sim.

E: De resto não. Os outros para cima sim.

A: Olha eu não estou muito bem a ver o revolucionário.

E: O revolucionário pois também estou um bocado.

F: Eu acho que é mais o empreendedor, a questão da mudança.

E: A ousadia como se dizia não é? Se calhar mais no sentido de ser ousado, de ser atrever a fazer coisas, não ter…

F: Não cair no dever e (sorri) é mais no sentido de mudança, não da revolução.

A: Agente de mudança sim mas não com uma carga tão pesada.

F: Isto é engraçado como as palavras têm várias conotações e como cada…

E: Têm vários sentidos.

F: E como cada um interpreta. Aqui cada um de nós está a interpretar as palavras da sua forma e é difícil estar…

E: Claro e tem de estar de acordo com o teu próprio referencial.

F: Exato mas é difícil estar a analisar.

A: Agente de mudança, se nós se calhar pudéssemos transportar assim na época do renascimento, não é? (sorri) após a idade média (impercetível) depois das trevas não é? mas nesse sentido.

R: C queres dizer alguma coisa?

C: Não.

F: Mas estas características foram muito focadas? Foram as menos focadas?

R: Ah não. Estas aqui foram as dos questionários. Depois aqui são as das entrevistas. A seguir… perspetivas futuras: perguntei a relação sociedade/educador, as perspetivas dos educadores. "Eu acho que quanto pior

estiver a sociedade mais importante é o papel do educador social, o problema é que quanto pior está se calhar menos as pessoas acreditam no trabalho que o educador social pode fazer." ; "Olha eu penso muito na questão da renovação de valores, ou seja, de novas perspetivas dos valores pessoais das pessoas. Acho que até aqui as pessoas viviam, na minha opinião com os valores um bocadinho trocados não é?"; "Aquilo que a gente tem de acreditar e seguir é acreditar que vai ser possível fazermos alguma coisa com aquilo que nós somos, nós temos de lutar, porque nunca nada vai ser dado de bandeja, até a profissão se afirmar há ainda um longo caminho. Se vamos conseguir ou não? Pois não sei…" ; "…estamos numa sociedade atual muito complexa e eu acho que aí sim, quem quiser ser bom educador social está na onda. É como se diz "quando há crise, há oportunidades!" O que é que vocês acham em relação a estas afirmações?

C: Muito otimistas.

A: Pois com o furacão Sandy aquilo foi tudo deitado abaixo, agora há muitos postos de trabalho para reconstruir aquilo tudo, não é? Pronto (impercetível)

B: Mas isto é pensando na área da educação social…

E: Essa é uma perspetiva histórica, económica, cultural e não podemos rebatê-la de forma nenhuma porque de tudo para trás nós sabemos que os grandes polos cosmopolitas chegam precisamente dos pós-guerra. Agora "quando há crise há oportunidades", pois e teremos cá gente para agarrar essas oportunidades?

F: É assim, nós temos de começar a mudar a nossa forma de pensar, ponto final nós não temos dinheiro. Dantes era comprar tudo, comprar tudo não é? E agora as pessoas não conseguem comprar, vivemos numa economia baseada no consumismo. As pessoas não têm dinheiro, as lojas vão fechar, não vai haver… ou seja, nós temos duas opções: ou vamos na onda de "ah onde é que isto vai, onde é que isto vai parar?" ou então vamos tentar arranjar formas de resolver.

E: Vais voltar ao tempo dos teus avôs e dos teus pais.

F: Exato! Temos de aprender a viver de outra forma e nós educadores sociais, nós somos importantíssimos nisto, porque nós temos de tar na primeira linha na renovação dos valores. Se é inevitável que a nossa vida tem que mudar porque na controlar…

A: Esta crise tem um lado muito positivo que é…

F: Eu acho que sim!

A: É acordar as pessoas e levá-las a pensar o que é que andam aqui a fazer, o que é que estão…pronto ok, tanto consumismo para quê? Porque sempre foi induzido não é? portanto que é para fazer o dinheiro gerar não é? o dinheiro ao fim ao cabo virtual por isso é que há este debate todo não é? porque se ele existisse mesmo não estávamos como estamos. Sendo que esta ideia que as pessoas podem endividar-se eh pah isto não foi nada ingénuo, isto foi intencional.

E: Manipulado! Fomos todos manipulados, aqui sim a verdadeira aceção da palavra.

A: Pera, vou tentar ser breve. Agora, as pessoas estão-se a aperceber que foram induzidas "eh pah e afinal nem preciso de tantas coisas para viver todos os dias" por exemplo, na comida há montes de gente que já não fazia comida em casa. Eu saio todos os dias de casa, levo o almoço, levo o pequeno-almoço, o meu marido a mesma coisa, é professor e trabalha numa escola, pronto.

F: É isso mesmo que eu estou a dizer.

A: Avaria-se alguma coisa da escola ele leva as nossas ferramentas de casa e vai arranjar…eh pah eu sei que isto não é para toda a gente não é?

F: Será que nós na conseguimos viver de outra forma? Conseguimos.

A: Mas há maneiras de contornar as coisas não é? Há maneiras de nós estarmos e sermos de maneira diferente daquela que nos foi imposta.

E: Eh pah eu sou um bocadinho antiga já (sorriem) sim e quando estava a acabar a licenciatura, na apresentação, defesa da demografia eu lembro-me que um dos aspetos que a minha, nossa monografia focava era precisamente a implementação de um projeto, desenvolvimento de um projeto com os beneficiários do rendimento mínimo garantido, que era assim que se chamava na altura, e uma das componentes curriculares se quisermos chamar tinha a ver com algo que já existiu no sistema de ensino português e que era a gestão doméstica porque as pessoas não sabiam gerir e aí não eram os educadores que iriam fazer a dinamização dessas sessões. Tinha de haver alguém que fosse competente a esse nível que fosse passar esses conhecimentos às pessoas, mas

depois até de ter uma componente prática como de por exemplo ensinar como é que se faz uma boa sopa com pouco dinheiro, temos a praça ali ao pé, percebes? Utilizando as instalações do centro comunitário que existia e que tinha uma cantina grande e não sei quê e tava tudo pensado…claro. (impercetível) mas é assim, isto é uma coisa básica. Eu cresci com um exemplo e agora falo aqui com um aspeto particular, eu cresci com o exemplo de ver a minha mãe criar três filhos com muito pouco dinheiro por mês, com muito pouco tempo disponível e ela nunca deveu nada a ninguém. Nós não passámos fome…não tínhamos carne, não tínhamos isto e aquilo, eu não tinha aquelas coisas que os meus colegas podiam ter eh pah mas eu tava bem, era feliz.

A: Ora bem…

F: Aí é que tá, eu acho que aí que nós entramos, é fazer as pessoas acreditar que se calhar aquilo que têm é o suficiente

E: Pois mas é que tu não podes querer inverter uma lógica que se instalou e que perdurou durante muitos anos na vida das pessoas e de pessoas muito mais velhas do que tu, que vieram do nada, que não tinham que comer e que de repente passaram a viver numa burguesia e com um estado mental de euforia que é porque quero e posso querer porque me cedem créditos e eu não tenho que me preocupar, percebes?

A: E o dar aos filhos aquilo que não tiveram.

E: Exatamente. Estragaram, estragaram e tu não podes agora de repente querer mudar isto tudo.

F: Mas eu não estou a dizer que é de repente.

E: Eu não estou a dizer que é de repente, eu só estou a dizer tu porque estou a falar diretamente para ti. Isto é algo que esta crise e isto sim, aí concordo plenamente, esta crise está a ter um efeito devastador nas pessoas em termos psicológicos mas por outro lado há uma grande vantagem que as pessoas ainda não estão a conseguir ver que é começarem a perceber que ter menos é mais.

F: Exato.

A: As pessoas começam a falar, há outro espirito de solidariedade entre as pessoas. Começam-se a ouvir, começam a sentir.

E: Há ofícios que já não estavam a existir…os sapateiros, os costureiros e está tudo a aparecer.

(interrupção)

E: …Agora que eu acho que as pessoas têm de começar a baixar um bocadinho a fasquia e a fazer as coisas a nível local, isso acho. Só tenho pena de haver lojas de chineses com coisas tão boas e baratas e que eu não tenha de ir comprar por exemplo ao meu vizinho que é genuíno não é?

(interrupção)

R: Eu queria só focar aqui uma questão que nós falámos pouco. O voluntariado, palavra do dia. Os educadores encontram o voluntariado como uma das soluções para as dificuldades encontradas na procura e obtenção de emprego, no sentido da experiencia pronto de ganharem experiencia, de tarem ocupados, terem ligação com a área apesar de não estarem a trabalhar, etc. vocês concordam que aquilo está no sitio certo? É uma solução?

C: Hum...eu acho que punha nas duas. Há muita instituição que já se está a aproveitar da mão-de-obra do voluntariado, para tapar os buraquinhos estão os educadores sociais e os psicólogos e mais alguma coisa e isso está a falhar muito! Muito, muito! O voluntariado já está a ser banalizado. Estou a falar do voluntariado nas instituições.

F: Eu não sei como não está ali os estágios profissionais…

E: Está ali, é o segundo das soluções.

F: Ah!

E: Mas nós os profissionais… quanto a mim eu também acho que não é uma solução. É tapar o sol com a peneira e depois cria uma precariedade muito maior.

B: Exatamente e não visível porque…

E: No fundo acaba por acontecer o mesmo que acontece com os voluntários…

A: O estágio devia estar integrado no próprio curso!

E: Sim o estágio profissional deveria fazer parte do curso.

F: Mas seja integrado onde for o problema vai ser o mesmo, porquê? Eu criei a necessidade na Âncora porque eu fui a primeira educadora social, educadora comunitária e tinha de criar a necessidade para manter o meu emprego, foi o que me disseram até ao fim. Agora está a Neuza a sair da Âncora do estágio profissional, certo? O que é que aconteceu? Eu sai da Âncora em 2007. O que é que se passou na Âncora este tempo todo? A necessidade que eu criei está a ser colmatada com estágios profissionais.

E: Olha a Âncora até tem uma postura que até…vou-te explicar porque abriram um concurso ao qual eu concorri e nunca ninguém me respondeu e eu muito indignada mandei para lá dois *email*s porque o primeiro era para dar uma resposta ou sim ou não mas eu já sabia que a vaga tinha sido preenchida e por acaso era uma pessoa que tinha sido minha colega noutro sítio e nesse *email*, o primeiro que eu faço a reclamar a resposta não responderam e eu não contente mandei outro um bocadinho mais incisivo e depois aí lá responderam e aí já responderam aos dois porque eu no segundo já tive que dizer que não era aceitável que tendo aberto um concurso e tendo tornado esse concurso público que não respondessem…com certeza.

A: Eu candidatei-me a um concurso em S:Brás de Alportel à Junta de Freguesia e quando olhei para os resultados "não pode ser"

B: Pois era para alguém.

A: Pois e foi.

F: Pois é o fator C:

A: E eu disse: "olhe e quero falar com a presidente se faz favor" e ela "ah daqui a dez minutos pode ligar, a senhora vem e daqui a dez minutos ta de férias" e eu "ohoh já percebi onde é que tou".

B: Eu gostava de falar um bocadinho sobre o voluntariado. Eu acho que há muitas pessoas a fazer voluntariado sem consciência do que é que é o voluntariado e isto chateia-me um bocado porque vejo pessoas ocuparem postos de trabalho mesmo..

R: O voluntariado corresponde a mais de 1% do PIB em Portugal que é o equivalente a muito dinheiro e muitos postos de trabalho.

B: Mas temos de ser nós! Temos de ser nós. Temos de ter sentido crítico por exemplo aqui há tempos ligaram-me, uma entidade para a qual eu até estava inscrita para voluntariado e até tinha feito uma ação de voluntariado, para ir fazer voluntariado.

C: E o que é que disseste?

B: Eu disse que não (impercetível) telefonaram-me "tal B é para fazeres, tas disponível para fazer uma ação de voluntariado" e eu: "sim claro", "ah é para ires para o supermercado para embrulhar presentes" e eu "então mas os presentes são a favor de alguma associação? Vão ser doados a alguém?", "não, não. São pessoas normais, são clientes normais e embrulhar os presentes" e eu: "olha peço imensa desculpa mas não vou e podes riscar o meu nome daí como voluntária" e disse mesmo mas eu tive colegas minhas que foram!

(interrupção)

R: Não sei se querem dizer mais alguma coisa. A minha devolução está feita. Muito obrigada pela vossa colaboração e a vossa presença.

E: Eu queria dizer uma coisa. Eu gostei muito e estou muito entusiasmada com a tua dissertação, estou muito curiosa para ver tudo composto e que comeces a divulgar muito rapidamente estes resultados e a fazer aí *papers* e a ires a todo o lado e mais algum a divulgar isto tudo mas fundamentalmente que haja oportunidade para poder chegar à direção de curso, à direção desta escola e eventualmente até ao reitor.

(interrupção)

R: Como é que vocês vêm o facto de estarem cá sete pessoas? Eu mandei o *email* para 150 pessoas.

E: Olha eu acho que isto é altamente representativo em primeiro lugar do grau de responsabilidade pelo que as pessoas se regem, esta é a primeira. A segunda é o pouco interesse que as pessoas têm numa coisa que tem a ver consigo próprias mas pronto como é sempre, encaram sempre como isto é um objetivo que é dela, "isto é dela". É como a maioria da população portuguesa que andou estes anos todos para a política "ah eles é que tão lá, eles é que sabem"

R: Não se manifestam.

E: Tal e qual, portanto isto é altamente representativo da mentalidade que hoje temos cá. Eu acho…isto, esta fraca adesão que tiveste aqui tem de fazer parte forçosamente, eu não sei se nas conclusões, tem de estar nas conclusões e deve tar em mais sítios…não só nas conclusões mas também nos teus constrangimentos, nas tuas reflexões, em tudo, põe aí em vários sítios. Se fosse possível logo desde a introdução, eu começava logo a mencionar porque isto é…

(interrupção)

Fim do focus!

ANEXO X- Tabela das Categorias, Subcategorias e Inferências

Categoria	Subcategoria	Unidades de Contexto	Inferências
1.Ingresso na licenciatura de EIC/ES	1.1.Motivos de escolha da licenciatura de EIC/ES	"O que me levou a escolher este curso foi o facto de estar a estudar psicologia em Lisboa e de ter sido o curso que primeiro que tinha mais equivalências e segundo que tinha mais a ver com a minha área de escolha pessoal, tinha mais a ver comigo e como a área social sempre foi uma área em que gostei de trabalhar, embora tenha começado pela parte da psicologia depois quando interrompi essa licenciatura, quando vim para o Algarve foi aquela que tive mais possibilidades de continuar." [E1] "Não foi a primeira opção, foi a segunda opção, a primeira opção foi ciências da educação e da formação, isto porquê? Porque na altura que estava a fazer a candidatura e tinham-me explicado que eu era de cá e tinha de escolher um curso das gambelas e foi uma confusão e também não percebi, mas pronto a minha primeira escolha se pudesse pôr no papel seria intervenção comunitária que pus em segunda opção e que entrei e fiquei muito contente, agora porquê? Epá sei lá, na altura estava em humanidades e nós, falando assim um bocadinho da história eu lembro-me que tivemos um dia uma disciplina em humanidades, eu estava na Penha, já não me recordo bem… em que foi um grupo de educadores e interventores comunitários aqui desta escola fazer, penso eu que seriam as práticas e foram fazer atividades connosco ao longo de um período e gostei muito por acaso daquelas atividades e da maneira como eles estavam a agir connosco, portanto alunos de 12ºano e depois houve um momento em que eles nos explicaram a profissão que tinham ou	O principal motivo é o gosto pela área social As relações pessoais e o desenvolvimento junto das pessoas através do voluntariado ou outras atividades são fatores fundamentais para fomentar o "despertar" e o gosto pela área. Importância da família e da transmissão de valores (educativos e sociais) revelam-se muito importantes para a formação do individuo enquanto pessoa, o que vem influenciar os seus gostos, decisões, percurso pessoal e profissional.

		pelo menos que estavam a estudar e depois aí interessou-me…" [E2] "…desde pequenina que faço voluntariado, na família também fazem voluntariado, sempre fomos muito próximos a ajudar os outros, por acaso é. Se calhar também teve um bocadinho a ver com a minha formação religiosa, que desde pequenina que, pronto fui à missa, fui à catequese, fui catequista, fiz todos os passos que se faz na igreja católica e se calhar deve ter a ver com isso também, não sei, nunca pensei muito sobre esta minha escolha e este caminho…e também andei nos escutas, também tem a sua vertente solidária e próxima." [E2] "…foi mesmo a nível pessoal, pronto a área social sempre me disse alguma coisa e foi mais por aí, foi mais por razões pessoais e na altura também no 12º ano eu fazia voluntariado numa associação que é a "Acreditar" de crianças portadoras de cancro e também sensibilizou-me e despertou-me mais para essa área e então também foi uma das razões que me levou a optar pela área social." [E3] "…a minha ida para o curso foi assim um bocadinho engraçada porque eu fiquei 13 anos sem estudar. Eu só fiz o 11ºano e por acaso convidaram-me para dar aulas, na altura dava-se com o 11ºano e tinha mudado a legislação, só podia dar com o 12º e fui fazer o 12º assim à noite por acaso. Eu nunca fui uma aluna muito boa mas no 12º como era à noite e era casada, mãe de filhos já, comecei a ter notas excelentes e surpreendi-me… (…) e no final do ano na brincadeira fomos inscrever para as específicas e inscrevi-me nas específicas e tive melhores notas que andavam a estudar já há muitos anos. Na brincadeira com essa minha amiga também fomos inscrever para a universidade, ela foi para matemática e eu escolhi a área social porque sempre foi uma coisa que eu gostei muito (…) A	Nalguns casos pode estar relacionado com influências da formação religiosa (ajudar o outro, solidariedade). Para quem já trabalha na área social é uma ferramenta de trabalho, forma de trazer mais-valias, instrumentos, teoria que fundamentasse a prática. Muitos educadores revelam o desconhecimento do curso...de quem é a responsabilidade? Falta de informação? Mal distribuída? Não procuram? Motivações sociais, do contacto com os outros.

		minha primeira opção era ensino básico, só que nesse ano fechou porque aquilo de três em três anos fechava um ano e a minha primeira opção depois no concurso foi educação e intervenção comunitária." [E4] "Aqui no meu caso foi mais porque era na altura, era dos cursos que estava mais relacionado com a minha área de trabalho e aí foi um bocado também uma aposta na minha formação a nível superior para também adquirir mais conhecimentos e poder melhorar o desempenho a nível pronto do trabalho que desenvolvia já na In Loco." [E5] "…por um lado pensei que tivesse mais facilidade porque já estava ambientada com muitas temáticas porque ao longo do meu percurso sempre tive muitas formações em contexto de trabalho e pronto." [E5] "Pessoais basicamente, portanto gostava de duas áreas por um lado a área de economia, dos números por outro lado a área social, na altura tava indecisa mais depois pensei, bom seja o que for, mas primeira opção pus a área social pelo curso pelo trabalho com as pessoas mais a parte social em segundo opção a economia, havia seis na altura mas só pus essas duas opções, na altura só pus as duas. Entraria onde tivesse de ser, entrei na primeira e vim." [E6] "…eu por acaso no meu caso foi um acaso, foi uma sorte eu ter vindo para este curso, porquê? Foi a minha última opção. Eu queria ir para Psicologia, as minhas primeiras três escolhas foram para Psicologia e a última escolha foi para este curso, que na altura eu não tinha muito conhecimento sobre o curso, mas tinha algumas informações que era relacionado com serviço social e eu pus, mas	

		pus sem saber muito bem para onde é que ia. Entrei nessa e decidi que devia arriscar, mas até pensei que ia desistir, tanto que até informei os meus pais "Vou ver o que é, vou ver se gosto, mas provavelmente vou desistir, porque não é isto que eu quero." Mas realmente quando cheguei ao curso fiquei surpreendida, logo pelas primeiras abordagens e pelos professores e aos poucos fui-me motivando, pelo que não desisti e não estou arrependida." [E7] "Acho que foi mesmo uma questão de vocação porque eu estava num curso de ensino de informática e quando o curso abriu pedi transferência portanto foi mesmo por razões... Achar que me identificava mais com este tipo de trabalho propriamente que com os computadores onde estava." [E8] "…eu soube do curso através duma amiga minha (…) queria ir muito, muito ir para África, era a minha ideia assim de adolescente mas também sabia que precisava talvez de algumas bases porque queria ir para África mas não sabia bem o quê, nem fazer o quê (sorri) então essa minha amiga encontrou o curso e no curso lá numa pequena nota estava também que havia uma parte de possibilidade depois de cooperação para o desenvolvimento e ela "Olha vês? não sei o que, encontrei" e então vim por motivos pessoais mas influenciada por ela, no fundo." [E9] "Eu não perspetivava qualquer entrada a nível da universidade, pensava acabar o 12º ano e integrar-me profissionalmente (…) e foi mais por influência de um grande amigo que se prestou a todo aquele processo de candidatura e que fez grande força para que eu me fosse candidatar (…) foi dos primeiros cursos que nós falámos e ele me disse assim genericamente e eu para ser muito sincero nem	

		tinha muito ideia do que se tratava e foi a primeira opção e foi a que entrei (…) mesmo assim embora tenha entrado para mim não constituiu grande alegria na altura porque a minha perspetiva de vida era outra." [E10] "Olha para ser sincera, eu não conhecia o curso. Em 2003 quando eu entrei para a universidade não conhecia, queria ir para sociologia ou para serviço social, não conhecia este curso. Depois houve uma amiga minha que já era formada em sociologia e disse-me "epá há um curso muita giro na universidade do Algarve, tem a ver com o serviço social mas também tem a ver com a parte da animação, é um curso mais prático, tem uma vertente mais abrangente a nível de áreas de trabalho e de funções" e então eu depois concorri. " [E11] "Pois a escolha no curso na altura foi feita quando ainda estávamos aqui no secundário portanto eu estudei nesta escola, fui aqui aluna e basicamente teve a ver com o facto de me identificar muito pela área social e pelo trabalho na área social. Isso foi também influenciado um bocado pelo meu percurso de infância/adolescência, eu frequentei durante dez ou onze anos o escutismo e o escutismo tem sempre uma grande vertente de ajuda ao próximo e é muito ligado à questão dos valores, etc., e eu penso que na altura enquanto adolescente isso me influenciou um bocado a ficar cativada pela área do social quando entrei para a secundária tive de optar e saúde e ciências não era muito o meu forte, não me atraia muito e portanto no ensino básico fui para económico-social e dai fui sempre definindo. Identifiquei-me sempre bastante com a sociologia e tudo o que era mais ligado a esta nossa área profissional e foi isso que condicionou a escolha. Ou era isto ou era serviço social, o serviço social era em Lisboa e eu na altura não tinha condições para ir para	

		Lisboa e portanto eu quis educação comunitária, educação e intervenção comunitária." [E12] "É assim a escolha do curso de facto na altura não foi muito ponderada, eu vinha do secundário da área científico-natural, contudo comecei de alguma forma a sentir necessidade de aprofundar os conhecimentos na área social e então nessa altura, decidi de uma forma que ninguém contava porque de facto quem vem da área científico natural tem mais tendência a ir para farmácia, engenharias não é? Por aí fora e eu depois acabei por optar pela área social. De alguma forma acabou por me fazer confusão no início porque de facto é uma área muito relativa não é? E eu estava muito habituada à objetividade mas depois gostei e realmente acabou por ser mesmo esta parte, penso eu mais social e mais solidária que começou a despertar." [E13] "É assim, nessa altura em que concorri à universidade, ao ensino superior tive também um acontecimento na minha vida pessoal que condicionou um pouco a escolha da universidade que foi o facto de engravidar e portanto tinha de ser obrigatoriamente uma universidade cá em baixo no Algarve, não é? Porque de outra forma seria complicado gerir, e então dentro das opções que havia na universidade do Algarve acabei por optar por esta, portanto dentro da área social havia outras mas optei por esta." [E13] "Estava indecisa entre educação social e psicologia, gostava bastante de psicologia mas devido às condições de empregabilidade que na altura já era complicado, decidi vir falar com o diretor do curso de educação social também para perceber o que é que era o curso. Pronto e falei com o professor A e claro saí daqui convencidíssima que era isto que eu queria para a minha vida (sorri), enfim e pronto	

		as razões.” [E14] “Eu já vinha doutro curso de professores de 2ºciclo da variante de educação física e devido a problemas vá de condicionamento físico não foi possível dar essa continuidade, tinha sempre alternativa de optar pelo para o 1º, não é? Porque já tinha bastantes cadeiras feitas e nesse caso teria bastantes equivalências, mas uma vez que o meu marido é professor já seríamos dois sem saber para onde ficar, não? Então como uma pessoa… eu já 29 anos na altura 29, 30 já comecei a querer outro tipo de estabilidade logo não segui educação física e entretanto andei a ver os conteúdos dos cursos e este pareceu-me aquele que mais tinha a ver com a minha maneira de ser e com os meus objetivos de vida por assim dizer por aí fui.” [E15] “A 1º opção foi português inglês porque eu falo muito bem inglês (…) mas na entrevista do curso portanto o júri falou-me deste curso, eu falei com o meu marido e enquadrava-se na minha visão de trabalho de futuro…” [E16] “A primeira motivação que me fez voltar a estudar foi ver o meu trabalho social reconhecido por um canudo, por um pedaço de papel que eu não consegui emprego na área da educação social (…) tenho todo um *background* de experiência mas não tinha um papel, não tinha uma licenciatura…” [E16] “Ah penso que foi de alguma coisa eu sentia que tinha alguma vocação para trabalhar com pessoas. Comecei com os meus dezasseis, dezassete anos a fazer voluntariado numa instituição que apoiava toxicodependentes e tinha algum trabalho de rua e isso despertou em mim uma paixão para trabalhar com pessoas. “Na altura pronto os meus pais não tinham grandes possibilidades e eu vi	

		dentro dos cursos das áreas sociais da…o que é que eu podia concorrer. (…) Na altura não havia nenhum curso assim no Algarve nem mesmo psicologia que era outra área que eu gostava, então arrisquei e concorri…foi a minha primeira opção porque depois concorri em Santarém para um curso semelhante ao nosso agora não sei se existe ou não mas basicamente foi por isso." [E17] "Eu acho que não foi o curso que despertou para a área, foi a área que despertou para o curso (…) já estava despertada para a área e fui tirar o curso para me auxiliar nesta área e pronto." [E17] "Olha eu entrei em património cultural, em 2003, porque não sei, no 12º tive um professor de História e eu descobri que gostava de História e pensava que História ia ser a minha vida toda, depois quando entrei para o curso apercebi-me que não era nada do que eu queria e eu sempre tinha gostado muito, desde nova, era qualquer coisa, gostava de pessoas e de ouvir e dos problemas e não sei quê, então a Psicologia poderia ser um caminho só que lembro-me que quando entrei para Património Cultural houve a universidade aberta e viemos visitar as Gambelas e a Penha e lembro-me que uma amiga minha chegou ao pé de mim e entregou-me um folheto de Educação e Intervenção Comunitária e disse-me assim "Isto é o curso da tua vida, tem tudo a ver contigo", e eu nem sequer tinha ido a essa sala, porque estávamos divididos e fazíamos visitas diferentes eu não tinha passado por esse curso e devia ter passado, porque se tivesse passado eu tinha logo percebido. Pronto, ela entregou-me o folheto e eu pus aquilo de lado, nem liguei, queria Património, Património e entrei, não gostei e resolvi depois então no ano a seguir entrar para Educação e Intervenção Comunitária." [E18] "Escolhi intervenção porque sou uma pessoa muito ativa, muito	

		dinâmica, gosto muito da relação de ajuda, gosto muito do trabalhar "com", e como gosto muito de trabalhar "com" portanto estudei este curso. Tem tudo a ver com a minha maneira de ser, de agir, de estar na vida e também com a necessidade de trabalhar, de partilhar com os outros." [E19] "…sempre tive muito carinho, muita afetividade, muito respeito pela relação de trabalho com o outro (…) Quis que sempre que fosse desempenhar uma função profissional ou fosse intervir o fizesse com a melhor preparação técnica, científica e pedagógica possível." [E19] "…surgiu este curso novo, fui ver o currículo, falei com algumas pessoas, informei-me e como gostei do nome do curso e achei que correspondia às minhas expetativas! Eu achava que havia muitos trabalhadores sociais que estavam a trabalhar, preparados para trabalhar no gabinete e eu como gosto de trabalhar no terreno, gosto da intervenção prática, gosto de trabalhar não para os outros mas com os outros, então isto mexeu comigo e quis ir fazer este curso porque tinha tudo a ver com o que eu queria para a minha relação de trabalho e profissional." [E19] "...eu desde sempre acreditei que o futuro está na educação e inicialmente a minha ideia era enveredar pela educação básica e ser professora do 1ºciclo, porque achava que o futuro estava nas crianças e na educação. Não consegui entrar e à terceira tentativa entrei no curso de educação e intervenção comunitária..." [E20] "…foi basicamente o meu trabalho já normal de campo porque portanto nessa altura eu já estava a trabalhar e a trabalhar em áreas que necessitava de estar com a população e eu sempre tive a ideia de voltar a estudar e quando na altura decidi voltar a estudar vi o	

		currículo do curso vi que de facto era este e não era mais nenhum (sorri) tinha tudo a ver com o que eu fazia e portanto foi por isso que eu decidi educação e intervenção comunitária." [E21] "Quando a gente tem assim dezoito anos é tudo diferente e acabei por vir parar à administração local que era uma área que eu não conhecia de todo, não fazia sequer a mínima ideia e foi precisamente o curso de agentes de desenvolvimento que me deu a conhecer esta área e gostei, gostei realmente, eu tive belíssimos professores. Foi um curso que não foi dado em universidade mas que tinha um currículo e teve os melhores professores de todas as universidades do país que vinham portanto eram contratados e vinham a Faro para nos dar as aulas. Portanto eu tive professores da universidade do Porto, da universidade de Coimbra, da universidade Nova de Lisboa, do Técnico, portanto os professores eram escolhidos a dedo e essa formação de três anos na área de desenvolvimento local foi muito rica e foi também muito prática, ou seja, nós tínhamos uma teoria e logo tínhamos em seguida a prática das coisas. De facto foi muito bom e aí sim foi a minha base, foi através disso que eu comecei a ver que poderia ter interesse voltar a estudar numa área. Eu na altura consegui entrar em gestão noturno porque já estava a trabalhar e casada e pensei "bom vou estudar à noite" e fiz o 1º e o 2º ano de gestão noturno mas depois acabei por desistir porque "não! Isto não é mesmo o meu curso, não é a minha área". Eu só fui para aquele curso porque não havia mais…havia esse, eletricidade e engenharia civil (sorri) eram os três cursos na altura em que haviam à noite na universidade do Algarve, nada mais. E do que havia só acabei por ter esse mas pronto depois desisti, engravidei nesse 2º ano e então disse "ok agora o meu objetivo é ser mãe. Quando as crianças tiverem idade eu volto a estudar" porque nunca achei, pronto achei sempre que tinha de voltar. Quando os meus filhos me permitiram	

		alguma liberdade de horário não é? E de outra disponibilidade, aí nessa altura eu decidi escolher e aí fiz a opção de mesmo escolhendo educação e intervenção comunitária já portanto ainda perdi um ano, porquê? Porque na altura pensei que me podiam dar equivalências a disciplinas e à área e que me podiam matricular automaticamente, mas como eu era da área A tive de voltar para trás e ainda fui fazer português e sociologia para me poder candidatar à universidade, ou seja, voltei ao 12ºano (sorri) fui fazer essas duas disciplinas durante um ano e depois é que me candidatei, mas aí foi já de propósito escolhendo a área da intervenção comunitária." [E21]	
	1.2.Expetativas relativamente à licenciatura de EIC/ES	"Eram elevadas porque ao fim ao cabo tinha uma licenciatura quase terminada e estar a começar outra do princípio não foi assim muito fácil mas as expetativas obviamente foram elevadas." [E1] "… correspondeu às expetativas, se calhar certas partes do curso esperava um bocadinho mais delas…" [E1] "Expetativas tinham passado todas positivas, aquele grupo de jovens estudantes que tiveram lá quando andava no secundário. Para além disso tinha pesquisado algumas coisas, principalmente as saídas profissionais, o que me pareceu ser bastante vastas e quando pus lá a opção pensei que ia ter muitas saídas e muita escolha e quando entrei eu lembro-me que a primeira disciplina que tive foi com o professor B e logo aí ele passou uma boa imagem do curso sem dúvida, passou-a ao longo do curso todo e ainda continua a passar, o que me foi sempre mantendo uma imagem do curso boa." [E2] "…as minhas expetativas do curso foram boas, saí com elas bastante elevadas, a aconselhar o curso a várias pessoas para virem, para fazerem voluntariado, para mim o curso é excelente, foi excelente!" [E2]	Apesar de não corresponder à primeira opção as expetativas eram elevadas. Importância do trabalho por parte da licenciatura no que diz respeito à divulgação e à fomentação das expetativas junto dos alunos do secundário; porém será que este trabalho é feito? Verifica-se que nalguns casos se esperava um

		"Eh, eram elevadas, eu se calhar estava à espera de algo mais, mais concreto, mais prático, mais objetivo, sei que no 1º ano, que dúvida era geral, era um bocado "o que era o educador comunitário?" porque ninguém conhecia, ninguém sabia que curso era aquele, ninguém conhecia e então acho que as coisas estavam muito abstratas, pouco definidas, o facto também sermos só nós no Algarve a ter esse curso e não haver uma junção a nível nacional, depois mais tarde deu-se o CNES e depois mudou-se para educação social, foi mais nesse sentido, um bocado perdida "o que eu estou aqui a fazer?". Depois claro com a maturidade, o investigar e o passar do tempo as coisas foram-se orientando e foram ficando mais definidas…" [E3] "…as minhas expetativas corresponderam a 60%, 65." [E3] "Quando sai claro era tudo muito lindo "vou fazer do mundo um mundo cor-de-rosa" (…)"ok, vamos mudar a vida destas pessoas" e as coisas não são bem assim não é?" [E4] "Pronto as expetativas não eram assim, pronto não havia muito, pronto eu tinha muito conhecimento do que é que era o curso de educação e intervenção comunitária porque por um lado tinha muito contacto com o curso inclusivo fui algumas vezes à universidade falar do trabalho da associação In Loco como técnica, conhecia muitas pessoas portanto quer em termos do meu trabalho que também já passaram pela In Loco alguns educadores sociais e de educação intervenção comunitária, portanto tinha alguma relação de proximidade. Por outro lado, em título do meu trabalho de voluntária em várias associações e IPSS's e portanto também conhecia muitos educadores comunitários e então as expetativas pronto não fui	curso mais prático, mais concreto, mais objetivo. Mas será que um curso mais objetivo não ia ser prejudicial ou limitativo para um curso desta abrangência? É importante maturidade para se compreender. Esta maturidade consegue-se através das experiências que vão sendo vividas, da investigação que deve ser fomentada pelas várias cadeiras ao longo do curso. As pessoas ainda saem do curso a pensar que é tudo muito fácil de fazer e simples de conseguir, não é fomentada a questão das dificuldades e isso pode ser prejudicial para um trabalho e para conseguir lidar com as frustrações que aparecem.

		apanhar assim grandes surpresas não é? É óbvio que há sempre… a minha visão do curso em relação à maioria das pessoas que lá estavam era sempre um bocadinho diferente porque tinha lá trinta colegas fresquinhas, aliás tinha uma colega com dezassete anos não é? Portanto e depois tinha eu e mais um ou duas pessoas já com um *know how* de trabalho muito grande e depois a aplicação da teoria à prática nem sempre as coisas são assim tao próximas não é? E então tinha sempre uma visão mais crítica, como é óbvio não é? Com a minha experiência." [E5] "O que eu pensava e o que era o meu objetivo quando me inscrevi e depois vim, era vir a trabalhar com pessoas, poder ser útil no contexto social era a minha principal expetativa mas não sabia bem ao que vinha, também tinha 17, 18 anos acabado de fazer." [E6] "…eu pensava trabalhar com pessoas carenciadas do poder vir a ajudar e depois percebi que era mais que isso e que a realidade é diferente, que nós podemos intervir desde a infância até à idade adulta, passando pela terceira idade, então percebi que era muito mais abrangente do que aquilo que eu pensava." [E6] "Portanto as minhas expetativas eram que como era um curso único à partida no meu pensamento haveria mais possibilidades de inserção no mercado de trabalho, porquê? Porque o é curso é completamente diferente do tal serviço social que se conhece. Se por um lado isso era um risco, o facto das entidades empregadoras não o conhecerem, por outro lado com um bom conhecimento e uma boa educadora social, provavelmente conseguia influenciar a entidade patronal, explicando bem as suas funções e no meu caso foi isso que aconteceu e portanto estou muito contente com o curso que escolhi, as expetativas de encontrar trabalho e de ser uma mais-valia no	Quando as pessoas já estão a trabalhar na área e ingressam neste curso vivem-no de maneira diferente, têm uma postura mais crítica e têm perspetivas diferentes dos outros alnos. Por outro lado aproveitam melhor as aprendizagens e conseguem no momento ver se isto é ou não exequível na prática. Mais uma vez é referido o desconhecimento dos conteúdos e saídas profissionais do curso. Deve existir alguma lacuna ao nível da divulgação porque alguns licenciados não sabem bem ao que vieram. Um dos aspetos que os educadores afirmam

		terreno neste momento é o que está a acontecer.” [E7] “Apesar de achar que as minhas expetativas eram mais baixas do que dos meus colegas porque por natureza acho que sou uma pessoa muito terra-a-terra, pronto não tinha assim grandes, nunca crio grandes expetativas, as expetativas eram pronto sempre mais elevadas do que depois a realidade em si não é? Porque nós vamos por vocação no meu caso, e depois na realidade quando nos deparamos com as dificuldades acabamos por ver que as coisas são mais complicadas, mas penso que normalmente as expetativas são sempre altas e pensamos sempre que vamos conseguir mudar (…) o mundo e que queremos sempre, pronto trabalhar para conseguir fazer algo de bom e melhorar a sociedade e o mundo em que vivemos.” [E8] “…eu sempre trabalhei na área depois de ter acabado o curso e então as minhas expetativas nesse aspeto realizaram-se, não é? Que era trabalhar e trabalhar exatamente onde queria e poder até escolher entre várias oportunidades profissionais que me foram surgindo.” [E8] “Era sobretudo aprender bastante sobre o que é que poderia ser um trabalho a nível comunitário não é? E principalmente virado nessa vertente da cooperação para o desenvolvimento porque eu não tinha noção nenhuma do que era feito e de como e como é que se fazia portanto queria mesmo explorar essa parte.” [E9] “Tornou-se realidade (…) na medida em que através do curso conheci o ISU e portanto através do ISU sim conheci um bocadinho mais da cooperação para o desenvolvimento e tive a oportunidade de ter uma experiência fora.” [E9] “…não me sinto desiludida com o curso, de maneira alguma.” [E9]	como principal expetativa é a questão da empregabilidade. Relativamente à empregabilidade há alguns que correspondeu mas a outros que não. Isto pode estar relacionado com as alterações que se vao dando ao nível das ofertas de trabalho, com os *booms* que se deram tanto ao nível da contratação de educadores para as autarquias como a abertura de CNO’s e a necessidade de profissionais. Por outro lado, ocorreu uma saturação e desde há um tempo para cá já não se verifica tanta facilidade.

		"Não tinha grandes expetativas, não sabia muito honestamente o que é que o curso tratava. Achei que tinha um nome muito caricato na altura "educação e intervenção comunitária" que podia dar para tudo e mais alguma uma coisa que lá caberia e só mesmo à medida que eu fui frequentando as aulas, que fui dialogando com alguns professores, tive a oportunidade de conhecer alguns colegas que entretanto já estavam a frequentar o curso é que fui formando alguma ideia relativamente, porque eu fui mesmo às cegas." [E10] "Nós na altura começaram-nos a dizer e realmente batia certo com a realidade que era um curso que havia grande hipótese de integração no mercado de trabalho…" [E10] "…fomos criando alguma expetativa e até do gosto que fomos tendo das matérias que iam sendo trabalhadas que realmente era aquilo que nós perspetivávamos para o nosso futuro." [E10] "Eu acho que não tinham bem noção do que era. Sabia que podíamos trabalhar em instituições de solidariedade social, sabia que podia trabalhar em câmaras, em hospitais, mas toda a área envolvente de escolas e doutros tipos de organismo não tinha ideia." [E11] "Sim eu pensei sempre que quando acabasse o curso, que ao ser reconhecido o esforço e todos os trabalhos práticos que nós fizemos e tudo mais. E logo de início quando eu comecei à procura de emprego, as pessoas desvalorizavam um bocadinho, diziam "ah mas isto se fosse assistente social…para serviço social nós sabíamos o que é e assim não sabemos" mas depois é uma questão da pessoa começar a trabalhar e mostrar o que vale e os conhecimentos que adquirimos e depois vencer esse constrangimento." [E11]	

		"Ahh bom já passaram tantos anos e eu já não sei se me lembro muito bem do que é que eram as minhas expetativas iniciais mas eu sei que logo nos primeiros meses de curso o grande choque foi perceber que educação e intervenção comunitária era um pouco diferente de serviço social. Isso foi uma coisa que enquanto aluna nós aprendemos logo no início na turma que é serviço social de maneira geral tem um carater muito mais assistencialista e a educação e intervenção comunitária pelas práticas da altura identificavam-se mais com um carater de intervenção e de desenvolvimento, de mudança pronto e penso que as minhas expetativas também se ligaram a isso. Portanto eu fui a pensar que se calhar o curso era um pouco parecido com ou serviço social ou de política social e um dos primeiros choques foi perceber que não era bem a mesma coisa e às vezes enquanto aluna, talvez pela imaturidade até sentia que havia uma certa divergência, um certo choque entre os cursos de serviço social e os cursos de intervenção comunitária, de educação social e de animação sociocultural… havia ali uma certa tensão." [E12] "As vantagens que eu senti quando acabei é que as minhas expetativas tinham sido superadas porque considero que é um curso de banda larga e nós temos o professor A que continua a dizer isso e a defender o curso assim, e ele que não leve a mal mas é um curso que dá para trabalhar em muitas realidades diferentes e isso para nós realmente é uma vantagem tendo em conta o mercado, tendo em conta a crise, tendo em conta todas as dificuldades que encontramos. Mas acho que sim, acho que pondo de parte esse aspeto de perceber que era diferente ser assistente social e ser educador comunitário, naquela altura como eu encarava as coisas, de resto fiquei satisfeita com a licenciatura." [E12] "Na altura a ideia que eu tinha era que sim, que queria ajudar os	

		coitadinhos da sociedade, entre aspas…ideia de uma miúda de dezassete ou dezoito anos e depois com o tempo tu vais amadurecendo e vais ganhando uma perspetiva diferente das coisas." [E12] "É assim, as expetativas era realmente ficar capacitada para desempenhar um trabalho na área social não é? E no fundo também de alguma forma poder solucionar as problemáticas sociais não é? Que acabam sempre por nos atrair e comover também não é? A nível da pobreza, a nível da homossexualidade, a nível da SIDA, portanto tentar dar um pouco de mim em prol da sociedade e em prol da comunidade. É óbvio que nós também temos de ser um bocadinho realistas e começamos por um mais pequeno não é? E obviamente pensamos primeiro aquilo que podemos mudar na nossa comunidade mas depois além fronteiras também, não é? Pensar que realmente dentro da comunidade podemos mudar e passar da comunidade, extravasar da comunidade." [E13] "…determinados aspetos foram superados, outros também não posso dizer que não tenham sido frustrantes…" [E13] "…isso também pode ser lá está quando há pouco perguntavas das expetativas se calhar também poderei referir isso, voltando um bocadinho atrás, que é aquilo que eu tenho a ideia é que no curso, e por um lado também deve ser, pintam-nos um cenário muito utópico não é? Pelo menos eu senti isso, muito utópico, muito "nós vamos e temos de fazer assim e temos de fazer assado e vamos isto e vamos aquilo" e depois quando tu és integrado numa carreira de técnica superior de educação social, tu não podes mudar radicalmente não é?" [E13] "Olha de empregabilidade sinceramente assim que entrei no	

		primeiro ano ainda não pensava muito nisso. As minhas expetativas era mais a nível pessoal, fiquei com imensa curiosidades das disciplinas, do que é que seria o curso e depois ao longo do curso as minhas expetativas foram participar sempre no que houvesse e ir percebendo este mundo da educação social e foi ao longo do curso que me fui apercebendo." [E14] "…aquela noção muito ingénua e romântica da coisa "vou para educação social, vou ajudar" pronto muito romântica e ingénua (sorri)." [E14] "…ao longo do curso vamos ganhando várias expetativas…expetativas de que vamos mudar realidades, conseguimos cativar as pessoas, provocar a tal mudança que falamos tanto não é? e depois na realidade é muito complicado, muito complicado. E depois é sempre uma desmotivação atrás da outra, mas tens de ir encontrando sempre motivações para ir pronto continuando. Mas acho que essa…acho que a nossa profissão é um pouco ingrata porque é a tal coisa vamos…eu em termos de expetativas durante o curso criei sempre essa expetativa não é? Que vou conseguir fazer alguma coisa com este curso e que vou conseguir mudar a associação ou o território etc. donde esteja a trabalhar e a verdade é que é muito complicado (sorri)." [E14] "…é mais complicado perceber que não é assim tão fácil como nos disseram durante o curso…" [E14] "Bom, para já para começar a curiosidade não é? De ver, sempre se utilizava a expressão de banda larga em relação ao curso, não é? Curiosa para ver até que ponto poderíamos tocar tanta dimensão, não é? Que compõem os flagelos da sociedade, não é? Pronto mas correspondeu sim àquilo, à ideia que eu fui fazendo, não é? Que fui construindo e também a tomada de consciência da dificuldade de	

		saídas para o mercado de trabalho, não é?" [E15] "…não sou uma pessoa muito de ter perspetivas, tenho ideais e acima de tudo uma grande sede de aprendizagem e vim (…) com a expetativa de ter ou de estar com colegas mais novas claro e com professores tipo mentes brilhantes e efetivamente tive o privilégio de estar com alguns mas depressa essa protótipo de mentes brilhantes foi ultrapassado pela realidade da escola, da universidade em si." [E16] "…devido à guerra em Moçambique eu sou uma pessoa que aprendeu a viver dia-a-dia portanto a minha expetativa do dia era aprender, nunca fiz projetos do futuro." [E16] "Eu penso que foram boas, eu vi o curso como uma ferramenta para me ajudar a fazer aquilo que eu queria fazer não é? Não digo que sei lá como um canudo, como uma garantia que fosse realmente arranjar trabalho na área não é? Mas como pronto uma ferramenta de trabalho." [E17] "…eu acho que o que acontece muitas vezes é que nós olhamos para o curso como, às vezes como uma varinha mágica que vai abrir portas, não é? E não é isso. Acho que o que interessa às vezes é mais a pessoa do que o curso que a pessoa tem não é? Mais a forma de estar da pessoa, aquilo pelo que ela luta. Acho que não tive expetativas assim, não fracassaram." [E17] "Eu acho que não tinha, eu era muito pouco informada na altura e pouco interessada e as minhas expetativas era, não sei, para já tudo era novidade, a cena da Universidade, eu não sabia como é que ia funcionar, tinha esse professor de História que me tinha dado uma visão um bocado assustadora da Universidade que me dizia que na	

		Universidade não se fazia amigos e era um meio muito competitivo e acho que acabei por fazer amigos para a vida e, então, eu estava um bocado, em relação ao curso eu não tinha expetativas, não me lembro de ter pensado muito nisso. Tinha mais expetativas do que ia ser esta coisa da Universidade e o meio académico e como é que eu ia conseguir sobreviver aqui neste meio do que propriamente em relação ao curso. Estava um pouco "espero que desta vez acerte, porque senão o que é que vai ser da minha vida? (sorri)" [E18] "No 2ºano já criei algumas expetativas que tinham que ver com posso vir a trabalhar com pessoas e sobretudo trabalhar com pessoas de uma forma criativa, que era uma coisa que me dizia bastante." [E18] "Bom quando nós estamos a tirar o curso é tudo muito bonito, é verdade é a teoria não é? Depois quando sais cá para fora confrontas-te com pessoas que fazem coisas erradas e tu sabes que estão a fazer coisas erradas e como é que lidas com isso? E depois há situações que se calhar colocam em causa, será que agi bem? Será que agi mal? Será que agi bem dentro daquilo que eu acho que está correto? Eu acho que é, ao mesmo tempo é uma desilusão porque as coisas não são tão perfeitas (…) é uma descoberta e é uma descoberta assustadora, mas ao mesmo tempo interessante e não tem nada a ver a teoria com a prática, é isso o principal, têm um pouco a ver, são complementares, mas há muitas coisas na prática que são muito diferentes." [E18] "Bem, devo dizer que esperava também por parte da comunidade um maior reconhecimento do curso embora tenha havido algum. Porque de tudo o que me foi dito, de tudo o que eu li sobre intervenção comunitária, sobre como dizem muito *nostros hermanos, dessarrollo de la comunidad* (sorri) as expetativas eram que	

		houvesse um amplo mercado de trabalho seja através de projetos cofinanciados, seja através das autarquias, seja através das instituições de desenvolvimento local, que nos viessem dar uma oportunidade de trabalho e então criei uma grande expetativa sobretudo pelo perfil diferenciado do nosso curso no âmbito da perspetiva duma intervenção prática direta com os outros. Portanto de trabalho de *empowerment*, de um novo paradigma mais de intervenção e não tanto assistencialista, que era o que se verificava na altura e acho que essa foi uma das principais fundamentações que levou à formação deste curso, preparar técnicos para trabalhar em qualquer contexto de comunidades desfavorecidas." [E19] "...não tinha expetativas, propriamente formadas, porque não conhecia o curso, conhecia uma pessoa que estava a frequentar o curso que me falou e por aquilo que me disse gostei, agradou-me o que ouvi pelos conteúdos, pelas disciplinas, enfim e à medida que fui progredindo no curso as minhas expetativas foram crescendo e ao mesmo tempo algumas foram-se logo concretizando..." [E20] "...quando terminei o curso não houve nenhum desencantamento nem houve nenhuma desilusão, porque encarei sempre as coisas de forma muito realista, sempre soube que a educação não era a fórmula mágica que iria curar tudo..." [E20] "As minhas expetativas era ter aspetos práticos para o meu dia-a-dia porque eu já estava embrenhada completamente, digamos assim, na intervenção não é? Naquilo que é de facto o que tem de se fazer com uma comunidade e desenvolver projetos e trabalhar para um concelho, para uma comunidade e portanto eu fazia isso na câmara." [E21] "…fui com a expetativa que o curso me desse instrumentos para	

		melhorar a minha atuação enquanto técnica.” [E21]	
2.Perceções relativamente à licenciatura de EIC/ES	2.1. Plano de estudos	“…não foi por causa dela que as coisas não correram bem, foi sim por causa da área que ela esteve a lecionar, achei pouco interessante …” [E1] “…quando tirei o curso referi que achava que deveria haver mais abordagem jurídica, de leis e se calhar de um bocado de história europeia…” [E1] “…as disciplinas que nós tínhamos também variadas, muito direcionadas, concretas que dava trabalhar com os vários públicos-alvo, nós aprendíamos um bocadinho de todas as disciplinas…” [E2] “Bem sei que as disciplinas agora também já mudaram mas se calhar adequar mais as disciplinas à sociedade e aos problemas que vão surgindo porque eu acho que nós estamos a precisar de mais disciplinas relacionadas com a área social e a intervenção social, seja com carências, ou pelo menos disciplinas que favoreçam mais a proximidade a solidariedade com as pessoas, portanto dos técnicos com os públicos, que eu acho que falava um bocadinho isso se calhar, tanto no curso somo nos alunos, mas isso também varia com a personalidade das pessoas, não é? Mas se calhar sim, uma disciplina mais relacionada com a violência, com as comunidades…apesar de nós também irmos falando um bocadinho nisso não é? Em psicologia social nós falamos nisso mas se calhar um bocadinho mais concreta.” [E2] “…o plano de estudos atualmente, eu sei que sofreu algumas alterações, por exemplo nós nunca chegámos a ter saúde comunitária mas sei que em educação social já há, também não sei o que deram aí mas se calhar podia ser uma disciplina interessante, não sei o que	Têm sido feitas algumas reestruturações no plano curricular do curso. Algumas das cadeiras que foram retiradas não eram adequadas mas outras eram importantes. Quem tomou estas decisões e porquê? Com base em que aspetos? A realidade é dinâmica e a licenciatura deve tentar acompanhar as alterações e preparar-se constantemente para as novas necessidades da sociedade. Foi proposta a realização de um inquérito com vista à identificação das unidades curriculares

		falaram. Nós tivemos uma que era educação ambiental que foi uma disciplina que para mim foi fraca, foi desadequada, nós não aprendemos nada, se calhar uma ou outra disciplina substituirmos ou perguntar mesmo aos alunos o que eles acham…" [E2] "…noto que há uma grande carência de técnicos especializados e bons a lidar com públicos carenciados, com o público que tem problemas relacionados com pobreza, violência, sem abrigos, todas essas problemáticas." [E2] "…disciplinas que preparem mais o aluno e a pessoa para lidar com as pessoas, a sociedade, acho que sim." [E2] "…é uma das grandes lacunas no nosso curso, legislação e isso é uma das coisas que nós temos de estar sempre a par em termos por exemplo o nosso curso promove muito o empreendedorismo, a autonomia, em termos de candidatura, quadros comunitários, saber preencher um formulário, apresentar candidaturas, a parte financeira também é outra das lacunas …" [E3] "...jurídica (…) lembro-me que eu tive uma cadeira, acho que foi de educação de adultos no 2º ano, que falávamos na altura do PRODEC, mas foi muito pequeno, acho que havíamos de ter a noção de como fazer uma candidatura, de criar o nosso próprio emprego porque por um lado promove muito essa questão da autonomia e do empreendedorismo mas depois não nos dão as ferramentas necessárias para nós conseguirmos avançar, e já que nós temos possibilidades através dos quadros comunitários de criar, ter essa parte do financiamento, acho que deviam-nos dar mais ferramentas para nós conseguirmos desenvolver por aí." [E3] "…eu acho que devia ser feito logo no 1º ano um, qualquer coisa logo para nos dar o contato com a realidade, uma cadeira, uma disciplina que implicasse também trabalho de campo, bastava uma	mais importantes. A quem se podia fazer? Docentes? Alunos? Profissionais a trabalhar? Duma forma geral os educadores afirmam que o fundamental não é a cadeira em si mas a forma como o docente transmite os conhecimentos e o tipo de conhecimentos que transmite. A questão está no perfil do docente. Os docentes é que fazem as cadeiras. Os educadores afirmam que existem lacunas no curso a vários níveis nomeadamente legislação, expressão plástica, ética profissional, reclusos, deficientes, crianças em risco, sem-abrigo. Por outro lado, defendem a falta de cadeiras

		manhã por semana, qualquer coisa, isso depois também depende dos alunos…" [E3] "Outra coisa também, uma lacuna muito grande foi, que também acho que já está diferente foi em termos das opções, das cadeiras de opções no 1º ano tínhamos uma cadeira de opção que não era opção, era obrigatória. (…) Há tanta coisa que poderia, podia ser feita nesses sentidos, em termos práticos e tivemos foi uma cadeira de vídeo documental, aquilo não serviu para nada mas prontos." [E3] "…as opções não eram opções, eram obrigatórias porque só havia uma, pronto." [E4] "Por exemplo a expressão dramática era uma opção na altura, mas por exemplo havia uma disciplina do curso que tenho muita pena que tivesse sido retirada que era língua portuguesa. No entanto tive uma opção que era língua e cultura portuguesa que era horrorosa, aprendi a ver o significado dos quadros, sim senhor muito bem mas foi muito mau. A língua estrangeira, nós não tínhamos a opção de espanhol, vocês agora acho que já têm, era o francês ou o inglês e acabou, não havia informática. Depois é assim, havia cadeiras que o pessoal ia muito mal preparado para as cadeiras não é? Metodologias por exemplo a maior parte das pessoas ia muito mal preparadas para as metodologias…" [E4] "Tem algumas lacunas ao nível da animação. Eu acho que sim porque é muito giro, a parte teórica toda portanto é importante mas a parte prática da animação também é muito importante e a maior parte vezes os educadores vêm cá para fora e têm de se servir da sua experiência para poder depois atuar no terreno não é? A parte da animação com os jovens, com as famílias, com os idosos, aí tem de ser autodidata para aprender porque a nível de curso, pelo menos na minha altura não, não havia muito a parte prática da animação. Tive	relacionadas com a sociedade e as várias vertentes do mundo do trabalho (contextos profissionais). Penso que seria importante inovar e dar a possibilidade de os alunos optarem entre várias opções. Verifica-se muitas vezes uma opção "obrigatória". É essencial a dinâmica entre os outros cursos da universidade e a movimentação. Para que isto seja possível é importante que os alunos tenham autonomia, vão à procura dos seus gostos. Existem cadeiras mal aproveitadas como a educação de adultos (I e II), as cadeiras relacionadas com a animação. Penso que devia existir a preocupação de cadeiras mais práticas, ou de mais cadeiras opcionais por

		na área do desporto, não sei se vocês ainda têm essa cadeira se não, era património lúdico e animação desportiva, portanto eu tive ainda que foi muito bom, era uma cadeira muito prática e a parte da expressão dramática muito importante também, que eu tive como opção, essa foi opção." [E4] "…a nível de dinâmicas de grupo, a nível de práticas, se é para fazer um vitral, se é para fazer um portanto toda, a expressão plástica porque não é só a expressão dramática não é? A expressão plástica é muito importante também." [E4] "Tive direito (…) Foi muito bom apesar de haver sempre alterações em termos de leis…" [E4] "…somos um país em que somos maravilhosos em produzir a legislação e é uma coisa que no curso eu não tive contato e que tenho no meu dia-a-dia (…) qualquer trabalho hoje em dia e eu estou a pensar muito nos diretores técnicos de instituições que se calhar é onde se encontra uma boa parte do pessoal desta área e eles têm de lidar com uma panóplia de legislação diária que não é pêra doce, portanto se calhar devia de haver um bocadinho mais reforço na questão de ajuda à interpretação porque a legislação está sempre a alterar e o que a gente estuda agora amanhã já não é não é? Mas uma forma se calhar mais prática das pessoas aprenderem a interpretar a legislação e a saber decifrar o que é que lá está." [E5] "…por exemplo, a questão das autarquias. Como eu vim trabalhar para uma autarquia eu tinha pouco conhecimento de como funcionava uma autarquia e em que áreas numa autarquia é que um educador social se podia encaixar e quando eu passei aqui pelo processo de entrevista e as pessoas que me entrevistaram também ficaram na dúvida onde é que me haviam de encaixar (…) faz falta	semestre. Tendo em conta que o curso é apenas de três anos era importante uma maior mobilidade dentro do próprio curso, cada aluno podia escolher o seu percurso e isso era uma mais-valia.

		orientar um bocadinho o curso, porque realmente as autarquias são entidades que empregam muitos educadores sociais e nós não estamos preparados para inserir uma autarquia, do meu ponto de vista e com os conteúdos que eu tive." [E7] "…essa parte jurídica e de legislação ir sempre de acordo com os trabalhos que vamos realizando ao longo do curso, é bom ter esse conhecimento de trás, essa base, não só a prática e não só aquilo que a gente vê, mas essa base é muito importante também e no meu caso não foi muito abordado." [E7] "…na altura quando nós acabámos o curso, como já referi havia muitos projetos financiados pela União Europeia, se calhar se naquela altura constasse do currículo do curso uma cadeira que nos ensinasse a elaborar um projeto faria todo o sentido." [E8] "O facto de só termos mesmo a obrigação de termos de ir para a prática no segundo ano, na minha altura era assim, só mesmo no segundo ano é que tínhamos trabalho mais virados para a prática, claro que a própria pessoa podia escolher e optar por trabalhos mas no fundo não é? Acabava por ser um bocado teórico de mais às vezes." [E9] "…já não me recordo exatamente dos nomes porque já passaram cinco anos e eu já fiz coisas mais interessantes (sorri), mas sim a nível da economia eu lembro-me que não gostei nada e psicologia social, ah psicologia social era uma pedra autêntica na altura, agora não sei." [E9] "Algumas coisas que eu, pelo que eu percebi estão agora por exemplo a questão, não sei que cadeira é que era, mas a introdução do teatro do oprimido mesmo no currículo do curso, por exemplo. … a introdução do teatro do oprimido mesmo no currículo do curso,	

		por exemplo.” [E9] “Tudo o que seja de carater prático, às vezes menosprezamos questão da expressão plástica e com muitos públicos isso é uma forma excelente de trabalhar e chegar até eles, trabalhar outras questões, isso às vezes é um bocado menosprezado do nosso curso e acho que poderia ser uma mais-valia.” [E9] “Na minha altura eu acho que devíamos de ter tido um pouco mais de prática. Havia já algumas vertentes de prática mas poderíamos ter tido um pouco mais…houve algumas que nós vimos em termos de determinados contextos de trabalho não tinham aplicação, mas isso também tem muito a ver com as saídas que as pessoas procuram não é? De acordo com o que eu faço neste momento, se calhar algumas cadeiras que tive não me disseram muito, mas se calhar outros colegas meus que estão integrados em outro contexto de trabalho se calhar para eles dirão não é? Há aqui uma determinada subjetividade nesse aspeto. Eu de certa forma acabo sempre por aproveitar determinados aspetos que aprendi aqui ou ali, não posso por assim dizer que houve uma cadeira que aquilo não me disse nada ou que não aproveitei nada, acho que não chegaria a tanto.” [E10] “Gostei dos temas estudados, apesar de achar que algumas disciplinas podiam ser melhor exploradas, acho que por exemplo a psicologia social. Eu acho que havia muita coisa para explorar que depois mais tarde vim a saber de temas e algumas matérias que não foram nada, mas pronto isso é uma questão de adaptar.” [E11] “…deram-nos bases de investigação, deram-nos bases de educação social no geral, mas pequenas situações que nós sentimos no dia-a-dia no mundo do trabalho, não nos dão.” [E11] “…acho que deveria haver por exemplo uma cadeira que nos	

		explicasse por exemplo as várias vertentes do mundo do trabalho, por exemplo uma cadeira anual, de dois semestres, ou por exemplo um mês falássemos do que se faz num hospital, noutro mês falássemos o que se faz numa IPSS, noutro mês se falasse o que nós fazemos numa câmara…" [E11] "Acho que as disciplinas práticas a nível de visitas a instituições, convidar por exemplo colegas já formados para ir explicar o que fazem, a sua experiência profissional." [E11] "Nós tínhamos muito mais oportunidades de fazer trabalhos e os estágios que chamávamos práticas, do que se calhar outros cursos que só contactavam com o público-alvo no último ano de universidade e nós não…praticamente desde o primeiro ano tínhamos sempre muito trabalho de terreno, pelo menos a minha licenciatura foi muito programada com essa preocupação…isso também achei uma mais-valia." [E12] "…se calhar houve cadeiras que foram mal aproveitadas e agora com não sei quantos anos de distância e de maturidade profissional há certas lacunas que eu sinto e que penso "olha se calhar naquela cadeira em vez de termos feito aquilo que não trouxe nada de novo podíamos ter trabalhado este tipo de coisas". Que cadeiras é que eu achei que foram mal aproveitadas? Alguns seminários…que agora não sei como é que está a estrutura do curso mas que na altura também se chamavam assim. A cadeira de educação para a saúde não tirei dali grande coisa. Uma cadeira que nós tínhamos de como é que era aquilo? Era relacionado com geografia, não me lembro exatamente o nome, não me lembro o nome, foi uma cadeira para aí do terceiro ou do quarto ano e sei que a gente andou a dar coisas de geografia tipo o que é que era a restinga, o que é que era a ria, o que é que era a península, coisas que ali para mim não faziam muito	

		sentido e que quando refletia um bocado sobre o nome da disciplina achei que tava a ser mal trabalhada. Mais? Uma cadeira também que nós tivemos relacionada com economia, também andámos a fazer trabalhos sobre as várias instituições dentro da União Europeia, os vários órgãos dentro da União Europeia, também achei que não tirei grande coisa dali." [E12] "Olha eu já não me lembro se nós tivemos alguma coisa ao nível da ética profissional e da legislação laboral, que é uma disciplina ou uma área que agora alguns cursos trabalham, que eu acho que é muito pertinente." [E12] "…trabalhamos muitos aspetos relacionados com a educação de adultos, mas outras problemáticas não…" [E13] "…também não posso deixar de mencionar que é o incentivo que se faz para os estágios e para a prática desde muito cedo não é? Porque de facto também é um aspeto muito positivo nós por exemplo no nosso ano termos a possibilidade de fazermos estágios de observação no 2ºano e eu acho que isso realmente é um aspeto muito positivo, porque lá está permite-nos ter contato com as realidades e não estamos só agarrados à teoria não é?" [E13] "…acho que de facto e a nível do curso a única coisa que se calhar poderia apontar era que realmente começar a haver um investimento nessas matérias que possam ser mais…como é que eu hei de dizer? Que possam ser mais rigorosas de alguma forma não é? Que nos possam de alguma forma capacitar para provar por A mais B que realmente que deve ser feito assim, se bem que nesta área social eu sei que é difícil não é? (…) deve haver um trabalho que é árduo por si só, mas que deve haver no sentido de capacitar-nos de forma, a que realmente possamos ter instrumentos de trabalho mais adequados e que de alguma forma também nos possam dar alguma	

		segurança não é? [E13] “Eu acho que a nível do direito, eu acho que era importante haver uma cadeira de direito comunitário por exemplo ou até mesmo direito da família não é? Porque em termos sociais a família é a base não é? Da sociedade portanto que acho que fazia falta.” [E13] “Eu acho que realmente deveria haver direito comunitário, direito da família, direito da sociedade, sei lá, nem que fosse do código civil não é?” [E13] “...há muitas áreas do conhecimento que nós não atingimos e que não sabemos nada...” [E13] “…é bom termos um estágio observacional e um estágio prática não é? E muitos cursos não têm essa possibilidade, muitas licenciaturas. Contudo, pronto também acho que falta muita coisa (sorri) mas acho que isso havendo é uma mais-valia.” [E14] “Por exemplo criei o gabinete de apoio psicossocial na instituição onde estou a trabalhar e sinto imenso falta de formação nessa área e no curso notei que não nos foram dadas sequer bases para essa área…” [E14] [Reclusos] “…falta de formação para lidar com aquele tipo de pessoas, com aqueles comportamentos, com aquelas restrições que alguns tinham de não querer falar, de não querer participar nas atividades, de uma forma mais agressiva.” [E14] “Algumas cadeiras se calhar, algumas disciplinas por exemplo lembro-me que tivemos…aí como é que se chamava a disciplina? Artes Performativas? Pronto a professora era uma querida (sorri) mas realmente a disciplina não tinha muito conteúdo (sorri) eu lembro-me de cantar o Joãozinho e o balão pronto. Acho que poderia ser alterada, não sei se já foi, mas por outra disciplina que tivesse para nós mais interesse não é? Ou então coisas práticas por	

		exemplo se essa disciplina fosse direcionada para a construção de materiais, fazer com crianças, possíveis não é? Fazer com materiais ou brincadeiras…olha materiais para pessoas portadoras de deficiências, os invisuais, há montes de atividades com materiais manuais que se podem fazer e no curso não tivemos nada disso. Puderia-se substituir certas disciplinas." [E14] "Foi uma cadeira políticas bastante difícil mas aprendi imensa coisa…" [E14] "Desenvolvimento e participação também achei interessante, tivemos passagens de vídeos, de filmes. Também gostei das psicologias…" [E14] [Sociologias] "…acho que poderiam ser aproveitadas de forma diferente." [E14] "Lembro-me que em educação de adultos ouvia falar lá dos anos sessenta (sorri) pronto e aquilo repetia-se, mas em geral sim. Alguns tentavam sempre trazer exemplos de algumas coisas que estavam a acontecer, de iniciativas de associações, de exemplos de outros profissionais da nossa área que já estavam a trabalhar…" [E14] "O curso não dá respostas a tantas áreas que a educação social consegue intervir não é? E se calhar por aí poderia-se melhorar um pouco sim, se calhar nesse aspeto poderia haver uma disciplina onde se aborda-se as várias áreas onde o educador pode trabalhar e que trabalho é que pode fazer, se calhar não sei." [E14] "…houve muita diversidade mesmo, em várias disciplinas não só por um professor mas por vários, houve muita oferta mesmo desde ao nível do âmbito musical epá sei lá testemunho de pessoas epá que na altura estrangeiros…" [E15] "Eu acho que neste curso a lacuna que eu entendo que há lá é a parte jurídica, eu acho que nós devíamos estar preparados para saber furar	

		a lei, quer dizer não digo com isto (sorri) estudarmos para advogados, não é? Não estou a dizer, não é uma coisa tão profunda mas haver outro tipo de abordagem tanto à parte, porque é assim uma coisa é nós estudarmos e divagarmos e a nossa criatividade e a nossa expansão ocorrer dentro daquelas, daquela filosofia e daqueles conhecimentos, não é? Que é o curso, outra é aquilo que nós podemos aplicar e quando aplicar e eu acho que aí seria uma grande ajuda alguém ensinar-nos a orientar-nos como é que nós devemos mexer-nos a nível legislativo porque dada esta dificuldade que há de oferta de trabalho isto de ensinar-nos-ia a procurar os buracos da lei para podermos intervir, se é que me estou a fazer entender, não é?" [E15] "…determinado tipo de procedimentos a nível administrativo epá como nos dirigir a certas, a certas entidades e tudo isso, essa parte deveria ter sido mais explorada (…) Agora a maior parte das línguas penso que aí deveria ter sido mais tempo, se calhar se me ouvissem cortavam-me, não é? Mas quer fosse a Inglês, quer fosse a Espanhol deveria de ser mais tempo tanto que nós ao longo do curso temos *N* documentação de Francês, Espanhol, Inglês não é? Pronto isso acontece mas penso que deveria ter sido mais explorado porque aquilo foi tão vá aquela abordagem foi tão básica que no momento só fez foi perder tempo e deixar atrapalhado quem não estava seguro…" [E15] "…nós tínhamos muitas práticas, nós além do estágio tínhamos portanto ações práticas, ações pontuais práticas e isso foi bom porque se punha em prática o que se aprendia em sala de aula (…) ouvi aí de longe que uma das coisas que eles sentem é a falta da prática, talvez queiram repensar o inserir as práticas, a meio do semestre ter uma semana ou duas numa instituição…" [E16]	

		"…eu dispensava o espanhol na boa (…) incentivaria muito ao inglês porque a maior parte dos livros são inglês, se tu queres bons livros de ciências não só da educação, como da investigação, na área da investigação científica, são ingleses ou alemães…" [E16] "…a única fraquezazita aí era alargar o leque a uma população diferente pronto, aos deficientes sejam eles motores ou mentais ou trissómicos, qualquer tipo de diferença porque eu deparei-me com uma população que eu tive que estudar muito sobre a doença mental, fiz trabalhos sobre a doença mental e sobre a deficiência…" [E16] "…atualmente seria muito bom um aluno saber mexer com muita coisa no computador, não só o SPSS, que é aquele famoso de tratamento de dados e de outros dados de coiso, mas como também saber fazer filmes, saber lidar com a sociedade de informação porque há muito mais para além do PowerPoint." [E16] "…nós estudámos só Paulo Freire, Paulo Freiro, Paulo Freire e entanto haviam outras abordagem e outras teorias que estavam ali muito pouco exploradas. (…) percebemos que no fundo podíamos ter sido melhores, podíamos ter estudado outras correntes e não ficar tão limitados a uma coisa." [E17] "Há disciplinas que eu acho que a ideia até teria sido boa mas depois na prática foram más. Eu lembro-me no1º anos de economia que não serviu absolutamente para nada que era introdução à economia, eu não sei se ainda existe. No ultimo ano nós apanhámos o mesmo professor em economia aplicada à gestão de projetos mas como a turma era assim um pouco reivindicativa (sorri) logo na primeira aula dissemos ao professor "ou o professor muda a sua forma de dar aulas ou então isto assim não vai a lado nenhum porque nós não aprendemos nada no 1ºano!" (…) e neste último ano ele esforçou-se por aplicar a economia mesmo à educação e intervenção	

		comunitária, ou seja, ensinou-nos a trabalhar com orçamentos que era uma coisa que nós precisávamos não é? Para fazer um projeto e então foi muito mais interessante (…) lembro-me também de património no 1ºano poderia ter sido uma coisa interessante e foi uma tremenda seca, muito teórico e pouco de vermos o património e de aprendermos. Sei que houve uma disciplina que nós não tivemos que acho que agora existe que é a saúde comunitária, que eu penso que é muito interessante. Penso que também era necessário alguma coisa na área da família que também não se aborda muito." [E17] "No 1º ano é um bocado mais teórico, tens as Psicologias e as Sociologias e aquelas coisas e dá para criar uma noção do curso, também fizemos alguns trabalhos de ir à rua e falar com algumas pessoas. Depois acho que a partir do 2ºano é que comecei a perceber como funcionava e comecei a perceber o que é que podia fazer porque tivemos a animação comunitária e coisas mais direcionadas, a educação de adultos e esse tipo de coisas que já entram mais na linha do curso e esse tipo de coisas que eram coisas mais interessantes e que tinham a ver comigo. Nesse 2ºano já pude fazer trabalhos que eram tipo mini estudos que nós fazíamos e eram umas pequenas investigações…" [E18] "E depois acho que em termos das práticas em si, em como fazer um projeto, concretizar um projeto também foi bastante interessante e o melhor foi mesmo o 4ºano que foi o que se perdeu agora com a educação social (…) a investigação ajuda um bocado a amadurecer e a consolidar as coisas e então para mim essa foi uma das coisas que mais gostei…" [E18] "Havia disciplinas que acho que não tinham muito, não é que não tivessem a ver com o curso, elas tinham no nome, o título da u. c. tinha que ver com o curso, porque normalmente eram disciplinas com professores convidados e para mim não funcionava bem, porque os professores não estavam dentro do espirito do curso,	

		porque nas disciplinas, acabávamos por nunca aprender o que eu achava que tinha de aprender quando lia os conteúdos do programa. Para mim, acabaram por ser disciplinas um pouco, que me passaram um pouco ao lado." [E18] "Lembro-me das de Informática que não me lembro agora do nome, mas acho que era TIC, Tecnologias de Informação e Comunicação, tínhamos a parte teórica e a parte prática, nenhuma das duas me trouxeram nada de novo. Depois tivemos uma que era Metodologias de investigação em Ciências Sociais, três ou quatro, porque eu tive montes delas e a última que eram métodos quantitativos, o SPSS e essas coisas também não, tipo acabou por ser nós à frente do computador a descobrir como é que funcionava o SPSS e não o professor a dar-nos novidades sobre como funcionava aquilo e tínhamos de descobrir um pouco as coisas sozinhos e tivemos de fazer um trabalho… eram coisas de património cultural não sei quê e histórico ou qualquer coisa assim e também não vi grande utilidade naquilo e acabei por fazer um trabalhozinho ali na cidade histórica de Faro, tirar umas fotografias, não sei quê tipo não sei, há coisas que eram um bocado descabidas, que na minha cabeça não faziam muito sentido." [E18] "Eu acho que se calhar havia coisas, se calhar por exemplo, nós tivemos animação comunitária, se calhar para mim, ou tivemos expressão dramática, para mim, gostava que essa cadeira tivesse sido mais, senti que aprendi pouco, que era uma cadeira bastante interessante, mas que me foi ensinada pouca coisa, tive de descobrir as coisas um pouco sozinha e aquilo acabou por não me servir de nada e então eu acho que se calhar disciplinas mais práticas que nos colocassem mais, que nos permitissem fazer laboratórios, ires à associação e trabalhar lá durante uns tempos, mesmo antes das práticas, tipo haver uma disciplina de um semestre que me	

		permitisse ir, por exemplo todas as semanas se calhar ter a aula num sítio prático percebes? Porque é isso que eu sinto um pouco, é a falta da prática. A prática e tudo bem, isto é um curso universitário e não acho que não é suposto darem-nos muita prática, mas era interessante que dessem (sorri). A nível teórico foram abordadas as principais coisas ou podiam ter feito, não sei, por acaso havia uma cadeira que me interessava no 1º ano na primeira versão do mestrado de educação social, na primeira edição, que era sobre crianças e jovens de risco ou lá o que era, que eu achei que era bastante interessante para se ter numa licenciatura, por exemplo, porque acabam por haver áreas temáticas que nós não abordámos. Trabalhar com crianças e jovens em risco, trabalhar com sem-abrigo, não sei, há coisas que se calhar podiam ter sido mais exploradas, ou trabalhar com idosos, se calhar coisas mais específicas, mas agora também numa licenciatura de três anos, nem sei com será possível." [E18] "…nas Psicologias ou nas Sociologias, acabava por ser tudo um bocado teórico, mas depois era a tal coisa, faltava, ok, é teoria, mas falta depois fazer a ligação com o que é o curso, porque "ok, para que me serve a teoria e depois como é que eu vou aplicar isto?", não é? Se eu me defronto com um jovem em risco como é que vai ser? Para que me serve esta teoria? Tipo se calhar falta um pouco essa ligação e para mim era importante essa ligação com a prática sempre…" [E18] "…é-nos dado um pouquinho de tudo, se bem que há coisas que não são muito faladas, como é a tal questão de como é que trabalhas com os idosos ou como é que trabalhas com os jovens em risco ou, por exemplo a nível dos CNO´s que também são possíveis…agora não que estão todos a fechar mas que eram possíveis empregadores, também foi-nos dada montes de teoria de como é que funciona a educação de adultos em Portugal e os CNO´s, os RVCC's, etc, etc	

		mas depois a nível da prática e dos técnicos, qual é o papel deles (…) podia estar melhor, mais orientado para algumas áreas mais específicas." [E18] "Eu penso que dum modo geral o curso estava bem estruturado, nós tínhamos várias cadeiras de intervenção, da metodologia da intervenção social, da área da psicologia, da área da animação, na área também da componente informática. Tivemos uma disciplina que foi muito bem introduzida, se a memória não me falha, mais tarde foi introduzido o aprofundamento das técnicas de escrita da língua portuguesa, foi muito boa opção. Eu penso que o curso estava bem estruturado. Se tivesse tido também alguma introdução de alguma língua estrangeira para nos preparar para trabalhar noutros países, dava-nos mais uma componente prática sobretudo o inglês, até via com bons olhos, eu por exemplo sempre tive muitas dificuldades no inglês e eu se quisesse aperfeiçoar tinha de vir tirar um curso cá fora. Podia ter a língua inglesa para nos dar uma maior universalidade e uma maior abrangência de mercado de trabalho." [E19] "As disciplinas até faziam sentido, mas pronto a forma como são dadas e os professores, algumas desiludiram-me bastante pronto mas isso é normal que num currículo com tanta disciplina que não corresponda assim tão bem." [E21] "É assim, no meu caso, aquelas que a mim me disseram menos tinha muito a ver com aulas completamente teóricas, muito, muito, muito teóricas, extremamente teóricas. Era chegar lá e o professor descarregar matéria, era acetato em cima de outro e o professor descarregar aquilo, bla bla bla e nem permitir sequer aos alunos nenhum tipo de discussão, não é?" [E21]	

		"Ambiente foi assim um desastre, uma coisa mesmo mal. Não, as psicologias até de alguma maneira ajudaram a enquadrar muita coisa, embora fossem bastante teóricas mas pronto para além disso são disciplinas que têm de ser, essas a gente aceita que têm de ser. Agora há outras que às tantas se calhar não precisavam de ser tão teóricas e que podiam dar outra dimensão." [E21] "Não sei, às vezes uma ou outra, talvez algumas coisas mais sobre, como é que hei de explicar? Nós vivemos numa Era…agora está a ir embora essa Era mas a Era da Europa trouxe-nos muito a história dos projetos e das candidaturas a projetos, em qualquer instituição, seja uma câmara, seja uma IPSS, seja uma associação até e é assim, é o que se nota é que nestas instituições todas as pessoas têm muita dificuldade em saber fazer um projeto e eu acho que se um educador social que é quem deve dominar muito bem o que é que é um projeto saber o que é um projeto, o que é que deve fundamentar um projeto e como se deve fazer, portanto deve dominar essas questões das candidaturas e se calhar isso nunca é dado na universidade. Nunca é explorado, nunca é abordado, nunca é dado ou pouco." [E21] "…acho que este curso devia ter um apontamento de psicologia um bocadinho mais acentuado. Nós lidamos com pessoas." [FE] "Eu acho que nós temos…umas das falhas do nosso curso é a nível de empreendedorismo e a nível de questões económicas, nós somos um zero à esquerda, nós não temos "ai não temos financiamento?" mas também não sabemos onde ir busca-lo." [FF] "…devia haver uma cadeira no curso que acompanhasse o ano todo e que fosse por exemplo elaboração de projeto, por exemplo, ou uma coisa do género e que nem que fosse ficticiamente te ensinasse a fazer uma candidatura porque fazer uma candidatura não é fácil." [FE]	

	2.2.Opinião acerca dos docentes	"Um dos principais motivos que eu aponto para a minha satisfação foi ter conhecido três ou quatro docentes que me permitiram abrir horizontes e foi fazendo com que o curso se tornasse mais aliciante e interessante e acho que poderia melhorar mais se houvesse se calhar mais três ou quatro docentes que fossem substituídos." [E1] "…as coisas eram assim um bocadinho no deixa andar e acho que as coisas podem melhorar se houverem pessoas um bocadinho mais dedicadas às áreas que representam…" [E1] [Práticas] "Ao nível da parte da escola, senti que poderia haver maior ajuda, as coisas poderiam ter corrido melhor mas também percebi que foi uma altura de algumas mudanças para alguns docentes e eles tiveram de ser substituídos por outros para que pudesse haver esse acompanhamento, e se calhar a falta de experiência dessas pessoas, não o facto de serem maus profissionais, mas a falta de experiência fez com que eu próprio também sentisse alguma falta de corda para fazer isso de uma forma mais esclarecida, digamos." [E1] "…os professores acho que passavam bem a informação ou pelo menos o suficiente, porque nós temos as bases e depois desenvolvíamos durante os trabalhos." [E2] "Se calhar algumas relações conflituosas junto dos professores que muitas vezes eram-nos passadas na turma e que muitas vezes nos deixava um bocadinho "Ups"…às vezes nós tínhamos de jogar um bocadinho com um professor e outro professor para não entrarmos em choque também com os próprios professores não é? Eu acho que isso cada vez se está a revelar mais, mesmo agora já estando um bocadinho afastada, às vezes oiço falar muitas coisas "aí o professor X e a professora X e não sei quê", eu acho que mesmo quando há	Os aspetos positivos apontados são a relação próxima que existe entre os docentes e os alunos, nalguns casos a relação é mesmo de igual para igual. A disponibilidade dos docentes para apoio, O facto de alguns docentes ajudarem a construir a pessoa tanto ou mais do que o profissional, uma vez que a pessoa é fundamental para que se seja um bo profissional. São apontados a abertura, a flexibilidade e a importância dos exemplos práticos. No geral todos os educadores concordam que é extremamente importante a experiencia de campo dos docentes para que estes sejam capazes de dar exemplos

		estes escapes de informação que eles se dão menos bem, se houver alguma pessoa assim que queira interpretar mal ou que queira interpretar mal ou que queira aproveitar isso é capaz de deixar uma imagem muito má do curso." [E2] "Depois outra coisa que podia ser melhorada, que digamos também um bocadinho pela experiência que tive e que hoje também oiço os estudantes também dizer é o acompanhamento principalmente nas práticas no 3ºano. Nós temos as práticas no 3ºano, é o ano inteiro e devia haver mais acompanhamento principalmente do orientador ou da orientadora, para acompanharem todo o trabalho que os alunos fazem porque ao mesmo tempo que o professor está a acompanhar acaba também por divulgar o curso por não deixar que façam alguma asneira ou se fizermos estar lá para tentar ajudar "na próxima tens de fazer assim e assim para melhorar" eu acho que sim. Nós no nosso caso, nós tivemos um pequeno problema no nosso estágio, tivemos a ajuda do nosso orientador mas foi muito puxado, muito lá ao fundo, porque antes ele já me tinha dito que trabalhar em câmaras era muito complicado e não sei quê, mas quisemos arriscar e arriscámos e as coisas não correram mal não foi por nós, foi realmente por causa duma pessoa e ele lá nos ajudou mas depois mandou-nos a tacadinha "ah eu avisei" mas eu acho que nós também precisamos desses erros, mas tirando isso eu acho que ele devia também ter estado mais presente se calhar as coisas não tinham acabado como acabaram." [E2] "Eu acho que nós temos bons professores, pelo menos na minha altura, nos meus anos os professores foram muito bons. Atualmente sei que já mudaram muitos mas eu acho que digamos os professores base, pelo menos esses que estão há mais anos eu acho que são muito bons, acho que são impecáveis, acho que são, o professor B, o professor A, o E." "…já andam há muitos anos nisto e a carreira	e transmitir os conteúdos corretamente. Os aspetos negativos são a falta de existência tanto na contratação dos docentes como a falta de exigência dos docentes na avaliação dos alunos. Os conflitos existentes dentro dos docentes do curso representam um aspeto grave uma vez que não se trata dum comportamento ético e digno dum curso deste calibre. É fundamental uma direção de curso consistente que seja unida e capaz de fomentar uma ligação e um bem-estar entre os docentes das várias cadeiras. Também é referida a questão do perfil do

		académica deles e profissional, acho que sim, acho que ajudou…" [E2] "Eu lembro-me do professor A nas primeiras aulas do primeiro ano a dizer "façam voluntariado! Isto ajuda e vocês vão-se sentir assim e assado…" e realmente aquelas palavras foi interessante e comecei a fazer voluntariado e a participar em tudo o que acontecia relacionado com o nosso curso…" [E2] "…acho que os professores, sentia um bocado muito aquela onda do secundário a algumas disciplinas, pouco rigor, em termos científicos acho que para um grau superior acho que é pouco rigoroso e pouco cientifico também." [E3] "…pouco rigor e pouca objetividade, acho que pronto dependia muito dos professores, havia pouca uniformidade, havia professores que se calhar os métodos de avaliação bastava um trabalho, outros eram mais rigorosos, havia uma frequência, acho que nesse aspeto havia uma pouca uniformidade." [E3] "…tive excelentes professores (…) sem dúvida e eu acho que os docentes é que fazem as cadeiras, tudo bem que os planos curriculares são muito importantes, só que dois diferentes docentes com o mesmo plano curricular podem fazê-lo completamente de forma diferente (…) o docente faz muito da cadeira aquilo que ele quiser e o empenho e também o *know how* que ele já tem, não é? Há docentes que se podem esforçar muito mas podem não conseguir chegar lá não é? Mas acho que, pois tem de haver muito empenho e outra coisa que também acho e que também tenho pouco, os docentes também têm pouca contato com a realidade é pois, é aquela coisa do ser académico." [E3] "…lembro-me dos meus professores, eram meramente docentes não havia ninguém que tivesse, tinham alguma experiência mas não	docente. Para uma licenciatura social como a de educação social é necessário ter em conta os docentes, já que estes são os principais responsáveis pela educação dos alunos. A questão da falta de prática não é consensual, talvez porque alguns educadores têm autonomia e procuram algumas brechas através de trabalhos para procurar a parte prática e outros não.

		havia ninguém que tivesse exercer mesmo a educação social, mesmo no campo e acho que isso faz muita falta." [E3] "…quando eu falo da uniformidade acho que são mais rigor em termos mesmo dos trabalhos porque eu via que havia às vezes uma discrepância e era difícil analisar os parâmetros "quais são os parâmetros da avaliação?" (…) eu falo em relação àquilo que eu vi, que eu senti." [E3] "…têm falta de trabalho de terreno, têm falta de estar no terreno a trabalhar e depois ir lecionar aquilo que aprenderam, penso que deviam apostar muito mais em ir buscar docentes, assistentes ou o que queiram não é? Com mestrados ou com doutoramentos ou apenas com licenciaturas mas que tejam a trabalhar no terreno que isso é muito importante não é?" [E4] [Práticas] "O meu orientador de estágio, no estágio curricular só foi ao meu local de estágio, no acampamento onde eu estava a estagiar no segundo semestre portanto só no segundo semestre é que viu as condições em que nós tínhamos estado a trabalhar durante o ano todo e viu o resultado do nosso trabalho e as notas subiram em flecha…" [E4] "Nós íamos apresentando, íamos dizendo o que é que íamos fazendo mas ver no terreno é diferente não é? Portanto a esse nível ele era excelente (…) mas um bocadinho cabeça no ar, despassarado mesmo…" [E4] "Mas sentia na altura, não sei se isso se mantém, algum pronto em termos de alguns professores havia alguns atritos entre as pessoas, depois em termos de coordenação de práticas havia dois orientadores e as coisas não funcionavam assim lá…cada um tinha a sua estratégia, não é? (sorri) pronto mais a esse nível que eu também,	

		digamos…e depois penso que nalguns casos também senti-me um bocadinho penalizada porque é assim as pessoas ou simpatizam ou não simpatizam e tive alguns problemas com um professor ou dois pronto que não quiseram ver muito bem o meu lado de trabalhadora-estudante e penalizaram-me bastante a esse nível pronto só essas pequenas." [E5] "…apanhei um orientador de práticas que tinha sido meu colega de trabalho portanto não foi muito fácil ao inicio porque… nem fácil para mim nem para ele porque nós por um lado não sabíamos muito bem como é que devíamos lidar um com o outro e isso causou alguma confusão a nível inicial (sorri) por pronto culpa das duas partes, não foi do professor nem minha só, foi dos dois e pronto não é fácil apanharmos um professor na universidade que já trabalhámos ou que já tivemos uma relação muito próxima não é? E depois não sabíamos muito bem como nos devemos tratar, tratávamo-nos por tu e depois em contexto de aula isso já não é muito saudável ao nível do resto de grupo e isso causou alguns problemas." [E5] "…a aula coincidia precisamente num dia do meu atendimento, o que pronto, eu falei com o professor e disse que era muito complicado e ele decidiu…pronto ele tinha aquele método de avaliação que tinha a ver com uma percentagem tinha a ver com a participação nas aulas e eu fui altamente penalizada, pronto ele nem sequer questionou, eu tinha outras disciplinas com esse problema e que os professores tentaram encontrar alternativas não é? Como fazer trabalhos extra para compensar aquela percentagem de não ir às aulas e ele nunca teve acessível para fazer nada disso mas pronto já passou (sorri)." [E5] "Eu não tenho razão de queixa dos docentes que tive, houve um que embora eu não simpatize muito, na altura não simpatizávamos muito	

		um com o outro, mas acho que ele é excelente, simplesmente acho que não nos entendíamos assim muito bem, pelo menos a disciplina que ele me deu não gostava muito, mas acho que ele é excelente que é o professor B, acho que é mesmo maravilhoso. Um professor que eu detestei, mas de tudo, relações humanas, profissionalismo, era um professor que na altura dava psicologia social, que era o professor H, acho que aquele professor não se encaixa, não se encaixa no curso nem em nada, não. Um professor com o qual simpatizei muito era o professor A que era uma excelente pessoa e o professor C que foi sempre o meu orientador e que também acho que é um excelente profissional." [E7] "…realmente houve também aí essa falta de acompanhamento, porque cheguei ao estágio e de repente "tens essas funções e agora desenrasca-te" tudo bem que vamos com uma licenciatura e temos alguns conhecimentos, mas também ainda somos muito novinhos e precisamos de alguma orientação…" [E7] "Eu acho que é muito importante e penso que também, não sei, neste momento como é que está a ser feito, que os professores, pelo menos alguns professores tenham experiência do terreno, não é? Que não falem só de teoria porque muitas vezes nós vivemos um bocado uma utopia de algumas realidades e depois quando chegamos a um meio profissional deparamo-nos com uma realidade completamente diferente e eu penso que é importante o curso ter docentes que tenham realmente experiência de terreno e uma experiência de terreno atual não é?" [E8] "Tínhamos esse problema até porque não havia o curso no Algarve portanto não havia profissionais… tínhamos um professor que trabalhou em Lisboa que era do Algarve, tinha estudado em Lisboa, que tinha tido alguma experiência profissional em Lisboa e era o	

		único professor que nem sequer era professor mesmo da universidade, era um professor contratado e era a única pessoa com experiência, de resto na área não havia mais ninguém, era tudo muito teórico." [E8] "O problema pois é este ponto que não tem haver com a qualidade porque as pessoas podem ter grandes formações serem doutores pronto. Mas é muito teórico, nós precisamos da teoria, é verdade, mas precisamos de saber conjugar e relacionar essa teoria com a prática." [E8] "… havia a preocupação por parte dos professores na altura, não de todos não é? Mas de alguns professores na altura de nos mostrar coisas novas e principalmente originais e de levar pessoas às aulas para nós conhecermos, tentar abranger o máximo de contextos e isso é uma das coisas positivas." [E9] "Outra coisa positiva é também o apelo a reflexão crítica e a não nos conformarmo-nos (…) não era feito por todos os professores mas a ideia tava lá." [E9] "Na minha altura sim, havia coisas que podiam ser melhoradas, no sentido que haviam alguns docentes que se reportavam muito mais à teoria do que à prática portanto que se via que não tinham experiência prática e num curso como o nosso eu acho que isso é essencial, ter experiência prática para poder partilhar e poder refletir e fazer refletir." [E9] "Pronto isso é como tudo não é? (sorri) Mas eu acho que as coisas evoluíram muito a esse nível. Tenho pena também de ter visto professores que na minha opinião tinham grande qualidade e grande preocupação nos conteúdos terem em certa forma postos de lado porque havia ali quintinhas não é? Havia ali rivalidade. Para mim	

		algo que me chocou, já para não dizer a cadeira que foi dada por alguém que estava na coordenação do curso, era nós estarmos a defender a tese e essa pessoa estar literalmente a dormir não é? Temos situações destas e depois durante as aulas mandava-nos fazer recensões criticas sobre determinadas livros porque via-se que aquilo era só mesmo para não estar a fazer nada…agora isto é como tudo, em tudo na vida há pessoas que se preocupam mais e também há pessoas que se preocupam menos nós temos é de saber compensar a outra parte mas acho que as coisas evoluíram muito e pelo menos do conhecimento que eu tenho tido, que essa realidade é um pouco diferente da que eu tinha na altura (sorri).” [E10] “…acho que em certa parte tivemos ali um ou outro professor que via-se que tinha alguma experiência a esse nível e souberam aproveitar não é? Essa experiência que tinham para nos transmitir determinados conteúdos... Agora no meu caso temos de ver que era um curso novo não é? Havia ali determinados aspetos que não houve oportunidade de ser trabalhados de outra forma mas via em determinadas pessoas ou professores melhor dizendo, que embora tivessem essa vertente mais teórica uma preocupação em desenvolver futuramente mais a prática, pelo menos acho que foi positivo da parte deles saberem admitir…por exemplo nós tivemos professores que no final do ano souberam verificar que se calhar se tivessem transmitido aqueles aspetos de determinada forma não é? Ou se tivessem sido conjugados com uma vertente mais prática não é? Tínhamos tido outros resultados, acho que é positivo também quando a pessoa faz esse balanço não é? ” [E10] “Gostei muito do corpo docente, acho que na minha altura o corpo docente eram pessoas…que apesar de serem professores eram pessoas muito próximas e que nos ajudavam sempre que tínhamos	

		necessidade, podíamos ir aos gabinetes dos professores que não havia coiso.” [E11] [Práticas] “Senti que não tive grande apoio dos docentes…” [E11] “…eu posso estar a ser injusta mas nem sequer me lembro quem foi o professor que nos orientou, não nesse estágio.” [E11] “Depois o facto também de poder ter contactado com um ou dois professores que fizeram mesmo a diferença em termos da minha formação. Foram pessoas que estimularam muito a minha evolução enquanto aluna e enquanto futura educadora comunitária e foi um privilégio poder trabalhar com eles, nomeadamente o professor B, para mim foi dos melhores professores que tive na licenciatura (…) e é uma pessoa que nos permite crescer e isso também foi uma mais valia foi podermos trabalhar com os professores de uma forma mais próxima e notar-se a evolução de ano para ano.” [E12] “...uma das coisas que durante o curso a mim me fez muita impressão era a instabilidade a nível de professores, isto porque entre o primeiro e o quarto ano houve muitas mudanças de professores nas cadeiras que nós tínhamos. Eu posso dizer que no primeiro ano havia um professor de métodos e técnicas, no segundo ano já houve outro, no terceiro ano já houve outro e eu sei que agora já mudou mais duas ou três vezes e como aconteceu em métodos e técnicas, aconteceu noutras cadeiras, noutras disciplinas e isso que tenha a ver com as dificuldades das universidades, de não poderem meter pessoas no quadro e estarem constantemente a recorrer a contratados. A própria questão da contratação e isso agora dito por uma pessoa que está de fora e eu até posso não saber de todos os pormenores, mas a perspetiva que eu tenho é que feliz ou infelizmente recorremos muito à prata da casa para preencher vagas em termos de disciplinas.” [E12]	

		"…não digo que isso seja mau, agora não sei é se comparativamente a outras universidades em que existem professores já com largos conhecimentos, larga experiência de terreno, muitos anos daquela área académica, se estaremos equilibrados (…) sei que depois de eu sair entraram uma série de colegas antigos para dar animação comunitária, para dar métodos e técnicas, para dar educação de adultos, etc. Por um lado isso é bom porque aumenta os índices de empregabilidade dos educadores comunitários não é? Por outro lado não sei até que ponto é que essas pessoas estarão preparadas e poderão proporcionar aos alunos que estão no curso uma boa formação…" [E12] [Práticas] "Se calhar achei que em termos de acompanhamento por parte do professor orientador era preciso mais mas ele também não tinha como fazer mais, ou seja, o meu professor orientador na altura foi o professor A…eu se calhar senti necessidade de o ver mais vezes na instituição para me ver e para me avaliar ou de estar mais vezes com ele para tirar certas dúvidas e pedir certas orientações mas também sabia que para ele era muito complicado porque ele tinha ou era metade da turma ou era a turma toda para práticas e tinha de correr o Algarve inteiro para ver pelo menos uma vez a malta inteira. Era muito difícil conjugar isso com trabalho de curso, direção de curso e aulas que ainda tinha para dar portanto acho que nesse aspeto podiam tentar trabalhar isso…" [E12] "É assim eu tive professores que naquela altura achei que não tinham desempenhado um bom papel enquanto docentes, um deles acho que já não está lá e eu já não me lembro bem do nome dele mas era o antigo diretor do curso, qualquer coisa K (…) A professora G que atualmente é a diretora do curso quando entrou ela o primeiro ano que teve em educação e intervenção comunitária foi a dar-nos animação sociocultural, a coisa também não correu muito bem	

		porque ela teve ali uma fase de transição, nós ainda…ainda houve ali enquanto turma um choque com ela (…) pedimos para falar com ela numa aula e prontos demos a nossa opinião que achávamos que a cadeira não estava a ser bem trabalhada, não tava a ser bem conduzida e ela teve a capacidade de adaptar as coisas e de ser flexível ao ponto de perceber o que é que eram as nossas necessidades e tentar ir ao encontro disso." [E12] "O professor de psicologia social que antigamente era o não sei que H também não epá aquilo é o cadeirão do curso…para mim é o cadeirão do curso exatamente porque eu acho que não aprendi nada com aquele homem e ele é super exigente mas também não tem a capacidade de passar para os alunos aquilo que se pretende (…) acho que não se criou ali uma relação pedagógica." [E12] "Aspetos positivos ou pessoas que marcaram mesmo pela positiva o professor B para mim é dos melhores naquele curso, é dos melhores porque é uma pessoa muito humana, é uma pessoa muito humilde e enquanto professor é um professor que tem prazer em ver-te evoluir e trabalha contigo para isso. Ele não te dá as coisas de mão beijada mas cria as condições para que tu enquanto aluna possas crescer (…) O professor C também era uma pessoa com quem eu gostava muito de trabalhar, foi o meu orientador da monografia, é uma pessoa também muito prática, muito despachada, tem um sentido crítico também muito apurado, também gostei muito de trabalhar com ele." [E12] "…não nos podemos esquecer desse aspecto que é de facto o trabalho pessoal que é fomentado também pelos próprios professores não é? E eu acho que isso é muito importante e a relação muito próxima que se cria, acho que é um aspeto positivo, muito positivo." [E13]	

		"…o aluno tem de ter autonomia, tem de ter interesse e tem de ter motivação mas lá está acho que também da outra parte também tem de haver incentivo e cativar porque acho que o professor também tem um grande papel na educação dos alunos não é? Fundamental e tudo bem que poderá haver alunos desinteressados, poderá haver alunos desmotivados e que não tão bem a ir para o curso mas acho que é o papel do professor cativá-los! Ou não? Não sei, consigo ver isto de várias formas mas a que assim pensando rápido é isto. E no entanto ao longo do curso acho que falta muito isso, os professores cativarem os alunos, porquê? Porque eu sentia muito que participei em muita coisa mas foi porque tive a sorte de me inserir num grupo onde tínhamos todas muita vontade de participar em tudo porque havia mais pessoas na turma que não, que não participavam em tanta coisa…" [E14] "…os professores falavam muitas vezes nas aulas das chatices que tinham uns com os outros, dos conflitos entre professores, ideias diferentes (…) acho que isso muitas vezes não era muito bom transparecer esses conflitos que existiam." [E14] "Houve uma altura há um tempo em que se contratou docentes e acho que se deveria ter tido outro tipo de rigor na contratação, quer nas entrevistas porque sei que houve pessoal que quis tentar e não conseguiu, nem sequer teve oportunidade pelo que me contaram e depois porque pronto é assim acho que foi um tiro no escuro porque essas pessoas não tinham experiência (…) acho que deveria haver mais rigor na contratação de professores (…) não com o mesmo grau que tu ou seja licenciados a serem professores de uma licenciatura. Acho que pelo menos com um mestrado ou vá duas licenciaturas não sei e depois com pouquíssima experiência de trabalho." [E14]	

		"É assim, na altura eu penso que duma maneira geral os professores foram todos bem escolhidos à exceção de dois ou três e eu digo exceção porque (sorri) há pessoas que encaixam dentro deste perfil assim, há pessoas que vão para o ensino porque foi a única saída que encontraram, não estão no ensino porque gostam de ensinar, não é? Tirando dois ou três durante esses quatro anos felizmente dois de passagem mas acho que a diversidade traz complementaridade, não é?" [E15] "…os próprios professores acompanharem se calhar mais de perto através dos alunos o que é que está se a passar mesmo e melhorarem (…) há disciplinas onde isso é perfeitamente possível (…) direcionar as coisas mais para a realidade porque isto está sempre em mudança…" [E15] "…foi um leque de professores fabuloso, ainda hoje estou grata a Deus pela qualidade de professores que eu tive durante a licenciatura." [E16] [Práticas] "…os professores foram sempre muito disponíveis para nos apoiar, até mesmo em fora de aula, foram sempre bastante disponíveis…" [E16] "Alguns professores, especialmente aqueles que tinham experiência na área ou que de alguma forma transmitiam algum conhecimento, o professor A, o professor I, professor J (…) estes foram três professores que ajudaram muito a construir a pessoa mais do que o profissional." [E17] "No último ano tive um excelente professor que foi o professor F que nunca mais ficou lá. Ele ficou à frente do curso e foi um excelente professor que nos abriu horizontes para vermos o trabalho	

		social de outra forma. Na altura ele veio da Argentina, tinha imensa experiência e muitas obras publicadas…" [E17] "Eu penso que é muito importante e sei que isto é completa utopia mas pronto, muito importante ter profissionais na área que trabalham no terreno a dar aulas. Não podem ser só catedráticos e formados em mil e uma coisas, podem ser o máximo, podem ter publicado livros mas depois se na prática se não sabem adaptar esse conhecimento ao terreno e à prática e acho que isso foi uma das maiores dificuldades e se eu pudesse mudar alguma coisa naquilo que aconteceu teria sido isso. Se fosse eu a escolher teria escolhido profissionais com mais experiência de terreno porque é com esses que a gente aprende mais." [E17] "…eu sentia que os professores estavam sempre lá para me apoiar e que qualquer dúvida que eu tivesse era por telefone, por *e-mail*, ia ter ao gabinete deles e eles ajudavam-me…" [E18] "…eram professores que normalmente eram convidados e que para mim não estavam muito dentro daquilo que era o curso e, portanto não orientavam as coisas para aquilo que o curso é percebes? Não estavam orientados para aquilo que era a educação comunitária e educação social, e para mim tinha que ver com isso, porque os outros iam fazendo as ligações…" [E18] "…neste momento há uma desunião." [E18] "…acho que haviam professores que não tinham essa experiência prática percebes? E então não faziam essa ligação. Se tu tens aulas dadas por um Professor A ou um professor B ou mesmo por uma professora G ou uma professora D ou um professor C que trabalharam antes de terem sido professores, trabalharam no campo não é? E trabalharam em associativismo e com outras coisas e sabem como funciona, depois tens um professor de Sociologia que fez um	

		Doutoramento, mas nunca trabalhou no terreno, então não sabe fazer essa ligação, não sabe ir buscar exemplos concretos que tu possas perceber "Ah ok, então na prática isso funciona assim" (interrupção) percebes? Eu acho que tem muito a ver também com os professores como estávamos a falar há bocadinho, essa ligação com a prática e com exemplos concretos para depois tu perceberes que aquela teoria tem uma aplicação prática na realidade." [E18] "Acho que havendo uma direção de curso consistente, que fizesse essa ligação entre os vários professores e essa ligação pode ser qualquer coisa tão simples, quanto haver umas quantas reuniões semestrais ou anuais entre os docentes, uma reunião ao início, uma reunião no meio, uma reunião no fim…" [E18] "…não sei se são conflitos, eu acho que isto é um meio pequeno e é um meio competitivo e eu acho que é por aí. Acho que cada um está muito virado para si mesmo, porque se tivessem virados para os outros e para o trabalho dos outros ou para trabalharem em complementaridade com os outros isso não se passava assim, mas parece que há uma grande individualização e eu senti isso também, então acho que pode ser por aí." [E18] "Acho que fazia falta alguns docentes com outros currículos, com outras experiências de vida." [E19] "…são os mesmos docentes, são as mesmas metodologias pedagógicas, faz falta alguns docentes com experiências práticas diferentes, de experiência de outros projetos em outros países, de outras instituições não estou a ver nem o professor A nem o professor C. Nós tínhamos ali um professor de I, um professor que vinha de Lisboa que trabalhou em várias instituições, possuía uma grande amplitude de conhecimentos, de envolvências, de áreas de abrangência, de práticas de intervenção social em instituições,	

		sobretudo práticas de intervenção o que acho que era uma lacuna. O professor C pode ser muito bom docente e pode ter muitos bons conhecimentos teóricos mas a nível das experiências, vivências e práticas internacionais…" [E19] "...a forma como os professores nos tratavam, sempre achei que era uma forma muito próxima, principalmente o professor A (...) muito de igual para igual, não há cá aquela coisa do "eu é que sei" mas também tive maus exemplos que para mim são maus exemplos, mas pronto os bons exemplos superaram os outros." [E20] "Houve um professor que tinha, para já era alguém que estava muito ligado a um método de ensino muito, como é que eu hei de classificar? Muito díspar de todos os outros professores que nós tínhamos. Era alguém que, já não está cá, felizmente, para o curso e alunos que depois vieram a seguir a nós, mas era alguém que achava que ele é que tinha sempre razão e só aquilo que ele dizia é que poderia ser a última palavra e portanto não havia liberdade, não havia propriamente condições para nós podermos sugerir que ele fizesse as coisas de outra forma…" [E20] "…se me perguntares qual é o perfil que eu acho que um professor, principalmente, neste curso (...) deve sempre procurar o diálogo com os alunos (…) Mas ao procurar o diálogo com os alunos deve continuar a manter a tónica na exigência, porque não deve fechar os olhos a situações que às vezes se passam e aqui estou a falar, nomeadamente, de plágio, de situações de plágio que descredibilizam os outros alunos que naturalmente se esforçam, que investigam, que estudam e que todos os dias dão o máximo para serem melhores e para saberem um bocadinho mais e depois acabam por ficar com uma imagem queimada e da própria instituição e portanto acho que os professores têm aí uma responsabilidade	

		acrescida em fazer com que essas coisas não aconteçam.” [E20] “...era um professor de métodos de investigação em ciências sociais e humanas, no entanto, este professor nunca falou dos métodos qualitativos, apenas e somente focou os métodos quantitativos (…) não nos deu a conhecer outras possibilidades que havia de podermos fazer a investigação e agora com esta formação que tenho estado a ter acabo por perceber que de facto ai tive um *handicap* na minha formação, foi cortada a hipótese de eu ter acesso à outra via não é? Não quer dizer que pudesse ser somente uma ou somente outra, eu acho que são bastante necessárias e são muito úteis em conjunto, mas realmente essa parte falhou e falhou de uma forma muito feia.” [E20] [Trabalhadora-estudante] “Houve talvez alguns que tiveram menos compressão, mas eu também compreendo, porque se um professor está a fazer aquilo que tem de fazer e muitas vezes também ele próprio se sente limitado ou constrangido, porque o aluno depois não consegue responder na totalidade não é?” [E20] “Eu acho que há uma coisa geral que eu senti mas isto não sei se sou eu, se é uma coisa muito minha ou se também faz falta a outras pessoas, acho que advém do facto de eu já ter trabalhado e depois ir-me confrontar com a teoria não é? Então eu acho que ao nível da licenciatura do curso faz um bocado falta que todas as disciplinas e todos os professores estejam muito abertos a uma reflexão sobre o que estão a dar na teoria e as coisas que estão a fazer na prática. Quanto mais se permitir aos alunos experienciar, mais fortalecidos eles vão sair da parte teórica e quando se experimenta qualquer depois, pelo menos eu acho isso, sente-se falta de perceber porque é que aquilo acontece assim e é aí nesse encontro que os professores que têm conhecimento teórico e que têm a parte teórica devem com	

		os alunos tentar juntar, em todas as disciplinas, arranjar momentos que de alguma maneira permitam experimentar aquilo que se tá a falar em teoria não é? Para umas disciplinas é mais fácil do que para outras mas eu acho nem que seja refletir, nem que seja discutir à volta da mesa sobre um tema que se está a dar." [E21] "Nesse sentido não. Isso nunca senti, senti sempre da parte dos docentes que os trabalhadores-estudantes tinham lá as suas pronto e geralmente os professores tentavam conciliar, ser flexíveis, ajudar, às vezes até prolongar mais o tempo de entrega de trabalhos ou admitir menos páginas portanto não, isso aí não. Terá havido um ou outro que não foi assim tão condescendente mas não, no geral do curso todos tinham em atenção o fator." [E21] "…desiludi-me (…) com alguns professores…" [E21] "Mas não é só os conflitos entre docentes da turma, eu lembro-me que eu própria criei alguns conflitos com professores por não concordar porque muitas vezes a teoria que eles nos ensinavam não se aplicava à forma de ensino dos próprios professores. Eles ensinavam Paulo Freire e a horizontalidade "patata patata" mas depois a verticalidade mesmo acentuada na forma como eles se relacionavam connosco e eu própria cheguei… pronto eu também tenho um feitio assim meio esquisito e cheguei a criar conflitos por isso mas também esses conflitos também existiam porque havia uma relação próxima e também havia abertura, isto também temos que ver que noutros sítios os professores nem sequer metiam essa hipótese." [FF] "Eu estou a recordar, eu tive alguns professores que eram contratados, que tinham outras profissões mas que vinham aqui dar umas horas ao curso, estou-me a lembrar por exemplo da introdução	

		à economia e estou-me a lembrar por exemplo de saúde comunitária por exemplo… mas eram pessoas que pronto vinham cá, cumpriam a função delas não eram mais do que o outro na relação com os alunos mas na questão da avaliação quais são os critérios? Eles não tinham (interrupção) os mesmos critérios evidentemente que se calhar um professor que é mesmo da casa terá ou então acaba por ter a ver com a própria postura que ele tem perante aquilo que está a fazer, sendo que é mais uma tarefa ou não." [FE] "Eu uma coisa a nível da avaliação que eu acho que reflete também o que dizes é um bocado os resultados serem tão homogéneos, serem tão iguais…no quarto ano, nós tivemos quarto ano e na tese de investigação as notas estavam todas no 16 e eu senti-me um bocado injustiçada…" [FF] "Esta resposta ou aquele tópico acho que tem de ser ambivalente, tem de ser analisado pelas duas perspetivas. Porque eu percebo aquilo que tás a dizer, porque se eu for perfeccionista, exigente e muito critica comigo própria, evidentemente que eu vou exigir do outro, seja ele professor ou não, que me avalie aquilo de determinada forma e tenho de perguntar e tenho de saber porque é que fui avaliada daquela forma e não de outra. Agora a forma como os professores avaliam, eles têm os critérios definidos e também temos de saber perfeitamente que existem os tais objetivos a cumprir…" [FE] "Os conflitos eu sabia que haviam alguns mas não pensei que eram tão graves ou por exemplo nunca senti que existissem conflitos com a direção ou que havia uma desarmonia, como senti quando fui docente e também nunca me passou pela cabeça que havia pouca	

		exigência na avaliação porque eu sabia que se não fizesse bem as coisas não tinha boa nota. Uma vez ia com uns alunos meus para Almancil, íamos no carro e elas iam lá a comentar entre elas a falar duma disciplina qualquer…ah das práticas e comentaram entre elas assim: "ah para as práticas não precisamos de fazer nada! Nunca chumbamos." Ou seja, naquele momento do curso, acho que foi em 2010 elas tinham perfeita noção no terceiro ano, ultimo ano do curso que só tinham de fazer um projetozinho que até podia nem ser muito bem aplicado e que nada de mal lhes ia acontecer, ou seja, resvalou, houve qualquer coisa ali que nestes anos todos do curso e já após educação social resvalou completamente." [FD] [Conflitos] "É grave porque…sim mas pera aí acontece todos os dias mas podia não acontecer, devia haver um esforço de todas as partes para melhorar, pelo menos no que vem cá para fora. Quer dizer, eu quando estava a tirar o curso que eu própria ficava a pensar: "então mas afinal quem é que tem razão? Este diz que é assim, o outro diz que é assado" e quase que se chamam parvos um ao outro…" [FF] "Isso é falta de respeito e falta de formação, falta de educação porque isto verifica-se em todo o lado." [FA] "Sim mas pera aí, acontece em todo o lado mas nós temos supostamente nós de ser os primeiros a conseguir superar esses conflitos não é? Quanto mais supostamente as pessoas que nos ensinam. Nós vamos para uma instituição… sabemos que isso acontece em todo o lado mas nós temos de ser os primeiros a tentar resolver não é? As pessoas podem ter opiniões diferentes, modos de ver as coisas diferentes e pontos de vista diferentes…" [FF] O grave não é haver os conflitos nem eles se resolverem ou não, é	

		quando esses conflitos são percecionados e sentidos pelos alunos (impercetível) quando a desunião do corpo docente se sente! Isso para mim é muito grave a nível do curso porque isso… a gente sabe que acontece, que isso acontece em qualquer contexto mas… reparem não há sítios perfeitos para trabalhar, não há colegas perfeitos, todos dizemos mal uns dos outros em qualquer ocasião. A questão é quando isso passa para as pessoas que tu estás a ensinar e quando eles sentem que um diz isto e que o outro na própria aula está a falar mal do que o outro disse e… isso já é grave, isso para mim já cria mesmo ao nível dos alunos um desacreditar… [FD] "…mas se calhar a exigência na avaliação da entrada dos docentes fosse para este curso, fosse para o que fosse. Porque há uma questão que eu acho que é fundamental e que deve ser transversal em todas as profissões e que tem que ver com a formação de cada um, A não é? Tem a ver com cada um. A nossa conduta pessoal tem de ser reflexo daquilo que nós fazemos depois fora de portas com colegas (interrupção) e portanto se eu finjo ser uma coisa que não sou muito facilmente e muito rapidamente isso se vai transparecer." [FE]	
	2.3.Atividades que a licenciatura organiza	"Eu não participei em muitas devido ao facto de estar a trabalhar e a estudar ao mesmo tempo mas acho que estas atividades são importantes e acho que devem se fomentadas para que isso permita alguma interação entre o mundo do trabalho e a licenciatura durante a sua duração e obviamente entre os colegas de turma e os docentes e tudo mais." [E1] "Eu acho que deviam ser mais divulgadas porque eu sei que atualmente há muitos grupos de práticas e eu acho que eles deviam divulgar mais e participarem mais uns nos outros e às vezes também há atividades, no meu ano eu reparei que havia atividades de grupos	A existência de atividades é extremamente importante. A organização e a participação nas atividades pode fomentar a partilha e a interação entre alunos, entre alunos e docentes, entre os vários docentes e entre os alunos e o mundo do trabalho. É

		que estavam praticamente vazias, ninguém participava, os colegas não participavam e muitas vezes nem professores, nem outros alunos, nada. Porquê? Porque também não havia divulgação, porque se calhar o tema também não era apelativo e as pessoas se desinteressavam e acho que se calhar temos de ir ao encontro dos gostos e das necessidades do público-alvo a quem se destina a atividade. Aqui na universidade acho que o pessoal não participa muito nas atividades, pelo menos na última experiência que tive que foi no *E-Motion* o ano passado e que eu por acaso participei a nível de trabalho, trouxemos cá uns miúdos para fazer teatro e depois vim também individual e não tínhamos muita gente a assistir, que achei bastante, achei estranho porque não foi um evento que foi propriamente organizado por alunos de práticas, mas que foi pelo Núcleo Paulo Freire, a divulgação na minha opinião foi boa mas não houve a participação das pessoas, não sei porque mas eu acho que eles até tinham uma grande variedade de atividades, o que eu acho que numa atividade podia haver mais pessoas mas não, em todas as atividades foi de baixa adesão." [E2] "Completamente e acho que as atividades nem que fosse para unir as pessoas, porque eu recordo-me que houve um ano que eu achei até interessante, houve umas colegas que organizaram um encontro de educadores sociais na ilha de Tavira e eu achei aquilo magnífico para as pessoas se juntarem e trocarem ideias, depois era feito por grupos, faziam *workshops*, partilha de ideias, eu achei aquilo fantástico e fui-me inscrever e passado duas semanas eu era a única pessoa inscrita, ninguém aderiu e acho que as pessoas estão pouco, tão muito no seu cantinho "aí venho aqui tirar o curso e tal e pronto". [E3] "…e acho que nós temos experiências tão ricas e pessoas tão	um contributo importante para a união das pessoas. Todas estas interações são importantes e poderiam ser uma mais-valia tanto na questão da preparação para o mundo do trabalho, como da divulgação do curso para as entidades. Desde que a licenciatura abriu houve um esforço neste sentido e foram dinamizadas algumas atividades que tiveram sucesso mas que acabaram por terminar. neste momento não existem atividades organizadas pela Ecistem Existem alguns dinamizadores como o Núcleo Paulo Freire e o ISU.

		diferentes e acho isso, é uma pena tão grande porque só daí nós podíamos tirar um proveito muito maior do que daquele que tiramos.” [E3] “Mas participei, tive num encontro de educadores sociais, no primeiro que se fez convidaram-me para ir lá fazer uma apresentação também do trabalho que desenvolvia na In Loco e fui algumas vezes também a outras turmas mais de iniciados também apresentar o trabalho que desenvolvia na In Loco portanto participei em algumas dessas atividades.” [E5] “…organizávamos muita coisa em parceria com a biblioteca também às vezes ou no próprio contexto dos grupos de trabalho dentro da turma…grupos de trabalho e depois criavam dinâmicas, atividades, sempre muita coisa.” [E6] “Do que me recordo de ser o próprio curso a organizar era mais o dia do educador comunitário, assim mesmo do curso, penso que não organizou mais nada.” [E7] “No meu tempo começámos por organizarmos os seminários, umas formações com algumas pessoas, exatamente porque sentíamos esta necessidade porque o curso era muito teórico, algumas pessoas que tinham experiência no terreno e convidámos ainda algumas pessoas que tiveram na universidade e que tiveram nas aulas que apresentavam uma perspetiva mais prática do educador social. Atualmente sei que há pouco tempo houve um seminário na Escola Superior de Educação também de educação social mas não tenho assim grandes conhecimentos de muitas coisas, não sei se é por não haver se é realmente por não chegar.” [E8]	Verifica-se uma falta de interesse e de participação geral dos jovens nalgumas atividades, nomeadamente nas práticas curriculares dos colegas. Instrumento importante na relação com as entidades empregadoras e neste momento não existe este trabalho e esta interação, o que é bastante negativo. Alguns educadores afirmam que a falta de atividades e de participação deve-se à falta de divulgação ou os temas serem pouco apelativos. Os educadores propõem a criação de uma *mailing list*. Penso que também

		"…haver ações organizadas mesmo que dessem oportunidade não só das pessoas procurarem por si, mas o próprio curso organizar-se e não estou a falar de "ah quem quer ser voluntario para organizar o seminário e tal" não, "quem que quer ir visitar esta instituição? Tentar fazer alguma coisa aqui?" e pronto." [E9] "Na minha altura era o curso que mais organizava aqui na ESEC e com maior qualidade…" [E9] "Eu ultimamente não tenho tido assim grande *feedback* mas na altura realmente nós tentávamos ao máximo dinamizar até para termos algum reconhecimento porque muitas das vezes o grande obstáculo que nós encontrávamos era quando íamos a algumas entrevistas e ninguém saber o que era educação e intervenção comunitária não é? E toda a gente perguntava "mas isso tem alguma coisa a ver com assistente social?" E nós tínhamos de estar a fazer aquele grande discurso e tal e que aquilo era assim e assado mas ultimamente não tenho tido assim conhecimento…" [E10] "Fui a um *workshop* em Sevilha em que na altura o professor B e acho que o professor C e acho que era a D, que eles estavam com um projeto em Sevilha, Huelva e Faro, acho que era assim, e nós fomos lá a um *workshop* sobre casas de idosos e degradação e atividades, gostei muito desse. E depois também me lembro de um que foi na universidade do algarve, que foi um colega…eu acho que na altura estava no 2º ano, penso que estava no 2º ano…veio um colega da universidade do norte ou centro do país, não sei se era Leiria se era uma coisa dessas… veio um de Sevilha, veio um de Huelva e a representante da universidade do algarve fui eu, na altura. Fui eu que representei os colegas todos do curso nessa altura e esse	seria importante auscultar todos os indivíduos, de forma a fazer um diagnóstico sobre as principais necessidades ao nível de atividades. Neste momento não se verifica nem atividades nem movimento. Não existe uma lacuna visível ao nível da aproximação da licenciatura com os agentes empregadores.

		também foi importante porque para além de toda a parte de diversão e académica, nós trocámos experiências e foi engraçado…" [E11] "Ou uma visita aqui ou uma palestra ali…" [E11] "…nós através das redes sociais, *facebook,* etc., nós temos algum contato com os educadores sociais e palestras a nível nacional, mas a nível de curso não, não tenho." [E11] "...nós no terceiro ano acho, conseguimos uma visita a uma prisão de alta segurança em Huelva." [E11] "Ah olha eu lembro-me não sei se foi no terceiro ou no quarto ano que o curso começou a dinamizar os encontros de educação e intervenção comunitária, não sei se chamavam assim…não sei se foi nesse ano que se começou a organizar isso mas eu lembro-me que gostei muito de participar nessa atividade porque foi nessa altura que se começou a dinamizar de forma a serem os alunos a organizar tudo, desde o início. Tirando isso tudo o que era visitas de estudo ou palestras sobre coisas relacionadas com o curso que se faziam, eu gostava sempre muito de ir. Lembro-me uma vez de ir a uma sobre educação de adultos com o Alberto Melo, que também é uma pessoa ligada o nosso curso e com o professor B sobre os Centros RVCC na altura e educação de adultos em geral, também gostei muito porque também sempre me identifiquei muito com esta área, já durante o curso." [E12] "Se calhar uma coisa que não me lembro de ter sido feita era tentarem fazer encontros de educadores sociais, juntarem cursos e educação social de vários pontos do país e fazer encontros, com propostas de trabalho talvez. Uma coisa que também não me lembro de ter sido muitas vezes feita era convidarem professores de outras universidades, que foi uma coisa que eu agora por acaso no mestrado tive sempre, nós tínhamos sempre aulas partilhadas…"	

		[E12] "Lembro-me que também frequentei na altura que estava a tirar o curso… aquele seminário que é o câmbio, faz-se um ano na universidade do Algarve e um ano na universidade de Sevilha. Eu fui penso que no primeiro ano de curso, esse seminário concretizou-se aqui em Vila Real de Santo António em Portugal e depois no segundo na foi na universidade de Sevilha e fui e realmente acho que faz muito sentido essas parcerias…" [E13] "...aquele seminário que no fundo resultava de um câmbio entre a universidade do Algarve e a universidade de Sevilha, penso que resultava de uma forma muito funcional e parece-me que era importante. (...) eu acho que isso era uma mais-valia porque eu acho que a área social em Espanha está muito mais desenvolvida do que em Portugal..." [E13] "…acho que devia de haver uma *mailing list* de todos os alunos não é? Acho que é uma sugestão ou então de realmente nós pudéssemos ter acesso a tudo aquilo que ia acontecendo no âmbito da educação social não é? Até porque é uma forma até de nos aproximarmos e não perdemos esta ligação à universidade não é?" [E13] "Olha acho que temos uma grande variedade de atividades para ir fazendo ao longo do curso, ou seja, lembro-me que participei em N *workshops* e seminários, participei também na realização do programa de rádio do curso, sei lá em tantas atividade e acho que isso é uma mais-valia porque vamos ganhando visões em diferentes áreas." [E14] "É assim acho que as atividades que o curso organiza são organizadas pelos alunos do curso não é? E acho que falta também atividades organizadas pelos professores por exemplo pela diretora	

		do curso ou pelo diretor…acho que falta também atividades organizadas pelos professores por exemplo pela diretora do curso." [E14] "Fazer mais seminários (…) no primeiro ano que o professor trazia cá pessoas que já estavam a trabalhar, que tinham tirado o nosso curso, que já estavam a trabalhar e que vinham cá dar o seu testemunho (…) é importante porque é uma pessoa que já está na área, é uma pessoa que já tirou o curso e que tá a trabalhar e que pode dar a visão da realidade do que é que é trabalhar naquela área e acho que ia ao é muito bom. Depois deveria haver mais divulgação das atividades do curso, da rádio, por exemplo…" [E14] "…todas as atividades que nós promovemos na ESE (…) não tem a ver com aquela própria ideia que nós temos do modelo do curso superior…" [E15] "…participei pelo curso em todas as atividades que fizemos, no primeiro encontro de intervenção comunitária logo em 2002, 2003…" [E16] "…lembro-me de uma visita que fizemos à ilha da Culatra. Eu sou Algarvia mas não conhecia aquela realidade não é? E na altura aquilo marcou-me muito, não é? Acho que foi logo no 1ºano e aquilo foi engraçado." "Sei que está muito melhor (…) têm semanas com muitas atividades abertas à comunidade com cursos, têm o teatro do oprimido não é? Têm também o instituto Paulo Freire que também dinamiza muita coisa com o curso, temos o ISU, pronto eu acho que está muito melhor. Acho que há muito mais coisas para as pessoas se envolverem do que havia naquela altura."	

		"De vez em quando havia uns seminários ibero-americanos mas muito pouco, muito pouco mesmo." [E17] "Eu acho que o curso sofreu muitas estruturações, acho que antes havia, eu sentia que havia uma direção de curso que nos unia, a todos os alunos, e que tentava fazer atividades, porque nós estávamos todos de alguma forma ligados. Agora quando eu estava a dar aulas, apercebi-me que o 1ºano não conhecia o 3º, nem que o 2º conhecia o 1º, não havia uma ligação e até as pessoas dentro da turma não se conheciam…" "Eu lembro-me que havia uma associação que era a D'Agir(??) que o professor A tinha criado e não sei quê, havia o núcleo e que eram associações que serviam para exatamente isso, para nos pôr a fazer coisas, para nos pôr a mexer e que agora não resulta." "…havia o Núcleo que foi criado também com o intuito de ser dinamizado pelos alunos e nós vamos todos os anos às aulas, ao 1ºano apresentar o Núcleo e dizer que se quiserem fazer atividades venham ter connosco, nós ajudamos, nós encaminhamos, vocês podem fazer em nome do núcleo e no entanto nunca vem cá ninguém e cada vez vem menos." "…olha eu lembro-me que organizámos um círculo de cinema, como é que era? Era um círculo de cinema que organizámos com o professor B, numa aula dele tínhamos de fazer algumas atividades extracurriculares e organizar o ciclo de cinema era uma dessas atividades. O que é que nós organizámos mais? Lembro-me que na altura havia uma atividade em que a ideia era unir todos os anos do curso e que era organizada sempre, se não me engano pelo 3ºano do curso e a ideia era que todos participássemos e houve um ano em que quiseram organizar um acampamento. Estava eu no 2ºano e depois a turma do 3ºano quis organizar um acampamento em Tavira	

		com várias atividades durante o dia e a ideia era todos os anos do curso irem, mas depois não sei o que é que se passou que aquilo acabou por não ser dinamizado. Lembro-me que haviam os encontros de educadores sociais também era o Professor A que fazia e houve um ano que fizeram em que até trouxeram pessoal de Huelva. Lembro-me de ter participado em algumas atividades extracurriculares, sim, que hoje já não se passam." [E18] "...eu acho que seria bom seria à semelhança daquilo que temos tido no mestrado, enquanto estamos a fazer o 1ºano, haver mais seminários e uma diversidade maior até de temáticas e isso é muito interessante, inclusivamente com pessoas de outros países também, e isso acaba por nos trazer mais-valias e o conhecimentos de outras realidades que nós se calhar não teríamos acesso de outra forma e acho que isso é importante." [E20] "…os *workshops* em que tive envolvida foi os que fizemos enquanto trabalhos do meu grupo de trabalho não é? Havia grupos de trabalho para várias disciplinas e uma era projeto e outras coisas e então nessa altura sim. Fizemos uma vez um na escola superior de saúde, para o público em geral organizámos algumas coisas e depois no próprio estágio do curso também organizámos várias atividades para o público, um mais específico." "…eu acho que melhorou desde o meu ano até agora, acho que tem sido assim um crescendo e acho que melhorou um bocado, pelo menos do que eu vou tendo atenção, nem sempre vejo tudo (sorri). Mas acho que sim, acho que a história dos seminários, destes últimos que se organizaram é muito bom. Acho que se continua a fazer mais e melhor, alguma outra metodologia mas acho que é bom, acho que é muito bom." [E21]	

		"…havia uma série de atividades que eu acho que eram organizadas e todos os anos havia pelo menos uma grande atividade que era organizada e que deixaram de existir e deixou de haver união, para já entre os diferentes anos do curso, a não ser as questões meramente académicas de ir beber uns copos e fazer umas praxes e umas coisas, tudo fora disso deixou de haver interação na minha opinião e depois deixou de haver também dentro da própria turma…porque por exemplo eu lembro-me que quando organizavam uma atividade anual para os estudantes do curso acho que era o terceiro ou o quarto ano que organizavam essa atividade, acho que era e isso unia a turma porque para além de todas as coisas que tinham de fazer de trabalho individuais e não sei quê tinham uma coisa em que estavam a lutar todos para o mesmo e isso deixou de haver. Então na minha opinião perdeu-se o espírito." [FD]	
	2.4.Opinião acerca da formação recebida	"…a nossa licenciatura permite-nos alguma abrangência a nível do mercado de trabalho, ou seja, acho que é uma mais-valia porque não é uma licenciatura muito, digamos que não afunila muito as coisas mas que sim, que abre todo um mundo social…" "Abriu-me muitos horizontes e fez com que eu pudesse aprender novas áreas (…) acho que isto depende também muito de nós próprios e acho que umas pessoas quiseram ir mais além e outras pessoas não quiseram ir mais além e depende também onde é que cada um de nós quer ir …" [E1] "…acho que é pouca objetividade sobretudo no 1º ano." "…sentia um bocado muito aquela onda do secundário a algumas disciplinas, pouco rigor, em termos científicos acho que para um	Não existe um consenso acerca da formação recebida. Uns educadores afirmam ter as ferramentas necessárias, outros revelam que a formação é insuficiente ou incompleta. Existe a opinião de que a formação é abrangente

		grau superior acho que é pouco rigoroso e pouco cientifico também." "…no 3º ano fizemos logo as práticas, fizemos muito trabalho de campo e isso implica já ter muito o à vontade e ir ter com as pessoas, estudar, realidades concretas, o trabalho de campo, essa parte prática acho que é a mais-valia do curso." "Sim, muito cientifico mas depois a realidade concreta é outra e tudo bem que nós estamos aqui para levar a parte científica e a parte académica mas também temos de estar preparado para a prática e o ideal é conciliar as duas coisas e acho que aí existe também uma lacuna …" "É assim, claro que o curso dá-nos o geral não é? Depois nós temos de nos fazer à vida, não é?" [E3] "…o nosso curso promove muito o empreendedorismo, a autonomia…" "…ver a abrangência da população com quem podemos trabalhar …" "…durante quatro anos fui bombardeada com temos de ir de encontro às populações, temos de saber vestir portanto de encontro à área que estamos a atuar, temos de ver o tipo de população temos à frente, e vocês ainda devem ser bombardeados com isto, não podemos dar o peixinho, temos de dar a cana e ensinar a pescar… durante quatro anos fomos bombardeados com isto, eu saí de lá da universidade com isto já incutido em mim não é? Saber estar, saber ser, saber fazer, pronto não é? Isto é importante…" [E4] "…em termos da minha valorização pessoal pronto e da minha forma de estar pois é óbvio que o curso contribuiu. Pronto foi muito bom, contactei coisas novas, conheci novas pessoas, tive novas	mas que esta abrangência é uma forma de adquirir conhecimento e ao mesmo tempo abrir os horizontes e que cabe a cada um decidir o que fazer com a formação. Existe a opinião de que a formação não é adequada, que é insuficiente ou incompleta. Existe a necessidade de outras unidades curriculares e de um aprofundamento de determinadas questões. Esta diferença de opiniões encontrada pode estar relacionada com a personalidade e com a maturidade de cada um. Uns educadores são mais autonomia que outros, uns educadores "aceitam

		experiências e isso é sempre muito enriquecedor…" "Eu acho é que as pessoas não saem com uma licenciatura e ainda mais desde que reduziram com o Bolonha, eu acho que com três anos de universidade é um bocadinho atirar as pessoas assim…" [E5] "…curso dá-nos um bocadinho." [E6] "Gostei da parte prática, sempre que havia a realização de trabalhos nós colocávamos em contexto de trabalho, eu por exemplo a maior parte dos trabalhos que fiz eram sempre inseridos em algum tipo de instituição e isso é muito bom, porque nós íamos ganhando logo a prática e vendo como é que as coisas funcionavam…" "…achei que não tinha bagagem suficiente, que me faltava algo mais, mas essa bagagem depois vai-se adquirindo ao longo da experiência profissional e provavelmente isto acontece a toda a gente mas que as minhas bases foram muito boas, foram." "Acho que tive uma boa formação." "Eu na minha perspetiva acho que a formação está de encontro às necessidades que se sentem, porque realmente continua a faltar é o tal contato com as entidades, ver o tipo de trabalho que as entidades desenvolvem. Aí há uma falha, mas que as bases são boas, embora eu saiba que já houve alterações desde a altura em que eu fiz, mas acho que se se mantiverem essas bases elas continuam a ser muito boas e não são de retirar." [E7] "…o que nos fez sempre confusão e penso que ainda continua a fazer é a amplitude, não é? "Nós é um curso que onde podemos intervir em muitas áreas e nós próprios pois temos de procurar especificamente se calhar aprofundar os conhecimentos numa	a cana e outros querem o peixe já todo pescado". Assim apenas alguns são capazes de se autodesenvolver com a formação, outros esperam que lhes sejam dados todos os conteúdos. Verifica-se um consenso na falta de rigor, sendo que alguns afirmam que existe um facilitismo claro nesta licenciatura e que este facto é prejudicial, uma vez que é distinguida negativamente comparando com outros cursos. Também aqui são apontados os problemas da falta de contato com as entidades empregadoras e da componente prática. Este é um aspeto de que os educadores falam sempre que têm

		determinada área que esteja de acordo com, pronto com os nossos gostos pessoais com as nossas próprias expetativas mas o facto ter uma área ter, ser tão abrangente desde a saúde, ao ambiente, à educação pronto que há pronto a intervenção do educador pode, é muito vasta e depois acabamos por não ter conhecimentos muito específicos duma área porque lá também é bom (…) temos sempre um leque muito aberto de oportunidades, não é?" "…desde o 2ºano que procurei ter essa vertente prática exatamente porque sentia falta dela no curso não é? Porque só tínhamos as práticas no último ano, e que nem sequer eram práticas, era monografia pronto um trabalho, um trabalho prático que fizemos no último ano, no 3ºano, penso que ainda existe atualmente, mas exatamente por sentir falta dessa falta prática porque há cursos em que as práticas, porque há cursos que há práticas desde o estágio de observação até ao estágio mais ativo, desde o 1º ano. Como sentia falta dessa parte prática comecei logo a trabalhar…" [E8] "De certa maneira eu acho que me deu todas as ferramentas possíveis para eu depois aprender sozinha e acho que isso é muito importante, eu não me sinto desiludida com o curso, de maneira alguma. Acho que a mim o curso incentivou muito a ser autónoma a pensar de modo crítico e a utilizar determinadas técnicas principalmente de educação não formal que me abriu no fundo muitas possibilidades." "…acho que o curso deu o suficiente para depois eu ir aprender sozinha, ou seja lançou, lançou com os ideais, sinto-me lançada e pronto, "agora vamos lá ver como é que é na prática" [E9] "…acho que foi o melhor que na altura nós podíamos encontrar, foi uma altura assim mais inicial mas acho que foi dentro do possível	oportunidade. Qualquer que seja o ponto de análise levanta esta questão.

		viu-se que havia ali um esforço para tentarmos sair o melhor preparados e que daí depois também se viu (…) Que havia determinados aspetos que necessitariam de ser trabalhados em projetos futuros." "Dá uma preparação para o mercado de trabalho, é claro que como tudo que nós depois temos de vir a desenvolver determinados aspetos não é? Que achamos que vão ser necessários, mas isso é como tudo é impossível a nossa formação cobrir todas as vertentes… dá-nos uma base e depois de acordo com essa base nós vamos desenvolvendo em concreto não é? De acordo com aquelas, por assim dizer, entre aspas, aquela especialidade que nós queremos seguir." [E10] "É importante o Paulo Freire, pronto aquelas coisas que nos metem e é incutido mas depois nós chegamos ao mercado de trabalho (sorri) e não sabemos nada (interrupção) pois estava-te a dizer que a situação que nós aprendemos no curso é tudo muito teórico, é o que eu digo falta a partilha de experiência de quem está no terreno, dizer "faz-se isto, faz-se aquilo. Senti esta dificuldade, olha vão por aqui, vão por ali" pronto um bocadinho da experiência prática de quem já está a trabalhar entretanto." [E11] "…a nossa licenciatura pelo facto de ser tão diversificada em termos da áreas da educação proporciona uma visão mais aprofundada das coisas e portanto dá-te a oportunidade de crescer enquanto ser humano e tendo em conta a área em que tu vais trabalhar vem sempre outros aspetos por acréscimo portanto essa foi uma das coisas que para mim foi mesmo, mesmo boa." [Mestrado] "Eu podia ter feito aqui em Faro mas não quis exatamente porque percebi que havia uma grande discrepância entre	

		a exigência a nível de ensino da Universidade do Algarve para uma universidade mais competitiva como a Universidade de Lisboa…" "…tu não sais nunca dum curso completamente preparada para o mercado de trabalho porque o curso não te dá tudo. Tu ali recebes ferramentas a nível teórico, vá lá e algumas em termos práticos mas depois no dia-a-dia é que é que tu vais aprendendo a lidar com as situações e vês como te confrontas com elas e tu no curso de intervenção comunitária, pelo menos eu, não aprendi como é que tinha de ser o meu relacionamento interpessoal com os utentes (…) Há muitas coisas que se aprendem na vida e com a prática…" "Não sinto que fiquei mal preparada, muito pelo contrário acho que nós comparativamente a outros cursos, pelo facto de podermos trabalhar em tantas áreas saímos com uma perspetiva muito mais alargada e duma forma geral temos uma cultura, temos conhecimentos gerais muito mais fundamentados do que se calhar outros cursos na área social, agora é óbvio que há coisas que tu aprendes fazendo não é?" [E12] "…de facto não senti que estava tão bem preparada como aquilo que gostaria de estar." "Portanto fala-se das coisas de uma forma leve e geral e depois é óbvio que aquilo acaba por ser o início, acaba por ser a formação base e depois cada um de acordo com a área profissional vai investindo na formação mais específica não é?" "Acho que o grau de exigência não é nada por aí além, e eu era trabalhadora-estudante não é?" "Portanto eu não posso de alguma forma dizer que o curso tem uma exigência muito elevada, eu acho que é muito acessível e se calhar até me interrogo se não será acessível demais não é?" [E13]	

		"O que eu gostei mais muito sinceramente foi a diferença que toda a dinâmica do curso faz em relação aos outros cursos porque normalmente as coisas obedecem a um padrão e são um pouco quadradas, não fogem daquele modelo, não é? E todas as atividades que nós promovemos na ESE e eu digo nós porque todos os anos do curso tinham sempre uma parte ativa, não é? Davam sempre esta contribuição portanto éramos um bocadinho fora da norma portanto isso sinceramente foi o que mais me agradou porque para além do desafio dos próprios pequenos projetos onde nos íamos metendo não é? E íamos desenvolvendo, é precisamente essa diferença que existe (…) todas as pessoas deviam fazer este curso antes de irem para uma área qualquer específica, fosse para o ensino pronto para a educação formal fosse para onde fosse, as pessoas deviam passar por isto porque remete-nos muito para a dimensão do ser, para a dimensão humana, que é aquilo que hoje em dia está a ser ignorado e forçadamente ignorado não é?" [E15] [satisfação] "É a perspetiva social, é a perspetiva de começar do povo portanto começar a fazer projetos a partir da vontade da população, do povo, o contato com a terra, com a população, não necessita de ser a mais carenciada mas necessita de ir ao encontro daquilo que eles realmente anseiam, que querem e que perspetivam…" "…traz outra perspetiva, portanto o que eu tinha de bagagem a nível de experiência vim a enriquecê-la a nível de teóricas…" [E16] "Eu gostei, gostei do curso, achei que foi muito prático, muito inovador…" "Eu acho que a formação nunca prepara completamente para o mercado de trabalho, eu acho que é uma ajuda mas depois a partir do	

		momento em que nós começámos a trabalhar temos de procurar sempre mais informação não é? Temos de procurar aprender porque acho que nunca chega, há coisas que nunca se vão aprender no curso." "Eu acho que me ajudou, eu acho que o curso…a minha forma também de trabalhar reflete aquilo que eu aprendi não é? Reflete muito aquilo que eu aprendi. Acho que se tivesse ido tirar outro curso, sei lá serviço social ou…talvez não teria a mesma sensibilidade para algumas áreas como tenho agora." "Eu acho que não é julgar (sorri) não é estar a julgar mas acho que sim, acho que trata muito bem a parte da dignidade humana, de dar valor àquilo que as pessoas fazem, àquilo que as pessoas são e àquilo que as pessoas dizem, mais do que sermos nós os profissionais que temos a sabedoria toda não é?" [E17] "…acho que não nos prepara para saber lidar sempre com as adversidades (…) acho que não nos prepara para isso, mas acho que nenhum curso nos prepara para depois aquilo que encontras e para lidares com o não profissionalismo dos outros …" [E18] "A formação que nos foi dada, ela era adequada não é? Mas mais uma vez volto a dizer, a tónica tem de estar em nós, aquilo que nós fazemos com a informação que nós recebemos, porque aquilo que nos dão em termos de formação na Universidade nunca é suficiente, se nós não a aprofundarmos, nunca é suficiente se nós não formos à procura de saber mais, por nós próprios, portanto aquilo que nos ensinaram, que nos transmitiram, era adequado." [E20] "O melhor que eu tirei foi confirmar as minhas práticas no dia-a-dia na teoria, isso foi o melhor que eu consegui perceber porque muitas	

		das coisas que eu fazia, digamos que eu fazia empiricamente e sem saber que aquilo tinha um fundamento e curso ajudou-me a identificar correntes de intervenção, de pensamentos, de autores, de determinadas coisas e a estruturar melhor uma perspetiva mais global não é? Eu já tinha mas isso ajudou-me bastante portanto eu acho que a prática que eu tinha foi confirmada pela teoria que o curso me deu e aí eu fiquei mais satisfeita a pensar assim "afinal estou a fazer sem fazer muita asneira" (sorri)". "É assim acho que gostei essencialmente de ter esse aprofundamento do conhecimento não é? Foi a minha forma de parar porque o dia-a-dia acaba por nos envolver tanto e tirar tanto que nós andamos a fazer as coisas e não refletimos sobre aquilo que fazemos sobre as nossas práticas e o curso permitiu isso, eu era obrigada a estudar não é? Tinha de ler, tinha de estudar para fazer os testes e ao mesmo tempo que fazia isso para os testes fazia também em simultâneo para a minha prática do dia-a-dia e isso foi bom, isso foi muito bom, ajudou-me a estruturar muita coisa." "…o curso também me deu algumas coisas, algumas ferramentas práticas, pronto logicamente técnicas e a dominar melhor coisas que eu fazia mas que fiquei a saber fazer melhor (…) O domínio de algumas técnicas, nas próprias entrevistas, os inquéritos, saber trabalhar com o SPSS, pronto outras coisas são ferramentas práticas que o curso deu e que se nós quisermos temos mais domínio sobre elas e isso foi bom." " Tem algumas deficiências sim, sim. Tem certamente mas isso é um mal que padece em todas as licenciaturas, isso é geral. É assim também nunca podemos…as nossas universidades em Portugal são todas muito livrescas, pouco viradas para a prática na sua maioria, umas mais do que outras não é? Também já não se pode generalizar tanto assim, mas aqui é educação e intervenção comunitária até	

		comparando com algumas coisas, até é um dos cursos onde aparece ainda assim alguma coisa prática mas que podia ter se calhar mais algumas coisas ah isso podia, certamente." [E21] "…eu sempre tive uma ideia que é assim, este curso devia ser a base dos cursos todos porque nos remete inclusivamente para os cursos de educação formal porque nos remete para uma introspeção, ou seja, para arrumarmos a casa porque nós não podemos ajudar os outros a arrumar a casa se não arrumarmos a nossa primeiro…" [FA]	
	2.5.Práticas curriculares	"Eu tive uma boa experiência na altura, não pelas pessoas que me acompanharam da parte da universidade mas pelas pessoas que me acompanharam da parte da instituição em que eu fui fazer o estágio. As coisas correram bem, gostei muito. Havia lá curiosamente uma colega que tinha tirado intervenção comunitária, o nome antigo do nosso curso… as coisas correram bem e as pessoas que me guiaram no centro de novas oportunidades foram se calhar muito importante para que o estágio fosse também ele muito importante." [E1] "Eu acho que isso também depende muito do grupo de trabalho e dos alunos, primeiro." "…acho que a estrutura está boa porque no primeiro semestre nós temos o diagnóstico, estamos a conhecer o terreno e no segundo semestre já é prático, ou seja, podemos mostrar algo mais prático e eu acho que depois isso vai tudo depender dos alunos e da relação que eles tiverem com o orientador e com os outros professores e do conhecimento que eles já têm por trás…" [E2]	A escolha do local é um fator importante e podem existir problemas quando a direção de curso e os principais docentes responsáveis por esta cadeira não direcionam os alunos para locais apropriados. Muitos educadores afirmam que o tempo de práticas é insuficiente e que deveria de haver uma maior aposta no contacto com os contextos de trabalho. Consequência da falta de atividades

		"Fiz na câmara de Silves, na câmara de Silves num pólo de educação ao longo da vida, na educação de adultos e também numa quinta pedagógica." "No meu caso que acho que até foi bem preparado mas eu lembro-me que tive colegas que as coisas não correram assim muito bem. Eu acho que também havia pouca comunicação entre a universidade e o interlocutor, o orientador ia lá uma vez, falava e tal mas não haviam reuniões periódicas, não havia por exemplo objetivos concretos, nós eramos deixados um bocado "olha vocês vão para ali fazer aquilo e pronto e desenrasquem-se", era quase assim, havia pouca comunicação entre universidade e instituição…" [E3] "…fiz estágio curricular na casa da primeira infância…" "…eu fiz o meu estágio curricular numa comunidade de etnia cigana "ok, vamos mudar a vida destas pessoas" e as coisas não são bem assim não é?" "Quando eu fiz o meu estágio fui para comunidade cigana trabalhar numa barraca três vezes por semana e eles nem três vezes por semana vinham, nem o dia todo, vinham ali uma horinha e pronto, uma horinha, duas horinhas máximo e não havia iniciativa para… eu não tinha material nenhum para trabalhar, a instituição não me deu nada para eu trabalhar, nada! A instituição que me estava a apoiar, a única coisa que fez foi "olha a gente gostava…" portanto o presidente "se vocês quiserem nós gostávamos de expandir a área social e a etnia cigana era uma área que gostávamos de trabalhar" fui fazer prospeção de todas as comunidades de etnia cigana aqui da zona, as mais prioritárias e as que nós podíamos ou não entrar na comunidade para trabalhar, que tinha as mínimas condições, mas não me deram nada. Nós fizemos uma campanha de recolhe de materiais pelas lojas todas, andámos a pedir materiais, ainda hoje 10	organizadas para licenciatura? Existe uma lacuna na questão do apoio, uma vez que nem todos os orientadores que têm sido responsáveis pelos grupos de práticas ao longo do tempo têm dado o devido apoio, e isto tem trazido alguns problemas ao nível do trabalho realizado pelos grupos. Práticas "menos boas"? As más práticas prejudicam gravemente a imagem da licenciatura e da figura profissional. Um dos aspetos mais negativos é a falta de empenho, de dedicação e de motivação por parte dos alunos. As práticas não devia ser uma das

		anos depois eu tenho material desse em casa, a sério. E nós foi assim, se queríamos uma bacia para eles lavarem as mãos antes de entrarem no espaço fomos nós que a tivemos de arranjar, não havia nada, e agora acho que estavam um bocado à espera que caia do céu. Nós é que tivemos de nos dar ao trabalho de fazer não é?" "No primeiro dia fomos visitar as comunidades, os acompanhamentos aqui dos arredores e aquele quando nós chegámos lá não entrámos, não entrámos na zona, ficámos barrados à entrada do acampamento (…) e foi uma conquista…" [E4] "Temos alguma autonomia para definir e tempo para estar no local e perceber um pouco o que é que são as necessidades e depois alguma autonomia e apoio para dinamizar um projeto e implementá-lo. O tempo é sempre curto não é?" "Fiz numa IPSS na Tôr, uma associação que eu tinha alguma relação já não é? E depois uma freguesia também que eu trabalho que tenho noção das necessidades não é? Fiz lá as minhas práticas e aliás na altura criámos o nosso projeto (…) Pronto e em Querença havia o boletim informativo que na altura foi criado em algumas freguesias e na Tôr eu sentia que as pessoas gostavam de ter um instrumento porque pronto às vezes diziam "ah em Querença têm tudo e a gente aqui não" pronto e nós no âmbito do nosso projeto criámos um boletim para a freguesia da Tôr que é a Ponte e que o boletim continua a sair de dois em dois meses portanto tem…" [E5] "…nós escolhemos, nós quer dizer é o 3ºano e não sabemos bem o que queremos, temos de escolher um sítio, depois escolhemos o sítio e tamos por nossa conta. Quem tem a sorte de escolher um bom sítio aproveita-o ao máximo e consegue tirar mesmo algum proveito, agora quando nós não sabemos bem o que é, vamos para uma área	fases mais importantes do curso? Se os alunos estiverem realmente vocacionados e gostassem do que estão a fazer? Porquê a fata de interesse motivação? As práticas curriculares são desenvolvidas nos mais diversos contextos: ipss's, autarquias, bairros, entre outros.

		tentamos insistir naquela área mas depois…o meu trabalho foi com mais uma colega, foi na REAPN, Rede europeia? Já nem me lembro mas o objetivo era divulgar a instituição, gastámos imenso dinheiro do nosso, por nossa conta, a visitar instituições pelo Algarve e o resultado final acabou por não ser nada de…" [E6] "Eu por exemplo estagiei na rede europeia anti pobreza em Faro, que na altura também era recente, tinha pouco tempo de estar lá localizada e fiz um trabalho de divulgação da rede em todo o Algarve…" "Isto depende muito do que entidade empregadora e do que a entidade empregadora pretende, mas no meu caso quando fiz a entrevista fizeram-me uma série de perguntas sobre o que realmente eu pretendia desenvolver e o meu plano de estágio foi acordado com o que eu pretendia desenvolver, mas também da experiência que vejo aqui e já houve várias pessoas a estagiar no núcleo de ação social, isto por vezes não acontece e é um erro da entidade, porque chega o estagiário sem saber muito bem o que vem fazer e acaba por fazer trabalho que está nas urgências e que ninguém consegue fazer e aqui realmente há uma falha e aqui estamos a falar de estágios curriculares não é?" "Acho que o orientador também tem um papel muito importante de andar mais em cima e de tentar que o estagiário não seja o SOS das urgências porque às vezes acontece." [E7] "…nós fizemos um projeto na altura também um bocado espicaçadas pronto pelos professores, fizemos um projeto para a Guiné Bissau, com mais uns colegas, fizemos, levámos o Verão todo a fazer contactos, conseguimos uma bolsa, pronto a parte económica, conseguimos uma bolsa, conseguimos um contacto de	

		uma instituição na Guiné, conseguimos um orientador de estágio na Guiné, conseguimos um alojamento na Guiné, conseguimos quem nos assegurasse as refeições na Guiné, conseguimos uma série de infraestruturas que quando apresentámos o trabalho que tínhamos feito durante o Verão. Os professores não acreditavam pronto que aquilo tinha sido possível concretizar e então pedimos a realização das práticas na Guiné Bissau. O que implicaria a deslocação do grupo para lá, pronto durante um determinado tempo para a realização portanto das práticas, depois de estar esta estrutura toda montada o conselho pedagógico chumbou as práticas, pronto e chegámos ao Natal e ainda não tínhamos iniciado as práticas e isto depois foi muito complicado porque depois a partir do Natal aliás nas férias do Natal tivemos que procurar uma alternativa e tivemos que trabalhar aquilo que os colegas tinham trabalhado até ao Natal e tivemos que, pronto recuperar. Na altura fui com outra colega minha para o bairro, para um bairro de Olhão, que é conhecido pela Pantera Cor-de-Rosa e desenvolvemos lá um trabalho, claro que não foi aquilo que nós queríamos, não é? E aquele projeto da Guiné ficou sempre, foi uma coisa em que apostámos e que depositámos todas as nossas expetativas, tivemos o apoio dos professores mas depois quando foi realmente para concretizar os próprios professores, pronto não aprovaram e isto ficou, ficou assim mas pronto. Gostei das práticas que fiz, tivemos uma experiência, claro que ficou sempre aquela, aquela mágoa de não termos conseguido concretizar o que realmente queríamos, não é? Já tínhamos passaporte, já tínhamos, não tínhamos ainda levado as vacinas vá lá…" [E8] "Em relação ao meu estágio profissional sim, foi muito desafiante, agora se era adequado ao mercado de trabalho não, era muito idealista, eu acho que se peca um bocado por aí às vezes e eu própria	

		estou a orientar, na instituição onde trabalho, estou a orientar estagiárias de educação social e como vimos com aquela iniciativa toda do curso e queremos fazer e queremos mudar tudo num prazo de seis meses às vezes perdemos um bocado a noção da realidade e depois de… não sei se nos dá mesmo a oportunidade ver os aspetos práticos duma instituição, no sentido do dia-a-dia, dos conflitos de hierarquia, que é tão importante não é? Na minha opinião." "Fiz no projeto clube Bus, em Quarteira." [E9] "Foi na Horta da Areia sim e foi na altura em que houve um realojamento e nós por assim dizer seguimos todas aquelas pessoas, fizemos todo aquele trabalho que a Câmara na altura deveria ter feito e delegou nesta fundação em que nós estávamos a fazer o estágio, que era a fundação António Silva Leal." [E10] "A minha experiência…eu fiz na APATRIS, na associação de trissomia 21. (…) na altura essa associação estava um bocadinho desestruturada e nós é que tínhamos de decidir o que íamos fazer. Elas disseram-nos que tinham necessidade a nível de divulgação da associação mas não nos deram diretrizes, nem nos disseram "vão por este caminho onde nós sentimos mais falta ou por aquele" e então nós fizemos um bocadinho por intuição. Acho que até nem correu mal, fizemos uma sessão de apresentação da associação no Algarve shopping, onde tínhamos lá uma barraquinha e onde explicávamos às pessoas que passavam e que estavam interessadas o que era a APATRIS, fizemos um marcador de livros." "E fizemos uma festa de carnaval para os miúdos da associação que foi importante…e fizemos, é verdade não me lembrava, fizemos um jogo de tabuleiro sobre a trissomia 21 e então fomos a escolas onde há miúdos com trissomia 21 no concelho de Faro e intervimos nas	

		turmas que tinham esses miúdos porque depois há sempre o estereótipo do mongoloide e do é atrasado e do tem uma deficiência e pronto tudo isso magoa os miúdos. Então nós tentámos através dessas ações explicar o que era a trissomia 21. Através de um jogo e através de dúvidas deles e depois tivemos o *feedback* das professoras a dizer que realmente os miúdos estavam muito mais integrados e que os colegas davam-lhe mais apoio e que tinham percebido que eles não tinham nada que os pudesse sentir inferiores aos colegas e então foi importante também nessa área." [E11] "Ah olha eu fiz o meu estágio curricular no gabinete de apoio à juventude na câmara de Albufeira e o meu estágio correu bem mas também correu bem porque nós nos entregámos muito…" [E12] "…aquilo era assim aquilo era um grupo de voluntários, portanto ninguém estava lá a tempo inteiro, não havia administrativa, não havia…a própria sede da associação servia de armazém, porque eles depois…aquilo era a associação social e cultural de Faro, eu nem sei se aquilo existe ainda. Pronto aquilo foi uma associação que foi constituída logo após o 25 de abril, tanto que nós quando fizemos o estudo aquilo era tudo antifascismo, tudo anti isto anti aquilo percebes? E naquela onda do pós 25 de abril portanto nada daquilo que estava nos estatutos tinha a ver com a realidade que nós encontrámos na altura porque já estava super desatualizado não é? Já tinha passado muitos anos e (interrupção) eles depois desenvolveram várias valências e naquela altura em que nós lá fomos o único núcleo…eles até chamavam núcleo, que tinha atividade associativa era o núcleo de montanhismo e nós vimos o nome e pensámos que realmente tivesse a ver com aquela parte social e cultural e que realmente houvesse um trabalho nessa área, mas não nada. Era tudo	

		na área do montanhismo e nós fomos parar lá. E nós "então e atividades e o que é que se faz?" "ah não se faz nada por isso é que é muito importante vocês virem cá e na na na" (…) nós começamos e lá está por isso é que eu também digo que deveria também haver um maior cuidado da parte do pessoal docente nestas questões, porque é assim nós chegamos lá e isso foi do conhecimento mas lá está mas não houve foi uma atuação adequada não é? Penso eu porque aquilo que eu senti na altura foi que nós realmente reportámos a situação, aquilo a sede era utilizado como armazém e aquilo não tinha atendimento ao público, não tinha…eles reuniam lá mas à porta fechada e nada portanto era mais uma sala de convívio entre eles do que propriamente uma sede uma associação e então o que nós colocamos em prática foi criar um horário de atendimento e então enquanto nós portanto aquelas horas do estágio curricular nós tínhamos sempre a porta aberta e portanto divulgámos nas escolas esse horário de atendimento." "…a associação na altura ficava mesmo no fim da rua da escola e então aquilo que fizemos foi de facto reunir com a coordenadora do estabelecimento e definimos uma série de atividades em conjunto com as crianças lá da escola e pronto fizemos dias temáticos e fizemos várias atividades e acabou por resultar nesse aspeto não é? E aí pronto já me senti um pouco realizada porque teve a questão das crianças e de facto eu sempre tive muito mais a pré-disposição para trabalhar com crianças e jovens do que propriamente com adultos e idosos (…) E senti que se calhar o curso deveria condicionar mais os estágios curriculares para realmente saídas profissionais porque é assim aquela associação jamais iria ficar com qualquer uma de nós percebes? Nós eramos quatro e ali estávamos, não é a perder tempo porque tudo é aproveitado na natureza nada se perde não é? (sorri) Tudo se transforma, mas não quero com isto dizer quer foi perda de	

		tempo, longe disso! Não foi, mas poderia ter sido tempo melhor aproveitado e melhor rentabilizado…" [Escolha do local] "…não foi feito uma sondagem para aquele ano, coisa que se calhar eu também acho que tinha sentido ser feita, se calhar também fazia sentido ser mais atual, mais com as necessidades daquele momento não é? E não uma lista com todas as entidades nas quais os estudantes dos outros anos anteriores já tinham feito estágio. E aí até me parece que havia abertura e até me parece que houve colegas minhas que fizeram em entidades que não constavam daquela lista e portanto entidades que tinham conhecimento e que foi uma inovação e houve abertura para mas de facto eu acho é que deveriam de haver…isto também implica logística para não é? Mas se calhar até fazia algum sentido não é? Mandar um ofício circular para várias entidades ou sei lá…" [E13] "Eu na altura fiz no centro de saúde e nós estávamos lá de manhã à noite, o segurança tinha de ir lá bater à porta para nós irmos embora…" "…ainda hoje falo com as minhas caloiras que estão agora no terceiro ano e quer dizer há ali estágios que para mim não são estágios porque não estão a fazer nem 10% daquilo que eu acho que deveria ser feito. Falta empenho, falta dedicação, não sei é uma coisa…" [E14] "Acho que é pouco tempo por isso é que eu digo este, este aspeto que devia ser o curso todo, em paralelo, não é?" "…no estágio trabalhei com população doente, não é fácil e algumas delas perderam a vida entretanto, são doentes oncológicas…" [E15] "…o meu estágio foi com pessoas deficientes…"	

		"…eu fiz o estágio curricular onde vivo que é em São Brás de Alportel e fiz em parceria com, fiz no programa EQUAL que tinha cinco parcerias mas era concentrado em São Brás de Alportel, ainda hoje os formandos me falam e dou-me bastante bem com eles. A nível de instituição foi um bocadinho complicado ou um bocadinho delicado porque eu sou uma pessoa muito íntegra, honesta e quando eu me começo a aperceber que as atitudes das pessoas não correspondem bem àquilo que dizem, eu sofro de alguma dor de estômago…" "…foi uma parceria com cinco instituições, a câmara municipal, a In Loco, a Existir e a dos doentes mentais (…) a ASMAL…" "…quando estive também no estágio curricular também trabalhei com adultos e é muito bonito ver um adulto desembruxar na área cultural, educativa, didática, é fascinante." [E16] "Fiz no MAPS…" "O estágio é muito bom claro, mas não é suficiente." "Eu acho que tal como o curso ainda era verdinho eu acho que na altura em que se fez o estágio havia muitas coisas que se calhar também estavam assim meio verdinhas. Eu acho que havia dificuldades em escolher sítios do estágio muito relacionados com a área do curso e daí se calhar termos tido mais dificuldade…eu acho que essa dificuldade foi comum a toda a turma." [E17] "Acho que, estágio, o que é que é o estágio? As práticas são três meses para concretizares o projeto. Para mim, o trabalho que se faz devia ser o ano inteiro, o ano todo, o ano letivo todo. Tu começas no 1º semestre com algumas abordagens pontuais ao sítio onde vais fazer a prática não é? Para fazer o diagnóstico e o projeto e depois quando chegas lá no segundo semestre para aplicar já mudou tudo.	

		(…) Para mim, tinha de ser um trabalho mais contínuo.” [E18] “…no estágio curricular fiz uma tese no perímetro florestal da Conceição de Tavira em que o objetivo era favorecer a utilização do perímetro de maior utilização da comunidade envolvente porque havia alguns conflitos de interesses e então o objetivo era criar pontes, era estabelecer acordos sempre numa perspetiva de construção, de diálogo, de envolvimento das pessoas para um melhor utilização do perímetro florestal por parte das comunidades sobretudo na área do pastoreio, na área da realização de passeios pedonais, passeios de cicloturismo e outros.” “…de acordo com a sua motivação, de acordo com a sua expetativa, de acordo com a sua ambição, de acordo com as necessidades do mercado deve apostar naquela área onde é que se sente mais à vontade, onde é que gosta mais de trabalhar e onde é que há mais necessidade.” [E19] “…estagiámos numa comunidade que é um bocado diferente, ainda por cima uma comunidade rural, pronto e que tinha uma estrutura física que nós aproveitámos para tentar dinamizar, porque já que tínhamos um espaço íamos tentar partir dali, tornou-se interessante mas foi bom, e até aquilo que funcionou mal lembro-me que foi muito bom para nos mostrar que aquilo que nós idealizamos e que temos sempre de ter um plano B e porque aquilo que nós estruturamos de uma maneira não pode ser assim tão estruturado e não pode ser fechado, de novo, estamos a lidar com pessoas e o primeiro choque que nós sentimos foi a falta de pessoas, porque as pessoas não vinham ter connosco, nós tivemos que ir ter com elas e até chegarmos a esse ponto foi um caminho um bocadinho difícil e um bocadinho longo e depois perdemos tempo…” [E20]	

		"Eu fiz o meu trabalho de estágio aqui no centro de medicina e reabilitação e uma das ideias era fazer a ligação precisamente dos utentes com as famílias e a comunidade e um bocadinho essa ponte e aí fizemos vários contatos no sentido de levar pessoas lá, levar grupos e outras coisas, portanto digamos que era na base dos trabalhos, trazê-los um bocadinho ao conhecimento do público." "Há alguns que resultam bem, pronto quer os alunos quer as entidades de alguma maneira se encontram e conseguem fazer alguma coisa que sirva e às vezes há alguns estágios, vicissitudes dos sítios ou dos locais ou da forma como as pessoas encaram os estagiários que não correm assim tão bem mas fazem falta." "…acho que é um instrumento muito bom do curso." "Tive uma experiência difícil (…) fomos nós próprias que nos propusemos ao desafio, sabíamos que íamos para uma coisa difícil, para um sítio completamente difícil de trabalhar, uma área que nenhuma de nós tinha trabalhado, que era uma área ligada à saúde (…) E foi um bocado nessa onda do desafio, nós irmos tentar uma coisa que nunca tinha acontecido e que nenhuma de nós pessoalmente conhecia nem sabíamos e portanto fomos para uma área em que ninguém conhecia coisa nenhuma, nada de nada. Não fazíamos a mínima ideia, tínhamos propostas para fazer, só pela análise que fizemos da instituição não é? Sabíamos que a instituição tinha as pessoas, tinha salas de convívio, tinha pronto e por essa análise nossa exterior e de preparação para o estágio fomos lá e entre aspas desafiámos a diretora e ela primeiro…ela teve muita dificuldade em aceitar-nos, não foi fácil aceitar o nosso estágio e depois lá disse que sim e eu penso que pronto não fizemos para ai um grande trabalho mas foi bom pelo menos para quem usufruiu daquilo que nós preparámos lá foi bom." [E21]	

		"E sei que quando eu fui docente havia dois modelos de práticas diferentes. Havia o do professor que acompanhava o trabalho dos alunos e que ia observá-los no contexto da instituição e havia aquele que se limitava a ter uma reunião com elas de duas em duas semanas para…e conversas por *email* e não é a mesma coisa! E os alunos sentem isso e o resultado final obviamente que é muito diferente." [FD]	
	2.6. Relações entre a licenciatura e os agentes empregadores/ instituições da região	"…devia haver se calhar um bocadinho mais de aproximação do curso às instituições, trabalharem mais em conjunto…" [E2] "Eu no meu tempo, não sei se isso ainda continua se não mas havia no final do ano quase uma feira de apresentação do curso às instituições, em que se convidavam instituições da zona pronto a nível do Algarve, para irem conhecer a escola e para irem conhecer o curso e aquilo que se fazia a nível do curso não é? E outros técnicos que estavam a trabalhar em instituições irem apresentar aquilo que estavam a fazer nas instituições pronto e as próprias instituições irem à universidade." [E4] "…o curso ter contacto com o contexto de trabalho mesmo desde o primeiro ano, porque nós sempre realizámos trabalhos extrauniversidade, pronto em várias instituições e isso acho que prepara um bocadinho as pessoas depois quando vêm cá para fora não é? Porque acabam por contactar logo com a realidade e isso realmente é uma mais-valia penso eu…" [E5] [Proposta] "…mais atividades e sempre em parceria com entidades empregadoras que isso é muito importante, e possibilitar que os	Parece existir uma lacuna na relação na entidade formadora com as entidades empregadoras. Esta lacuna pode ser grave porque não existe um trabalho de "relacionamento" entre os estudantes e as entidades que devia ser promovido pela entidade formadora.

		alunos até possam vivenciar algumas experiências de trabalho, não só na parte do estágio, que na altura era no 3º ano, mas mesmo ao longo do processo, permitir esse contato." [E7] "Nós na altura tentámos fazer encontros com alguma entidades que podiam ser potenciais empregadoras para tentarem de certa forma publicitar não é? O curso e quais podiam ser as perspetivas de trabalho ou as áreas de trabalho que nós podíamos vir a desenvolver, o certo é que já tinha sido algo que se tinha vindo a desenvolver com os colegas dos anos anteriores e aquilo foi tendo algum reflexo e também ajudou depois o facto de nós encontrarmos determinados colegas que já estavam inseridos ou que pelo menos já tinham tido aquela primeira fase de partir pedra não é? E já ajudou bastante à nossa integração." [E10] "Acho que se calhar a Universidade do Algarve pode experimentar insistir numa questão do que é divulgar o papel do educador comunitário nas várias instituições, nas várias áreas de atuação mas principalmente o trabalho é das pessoas que estão no terreno, sejam alunos, sejam técnicos já formados." [Proposta] "…voltarem a fazer o mesmo trabalho que fizeram nos primeiros anos do curso junto das entidades que potencialmente podiam contratar não é? Potenciais educadores." [E12] "Porque deve haver aqui da parte da universidade um diagnóstico não é? Realmente para sentir quais são as necessidades e as carências que existem para que de alguma forma também possa estimular junto das tais entidades públicas e privadas que possam ter competência na matéria social não é? E de facto realmente começar a haver um trabalho mais consertado e mais integrado não é?" [E13]	

		"…se houver uma união, se houver uma complementaridade, depois os alunos também reagem de uma forma diferente, e depois haver uma ligação do curso com a comunidade, que não há neste momento e que era o tal trabalho que eu lembro-me que antes era feito e que era bastante divulgado, era levar os alunos, levar o nome dos alunos para fora, levar o trabalho dos alunos às associações, trazer as associações à Universidade e via-se trabalho com a comunidade, que agora acho que não está a ser feito e isso, obviamente, é muito importante, em termos de empregabilidade, quanto em termos dos próprios alunos e das aprendizagens que tiram." [E18] "Sim o estágio profissional deveria fazer parte do curso." [FE]	
3.Inserção no mercado de trabalho	3.1. Importância das práticas curriculares	"…já nos permite ver como é que funciona um bocadinho o mercado de trabalho, pelo menos as instituições e as pessoas que lá estão, sim isso ajuda! Se nós também, nós estudantes, formos inteligentes para perceber isso, mas eu acho que sim, acho que dá para ver o que é trabalhar numa instituição, relacionar-nos com as pessoas, com o público, organizar atividades, ter responsabilidades, eu acho que sim, mas é muito pouco, realmente é, é muito pouquinho." [E2] "…os estágios são importantes, porque muitas vezes a questão económica é um entrave, então através das práticas do estágio dar a conhecer o trabalho do educador social para depois nós também conseguirmos criar a necessidade não é? Porque existe uma realidade em que não trabalha lá o educador social, o educador social vai para lá e consegue sempre diagnosticar problemas e necessidades e a partir daí depois de lá estar fica aquela lacuna	As práticas curriculares são neste momento a principal aproximação que existe ao nível da licenciatura e das entidades empregadoras. Esta é uma experiencia que requer um grande grau de autonomia e responsabilidade e que pode marcar os jovens pela positiva ou pela negativo de tal forma que pode condicionar o seu

		sempre por não continuar o trabalho.” [E3] “…algumas das pessoas com quem eu fiz esse estágio estavam lá a trabalhar e quando me viram na escola (…) perguntaram-me o que é que eu estava por ali a fazer e tinham um projeto giro de uma ludoteca itinerante e convidaram-me para ir trabalhar com eles.” “Ah imenso, ajudou imenso, aliás foi por esse voluntariado e pelo trabalho de estágio que depois fui convidada a ficar na instituição porque viram a qualidade do trabalho não é? Viram aquilo que eu era capaz de fazer e aí convidaram-me para eu trabalhar na instituição, não é? [E4] “…isso me permitiu conhecer uma série de instituições e de IPSS’s e isso realmente foi muito bom…” [E7] “…eu não gosto muito de coisas muito formatadas e não sei se, até que ponto uma Ordem seria positivo ou não que a nível de reconhecimento, hierárquico, as entidades nananana sim, mas na prática depois não sei se isso não dependerá mesmo da estratégia que cada profissional, os estágios de curriculares são muito importantes nesse sentido, são sempre uma prova de fogo, são sempre uma forma de mostrar o que é que o curso vale, digamos assim.” [E9] “Eu falo no meu caso. No meu caso foi, porque o estágio curricular que eu desenvolvi foi nesta área não é? E para mim constituiu uma mais-valia. Se calhar noutras situações poderão não ser não é? Mas no meu caso em concreto eu acho que foi.” “…para que eu soubesse em concreto aquela área em que eu gostava mais de trabalhar e como já tinha experienciado anteriormente foi	futuro profissional. As práticas curriculares revelam-se um instrumento essencial tanto para a divulgação da licenciatura como para a divulgação do trabalho do educador. O tem a possibilidade de mostrar a importância e a necessidade de um educador na instituição. É importante ter em conta a questão da escolha do local, uma vez que este vai ajudar ou prejudicar as práticas.

		mais fácil para mim ficar mais neste âmbito da gestão do parque habitacional. Sabia que tinha já algum gosto não é? Já alguns métodos de trabalho que poderia desenvolver e algumas ideias do que eu gostava que viesse a ser concretizado." "…desde o estágio profissional que fiz que foi a forma como inicialmente integrei…" "No meu caso foi porque o estágio curricular que eu desenvolvi foi nesta área (…) E para mim constituiu uma mais-valia…" [E10] "Fiquei satisfeita na altura, acho que evolui bastante, ajudou a ter um bocado noção da realidade e que não é tudo lindo e maravilhoso e com que tipo de constrangimentos é que nos podemos confrontar no trabalho, no terreno mas gostei bastante." [E12] "É assim o estágio curricular foi importante, agora eu dizer-te que realmente aprendi muito e que isso me deu…lá está depois o meu trabalho nada teve a ver com associações não é? Portanto à partida também poderá de alguma forma condicionar não é?" [E13] "Depende, há estágios que não e há estágios que sim. O meu sim, sim o meu deu claro mas sei que há estágios que não porque pronto trocávamos informação, víamos o que cada grupo andava a fazer e ainda sem ser na minha turma, nos outros anos…" "…muitos estágios não são 100% bem realizados e depois as associações também ficam com uma má ideia do educador social e acho que o curso deveria…deveria haver uma maior orientação dos estágios." [E14] "O estar no terreno e o estar a estudar eu acho que é absolutamente importante porque vai-nos ajudar a lapidar. Eu não estou a dizer que	

		seria fácil porque com toda a certeza não seria, não é? Mas vai despertar as pessoas para aquilo que realmente interessa e até atempadamente a pessoa perceber se é aquilo que quer porque muitas das pessoas ingressam e depois "epá afinal isto não é bem aquilo que eu pensava" não é?" [E15] "…acho que depois das práticas, as práticas deixam-te um pouco já com um pé meio cá meio lá na prática mesmo, na passagem da teoria à prática…" "O 3ºano foi também muito importante, porque permitiu-me perceber como é que as coisas funcionavam, de concretizares um projeto, de pores em prática, de como falavas com as pessoas, então isso para mim também foi bastante importante." "…eu desde o início fiz práticas no núcleo então nunca tive dinheiro para fazer as atividades, o que sempre me obrigou a ser mais criativa. Isso também é muito importante porque onde eu chegar, para onde eu for trabalhar um dia, a sério, vou ter a noção de que um dia vou fazer coisas mesmo não tendo dinheiro, posso não fazer tão bem, posso não fazer tão elaborado, mas vou fazer e não vou deixar de fazer por não ter dinheiro, porque há outras formas de contornar a situação." [E18] "…na minha altura só podíamos estagiar no 3ºano e eu acho que a partir do 2ºano já era mais que benéfico podermos estagiar, porque dá-nos logo uma ideia de como é que as coisas depois vão ser para a frente, faz-nos amadurecer um bocadinho mais, embora eu também saiba que os estágios muitas vezes são muitas vezes encarados por algumas instituições ou por alguns profissionais dessas instituições os estagiários são encarados se calhar como aqueles que vão fazer o trabalho que os outros não querem e que é um pouco mais maçudo.	

		De qualquer das maneiras, são tudo aspetos que a gente tem de passar e tem de aprender com eles, esse é um aspeto que eu acho que é fundamental." "…foi muito útil nesse sentido, deu para ter uma noção do que é que se deve fazer na aproximação ao terreno…" [E20] "Mas mesmo os que correm mal também é bom porque são uma forma de identificar práticas menos boas ou erros e nós aprendemos muito quando erramos não é? E quando fazemos asneira ficamos logo, e aprendemos bastante quando erramos, só temos depois é de saber que da próxima vez já não…" [E21] "Neste momento não estou a exercer trabalho apenas de Educador Social, anteriormente no estágio fiz coisas que também não são esperadas mas fiz por gosto, e foi graças ao estágio que hoje estou no Gabinete." [Q18]	
	3.2. Dificuldades sentidas na procura e obtenção de emprego	"… acho que o mercado de trabalho está assim um bocado saturado para toda a gente (…) também acho que é uma questão das pessoas procurarem e tentarem…" [E1] "…o pior é o quê? É a parte depois na inserção no mercado laboral é esse o problema e se não for uma pessoa que queira muito, que goste muito e que seja muito proativa dificilmente vai conseguir trabalhar na área." [E3] "Há mas as instituições estão cheias e além de estarem cheias estão em dificuldades económico-financeiras portanto logo é muito complicado, é muito, muito complicado." [E4]	Duma maneira geral a principal dificuldade é ao nível das baixas contribuições que existem para a instituições e das dificuldades económicas que estas se encontram a atravessar. Outros dos aspetos mais referidos é o mercado de trabalho saturado.

		"Para já não saem de lá penso que preparadas para enfrentar…pronto passando por um estágio profissional e por aí as pessoas é capaz até de se orientarem um bocadinho, agora acabar o curso e estar capacitado para ir por exemplo para diretor técnico de uma instituição, eu acho que a licenciatura não chega para isso, não chega. Três anos é muito pouco, as pessoas vão muito jovens para a universidade, têm muito pouca maturidade e o mercado de trabalho é muito exigente e aliás nós agora se procurarmos trabalho tem aqueles requisitos todos, pedem aquelas competências muito específicas, experiência naquelas áreas não sei das quantas e as pessoas saem do curso é óbvio que não têm essa experiência…" [E5] "…a única frustração que eu posso sentir é realmente quando nós saímos da escola do ensino e integramos o mercado de trabalho, realmente é uma grande diferença, mas isso eu penso que seja transversal a qualquer curso não é?" "Não havia mesmo, eu enviava, cheguei a enviar noventa e tal currículos quando acabei, respostas tive se calhar dez coisa assim, de noventa portanto é pouco significativo e não havia mesmo, quer dizer contactei e não havia mesmo." [E6] "…o grande obstáculo que nós encontrávamos era quando íamos a algumas entrevistas e ninguém saber o que era educação e intervenção comunitária (…) toda a gente perguntava "mas isso tem alguma coisa a ver com assistente social?"…" [E10] "…as pessoas desvalorizavam um bocadinho, diziam "ah mas isto se fosse assistente social…para serviço social nós sabíamos o que é e assim não sabemos…"	Afinal o mercado está saturado ou não existem condições económicas para contratar? Não se entende, existe ou não necessidade destes profissionais no terreno? Também foi referido o desconhecimento da licenciatura. Porque é que a licenciatura não é conhecida pelas entidades empregadoras? Lacuna na divulgação? Falta de atividades e de interceção entre a licenciatura e as entidades empregadoras? Má preparação (teórica e prática) uma vez que se referem tanto à falta de conhecimento como à falta de experiencia no terreno. Trabalho que é realizado

		"As principais dificuldades quando nós vamos à procura do primeiro emprego é que pedem-nos sempre experiência e eu dizia-lhes "mas como é que querem experiência se eu tenho vinte e dois anos e acabei o curso há três ou quatro meses. E vocês pedem-me experiência. E se eu nunca trabalhar na área, eu nunca vou ter experiência?" e foi...quando eu fui à entrevista do PIEF eu disse isto ao coordenador e ele olhou para mim e disse "realmente é verdade, nós queremos meter um técnico que saiba e tenha experiência mas nunca damos oportunidade aos novos e isso acaba por ser uma bola de neve" e então pronto foi aí…" [E11] "A principal dificuldade para mim era mesmo não haver trabalho, nem sequer era a questão de não conhecerem muito bem o papel do educador comunitário porque eu recebia muitas respostas às candidaturas e sabia que aquelas instituições já tinham lá técnicos ou já tinham colaborado com técnicos da nossa área, não era muito por aí, era mais mesmo pela questão de não haver oferta e essa é foi a principal dificuldade na altura…já ter esse receio de ter poucas ofertas de trabalho e acho que agora isso deve ter tipo triplicado ou mais." [E12] "…quando eu andei à procura de estágio profissional muitas…a maioria perguntou "o que é a educação social? O que é que a menina faz?" aliás eu quando ia fazer, quando me ia propor a estágio profissional levava logo um (sorri) …porque antes pesquisava sobre a associação e levava logo ali um plano mais ou menos das áreas a intervir para mostrar um bocadinho também qual era a nossa função porque a maioria era logo "educação social sim e isso faz o quê? Qual é a mais-valia de tê-la cá?" "As condições monetárias das associações porque pronto na altura	pelos educadores nas entidades e que não corre bem põe em risco a figura profissional. As más experiencias podem levar a que a entidade opte por não voltar a receber estes profissionais. Também foram referidos os concursos viciados (atualmente conhecidos pelo fator C). Como podemos fazer frente a esta questão? Esta é uma questão de justiça profissional?

		em que estamos sei que muitas tiveram cortes ao nível dos apoios da segurança social e das autarquias, etc. e o que diziam logo é que não têm condições para pôr mais um técnico, ponto. Em termos de contrato de técnico isso foi logo impensável não é? Tentei o estágio profissional e mesmo assim o estágio profissional também foi muito difícil, foi complicado porque pronto é a tal barreira de ainda não saberem o que é a educação social ou de já ter estado lá alguém do nosso curso e a experiência não ter sido boa…aconteceu-me isso nalgumas associações "ah eu já tive cá colegas vossas que não gostei muito" aconteceu-me, e depois é a questão das condições monetárias da associação. Queriam era voluntariado, todas diziam "ah pode vir e pode se inscrever como voluntária, nós aceitamos, temos todo o gosto. Gostamos imenso do seu currículo", quase todas me diziam isso mas passar à ação…" [E14] "…é difícil mesmo no âmbito da função pública (…) é tudo muito viciado (…) Quando surgem concursos públicos já se sabe quem vai para o lugar (…) tenho ido sempre por aí por essa via, sou sincera que nunca experimentei pronto entidades particulares (…) não queria perder o vínculo…" "…trabalho há muito, há muito trabalho por aí, não haverá provavelmente é vontade política para que ele se faça que é o que acho, não é? Porque cortam-se verbas, os poucos organismos, as poucas entidades que ainda conseguem fazer alguma coisa estão a ver-se muito atrapalhadas para o fazer, há muita vontade não é?" "…não há um conhecimento pelo menos pelo que me tenha apercebido "ah a educação comunitária o quê ? educação social já… embora se misture muito com a assistência social que eu acho que voltando aos três paradigmas não é? Na educação e intervenção comunitária, que se bem recorda é o assistencialismo, a perspetiva	

		integradora e a radical, as pessoas remetem muito para a primeira opção, não é? O assistencialismo, dar uma continuidade sem resolver pronto não há, acho que não há uma ideia clara daquilo que é o curso sinceramente, não há." [E15] "…foi um curso que nasceu como intervenção, educação e intervenção comunitária e quando ele começou a estabilizar no mercado de trabalho porque eu depois optei pelo ensino e havia escolas que queriam só educadores e interventores comunitários, não queriam educadores sociais nem queriam nada (…) efetivamente a educação social é nova, é nova em Portugal (…) será a profissão do futuro…" "…os concursos estão muito direcionados para manterem as pessoas que já iniciaram trabalho nas escolas o que eu não, não condeno, a minha maior dificuldade talvez portanto eu não consegui colocação como tantos outros milhares de professores que ficaram fora, mas neste momento se eu quiser ir procurar um trabalho como uma pessoa comum provavelmente seja a idade, provavelmente." "…as pessoas efetivamente olham para o bilhete de identidade, olham é, portanto não, olham para o bilhete e a maior parte dos currículos pede fotografia, eu detesto ser fotografada mas pronto lá consigo apanhar uma melhorzinha ali uma lateral, e eles têm muito em conta a juventude e isso, o que não condeno mas pronto, eu sou uma pessoa com 56 anos de idade e com muita vida para viver ainda…" "…o Algarve é pequeno e é muito limitado em termos de oferta de emprego nesta área e surgirem-me oportunidades tudo para fora do Algarve, sendo casada com filhos e agora a cuidar duma mãe com 92 anos isso é quase inviável, é quase inviável." [E16]	

		"… não ser reconhecido pelas entidades empregadoras é verdade. O curso acho que agora talvez com a mudança para educação social pode facilitar não é? Porque entretanto abriram muitos cursos noutras universidades e em muitos sítios mas nós tínhamos essa dificuldade, ninguém sabia o que é que era o curso, inclusive eu quando acabei o curso fui morar para o Porto e lá então completamente desconhecido "mas que curso é este?" "Hum eu penso que tem a ver às vezes com o facto de nós estarmos muito tempo há espera, mais com nós aprendermos a lidar às vezes mais com a frustração quando já não conseguimos e "ok ganhar coragem, eu vou novamente à procura e vou contactar e vou perguntar às minhas antigas colegas e informar" às vezes passa um bocado por nós lidarmos com essa frustração. Agora é…de início é porque não temos experiência, certo?" "Agora as principais dificuldades eu não acho que sejam pessoais, pela falta de trabalho, se bem que neste momento tenho duas crianças, tenho uma de três anos e tenho esta que tem agora seis meses e acho que isso limita um bocado…" "…não posso aceitar qualquer trabalho, não posso ir daqui para longe, tenho de estar ao pé delas, se elas ficam doentes não… então isto limita um bocado. Mas outra coisa que eu penso que está a limitar é…não é desculpar-me com a crise mas é os cortes que a segurança social tem feito em tudo o que é instituições. São fundos suspensos e acho que os educadores, assistentes sociais e psicólogos e toda a gente leva por tabela porque não há dinheiro para meter mais pessoas, preferem antes viver à conta de estagiários e de voluntários e do centro de emprego, do que terem alguém a tempo inteiro, não há dinheiro, não há lugar para mais pessoas." [E17] "Acho que agora as pessoas não nos contratam, não é porque não	

		precisem de nós ou porque não saibam aquilo que a gente é capaz de fazer, é porque não têm como nos pagar, que é essa a conversa que oiço sempre. Para mim eu não sei, eu acho que, eu vejo o curso como um curso útil e as pessoas sempre tiveram emprego até agora. O que eu vejo agora em relação ao curso novo, de educação social, e aí sim também posso falar enquanto docente que fui do curso e aí, mas isso é uma questão geracional, para mim o problema é… não sei a maturidade dos alunos e eu não sei como é que os alunos estão a sair agora para fora em termos de preparação, mas sei que muitos deles, tanto no estágios que fazem como no trabalho que desenvolvem depois, nem sempre dão um bom nome ao curso e para mim isso não sei, tem que ver com uma questão geracional, porque são pessoas mais novas, têm outro tipo de prioridades e tem que ver também com a preparação que têm." "…olha normalmente a resposta que me dão é "gostei muito do teu currículo, tem um currículo muito interessante, mas só gostaríamos de a contratar como nossa voluntária, porque não temos meios para pagar". Então para mim das duas uma ou o dinheiro está a ser mal canalizado ou então as instituições não têm dinheiro e precisam de mão-de-obra mas não têm como pagar, ou então não sei também pode ser que tenham dinheiro, mas que o canalizem para outras coisas e que não achem que é importante, ou então as duas coisas juntas, nunca lhes perguntei "Mas porque é que não têm dinheiro?" não é?" "…para mim é um problema de condição económica." [E18] "Agora há outro aspeto que é saber se as instituições estariam recetivas a este tipo de práticas não é? A maioria delas, provavelmente, até nem estava. Numa fase inicial, porque se a gente pensar o curso até nem tem assim tantos anos aqui no Algarve,	

		portanto se calhar não foi propriamente satisfatório para uma grande parte das pessoas, porque tenho conhecimento que muitas colegas minhas dos primeiros anos foram trabalhar para as câmaras municipais, mas com tarefas de assistente social, muito conotadas com o trabalho social, de assistente social…" "As principais dificuldades que eu encontrava tinham sempre a ver com a questão da experiência, porque era um bocado aquela questão da pescadinha de rabo na boca, se tu não tens experiência não te contratam, mas se não te contratam tu não adquires experiência não é? Então andava um bocado perdida neste ciclo vicioso e estas foram as maiores dificuldades que eu senti, que era eu estar a tentar e não estar a conseguir e era bastante frustrante e o desânimo, por vezes, era muito grande…" [E20] "…as oportunidades somos nós que temos de criá-las também mas tem sido sempre tudo virado na área da intervenção comunitária mas ao nível cultural e ao nível das áreas da ação social e das instituições de solidariedade social e se formos para o meio da rua não é? Se a gente agora saísse daqui da sala e fosse para o meio da rua perguntar a alguém o que é que é um educador social aqui mesmo ao lado, à esquina "ah então onde é que as conhece? Sabe o que é?" e as pessoas ligam muito ao assistente social, fazem uma conexão muito rápida logo a isso…" [E21]	
	3.3. Soluções/ opções face às dificuldades encontradas	"Acho que é aquele ponto principal, a partir do momento em que a gente queira acho que o trabalho aparece, nem que seja ser voluntario mas podemos sempre fazer alguma coisa por alguém." [E1] "Eu acho que se calhar as entidades públicas abrirem se calhar mais	Muitas vezes é necessário utilizar a criatividade e inovar (características que devem ser fundamentais para um educador).

		concursos públicos para educadores sociais e promover mais o nosso curso por exemplo quando é a semana aberta ou quando é aquelas épocas festivas na universidade e se calhar a universidade também divulgar mais o nosso curso dentro dessas instituições públicas/privadas, fazer, não é bem ações de sensibilização mas levar alunos lá e fazer palestras ou qualquer coisa do género porque eu lembro-me quando eu estava no secundário ia lá também, chegámos a ter aqueles momentos em que vinham alunos, convidados e pessoas, tipo feira de profissões digamos assim, e vinham várias pessoas falar sobre as profissões e os cursos e se calhar isso seria um meio para nós educadores sociais ficarmos mais conhecidos e as pessoas saberem…" "…se calhar nós mostrarmos mais… nós na universidade, estudantes ou professores não sei, falarmos mais do curso, mostrarmos mais do curso, o que somos capazes de fazer, o que é que podemos fazer e trabalhar e colaborar, para não haver se calhar tantos conflitos como às vezes existem entre profissionais e colegas que não compreendem a nossa profissão." [E2] "Por exemplo uma Ordem, uma Ordem dos educadores sociais, alguma coisa que juntasse, porque nós somos pouquinhos e então isto tem que ser um movimento em níveis de termos nacionais, agora em termos de educação social. Já há o conselho nacional dos educadores sociais, mas algo mais concreto e acho que temos é que fazer barulho para dizer que nós estamos aqui e quem não nós somos. Eu acho que isto depende muito de nós porque eu lembro-me que muitas vezes por exemplo de uma colega na altura que foi fazer voluntariado para Moçambique e ela deu uma entrevista num telejornal e em vez de ela dizer "Não. Eu sou educadora comunitária" e explicar o que é o curso, não, apareceu lá em rodapé	A Criação da Ordem profissional foi uma das questões mais apontadas, isto pode levar a uma seleção, a uma responsabilização, a uma união. Os estágios profissionais e o voluntariado também foram apontados como as soluções para fazer frente a alguns problemas atuais porem eu questiono se não existe aqui uma contradição. Existem cada vez mais voluntários a fazer o trabalho de muitos profissionais e existem cada vez mais instituições a aproveitar-se da boa vontade das pessoas. O mesmo acontece com os estágios profissionais, as instituições aproveitam-se dos estágios para colmatarem a necessidade de contratar um profissional e vão

		que era assistente social e ela tinha oportunidade de dizer já a muita gente quem nós somos e o que é o educador social, mas não." "Sensibilização (…) e sobretudo a partir das próprias pessoas porque acho que começa aí e aí é que também está um bocado a lacuna, é mais como dizer "ah é da área social" do que explicar realmente o que é que é o educador comunitário." "Uma Ordem, uma Ordem dos educadores sociais, a pagar quotas, uma coisa assim mais organizada e que obrigasse as pessoas a se envolverem mais, por exemplo os psicólogos tiveram anos e anos a lutar por uma Ordem e finalmente conseguiram e sinto que as coisas estão mais organizadas e existe outra entrega, outro reconhecimento." [E3] "Mas era importante tal como existe a Ordem dos advogados, a Ordem dos psicólogos, devia de haver também a Ordem dos educadores sociais, era importante, era muito importante porque aí podia-se reconhecer e separar o trigo do joio. "…a Alemanha é um país que a nível da área social está muito mais evoluído que nós, muito mais e que valorizam, os países da América Central na área social também há grandes hipóteses não é? Perú, Chile, México, muitos, muitos países, não é só o Brasil (…) Quem é jovem que não tem ainda a vida organizada, força! Vão para a frente que para a frente é que é caminho." [E4] "…os estágios profissionais têm sido uma mais-valia a esse nível, das pessoas poderem mesmo depois do final dos nove meses a maioria se calhar não ter enquadramento ou não poder ficar não é? Mas é sempre uma…quando o estágio profissional é bem aproveitado!" "Eu acho que as pessoas que não têm ainda filhos e nem família	chamando sempre alguém para estágio. A participação em formações que complementem a formação inicial e que atualizem os conhecimentos é uma das soluções apontadas. Os educadores devem procurar o conhecimento tento em conta as necessidades que vão encontrando no seu percurso. Um dos principais aspetos apontados é a questão da divulgação (universidade). As boas práticas são um fator importante para passar uma boa imagem para as entidades. Os educadores devem ter ousadia para tentar

		constituída é aproveitarem porque para já não tou a tomar a palavra do Sr. Primeiro ministro que é mandar o pessoal todo para o estrangeiro não é? E aliás nem é bem para esses sítios que ele manda as pessoas mas eu acho que é uma oportunidade é uma mais-valia, é um enriquecimento do nosso currículo e das nossas competências, da aquisição de competências e principalmente a gente contactar com outros contextos, faz-nos bem mesmo para darmos um bocadinho mais dar valor àquilo que temos e acho que as pessoas vêm muito mais ricas e acho que o nosso curso tem essa possibilidade mesmo através do ISU." [E5] "Eu iniciei a licenciatura de psicologia porque na altura não consegui logo emprego, então tive um verão desempregada, comecei a entrar em stress e então decidi que tinha de fazer qualquer coisa, então fui pra gambelas como tive equivalências iniciei a licenciatura de psicologia…" [E6] "Acho que deviam ser promovidos mais encontros entre os educadores para também para partilharmos experiências e encontrarmos estratégias para chegar a esse tal abrir de olhos que eu pelo menos tenho conhecimento que acontece uma vez ou outra, muito pouco e devia de haver mais união entre nós para conseguirmos chegar onde nós queremos, porque se não formos nós a fazer por isso…" [Ordem] "Podia ser parte, não é a solução, mas é preciso começar por algum lado, poderia ser o início." [E7] "A formação de uma Ordem podia ser uma boa hipótese, penso que houve várias tentativas pelo menos já me chegaram várias conversas nesse sentido. As próprias universidades, pois também têm que fazer	inovar, melhorar. Criação do próprio emprego também é importante. O educador deve procurar onde é pertinente o seu trabalho, o que pode fazer, como pode atuar tendo em conta o contexto em que vive. Além dos contextos sociais "normais" em que o educador já atua est deve procurar outros contextos, diversificar nas várias áreas de intervenção. Só assim é que se pode mostrar a diversidade a riqueza da profissão. Por outro lado, não se pode falar em saturação. As manifestações/ União de todos também são factores importantes apontados. É essencial que as pessoas que

		um trabalho nesse sentido, a Ordem podia ser também, não sei exatamente como é que funcionam as Ordens de profissionais não é? Confesso que também não estou muito por dentro, mas há de ser um grupo de pessoas que defendesse um pouco aquela profissão que lutasse um pouco pelo reconhecimento e pela estrutura e que definisse também…" [E8] ":..a tal questão de marketing associado à nossa profissão porque embora já tenhamos muitos colegas e muitos trabalhadores com esta vertente, sinto que às vezes quando vamos para determinados contextos ainda há quem não conheça não é? (...) se nós tivéssemos uma vertente mais de marketing associado ou uma maior divulgação, não sei como em concreto se conseguiríamos, teria de ser muito bem pensado, talvez ajudasse." [E10] "Eu acho que isso vai com o tempo e vai com o facto de educadores sociais estarem distribuídos pelas várias instituições, ou no público ou no privado ou em instituições ou em hospitais, escolas pronto, tudo isso porque se houver um ou dois de nós em cada sítio o curso vai começar a ser reconhecido e acho que falta as pessoas deixarem-nos trabalhar e a partir daí entenderem-nos como educadores sociais e não como assistentes sociais, a partir desse momento acho que começamos a ser reconhecidos." [E11] "Eu acho que isso se pode fazer no terreno, com todos os técnicos dessa área." "Porque é esses que estão no local, são esses que têm de dar a conhecer as suas potencialidades, quais as vantagens de ter o educador social na escola, quais as vantagens de ter um educador social num centro de saúde, quais as vantagens de ter um educador	querem fazer alguma coisa, se unam e em conjunto tentem encontrar soluções para os problemas e as dificuldades existentes. Com a experiencia de todos os interessados penso que é possível fazer alguma coisa para o bem da profissão. Também se verifica a opção da emigração. Os educadores que afirmaram esta ser a solução para os problemas podem já estar sem esperança de realizar um bom trabalho neste país. O factor tempo também é importante. Os educadores têm que ter paciencia e esperar que o bom trabalho de alguns profissionais seja

		social numa autarquia portanto é por aí que eu acho que o caminho deve ser feito. "A nível social e num sentido mais amplo do que é a educação social no país inteiro passa muito pela divulgação, passa muito pelo bom desempenho dos profissionais da área, passa muito também pelo papel que as universidades também podem ter a ajudar a informar a população sobre isso, as próprias entidades que têm técnicos desses a trabalhar, mas basicamente é a mesma resposta, porque aquilo que se deve fazer a nível local, falando da universidade do Algarve, também podia ser desenvolvido num nível macro." [E12] "Devíamos de unir as forças para conseguir alcançar mas de facto também concordo na íntegra que realmente uma Ordem iria ser muito bom para nós. (…) de facto se houvesse uma Ordem haveria maior organização e a força seria diferente não é? Eu acho que sim, isso era extremamente positivo e também para haver um controlo não é? Das atividades e da capacidade de trabalho dos educadores sociais não é?" [E13] "Não sei, mais divulgação em termos das funções do educador social, mais seminários a divulgar a profissão do educador social e também o curso organizar atividades para a comunidade de Faro, por exemplo e perguntar a várias associações se querem participar por exemplo não é?" "Não sei, acho que a criação de uma Ordem ajudava. Ajudava porque tínhamos também uma entidade que nos dava orientação e acho que o papel também é defender em certos casos não é? E depois acho que isso já dava mais um bocadinho de valor à profissão, dava mais prestígio, mais valor, reconhecimento, porque	reconhecido. So assim é que poderemos ser vistos de forma positiva e como necessários.

		quando eu digo "sou educadora social" as pessoas não sabem, não reconhecem, não dão o devido valor que acho que a profissão merece ter, valorizar mais. Não sei, acho que é também com o tempo e acho que se tivermos bons profissionais a trabalhar acho que isso é com o tempo que depois as crenças mudam e as coisas acontecem "…há tanta coisa por fazer não é? Às vezes até poderíamos organizar coisas sem pensar na questão da empregabilidade, criar um projeto, criar atividades e depois logo se vê não é? Mas infelizmente ou não porque precisamos todos de dinheiro não é? Passa logo pelo "ah sim vou fazer, mas isso dá dinheiro? Ah então se não dá não faço"…" [E14] "… a Ordem sim porque isso se calhar requer uma resposta ou seria uma resposta ao padrão que nós vemos hoje, não é? Porque usas assim uma resposta na mesma linguagem do que as coisas estão construídas hoje." "Um espaço onde tivesse parte ativa elementos que tivessem a estudar, a obter informação, para acompanhar aqueles que já estão no terreno… " As autarquias, as câmaras, etc., se já houvesse um espaço, epá e mesmo os próprios centros de saúde, os hospitais, se houvesse um espaço já aberto, um lugar ou dois durante um X tempo a contar com os estudantes para irem acompanhando no terreno pessoas que estão no ativo não é? Que estão no terreno isso podia, podia fazer mexer as coisas não é?" [E15] "Olha na altura, e isto foi para aí em 2003, 2004 houve, era o Bagão Félix o ministro do trabalho e eles iam colmatar ali uma série de coisas e os educadores sociais manifestaram-se e manifestaram-se em peso, eu fui aqui com os meus colegas da universidade, o	

		professor A acompanhou-nos provavelmente mais algum professor mas não me recordo, mas o professor A esteve sempre ao nosso lado e fizemos uma manifestação que no mínimo fez barulho…" "…este é um trabalho preciso, é um trabalho que tem de ser reconhecido, é um trabalho que é de valor humano (…) quem sabe agora com estas mudanças todas que está a haver de novo, não se possa fazer uma ou outra manifestação ou mesmo em termos de universidade, mexerem-se…" "…a própria universidade, ou próprio conselho científico e pedagógico da universidade, o reitor, envolverem-se mais na luta pró-ativa do reconhecimento dos cursos, nomeadamente o da educação social e eu sei que podem conseguir (…) tem que ser não só os estudantes a lutarem por mas a universidade, e quando eu falo em universidade falo tudo no conceito pedagógico, todo o conselho científico e com o reitor, a estarem com os estudantes ao lado deles para serem reconhecidos os cursos." "…a Ordem dos educadores sociais seria parte da solução, não um todo, porque a solução completa estaria realmente havendo uma Ordem, e para haver uma Ordem é preciso ser reconhecida portanto se a Ordem não for reconhecida ficamos ali quase que em banho-maria, portanto é mais um movimento não lhe vou chamar popular, mas um movimento de cidadãos pró-ativos que querem ver conhecida a sua, a sua profissão, ajuda talvez porque talvez se unam mais em bloco, uma das coisas que as pessoas precisam de perceber é trabalhar em comunidade, trabalhar em grupo, não precisamos de pensar todos igual, precisamos sim de trabalhar para um objetivo comum e talvez ai as coisas aí se acelerem." [Estágio profissional] "É, é uma boa alternativa, eu própria recomendo aos meus alunos depois do estágio curricular deles que eles se tentem inserir num estágio profissional e serem os melhores,	

		darem o melhor de tudo porque pode ser uma porta aberta, não é garantia, pode ser uma porta aberta para a inserção no mercado de trabalho na própria instituição ou tendo um bom currículo…" "Estou mais de perto da turma do meu filho e vou começar a apoiar miúdos lá em casa, não lhes vou ensinar, simplesmente vou orientar-lhes para estudarem, portanto a partir de agora na segunda semana de Maio vou começar a receber os meninos mais, aqueles que estão em risco de perder o ano, vou começar a apoiá-los lá em casa." "Ofereci-me também para fazer, mas isso são coisas mais burocráticas, ações de formações com os miúdos, como o título "Sexo, droga e *Rock`N Roll*" e para eles perceberem que realmente há tanto, tanto ensino, tanto conhecimento mas continuam a fazer as mesmas asneiras e pronto, está ali em *standby* porque a burocracia em si é muito e nas escolas é muita." [E16] "Eu penso que tinha de ser mesmo a universidade a lutar por isto, eu acho que é a única hipótese. Acho que seriam as universidades portanto em conjunto a tentarem lutar por isto." "…arranjei como monitora de ATL não é? E não estava preparada porque o curso não prepara pessoas para trabalhar com crianças e penso que agora também não prepara não é? Mas na altura eu preferi agarrar este trabalho do que por exemplo ir para uma loja ou para um café ou porque pelo menos iria ganhar mais experiência não é?" "…queríamos fazer alguma coisa, pensávamos as duas da mesma forma, tínhamos os mesmos valores, os mesmos princípios e começámos a ver o que é que nós podíamos fazer para esta cidade. A mim despertava-me muito o trabalho com mães grávidas, com jovens adolescentes, na área da família e entretanto começamos a participar da rede social, das reuniões e a tentar perceber o que é que podíamos fazer. Nós começamos…esta associação já existe em	

		Lisboa, nós o que fizemos foi criar uma delegação cá em baixo para termos uma plataforma para começar a trabalhar não é? Sem tar a criar uma associação de raiz (interrupção).” “A nível mais acima eu penso que já tá um bom caminho da universidade em promover estas semanas abertas e culturais mas eu penso que tinha de haver mexidas é nas leis. As leis por exemplo dizem que para determinada área tem de ser um assistente social e não pode ser um educador social, quando há coisas que um educador social faria perfeitamente.” “Eu acho que estar aqui permite-me ser eu própria e fazer aquilo que eu acredito…” [E17] “…acho que é a única alternativa. Há falta de melhor sim e acho que o estágio profissional dá-te experiência e vou trabalhar numa área que é os sem-abrigo, numa instituição de que já ouvi falar bem, já ouvi falar mal, vai ser uma aprendizagem para o melhor ou para o pior ou seja lá o que for, é uma área em que eu nunca trabalhei, portanto vai ser de certeza interessante, vai ser mais uma experiência. E depois há as formações internacionais, os *training courses* como este que vou fazer agora à França, já estive num em Itália e isso para mim faz mais sentido do que ir trabalhar fora, porque para mim faz sentido nós não estarmos fechados no nosso mundozinho, seja no Algarve, seja no país. Para mim há coisas muito interessantes que se fazem lá fora e se nós as soubermos, para já dá um incentivo e depois são novas experiências, novas ferramentas que são utilizadas e que nós aqui não nos lembrámos e às tantas não vale a pena estar a inventar grandes soluções quando depois já foi inventado e já foi comprovado e já…então para mim as formações internacionais, como vai pessoal de vários sítios e agora nesta da França vai pessoal da Bolívia e do Peru, que é tipo América	

		Latina, não tem nada a ver com Europa epá e são experiências diferentes de pessoas que já têm alguma maturidade, que já têm muita experiência a nível de trabalho prático e que a mim, pelo menos quando eu voltei de Itália, depois de ter estado uma semana com pessoas de toda a Europa, senti que vim cheia de energia, com vontade de fazer coisas novas e aplicar as ferramentas que tinha aprendido e agora acho que vai ser a mesma coisa e para mim essa é uma coisa interessante, as formações internacionais, porque são coisas muito práticas e onde tens montes de contacto com outras realidades, tanto a nível cultural como a nível de trabalho." [E18] "Os educadores devem criar uma Ordem, devem unir-se, devem arranjar mecanismos de luta pelos seus direitos, uma vez que, o curso de Educador Social é lecionado por outras universidades do país, há muito Educadores, há muita gente formada nas universidades, devem criar uma Ordem e devem então aí lutar pelas suas condições salariais, pela sua progressão na carreira e por um maior reconhecimento." "…é importante é as tais equipas multidisciplinares e a sensibilização junto de quem decide e junto de quem elabora e coordena os projetos." [E19] "…através de conversas, sem que elas se apercebessem, ia por um lado explicando o que é que era o meu curso, em que é que consistia, o que é que era a educação de adultos, essas coisas assim e elas iam estando mais informadas e ao mesmo tempo fazia às vezes coisas do género, às vezes deixava uma frase na casa de banho para elas refletirem, porque é um sítio onde todas íamos e às vezes era interessante…" "…acho que aí também cabe a postura de quem está, "ok puseram-	

		me a fazer isto, mas eu posso também tentar fazer coisas diferentes nem que seja um bocadinho à margem, hoje vou sugerindo uma coisa, amanhã sugiro outra, vou planeando uma atividade diferente para tentar", percebes? Cabe um bocadinho a nós termos esta ousadia, porque se nós não nos afirmarmos por nós não podemos estar à espera que nos deem tudo. "Ok, acabaste o curso, estás empregada, agora tens aqui um gabinete só para ti, tens uma secretária", não funciona assim, quer dizer, pode até funcionar, mas depois acabas por ficar, vais ficando, vais fazendo aquilo e não inovas, não funcionas, entendes?" "…o que me mantinha com algum alento era pensar que eu não tenho de estar a trabalhar num sítio para promover e para desenvolver atividades ou ações por muito pequeninas que possam ser de educação de adultos e, portanto, no sítio onde estava tentava fazê-lo." [E20] "…há tanta área onde o educador social pode intervir, tão mais diversa do que essa, que eu acho que também é ai que se deve insistir um bocado que é na diversificação das áreas do educador social porque o educador social pode intervir em N tipo de instituições, pode intervir agora é preciso que lhe deem oportunidade para tal, que o deixem lá entrar enquanto profissional disso não é? Mas de facto há muito sitio onde o educador social pode desempenhar o seu papel com áreas muito, muito, muito distintas." [E21] "O curso foi extremamente importante, mas julgo que a maturidade com que se faz o curso e depois se trabalha, também são fundamentais. Eu entrei para o curso com 24 anos, terminei-o com 28. Sempre a trabalhar (quando procurei trabalho após o curso já	

		contava com quase 10 anos de experiência profissional) o que acho que foi decisivo. O mercado de trabalho é muito exigente e as vezes ingrato porque quase sempre pede experiência e não se pode pedir experiência a uma pessoa que sai da Universidade com 21 anos porque até aí só estudo. Contudo, o melhor que posso sugerir as pessoas mais novas que acabam os cursos é que tentem fazer voluntariado enquanto estão a estudar ou até mesmo trabalhar ainda que noutras áreas. A experiência, o calor profissional conta muito na hora de escolher um colaborador." [Q31] "Perguntaste como é que isto podia ser resolvido. Da mesma forma que passam as más práticas também passam as boas e eu enquanto profissional em qualquer instituição ou em qualquer sitio que seja nunca vou…ainda que faça erros e que fazem parte do processo natural de aprendizagem, mas vou-me sempre esforçar para que nunca digam que eu sou uma má profissional porque estou defender a minha imagem enquanto profissional e enquanto pessoa e estou a defender a imagem do curso e duma série de pessoas que podem vir atrás de mim portanto…" [FD] "Mas aí há sempre, sim, não…mas aí isto é uma questão de ousadia. Isto é uma questão de ousadia que vocês novos têm alguma insegurança mas têm que fazer: "Experimente-me!" Estás a ouvir B? "Dê-me oportunidade e eu vou mostrar que é diferente". Só que isto é uma ousadia mas tens um preço alto porque tu tens o compromisso de fazer a diferença. Eu não vou dizer que vou ser melhor que o outro mas eu vou dizer que vou fazer a diferença e às vezes a diferença dum professor ou de um educador social…para mim a base fundamental é mesmo a humildade, depois a outra é não abrir mão dos princípios éticos que tem." [FG]	

		"Tenho a dizer que a maior provocação não é universitária, é nossa. Nós é que temos de fazer isso. Então o reitor é que tem de divulgar o nosso curso? Então se o interesse é nosso, nós é que temos de fazer não é? Temos de unir-nos a quem já está a fazer isso por exemplo a APES. A APES foi criada há seis meses e está a tentar criar uma união a nível nacional para divulgar a nossa profissão e nós é que temos de fazer isso! Não é a direção de curso! Não é…nós é que temos de fazer! Não podemos ficar à espera que sejam os outros a fazer por nós." [FF] "Eu acho que os cursos devia começar a trabalhar a questão do empreendedorismo porque estas questões financeiras…ta bem que têm toda a razão mas nós também temos de saber dar a volta e é isso que nós não sabemos (sorri) é que nós não sabemos como fazer isso. Se calhar tirando o curso nas áreas de economias e não sei quê, se calha criam o próprio emprego com mais facilidade do que nós, também têm mais experiencia do que nós." [FF]	
	3.4. Contribuição das atividades extracurriculares para a inserção no mercado de trabalho	"Eu acho que nunca é tempo gasto, pelo menos é sempre qualquer coisa que fico a conhecer ou alguém que fico a conhecer. Algumas formações e *workshops* que fui digamos que sim, fiquei a conhecer um bocadinho mais e ajudaram-me, se calhar até mais como um trunfo ou mais qualquer coisa digamos no currículo, porque sempre fica lá registado, para depois poder também oferecer à instituição onde por acaso agora estou não é? (…) acho que contribuiu mas para além das ofertas que a universidade tinha também fiz muitas formações fora, umas pagas outras gratuitas mas fiz muitas formações fora, muitos *workshops*, bastante ao longo do curso, vários, vários, vários." [E2] "Muitos, muitos mesmo, porque lembro-me até que quando enviei a	As atividades no fundo são vistas como aquele complemento prático para a licenciatura. Tendo em conta que existe uma lacuna nas atividades na licenciatura esta é uma forma de superar essa falta de prática. As atividades extracurriculares são

		carta de apresentação para o trabalho a propor o estágio profissional, levava uma referência desse voluntariado e sei que a pessoa que me disse…Pronto foi reconhecida por isso. Para além pois também aqueles *workshops*, sempre me preocupei bastante em fazer os *workshops* na área da terapia ocupacional, agora não me estou a lembrar assim nenhum em especifico." [E3] "É muito importante por tudo, por nós adquirir outros conhecimentos, por nós conhecermos outros profissionais e vermos a realidade do mercado de trabalho." [E7] "Eu participei nas que ia tendo oportunidade e que via que realmente podiam ter um reflexo e produzir desenvolvimento de competências e que seriam úteis mais tarde, sim. Também é verdade que fiz algumas para encher currículo não é? Porque na altura nos diziam "vão a formações e etc.". Pronto fiz algumas coisas." Eu lembro-me por exemplo que na altura havia o JVS que era os jovens voluntários para a solidariedade que era um programa do IPJ, em que nós depois do estágio curricular que fizemos na altura era em Faro na Horta da Areia e também já no âmbito do realojamento, etc., de habitação social e que achámos aquilo tão interessante o trabalho que se andava a fazer na altura e que ficámos e que até fomos por essa vertente desse programa e que nos ajudou bastante digo, neste caso até era eu e mais outros colegas, mas falando em mim porque depois mais tarde foi a área em que eu fui encontrar ao nível da integração profissional e que já me deu assim um alargar de horizontes para o que eu poderia vir a encontrar não é? [E10] "Ah mas ia a tantos sei lá na área dos idosos também me lembro de fazer formação na Cruz Vermelha, para aí no terceiro ou no quarto	importantes por vários motivos: ao nível dos conhecimentos, dos contactos que se podem estabelecer, como experiencia prática. Podem também ser importantes no alargar os horizontes e em constatar qual a área de eleição. Também existe a questão da participação nas atividades extra curriculares com o objetivo de preencher ou Completar o currículo. Algumas destas atividades eram organizadas pelo núcleo Paulo Freire e outros (que surgiram graças à licenciatura). Atualmente não existem indivíduos que queiram dar continuidade a estas atividades.

		ano e também ir a alguns seminários, uns relacionados com sessões relacionadas com a terceira idade, outros organizados pela segurança social…fui a vários também. Mais? Também lembro-me que o meu ano foi três vezes consecutivas ao encontro de animação sociocultural a Beja, que na altura também era assim um grande acontecimento e o pessoal de animação do país inteiro…" [Contribuição] "Sim, acho que sim, principalmente no que diz respeito a concursos e colocações a nível do Estado porque para quem não sabe mas é de conhecimento comum, quando se concorre a um concurso público todos os seminários e os *workshops*, formações que tu fazes têm pontuações atribuídas dependendo da área a que te estejas a candidatar e é óbvio que todas aquelas formações acabaram por contribuir para eu ficar com uma colocação mais elevada se calhar comparativamente a outras pessoas." [E12] "Nunca fui muito, tinha colegas minhas que iam a todas as coisas para encher o currículo com sei lá de todos os temas e mais alguns, eu sempre fui um bocado mais baldas nisso. Ia quando me interessava… (…) hoje em dia também seleciono muito pronto se eu acho que é uma coisa que vai contribuir para aquilo que eu vou fazer agora, vou se não, não vou e na altura acho que era um bocado por aí. Acho que às vezes perdia um bocadinho por isso, por só selecionar aquilo que me chamava a atenção mas pronto." "Não sei se é interessante dizer mas logo o primeiro trabalho que eu tive foi através duma instituição que fiz um curso de formação porque estava interessada em fazer lá voluntariado, então fiz esse curso de formação e depois mais tarde quando eles necessitaram de alguém para trabalhar comunicaram-me, chamaram-me…ainda estava a estudar e já estava lá a trabalhar." [E17]	

		"Depois o facto de fazer voluntariado ou de fazer projetos ou de fazer atividades põe-te em contacto com outras pessoas e isso inclui outros tipos de trabalho e de experiências, outro tipo de pessoas que podem vir a ser possíveis empregadores ou que podem conhecer alguém que e se gostam do teu trabalho podem recomendar e então para mim tem sido um pouco disso. Por exemplo, comecei a fazer teatro do oprimido com a Laura, fiz um *workshop* com ela e depois comecei a fazer teatro, fiz um *workshop* com ela durante as práticas. Quando ela veio morar para cá voltou a contactar-me e ficámos em contacto e agora estou a trabalhar com ela num projeto, a trabalhar tipo voluntariado, mas já fui à Itália, por causa de um convite dela, já vou agora à França trabalhar num projeto que vai ser o mês inteiro de Maio com Bolívia, Peru, França e Portugal, e tipo isso são tudo experiências que vou colecionando e de certeza que um dia me vão todas me fazer muita falta (sorri)." [E18] "…tudo o que tem a ver com o conhecimento de certas e determinadas práticas de trabalho vem-nos sempre melhorar a nossa competência profissional…" "Uma das preocupações era trabalhar na maior amplitude de problemáticas possíveis seja na área da deficiência, seja na área de intervenção em bairros problemáticos, na área da intervenção social, seja na área de intervenção em comunidades piscatórias mais desfavorecidas, seja até na área de intervenção das áreas rurais, cada projeto tem a sua especificidade, cada caso é um seu caso e quanto maior fosse a abrangência de intervenção de projetos melhor preparados estávamos para fazer face às necessidades profissionais e de trabalho não é?" [E19]	
	3.5. Tentativas para a	"Tenho enviado currículos, mas também vou dizer que não tenho	As tentativas passam por

	obtenção de emprego	apostado assim muito, porque não é que eu deixei de acreditar mas sei que as coisas neste momento não estão fáceis, não estão fáceis…" "…houve um ano que eu fiz uma candidatura, juntei-me com duas colegas do curso e fizemos uma candidatura para o programa escolhas (…) Logo a seguir fizemos outro na área da toxicodependência, que era "Formar para a vhida", que era na parte de…porque nós diagnosticámos as necessidades e a parte indústria hoteleira era aquela que estava em termos de contaminação de HIV com maior taxa de incidência e então nós fizemos, era "formar para a vhida", vhi, vida e era nesse sentido que era para formar nas pessoas, sensibilizar junto das unidades hoteleiras, os próprios trabalhadores para a questão de adoção de comportamentos saudáveis e também não foi aprovado por falta de financiamento (…) houve também um projeto muito engraçado que era "na corda bamba" esse foi em termos individuais, que era para a população mais jovem, que era mesmo um jogo de risco, que era para aquela tomada de decisões, saber o risco, saber o…aquela questão da responsabilidade, se eu for por aqui acontece-me isto, se for por ali o que é que eu tenho de fazer? E então era "na corda bamba" porque era também com adolescentes e faz parte não? E era o saber, o responsabilizar, "eu conheço as drogas e sei que isto faz isto e isto e cabe-me a mim decidir se quero ir por ali e arcar com as consequências ou se tomo uma atitude responsável e ir por outro caminho" e era muito com atividades lúdicas, atividades de *rapel*, radicais, canoagem e tinha todo um percurso de descoberta, por acaso também tava, mas depois também não houve financiamento, ainda apresentei à câmara mas não... nós tentamos mas (sorri). [E3] "…é preciso batalhar, é preciso ir aos sítios e não é só como eu	elaboração de projetos, envio de currículos e ida às instituições. Cada vez mais é importante a criatividade, a perseverança e a inovação. Procurar parceiros e as necessidades para tentar ai alguma forma de trabalhar.

		tenho estado a fazer através da internet porque assim não se consegue nada não é? É bater à porta, é chatear as pessoas, é ver e isso eu ainda estou na fase de pôr a cabeça em ordem não é?" [E4] "Olha, agora como estou desempregada e a receber subsídio de desemprego, tenho que fazer todas as semanas um envio semanal de currículo ou qualquer coisa e então essas têm sido as minhas tentativas, enviar currículo, tentar procurar, por acaso nas últimas semanas nem tenho estado a tentar procurar ofertas de emprego, porque apercebi-me que não havia, nem no Algarve, nem ultimamente no país." "…por acaso, por causa de um desses envios de currículos responderam-me do centro de apoio ao sem-abrigo em Faro e meteram-me agora os papéis para o estágio e agora estou à espera que o centro de emprego vá autorizar." [E18]	
4.Percurso profissional e situação profissional atual dos licenciados em ES/ EIC	4.1.Caracterização dos contextos de trabalho	"Estou ligado ao PIEC que por sua vez tem turmas de PIEF e é com esses alunos que eu trabalho, digamos que é a última oportunidade a nível de ensino que os alunos podem ter para concluir o 9º e o 6º ano e prontos, acaba por ser a única realidade que eu conheço." [E1] "…APACDM, Associação Algarvia de pais e amigos de crianças diminuídas mentais aqui em Faro." "…era uma parceria entre a segurança social e o IPJ e sempre que havia atividades eles chamavam-me e então a segurança social tinha pedido jovens ao IPJ para irem divulgar um novo apoio social que tinha surgido que era complemento solidário para idosos, para irem para os centros de saúde e hospitais apoiar idosos e explicar aos idosos aquele apoio social…"	Os principais contextos de trabalho dos educadores são as escolas, as IPSS's, os CNO's, as autarquias, projetos e o instituto de segurança social. Todas os contextos têm uma missão relacionada com as pessoas.

		"…fui chamada para ser técnica da linha de emergência social, que é um serviço pronto emergência social tem o número 144, é tipo o 112 digamos assim, existe ao nível nacional e em todos os distritos há uma equipa. É a cruz vermelha que tem este serviço, mas nós somos financiados pela segurança social." "…trabalhamos principalmente à noite e fins de semana, que é quando os serviços, ou seja segurança social, câmaras, estão fechadas e a partir das cinco horas até às nove da manhã, nós temos uma equipa que está sempre de prevenção, quando ligas para o 144 vai para a central e a central passa a chamada para a equipa distrital que é quem está de prevenção (…) normalmente é sempre durante a noite e fim de semana.. (…) A duração da nossa intervenção é no máximo 3 dias, 72horas, durante 72 horas a pessoa tem de ficar garantida nas suas necessidades, no problema que nos apresentou, sendo que depois é sempre encaminhada para a segurança social…" "…é do programa do contrato local do desenvolvimento social, que também existe ao nível nacional, é um programa do Estado que dá financiamento às situações para trabalharem, que no nosso caso aqui em Faro foi com territórios considerados problemáticos. Trabalho aqui no bairro Avenida Cidade Hayward, Horta da Areia, Atalaia e a lha da Culatra." "… temos muitos voluntários…" [E2] "…fui chamada para dois sítios diferentes, um deles foi para a Santa Casa de Albufeira e o outro deles foi a associação em Loulé "Acreditar", não, não é acreditar, é acreditar é mas é diferente da outra que eu tinha falado ainda há pouco que é de crianças com cancro, esta é de pessoas deficientes. E depois optei pela santa casa, dava-me uma outra ambiguidade, era para passar por várias realidades diferentes e então optei por ir para a santa casa." [E3]	Os contextos de trabalho variam em termos de públicos e faixas etárias.

		"…fui criar essa ludoteca itinerante. (…) comecei depois em Setembro para a construção desse projeto da ludoteca itinerante e entretanto fui ficando. Tínhamos um projeto inserido no projeto da luta contra a pobreza." "Há doze anos. Pronto e fui ficando e entretanto depois passei para a parte de ATL, que gostei imenso, era um ATL com características muito específicas para crianças carenciadas portanto estávamos sediados em Almancil na altura e portanto fiquei lá três, quatro anos. Entretanto passei sempre na área de projetos, sempre na área de projetos, passei pelos projetos do POPH, pelos projetos do CREN, pelos projetos do programa escolhas, até agora não é? "…nos últimos dois estive a trabalhar em bairro social que também é uma coisa muito gira e nos últimos cinco a trabalhar com famílias, com jovens, crianças e jovens e famílias…" "Tive um apontamentozinho na área dos idosos num dos projetos que tinham algumas atividades que nos eram destinadas e eu estava como técnica e eu fiquei com a área inter geracional porque eu quis não é? E trabalhei diretamente com a santa casa da misericórdia de Loulé…" "Um dos projetos que participei durante três anos e que fui coordenadora desse projeto era em contexto escolar…" [E4] "…tínhamos mais tempo para perceber as necessidades das pessoas porque agora digamos o PRODER é um seguimento da iniciativa LIDER, de um projeto que também foi de financiamento e foi nesse âmbito que eu entrei para a In Loco em 92 (…) houve o LIDER I, o LIDER II, o LIDER +…" "…LIDER (…) era um programa que facilitava mais a nossa realidade e ia mais de encontro às nossas realidades locais…"	

		"Em termos de trabalho sem dúvida porque pronto aprendi muitas mais coisas, se calhar deu para pensar um bocadinho mais às vezes sobre a minha intervenção mas em termos, é como disse de progressão de carreira e seja lá o que for portanto eu posso-me considerar uma pessoa como muitos cidadãos que têm um tipo de trabalho precário e acho que é em todos os sítios é assim, portanto eu trabalho a nível de projetos, trabalhei 10 anos a recibo verde..." "…a equipa de animação territorial está ligada a um programa que é o PRODER, que está dentro do quadro comunitário portanto um programa de financiamento, a In Loco é a entidade gestora de um grupo de ação local, portanto gere o núcleo de financiamento na zona do Algarve, Serra do Cadeirão portanto são quatro concelhos…" "…a In Loco tem um território que são quatro concelhos neste momento, que é um território no interior e pronto e damos, trabalhamos em áreas em que não há outras entidades a faze-lo e se há entidades não têm a proximidade do terreno que nós temos…" [E5] "…nos centros de novas oportunidades as equipas são constituídas por um diretor e um coordenador, depois no terreno mesmo estão os formadores e o profissional de RVC…" "É a ASMAL, associação de saúde mental do Algarve, temos em Faro mas a nossa sede mesmo agora é em Loulé." [Missão] "Basicamente é dar uma resposta ao nível da formação independentemente do percurso portanto as pessoas chegam ao centro com um objetivo que é qualificação escolar ou aumentar as suas habilitações e em função desse objetivo com que as pessoas nos procuram nós temos de encontrar uma resposta, basicamente é isso, é responder a um nível formativo."	

		"…a ASMAL é muito grande, somos cerca de cinquenta trabalhadores, temos uma série de cursos, temos muita coisa e o centro de novas oportunidades acaba por ser um mundo um bocadinho à parte com uma coordenação própria e dentro deste mundinho (…) corre muito bem." "…a ASMAL dá resposta a pessoas, à população com problemas de saúde mental basicamente, essa é a grande missão da ASMAL, e essa resposta passa por, ao nível formativo por um lado, para além do centro de novas oportunidades temos outros cursos que não inseridos no centro (…) Depois tem uma residência onde vivem pessoas que já não têm capacidade ou autonomia para viverem sozinhas e temos a residência. Temos também um fórum socio-ocupacional em Faro, que também são pessoas que já não conseguem trabalhar mas que estão ocupadas, pelo menos não estão estagnadas, continuam a trabalhar (…) é a formação, é o fórum socio-ocupacional (…) temos também a reabilitação profissional que são pessoas, muitas até licenciadas porque a doença só se manifestou…mais tarde…" [E6] "Fiquei colocada na câmara de Silves para a divisão da educação, fiquei colocada e ia começar a trabalhar em Janeiro, mas ainda no mês de Outubro fiquei colocada também na câmara de Vila Real para iniciar em Novembro…" "…fiquei colocada em estágio profissional…" "Fiquei logo afeta ao núcleo de habitação e tem sido aí que tenho permanecido a nível de funções." "…o trabalho na autarquia não se conseguem ver resultados a curto prazo, isto são coisas que demoram e a população que eu trabalho também é um bocadinho complicada, porque população residente em bairros sociais onde a maior parte vivem comunidades ciganas e	

		comunidades não ciganas há alguns conflitos." "Nós estamos divididos em dois núcleos, o núcleo da ação social e o núcleo de habitação. No núcleo de habitação trabalham recentemente cinco pessoas e no núcleo da ação social trabalham três pessoas." [E7] "…no 2º ano do curso comecei a trabalhar como monitora de colónias de férias num projeto da Luta contra a pobreza da fundação António Silva Leal, que na altura era responsável pelo centro comunitário da Horta da Areia…" "…em 98 pronto já tinha contacto com a fundação António Silva Leal, com esse projeto de Luta Contra a Pobreza e comecei a trabalhar lá no centro comunitário, trabalhei lá cerca de um ano e meio. Depois fui trabalhar para um projeto de voluntariado da diocese do Algarve em Aljezur e tive quatro anos e depois quando sai de Aljezur, tive no MAPS foi assim de passagem na altura, tive lá uns seis meses enquanto não surgia outra situação mais estável, a situação no MAPS era uma situação muito instável na área da toxicodependência apesar, era… era um projeto na altura financiado de prevenção de toxicodependência nas escolas (…) e antes disso, antes do projeto terminar pois tive a oportunidade e mudei para Estoi, para o centro paroquial e social de São Martinho…" "…o projeto de Aljezur também foi um projeto criado por um grupo de pessoas (…) Que o apresentou à diocese e que foi aceite e que foi concretizado e que foi, pronto e enquanto, durante o tempo que lá estivemos que funcionou muito bem e ainda hoje deixou marcas na comunidade e na população." "…estou na Junta diocesana de Faro no centro de acolhimento temporário proteção à rapariga, que é um centro… é quando os jovens dos doze aos dezoito anos em situação de risco mas já estou	

		lá à cinco anos, está a correr bem." "O centro de acolhimento portanto acolhe as jovens, afastando-as dos riscos." [Missão do contexto] "…afastá-las do perigo, do risco que elas correm e dar-lhes, tentar estruturar com elas um projeto de vida com a participação das jovens…" [E8] "A principal missão no MAPS é a melhoria da qualidade de vida, portanto das problemáticas de toxicodependência, sem-abrigo, trabalho sexual, minoria étnicas e acho que é um bocado tudo, portanto isso tudo misturado, mas a missão principal é a melhoria da qualidade de vida depois cada resposta social tem o seu objetivo específico." "…o MAPS é dividido por, portanto a sede é em Faro depois tem uma delegação em Quarteira e neste momento está com um projeto ADIS, começou agora, que é mais virado para trabalho sexual, depois Portimão também tem os próprios, tem as equipas de rua, e depois nós aqui na sede em Faro tem várias coisas não sei, tem varias respostas socias…" "…tem o alojamento temporário e residência protegida portanto onde há pessoas alojadas, depois tem a parte das equipas de rua barlavento e sotavento. Depois tem a SAD que é o Serviço de Apoio Domiciliário portanto que é fora da instituição e ainda tem o CAPS que é onde eu estou inserida, que é o centro de acompanhamento e aconselhamento psicossocial." [E9] "…temos vindo a desenvolver algum trabalho não é? Que na altura não se fazia, até porque o parque habitacional cresceu bastantes, na altura era mais reduzido e neste momento já temos cerca de duzentas habitações a nosso cargo…"	

		"Nós agora temos um projeto por assim dizer que é o único que acabou por subsistir que veio do PROGRID, de uma candidatura ao PROGRID e que agora teve o apoio da segurança social através dos contratos locais de desenvolvimento social e que é desenvolvido aqui em parceria ou melhor em colaboração com uma entidade que é a fundação Irene Rolo que agrega todos os outros parceiros do concelho e que é um projeto assim de índole comunitária, trabalha não só com as pessoas dos bairros sociais, mas também com outras pessoas com carências." "Nós neste momento temos mais a área financeira e administrativa, temos a área das obras e do ambiente e temos também a vertente jurídica social e educacional, está assim mais dividido, ele teve mais fracionado no passado mas neste momento está assim mais dividido…para dizer que até neste caso da ação social nós não temos direito a departamento, nós temos só chefe de divisão porque o próprio presidente quis ficar com esta área da ação social para estar mais diretamente envolvido neste trabalho." [E10] [PIEF]"… Aquilo é assim, aquelas turmas são turmas problemáticas e que têm uns currículos especiais, pronto é uma educação especial porque a maioria daqueles miúdos com dezasseis, dezassete anos não sabe escrever corretamente, não sabe ler, não sabe fazer contas de dois mais dois e então a educação deles se calhar era ao nível do 1ºciclo apesar de estarem numa escola de 2º e 3º ciclo…é ao nível do 1ºciclo e para além disso o trabalho dos educadores… porque aquilo lá chama-se TIL, técnica de intervenção local…" "Depois quando passei para o GAAF, para o gabinete de apoio ao aluno e à família, era basicamente a mesma coisa mas com a escola inteira." "A nível do RSI eu tinha cinquenta e sete famílias…"	

		"Nós temos três valências, temos lar internamento, centro de dia e apoio domiciliário e dessas três a nossa intervenção é diferente em todas." "Aqui a equipa sou eu, a encarregada geral, que foi esta senhora que veio aqui trazer o telefone. Aqui não há mais nenhum técnico, nós tivemos uma psicóloga em tempos mas depois a santa casa desistiu e deixámos de ter psicóloga. Técnicos que aqui temos mas não a tempo inteiro é o fisioterapeuta, é o enfermeiro e é o médico, depois a nível de técnicos das ciências sociais tenho a minha colega Sandra em Vila Real que é assistente social, temos a diretora de serviços sociais que é também assistente social….Mas aqui a nível de equipa multidisciplinar não tenho e sinto necessidade porque me faltava por exemplo uma terapeuta ocupacional…" "É assim, nós somos geridos por uma mesa administrativa. A pessoa que dá a cara pela mesa administrativa e que dá a cara é o provedor é o coronel Afonso e ele apesar de não me limitar em nada, a nível de atividades que fazem parte desta Valência e mais alguma coisa que eu decida, aqui quem decide sou eu. Só em caso de uma coisa muito grave, ou que eu tenha uma dúvida, ou que tenha de se gastar dinheiro, nisso é que eu recorro a ele." "Isso é às vezes quando as pessoas têm penas suspensas o tribunal delega por exemplo 6meses de pena suspensa mas em vez de as pessoas estarem em casa a terem a pena simplesmente lá à espera que passe o tempo são-lhes atribuídas horas de serviço comunitário e então nós como somos uma IPSS recebemos essas pessoas e então as pessoas vêm cá e depois temos o contacto com o técnico do tribunal e combinamos com as pessoas, por exemplo esta pessoa que começou hoje tem 180horas de trabalho comunitários mas ela pediu para fazer só 4horas da parte da manhã porque quer procurar trabalho da parte da tarde, ou mesmo se arranjar um part-time da	

		parte da tarde é mais fácil assim…então pronto começou ontem e pomo-la na cozinha que é onde nós neste momento precisávamos, a descascar as batatas e as cenouras." [E11] "…fiz o estágio profissional num projeto de intervenção social da Casa da Cultura de Loulé mas o projeto era em Quarteira que se chamava Clube Bus II e que era intervenção ao nível de famílias em risco, crianças e jovens de bairros de habitação social de Quarteira." "Saí daí estive três meses sem trabalhar, entretanto das candidaturas espontâneas que fiz consegui que uma associação cultural e desportiva em Tunes me chamasse e fui abrir um ATL (…) era a única técnica naquela associação, a associação era basicamente para a promoção de atividades desportivas, mas como aquela freguesia tinha uma necessidade muito grande a nível das crianças nas férias do verão não tinham com quem ficar…eles tinham um espaço de uma escola primária antiga…" "…o professor B me deu conhecimento de estarem a recrutar, de estarem abertas candidaturas para profissionais de RVC no CNO da Universidade do Algarve e disse-me "olha se quiseres concorre porque vamos precisar de pelo menos duas pessoas" e eu concorri logo porque sempre foi uma área que eu tive interesse e curiosidade em trabalhar e concorri, consegui ficar. Tive no CNO de Lagoa de Maio ou Junho de 2007 até Novembro de 2008, entretanto foi quando começaram a abrir CNOS nas escolas públicas, ou seja, houve um grande *boom* de recrutamentos e eu tive conhecimento que ia abrir aqui um centro em Albufeira e como eu morava em Albufeira ia todos os dias e vinha para Lagoa concorri para aqui." "A principal missão do meu contexto de trabalho é a qualificação da população portuguesa… ativa, da populaça ativa portuguesa e é para isso que, a nível macro é para isso que eu trabalho todos os	

		dias.” [E12] “…na área administrativa e entretanto quando terminei o curso em 2005 foi de alguma forma até fácil a minha integração na carreira de técnica superior de educação social…” “…fiquei no setor da educação e fui para uma escola onde dinamizava a parte, pronto aquilo era uma mini biblioteca, era uma escola primária de 1ºciclo então era assim um espaço muito pequenino…” “A nossa missão é de facto ir ao encontro do superior interesse da criança. Isto é algo que está na lei e que é muito geral não é? O que é que é o superior interesse da criança? Mas no fundo é de facto pormos o interesse da criança num patamar muito mais superior do que outros interesses que possam haver na família portanto nós a nossa missão é realmente permitir que o interesse da criança seja sempre preservado e seja sempre superior.” [Projetos] “Nós temos vários, temos o serviço de apoio à família em que fazemos sessões de esclarecimento com várias temáticas sobre alimentação, higiene pessoal, higiene oral, gestão económica, várias formações. Entretanto por acaso temos um muito recente que até fizemos atividade hoje no âmbito do mês dos maus tratos infantis, que é o mês de abril.” “…fizemos também a inauguração de uma exposição que é fruto de um outro projeto que nós temos que é “O que pensam as crianças” em que disponibilizamos telas para as escolas no sentido de as crianças expressarem aquilo que elas consideravam e como elas viam os direitos, portanto o que as crianças pensam dos direitos não é? E então fizemos… a ideia é a exposição ser itinerante, passar por várias escolas do concelho e IPSS’s também e juntas de freguesia…” [E13]	

		"Pronto a missão da minha entidade é responder às carências da população de Faro não é? Carências alimentares, prestação de apoio alimentar…" "Exatamente prestação de apoio alimentar, prestação de apoio de vestuário, encaminhar os utentes…" "…usufruímos muito dos nossos voluntários ou seja temos voluntários especializados pronto em várias áreas como a fisioterapia, enfermagem etc…." ""Pronto é assim, nós damos apoio a cerca de 1200familias e é assim funcionamos apoio ao armazém…" "As faixas etárias dos utentes variam muito." "…temos famílias, famílias pronto, o casal e dois filhos, o casal e um filho, filhos pequenos e bebés, filhos adolescentes, temos idosos, temos jovens." [E14] "Eu sempre trabalhei em escolas portanto eu já dezassete anos e tal que trabalho em escolas…" [E15] "…eu trabalhei principalmente com dos excluídos aos mais excluídos de rua, na área da toxicodependência, prostituição, o homossexualismo também na vertente de prostituição, crianças mal tratadas, crianças negligenciadas e jovens com percursos de vida um bocado problemáticos. A minha grande experiência foi a nível de Lisboa, trabalho de rua com os toxicodependentes de rua portanto na área do intendente…" "Dei formação no lar da terceira idade em Aljezur e depois ingressei logo na escola e tenho estado sempre em diversas escolas portanto." [E16]	

		"…esta associação já existe em Lisboa, nós o que fizemos foi criar uma delegação cá em baixo para termos uma plataforma para começar a trabalhar não é? Sem tar a criar uma associação de raiz (interrupção). Entretanto começámos um projeto de apoio à família que envolve apoio alimentar, apoio de vestuário. Temos psicólogos também voluntários para dar apoio na área da psicologia." "Temos apoio da câmara para ajuda aqui do pagamento das instalações e temos tentado apoio da segurança social mas neste momento não temos, não temos. Trabalhamos com o banco alimentar, trabalhamos com outras instituições, agora para financiar o projeto não temos tido dinheiro até ao momento." "Sim nós a maior parte dos nossos utentes são destes bairros aqui, o Horta do Pádua, o bairro (impercetível) e mas embora a gente tenha pessoas de todo o Olhão, portanto trabalhamos com o concelho de Olhão." [E17] "Estou a trabalhar com um grupo de, que é um grupo de RSI, são um grupo de pessoas desempregadas, mulheres desempregadas, que é um grupo, o grupo chama-se "Grupo para um Algarve Sem Pobreza" e é um grupo que está a ser apoiado pela Rede Anti Pobreza do Algarve e eu e a Ana estamos a dinamizar o grupo com o teatro do oprimido, a fazer teatro com elas e são mulheres que precisam mesmo de ocupar o tempo delas e são mulheres que não conseguem arranjar trabalho mesmo que algumas delas tenham formação, algumas são estrangeiras, uma é brasileira e uma inglesa, que também não é fácil para elas, ainda piora a situação, uma foi sem-abrigo e drogada, toxicodependente, enfim são pessoas que também não têm vidas fáceis e então estamos agora a dinamizar esse grupo, que é teatro do oprimido." [E18]	

		"A principal missão do lar, é promover intervenções adequadas à população idosa com mais necessidade fomentando um projeto de vida com qualidade, promovendo a autoestima e promovendo essencialmente e sobretudo a auto capacitação." "Temos a valência de lar com capacidade para sessenta idosos, centro de dia (10) e para apoio domiciliário (20)." "Podemos fazer vários projetos e várias atividades e várias parcerias e protocolos. Estamos a fazê-los com IPSS do concelho e com instituições do concelho, instituições públicas, câmara municipal, centro de saúde e outras." "…temos o projeto com as educadoras sociais que estão a fazer o seu trabalho de estágio curricular. Tivemos o ano passado um projeto de intervenção na comunidade, esse foi muito significativo e teve a ver com o melhoramento de todo o espaço da instituição. As pessoas da comunidade foram "chamadas" a participar juntamente com os idosos na melhoria da qualidade dos espaços existentes." "Tudo remodelado e requalificado com a colaboração da comunidade, nós fomos ter com a comunidade e a comunidade veio ter connosco e fizemos um trabalho todos juntos em parceria, uns com os outros e resultou o que está aqui, um ótimo trabalho comunitário, um ótimo exemplo da nossa abertura e da aceitação da comunidade." [E19] "…acabei por ficar em Loulé e então pronto estou lá desde 2008. Tem sido uma experiência diferente, porque ali estou a trabalhar num centro que é promovido por uma escola secundária portanto os meus colegas são maioritariamente professores do ensino formal…" "Tivemos um projeto que se chamava "novas oportunidades culturais" e que era dinamizado pelas formadoras das áreas de CLC de nível secundário e da área de LC do básico e, portanto, iniciou-se	

		com o visionamento de um filme, seguido de debate e teve até bastante adesão, depois fez-se uma segunda atividade, uma sessão de leitura, mas aí já compareceram muito menos pessoas, também seguida de debate…" "Então é assim, temos um diretor e um coordenador, sendo que o diretor é o diretor da escola e, portanto, está menos presente no centro, vai a uma ou outra reunião esporadicamente, o coordenador é quem está sempre connosco não é? Depois temos a técnica de diagnóstico e a funcionária administrativa. Depois somos nove formadores e três profissionais de RVC, os formadores são nove, porque não estão todos a tempo inteiro, portanto há muitos a meio tempo…" [E20] "…câmara de São Brás." "…vim para aqui precisamente no estágio desse curso dos agentes de desenvolvimento (…) havia muito para explorar e daí ter feito a proposta com o trabalho de estágio na câmara, fui aceite, fiz o trabalho de estágio e depois de fazer o trabalho de estágio fiz um pedido para um contrato já de emprego. Tive um contrato de seis meses à experiência e depois fui ficando, fui ficando (sorri). "…apresentei à câmara a minha proposta (…) para criar um gabinete de apoio à juventude e foi quando a câmara abriu esse serviço que não havia aqui nada disso e portanto fizemos um protocolo com o instituto português da juventude para ter o que era na altura os CAJ's, chamavam-se Centros de Apoio à Juventude (…) depois aquilo mudou de nome e passou a PIJ, depois tive formação juvenil e passou a ter umas outras valências." "É assim a principal missão, eu vejo a administração pública local, neste caso uma autarquia como todos deveriam ver acho eu, que é com uma empresa a funcionar não é? As empresas traçam objetivos	

		não é? E neste caso a missão aqui é uma missão geral de aumento da qualidade de vida das pessoas, neste caso deste local, não é? Em todos os níveis, em tudo aquilo que se possa fazer, mesmo que seja em área que até às vezes não são da competência da própria câmara percebes? Mas ao fim ao cabo a missão geral é sempre a comunidade no seu todo, o munícipe e a zona territorial a que diz respeito, ou seja, então nesta zona territorial tudo pode acontecer, em todas as áreas e a câmara tem responsabilidade em muitas delas, responsabilidade direta e tem outras tantas responsabilidades indiretas não é? E portanto o seu papel é tar sempre virado para o aumento da qualidade de vida das pessoas. "O problema neste momento está em selecionar aqueles que não vamos fazer por não termos condições nomeadamente a maior parte delas a nível financeiro porque de facto isto está muito complicado e vários projetos vão cair por terra, dos que estavam programadas, não só até para 2012 mas para 2013 e 2014 porque o planeamento é sempre mais avançado não é? As câmaras fazem um orçamento anual mas fazem uma planificação sempre de dois a três anos não é? E aqui a nível local o problema agora é decidirmos o que não vamos fazer porque não temos condições de fazer." "Há vários sei lá, estou com o projeto a acompanhar o Algarve central, tem várias medidas a nível…que eu acho que é um projeto muito interessante a nível intermunicipal que envolve cinco municípios em conjunto, cinco mais um Albufeira, seis, que entrou a meio…e que tem ações várias nomeadamente a do *simplex* autárquico que eu acho que vai ser o futuro não é? Que é as relações das autarquias com os munícipes portanto neste momento já saiu uma nota para a imprensa mas vão sair mais agora em que tudo o que seja de atendimento ao munícipe seja de formulários, normalidades estes seis municípios vão ter tudo já harmonizado e	

		igual ou seja um pedido que tu faças pode ser atendido em Faro ou em Olhão ou sem São Brás, onde quer que seja da mesma forma, em qualquer dos balcões, da mesma forma, com o mesmo formulário, com os mesmos pedidos…" [E21]	

	4.2. Funções e atividades desempenhadas pelo EIC/ES na sua trajetória profissional	"Estou a trabalhar como técnico de intervenção local, posso subir com o tempo para equipa móvel multidisciplinar, é uma questão de dar tempo ao tempo…" "…dou uma disciplina que é desenvolvimento pessoal e social…agora estou a resolver um caso de um aluno que não tem cartão de cidadão e lembro-me perfeitamente que uma das primeiras coisas que nós aprendemos no curso era o conseguirmos fazer com que as pessoas pudessem ser mais participativas socialmente e pudessem ter melhores condições sociais para que pudessem interagir socialmente e este jovem não joga futebol porque não se pode inscrever porque não tem cartão de cidadão…" [E1] "Eu trabalhava com os jovens diminuídos mentais num local que é um centro de ocupação tempos livres e fazia de tudo um pouco desde apoiar nas competências diárias, do lavar as mãos, as questões da higiene, do comer, pequenos trabalhos manuais… cada dia estava estipulado para fazer uma atividade plástica, passeios, seja andar na rua, passar nas passadeiras, ou seja, mesmo uma atividade de educador social para aquelas crianças, para aqueles jovens. Era mais ajudar nas competências pessoais e domésticas do dia-a-dia, depois para terem a tal autonomia em casa, porque na escola nós preparávamos e eles em casa pronto, tentavam reproduzir o que aprendiam…" "Depois tive num ATL e ajudava os miúdos a fazer os trabalhos de casa, também trabalhava as competências pessoais e diárias, porque nós tínhamos miúdos de vária idades e pronto fazíamos várias atividades também assim de competências pessoais, trabalhos de casa, apoio escolar, íamos também a atividades exteriores, piscinas, passeios…"	As principais atividades dos educadores estão relacionadas ao desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Pretendem dar ferramentas para que as pessoas sejam mais participativas socialmente e tenham melhores condições sociais; Divulgação no sentido de informar as pessoas; Acompanhamento e o desenvolvimento de ações e atividades direcionadas para respostas especificas de grupos vulneráveis. É essencial fomentar a integração, a disciplina, a organização e principalmente a cidadania;

		"…já tinha sido chamada e eles meteram-me à espera para ir fazer um voluntariado remunerado, uma pequena motivação na segurança social, era uma parceria entre a segurança social e o IPJ e sempre que havia atividades eles chamavam-me e então a segurança social tinha pedido jovens ao IPJ para irem divulgar um novo apoio social que tinha surgido que era complemento solidário para idosos, para irem para os centros de saúde e hospitais apoiar idosos e explicar aos idosos aquele apoio social e então eu tive doente no mês de Dezembro, e em Janeiro e Fevereiro fui colaborar com a segurança social e com o IPJ e fui para o centro de saúde de Loulé portanto informar, portanto todas as pessoas que iam às consultas eu abordava-as e explicava-lhes o que o apoio social era, preenchia logo a folha do formulário, dava todas as informações para eles poderem pronto ter esse apoio social. Depois tive de terminar esse porque fui convidada para ir para um projeto novamente para a APACDM, um projeto já como técnica licenciada (…) era técnica de acompanhamento de crianças também diminuídas mentais ou com dificuldades de aprendizagem em escolas preparatórias, e ia há Afonso III e também a Joaquim Magalhães onde tinha alunos que estavam a ser acompanhados por mim e que é que fazíamos aí? Era a parte da educação social com eles, também competências mas sociais no exteriores, tudo fora, por exemplo ensiná-los a mexer em dinheiro, ir às compras, ver as horas, conhecer todas as profissões que existem, como é que funciona a sociedade? Pronto andávamos na cidade e andava sempre com eles a fazer isso, e também porque pronto eles não eram alunos com grandes capacidades e o objetivos era também tentar prepará-los para depois inserir num curso profissional quando eles terminassem o grau académico, não sei se era o 6º se era o 9º, mas pronto quando eles chegassem àquela idade em que já não podiam continuar a estudar seriam encaminhados	acompanhamento psicossocial; Atividades para o desenvolvimento local e comunitário; Formação para o desenvolvimento das comunidades Técnicas de educação não formal; Diagnósticos sociais; Preenchimento de lacunas, polivalência; procura Implementação de parcerias.

		para um curso profissional, e então era isso que eu fazia praticamente.” “Nós somos chamados para todo o tipo de situação social, para sem abrigos, para violência doméstica, crianças em risco, idosos, famílias desalojadas, todo o tipo de problemáticas, todo o tipo de problemas, tudo o que possas imaginar, nós vamos lá buscar, eu costumo dizer que é tipo 112 mas para a área social. A minha função aí é o apoio emocional às pessoas, pronto quando chegamos ao local, encaminhá-las, garantir alimentação, vestuário, abrigo e depois dependente da situação dar-lhes um encaminhamento e uma resposta imediata, a pessoa nunca fica sem resposta, nós temos de dar uma resposta. Depois tirando isso, essa função que tenho dentro da cruz vermelha, desempenho funções de educadora social, assim é que é, num projeto de intervenção em bairros sociais…” “Eu em todos os bairros desenvolvo atividades, sou a técnica que tem mais ações, tenho 5 ações, cada ação está direcionada para uma resposta, um público-alvo, uma resposta e em todas essas eu tenho de desenvolver atividades, por exemplo eu trabalho com idosos, com jovens, com tudo o que aparece… tento resolver aquelas questões mais burocráticas que eles não conseguem, nem procurar ajuda, nem ninguém lhes consegue responder a questões mais do tipo de consultadoria ao cidadão, para os ajudar digamos a exercer a sua cidadania, porque eles não conhecem os seus direitos nem deveres nem nada disso. E depois também lido com todo o tipo de situação de problemas familiares, conflitos entre vizinhos, lido com os problemas de solidão de muitos idosos, portanto tento fazer atividades que os mantenham ocupados. Na ilha da Culatra o meu papel foi criar uma associação de jovens, mas pronto os jovens já estavam lá formados, eles queriam desenvolver a associação e o meu papel foi mais ao nível de, também de consultadoria, as partes	

		burocráticas, o registo da associação, a assembleia geral, dar-lhes bases de associativismo juvenil, prontos foi isso, depois as outras atividades mais práticas, o que eles queriam fazer dentro da associação, isso já eles fazem sozinhos são autónomos. Depois na cidade Hayward na Horta da Areia com os jovens temos grupos de teatro do oprimido, trabalho com a Laura e para além do teatro nós fazemos e damos bastante apoio aos jovens, pronto alguma coisa que eles precisem, roupa, apoio emocional para alguma coisa, algum problema, conflitos entre eles, tentamos apoiar e ajudar e tentamos também fazer atividades, tentamos e fazemos vá, atividades exteriores, coisas que eles não conseguem através dos pais ou através da escola, ou mesmo ali através do bairro. Mais? Sei lá, são mil e uma coisas, ajudamos pessoas a escrever cartas, encaminho-as para o tribunal, para a câmara para tratarem assuntos, para muitas, muitas coisas (sorri).” [E2] “Comecei a trabalhar com jovens na parte da integração, atividades extracurriculares, depois fazia também um bocado o papel do educador na escola, depois trabalhei muito a partes das competências pessoais e sociais, em termos de atividades, nós criamos um grupo por exemplo de música, um grupo de danças e era também para treinar aquelas competências sociais e pessoais, a disciplina, a organização, o trabalho em equipa. (…) ainda na Santa Casa fui trabalhar para a parte toxicodependência, acompanhamento psicossocial da população toxicodependente, e a fazer prevenção primária nas escolas com os jovens. Depois entretanto sai da santa casa, fui trabalhar para a câmara de São Brás na área da habitação social, tive ai um ano e entretanto depois voltei para a santa casa para o Centro de Novas Oportunidades.” “…sempre em paralelo tenho dado sempre formação, formação	

		pedagógica inicial de formadores, na área de apoio à terceira idade e apoio à infância também, nestas três áreas." "…tinha a gestão de toda a habitação social de um bairro social, depois era atualizar, pronto a lista já estava muito antiga. Lá há muita população nómada, a viver em barracas, fiz o levantamento dessa população…" "…agora que tenho oportunidade de trabalhar neste negócio familiar, estou a juntar várias coisas que é como disse o controlo de custos, é uma empresa de restauração, controlo de custos, estou a trabalhar na parte da formação e responsabilidade social empresarial, e então agora a minha ideia é, ainda estou de férias mas a partir do dia 13 de Abril vou ficar desempregada, a minha proposta é fazer um POC, um plano de ocupação nesta empresa e trabalhar nestas três áreas, ah e implementar a norma da qualidade ISO 9001 porque é também uma coisa que eu fiz no centro de novas oportunidades." "Faço muita coisa que não tem a ver, eu neste momento estou numa área completamente diferente e aqui a minha função…estou a trabalhar num negócio familiar pequeno mas as pessoas não estão sensibilizadas por exemplo para a parte da formação e a minha missão neste momento vai ser fazer ver às pessoas que a formação é uma mais-valia e que as pessoas sentem-se mais realizadas, mais preparadas e que isso vai-se ver no final do mês em termos de lucros e em termos de organização, em termos de produtividade. A parte da responsabilidade social estou a fazer força porque é também para me manter sempre perto da minha área e para me obrigar a pesquisar e a manter sempre por perto porque o meu medo é que qualquer dia não é?" [E3] "…tive como animadora numa escola pelo centro de emprego…"	

		"Fui colocada numa escola em que fazia prolongamento, não era extracurriculares, era prolongamento não é? Eu estava durante o dia com as crianças a fazer atividades de biblioteca, de animação de leitura, portanto outro tipo de atividades com elas e depois no final do dia ficava com uns quantos não é?" "Um dos projetos que participei durante três anos e que fui coordenadora desse projeto era em contexto escolar, portanto tive três anos a trabalhar com um grupo alvo de jovens em contexto escolar a nível de abandono, absentismo e insucesso escolar, desresponsabilização dos encarregados de educação e a trabalhar também a nível de docentes e pessoal não docente." "Eu deslocava-me muitas vezes à casa das famílias e quando eles viam, as famílias viam o representante da escola em casa davam outra importância à valorização da escolaridade não é? E as escolas acabaram por reconhecer isto, não é?" [E4] "…nós fazemos tanta coisa que às vezes é como eu costumo dizer, às vezes se calhar fazemos tanta coisa que parece que não fazemos nada não é? (…) O PRODER é o eixo três do PRODER que é da dinamização das zonas rurais, nós temos concursos e o trabalho passa essencialmente por atender promotores de projeto e encaminhar projetos para chegarem a candidaturas e para as pessoas obterem o financiamento. Isto quer para associações locais, IPSS, autarquias, empresários, agricultores, pronto, nós temos de dominar a legislação e todo o enquadramento legal do programa e não fazemos as candidaturas aos promotores, como é óbvio porque somos analistas, somos a entidade que avalia portanto não podemos fazer as candidaturas, mas encaminhamos as pessoas no sentido de juntar toda a documentação necessária ao processo para chegar a uma candidatura. Isto traços gerais do trabalho neste momento no	

		âmbito do PRODER. Depois fazemos muito do outro trabalho, eu, pronto cada técnico dependendo um pouco da especificidade da zona onde está inserido, pronto eu produzo há muitos anos, que foi uma iniciativa da In Loco através de um projeto, portanto eu faço um boletim informativo da freguesia de Querença que sai mensalmente, esta é a edição de Março se a Rute quiser ficar, portanto isto já vai no numero 156 surgiu em 98 e eu sou a coordenadora desse projeto e desse processo." "… a nível nacional há muitos anos os agricultores têm o benefício de se poder candidatar a subsídios para manter a atividade agrícola e o interior tem algumas mais-valias a esse nível, as pessoas podem receber financiamentos para manter no fundo um bocadinho as terras sem matos e essas coisas e nós fazemos esse tipo de candidaturas. Nesta altura é uma altura de receção de candidaturas e normalmente fazemos num posto em Salir, atendemos já à volta de 320 agricultores e fazemos 320 candidaturas nesta altura, todos os anos. Damos apoio a todas aquelas pessoas que têm animais, no preenchimento dos registos dos livros (…) damos apoio a esse nível e a resolver problemas (…) damos todo esse acompanhamento a nível local. Depois atendemos no fundo todo o tipo de pessoas (…) encaminho (…) trabalhamos também a nível dos licenciamentos de produções locais (…) Tivemos há pouco tempo um projeto ligado à formação com produtores de aguardente de medronho, apoiámos o licenciamento de cerca de quarenta destilarias e demos formação em HCCP (…) nós divulgamos nos sítios e inscrevemos pessoas (…) organizamos as feiras da serra, participamos na organização de feiras, organização de produtores, transportes, depois ajudar as pessoas a montar os espaços, pronto é um leque de coisas assim muito variado…" "…nós fazíamos desenvolvimento local e neste momento eu	

		questiono-me se fazemos algum trabalho desse tipo porque nós antes tínhamos muito mais tempo para estar no terreno com as pessoas e neste momento não, nós temos uma carga de papéis muito grande, a legislação é muto complexa e muito exigente, está a mudar constantemente e isso faz com que a gente tenha de passar muito tempo agarrado a papéis…" "…faço parte dos quadros da In Loco portanto sou secretária da direção…" "…há tempo tivemos a dinamizar um projeto da LPN, da liga portuguesa da natureza e tivemos a fazer ações de sensibilização nas escolas sobre o lince ibérico e o abutre preto, pronto trabalhámos com miúdos do pré-escolar e aliás eu tive com escolas de Querença e da Tôr e miúdos da pré-escolar e da escola primária e depois até ao núcleo dos empresários…" [E5] "…a minha função era dinamizar a biblioteca, foi um trabalho muito bom…" ""A minha função é profissional de RVC, não sei se sabe, mas nos centros de novas oportunidades as equipas são constituídas por um diretor e um coordenador, depois no terreno mesmo estão os formadores e o profissional de RVC e a minha função é profissional portanto é acompanhar os grupos e as pessoas desde o início que se inscrevem no centro, até que terminam o processo." "Portanto do acompanhamento às pessoas faz parte aquele contato inicial de integração da pessoa nos grupos, de explicar no que é que consiste o processo, do que se pretende delas. Depois acompanhá-las durante todo o processo, dúvidas que tenham, repor sessões a que tenham faltado, sessões em que não tenham ficado esclarecidas e que seja necessário um apoio mais individual, até que depois elas certificam no fim, tratamos de todo aquele processo de certificação	

		e de…basicamente é isso." "…havia uma psicóloga portanto trabalhava em parceria com a psicóloga, a psicóloga trabalhava mais diretamente com os miúdos e eu trabalhava com as famílias e então tentava perceber…a psicóloga mais os miúdos e eu a família, qual era o contexto e o que se passava e em articulação conseguíamos ver o que estava ali e de que forma podíamos intervir, basicamente era com as famílias." [E6] ""Fiquei colocada nas duas câmaras para exatamente o mesmo tipo trabalho que era com a terceira idade e aqui em Vila Real comecei pelo UTL, universidade de tempos livres que foi onde fiz a minha monografia, portanto estive cerca de seis meses a trabalhar na UTL, tinha toda a responsabilidade de gerir o plano de atividades e dinamizar o espaço." "A nível de funções pronto comecei por trabalhar na UTL onde ia fazia todo o plano de atividades e dinamizava o espaço, depois aqui na divisão de ação social no núcleo de habitação comecei a trabalhar com toda a habitação social do concelho, portanto a gestão do parque habitacional, da conservação do espaço e algumas atividades de desenvolvimento comunitário, portanto toda essa parte que comecei por fazer. Agora mais recentemente comecei a trabalhar diretamente com a população cigana. Concorremos a um projeto que é o projeto de mediadores municipais e também tenho essa função, estou a coordenar um mediador municipal, portanto trabalhamos com essa população. Depois a nível da população em geral trabalhamos também o apoio à recuperação de habitações degradadas, para a população mais desfavorecida. Trabalhei, mas já deixei o Banco de Voluntariado que aqui existia e ainda existe mas passaram para outras colegas."	

		"Portanto a parte mais chata que faço é a parte de escritório que é relatórios, porque faço muitas visitas domiciliárias e todas as visitas domiciliárias e todos os serviços domiciliários que faço depois carecem de um relatório associado e a parte burocrática é a que me leva mais tempo. Costumo fazer portanto visitas domiciliárias à habitação social e não só, todo e qualquer pedido que entra na divisão da ação social que seja relativo a uma parte de habitação, pronto que necessita de uma intervenção ou teve um, não me sai a palavra, pronto um acidente, uma rutura. (…) Depois faço visitas também a acampamentos por causa da população cigana e tentamos dinamizar algumas atividades, mas aí já é toda a equipa, não passa só por mim, em conjunto tentamos elaborar propostas, a questões de alterações contrato arrendamento, ações de renda, tivemos recentemente também um protocolo com a DECO onde fazíamos o atendimento a famílias em sobre-endividamento ou em fase de, portanto esses arrendamentos eram sempre realizados por um técnico da ação social em colaboração com um técnico da DECO." [E7] "…antes do projeto terminar pois tive a oportunidade e mudei para Estoi, para o centro paroquial e social de São Martinho onde trabalhava com a comunidade em geral, principalmente com as famílias mais desfavorecidas, que era o acompanhamento das famílias mais desfavorecidas daquela comunidade." "…juntamente com o pároco fazíamos toda a coordenação da paróquia desde pronto a catequese, da parte litúrgica pronto toda aquela, a gestão paroquial normal. Depois tinha a dinamização também das comunidades mais afastadas da Aljezur portanto todo o concelho de Aljezur, depois mesmo desde a parte de integração dessas comunidades, de levar essas comunidades a participar na,	

		porque pronto desde Odeceixe até à Carrapateira aquilo a nível de geográfico são coisas, são dois extremos e que as pessoas acabam por viver um bocado isoladas, era por fazer com que as pessoas participassem, a fazer com que as pessoas, pronto as próprias pessoas da localidade se movimentassem e criassem algum dinamismo local (…) pronto não só através da parte religiosa mas também através da parte social e cultural." "…desde a formação à dinamização da comunidade…" "Como educadora social faço parte de uma equipa, nós trabalhamos em equipa multidisciplinar, com uma psicóloga, uma técnica ação social faço a gestão dos processos que chegam à instituição, toda a organização dos processos, toda a estrutura dos processos, a história de vida dos jovens, tudo o que tem a ver depois com a organização da vida daquelas jovens. Depois sou responsável também pelas atividades, pela organização, programação e depois a execução e a avaliação de todas as atividades e depois aquelas tarefas também de vida diária pronto do quotidiano, da vida dos jovens." [E8] "…eu tento muito fazer através de técnicas de educação não formal, tento mostrar que através de uma forma simples e se calhar até divertida conseguimos atingir os mesmos objetivos do que com uma sessão teórica chata, entre aspas." "Eu entrei no MAPS como ajudante familiar, portanto eu era uma ajudante familiar licenciada, isso não teve só com razões económicas, mas teve a ver com a minha ideia de que era possível fazer algo, mesmo não sendo com a categoria profissional adequada, digamos assim. Portanto entretanto passei por monitora, neste caso e não sei se algum dia passarei a técnica de educação comunitária mas não sei se me interessa, portanto neste caso, não tem nada a ver (sorri) porque eles viram o meu currículo mas eles	

		só queriam que eu soubesse limpar o chão basicamente…" "…entrei no MAPS onde estou agora, portanto na altura ainda como ajudante familiar, depois passei para monitora e neste momento já estou a fazer trabalho de técnica no fundo…" "…no Brasil tivemos a fazer uns diagnósticos, um levantamento de necessidades pela escola na zona rural e ao mesmo tempo tivemos a trabalhar com um projeto de bairro social com crianças, depois no projeto em São Tomé e Príncipe era muito a vertente de formação para a gestão de projetos, para animação comunitária era mais vertente de animação." [ISU] "…foi também toda a parte da formação porque o ISU tem uma componente muito formativa e depois a parte das ações de sensibilização na escola para temáticas com interculturalidade, e portanto exclusão social e uma série de temáticas relacionadas com o curso." "Neste momento estou responsável pelas atividades psicossociais com os utentes que estão em sede, ou seja pessoas temos alojadas temporariamente e com eles o meu objetivo é trabalhar competências e capacitar, para além das atividades lúdicas e socias que temos, que são os passeios e pronto aquelas coisas, temos a oficina de emprego, de técnicas de procura de emprego, temos a oficina de acompanhamento de atividades diárias e temos uma oficina de desenvolvimento de competências que sou eu neste momento que estou a gerir." "Principalmente técnicas de educação não formal, portanto faço dinâmicas, outro dia só para dar um exemplo fiz um leilão de capacidades na oficina de emprego e provavelmente se fosse uma colega minha a aplicar faria uma ficha e eles iriam só escrever as capacidades e ficava por ai e eu acho que o nosso curso nos mostrou, eu fui muito incentivada a fazer as coisas de maneira	

		diferente, portanto sempre de tentar ser criativa e tentar de ser diferente.” “…por exemplo agora o meu projeto que tenho para apresentar é haver uma formação contínua portanto que os utentes em vez de terem atividades soltas que possam ter mesmo um plano de formação sem ser as formações pagas e, não, mesmo o dia inteiro, tenham cinco dias por semana e dentro dessa formação utilizar técnicas diferentes, esse agora é o meu projeto vá, para o MAPS.” [E9] “…quando eu cheguei à câmara foi uma altura em que houve grandes restruturações ao nível da ação social, era um gabinete que existia há certa de vinte anos mas que nunca tinha tido concretamente técnicos formados nesta área, era mais o técnico profissional, o administrativo que era destacado e que fazia-se uma atualização do processo daquele pedido de candidatura, depois a pessoa era integrada em habitação social e pronto, o fim era atribuir-se a casa à pessoa, quando nós sabemos que há ali…não resolve nada entregar só a casa à pessoa não é?” “…e temos vindo a desenvolver alguns instrumentos que nos permitem estarmos mais no terreno e não tanto sentados à secretária, porque acho que o nosso trabalho é precisamente com as pessoas não é? Não estamos aqui… mas por assim dizer a área tem sido sempre a mesma, embora esteja integrado numa divisão em que trabalhamos também com outras situações não é? No âmbito da ação social etc., tentamos sempre complementar e ajudar o trabalho dos outros colegas. Mas se eu tivesse de descrever as minhas funções essências desde que entrei até agora diria que é mesmo no âmbito da habitação social.” “Nós por exemplo agora mais concretamente estamos a desenvolver	

		o que nós chamamos a monitorização do parque habitacional, ou seja, é uma atualização de todos os processos, uma verificação de todos os agregados, as suas necessidades, as habitações em que estão integradas, se estas integrações neste momento…até na opinião deles, nós tentamos sempre que seja um processo bastante participativo e que seja ouvidos…se são as mais corretas, se podemos potenciar outras situações, se por exemplo a nível futuro. Eles pretendem que sejam desenvolvidas algumas atividades para desenvolver algumas competências que neste momento consideram que não têm e que até podem vir a ajudar na integração profissional, ou seja, estamos a tentar trabalhar muito com estas pessoas numa vertente tanto de atualização de dados, mas que essa atualização não encerre por si só uma caraterização que muitas vezes fica esquecida numa prateleira não é? Que venha a ter frutos e que venha a ajudar realmente estas pessoas, que venham a ter uma maior qualidade de vida, um maior bem-estar, uma integração profissional que algumas não têm, uma perspetiva de vida e que não seja só aquela da subsidiodependência, temos estado a tentar trabalhar essas questões." "A ideia é mesmo tentarmos fazer um diagnóstico e que este diagnóstico venha a ter medidas concretas, tanto ao nível do património que às vezes é uma grande preocupação que se tem não é? Mas ao nível da população." "…e nós tivemos uma grande preocupação em acabar em certa forma com alguma subsidiodependência que estava instalada ou seja, as pessoas vinham à câmara, pediam tudo e mais alguma coisa e tudo e mais alguma coisa era conferida não é? E vimos que aquilo não era a forma mais adequada de se trabalhar e vimos que não se estava a fazer concretamente nada com as pessoas. Havia pessoas que passavam dificuldades, tinham problemáticas associadas e nada	

		disso era efetuado e nós começámos a desenvolver e a trabalhar em parceria com algumas entidades, a desenvolver alguns projetos, que na altura tivemos a sorte de haver financiamentos também não é?" "O parque habitacional abrange quase na totalidade as funções que eu posso desenvolver porque desde de questões práticas, depois há questões muito administrativas que nós temos de vir a desenvolver, por exemplo o calculo das rendas, trabalhar sobre rendas em atraso,…depois temos a vertente da gestão de lotes, das gestões de condomínio, em que temos de trabalhar com as pessoas, não é ajudá-las a desenvolver essas competências, é ajudar a que essas venham a ser desenvolvidas ou que funcionem, é assim muito geral e absorve-nos quase na totalidade, mas vamos também desenvolvendo outras situações, estou-me a lembrar por exemplo nas integrações em comunidades terapêuticas a nível da toxicodependência, tenho vindo a colaborar com uma colega minha nessa área mas no geral poderia dizer que 90% é a nível do parque habitacional." [E10] "…eu fiquei aqui como diretora técnica, já faz…ora entrei aqui em 2009, já faz 3 anos que cá estou." "…nós fazíamos visitas domiciliárias às famílias que acompanhamos e então as minhas famílias basicamente eram todos ciganos, todos ciganos na serra de Faro, na zona mais serrana de Faro, Santa Barbara de Nexe, Falfosa…" [PIEF] "… aquilo lá chama-se TIL, técnica de intervenção local, o nosso trabalho é acompanhá-los durante as aulas, nós podíamos estar nas salas com eles e com os professores, saber um bocadinho a história familiar de cada aluno, saber o percurso deles a nível escolar e a nível familiar. (…) é um bocadinho o serviço social mas mais de acompanhamento e falar com eles e tentar que eles vão às	

		aulas porque sempre que eles faltavam era minha obrigação ir a casa deles saber porque é que não tinham ido, falar com a família e sempre que o pai ou a mãe tinham alguma dificuldade falarem connosco, portanto nós fazíamos um bocadinho a ponte entre a casa e a família. Isso quando era técnica do PIEF. Depois quando passei para o GAAF, para o gabinete de apoio ao aluno e à família, era basicamente a mesma coisa mas com a escola inteira. Portanto os diretores de turma sinalizavam os alunos que eles achavam que tinham de ser acompanhados pelo GAAF ou por razão de uma família desestruturada ou por falta de apoio económico da família, ou porque o aluno tinha algum problema que o tornava inadaptável à escola, pronto e depois nós tínhamos essa obrigação de intervir com os alunos, contactar as famílias, desenvolver palestras ou colóquios onde falávamos de assuntos que as famílias tinham interesse, pronto esse trabalho de todo mas a nível da escola inteira." "A nível do RSI eu tinha cinquenta e sete famílias (interrupção) e tinha de fazer o acompanhamento das famílias e isso resumia-se a quê? Havia dois dias por semana em que eu fazia visitas domiciliárias e não avisava onde é que ia, e se as pessoas não tinham ocupação profissional ou não tinha nada que justificasse a ausência de casa tinham de me justificar se eu fosse lá em casa e não os encontrasse, pronto. O que é que eu via nessas visitas? Via a higiene da casa, a limpeza, pronto tudo o que dizia respeito à doméstica, via como é que…se eles tinham miúdos pequenos, se eles estavam com a higiene diária feita, se tinham algum problema de saúde e era negligenciado, tinha contacto com a escola para saber como é que os miúdos das famílias de RSI se comportavam, tínhamos contactos com o centro de saúde para saber se tinham as vacinas em dia, via isso tudo. Isso era a parte das visitas	

		domiciliárias. Depois tínhamos toda a parte burocrática que era a organização do processo, onde nós tínhamos de fazer os relatórios das domiciliárias e aquilo tudo. E depois tínhamos a assinatura dos processos (…) a parte das formações em que nós também dávamos formações…em que se compromete a participar nas formações, a procura ativa de trabalho, o acompanhamento a nível de saúde (…) depois tínhamos os atendimentos também uma vez por semana onde as famílias nos procuravam para pôr questões, para nós às vezes dizermos "olhe sei de um emprego aqui e ali, vá lá ver se consegue entrar." "Eu aqui faço um bocadinho de tudo. Desde a parte burocrática de quando a pessoa entra, o fazer o processo individual de cada utente, fazer a ponte com a família, explicar à família como é que funcionamos. Nós temos três valências, temos lar internamento, centro de dia e apoio domiciliário e dessas três a nossa intervenção é diferente em todas. O apoio domiciliário o meu contato com a família e com os utentes é um bocadinho mais pequeno porque as pessoas estão em casa e é uma equipa que sai daqui de dentro para fazer o apoio, portanto nessa área tenho noção que só tenho contacto com as famílias na altura da requisição e quando alguma coisa não está bem ou querem pedir mais serviços ou querem desistir de serviços, acaba por ser um bocadinho assim. No centro de dia o meu serviço passa pelo acolhimento dos utentes, as pessoas procuram o serviço, fazer o processo individual do utente e tentar nos primeiros dias a adaptação dos idosos à instituição, com as atividades diárias que nós temos, com a integração na hora das refeições, com o acompanhamento médico e de enfermagem que nós aqui também temos, portanto fazer um bocadinho a ligação. No lar, é tudo. No lar é todo o serviço vinte e quatro horas por dia, sempre! O meu telefone está sempre ligado para qualquer situação	

		que possa acontecer aqui e então passa por tudo…passa da integração, passa nos cuidados clínicos que temos um processo clínico que sou eu que controlo, passa por a alimentação, pelas atividades, pelo tratamento de roupas, pelo acompanhamento às auxiliares de lar, como esta que já viu aqui entrar e sair, pelo acompanhamento à cozinha que nós temos o plano HCCP, as boas práticas de higiene na cozinha, passa por procurar isso, fazer horários, dar férias, dar feriados, gestão de pessoal, receção de matérias-primas… não sou eu sempre mas pronto sempre que há um problema é a mim que me chamam para resolver, portanto é tudo. É tudo! É gerir uma casa como se fosse nossa (…) e participo em tudo o que é necessário, por exemplo à hora do almoço se houver poucas pessoas no refeitório para dar a comida à boca ponho uma toca e vou para o refeitório, à hora da enfermaria se o enfermeiro precisar de ajuda para alguma coisa ponho umas luvas e ajudo o enfermeiro, se o animador tiver alguma dúvida acerca das atividades vou ter com o animador, portanto faço um bocadinho de tudo." "…estamos a organizar um arraial de S. Pedro (…) tudo com donativos.(…) estamos a pensar (…) comprar um leitão e pôr ali atrás que nós temos um espaço grande ali atrás, e alimentar o leitão até ao natal e fazer uma rifa de um porco (…) temos saídas, quando há oportunidade e o tempo está bom nós levamos os idosos a dar uma voltinha (…) sempre que há um dia comemorativo de alguma coisa nós tentamos fazer aqui uma festa…" [E11] "...intervenção ao nível de famílias em risco, crianças e jovens de bairros de habitação social de Quarteira." "Aquilo foi mais ou menos no inicio do verão portanto o ATL funcionou prai de Junho até Dezembro e eu era uma espécie de	

		coordenadora do ATL, era a única técnica naquela associação, a associação era basicamente para a promoção de atividades desportivas, mas como aquela freguesia tinha uma necessidade muito grande a nível das crianças nas férias do verão não tinham com quem ficar…eles tinham um espaço de uma escola primária antiga e pediram-me para dinamizar um bocado aquilo, ou seja, criar as infraestruturas, adaptar as infraestruturas para terem as condições necessárias, criar um plano de atividades, criar regulamento, criar isto e aquilo, criar as condições para ter la um ATL a funcionar e o objetivo era funcionar no verão para férias escolares e quando começasse o ano letivo nós fazermos uma espécie de apoio ao estudo…os meninos depois de saírem da escola iam para lá, nós ajudávamos a fazer os trabalhos da escola e o tempo que sobresse até os pais chegarem nós fazíamos atividades de animação sociocultural…" "Para além deste trabalho enquanto profissional de RVC, também foi em 2008 que eu entrei na formação portanto desde 2008 que eu dou formação. Dou formação de formadores, dou mediação de cursos EFA, já fiz mediação de cursos EFA, curso de educação e formação de adultos. Já trabalhei como mediadora desses cursos e também como formadora, já dei formação também na área da cidadania e mundo contemporâneo, pronto basicamente é isso também já dei formação dentro desta área da educação de adultos na Universidade do Algarve, tem sido mais ou menos por aí." "Basicamente o que eu faço é trabalhar com pessoas com mais de dezoito anos, dos dezoito até aos sessenta e tal, setenta e tal. Nós fazemos um trabalho ao nível da certificação escolar e a figura do profissional de RVC num centro de novas oportunidades é mais ou menos a de um tutor." "…grupos que abram, tudo o que é resolvido a nível burocrático	

		com essas pessoas é resolvido comigo e nós depois também vamos acompanhando um bocado o processo pedagógico. (...) de ajudá-las a desenvolver trabalho, de dar orientações (...) a figura do profissional de RVC joga aqui um bocadinho ao nível do trabalho da autoestima, da promoção da autoimagem, da promoção dos projetos para o futuro, de ajudar as pessoas a reconhecerem a mais-valia de se requalificarem e verem o que é que isso lhes pode trazer em termos da empregabilidade..." "…estimulei um bocadinho foi um concurso de decorações de portefólios (…) desenvolver um *workshop* de técnicas de procura de emprego(…)já fizemos outras atividades em paralelo com os miúdos cá da escola, para tentar também que houvesse interação do centro e do que é a educação de adultos dentro da escola com o ensino regular." "Quando um adulto entra em processo RVCC no centro, a figura mais central em termos de equipa técnica para esse adulto é exatamente o profissional de RVC, porquê? Porque é ele quem inicia o grupo, é ele que dá a explicação inicial do funcionamento do processo, é ele que acompanha o início dos trabalhos, é ele que ajuda a desenvolver a autobiografia, que lê a autobiografia das pessoas, analisa com ela, dá sugestões de melhoria, de desenvolvimento, portanto há ali um contacto muito direto com a pessoa e com a vida da pessoa." [E12] "…eu era a responsável por dinamizar aquele espaço e fazer atividades com eles e no fundo também auxiliar ali um bocadinho os professores quando precisavam, ajudava na distribuição dos leites durante o recreio, pronto fazia ali um trabalho…" "Sim como técnica de educação, acho que era essa a denominação." "Como técnica superior, sim, sim, desde abril de 2006."	

		"É assim tem um presidente e tem um secretário e eu neste momento sou a secretária que acaba por ser um bocadinho o vice-presidente não é? Mas a lei denomina por secretário. Além disso tenho a gestão de processos e a cogestão porque nós temos sempre a prática de colocar dois técnicos em cada processo e então sou gestora de processos de promoção e proteção, faço reuniões com a escola, faço atendimentos com os pais não é? Com a escola e com todas as entidades, depois depende da situação não é? Portanto há situações em que é o centro de saúde, há outras em que é a APAV, há outras em que é a cruz vermelha, pronto o SEF também portanto é muito na base da intervenção sistémica." [E13] "Sim pronto, dei várias formações. As formações eram sempre na área da deficiência, também na construção de projetos sociais, depois também levei um bocadinho do curso e do que aprendi… como é que se organizam atividades, quais são os aspetos em que temos de pensar, pronto isso tudo e dava sim formação, também com mais equipa de formadores porque lá aprendi imenso. Ah e de imenso jeito porque aprendi inglês e italiano porque pronto. Depois também organizava *flash mobes*, que cá já vai acontecendo e realizava atividades nos centros onde eles iam passar o dia, centros. Organizávamos atividades com eles…" "Nós construímos um livro que é o *aero (??) games* onde há varias dinâmicas de educação não formal e que pretendem refletir sobre várias coisas, conceitos, estereótipos, discriminação, amizade, *bullying*, pronto e eles ao interpretarem todas aquelas atividades, aquelas dinâmicas, depois há sempre um espaço de reflexão, havia sempre um espaço de reflexão e de debate…" "…a realizar atividades em três áreas diferentes, animação infantil, capacitação das animadoras, capacitação dos jovens lideres da	

		comunidade, ajudá-los a construir um centro comunitário e tudo o que isso implica (…) em terceiro na área da formação do instituto da juventude em capacitação de jovens líderes associativos, falar do voluntariado, do que é que implica o mundo do associativismo." "É assim as tarefas que faço lá é o contacto todo com os utentes não é? Faço o atendimento ao utente, encaminho o utente, tanto no apoio alimentar como no apoio de vestuário, etc. depois criei o gabinete de apoio psicossocial onde também estou a coordenar, tenho ajuda de mais duas colegas, pronto passei a pouca formação que sabia (sorri). Depois estou também a tentar organizar com um senhor que já tem imensa experiência na área terapias de grupo porque acho que os nossos utentes têm imensa falta de desabafar, de partilhar, de perceber como é que aquela pessoa resolveu aquele conflito ou saiu daquela situação económica ou como é que está a sobreviver dentro daquela condição, pronto de partilhar, de desabafar." "Depois também estou responsável pela parte da formação, pronto a minha entidade tem voluntários e também sou encarregue de organizar formação geral de voluntariado e formação também especializada ou seja por exemplo essa formação sobre o apoio psicossocial ou outras formações que sinta que os voluntários ou os trabalhadores sentem falta, posso organizar." "…estamos a organizar também vários cursos para eles, por exemplo consoante as anteriores profissões tamos a pensar…já tá tudo pensado, só falta as inscrições também e iniciou a semana passada, atelieres de sapataria, eletricidade, carpintaria e costura criativa. Tamos também com o projeto da loja social que já vai abrir na primeira semana da Maio, e pensei também na possibilidade de abrir estes atelieres lá na loja social onde o nosso utente pudesse vender o seu serviço para o cliente em geral não é?"	

		"…fazemos apoio domiciliário a pessoas que por motivos de saúde não se conseguem deslocar ao armazém, também às 2ªs e 5ªs. temos também…pronto e este apoio domiciliário, isto inclui Faro, Ilha de Faro, Montenegro, Gambelas. Depois também damos apoio à Junta de Freguesia da Conceição, temos parceria com eles e à 3ªfeira damos lá apoio e vamos ter com Santa Bárbara de Nexe, com Estoi. Temos Albufeira, a cantina social de Albufeira e Quarteira." [E14] "Eu sempre trabalhei em escolas portanto eu já dezassete anos e tal que trabalho em escolas, comecei como auxiliar da ação educativa por brincadeira…" "Entretanto entrei para este curso mas com uma atividade principal (...) profissional foi sempre nas escolas, comecei como já te disse como auxiliar da ação educativa, entretanto quando terminou o curso pedi requalificação profissional e passei para assistente técnica." "Na mesma escola, embora tenha passado já por escolas diferentes, na área de Coimbra trabalhei numa escola do 1ºciclo que é outra realidade completamente distinta, onde há uma participação muito mais ativa e nós tempos presentes em tudo o que os miúdos fazem desde atividades, a dar-lhes mesmo assistência, aquilo que eles precisam tudo o que tu podes imaginar, portanto participamos muito, colaboramos muito com as professoras. No 3º ciclo é diferente, já apanhamos os miúdos numa fase de pré-adolescência, adolescência, outro tipo de realidades e são muito mais pessoas, muito mais professores portanto são dimensões completamente diferentes e na parte administrativa então nada tem a ver (sorri) não, não tem, não tem assim pronto é muito mais estanque quer dizer, tirando a comunicação e o contacto com as pessoas, que é a minha parte preferida não é? Ou o dito atendimento pouco ou nada de	

		diferente há, não é? Porque é tudo muito estanque, são procedimentos que já estão pré-definidos e uma pessoa tem que os executar…" "Tenho que olhar à minha volta e perceber o que é que eu posso fazer, o que é que está ao meu alcance para me salvaguardar também, não é? A minha integridade física e psicológica, pronto o meu contacto com os miúdos, uma pessoa estar atenta sem ir procurar confusão sem me meter na vida dos miúdos e até de alguns adultos, os encarregados de educação muitas vezes aparecem desesperados pronto temos ali uma função um pouco, vá mediadora, há algum pouco trabalho, muito pouco que se possa fazer neste tipo de conteúdo funcional que eu tenho." "Eu atualmente estou pronto com uma parte do SASE, da ação social escolar, com uma parte de alunos epá e o atendimento em geral, reencaminho, não é? Atendo as pessoas, se as pessoas tiverem algum assunto para tratar dentro daquilo em que eu trabalho tudo bem, se não eu reencaminho para os colegas que tenho, portanto desde professores, não epá pronto mas é tudo como te disse muito técnico, tudo muito estanque, não há ali uma grande variância." [E15] ""Dei formação no lar da terceira idade em Aljezur e depois ingressei logo na escola e tenho estado sempre em diversas escolas portanto." "Portanto como tratar de um idoso, a receção do idoso num lar, o fazê-lo sentir bem, a animação sociocultural e depois trabalhei muito a área do desenvolvimento social da própria trabalhadora dentro do lar, porque não e fácil trabalhar com idosos." "Dou aulas de ação social, animação sociocultural e depois tenho a vertente que nasceu comigo que é o teatro e tenho desenvolvido	

		workshops na área do teatro e faço muitas ações de formações dentro da área do teatro e portanto são essas as vertentes, eu consigo depois ali casar a área das expressões, que é a disciplina que existe nas escolas com a área social que é comunidades de intervenção social." [E16] "Eu trabalhei foi no MAPS nas equipas de apoio social direto, na rua, que dantes era um projeto de voluntariado chamado projeto Quarteira e depois trabalhei como monitora desse projeto. "Sim animadora de ATL dois anos, depois tive na Santa Casa da Misericórdia de Faro como animadora no UNIVA, era unidade de inserção da vida ativa…lá também fiz algum trabalho na área da investigação e dum projeto comunitário que lá havia. Depois estive no ensino, tive a dar aulas e formação." "Dei práticas de animação sociocultural, práticas de ação social, área de estudo da comunidade, penso que foram essas. E as expressões, dei algumas coisas das expressões." "Ao mesmo tempo já estava a começar aqui com a associação e fiz isso ao mesmo tempo." "Nós fizemos formação também na área da família, ações de formação na educação dos filhos, na alimentação, economia doméstica, pronto organização da casa, pronto todas…agora este último mês foi na área da nutrição." "É sempre muito prático, no sentido de ensinar por exemplo a gerir o dinheiro do mês. As pessoas vá imaginemos de repente fica um desempregado, o marido, só têm depois um ordenado, tinham trezentos euros para pagar de renda, como é que elas vão agora gerir isto não é? E então é ensinar desde cozinha económica, a poupar…alterar hábitos e estilos de vida, que eu acho que é o que a gente procura fazer."	

		"…acima de tudo tentamos trabalhar a questão da esperança das pessoas porque quando elas chegam aqui já vêm completamente sem esperança, já estão desempregadas há muito tempo e já acham que não vão conseguir fazer nada e que não vão sair deste buraco." "No sentido de trabalhar as competências nós tivemos cá um projeto que funcionou cá na altura que eram aulas de costura." "Nós fazemos uma entrevista, fazemos um levantamento das necessidades, recebemos pessoas encaminhadas da segurança social por exemplo aqui em Olhão, da comissão de proteção de menores, da APPC que tem um projeto aqui que trabalha também com jovens mães, que encaminhas estas pessoas para nós às vezes com muitas dificuldades económicas. Então nós começamos por dar o apoio alimentar, esse digamos é o chamariz, não lhe queria dar este nome mas é. Agora se a pessoa está em casa o dia inteiro sem fazer nada, está e não tem dificuldade nenhuma que impeça de fazer alguma coisa, nós pedimos em contrapartida à pessoa receber o apoio alimentar que a gente a possa acompanhar com estas formações, ou seja, a pessoa frequenta uma formação por mês." [E17] "Tirando dar… bom dar formação, *workshops* e coisas do teatro do oprimido e esse tipo de coisas, sim." "…dinamizar grupos também, estive uns tempos com um grupo, a nível de voluntariado, estive uns tempos com um grupo de jovens do projeto "Recria" que depois acabámos por acabar porque depois os miúdos estavam a fazer o estágio deles lá na escola e não tinham horário, mas andámos uns meses a fazer teatro com eles. Estou agora com este grupo de Quarteira, do RSI, e estive com um grupo de idosos, que agora estamos a reformular a atividade, portanto estamos parados…" [Como docente na universidade] "…comecei a dar seminário de	

		supervisão da prática, depois dei a prática II, a orientação da prática, depois dei animação comunitária e depois dei teatro do oprimido.” “Eu sou, nós chamamos de facilitadores, ou seja, o teatro do oprimido nós o que fazemos é criar peças com as pessoas e depois apresentar as peças, só que são as pessoas que criam tudo, eu só facilito, eu digo “vamos ter de criar uma peça e fazer isto, isto e isto”, a história, o como é que vamos fazer?” (…) estivemos a construir objetos cénicos com materiais que podem ser reutilizáveis e as pessoas é que fazem tudo, as histórias partem delas, o interesse parte delas, são coisas que partiram de experiências e de coisas que elas viveram e eu só vou orientado, dizendo “se calhar não vamos fazer assim, porque isto não resulta, se calhar vamos fazer assado” mas o trabalho principal é delas, é com elas, não é para elas.” [E18] “Desde que terminei a licenciatura trabalhei num projeto de parceria com quatro instituições ligadas à terceira Idade do concelho de Tavira e com da câmara municipal de Tavira, havia um protocolo e eu era remunerado pelas quatro instituições e pela câmara municipal, em que fazia sobretudo trabalho na área da ocupação dos idosos. Fazia diversas atividades: passeios, jogos animação musical, trabalhava várias temáticas relacionadas com os direitos e cidadania dos idosos e outras áreas de intervenção na terceira idade. Depois desde há seis ou sete anos estou a trabalhar como técnico de intervenção comunitário aqui no lar, na instituição.” “…trabalho com tudo o que tem a ver com intervenção social, acabamos por ser muito polivalentes e muito multidisciplinares, porquê? Porque acabamos por trabalhar em várias áreas de intervenção, como gerir recursos humanos, fazer atendimentos,	

		encaminhamentos, realizar diagnósticos sociais, implementar projetos de intervenção de encontro com as expetativas e vivências dos utentes, promover parcerias com a comunidade, promover encontros interinstitucionais e geracionais, "desenvolver" os projetos vida dos utentes, promover o *empowerment* e tantas outras." [E19] "...fui exercer funções de técnica de psicossocial e o que nós fazíamos era andar de terra em terra num gabinete de atendimento móvel a prestar, a fazer educação para a saúde e a prestar esclarecimentos, a fazer acompanhamento e às vezes encaminhamentos para instituições de saúde, a toxicodependentes a trabalhadores do sexo, a sem-abrigo, a imigrantes ilegais, portanto os considerados grupos marginais..." "Profissional de RVC." "…as minhas principais tarefas são o acompanhamento dos adultos numa primeira fase em grupo e depois individualmente, portanto os processos que as pessoas vão desenvolvendo. Este é o elemento chave, no entanto há muitas outras tarefas que estão paralelamente ligadas e que fazem com que este acompanhamento seja viável e entretanto também é assim, desde que eu comecei até agora, esta função já sofreu aqui algumas alterações, não são muitas, mas acho que aquelas iniciais têm algum peso. Inicialmente nós é que fazíamos as entrevistas aos adultos, nós é que constituíamos os grupos e é que percebíamos se as pessoas tinham ou não condições, perfil para fazer o processo, se tinham necessidades formativas, tinham de ir primeiro fazer ações de formação e só depois é que podiam integrar o processo (…) portanto é no fundo perceber quais são as maiores dificuldades que aquela pessoa tem, o nosso trabalho centra-se, maioritariamente na autobiografia ou na história de vida	

		daquela pessoa e, no entanto, nunca deixar de usar isto como potência chave e tentando estabelecer pontos para reforçar o trabalho que os formadores vão fazendo numa fase à posterior. Para além disso temos um trabalho burocrático muito grande e técnico também, tem a ver com a questão de inserção dos dados na base de dados que temos a nível nacional que é o SIGO, temos depois os nossos próprios ficheiros informáticos na nossa área de trabalho que tem de estar constantemente atualizada, temos também uma plataforma de *moodle* que também tem de estar constantemente a atualizar e nós temos de facto formar os grupos lá e tudo isto consome imenso tempo. Além de que temos os atendimentos que vamos fazendo com as pessoas, as sessões de grupo que vamos desenvolvendo com elas e que de vez em quando lá conseguimos inserir mais uma sessão para fazermos uma atividade diferente, do tipo quando eu consigo e estou um bocado mais aberta, levar um vídeo qualquer daqueles que a gente recebe às vezes por *email* e fica a pensar "olha que interessante, isto de facto dava para estimular um debate ou pôr as pessoas a pensar sobre isto ou sobre aquilo" e às vezes consigo, digo ao meu coordenador que preciso de mais uma sessão, porque quero fazer as coisas de uma forma um bocadinho mais espaçada e lá consigo inserir mais uma sessão ou a meio da fase de reconhecimento para poder fazer este tipo de trabalho. "…também são as profissionais de RVC que organizam, preparam toda a sessão de júri, fecham o processo na base informática do SIGO, fazem as atas de júri e ainda as arquivam." "Faço exercícios de desmontagem nas sessões, ponho as pessoas no papel contrário, devolvo-lhes a responsabilidade para que elas tenham perceção que o ato que nós temos ou uma palavra que nós proferimos tem sempre consequências, para o bem ou para o mal e	

		portanto, uma das coisas que eu lhes digo logo e acho que o estimular a autonomia acaba por ir neste sentido…" [E20] "Comecei a fazer na área da juventude, depois fiz na área do associativismo, em várias áreas e portanto e na área do desenvolvimento local propriamente dito e tava muito, muito metida em tudo aquilo que era projetos que a câmara ia desenvolvendo…" "…e depois tive uma série de anos a dinamizar o CAJ (…) Trabalhei na área da juventude e da cultura e basicamente durante muitos anos foi ai que trabalhei, depois fui eu que criei o gabinete, o posto de informação mulher (…) fui trabalhando nessas áreas, da juventude, do desporto, do associativismo e da cultura. Dinamizando o plano cultural de São Brás, as questões dos espetáculos, depois foi feita a requalificação do cinema, da galeria…eu fui coordenadora da galeria durante dez anos, portanto as exposições todas que foram feitas para ali fui eu que coordenei e que montei e que subi escadotes e que as pus lá. Trabalhei portanto na área dos espetáculos, o grande evento daqui da feira da serra também nasceu comigo (sorri) nasceu comigo e com a equipa que criou a feira da serra que vem precisamente das questões do desenvolvimento local não é? Portanto eu fui fundadora da associação In Loco (…) Depois fui secretária da vereadora da ação social, cultura e educação durante um tempinho e depois passei para adjunta do presidente que é onde estou agora, e já estou como adjunta há uns seis, sete anos." "Sempre que o presidente cessa eu cesso automaticamente com ele, no mesmo dia, à mesma hora…. As minhas funções enquanto adjunta e fico na minha carreira que neste é de técnica superior." "Sim em muitas situações sim, até porque nós somos pequeninos	

		aqui e temos de fazer de tudo (sorri).” “…desde arrumar a sala do salão nobre para pô-la preparada para as sessões, até coordenar as equipas dos eletricistas, do carpinteiro e de outras coisas, até fazer uma candidatura se é preciso escrever e ter de a fazer e levar para o departamento financeiro, é assim. ” E depois as reuniões (…) depois pronto face às solicitações que vão aparecendo e àquilo que vai acontecendo é acompanhar. Eu tenho responsabilidades no polo da educação que é o polo que ficou com o presidente e ao fim ao cabo está com o presidente mas quem tem de estar lá todos os dias a fazer esse trabalho sou eu não é? Portanto tudo o que é a educação e as escolas de São Brás passa por mim. (…) é uma polivalência de coisas, desde escrever relatórios até fazer atas…o conselho geral de educação reuniu e faço parte, o presidente faz parte eu faço parte, o conselho municipal de educação, tenho a ata em cima da minha secretária para fazer (sorri) sei lá faço de tudo e mais alguma coisa. Ah vamos fazer um plano municipal de igualdade, eu sou conselheira para a igualdade portanto para a semana vou ter de começar a recolher tudo o que seja informação que nós já tenhamos trabalhado nessa área para que com a consultora que vai trabalhar connosco começarmos a fazer o diagnóstico para fazer o plano.” “A outra educadora que está aqui é a Sónia e está essencialmente ligada à área da animação cultural que eram as minhas antigas funções.” “…trabalho em todos os projetos em todos os níveis e mais alguns, que desde as áreas do desporto até às áreas da terceira idade precisamente porque vou acompanhando tudo o que é a intervenção da câmara no seu global. Não só a parte económica…” [E21]	

	4.3. Remuneração	"Para ser sincero acho que a única coisa que não corresponde neste momento à minha satisfação acaba por ser a remuneração que obtenho através do trabalho que desenvolvo porque, não é questão de ser muito nem pouco mas muitas das vezes olhamos para o lado e vemos pessoas que não têm formação e que se calhar conseguem ter um ordenado semelhante ao nosso, e depois também o facto de ter de fazer todos os dias cinquenta quilómetros para ir trabalhar, chego ao final do mês o ordenado já não é muito e depois é uma grande fatia que vai para despesas de combustível quando dou por mim às vezes penso que a vontade que eu tenho em ir trabalhar é tão grande, não é que eu esteja a pagar para trabalhar mas é uma das situações que eu acho que se a remuneração fosse um bocadinho mais alta se calhar poderia se um estimulo um bocadinho maior." [E1] "Opa é óbvio que acho que devia ser melhor. Eu considero que trabalho muitas horas por dia e por mês, porque é assim nós na cruz vermelha temos o nosso contrato de trabalho mas depois temos de assinar um contrato de voluntariado de duzentas horas (…) para além do trabalho normal que nós temos e eu acho que faço muitas, não acho tenho a certeza, que faço muitas horas de trabalho, muitas horas de voluntariado. Eu acho que podia ser melhor remunerada mas acho que também não está mau, o meu ordenado do projeto, porque é um projeto, havia financiamento para isso, no contrato está mil e quarenta euros, claro que com os descontos fica sempre nos novecentos euros, epá não está mal, digamos que não, há colegas que estão a receber muito menos, mas eu acho que, ou seja tudo o que é horas extra é incluído em horas de voluntariado, e eu faço muito mais que duzentas horas anuais e depois isso não é pago…" [E2]	Não existe um consenso. Enquanto aproximadamente metade das respostas referem que os educadores estão satisfeitos, a outra metade mostra que estes não estão muito insatisfeitos. Apesar da remuneração ser baixa há duas respostas muito afirmativas que mostram a satisfação coma remuneração. Quando se referem à sua remuneração têm sempre tendência para comparar com os mais mal pagos, que recebem o ordenado mínimo. Talvez seja a justificação que encontram para dizer que há alguém pior. Mas será correto os educadores compararem a sua remuneração com o

		"Eu posso dizer a remuneração, não tenho problemas. Aqui no CNO foi a remuneração mais alta, eu estava a ganhar mil e quinhentos euros, pronto brutos, depois com os descontos ficava prai mil duzentos e tal, acho que sim porque nós ali trabalhávamos imenso. As metas já se sabe, do CNO, são metas inalcançáveis contudo nós limitávamos ali uma meta mais ou menos equilibrada, não era aquilo que a ANQ nos dava, era mais a baixo mas também um tanto ambiciosa e eu tinha isenção de horário, o CNO tava aberto das dez da manhã às dez da noite e muitas eram as vezes que eu trabalhava lá das dez da manhã às dez da noite e levava trabalho para casa ao fim de semana, é muito "é preciso fazer? ok" e não "ai tenho que sair às seis, tenho de sair às dez" não, porque ali saiamos quase sempre às dez da noite, por isso tendo em conta a tabela de salários da nossa área esses mil e quinhentos é um bom ordenado mas tendo em conta as horas de trabalho e o trabalho que levávamos para casa não era nenhum trabalho extraordinário." "Sim pois agora como vou fazer um POC vou estar com o subsídio de desemprego, ainda não sei bem qual é mas deve ser prai oitocentos e tal, novecentos euros..." [E3] "…eu quando comecei já era licenciada e não ganhava como licenciada, não! Ganhava como bacharel (…) atualizaram, quem era licenciado passou a ganhar como licenciado e quem era bacharel passou a ganhar como bacharel e os técnicos foram de arrasto, portanto eu era técnica não é? Já licenciada e fui de arrasto comecei a ganhar como um licenciada e foi assim um aumento de ordenado na altura (…) um *boom* mesmo." "…ainda tive uns três ou quatro anos a ganhar como bacharel e depois é que passámos, foi assim um aumento de quatrocentos,	ordenado mínimo? Tendo em conta que possuem uma licenciatura não deveria ser mais alta? Apesar de ser baixa alguns estão satisfeitos "tendo em conta o panorama nacional"… o que é isto do panorama nacional? Grande discrepância entre público e privado. Não se entende o porquê. Existe a proposta de uma única tabela para todos que acabe com injustiças ao nível das remunerações. O facto de haverem ordenados baixos e nalguns casos existem ordenados em atraso mostra que as pessoas não escolhem esta licenciatura ou trabalham pelo dinheiro. Nestes casos

		quinhentos euros de ordenado…" "…as instituições que não sejam do Estado não têm, ou pelo menos a minha não tinha, portanto escalões, aumentos de escalão ou subidas de vencimento. Neste momento havia seis anos que não era aumentada, nem eu nem nenhum dos técnicos e depois é assim os auxiliares têm diuturnidades, as educadoras como estão com a carreira do Estado têm aumentos de escalão, os técnicos não têm nada…" "…não há subidas de escalão e na função pública há. Não temos direito a diuturnidades porque não somos auxiliares, não temos direito a subidas de escalão porque não somos educadoras de infância, logo estagnamos, eu ganho o mesmo ordenado há imensos anos (…) Nunca me queixei do meu ordenado mas nunca fui aumentada, a não ser que quando a instituição podia e aumentava aquilo que o Estado aumentava pronto à função pública 2% ou 2,5 mas agora há seis ou sete anos que não eramos aumentados." "…tar na parte da coordenação não compensa aquilo que se ganha, o trabalho que se tem não compensa." "…muitos educadores sociais quando começam a sua carreira nunca podem ambicionar o que alguns técnicos ambicionam, nunca podem querer usufruir de um ordenado muito alto, de um vencimento alto, muitas das vezes começam com vencimentos que qualquer pessoa recebe a trabalhar numa loja." "…eu agora que tenho visto mais os sites de emprego a maior parte são ordenados entre o ordenado mínimo que são quatrocentos e cinquenta e cinco euros não é? E os seiscentos ou setecentos euros o máximo não é? É por aí. Eu sou franca, eu nunca me queixei que ganhava pouco, eu nunca me queixei que ganhava pouco." [E4] "Não está de acordo (sorri) e muito de menos está de acordo quando	para fazer um bom trabalho é essencial o gosto pelo trabalho desenvolvido, o tal amor à camisola. Porque é que uma profissão tão importante onde se lida muitas vezes diretamente com a comunidade e com a vida das pessoas é tão pouco reconhecida em termos de remuneração? Porquê esta remuneração tao baixa?

		nós neste momento temos três meses de salário em atraso e temos sempre (…) Os programas não nos pagam atempadamente, os técnicos portanto nós para trabalhar temos de gastar combustível, em Dezembro quando chegou o fim do ano tínhamos quatro meses de salário em atraso, neste momento já vamos para o terceiro mês novamente e quando recebemos, recebemos metade do salário não sei das quantas e pronto e é muito complicado em termos de gestão. Pronto em termos de salário em si, pronto se pensarmos nas horas e na disponibilidade que nós temos de ter, há uns anos atrás eu trabalhei em projetos que chegava a casa à meia-noite e saia de casa às quatro da manhã para trabalhar, nunca recebi uma hora a mais em tempo nenhum porque não é possível pagar às pessoas." "O salário eu nem sei qual é (…) não é mal pago nem bem pago, são mil e trezentos euros…" "E está em atraso, bastante atraso, pronto é preciso um bocadinho de amor à camisola mas depois nesta altura do campeonato digamos que em sítio nenhum, pronto a não ser a função pública que ainda recebe atempadamente, sem grandes garantias mas ainda recebe ao fim do mês, os outros pronto, a situação é mesmo assim não é?" [E5] "…ganhava bem na altura, seiscentos e trinta euros limpos…" "Nós há uma diferença entre a minha função de profissional e os formadores, a diferença é sensivelmente, brutos são trezentos e qualquer coisa euros e às vezes nós discutimos entre nós "porque que não é igual?", mas depois naqueles momentos em que a responsabilidade aperta e que somos nós profissionais que temos, que somos responsáveis e que temos de enfrentar as situações, eu penso que sim que é justo, às vezes penso "epá afinal se calhar ganho mais ou ganho tanto precisamente por este tipo de situações"	

		porque a responsabilidade também é maior.” [E6] “…tem diminuído (sorri), o que é pior, vou explicar porquê. Pronto eu comecei o estágio profissional na câmara e na altura não era possível abrir um concurso para eu entrar para a autarquia, mas tinham dito que gostavam que eu ficasse e me mantivesse portanto estive um mês a trabalhar sem salário e depois tive um contrato com uma empresa municipal que abriu aqui em Vila Real, estive três anos nessa empresa onde tinha um salário bom, posso até dizer que o ordenado base era mil trezentos e setenta euros, mas sempre trabalhando na autarquia, só o vínculo contratual é que mudava, entretanto sempre houve a intenção de eu passar para a câmara, efetivamente era aqui que eu trabalhava, era só o vínculo contratual que mudava e então no ano passado em Junho houve a possibilidade de abrir um concurso e, portanto, eu passei para a câmara a contrato, mas foi porque eu quis terminar esse vínculo e passar a contrato mas aqui o ordenado desceu (sorri) e desceu para um ordenado base de mil e duzentos euros mas pronto.” “Tendo em conta o cenário que se atravessa (sorri) não nos podemos queixar, aqui os técnicos da autarquia, do valor que recebem, mas no meu ponto de vista é mau pago, é mau pago porquê? Porque embora esteja a trabalhar numa autarquia, na maioria das vezes não trabalho as sete horas diárias, trabalho muitas mais e a autarquia tem dificuldade em pagar essas horas e portanto não as paga, mas depois há o outro lado, se a pessoa precisar de uma hora por qualquer coisa pessoal, aqui nesta câmara isso é facilitado, porque tem consciência do trabalho que a pessoa desenvolve, mas a nível de horas, o cansaço não só físico como também muitas vezes psicológico, o que exige nós pormos às vezes um bocadinho de lado a nossa vida pessoal, para fazer este tipo de	

		reuniões como estava a falar e é tudo feito fora de horas, porque não interessa ir à tarde ou numa manhã porque as pessoas não estão, interessa se calhar ir depois do jantar ou um bocadinho antes do jantar e portanto neste ponto acho que é mau pago." [E7] "Quando acabei o curso, foi no tempo das vacas gordas não é? Como se costuma dizer e era no tempo dos projetos porque havia muitos projetos financiados, na altura pela União Europeia e os salários nessa altura eram muito bons, eu já não sei precisar quanto é que ganhava lá na fundação António Sílvia Leal, na altura ainda era em escudos, mas sei que tive na fundação um ano e meio depois tive quarto anos em Aljezur que era um projeto de voluntariado onde tínhamos uma bolsa, nem sequer tínhamos um ordenado, tinha uma bolsa para as despesas pessoais e depois quando fui trabalhar, quando sai de Aljezur que vim para Estoi, quatro anos depois, fui ganhar menos do que estava a ganhar quatro anos antes na Horta da Areia pronto. Na altura dos projetos, os projetos que eram financiados pela União Europeia, eram projetos muito bem pagos, depois pronto nas IPSS's segundo na convenção geral das IPSS's e da tabela salarial dos funcionários das IPSS's, pronto era uma tabela muito baixinha, é a tabela mais baixa do mercado e os profissionais e os técnicos superiores são muito mal pagos, apesar de receber segundo a tabela recebemos pouco, não é? Comparativamente com os funcionários públicos e com os outros…" "Mas isto comparando com colegas que trabalham por exemplo na função pública, os mesmo anos de serviço, a desempenhar as mesmas, as mesmas funções, pronto. Nós ganhamos, se calhar metade do que eles ganham, há situações em que ganhamos metade do que eles ganham." [Projeto em Aljezur] "O único financiamento que tínhamos na	

		altura quando chegámos lá se calhar foi o apoio da câmara, que pronto tirando a diocese que nos disponibilizou a parte pronto a habitação, transporte depois a santa casa dava-nos a alimentação e a câmara dava-nos alguns recursos para investir lá na comunidade mas eram, foi tudo assim muito caseiro." [E8] "Tem sido mais ou menos igual." [Satisfação] "Não (sorri) De maneira alguma estou a receber, não, não estou a receber o suficiente. Por aquilo que…" [E9] "…nós não podemos basear apenas a nossa motivação em fatores económicos não é? Porque há muita gente a ganhar menos do que nós e nós lidamos com essa realidade todos os dias e não é por isso que não estão satisfeitos e que não fazem um bom trabalho. Não é por haver pouco dinheiro que nós não podemos fazer projetos interessantes e que realmente tenham resultados bons…" "…eu estou satisfeito comparativamente outros setores não é? Visto que realmente colegas meus que não tão no público então, têm outras remunerações até. Agora evolução não tem havido muita, até porque eu apanhei uma fase em que as coisas já estavam mais complicadas, já apanhei estes congelamentos, etc. mas como eu digo é uma fase, é algo importante para a nossa vida não é? A nossa remuneração. Mas eu tento não me centrar apenas nesse aspeto…" [E10] "Eu já ganhei mais e neste momento já estou a ganhar menos porque isto depende muito do organismo em que nós trabalhamos. Eu inicialmente comecei com recibos verdes, ganhava oitocentos euros a recibos verdes, depois fui para Faro e ganhava um bocadinho mais porque aquilo era um protocolo e estavam os	

		ordenados estabelecidos…aí já era contrato, depois quando vim para aqui era o estágio profissional, era aquela bolsa profissional de novecentos e tantos euros, e depois ganhei um bocadinho mais quando me passaram a contrato, depois a instituição está a passar por dificuldades financeiras e já cortaram nos ordenados portanto andamos assim. Mas é entre os oitocentos e os mil o que ganhamos, penso que não varia muito daí, de todos os colegas que estão na área penso que não varia muito daí." "No público os ordenados andam nos mil e trezentos e mil e quatrocentos, enquanto nós no privado não." [Satisfação] "Não, (sorri) não porque eu estou de serviço vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas e não pagam, mas pronto nós temos noção que o país tem e das dificuldades que atravessa e que as instituições ainda mais e pronto e temos de nos dar por felizes por termos um trabalho todos os dias para nos levantarmos e virmos para aqui e ao fim do mês ganharmos alguma coisa." "…as IPSS têm tabelas de limites salariais ou começando por um patamar mais baixo e atingindo o topo, na minha opinião é um bocadinho baixo porque entre um educador social e um assistente social nós ficamos sempre a perder e eu não percebo porquê!" [E11] "Olha eu quando estava no estágio profissional acho que ganhava para aí novecentos euros, depois fui para aquele ATL ganhava setecentos e tal euros, depois na Universidade do Algarve acho que ganhava para aí, não me lembro se era novecentos ou mil euros e quando eu entrei aqui no primeiro contrato eu ganhava mil cento e tal euros. Entretanto nós, eu entrei com contrato de 2008 a 2011, quando o contrato foi renovado, o ministério da educação deu a indicação de nos fazerem novos contratos mas a receber menos,	

		portanto eu neste momento estou a receber menos cento e tal euros do que recebia no meu contrato antigo a fazer as mesmas horas e as mesmas funções portanto regredi um bocadinho. Não to péssima comparativamente aos primeiros anos de trabalho mas regredi um bocadinho nos últimos meses." "Se eu sinto-me satisfeita com o vencimento que ganho para aquilo que trabalho? Não sinto, não sinto porque nós trabalhamos por turnos, é como se fosse um trabalho por turnos, tanto trabalho de manhã e de tarde, como de tarde e de noite, como num dia trabalhar manhã, tarde e noite e passar aqui doze horas, se for preciso passar mais passo, se houver atividades ao fim de semana ou se tiver de atender alguém ao sábado de manhã que não pode durante a semana qualquer um de nós vem. E muito sinceramente, para aquilo que nós trabalhamos, acho que não, que não somos bem pagos. Nem somos bem pagos a nível do nosso país, se compararmos salários e níveis de vencimento, nem somos bem pagos comparativamente a outros países, não é? Em que temos as pessoas que formadas muito semelhantemente ou mesmo número de anos pela universidade a desempenhar um papel muito parecido ao nosso e que depois quando vamos a ver ganham mais trezentos, quatrocentos ou mais, não é? Euros. Portanto não, acho que não sou bem paga. Tenho consciência que não estamos muito mal comparativamente à grande parte da população que ganham o ordenado mínimo ou pouco mais que isso, consigo ter essa noção da realidade, mas perguntando a mim se eu acho justo para aquilo que trabalho e estudei, o que eu ganho não acho justo, não acho justo." [E12] "Na altura aquilo que foi previsto no aviso de abertura era que durante o período experimental, período de estágio, na altura era período de estágio que se chamava, tínhamos um vencimento como	

		estagiários, éramos técnicos superiores estagiários e depois tínhamos de fazer um relatório, nesse relatório tínhamos de ter mais de catorze e caso tivéssemos menos de catorze não ficávamos integrados não é? Se tivéssemos mais de catorze ficávamos a ocupar o lugar de técnico superior no quadro e há um aumento do ordenado portanto deixamos de ser técnicos superiores estagiários e passamos a ser técnicos superiores de segunda classe…isto antigamente (…) desempenhava funções de técnica superior mas não era e no fundo o vencimento não correspondia às funções que desempenhava…" "Houve um aumento…" [E13] "Pronto em São Tomé tive o apoio financeiro da instituição não é? Do ISU. Aquilo é um projeto que antes de irmos para o projeto ele é todo construído cá com os voluntários e com as pessoas que participam na formação…" "…a gente todo o dinheiro quer viagens, quer a nossa alimentação quer a nossa estadia lá, o dinheiro é todo angariado cá e depois lá é uma equipa de três pessoas e nós lá temos de gerir o dinheiro que levamos, o dinheiro que conseguimos angariar cá temos que o gerir." "No voluntariado tive (…) A bolsa mensal pronto era de cento e cinquenta euros e a bolsa semanal era de cinquenta euros." "…estou em estágio profissional (…) e ainda por cima temos de fazer descontos (…) Havia subsidio de férias, havia subsidio de transporte, havia subsidio de alimentação, o vencimento era muito superior, pronto e agora cortaram com isso tudo." "Pronto, satisfeita não estou porque acho que é pouco, seiscentos e poucos euros, quer dizer não é? Mas pronto é pouco porque sei que já ganhámos muito mais, antes este acho que era à volta de	

		novecentos ou o que era e ainda tinham um mês de férias, ainda tinha pronto. E sim, não em relação ao vencimento olha até tento não pensar muito nisso mas não trabalho consoante isso, por exemplo farto-me de fazer horas a mais mas faço porque gosto e porque sinto que o devo fazer não é?" [E14] "Tem piorado porque nós já ganhamos consideravelmente pouco e com estes cortes todos." [E15] "Olha o salário no ministério da educação é devido, é consoante as horas portanto eu cheguei quase a ganhar dois mil euros e no último ano ganhei setecentos e cinquenta euros mas portanto, eu não vou tanto pelo dinheiro mas mais pela ocupação em si mas depende muito do número de horas que tu estás na escola." [E16] "É voluntariado, sendo que voluntariado aqui significa que tenho as despesas pagas, ou seja, não estou a receber um salário, mas também não estou a gastar dinheiro." [E18] "…o acréscimo não é muito notório (…) Eu não percebo porque que os trabalhadores do Estado, com a mesma formação, com o mesmo grau de habilitação têm uma carreira e têm uma remuneração e como é que nós nas IPSS que estamos a colaborar com o Estado através de Protocolos estabelecidos somos tão mal pagos e a tabela de remuneração é tão baixa. (…) Porque é que nós temos uma tabela salarial que é extremamente baixíssima comparando com os nossos colegas que trabalham no Estado? Como defendia o Dr. Luís Jacob, diretor da Socialgest devia-se criar uma única carreira de técnico superior e o vencimento era igual para todos, fosse público ou fosse privado. Isto é uma enorme	

		discriminação que num país desenvolvido como o nosso não faz nenhum sentido, mais parece uma prática de um país de terceiro mundo." [E19] "…aumentou, porque eu nas equipas de rua ganhava um valor e aqui ganho outro não é? Aliás fui ganhar um valor para Lagoa que se manteve em Loulé até o ano passado (…) entretanto houve já alteração na tabela salarial dos funcionários públicos…" "Não sou de todo mal paga, nem pensar, há colegas meus que eu tenho a certeza que ganham bem menos que eu…" [E20] "É assim felizmente o meu tem aumentado (sorri), agora por acaso diminuiu pronto agora levámos um corte e logicamente também senti o corte e agora quando este mandato chegar ao final…neste momento estou num cargo de nomeação que sendo uma nomeação também implica em termos de remuneração. Sempre que o presidente cessa eu cesso automaticamente com ele, no mesmo dia, à mesma hora…" "É assim as remunerações desde que eu comecei, ilusoriamente parecem ter subido mas face ao custo de vida, se nós formos comparar agora o tempo em que eu entrei, que também fui eu que criei o meu próprio emprego aqui, que não existia no quadro e ainda assim eu andei a saltar de índice de carreira para outro, porque tal como te disse não havia a profissão de agente de desenvolvimento e foi por aí que eu quis entrar na câmara e tive de esperar que fosse aprovado… ou seja eu trabalhei ainda um ano que não podia renovar contrato, acabava os três anos e depois já na podia ser mais contratada e eu tive que estar um ano numa carreira abaixo a receber menos para depois conseguir novamente concorrer na carreira técnica, na altura chamava-se carreira técnica profissional	

		nível 3. [Satisfação] "Sim acho que sim. Até porque a minha remuneração como te disse, neste momento é um cargo de nomeação foi negociada e há um índice não é? Há um *plafom* e foi negociado. A esse nível não me posso queixar." [E21] "Uma pessoa sabe que quando vem para este curso não é para ganhar dinheiro, se não é muito burro não é? A gente sabe que vem para educação social mas que não vamos ter muito dinheiro." [FF]	
	4.4.Perceção dos educadores relativamente à entidade empregadora	"…é uma entidade empregadora que me permite expor as minhas opiniões, expor os meus pontos de vista e penso que nunca foi uma entidade empregadora que me tentasse prender as mãos, pelo contrário. Agora, as pessoas que me coordenam obviamente têm objetivos e parâmetros pelos quais tenho de me guiar, agora a forma como os implemento, permite-me dar o meu próprio caminho às situações mas fico contente porque por um lado posso dar um bocadinho de mim mas por outro lado também tenho barreiras e tenho objetivos que tenho de seguir." [E1] "…nunca me controlaram, sempre me deram liberdade nesse aspeto, sempre, sempre, podia decidir, podia fazer, podia tudo…" [E4] "A minha equipa é a equipa de projeto que depois é alargada ao resto do grupo, portanto na In Loco há um espirito, aliás a In Loco tem uma missão não é?" "…nós In Loco, na definição da estratégia do PRODER, na altura fizemos diagnósticos a nível local e o que é certo é que o programa não contempla minimamente as necessidades das pessoas, portanto	Algumas entidades são abertas mas têm objetivos que condicionam o trabalho. Nalgumas entidades verifica-se um espirito e uma união. Importantes neste tipo de contextos de trabalho. Também se verifica o contrario. Tanto os objetivos como as questões burocráticas poem em causa o desenvolvimento do trabalho.

		o programa está formatado daquela maneira e nós temos de nos mexer dentro daquele formato, portanto não temos grandes margens para ir um bocadinho mais além…" "…as pessoas sempre que têm propostas têm autonomia para expor as suas ideias e liberdade para isso é óbvio, a direção tenta estar sempre pronto disponível e dentro daquilo que é possível…dentro do que é possível, porque nós temos de respeitar como é óbvio e trabalhar dentro dos projetos que temos aprovados não é? E temos de dar resposta a eles, aos objetivos concretos dos projetos. Mas apesar de tudo é uma instituição que tem essa margem dos colaboradores terem alguma autonomia e dos coordenadores de projeto…" [E5] "…trabalhar numa autarquia tem um senão sempre por trás que é a questão política e às vezes quer-se desenvolver algum tipo de trabalho social, mas que os objetivos não se enquadram numa componente política que está por trás…" "…abertura existe e até existe de boa vontade, nós temos agora uma vereadora que é muito nova e ela tem essa abertura e tem esse espírito de aventura e vamos arriscar. O que acontece é que numa câmara as coisas demoram demasiado tempo até acontecer, até pode ser aceite, só que até ser desenvolvido leva uma eternidade…" [E7] "Eu penso que é uma entidade aberta, no entanto nós vamos aprendendo sempre, não é? Todos os dias à medida que vamos desenvolvendo trabalho, porque eu fui para lá logo no início tal como as colegas, claro que há coisas que nós vamos aprendendo com a experiência, não é? E mesmo a nível dos superiores eram pessoas que nunca tinham trabalhado concretamente nesta área e que também fomos crescendo juntos e fomos desenvolvendo	Como aspetos negativos são apontados a rotina da instituição e as tarefas consideradas prioritárias que "roubam" tempo de trabalho aos educadores. Existem ainda muitas entidades fechadas. Prejudica gravemente o trabalho e os resultados?

		técnicas, fomos desenvolvendo determinados métodos, determinadas estratégias para trabalhar com os jovens, pronto neste momento trabalhamos duma maneira se calhar muito diferente do que trabalhávamos no início não é?" "Claro que há coisas que nós gostaríamos de fazer de maneira diferente, não é? E depois os superiores acham que não, mas eu também percebo que muitas vezes os superiores têm que jogar com vários fatores (…) Nomeadamente a parte económica…" [E8] "Por um lado existe abertura, sim, sou incentivada e até às vezes levo na cabeça, entre aspas, por não fazer mais, mas por lado a rotina da instituição é tão antiga, digamos assim (...) existem sempre tarefas que aparentemente são prioritárias portanto se aparece alguma coisa que é preciso fazer logo pois eu sou destacada para ir fazer isso e depois claro que a parte das atividades e da criatividade é posta de lado…" [E9] "…conheci dois executivos na câmara de Tavira e tanto um como o outro, embora com diferentes dinâmicas de trabalho, embora com diferentes metodologias de trabalho têm tido uma grande abertura e uma grande preocupação com esta área social e nós até nos incentivam a propor, até nos incentivam a tentar desenvolver determinadas situações…" "Eu sou muito honesto, eu quando vim trabalhar para a câmara não era bem o que eu tinha em termos de perspetivas de trabalho porque eu achava que as câmaras trabalhavam estas questões do social de uma forma muito…muito distante, muito…que não era muito assertiva e na altura, que foi numa altura em que fizemos um intercâmbio em que fomos à Bélgica e foi o professor B que nos acompanhou e falei muito com ele essa questão de ir para uma	

		câmara trabalhar "e que se calhar não vai ser bem o que eu quero e vou ter de trabalhar as questões de determinada maneira" e aquelas questões da subsidiodependência, aquilo fazia-me grande confusão e não sei quê e achava que aquelas questões dos indutivos precisamente que nos vinham a moldar do trabalho "que tínhamos de fazer daquela forma e ahhh" e encontrei a realidade de uma forma completamente diferente, ou seja grande abertura para que pudéssemos trabalhar de uma forma completamente diferente, uma grande abertura para que as pessoas fossem ouvidas, para que fossem tidas em conta em todo o processo, em que houvesse uma grande participação e isso para mim disse-me muito, que era muito o que eu procurava, era que realmente as coisas fossem o que a gente conseguisse resolver determinadas questões, não por imposição mas porque realmente havia necessidade que elas viessem a ser desenvolvidas e eu aí então "epá é mesmo isto que eu quero fazer, é mesmo aqui que eu quero estar" (sorri) e fui comentando com ele e fomos mudando determinados procedimentos que eram muito burocráticos, que eram muito, fomos tentando simplificar, fomos sempre tentando que não tivéssemos um trabalho muito…que às vezes o que eu via é que era um trabalho muito centrado no gabinete e não é bem isto que eu quero também não é? Eu quero estar próximo das pessoas, eu quero trabalhar com as pessoas, quero estar mais na rua, quero estar mais na vertente prática e com essas alterações que tiveram de se impor não é? Para que nós pudéssemos estar mais juntos, estar mais presentes as coisas foram mudando e para nós foi essencial." [E10] "Também é uma equipa mais jovem portanto tem outra perspetiva das coisas e tem uma mente muito mais aberta portanto consegue perceber de uma forma diferente aquilo que se calhar professores	

		mais antigos não são tão flexíveis de haver. Mas trabalhamos muito bem, trabalhamos muito em equipa e se calhar os bons resultados que temos a nível de qualidade de trabalho também vêm daí mas trabalhamos muito bem." "Todos estes exemplos que eu te dei de atividades que tentámos impulsionar um bocadinho delas por culpa minha foram atividades que nunca me disseram que não, ou seja, se tiver uma ideia e conseguir defender que aquilo é viável, que não se gasta muito dinheiro e que não dá muito trabalho e que ajudo, normalmente há sempre abertura para realizar estas atividades." [E12] "Não é assim, depende daquilo que proponho não é? Mas até agora tiveram sempre abertos e aliás costumo dizer que tenho muita sorte porque ele dá maior responsabilidade para ti, no sentido em que ele diz "pergunta-me em último caso, estás à vontade para fazer tudo, organiza e mostra-me no final" percebes? E isto dá uma grande autonomia e não precisas de andar sempre ali com aquela orientação "posso? Não posso?" percebes? Pensas, sentes e avanças." [E14] "É, sim e felizmente tenho uma entidade patronal que me tem permitido participar em muitas formações distintas, de muito tipo e com muita metodologia diferente e já experienciei muita coisa que não é assim tão normal a quem está na área da administração pública experimentar." "Tenho tido abertura para fazer sempre muita coisa, com todos os executivos com quem já trabalhei." [E21] "A entidade acredita e confia no meu trabalho." [Q1] "Valoriza bastante o trabalho desencadeado pelos Educadores (as)	

		Sociais que por lá passam.” [Q2] “Muito desfasada da realidade do meio envolvente.” [Q7] “Entidade estável em que ainda é necessário um conhecimento maior do papel a desempenhar por um educador social.” [Q8] “Considero que a minha entidade empregadora é reconhecida pela sua missão e valores, pelo seu bom desempenho e dinamismo, pelo que é reconhecida a sua importância na comunidade.” [Q16] “Muito fechada e retrograda.” [Q19] “Adoro a minha profissão e aquilo que faço, no entanto trabalho numa instituição muito fechada, em que não dá qualquer abertura à inovação, aos problemas efetivos das pessoas, enfim fecha-se em si mesma. em seis anos de trabalho nunca foi promovido, pela chefia, qualquer reunião de trabalho entre técnicos. O ambiente de trabalho é péssimo, parecemos controlados quase pela PIDE.” [Q20] “Penso que deveria haver uma maior comunicação com a equipa técnica e ouvirem mais quem está no terreno de forma a compreenderem melhor a realidade social presente.” [Q23] “Pouco exigente” [Q24] “Não compreendem nem se preocupam em perceber em que medida são importantes cada uma das atividades, para a entidade basta entreter não importam todos os restantes objetivos muito mais importantes.” [Q32]	

		"Ainda com dificuldades em perceber o papel do educador social, todos os técnicos são catalogados como sendo de serviço social." [Q37] "É resistente à mudança; Não valoriza os recursos que tem. Precisava de uma lufada de ar fresco, de projetos diferentes e de uma equipa unida e jovem." [Q39] "Poderíamos ter maior motivação se o trabalho desenvolvido fosse reconhecido. No entanto, considero que o maior problema desta área é o pouco investimento na prevenção, trabalhando-se mais ao nível do problema instalado." [Q40] "Considero que não só a minha entidade empregadora, mas de um modo geral todas as instituições "aproveitam" os técnicos que têm para fazer todo o trabalho da instituição e por vezes a disponibilidade para fazer o verdadeiro trabalho de Educador Social, fica muito reduzido." [Q44] "Área que visa os objetivos e não as pessoas, não posso pensar no meu trabalho enquanto educador social." [Q48] "Penso que podíamos ter uma ação mais diversificada." [Q56] "A minha entidade empregadora tem algum prestigio na sua zona de atuação e na minha opinião desenvolve um excelente trabalho de proximidade para com os jovens e a comunidade." [Q58] "Desenvolve muito trabalho, mas poderia contactar mais com os	

		públicos alvo.” [Q63] “IPSS com pouca visão de sustentabilidade e pouco recetiva à mudança.” [Q64] “Ainda encaram a Educação Social de forma assistencialista.” [Q65] “Permite a dinamização e a autonomia na procura da resolução de problemas sociais.” [Q66] “A minha entidade empregadora reconhece o trabalho desenvolvido pelo educador social, tanto que tem vários profissionais desta área no serviço. No entanto, por tratar-se de uma entidade pública existem alguns obstáculos no que respeita a intervenção e desenvolvimento das famílias com vista a uma melhor inserção na sociedade, isto porque o sistema público tem dificuldade em perceber que o objetivos do educador social é "dar a cana de pesca para ensinar a pescar" e não dar o "peixe".” [Q67] “Muito boa, mas limitada economicamente pelos baixos financiamentos públicos.” [Q68] “Demasiada preocupação com as despesas, em vez da preocupação das necessidades reais.” [Q70]	
	4.5. Perceção do EIC/ES relativamente ao seu trabalho na	“…a minha perceção em relação ao meu trabalho é sempre uma perceção de ambição, ou seja, à pessoa que coordena o meu trabalho várias vezes por mês, eu faço uma pergunta que é “o que é que eu posso melhorar? No que é que eu errei? Como é que as coisas	Tentar sempre melhorar as suas práticas, inovar, melhor o trabalho e a forma de o desenvolver.

	entidade/	podem evoluir?" E então a minha perceção eu tento que acabe por ser sempre uma perceção evolutiva e que nunca estanque, por isso também estou sempre a fazer com que eu esteja sempre a aprender e que possa evoluir e que possa melhorar. [E1] "Eu admito e eu faço exatamente o que nós aprendemos aqui e tudo o que fui aprendendo aí fora e epá tento sempre fazer mais, o mais correto e o melhor com o público com que estou a trabalhar, muitas vezes acabam por me prejudicar, é verdade, mas tento sempre fazer o máximo. O que também me difere dos outros colegas é que eu sou bastante próxima das pessoas, ou seja, do nosso público-alvo, porque é assim, se eles não existissem nós não tínhamos trabalho e se nós não desenvolvermos bem as nossas atividades e o nosso desempenho, somos nós que ficamos mal e é a instituição que fica mal e eu normalmente tento sempre defender ao mesmo tempo o público, o terreno…primeiro eles…" [E2] "Acho que era muito a parte do dinamismo, dinamismo "vamos fazer isto, aquilo, aquilo" acho que era mais nesse sentido." "…eu acho que quando nós detetamos um erro, epá temos de colmatar logo, antes que provoque mais efeitos negativos, se as coisas estão mal temos de dar a volta e quanto mais cedo melhor. Claro que temos de organizar e de planear as coisas para ficarem bem feitas mas se tá mal não vale a pena continuarmos a fazer mal e a dizer "ah isto tá mal", era mais nesse sentido." [E3] "…estou já há muitos anos na In Loco e também sinto um bocadinho às vezes o peso grande de responsabilidade porque pronto há determinadas coisas que estão-me sempre a telefonar a mim…"	Não devem estancar. Devem possuir ambição e dinamismo para ser capazes de dar resposta aos problemas que se apresentam e a melhorar sempre a sua prática. Não deixar que o trabalho seja rotineiro e fique estagnado. Uma perceção de proximidade com as pessoas. É um trabalho de cariz mais social, mais ligado à comunidade que pode estar ligado à capacitação. Auxiliar, transmitir instrumentos para o desenvolvimento das pessoas. Há educadores que afirmam que ajudam as pessoas a viver?? Ajudam a viver como? Estranho…

		"…há coisas que eu até sinto muita responsabilidade porque as pessoas identificam-me com determinados assuntos e com determinadas áreas não é? E dou resposta ou tento dar resposta…"[E5] "Eu acho que tenho conseguido manter e conquistar a confiança e o agrado de grande parte da minha equipa e das minhas chefias. Acho que sou uma pessoa de alguma importância, porque já tenho muito conhecimento, dado o tempo que já estive aqui sobre diversos assuntos e porque sou uma pessoa que não costumo recusar nada do que me é proposto, mesmo reclamando…" "A minha missão é mudar mensalidades no sentido de trazer as pessoas para a realidade do dia-a-dia, porque temos pessoas que vivem aparte da realidade e que não têm conhecimento básico, mas quando digo básico é mesmo básico, questões do dia-a-dia, de higiene, do que é que é adequado comer ou não e acho que a minha missão passa um bocadinho por aí, por ajudar as pessoas a viverem a realidade nos dias que correm." "…temos de pensar que o nosso trabalho é importante e que se não estivéssemos cá se calhar faríamos alguma falta." [E7] "Eu penso que a missão de qualquer educador é mudar sempre alguma coisa não é? É difícil mudar mentalidades mas provocar esta mudança é preciso algumas vezes esta criatividade e muitas vezes penso que o nosso trabalho falta exatamente por falta de criatividade e também muitas vezes pela incapacidade que temos de nos saber colocar no lugar dos outros não é? E dependendo da realidade, dependendo do contexto." [E8] [Missão] "É tentar marcar a diferença, sim tentar, tentar capacitar	É uma figura importante, de grande responsabilidade. Deve estar consciente da importância do seu trabalho e das suas responsabilidades e principalmente da responsabilidade que este trabalho envolve. É referido o trabalho em parceria e a importância da questão da liderança. É importante a relação de igual para igual para que seja possível o trabalho em equipa mas por outro lado o educador deve ter convicção e ser capaz de transmitir as suas ideias com segurança e liderar um grupo. Alguns educadores afirmam ter perceção que

		mesmo, portanto tentar.” “…fazer aquelas pequenas mudanças, principalmente fazer se calhar com que eles reconheçam as potencialidades que têm…” “Confusão principalmente porque ninguém percebe porque é que eu insisto tanto a fazer determinadas atividades com eles e penso que não tenho bem noção do que é que é a figura profissional do educador.” “… às vezes pode ser visto por falta de profissionalismo, podem achar que estou a brincar com eles e que não estou a fazer realmente algo importante.” [E9] “…de acordo com esse trabalho que tem vindo a ser desenvolvido ao longo desses anos temos pessoas mais ativas, pessoas mais conscientes para determinadas situações da sociedade e que se preocupam realmente em ter uma qualidade de vida, em ter um futuro melhor, em que os seus filhos já não passem se calhar em determinados aspetos que eles passaram, que até então eram um pouco…nós por assim dizer chamávamos a “geração habitação social” que era eu tive habitação social, tive um filho, tenho subsidio, o meu filho vem à câmara e pede habitação social e vai ter aquele percurso de vida que eu tive…hoje em dia vemos que o ciclo está um pouco quebrado a esse nível (…) já temos ou as pessoas já querem que o seu filho estude, que tenha outras oportunidades que não tiveram, que tenha um emprego (…) sentimos que já houve aqui alguma mudança…” “…tento sempre no contexto institucional desenvolver mecanismos e desenvolver procedimentos que me possam ajudar não só a mim mas aos meus colegas, e que esses procedimentos nos venham a facilitar o nosso trabalho…” “…tento encaminhar as pessoas, tento sempre ajudá-las em certa	graças ao trabalho desenvolvido vão-se verificando algumas mudanças. Isto é um trabalho que só tem resultados a longo prazo e muitas vezes os educadores iniciam o trabalho mas não ficam tempo suficiente num contexto para verificar essas mudanças. É necessário paciência e perseverança. Relativamente à missão que os educadores afirmam ter no seu contexto profissional a maioria diz ter a missão de mudar algo. Outros afirmam que a sua missão é ajudar as pessoas a reconhecerem as suas mais-valias. Um dos educadores afirma que a sua missão é

		forma, tento sempre que eles vejam que eles são agentes no seu próprio desenvolvimento, também é importante não é? Não é tarmos só aqui a tentar passar receitas e dizer "agora vai aqui e faz assim e assado, cozido e frito" não! Tem de se rever e que eles realmente possam potenciar as suas capacidades." [E10] "Eu importância, sinto é assim trabalho, todas as instituições necessitam de alguém que oriente, de alguém que diga "faz-se assim, faz-se assado" mas eu não me sinto mais que elas, nem pouco mais ou menos porque eu estou cá há três anos e muitas destas funcionárias que cá estão, estão há dez portanto a nível de conhecimentos no terreno elas sabem muito mais que eu e eu tenho noção disso e pergunto-lhes sempre "o que é que vocês acham? Fazemos isto, fazemos aquilo, fazemos o outro" mas sinto que elas também veem em mim um porto de abrigo, alguém a quem podem recorrer quando há necessidade e então é isso, eu sou estou de ouvidos nas situações mas elas também me procuram a mim quando querem resolver alguma situação portanto nós somos uma equipa. Eu aqui não sou mais que ninguém, somos todas ao mesmo nível, só que temos tarefas diferentes, a minha tarefa é gerir isto para que funcione bem e para que os idosos tenham melhor qualidade de vida possível e elas fazem o trabalho delas no terreno, que fazem muito bem e que eu não era capaz de fazer." [E11] "A minha missão. Aquilo que eu procuro é que as pessoas reconheçam as mais-valias que tu tens em termos de aproveitar da educação e é isso que eu tento fazer com que as pessoas ganhem gosto." ...o que eu procuro é mesmo estimular as pessoas, que elas percebam a importância que a educação pode ter na vida delas em	ajudar as pessoas a viver. Não fala em encaminhar, nem em promover qualidade de vida…Isto é a missão dum educador social?? Parece mais a missão de um assistente social. Será que os educadores não têm consciência da diferença? Parece-me grave.

		termos de *empowerment*, em termos de serem pessoas mais participativas, lutarem pelos objetivos delas, de terem objetivos e de não serem pessoas que andam aqui alienadas ao sabor da maré e que não fazem nada para mudar a vida." "Aquilo que eu acho é que a minha postura no meu posto de trabalho e a minha formação podem ter influenciado no sentido de tentar tornar sempre o trabalho que nós fazemos e a atividade do próprio centro com algum cariz social e a minha luta desde que estou neste centro que fomos nós que o abrimos, fomos nós que montámos tudo, a minha luta neste centro tem sido sempre nesta perspetiva, tentar que o centro não se resuma à atividade de certificação de competências, portanto desenvolver sempre atividades que de alguma forma contribuam para a inclusão das pessoas, para a capacitação das pessoas, à volta disso." "Pois, o meu papel não é mais ou menos que qualquer um dos meus colegas, aquilo que eu noto é que tenho sempre tendência de levar isto mais para o lado do social, não me limito àquele trabalho de certificação de competências que já dá muito trabalho e estou sempre a tentar investir ali qualquer coisa nova que dinamize um bocado o nosso trabalho e é mais por aí." [E12] "Eu acho que é a questão da dinâmica sabes? Eu acho que é assim, o facto de nós termos a formação na área das dinâmicas de grupo e nos quebra gelos acaba por ser também encarado pela equipa como uma mais-valia." [E13] "…o que eu gostava mesmo de conseguir (…) terem, ganharem outra perspetiva da vida (…) será que o que eu idealizo é o que realmente lhes faz falta? É o que realmente é benéfico para eles?" "…sei que sou muito exigente comigo e sei que me esforço e que	

		cada vez que vou mexer numa coisa que já fiz faço sempre alterações…" [E14] "…amplitude da minha intervenção porque não me limito só àquele trabalho assistencialista e só àquele trabalho de tratamento de documentação técnica mas sobretudo também ao trabalho prático e às práticas de intervenção e quando falo em práticas de intervenção na população idosa falo em praticamente todas aquelas que são possíveis realizar e pôr em prática tendo em vista sempre o bem-estar dos mesmos." [E19] "A minha missão é ajudar a que os adultos tomem consciência de quem são, não só em termos das potencialidades que trazem, mas fundamentalmente das limitações que têm e que muitas vezes não têm consciência disso e esse é um trabalho que não se consegue em pouco tempo. Vou pegar na área de cidadania, por exemplo, e não vou dizer o resto da área porque a empregabilidade e a profissionalidade para mim não me interessam para nada, quer dizer, interessam, faz-nos falta, seria uma irresponsabilidade a gente não pensar nisso dessa fora, mas a cidadania, para mim, é uma área que é transversal, para mim e para toda a gente, é uma área transversal e é uma área fundamental, eu diria não é? E é através da área da cidadania que eu acho que se poderiam fazer, desenvolver atividades brutais que pudessem ajudar as pessoas a criar uma consciência de si próprias, porque muitas vezes as pessoa dizem coisas e não têm noção que aquilo espelha, às vezes é mesmo maldade da pessoa, mas outras vezes são contingências da própria vida que as pessoas nem têm essa noção, não relacionam, não refletem sobre isso, não se apercebem que estão assim…" "…faço com a intenção de provocar alguma coisa."	

		"…ele diz "tu tens o sentido crítico apurado" (…) Este tipo de *feedback* que me dão de vez em quando faz-me crer que é importante a minha opinião, é importante o meu ponto de vista, e por isso sim, acho que tenho importância lá dentro." "Não sou igual para toda a gente, não é? Há pessoas com que eu sou mais condescendente na questão dos ritmos, não por ser paternalista, naquele sentido " ai coitadinha", não é nada disso, compreendo que às vezes as pessoas têm mesmo necessidade de abrandar o ritmo, há outras pessoas, por outro lado que dou abanões e dou às vezes choques de realidade…" [E20] "É, é a minha missão pessoal, tem sido sempre. Eu costumo dizer que trabalho com a melhor matéria-prima que existe no mundo que são as pessoas." "Talvez não reconheçam isso na figura da educadora social que se calhar algumas pessoas nem sabem que eu sou educadora social não é? Mas pronto… nem sabem que eu estou a fazer determinado tipo de coisas se calhar baseado num conhecimento e na aprendizagem que tive na licenciatura de educadora social e provavelmente essa é uma falha minha e também tenho de começar a dizer mais vezes que sou educadora social (sorri) que é para promover mais a profissão mas sim, sim." [E21]	
	4.6.Necessidade de formação complementar/contínua	"Eu acho que isso depende um bocadinho de nós próprios, eu neste momento estou a terminar a segunda licenciatura, não porque ache necessidade mas porque era a que deixei por concluir. Mas muito sinceramente acho que se tivesse ficado só com esta licenciatura acho que se calhar não me sentia preenchido, acho que iria procurar mais informação, mas acho que isso também depende muito de pessoa para pessoa e de caso para caso e das pessoas e também tem	Nenhuma licenciatura dá todo o conhecimento. Serve apenas como base. Esta não é exceção. A formação pode ser uma

		muito a ver com o que nós pretendemos fazer do nosso futuro." [E1] "Eu acho que sentia realmente quando aparecia, quando aparecia alguma divulgação de alguma formação ou algum *workshop* eu pensava "isto realmente vai-me complementar e ajudar ao que estamos a fazer" "…eu continuo a ir a formações e *workshops* sempre que posso, sempre! Epá porque gosto e acho que me mantém atualizada também das coisas que vão acontecendo, porque isto está sempre a mudar, mesmo na nossa área isto está sempre a mudar, há sempre alguma coisa nova, há uma lei que saiu e nós temos de dar um jeito na coisa e então normalmente tento sempre estar atualizada com essas formações para ir sempre complementando, digamos que sim. "…era bastante complicado trabalhar com ele e tive algumas dificuldades porque lá está durante o curso nunca tivemos uma disciplina concreta para trabalhar com esse tipo de crianças, tive de ir aprendendo pronto por fora, em *workshops*…" [E2] "Agora, agora, agora? Se calhar já não (sorri) mas sem dúvida, sem dúvida porque acho que nós não podemos parar, no dia que pararmos quer dizer que estagnamos e isso, há muita coisa a mudar sobretudo em termos de legislação…" "…eu acho que aí temos que estar sempre a par, sempre o que é que está agora em termos de necessidades? No que é que podemos apostar? E temos que estar sempre em cima da linha da frente porque senão ficamos para trás e estagnação total." "Eu acho que depois de tirar o mestrado, de começar a frequentar é que eu vi aquilo tudo que eu não sabia ou o tão pouco que sabia porque é mesmo, quanto mais a gente começa a mexer e a tentar investigar é que nós vemos o tão pouco que sabíamos e que a	mais valia em vários sentidos: - Reciclagem, é importante estar a par das mudanças que vão acontecendo, tanto ao nível teórico como das necessidades da sociedade (e das formas de intervir) - também é importante formações ao nível do trabalho (alterações que ocorrem, especialização, aprofundamento de conhecimentos) -importante para completar algumas lacunas do curso. O curso dá o principal de alguns temas, não é possível especificar nem falar de todos os assuntos tendo em conta a abrangência que se pretende deste curso. Existem muitos contextos e inúmeras necessidades onde este

		licenciatura afinal é pouco." "Eu fui começar a trabalhar com crianças e jovens e fui tirar na altura *workshops* de dança, *workshops* criativos e depois é assim, cada pessoa tem que procurar as ferramentas que precisa, claro que o curso nunca pode preparar para todas as populações não é?" [E3] "Sim e aliás eu já tenho uma pós-graduação em mediação familiar, que é o primeiro ano do mestrado de política social do técnico em Lisboa, mas sempre que posso faço outras formações não é? Não podemos ficar parados." [E4] "É assim no meu trabalho eu acho que tinha de ter uma licenciatura de todas as áreas (…) todos os dias tenho de interpretar leis, tenho de ler leis, tenho de dar a parte de imensas coisas mas isso é daquelas coisas que a gente todos os dias tem de continuar a insistir e a estudar porque cada coisa que se faz é necessário saber sobre aquilo não é? Portanto não há nenhum curso que consiga ter toda essa formação compilada não é? É impossível, portanto acho que a gente vai ter e tem sempre necessidade de formação e temos de ir fazendo a formação de encontro às nossas necessidades e acho que vai ser ao longo de toda a vida não é? Não é por ter uma licenciatura ou um doutoramento ou um mestrado que vamos ficar sábios, isso aí (sorri) porque no trabalho do dia-a-dia nós sentimos essa necessidade e todos os dias temos de aprender coisas novas e de investigar e de estudar." [E5] "Sim, agora de aprofundar a área onde estou, mais por aí porque, porque o curso dá-nos uma visão geral e depois em função da nossa área de trabalho, sem dúvida aprofundar aquilo que…" "…depois em função do trabalho e daquilo que estamos a fazer no	profissional pode intervir e não é possível em três anos aprofundar os conteúdos. Alguns deles nem são falados. Existe sempre a possibilidade de estudar estes temas através dos trabalhos que se elaboram para as cadeiras. Quando mais formação se tem maior é a perceção que se sabe muito pouco. Vamos tomando conhecimento da ignorância. Esta formação é importante para a realização de um bom trabalho, que seja feito de forma informada, refletida e consciente. E é assim que deve ser!

		terreno é necessário depois atualizar e especializarmo-nos porque o curso dá-nos um bocadinho. [E6] "É assim a nível de mestrado neste momento porque também é o meu interesse, acho que há falta de mais oferta, porque ainda é muito limitado e por exemplo nas áreas em que eu trabalho, porque eu na divisão da ação social, núcleo de habitação e portanto, quero levar o mestrado para a minha área profissional e portanto tudo o que encontro não é cá no Algarve, é tudo lá para cima. Aqui em baixo acho que realmente, ainda está muito pouco esmiuçado e o que existe ainda é muito para a terceira idade, quando um educador social trabalha, portanto não é só na terceira idade, é noutras áreas e realmente aí acho que há um bocadinho de falta, mas isto também é aos poucos (sorri)." [E7] "Eu penso que todos nós, pelo menos eu sinto todos os dias necessidade de mais, não é? Porque todos os dias acabo por encarar uma situação que nem sempre consigo resolver da melhor maneira não é? Porque quem trabalha com pessoas pois somos todos diferentes e sinto… eu neste momento trabalho com adolescentes e sinto muito a necessidade a nível da psicologia, da adolescência que depois apesar de termos psicologia no curso também é muito abrangente não é? E isto é mais específico." "…há muita coisa que eu tive que aprender por conta própria, ou que aprendi com os colegas ou que aprendi em formações já depois…" "…devemos ser sempre autodidatas e procurar sempre a nossa formação, de acordo com o ambiente e com o sítio onde trabalhamos." [E8]	

		"…tou a fazer o mestrado agora." "Nesta fase do campeonato acho que é melhor não responder, porque sim tinha falta de uma parte teórica porque tava em prática já desde 2007 e fazia em parte falta a parte teórica, um bocado." "Eu acho que à medida que vamos começando a trabalhar vamos sempre precisando de mais e isso sinto por exemplo a nível de licenciatura de psicologia, penso nisso hoje em dia, porque a população com que trabalho em especifico dava-me muito jeito para tentar analisar determinadas coisas, mas eu acho que isso acontece sempre…" [E9] "…no outro dia fui a um seminário que foi organizado pelo mestrado do curso, até porque é interessante nós também irmos reciclando alguns conhecimentos e vermos como é que as coisas têm vindo a ser desenvolvidas e a dada altura um professor nosso que se tornou meu amigo disse-me "ah então porque é que não vens agora fazer o mestrado, porque já tens agora alguma facilidade com esta questão do Bolonha e etc."...eu sou muito honesto, eu para mim neste momento de acordo com o desenvolvimento profissional que eu tenho vindo a ter dentro da câmara, o mestrado para mim não vejo como se constitui-se uma grande mais-valia para o trabalho que eu tenho vindo a desenvolver, para mim era mais interessante algumas formações, alguns encontros, alguns debates com outras pessoas que têm vindo a trabalhar também nesta área e que nos permitissem abordar determinadas temáticas para ver determinadas boas práticas, determinados erros que têm vindo a ser cometidos nesta área do que propriamente ir mais por essa via académica que também é uma hipótese não é? Mas que neste momento interessa-me mais, para mim é mais profícuo do que a outra parte que pode ser desenvolvida." [E10]	

		"Eu é assim, a formação a nível de gerontologia tinha muito pouca porque como disse nunca foi área que eu quisesse trabalhar e então todos os trabalhos ou todos os estudos que fiz na universidade sempre foi fora desta área. Portanto eu hoje em dia por minha conta procuro muito formações, formações em alzheimer, em gerontologia, ou até mesmo como diretora desta instituição, gestão de conflitos, conseguir motivar o pessoal…todo esse tipo de formação que eu sinto necessidade procuro o que não consegui através do curso mas isso eu acho que é normal porque é uma área muito vasta e é complicado em quatro anos, como foi o meu caso, conseguirmos abranger tudo." [E11] "As formações que eu fiz foram sempre formações pontuais, muitas delas relacionadas com áreas em que eu gostaria de trabalhar ou com a área que eu estava a trabalhar portanto a partir do momento em que eu deixei o meu curso tentei fazer sempre uma ou duas por ano para me ir atualizando ou para ir preenchendo lacunas que eu sentia no meu desempenho profissional." [E12] "…senti necessidade de aprofundar os meus conhecimentos e de sentir-me mais capacitada para…e entretanto já tirei, portanto eu terminei a licenciatura em 2005 e entretanto em 2007 fiz uma pós-graduação em Família, direito e sociedade, que foi uma parceria entre o ISCTE de Lisboa e a Faculdade de Direito de Coimbra (…) e de facto aí senti sim que valeu a pena e saí de lá no final da pós-graduação muito mais capaz e realmente senti que foi importante e que foi um bom investimento." "É assim eu ainda hoje e depois de haver a formação tanto a nível académico como formação a nível da minha entidade empregadora,	

		eu ainda hoje sinto algumas dificuldades mas eu acho que isso até é um problema mais meu do que propriamente do curso, de qualquer das formas eu acho que há sempre melhorias que se possam fazer… que talvez tenha a ver com o aspeto de ter vindo da área científico-natural, que é esta área é muito pouco rigorosa, muito pouco cientifica…" [E13] "…eu sentia-me muito insegura mas penso que se calhar é um pouco normal…não sei se alguém sai de uma licenciatura apto e seguríssimo não é? Da qualidade da sua prestação mas sim, senti-me imenso insegura e por isso é que tentei sempre ir fazendo voluntariado por isso é que não ingressei logo no mercado de trabalho, não fiz logo um estágio e fui à procura de outras experiências. Mas mesmo agora há muitas áreas que me sinto insegura e que vou à procura de informação." "Sim, senti essa falta e ultimamente até ando à procura de formações mas como são todas tão caríssimas. Também já pensei em inscrever-me num mestrado mas tenho assim muitas dúvidas (sorri) mas sinto falta sim de formação. Também a nível de psicologia, perceber melhor as pessoas, comportamentos, sei lá." [E14] "É assim, eu entendo que a formação deve ser contínua sempre, portanto isso está sempre implicado, não é? Porque aquilo que nós temos hoje já se calhar amanhã já haverá outra resposta que nos vai dar outro tipo de instrumentos, outro tipo de pronto portanto eu acho que conforme as coisas não são estanques também a formação também não deve ser estanque, não é? Nós devemos estar recetivos a mais informação e a mais dinâmica." [E15]	

		"… tenho feito muitas formações ao longo da vida mesmo. É assim, a licenciatura se calhar é um primeiro passo de muitos a seguir para complementaridade de estudos porque tu vais crescendo e vais querer aprender mais e vão-te surgindo oportunidades de trabalho que "olha não tenho muita formação nesta área" e procuras informação nas áreas (…) nos seminários que tenho frequentado e vou agora a uma conferência internacional sobre famílias multi-problemáticas e adolescentes e isso tudo é um complemento do mestrado e eu tive necessidade do mestrado precisamente para conseguir perceber mais da sociedade, e não é só da sociedade é a pedagogia, como tratar com?" "O mestrado surgiu quando eu me comecei a aperceber que realmente apesar de todo o *know-how* que eu tenho aí, de toda a experiência que eu tenha, eu preciso de mais, eu preciso dum saber mais científico, eu preciso de conhecer outros autores, outras pessoas (…) há sempre coisas novas e é bom aprender e fazer e ter uma troca de experiências." "O mestrado para mim tem sido bastante enriquecedor, mais uma vez eu valorizo imenso as relações humanas, temos uma equipa de mestrado de professores e alunos fantásticos, as minhas colegas então, colegas e "colegos" (sorri) e "colegos" que têm sido fantásticos, a troca de experiências, a troca de saberes tem sido muito enriquecedor, muito mesmo." [E16] "…, a pessoa sente falta à medida que os desafios vão aparecendo não é? Neste momento sinto falta continuo lá está mas eu acho que há informação disponível mesmo que não seja oficial digamos fazer um mestrado ou fazer outra licenciatura mas há informação disponível e eu acho que a sociedade evoluiu muito bem neste sentido"	

		"Então é fácil ir procurar estas coisas, ou posso procurar na internet ou mesmo até através da internet eu descubro onde é que há formação cá perto que eu possa frequentar e fazer não é?" "Temos de procurar aprender porque acho que nunca chega, há coisas que nunca se vão aprender no curso." [E17] "…haviam coisas que precisavam de ser aprofundadas, digamos assim, e foi por isso que eu continuei com o mestrado em educação social, para já porque sabia que ia ser bom em termos de unidades curriculares, pelos professores que sabia que íamos ter e, porque achei que ia aprofundar, e também ter mais maturidade para abordar alguns temas que não tinha na altura e, então de certeza que nesse sentido sim, estava a sentir necessidade de ir aprofundar mais algumas coisas." "…as formações que vou fazendo são mais no sentido de complementar algumas coisas que me interessam, nomeadamente o teatro do oprimido, ou aprender mais ferramentas de educação para os direitos humanos, ou aprender mais coisas mais relacionadas com a animação comunitária, porque é uma área que eu já percebi que me interessa e quero apostar nisso." [E18] "Eu acho que deveria ter sido criado um mestrado na área da Intervenção Comunitária (…) foi esta a nossa formação de base e era aqui que devia ter havido uma maior sequência, um maior aprofundamento, um maior especificidade e um maior aprofundamento das nossas competências." "Repare nós estamos a falar num mercado competitivo, estamos a falar numa licenciatura que ocorreu há dez anos, qualquer profissional ao longo da sua vida profissional, ao longo da sua carreira sente sempre necessidades de ter conhecimento de outras	

		áreas de abrangência e de envolvimento, de outras práticas, de outras metodologias que vão surgindo e é para isso que servem os mestrados, para ter o conhecimento (impercetível) e aperfeiçoar as competências e os conhecimentos já adquiridos permitindo um maior especificidade e uma melhoria da sua intervenção." [E19] "A vida, a realidade está sempre em constante mudança e como eu disse ainda há bocado, nós não sabemos tudo, longe disso e estamos sempre a aprender todos os dias, todos os dias da nossa vida. Portanto aquilo que eu vou sabendo e que consigo ir, normalmente vou e procuro." "Fiz entretanto algumas pequenas formações de curta duração, uma delas até que nem tinha nada a ver com isto, era gestão da imagem, era aqui no ninho de empresas, o nome é comprido, mas tem a ver mais com a área de marketing e da imagem empresarial, empresarial ou institucional, mas entretanto acaba por nos dar outras luzes, inclusivamente, por dar aspetos que se calhar um dia nos vão ser úteis e é bom termos várias ferramentas para depois nos fazer valer." "Este mestrado vem na consequência, isto é tudo um bocadinho estranho, porque se por um lado eu acho que se calhar teria sido útil fazer o mestrado numa outra área para complementar o meu 1ºciclo, se calhar depois acabei por optar por este, precisamente, para dar continuidade, consolidar se calhar alguns conhecimentos que já tinha através da licenciatura e adquirir novos para conseguir depois transformar em novas competências, porque hoje em dia é necessário. De todas as formas isto acabou por ser uma escolha pessoal e não propriamente profissional ou académica e foi uma altura em que achei que era importante fazer alguma coisa por mim, porque estava parada há muitos anos sem estudar e então achava	

		que tinha de resgatar isto, para voltar a reaprender algumas coisas e foi nesse sentido que acabei por optar por este mestrado e depois, evidentemente, o fator distância e custos teve aqui uma grande influência…" [E20] "No mestrado (…) os conteúdos (…) Eram importantes e vinham de alguma forma reforçar o que se tinha dado na licenciatura…" "…eu senti que a licenciatura era pouco, senti que quando terminou e se calhar essa é a única coisa que posso dizer, senti que faltava aprofundar mais coisas portanto aquilo não tinha ficado completo e por isso é que me aventurei. Fiz um ano de pausa, acabei a licenciatura e tive um ano de pausa e depois no ano a seguir apareceu o mestrado e eu inscrevi-me e acho que fiz bem, fora o trabalho que deu mas acho que sim." "A formação é constante, é contínua. Eu vou a imensas formações e felizmente tenho tido também muitas oportunidades a nível profissional de participar em muita coisa. Eu acho que se calhar também um bocadinho por causa disso, é assim é um vice-versa porque eu tive muita oportunidade prática de assistir a coisas e de participar em coisas, em projetos inovadores, em experiências novas, isso chamou-me para estudar para saber mais para aprofundar, para perceber aquilo que estava a fazer nesses projetos e vice-versa porque depois de ter estudado, depois de estar na licenciatura e ter um mestrado também essa parte de ver que efetivamente há quem investigue e quem procure saber mais coisas sobre determinado tipo de coisas que acontecem ao nível neste lado da intervenção comunitária das oportunidades de participação das pessoas e dentro dessas metodologias todas. Isso também faz com que depois dentro da profissão eu também ande à procura de mais não é? De coisas diferentes e de coisas novas para fazer e portanto	

		acho que eu ando sempre entre um lado e outro, entre a prática e a teoria para juntar o melhor que tem as duas coisas." "…estas duas colegas do grupo que fizeram grupo comigo, que eram duas jovens de dezoito anos, uma de dezoito e uma de vinte, eram as minhas filhinhas, tratavam-se como se eu fosse a mãe delas (sorri) e de facto elas sentiam que precisavam de muito mais não é? Que precisavam de muito mais, elas próprias disseram "ah esta licenciatura só assim sem mais nada não nos vai chegar"." [E21]	
	4.7. Expetativas relativamente à profissão	"…acho que o educador social não é reconhecido porque a própria profissão ainda é um bocadinho recente porque se dermos um bocadinho de tempo e se o educador social sair bem preparado e se for começando a preparar o seu próprio rumo, eu acho que o educador social, tal como o educador de infância pode ter uma grande importância na área social." "O desafio é grande!" "As expetativas acabam por ser muitas das vezes resolver muitas coisas que muitas das vezes nem estamos à espera, lembro-me por exemplo de uma vez que faltava-me meia hora para entrar para uma frequência e recebo um telefonema de um aluno completamente desesperado que estava um bocado atrapalhado com a vida (…) lembro-me que as coisas não foi aquilo que eu estava à espera, ou seja, as coisas podem acontecer e num segundo está tudo bem e no segundo a seguir está tudo mal e a expetativa é sempre grande porque tentamos fazer daquelas pessoas cidadãos um bocadinho mais preparados para a vida social, porque infelizmente muitos deles têm já tantas falhas sociais…." [E1] "Isto não há de ser sempre assim, eu tenho esperança que as coisas evoluam não é?" [E4]	Expetativa que haja uma evolução favorável à profissão para que esta possa tomar o seu rumo. Esta é uma profissão que está sujeita a uma realidade que é dinâmica e que está em constante evolução. É essencial que a profissão seja capaz de acompanhar. Não existe um contexto único na sociedade. A sociedade tem uma multiplicidade de contextos relacionados como a saúde, a educação

		"Já estou há quatro anos praticamente, quatro anos, o ambiente de trabalho faz muito e felizmente a equipa de trabalho é muito unida, o ordenado é muito bom portanto, a segurança é que é o único aspeto negativo porque nós estamos sempre na iminência de a qualquer momento o centro fechar e agora fecharam muitos no fim do ano, em Março fecharam mais e em Agosto não sabemos, é o único aspeto negativo." [E6] "A profissão foi, gosto muito daquilo que faço e não me consigo imaginar a fazer outra coisa, apesar de por vezes sentir um certo cansaço a nível psicológico porque nós precisamos também de, precisamos de, quem trabalha com grupos de, pronto com grupos sociais complicados este *stress* psicológico que vamos acumulando às vezes é difícil de conseguirmos, de termos tempo para descansarmos, para fazermos o corte, não é?" [E8] "Sim (sorri) mas muito no sentido que temos de ser nós a fazê-la corresponder, eu senti muito isso. Todos os dias eu tenho de voltar a pensar, bom ok Rosa qual é o teu objetivo? É só ocupar o tempo livre destas pessoas? Não! É capacitar, ok, então o que é tens que fazer de diferente? Isto. É um bocado sempre auto motivação…" "…não é as entidades reconhecerem ou termos uma Ordem, não, no fundo é as pessoas, se nós vermos que as pessoas estão satisfeitas, então estamos a fazer um bom trabalho." [E9] "…a realidade é dinâmica (…) Há uma série de problemáticas que se pode sempre trabalhar e se tivermos oportunidade em vir desenvolve-la em qualquer entidade independentemente da sua natureza acho ótimo, desde que traga algumas mais-valias…"	num sentido mais formal, a educação não formal, entre outros. O educador deve estar preparado para o inesperado. A qualquer momento pode ser preciso improvisar. Não pode estar preso a uma determinada forma de atuar. Muitos educadores falam na questão da satisfação profissional e na importância da auto motivação. O trabalho pode nem sempre correr como se prevê e esta é uma profissão que apresenta algumas fragilidades nomeadamente em termos de reconhecimento, é importante que o educador seja capaz de se

		"Eu sinto-me satisfeito com o que faço, aliás para mim é essencial acordar e pensar que vou trabalhar em algo que gosto não é? E que sinto que estou a contribuir para algumas mudanças, porque se fosse o contrário honestamente e apesar de ter tido a formação nesta área tentaria fazer outra coisa." [E10] "Claro que isto não é tudo rosas não é? Há dias em que nós chegamos a casa e "quem me mandou a mim meter nisto?" mas basicamente durante 90% dos dias sinto-me feliz porque ter escolhido esta profissão e não me arrependo." [E11] "Estou satisfeita com o curso que tirei e estou satisfeita por trabalhar nesta área. É claro que há dias que me chateia muito e que digo "ah devia ter tirado isto ou aquilo" …o educador social não tem, regra geral, um contexto muito estável e com grandes condições de trabalho e eu acho que vou continuar a sentir isso." [E12] "…nós temos que sobreviver e temos que viver e temos que ter alguma qualidade de vida portanto vamos tentado procurar, gerar o tal contentamento e tudo isso para não nos deixarmos morrer porque é assim, ninguém muda muito sozinho…" [E15] "…não será a profissão mais rica mas será a profissão do futuro…" [E16] "Acho que passa muito por nós, por fazermos um bom trabalho, mostrarmos que nos esforçamos, que queremos aprender e que fazemos falta. Porque se a gente vai para lá naquela postura de quanto menos fizer melhor, então aí não fazemos falta não é? Então	auto motivar. Existe a expetativa que com o desenvolvimento de boas práticas/ um bom trabalho e a satisfação das pessoas com quem é desenvolvido o trabalho será possível abrir portas para outros profissionais. É importante que sejam deixadas marcas positivas para que surja esta necessidade e esta vontade de contratar mais profissionais.

		agora quando a gente começa a trabalhar e faz um bom trabalho então aí acho que pode ser uma porta aberta para virem outras pessoas." [E17] "Eu penso que há um vasto trabalho que pode vir a ser desenvolvido (…) seja nas áreas rurais, seja nas áreas citadinas devido à boa preparação que eu acho que nós temos no campo da intervenção para melhorar a qualidade de vida das comunidades, das pessoas, encontrar novas soluções, novos projetos que promovam e/ou facilitem à melhoria das suas qualidades de vida sempre com a participação dessas pessoas." [E19] "…seja em que profissão for mas nesta acho que é fundamental e é alguém que tem que estar atento para poder depois potencializar transformações, alterações seja no âmbito mais restrito seja no âmbito mais alargado é alguém que tem de estar desperto para si e para os outros e para a realidade, para aquilo que é o mundo hoje." [E20] "…quem quiser ser bom educador social está na onda. É como se diz "quando há crise, há oportunidades!" é verdade, então neste momento é a oportunidade para esta função, eu acho! Tenho a certeza absoluta! Quem quiser ser um bom educador social e souber ir à procura…mas tem de ir à luta! Não pode ficar à espera que venham chamá-lo "anda lá aqui e vem lá ver" não. Não, neste momento é a altura das oportunidades, de olhar à nossa volta e do educador social pensar "Pera aí! Isto tá complicado aqui, aqui, aqui e aqui" ter discernimento para ver o que é que faz falta, o que é preciso fazer e ir à procura das pessoas para fazer." "Eu acho que eu tenho feito as minhas expetativas resultarem ou	

		pelo menos para não saírem tão furadas quanto a isso mas eu acho que sim, eu acho que sim. Eu revejo-me totalmente nessas funções e sou defensora acérrima da figura do educador social." [E21]	
	4.8. Obstáculos e dificuldades na profissão de EIC/ES	"Eu acho que esta profissão acaba por precisar um bocadinho é de tempo porque tínhamos mais espaço no mercado de trabalho se começássemos a desenvolver bons projetos e boas metodologias sociais, agora claro que para isso é importante que saiam bons profissionais e que se formem boas pessoas, porque se o trabalho que os profissionais fizerem não for muito bom isso faz também com que a profissão demore mais tempo a chegar onde todos nós desejamos. Agora se remarmos todos para o mesmo lado e se trabalharmos todos em conjunto e se não formos pessoas que manchemos, digamos assim, o nome do curso, acho que tem pernas para andar e as coisas vão correr bem, é uma questão de tempo, este curso tem se calhar quatro, cinco anos (…) acho que há que deixar as coisas correrem." "Uma das situações que tenho tido alguma dificuldade em gerir, mas que tive de me obrigar a fazê-lo é a situação do tempo e teve de haver dias em que não atendia telefonemas porque achava que não tinha de atender telefonemas, teve de haver dias em que atendia os telefonemas porque achava que tinha de atender telefonemas, ou seja, parece que trabalhamos 24 horas por dia 7 dias por semana e isso por um lado é mau às vezes. Eu acho que nós também precisamos de tempo para nós e também precisamos que haja algum equilíbrio em todos os aspetos e acho que é uma das coisas más da área social, é que quem gosta, gosta de tal maneira que se esquece um bocado dele próprio e acho que a partir do momento em que nos esquecemos de nós próprios também não podemos ser bons para os outros nem trabalhar com ou outros…" [E1]	Estado: cortes sucessivos às entidades. A falta de financiamento das entidades leva a uma menor contratação e a muitas limitações no trabalho dos educadores. Como existem menos profissionais os educadores são levados a fazer um pouco de tudo e não têm tempo para realizar algumas tarefas próprias e que este gostaria de fazer. Por outro lado é a falta de recursos da entidade. Também se poe a falta de trabalho mas eu questiono-me sobre esta opinião. Será que esta afirmação não está

		"…quem não conhece o curso, acha que nós trabalhamos, ou seja, nós não temos um trabalho concreto, por exemplo se nós falarmos num psicólogo sabem o que o psicólogo faz, se nós falarmos num enfermeiro sabem o que o enfermeiro faz, mas quando chega à parte do educador fica sempre um bocadinho "Ups! O que é que será que este educador social faz? O que é que tu fazes?", assim como a assistentes sociais, a gente sabe o que uma assistente social faz mas quando chega ao educador social eles ficam assim sempre um bocadinho reticentes "que profissão é essa? O que é que tu fazes?" "…há muitos educadores socias que eu conheço que realmente são muito preconceituosos, fazem muitos estereótipos da sociedade, das pessoas e que depois revela-se num mau trabalho, como eu já tenho encontrado muitos que só fazem pronto, coisas menos boas…" "…sinto mais uma vez que as instituições não conhecem muito bem o que é o nosso curso e acho que às vezes eles também nem querem saber, desde que nós façamos as funções que eles nos delegam esquecem o resto (…) as instituições também deviam colaborar mais ou tentar saber o que nós fazemos, o que nós estamos preparados para fazer…"" "…a educação social acho que é muito amplo e ainda não está muito reconhecido, acho que devia estar mais e claro, e as próprias entidades públicas deviam…mais as públicas porque são aquelas que têm mais facilidade em abrir concursos e dar mais oportunidades às pessoas…" "…há muito aquela coisa do nome, é trabalhar para o nome, para o nome, não para as pessoas! (…) acho que uma IPSS tenta sempre lutar pelo nome da instituição e para se manter e acho que às vezes esquecem o seu objetivo, a sua missão, o compromisso e a sua responsabilidade, pelo menos foi o que eu senti."	relacionada com o facto de haver pouco financiamento das entidades para contratar profissionais? Trabalho parece haver muito. Os maus profissionais são um obstáculo importante. Isto vai originar limitações no trabalho e pode originar problemas tanto nas relações entre colegas como no funcionamento das entidades. A falta de reconhecimento é um problema para esta profissão e aliada a esta está a indefinição do trabalho/funções e tarefas que o educador pode desenvolver. Isto leva a que o educador muitas vezes se afaste do seu propósito e faça tarefas

		"Agora aqui eu acho que muitas vezes não sou reconhecido, eu acho que o progresso na carreira como tu dizias ainda há pouco, para nós é muito difícil, nós educadores sociais…" [E2] "…eu acho que mais uma vez cabe-nos a nós sensibilizar também as próprias instituições para perceber a falta que o educador faz em cada instituição porque o educador é diferente de um psicólogo, dum assistente social e dum sociólogo e as pessoas têm sempre tendência em juntar estas profissões e em por dentro do mesmo saco mas não, cada um tem uma função e todos juntos fazem uma equipa multidisciplinar e isso seria o ideal." [E3] "E depois é assim, há muitos técnicos sociais, não é só os educadores sociais não é? São os sociólogos, os investigadores sociais, os assistentes sociais, há muitos técnicos sociais, há demais no mercado, há técnicos sociais a mais infelizmente…eles fazem falta, eles fazem falta, só que não há dinheiro para lhes pagar, e mais e ultimamente o que me tenho apercebido, as instituições estão a pedir técnicos muito específicos para as áreas e ultimamente tem aparecido que os técnicos específicos são assistentes sociais e querem concursos de assistentes sociais e não como educadores sociais e isso é uma menos valia para nós não é? "…o governo agora está a fazer cortes em tudo inclusive nas direções regionais de educação (…) E uma vez mais não há dinheiro para essas coisas, tem que se cortar aquilo que eles consideram não essencial…" "…os mais altos, são as hierarquias. Esse é que deviam reconhecer um bocadinho mais o nosso trabalho…" [E4] "…neste momento estou no quadro da associação mas isso não me	que não estão tao ligadas à sua profissão. Pode acontecer ser aquelas tarefas que estão em S.O.S. nas entidades e que ninguém faz. Ou o trabalho referente a um outro profissional. A existência de muitos técnicos sociais (educadores, educadores socias, sociólogos, psicólogos, assistentes sociais) e muitas vezes as funções são confundidas. Cada profissional deve estar consciente de qual é o seu trabalho, principalmente os educadores. Existe instabilidade e insegurança no trabalho o que leva a que os profissionais não tenham uma motivação e um gosto. Vivem

		garante nada, portanto nós trabalhamos por projetos e se acabar o projeto não há continuidade e portanto vimos para a rua como em todos os outros sítios neste momento, sendo educador social ou não portanto não me traz nenhuma diferença…" "…conheço bem a nossa realidade, aliás na minha opinião estas associações, organizações da sociedade civil têm um bocadinho os dias contados, pronto porque estrangulam-nos completamente." "…as instituições não têm dinheiro para pagar a mais técnicos para poder desenvolver um trabalho mesmo na área da educação social, estar mais com as pessoas, fazer mais coisas com as pessoas, passam muito tempo embrulhados em papéis…" "…os apoios a estas instituições são cada vez mais restritos, são cada vez mais apertados, as exigências são cada vez maiores…" "…os recursos são muito poucos a gente não tem dinheiro para fazer aquele trabalho que é muito importante…" [E5] "…nunca foi um trabalho continuado. Todos os anos chegam novas pessoas e até integrar e adaptar não sei que perde-se muito e não há um trabalho mesmo." "O que é que poderia ser feito? Se calhar o contributo por parte do Estado porque eu acho que faz falta, nas IPSS's, nas câmaras, faz falta, mas muitas vezes não há verba, não há…falta faz, agora o que é que poderia ser feito?" [E6] "…não é reconhecido mesmo aqui na câmara municipal, quando se pergunta "ah os profissionais da ação social são de que áreas?" "Serviço social, são todas as assistentes sociais", portanto há essa falta de conhecimento e aqui nesta divisão há três educadores socias e as minhas chefias continuam a dizer que nós somos assistentes sociais."	constantemente na incerteza. Como não sabem se ficam podem não fazer para dar o seu melhor, vão apenas fazendo o que lhes compete sem grandes objetivos ou perspetivas. Os resultados depois não são os melhores. Verifica-se uma falta de motivação dos profissionais. Muitos não participam nas atividades, vivem alheios ao que se passa. Não participam em grupos de discussão. Tem a ver com o quê? Falta de interesse? Estado nacional? As questões burocráticas das entidades muitas vezes são limitações. Nalguns casos foi referida a falta de liberdade por parte das

		"…sempre estes entraves das questões políticas, mas isso acontece em todo o lado seja político ou não, porque por vezes as chefias têm outros objetivos e outras orientações que nós vemos de maneira diferente e acho que no fundo é tentar conciliar o nosso lado com o lado deles e chegar a um consenso…" "Faz falta um abrir de olhos para a parte do Estado porque se não houver trabalho social nada anda para a frente e o nosso país vai ficar parado, como está a ficar, porque o Estado não abre os olhos para isso e enquanto não houver um reconhecimento da importância que estes técnicos têm e do trabalho que podem desenvolver não se consegue. Eu acho é que o grande problema é que o Estado quer resultados a curto-prazo e quer milagres e o trabalho social não se consegue fazer assim, demora algum tempo mas havemos de chegar lá (sorri) eu penso positivo." [E7] "Eu acho que penso que o trabalho social é muito ingrato nesse aspeto porque não se vê logo os resultados, não é? Nós andamos a trabalhar mas pronto os resultados não são muitos visíveis ou não são de imediato visíveis, acho que li algures por aí que para mudar uma família são preciso cinco gerações e mesmo assim, pronto às vezes é difícil conseguir-se observar mudanças na estrutura das famílias por exemplo, mas penso que a principal dificuldade é essa, é não se conseguir perceber que se fez algo de bom e perceber que houve uma mudança de muitas vezes esse trabalho, exatamente por isso não ser reconhecido, não ser valorizado." "A nível profissional e a nível de realização encontro-me satisfeita e tenho pena do trabalho não ser mais valorizado e pronto eu também não ser melhor pago porque nós somos profissionais e também precisamos de... e gostamos que o nosso trabalho seja reconhecido tal como os outros profissionais."	entidades. As instituições são muitas vezes vistas como retrogradas e limitadas. Estas instituições condicionam em muito o trabalho, preocupam-se em fazer todo o trabalho de escritório, burocrático e não existe uma preocupação real com as pessoas. A Vida pessoal *versus* vida profissional (controlo de emoções) é um problema. Surge da questão de se trabalhar diretamente com a comunidade e com a vida das pessoas. Um educador tem de conseguir gerir e separar as coisas, é muito difícil não nos envolvermos. É necessário separar a vida das pessoas da nossa. Deixar o trabalho no trabalho.

		"…é um trabalho que não é visível, que é difícil de avaliar e que nem sempre se consegue… não é que eu precise de reconhecimento para fazer o meu trabalho, não é? Mas é um trabalho que não é valorizado e que muitas vezes é deixado para segundo plano, não é? E isso faz com que, é mais visível construir uma estrada, construir uma casa, não é? Ou construir alguma coisa porque vê-se que foi feito do que propriamente ter um técnico a trabalhar nesta área e a trabalhar com uma comunidade, infelizmente." "…penso que às vezes é mais complicado porque mexe com pessoas, mexe com menores, mexe com jovens e mexe com problemas muito complicados que muitas vezes estão nas nossas mãos e que sentimos esse peso." "… o próprio Governo penso que reconhece que o trabalho é necessário, o problema é depois a gestão dos recursos que não chega para tudo e depois pronto ou que depois não é canalizado para o melhor." [E8] "...o não ser reconhecido, apesar de saber que houve um grande esforço das gerações anteriores, de o fazerem, de o tornarem realmente reconhecido, agora é verdade que eu me deparo com isso todos os dias, é dado valor ao técnico de serviço social, é dado valor ao psicólogo e quando chega à minha parte "ah tu és aquela que faz animação não é?" e eu "bem não é bem isso mas… podemos ir por aí"…" [E9] "A nível de constrangimentos eu acho que é como eu já tinha dito há pouco, é uma questão de conhecermos um pouco mais a profissão, é uma questão de nós educadores sociais no terreno darmos de nós e mostrarmos do que somos capazes e do que podemos fazer e acho que a partir daí…claro que as coisas são todas	Esta é uma área onde se desenvolve algum trabalho mas onde os resultados só são visíveis passado muito tempo (a longo prazo). Isto leva a que não se dê o reconhecimento devido. Não se apoia tanto este trabalho como se deveria. As pessoas querem resultados a curto prazo, que sejam imediatos. É complicado trabalhar onde são exigidos resultados e onde estes não aparecem no momento. É necessário tempo para amadurecer e para deixar a profissão tomar o seu rumo, ser trabalhada. Alguns educadores

		muito lentas, as pernas para andar são curtas." [E11] "...falta de condições de trabalho ou com a questão da instabilidade da empregabilidade..." "Às vezes sinto-me um bocado solitária porque enquanto educadora social quero sempre fazer coisas muito mais viradas para o social e sinto-me um bocado limitada pelas questões do funcionamento do próprio centro, porque temos metas, porque temos coisas que temos que cumprir e em termos de ministério não se valoriza tanto o trabalho social mas sim os resultados que nós obtemos portanto às vezes gostava de fazer coisas mais giras com os adultos e não consigo porque tenho de trabalhar para aquilo que é exigido em termos de objetivos, vá la." "Ahh desvantagens… eu acho que ainda continua a ser a questão do estatuto e da nossa figura ser reconhecida porque noto, se calhar comparativamente a outros, a outras profissões ainda estamos um bocadinho desprotegidos e somos um bocadinho desprezados em termos sociais porque não há muita gente a saber o que é o educador social." [E12] "Porque de facto esta área é tão desmotivante e lidamos diariamente com a frustração não é? Porque nós queremos mudar e quando saímos do curso então, pensamos que conseguimos mudar o mundo e depois lá está a realidade profissional limita-nos muito e as burocracias…" "…de facto é uma área de grande responsabilidade e que de facto e uma área que deveríamos ser bem pagos não é?" "Eu acho que é assim a frustração não tem obviamente a ver com o curso não é? Tem a ver com a área, tem a ver com as respostas sociais, tem a ver com a má gestão dos apoios sociais não é? Que	queixam-se de falta de valorização do trabalho desenvolvido. O progresso na carreira foi considerado uma dificuldade. Eu questiono-me se isto pode ser considerado uma dificuldade ou um obstáculo tendo em conta que neste momento nem existe. Penso que este progresso deve ser feito mais a nível pessoal, investido na formação através de mestrado ou até de um doutoramento. A última limitação apontada foram as limitações pessoais inerentes a cada profissional. É essencial em primeiro lugar conhecer-se e conhecer os seus limites. O profissional deve tomar

		até há uns anos atrás era atribuída a toda a gente, a quem precisava e a quem não precisava e neste momento com os cortes vai-se ser a direito não é? E depois vamos ter realmente situações entre os braços em que realmente tu sentes que devia ser feita alguma coisa para ajudar aquela pessoa e depois não temos meios não é?" [E13] "Também tive em Roma…não cheguei a dizer mas também tive na parte de candidaturas de financiamento de projetos europeus e não e pensa lá em necessidades, pensasse que quer-se ter uma quantidade de dinheiro por isso vamos inventar um projeto que dê financiamento e por isso inventamos as necessidades…" "…é complicado porque tu pensas que e querias uma intervenção, pensas em N coisas que se podem fazer mas depois quando chegas àquela fase da concretização ou de ver os resultados é complicado porque eles desmotivam-se muito facilmente e muitas vezes não querem, é isso com que eu ultimamente me tenho deparado." "Muitas vezes também há esta barreira não é? Que nem sempre o que a associação defende é aquilo que tu defendes." "Eu sinto falta daquela garra, de lutar pela questão de "tirei este curso e quero fazer alguma coisa com ele!" e quero fazer, quero no fundo exercer a minha função, não é? De educadora social e isso uma minoria é que tem, e fico super desmotivada quando sinto isto porque se fossemos todos em conjunto, se todos tivéssemos esta motivação e esta vontade de fazer coisas às vezes…" [E14] "As chefias das várias divisões recebem ordens e têm que corresponder a determinados chamados objetivos só que o problema é que os objetivos que estão em causa muitas das vezes não são os objetivos daquelas pessoas que precisam mesmo de ajuda portanto entramos aqui outra vez novamente em conflito…"	consciência das suas limitações e tentar contornar a situação, procurando soluções.

		"…quem dita as regras está tão longe que se nós partirmos do princípio que estamos na base e se olharmos para cima não os vemos…" [E15] "…acho que é tido um pouco como um curso de segunda. Acho que às vezes as pessoas pronto preferem um assistente social do que um educador social que é como se não fosse licenciatura que chegasse pronto (sorri) é um bocadinho a baixo. Acho que isso é errado, acho que não há razão nenhuma para isso acontecer e penso que também por exemplo pelo ministério da educação também não é um curso que seja muito reconhecido porque haveriam se calhar outras oportunidades de trabalho dentro da educação, da formação e nós não os temos porque não há esse reconhecimento por parte do ministério da educação. Da segurança como já me têm dito várias vezes depende muito da cunha…" [E17] "Olha eu acho que a ética nunca fez mal a ninguém e acho que nós devíamos ser mais consistentes com aquilo que dizemos e aquilo que fazemos e com aquilo que aprendemos e aquilo que fazemos, porque muitas vezes aprendemos uma coisa e depois vemos muito boa gente a fazer muito boa merda…" [E18] "Há sempre esta luta dos assistentes sociais e outros categorias profissionais com medo que alguém anda a tirar o trabalho aos outros, o que não é bom para ninguém, tem de haver uma clarificação de quem faz o quê. (…) Agora há profissões que têm um maior reconhecimento do que nós no mercado de trabalho e um *status* que nós neste momento não temos e andamos sempre a competir por causa disso." "…há um enorme trabalho e um enorme mercado de trabalho, agora	

		é assim, as dificuldades económicas, a crise, a dificuldade dos projetos não cofinanciados são fatores muito constrangedores e limitativos do melhor aproveitamento destes técnicos para as comunidades." "Devia de ter sido feito um maior aprofundamento e um maior trabalho daquele que foi feito, sobretudo com o Ministério da Educação no reconhecimento do curso." "…como digo esta quebra do encerramento do curso com o nome original, da não continuidade da especificação de um grau de formação mais elevado na área inicial de formação prejudica-nos." [E19] "…lidar com estes aspetos de cariz mais psicológico e emocional é um bocadinho complicado…" "…as instituições (…) são estruturas sempre um bocadinho rígidas e as coisas têm de ser ali por aquela linha, não pode ser de outra maneira ou então porque têm aqueles projetos e depois os projetos como são financiados têm de te aqueles objetivos atingidos, caso contrário, estás a perceber?" "As pessoas estarem muito presas a um determinado ponto de vista é muito complicado, tu depois fazeres as coisas de outra forma portanto tenho tentado, mas não tenho grande margem porque isto é um sistema um bocado fechado e extremamente controlado, portanto não tenho muita forma de fugir, nem posso, sob pena de ser bastante penalizada (sorri)." [CNO] "O que eu acho é que o próprio sistema em si está muito fechado, isto não era para ser assim e progressivamente foi evoluindo no mau caminho, desde logo porque o paradigma que está subjacente a isto, o da aprendizagem ao longo da vida, pois não deixa margem para dúvidas e portanto é certificar, certificar,	

		certificar e certificar e muitas vezes deixa-se de lado outros aspetos que para mim são mais importantes." "Agora as limitações, as limitações muitas vezes não estão só nos outros, estão, muitas vezes, em nós próprios não é? Cabe a quem está, onde está avaliar quais são as limitações que tem, de que natureza são e o que pode fazer para alterá-las, porque nós podemos transformar, se somos educadores sociais e pretendemos provocar mudança nos outros, essa mudança tem que começar em nós, essa transformação tem que começar em nós caso contrário não seria coerente não é?" [E20] "Epá sei lá, as limitações às vezes são se calhar tu teres algumas ideias enquanto educador social e não tas deixarem fazer. Teres alguma noção de alguma coisa que seja exequível e real e possível e apresentares os teus argumentos e dizeres que A mais B mais C que é aquilo e quem está à tua frente não te deixa fazer." "Há colegas nossos que eu olho para eles e penso assim "tu era bom que desses um salto daqui para fora para outra coisa qualquer porque ias ser mais feliz e ias fazer as pessoas mais felizes. Aqui não estás a fazer isso." [E21] "…por muito que uma pessoa se esforce sabe que é em vão...que nunca será reconhecido ou dado o devido valor por parte da entidade empregadora. Sem dúvida, que na minha opinião o Educador Social faz cada vez mais falta à sociedade, nas diferentes instituições onde podemos dar respostas, colaborar com equipas multidisciplinares e em conjunto promover a mudança, e sinto que não somos reconhecidos, quando o somos não temos meios para continuar por falta de meios económicos..." [Q18]	

		"Penso que ainda é necessário um longo trabalho por parte da nossa sociedade, para que a figura do Educador Social seja reconhecida. É um trabalho com um grande valor, porém não existe valorização por parte da comunidade geral, nem valorização em termos monetários. Por vezes, encontro ofertas a solicitar pessoas licenciadas na área social e depois a renumeração é uma miséria! Enfim, penso que ainda é preciso uma grande caminhada." [Q42] "A única coisa que eu sabia é que era para trabalhar com pessoas…e então, eu acho que às vezes o próprio nome se calhar do curso, educação e intervenção comunitária e agora, educação social é um bocado vago e ou tu já tens alguma ou muita informação sobre o que é que é aquilo ou então escolhes outra apesar de não saberes muito bem o que é, apesar de tu saberes que aquilo pode ser a tua vocação inicial e se calhar isso pode ter sido um dos motivos para muita outra gente ter escolhido outra primeira opção, se calhar uma psicologia, ou uma sociologia ou um serviço social, qualquer coisa, assistente social, que seja mais direcionado mesmo para a profissão que queriam e não este que se calhar é tão vago, é tão abstrato." [FD] "Olha eu acho que isto é altamente representativo em primeiro lugar do grau de responsabilidade pelo que as pessoas se regem, esta é a primeira. A segunda é o pouco interesse que as pessoas têm numa coisa que tem a ver consigo próprias mas pronto como é sempre, encaram sempre como isto é um objetivo que é dela, "isto é dela"." [FE]	
	4.9. Motivos de satisfação pessoal e	"É super motivante, é muito bom poder trabalhar com aquelas crianças e ver que ao final do ano e perceber que as coisas	O principal motivo de satisfação apontado pelos

	profissional	mudaram." "…vou buscar um exemplo que tenho de uma miúda que tive no ano passado que se calhar foi até hoje uma das coisas que tive mais orgulho que foi tê-la como minha aluna, termos ido a uma feira, ela ter visto um *flyer* do Chapitô e depois ela trouxe o *flyer*, eu limitei-me a angariar mais informação, a falar com ela sobre isso e hoje em dia ela está a tirar um curso no Chapitô há pouco tempo vi o telejornal em que estavam a fazer início do ano do Chapitô e começou com um passeio de barco e fiquei super contente quando a vi na televisão e passado três ou quarto dias telefonei-lhe e falei com ela e isso acho que é isso que nós levamos…" [E1] "Tenho um senhor que, já vai fazer um ano... Ele vivia numa habitação fora de Faro, com condições muito, muito más, estava supostamente a pagar uma renda mas não pagava renda porque não tinha dinheiro suficiente, aquilo era uma casa ilegal que nem sequer existia, era um estábulo de animais que depois foi transformado em casa mas pronto não tinha condições nenhumas. Eu depois ajudei o homem a fazer uma carta para a câmara, a tratar de papéis para ele tentar receber mais apoios sociais porque a reforma dele de invalidez era bastante pequena, apoio social não existe! Normalmente as famílias são todas desestruturas e não querem saber uns dos outros, falam-se mas tão-se a lixar. E então durante este ano, durante um ano mais ou menos, consegui que o senhor tivesse acesso a uma habitação social, ele agora já está num bairro, já tem mais condições na habitação, já consegue gerir melhor o seu dinheiro, ou seja, pagar a renda, pagar a luz, o gás, tentar comer, mesmo o próprio comportamento dele porque ele estava super revoltado com a instituição e com tudo o que era técnicas porque	vários educadores é o verificar alguma mudança. Não se pode querer mudar o mundo mas verificar pequenas mudanças é o sinal de que o trabalho que está a ser desenvolvido está a ser bem desenvolvido e que está a dar os seus frutos. Outros aspetos que levam a satisfação profissional são o contacto com as pessoas, a perceção de que as pessoas reconhecem o seu valor e o facto do seu trabalho ser reconhecido tanto pelas pessoas como pelas entidades. Todos estes motivos estão relacionados a umas boas práticas e a um trabalho bem feito. Fator principal de motivação.

		ninguém compreendia o problema dele, que ninguém queria saber dele e eu pelos vistos lá consegui tentar compreender o problema do homem, tentar que ele conseguisse uma habitação, que ele conseguisse ir buscar alimentos a uma instituição, que ele participasse nas nossas atividades para estar ocupado, pronto, esse aí digamos que marcou um bocadinho, pelo menos mudou a vida do senhor." [E2] "Pois é que a minha profissão teve muito essa função do recompensar e as pessoas com que trabalho, neste caso os adultos acho que tiveram muito esse papel. O reconhecer que se calhar foi graças ao nosso trabalho de equipa que eles viram as competências reconhecidas e são agora pessoas mais motivadas, mais valorizadas, mais reconhecidas, essencialmente por ai…" [E3] "É muito giro porque a médio longo prazo vê-se alterações nos comportamentos e há muitos dias que são dias não mas também há dias que são dias sim e quando nós vemos que em trinta crianças ou trinta jovens conseguimos mudar um é um sucesso, não é? É um sucesso e o trabalho do educador social tem de ser assim, se não for, se não nos agarrarmos a estes pequenos sucessos então não vale a pena trabalhar nesta área, não vale a pena." [Terceira idade] "Eu acho que das coisas que me satisfez mais até agora foi isso porque eles têm tanto para dar e nós aprendemos imenso com eles e a vida é feita de aprendizagens…" "…eu tenho trabalhado com adolescentes e é muito bom trabalhar com adolescentes mas a área que mais me satisfaz é dos 6 aos 10 que é a tal área do primeiro ciclo que eu não fui (…) é a área que nós ainda conseguimos principalmente no 1º e 2º ano, conseguimos moldá-los…"	Outros motivos de satisfação que também foram apontados foram: - as "heranças" deixadas e a continuidade de projetos. Sinal que o trabalho desenvolvido deu frutos e por ser tão importante foi aproveitado e houve uma continuação. - quando os educadores alcançam os objetivos a que se propõem - o facto de haver alguma liberdade e abertura por parte de algumas entidades para se poder propor; oportunidade de inovação, participação. Fundamental para uma evolução positiva, tando da entidade como do profissional.

		"Recebemos muito, aprendemos muito, damos sim senhor mas acho que recebemos mais do que aquilo que damos e isso sem dúvida é gratificante…" "Uma das minhas maiores realizações a nível profissional e ainda hoje falo nisso, e tenho algumas, tenho algumas no meu percurso profissional, mas uma das maiores foi… estava eu num dos meus projetos e tava a fazer animação pronto intergeracional e levei miúdos de jardim-de-infância a um centro de dia e tinha uma idosa cega que perdeu a visão e que nunca tinha pintado na vida dela e eu pus uma idosa a pintar e quando ela se apercebeu que tinha um pincel na mão e que estava a pintar num papel na parede, aquele sorriso que ela esboçou naquela cara de orelha a orelha foi e é a maior satisfação que me podiam ter dado, valeu por tudo. Saber que pus uma idosa cega a pintar e que lhe deu prazer pintar… "…uma jovem ficou a conhecer o Chapitô, ela é da área das artes e pronto PIEF's são todos miúdos muito complicado, não têm muitas orientações a nível profissional nem estão muito chateados com isso e levei-a à Futurália a Lisboa e ela tomou conhecimento do Chapitô e neste momento está a seguir os seus estudos no Chapitô para completar o 12ºano." "…tenho outros exemplos de outros jovens que iam deixar de estudar e que agora estou no 11º e 12ºano já e que já fazem planos para a universidade e é excelente, excelente ouvir depois e ver que nós fizemos a diferença na vida daqueles jovens e daquelas pessoas. Ver que nós fizemos a diferença é muito bom, muito bom mesmo." [E4] "…há muitas histórias, muitas relações, muitas amizades que ficam com as pessoas e depois é como eu costumo dizer "os projetos acabam e é o que tem de bom os técnicos que vêm trabalhar num	

		projeto, tão naquele sítio e depois acabou o projeto, a gente faz o relatório de encerramento vai embora e as pessoas nunca mais nos vêm e acabou." Pronto nós é um bocadinho diferente porque os projetos acabam mas as pessoas ficam lá no sítio e nós quer queiramos quer não a gente levanta expetativas nas pessoas e as pessoas esperam coisas de nós e como eu costumo dizer "os projetos acabam mas ficam as heranças" e eu tenho muitas heranças!" "…agricultores, pessoas de idade que pronto por vezes não têm família e que qualquer palavra amiga ou qualquer pessoa que chegue ao pé deles e lhes dá um bocadinho de atenção é uma mais-valia muito grande…" [E5] "Acontece, para nós e para mim em particular se calhar para os meus colegas também mas pronto falando de mim a questão dos júris de certificação é o momento mais gratificante porque o processo é feito de altos e baixos não é? A pessoa entra muito entusiasmada e com a expetativa lá em cima, agora já nem tanto porque algumas são obrigadas literalmente pelo instituto de emprego a procurar e a inscrever-se num centro mas falando na realidade até à bem pouco as pessoas vão com uma expetativa muito elevada, ao longo do processo essa expetativa baixa, sobe, baixa, sobe portanto tem picos, tem e depois quando chega ao fim que a pessoa vê todo o trabalho que realizou, o portfólio final, esse momento é sempre muito gratificante e depois em sessão de júri normalmente as pessoas elogiam-nos, faz parte porque nós contribuímos para aquele resultado final e acho que esse é dos momentos mais gratificantes, quando as pessoas realmente e publicamente reconhecem o nosso trabalho, acho que isso é mesmo… porque lá está o processo foi complicado, não foi linear, a	

		pessoa entrou com uma expetativa lá em cima, com os trabalhos se calhar foi descendo, houve momentos se calhar em que quis desistir, não desistiu porque nós estávamos ali ao lado muitas vezes e depois quando chegam ao fim reconhecem isso tudo, acho que é o mais gratificante." [E6] "O contato com a população, sem dúvida." "Não tenho uma história em específico, mas houve uma altura e neste momento está cessado esse apoio, que era o apoio à recuperação de casas degradadas, onde a câmara fazia intervenções, não só pequenas como grandes intervenções e isso realmente era uma satisfação, porque a câmara conseguiu requalificar algumas casas de pessoas idosas que estavam em condições péssimas e que a pessoa sair de lá para se fazer as obras era um filme, e era uma complicação, e depois de…mas esse era um processo acompanhado, porque nós visitávamos a pessoa e explicávamos porque é que tinha de ser assim, durante quanto tempo é que ia estar fora e realmente ver a alegria das pessoas quando viam a casinha delas requalificada e em condições diziam "Afinal vocês tinham razão e isto foi para o meu próprio bem", mas aí foram várias, não foi uma situação, mas realmente essa foi das melhores." "A semana passada aconteceu uma coisa ótima (sorri), vou já partilhar, nós estamos a trabalhar em todos os bairros e estamos divididas por equipas e estamos a tentar fazer uma gestão de lotes que é basicamente um condomínio para que os lotes permaneçam com algumas condições, porque há lotes que estão do piorio, maus cheiros, desarrumados, sujos e portanto estamos a fazer esse trabalho e quando nós chegamos lá dizem "Não venham para cá com essa conversa, porque isto ninguém limpa e ninguém vai limpar" e nós fazemos reuniões dentro do lote do próprio terreno	

		com todos os moradores, coisa que nunca acontece, porque eles nunca se juntam e quando é para fazer a reunião se for preciso estão dentro de casa e não vêm para a reunião "Não vou, não quero falar com a vizinha da frente" e nós temos conseguido que estejam todos ou a grande maioria na reunião e a semana passada uma senhora viu-me e à minha colega na rua e disse assim "vocês conseguiram um milagre", e eu disse-lhe "Então Dª. Luísa o que se passou?", "Todos os moradores do lote estão a limpar e eu nem sei como é que vocês conseguiram isso" (sorri). E portanto isto é bom não é? É motivante para uma população que inicialmente nem queria ouvir falar em limpar o lote." "…quando se consegue aquilo que se quer, o objetivo, é muito, muito gratificante e só por se conseguir às vezes um objetivo que à partida era muito difícil de lá chegar, isso é logo recompensador para todo o trabalho que já foi desenvolvido…" [E7] "A nível profissional e a nível de realização encontro-me satisfeita…" "A primeira experiência profissional acho que nos marca sempre e aquele projeto em que trabalhei da fundação António Silva Leal da Horta da Areia, ainda hoje deixa, vai deixando as suas marcas e vai tendo, porque pronto infelizmente é um bairro muito complicado e penso que o trabalho que se fez lá na altura foi um trabalho muito importante, claro que não conseguimos fazer milagres, ainda hoje encontro esses jovens com quem trabalhava na altura, que na altura deviam ter seis, sete, oito anos e agora têm dezasseis, dezassete e vintes, nem todos em boas situações não é? Alguns foram presos e têm situações de delinquência graves mas ainda hoje os encontro e o facto deles pronto falamos e recordarmos aquela experiência, principalmente nas colónias de férias e nas saídas com os miúdos,	

		isso deixa-nos sempre uma satisfação…quer dizer que o nosso trabalho naquele momento pode não ter sido muito visível as mudanças mas deixou algumas marcas e nós nunca vamos conseguir avaliar até que ponto mudou ou não aquela pessoa não é? Não sabemos o que é que ela teria sido se não tivesse passado por aquela experiência mas o facto de dez, quinze anos depois eles nos encontrarem na rua e nos falarem e nos cumprimentarem é um sinal que realmente houve ali uma marca não é?" [E8] "É uma área muito pesada, muito, muito pesada, acho que se vê níveis um bocado degradantes (sorri) do ser humano, isto falando a sério, e é difícil…o meu dia-a-dia para mim é difícil gerir mas depois quando temos esses pequenos momentos, que são realmente gratificantes para mim vale a pena." "Pequenas coisas, como eu estava a dizer. Sorrisos, por exemplo mudanças, pequenas grandes aliás, o facto de por exemplo em São Tomé eu ter feito formação com um grupo de jovens que queria construir um centro social e eu a saber que neste momento o centro social já está construído, isso é fantástico, por exemplo sim." "Neste trabalho são coisas muitos pequeninas portanto passa desde as pessoas acabarem uma atividade, por exemplo tiverem a experiência de fazer ioga, levei-os a um centro de ioga e depois quando acabaram disseram "ah nunca me senti tão leve, à tanto tempo que eu não me sentia assim tão bem", pronto isto é uma pequena coisa mas que é ótima, sim é muito bom." [E9] "Eu acho que a possibilidade de propormos, de termos abertura e recetividade para propormos e de mudarmos algumas questões que no passado achámos que não seriam as mais correto ou que não estariam a ser trabalhadas da forma mais correta e isso para mim	

		tem sido essencial porque permite-nos, pelo menos a mim, ter alguma motivação não é? Tentarmos resolver questões que achemos que sejam as mais corretas ou as que vão ter maior proficuidade." "…aqui acabamos por pertencer a grupos de trabalhos através da rede social, temos a oportunidade de trabalhar várias temáticas e isso para mim é o ideal." [E10] "Ah eu acho que é pequeninas coisas que nós apanhamos do reconhecimento, por exemplo quando eu estava no PIEF, eu terminei o PIEF para aí em abril…eu estava lá só há dois ou três meses com eles e eles souberam que eu fazia anos e no dia em que eu fiz anos chamaram-me às aulas, diziam que havia uma situação e que tinha de ir à sala e depois tinham feito um bolo de anos e cantaram-me os parabéns e ofereceram-me uma lembrançazinha e pronto isso foi para mim satisfatório porque eu estava lá há pouco tempo e eram pessoas muito complicadas com quem trabalhava e senti-os sensíveis e despertos nessa situação. Mas pronto claro que a nível do RSI, claro que se as pessoas disserem que gostam de nós ou que gostam do nosso trabalho ou que gostam de nós ou que gostam de trabalhar connosco ou que o ajudámos nesta ou naquela situação…também é importante e sentimos essa gratificação mas eu acho que mais que tudo é nós ao final do dia quando vamos para casa levarmos a nossa consciência tranquila e o coração cheio, é como eu lhes digo aqui a elas "a gente não leva os bolsos cheios de dinheiro, leva o coração cheio." E chega-nos a nós e portanto é todos os dias pensarmos que fazermos o melhor que pudemos e o melhor sabemos e se um dia não é bom o outro será melhor portanto o trabalho é feito dessas coisas." [E11] ...quando vejo a evolução que um adulto teve ao entrar no centro e	

		quando sai do centro com uma certificação e formações para fazer ou quando ele me diz no final do processo que percebeu a importância que a escola podia ter na vida dele e o quanto fazer o processo RVCC ou fazer outra modalidade qualquer aqui o ajudou a evoluir e a crescer enquanto pessoa…" "...a melhor coisa que existe é eu ter um adulto que chega ao pé de mim e me diga "ah Sara você nem imagina o quanto voltar à escola mudou em mim. Eu sinto-me tão bem, sinto-me muito mais valorizado porque vi que as coisas que eu andei a aprender ao longo da minha vida são importantes e têm valor na sociedade e que são reconhecidas." "Olha, uma das coisas que a mim me realiza bastante e que acho que se fosse formadora neste centro não iria andar tão contente no meu trabalho é o facto de teres imenso contacto com as pessoas." "…já tive imensas pessoas que me deram imensas alegrias, nomeadamente uma senhora que em casa era muito diminuída pelo marido, que veio para cá com uma autoestima lamentável, era uma lástima, ela não acreditava nada nela e o facto dela fazer um processo de nível básico e de ela perceber que aquilo que ela fez na vida tinha valor para alguém, que havia pessoas que valorizavam aquilo que ela tinha passado, a experiência dela, os conhecimentos, o trabalho, etc. encheu-lhe, insuflou-lhe tanto o ego que ela saiu daqui uma mulher totalmente diferente." [E12] "Eu acho que é esta vocação que eu sinto não é? E esta vontade que tenho em ajudar. Esta veia solidária de ajudar…" "É assim eu consigo ver isso às vezes não tanto em grandes mudanças porque nesta área são passos de bebé não é? E não são passos de gigante, mas por exemplo sinto muito na empatia que consigo criar com eles e isso é muito gratificante, a forma…a base	

		do respeito, como se dirigem, como me tratam e com algum carinho também não é? O que nos dá algum conforto também não é? Sim isso sinto, é a forma de recompensa melhor." "Até à data eu tenho sentido esse reconhecimento não é? O que também me deixa bastante feliz…" [E13] "Adorei estar em São Tomé e Príncipe, desenvolvimento pessoal para mim foi bastante aqueles dois meses que lá tive porque fez-me mudar perspetivas, abriu horizontes, enfim passar por tantas experiências…não sei, acho que todas…acho que o desenvolvimento se vai fazendo não é? E todas as experiências que fui tendo me marcaram por exemplo ainda durante a licenciatura eu adorei o teatro da violência no namoro, adorei fazer aquilo." [E14] "…aqueles alunos que querem aprender e que querem fazer daquilo uma profissão ou carreira, eles têm sede de aprender também e isso é, eu acho que é a pérola de ouro para um professor, é perceber que o aluno quer aprender." "Ainda hoje o que mais me satisfaz é o reconhecimento dum aluno, quando ele vem ter comigo e diz "obrigada professora porque aprendi muito contigo" isso é, é muito grato ouvir isso dum aluno, é muito grato mesmo." [E16] "Isto que eu estou a fazer realiza-me mais do que acho que qualquer outra coisa que eu tenha feito." "Acho que as coisas pequeninas que às vezes acontecem. Quando nós temos tudo, temos muito dinheiro, temos fundos, não damos valor às coisas pequeninas que acontecem, acabamos por ser mais indiferentes. Como estava a dizer eu acredito em Deus e acredito que é ele que tem trazido estas coisas pequeninas e isso é muito	

		bom às vezes ver "ok precisamos de sei lá dumas estantes tal par arrumar aquelas coisas e tem de ser daquele tamanho e daquela altura e só cabem naquele sitio" e a gente pensa "ih mas não tenho dinheiro para as arranjar" e as coisas acabam por…conseguimos arranjar as coisas não é? E isso dá um prazer incrível e também a mudança das pessoas, ver que às vezes aquelas pessoas que eram assim muito distantes…os nossos utentes por exemplo que eram muito distantes à partida, muito carrancudos e conseguirmos chegar lá às vezes e perceber o porquê daquela pessoa." "Chegarmos à pessoa, alguém vir aqui depois de estar connosco por exemplo há mais de um ano e vir dizer-nos "olha eu já arranjei trabalho. Muito obrigado por todo o apoio que vocês nos deram, agora sou eu que vou ajudar." E temos tido casos assim, pessoas que a partir do momento em que deixam de precisar de ajuda são elas próprias que vêm ajudar. Pessoas por exemplo que nós ajudámos durante algum tempo e depois que agora atualmente são voluntários (…) é muito gratificante a gente saber que ok que as coisas têm impacto na vida dos outros." [E17] "Era compensador, principalmente, pela realização profissional e pessoal que eu sentia naquilo estava a fazer e por isso também me entreguei tantas horas…" "É o contato com as pessoas, eu gosto muito de pessoas, eu amo as pessoas e acho que sem este contato com as pessoas era impossível eu fazer este trabalho bem feito, se é que eu o faço bem feito, às vezes também tenho dúvidas (…) aquilo que mais gosto, fundamentalmente é de trabalhar com as pessoas e eu tenho e isto é tão certinho como estarmos aqui agora as duas, eu tenho chegado a ir para sessões de grupo com as pessoas, no meu limite emocional em termos pessoais e às portas de entrar na sessão, para estar com o	

		grupo à minha frente e penso "eu não estou em condições, eu não me apetece ver pessoas" é humano e a verdade é que assim que chego pára tudo, pára tudo, passa tudo, sou outra pessoa logo, saio de lá de rastos porque as energias que eu achava que não tinha fui buscá-las não sei onde e claro, saio de lá acabada, mas saio de lá bem, saio de lá feliz, saio de lá realizada, percebes? É uma satisfação que não se explica pah, é uma coisa que eu não te sei dizer, mas a verdade é que dá um bem-estar, mesmo quando surgem situações de conflito, que há pessoas que questionam e porque estão contra o sistema e estão contra o processo e estão contra isto e contra aquilo e mais alguma coisa, até isso, acaba por ser gratificante, porque dá-te luta, é a única forma que eu te sei dizer" [E20] "…há aqueles momentos de frustração que a gente tem vontade de chorar e berrar e chamar nomes e dizer "isto é uma porcaria e não sei quantos" e depois há aquelas coisas que às vezes são coisas tão pequenininhas pah e dão uma satisfação tão grande, tu veres sei lá uma intervenção qualquer que muda uma comunidade inteira percebes? Ou que mude um grupo de pessoas que tiveram envolvidas numa determinada ação. Ou seja a tua ação enquanto educadora social faz a mudança com os outros e para os outros e é efetiva, não é de facto uma coisa irreal! É uma coisa que toca as pessoas, toca a vida das pessoas, muda aquilo que elas experienciaram, muda as vivências, muda a forma deles estarem e de serem e de fazerem…então estamos a fazer mudança. Isso é que é o importante, isso é que é a função principal do educador social, é a perspetiva da mudança." "Leva tempo, algumas coisas levam muito tempo não é? Décadas. Eu só agora é que estou a ter. Eu neste momento, vai fazer vinte e	

		cinco anos que estou na câmara e estou a ter neste momento a satisfação de ver muita coisa funcionar com as bases que eu semeei há dez e quinze anos atrás, agora é que está a dar fruto.” [E21] “No meio de tudo isto fico feliz quando vou à instituição onde estagiei, ou quando na rua as famílias dos alunos com quem intervim me reconhecem e me confortam com palavras e gestos que nos fazem continuar...” [Q18]	
	4.10. Voluntariado	“…nós os trabalhadores somos voluntários, aliás antes de começar a trabalhar, de ser funcionária já era voluntária. Para além disso também colaboro com a associação onde a minha mãe também é membro e também faço voluntariado quando posso que é a associação São Vicente Paulo, que ajuda famílias carenciadas ao nível da alimentação, digamos que formalmente serão estas.” “Andei nos escutas onde fizemos muito voluntariado, mesmo quando outras instituições que nos pediam lá dentro do agrupamento. Depois já fiz em vários sítios, deixa-me pensar, quando comecei a tirar o curso na universidade iniciei logo voluntariado na APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, também fiz voluntariado e depois pronto acabei também por trabalhar lá, na AAPACDM, Associação Algarvia de pais e amigos de crianças diminuídas mentais aqui em Faro. Mais? Já fiz muitas coisas, trabalho no Centro Comunitário da Horta da Areia, sempre que eles precisam costumo colaborar e antes quando estava no curso também colaborava, assim de instituições são estas.” “Mas seminários e *workshops* sim, sempre que os professores pediam colaboração para alguma coisa, dava-me como voluntária…” [E2]	Não se verifica um consenso. Por um lado é apontado como uma das soluções para alguns problemas que se poem na procura e obtenção de emprego como a falta de experiencia. Por outro lado é visto como o principal problema para que não haja contratação de profissionais. Os lugares estão ocupados por voluntários.

		"…no 1 º ano também comecei com os meus colegas a fazer voluntariado na APAV, também deu-nos outra, outra experiência…" "Um que me marcou muito foi nas férias de verão do 3º ano, foi o verão todo, foi aquele que me deu realmente muita estaleca, foi num centro de recuperação psicopedagógica e então aquilo era um centro, até era de pronto era gerido por irmãs da ordem religiosa e era constituído por 7 pavilhões em que dependente da problemática de cada população ia aumentando o pavilhão, era do pavilhão 1 ao 7. O 1 era para pessoas, crianças e jovens com carências económicas, no 2 era com mais dificuldades de aprendizagens, até deficiências profundas e sei porque na altura fui parar ao 7 que era com crianças, mas situações muito complicadas, foi complicado mas acho que me ajudou muito para prepararmo-nos para a realidade porque depois desse estágio, desse voluntariado eu fui fazer, fui começar a trabalhar na santa casa e realmente aquilo ajudou-me muito porque deparamo-nos com muitas situações, que não estamos à espera, que não sabemos lidar e aquilo realmente foi uma escola." "Quando era miúda pertencia, eu não sou de cá, sou da Madeira e lá pertenci a N associações, depois aqui as coisas mudaram, acomodei-me um bocado e tive alguma dificuldade em me inserir em termos cívicos tive alguma dificuldade nesse aspeto." "Era uma associação juvenil, pronto era ligada à igreja mas tinha muito trabalho fora em termos da própria comunidade, aquelas festas religiosas em que organizávamos a própria comunidade para participar ativamente, desde o…fazíamos atividades como teatro e musicas, danças, organizávamos excursões com a população mais velha. Pertenci também a um grupo de música, de música tradicional também de jovens, também tínhamos muitas atividades,	Entrou-se numa banalização e as entidades aproveitam-se do voluntariado e da boa vontade de muitas pessoas para não contratar profissionais. O voluntariado deve estar associado a pessoas ativas, deve ser visto como uma postura de vida. Normalmente quem faz voluntariado são as pessoas que são mais dinâmicas. Relativamente aos aspetos positivos que se podem retirar do voluntariado são dar experiencia e a possibilidade de diversificar nas áreas e contextos (maior leque de experiencias); desenvolver a criatividade; crescimento

		fazíamos muitos intercâmbios…" [E3] "Sempre fiz voluntariado, sim, inclusive no ano em que fiz o estágio curricular, portanto era sempre em grupo e estava com mais duas colegas e estávamos a fazer o nosso trabalho de estágio na comunidade de etnia cigana e ao mesmo tempo estávamos a fazer voluntariado no ATL da instituição e também foi muito bom e sempre fiz voluntariado." "Pertenci durante algum tempo portanto à APAGL, Associação de Pais e Amigos de Ginástica de Loulé, fui durante dois ou três mandatos presidente da assembleia geral, portanto tenho pertencido assim a algumas coisas, não é?" "Fui durante doze anos também, acho que o doze deve ser um número especial na minha vida, também coordenadora de um projeto comunitário das paróquias de Loulé e depois deixei, portanto era da minha zona." "E fui catequista também durante vários anos e depois também me afastei um bocado por causa do trabalho…" "Agora já me apareceram algumas oportunidades, voluntariado! Aliás eu faço voluntariado na "*Júnior achievement*" portanto sempre tive muito ligada também à "Jack Petchey". A "Fundação Jack Petchey" é uma fundação de um senhor que se chama Jack Petchey de Inglaterra e que está sediada em Albufeira e que dá subsídios para jovens a nível de empreendedorismo juvenil, jovens dos 11 aos 25 anos pronto eles trabalham muito com escolas, com associações, dão um subsídio para fazer projetos, sim exatamente. A "Júnior achivement" isso é a nível de, tem uma série de projetos, eles estão em expansão, a nível de ensinar a ser empreendedor, é aquele que eu participo quando posso." [E4]	pessoal; desmistificação de preconceitos. Importante para complementar o curso, nomeadamente aquela falta de prática. Um dos aspetos negativos é o voluntariado ser legislado. Fica-se a perder com as burocracias, devia ser algo controlado e mais natural/simples.

		"…eu sou voluntárias numa IPSS, sou presidente dum lar em Querença…" "Eu trabalho nas instituições e desde os 15 anos que faço voluntariado e na minha terra sempre que houve atividades, festas, organizações, sempre tive ligada por natureza ao trabalho voluntário e pronto e acho que a gente cresce muito, enriquece muito e no fundo se o podemos fazer é uma mais-valia que podemos contribuir para a nossa sociedade não é?" "…as pessoas têm sempre oportunidade de fazer voluntariado e por aí é possível adquirir experiência e tomar conhecimento de muitas coisas da realidade. Pronto só que as pessoas, algumas também não, portanto algumas também têm de trabalhar noutras áreas para conseguir o seu sustento e depois também não ficam com muita disponibilidade também para o voluntariado e isso é realmente um problema." [E5] "Olhe, já fiz voluntariado na santa casa da misericórdia no centro de acolhimento, em Faro na APPC, na altura em que estava a estudar, e aqui algum voluntariado com a população idosa. Às vezes, nós aqui temos um banco de voluntariado onde estamos inscritos e eu também estou inscrita, mas às vezes acabo por fazer voluntariado sem ser com essa burocracia toda, portanto se há alguém que numa reunião que eu faço apercebo-me que faz falta isto ou aquilo ou que é precisa de ir à farmácia, mas não é capaz de fazer aquilo, eu às vezes chego, isto porque moro em Vila Real, a ter pessoas que me tocam à campainha para eu ajudar a preencher um determinado requerimento." "…ajuda a sentirmo-nos melhor connosco e ajuda-nos a também conhecermos outras realidades e todo o tipo de voluntariado que se faça, porque há diversas formas de o fazer, acho que todos são uma	

		mais-valia e se nós pensarmos que todas as experiências que temos é para o nosso próprio bem, porque nos ajudam a crescer um bocadinho, todas elas são boas." [E7] "Faço voluntariado, por exemplo banco alimentar mas pronto pertencer mesmo a uma associação concretamente não…" [E8] "Eu acho que o voluntariado (sorri) devia ser obrigatório, entre aspas, mesmo sendo uma contradição o que estou a dizer, porque o voluntariado nunca deve ser obrigatório mas deveria haver um maior incentivo e um incentivo prático…" "Eu saí em 2007 e optei por não começar logo a trabalhar, nem procurar na área, optei por caminhar mesmo para a cooperação para o desenvolvimento, mas a nível de voluntariado portanto tive três meses no Brasil, depois regressei, fiz uns trabalhitos à parte só para me orientar não é? Mas sempre sem procurar um trabalho fixo porque não era essa a minha ideia e depois fui para São Tomé noutro projeto de cooperação para o desenvolvimento…" "…pertenço, a uma associação que é uma associação de bagagem de vida que é para integração e para desenvolvimento portanto é mais a nível social. (…) E pertenço ao ISU ainda sim, o ISU já faz parte." "…posso ir buscar mais conhecimentos, partilhar e sobretudo receber não é? Entre aspas de outras pessoas e poder receber de perspetivas e muitas vezes serve para, no caso do ISU serve para refletir sobre a minha ação e é importante às vezes parar e refletir sobre coisas que no dia-a-dia não fazemos." "Neste momento faço aquelas que eu não gosto de fazer, por necessidade mesmo, porque estou a coordenar o projeto lá na associação da bagagem de vida e isso implica trabalho legístico que	

		eu odeio e eu por mim, o projeto é com miúdos e com famílias e eu por mim estava a fazer atividades com miúdos mas não posso porque tenho que tratar de montes de papelada e é terrível, por isso neste momento estou a fazer trabalho voluntário que não gosto. No ISU já gosto mais porque é a parte da formação. Eu faço parte da equipa de formação, sim." [E9] "Eu fiz parte na altura da associação "D'Agir" (??) que era a associação que foi criada no âmbito da educação comunitária, mas foi muito numa vertente inicial. Desde então não tenho vindo a desenvolver qualquer atividade junto deles, para ser honesto nem sei se atualmente ainda continuam a funcionar ou não…e aqui a nível local, mais no banco do voluntariado que tenho tentado dar o meu contributo." "Mais em campanhas cívicas, mais nesse âmbito, campanhas ambientais, etc. tem sido mais nessa área, até porque já comecei a levar os meus filhotes nessa vertente para que eles também possam ter alguma perspetiva." [E10] "…mas acho que o voluntariado é importante porque dá-nos perspetivas que não temos naquela bolhinha enquanto estudamos." [E11] "…amanhã tenho eleições na ANEFA, que é Associação Nacional de Educação e Formação de Adultos que é uma associação que eu contribuí para ajudar a montar, portanto faço parte da comissão instaladora e amanhã haverão eleições para os órgãos sociais pela primeira vez na associação que tem seis meses e eu faço parte da lista da direção, portanto sim, estou envolvida nesta instituição." "…dei foi o meu nome há pouco tempo, uma ou duas semanas para	

		me voluntariar para uma instituição de sem abrigos, de apoio aos sem abrigos que tem intervenção aqui em Albufeira e na qual eu gostava de ajudar (…) a minha ideia era desenvolver um trabalho projeto a nível desta população, não ir para a cantina ajudar só a dar alimentos ou ajudar a dar refeições, portanto ainda não tive tempo para ir falar com a senhora, perceber o que é que a instituição faz e perceber como é que eu podia ser útil, mas em termos de trabalho comunitário, não queria ter um papel tão assistencialista de só ir lá dar comida ou separar comida ou distribuir comida, queria fazer alguma coisa que ajudasse aquelas pessoas a saírem daquela situação." [E12] "Pertenço à GADAG que é o Grupo de Aventura e Desporto de Alcantarilha Gare, fazemos atividades no âmbito cultural, desportivo e a nível também comunitário, a nível da saúde…" [E13] "Fiz um SVE, serviço voluntário europeu em Roma por seis meses a trabalhar na área da deficiência, também foi bastante enriquecedor porque tive contato direto não é?" "E fui fazendo, fui mesmo…é uma prática vá lá. Voluntariado fiz…ora por ordem não sei dizer, vou dizer assim saltitando (sorri) pertenço ainda hoje ao ISU instituto de solidariedade e cooperação universitária, fiz voluntariado a organizar as formações, a organizar formações sobre o voluntariado, a organizar atividades e participei também no projeto em São Tomé e Príncipe. Foi bastante interessante porque me fez refletir imenso e gostei bastante. Depois fiz voluntariado também na APF, associação de planeamento familiar, participei no projeto "amar amar ir e voltar" com trabalhadoras do sexo e participava também nas pequenas ações de sensibilização, mais? Ah na junta de freguesia também participei no	

		projeto "bem-querer" ou qualquer coisa desse género, com angariação de roupas para gravidas adolescentes, acho que era. Fiz um serviço voluntário por seis meses a trabalhar na área da deficiência, também foi bastante enriquecedor porque tive contato direto não é? Com a área da deficiência, desmistifiquei montes de preconceitos que nós às vezes nem sequer nos lembramos, por exemplo conto imensas vezes isto que pronto lá o trabalho era atividades com eles mas também na parte da formação e então a nível europeu para pessoas que trabalham na área da deficiência…" [E14] "…eu tenho uma visão sobre o voluntariado um bocadinho crua, porque é assim, o voluntariado felizmente já é legislado, já lhe foi conferido outro tipo de contornos mas vamos lá ver, qual a necessidade porque isto funciona por necessidades, qual a necessidade de ir realizar voluntário, voluntariado perdão, não é? O sermos voluntários? Essa será uma perspetiva de aprendizagem? Porreiro mas eu penso que depende dos sítios também e da maneira como ocorre voluntariado porque é assim, nós sabemos perfeitamente que o voluntariado, as ONG'S e tudo isso é uma forma do próprio Estado, epá de fugir às responsabilidades que tem, não é? Pronto e eu como acho que muitas das vezes as coisas são feitas duma maneira que não deveriam não é?" [E15] "Essa experiência ensinou-me muito, muito mesmo, ensinou-me a ser mais humana, ensinou-me que um ser humano seja ela o que for, que cor tenha, qual o estatuto que ele tenha é um ser humano, simplesmente um ser humano, que necessita de tudo aquilo que eu tenho e que posso transmitir e dar-lhe e compartilhar com ele." "…eu pertenço a uma comunidade evangélica, nós temos uma	

		associação chamada “O sabor da vida” que é o apoio à grávida aflita, apoia à gravidez adolescente, faz a prevenção da gravidez desde na adolescência, dá aulas de educação sexual que é uma das minhas áreas também, eu tenho formação da APF na área da educação sexual para as escolas e reprodução…” [E16] “Eu faço parte de uma igreja evangélica que está relacionada com a associação.” “Sim fiz muito ligado à igreja também, depois fiz também no MAPS e atualmente também faço, para além do trabalho da associação também faço ligado à igreja. Trabalho com jovens também, penso que é por aí. Sempre fiz, acho que ser voluntária é mais uma postura de vida do que propriamente uma coisa que se faça durante duas ou três horas. Quando eu falo com voluntariado com pessoas, as pessoas acham que se tem de ser voluntário quando se tem um curso especifico para trabalhar com pessoas ou…e não, não! Um serralheiro pode ser voluntário, um pintor pode ser voluntário, uma doméstica pode ser voluntária, uma pessoa de artes gráficas pode ser voluntária, acho eu.” “Faz-lhes bem a eles próprios porque se vão sentir muito melhor de tarem a contribuir para uma coisa. Em casa não ficam a fazer nada, a menos que tenham de estarem casa por algum motivo mas sem dúvida, vão-se sentir bem com eles próprios, vão enriquecer o currículo, se bem que isso não deve ser um motivo, na minha opinião não deve ser o motivo principal e vão ajudar alguém. Não acho que tenha de ser obrigatório por exemplo sei que nalguns países como a Inglaterra é quase obrigatório apesar ter alguma experiência de voluntariado, acho que não. Acho que obrigatório as coisas não funcionam bem mas ajuda muito como pessoa e do crescimento da pessoa.” [E17]	

		"...tu vais colecionando experiências, aprendizagens, práticas, porque o que eu costumo pensar é "Ok, se não me querem pagar para eu trabalhar, então eu tenho que arranjar uma maneira de fazer, parada não quero estar, não é?", gostava muito de fazer qualquer coisa na minha área, tenho algum tempo livre (…) tipo não estou parada e estou a conhecer pessoas e estou a ganhar experiência e estou a envolver-me em coisas interessantes e depois no futuro não sei o que isto me poderá trazer, mas para já é isto, para já é a experiência e o envolvimento em qualquer coisa." "…eu acho que a teoria, a teoria, a teoria, a teoria pfuh o que eu queria mesmo era por em prática e é por isso que eu estou a fazer voluntariado." "Ao grupo do teatro oprimido do Algarve, que ainda não é uma associação, mas é um grupo informal de pessoas, ao núcleo do Algarve do Instituto Paulo Freire.de Portugal. Espera ai que eu acho que ainda pertenço a mais qualquer coisa (…) uma associação que é a ENOA, que é a *education network*, nunca sei, epá que é animação e educação, opa *european network of education…"* [E18] "Fiz, fiz voluntariado nalgumas instituições da terceira idade e também na área da deficiência." "Associação de Caçadores dos Cintados, sou presidente da associação há quinze anos. Construímos uma sede, temos dois projetos, um projeto de concessão da zona de caça e depois fazemos várias atividades com as pessoas da comunidade." [E19] "Já estive em vias de integrar um projeto, agora que está a iniciar em Faro, já arrancou a Casa Amarela, é um projeto cultural, mas infelizmente, depois a minha vida alterou-se e tive de abandonar,	

		tenho a vida em suspenso neste momento, é tal e qual, mas às vezes causa-me um bocadinho de aflição pensar que me vou vincular a uma instituição e depois acaba por ser quase como uma prisão, porque depois começam a exigir demasiado. Eu gosto da coisa voluntária, gosto de fazer quando posso e de coração, não gosto que me cobrem, porque senão não me satisfaz a mim e não vou conseguir fazer um bom trabalho." "Fiz, fiz, olha quando estava no curso fiz na APAV e estou a pensar retomar o voluntariado assim que conseguir estar mais disponível. Fiz durante, não sei se foi um ano e tal se foi dois anos, fiz de forma presencial nas instalações mesmo e depois fiz uma formação para ser técnica de apoio à linha da APAV, isso significava muitas vezes não ter, tínhamos um telemóvel e, portanto, estávamos de linha e podíamos estar acordados 24 horas por dia, porque assim que há uma urgência, poderia ser aqui, poderia ser na Madeira, eu tinha de ter capacidade de resposta imediata não é?" "…contribuiu, principalmente, para eu estar desperta para uma realidade que eu sabia que existia, mas que me passava bastante ao lado, porque felizmente nunca me vi envolvida em termos familiares ou pessoais em situação de violência. De todas as formas, também me permitiu alargar o leque de conhecimentos em termos institucionais, porque desconhecia a maior parte das instituições e também me permitiu perceber que nós temos de ser rápidas, muitas vezes neste tipo de situações temos de ser muito rápidas na resposta, o que é que às vezes quando se lida com várias instituições em escadinha, tu a determinado momento, podes esbarrar com uma que te trava não é? E portanto, às vezes, o sucesso ou o insucesso daquilo que estás a tentar fazer, está dependente das outras instituições, das outras pessoas, de outras circunstâncias que tu não controlas e aí acabas por te adaptar à ideia que tu não tens o	

		controlo não é? Nem tudo depende de ti, portanto, lidar com a tua frustração acaba por, começa a ser trabalhada a partir daí." [E20] "…eu e outros colegas fizemos parte, fundámos uma associação precisamente para que em termos associativos nos pudessem vir a reconhecer não é? E foi muito desse trabalho que depois mais tarde conseguimos que realmente constasse como profissão não é? Fomos nós que desenhámos o perfil, fomos nós que criámos as funções do agente de desenvolvimento, fomos nós que tivemos longas noites a discutir o que é que isso era "o que é que é um agente de desenvolvimento?" (sorri) "o que é que faz um agente de desenvolvimento? para que é que serve? Vai fazer o que?"" "Pertenço à associação de pais ainda, ainda tenho filhos na escola (sorri). Sou socia dos bombeiros voluntários, que associações mais é que eu pertenço? Pertenço…acho que me inscrevi na dos educadores sociais, acho eu, acho que sim." [E21] "Há muita instituição que já se está a aproveitar da mão-de-obra do voluntariado, para tapar os buraquinhos estão os educadores sociais e os psicólogos e mais alguma coisa e isso está a falhar muito! Muito, muito! O voluntariado já está a ser banalizado." [FC]	
5. Perceção relativamente às características do EIC/ES e à sua	5.1. Características essenciais do EIC/ES	"Acho que é muito, muito, muito importante que o educador social seja criativo, muito importante porque temos de tentar sempre proporcionar situações diferentes…eu vejo por aquilo que faço, se eu não for criativo se calhar o meu trabalho reduzia para 30% daquilo que faço… "Criativo e dinamizador sim, proativo, dinâmico, tudo!" [Manipulador] "(hesita) Sim mas posso dar um exemplo, por exemplo eu quando entrei na escola apontaram-me logo o dedo a	Características pessoais e relacionais que diferenciam este profissional dos outros. Frisa-se o autónomo e o autentico. Devem ter

importância nos vários contextos profissionais da região		dizer “aquela pessoa que está ali é que vai andar com os animais às costas” e eu a primeira coisa que fiz foi “bom antes de tentar falar com eles vou ter de conseguir controlar o grupo de pessoas com quem eu não trabalho”, se pudermos considerar o facto de eu todos os dias chegar à escola e dizer bom dia a toda a toda gente, a todos os professores, todos os funcionários, a todas as pessoas do refeitório, e se calhar hoje perceber que sou a pessoa que fala com todos os elementos daquela escola, sim aí posso dizer que sim, que foi preciso alguma manipulação mas também é o facto de sermos um bocadinho simpáticos e de dar um bocadinho de tempo a toda a gente, quer dizer acaba por ser uma manipulação um bocadinho fácil de ser feita.” “É assim no trabalho que eu desempenho, por norma as pessoas nunca…pensam sempre que aquele grupo de crianças vai trazer problemas para e claro que temos de manipular em parte as pessoas que os rodeiam não é? Não as pessoas que trabalham com eles porque essas já os conhecem, mas as próprias pessoas que toda a vida ouviram falar que roubou ou que partiu ou que sei lá fez qualquer coisa. Essas pessoas têm de ser, não digo manipuladas mas educadas a perceber que os outros têm tanto valor como eles próprios e que todos devem ter uma segunda e uma terceira oportunidade.” “Se não planear as minhas atividades semanalmente, quer dizer não estou lá a fazer nada, não é?” “…acho que devemos ser autoritários em q.b., ou seja, há certas coisas que eu faço com eles que não abdico do meu ponto de vista porque sei que aquele ponto de vista não pode ser abalado, mas há outras que não, que cedo perfeitamente à opinião deles, mas há pontos que acho que não têm discussão, têm de ser impostos, como regras não é? Que eles próprios acabam por criar, mas a partir do	competências para transformar a desenvolver. Tem de ter características que os tornem capazes de proporcionar novas situações. Não se entende a importância que os educadores dão a alguns conceitos como o autoritário e o manipulador. Será desconhecimento dos conceitos? Como o conceito estava lá houve uma necessidade de procurar uma justificação para o aceitar? Será má preparação por parte da formação? Qual será a definição dos educadores para estes conceitos? É uma questão um pouco grave.

		momento que eles próprios criam temos de ser nós a ser um bocadinho autoritários para que essas regras sejam cumpridas, mas acabamos por ser autoritários com a permissão deles porque deixamos que sejam eles a elaborar as regras para o jogo e depois a partir daí temos de funcionar quase como um árbitro não é? "…acho que o educador social nunca deve impor as coisas, deve sempre partilhar e discutir e dar azos a que as coisas sejam sempre dinâmicas não é? Agora puxando isso para o educador social e comparando com aquilo que faço nós acabamos por fazer isso não é? Porque primeiro existe uma partilha e uma elaboração de regras, porque eu não chego lá e não digo "olha isto vai ter de ser assim", não! Nós discutimos todos juntos, elaboramos e dialogamos uns com os outros, quando digo autoritário é depois no cumprimento dessas regras, mas não, eu acho que o educador social não deve ser autoritário. O educador social tem de conseguir receber, transformar para depois devolver e nunca chegar lá e impor nada." " …acho que o educador social pode-se diferenciar e dar uma longa, longa, longa diferença para um assistente social, basta querer! E não se querer refugiar atrás de coisas fáceis e querer ser um bocadinho mais autêntico e autónomo …" [E1] "…quem trabalha com pessoas carenciadas e com estes problemas sociais, nós temos de ter muitas paciência, sermos muito compreensíveis, tentar colocarmo-nos na pele das pessoas para percebermos os problemas, porque realmente são problemas graves e as pessoas estão a sofrer e nós temos de, mesmo que seja uma coisa mínima, como escrever uma carta, às vezes estão desorientados "ah não sei escrever uma carta, e agora? E agora?" como se fosse o fim do mundo, mas é uma coisa simples, mas pronto é um problema que nós realmente temos de tentar	Existe uma questão de manipulador ser o mesmo que revolucionário. Eu pergunto-me qual é a relação entre estes dois conceitos. Também se verifica uma confusão com o conceito de autoritário. Este poderá ser o mesmo que respeitados ou negociador? Parece-me uma contradição! Como é possível esta comparação? Talvez tenham percebido mal os conceitos.

		compreender e ajudar, tentar ultrapassar. Temos de ser responsáveis pelo que nos mandam fazer, apesar de nós muitas vezes não gostarmos e de não concordarmos, mas temos de ser responsáveis, temos de tentar lidar com a frustração, o que é muito mau e custa muito é verdade, mas sim. Temos de tentar ser bons colegas, ou seja, ter a paciência também para os colegas e às vezes dar a mão à palmatória "epá olha ele não muda, olha pronto deixa tar, pode ser que mais à frente tente mudar". Ser bom ouvinte também, acho que nós temos de ouvir as pessoas para poder depois também falar e para não nos precipitarmos. Ser colaborador com os outros colegas, ter iniciativa para fazer as coisas e começar logo em vez de estar à espera que nos venham chamar, acho que sim. E depois tentar saber um bocadinho de cada, de todas as áreas, eu acho que é importante porque às vezes quando menos esperamos aparece um problema vindo lá do nada e tu tens de dar uma resposta e convém saberes um bocadinho, ou pelo menos o sítio para onde encaminhar. [Criativo]" Sim, tem de ser, é muito importante, é verdade! Criativo porquê? Principalmente com os idosos porque os idosos são pessoas que já não têm muita motivação para fazer seja o que for, e nós muitas vezes temos de ter a nossa criatividade para eles puderem trabalhar e fazer e desenvolver as competências, motivação e vontade para viver. Criativo também com as crianças porque é muito difícil nós conquistarmos um miúdo para fazer uma atividade e participar numa atividade, eles muitas vezes aborrecem-se e nós temos de estar ali a pensar numa alternativa e depois tentar animar. Eu acho que a criatividade realmente é muito importante porque às vezes não basta estar só no papel "tens de fazer assim" não, nós temos de dar sempre muito mais! Temos de pensar, imaginar, improvisar… [Dinâmico] "Sim também é importante, e eu acho que nós para	

		sermos dinâmicos temos de ter alguém que nos apoie nessa dinâmica, e nesse trabalho todo porque para nós sermos dinâmicos também temos de ter iniciativa, mas nós precisamos também muito de um empurrão para sermos dinamizadores, porque sozinhos estar a dinamizar por exemplo um grupo de 10 pessoas, sozinhos é muita complicado. Acho que é uma boa competência mas precisamos de mais alguém para nos ajudar nessa dinâmica." "Bem, manipulador pode ter dois sentidos, um sentido bom e um sentido mau, e às vezes é verdade, tenho de usar um bocadinho de manipulação para tentar conquistar as pessoas, para elas próprias puxarem pela sua autonomia, tás a ver? Manipulação mas que seja uma manipulação boa para elas. (…) para elas pensarem inclusivamente de outra maneira, se não aquela a que estão habituadas que é sempre tudo negativo, tudo negativo. Eu normalmente utilizo a manipulação portanto na vertente mais positiva para as pessoas tentarem ver de outra maneira, é verdade, às vezes tem de ser, ou seja, junto manipulação com criatividade, digamos assim…muitas vezes tem de ser, mesmo com os miúdos também, quase em jeito de troca "olha fazes isto e a seguir recebes isto" às vezes tem de ser assim, se nós quisermos que o nosso trabalho seja feito, não digo bem feito mas que seja feito." "…às vezes utilizo a manipulação com as próprias pessoas para elas tentarem desenvolver e ficarem um bocadinho com a autoestima, mais em cima." "Planeador também, mas eu acho que às vezes os trabalhos que nós desempenhamos já estão todos planeados, se calhar falando do plano que já existe ser organizado, se calhar porque o planear, o organizar, é o pensarmos e fazer alguma coisa…" "Autoritário? Eu acho que depende do contexto e do trabalho (…) quando falas em autoridade só me vem à cabeça uma pessoa, o meu	

		coordenador que é bastante autoritário e quase ditador e depois eu acho que autoridade tem de se ter um bocadinho de cuidado com o contexto e com as pessoas, com quem estás a lidar e a quem estás a impor essa autoridade porque o feitiço pode-se virar contra o feiticeiro porque nós ao trabalharmos com públicos bastante frágeis a autoridade não é a melhor ferramenta para nós trabalharmos porque aí o nosso trabalho é que fica falhado e corremos o risco de ter muitos e muitos problemas e corrermos o risco de depois não entrarmos para o terreno nem desenvolver atividades, porque aliás o nosso nome fica logo manchado, por isso eu acho que o educador social tem de pensar, e se quer ser autoritário tem de pensar muito bem no contexto e nas pessoas com que trabalha…eu acho que sim, que é uma palavra muito forte, não sei, acho que depende do local, depende da circunstância, claro que para não ficares mal às vezes se não tiveres bem e tiveres de aplicar um bocadinho a tua autoridade ou gritar ou exigir, mas tens de pensar muito bem a quem vais aplicar essa autoridade e para que, qual o objetivo, acho eu." [E2] "Se eu recomendasse esta profissão a alguém tinha de ser uma pessoa que fosse muito dinâmica, muito proativa e muito empreendedora porque acho que as pessoas que não têm estas características, dificilmente vão-se dar bem na nossa profissão. É que nós… tem que se fazer à vida, se não dá pra aqui tem de fazer para ali, tem de propor, tem de inventar, tem que mexer, e acho que estas três características, juntando a criatividade também são fundamentais para uma pessoa se dar bem." "…a questão da adaptabilidade, pah ser uma pessoa que conseguir trabalhar com qualquer pessoa, de qualquer área, em termos mesmo de uma disponibilidade mental para se dispor a… trabalhar mesmo com pessoas de todas as áreas, com públicos…"	

		"Sem preconceitos completamente, já nem toco nisso. Com públicos dos oito aos oitenta, tem de haver uma disponibilidade total e querer, e querer e gostar e ter paixão por aquilo que faz." [Vocação] "Completamente" [Dinamizador] "Completamente" "Hum, manipulador depende, eu dizia mais persuasivo. O ser persuasivo, o ser o não e conseguir contornar, sobretudo quando se fala com instituições, nós precisamos muito do apoio de várias instituições e manipulador ou em termos do público não diria manipulador mas persuasivo. Manipulador se calhar é muito forte." "…planear, organizar sim." "Conceber…" [Autoritário] "Não. (…) Há formas…empreendedor, acho que uma pessoa pode ser dinâmica, fazer chegar onde quer, mas sem ser duma forma autoritária, de forma alguma, sobretudo acho que sim um comportamento democrático, isso sim." [E3] "…tem de se saber adaptar às situações, tem de ser multidisciplinar…" "Um educador social tanto está atrás de uma secretária a elaborar projetos, como tá a trabalhar com a comunidade, como está dentro do seu espaço a fazer limpeza portanto não podemos querer ser como se diz na gíria doutores…" "Vocação sem dúvida. Isso quem não tiver vocação não vale a pena ir para esta área porque o espirito de sacrifício, a humildade, saber dar, saber receber também é muito importante não é? Ainda mais do que saber dar porque nós aprendemos a saber dar mas é preciso saber receber aquilo que as outras pessoas também têm para nos dar, isso é muito, muito importante." [Criativo] "Sempre, sempre. E se não o for está muito mal porque é	

		assim geralmente tempos recursos e se não houver criatividade não podemos trabalhar. Nós temos de saber fazer duma garrafa de plástico uma flor, temos de saber fazer dum lápis pequenino cinquenta lápis diferentes não é? E temos de saber adaptar-nos às situações e se não houver criatividade esqueçam." [Dinamizador] "Ah claro, se trabalha com populações tem de o ser porque se não souber dinamizar não tem nada da população não é? Da população alvo, não tem nada do público-alvo." "Se for manipulador não se safa não é? Se for manipulador, se manipular as pessoas para o lado que quer não, porque à força as pessoas não mudam não é? Tem de se ir àquilo que as pessoas querem, de encontro àquilo que as pessoas querem. Claro que no fundo se considerar como manipulador o género de temos um objetivo, temos uma meta a atingir e queremos que as pessoas atinjam e que vão para o sítio que nós queremos." "Manipulador se for no sentido em que levar as pessoas a atingir a meta que nós queremos, é verdade que nós vamos arranjar estratégias de maneira a que as pessoas consigam alterar comportamentos não é? Eu não considero isso manipulador, eu considero manipulador no sentido negativo da palavra não é? Manipular as pessoas a fazer aquilo que nós queremos, não! As pessoas obrigadas não fazem nada, tem de ser porque elas querem fazer." "…é persuasivo, é persuasão, não é manipulação, não. Manipulador de maneira nenhuma, não." "Sim, nós temos de saber planear muito bem o que fazemos não é? Tudo tem de ser feito com um objetivo não é? Tudo tem de ser posto no papel não é? Com determinados objetivos a atingir, de maneira a atingirmos a nossa meta não é? Pronto, depois como sabes há as metas, os objetivos gerais e os objetivos específicos não	

		é? E temos de ter isto muito bem presente em tudo o que fazemos…fazer um jogo, uma dinâmica, não é fazer por fazer!" [Autoritário] "Não! De maneira nenhuma, na minha opinião quem é autoritário não sabe trabalhar em equipa e se não sabe trabalhar em equipa não pode ser um bom educador social, é tao simples como isso, resume-se a isso." "Não, nunca é autoritário, é saber-se dar ao respeito, é diferente. Não é ser autoritário, atenção, é saber-se dar ao respeito. Se a pessoa souber respeitar e dar-se ao respeito não é preciso ser autoritário para ser respeitado não é? Por exemplo quando estamos com os jovens claro que não podemos deixá-los fazer tudo quanto eles querem, mas eu não considero isso ser autoritário. Autoritário é, fazes aquilo que eu quero! É não ouvir a opinião dos outros. Ser autoritário é não ouvir a opinião dos outros e um educador social se não souber ouvir a opinião dos outros, se não souber escutar esqueçam." "…temos de ter muita humildade quando falamos com eles e estar ao nível deles, até a própria linguagem temos de ir ao nível deles…" [E4] "Deve ser uma pessoa com alguma humildade, que é uma coisa que as pessoas se calhar às vezes quando saem da universidade não têm, algumas! Algumas pessoas não têm. Tem de ser um bom ouvinte, tem de ser um bom comunicador, tem de ser uma pessoa acessível disponível, sei la, simpático, agradável, que consiga manter uma relação de proximidade com as pessoas, de forma a que elas também o respeitem não é?" "Tem de ser criativo, tem de inventar, tem de principalmente trabalhar com os recursos que tem e para isso às vezes é preciso muita criatividade (sorri)."	

		" Tem de ser uma pessoa dinâmica que seja capaz de envolver as outras pessoas, de dinamizar processos, tem de ser." **"**Acho que não tem de ser manipulador, depende de como é que…eu essa palavra nem gosto dela portanto não. Acho que o educador social não tem de ter essa característica." "…tem de saber planificar, estruturar o seu trabalho, aliás eu no meu trabalho então (sorri) tenho tanta coisa diferente para fazer ao longo do dia e de tantas áreas diferentes que se não planificar um bocadinho…que às vezes a planificação também não resulta mas tenho de preparar a minha semana, os meus dias, a minha agenda. Tenho de minimamente seguir algumas orientações se não, não fazemos nada." [Autoritário] "Depende (sorri) depende, também não é das palavras que eu gosto muito. Autoridade pronto depende, depende muito não é? Uma pessoa tem de ter alguma autoridade ou às vezes é necessário se calhar um bocadinho de autoridade, agora ser uma pessoa autoritária não pronto é mais uma palavra que eu não acho muita piada. "Autoritário…tem de ter alguma autoridade se tiver pronto depende do contexto mas se tiver às vezes, tou a imaginar, se tiver numa reunião de entidades em que estejam vários técnicos em representação de algumas entidades, se calhar às vezes temos de ter alguma autoridade se não as pessoas acabam por pronto nos passar um bocadinho por cima não é? E há que saber aplicar essa autoridade em algumas situações, agora ser uma pessoa autoritária por natureza ou na sua atitude diária no seu trabalho diário eu acho que não é saudável." "…em termos de também marcar presença e a posição porque às vezes tentam um bocadinho manipularmos e se não temos alguma autoridade e pronto acabam por se calhar não nos dar valor ou nos	

		passar um bocadinho por cima.” “…as pessoas têm de ser versáteis e têm de jogar mãos àquilo que surge para fazer e criar a sua própria sustentabilidade…” [E5] “Eu acho que o requisito mínimo ou base terá de ser o gosto pelo trabalho com as pessoas e há pessoas que… isso sente-se pronto, isso sente-se e se a pessoa não tiver gosto acho que o ponto de partida não está portanto nem sequer vale a pena. Quando a pessoa gosta acho que realmente é investir e acho que sim, o curso dá-nos a bagagem que nós precisamos e depois se a pessoa tem gosto no terreno vai fazer um bom trabalho.” “A questão da humildade é muito importante não é? Eu acho que sim, nós trabalhamos com pessoas, as pessoas têm histórias de vida, têm expetativas, têm ambições e é importante nós sermos humildes, reconhecer isso e não encararmo-nos como numa posição superior mas lá está a tal relação horizontal eu acho que é mesmo isso, é a base para que o resto funcione. A partir daí, a partir do momento que nós encaramos o outro como igual eu acho que tudo corre bem, portanto é a humildade. Mais? Depois aquelas competências sociais ou básicas, o saber ouvir, o saber escutar, o saber…o dizer pronto dar a importância que a pessoa se calhar precisa naquele momento e isso acontece muito no nosso trabalho. Muitas vezes temos uma sessão individual duma hora mas se calhar os primeiros quinze minutos são para ouvir os dramas de vida de uma pessoa mas ela precisa e se calhar depois de ter desabafado já vai trabalhar muito melhor. Então essa humildade, mais? O gostar de trabalhar com pessoas, o ser simpático, acho que também é importante a pessoa ser isso, ser genuíno também.” [Criativo] “…para às vezes conseguir contornar algumas situações, sim.”	

		[Dinamizador] "… é fundamental [pôr as pessoas interessadas] sim e arranjar estratégias de consegui-lo." [Manipulador] "Hum lá está é uma das características que se formos por aí… mais vale conseguir levar as pessoas mas sem essa manipulação do que…" "…para que as coisas corram bem ter tudo organizado e planear." "…o assertivo é o ideal portanto nem manipulador, nem passivo, nem autoritário." [E6] "Em primeiro lugar eu acho que um educador, eu costumo dizer educador comunitário, é uma pessoa polivalente, porque acho que nós não nos fechamos às atividades que nos são pagas (…) um educador social tem a capacidade e a competência de se adequar a qualquer realidade e consegue dar a volta ao assunto (…) conseguimos ter uma mentalidade diferente e adquirir conhecimentos diferentes…" "…um educador social não pode estar à espera de ter resultados, resultados, resultados, resultados, tudo positivo. Uma pessoa que pensar assim não vai ficar motivada com esta profissão, mas tem de pensar uns poucos se fazem muito e se formos conseguindo pouquinhos, chegamos a muito." "Acho que tem de ser criativo, dinamizador, ter a capacidade de dar a volta, mesmo àquilo que menos o agrada e ter sempre uma estratégia, um escape de motivação, mesmo quando as coisas às vezes parecem que não vão correr bem, acho que se houver esse escape a pessoa no dia a seguir consegue andar para a frente e isso, acho que são características fulcrais, portante ser polivalente, portanto tem de mostrar à entidade onde está que embora não goste muito de fazer aquilo é capaz de o fazer e até arranjar alguma motivação naquilo que faz e ser dinamizador e criativo, mostrando	

		sempre também o seu ponto de vista." [Criativo] "Porque é preciso inovar e, porque nada é novo, praticamente tudo já está descoberto, mas as maneiras de se fazer podem ser muito diferentes e por vezes as coisas não parecem ser o mais corretas, mas se nós mudarmos a forma de fazer se calhar a nossa chefia entende que realmente, assim consegue chegar ao resultado que espera e acho que nós temos de ter essa capacidade de conseguir mudar e de inovar, também para garantirmos o nosso lugar." [Dinamizador] "…acho que um chefe também gosta de ver que aquela pessoa apesar de fazer dá a sua opinião sobre aquilo que vai desenvolver, porque o chefe também pensa então este técnico é capaz de na semana seguinte apresentar uma estratégia nova e acho que isso faz toda a diferença…" "Não concordo, que deve ser manipulador não concordo. Eu enquanto pessoa e educadora social acho que essa característica não se enquadra nada, porque a pessoa deve ser sincera e franca naquilo que tem para fazer, a questão da manipulação para chegar a um determinado objetivo, acho que não, nem entre técnicos, nem com a própria população." "Planeador sim, faz todo o sentido a pessoa ter a sua atividade planeada para saber exatamente onde quer chegar e, porque no meio desse planeamento vão haver fracassos e porque ajuda a que a pessoa não perca o fio condutor." "…nunca tinha sentido a falta de ser autoritária, até ao momento em que comecei por ser coordenadora de alguém e acho que nessa fase, quando se trabalha em equipa ou quando se está a coordenar uma equipa, faz falta alguma autoridade." "Num contexto de estarmos a trabalhar com uma população e onde querermos chegar a um acordo, é esse o nosso objetivo, aí não faz	

		sentido nenhum sermos autoritários porque só vamos conseguir que as pessoas voltem as costas, mas acho que a questão da autoridade se calhar faz algum sentido quando é numa coordenação de equipa, numa coordenação de trabalho, que por vezes é preciso impor regras e se a autoridade não for necessária melhor, mas em alguns aspetos poderá fazer falta um pouco, mas não é das características principais (sorri).” [E7] “Eu penso que o importante é conhecermos o contexto com quem trabalhamos e respeitar também o seu ritmo, respeitar as suas vidas, respeitar os seus contextos.” “…eu acho que quem escolhe esta profissão em primeiro lugar devia de ser por pronto por gosto pessoal, não é? Por vocação e muitas vezes nota-se que esta escolha não foi uma primeira escolha, não é? (…) este tipo de profissão que mexe com outras pessoas e que mexe com a vida das outras pessoas ou estamos realmente por gosto ou não vale a pena porque não se consegue, não é uma profissão que dê estatuto profissional, nem que se possa fazer carreira profissional que não, pronto ou realmente trabalhamos por gosto ou então… e penso que quando trabalhamos por gosto e quando estamos por vocação temos meio caminho andado para conseguir concretizar as coisas e nem sempre isso acontece, não é?” “Para já tem que ser uma pessoa aberta, não é? E disponível, disponibilidade interior para conseguir aproximar-se das pessoas, para conseguir perceber se calhar um bocadinho de empatia não é? Pelos outros, tem que ser uma pessoa criativa porque todos os problemas exige uma solução se calhar diferente, tem que ser uma pessoa com capacidade para trabalhar em equipa porque precisamos dos outros, coordenar esforços e rentabilizar os recursos que temos, principalmente nesta altura. A nível social pois temos que saber ter e	

		impor limites porque se queremos estar próximo da comunidade também não nos podemos deixar absorver por ela, não é? Tem de haver ali um meio termo isto é às vezes, estou-me a lembrar da instituição concretamente onde trabalho, pronto das jovens queremos estar próximas delas mas não somos como elas, quer dizer saber distinguir o nosso papel e impor esses limites também, pronto nas comunidades onde trabalhamos, não é?" "…temos que saber dinamizar e com criatividade." "Manipulador penso que não, manipulação para mim tem sentido negativo, não é?" "Saber planear, saber projetar." "Autoridade nunca leva principalmente, pronto nas comunidades mais difíceis, uma pessoa autoritária…" …se soubermos trabalhar em equipa, se soubermos coordenar os esforços de cada um e aproveitar as capacidades de cada um, o trabalho é muito mais rico, não é? E não é o meu trabalho mas é o nosso trabalho…" [E8] "…perfil de muita perseverança (sorri) e sim e capacidade de empatia e de compreensão e de observação de contextos diferentes e principalmente de adaptação e flexibilidade e pessoas muito criativa…" "…a consciência, por isso a prática também ser muito importante e às vezes nós termos a noção, falo por mim, para mim foi importante viajar e conhecer contextos diferentes, projetos diferentes e realidades diferentes porque se ficamos muito fechados na nossa, só na nossa realidade, é difícil se calhar depois lidar com determinados contextos…" [Dinamizador] "…sem dúvida alguma, se nós não tivermos energia para dinamizar um grupo, uma comunidade, dificilmente	

		conseguimos tirar algo dela." "Temos de saber manipular no sentido de saber levar as pessoas a encontrar aquilo que gostam de fazer, aquilo que podem fazer, sim, nesse sentido manipulamos um bocado sim (sorri)." "…a parte da organização, é muito importante mesmo, e sabermos principalmente estarmos conscientes porque é estamos a fazer as coisas e se não tivermos um bom planeamento e uma boa organização é fácil perdermo-nos." [Autoritário] "Não me parece que seja uma boa ideia (sorri), não me parece que seja uma boa ideia, dificilmente depois isso leva à participação, não é? Leva mais ao medo e sim, até se calhar temos vinte pessoas numa sala para fazermos bonequinhos mas eles estão lá se calhar por dever não é? E não porque querem mesmo estar, então o autoritário não me parece uma boa ideia." [E9] "Eu acho que quem quer que fosse para esta profissão deveria ter a ideia que se vai deparar com situações bastante complicadas, acima de tudo. E que às vezes é preciso nós termos não é? Eu não diria pré-requisitos, mas alguma sensibilidade para lidarmos com determinadas questões porque eu cheguei a ter colegas que eram muito bons e tiveram boas notas a nível académico e que depois na prática não conseguiam pura e simplesmente lidar com as situações." "Eu acho que o educador deve ser alguém que seja dinâmico, que saiba trabalhar em parceria, que se preocupe em estar atualizado sobre determinadas temáticas na qual trabalho, que saiba respeitar os ritmos e as necessidades das pessoas e não impor…eu acho que para mim são as características essenciais e daí outras podem ser desenvolvidas, mas acho que estas sim, na minha opinião não é?" "…se nós não formos criativos morremos não é? Nós estagnamos.	

		Para mim é essencial tentarmos sempre abordar, até porque determinadas coisas são feitas desta forma e se com alguma criatividade forem implementadas se calhar outros resultados terão.” [Dinamizador] “Sim acho que sim. Para mim é uma das características essenciais! Aquelas pessoas que ficam estagnadas, que não tentam colaborar, que não tentam trabalhar em parceria, que não tentam mover, não é? Ou que não se apercebem pura e simplesmente que a realidade é dinâmica acabam, na minha opinião por não conseguir desenvolver um bom trabalho, até porque lhes falta logo aí essa parte.” “Eu não concordaria tanto mas como um professor meu dizia, a democracia é muito boa mas há períodos em que se calhar tem de haver outras soluções não é? Para que as coisas avancem…se calhar em determinados contextos, em determinadas situações tem de haver um pouco de manipulação mas que seja por si só essencial eu não concordaria.” “…por exemplo os fenómenos da toxicodependência é uma população que tem muito essa vertente da manipulação. Nós para podermos às vezes trabalhar com eles temos de ter um pouco aquelas características que eles têm, para podermos chegar a eles. A partir do momento em que nós chegamos e eles podemos trabalhar de outra forma, mas às vezes o discurso tem de ser conduzido de determinada forma e muitas vezes envolvendo determinadas questões da manipulação.” “Planeador para mim é essencial. Aquelas pessoas que chegam e em cima do joelho estão sempre a fazer as coisas…é uma vertente nossa! Nós portugueses temos um pouco essa…e não digo que às vezes não funciona mas se realmente nós conseguirmos planear as coisas de determinada forma acho que os resultados podem ser	

		completamente diferentes." [Autoritário] "Eu sou muito contra estas questões do autoritarismo. Para mim tudo o que for imposto não…acho que não…acho que é mais negociador por assim dizer, entre aspas, mediador, acho que é mais por aí do que por estas questões da autoridade e do autoritarismo que..." [E10] "Acho que antes de mais temos de ser humildes portanto quando entramos no mundo do trabalho não podemos vir com a noção que sabemos tudo e que estudámos quatro ou cinco anos e que agora é que vai ser e sabemos tudo. Antes de mais humildes! Depois muito importante a ética profissional porque em situações de *stress*, que há sempre no mundo do trabalho, mantermos a nossa profissão e nunca acharmos que somos mais que ninguém. E depois dar sempre de nós, ensinam-nos que nós não devemos ter as emoções ou levar connosco os problemas para casa mas às vezes temos que…não podemos ser frios ao ponto de achar que as pessoas ou o sítio onde trabalhamos são apenas coisas e sítios, temos que ser sensíveis e pôr-nos de parte das pessoas que são cuidadas, neste caso dos idosos e pôr-nos do lado da família e tentarmos perceber todas as vertentes e pronto e fazer o trabalho e sermos responsáveis e sermos verdadeiros e nunca faltar ao respeito a ninguém e termos sempre os olhos e os ouvidos abertos para aprender. Não pensar que sabemos tudo porque há sempre alguém que sabe mais que nós e que vai-nos ensinar, ouvir sempre a partir da experiência e essas coisas todas." [Criativo] "Sim, claro que sim. É o facto de fazer omeletes sem ovos, temos de ser muito criativos, sempre. Sempre!" [Dinamizador] "Sim, claro. Claro que sim, quando as tropas estão em baixo temos de ser nós o despolotar, temos de ser nós a força que leva isto para cima e cativar e dinamizar inventando mil	

		maneiras.” “Aconselhador, mais do que manipulador, aconselhador.” “Nós temos de planear o trabalho e aquilo que fazemos senão isto tudo acaba por ser uma barafunda.” [Autoritário] “Não. Amigo ou aconselhador da pessoa que está ao lado e não por cima.” [E11] “…se tu gostas de trabalhar com pessoas e se te interessas por ajudar o próximo é este que deves fazer, mas se estás a pensar fazer isto numa perspetiva muito cómoda, sentada numa secretária esquece, porque o educador social ou comunitário na altura é aquele, se for preciso vai lá meter a mão na sujidade e explicar como é que se limpa uma casa, como eu já fiz, ou então, se for preciso, tem de trabalhar fins de semana, feriados ou noites se o trabalho que ele desenvolve for pertinente para que a presença dele esteja lá. É um trabalho dinâmico, que dá para trabalhar com muitas coisas diferentes, mas é um trabalho que vai exigir de ti e da tua vida pessoal” porque era o que na altura sentia e ainda hoje continuo a sentir, mas para mim é um trabalho que me realiza bastante e pessoas que se identifiquem com estas questões de ajudar o próximo, de ter um trabalho dinâmico, de estares constantemente em contacto com o público desfavorecido, acho que é ouro sobre azul.” “O educador social, para mim, tem de ter uma boa capacidade de assertividade, essa foi logo uma das primeiras que aprendi. Depois tem de ser uma pessoa dinâmica, não pode ser uma pessoa agarrada àquilo que aprendeu na universidade há dez anos atrás, tem de ser uma pessoa em constante evolução, que está a par da atualidade em termos problemática social, em termos de realidade do país, em termos de tendências daquilo que é o seu trabalho, porque muitas	

		das vezes o sucesso do trabalho do educador social é exatamente a capacidade de inovação que ele tem para conseguir implementar dinâmicas e atividades que captem os públicos e dependendo do público-alvo com que se trabalha, às vezes é muito complicado conseguir chegar a eles se nós fizermos alguma coisa que para eles não lhes diz nada, então se for público jovem-adolescente isso é logo a primeira regra. Portanto capacidade de assertividade, dinamismo, sentido de compromisso, quem não tem gosto por isto não consegue fazer um bom trabalho, tens mesmo que gostar daquilo que fazes e tens de ter prazer em ajudar as pessoas. Não é assistir as pessoas, é ajudar as pessoas, tentar mudar. Epá e tem de ser um revolucionário, porque para mim ser educador social é mudar o mundo, é tentar mudar o mundo, nem que seja um grãozinho de areia daqui para ali, mas tens de tentar mudar o mundo e contribuir para que este mundo seja melhor quando tu te fores melhor quando te fores embora daqui portanto, de alguma forma tem de ser revolucionário." "Manipulador, ahhhhh está um bocadinho relacionado com o revolucionário, na minha interpretação, porque há várias, pode-se dar várias interpretações ao manipulador. Para mim quando falas em manipulador a associar isso à figura do educador comunitário, o saber levar as pessoas a atingirem determinado objetivo sem teres tu que as levar ao colo, ou seja, potenciares, capacitares as pessoas para que elas próprias mudem a esfera delas, a realidade delas e se consigam desprender de determinado problema que as afeta e evoluir e isso, para mim, também é um bocadinho de manipulação, um bocadinho. Não é das mais…" [Planeador] "Sim, sim, porque desenvolver este trabalho exige capacidade de planear, exige capacidade de saber fazer projetos, implementar projetos, de avaliar projetos sejam eles de que natureza	

		forem, portanto sim, tens de ter capacidade de organização e saber projetar, planear, sim, esse concordo." [E12] "…eu acho que isso acaba por ser o mais importante porque quem não tem esta vocação acaba por desistir mais facilmente…" "Eu acho que devemos ser assertivos, acho que devemos respeitar, acho que nos devemos dar ao respeito também não é? Tratar o outro de igual modo. Acho que é muito importante essa capacidade, de facto a humildade sim, reforçava, eu acho que devemos aceitar o outro como é, não é? Aceitarmos e depois é obvio que eu acho que também devemos ter competências não é? A nível de tentar transmitir algum conhecimento e alguma capacidade não é? É assim, também nos devemos demarcar da posição a nível assistencialista de pessoas que sei lá do género na igreja tu vais lá e qualquer pessoa dá um conselho não é? Eu acho que nós também nos devíamos preocupar em dar um conselho mas fundamentado, com uma base teórica e de alguma forma também marcarmos a diferença não é? Porque é muita conversa, muita conversa mas é necessário termos algum cuidado e fazermos um esfoço para sermos tecnicamente corretos e tecnicamente assertivos e com conhecimento na causa não é?" "Acho que é necessário muita criatividade." "E acho que de facto a criatividade é uma característica muito importante porque eu acho que é assim, nós devemos inovar não é? Porque de facto esta área social também às tantas já está muito saturada, tudo já foi feito e não há projeto nenhum que seja inovador e que seja…e de facto nós podemos também ter criatividade que seja, como é que eu hei de dizer? Que seja aproveitada pelo nosso público-alvo não é? Portanto podemos ter uma criatividade equilibrada e sempre indexada ao nosso público-	

		alvo, mas acho que é super importante." "Há situações em que tu tens de manipular obviamente não é? E que tens de ter jogo de cintura mas eu acho que isso...por exemplo eu trabalho com famílias problemáticas e por vezes é preciso negociar não é? Assim como se negoceia numa família. É preciso saber aproveitar ali as potencialidades, os pontos fortes e tentares de alguma forma depois encaixares os pontos fracos e misturar-se aquilo tudo e de maneira a que a pessoa não se sinta ofendida não é? E que sinta que a sua identidade está a ser preservada, que é muito importante, mas ao mesmo tempo tentares manipular a situação de forma a que ele consiga perceber o que é que é o bem e o que é que é o mal não é? Ou melhor, se calhar até nunca fui muito correta agora, não é o que é que é o bem e o que é que é o mal porque isso é muito relativo não é? Mas qual é o caminho mais adequado não é? No sentido da melhor…" [Planeador] "Sim, eu por exemplo eu sou muito organizada e eu acho que o trabalho do educador embora seja muito dinâmico exige muita organização e lá está por vezes confunde-se o dinâmico com a falta de organização e eu acho que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa não é? Eu acho que devemos ser extremamente organizados..." "Eu acho que não devemos ser autoritários, eu acho que devemos ser democráticos e que devemos negociar. Eu acho que substituía o autoritário por respeitador não é? Eu acho que é assim, se nós tivermos uma relação na base do respeito não precisamos de autoridade…de autoritarismo, de autoridade precisamos, não é? Mas autoritarismo é diferente não é? O impor. Eu acho que nada por oposição resulta não é? Ou por imposição." [E13] "Olha não sei, acho que primeiro gostar desta área não é? Da área	

		social e ter já um bichinho por isto porque se não tiver pronto pode adquiri-lo durante o curso mas…ah lá está acho que nem todos damos para todas as profissões não é?(…)muitas vezes passa por isso, pela sensibilidade da pessoa, acho que é muito por aí, pela sensibilidade, pela capacidade de já ser um cidadão ativo, de ter curiosidades sobre esta coisa da participação, da cidadania, do ajudar…" "…muito dinâmico, extrovertido que faz falta em alguns contextos e eu às vezes sinto falta de ser um pouco mais extrovertida, responsável, ético. Na nossa profissão acho que acima de tudo temos de ser éticos, temos de respeitar a vida daquela pessoa, temos de respeitar toda a filosofia que ela tem, todas as crenças que já construiu…e depois acho que tem de ter uma grande capacidade de se auto motivar, de se auto aperfeiçoar, de pesquisar coisas novas, de ver outras realidades, pesquisar o que é que outros países andam a fazer na nossa área, que trabalho é que já existe, pronto pesquisar e tentar e fazer e ter esta vontade de pôr em prática as coisas." [Dinamizador] "Ah é super importante porque dinamizador para mim é seres ativo e é esta questão do quereres fazer coisas, do procurares por, pronto por o que é que se faz por aí e quereres implementar na tua realidade e seres dinamizador também no sentido de seres extrovertido com as pessoas, seres empático com as pessoas, de conseguires criar aquela ligação com as pessoas." "…precisas de muita criatividade para fazer certas atividades não é? Por exemplo imagina alguém que esteve não sei três anos numa associação, se calhar chegará a um ponto que pense "mas o que é que eu vou fazer agora?" não é? (sorri) porque pronto agora por exemplo ainda me surgem atividades e ideias, ideias, ideias mas se calhar vou chegar a um ponto que não sei o que é que faça não é? Criativo nesse sentido e criativo também no sentido de ir	

		buscar…pronto mas isso também faz parte da nossa profissão não é? Buscar os interesses das pessoas com quem trabalhas, cativar as pessoas por aí." [Manipulador] "Olha se calhar faz falta um bocadinho sim, eu às vezes sinto um bocadinho falta disso." "Não sei se isto é mau, não sei se isto é muito mau dizer, por exemplo não sei, às vezes gostava de entrar pronto na cabeça das pessoas e mudar para o que eu quero, fazer lá o click e pronto e elas assumiam aquela nova realidade, por exemplo um toxicodependente não é? Carregavas, inserias ali naquele botãozinho da manipulação e ele deixava…" "…cada atividade tem de ser planeada não é? Com pés e cabeça. Claro, isso é fundamental." "…não sei autoritário, porque autoritário é o quê? É uma pessoa impor as suas vontades não é? E muitas vezes também temos de ouvir os outros, aliás eu até posso querer fazer uma formação de construção de planetas (…) e as pessoas não quererem nada disso não é? E eu sou autoritária e imponho e que resultados é que aquilo vai dar?" [E14] "Epá a nível pessoal deve ter a casa muito bem arrumada, a sua casa interior não é? Porque o ter vontade de fazer é bom não é? De fazer acontecer, de participar de alguma forma na melhoria da sociedade em geral não é?" "Olha para já saber o que quer, conhecer-se a si próprio para que depois não hajam conflitos e dilemas morais quando está a relacionar-se com as coisas não é? Porque isto de nós olharmos para as pessoas como pessoas tem muito que se lhe diga, nós não podemos olhar para as pessoas e ficarmos, como se diz, deixarmo-nos levar pela emoção delas (…) temos que saber onde estamos que	

		é para depois estarmos tranquilamente, harmoniosamente a contribuir para a melhoria de vida dos outros, porque se eu não estiver bem não tenho resposta para os outros e isto nem precisa de ser a nível profissional, até a nível familiar e tudo o mais, eu se não estivesse centrada em mim eu não vou conseguir fazer coisa nenhuma." "A criatividade acho que é uma característica na personalidade das pessoas que tem que estar mesmo presente porque é quase… muitas das vezes têm que se fazer omeletas sem ovos que é mesmo assim e isto vai-nos remeter para aquilo que eu te disse há pouco, que não existem as condições ideais para se trabalhar quer de recursos materiais, recursos humanos, há N variáveis sempre à mistura." "… nós temos que saber ser dinâmicos mas assertivamente porque às vezes o excesso de iniciativa, pode não ser bem aceite." "Manipulador é assim, se calhar eu não concordo muito com essa postura mas se calhar em determinadas situações, isso quem consegue ser assim, eu não consigo, mas quem consegue ser assim se calhar é bom para se alcançar o objetivo final não é?" "…por exemplo quando tu para chegares a determinada pessoa precisas de convencer outra se calhar aí nesses termos entrar aí mas manipulação só por prazer de manipular e de fazer os outros marionetas não." [Planeador] "Absolutamente, absolutamente, uma pessoa tem de ter sempre um trunfo na manga não é? Nós apesar de quando nos aproximamos duma determinada situação se não temos um diagnóstico já feito, se não temos um pré-conhecimento já feito alguma coisa temos que levar na manga para…o plano A, B, C, D ou seja o que for para poderem fazer a abordagem não é?" "Autoritário não porque é como todos os contextos não é? As pessoas não precisam de autoridade, precisam de liderança e para	

		haver liderança não é com agressividade não é? As pessoas podem ser boas líderes sem haver um regime de comando, autoritário presente não é? As pessoas precisam ser orientadas às vezes até se conseguirem orientar a elas próprias, precisam de ser lideradas não nesse sentido, se bem que atenção que nós vivemos num tempo ou se calhar desde sempre que as pessoas estão habituadas que haja alguém sempre a pensar por elas, não é? E acho que o papel, acho não, tenho a certeza pelo menos na minha perspetiva, o educador social acho que a primeira missão é pôr as pessoas e pensar por si próprias e hoje em dia dada esta conjuntura toda é perigoso saber pensar. [E15] "…a nossa profissão é muito, vai muito de encontro à nossa integridade, ao nosso caráter humano, àquilo que nós desenvolvemos porque um bom educador social não se faz de fora para dentro mas de dentro para fora, lá diz Paulo Freire, ali o ser mais e o ser mais vai muito ao nosso íntimo e se o nosso íntimo é corrompido não tem como melhorar a profissão. Esta é a minha perspetiva, é aquilo que eu vivo, eu aquilo que eu faço, faço de coração, faço por amor à humanidade e porque realmente eu amo ver as pessoas bem, se tu não tens esta integridade, carácter, este amor pelos outros que começa em ti mesmo vai ser muito complicado, tu poderás ser boa técnica mas uma boa profissional engloba os dois lados, o técnico e o humano, tem as duas vertentes." "Olha a nível profissional e a nível até de caráter o educador social tem de ter uma disponibilidade quase de 200%, aparece alguém aflito, aparece ou telefona uma mãe aflita e tu atendes seja duas, três, quatro da manhã e tu atendes e essa disponibilidade ainda que às vezes possa surgir um certo cansaço, tem que ser bem gerida. O educador social também nesta perspetiva de disponibilidade tem	

		que ser um excelente gestor, um gestor emocional, um gestor pedagógico, um gestor de conflitos, um gestor bom administrador e depois aquilo que eu chamaria realmente a grande ferramenta essencial é amar o próximo, o ser humano, humano, é ser muito humano e quando eu digo amar não digo que tem que chorar ou ser lamechas ou isto, mas é ter uma palavra carinhosa, ter, às vezes basta um toque, basta um sim ou vai tudo correr bem, ser uma pessoa que realmente tenha uma característica caridosa…" "Tem que ser bastante criativo, bastante mesmo porque às vezes surgem situações do nada e nós não podemos ficar parados porque do outro lado se percebe uma brechazinha uma fraqueza nossa, a confiança parece que se esvai assim um bocadinho…" "…tu não consegues ser dinamizador sem ser criativo, um bom criativo é um bom dinamizador." [Manipulador] "…não, jamais, ainda que as pessoas possam ter essa capacidade, jamais o devem usar porque isso é uma falta ética e de integridade daquelas incalculáveis até me estou a arrepiar…" [Planeador] "Sem dúvida, tem de ser um bom gestor, tem de planificar tudo, uma sala de aula planifica-se desde o "bom-dia" até ao "tchau podem ir embora." "Tem que ter autoridade, as pessoas confundem autoritário com autoridade, uma pessoa…eu reconheço autoridade em N pessoas que jamais foram autoritários, posso nomear, posso falar no leque de professores que eu tive durante a licenciatura de 2001 a 2005, todos eles têm o meu respeito pela autoridade que tinham dentro da sala de aula e nenhum deles foi autoritário." [E16] "Acho que é um curso bom para quem gosta de trabalhar com pessoas, de investir em pessoas, de acreditar em pessoas, se não for por aí acho que não vale a pena (sorri). Se não houver este perfil	

		assim.” “Pois as principais características, ter empatia para entrar no mundo do outro, ser sociável, ser criativo porque acho que é uma profissão que temos de ter imaginação às vezes para resolver os problemas. Ser flexíveis, não pensar que a nossa forma de ver as coisas é a única que existe, tentar ver o ponto de vista do outro, isto tem um bocado a ver com a empatia mas ser flexíveis também para não fazer “ah a minha função é só esta.” E não fazer para além disso. Acho que é importante a gente fazer outras coisas diferentes.” “Dinamizador no sentido de criar dinâmica e de pôr as pessoas a pensar, pôr as pessoas a fazer alguma coisa não é?” “…planear em conjunto. Acho que não é bom planear sozinho, é bom planear em equipa.” [E17] “Para mim tem que ver com a relação que tu tens com as pessoas, o compromisso que tu assumes com os grupos com quem estás a trabalhar, com a associação quem estás a trabalhar e também se há alguma coisa que não estás a gostar ou com alguma coisa que não vai de encontro àquilo que tu achas que não é correto, tentar um pouco remar de vez em quando contra a maré, porque também não há mal nenhum nisso…” “…tem tudo que ver com os valores, com aquilo que eu acho correto...” “…isto funciona muito por amor à camisola…” “…temos que ser criativos, temos que ser empenhados, temos que ser verdadeiros com as pessoas e tipo ter alguma sensibilidade para lidar também com as pessoas, temos que ser persistentes e pacientes, e temos que ser ativos, temos que ser críticos, temos que ser reflexivos, temos que acreditar nos valores humanos e nas pessoas e, não é não ser preconceituosos, é saber que somos	

		preconceituosos e saber contornar os nossos preconceitos e olhar para eles de uma forma racional para que isso não nos impeça de lidar com as pessoas ou de tirar ideias erradas sobre elas antes de termos um contacto mais aprofundado. Epá acho que tem de ser muito persistente mesmo, e trabalhador…" "…temos de ser criativos nas ferramentas que utilizamos para trabalhar com as pessoas e quanto mais conhecimentos tivermos melhor conseguimos fazer o nosso trabalho. Temos que ser criativos na abordagem que fazemos aos grupos, porque as pessoas são diferentes, nem sequer é de grupo para grupo, é de dia para dia, são diferentes e os interesses mudam e se forem jovens então de dia para dia estão numa onda diferente. Têm de ser criativos, porque os recursos são poucos muitas vezes, e há que saber dar a volta e não deixar de fazer as coisas só porque não temos dinheiro…" "Dinamizador, porque temos que ter capacidade de ser um pouco líderes, mas ao mesmo tempo um líder que orienta, às vezes um líder também que desorienta, porque também é importante com alguns grupos, pô-los a questionar ou não lhes dar as certezas todas, mas para mim o dinamizador é no sentido um pouco de saber trabalhar com os grupos e orientá-los para que eles próprios consigam depois construir o seu percurso." "…trocava o manipulador pelo facilitador, porque o facilitador orienta e o manipulador dá uma ideia negativa e dá-me a ideia de que tu levas as pessoas a fazer aquilo que tu queres que elas façam e acho que nós não fazemos isso, eu acho que somos facilitadores. Nós facilitamos os processos para que as pessoas fazerem aquilo que elas querem fazer, acho que é mais por aí, para que depois elas atinjam os objetivos que elas acham que têm de atingir, mas manipulador não (sorri)." "Planeador sim, porque acho que temos de, faz muito parte de	

		planear exercícios, planear sessões, planear atividades, planear projetos, planear orçamentos, recursos, pessoas que vamos ter de contar, coisas que precisamos, coisas que não precisamos." [Autoritário] "Para mim isso faz-me lembrar a história dos líderes, o líder carismático, o líder autocrático, como é que é? Autocrático e o líder autoritário. Para mim às vezes, não é mau…depende da fase em que o grupo com que estás a trabalhar está. (…) Por exemplo no contexto com jovens há dias em que não dá para fazer nada com eles não quer dizer que tenha de ser sempre, mas de vez em quando há grupos que precisam de ser mais orientados num determinado dia para conseguirem cumprir o trabalho e os objetivos desse dia e depois noutro dia logo se verá." [E18] "…relação de respeito, confiança e cooperação." "Tem de ser ativo, tem de ser dinâmico, tem de ser um bom conhecedor da realidade onde vai trabalhar, tem de a conhecer fundamentalmente bem, tem de conhecer as pessoas, tem de conhecer as práticas de intervenção, tem de ter um bom conhecimento a nível da metodologia que vai utilizar e dos conhecimentos técnicos. Deve ser acima de tudo um bom mediador, um excelente mediador, trabalhar na perspetiva do "*empowerment"* com as pessoas, nós vamos trabalhar com as pessoas e vamos trabalhar com a comunidade, vamos trabalhar "com", vamos intervir, vamos para o terreno as vezes que forem necessárias, vamos ouvir as pessoas as vezes que forem necessárias, vamos conhecer a realidade com o maior detalhe e com a maior pormenorização possível para depois poder fazermos uma boa intervenção com as pessoas, sempre com as pessoas." "Tem de ter criatividade porque caso contrário a intervenção fica limitada, descolorida, se não lhe dá criatividade pode à partida ficar	

		aquém das expetativas.” “…nós temos de ser dinâmicos. Intervenção é dinamismo (sorri) não é assistencialismo nunca, é dinamismo.” “…manipulador respeitando as pessoas. Atenção com esse termo é muito amplo, é muito heterogéneo, sempre no bom sentido da palavra e respeitando as pessoas.” “Por exemplo nós podemos manipular as pessoas como? Se alguma vez queremos obter mais alguma informação, mais algum conhecimento que tenha a ver com a melhoria da qualidade da intervenção que estamos a fazer tudo bem. Se vamos manipular para utilizar os dados de uma forma errada, divulgando os dados, não respeitando a confidencialidade, não respeitando a privacidade da pessoa, então aí é complicado e desaconselhável.” “Temos de planear sempre ao pormenor, fazer um rastreio abrangente e um mapeamento exaustivo.” [Autoritário] “Esse termo pode ser perverso e constrangedor, cada caso é um caso e cada situação é uma situação. Se a situação justificar em determinada situação para o esclarecimento de determinadas situações tudo bem, mas sempre com o respeito pelo outro.” [E19] “…nós frequentamos um curso universitário para nos formarmos obviamente, academicamente falando, no entanto já trazemos connosco alguns conhecimentos que devem ser postos ao serviço das funções, nomeadamente a nossa formação pessoal, e isso tem que se fazer valer, não são os outros que vão reconhecer isso em nós sem nós mostrarmos primeiro, não é?” “…há pessoas que se calhar também não são talhadas propriamente para este tipo de área, se calhar, vêm à procura do curso para terem um título académico e se calhar pode entrar em conflito com a	

		realidade que existe lá fora, porque a gente tem de se desenganar que o facto de ter uma formação académica, não quer dizer que esteja sentadas numa secretária a receber mil e trezentos euros por mês sem fazer outras coisas, não é?" "Tem de acreditar, essencialmente tem de acreditar, essencialmente tem de acreditar na educação enquanto elemento potenciador de mudança e fundamentalmente tem que ser humilde para perceber que o caminho faz-se caminhando. A gente não pode estar à espera de terminar um curso, tal como a gente quando tira a carta de condução está apenas habilitado para conduzir, não quer dizer que seja um bom condutor, porque não somos, ainda nos falta a experiência de andarmos na estrada. Quando tiramos um curso superior ou outro curso qualquer, nós estamos habilitados a exercer aquela profissão, mas é na prática, no terreno no dia-a-dia com as dificuldades e com as outras pessoas, com colegas que já estão há mais tempo no terreno é que nós vamos evoluindo. Se não houver essa humildade, se a gente achar que sai de um curso com três ou quatro anos de frequência e já sabe tudo, pois aí é um bocadinho mais complicado." "…deve pesar sobre o educador de adultos, o educador social, quem ele é na sua essência e assumindo-se também, porque ainda está a desenvolver-se e a aprender e tem que ter a humildade acima de tudo. Acho que, isto é a minha convicção, eu acho que nós só podemos desenvolver bem uma atividade ou uma profissão ou o que for, se nós tivermos esta postura de eternos aprendizes." "…eu acho que o sentido de responsabilidade é fundamental para tudo aquilo que nós fazemos na vida. Como eu te disse ainda há pouco, uma atitude ou uma palavra tem sempre consequências e é essa consciência que nos faz ser responsáveis ou não (sorri), às vezes temos que ser um bocadinho irresponsáveis ou inconscientes	

		no sentido de não pesarmos demasiado as coisas e de andarmos para a frente, mas isso é outro tipo de aspeto. A responsabilidade acho que é fundamental, agregado à responsabilidade vem a assiduidade, a pontualidade, eu acho que é de uma falta de educação falhar nos compromissos que tem, chegar atrasado sistematicamente e isto revela de facto falta de responsabilidade. Isto são os aspetos gerais, depois acho que tem de haver a tal humildade para saber que não sabe tudo não é? Para estar sempre em busca de mais conhecimento e isso não tem necessariamente pelas ações de formação formais, isso também pode ser através de um filme que vê, através de um documentário que vê, através de uma conversa que tem com alguém, através de uma notícia que leu e que questiona e que vai tentar saber outros lados daquela notícia, entendes? Não encarar as coisas só de uma forma assim muito airosa (sorri).” [Criativo] “Sim tem de ser, então, é assim, mesmo que não possa ser muito criativo, pelo menos na parte de tentar contornar o sistema tem de ser, nem que seja por isso, por aí.” “… se não for dinamizador está acomodado não é? Está ali à espera que venham dinamizar por ele (sorri).” [Manipulador] “Todos nós temos de ser um bocadinho, em tudo, e não no mau sentido, no bom sentido, às vezes temos de ser, porque é do género, vou falar com as pessoas, tu estás a falar com pessoas e as pessoas, cada uma delas tem a sua personalidade e tu muitas vezes tens de conseguir contornar as coisas. Não gosto muito da expressão manipulador, mas aceito que se calhar é a mais adequada, para conseguir muitas vezes com jeitinho levar a tua água ao moinho, percebes? Às vezes tens de ser, não quer dizer com isso que estejas a ser fingida ou hipócrita, significa simplesmente que aquela pessoa precisa de ser levada de outra forma para não criar conflito, entendes? Ou confronto, no mau sentido.”	

		"… já tem acontecido ter muitas vezes pessoas com quem tenho de ter uma determinada postura e posso ser realista e frontal e não há problema nenhum. Há outras pessoas que tenho de ver as coisas de outra forma, meio a brincar, meio a sério, tem de se saber manusear a coisa e isso às vezes é uma espécie de manipulação." "Planeador q.b., não pode ser um planeador daqueles que as coisas têm de ser assim, assim, assim, e assim passa a ser um mero executor e não pondera os imponderáveis e isso muitas vezes acontece, não é? Estamos sujeitos a muitos imprevistos e por isso acho que sim, que as coisas têm de estar organizadas e estruturadas minimamente, mas não demasiado. "Deve conseguir impor alguma autoridade, sim, porque tem de haver limites, para tudo na vida tem de haver limites. Autoritário jamais, então isso é a antítese do que tenho estado a dizer." [E20] "…é preciso que a pessoa que faz formação e que está nesta área tenha de facto o espírito por detrás do educador social que é a trabalhar "com" as pessoas, "com" as pessoas!" "Também sou teimosa, é característica que eu tento limar as arestas mas pronto de vez em quando isso vem ao de cima e tal, mas essa história da teimosia também tem ajudado nalgumas coisas porque levo a bom porto os projetos e as ações e o que tem de se fazer e se é para fazer é para fazer e então eu quando meto na cabeça que é para se fazer tenho de fazer e levo todos atras comigo se for preciso (sorri)." "É assim é como eu disse, acho que o educador social tem de ser, ele muito a procurar as oportunidades da atuação, eu acho que isso é uma das características do educador social, tem de saber fazer isso." "Sim completamente polivalente. Isso é assim, se isso já faz falta para outras profissões que são rotineiras e normais, se já faz falta	

		alguma polivalência, então aqui nesta área completamente, completamente. E há outra coisa que eu acho que é muito importante para o educador social, é ele tem de estar muito atento a tudo o que se passa à sua volta e ser muito adaptável às situações, é assim como uma senhora tem de saber que veste um vestido de noite e de gala e um sapato de salto alto para determinada coisa mas no dia a seguir estar de chinelos ou de sapatilhas se for preciso para fazer outra coisa qualquer, é assim o educador social tem de saber vestir estes factos todos e estar em todo o lado, com toda a gente e em qualquer situação. Um educador social que não faça isto fica sempre um bocadinho atrás. Quem for capaz de fazer isto, para mim é um bom educador social e é de facto um verdadeiro educador que sabe estar em qualquer lugar e pegar em qualquer coisa e fazer o que for preciso. É a tal história da polivalência, se for preciso lavar o chão da sala, lavas o chão da sala sem problema! E a seguir passado uma hora estás a entrar com um ministro se for preciso, lá ao lado dele e a fazer uma apresentação técnica de um projeto qualquer, e dez minutos atrás tiveste a por a mesa e a arrumar as cadeiras da sala. Mas tens de ter capacidade para fazer isto." "…eu só recomendaria esta profissão a alguém que eu reconhecesse capacidades e características para ter esta profissão, de outra maneira não recomendaria porque é assim, tem-se mesmo de gostar dos conceitos que estão por trás e das características que o educador tem de ter. São muitas características de personalidade, de temperamento, de características, como é que eu hei de dizer? Inatas, que uma pessoa tem de ter para ter esta profissão. Não é qualquer pessoa que consegue…porque depois não é um bom educador social e não interessa para nada não é? Portanto interessa ter pessoas nas profissões que gostem daquilo que fazem e que tenham o mínimo de características que lhes permitam exercer a	

		profissão como deve ser.” “Coitadinho (sorri) do que não for criativo, está feito, não avança para sítio nenhum.” “Também mas é assim, dinamizador já é daquelas que dependem do sítio em que ele estiver a trabalhar e com quem pode ser mais ou menos. Pode não ser um grande dinamizador mas se tiver num sítio em que até está numa equipa em que depois se reflete o seu trabalho no trabalho de equipa não vem mal ao mundo por isso e ele acaba por ser não é? Mas sim tem de ser, claro que sim. [Planeador] “Sim, tem de ser claramente que tem de ser. Para já tem de ter uma visão de planeamento global para o que quer seja, qualquer que seja a área que esteja, a instituição, não sei que. Planear é daquelas coisas que o educador social tem de fazer todos os dias, nem que seja o planinho do dia, começa logo por aí, saber fazer um planinho do dia e da agenda e da semana toda porque depois aquilo leva monte de voltas que a gente nunca está à espera e portanto depois tem de saber adaptar o plano ao resto, porque senão quando chega arrisca-se a chegar ao fim do dia o ao fim da semana e a ter deixado N coisas para trás.” “Às vezes tem de saber ser na medida certa. Não é uma característica que tenha de ser inata. Uma pessoa autoritária é difícil… para mim é difícil ser um bom educador social sendo autoritário de natureza, de personalidade percebes? Mas tem de saber ser autoritário e usar autoridade nas situações em que isso é preciso. Isso é como uma mãe saber dizer não ou um pai e em educação a gente está a educar e as coisas fazem-se com regras e há regras que a gente não pode fugir e tem de cumprir e há certas coisas que só se conseguem fazer sendo autoritários, dizem “não! É aqui é isto e explicando o porquê” não é? Há que saber a autoridade e o autoritarismo que se utiliza, para quê? Com quem? E para fazer	

		o quê? Não é ser autoritário por ser, puro e simples, não! Há situações onde é preciso ter…se calhar a palavra certa não é ser autoritário, é ter autoridade, não é? Porque se tá numa função que tem de dirigir não é? Determinado tipo de coisa, tem de saber usar da sua autoridade, que lhe é conferida porque ele está em qualquer coisa que assim o exige e aí tem de saber ser." "Opa sei lá um contexto qualquer, num projeto, numa reunião que tem de dominar, há tempo, há uma coisa para se fazer e tem um *timing*, a gente se não cumprir aquilo então vamos perder o que quer que seja, então vamos, se é para fazer é isto é aquilo é o outro. Se é ele que está a dirigir não é? Se é o educador que está a ter essa função, então ele tem de exercer essa autoridade." "Desenvolvi sempre, desde sempre. Não só o ter pertencido às associações mas também ter passado por grupos de teatro, por grupos de folclore, por grupos de música, tudo isso me deu competências para aquilo que eu vim a fazer depois, quer na escola já no secundário porque eu desde muito miúda que pertenço aos grupos de música portanto isso para mim foi sempre uma participação…a tal participação comunitária, cívica, sei lá o que lhe queiras chamar. Portanto eu tive isso desde muito pequenininha. Felizmente os meus pais proporcionaram-me essas oportunidades e isso foi de facto decisivo para aquilo que eu vim a fazer e para esta perspetiva do comunitário e do social." [E21] "…agora mestria está em tu preservares essa força, amadurece-la e não deixares de acreditar naquilo que és capaz porque nós sozinhos de certeza que não mudamos o mundo mas de certeza que conseguimos operar dentro de nós que tudo à volta vai funcionar não é? Porque isto, esta força não tem mal nenhum. Agora a gente não pode é deixar de sentir…porque acho que o grande mal da	

		sociedade de hoje é as pessoas já não sabem como é que é sentir não é? Trabalhasse o quantitativo e o qualitativo não…trabalhasse em função do ter e não do ser. Tudo à nossa volta condiciona em função do ter não é? Por isso é importante, essa força tem de ser amadurecida e a gente aprender a preservá-la não é?" [FA] "Uma pessoa manipuladora é uma pessoa calculista. Quando está a argumentar está a pensar no objetivo que quer concretizar." [FA] "Se encarares o termo de manipuladora pelo lado da negociação tu não estás a agir ade má fé, tu estás apenas a tentar manipular não a pessoa mas a situação no sentido que aquilo que é necessário que aconteça possa ter possibilidades de acontecer (sorri) desculpem a redundância." [FE] "Pois, a questão é ver realmente o que é que é manipular para cada educador." [FF] "A independência na forma como está acho que tem a ver com alguma liberdade para poder agir, para poder criar, para poder decidir…" [FE] "Mas no entanto temos de trabalhar duma forma multidisciplinar." [FF] "Sim, ok! Mas mesmo dentro dessas limitações tu consegues alguma independência, desde que te deixem (sorri)." [FE] "Eu tenho de me gerir a mim própria, eu tenho de fazer e ter cuidado para que as minhas emoções não interfiram com o desempenho da minha função e vice-versa não é? Foi o que falamos há bocado, agora não é que um campo interfira noutro." [FE] "Não cair no dever e (sorri) é mais no sentido de mudança, não da revolução." [FF] "Isto é engraçado como as palavras têm várias conotações e como	

		cada…" [FF] " E como cada um interpreta. Aqui cada um de nós está a interpretar as palavras da sua forma e é difícil estar…" [FF] "Claro e tem de estar de acordo com o teu próprio referencial." [FE]	
	5.2. Importância da presença do EIC/ES nas várias entidades da região	"Eu acho que o educador social é um profissional que tem muita, muita, muita importância na área social, porque é um profissional que primeiro só por si, como nós ouvimos dizer várias vezes durante o curso, temos de tentar fazer várias coisas com poucas coisas, e esse é um pouco o papel que eu faço lá, é tentar com pouco ou nada, tentar fazer com que se possam proporcionar bons momentos, evolução e muitas outras situações que infelizmente aquelas crianças por uma razão ou por outra não têm acesso." [E1] "…eu acho que é importante e é importante porque há muitas coisas que os psicólogos não tão preparados para fazer e nós estamos preparados para fazer, há muitas coisas que a assistente social não consegue fazer ou não sabe fazer e nós temos algo complementar…" "…eu acho que nós somos muito melhores que os outros, eu acho que sim, principalmente quando se fala em trabalho com a população, com as pessoas…" "…acho que é extremamente importante o nosso trabalho de educador social nas escolas com essas crianças porque há muitas crianças já com esses problemas nas escolas. Aliás todas as escolas já têm crianças com dificuldades de aprendizagem ou crianças com trissomia 21 (…) mesmo que não seja a trabalhar com esse tipo de crianças mas a ajudar os jovens, como se diz jovens em risco, que cada vez há mais porque os miúdos trazem muitos problemas para a escola, a questão do *bullying*, a questão da obesidade."	Os principais contextos onde a presença se revela importante são as escolas, a saúde e junto das famílias (abrange uma série de contextos). Contata-se que é importante pela promoção de competências, prevenção de comportamentos de risco. Essencialmente a sua importância incide na relação com a família. É o educador que muitas vezes estabelece a ponte entre as entidades e a família (que é tão importante para o desenvolvimento dos

		"…problemas familiares, problemas de saúde. Eu acho que o educador social acaba por ter uma função e um papel muito importante na escola, para além do professor que simplesmente só está ali para dar a matéria e esquecesse um bocadinho os problemas dos alunos. [E2] "Acho que também para fazer muito a relação e a comunicação entre família e escola, que acho que aí falha muito e todas aquelas questões que são tratadas na escola em termos de sensibilizações, promoção de competências pessoais e sociais, a parte da promoção da educação para a saúde, mesmo na própria prevenção das toxicodependências ou promoção de estilos saudáveis, como queiram chamar." [E3] "Um educador social faz muita falta num centro de saúde, além da assistente social não é? Além da assistente social mas faz falta a nível principalmente dos que eram chamados SAP's, agora são os serviços de atendimento permanente não é? Pronto faz muita falta no atendimento ao doente, ao familiar. Nos hospitais também fazemos muita falta mas não somos reconhecidos com muita pena não é? Com muita pena minha porque a área da saúde também é uma área que me diz muito. "…ainda hoje não valorizam a importância dum educador social na creche e jardim-de-infância, no que diz respeito ao relacionamento com as famílias não é? Eu acho que era importante, era muito importante mesmo na creche e jardim-de-infância das instituições haver um trabalho com as famílias." "Porque os educadores de infância não estão preparados a esse nível, de trabalharem com os pais, sim senhor relacionam-se com os pais, têm de se relacionar mas depois há aquelas situações	indivíduos e que influencia sempre de alguma forma). Não sei até que ponto haverá outros profissionais a fazer este tipo de trabalho, que estejam capacitados para tal e que achem este trabalho importante. Este profissional é importante pelas características que possui, pela sua formação, pela sua especificidade enquanto profissional (forma de ver as coisas e de trabalhar), São essenciais as características de comunicação, um caracter otimista e principalmente crítico (não fazer o trabalho apenas por fazer mas ter o cuidado de analisar as

		complicadas que aparecem sempre em sala de jardim-de-infância e que acabam por não ter capacidade para lidar, para resolver e aí era muito importante a presença do educador social portanto até mesmo a nível de resolução de conflitos a nível de recursos humanos, é importante ter um educador social aí também não é? (…) Entre os próprios recursos humanos da instituição, sejam eles quais forem e aí é muito importante também a presença de um educador social. É muito giro sim senhora "ah devia ter um psicólogo" mas um psicólogo não resolve tudo não é? Esta instituição tem um psicólogo para resolução de problemas complicados das crianças, que não resolve o problema das famílias nem dos recursos humanos." "…em contexto escolar "vocês deviam ficar aqui, faz falta o vosso trabalho aqui. Foram uma mais-valia" porque é assim, por exemplo a nível dos diretores de turma são muito bons sim senhor, mas é a nível da escola. E depois a nível de trabalhar com as famílias?" "Até mesmo a nível por exemplo ao nível da tão famosa educação sexual nas escolas." "É verdade que há outras instituições que também trabalham no terreno e que vão às escolas mas são trabalhos pontuais e não é esses trabalhos pontuais que vão dar resultados. É preciso um trabalho contínuo nas escolas, isso é importante e são os educadores sociais que estão vocacionados para isso…" "Temos de ser nós a mostrar-lhes outras coisas, coisas diferentes para eles verem que têm necessidade de mudar a situação em que estão…"[E4] "Eu penso que os educadores são importantes! Agora até que ponto é que os agrupamentos estão dispostos a contactar educadores…e penso que são importantes a vários níveis, pelas questões da família, da relação dos pais com a escola, eu penso que o educador social	causas e as consequências.) Fundamentais também são o crítico e o inovador. Tentar ser sempre mais e procurar as explicações.

		pode ter um papel importante e aliás cada vez mais acho que temos famílias ausentes no sistema de ensino. Ah e mesmo para dar apoio a miúdos com dificuldades também de integração em contexto escolar…" "…aquele trabalho que é muito importante com as pessoas, que é a animação, proporcionar momentos com as pessoas, que se tenta ir fazendo com estágios, com ocupações dos OTL's e com coisas do género…" [E5] "Acho que sim porque faz falta sempre uma outra visão, eu acho que o trabalho em equipa é muito importante e que esta componente social que é mesmo muito importante porque as equipas são constituídas por elementos de várias áreas mas faz falta mesmo esta visão social que nós temos, não só o trabalho em si mas os próprios conceitos que nós trazemos e a forma como trabalhamos e a visão que temos das coisas, acho que faz falta." "…muitas vezes os professores têm uma visão, nem todos, acho que é muito diferente agora, mas ainda há alguns que têm uma visão muito limitada, não é bem limitada mas é muito centrada naquele modelo rígido e não olham muito àquilo que é a componente social e acho que faz falta também, bem como os psicólogos e tudo mais." [E6] "…se não envolvermos a família no desenvolvimento duma criança então não vamos ter bons resultados e é de raiz que se começa, nós temos desenvolvido principalmente por causa da comunidade cigana, algum trabalho do gabinete de apoio à família da escola D. José e acho que fazia muita falta lá um educador comunitário, porque professores que estão habituados só a lecionar, a estar atentos ao aluno e não à parte que está por trás e a toda a envolvente	

		que está por trás, é muito difícil conseguir-se desenvolver um bom trabalho. Eles só estão focados só no aluno e no sucesso do aluno mas depois há toda uma componente por trás que também precisa de ser trabalhada. "Penso que a nossa presença é sempre importante porque esta perspetiva de mudança e de ajudar as comunidades e a população a encontrar um caminho para a mudança é sempre, é importante e cada vez mais com as mudanças sociais que nós vamos observando à nossa volta, não é?" "…às vezes pensamos que o trabalho do educador se confunde um bocado com o trabalho do assistente social ou até da psicóloga ou do psicólogo mas eu penso que o educador, tem uma vertente mais prática do trabalho, da realidade, das vivencias e então com esta vertente mais prática conseguimos provavelmente chegar mais próximos dos nossos destinatários e conseguimos criar laços e criar uma empatia que depois é importante para concretizar os nossos objetivos." "…as colegas que eu me recordo que estavam a trabalhar nas escolas trabalhavam naqueles gabinetes de apoio à família, portanto desenvolviam um trabalho muito importante mesmo até a nível de ligação e de coordenação de serviços…" [E8] "…nós temos o papel de capacitar que acaba por ser até, o psicólogo que orienta, tenta, capacita também mas orienta mais, não é? O assistente social assiste e encaminha para as entidades corretas e todas aquelas coisas burocráticas e nós temos um papel muito importante principalmente a nível informal, no sentido que pudermos provocar pequenas mudanças, de forma diferente, eu acho." [Agrupamentos de escolas] "Sim também porque também tem uma	

		visão diferente do que é que pode ser a participação ativa, pode desenvolver várias estratégias também de empenho e de cooperação também e mesmo entre não só alunos mas mesmo a questão dos professores não é?" [E9] "Eu acho que sim, acho que é essencial (sorri) porque acho que nós viemos trazer outra perspetiva, outra visão sobre determinadas temáticas, centrar-nos muito na participação das pessoas, que é importante ouvi-las, que é importante perceber as suas reais necessidades e não às vezes aquelas receitas mágicas não é? Que se vinham passando e as pessoas tinham de cumprir e se não cumpriam era porque alguma coisa estava mal. Eu acho que a esse nível nós temos vindo a trazer alguma mais-valia, algum refrescar desta situação de trabalho." "…eu acho que o importante para mim é a família e que devemos ter em atenção todos os elementos da família. Agora focarmo-nos só nos pais e deixarmos os filhos acho que determinados aspetos vão sofrer e não vão ser devidamente trabalhados. Se trabalharmos só as crianças também e deixarmos de lado os pais, para mim também não resolve nada, acho que desde que tenhamos a perspetiva do todo e que na medida do possível que consigamos desenvolver esse trabalho ótimo!" [E10] "Eu acho que nós vimos com aquela injeção da dinamização e do trabalho mais presente, junto aos idosos ou aos utentes da instituição onde trabalhamos. Eu acho que sim, acho que é importante porque não vamos tanto à teoria ou não nos sentamos tanto à secretária a tratar de papéis e a tratar de situações burocráticas, se bem que às vezes somos obrigados, mas acho que pessoas com a nossa preparação, educadores sociais são mais	

		ligados ao terreno e mais às atividades das pessoas com quem trabalhamos e não tanto à burocracia." "…os professores procuram-nos quando sabem que há um assistente social ou um educador social na escola, procuram-nos porque há situações que os professores não sabem lidar, "olha tenho um miúdo que vem todos os dias cheirando mal, que é que eu lhe faço?" ou "tenho uma miúda que diz que tem pesadelos, o que é que acontece?" porque é assim, há a psicóloga mas é uma psicóloga só para uma escola inteira e atualmente eu não sei se as escolas ainda têm o apoio psicológico, acho que as verbas foram cortadas e paralelamente à psicóloga nós podemos fazer o primeiro diagnóstico e podemos dizer "isto é para mim ou isto não é para mim ou vão ter com a psicóloga ou deixem estar que eu contacto a família e tento resolver a situação." É muito importante porque é a ponte entre a escola e a família, são os educadores sociais ou os da área social, é a ponte por isso acho que é muito importante." [E11] "No contexto em que eu trabalhei mais que é este da educação de adultos é decisivo, embora não seja muito reconhecido, ou seja, em muito poucas escolas tu tens educadores socias a trabalhar e quanto a mim é dos principais contextos que deveriam considerar isso prioritário, não só com o trabalho que tu podes fazer com as crianças e jovens em termos de prevenção de comportamentos de risco como em termos de educação para a saúde, como em termos de muitos contextos ligados à problemática juvenil e que não é tido em conta e se formos a ver em muitas das escolas a única pessoa da área social que tem que possa fazer intervenção é o psicólogo que tem que apagar não sei quantos fogos desde orientação escolar e vocacional, acompanhar crianças com deficiência, etc., etc., e que não consegue ir fazer trabalho nenhum mais próximo com os	

		miúdos." "…continuo a ter a perspetiva de que o trabalho de um educador social numa IPSS é um trabalho muito mais ligado e muito mais próximo à comunidade. E é giro tu a um nível micro não é? Porque tu numa IPSS nunca trabalhas com grandes públicos e tu a nível micro conseguires criar uma relação próxima com os teus utentes, com o teu público-alvo…" "Acho que o educador social pode trabalhar uma série de problemáticas ligadas à área da juventude que pelo privilégio que tem de estar inserido numa escola, de estar integrado no contexto onde os miúdos estão e de poder observar de perto e criar laços com os miúdos deveriam ser aproveitados…" [E12] "…eu acho que a questão do gostarmos de atividades que envolvam a comunidade e o facto de termos esta pré-disposição para a dinâmica e para envolver e para gostar de…como é que eu hei de dizer? De fazer o diagnóstico, de ouvir a comunidade, de ir ao encontro, eu acho que isso são coisas…e eu trabalho muito com assistentes socias e não sinto tanto da parte delas essa…eu acho que também fomos um bocadinho formatados para isso, não é? Do ouvir, do tentar perceber, do tentar fazer em conjunto e não para não é? Do fazer com e não para. Eu acho que isso dão características que são muito importantes e seja numa IPSS, seja numa escola o educador social pode sempre fazer a diferença não é? Estou-me a lembrar e nós trabalhamos e articulamos muito de perto com os GAAF's que normalmente têm sempre educadores sociais ou de serviço social e (interrupção) e de facto é assim eu acho que quando há um educador nota-se uma diferença." [E13] "…acho que temos uma orientação, uma sensibilidade diferente.	

		Pronto isto também dependerá de pessoa para pessoa não é? Mas temos toda aquela filosofia de planear as atividades a partir das necessidades diagnosticadas, porque faz um trabalho também muito com as pessoas que…sei lá facilita…é humano e acho que muitos outros profissionais não têm esta vertente, não tanto de por exemplo de capacitar não é? (…) Muitas associações pensam ou estão pouco viradas para a resolução no sentido também das associações de apoio alimentar "vamos dar alimentação!" não é? E a nossa filosofia de curso o que nos ensinam é a atirar a cana para pescar, pronto e acho que isto realmente é fundamental, é muito importante não dar…tudo bem dar quando é uma emergência não é? Mas também todo o outro trabalho de capacitação." "…acho que também criam ligações de afeto à escola e ainda mais nos dias que correm que se ouve tanto falar de *bulling*, de agressões, de sei lá…até a parte da desmotivação não é? Desta crise toda que eles também são afetados não é? Também ouvem e também sentem e acho que o educador social nas escolas também tem uma função importantíssima, olha até o apoio psicossocial não é? O gabinete pode ser dinamizado por um educador social e atividades, sei lá até sobre a sexualidade, sobre… há tanta, tanta coisa para se fazer." [E14] "…a educação formal ensina-te procedimentos, ensina-te como vais fazer isto e porque é que isto é assim, o não formal (…) não ensina pronto orienta as pessoas a fazerem essa gestão (…) como lidar com as coisas, o que é que podem fazer para melhorarem as suas respostas pronto, porque uma coisa são conteúdos específicos com competências e objetivos, outra é pensar neles e geri-los não é? (…) não que tenha a pertença de algum dia vir a mudar alguém (…) o trabalhar na vertente integradora é contribuir para que a pessoa faça	

		essa gestão da sua pessoa, de onde está inserido, daquilo que recebe, de melhorar a sua capacidade de resposta, de saber utilizar aquilo que ouve, pronto acho que aí é que nós entramos." "Promoveram-se os GAAF's, os gabinetes de apoio ao aluno e à família, nas escolas foi-se buscar educadores sociais para fazer esse trabalho e após um ano depois desse trabalho ter sido lavrado entregou-se tudo isto aos professores, agora eu pergunto, eu que já experimentei os dois tipos de formação e embora não tenha terminado o primeiro não é? O que é que a educação formal tem a ver com a educação não-formal? O que é que faz um professor que está em contacto com os alunos todos os dias na sala de aula, num ponto destes? Não é? Onde já deve ter ocorrido uma promiscuidade emocional entre um aluno e um professor e de certeza que o aluno não vai procurar ajuda naquele sitio porque está lá aquele professor, pronto isto é especular. É claro, deve ser cada pessoa no seu setor, é evidente que o que está subjacente a esta mudança é sempre a vontade política, pois claro, são menos pessoas a quem se paga, neste caso aos educadores sociais e mantêm-se professores…" "De acordo com as necessidades dos locais mas equipas multidisciplinares mesmo, não só naquele espaço onde já estão pessoas com problemas e eu vou-me repetir novamente tem que se apostar sempre na prevenção, sempre, sempre, sempre na prevenção que é para depois não chegarmos a um ponto que nós vemos as coisas que depois é muito mais difícil ir resolver ou tentar resolver e criar respostas para aqueles problemas que vão surgindo, não é?" [E15] "…o educador acaba por fazer ali um elo de ligação entre os professores, porque o educador não trabalha e não se restringe só à população dos alunos como também aos docentes, aos professores e	

		inclusive aos auxiliares de educação portanto o educador tem aquela flexibilidade e aquele grande leque de ação de conseguir trabalhar com todos, não ao mesmo tempo mas de fazer uma parceria." "A maior parte das vezes nós não nos apercebemos (…) do *imput* que nós temos dentro da vida do outro e isto não tem com ser mais velho ou mais novo, tem a ver com a característica da personalidade do educador social e da diferença que faz naquele meio social em que está inserido, seja escola, lares, naquele meio, no meio social em que está inserido…" [E16] "Nós quando vamos para o mercado de trabalho temos de saber qual é o nosso trabalho, o nosso trabalho é diferente dos outros, nós vamos lá trabalhar "com" e não vamos lá trabalhar "para" e nós vamos fomentar uma relação de ajuda com a participação das pessoas, expondo os conhecimentos técnicos e envolvendo os conhecimentos das pessoas. Nós vamos lá para fazer a mediação e é na base dessa mediação com o nosso conhecimento técnico-científico e com os recursos da comunidade que vamos encontrar soluções para a melhoria das qualidades de vida das pessoas, esse é o objetivo. Nós não vamos lá assistir ninguém, isso há outros colegas que fazem, nós não vamos fazer a avaliação das capacidades psicológicas de ninguém no trabalho de gabinete, fazemos quando temos de fazer… o nosso trabalho é um trabalho prático e de terreno…" "…nós fomos preparados para criar e/ou fazer *empowerment*, para trabalhar com as pessoas e no âmbito desse trabalho, como não me tenho cansado de referir no âmbito desse trabalho promovido pelo *empowerment* "com" as pessoas, utilizando as nossas capacidades, as nossas competências técnicas e a nossa formação cientifica e utilizando os recursos da comunidade, podemos melhorar as suas	

		qualidades de vida, sempre no paradigma de intervenção pratica, práxis, não num paradigma assistencialista e é aqui que eu vejo muita resistência dos técnicos porque um diz que é uma coisa e outro diz que é outra e depois vai-se a essência e as origens do curso, isso só nos prejudica." "Ah sem dúvida alguma! Diga-me qual dos cursos a nível de licenciatura, está melhor preparado para intervir na comunidade, para fazer intervenção comunitária e social…" "Se nós estamos a falar dum trabalho de terreno para melhorar a qualidade de vida destas pessoas e que temos de ir trabalhar com as pessoas, temos que ir avaliar, temos que ir perceber as vivências, dificuldades, temos que ir fazer um diagnóstico da realidade para depois fazer as propostas de intervenção e medidas…" "Então quem é que está mais próximo das pessoas? Quem é que conhece melhor os casos? Nós conhecemos as necessidades de grande parte das pessoas porque estamos no terreno, conhecemos as pessoas, conhecemos a sua realidade e conseguimo-nos aperceber rapidamente da evolução da atualidade das suas necessidades, é essa rapidez com que se dá a resposta de quem está no terreno que é extremamente importante." [E19] "Porque eu acho que as pessoas estão muito, isto tem a ver, se calhar com uma questão geracional, a minha geração se calhar nem tanto, mas a geração do meu sobrinho que tem 22 anos hoje, se calhar apanhou ali um período de tempo que tudo era fácil, tudo era dado, tudo era descartável, tudo era de consumo rápido (…) é fundamental que haja um elemento que possa levar de alguma forma a desenvolver atividades que levem as pessoas a refletir sobre a sua própria condição e a condição de estar com os outros, inserido numa sociedade e com o mundo, na sua globalidade, porque nós não	

		nos podemos isolar dos outros, não devemos, em primeiro lugar, mas não podemos, é um facto, um homem não é uma ilha portanto tem que estar aberto aos outros e é aí que acho que um educador social pode ter, pode e tem um papel fundamental…" [Escolas] "Acho que é fundamental e acho fundamental que se articulem com os psicólogos desde que os psicólogos não sejam profissionais que estejam lá já há muitos anos e isto é um defeito que acontece muito quando as pessoas estão há muito tempo num sítio, porque depois acomodam-se e acham que já não vale a pena fazer, mas se forem psicólogos dinâmicos, interventivos, lá está a postura de cada um, outra vez, não posso fugir disto, mas se forem psicólogos que sejam pessoas realmente preocupadas em fazer alguma diferença, acho que sim, é fundamental para também tentar articular a família, abrir as portas um bocadinho da escola à família numa outra perspetiva, porque normalmente a família quando vê as portas da escola abertas significa duas coisas, muito provavelmente, ou é para ir ver as boas notas dos filhos ou é para ir resolver os problemas causados pelos filhos. Acho que a mentalidade já se foi alterando um bocadinho, mas regra geral é isto, dito assim de uma forma muito leve a regra geral é isto e acho que o educador pode promover ali uma ligação entre a escola e a família e até outras instituições, se calhar até arranjar forma de outras atividades poderem ser desenvolvidas paralelamente às atividades escolares e que possam fazer com que os alunos, sem distinção, não têm somente de ser com os alunos mais problemáticos, deve incluí-los fundamentalmente, mas não têm de ser só para os alunos mais problemáticos." [E20] "Por isso é que eu digo que é o "com" e não o "para" é pegar depois nas pessoas, sejam elas as pessoas que precisam das coisas, sejam as	

		entidades, sejam os financiadores, seja o que for, procurar tudo, juntar tudo e fazer.” “É assim eu acho que o educador social pode entre aspas desmistificar essa história do apoiozinho social e passar a deixar de ser isso para passar a ser aquilo que as pessoas contam que é…é assim nós temos de tirar partido das potencialidades das pessoas e das entidades. As IPSS’s fazem um trabalho bom mas algumas delas ainda muito nessa onda do assistencialista e do “toma lá” e do na na na e aí é que o educador social pode fazer a diferença. Acho eu, não é? Como eu entendo a postura do educador social, aí o educador social pode fazer essa diferença e ir para uma IPSS e mudar um bocadinho esse pensamento.” [Agrupamentos de escolas] “Tão importante, oh tão importante, tão importante, tão importante. Tanto, tanto, tanto, quem me dera a mim que o ministério da educação pusesse lá para além de professores, uma função de contratar educadores sociais nas escolas. Quem me dera a mim! Existem N coisas que um educador social pode fazer num agrupamento de escolas.” “…eu estou muito triste com a educação, estamos a regredir imenso, imenso, imenso em termos de educação nas nossas escolas e isso assusta-me muito porque tenho dois filhos ainda lá a estudar mas de facto é assim eu acho que é por aí. Uma das vertentes é o educador social poderá furar esse esquema indo por dois lados, com as associações de pais que não utilizam nem metade do poder que têm dentro dos agrupamentos de escolas, não sabem usar. Neste momento os pais têm representação legal no órgão de maior importância de todos os agrupamentos, que é o conselho geral e ninguém usa isto, não há pais! São muito poucos aqueles que usam isto, não fazem uso.” “Eu acho que é importante porque é aí que está a base de tudo!	

		Então estamos a falar de educação é a matéria-prima não é? É humana com que se está a trabalhar, é quem está nas escolas, hoje toda a gente diz "ai o futuro está nos jovens, o futuro tá nos que vêm aí" então é com esses que temos de trabalhar! Não é? Então faz todo o sentido que o educador social se está a trabalhar para uma sociedade melhor não é? Com outras perspetivas, que esteja lá também não é? Não faz sentido que não esteja lá portanto faz todo o sentido que seja nas escolas e nos agrupamentos de escolas." "É difícil, há o papel do professor…antes os professores faziam um bocadinho esse tipo de coisa e agora é-lhes pedido tanto, tanto, tanto que eles não conseguem, pronto e não é só isso, nem sequer é isso. Eu acho que é uma questão de ter equipas multidisciplinares a trabalhar na escola e eu acho que todos só saem beneficiados com isso não é? E está provado em muitos sítios, em muitas escolas que os projetos quando são envolventes resultam muito melhores e se tamos a falar das questões sociais e de formar pessoas e de ter uma maior matéria-prima para a sociedade seguinte é na escola! A escola tem esse papel entre a família não é? Cada vez se retirou da família para pôr na escola e agora a escola já não está a suportar isso e o educador social faz falta, é um elemento técnico que pode ajudar a resolver muitas coisas." [E21] "Há ainda muito a fazer nas comunidades ao nível da formação/ preparação/ motivação e prevenção, para se quebrarem ciclos e modelos de educação desviantes e disfuncionais e aí o Educador Social tem um papel muito importante de trabalho no terreno de dinamismo nas comunidades de motivador de novas experiências como perspetivas de uma vida mais cívica, mais colaborante, mais ativa." [Q40]	

		"Até mesmo para nós, a nossa designação pode levar-nos a outro lado não é? Porque é ver a profissão, encarar o curso e encarar a profissão com aquisição meramente tecnicista daquilo, de competências para desempenhar determinado papel e o problema é não haver muitos educadores sociais efetivamente." [FE] "Um técnico é prático, tem uma lógica, um *modus operandi* mais frio, mais é aquilo e pronto faz-se aquilo! Um educador questiona! Um educador incomoda, percebes? E…" [FE] "Pois e normalmente tens de te mover em determinados espaços e tens de te envolver com determinadas camadas da população para poderes trabalhar onde não há muito dinheiro, onde não tens muitos meios e portanto aí se um técnico vai para esse espaço perde-se, não faz nada! E depois desmotiva-se." [FE]	
6.Perspetivas futuras relativamente às alterações da sociedade e aos EIC/ES	6.1. Alterações da realidade social e o papel do EIC/ES	"Eu acho que quanto pior estiver a sociedade mais importante é o papel do educador social, o problema é que quanto pior está se calhar menos as pessoas acreditam no trabalho que o educador social pode fazer. Agora acho que é muito importante que hajam educadores sociais para que a sociedade seja um bocadinho mais equilibrada e não tão desigual e, não sei, também já pensei em tantas coisas não é? (…) quer dizer há assim tanta coisa que, ser educador social abre-nos tantas portas que às vezes acho que ficar parado é mesmo a pior opção porque podemos ir para tanto lado, para tanto sítio, se calhar como voluntário, se calhar como tantas outras coisas que acho que o futuro do educador social depende mesmo é da sua dinâmica e da sua proatividade." [E1] "Olha eu acho que nós educadores sociais e todas as profissões das áreas sociais vão ser muito importantes e quero acreditar e acredito que nós vamos ser muito precisos, em escolas, em centros de saúde,	A situação tem tendência a piorar cada vez mais, o que poderá levar a que a profissão seja reconhecida e mais requisitada Quanto pior for a situação ao nível nacional mais importante é a intervenção e ao mesmo tempo mais difícil é contratar educadores. Depende tudo dos apoios e das apostas que o

		em hospitais já não digo mas às vezes também é importante, em instituições, em prisões, em instituições de acolhimento, eu acho que a nossa profissão vai ser muito importante e eu acho que as coisas vão-se agravar, vai haver muitos problemas sociais, violência, crianças em risco, o desemprego vai gerar muitos problemas, muita violência (…) pessoas envolverem-se em tráfico de droga (…) refugiarem-se no álcool, baterem nas mulheres, desinteressarem-se pelos filhos, os próprios miúdos desinteressarem-se pela escola, não terem perspetivas de futuro, não há ninguém que lhes diga "isto vai correr bem" é sempre tudo "mau, mau, mau" os idosos cada vez vão ficar com menos apoios e eu já sinto isso nos bairros, eu vejo que estão cada vez com menos apoios e precisam de pessoas que estejam ali, principalmente para os ouvir e para os tentar ajudar naquelas pequenas dificuldades que têm, que já não conseguem fazer…mas eu acho que a nossa profissão vai ser muito requisitada, mas agora tudo depende das próprias instituições e do Estado, em que é que o Estado quer apostar, em que área é que quer apostar, mas pronto." [E2] "Hum, mais precariedade e acho que vai passar muito pela emigração. Eu por exemplo estou, tenho uma situação diferente porque como disse trabalho num negócio de família, um negócio sustentável e se calhar tenho em termos de sustentabilidade onde, entre aspas, me agarrar, mas se calhar se não tivesse esta oportunidade onde me agarrar não, já tinha saído porque acho que as coisas estão más e vão ficar pior, infelizmente e é péssimo estar a dizer isto porque nós devíamos fazer tudo por tudo para o nosso país mas acho que neste momento a política, os próprios políticos é que nos incentivam a isso, é péssimo não é? Nós jovens é que devíamos estar aqui a fazer e a lutar por isso, pelo país e mão-de-	Estado fizer. Os educadores são importantes para equilibrar a sociedade. No sentido em que pode ajudar as pessoas a ter esperança Existe tendência para que haja cada vez mais precariedade e isto vá levara que muita gente aposte na emigração. As pessoas já não vêm solução no seu país. Estamos perante uma sociedade consumista que se rege pelo materialismo e é importante inverter esta tendência. É importante voltar a acreditas e a direcionar a vida das pessoas para os valores e para o ser (em vez do ter)

		obra especializada e pessoas formadas mas acho que a realidade vai passar pela emigração, sem dúvida." "…cada vez o educador social deveria estar mais posicionado em termos de inserção profissional mas as instituições e os políticos não conseguem perceber isso, não conseguem e acho que as coisas não vão por aí." [E3] "Os projetos a nível social estão a diminuir cada vez mais porque os dinheiros do Estado ou da União Europeia estão a escassear e isto vai acabar e os educadores sociais vão ficar cada vez piores, garanto-lhe que vão!" "Pela lógica deviam melhorar não é? Porque há mais necessidades a nível social mas não há dinheiro para lhes pagar." [E4] "…eu sinceramente vejo um futuro muito negro e não falo só das IPSS's como dizia há pouco, das organizações da sociedade civil que passam um bocadinho pelas ADL's e por outras instituições que nós temos não é? Que fazem um trabalho muito importante na minha opinião, muitas delas, têm um trabalho fabuloso e que depois pronto em termos futuros não…e também algumas tentam arranjar alternativas de autofinanciamento mas também não é fácil…" "Pensar no futuro se calhar nem é a melhor altura nesta altura, quem sabe as coisas até podem melhorar e se nós nos pusermos a pensar no futuro nas condições económicas que temos no país, se calhar vamos começar aí a chorar e não vale a pena. Temos de pensar numa forma de dar a volta. Sem dúvida que nós estamos numa sociedade em transformação e em grande renovação e acho que a maioria das pessoas não está preparada para isso." "Pois se calhar fazem cada vez mais falta porque as mudanças, as transições que nós estamos a passar ou se calhar que nos vão	O futuro do educador depende muito das características que este tiver. Nem todos os educadores estão preparados e capacitados para a realidade e para as problemáticas. O educador poderá ser reconhecido mas não vai haver muitas oportunidades (visão pessimista?) É importante pensar em dar a volta. Procurar autossustentabilidade. O educador social terá mais que nunca um papel de desafiador e de facilitador, é um profissional que vai acompanhar a mudança

		obrigar a seguir, vamos ter se calhar uma sociedade mais triste, já temos neste momento… mais depressiva, que temos como a gente vê os endividamentos das famílias, as pessoas algumas encontram-se em situações caóticas e precisam de apoio. Agora não sei de que forma é que se pode dar esse apoio sem ele ser pago não é? Que entidades é que pagam esse trabalho? Ou pronto os próprios educadores também podem trabalhar pronto a título voluntário em organizações na sociedade, enfim a nível local." "…as pessoas vão ter de precisar mais umas das outras e se calhar a mudança temos de a ver por um lado bom, positivo." "…o educador social tem de seguir, como todas as outras profissões, tem de ser polivalente e tem de fazer tudo um pouco." [E5] "Acho que cada vez vão ser mais precisos não é? Porque a realidade social está a transformar-se não é? Portanto o próprio contexto está a fazer com que a realidade se transforme e em função disso cada vez serão mais necessários os educadores sociais, mas lá está epá é preciso que se criem as condições porque se não for reconhecida essa necessidade, se não houver o tal financiamento, a tal procura por parte das instituições, também pouco poderemos fazer mas acho que vai ser cada vez mais necessário, sim." [E6] "…o pensamento da sociedade vai regredir aí à uns anos atrás, ao que se vivia à uns anos atrás, até à altura dos nosso avós, porque hoje em dia a sociedade vive de uma maneira de consumir, consumir, consumir e portanto acho que vai acontecer que as pessoas vão repensar a maneira de viver e aprender a viver com menos e de forma não tão consumista, mais duma forma de trocar, de partilhar e acho que aí é a nossa mais-valia e se calhar este	social (ou pelo menos deve). Deve ter sempre presente a consciencialização e tentar trazer ao de cima as potencialidades dos indivíduos. Vai ser essencial o trabalho e equipa onde haja apoio, união e se procurem instrumentos para lidar com a frustração. As pessoas vão querer cada vez mais resultados imediatos

		cenário de crise até é bom para nós, porque ajuda as chefias a perceber que se calhar fazemos falta e que esse repensar de mentalidades, nós estamos cá para ajudar a desenvolver." "…acho que vai ser reconhecido, embora ache que não vão haver muitas mais oportunidades de trabalho, de emprego, propriamente dito, se calhar muitas mais oportunidades de trabalho não vão surgir, mas não vão surgir se calhar nos próximos três ou quatro anos, mas até lá há que marcar uma posição e mostrar o que é o nosso trabalho para que depois essas oportunidades possam surgir." [E7] "Pois não sei exatamente, tenho um bocado de receio não é? Tendo em conta a nossa, a nossa situação económica mas tenho esperança e penso que temos que manter a esperança que as coisas vão melhorar e que pronto que podemos continuar a progredir, não é? Porque senão não fazia sentido." [E8] "…continua sempre a ser o mesmo no sentido que acho que é um papel facilitador, portanto vai acompanhar a mudança social, não é? E ao mesmo tempo vai, não só acompanhar mas promovê-la, portanto muita parte da consciencialização das pessoas e na minha perspetiva um bocado de ser realista mas manter um bocado o idealismo e puxar mais para as potencialidades do que para as partes negativas não é?" [E9] "Piorar na sociedade ao nível económico-financeiro, etc. Para os educadores, eu acho e tenho muito aquela ideia que um bom profissional quando é bom profissional consegue sempre fazer o seu trabalho porque pode não haver dinheiro mas havendo criatividade nós conseguimos desenvolver determinados trabalhos por isso acho	

		que um educador que tenha essa perspetiva pode ter algumas dificuldades de integração profissional, não digo que não, que o mercado de trabalho também está complicado mas quem vier a conseguir e se vier a ter essa perspetiva acho que pode por aí não é? Conseguir fazer alguma coisa. Agora a crise está aí como se costuma dizer (sorri) e as coisas tão complicadas mas é tudo uma questão de nós também nos sabermos defender em certa forma, sabermos ter algumas perspetivas futuras que as coisas podem melhorar não é? Eu acho que parte de nós ultrapassar esta questão! Quem se resignar ao fatalismo aí de certeza que não vai conseguir fazer nada, não vai conseguir desenvolver nada mesmo a nível pessoal." [E10] "Não só eu, mas todos os técnicos que trabalham na área social, eu acho que somos nós que quando isto bater no fundo, eu acho que vai bater…quando grande parte da população estiver desempregada e que nós tenhamos oportunidade de trabalhar, nessa altura acho que somos nós que vamos impulsionar, somos nós que vamos criar trabalho, que vamos criar garantias, que vamos dar sustentabilidade emocional e familiar às pessoas. Vamos ser tipo um…antigamente as pessoas aconselhavam-se com os padres, hoje em dia a igreja está posta um bocadinho de parte nessa situação e eu acho que as pessoas já não procuram tanto, então se calhar acabam por procurar os educadores sociais e os assistentes sociais e os psicológicos. Acho que vamos se um bocadinho os aconselhadores da população, eu acho que sim." [E11] "Se as coisas continuarem por este caminho, se eu fosse uma pessoa desumana diria "quanto mais crise, melhor para os educadores comunitários e educadores sociais" porque problemas sociais vão	

		aumentar assim exponencialmente e nós já ouvimos isso nas notícias, há muito mais pobreza envergonhada, há muito mais pessoas a passar dificuldades, há muitos a abandonarem as casas, há muitos mais crianças a irem para a escola sem a barriguinha cheia e isso significa falta de comida, há muito mais desemprego, há muito mais famílias em que nem o pai nem a mãe trabalham, portanto tudo isso vai trazer uma série de problemas sociais. Numa perspetiva assim mais ampla, isto é, entre aspas, ouro sobre azul para um trabalho de educação social, a questão é que não havendo dinheiro depois não há dinheiro para implementar projetos e não há dinheiro para as instituições contratarem os educadores sociais, nem há dinheiro para gastar em projetos que fizessem diferença, mas que precisam também de algum para pagar os ordenados, para materiais e para outras coisas. Portanto, numa perspetiva ingénua, sim, a questão da crise traz como é óbvio um exponencial daquilo que é a problemática social no nosso país, a meu ver, só que depois também existem grandes limitações por parte das instituições no terreno ligadas a esta área porque eles próprios também não têm dinheiro para contratar educadores, não é?" [E12] "…eu acho que o nosso papel vai ser de alguma forma mais difícil de desempenhar porque eu acho que é assim o nosso papel acaba por ser (interrupção) eu acho que é assim o nosso papel resulta muito no encaminhamento, no orientar, no aconselhar não é? E muitas das vezes nunca conseguimos responder às necessidade totais da pessoa só unicamente connosco não é? Precisamos sempre duma parceria qualquer e o facto de essa crise depois de forma direta provocar rotura de algumas respostas sociais não é? Como já vimos por exemplo a questão do PIEC, dos cursos PIEF que provavelmente vão deixar de existir não é? Dos GAAF's que vão	

		deixar de existir, dos CNO's que não sabemos até que ponto é que…portanto isto está tudo muito, está tudo a acontecer não é? E nós não temos muito tempo para refletir mas eu acho que de facto isso vai condicionar muito o nosso papel…" "…as pessoas também vão muito em busca da solução para o problema e é assim se até agora não era fácil encontrar essa mudança no momento perante a situação eu acho que vai ser muito pior e depois também acho que vai ser de alguma forma frustrante para nós por vezes sentirmos que aquela pessoa realmente merecia ter um apoio e devido aos excessos que foram acontecendo ao longo dos anos e até agora, agora pessoas que realmente precisam não vão ter não é? E isso quanto a mim vai ser motivo de frustração e de desgaste." [E13] "Olha eu penso muito na questão da renovação de valores, ou seja, de novas perspetivas dos valores pessoais das pessoas. Acho que até aqui as pessoas viviam, na minha opinião com os valores um bocadinho trocados não é? Ou então sou eu que estou toda trocada (sorri) mas esta questão da capitalização da economia, do dinheiro, das aparências, toda esta questão é um bocado fútil para mim e acho que até aqui se vivia muito com esse fundo, pronto e agora com esta crise muitas pessoas deixaram de ter acesso àquilo que tinham não é? Ou seja tanto às questões da beleza, sei lá e acho que vai ser essencial uma reestruturação dos valores sociais, mais por aqui, mais a ver com a humanização, com o respeito pelo outro, que se perdeu imenso, pela valorização da pessoa que tu és e não valorizar o que tu vestes, a casa que tu tens, a aparência que tu tens, sei lá às vezes até dependendo da profissão que tu tens podes ser ou não valorizado dependendo do contexto…da solidariedade, da solidão até na sociedade…" [E14]	

		“Nós temos vindo a ser orientados para viver de determinada maneira, ou seja, precisamos de determinado conjunto de coisas para viver (…) Nós fomos induzidos de que é preciso este conforto material, fomos induzidos que é preciso uma montanha de condições para sermos aceites socialmente (…) a crise foi fabricada obviamente (…) de alguma forma as pessoas têm voltado para a terra e tem-se vindo a perder conhecimento sobre a terra, como tirar a comida da terra certo? Mas provavelmente se formos pela organização de reabilitação destes espaços não é? A terra e há por aí tanta terra e tanta coisa pronto de alguma forma se as pessoas se organizarem em pequenas comunidades, pelo menos para garantirem a subsistência não é? Há N formas de construir habitações a custos mais reduzidos e que respeitam o ambiente, só que estas coisas não interessam porque isto não dá dinheiro a não ser às pessoas do costume, pronto e eu já me estou aqui a desviar para um conceito de vida e de sociedade completamente diferente.” [Papel do educador] “…bem desafiador porque lá está a tal coisa, isto temos que pensar de que forma é que vamos atuar não é? Se vamos atuar dentro deste modelo que está, continuar a encaminhar as pessoas para a segurança social portanto o sistema conforme ele está e decadente ou se vamos começar a pensar em estruturas de sociedade alternativas, remeter as pessoas para ali e levá-las a perceber “epá que até sei fazer aqui qualquer coisa, que até consigo comer qualquer coisa e tirar dali, que até consigo trabalhar em equipa com o fulano e o beltrano” (…) a maior crise que está aí é a do ser humano muito sinceramente porque as pessoas foram levadas, não só, induzidas para o ter como para o individualismo não é? Isto de viver em comunidade é para todos (…) trabalhar-se em conjunto para um objetivo comum é para todos.”	

		[Papel do educador] "Mediador completamente e mais uma vez sabendo sempre qual e onde é que é o nosso ponto…" [E15] "Olha a sociedade pelo que eu me apercebo, é mais a nível emocional, está completamente sem esperança, está desesperada, não vê futuro, não vê futuro brilhante, não consegue alcançar além da conta bancária e o educador social a grande… o grande campo de intervenção irá ser trazer de volta a esperança para a população porque dizem que a esperança é a última que morre mas neste momento na crise social que nós atravessamos a esperança está muito fraquinha, muito fraquinha mesmo." [E16] "Eu acho que o que vai acontecer na sociedade depende muito da nossa postura, as coisas não tão fáceis e é preciso trabalhar mais. As coisas não caem do céu como caíram durante algum tempo. Nós os portugueses habituámo-nos muito a… Os nossos pais lutaram muito para nos dar um futuro melhor, para nos dar estudos, para que nós pudéssemos ter agora coisas e qualidade de vida que eles não tiveram, acho que é um bocado um ciclo. E agora nós estamos com dificuldades e eu às vezes penso se poderei dar aos meus filhos as oportunidades que eu tive não é? Dá-nos que pensar, a sociedade está a mudar muito. Será que vai continuar a haver ensino público? Não é? Será que vai continuar a haver…saúde gratuita já não há de certeza não é? Mas estas coisas mexem um pouco connosco agora eu não gosto de pensar nas coisas pela negativa, gosto de pensar pela positiva, o que é que nós temos de mudar na nossa postura para mudar isto? Acho que é possível." "Eu acho que o nosso papel deve ser um papel otimista porque se trabalhamos com a sociedade temos de ter um papel de educador da sociedade, educador se calhar que não podemos ser tão	

		materialistas, não podemos se calhar pensar em ter tudo do bom e do melhor, telemóvel X ou Y, por exemplo. Temos de rever muito o nosso estilo de vida e os educadores sociais podem ter um papel muito importante aqui, em ajudar a moldar a sociedade para um futuro melhor não é? Para um futuro mais responsável, mais ecológico, que se basei mais nos valores do que no materialismo." "Quer a gente trabalhe com crianças, que nem é tanto a vocação do curso mas adolescentes podemos começar a trabalhar isso… a gente trabalhe com famílias, com idosos que coitados agora chegam ao final da vida e…ou seja temos de ter uma mensagem de esperança, mas temos de nós próprios acreditar nisso ou então não vamos ser capazes de contagiar os outros com essa esperança não é?" [E17] "…olha eu sou otimista (…) esta coisa da crise e da falta de dinheiro, isto tem um lado mau que é não temos dinheiro para nada, não investimos, não fazemos projetos, estamos todos um pouco à espera de ver o que vai acontecer e isso é o lado mau, estamos todos um bocado estagnados e com medo. O lado bom para mim é que aprendemos a dar valor a outras coisas que não dávamos, então a nível de desenvolvimento pessoal isso para as pessoas é bom e se calhar as pessoas voltam-se a lembrar um pouco das coisas que podiam fazer-se quando não tinham tanto dinheiro. Eu gosto de acreditar que isto nos traz alguma lição a todos. A nível para nós, o que isso nos poderá trazer de positivo, enquanto educadores sociais, pois eu espero que no futuro depois que isto volte um pouco a ser um pouco como antes, que isto volte a vontade de criar projetos e fundos que financiem esses projetos e que esses projetos sejam melhor selecionados, sejam melhor pensados e que se comece a fazer trabalho de qualidade, com bons financiamentos que se comece a fazer projetos de qualidade. (…) Eu acho que isso para as	

		pessoas é bom porque vão ficar com os melhores projetos e com as melhores ideias e com as coisas que podem realmente funcionar, isso para a nossa área acho que, acho que é bom." [E18] "…infelizmente estamos a falar de uma situação de crise, de necessidades extremas das pessoas. Estamos a falar de défices não é? Não é só o défice económico, é também o educacional é o profissional, é o défice de formação, da amplitude de conhecimentos, da descoberta "democrática" de oportunidades. É necessário um novo paradigma de intervenção, de participação ampla e de aproveitamento dos recursos e oportunidades, de equidade e justiça social. É necessário haver projetos que levem à efetiva melhoria da capacidade de vida das pessoas e não passa pela atribuição de subsídios nem de medidas a curto prazo, passa efetivamente pela profissionalização dessas pessoas, passa efetivamente pela melhoria da qualidade de vida dessas pessoas a nível da habitação, a nível da educação, a nível da sua própria valorização. É necessário "despertar", agitar as pessoas porque muitas vezes estão adormecidas… esse é o grande papel do interventor e neste caso pelo que me diz também do educador, nós temos de ir agitar, temos de ir mexer com as pessoas, conscientizar, senão não estamos cá a fazer nada." [E19] "… não vamos cair na tal coisa de achar que a educação vai acabar com a pobreza ou que os educadores sociais vão acabar com a droga ou isto ou aquilo, não vão e se acabarem ficam sem trabalho, portanto não pode ser visto desta forma. Aquilo que a gente tem de acreditar é seguir e acreditar que vai ser possível fazermos alguma coisa com aquilo que nós somos, nós temos de lutar, porque nunca nada vai ser dado de bandeja, até a profissão se afirmar há ainda um	

		longo caminho. Se vamos conseguir ou não? Pois não sei, eu quero acreditar que sim, eu acredito que sim, mas isto neste momento, está tudo muito incerto e tudo muito, as pessoas estão muito pouco confiantes no futuro e muitas pessoas estão a ir embora e muitas mais ainda hão de ir…" [E20] "As expetativas em termos de futuro para os mais novos são complicadas, os anos de finais de vida de quem já trabalhou e de quem é reformado também não são nada fáceis e estamos numa sociedade atual muito complexa e eu acho que aí sim, quem quiser ser bom educador social está na onda. É como se diz "quando há crise, há oportunidades!" [E21] "É assim, nós temos de começar a mudar a nossa forma de pensar, ponto final nós não temos dinheiro. Dantes era comprar tudo, comprar tudo não é? E agora as pessoas não conseguem comprar, vivemos numa economia baseada no consumismo. As pessoas não têm dinheiro, as lojas vão fechar, não vai haver… ou seja, nós temos duas opções: ou vamos na onda de "ah onde é que isto vai, onde é que isto vai parar?" ou então vamos tentar arranjar formas de resolver." [FF] "Exato! Temos de aprender a viver de outra forma e nós educadores sociais, nós somos importantíssimos nisto, porque nós temos de tar na primeira linha na renovação dos valores. Se é inevitável que a nossa vida tem que mudar porque na controlar…" [FF]	
	6.2. Situação profissional dos	"Agora acho que não sei, as oportunidades de trabalho desaparecem e aparecem com uma rapidez que lembro-me que há dois meses atrás estávamos a falar que se calhar o projeto ia acabar e na semana	As oportunidades aparecem e desaparecem. É necessário ir vivendo e

	EIC/ES	passada já se disse que o projeto não acabava, que ia se calhar era mudar de nome, quer dizer há dois meses estava desempregado e agora estou empregado outra vez, isto é tão rápido! Quem diz que eu amanhã não recebo uma proposta de trabalho e eu saiu daqui e vou para outro lado?" "…há duas coisas que eu valorizo muito, que é primeiro gosto de trabalhos emocionais, há aquelas pessoas que fazem trabalhos emocionais e eu acho que o trabalho emocional é super gratificante (…) deficientes, acho que trabalhar com deficientes é muito bom, acho que trabalhar com jovens é bom, acho que trabalhar com idosos é bom (…) os adultos acabam por ser aquela faixa mais complicada de trabalhar… a criança é mais fácil, o idoso e o deficiente são mais recetivos, o adulto se calhar é um bocado mais desconfiado e torna-se mais difícil, mas acho que com qualquer uma das opções daria bem, dava sempre preferência a trabalhar com deficientes." [E1] "Profissionalmente espero que seja melhor…" "Epá eu gostava de trabalhar num sítio em que realmente houvesse uma excelente equipa mas claro isso depois tudo depende e varia, mas a desenvolver atividades no terreno com a comunidade, com as pessoas, mas sempre no terreno porque acho que aí é que somos precisas, nós técnicos no terreno. (…) Eu acho que sempre desenvolver atividades com as pessoas, o contato com as pessoas e com o terreno, acho que isso é muito importante. Não é atrás de uma secretária com papéis e com computadores, não! Isso bloqueia tudo, tudo o que nós aprendemos bloqueamos." [E2] "Eu não sei mas algo que diz que eu cada vez mais vou-me afastar da área, da área social. É que é assim, gosto muito sim, só que já	ver quais as oportunidades que surgem. Muitos educadores gostariam de trabalhar com as populações, um trabalho que fosse numa equipa, no terreno. Verifica-se otimismo e esperança no sentido em que surgirão oportunidades Também existe a situação do afastamento da área devido às dificuldades. Ou a questão da emigração. É importante não acomodar a um trabalho e estar abertos a novas realidades. é extremamente importante

		cheguei a um ponto que estou cansada porque vou para uma área e dou o tudo por tudo e chega a um ponto que "não!" acabou o financiamento, pronto ok não desisto, vou para outra área e dou o tudo por tudo, "não, acabou" e isto cansa, porque nós começamos a fazer um trabalho e depois chega a um ponto em que ele vai todo abaixo e depois começar outra vez de novo e eu acho que eu neste momento preciso de algo sustentável, de ver o trabalho a crescer, a evoluir, é a tal evolução na carreira e eu sou muito otimista mas também sou realista e acho que neste momento, nos próximos cinco anos acho que vou estar afastada da área." [E3] "…sempre disse que queria trabalhar com idosos e por incrível que pareça não fui para essa área não é? Pode ser que ainda vá, agora que estou no desemprego pode ser que arranje alguma coisa nessa área…" [E4] "Não me vejo (sorri), não, é tudo muito incerto, eu acho que a nossa profissão vai-se vivendo. Para mim é um ano de cada vez, tem sido sempre assim, apesar de estar há quatro anos aqui, mas todos os anos há a incerteza de saber se temos aprovação para o ano seguinte ou não portanto eu tenho vivido um ano de cada vez. O emprego para a vida acabou não é? Aquela realidade que até há umas décadas as pessoas viviam, que tinham um emprego trinta, quarenta anos acabou, eu neste momento sinto que essa realidade é anual portanto eu de ano para ano é que vou vendo o que…" "…não me assusta muito, mas se calhar é uma perspetiva um bocadinho otimista, não sei o que é que me espera. Provavelmente poderei ficar no desemprego, mas eu creio que é uma questão de tempo, mas é uma perspetiva otimista minha, não sei." [E6]	que os educadores estejam conscientes que das suas limitações e das suas capacidades.

		"…acho que não vou estar aqui, dado todo o cenário que se atravessa, porque estou numa fase de contrato que pode ser renovado mais duas vezes e depois não sei como é que vai estar a questão das autarquias para incluir mais pessoal, mas isso também não me entristece. Eu não sei muito bem onde é que me vou ver daqui a uns anos (sorri), não sei, mas não fico desmotivada com isso, porque acho que vou arranjar oportunidades, seja aqui ou não." [E7] "Eu penso que um dos grandes problemas também se calhar, não sei se mas pronto, as pessoas se acomodarem a determinado trabalho, a determinada situação profissional, eu não, não gosto de me acomodar até porque não me estou a ver daqui a dez anos a continuar a trabalhar com adolescentes, não é? Penso que também é importante sabermos os nossos limites e sabermos reconhecer as nossas capacidades, não é? Com cinquenta anos estar a trabalhar com adolescentes e estar a fazer, sei lá atividades radicais ou de ir um dia inteiro para a praia ou ir, sinceramente não estou a ver, não é? No entanto, pronto penso que também temos que estar abertos e ver o que é que o futuro nos reserva não é? Mas não me estou a ver a fazer a mesma coisa que faço hoje." [E8] [Estrangeiro] "…quem pretende mesmo uma progressão da carreira, uma coisa assim mais estável, pois quem tem ambições assim mais materialistas digamos assim, o norte da Europa é sempre mais…(…) portanto eu tudo o que for vai ser, acho eu até agora, vai ser para o sul provavelmente é voluntariado, sem progressão nenhuma (sorri), comer arroz com feijão todos os dias…" [E9] "Sinceramente não sei. Houve uma altura em que eu dizia que ia	

		estar cá por muitos anos porque realmente…atualmente continuo a gostar muito do que faço e acho que por mais algum tempo estarei cá mas começo a chegar a uma fase que penso que daqui a alguns anos se calhar vou estar a desenvolver outras questões não é? Gostava de tentar outros contextos, mas isto só o futuro dirá (sorri).” [E10] “Se tivesse aqui não estava insatisfeita mas acho que precisava de crescer. Nós precisamos sempre de desafios e eu tenho plena noção que a minha missão aqui não está concluída não é? Nem pouco mais ou menos mas se calhar daqui a cinco ou dez anos já estará e se calhar precisava de outras missões, de outras descobertas, de coisas que me fizessem crescer porque tal como nos dizem, “o educador social é alguém com os braços muito grandes que consegue abranger muita coisa” é muito versátil e como tal nós sentimos versáteis como somos não nos podemos restringir só a uma área, não nos podemos restringir só a este trabalho e então acho que nos faz bem, faz-nos crescer e enriquecemos a sociedade se conseguirmos espalhar um bocadinho de nós por vários sítios.” [E11] “Ai não sei, eu não sei como é que me vejo daqui a três meses, não sei se vou ter trabalho depois de Agosto, que é a incógnita agora dos centros. Se quiseres que te diga o que gostava de ser profissionalmente daqui a três ou cinco ou dez anos eu posso, eu posso voar um bocadinho e dizer qual é a minha perspetiva, mas se eu pensar de uma forma realista não, não consigo. Aquilo que eu gostava de ser? Olha eu gostava muito, gostava muito de continuar a trabalhar nesta área ou então em trabalhar em simultâneo com isto na área da terceira idade porque é uma área muito querida para	

		mim, gostava de ter oportunidade de dar aulas na universidade que é uma coisa que não sei porquê, desde que acabei o curso andei inclinada para ali e fiz de tudo para tentar ter uma porta aberta em termos da minha qualificação, da minha formação para poder experimentar isso." "…vejo-me a continuar a trabalhar na educação de adultos, não sei se numa escola dentro do contexto Novas Oportunidades mas gostava de continuar (…) não sei se com muito boas condições de trabalho…" [Estrangeiro] "Já a coloquei várias vezes mas academicamente tenho sempre o receio de ir e não conseguir trabalhar na área (…) ou ia para Inglaterra ou ia para algum país de língua, em que a língua utilizada fosse o inglês (…) é uma hipótese que já ponderei várias vezes, acho que mais depressa vou lá para fora fazer um trabalho qualquer do que trabalhar na nossa área porque acho que vai ser complicado conseguir isso…" [E12] "…não sei se me vejo no mesmo sítio ou não, portanto não sei, eu acho que há mil e uma opções, mas isso agrada-me, poder pensar que não vou estar no mesmo sítio." [Emigração] "…ainda mais agora com a indicação política de que realmente devíamos emigrar obviamente que pensamos sempre por pensar nisso e por falar nisso. Obviamente que se eu ou o meu marido ficássemos numa situação de desemprego se calhar ponderava isso (…) eu se ficasse numa situação de desemprego ponderava." [E13] "Olha eu tento não pensar muito nisso que é para não ficar frustrada (sorri) é verdade. Pronto eu adorei tudo o que fiz até agora, gostei imenso e cada vez me apaixono mais sim, pelo que faço. O que	

		espero? Essencialmente continuar a trabalhar nesta área, acho que era um grande desgosto ter de mudar de área. Infelizmente as perspetiva que a maioria de nós tem é ir para fora." "Não sei, (sorri) não sei nunca pensei muito nisso, que vamos todos arranjar emprego não sei, que poderíamos todos fazer muita coisa sim! Poderemos todos fazer muita coisa não remunerada, o que não falta aí são coisas para se fazer." [E14] "Ah eu gosto daquilo que faço, eu gosto muito daquilo que faço. (…) gostava de ter um salário e gostava de ter mais fundos para fazer mais coisas, a gente sente-se limitados. Gosto daquilo que faço mas gostava de fazer mais e para isso precisava de mais fundos." [E17] "…depende das oportunidades (…) Não se fecham as portas a outros projetos." [E19] "…esta profissão dependerá maioritariamente de nós, enquanto classe que se está a tentar afirmar e dependerá daquilo que devemos fazer ou nos deixarem fazer. Quanto àquilo que nós conseguirmos fazer, acho que a união e o caminharmos todos basicamente, com o mesmo fim que é dignificar e lutar por uma carreira, acho que é um princípio e já há alguns exemplos de associações que se formaram que vão nesse sentido. Aquilo que nos deixarem fazer já vai depender certamente, lá está, das instituições, precisaremos delas para trabalhar, porque se não houver essas instituições nós não temos trabalho e, infelizmente, o tal ciclo vicioso…" [Estrangeiro] "…nunca pus de lado porque pessoalmente gosto muito de viajar e de conhecer outras culturas e não me faz confusão nenhuma pensar que vou viver dois ou três anos num sítio e depois	

		mais dois ou três anos noutro, não me faz confusão, nunca encarei a profissão como uma profissão para a vida, "ok eu estou aqui e aqui vou ficar", não quero isso, desde que não seja a trabalhar a recibos verdes, epá, podem ser contratos de um ano que eu não me importo porque significa que pelo menos durante aquela ano tenho a garantia de que estou a trabalhar e que estou a aprender e que estou a tentar ser útil. Se ao fim daqueles dois anos ou três acabar, bora para outra situação, é preciso é que haja essa outra situação, não havendo o mundo é grande, portanto, não sou fatalista ao ponto de ficar desesperada…" "Eu já andei a ver instituições de voluntariado internacional e estou seriamente inclinada ou para a Índia ou África, no entanto, também pondero outras situações que é ir para o Norte da Europa, mas como esta organização, por acaso, até faz cursos de formação de voluntariado no Norte da Europa, posso juntar o útil ao agradável e fazer dois em um, não é? Nunca se sabe, mas pronto, mas é assim, não vejo as coisas de forma muito fechada, sabes? Não planeio muito. Às vezes, costumo dizer que não sou eu que conduzo a minha vida, é a minha vida que me conduz muitas vezes e portanto vou assim ao sabor para onde ela me quiser levar." [E20] "Olha eu espero que num sítio bom a ganhar bem (sorri). Num sítio bom a ganhar bem, é assim não sei, eu costumo dizer agora ultimamente as pessoas à minha volta têm-me ouvido dizer que estou muito farta da administração pública e é verdade porque a administração pública local tem vindo a levar tanto revés e tanta coisa a aparecer não para facilitar mas para dificultar e ainda mais nesta perspetiva da participação da comunidade que eu estou algo cansada e costumo dizer que eu quero descansar disso mas é assim provavelmente quê? Agora vai haver eleições autárquicas daqui a	

		mais um ano, vou ter ai outro executivo. A não ser que me apareça uma oportunidade extemporânea completamente diferente, e eu me vá embora daqui, mas perspetivando que não, pois estarei a trabalhar com outro executivo nos próximos quatro anos." [E21]	
	6.3. Projetos e ambições pessoais e profissionais dos EIC/ES	"… tenho vários sonhos que ainda gostava de realizar que tem a ver com o ser educador social e trabalhar com pessoas, e que tem a ver com o educador social e crescer, eu próprio crescer! Além de gostar de ir três ou quatro meses para África ou para outro sítio qualquer do mundo para fazer voluntariado, gostava de agarrar em mim com uma mochila às costas e ir pela Europa sem estar preocupado com nada e limitar-me a observar os comportamentos das pessoas e ver como é que as coisas funcionam fora daqui, inclusivamente dormir na rua ou ter pouco dinheiro para viver, isso acho que não é o mais importante." "Gerontologia social, tenho esse mestrado na cabeça já há muito tempo, primeiro porque gosto de trabalhar com idosos e depois muito relativo àquilo que passei com os meus avós e a toda a dedicação que tive ao meu avô durante muitos anos (…) acabo por juntar várias coisas que é a psicologia, a educação social, com a alegria de trabalhar com idosos, com o permitir que as pessoas idosas tenham aqui um papel mais valorizado socialmente porque acho que infelizmente perdeu-se muito e as novas gerações valorizam pouco os idosos. Eu acredito que seja também pelo pouco contacto que eles acabam por ter com os idosos, mas acho que seria fabuloso poder ver idosos com 70, 80 anos a fazerem trabalho de voluntariado e a sentirem-se úteis para a sociedade." "Esta ideia surgiu-me quando eu estava a tirar o curso aqui na ESE e não concluí mas foi uma ideia que guardei e que um dia espero conclui-la que é dar postos de trabalho a quem realmente os precisa,	Crescer enquanto pessoa e enquanto profissional Viajar para conhecer novas realidades e poder ter novas experiencias (é importante conhecer, mudar) A emigração é um aspeto referido por alguns educadores. Solução ou problema? Muitos educadores referem projetos que gostariam de ter onde fosse possível ter autonomia e diversidade. Onde não estivessem limitados por problemas referentes à entidade.

		ou seja, faz-me confusão muitas vezes ir a determinados sítios e ver pessoas completamente capacitadas física e psicologicamente a desempenharem funções que se calhar uma pessoa com alguma falta de mobilidade poderia desempenhar e eu lembro-me de cidadãos que infelizmente tiveram acidentes ou que perderam uma perna ou que perderam um braço e que ficaram com as suas capacidades um bocado limitadas, e se calhar atribuir isso a pessoas que realmente precisam porque eu acho que ser assistencialista é uma coisa tão, sei lá tão anti!" [E1] "Gostava, gostava de ter uma experiência profissional no estrangeiro mas não sei, mas não sei, porque agora nesta idade, nesta fase da minha vida vou começar a pensar mais em mim e em projetos pessoais como por exemplo ter um filho e depois dependente das circunstâncias talvez emigrar, ou seja, a curto prazo o meu projeto de vida será ter um filho e depois dependente da situação porque não emigrar?" [E2] "…se pudéssemos sonhar alto, o meu sonho era ter uma fundação ou assim (sorri) onde eu pudesse fazer aquilo que eu quisesse. Acho que é mesmo em termos de autonomia porque eu não posso dizer que existe uma população que eu goste mais de trabalhar ou não, acho que eu gosto mesmo é de ter a liberdade e de fazer e criar e de poder trabalhar nesse sentido." [E3] "…queria tar reformada (sorri) e continuar a fazer voluntariado, aquilo que me apetece...se calhar ligada mais às instituições dos idosos que eu penso que é uma área que pronto tem muita carência e se calhar a que eu conheço também assim um bocadinho melhor e poder dinamizar coisas com eles (…) se calhar daqui a uns anos eu	Uma das ambições é a criação de uma rede de voluntariado de idosos, em que este pudessem ser ativos, uteis socialmente. Outros projetos estão relacionados com a criação de fundações, centros de acolhimento para crianças ou serviços para idosos Penso que é relevante a questão do trabalho ao nível do desenvolvimento local. Os educadores referiram que possuem a ambição de trabalhar no poder local, desenvolver um trabalho diretamente com a comunidade ou até voltar a trazer o conceito de educação popular para os nossos dias.

		gostava de ter ainda alguma capacidade física (sorri) e mental para continuar esse trabalho não é? Essa luta, no fundo." [E5] "Eu gosto muito da formação, mas se tivesse, gostava que tudo se tivesse encaminhado para a terceira idade, gostava muito, muito, muito, porque nós também trabalhamos, temos parcerias com entidades e temos parceria com a santa casa por exemplo e então…no sentido de formar e de qualificar os funcionários deles, mas isso implica nós visitarmos e conhecermos as instituições e fascina-me aquelas pessoas, fascina-me por um lado e por outro fico triste de ver muitas vezes as condições em que elas estão porque estão um dia inteiro muitas vezes ali paradas, têm atividades mas são pontuais, duas vezes por semana têm a atividade tal mas fazia falta um animador, além que lhes desse aquele mimo que eles têm falta, aquele momento de conversa porque mesmo sem trabalhar lá quando vou lá (sorri) aquelas pessoas chamam-me "menina, menina" e querem falar um bocadinho e acho que seria um trabalho muito gratificante, poder dar esse bocadinho que essas pessoas têm falta." "…tive e tenho com pronto com outra colega de curso, foi colega de curso mas sobretudo é amiga e nós temos e temos sempre coisas pensadas e temos até um projeto iniciado. É uma questão de com o tempo e se as coisas se proporcionarem (…) está relacionado com a infância portanto é algo que eu também gosto mas como ela é mais infância então é mais por aí." [E6] "…gostava de ir para o estrangeiro (…) penso em ir para o estrangeiro, provavelmente porque acho que há mais oportunidades, são outras experiências e a nível salarial acho que também é melhor."	Existe ainda o exemplo duma educadora que gostava de criar um negócio de turismo de habitação, com alojamento local e restaurante.

		"Aí eu gostaria de estar assim em África ou na Guiné, a trabalhar mesmo no terreno, levar a minha miúda se fosse preciso e acho que é isso que me motiva, o trabalhar mesmo junto da população. Se pudesse era isso que fazia." [E7] "Gostava de continuar a trabalhar dentro da nossa área, não é? Mas pronto se calhar num ambiente diferente ou num ambiente mais calmo ou até fora de Portugal, não é?" "O sonho de ir para a Guiné… não para o estrangeiro não era propriamente para a Europa, se fosse para fora optaria se calhar por um país africano ou para um país da América do Sul pronto, onde o papel de educador social pronto segundo aquilo que, pelo menos a ideia que tenho é que nesses países às vezes é mais valorizado do que até nos países europeus mas eu ainda não perdi essa esperança e penso que um dia se calhar daqui a uns anos até ter mais condições para o fazer." [E8] "Gostava de me ver satisfeita com o trabalho e o que é que fosse que tivesse de fazer cá ou noutro sítio, ambiciono ir outra vez em projeto sem dúvida alguma, portanto o que poderia dizer em nome do sítio "gostava de estar em Cabo Verde daqui a cinco anos numa comunidade piscatória" por exemplo." [E9] "Gostava, tenho aquele bichinho de África mas se calhar mais tipo daqui a uns anos quando eu sentir que já concretizei outras coisas, que realmente já atingi determinados objetivos que eu tinha traçado talvez…" "Mas em termos futuros era mais uma vertente nacional que tem a ver com a habitação social, porque há toda uma falta de enquadramento legal da habitação social, por exemplo para vermos	

		nós a nível do rendimento privado, temos o NRAU que define não é? E regulamenta esse rendimento privado…a habitação social não tem esse quadro legislativo próprio, não tem por assim dizer uma linha orientadora, nós tanto nos podemos candidatar em Tavira em que nos pedem que tenhamos 5 anos de residência no concelho, como se calhar no concelho ao lado basta chegarmos lá a pedirmos habitação social…nesta área da habitação social, nesta área da associação portuguesa de habitação municipal que eu tenho tido oportunidade de colaborar, eu tenho alguns sonhos por assim dizer, que tenho vindo a desenvolver (sorri) e acho que os educadores sociais poderiam em muito colaborar, mas agora vamos vendo não é? Como é que as coisas vão correndo, o que é que nós poderemos perspetivar a nível futuro." [E10] "…sempre disse que queria trabalhar numa cadeia…" [Estrangeiro] "Eu para o Brasil, tal como a gente levámos aquela injeção do Paulo Freire. O Brasil a nível de educação social e a nível de trabalho comunitário está muito desenvolvido, eles dão muitas oportunidades, fazem projetos interessantes, há muito para trabalhar, há muita população que procura e que quer ser ajudada e tudo mais…então eu gostava de trabalhar no Brasil e conhecer a realidade deles. (…) nas favelas, nos centros comunitários que há naquelas populações que vivem mais dentro do mato, mais desfavorecidas, nas favelas do Rio de Janeiro, há muitas e muitas…eles chamam eu não sei se é centros comunitários ou agências comunitárias o que eles chama lá." "Eu gostava de ter um…eu sei que isso não é possível porque ainda não há, mas gostava de ter um centro de acolhimento para crianças mas que fosse particular, gestão particular mas que tivesse aberto à população claro, com a segurança social e a proteção de menores.	

		Ter uma casa em que as crianças enquanto lá tivessem sentissem em casa (…) há sítios que parecem autênticas camaratas e onde as crianças não têm qualquer tipo de conforto. Se eu tivesse dinheiro e tivesse possibilidade para isso era isso que faria." [E11] "...estávamos a tentar montar um projeto para abrir uma empresa de apoio ao domicílio para idosos e acamados e essa sim é a minha área de eleição, trabalhar com idosos. Gostava de abrir ou instituição de terceira idade ou ligada à terceira idade ou então uma empresa desse serviço de apoio ao domicílio para a terceira idade." "Também me vejo a trabalhar lá fora, mas a fazer voluntariado e isso gostava de fazer e gostava de fazer antes de ter filhos, portanto é uma coisa que estou a ponderar fazer se ficar desempregada (sorri)." "Queria ir para África através do ISU…" [E12] "…olha gostava imenso de experimentar a área das crianças e jovens em risco que nunca experimentei e não tenho experiência nenhuma mesmo nessa área. Assim um emprego ideal, ideal…olha eu costumo dizer que se ganhasse o euro milhões construía um lar e um infantário por isso se calhar (sorri) não sei, mas construía um lar e um infantário com mensalidades muito reduzidas só para pagar as despesas de funcionamento, opa não sei." [E14] "Onde eu sinceramente gostava de trabalhar com as pessoas, com as pessoas a nível de poder local (…) o que me atrai mesmo são as comunidades, as pessoas, o desenvolvimento local, não é… associações também tem o seu papel importante atenção, não quero desvalorizar coisa nenhuma nem, nem referir o trabalho de ninguém agora o que me apaixona mesmo é estar com as pessoas e fazê-las	

		felizes, organizar situações que até as faça felizes que as levem a participar e que sejam felizes não é?" [Estrangeiro] "…não me oponho a sair daqui e ir para outro lado qualquer mas tenho que considerar três pessoas e não só uma…" [E15] "Tenho um projeto de futuro (…) que é efetivamente regressar a Moçambique com um projeto, porque o meu marido é engenheiro agrónomo, com um projeto de agricultura barra escola e então nós trabalharmos…" "…uma talvez das expetativas ou da perspetiva que eu tive sempre (…) foi voltar ao mundo da escola, do ensino." "É regressar à minha terra natal, Moçambique." [E16] "Gostava de fazer coisas talvez além-fronteiras, com os mesmos princípios mas de também fazer além-fronteiras. Gosto muito de trabalhar com jovens e acho que gostava também de fazer isto, de ter oportunidade de fazer com jovens coisas além fronteiras, que lhes ajudassem também a ver o mundo de outra forma. (…) Para fora de Portugal, outras realidades que são mais tristes que a nossa às vezes." [Estrangeiro] "Gostava de ter essa experiência. (…) Cativa-me muito a América do Sul, o Brasil, Argentina, Venezuela, cativa-me muito, Cuba, estes países assim para ver como é que eles fazem as coisas não é? Para aprender. Gostava muito de aprender no Brasil, gostava de ir ao Brasil mas Brasil profundo dos projetos, das associações, dos bairros, das favelas, gostava muito de ir aprender mas acho que ir para fora é sempre uma mais-valia independentemente para onde se vá é sempre uma mais-valia." [E17]	

		"A minha resposta a essa é fácil (sorri), é sempre a mesma, eu tenho um sonho (…) deste sempre, que é trabalhar com comunidade (…) eu gostava de um dia de ter um trabalho como está agora, está a ser feito pela Laura na Horta da Areia, por exemplo, porque eu agora lá começo a perceber como é que funciona a comunidade, porque tu não trabalhas só com o grupo de jovens, trabalhas com o grupo de jovens, trabalhas com o centro comunitário que eles frequentam todos os dias e trabalhas com as famílias dos jovens todos e então conheces os pais, conheces os irmãos, sabes onde é que eles moram, vais lá de vez em quando e dizes um olá, é um acompanhamento constante e há um envolvimento grande a todos os níveis da vida dos jovens, começa a trabalhar com os jovens e com tudo aquilo que envolve a vida deles e para mim isso é muito interessante e é isso que eu gostava um dia de fazer." [E18] "Gostava duma experiência num outro país, sempre gostei muito de uma experiência num outro país com comunidades mesmo desfavorecidas, com meios e práticas e modos de vida "ancestrais" completamente diferentes." "…África, até porque não os países nórdicos? Pedem muito interventores sociais, Inglaterra, Noruega, porque não?" [E19] "Gostava, eu gostava de trabalhar em vários sítios, digo-te já (sorri) gostava de trabalhar em vários sítios e com vários públicos, porque acho que faz-me falta enquanto pessoa e profissional que se está a desenvolver ter um contato muito diversificado com as várias valências e facetas que a vida nos oferece (…) Eu estou um bocadinho farta disso, e digo-te sinceramente, eu Núria, aluna de mestrado de educação social digo-te aqui honestamente, o meu	

		desejo mais profundo é que a educação voltasse à origem, à educação popular, isso para mim seria o meu maior sonho se isso se concretizasse porque a educação pode ser feita em qualquer espaço, em qualquer momento e com qualquer pessoa, não tem que estar circunscrita a uma instituição e a um programa ou um projeto, não pode, isto é deixar tudo o resto de fora, isto é extremamente redutor e portanto, mas apesar disso gostava de ter uma experiência de trabalhar noutras instituições e com vários tipos de público, mas aquilo que eu gostaria mesmo era que houvesse de novo associações de desenvolvimento local que pudessem apostar de forma livre, espontânea numa educação de outro tipo, mais, mais, a educação popular pronto, ponto final parágrafo." [E20] "Olha há coisas que eu faço nos meus *hobbies* que eu adoro tanto ou mais que aquilo que faço na minha profissão e certamente haveria coisas que se eu pudesse transformar em profissão eu até transformava." "Por exemplo eu abria um restaurante e ia para a cozinha (sorri). A sério, gostava de ter um restaurante meu se pudesse, se tivesse dinheiro para investir. Deixava a administração pública local num foguete e abria um espaço de restaurante, de alojamento local. Comprava um monte no Alentejo e ia fazer um turismo de habitação." [Estrangeiro] "Eu já me passou pela cabeça. Não foi coisa que não me tivesse…já uma vez pensei mas aí já não tinha oportunidade para, que era inscrever-me num voluntariado e ir experimentar para ver como era assim um tempinho e depois…porque acho que acho que certamente teria oportunidade de fazer um bom trabalho com algumas comunidades dessas e que precisam. Mas é assim aqui há tanta coisa para fazer nesse sentido, é como o outro dizia "tira-te do	

		sal e mete-te na salmoira", para que? Então se eu aqui já tenho dificuldades, quer dizer epá era assim não sei. Se houvesse uma oferta que eu visse que tinha disponibilidade e que era possível até embarcava e até ia. Sou de desafios e de aventura, não tinha…se eu visse que, mas enfim não é? Tenho umas raízes muito fortes que me fazem ficar por aqui não é? A minha filha diz que vai estudar para o estrangeiro e quer que eu vá com ela quando ela for, nessa altura pode ser que vá (sorri)." [E21]	